
ESTADO DO MARANHÃO
as e Artes
onso Penna, 6
REVISTA MARANHENSE
SUMMARIO
Cicely
Santos Junior
J. M.
Jota Va
Asdrubal
Clemen
Henriq
Maunyo
João E
Clem
Zula a Cigana
Adeus
Um sonho
Distante
Gordanne
Descrença
Amigo Paulo Guimarães
O Capricho da Sorte
A memoria de Maranhão !
Sem epigraphe

Maranhão, 12 de Março de 1916

438
26107/91

ANO I

Revista Maranhense

NUM. 1

REVISTA MENSAL — *Arte, Ciencias e Letras*

É' mais uma folha de rapazes, que apparece no Estado.

Não tem, na accepção rigorosa do termo, um programma.

Os programmas estão desmoralizados. A mocidade só tem um lemma, e esse é conhecido de todos - estudar para saber—

Assim, pois, um periodico de rapazes só pode ter um fim: publicar producções literarias, ensaios scientificos dos seus redactores e collaboradores.

Que são essas producções?

Que representam esses ensaios?

A phantasia em lavas, as primeiras irradiações do sentimento, um pouco de amor, um pouco de esperança' um olhar cheio de vida, um sorriso cheio de luz, a formosura de uns cabellos negros ou de uma trança loira, o timbre de uma voz suavissima que se ouviu de passagem, numa noite de luar, o carinho de mãos de verbena, que se sentiu numa tarde estival, debaixo de frondes confortadoras, lá no sitio em que se passaram os os para sempre lembrados dias da juventude.

Todos esses fragmentos, cada um com a sua cor mais ou menos nitidos, mais ou menos sentidos, fielmente reproduzidos, com a mesma commoção de hontem, ou já emoldurados pela arte são a essencia desses periodicos.

A expressão treme e balbucia, a palavra mal aparada, ás vezes, não se engasta bem na phrase. A harmonia dos periodos quebrada aqui e ali. Orhytmo ora se accelera, ora se retarda; mas ahi é que está a graça, o valor do periodico literario; porque dessas incertezas é que vem a perfeição.

As publicações tem a vantagem de fazer resaltar as falhas e os defeitos. Ficam patenteados, numa evidencia nua, ao espirito. E eis porque surje, como necessidade inadiavel, o dever de estudar. A grei que redije o periodico dá principio ao trabalho da formação.

E' então que vêm á luz, os bons modelos vernaculos, que passam de mão em mão.

Procuram todos ávidos do conhecimento os bons livros. Aprendem o lêr nas entrelinhas e a devassar esse outro mundo, até então desconhecido por elles, em que as palavaras não são o que são, mas representam idéas, intenções particulares, luz, cor, som, ceu e mar, espaços infinitos em que voam aves, cantando, e subterraneos em que se escondem feras e monstros.

E' por isso que desses periodicos nascem os grandes prosadores, os grandes poetas, as vastas illustrações que depois fazem a reputação [illegible] de um paiz!

Elles são o precioso [illegible] em o talento, a vocação dos [illegible]

A "Revista Maranhense" vem, hoje, á luz da publicidade.

A sua vida será como tem sido a de todos—ephemera. Será um relampago, mas, a usar uma phrase condeireira, seja um relampago que illumine uma geração!

CONGRATULAÇÃO

(NUM POSTAL)

Transcorre o teu ditoso nascimento,
A venturosa data natalicia;
Trago-te o meu sincero cumprimento
Almejando-te vida mui propicia.

Aceita, se me dás consentimento,
O mimo que te faço neste dia;
Essa prova do meu contentamento,
Que me enche a vida inteira de poesia.

Recebe com estes versos o presente,
O simbolo da minha alta afeição
Que te dedico a quatro do corrente.

Quero que tragas sobre o coração
Como se fosse a terna confidente
Que ouvisse do teu peito a pulsação.

Cicely

A SEPARAÇÃO

Quantas saudades na minha alma eu levo
Do Maranhão, da minha terra amada!
Onde floria o meu amor primêvo
—O santo amor de Mãe, idolatrada!

Quantas saudades dos irmãos queridos!
Desses anjinhos que me são na vida
A propria vida em todos os sentidos:
De Rosas, se é berigna e divertida,

De Espinhos, se é perversa e infaustuosa...
E eu sigo, assim, undivago de amores,
Pela estrada da vida sinuosa
Pedindo á Deus um verde Céo de Flôres.

Um dia, certamente, eu voltarei
Aqui, e talvez não seja desse [illegible]ustoso
Dia, tão longe assim—tal [illegible] não sei,
Só sei que elle virá bem ve[illegible]uroso.

Então, do pranto em Flôr dos meus ir[illegible]
Eu quero erguer um monumento doiro;
E do de minha Mãe, co'as minhas mã[illegible]
Fazer, eu quero, o meu real thesoiro!

E tudo sorrirá nesse mom[illegible]
Incerto... Tudo! quando a [illegible]
Da Esperança, do azul do [illegible]
Nos vir cobrir de loiro[illegible]

PAUCA, SED BONA

Parece-me, e com grande admiração não só minha, que os brasileiros pretendem de uma vez para sempre banir, do territorio patrio, o hediondo e tetrico-analfabetismo que ora, implacavel e desdenhosamente, azorraga, aproximamente, cerca de dois quartos da nossa tacanhapopulação

Podeis perspicaz e ilustre leitor, verificar o que vos digo: pelo numero de institutos que anualmente é sempre acrercido pelo aparecimento de mais um e as vezes dois;pelo numero de colegios municipaes assim como estadoaes; e, emfim, o numero de preparatorianos que a outras plagas partem em busca de novos conhecimento, até então para si ignotos.

Bem vistes, certamente, o elevadissimo numero de estudantes, que se inscreveram e já se acham prestando exames de admissão á faculdade de farmacia no Rio, ascendendo, segundo dados estatisticos, a mais de dois mil quatrocentos e quarenta, se não se incluir os cincoenta, que se inscreveram directamente aos exames do curso medico.

Nesse grande numero de estudantes, contam-se muitos maranhenses, que a capital do nosso paiz foram, e em avalanches, procurar o que de ha muito se resente o queridinho Maranhão, e que lá, em profuzão, encontram: uma academia.

Ahi está uma das maiores dificuldades, porem superavel que para a educação completa dos maranhenses, preciza ser derruida, visto que se ergue grande e possante.

Com que jubilo não a receberiam os estudantes maranhenses!

Em nosso Estado, muitos estudantes ha, cujos paes baldos de recursos, não tendo conseguintemente, meios para os mandar concluir seus estudos nos cursos superiores, ficam muitas vezes na insciencia do que muita vontade tinham de saber.

A Deus apraza, que um espirito magnanimo, pensador e excelso, não muito longe dos nossos dias, queira num rasgo de altruismo libertar a educação dos maranhenses de um tão nefando cativeiro.

Santos Junior.

DELINEANDO-A

Se alguem já retratou-a, não sei.

Mas o caso, não é esse.

De ha muito, que a vejo, modestamente, vivendo, juntamento com a sua estimada familia.

Para que se torne admirada, concorre muito, a maneira gentil e acarinhadora, as belas palavras, as doces e amenas frazes com que procura exprimir o seu pensar e o seu sentir, [illegible]rnando-se, assim, compreendida por todos.

Procura [illegible]mpre, quando narra algum fato, faz rir aos que a es[illegible]n.

Com br[illegible]tismo fez o seu curso, distingindo-se entre as sua[illegible]legas de estudo. Fundou um colejio, [illegible]ual um[illegible] companheira, competentemente diri-

[illegible]e tem belas produções, sendo muitos [illegible]contra o papel que o homem social-

[illegible]o prazer de le[illegible]os seus tra-

Poucas são ás vezes em que vai á festa de arraial.

Apenas a vi tres ou quatro vezes, tomar parte nas sessões comemorativas efetuadas por sociedades existentes na nossa capital.

Cultiva com amôr ás letras e, com grande facilidade estabelece a diferença entre um romance simbolista e um sentimentalista, dando o por que.

E' amiga predileta da muzica e passa horas inteiras tocando lindas peças' no seu instrumento, cheias de harmonia e de uma certa sublimidade que admira e encanta.

Anda quasi sempre de roupa branca.

Mora em uma das ruas menos concorridas da nossa capital.

A sua estatura é regular, sua voz maviosa, seus sorrisos são meiguices, expressivo e terno é o seu olhar, seu porte é digno de imitação, seu nariz aquilino, delicadamente moldado é o seu rosto. Tem alva a acor, e alvas bem alvas são as fileiras de seus dentes. O vinco, que, quando ri, faz na boca, torna-a mais sedutora.

Seus labios são acarminados e sedosos seus cabelos.

Pura, sua alma, castas, suas virtudes, bondoso seu coração, generosa sua indole.

Suaves são as curvas de seus seios e bem feita a sua sintura.

Seu andar é gracioso e retinados os seus passos.

Pequenos e talhadamente feitos são seus pés.

E' elegante.

Bem esculpido e um conjunto de perfeição é o seu todo.

Pelo que vejo, o leitor tem a idéa nitida e conciza de que difinitivamente conhece a delineada.

E não querendo mais prender a vossa atenção, leitor amigo, apelo para á vosa conciencia afim de dizer se não é facto e verdeiro o que deixo consignado nestas frazes;

Maranhão, 1—1—916.

J. M.

Primeira impressão

Foi em uma bela manhan de dezembro, quando Jaber decia á rua Affonso Penna, talvez nas imediações da extinta Escola Normal, que passaram por êle duas figuras do sexo feminino. Prontamente parou e contemplou com interesse uma delas, que pela fiziomia, não havia duvida, era uma senhorita. Não mais esqueceu-a um só momento, essa figura morena que lhe arrebatou o socégo d'alma. Rezolveu segui-la em passinhos curtos e macios, porque precizava saber onde rezidia.

Ele que parecia levado por uma dessas sujestões, que a maioria dos homens sentem por uma mulher bonita, nem se soube qual, o trajeto que fez, certo é, que após alguns minutos estava onde dezejara: pois entraram élas em a caza n°... a rua de S. Pantaleão.

Como um esteio que jamais fraquejara, aguentou durante horas uma das esquinas perto, supondo que a causadora da sua loucura viesse á janéla, mas, pobre Jaber! foi infeliz.

No dia seguinte, já estava informado de que se chamava Claudy e era filha da senhora que a acompanhava no dia anterior

Fazendo ver a um seu amigo todo essa impressão, este se ofereceu para leval-o a prezença de Claudy, pois era [illegible]eta. Jaber, prontamente aceitou a oferta e p[illegible]ensio trocar algumas palavras com[illegible]al.

[illegible]para se declarar, mas, [illegible]calafrios dos pés [illegible]

beça, que, parece-lhe diziam:—ela não aceita—e, para maior tortura de sua alma, o sol já se despedia no horizonte aconselhando-o que fizesse o mesmo.

E êle, sempre solicito em aceitar conselhos, mal tirou o chapéu, em sinal de:—adeus. E partio deszostozo, com o coração dilacerado, em prantos: porque estava perseguido pela tocaia do amor.

A pequena ao vel-o partir assim preocupado, riu-se com elegancia e parece que desdenhou com esta exclamação: vaeste prototipo dos apaixonados!

Eu o apreciava com interesse porque é um bom colega; e não podendo continuar a vel-o sofrer, chamei-o uma das vezes que passava (porque eram innumeras) e interroguei-o qual a razão de viver assim tão pensativo e triste?!

Responden-me: como és um bom colega e amigo, que jamaes revelaste um segrêdo meu, contar-te-ei tudo. E principiou..... Falou seguramente uma hora e continuaria o seu rozario, que ainda prometia ser muito longo. Já estava arrependido de tel-o chamado, mas em todo cazo, continuei a ouvil-o com muito atenção Já com a voz tremula de repente chama, repetidas vezes pelo seu nome.

Jota Vá, intervenha junto a essa menina em meu benefício! Senão morrerei breve.

Com muita calma mandei-o sentar, o que aceitou: e esperei que voltasse a si, pois estava sujestionado. Logo que deixou de chorar, olhou-me com um sorrizozinho amarêlo nos labios e disse:—como é triste se amar e não se ser amado!

Tomei-lhe a palavra: sei que sofres muito, porque te deixaste vencêr por esse veneno—o amor—; quazi, que não mais te poderás salvar, mas, presta bem atenção nas minhas palavras que talvez encontres nelas um balsamo salutar.

Vamos procurar o nosso amigo Major, para nos aprezentar a Claudy, nessa ocazião te declararás e eu ti ajudarei.

Estou certo que êla aceitará o teu amôr e tás contando-lhe couzas filozoficas e hipotecando-lhe muito amôr, para, quando êla estiver sofrendo o que sofres agora procurares arrojar para bem longe essa paixão e te pagarás da ingratidão que te faz prezentemente. Mais tarde então, voltarás a ser-lhe fiél e rezolveris o cazo como entenderes.

O colêga aceitou a idéa e antecipadamente agradeceu.

Pegamos os chapéos e saimos a procurar o amigo Major.

Encontramo-lo perto, e com a amabilidade que lhe é peculiar, poz-se as nossas ordens.

Chegamos a casa de Claudy, onde o Major, sendo parente foi entrando e nos mandando entrar.

Iniciou-se a palestra e tudo saira como previra.

Ao sairmos o Major e eu, demos os parabens ao Jaber, e insisti que não se afastasse do meu conselho, pois era o unico meio da sua salvação.

O Jaber, cumprin tudo muito bem e ainda fizera mais, porque, quando a pequena estava bem apaixonadinha, êle embarcou para Pernambuco, deixando-lhe em um mar de lagrimas.

De lá ainda lhe escrevera duas vezes que êla respondera mais de dez e nunca mais o correio quizera conduzir as respostas, daquele ingrato. Cruel correio!

O Major e eu, tambem havíamos embarcado e, quando depois de um ano aqui chegamos, fomos vizitar Claudy, e saber como ia com o seu Jaber. Contou-nos uma historia tão comprida e cheia de tantas lamentações que seria enfadonho repetil-a aqui, ainda mais, porque nos responsabilizava, em termos servido de interpretes.

Eu que não gosto de perder ocasiões e vendo o desprezo que o Jaber havia dado a ela, disse: senhorita Claudy, se nos culpaes, porque servimos de mediadores nessa questão, rezolverei o caso de uma forma muito simples!

O Major e eu, no cazo que aceite, estaremos dispostos a substituir o amor que o Jaber lhe dedicava!

Nesse cazo, respondeu ela: aceitarei, mas, entre os namorados que uma môça pode ter a um so tempo, existe sempre um, que é o mais do coração... e o sr. será, esse, porquer o Major, é meu parente e é comprometido! Cocei a cabêça, atrapalhado, porque já tinha tambem a minha do coração; mas não embatuquei dizendo: não ha duvida, ficarei satisfeito, porque o Major, calçará tambem as meias, ainda que mais simplesmente. Rezolvido isto, despedimo-nos e em caminho combinamos, que cada um calçaria um pé do par das meias que acabavamos de conquistar.

Desde esse dia, começamos a uzar meias a fantazia, porque não tinhamos uma só que combinasse com essas, e ainda mais, porque de repente podiamos encontrar Claudy, e ela ficaria aborrecida se não visse em nossos pés as meias que nos havia feito mimo; e assim fomos, até que o Jaber regressou de Pernambuco.

Com a chegada deste marcou-se uma conferencia entre Claudy, Jaber, Major e eu, que expondo a situação ao Jaber, disse que pelo nosso coleguismo, de coração lhe passava a meia que há muito vinha calçando, tal qual, como a havia recebido.

O Major, tomando a palavra fez o mesmo.

As partes interessadas entraram em explicações cabiveis e terminamos tudo isso em uma grande soirée, porque o Jaber nesse momento pedira a mão de Claudy.

Hoje estão cazados.

O Major e eu, ganhamos a dança, os dôces e muita amizade e o correio, saio-se mal, porque estraviou as cartas.

Infeliz correio!

S. Luiz, JOTA VA.

Laçadas...

Os homens lá da Capital da Republica andam novamente com as pretenções de por o "sorteio militar" obrigatorio no Brazil.

Se essa lembrança for avante, será muito bom, porque é um meio geral de ensinar os nossos patricios a serem patriotas, mas, se tomar o mesmo rumo como da outra vez, isto é, que pouco tempo doron, nesse caso será melhor deixarmos defallar nesse assumpto,—e que continue a permanecer, como ainda permanece, em paz e durma eternamente no cerebro do seu primeiro inventor.

Logo que se organisou o "sorteio militar" no nosso paiz, todos, isto era geral, sentiram um profundo desejo de pegar em armas. Immediatamente houve aquellas fundações de diversos "tiros" em todos os estados brazileiros.

A maior parte dos nossos patricios se alistaram como voluntarios. Não havia um só domingo, isto logo no começo e enquanto a coisa era nova, que a rapaziada não se dirigisse a Estação, bairro onde se [illegible] "Tiro Maranhense", alli por volta [illegible] horas da manhã, afim de fazer [illegible] instructor um dos nossos [illegible] rez[illegible] ...ar, por

mingos não passavam com a monotonia que hoje são acontecer, especialmente os feriados, porque o rebombar incessante das caixas, o toque aguçador dos clarins e o troar dos passos austero dos voluntarios, davam a nossa "urbes" um ar de vida, de agitação.

Durante essa epoca quando se pegava uma revista de um dos estados brazileiros, logo se deparavam os retratos da rapaziada do "tiro" cada qual vergando maior peuze, estando todos em linha e perfilados.

Seguramente uns dois annos haviam decorrido o militarismo foi em uma decadencia enorme, não sómente aqui pela nossa S. Luiz, porque se fosse unicamente por cá o povo diria o que costumeiramente diz: — «isto é porque é aqui, em Maranhão nada vai adiante. . . ». Mas a decadencia foi geral, em quasi todo o Brazil os "tiros" que não morreram, os seus constituintes desmamaram, naturalmente por verem a decadencia que os demaes tomava.

Há bem pouco tempo noticiavam os jornaes daqui que um grupo de rapazes tencionava fundar um novo "tiro". Essas tenções naturalmente fracassaram, porque tanto tempo já decorreu depois dessa noticia, e os jornaes só fizeram determinar sessões, isto é, já haviam tambem eleito a directoria e uma comissão para organisar os estatutos.

Sobre esse novo "tiro", só podemos atribuir a duas cousas, ou a commissão não ligou em organizar os estatutos, ou então a directoria eleita desanimou, porque com um silencio dessa natureza não se pode julgar outra cousa. . .

Em todo o caso vamos nos aguardar para ser não somente o final do nosso "Tiro Maranhense", como tambem o sorteio militar que se está organisando na Capital Federal.

Asbrubel.

Olhar de mãe

O olhár de mãe é um olhár de santa.
VICTOR HUGO

Olhár de minha mãe, olhár sagrado,
Que me aclaras os dias da existencia. . .
Olhár cheio de bençãos, de innocencia,
De amor. . . bemdito olhár immaculado.

Olhár da minha mãe — um céu doirado,
Um paraiso em doce florescencia. . .
Olhár de tanta graça, de clemencia,
Que o trago sempre nalma retratado;

Olhár de minha mãe — um beijo puro,
Um roseiral florindo o meu presente,
Uma aurora [illegible] dourando o meu futuro. . .

Tu, para mim, ó doce olhar materno,
E's qual o olhar da mãe do Omnipotente,
Que me guias nos transes deste inferno!

Clemente Guelos.

MIOSOTE

[illegible]or, sublime
[illegible] suspiro,
[illegible]e exprime
[illegible]leo.

Miosote, um beijo enamorado — um crime
Alcandorado — no Horto ou Retiro
Do Amor, no Ninho de Oiro: bem que rime
As afflições da Vida onde me inspiro!

Miosote. Flôr do Bem e da ternura
Companheiro do Lirio e da Saudade. . .
— Um riso brando e uma amizade pura!

Miosote um terno olhar, todo bondade. . .
Um abraço de gôzo e de ventura
No matrimonio azul da Castidade!

Henrique Guimarães.

ZULA, A CIGANA

Entre o vae e vem constante que se nota no "Boulevard des Italiens", achavam-se encostados áuma arvore trez ciganos, sendo um delles uma jovem de 14 a 15 annos, de porte esbelto, rosto oval, cabellos negros, olhos pardos, rodeados por espessas sobrancelhas e pestanas negras, nariz afilado, boca pequenina, adornada com duas filas de alvos e brilhantes dentes, labios finos e encaruados sobresaiam na alvura de sua pelle delicada.

Um corpête um pouco degotado deixava-a descoberto um collo tentador; finalmente todo o seu ser era candura.

Depois de terem observado os tranzeuntes, o mais idoso, fazendo um signal aos outros, tirou duma sacolla, que trazia ás costas, um violino, o outro tirou do seu saco uma guitarra e á jovem um bandolim; assim preparados começaram a tocar.

Principiaram com vagar mas pouco a pouco, foram-se tornando animados, as notas successivamente se am soltando pelos ares e formando uma muzica encantadora, melodiosa e suave.

As pessôas que passavam, atraidas pela muzica, paravam para escutal-a, formando ao mesmo tempo uma grossa parede humana em roda dos ciganos.

Estes como que acostumados a estas scenas, continuaram a tocar, sem na apparencia, ligarem importancia á multidão.

Terminada a peça que executavam, a jovem, tomando uma salva estendia aos espectadores pedindo esmola.

Estes, que na maior parte eram vadios, vendedôres de jornaes e vendilhões ambulantes, começaram a escarnecer delles, a vaial-os e a ultrajal-os, atirando-lhes pedrinhas e cuspindo na salva.

Com medo de lhes acontecer coisas peores os ciganos começaram a correr, sempre acompanhados pela multidão que de momento a momento augmentava.

Ao dobrarem uma esquina fôram detidos pelos gendarmes; os vadios avistando a policia, trataram de se dispersarem afim de não serem tambem presos.

Chegados ao posto policial os levaram á presença do official que começou logo o seguinte interrogatorio:

— Quem sois?

O mais velho tomando a palavra replicou:

Somos ciganos, senhor.

— Que fizeram para levantar este montim?

— Estavamos tocando em nossos instrumentos, afim de angariarmos alguns soldos para matar a fome e pagar a quem nos désse hospedagem, quando re-

mos alvos do escarneo e da zombaria dos que nos ouviam.

Com terror começamos a correr até que estes senhores nos detiveram e nos trouxeram para cá!

—De onde viades?

—Vimos, da Hungria.

—Oh! disse o official com ironia vindes da Hungria em tão deploravel estado?!

—Não, senhor, quando partimos de lá traziamos dinheiro, ropas, e algumas mercadorias para nos estabelecermos no logar onde fizessemos termino da nossa viagem. . .

—Naturalmente fôram roubados, interrompeu o official.

O cigano, sem responder, continuou:

—Como vos ia dizendo, quando chegamos defronte duma ilha, o navio bateu de encontro a um rochedo e naufragou. Fomos salvos, mas perdemos tudo, terminou o pobre homem, limpando duas lagrimas que lhe corriam pelo rosto.

O official, que até ali não acreditava na historia, tornou-se serio e encarando o cigano perguntou:

—Porque estaes a chorar?

—Porventura julga que eu possa ter alegria quando aquella que mais amava dorme, para sempre, no seio do oceano?

—Mas, tu não me falaste até agora nesta quarta pessôa, a qual ainda não sei quem seja!...

—E' minha mulher e mãe daquelle anjo, disse elle apontando para a joven, por quem estou prompto a sacrificar a minha vida.

O official, que tinha bom coração e sem saber como achava-se atraido para o cigano, voltou-se na cadeira olhando a joven fixamente.

Esta, notando a insistencia com que era olhada, abaixou o rosto que se ruborisara, tornando-a assim mais bella.

O velho vendo a perturbação de sua filha interrompeu o silencio que se fizera na sala com estas palavras:

—Que deseja fazer de nós, senhor?

—Leval-os para minha casa, disse o official sem hesitar.

O pobre homem, como se recebesse uma chicotada, deu um pulo para traz e exclamou:

—Senhor, não podemos aceitar o vosso convite, pois, vemos que as vossas intenções não são licitas.

O joven soldado, fingindo-se encolerisado, exclamou:

—Como, ouzas insultar-me!

O cigano, apercebendo-se do erro que cometera, atirou-se de joelhos aos pés do official, implorando-lhe perdão, pois se tudo aquillo fizera fôra por causa de sua filha.

O nobre moço, compreendendo o amor que o velho cigano tinha pela filha, disse,

—Compreendo, senhor os vossos receios, julgaes-me um destes conquistadores da honra alheia, mas empenho-vos a minha palavra, como em minha casa estareis tão seguros como quando vivieis no meio de vossa familia e em vossa Patria. Vinde pois, viver comigo, pois já que não tive na minha infancia os carinhos duma mãe, nem os affagos duma irmã, quero tel-os agora. Creio que compreenderam, muito bem, as minhas palavras, por isso peço-vos que declineis os vossos nomes para que os fique conhecendo desde já.

Os trez ciganos, captivados e ao mesmo tempo confundidos, conservaram-se calados.

—Então não me respondem? continuou o moço.

O velho, retomando a palavra disse:

—O meu nome é Zinera, o de meu filho é Zelah e o de minha filha é Zula.

O official, ouvindo aquelles trez nomes, exclamou:

—Senhor, sois meu pae!...

—Sois meu filho!?... Como provaes? disse o cigano incredulo.

—Com uma cruz que tenho no peito.

—Ah! então mostra-m'a.

O moço, abrindo o dólman e a camisa, mostrou cravado no peito uma cruz.

—Sim, sois meu filho, sois o meu querido Zama, disse o velho abraçando o joven.

Passado aquelles primeiros momentos, os tres começaram a interrogar o official sobre o que se tinha passado com elle desde o seu desapparecimento. Este porem, acalmando a curiosidade de seu pae e manos, disse:

—Agora eu nada vos conto, vamos para casa, pois todos vós precisaes de repouso, d'amanhã em diante estou prompto a satisfazer as vossas curiosidades.

E assim terminou a perigosa aventura dos trez ciganos que, deitados em macias camas, descansavam no dia seguinte, ouvirem a narração de Zama.

1—18—916. MAURIGUASSÚ

ADEUS

A TI...

São horas de partir, adeus Maria,
Meu doce bem, querido e immaculado—
—Não te esqueças do teu pobre exilado
Que parte em pranto, envolto na agonia!

—Correm depressa, as horas de alegria
Quando passamos com nosso ente amado...
Não julgamos chegar, accelerado,
E já tão cêdo, um tenebroso dia...

Chega-me, agóra, o malfadado instante
De seguir ao destino; e bem distante
Ir carpir, tão sosinho, os dias meus...

Son victima das dores, da partida!
— Mas do intimo desl'alma assim, querida,
Hypothequei a nossa ausencia a Deus!

S. Luiz, 4 de Fevereiro de 1916.

João E. Pires

UM SONHO

Acordei ouvindo ainda resonar nos meus ouvidos, o echo da fraze pronunciada por ella durante o sonho.

Eu te amo.

Fraze que em si encerra uma epopeia.

Fraze que deslumbra o mundo inteiro.

Sonhando, senti uma necessidade de suavisar a minh'alma nas regiões celestes e banhar-me no beneficio aroma do romper d'aurora.

Machinalmente vou até a janella, onde si de... um dos mais belos panoramas d'esta capit...

Vi por entre arbustos e folhagens ... achei aos meus olhos mais bella ...

Com uma ligeireza quási ... acolá, magnificas rosas de...

Sua vestimenta alvissima de uma singeleza sem ideal fazia realçar o seu juvenil corpo elegante.

Tão absorto estive n'esta contamplação, que a segui com o olhar sem poder lhe dizer qual a impressão causada no meu coração.

Ao terminar tão delicada tarefa, vira-se e atirando me algumas petalas de rosas, diz:

Mando-te o meu amor.

Julguei ouvir Euterpe, pois a sua voz soaram-me aos ouvidos ultrapassando a mais bela muzica creada pela imaginação humana.

Quando a procurei tinha desapparecido.

Acordei bebendo como um balsamo odoroso as suas palavras, tendo na memoria a sua imagem.

Hontem, sentia-me feliz por ter a certeza que a virgem dos meus sonhos dourados é realmente um ser vivente.

Hoje, tenho a alma enlutada porque amo, sem gosar as doçuras dulcificantes do amor que é um beijo dado de joelhos

Beijo esse, que sobe as mias altas regiões do alem, confundindo duas almas em um só corpo.

GREGORIO DINIZ

DISTANTE

Desde essa hora cruel que tu partiste,
E foste outro destino procurando,
E' que minh'alma vive aqui chorando
Numa paixão sem fim, sentida e triste.

E aquellas duas lagrimas que viste
Quando daqui tu foste soluçando,
Eu inda as tenho; as faces me banhando
Desde esse instante que de mim fugsite...

E vivo só pensaado em tua vinda,
Carpindo a dor que me tem sido infinda,
Na immensa solidão deste deserto!

A vir não tardes minha idolatrada,
Volta, que aqui te espera, ó doce amada,
O ninho teu—meu coração aberto!

Clemente Guêdes.

GORDANNE

Gordanne filha de um bravo e sobrio montinegrino dos arredores de Zhabliak, tinha 16 annos.

De estatura mediana, cabellos bastos, negros e longos, era a flor de Zhabliak, onde gosava de grande sympathia, já pela sua rara belleza, já pela sua esmerada educação.

Ninguem como ella, nos dias de festa, recitava ao [illegible] aquela homérica canção "Noiva de Ali bey" e [illegible]olo" e principalmente o tradicional "aro", [illegible] tanta graça que attrahia os mais in-

[illegible]ariga bella e formosa tinha

Dentre os que aspiravam a sua mão, a trez somente mostrava-se affeiçoada, e era dentre estes que deveria escolher o seu futuro espoco.

Então, de acordo com o seu velho pai, para esse fim, convidou-os para o seu próximo natalicio.

Chegou emfim o dia tão esperado pelos seus admiradores.

Gordanne que desde a véspera começava o arranjo de sua modesta habitação, ainda nem bem despontava o sol no horizonte, já de saia erguida até os joelhos, percorria o seu florido jardim, tal chistoso beija-flor saltitando de ramo em ramo, colhendo as mais bellas flores e de aormas mais subteis.

Cada flor que colhia beijava com sofreguidão e exclamava: Esta darei ao meu noivo, isto é, áquelle que possuir qualidades de um verdadeiro montinegrino.

E com o regaço cheio de aromaticas flores veio assentar-se ao meio da porta da rua esperando os convidados.

O primeiro, rapaz elegante e robusto, filho de Cettinhe onde aprendera ás modas de gente da cidade, chegando cumprimentou Gordanne e delicadamente pediu-lhe que o deixasse entrar.

Ella gentilmente levantou-se, murmurando:

Não, não serão tuas as minhas flores.

E assentando-se de novo calou-se, emquanto o recem-chegado animada palestra travava com seu pai.

O segundo menos cortez, chegando disse:

—Deixa-me entrar Gerdanne.

Ella obedeceu, mas murmurando:

Tambem não serão tuas as minhas flores.

O terceiro chamado Muçá, filho de um valente soldado que participara da victoria de Vuchodol, não se fez demorar.

Pegando rudemente no braço de Gordanne arredou-a e entrou como se entrasse em sua morada.

A moçoila encantada pelos modos lisérrimos de Muçá exclamou:

—Sim, são tuas as minhas flores. Serás o meu marido. Tu, sim; és um verdadeiro montinegrino.

S. Luiz—2—916 ANJOVOLU

DESCRENÇA

O amor que por ti sinto e, quando penso, creio
que um dia o gosarei ao lado teu, criança,
me faz hoje soffrer cruel desesperança,
que em vez de sempre crer ha hora em que descrei!..

Que nunca no teu peito este fatal receio
possa roubar-te, ó flôr, a ultima esperança,
e não venhas cahir, em breve sem tardança,
no mesmo desalento em que minh'alma veio!..

Mas não te peze n'alma o acerbo desconforto
que põe o rosto meu em lagrimas banhado
e o triste coração desconsolado e morto!

Aviva-me da crença o cirio amortecido!
e d martyrio a cruz, o lenho abençoado,
ajuda-me a soffrel-o, ouvindo o meu gemido!

S. Luiz E. POLARY.

Amigo Paulo Guimarães

Daqui onde tudo me seduz e encanta envio-te esta cartinha na qual descreverei as lindezas desta parte do meu Maranhão.

Queria-te aqui para pintares com as cores enebriantes da tua fantasia que tanto sabreio nos teus contos quando os leio nas colunas do Estudante, as belezas com que a natureza santa dotou este torrão bemdito onde nasci.

Não calculas as alegrias que envadem-me o espirito quando contemplo demoradamente do alto destes montes de areia muito brancos as scenas maravilhosas que se desenham no ceu cor de safira que serve de fundo a este quadro de delicadeza. Como as criancinhas erguendo as mãos pequeninas para agarrar as rendas do cortinados do seu leito, ergo os braços como querendo abraçar as nuvens alvas que se evoluem por sobre a minha cabeça.

O amanhecer é um encanto. O astro abrazador surge no horizonte reflectindo no oceano sua luz de purpura, e o vento nas folhas das palmeiras magestosa entoam hinos sonoros como uma orquestra de fadas lendarias vageiando no espaço.

Uma immidade de morros enfileirados na vastidão da praia se elevam como montes de pastas de algodão.

Lá no fim da costa vê-se o farol de Sen-Marcos pequenino com um mastro de navio, perdido no deserto dagua.

As ondas maralham se elevando a dois metros de altura, depois deslisam-se mansas deixando laivos de espuma na areia polida e espalhante.

O mar verde como os campos verdes de relvas da tua terra, perde-se longe querendo confundir-se com o ceu.

Defronte da casa onde moro que é da minha boa avósinha, ha um grande pequizeiro, com muitos galhos onde armo a minha rêde, sobraço o meu Camilo, e devoro com aptidão as suas paginas tão cheias de sentimentos como de lições instrativas.

As jaqueiras com o sopro das tempestades que são frequentes aqui vergam a ponto de escalarem com os seus cachos cor de cinza.

Das barreiras altas como as torresdas catedraes estendo a vista sobre os corregos que serpeiam a costa.

Ha uma paragem a cem metros de onde me acho chamada.

Pedra preta, em que ha barulho como o dos tambores usados no sertão; tenho interrogado os habitantes daqui acerca do tal barulho, eles respondem-me que são os moradores do mar que festejam os seus idolos. Vês que asneira. Não os acredito.

Vou terminar esta prometendo escrever breve contando-te outras tantas cousas que a natureza prodigiosa semeou nesta terra.

A deus aceita abraços deste que muito pede a Deus pela tua felicidade.

Aracagy, 14—12—915.

IARA.

O CAPRICHO DA SORTE

Vivia em uma aldeia um camponez com sua consorte um filho de nome José.

Este, era meigo e modesto e contava apenas cinco annos.

Dois annos depois, quando nem so a sua idade como o pensar paterno o guiavam para a comprehensão, foi elle frequentar as aulas em uma povoação pouco distante. Lá encontrou collegas com quem se divertia muito e portanto era preferivel estar junto delles.

Alguns tempos depois, uma alumna do mesmo estabelecimento, de nome Lina e de idade ainda muito tenra lhe chamava attenção. José sentiu um todo se apoderar de si, mas não comprehendendo o que podia ser ja proferia a tudo um olharzinho da pequena que o attrahia.

Quando o estudo e a mão da natureza lhes favoreceram idéas, viram-se na urgente necessidade de confessarem os seus segredos de ha muito occultos; e como receiavam qualquer desconfiança dos colegas, deixaram em segredo que se amavam.

Mais tarde, levado pela mão protectora do destino conseguiu José ir concluiir os seus estudos.

As cartas d'elle diziam-se queixosas pela separação que os mantinha; mas, não era o mesmo que pensava Lina, ao contrario, procurou substituir aquelle amor; e então casou-se com um mancebo com que a tambem simpatisava.

Ve-se ahia a realidade do proverbio: longe da vista fóra do coração.

BRENEM.

A' memoria de Maranhão Sobrinho

. . . Morreste! mais o teu cultivo insano,
Pelas letras do teu torrão amado,
Fez, então, que o teu nome soberano
Ficasse neste mundo propalado. . .

. . . Morres! sim, e o Maranhão ufano,
Chora e soluça em pranto desolado. . .
Por ver sumir-se dentre um povo humano
Um seu filho immortal, glorificado.

Deixaste pra prova do talento
Immortal, onde estão os teus amores,
As bellas producções que andam ao relento.

E o Maranhão, em brados e furores,
Exige que [illegible] se eleve um momento,
Para te vêr coberto de louvores!!!

Astrolabio Caldas.

SEM EPIGRAPHE

Desejo immensamente escrever algum jornal ou revista, mas sempre que me sento á banca de trabalho, falta-me o assumpto. Matuto sobre o caso e. . . matutando fico, pois o amaldiçoado do assumpto jamais se chega a mim.

Hoje, então, só me parece ser de proposito, que o traidor deixou de vir, pois ha duas horas estou com a cara para cima a ver se por um acaso o encontro, e elle, com maior sangue frio, se foge com tal perfeição que nem a sombra passa pelo meu cerebro [illegible] de pensamentos diversos.

Mas o que hei de fazer?

Quem nasceu para ser freira não poderá ser padre, salvo, se se quizer sujeitar cedo ou tarde, a decepção de ser descoberto e ridicularizado por todos.

Assim pois tenho de me contentar com este pequenino "Sem epigraphe" massad[illegible] isto por ex[illegible] bôa vontade que em mim, gra[illegible] Deus, a[illegible]

Vou, pois, me aguardar [illegible]

Mãi

Uma pobre mãi tinha um filho, este vivia constantemente doente.

Uma das vezes elle adoecera gravemente e a pobre mãi sem recursos monetarios lutava desesperadamente para suprir todas as dificuldades.

Margarida, assim era o seu nome.

Margarida victima da sorte, era uma transviada, ainda bem joven deu o passo do suicidio e desde então a sociedade lhe fechou as portas.

No coração, ella possuia como toda mãi: o carinho e amor pelo o filho.

O filho adoecera, ella passava horas inteiras sentada a beira do leito contemplando-o, e com palavras ternas e amenas ella caricia va-o.

Margarida vendo a flôr do seu amôr, já nas garras da traidora morte, toma-o em seus alvos e robustos braços aperta-o de encontro ao coração.

Margarida debatia-se como heroina contra á dôr que lhe dilacerava o coração de mãi.

O seu amôr de mãe vencia a tudo, não denotava a minima fraqueza.

De todas as paixões a mais bella, a mais perfeita e pura e despida da mascara da hyprocrisia: é o amôr de mãi.

"Mai, palavra doce e suave".

E' sublime, doce e terno o nome de mãe.

Margarida levanta os olhos e consulta no relogio que horas são, faltavam vinte minutos para ás onze horas da noite, ella inclinou-se sobre o corpo do filhinho, tocou-o e soltou um grito e cahiu sem sentidos.

Não pertencia a este mundo o filho estremecido. Momentos depois ella recobrava novamente os sentidos.

Levanta-se, contempla extasiada o cadaver frio do pequinino ente, toma-o em seus braços, aperta-o de encontro ao coração, falta-lhe, beija-o Loucamente como se se quizesse chamal-o á vida, debalde, ella comprende toda a sua desgraça.

Hora a hora, minuto a minuto, ella viu apagar-se a luz da sua felicidade. Sempre embalando nos braços o corpo frio do filho.

A joia mais custosa que ella possuia neste mundo de chimeras.

Beijava-o treslouca damente. Raiou o dia formoso, o sól ardente, o céo azulado como se na vespera não houvesse cahido uma rajada de vento; como se lá na côrte divina estivesse em festas a espera daquelle anjinho.

Ella sempre abeijal-o. O dia adiantava-se, quando bruscamente a porta abriu-se, uma voz amiga ouviu-se, foi a do pai de Margarida.

Oh! minha filha, este roga o pai, que desgraça aconteceu-nos?

Margarida, abraça-se convulsiva ao pai, pronunciando o vosso neto é morto.

O velho, quasi desmaia, toma o cadaver frio do netinho, beija-o e entrega-o á filha e sahe.

Horas, depois apparece com o caixãosinho e o coupé que alugou especialmente, entra, deposita o cadaver no caixão estofado de seda e em seguida sahe, acompanhado a filha até ao cemiterio, onde depositam e dizem o ultimo adeus e a pobre mãi deposita na testa fria do filhinho

Figueiral Figueiredo.

O AMOR

Quando Cupido fôra esporado por uma linda e meiga abelha dourada, numa deliciosa manhã, em derredor do Olimpo á procura de Pryché, sua bem amada, quem Venus, deusa inconparavel, com ciume e inveja perseguia fazendo andar retirada, escondida do magistral reino de Zeus; os deuzes e deusas todos reunidos no veneravel Olimpo diante do severo Zeus, cabisbaxos, tristes, comentavam raivosos e indignados o fatal acontecimento; eis que de repente, Venus, a mais linda e formosa de todas as deusas veneraveis, olhando Cupido enamoradamente; sorriu concupiscenciosamente.

Causou escandalo.

Causou horror e admiração a todos os deuses e deusas veneraveis que imediatamente quasi devoravam-na com olhares brutos e severos! Cupido corando com uma lagrima linda e fulgente escondida na linda palpebra loura; saiu do logar que estava perto de Pryché, perguntou a Venus com meiguice:

—Mãe porque sorris ?...

—Oh! proque tu tambem tão pequenino, feres tanto...

Ermani de Glicinia.

Hino "Revista Maranhense"

Foi-nos ofertado, pelo talentoso e intelijente musicista Nestor da Paixão e Silva, um hino denominado "Reviste Maranhense", sendo a letra do nosso confrade Astrolabio Caldas.

Prometemos, brevemente, dar-lhe publicidade.

Penhorados, agradecemos a oferta.

ERRATAS

Dentre outros senões que sahiram, que o leitor intelligente facilmente acertaria, corija-se o seguinte:

No artigo de fundo, onde se lê "As publicações tem a vantagem, leia-se «... têm a vantagem etc»; onde se lê "subteraneos em que se escondem...» leia-se, «subterraneos em que se escondem etc.» No escripto Delineando-a, onde se lê, "procura sempre quando narra algum facto, faz rir aos que a escutam", leia-se, procura sempre quando narra algum facto, fazer rir aos que a escutam », onde se lê «naiboca» leia-se na boca" onde se lê, "se não é facto e verdeiro", leia-se, "se não é facto e verdadeiro".

No conto. Primeira impressão, onde se lê, Affonso Penna, leia-se, "Afonso Pena" onde se lê "fiziomia, leia-se. fizionomia, onde se lê, "esqueceu-a" leia-se, "esqueceu", onde se lê, "nem se soube", leia-se, nem soube, onde se lê, Fazendo ver a um seu amigo todo essa impressão", leia-se... ,toda essa impressão", onde se lê, "tomei-lha a palavra" leia-se "tomei-lhe a palavra" onde se lê "peg mso os chapéos" leia-se "pegamos os chapéos".

Na chronica Laçadas, onde se lê, "com pretenções de por", leia-se, "com preteações de pôr", onde se lê, "ecmo ainda permanece" leia-se, como ainda permanece" onde se lê, "sentiram um profundo desejo" leia-se, "... sentiam etc.". No sonete Miosote, onde sahiu, "no Hôrto no Retiro..." leia-se, "no Hôrto ou no Retiro etc." No conto Zuli, a cigana, onde se lê, "mas tu não me falaste" leia-se, "mas não me falestes" onde se lê, "Como,ouzas ensultar-me?" leia-se, "Como, ouzaes ensultarme?", onde se lê, "vinde pois viver comigo, pois" leia-se "vinde viver comigo, pois etc", onde se lê, descansavam no dia seguinte ouvirem a narração

No conto Gordanne, onde se lê, "Desde a vespera começava o arranjo, leia-se "Desde a vespera começára etc" onde se lê as mais bellas flores da aormas,mais subteis" leia-se "as mais bellas flores de aromas etc" de Zama, leia-se,"descansavam para no dia seguinte etc. No sonete "A Memoria de Maranhão Sobrinho" onde sahiu. "Deixaste pra prova do talento..." leia-se "Deixaste para prova...", "onde se lê, Exige que se eleve um monumento", leia-se, "... que se eleve um monumento

A CASA LISBOA MACHADO

Leva ao conhecimento de sua numerosa freguezia, que acaba de despachar o mais variado sortimento que já veio a esta capital. Aqui na nossa casa, se encontra quase de tudo e a preços muito modicos. Não devem comprar para as festas da quaresma sem primeiro ver o nosso sortimento, pois é ao alcance de todos.

Tambem scientificamos os Srs. negociantes do interior que devido ás grandes compras que fizemos ainda na baixa dos preços, estamos em condições excepcionaes de vender barato.

Não façam pois suas compras sem visitar a CASA LISBOA MACHADO.

Para ser socio do CREDITO MUTUO PREDIAL é sómente contribuir-se com a diminuta quantia de 2$000 mensaes para dois sorteios de 5:000$000, uma vez completa a serie.

SÉDE—RUA DA CRUZ N.61, Sobrado

MARANHÃO

Pharmacia Garrido

V. Exc. quando precizar de qualquer medicamento, quer nacionaes e estrangeiros, antes que tudo, dirija-se á esta conhecida pharmacia, que será promptamente servido!

10—RUA GRANDE—10

Livraria Ingleza RUA CORONEL COLLARES MOREIRA, 49. Já vistes os nossos livros escolares?

TOMAE

bom amigo, uma chicara do saboroso Cafe Machado e fumae os deliciosos Cigarros Raio X, artigos egienicamente preparados e vereis a superioridade garantida destes generos.

CAFE' MACHADO—Rua Grande, n. 12.

RAIO X—Rua Grande, n 37.

Empreza Predial do Norte

RUA AFFONSO PENNA N. 2

Autorizada a funcionar e fiscalizada pelo Governo Federal

Sorteios pagos de 1912 á 1916 **RS. 553:049$000**

Em menos de trez mezes de existencia, inscreveu mais de mil pessoas, entre as quais S. Exc. o Sr. Dr. Governador do Estado e os seus secretarios civil e militar, S. Exc. Revdma. o Sr. Bispo Diocezano, altas autoridades federais, estaduais e municipais, majistrados, medicos, enjenheiros militares, advogados, membros do clero, comerciantes, banqueiros, artistas, industriais, etc.

Tambem são socios da Predial do Norte, os Exmos Srs. Dr. Urbano Santos, eminente vice-prezidente da Republica; coronel Alexandre Cantanhede Collares Moreire, junior; intelijente e honesto Delegado Fiscal, coronel Antopio Bricio de Araujo, ilustre inspetor Rejional de Seguros—unica sociedade a que S.S. Exes. pertencem.

A Empresa Predial do Norte, sociedade mutua de peculios, dá, todos os mezes, aos seus associados, uma caza de RS. 10:000$000 (dez contos de reis) e dispensa, tambem todos os mezes 10 associados do pagamento das mensalidades durante um ano, os quais concorrem de graça a 12 sorteios de cazas no valor de Rs. 120:000$000 (cento e vinte contos de reis).

Ao fim dos sorteios, o associado que não tirar uma caza de Rs. 10:000$, receberá o dinheiro das mensalidades pagas.

Joia 10$ 00 **Mensalidade 5$000**

A Empreza não tem cobradores. RUA AFFONSO PENNA, 2. **Maranhão**

Alfaiataria S. Cruz

Esta alfaiataria é a unica que com a "crise" não alterou o preço das suas obras e prima em bem servir os seus freguezes

VISITEM A ALFAIATARIA S. CRUZ

Rua de Sant'Anna, n. 12—Maranhão.

Empresa Predial do Norte

AUTORIZADA E FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL

Restitue, ao fim de 120 sorteio, as mensalidades pagas pelos prestamistas

Rua Affonso Penna, n. 2 (Sobrado) Maranhão

Predios entregues de 1912-1916

RS. 738.557$000

Resultado do 59.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empresa, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios;

Premios de 10 isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes

1.º N. 2602—D. Manoela Valle Porto da Motta, residente em S. Bento.
2.º N. 2487—Altino Quarto de Moraes Rego, (barbeiros), rua Coronel Colares Moreira, 108.
3.º N. 210—D. Paulina Corrêa Rosso, residente no Rozario.
4.º N 106—D. Ida Travassos Nunes, rua do Norte; 35.
5.º N. 1999—D. Raimunda Bernardina da Silveira, residente na Mayoba.
6.º N. 2606—D. Izabel Paula de Moraes, rua de S. Pantaleão, n. 327.
7.º N. 1171—D. Anna Othilia Jansen Ferreira, rua Cel. Collares Moreira, 125.
8.º N. 932—D. Maria José Leão e Silva, rua da Madre Deus, n. 28.
9.º N. 3279—D. Maria Amelia Silva Oliveira, rua dos Affogados, 149.
10 N. 3332—D. Luiza Rabello de Souza, Travessa dos Barbeiros, 8.

Casa no valor de Rs. 10:000$000

331—D. Rita Nunes Figueirêdo, filha do sr. João Pereira de Figueirêdo, rua do Apicum.

Maranhão, 15 de janeiro de 1917

Joaquim M. Gomes de Castro,
Fiscal do Governo Federal

Adolpho Paraiso,
Director Gerente.

LOJA NOVA JERUZALÉM

Acaba de passar por uma grande reforma esta LOJA, situada á rua Afonso Pena n. 8, encontrando-se todas as sortes de mercadorias.

TUDO BOM E BARATO

Attenção!

DEPOIS DA EMPREZA PREDIAL DO NORTE, só paga aluguel de casa quem quer.

Mais de 100 pessoas, nesta capital possuem casas, onde residem, graças aos sorteios da Empresa Predial do Norte que, mediante a jo de Rs. 10$000 e 3$000 de messalidade, faz, em todos os sorteios, de u prestamista—um PROPRIETAR

(Mais de 100 proprietarios feitos pela Empresa Predial do Norte, durante a sua curta existencia!

Predios dados no valor de cerca

RS. 800.000:000

Inscrevam-se e paguem as prestações, pontualmente, dia 10 de cada mez, que todos uma casa para mo

Depois de aprovado pelo Governo Federal o novo com a mesma joia de 10$000 e a a mesma presta 5$000, a casa entregue como premio ao prestam QUE ESTIVER QUITE, poderá ser de **Rs 20.000$000** (vinte contos de R

Se quizerdes garantir o vo futuro, inscrevei-vos n

EMPRESA PREDIAL DO N

Rua Affonso Penna, 2 (sobrado)—**Maran**

LIVRARIA INGLEZA

Esta bem conceituada livraria, vida a todos os seus freguezes afim de verem os livros recel pelos ultimos vapores.

PSEÇOS REDUZIDOS

Rua Coronel Colares More

Imp. na Telegrafo J. Pires—Maran

Empresa Predial do Norte

AUTORIZADA E FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL

Restitue, ao fim de 120 sorteio, as mensalidades pagas pelos prestamistas

Rua Affonso Penna, n. 2 (Sobrado) Maranhão

Predios entregues de 1912-1917

RS. 754.457$000

Resultado do 60.° Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empresa, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 10 isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes

1.° N. 3813—Paulino Gomes Neves, residente em Tutoya
2.° N. 2521—Feliciano Joaquim de Almeida' rua da Cruz,110
3.° N. 376—D. Maria do Carmo Henrique de Aquino, residente no Rozario
4.° N. 2607—D. Raimunda Sebastiana de Castro, residente no Rosario
5.° N. 3008—D. Antonietta Alves da Silva Marques, rua das Hortas, 28
6.° N. 543—Horacio de Almeida Salazar, rua 28 de Julho, 5
7.° N. 2914—Juviliano de Souza Barretto, rua do Alecrim, 46
8.° N. 3374—Vicente de Britto Pereira, rua Rio Branco, 81
9.° N. 967—D. Maria [illegible] Nazareth Nogueira, praia de Santo Antonio, 5
10 N. 2862—D. Ilda Lauand, rua Grande, 92

Casa no valor de Rs 10:000$000

N. 1665 - Francisco de Paula Cassal Barbosa, rua de Sant'Anninha, 42

Maranhão, 15 de fevereiro de 1917

Joaquim M. Gomes de Castro, Fiscal do Governo Federal.

Adolpho Paraiso, Director Gerente.

Tonico Anti-Febril de Garrido:

E' um poderozo tonico contra as Sezões, Maleitas, Febres Intermitentes e Remitentes, Inflamação do Baço e Figado-Tonico por excelencia na Anemia e Debilidade Geral, encontram a sua cura no uzo do TONICO ANTIFEBRIL GARRIDO.

Deposito Geral, na FARMACIA GARRIDO, á RUA GRANDE, N. 10

LOJA NOVA JERUZALÉM

Acaba de passar por uma grande reforma esta LOJA, situada á rua Afonso Pena n. 8, encontrando-se todas as sortes de mercadorias.

TUDO BOM E BARATO

LIVRARIA INGLEZA

Esta bem conceituada livraria, convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores.

PREÇOS REDUZIDOS

Rua Coronel Colares Moreira, 49

REGULADOR GARRIDO

Remedio sobe[rano] contra [Flores Branca] on Leucorrhéa, as dores das Menstruações exageradas [muito] fortes, Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, [Hemorrhoidas] das senhoras e o Catarrho do Utero. O «Regulador Garrido», o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á RUA GRANDE, N. 10

Evandro Rocha

aceita contratos para [illegible] dezenho, em caza [illegible] ou á RUA GRANDE

Preços modicos

Xarope Anti-Asthmatico Garrido:

E' o [melhor] para Dyspnéas, Defluxos, Influenza, Coqueluche, Bron[chites], Tosses rebeldes, Catarraes, Sufocações, encont[ra] a sua cura completa e imediata no XAROPE AN[TI]-ASTHMATICO DE GARRIDO.

Encontra-se na FAMACIA GARRIDO, á RUA GRAEDE, N. 10

Imp. na Typografia J. Pires & Comp.—Maranhão

Biblioteca Pública

ANO I | | | | | | NUMERO 2

S Luz do Maranhão, 30 de abril de 1916

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Affonso Penna, 6

BIBLIOTECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

ASSINATURAS

Anual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Simestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200

TODA CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AOS REDATORES, RUA AFFONSO PENNA, 6

REVISTA MARANHENSE

Redatores

Astrolabio Caldas
Eugenio P[illegible]
[illegible]
José Monteiro
Francisco Figueiredo

Gerente

João Vicente de Abreu

Tezoureiro

Antonio Ezequiel

SUMARIO

O 21 de Abril—Redação
Amor—Gveety
Maria e Saudade—Henrique Guimarães
Professor Fernandes—Redação
Como foi recebida a Revista Maranhense—Redação
Aos amigos do Maranhão—Paulo Guimarães
A Belgica—F. Falcão Costa
Na embriaguez da idade—Francisco Santos
Rosa—Iará
Vaticinio—Clemente Guedes
A mulher—Jota Va
Agradecimento e comunicação—Jota Va
Meio dia—Antonio Joaquim
Historia de Zama—Mauriguaes
No jardim—Astrolabio Caldas
Nascimento Moraes—Redação
O Aborto—Tia Durá
Sonatas—Clemente Guedes
Dr. Oscar Galvão—Redação
Evolução—Jose Monteiro
Ora, sim...—Carlos Eugenio
Inocencia—A. Caldas
Recordação—Jacy, Lenir e Lita

Socios colaboradores

Astrolabio Caldas
Henrique Guimarães
José Monteiro
Francisco Figueiredo
João Vicente de Abreu
Antonio Lozeiro
Francisco Santos
Mauricio Furtado
Clemente Guedes
Fulgencio Pinto
Estolano Polary
Paulo Ferreira
Gregorio Diniz
Francisco Falcão Costa
Raul Tasso Viana
Manoel Fernandes

Temos um quadro de socias colaboradoras que brevemente daremos publicidade.

Agentes no interior e exterior do Estado

Caxias—Professora Laura Roza.
Arary—Professora Jozuile Machado Costa.
Icatú—Professora—Jozefa Amazonas.
Burity—Professora Dolôres da Costa Ribeiro Tavares.

Rozario—Senhora D. Nicéa Paulina Coelho.
Chapadinha—Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina—Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara—Professora Filomena Angela da Cruz.
Cururupú—Telegrafista João Guilherme de Abreu, filho.

Pedreiras—Professora Aciolina Sampaio Guimarães
Ponte-Nova—Senhorita Izabel Roza de Araujo.
Brejo—Professora Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará)- Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho-Professora—Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer—Professora Ana Fracisca Alves da Mota.

A CASA LISBOA MACHADO

Leva ao conhecimento de sua numeroza freguezia, que acaba de despachar o mais variado sortimento que já veio a esta capital. Aqui na nossa casa, se escontra quase de tudo e á preço muito modicos Não devem comprar para as festas do mez mariano sem primeiro ver o nosso sortimento, pois é ao alcance de todos.

Tambem scientificamos os srs. negociantes do interior que devido ás grandes compras que fizemos ainda na baixa dos preços, estamos em condições excepcionaes de veader barato.

Não façam pois suas compras sem visitar a CASA LISBOA MACHADO.

Para ser socio do CREDITO MUTUO PREDIAL é somente contribuir-se com a diminuta quantia de 2$000 mensaes para dois sorteios de 5:000$000, uma vez completa a serie.

SÉDE—RUA DA CRUZ N. 61 Sobrado

MARANHÃO

Livraria Ingleza RUA CORONEL COLLARES MOREIRA, 49. Já vistes os nossos livros escolares?

Empreza Predial do Norte

Rua Affonso Penna n. 2 (Sobrado)

Autorizada a funcionar e fiscalizada pelo Governo Federal

SORTEIOS PAGOS DE 1912 á 1916 **RS. 553:049$000**

Em menos de trez mezes de existencia, inscreveu mais de mil pessoas, entre as quais S. exc. o Sr. Dr. Governador do Estado e os seus secretarios civil e militar, S. Exc. Revdma. o Sr. Bispo Diocezano, altas autoridades federais, estaduais e municipais, majistrados, medices, enjnheiros militares, advogados, membros do clero, comerciantes, banqueiros, artistas, industriaes, etc

Tambem são socios da Predial do Norte os Exmos. Srs. Dr. Urbano Santos, eminente vice-prezidente da Republica; coronel Alexandre Contanhede; Collares Moreira, Junior; inteligente e honesto Delegado Fiscal; coronel Antonio Bricio de Araujo, ilustre inspetor Regional de Seguros—unica sociedade a que S. S. Exc. pertencem.

A Empreza Predial do Norte sociedade mutua de peculios, dá, todos os mezes, aos seus associados, uma caza de RS. 10:000$000 (dez contos de reis) a dispensa, tambem todos os mezes os associados do pagamento das mensalidades durante um anno, os quais concorrem de graça a 12 sorteios de cazas no valor de RS 120:000$ (cento e vinte contos de reis).

Ao fim dos sorteios, o associado que não tirar uma caza de RS. 10:000$000, receberá o dinheiro das mensalides pagas.

Joia 10$000 Mensalidade 5$000

A Empreza não tem cobradores. RUA AFFONSO PENNA, 2. **Maranhão**

178000

É por quanto se obteem um fato de brim branco de algodão hom, calça e paletot, bem feito, na "Alfaiataria Guédes", á rua de Santana n. 3, canto com á rua 28 de Julho.

ALFAIATARIA S. CRUZ

Esta alfaiataria é a unica que com a "crise" não alterou o preço das suas obras e prima em bem servir os seus freguezes.

VISITEM A ALFAIATARIA S. CRUZ

Rua de Sant'Anna, n. 11 — Maranhão.

Maranhão, 30 de Abril de 1916

ANO I

Revista Maranhense

REVISTA MENSAL

Arte, Ciê

Aqui está o segundo numero desta revista.

Quem quer que a veja e não conheça as dificuldades com que uma publicação destas luta num meio indiferente, senão hostil, como este, não avaliará de certo a soma de enerjias e de bóa vontade dispendidas para tal.

Em meio o utilitarismo egoistico e a maledicencia merdaz, que são infelizmente duas das tonalidades mais fortes de carater social, ainda, como tudo, em formação entre nós, bem se pode chamar de peleja e o é rija, a criação de uma folha que não viza senão o aperfeiçoamento mental dos que a fazem e que paga outra não quer além de que se compreenda que só e só para esse aperfeiçoamento é feita.

Assim, a saida do segundo número da «Revista Maranhense», se não é ainda uma vitória, é já um passo, relativamente largo, para o triumfo, rumo do qual caminhamos, confiantes no nosso dezejo de o conseguirmos e esperançados da acolhida amiga dos que nos lerem.

Para compensar as urjes que no caminho encontraremos, bastam que nos acolham com simpatia a idéa e com justiça o esforço, pois que uma e outra terão para nós como que o perfume duma mancheia de rozas que nos atirassem ou a maciez dum pouco de musgo com que nos trapizassem a estrada a percorrer.

E' assim que por ela vamos, com os olhos postos lonje, no Futuro, onde brilha um fanal purissimo de esperanças, e erguendo na dextra esta revista, como um pendão de peleja incruenta, a guiar-nos e a incentivarmos nesta jornada de meigas conquistas.

O 21 DE ABRIL

Da historia do Brazil, é esta uma das datas mais importantes. Ela relembra o grande acontecimento havido no ano de 1789, em Minas Gerais, no governo de D. Maria I.

Nesse acontecimento que não foi mais do que uma revolução cujos fins vizaram sobre a emancipação da patria e portanto tratava-se da liberdade do povo brazileiro, salientaram-se os vultos de Claudio Manoel da Costa, Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que foi morto esquartejado e seus membros pregados e enfiados em postes, servindo assim de exemplo a todo aquele que afagasse a idea do liberalismo.

Tratando-se de Tiradentes, temos a dizer que ninguem ignora o que ele sofreu. Fazendo nossas as palavras de um escritor de re[illegible] competencia

mos que nada existe de mais lugubre do que o fr[illegible] cio da liberdade. Ao fital-o a vista maravilha-se de [illegible] rezistencias desesperadas, de corpos beleados, qu[illegible] guem a meio e tombam no [illegible]ão ensanguenta[illegible] membros mutilados sob a roda pezada de carret[illegible] corceis que pulam sem dono sobre montões de c[illegible] res, até que lá, na extrema, ao marche-marche d[illegible] talhões, ao disparar da fuzilaria, uma bandeira fl[illegible] sinistra muralha ou negra fortificação, ar[illegible] vencedor que, tendo na mão a espada, ajita [illegible] ventos o estandarte vitorioso, parecen[illegible] feroz, levantar vivas á patria e a [illegible]

Como republicanos que somos [illegible] jem indomita daqueles que lutaram [illegible] implantamento do rejimem liberal no [illegible] não compreediam que manifestações d[illegible] tissem no paiz onde a identidade de pr[illegible] proclamada e onde a igualdade de dir[illegible] conhecida.

AMOR

Amôr ! divina essencia mysteriosa a evolar[illegible] thuribulo sacratissimo das almas elevadas, co[illegible] no[illegible] comprehendido na terra ! Quanto bastardo sentin[illegible] se mascara sob o teu nome pulcherrimo !...

Cercado de illusões, repleto de venturas, nas[illegible] do ideal vae pelo cerulo mar, vae pela floresta onde[illegible] tre cinza e pó descança o seu passado de riso feliz[illegible] cido de chimeras.

Vae.....Segue.. e, com elle tudo cura o tempo, [illegible] faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. [illegible] as affeições como as vidas, que ha mais certo signa[illegible] haverem de durar pouco que terem de durar muito. [illegible] tódos os instrumentos com que a armou a natureza [illegible] desarma o tempo. E a razão natural de toda esta [illegible] ferença é porque apóz a esperança, vem a desilusã[illegible] respira a dôr fecunda, pelas trevas do «Nada». E' [illegible] o amôr a quintessencia dos mais puros se[illegible] lendo-se as estrophes do poema do amôr [illegible]

«Amar» é coisa de não amar e, o ter [illegible] de amar menos.

Num le que

E' a [illegible]jacy, (que és um an[illegible] luminoz[illegible], envolvem em d[illegible] que te cercam) que mu[illegible] perenamente

MARIA

HENRIQUE GUIMARÃES

te pudesse descrever Maria,
do este Amor imaculado e nobre
Que se nutre em minh'alma, ó ceos, seria
Para o meu coração sincero e pobre

Um feito inconfessavel! Sorriria
Então, o proprio Sol, que nos encobre
E anima com sua luz, só de alegria!
Anjos, em côro, cantariam sobre

azul do Espaço; e em tudo, em fim, ness'hora
Floresceria um riso venturoso...
Ah! se eu pudesse descreve-lo agora!

Eu seria, entre os mais, o mais ditoso...
Do Sol já se cuveria o riso á fora
E dos anjos, a voz, no Ceo formoso!

SAUDADES

As saudedes Maria, que me déste
Naquella noite de ventura tanta;
Terna lembrança que me dá quizeste
Do teu Amôr immaculado, ó Santa;

Rosea Esperança que meus sonhos veste
E inspira a minha lira; sacrosanta
Miragem dos meus dias, que vieste
Trazer-me o doce Bem, qual luz á planta;

Tenho-as, todas, guardadas com carinho
Onde só eu e tu, saber podemos...
E quando estou pensando, assim, sosinho,

Em ti, oiço as dizer-me que seremos
Habitantes, um dia, de um só Ninho
E felizes viver, Bemzinho, iremos!

PROFESSOR FERNANDES

grande tristeza a noticia do falecimento
professor Joaquim Alfredo Fernandes.
sar que sentimos pelo desaparecimento
modelar, desse professor por excelencia.
bemos da fatal noticia, vacilamos um pouco;
recendo á sua casa, nos convencemos da verdade
o facto. Compunjente foi o quadro que apreuma das salas, sobre um sofá, achava-se o
nosso idolatrado mestre, do velho de alma de
o velho que nunca deixou de socorrer a todos
imploravam seu auxilio, do velho sempre amigo da
cidade. Encontramos lá, muitos amigos seus que as-
que souberam da noticia para lá se dirijiram. A'
rde desse dia, o seu corpo foi levado para o "Tem-
lo maçonico", á rua das Flôres, d onde na manhã seguinte, obedecendo aos ritos maçonicos, saiu em acompanhamento até ao Campo Santo. Avultado foi o numero de pessoas que acompanharam o feretro, notando-se representantes de todas as classes sociais. Transcritos foram já os discursos proferidos pelos oradores, nas solenidades feitas ao extinto. O seu panejirico foi bem traçado em varios jornaes que circulam na nossa capital. Os seus grandes predicados foram bem enaltecidos. Ninguem desconhece as virtudes de que ele era possuidor e não são ignoradas as suas vitorias no jornalismo. Discutia com bases seguras as questões que muitas vezes patrocinou.

O professor Joaquim Alfredo Fernandes, nunca
ia nenhum de sua vida, vacilou um só instante na
escabroza da vida. No majisterio a sua vida foi
atos engrandecedôres que o nobilitaram. Mes-
a a jelidez do tumulo impeça ouvires, recebe
alavras como um preito, em paga dos teus
verdadeira recompensa encontrarás no
Aceita-a pois, é brotada de corações

---

bida a
Revista Maranhense"

des ás mãos caro leitor. O nosso prazer é imenso por ter ela sido bem aceita pelo publico maranhense, apreciador sempre das bôas cousas; por esse motivo daqui mesmo agradecemos aos nossos amaveis patricios, conterraneos e geralmente á todos que a colheram dignamente

Quanto as sras. professoras a quem fomos pessoalmente pedir para desempenharem o cargo de ajente, respectivamente nas cidades e vilas onde ocupam logares de sua profissões, com uma unica exceção, foi a nossa proposta gentilmente aceita

Tambem á alguns cavalheiros que exercem cargos no interior, logo que falamos para tomarem a frente da ajencia, prontamente acederam ao nosso pedido.

Com este procedimento dos nossos compatricios tivemos uma prova cabal de que o nosso Maranhão sempre foi, como ainda o é, o estado brasileiro onde mais se cultiva a literatura, e assim continuamos a confirmar por termos uma prova evidente — "a bôa vontade das distintas professoras que prestaram os seus valiosos serviços a revista, no interior. Não nos devemos igualmente esquecer da bôa vontade que tiveram alguns comerciantes no interior, que se achavam aqui na capital, quando fomos tambem pessoalmente tratar sobre essa nossa pretenção".

E' com grande praser que salientamos a amabilidade da sra. d. professora Maria do Carmo, digna diretora da Escola Modelo Benedito Leite, e das demais professoras daquela conceituada casa de ensino, pelas maneiras gentis com que foi recebida a nossa comissão que andava em propaganda.

Emfim, agradecemos a todo o majisterio e ao publico, pelo bom acolhimento que teve a "Revista Maranhense".

Aos meus amigos do Maranhão

Abristes-me os braços cordialmente, com dedicação e afeto, offerecestes-me o lar sublime e paradisico, o pão salutar e benefico, eu meus amigos nada tenho para retribuir este suave carinho, lhes ofereço o meu coração transbordante de saudades!

PAULO GUIMARÃES

A BELGICA

De todas as nações belligerantes é esta que vai apparecer como um vulto glorioso na historia, pois o heroico povo belga resistiu por muito tempo a força brutal dos allemães.

Mas estes eram de uma coragem extraordinaria e muito mais numerosos que os belgas, e por isto tiveram a perseverança de bombardear os fortes da Belgica e até a celebre cathedral de Anthuerpia.

Depois de tomada e esfacelada a Belgica pelos alemães, Alberto I, rei dessa heroica nação, retirou-se para o Havre, uma das mais bellas e movimentadas cidades francezas.

E os seus jovens filhos, exportados foram para Londres e outras cidades.

A rainha foi a principio para a Inglaterra, mas agora está nos campos de batalhas ao lado do seu bravo esposo e portanto provando que são ambos descendentes de raças muito fortes e illustres.

Os belgas unidos aos francos-inglezes lutam em vão recuperar o solo de sua patria, mas não podem porque as forças inimigas são muito mais numerosas e valentes.

A Allemanha, a França, a Russia a Austria, a Inglaterra e a Italia, furiosas, travam a mais renhida batalha de todos os tempos, e no meio da espantosa confusão dos combates, milhares de mulheres tornam-se exmas, lares sem conta ficam desamparados.

A Belgica entrou nesta guerra, por causa da violação de sua neutralidade pelo grande imperio da Allemanha.

F. FALCÃO COSTA.

Na embriaguez da edade

I

Levantara-se de uma ligeira enfermidade, que por alguns dias o mantivera preso ao leito, o simpatizado estudante Franco.

Era um rapaz de dezeseis a dezesete anos, pobre, dotado de pouca intelijencia ou aliás nenhuma, porem passava por ter, visto que estudava e sempre conseguia fazer figura nas aulas que frequentava, sendo por isso algo de elojios por parte dos seus professores.

Franco estudava no Liceu. Soubera se impor a estima dos seus colegas, que não viam no jovem estudante um pretencioso, como muitos ha, mas um amavel e modesto "Young enau".

Entre outros amigos contava como verdadeiros os seguintes: Antonio, Henrique, José e Carlos.

II

Naquele dia que se levantara, fora vizitar o querido Liceu, onde bôas lições lhe tinham sido ministradas onde continuava beber sabedoria e respirar um oxijenio puro, emfim, onde era querido e considerado por suas virjens, incautas e bôas amigoinhas.

Transpuzera os humbraes da tosca porta que aos licéistas atuaes foi dada, desde que se deu a fuzão entre os dois estabelecimentos: Normal e Liceu.

[illegible] sua sala de aula. Nela fasia a dezentica sob as ordens retumbantes [illegible] oreciado quarto ano. Por e[illegible] os rostozinhos alegres, joviaes, ternos e meigos descobriu Franco um, que até então não o conhecia, mas que desde logo só lhe inspirou paixão.

Demais, observou que ele era irresistivel aos seus galanteios, pois a conversa que procurou entabolar, e obteve com grande admiração sua, deixou-o patente.

Era uma quintanista.

Contava esta jovem no naximo quinze floridas primaveras possuia a tez morena, olhos e cabelos negros, trajava um vestido de côr crême com uma faixa côr de roza, cinjindo mimosa e delicadamente o seu lindo busto.

Tudo isto se congregava para mais realce dar a beleza impecavel da professoranda Celia.

(Continúa).

FRANCISCO SANTOS.

ROSA.

(A Uma florzinha de carne).

E' a rainha das flores, a pureza deliciosa do perfume e a deusa viçosa que beija o nosso olfato com a doçura pura dos seus odores penetrantes.

Nada mais lindo do que uma rosa pendente do galho espinhoso e recurvo.

E' uma concha de coral derramando a prata liquida do orvalho que lhe dá vida.

Eu amo a rosa, adoro o seu perfume e nutro o meu espirito com a sua cor enamoradora e doce.

Ela prega o evangelho do seu encanto ás outras flores, e eu a admiro, me embeveço e rendo á castidade do seu rubôr, como os passaritos ás lindas manhãs frescas e coloridas pelo estralte das scintilações solares. Quando uma rosa desabrocha com ela tambem desabrocha uma vida e essa vida é o seu perfume, assim com o amôr é a vida do coração e perfume do sentiment

Ela domina as mais plantas com a magestad seu porte, as graças da sua forma e os enfeites riso das suas petalas minusculas.

Com esse nome que inspira inocencia e castid tenho uma boa amiguinha, que nas horas tormentosas d minha tristeza, me distrae, levando para longe, com a musica doce da sua voz de criança esses aborrecimentos que dilaceram a vida e matam a primavera. Quantas vezes, com os seus risinhos ingenuos e saltitinhos travessos, tem mudado o meu pesar em alegria e desfeito as rugas de desgosto que se desenham em minhas fa em traços leves e mansos como as aguas m lagos silenciosos e bemaventurados segr voz cava, ás areias brancas e ás rochas que só elas sentem !...

Devo ouvir sempre as asceota lhos que sempre nascem bons formação, e as risaditas alacre pequeninos dessa rosinha hu dos seus papas, para eu m mira encantos e aspir ainha das flor

VATICINIO

Eu nasci em Dezembro... A minha auróra
Primeira, ao meu destino me apontou...
E eu segui, muito crente como sou,
Em rumo á vida que prosigo agóra...

E nunca entristeci na luta... Outr'ora,
Mais doce me era a vida que passou...
Hoje, espinhosa como a vendo estou,
Abraço-a sem temêr, sosinho, embora!

E, assim, irei: pois tenho a sós commigo,
Nesta abrólhosa estrada em que prosigo,
Sempre, uma estrella guiando-me celéste!

E esta estrella do bem, doce e querida,
Que me livra dos máles desta vida,
São os conselhos, mãe, que tu me deste!

S. Luiz—915 CLEMENTE GUÊDES.

A MULHER

A mulher é o anjo da terra, qual beija-flôr garrúlo; mimózo e bêlo, que gozando o perfume das flôres em manhãs lindas, vae segredando amôres em cada uma, como se élas podessem ouvir os seus expressivos trinos de apaixonados cantos.

E' uma rozeira; quando em sua época mais encantadóra, reverdece dos os seus vélhos troncos, que já recobram forças, e deixam dezabrochar inumeras rozas, continuando sempre sucessivamente a desabrochar outras ainda mais novas.

E' ainda uma ave, rainha de todas as aves, que sulca o espaço incomparavel buscando o infinito, mas, sem a diziluzão de nunca o poderem alcançar, porque [illegible] nos é duvidózo e élas nunca se poderão elevar [illegible] to.

E' como a bandeira do nosso Brazil, que désfralda entre as dos Estados que o compõe, parece um general comandante em chefe de todas as fôrças, que ao expedir a primeira voz de comando, todos os comandados obedecem.

Ela seria a inflecsibilidade natural de todos os tempos, se todos os homens fossem dotados de grandêza de espirito e deixassem fracassar essa paixão frémente, tão peculiar, de só éles quererem dominar tudo.

Não meus senhôres; assim não podemos, nem deve- [illegible] tinuar!

[illegible] em um abismo essa toda ambição do po- [illegible] tudo pelo direito de cada um sem dis- [illegible] cso.

[illegible] eiza concorrer a todas as carreiras, [illegible] nte.

[illegible] a, não foi mais do que uma ne- [illegible] elo Redentôr, á Adão, dando- [illegible] veio ao mundo, essa uma [illegible] essa benevolen[illegible] ou,

Mas ha ainda uma justificativa!

Se a mulher se constituir moral e intelectualmente uma fôrça indomavel, conhecedóra cientificamente do misterios de seu perigo, éla se tornará forte e nenhum homem moralmente, a arrastará para o caminho da perdição

Pois bem. Nós os môços aqui da «Revista Maranhense», que formamos um conjunto de ambicionadóres da revizão da moralidade social, tão deturpada nestes ultimos tempos, pedimos a atenção dos poderes publicos do nosso Maranhão querido, para essa medida tão benefica, já parcialmente adotada em alguns Estados:—o ensino primario obrigatorio:

Com esta medida teremos mulheres e homens inteiramente conscientes de seus atos; porque, de um povo ignorante só se pode esperar o odio, a perversidade, a ambição, a barbaridade, etc.

Assim, pois, devemos nos levantar, trabalhando pelo soerguimento da mulher, que indiretamente se entregou a esse marasmo tão prejudicial.

Se conseguissemos levantal-a, de modo que, em cada uma encontrassemos filha, irmãa, espôza e mãe dedicada, teriamos obtido o principio da grandêza do nosso pôvo, porque de caza é que deve vir a educação da creança.

Por exemplo: se a mãe de familia, faz prezente temporario, de uma creança mal educada, para uma professôra ministrar-lhe a instrução, o que poderá esta, conseguir desse prezente grosseiro?

Nada. Inteiramente nada.

Logo, toda mulher preciza de ser, pelo menos uma bôa mãe, para poder dar os primeiros traços de educação aos seus descendentes.

E, se me ocorreu a ideia de rabiscar estas [illegible] tratando dessa creatura—a mulher—estou certo, os meus companheiros da "Revista", concordarão dar-mos de vez em quaddo uma edição feminina.

Até aqui, é tudo quanto podemos fazer ás nossas gentis patricias, em virtude da nossa grande boa vontade.

Por isso, espero que a ideia seja bem recebida.

S. Luiz.

JOTA VA.

AGRADECIMENTO E COMMUNICAÇÃO

Penhoradissimo agradêço á nossa ilustre colaboradora residente no Brejo, cujo pseudonimo é Guerreiro, os parabens a mim enviados, pelo escripto — Primeira Impressão—publicado em o primeiro numero da nossa "Revista", e comunico-lhe que as cólumnas da nossa "Revistazinha" estão á sua dispozição.

Ao seu dispor

JOTA VA.

MEIO-DIA

O sol no zenith e brilhande com todo o esplendor parecia abrasar a terra.

A lurida poeira do serpenteados caminho, impellida pelo vento, sofocava os rudes camponezes que, banhados em suor, deixavam o trabalho.

Nem uma nuvemzita ao menos ousava atravessar a infinda e magestosa região dos [illegible]

Tudo parecia dominado p[illegible]

No igapó, com as gargantas recequidas, as brejeiras avezitas, saltitando de galho em galho, procuravam o debil regato de limpidas aguas, que, parando cra aqui, ora acolá, accumulando forças, procurava vencer os innumeros óbces que lhe oppunha a caprichosa natureza.

Todas as arvores tinham as folhas murchas, com excepção das esguias juçareiras, que embaladas pelo vento e com o peso dos seus cachos, onde jaziam luzidios e deliciosas fructos já sazonados, de vez em quando beijavam, magestosas, as arvores baixas, como acariciando-as.

Tranquillamente debaixo da copuda mangueira mugiam os submissos bois, emquanto, lá no fundo do igapó, á beira do regato, cujas aguas abrandando os seus doces queixumes pareciam tambem ceder á abrasadora influencia do meio-dia, as lavadeiras, formosas raparigas, alegres e bemdizendo o dia, com os seus cantos quebravam a taciturnidade que envolvia a matta.

Cururupú, 2—916.

ANTONIO JOAQUIM.

Historia de Zama

Num palacête, no «bolevard Saint-Michel», ao redor da meza de jantar, sentados commodamente, em macios divans, Zula, seu pae e seu irmão, estavam promptos para ouvir a narração de Zama, que occupava a cabeceira da meza.

Este, sem mais preambulos, deu começo a sua historia, como segue:

—Tinha eu sete annos quando, pela ultima vez os meus olhos se gravaram em vós. Brincando á beira da planicie, fui me afastando, pouco a pouco, de casa.

«Cançado já de andar quiz voltar, quando, porem, me voltei, avistei-a tão longe, que fiquei admirado de me ter distanciado tanto. Não sabendo o perigo que me ameaçava, devido os lobos, comecei a correr.

O sol ia já alto e o calor insuportavel me fazia cançar mais depressa.

Vendo que não podia mais correr, nem andar, faminto, sedento e longe de casa, as lágrimas saltaram-me dos olhos. Procurei, então, um logar onde o capim formasse uma moita para me abrigar do sol; finalmente encontrei a alguns passos de onde estava, arrastei-me para lá e, abriado-a com as mãos, metti-me dentro. Ahi o cançaço venceu-me e adormeci.

«[illegible] quanto tempo dormi. O que sei é que, quando [illegible]avi, ao longe, o barulho dum trenó. Ora, minha mãe contava que os salteadores andavam pela planicie atacando as caravanas que, de quando em quando, por lá passavam; julgando que fossem elles, fiquei aterrorizado; e quanto mais se aproximava, mais o terror crescia.

«Encolhido e a tremer, puz a cabeça fóra da moita para observal-o... Horror!... Elle vinha mesmo em direção á mim e matar-me-ia se eu não saisse de onde estava; quiz correr, as pernas, porem, me abandonaram. Sem saber o que fizesse, pois, somente faltavam poucos metros para que elle me alcancasse, tal era a velocidade, com que vinha, comecei a gritar e, sentindo já o resfolegar dos cavalos sobre a minha cabeça desmaei...

«Quando despertei, encontrei-me deitado na almofada do carro, tendo como travesseiro a coxa duma jovem [illegible] que me afagava os cabellos.

«Não me lembrando do que se passára, perguntei admirado onde estava e onde estavam os meus paes; não tive logo resposta, pois, a moça, em vez de responder-me, fallava com um moço que tambem ia no carro, uma lingua desconhecida, até então para mim. Este, voltando-se na almofada, fallou, na mesma lingua, com um dos homens que iam na boléa o qual parando o carro e abrindo a portinhola, veio para onde nós estavam s.

«Depois de falarem, por alguns segundos, elle se virou-se para mi n e perguntou-me, na minha lingua, o que eu tinha dito.

«Repeti-lhe novamente as perguntas já feitas e elle se vol-tando, para os dois, traduzindo-lhes o que eu dissera, continuando em seguida a conversar comigo.

«A joven senhora, impaciente, interompendo-nos, interogando o homem. Este traduziu-lhe tudo, pois, momentos após, ella tirou, de uma caixa, doces, queijo, presunto, serveja e deu-me para comer e matar a sêde. Como estivesse esfaimado, atirei-me ao lauto almoço, sofregamente, causando aos trez, o riso.

«Satisfeitas as exigencias do estomago, pedi uma cama para dormir; não fui logo attendido, mas uma hora, mais ou menos, depois me achava deitado no assento do carro tendo a cabeça recostada numa da coxas da moça.

«Quando acordei novamente, já era noite alta, contudo o carro continuava a correr velozmente. O movimento, que fiz ao despertar, foi sentido por ella que, olhando-me meigamente, chamou o nosso interprete. Este, attendendo ao appello e vendo-me acordado, compreendeu o que ella queria, pois me perguntou logo o que eu desejava. Respondi-lhe que tinha fome e sêde.

«No mesmo instante me foram servidos as iguarias d[illegible] demanhã. Terminada esta segunda refeição, voltei a ocupar a minha primeira posição.

"No dia seguinte, depois de obdecer as regras do asseio, me deram alguns brinquedos com os quais me distrai o dia inteiro.

Continúa.

MAURIGUASSU'.

NO JARDIM

Surgindo ao longe... chega tenebrosa,
A grossa chuva que do céo descia,
Banhando no jardim a bela rosa
Que o pobre jardineiro acariciá.

No outro dia elle a encontra mais formosa,
Notando-se no velho uma alegria
Somente porque vê que a mais viçosa
Era junto ao logar que adormecia.

Seguindo lentamente...vae além
A procurar, o pobre jardineiro
Se no jardim mais bela flôr

Achando lá, por en[illegible]
Numa pousada, a bei[illegible]
Uma saudades — a flor[illegible]

Nascimento Moraes

A' 19 de Março todo o Maranhão em flor sorrio, pela passagem rosea desse dia, em que completou mais um anno de existencia o nosso extremecido mestre, cujo nome epigrapha estas rudes linhas, despidas de elegancias, falhas de estilo, e que não dizem satisfatoriamente, o que desejamos; já porque não nos é possivel fazel-o, pela pouca competencia que dispomos, já porque, pelo muito que dissermos para enaltecer-lhe as qualidades raras que possue, qualidades, deveras dignas de imitações, unica poderemos descrevel-os condignamente ao seu merecimento.

Leado-se, porem minuciosamente, esta humilde homenagem que agora lhe o rendemos, nós que somos seus discipulos, e bem sabemos o muito que merece, encontrar-se-ha, de certo, alguma coisa que diga sinceridade e amôr.

Nós não nos occuparemos aqui, em descrever a sua biographia, mesmo porque, quem é que não conhece Nascimento Moraes, em Maranhão? O Mestre dedicado, o pae de familia virtuoso, e o amigo verdadeiro? O jornalista abalizado, o Poeta mavioso e polemista insuperavel?...

Nestas linhas, portanto que aqui ficam, modesto tributo da nossa amizade, recebe .Mestre idolatrado, delicadas petalas de flôres, que te joga sobre o lar ditoso, pela data do teu aniversario—a delicia de teu filhos, a satisfação dos teus paes e a ventura da tua virtuosa esposa.

O ABORTO

Em uma pobre e lugubre aldeia existia um ser que era uma verdadeira aberração da natureza. Era uma especie de anão, palido sob os raios mesmo de uma luz e de faces lividas. Aquella creatura extravagante, que parecia um idiota, tinha os cantos da bocca, como que ensanguentados, os olhos d'esse homem agoirento tinham clarões indefinaveis, que se escapavam em faiscas e que penetravam nos olhos dos outros como um jacto d'arço fundido. Quem olhasse aquelle abôrto, teria logo advinhado que uma concipiscencia ardente, um invariavel delirio de posse sempre o dominava. A cabeça era enorme, sobre o corpo minusculo tinha uma testa deprimida, fujindo sob a grenha e cheia de sulcos, de sinuosidades, de protuberancias, que attestavam o pasmozo desenvolvimento de certas faculdades; acima das orelhas, principalmente, as bossas das destruição e da crueza pareciam lobinhos monstruozos. Os supercilios claros, affastados, a barba rara, espalhada, aqui e acolá, tornavam aquella face glabra em diversos sitios. Nos pontos disprovidos [illegible] pello, a carne apparecia molle, flacida d'uma livida e doentia. A boca era fendida em focinho de [illegible] tudo vinha curvar-se sobre os labios; [illegible] movidas por musculos d'uma energia, dentes incisivos, brancos e acerados, [illegible] lios tremullos, ensanguentados, [illegible] aquella physionomia palida.

[illegible] alto, attingiam a parte [illegible] idas, e terminavam ex[illegible] de pellos; o pescoço [illegible] pouco espes[illegible] sos, tinham como os dos corcovados, uma particularidade curiosa: Subiam por detraz da nuca e erguiam-se dos lados, de modo a conservarem a cabeça n'uma cavidade.

A roupa estava sempre suja. Nas mãos esqueleticas appareciam os dedos, longos, possantes e aduncos, armados de unhas formidaveis, semelhando a garra que termina a aza membranoza dos morcegos, le que o pobre anão tomava o aspecto maiusculo e phantasticamente humano.

As pernas eram vergadas como arcos de baril, terminam pelos deformes pés. O pobre era um typo inconsciente, fazia o que lh'o mandavam; pouco fallava.

Era filho espurio d'uma doida. A mãe era doida como os avós e elle era doido como a mãe. Era uma generação de abortos, que vinha de longe. Os mais velhos da aldeia lembram-lhe as origens. Era uma gente repugnante.

Viviam como selvagens, procurando o alimento como os animaes. Comiam de tudo, cozido ou crú, até os proprios restos que os cães babujassem e cobriam-se com as roupas velhas que alguem lhes dava, para não as ver completamente núas.

Era uma raça de paspalhões. E assim termino o perfil, que tratei traçar, de um phenomeno, um verdadeiro abôrto da natureza.

24—4—16

TIA DURU'

SONATAS

I

As virgens de minha terra,
Quer non sertão quer na serra,
São todas ellas formosas;
São delbeis quaes as falenas,
São quase todas morenas,
Entrelaçadas de rosas.

II

A' tarde quando a saudade
De tristeza nos invade
E nos prende as corações,
Ellas surgem dentre as flores
Dizendo versos de amores
Das cantigas dos sertões.

III

São tão bellas, tão faceiras,
Tão doces, tão prazenteiras
Como aguenas dos prados:
Se cantam, são como as aves
Que vibram pénias suaves
Nos fazendo apaixonados.

IIII

As virgens de minha terra,
Quer no sertão quer na serra,
São todas ellas formosas;
São delbeis quaes as falenas,
São quase todas morenas
Entrelaçadas de rosas.

CLEMENTE GUÊDES

No dia 7 de Maio correrá o sorteio do Credito Mutuo Predial cujo premio será de Rs. 2:150$000.

Dr. Oscar Galvão

Transcorreu, no dia 23 do corrente, a data do aniversario natalicio do venerando clinico maranhense, cujo nome serve aqui de epigrafe.

O dr Oscar do Lago Galvão tem exercido diversos cargos nesta terra que lhe servio de berço, entre os quaes poderemos citar o de diretor da hijiene e, atualmente o de professor de Historia Natural e diretor do Liceu Maranhense, que desempenha com grande brilhantismo e verdadeira dedicação.

Como diretor do Liceu Maranhense, é o ilustre clinico muito estimado não somente pelo corpo docente como discente. Este, como demontração do alto apreço em que o têm, reunidos no Liceu, na data do seu natalicio, aguardava a chegada do seu querido diretor, juntamente com a banda de muzica do corpo militar do estado. A's 9 1/2 horas da entrada o Dr. Oscar Galvão que, ao som de um hino, executado pela referida banda de musica, transpõe os humbraes daquele estabelecimento, encontrando, na escadaria, os alunos em ala, que aguardavam anciosos a sua chegada e que, ao avistal-o, ergueram entuziasticos vivas, recebendo nesse momento, o aniversariante, inumeras felicitações. Em seguida, foi o simpatico diretor acompanhado até a diretoria, onde encontrou as alunas desse estabelecimento que tambem, alegres e risonhas, o esperavam. Ahi fez-se um silencio em toda a sala, era o nosso confrade Raimundo Bogéa que, em um belo e bem elaborado discurso, saúdou o homenajeado em nome do corpo dicente. Ao terminar, foi o orador bastante aplaudido. Em seguida falou o Dr. Oscar Galvão, que, penhorado, agradeceu o discurso proferido pelo sr. Raimundo Bogéa, tendo as suas ultimas palavras, sido coroadas por uma vibrante salva de palmas.

A's 19 1/2 horas, foi o ilustre aniversariante acompanhado até a sua rezidencia por todos os alunos e alunas do Liceu

A's 19 horas, na rezidencia da aplicada liceista Maria Moraes, reuniram-se os manifestantes, indo, em seguida, incorporados até á rezidencia do manifestado. Lá uzaram da palavra os srs. José Perdigão, que lhe ofereceu, em nome dos que estudavam na caza que lhe tinha como diretor, um «bouquet» de flores naturaes; em seguida falou o sr. José Fortuna. Uzaram ainda da palavra o sr. José Pinheiro, pela União «Silvio Romero»; e as gentis senhoritas: Ignacia Rêgo, Maria Lira, esta em nome de suas colegas ofertando-lhe um lindo ramalhete de flôres naturaes; e Maria Moraes que, em dome das alunas do Liceu, geralmente falando, lhe fez entrega de um modesto mimo. O Dr. Oscar Galvão, tomando a palavra, agradeceu a manifestação de que tinha sido alvo. O professor Domingos Machado pediu permissão para lêr um soneto que dedicava ao manifestado, entregando-lhe em seguida.

Finalmente o ilustre clinico recitou uma bela poesia de sua lavra, que ao terminar foi calorosamente aplaudido.

Seguiu-se uma «soirée» dansante, terminou alta madrugadas.

Ao Dr. Oscar Galvão, enviamos daqui os nossos respeitosos cumprimentos pelo decorrer do dia 23.

No proximo numero daremos publicidade do soneto que lhe foi dedicado pelo professor Machado, e do que foi recitado pelo aniversari

EVOLUÇÕIS

Quando não se havia ainda descoberto o papel e nem inventado a imprensa, diversos eram os processos empregados pelos povos para transmitir o conhecimento do seu passado.

Queriam eles que o seu viver, o seu lutar e o seu perigrinar constante por diferentes terras, fosse admirado e apreciado pelas gerações por vir. Porque eles tinham a convicção de que, com o passar dos tempos, com o correr dos seculos, as gerações voltariam os seus olhos para o passado, procurariam conhecer profundamente a historia dos primitivos povos que habitaram o globo.

Os ejicios gravavam nas piramides a vida de seus reis. Havia povo que escrevia em superficie de tijolos, em taboas cobertas de cera etc. Hoje esta tudo completamente mudado, isto é, a morozidade antiga, transformou-se na atividade moderna, graças aos processos e meios descobertos pelo homem, para chegar ao aperfeiçoamento geral das couzas.

Antigamente, não podiam todos possuir livros, porque era precizo avultada soma de dinheiro para obte-los. Isso não podia continuar dessa forma forçozamente chegaria cedo ou tarde a epoca em que as obras podessem ser lidas por todos.

Os pergaminhos repouzavam nas prateleiras das bibliotecas mósterinas, nos cartorios, dos arquivos reais e nos castelos feudais. Os monjes, sendo uns dos possuidores desses que os ejicios chamariam os grandes «tezouros d'alma», espalhavam por toda parte os principios e os fundamentos da relijião cristã. Nos mosteiros havia os maiores conhecimentos de literatura, de dentro daquelas veneradas celas saiam as liçõis de filozofia, finalmente daquelas intelijencias bem formadas saiam argumentos e questõis notaveis sobre diversas ciencias humanas. Poderiamos possuir maior numero de livros se não fosse a inquizição, o desleixo, a ignorancia e cauzas imprevistas. A esse respeito, Alexandre Herculano no segundo tomo dos Crespusculos nos diz, que do cartorio de certa corporação foram lançados pelo janela fora, durante a guerra peninsular por alguns soldados francezes e de que só uma pequena parte foi recolhida e achou-se ainda em 1858 incrustados nos pergaminhos o lôdo em que estiveram mergulhados durante alguns dias; tal tinha sido o desvelo da corporação acerca dos monumentos que salvara. Em outro arquivo de um corpo da mão morta, os documentos antigos tinham sido lançados em monte na divizão inferior de um armario humido, cujo pavimento era de tijolo. Ali havia apodrecido até a altura de duas ou três pollegadas constituindo, quando se examinaram em 1853, uma massa negra e compacta. Salvaram-se apenas os que tinham caido na parte superior daquele acervo aonde a podridão não chegava. A pr[illegible] de cop sta era uma das mais importantes. Pas[illegible] e dias inclinado sobre a sua carteira [illegible] mais folhas de variôs documentos [illegible] media com a renascença, as conquis[illegible] tos e as invenções, aparecendo entre [illegible] que tão valiozo auxilio tem prestado [illegible] Como as descobertas e invenções, [illegible] lhoramento para uns e para outros [illegible] aconteceu com imprensa que os [illegible] de mau grado porque tinham com[illegible] tavel do seu oficio. Alguns dos e[illegible] hospicio os ultimos dias de sua [illegible] gostozos, izoladamente sucu[illegible] escritor nos diz, que che[illegible] livro impresso por um al[illegible] cimento da obra, sofreu [illegible] iminencia da sua arte [illegible] noite para um dia a p[illegible] fitico, o desgraçad[illegible] depois de a perdo[illegible] apareceu. Dura[illegible] fim acharam[illegible] ao meio cor[illegible]

catavelha de encontro a qual o arremessara a corrente. O infeliz foi colhido para a marjem e os parentes choraram dolorosamente sobre ele, ao encontrarem-no abraçado com um poderoso in-folio pergaminaceo de letra oncial que fôra a sua derradeira obra.

Luiz, 2—4—916.

JOSÉ MONTEIRO.

ORA, SIM...

Batem oito horas, o dia está risonho, de sol descoberto.

Estou na prrça João Lisboa, a ver passar a petisada alegre e sorridente das escolas primarias.

Depois de ter presenciado a passagem dos escolares, subo á rua Grande encontro o meu amigo João V. de Abreu.

E dirijo-me ao amigo, com quem está com ares de poucos amores, bom dia, como vai essa formosura.

—Bom dia Carlos, a minha formosura como sempre,

—Carlos, tenho uma novidade a lhe contar.

—Vamos lá, contas bem essa historia.

—Tu sabes...

—Saberei agora.

—A professora de.....não aceitou á nossa agencia, alegando que, ás horas que dispunha eram poucas e as que lhe sobravam são para tratar dos interesses do padre e do padre que ella tanto estima.

—Amigo com todos os diabos,palavra que não comprehendo, a professora falou dessa maneira para você com a voz tremula e quese cho...ran...do.

—Carlos, eu mesmo não comprehendi e ti digo que não comprihendo que coisas são essas da senhôra profesora,

—Carlos ella disse mais que sahia da escola ás duas horas.

—Abreu, esta da senhora professore é de chupeta, caramba.

O meu amigo dispediu-se e continuei o meu passeio e sempre pensando na felicidade do padre e assim fui até á praça Deodoro, admirei as bellazas da praça e desci pela rua da paz, a poucos metros de distancia iam [illegible] liceistas, ex-colegras minhas, quando as [illegible] immediatamente para cumprimental-as, tro[illegible]ntos, descemos juntos até a porta [illegible] Ao despedir-me das duas jeatis e [illegible] ellas, me lembram ás horas felizes [illegible] no Lyceu, pois, eram as duas jovens [illegible]ha o mais amistoso coleguismo e [illegible]perimentei foi enorme, como se o [illegible]ssado pelas laminas relusentas de

[illegible]ar na felicidade do padre e [illegible]rque, tão joven com a alma [illegible]a ocasião me veio o mente [illegible] de delicias.

[illegible]OS EUGENIO.

[illegible]O mez saciale,

INOCENCIA

Era sexta-feira santa. O sol, ao poente, mostrava-se como que envolto em luto, devido as negras nuvens de chuva que o cercava.

Luiza, uma creança de seis anos, ouvindo o dobre incessante dos sinos, perguntou á sua mãe:

—Porque dobra, mãmã ?

—E' porque Cristo, o nosso bom Deus, morreu, filha.

—Morreu ?! Mas hontem a mestra dissera na escola por volta das onze horas, que ele estava com dor de cabeça ..

—Sim, tem razão a tua mestra, ele a essa hora estava com dor de cabeça !

—Mss... mãmã dor de cabeça mata ?

—Mata, filha...

—E tu fizeste barulho hontem ?

—Barulho ?!

—Sim, tu não correste, não cartaste ?

—Não, mãmã !

—Mas, na escola, umas meninas estavam fazendo barulho e a mestra chamou-as á atenção, dizendo que não interrompessem o silencio porque Cristo estava com dor de cabeça ! ! !

—Onde está elle, mãmã ? onde é a sua casa ?

—Na egreja.

—Na egreja ?! E alguem mora na egreja ?!

—Os santos moram nas egrejas, filha.

—Eu queria vel-o...

—Sim, nos vamos acompanhar a procissão.

—Que horas é a procissão ?

—A's oito horas, mais ou menos.

—E o enterro é amanhã ?

—Não a procissão representa o seu enterro...

—Representa ?!

—Sim,representa,porque esses acontecimeetos se estão repetindo para que todos saibam que não somos só nós que sofremos no mundo. Deus tambem sofreu, comprehendeste minha filha ?

—Sim, comprehendi, mãmã.

—Mas, se assim é, se apenas se estão repetindo esses acontecimentos, não faz mal a gente brincar, pular, cantar no dia de hoje...

—Faz, filha; poque esses que fazem barulho representam os judeus que pertubaram o silencio antes e depois da morte de Cristo !

—Ah ! ! !

—Mas eu não sou judeu, «non» mãmã ? Eu não fz barulho...

—Não, filha, tu não és judeu ! ! !

A. CALDAS.

Recordação

Sinto a dor do punhal da tua ingratidão, quando contemplo o sol ao cahir da tarde, esparjindo os seus ultimos raios sobre esta terra immaculada.

JACY

As flores não duram mais do que um só dia, mas uma pura e sincera amizade como a nossa... durará eternamente.

LENIR

Teu olhar foi a [illegible]m que cupido feriu meu coração

LILAZ

ANO 1 — NUMERO 3

S. Luiz do Maranhão--- Maio de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

ASSINATURAS

Anual

Capital . . . . . 2$000
Interior. . . . . 2$500
Exterior. . . . . 3$000

Semestral

Capital . . . . . 1$200
Interior. . . . . 1$500
Exterior. . . . . 1$800

Numero avulso. $200

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Fuljencio Pinto (interino)
José Monteiro
Francisco Figueiredo.

GERENTE

João Vicente de Abreu

TEZOUREIRO

Antonio Louzeiro.

Socios colaboradores

Astrolabio Caldas, Henrique Guimarães, José Monteiro, Francisco Figueiredo, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Francisco Santos, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Fuljencio Pinto, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Gregorio Diniz, Francisco Falcão Costa, Raul Tasso Viana e Manoel Fernandes

Temos um quadro de socias colaboradoras que brevemente darêmos pblicidade.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Caxias – Professora Laura Roza.
Arari – Professora Jozuila Machado Costa.
Icatú – Professora Jozefa Amazonas.
Buriti – Professora Dolôres da Costa R. Tavares.
Rozario – Professora Laura Souza e Nicéa Paulina Coelho.
Chapadinha – Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina – Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantará – Professora Filomena Anjela da Cruz.
Cururupú – Telegrafista João G. de Abreu, filho.
Pedreiras – Professora Aciolina Sampaio Guimarães.
Ponte-Nova – Senhorita Izabel Roza de Araujo.
Brejo – Professora Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará) – Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho – Professora Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer – Professora Anna Francisca Alves da Mota.

Expediente

Vales postaes ou rejistrados com valores, devem ser dirijidos ao Sr. Tezoureiro.
Outras correspondencias ao Sr. Ger.

SUMARIO

O 13 de Maio – Redação.
Maio – Ciceli.
A Benevolencia – Ciceti.
O amôr – Jaci.
As duas amigas – Zante.
Ao Dr. Oscar Galvão – Domingos Machado.
Ecce Homo – Dr. Oscar Galvão.
Laçadas – Asdrúbal.
O exercicio fizico – José Monteiro.
Historiando – Carlos Eujenio.
Tristezas da vida – F. de Sousa Pinto.
O Funeral – Jota Vá.
Viajem de recreio ao Rosario – Antonio Joaquim.
Horas do crepusculo – Clemente Guedes
Na embriaguez da idade – Francisco
Historia de Zama – Mauriguassú.
O seu leque – E. Polari.
A seca – F. Falcão Costa.
O castigo do avarento – N.
Traços – Puf.
O meu social – Redação.
Enigmas – Redação.

Maranhão, ---- Maio ---- 1916

NUM. 3

Revista Maranhense

ANO I

REVISTA MENSAL

ARTE, CIENCIAS E LETRAS

O 13 de Maio

ESTADO DO MARANHÃO

A redempção d'uma raça! E' esta para nós a expressão da data que transcorreu. Esquecemos o captiveiro humilhante e barbaro, para só nos lembrarmos da liberdade, dignificante e humanitaria.

Ha vinte e oito annos, ouviam-se os hymnos festivos, da expansão da alma nacional, pela incorporação, no paiz, dos antigos captivos ao gremio dos homens livres.

A igualdade social de direitos surgia sobre a ruina da instituição tres vezes secular, que em nossa patria se desenvolveu, a custo do sacrificio do direito dum povo, transportado para outras terras e da sua infeliz descendencia.

Reparação, tardia sim, mas reparação sempre. O ...aram os primeiros desgraçados, de quem se usur... ...edade, no paiz natal, teve a sua prole tempo depois ...ra muito remoto.

O sentimento nacional, ante esse borrão que enxovalhava nossa patria, revelam-se, para honra nossa, em factos diversos, que significavam o reconhecimento da liberdade nativa, dos que d'elle foram privados, e a quem não se a destituia, desde logo, por motivo de ordem economica, que eram sobrepostos ao direito desses espoliados.

A extincção do trafico, a lei do ventre livre e a dos sexogenarios são marcos da brilhante evolução percorrida e da victoria dos reclamos nacionaes sobre a pertinacia interessiva dos que viviam do trabalho servil. Transposto esse ...lino estadio, não se fez esperar muito a abolição do captiveiro, do norte ao sul do Brazil, como que vibrava num só accorde: um hymno á liberdade que se completava, a saudação aos ...dãos novos que, com o desapparecimento da entidade — es... —, se incorporavam, com a mesma igualdade de regalias, que foram considerados livres, desde o berço.

D'esta ultima phrase foram paladinos, entre outros o grande ...ariamentar Joaquim Nabuco, na tribuna da camara, e José ...rociado, o inolvidavel jornalista, na tribuna da imprensa. ...lustrissimos outros foram seus companheiros, n'essa jornada ...minosa, mas elles se destacaram tanto que fôra ingratidão ...lhes lembrar os nomes, n'uma homenagem ao 13 de ...

...ra aos trabalhadores pela causa santa da redempção ...ivos!

MAIO...

(A meu bom Pae)

E' o mez de mais festa e poesia,
De idéais que despertam como a aurora,
De fervorosas preces á Maria
Como notas de musica sonora.

Neste mez a belleza se irradia,
Reina o prazer que tudo revigora,
Não se vê nuvens de melancolia,
Nos mesmos olhos que choravam outr'ora.

E tu, meu Pae, que neste mez nasceste,
Fizeste parte das mais lindas flôres,
Ornando aquelles d'onde descendeste,

E, hoje que ornas, assim, teus successores
Que de amor e carinho te estendeste,
Imploro a tua vida entre louvores!...

Cicely.

A BENEVOLENCIA

Se pudessemos avaliar o tanto que nos amesquinhamos toda vez que nos deixamos arrastar por um impeto de colera, exercianos uma vijilancia sobre nós mesmos, não permitindo, a expansão desses arrebatamentos momentaneos em que descemos ao nivel dos seres irracionaes, governados pela furia indomavel dos instinctos.

Quão fracos somos ainda!

A colera é um dos mais frizantes indicios da fraqueza pessoal.

A pessôa que recebe uma injuria, que sofre uma injustiça, dando em troca um pensamento de amôr a quem o ofendera, deixando apparecer nos labios o afavel sorriso da Benevolencia, é um forte.

Forte sim, porque poude dominar se tornando se, superior á ofensa recebida.

A Benevolencia faz perdoar as faltas daquelos que são injustos para com os justos.

A creatura benevola não vê o mal senão quando este a envolve êm suas teias perversas.

A creatura benevola jamais se irrita; mansa de coração, olha com desprezo para a fraqueza daquelo ou daquela que a ultraja inflamado pela ira ou pela invoja com palavras duras e grosseiras.

Porque o desprezo é um dos mais tremendos sofredoiros. A pessôa a quem dá-se o desprezo, sofre tanto mais quanto a que sofreu a injustiça.

Tudo isto devido á *Benevolencia*, porque ... tudo avassala, acabando por possuir ... subjugados pela doçura da sua fo...

O amôr

A' amiga Ruda

Ruda! Que seria o mundo sem amôr?

Um gemido, um campo de devastadóra solecade; uma noite infinita, noite de angustia.

E' elle esse bello horisonte da juventude, por onde chegam as illusões, adejando sempre, sob um cèu côr de rosas. O amôr, poésia encantadoira d'alma, deliciosa harmonia da existencia, fragarte essencia do coração, é o premio que a natureza concede á creatura para que possa supportar os desenganos.

Beijo de amôr!

Beijo magnetico, em que uma scincera amiga dá todo seu coração.

Beijo de amôr!

Prazer infindavel, arroubamento delicioso, que envolve duas almas, com laços de flôres, sacia dois corações com todos os perfumes do Oriente.

Tua amiga

Jacy.

As duas amigas

Viviam, em uma aldeia, duas meninas, que se estimavam muito, d'esde tenra edade.

Cresceram, sempre com a mesma amizade, porem os genios transformaram-se e as duas davam-se a incessante questinculas oriundas da inveja, que, occulta, lavrava, no coração de Izabel, contra Anna conquistada pelo amôr de um joven official de nossa armada, então na localidade, em gozo de licença.

Anna, dotada de um coração bondoso, não nutria o mesquinho odio, que germinava no de sua amiga, a seu respeito. Em reversa, um dia, junto a uma janella, que dava para o mar, Anna divulgou, ao longe, uma pequena embarcação, que demandava ao porto, para receber, em seu bordo, o joven official.

Banhada em lagrimas, desmaiou, nos braços de sua falsa amiga, que prevalecendo-se do facto, correu, em busca de um copo com agua, a que ministrou um toxico, offerecendo-o a Anna, que, momento depois expirava.

Consumado o maior dos dezejos de Izabel, o remorso a perseguiu atrozmente.

Hoje vive ella percorrendo as ruas da aldeia, louca e ultrajada, por todos, recebendo assim o justo castigo de seu hediondo crime!

Maranhão, 13 de Maio de 1916

Zante.

Abaixo transcrevemos, conforme prometemos no numero antecedente, o soneto dedicado ao Dr. Oscar Galvão, no dia de seu aniversario, pelo professor Domingos Machado, seguindo-se o que foi por si recitado.

Ao Dr. Oscar Galvão

Nas sidereas regiões,
Ha corpos, por si, brilhantes
E que vividos clarões
Emittem, bellos, constantes.

E' sua a luz derramada
A' farta, no espaço infindo,
Amplidão illuminada,
Um ceu d'anil, sempre lindo

Porem outros, numerosos,
Reflectem luz emprestada,
Ostentando-a vistosos

[illegible], pouco ou nada.

D. Machado.

ECCE HOMO

"A Joaquim Serra"

Eripuit coelo fulmen sceptramque tyranni

TURGOT

Quando elle emmudeceu... fatalidade!
Dardo acerado penetrou no peito
Herculeo da Nação;
Noite fechada propagou se intensa
Por sobre o coração da tribu immensa
Da negra—Escravidão.

Lutador elle dorme descançado
Sobre os louros virentes de um passado
Pejado de affliçção;
Heroe—era o seu livro o campo de batalha
Tinha a penna auri-verde—por metralha
Por tenda - Abolição.

Quando elle adormeceu todas as lyras
De crepe engrinaldadas o saudades
Partirão-se de dôr;
A natureza compungida chora
O sol, a flôr, o mar, tudo deplora
O grande—Lidador.

Quando a grande avalanche do progresso,
Sacode o pó da juba do regresso
Da torpe humanidade;
Elle emboca o jornal enorme tromba,
Enrista a penna arremessando bomba
Em prol da—liberdade.

De nada valem mais, valem gemidos,
Nem soluços, nem prantos comprimidos
C'o'a penna scintillante.
Quando uma raça se extorce d'agonia
Maranhão qual Medeia trípudia!
Miseravel—Bacchante!

Nem um goivo, uma roza, uma saudade,
Nem singela corôa de amizade
Depoz o Maranhão;
Lôba—que o leite transformara em fel,
Que abraçando Caim, despresa Abel,
Fóco de ingratidão.

Qu'importa o mundo?! Branca borboleta,
Saturno immenso, tetrico cometa
Resplendente de luz;
Campeia o crime a fronte desgrenhada,
Dorme a virtude o somno enxovalhada
Nos braços de uma cruz.

Quando elle emmudeceu... fatalidade!
Dardo acerado penetrou no peito
Herculeo da Nação;
Noite fechada propagou-se intensa
Por sobre o coração da tribu immensa
Da negra—Escravidão.

Dr. Oscar Galvão.

LAÇADAS...

Maio!

Eis que surje Maio, trazendo os seus primeiros alvores tristonhos, nublados e frios.

As primeiras rajadas de vento correm pela cidade, [illegible] farfalhar as folhas das arvores das nossas ruas e [illegible]

doiras praças. Dos ramos dos arvoredos cáem as ultimas gotas de chuva.

Do lado do nacente, ainda sob a escuridão produzida pela chuva, que caira durante a noite, via-se o despontar do crepusculo, observando-se as negras nuvens de chuva que se iam pouco a pouco esparjindo pelos ventos.

Foi esse um dos belos panoramas que nos foram fornecidos, á observação, nos primeiros dias do mez das flôres, ou melhor, ao mez que sintetiza as flôres.

Todos adoram este mez devido a tudo parecer mais sorridente!

Eis como se expressava o nosso infeliz conterraneo de saudosa memoria, Maranhão Sobrinho, que tão cédo foi arrebatado pelas malignas garras da morte:

Maio no campo

Ri-se a manhã no vasto céu aberto!
Doiram-se os ramos, doiram-se os caminhos...
C passarédo gárrulo, desperto,
Borda canções, macias como arminhos...

Vaga no espaço um morbido concerto
De perfumadas vozes e carinhos...
Um vasis de luz no céu deserto,
Enche de vida o coraçãs dos ninhos!

Maio, poiso de amôr, vibrante e loiro,
Gorgeia. O sol, as flammulas soltando,
Galga do espaço a escadaria de oiro!

Passam, cantantes, pelo espaço em fóra,
Azas, como se fossem regressando,
As derradeiras illusões da aurora!

Os leitores já devem ter apreciado o desaparecer deste brilhante astro que se chama sol, no mez de Maio. Em todo o caso eu vos vou narrar o que vi numa dessas belas e encantadoiras tardes. O sol começava a se engolfar na brilhante e gigantesca orla do horizonte, ouvindo-se ao longe sobresair-se do burburinho da cidade o repicar alegre das Ave-Maria, anunciando, assim, o terminio do dia. Dai a momentos, do lado opposto ao que o sol se escondera, aparecia a lua com a sua delicada luz, sob a sua palidez, sem brilho, e completamente cercado de estrelas...

Finalizo a minha apreciação sobre as belezas do mez de Maio, saudando-o e aguardando a sua breve chegada no proximo 1917.

Eu te saúdo bemdito mez de caricias!!!

Asdrubal

O exercicio fizico

Para o desenvolvimento harmonico dos nossos orgãos é de grande necessidade o exercicio fizico.

Deve satisfazer o homem a vontade da natureza, isto é, procurar por diferentes meios estar sempre de acôrdo com ela, observando as leis que ela lhe dita. Porque todo aquelo que se afasta por completo dos limites traçados por ela, soffre, luta contra a serie de obstaculos que se lhe antepõem, durante o seu periodo da vida. E para que tal cousa nunca aconteça, ele deve procurar sempre, mas sempre, ajir de modo que, tarde ou cedo, venha a soffrer as consequencias de cauzas que ele bem podia evitar.

E' por meio da ginastica que todo o nosso organismo se desenvolve; portanto é ela um grande fatôr do desenvolvimento nosso fizico. Bazeando-nos nas palavras de um pedagogo, que brilhantemente tem ilustrado a cadeira da ciencia de que somos dedicados apostolos, apregoamos, sem medo de errar, que todo o organismo fortifica-se pelo exercicio e atrofia-se pela inercia.

Olhando-se para a antiguidade, vê-se o exercicio tomando parte na civilização dos povos. E, na Grecia antiga, a seleção era excessiva. Nacida a creança, esta soffria um exame e era tão somente do rezultado desse exame que dependia a sua morte ou vida. Explicar-me ei melhor, dizendo, que se a creança apresentasse defeito fizico era posta no abismo, precipitada das culminadas do Taijéto e no caso contario, ela podia crecer.

Havia essa seleção, como uma sorte de lei imposta pela necessidade das naçõis, de terem filhos fortes, robustos, vigorozos, que as defendessem e servissem nas guerras de conquista. A robustez, a ajilidade, a corajem e o heroismo derivavam dos exercicios fizicos e da diciplina severa, auxiliada eficazmente pelo ideal da patria vitorioza e respeitada.

Reis fizeram se admirados pela sua corajem e força.

Correram os tempos e a educação fizica perdeu todos os caracteres da antiga. Mais tarde, renacia a educação fizica, mas não como a forma ideal do atletismo, e sim como salutar medida de hijiene e inspirando-se nessa conformidade nas leis dessa ciencia da fiziologia e anatomia humana.

Adotamos nas escolas a ginastica educativa. Ela dá vigor á intelijencia, á atenção, á sensibilidade, á vontade e aos musculos e ao sistema nervozo.

A ginastica ingleza para ser feita requer grande arena. Podemos dizer que a ginastica ingleza se torna um divertimento e mesmo desenvolve todo o fizico. E notamos muitas vezes, no *foot-ball*, uma grande alegria, não só nos jogadores, como nos assistentes, que em certas ocazions, repetem os gestos que aquelles fazem.

Tem a ginastica sueca por bazo a palestra. E' fundada no civismo a ginastica franceza. A creança educa-se para a patria. As ginasticas ingleza, franceza e sueca, não estão izentas de defeitos. Atualmente foram fundados, na nossa capital, diversos clubs de *foot-ball*. Bôa idéa. Trazem constantemente os jornaes, os rezultados das pelejas travadas. Dia a dia surje mais um club, que vem aumentar o numero dos já existentes. Pelas ruas nota-se que o divertimento do *foot-ball* está tão desenvolvido, que as creanças, encontrando um limão, uma fruta redonda, etc, ensaiam passos, defezas, etc. No momento em que escrevo estas linhas, ouço uma gritaria, que se rezume no seguinte: «olha o passo, olha a extrema direita, tranque, chuta gol!! São alguns rapazes que se divertem, jogando o *foot ball*, tão introduzido no nosso meio.

Ficamos extaziados ao vêr o gesto das sociedades literarias, diante da situação atual. A nicidade deve não só desenvolver o fizico, como o intectual e o moral.

Pois para a educação completa do organismo, torna-se mister o desenvolvimento correlativo do mundo moral e do fizico.

S Luiz,-13-4-916. *José Monteiro.*

Historiando

O homem aparece na Terra aparelhado para desvendar, no decorrer dos tempos, os misterios da natureza.

Ao mesmo tempo que grandes transformações se operam na face do nosso planeta, o homem vai progredindo lentamente, isto é, no ponto de vista espiritual.

A lei bazica, que nos rege, é a da Evolução.

A humanidade obedece aos principios evolutivos e partindo destes principios foi que ela chegou ao periodo mais imponente da nossa historia.

E' o seculo que vivemos o ponto mais auri-fulgente da vida humana.

Depois desta guerra, a humanidade entrará na época de verdadeiro gozo espiritual, e quem gosará melhor essas vantagens de todos os povos, será, sem contestação, o europeu.

A vida apresenta-nos um vasto cenario, com quadros que se desenrolam no evoluir dos tempos.

A vida terrena é uma verdadeira expiação. A humanidade inteira está sujeita aos caprichos da natureza.

Ha momentos de verdadeira felicidade; então o homem pasmado de si mesmo, vê, como uma visão fugaz, desenrolar na sucessão de alguns quadros pequenos traços, o seu desenvolvimento.

A vida no mundo visivel e material é uma [illegible]

Aqui vivemos para cumprir uma missão [illegible] cada individuo tem uma missão a desempenhar, até o mais poteotado da Terra. Ah! que

queles que aqui mantecem como fator de sua orientação, a vaidade e o orgulho. Quando deixarem esta vida irão perante o Deus, cada um de per si, dar contas de seus atos praticados na vida materrial, quaes os beneficios que praticaram.

Não responderão, porque aqui só viveram para a ociosidade. Aqui está bem patentente o que pode ser a vida de um homem, cujo coração nunca se comoveu da infelicidade do proximo. Quantas vezes um indijente estende a sua pobre mão a um rico, e este vira lhe o rosto, com desprezo, e o pobre, resignado segue o seu caminho, e obedecendo a sorte triste que teve, isto é, por nós, materialmente falando, mas lá na vida do Além Tumulo terá uma vida de rozas. Se o pobre e o rico morrem no mesmo dia, poderá este ter a mesma recompensa que aquele? Não. A justiça divina se fosse igual a dos homens, então avida, deste mundo e a do outro seria uma tortura para aqueles que fossem infelizes.

Carlos Eugenio

Tristezas da vida

Longe da terra onde nascera, longe dos cantares alegres dos sábiás que marchetam as palmeiras, as rainhas de folhas que ornam as florestas, onde as flôres nos deliciam o olfato com os seus aromas agradaveis e desconhecidos, onde o vento em contacto com as folhagens se faz ouvir na eterna melodia da languidez, resignada e triste estava Vieira rapagão nascido no sertão do Maranhão, disposto a tudo e a tudo capaz de enfrentar com a sua coragem.

Naquele momento angustioso faltava lhe os seus preciosos dons, porque a miseria dura e a fome rude haviam inutilisado o seu ser robusto; com as faces amareladas de tanto desespero e o corpo alquebrado de trabalhos duros e pesados e com as vestes cheias de remendos que denunciavam a sua miseria, êle triste contemplava estirado na relva morna protegido pela aboboda sombria que os copodos verdes das arvores derramavam sobre o seu corpo, o desmaio tedioso do sol, mergulhando no poente, deixando no céu um grande lago de luz ensanguentado.

Passava nas horas tristes da vida infeliz que levava neste mundo ledoso, e como consolo recordava tambem o passado alegre, quando criança trepava nas arvores da sua terra, e em porfia com os outros meninos de sua idade atravessava a nado os igarapés e com as pequenas canôas de buriti feitas pelo velho Pedro armava as pequeninas velas e soltava-nas nos lagos, deixando-as correr ao sabor do vento norte.

Sonhava talvez com a morte, por quem chamava sempre nos momentos negros da fome, e, desconsolado sem um sorriso de sentimento suave e amigo invejava a sorte das proprias borboletas mais felizes, como um punhado de petalas de rosas atirado pela mão de Deus esvoaçavam satisfeitas posando de flôr em flôr acarinhando-as com os seus mimosos beijos primaveris.

Um dia em que se entretinha nesses pensamentos, fôra assaltado por uma dôr aguda que martirisara o seu miseravel corpo, e julgando já que era chegada a hora de se ir unir com os seus na mansão azul onde repousam as almas bôas, poz os joelhos que apareciam nús pelo rasgão da calça, no tapete de musgo que lhe servia de leito e rompeu nessa oração fervorosa ao pai dos infelizes sem morada: Senhor meu Deus pai dos desgraçados e protetor dos afflitos, olha a minha miseria, condoe-te das minhas dôres; manda com o som da tua voz doce, um lenitivo santo e suave libertar-me deste penar, volvo o teu rosto bondoso olha esta terra pecadora, leva-a com o brilho do teu olhar os infortunios lamentos e podres que a atolam. Ouve-me!... manda a morte me libertar deste castigo tão pesado!... a morte quero a morte! . quero a!... E dizendo assim cahiu de bruços com o corpo amolecido e as faces lavadas pelas lagrimas que refrescavam a pelo abrazada pela febre do so-

guinte depois da luta que seu espirito travara, ela brisa matinal que purificava o ambiente, o a passarada cheia de vida e de encanto enchendo contentamento todo aquele rendilhado de folhagens que parecia um grande cortinado adornando o

Ele então revia o passado feliz que não volta mais, via o presente torturoso, e previa o futuro que haveria de lhe bordar na alma os desenhos mais lindos de felicidade.

Se, nesses pensamentos dolorosos ouvia o canto tristonho e cheio de melancolia de um trovador que ao longe tangia em acordes harmoniosos a sua viola, aí então vinha a saudade dos seus dezoito anos, o quadro colorido da sua mocidade que mostrava os sorrisos de encanto, agora mudo e sombrio como os magestosos ciprestes que ornam os velhos cemiterios mudos.

Então chorava, chorava, e com a voz tremula tambem cantava as sentidas cantigas que cantara em noites de luar aos dezoito anos, para deleitar a dona do seu coração estendida nos macios colchões do leito.

Suntuosos clarões varriam da sua memoria o tormento, e êle sentia novamente o doce doloroso da saudade lhe beijar a alma.

Era a saudade da mocidade!...

Talvez sentisse-a como sentiu-a Garret quando nos seus versos lamentosos a expressou desse modo:

Saudade! gosto amargo de infelizes
Delicioso pungir de acerbo espinho!

Enleiados nos fios cortantes e doirados da saudade, pouco a pouco foi a voz de Vieira esmorecendo e esmorecendo tambem o seu corpo, como o frio da morte a portadora da sua felicidade enviada por Deus que chegava a seu destino!...

F. de Sousa Pinto.

O Funeral

Fez era um pobre velho viuvo, que tinha um filho chamado Can.

Nasceu e creou se em S. Paulo, onde gozava de muita estima e consideração

Um dia mete u se-lhe em cabéça mudar-se para S. Luiz no Maranhão.

Aqui chegando e como fôsse uma alma cheia de mil tristezas hospedou-se em uma pensão, enquanto procurava uma casa no bairro de S. Pantaleão.

Sabia êle, tradicionalmente o son lugubre dos sinos da Igreja desse bairro, a mais proxima da casa Santa

Encontrada a casa, mudou-se ...

Nessa nova habitação procurava viver sempre izolado.

Can, que o acompanhava, fizera já os seus vinte e dois anos, e pediu permissão para se retirar de S. Luiz.

Fêz, consentiu na partida do filho, aconselhando o que não procurasse deter-se em logares cujas comunicações fossem dificeis, porque, como não ignorava e como muita gente costumava dizer, já estava da porta da cozinha para o quintal.

O rapaz prometeu seguir o conselho do seu projenitor.

No mesmo dia do consentimento, Can embarcou, e pelas localidades onde passava e tinha telégrafo, telegrafava ao autor dos seus dias.

Faziam já oitenta e cinco dias, que Fez não tinha noticia do filho, quando, no dia seguinte recebeu uma carta de Can que esquecendo o conselho de seu Pae, instalara residencia em um logar onde não havia telegrafo e o correio só uma vez p mez.

Em virtude disso, o amargurado Pae respondeu a carta filho, censurando o, pela falta do cumprimento do seu co lho, mas, cheia de vida e de alegria.

Dois dias após a partida do correio, que levava a ca Fez para Can, aquele adoeceu gravemente.

Em uma cama, sentia o principio de enfraquecimen luz de seus olhos, outr ora tão vivos e exclamava infin mente: A carta cheia de tanta alegria partiu hontem! o t fo não existe onde o meu Can está e o correio só d aqui te e oito dias.

Começou uma serie conjecturoza de amarguras, sentia que o seu desprecedimento desta vida era inevit

O filho ingrato não cumprira o seu conselho, e recebêra outra carta, seria a portadora da noticia d lecimento!

Nesse mesmo dia, por um sentimento involuntario, Can resolvia regressar a S. Luiz e immediatamente pôz-se em caminho.

Parecia que adivinhava!

Dia a dia, mais se agravava o estado de Fez: quando, na vespera da chegada de Can, a morte o surprendeu, justamente uma hora em que S. Pantaleão esparjia os seus gemidos funerios infinitamente tristes.

Eu assistia a todo esse espetaculo de interminavel dôr, porque sou visinho de São Pantaleão e minha alma sente se feliz, quando pode viver entre os tristes.

No dia seguinte chegou Can, que trazia o rôsto transformado em constranjimento e ao aproximar-se de casa, ouvia São Pantaleão, seguidamente e de quando em quando fazer: Blan..... Blan..... Blan.....; era o son do pesadêlo de um coração que sente aproximar-se o dilaceramento.

A cada uma dessas pancadas, as lagrimas deciam-lhe dos olhos

Parecia ter ciencia do falecimento do Pae, que em caza jazia em camara ardente.

Entrando, foi surprecndido por esse quadro de luto e exterminio para sua alma.

Ajoelhou-se aos pés do velho Pae, beijou-o, e resolveu seguil-o.

Não mais se levantou.

As pessôas prezentes correram para êle.

Can tinha falecido nesse momento.

Nesse mesmo dia sepultaram-se os dois.

Pobre Fez e pobre Can, por cujas memorias depozito uma corôa de saudades.

S. Luiz. *Jota Va.*

Viajem de recreio ao Rozario

Eram 11 horas do dia 13 de maio. O "Barão de Grajahú", apitando amiudadamente, chamava os passajeiros. O vento, que lentamente soprova, prometia bôa viajem aos que iam levar a N. S. padroeira dessa cidade, chegada ha dias do Rio, onde fôra se encarnar.

Soltando grossos maços de fumo e prolongados apitos, dava o vapor o sinal da partida.

Eu e alguns companheiros fomos os ultimos a embarcar.

A's 11 e 45 partimos.

Impelido pelas suas possantes rodas, pouco a pouco, foi deixando este porto o Barão, que, sereno, cortava a tranquila bahia de S. Marcos, em demanda ao tão temido Boqueirão.

Foi este o trecho mais belo da viajem; pois em vez das alterozas vagas de sempre, encontramos calmas mareias, que, submissas, vinham beijar o vapor, como em homenajem á santa. Indescritivel era a alegria que reinava a bordo, contribuindo muito para isso a afabilidade á todos dispensada pelo comandante Sr. Egidio Viana.

Passamos a cachoeira de Vera—Cruz, com a maré ainda bem alta.

Ao chegarmos na Bôa-Vista, muitos igarités, cobertos de bandeirolas multicôres e trazendo muitas pessôas e duas bandas de musica, vieram ao nosso encontro.

Nesse momento, numerozos foguetes troaram no ar. Depois das bandas e todo pessoal abordo, deu o vapor reboque aos igarités, formando-se assim um encantador séquito maritimo, que, entre as ruidozas saudações do povo, seguiu vagarosamente até ao porto da cidade, onde compacta multidão, na rampa, aguardava a chegada da santa, que foi transportada para a igreja, ricamente enfeitada, no meio da maior alegria dos rosarienses.

A' noite houve bailes, onde muito se divertiram os romeiros.

Pela manhã, o baptisado da santa, seguido de uma missa cantada, e, depois, uma eloquente pratica do conego Chaves, que a todos causou bôa impressão.

Até antes de sahirmos, grande era a animação que reinava na cidade. A's 16 horas começou o vapor a apitar, ruidosamente, chamando os passajeiros.

15 minutos depois partimos.

Foi um bater delirante de lenços e chapeus, nesse momento. Comquanto os passageiros se mostrassem contentes, lia se todavia, em todos os rostos um mixto de algria e saudade; pois se tivessem transferido a viajem para ás 4 horas da manhã, como queria a maior parte dos passajeiros, então mais agradavel teria sido essa festa.

No entanto optimas foram as impressões que trouxe desse inesquecivel (não sei se para todos) recreio.

A mesma felicidade da ida tivemos na volta; sempre tranquilamente caminhando, chegou o Barão a este porto ás 23 horas e 15 minutos.

Antonio Joaquim

Horas do crepusculo

(No sertão)

São horas do crepusculo. Cançado
O dia vae, saudoso, se escondendo...
E, em mim, uma tristesa vem crecendo,
Quanto mais scismo em dias do passado!

Horas de crenças... Triste e psalmisado
Um manto negro á térra vem descendo...
E as cantigas das tardes vão morrendo,
Emquanto abrigo vae buscando o gado.

Paira um murmúrio em tudo... A Naturesa,
Nestas horas de mágoas e tristesa,
Por sobre tudo o seu silencio espalma!...

E em mim tambem, aqui neste momento,
Sem ti, que és minha gloria e meu tormento,
Um crepusculo eu sinto dentro d'alma!

S. Luiz—916

Clemente Guêdes

Na embriaguez da edade

(Conclusão)

Terminada a ginastica, correu Franco, como um louco a ver se encontrava um dos seus amigos.

Por fim achou o Henrique e lhe disse:

—Sabes Henrique? conquistei a flôr das liceistas.

O Henrique, ficara perplexo ao ouvir tal confissão do seu colega, pois nunca de amores lhe falara; fitando-o depois, lhe perguntou:

—Quem é?

—Ah! quem é?

Uma beleza, uma Cleopatra.

—Bem sei meu Franco, que não ias perder o teu rico tempo namorando uma.. ..

Dize-me agora, como se chama.

—Sim, é verdade não disse ainda: chama se Celia.

—Oh! tens razão em estar como doido, eu a conheço e a verdade é bela.

III

Quanto se enganava o estudante com a diva a quem denominava Cleopatra e a quem de corpo e alma se escravizara pensando que por si morresse um dia se preciso fosse.

Um mez passou sem que o Franco por tal desse.

Passava as horas, que dantes junto aos livros passava, ao lado a sua deuza, trocando as mais ferverosas juras de amôr eterno.

Mas tudo neste mundo é uma quimera.

Levanta-se um dia no peito da bela e perfidora Celia, um vendaval, que do roldão leva as mais santas venturas do pobre estudante.

Celia, sedenta de amôres novos partiu, deixando o infeliz Franco entregue ás suas excruciantes lembranças.

Quando o Franco reappareceu ao seu leal amigo Henrique, já estava outro; suas relações com o «magister mutesa» tinham sido reatadas, da sua alma tambem, já se esvaira a ultima molecula daquelle amor, que a todos nós é muito peculiar, quando chegamos aos dezeseis annos, época em que tudo embriaga, encanta e fascina por mais frivolo que seja.

Francisco Santos.

Historia de Zama

(Conclusão)

«Assim os dias se succediam, sem que houvesse algo, que nos viesse perturbar o nosso socego.»

"Finalmente,chegamos á uma grande cidade, isto é,depois de termos atravéssado diversas outras menores, todas pertencentes, como vim saber depois, ao grande Imperio Allemão;mas como ia dizendo, quando chegamos a esta grande cidade, a qual era Berlim, fomos para um hotel onde passamos uma semana.

"Durante este tempo, o moço que acompanhava a jovem e que era seu marido, recebia visitas de quase todos os officiaes allemães, dentre estas, uma do proprio Imperador. Eu via tudo aquillo, mas nada compreendia, pois, não sabia lêr nem falar o allemão, meu interprete, porém, tudo me explicava e com tanto orgulho que ainda me parece vel-o neste momento.

"Continuamos em seguida, a nossa viagem pelo caminho de ferro passando, ainda, por muitas cidades allemães e entramos na Belgica.

"Ahi demoramo-nos apenas quatro dias proseguindo á nossa derrota até aqui na historica França, que foi o termo de *tão grande viagem*.

Muitas cousas se passaram da Belgica á França, todavia o meu espirito de criança não poude conserval-as, de que ainda me lembro bem, são dos dias que tenho passado desde a minha chegada, até hoje...

"Assim que neste *palacête* nos alojamos "meu pae", como o chamava, foi, depois de alguns dias, tratar um colegio para mim.

Tinha muita vontade de instruir-me, pois, o meu interprete me levava sempre á "Bibliotheca", mostrava-me os livros que lá estavam, dizendo-me que tudo aquillo era meu, mas para que eu soubesse o que elles diziam, tornava-se necessario aprender a lêr.

"Ora,calculem o dezejo que eu tinha de estudar e foi com afan,que agarrei os primeiros livros que "meu pae" me trouxera.

"Não sabendo quase nada do francez, o meu amigo Joseph escrevia num caderno o siguificado da palavra franceza em minha lingua e assim no decorrer do meu primeiro anno escolar, já comprecndia o francez soffrivelmente

Seis annos depois terminei o curso primario. Passei então, para o secundario de onde sai, após cinco annos, entrando, em seguida, para a ACADEMIA DE MEDICINA, onde me formei.

"Como,por intermedio de "meu pae," fosse bastante conhecido,fui nomeado chefe superior da *Repartição Central de policia* de Paris...

Vinte e dois annos se passaram desde que parti d'entre vós...Sou o que nunca esperei ser.. Era para viver sempre feliz, descuidoso e alegre, mas pelo contrario, uma nuvem de melancholia, toldava o meu cérebro, lembrava-me de vós, tinha o presentimento de que vivieis, desejava vos encontrar e finalmente vos encontrei.. Agora, posso desfrutar a minha fortuna convosco... A unica cousa,porém,que me entristece ainda, é de não ter presente, neste momento, minha mãe e aquelles que me criaram e educaram...

—Onde estão os teus protetores, Zama?

—Juntos com minha mãe, no ceu, querido pae, respondeu elle, levantando se e dando por terminada a sua historia

18—2—1916—Maurigusséú

O seu leque

...Findo o baile, deixou o sobre a mesa...
Quanto transtorno causa o esquecimento!...
Segredos que ella tinha na certeza
ninguem saber, eu soube os num momento!

Li até, no seu leque, um pensamento
chamando-me de falso... e,com fraqueza,
muita graça eu achei no atrevimento,
se bem que é do ciume esta afoiteza!

Depois.. alguem lhe disse que o thesouro,
que eu digo ter achado, é um leque de ouro
com uns bellos segredos de mulher...

Desde ahi que se mostra jubilada...
Mas se quere lh'o dar, diz arrufada:
—O senhor dá o leque se quizer!...

S. Luiz. *E. Polery.*

A SECCA

Esse terrivel flagelo assolou alguns Estados do norte.

Sol sempre ardente e ausencia absoluta de chuva deram-lhe causa: Seccaram os mananciaes, fugiram as aguas dos rios e os campos queimaram se pelos ardores continuos da canicula.

Em consequencia faltou, a principio, alimentação para os animaes e depois para a população que emigram do Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, para o sul do paiz.

O Ceará soffreu muito, não havendo exagero nas scenas descriptas na poesia por Guerra Junqueiro nem nos de um folhêto destribuido o anno passado por um poéta indigena.

Dizem que os abastados viam-se na contingencia de despedir o emigrante até pelo silencio para poder guardar por mais dias as suas reservas, já reduzidissimas.

As arvores, como esqueleto, não davam mais sombras, cahindo até as folhas dos joazeiros.

A seca é tristissima:não se vê mais um passaro—nem aves e nem animaes.

A alegria, o riso desappareceram para dar logar a dôr, ao martyrio.

Deus já teve compaixão e já fez cahir o maná do céo, que é a chuva.

Chegou o inverno e em breve virá a abundancia e fartura.

F. Falcão Costa.

O castigo do avarento

«O justo paga pelo pecador».

Em New York, existia,em alguns tempos, um homem rico, mas muito avarento, que tinha era a mulher e um casal de filhos.

O homem chamava-se Roberto, sua mulher Regina e seus filhos, um,Alberto e outro Jane.

Roberto, como já disse, era muito avarento; não fazia caridade á pessoa alguma, não dava esmolas.. e nunca, não tinha coragem para tirar duas ou tres moedas de prata, para fazer o passadio.

Estando um dia Roberto, sua mulher e seus filhos, sentados á porta de sua casa, appareceu uma mulher pedindo lhes esmola.

Roberto bastante indignado com o pedido da pobre mulher levantou se e expulsou a para longe de sua casa.

A pobre, então, antes de se retirar, rogou-lhe uma grande praga.

Passados muitos annos, Roberto cada vez mais prosperava em seus negocios.

Entretanto, continuava cada vez mais miseravel, egoista, passando até dias inteiros sem comer.

Um dia tornou a aparecer á porta, pedindo esmola, a pobre velhinha, que, anos atraz, pedira nessa mesma caza, e fora expulsa pelo dono, para longe.

Roberto, furioso, por não gostar que lhe pedissem nada, e mesmo não mais lembrando-se dos dizeres atraz, da pobre esmolante, arremeçou um chinelo que tinha nos pés, sobre o rosto da infeliz.

Esta retirou-se, dizendo: «d'aqui a quinze dias verás,» e levou comsigo o chinello.

Eram passados os quinze dias, quando morreu mizeravelmente Regina.

Dias depois morreram queimados por um incendio Alberto [illegible] ficando só Roberto.

[illegible] depois da morte dos filhos, Roberto começou a sentir-se muito mal, pois seus predios, seus armazens e seus navios, começaram a incendiar se.

Um dia, quando Roberto já de cama, e morrendo á fome, entrou a esmolante de outr'ora e pergunta-lhe: «Tens fome mizeravel?»

Roberto reconheceu a sua interrogante, mas não teve outro jeito se não confessar que tinha fome.

Então vendo-a o que comer, prosegain a scalher, tirando em seguida dos seios, o chinello que Roberto lhe havia atirado no rosto.

Aproximou-se d'uma meza, tirando de cima desta uma faca, e póz-se a cortar o chinelo.

Depois de cortado aos pedacinhos, dirigiu-se a Roberto, e disse-lhe: «Aqui está a tua comida, que me mandaste guardar». Caso não comas isto, morrerás mizeravelmente. E depois de dizer isto, sahiu.

Roberto sem o que comer, e o que bebêr, dias depois jazia sobre a cama. Era o cadaver.

Tinha morrido, depois de sofrer horrivelmente, para pagar as suas mizerias, acarretadas por ambições e perversidades.

N. P. Silva.

TRAÇOS

E' esta a primeira cronica que escrevo. E leval-a assim, sem [illegible] ao teu paladar, leitor, se não é uma afoiteza de [illegible] oragem em me expor á furia com que, sem respeinem fraque, te atiras contra o proximo.

Vê lá tu, que entendes da *coisa*, se isto te agrada ou se iza ser vazado em um melhor cadinho, e falla mas falla de o que eu entenda a impressão que sentires, e não te incoes com quem escreve. Eu estarei perto de ti para saber se om de lingua.

Se má fôr a impressão, não julgues que receio das tuas etas ou do rizo contra gosto que vem a dar no mesmo. Se [illegible] bôa, fica para mim (modestia a parte) o rizo de regalo, e assim não has de rir para mim ou de mim, que é o mais certo, se o despeito te levar de vencida, ao aprovares no intimo o que exteriormente negares com uma gargalhada. Descontio que, por mais que eu faça, tu terás sempre de que te queixar.

Eu queria escrever uma coisa que te espantasse, queria uma cronica que produzisse estrondo, uma coisa que... brilhasse, ainda que fosse preta. Será isto possivel?... Pode ser. Talvez eu, um dia, consiga fazer fulgurar o que é escuro.

Os meus calculos, todos, pendem, para o lado do possivel.

A agua do Rio Negro, por exemplo, no copo não é branca?.

A cinza do charuto não é muito diferente do fumo, que o [illegible]tor...

O assucar escuro e sujo, com meia duzia de mexidelas não [illegible] alvo que é um gosto?...

Que mais exemplos quero eu, neste manancial de possibilidades?...

Tudo, neste globo, dizia-me um velho, é possivel.

A impossibilidade, acrescentava ele, só existe para [illegible] pensa nela.

Tinha razão o velho. Enriquecera da noite para o dia o que não creio, neste ponto, é que, só em pensar na possibilidade de obter dinheiro, este lhe viesse ás mãos...

Ora, sendo assim, se tudo é possivel, é facil em comentarios sobre esta cronica, sem ninguem pensar precizo. Ouço a resposta que eu desejo, sem ser esperchamado Dão-m'a sem eu pedir e quem m'a dar não é a mim que a está dando.

Coloco-me perto de um sujeito que tenha a «Revista ranhense» nas mãos. Ele não me conhece, nem eu a ele não importa, fico eu conhecendo-o depois, e é o que has a me desconhecer sempre, e é o que eu quero. Bem o que ele diz de bom ou de mau a meu respeito saio me gloriando de que aquilo a que a esperteza to, nada mais dá neste mundo!

Para obter tudo isto, leitor – vê só o que é a —, não precizo de muita couza: é bastante mudar nesta cronica e assinar assim:

O MEZ SOCIAL

Aniversarios

No dia 10 de Maio — A distinta quartanista do ranhense, Maria Lira Pessôa.

Esta nossa colaboradora foi alvo de uma manifemovida pelas suas colegas do quarto ano.

A's 19 1/2 horas, achando-se presente grande numero sôas, a aplicada aluna do quarto ano, Nair Pinheiro, fez simo discurso, em que enalteceu as qualidades da anivers

E, como interprete do sentimento das suas colegas, cen-lhe um mimo, em sinal de profunda amizade. A hejeada, em palavras comovidas, agradeceu a oferta, hip do-lhes a sua gratidão. Houve uma *soirée* dansante, que nou alta madrugada. Seria uma ingratidão, se aqui não fa mos da maneira cativante com que a familia Lira tratou os presentes.

Nós da «Revista Maranhense», enviamos á nossa colabor dora, a senhorita Maria Lira Pessôa, e aos que lhe são caros, nossas efuzivas saudações pelo passar de tão grandioza data.

No dia 17 — O sr. Antonio da Costa Ribeiro, primeiro Tenente da Guarda Nacional, cunhado do nosso incansavel gerente João Vicente de Abreu.

No dia 19 — A nossa colaboradora Aracéa Fernandes, a tão valioso concurso nos tem prestado. Aluna que é do Liceu ranhense, tem sabido sempre distinguir-se com brilhantismo entre as suas colegas de estudo. Em a sua residencia, compareceram muitas das suas colegas, que provaram quanto é ela estimada no meio em que vive. Os seus esforços empregados em prol da nossa Revista são reconhecidos.

Não encontramos palavras com que possamos expressar a grande alegria que experimentamos ao vermos o passar de uma das pajinas mais brilhantes do seu livro da vida.

Enviamos á sua familia os nossos sinceros parabens, desejando que, com o mesmo prazer, todos os anos, celebrem a sajem dessa data.

No dia 21 — A exma sra. d. Alaira Pedrozo de Ribeiro, espôza do primeiro Tenente Antonio da Costa Ri

No dia 24—A senhorita Zenaide de Deus Prado;
O sr. Hercules da Silva Caldas, guarda livros do Banco do ...hão, progenitor do nosso companheiro Astrolabio Caldas.
...o dia 25—A senhorita Olivia Soares da Silva.
...o dia 28—A virtuoza senhora Emilia Pedrozo de Abreu, ...a do sr. João Guilherme de Abreu, pae do nosso compa... Vicente de Abreu.

Viajantes.

FRANCISCO SANTOS

...n destino á Capital Federal, onde vae iniciar os seus es... pharia, seguiu, no dia 27 do março, este nosso dis... ente colaborador.
...os o cartão de despedida que nos foi enviado, e ...e um brilhante porvir na sua carreira predileta.

HENRIQUE GUIMARÃES

...com destino á Capital Federal, onde vae iniciar os ...edicos, seguin, no dia 2 de abril, este nosso colabo... do corpo redacional desta Revista, sendo ...balham pelo seu progresso, e onde publica ... producções poeticas.
...mos as suas despedidas, desejando-lhe que seja ...ambicionada carreira.

D. DOLÔRES RIBEIRO TAVARES

...anhada de seu exm. espôzo, sr. Nemrod Ney Tava... no dia 18 do corrente, para Buriti, onde vae ocupar ...e professora d'aquela cidade, esta nossa esforçadis... o.
...spiciamos, que tivessem tido bôa viajem.

PORTISA LAURA ROSA

...guiu para a cidade de Caxias a nossa esforçadissima ...e distinta colaboradora professora, d. Laura Rosa, que ...assumir a cadeira majisterial que está sob a sua compo...

D. JOSEFA AMAZONAS

...seguiu para o Axixá, em principios deste mez, a distinta ...dossora d. Josefa Amazonas, que se achava aqui em gozo de ...nça.
A' nossa esforçadissima ajente e colaboradora auspeciamos ...e tivesse bôa viajem.

Falecimentos.

FERNANDO F. GUIMARÃES

E' com bastante pezar que rejistamos o falecimento do sr Fernando Ferreira Guimarães, ocorrido no dia 27 de março na ...idade de Amarante, Estado do Piauhi.
O finado era irmão do nosso digno colaborador Paulo Fer... ira Guimarães, atualmente em Amarante, e do sr. Benedito ...eira Guimarães, aos quaes, bem como á sua exma. familia, ...mos os nossos sentidos pezames.

FRANCISCO GUIMARÃES

...leceu no dia 13 do corrente, nesta capital, o joven Fran... Amaral Guimarães, filho do sr. José Guimarães.

A' familia enlutada, enviamos os nossos sentidos pezames por tão lamentoza perda.

RAIMUNDO S. MARTINS

Depois de longos sofrimentos, faleceu, nesta capital, o sr. Raimundo de Souza Martins. O finado, que era funccionario publico apozentado do Tezouro do Estado, deixa grande numero de amigos.
A' familia enlutada enviamos os nossos pezames.

Enigmas

I

Qual é o nome do quadrupede, que se tirando a primeira e ultima letras, se torna um liquido?

II

Qual é a planta medicinal, cujo nome se forma com trez consoantes e trez vogaes?

III

Qual é a ave brazileira, cujo nome começa pelo de uma fruta e termina por um adverbio em francez?

IV

Qual é a planta medicinal, brazileira, cujo nome é formado por dois adverbios e um substantivo?

V

Qual é a ilha brazileira, que se a ultima letra trocarmos fica tambem uma palmeira brazileira?

VI

Qual é o animal brazileiro, cujo nome é forma... brinquedo e um adverbio?

Do Sr. Domingos Perdigão, diretor da Bibliotec... co deste Estado, recebemos o... ofício em que nos pede a ...messa de uma coleção da «Revista Maranhense», bem ass... informações sobre a fundação da mesma, dos seus redatores e colaboradores.

Aquiescendo a tão justo pedido, faremos a remessa dos numeros da nossa revista, já publicados, e, gostosamente, enviamos os dados que julgarmos necessarios para a sua obra bibliografica, da qual, certamente, conseguirá ver satisfeito e recompensado esse seu trabalho.

O Sr. Domingos Perdigão, que tão dignamente exerce as funcções de diretor da nossa Bibliotec..., merece os mais francos aplauzos, por mais esse trabalho meritorio que presta á ...terra.

Agradecemos, penhoradissimos, a remessa do folheto q... nos enviou.

Por falta de espaço deixa de sair a conferencia do profe... sor Nascimento de Moraes, realizada no dia 18 do mez, ...sede do Centro Operariado Maranhense, a qual sairá no ...ximo numero.

ANO 1 — NUMERO 4

S. Luiz do Maranhão---Junho de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

ASSINATURAS

Anual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Semestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Fulgencio Pinto
José Monteiro
Francisco Figueiredo.

GERENTE

Mauricio da Costa Furtado, interino.

TEZOUREIRO

Nestor da Paixão e Silva, interino.

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, Francisco Figueredo, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Nei Nunes, Francisco Santos, Francisco F. Costa e Manoel Fernandes.

Socias colaboradôras

Aracéa Fernandes, Brazilina Abreu, Corina Caldas, Altiva Smith, Nair Pinheiro, Jezulia Costa, Joselia Amazonas, Alcerinda Rodrigues, Zuleido Bogéa, Maria Pessôa, Nizoca Nunes, Rita M. da Silva, Silvia Castro, Izabel Araujo e Maria Moraes.

Agentes no interior e exterior do Estado

Caxias - Professora Laura Rosa.
Acary - Professora Jezulia Machado Costa.
Icatú - Professora Joselia Amazonas.
Barrti - Professora Delôres da Costa R. Tavares.
Rozario - Professora Laura Souza e Nicéa Paulina Coelho.
Chapadinha - Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina - Conterrâneo Benjamin Carvalho.
Alcantara - Professora Filomena Angela da Cruz.
Caxuxapó - Telegrafista João G. de Abreu, filho.
Pedreiras - Prof. Acilolina Sampaio Guimarães.
Pesqueira - Senhorita Izabel Rosa de Araujo.
Brejo - Professora Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará) - Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho - Prof. Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer - Professora Ana Francisca Alves da Mota.
Vila de Morros - Prof. Adalgisa Costa Poças.

Expediente

Vales postaes ou registrados, devem ser dirigidos ao Sr. Tezoureiro.

Outras correspondencia sao Sr. Gerente.

As assinaturas poderão começar em qualquer tempo, terminando, porém, em Junho o Dezembro.

SUMARIO

Dr. Herculano Parga — Redação
Um homem que tem sido util a um povo — Nogueira Coêlho
O 20 de junho — José Monteiro
Da Patria pela Patria — Zante
A medalha — Avirla
Detalde — E. Polari
Sacrificio de Amor — Poravga
Sonho Bruneo — Zingara
De Luiz Domingues — Redação
A [illegible] — Silvia de Castro
Pequena terrivel — Guerreira
Historia [illegible] — Nestor P. Silva
O 11 de junho — Redação
Credo — Astrolabio Caldas
Visita ao sertão — Clemente Guedes
Dolôres — M. F.
Uma ingratidão — Iara
A guerra — Caulo
O 1.º de maio — Nascimento de Moraes
Solicitadas — Nei Nunes
O mez social — Redação
Enigmas — Redação

ESTADO DO MARANHÃO

Maranhão, --- Junho --- 1916

ANO I

Revista Maranhense

NUM. 4

REVISTA MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Dr. Herculano Parga



Entre amigos, no seio de sua familia, vê transcorrer, hoje, o dia de seu natalicio o dr. Herculano Nina Parga, benemerito Governador do Estado.

A' moda antiga, pela austeridade do carater e simplicidade dos costumes, a figura distinta e cativante do singular politico que ora administra o Estado, desenha-se na tela em que foi projetado pelo merecimento inteletual e capacidade moral comprovada, com o perfeito cunho de sua individualidade civil,a quem não realçaram os brilhos do encargo oficial que lhe foi confiado.

Não houve do elevado posto em que, de presente, se distingue, a nobre compostura com que se exerna e exibe nas ardorezas lides da publica administração do Estado; mas levou-a ele comsigo á proeminencia em que, bizarro, se firma por commetimentos muitos que justa e fielmente lhe aferem das limpas credenciaes havidas num tirocinio escorreito, o valor subido e forte.

O já gasto processo de enxertaria oficiosa, á farta aplicado em casos de raquitismo e cofezamento de inteletualidades mor. bidas teve, agora, mais uma vez, a sua depreciação formal; porque o homem a quem o destino escolheu para superintender no quatriennio a correr o progresso e desenvolvimento do Estado, foi com seguros passos para o cargo que logo e logo ficou servido de um funcionario que lhe não pediu a fisionomia para com o cargo se confundir,mantendo-se á sua custa,imprimindo-lhe,por atos, a sua maneira de ser, moldando-o, arquiteturando-o por seu traçado e construção. O cargo não absorveu o homem, nem esse prestijio lhe apagou o proprio, por que sempre viveu e trabalhou.

O poder não lhe apoucou o tamanho individual, nem lhe deprimiu a robustez do animo, com que tempo antes savia sido reconhecido das hostes puguazes. Superior pela cultura a todas as injunções fascinantes que, infelizmente, acometem a muitos que culminam as posições politicas, ele guarda intatos todos os atributos que lhe cimentaram o favor publico, jcanjoio immenso, que não se sabe si mais pertença ao coração que ao espirito.

Ali, onde se colha, com as tremendas responsabilidades do mando, guarda serena mente, executando com a energia silenciosa que lhe avorgoa, a fisionomia e lhe traceja, com distinção, o caracter, um programa administrativo que se retrata por um *facies* admiravel.

Não lhe ocupa a mente outra idéa senão essa fundamental no funcionario que quer cumprir seu dever. O governo parece, com ele, decahido do esplendor das reprezentações e solenidades oficiaes a que as classes sociaes dão vida pela efuzão moral com que se chocam e entrechocam para o cercarem de prestijio e grandéza.

O mecanismo da publica administração, dirijido pela sua proficiencia e aparelhado a seu modo, surda e mansamente trabalha, propulsando forças que se reunem numa belissima concorrencia de que depeodem a fartura da messes, as cheias cos celeiros, por colheitas abundantes que a todos prodigalisam conforto e satisfação, sendo, simultaneamente, o progresso e a prosperidade da terra nossa estremecida.

A reta que a si traçou,segue-a. Revesto de veludo a firmeza da sua orientação; na cordura de uma condescendencia paciente disfarça a tenacidade de um carater intransijente que não cede de vantajem um palmo aos principios inquinados de má procedencia.

Amando apaixonadamente o passado que o recommenda, a politica não logrou desvia lo da analize profunda dos fatos, do conhecimento intrinseco dos caracteres com que se põe em contato.

Observa e estuda, esmerilha e coordena,e assim procedendo, acautela os interesses do Estado, não consente que se entrave o funcionar metodico do seu governo, guardando á distancia obstaculos inconfessaveis, a vesga ambição dos desorientados e indirijiveis

Pairando sobre todas as praticas do mal intencionados, confundindo a perfidia, evitando a intriga, fechando os ouvidos e pondo trave aos olhos para não ouvir e para não ver a [illegible] lancia arrogante e a basofia' carnavalesca da audacia [illegible] mas absorvente e insaciavel dos homunculos de todo [illegible] o honrado governador do Estado, vai por larga es[illegible] brando horizontes largos, muitas vezes corr[illegible] ficando ora um plano ou projeto já aprov[illegible] de todos, ora um juizo precipitadamente feito [illegible] raro, acontece; esquecendo nuvens da fu[illegible] vencendo carrascos e toleiros de má in[illegible] desaparecidos.

Que a sua atitude não desmereça jamais de conceito publico; que a energia nunca lhe abandone o espirito. Que assim se conserve intanjivel aos maus intuitos, alheio ás insinuações, são os votos que, hoje, dia do seu aniversario natalicio fazemos todos da «Revista Maranhense», em nome da mocidade estudiosa que estima reconhecer os verdadeiros meritos e rejista-los no seu livro aureo.

UM HOMEM QUE TEM SIDO UTIL A UM POVO

O Exm.º Snr. Dr. Herculano Nina Parga, que, em tão pouco tempo de administração, tem sabido impor-se ao respeito, á estima e á gratidão do povo que governa, bem merece a homenajem que, hoje, dia do seu aniversario natalicio, lhe rende o Maranhão.

Patriota, como se tem revelado, cada um dos seus atos é uma lição de civismo, e, como exemplo, bem se pode apontar o seu respeito á liberdade do voto, mostrando que no Maranhão a soberania do povo é uma verdade. Honesto e financeiro bem equilibrado, S. Exc. soube, com muita pericia, reivindicar o credito maranhense, que encontrou agonizante.

Espirito culto e esclarecido, tem procurado difundir a instrução, compreendendo-a como a poderoza alavanca da civilização

Mantendo-se sempre na esfera das suas atribuições, sabe mostrar como entende a harmonia e independencia entre os tres poderes constitucionais.

Sou amigo e correligionario, tambem a minha homenajem.

Maranhão, 20 de junho de 1916.

Nogueira Coelho

O 20 DE JUNHO

E' a data do aniversario natalicio do dr. Herculano Nina Parga, atual governador do Estado.

Como apreciador que sou das suas peregrinas qualidades, tomo tambem parte nesta manifestação acertada, nesta homenajem brotada dos coraçõis daqueles que sabem apreciar as qualidades que ornam uma personalidade.

E como prova do alto reconhecimento, deixo bem explicita nestas linhas as minhas sinceras felicitaçõis, auspiciando que o seu periodo governamental continúe a ser cheio de atos nobilitantes.

José Monteiro

"Da Patria pela Patria"

Eis a diviza de todos os patriotas.

Vou relatar um fato que se deu numa cidade, onde vivia um velho soldado viuvo, que, alquebrado dos anos, recolhera-se a sua pequena morada, o qual trazia em sua companhia o enlevo de sua alma, o seu filho Claudio.

A' noite, o velho contava lhe os grandes epizodios da guerra, e o rapaz sentia uma predileção pela farda, e entuziasmava-se a dizer: *sou patriota de coração.*

Passaram-se anos, sem menor revolução: eis que de repente ... o recrutamento, o Claudio foi um dos sorteados.

...ra o velho foi um abalo esta separação, o para o rapaz ...por se ver separado do seu velho pai, porém o coração ... para seguir, e a dizer: «*o teu dever é este e é tambem ... onde poderás conquistar os meritos*».

...mente o que Claudio obteve, *os grandes meritos e*

...lar paterno, o encontra o pai, já nos ultimos ... que ainda teve o prazer de dizer para seu ... *por teres cumprido o teu dever de patriota, e ... de medalhas, ganhas no campo de batalha*»?

...lho de 1916.

Zante.

A MEDALHA

...le partira para a guerra, a cumprir seu dever de patriota, deixando sua aldeia tão tranquila, a velha mãe extremoza, a noiva lacrimoza e triste.

—Pedro, disse ela, antes de partires, leva esta medalha: possa ela servir de talisman, preservando-te das balas inimigas; contém o meu retrato.

Pedro recebeu-a e retirou-se, porque bem sabia que, se demorasse ali, não teria forças para cumprir seu dever.

Na guerra, bateu-se heroicamente.

Quando se atirava ás fileiras inimigas, ia cégo, abrindo naquela massa de homens o caminho que os ceifadores rasgam, á fouce, em meio de trigaes uberrimos.

Emfim caiu, crivado de balas, moribundo, pedindo a um companheiro, como uma graça suprema, que entregasse á sua noiva a medalha

O companheiro jurou que lhe laria o pedido, e, depois de a ter beijado pela ultima vez, morreu.

Acabada a guerra, o companheiro de Pedro foi a aldeia entregar o que lhe tinha sido confiado.

Não encontrou mais a moça, pois que tinha morrido dois mezes depois da partida do noivo.

Somente a velha mãe, ainda vivia, alimentada pela esperança de tornar a ver o filho, cuja morte ignorava.

O companheiro entregou-lhe a medalha, contando-lhe a morte do filho extremecido, e ela, sem um queixume, sem uma agonia, expirou beijando a medalha, ultima lembrança do heroe.

16-6-916. *Avilla.*

Debalde

Amór! o Bem supremo! a Gloria imorredoura
da vida!... O amór é tudo o que de ti desejo!
mas do meu louco amôr, em holocausto, vejo
que o ten sentir diverso os sonhos me desdoura!

E quanto mais te quero e sofro, busco e almejo,
mais á magua me expõis, ó sombra sedutora!
e punje me no peito, acerba, esmagadora,
a tocante impressão do teu cruel motejo!

Em vez do ceo azul, sereno, do futuro,
a que elevei outr'ora este ideal tão puro,
de amarguras sem fim o meu viver se junca!...

Pudesse eu esquecer te, em meu cismar dorido!
mas o amôr do poéta é um rozeiral florido
de que a alma se extazia e não se esquece nunca!

S. Luiz. *E. Polary.*

SACRIFICIO DE AMOR

A' gentil senhorita Zante.

Na cidade de..., viviam dois jovens, Mario e Alda, que se amavam louca e apaixonadamente.

A vida lhes era tão descuidoza que não sentiam a minima consternação.

Aconteceu, porém, que uma outra joven, por nome Laura, que, de pouco, tinha chegado a esta cidade, travou conhecimento com aquela.

Certo dia, Mario, indo á caza de sua querida Alda, ai encontrou Laura e, cortez, que era, cumprimentou-a, encetando conversação com ela...

...Os dias se vão sucedendo, e Laura vai estreitando mais as suas relações com Mario, que, julgando-a amiga de Alda, tratava-a, sempre, com a mesma polidez. Ela, porém, assim que descobriu o amôr que germinava no peito do moço, pela sua amiga,

deixou nascer no seu a inveja, e quiz amal o tambem... Ele, não percebendo a nuvem negra que se vinha formando no vasto horizonte do seu amôr, continuava a tratar Laura como dantes ..

...O mesmo não se dava com Alda que, impulsionada pela chama que lhe afagava a alma, logo a descortinou...

...O ciume germinou-lhe no peito, e julgando que Mario correspondesse o indigno amôr de sua falsa amiga, ultrajando, assim, o seu, foi se tornando taciturna e indiferente para com ele.

...Não sabendo, ainda, o que acontecia, e notando a metamorfose por que passava aquela que amava tão cegamente, Mario interrogou-a. .

...Ante a sua narração, ficou confuzo e admirado: não teve o que lhe responder, pois dois pensamentos bem diversos se lhe gravaram no cerebro. O primeiro, era como se podia desfazer no carater e na sinceridade de um rapaz, que até aquelo instante se orgulhava de tel-as respeitadas por todos;o segundo, era admirado do drama que se dezenrolava em torno de si, e no qual ele reprezentava o principal papel, sem saber...

. . .

..O tempo não descança. . Ele tambem, não mais descançou. . .

A sua paz fôra perturbada... A sua honra ultrajada por quem amava... O seu amor em jogo... Era necessario por-se em campo; salvar a sua honra, o seu amôr, desmanchar o trama diabolico, a que lhe queria prender aquela que lhe amava, como notára depois, e que ele, agora, despresava, por fim, desaparecer...

...A luta tinha começado. Os inimigos, eram dignos um do outro. Era uma batalha titanica, onde de um lado se lutava pelo caracter e o amor e do outro pela inveja e a infamia...

...Contudo, Alda, cega pela paixão, não via *esta luta de morte* em que se achava empenhado aquele que lhe jurára amor, emquanto vida tivesse;continuava,cada vez mais, taciturna e indiferente, pagando,assim, o *sacrificio de amor* que elle lhe acabava de demonstrar.

Mario, pensa em desaparecer, porque, embora, saia vencedor e volte á abraçar aquela por quem acaba de *sacrificar* o que ha de mais doce – a paz—ela lhe fechará os braços. .

...Amando ele foi feliz, amando, ainda é desgraçado...

1—6=916. *Poranga.*

Sonho branco

Porque vieste ? Porque vieste, trazer de novo a flôr do teu sorrizo ao meu coração, quando a tua lembrança já era esmaecida na minh'alma ?.....

Era a hora do silencio, em que a lua andava a vestir de branco, os homens e as cousas, quando eu descançava das lides diarias, que o meu espirito, desprendido do seu involucro material, encontrou se com o teu, nas rejiões etereas !

Pareceu-me,então, que minh'alma sorria quando esse sonho de ventura a perfumara meigamente !

No teu olhar, transparecia o mesmo anceio que ajitava as fibras do amor.

.....E tu chegaste.....as nossas mãos como que se atraiam, e ficamos assim, longo tempo, olhos nos olhos, almas unidas, corações a bater em unisono !.....

E depois ? E depois, te foste, deixando-me saudoza, e o sangue da minh'alma—as lagrimas rolam brancas pelas minhas faces mais brancas !. .....

Sob o pezo da angustia, despertei ..e procurava no ambiente que me rodeiava, o som da tua voz, eu o eco dos teus passos ! Ninguem... solidão terrivel ! Só eu, com as tuas caras lembranças, mais nitidas do que nunca, despertadas pelo meu vôo fujitivo aos páramos azues ! ..

.....Porque vieste trazer de novo a flôr do teu sorrizo ao meu coração, quando a tua lembrança já era esmaecida em minh'alma?

Zingara.



Dr. Luiz Domingues

Em homenajem ao seu aniversario natalicio, que transcorreu a 11, estampamos o retrato do dr. Luiz Antonio Domingues da Silva, eminente reprezentante do nosso Estado na Camara Federal.

Nome vantajozamente conhecido nas rodas politicas e intelectuais do paiz, o notavel parlamentar honra a terra maranhense no seio da reprezentação nacional.

Lá, onde se reunem intelijencias eleitas, talentos reconhecidos por vasta competencia, comprovada por uma cultura á prova, o seu nome aparece sempre aureolado pelo respeito,pela admiração e pelos aplauzos dos seus pares.

Na tribuna, mede se bizarramente com os que maior nome desfrutam, e nossas polemicas, para honra nossa, nunca o Estado ficou humilhado, nem o parlamentar deprimido

Empenha-se com denodo em todas as questões sérias que se levantam no paiz e que se discutem na Camara; e sempre a sua opinião brilha, demonstrando lhe uma cultura superior.

A mocidade maranhense, cumprimentando-o no dia de hoje, focaliza nêle um dos maranhenses ilustres que servem de muito merecimento a este pedaço da terra brazileira.

Amante da mocidade estudioza, a quem sempre acolheu durante o seu quadrienio goveruamental, amante da instrução publica, a quem den largo dezenvolvimento, é justo que a mocidade maranhense tambem saiba estimal-o, trazendo entre flôres o seu nome.

E' uma obrigação moral, è um dever civico, e é, ao mesmo tempo, uma prova de gratidão.

Devemos todos que nos iniciamos, homenajear aquelles que, do alto, nos reprezentam pelo talento e pelo civismo; devemos significar a nossa satisfação sempre que a oportunidade nos proporcionar defrontar um patricio com o valor do dr. Luiz Domingues.

Por isso, a «Revista Maranhense», em nome da mocidade estudioza do Maranhão, afetuosamente cumprimenta o brilhante tribuno e parlamentar maranhense, dezejando lhe continúe, como até hoje, forte, altivo e sobranceiro no seio da reprezentação nacional, mantendo, com a sua cultura e com os lampejos da sua eloquencia, o nome glorioso e laureado da terra de Gonçalves Dias e João Lisbôa.

A' qui m'entend

E' lei fatal: a luz ficticia dos pirilampos não dura mais do que alguns segundos.

Sentei-me ha pouco, pensativa e triste,
Naquele tronco em que, sentada, um dia,
Mui ternas falas, prazenteira ouvia,
Num doce enlevo a que ninguem reziste !

Castelos d'oiro, os que eu, feliz, fazia,
Ideaes, soberbos, como nunca viste !
Nessa hora, creado que o prazer existe,
Do ceu nas plagas eteraes me via !

Que ardente fé depozitei nas juras
Que ali, comigo, murmuraste em calma,
Esp'ranças dando, sideraes, futuras ! !...

Mas hoje . . . a magua sobre mim se espalma:
Promessas todas de uma vez perjuras,
E estás contente em vitimar minh'alma !

Brejo, 20 de maio de 1916.

Sylvia de Castro.

Pequena terrivel !

Nelcy, a gracioza pequenita, estava vivamente impressionada com as historias do Elvidio . . . Ora, vê só, Nina, aquele rapaz que hontem me ofereceu bonbons na praça do Triel, parece maluco ! — Pois não achas ? Ele muito feio, muito . . . agora deu-lhe na mania viver me chaleirando, e . . . não gosto !

— Vamos, Nelcy ! Você é sempre muito ajuizadazinha, mas ás vezes, é pouco gentil. Para que fala deste modo do Elvidio ?

— Não, maninha, não é falta de gentileza minha, continuou Nelcy, insinuante: eu me zango e tenho razão ! Garanto que se você soubesse o que eu sei . . . Olhe, eu só não conto é porque . . . porque . . . mas, escute, ele é mesmo um disparatado !

— Não, o cazo não foi comigo, mas, acredite, fiquei furioza ! Pois não é que o tal sr. Elvidio mete-se todo a gaiato e arranja sempre umas historias que só mesmo inventadas por uma cachola como a sua ! Tive pena que você não o ouvisse hontem . . . mas, espere, eu vou lhe contar tudo, quer ?

— Sim, conte, eu estou curioza de saber a cauza do sua indignação. Deve ser couza seria ! . . .

— Pois bem, ouça e veja se isto é couza que se ature: Hontem, no baile do Pelt, no intervalo do chá, ele, sempre jatanciozo, contou, em pleno salão, que um seu amigo tivera a pouca sorte de apaixonar-se por uma senhorita muito altiva, que nem siquer um olhar, por compaixão, lhe dispensava. O rapaz, dizia ele, andava quasi maluco, sofrendo os flajelos de Cupido, e, nestas circumstancias, procurou-o, fazendo-lhe a triste confissão dos seus tormentos. O Elvidio aconselhou-o, então, que não desanimasse, e levou-o, em companhia de um outro amigo, á presença da senhorita, que, por fim, consentiu em corresponder aos seus anhelos. Mais tarde . . .

— Ora, Nelcy, essa historia vai lonje e não vejo onde está o crime do Elvidio. Você é uma tola.

— Tola ! Espere, maninha, você não sabe de tudo. O Elvidio contou uma lenga lenga muito comprida e terminou dizendo que o seu apaixonado amigo fôra forçado a empreender uma viajem; passados alguns mezes, a moça, que o amava bastante, estava muito triste, julgando-se esquecida; porque fazia já muito tempo que não tinha cartas do namorado, o que se queixou, chorando, ao Elvidio, e este se propoz para consolar, diz elle, de ocupar ele ou aquele outro rapaz que o acompanhara já uma vez quando fôra com o amigo á casa da moça, o lugar do namorado, até que voltasse e que ela aceitou, não somente um, mas ambos ! Veja você que disparate ! Que coiza sem pé nem cabeça ! Eu fiquei zangada, sim, porque ele podia, se queria ser engraçado, inventar uma historia que não encerrasse tanta maluquice, não era ? Ora essa ! isto é coiza que se ature ? !

— Sim, Nelcy, dê-me um beiio, vejo agora que você tem razão. Mas, se console, porque se ele fez, na sua historia, a mulher, leviana e sem coração, fez o homem, traidor e sem consciencia.

Brejo, 14 de maio de 1916.

Guerreira.

Historia dum moço pobre

CAPITULO I

Na Albania, existia um jòven, que contava apenas dezenove anos de idade.

Roldam, como se chamava este, era orfão de pai e mãe.

Pobre e mizoravel, possuia unicamente um cachorrinho, que acudia por Flague.

Um dia, Roldam, vendo-se sem recursos para se manter, rezolveu ir pelo mundo a fóra, para vêr se conseguia algum meio de vida.

Partiu, levando em sua companhia o cachorrinho, e uma fatia de pão.

Tendo viajado durante o dia, e estando já muito cançado, e lonje da cidade, parou para descançar e comer, em companhia de seu fiel amigo, a fatia de pão que trouxera.

Mas, de subito, viu-se cercado por um grupo de salteadores, que o aprizionaram (julgando que fosse algum caixeiro de cobrança), e levaram para uma caverna proxima, e lá o fecharam em um dos compartimentos subterraneos, com o seu fiel cãozinho.

Tres dias eram passados, quando Roldam viu abrir se a porta de sua prizão, entrando em seguida dois homens, que pareciam ser chefes da quadrilha dos bandidos.

Aproximaram se de Roldam, e um deles o, interrogou: «Tens dinheiro ?...» «Se tens, dá nos», proseguiu o outro.

Roldam, com ares zombeteiros e gestos de desprezo, olhou para o primeiro, e disse-lhe: ainda que os tivesse, não os daria, sem saber em primeiro lugar quem são.

Atrevido !... Grande atrevido, gritou o primeiro, arremessando-se sobre Roldam, enquanto o outro corria, a chamar alguns membros da quadrilha.

Martini, como se chamava o primeiro, rujia como uma féra sobre o pobre rapaz, que já estava quazi sem forças.

Afinal, lembrou-se do seu fiel amigo, que dormia a um canto da caverna, e o chamou — Flague !... Flague !... Acode-me, que estou prestes a ser vencido».

O cachorrinho, que acordara immediatamente, avançou sobre o inimigo, rasgando-lhe uma das pernas da calça, e ferindo-o gravemente.

Roldam, vendo-se só, com o seu salvador, preparou se para se evadir da caverna.

Mas, nessa occazião, entraram Jackson (o carrasco da quadrilha, companheiro de Martini), em companhia dos outros membros da mesma.

— Prendam-no e amordacem-no, gritou ele.

Os bandidos o prenderam e o amordaçaram, levando depois Roldam e seu cachorro para a sala do julgamento.

Horas depois, appareciam diversos bandidos vestidos com longas capas pretas.

Estes eram os juizes que iam condenar o infeliz Roldam, conforme o seu crime.

Dez horas eram passadas, quando terminou o julgamento.

Roldam fôra condenado a cinco annos de trabalhos forçados, em beneficio da «Sociedade Ramo Negro», sendo, porém, proibido de falar com quem quer que fôsse.

1o—6—1916.

(continúa)

Nestor P. Silva.



O 11 de Junho

Esta data lembra um dos nossos brilhantes feitos navais.

A sua passajem, o povo brazileiro pode dizer bem alto para todos ouvirem, que a vitoria alcançada pela sua esquadra, contra o ditador paraguaio, foi tão importante, que os povos cultos não deixaram de enaltecel-a.

Mas tarde, oficiais de nacionalidades diferentes, puzeram em pratica o mesmo grandioso plano dos nossos, no Riachuelo, conseguindo, não só uma, porém diversas vezes, vencer e dominar os seus contrarios.

A batalha do Riachuelo foi uma das mais herois da campanha do Paraguai, e honra portanto a marinha nacional.

Barroso bem soube haver-se, mostrando-se marinheiro denodado, ora transmitindo ordens ao comandante deste ou daquele navio, ora dando corajem aos seus soldados, que valentemente combateram: entre esses bravos, estava o sr. Henrique José Gaspar, terceiro maquinista do *Paraiba*. Pelo que ele fez, nessa ocazião, em defeza do Brazil, merece os maiores dojios.

Quando aquele vapor foi em socorro do *Jequitinhonha*, que havia encalhado acontecen o seguinte: O cabo do *Paraiba* enrolou-se na sua propria helice, de forma que ele são poude navegar. As maquinas pararam e uma parte da tripulação atirou-se ao mar, para ver si conseguia desvencilhal-o; mas improficuo, foram seus esforços. Então o sr. Henrique José Gaspar, descendo ao mar e com auxilio de um formão e um martelo, conseguiu cortal-o. Mas o comandante do *Paraiba* comunicou o ocorrido a Barroso, sem fazer apreciação alguma.

Só mais tarde foi que o ministro soube desse grande ato praticado por esse mecanico, e condecorou-o.

Devemos sempre comemorar datas como esta, e honrar a memoria daquelles que, com unico intuito de defenderem e honrarem a nossa Patria, bateram-se denodadamente!

S. Luiz—20—6—916.

CRENTE...

(Ao poéta Clemente Guedes)

De véo, engrinaldada, ali estavas
Olhando para o altar do Onipotente,
Parecendo-me, assim, que tu rezavas
Por teres o olhar dum penitente.

De momento a momento balbuciavas,
Como quem do pecado está mui crente,
Pedindo ao bom Jesus—assim mostravas—
Desculpas do pecado que inda sente...

Emfim, termina a reza... e mui ancioza,
Por entre o murmurio dos rezantes,
Pareceste surjir mais orgulhoza...

Então notei não vires como dantes,
Trazendo sempre impressa a dulçuroza
Alegria impassivel dos amantes!

S. Luiz. *Astrolabio Caldas.*

Vizita ao sertão

Para a «Revista Maranhense».

Eis-me de volta, aqui, no antigo ninho,
Contemplando estes mundos sertanejos...
Porém como um cançado passarinho,
Sem jamais encontrar os meus dezejos...

Eis-me aqui: foi aqui, neste bercinho
De tanto amor e divinais harpejos,
Onde eu nasci: aqui, que, com carinho,
Recebi de meus paes primeiros beijos!

Eis a floresta, as arvores, as flôres,
O riacho correndo, as multicôres
Borboletas e os pássaros cantando!...

Oh! que tristeza eu sinto me oprimindo,
Da minha infancia que deixei sorrindo,
Do meu passado que encontrei chorando!

Vianna. *Clemente Guedes.*

Dolores

I

Moravam nos arrabaldes de Veletria, numa casa que ficava no centro duma aldeiola, Mario Milton, e sua filha Dolores, a qual era muito bela.

Mas de que servia aquela beleza, se a menina era muito mal educada, tanto que até espancava seu pobre e velho pai!

E não era só isto; desde o seu nascimento que era perversa; nada a incomodava. Quando ia levar a comida a seu pai, era com a maior estupidez. Se o velho queria, dava-lh'a. Se não queria, naquela ocasião, não lh'a dava mais.

O velho sofria, com paciencia, tudo isto; mas, quem estivesse de parte, observaria que não era tanto como diziam. Aquele velho, que parecia ser tão calado, tinha certas ocasiões em que se via todo o seu corpo agitado por um tremor, os olhos brilharem como duas tochas, ouvia-se ele dizer alguma coisa, que parecia ser terrivel, pois não se podiam perceber as palavras, porém, pelo seu todo, era a unica conclusão que se podia tirar.

Passado certo tempo, correu a noticia de que tinha chegado de Roma um principe, o qual ia habitar no lindo «Castelo da Rocha», edificado ha pouco tempo. A noticia era exata. Dahi ha dias, ia o principe para o Castelo.

Como se estava na estação da caça e ele gostasse desse sport, saia, todos os dias, com seu creado predileto, para tal fim.

Um dia, aconteceu passar pela casa de Dolores, justamente na ocasião em que esta se achava na janela.

Ele ficou admirado de sua beleza, mas não deu demonstração do que comsigo se passava. Continuou seu caminho, porém mui pensativo.

Todos os dias, á mesma hora, ele passava por lá, e cumprimentava-a, sorrindo.

Certo dia, de volta ao Castelo, fez uma carta e mandou seu creado entregar em casa de Dolores. Esta, assim que recebeu, abriu-a e leu o seu conteúdo, ficando mui palida; porém esta palidez não durou muito, visto que, d'ahi a momento, retomou a sua calma habitual, mandou o creado entrar e esperal-a um pouco, pois ia responder a carta.

Foi ao seu quarto e, tomando uma caneta, que estava sobre sua secretária, assim respondeu ao madrigal do principe:

Meu caro principe.

Recebi a vossa carta e ciente do seu conteúdo, venho por meio desta, não só agradecer a honra que me dais, como comunicar-vos que aceito o vosso amor, pois, desde os primeiros momentos, em que tive a dita de o ver, amei-o.

Nada mais tendo a dizer; podeis, desde já, dispor desta que vos ama.

Dolores Miltoni.

Depois de ler e relêl-a muitas vezes, meteu-a num envelope, e entregou-a ao creado, que partiu immediatamente.

II

Voltemos, agora, ao Castelo e observemos o que se passou lá, desde a partida do creado até a sua volta.

O principe na torrinha do Castelo, de binoculo em punho, não desfitava a estrada. Ora seu rosto se tornava vermelho, os olhos brilhavam, dizia palavras incoerentes, andava de um lado para outro, com um inquietamento, sempre crescente, puchava o relogio e começava a contar os minutos. Depois, continuava o seu monologo. «Que demora!... Não vem mais!... Que estará fazendo!...» E assim levaria o dia inteiro, se não chegasse á janela e assestando o binoculo para a estrada, não divulgasse um vultozinho, que, ao longe, vinha e que ao perceber-o, exclamasse: «Até que enfim!...» E começou, então a seguil-o, com a vista, mui atentamente.

Finalmente largou o binoculo e desceu as escadas, com tamanha ligeireza, que parecia voar.

Ao chegar no portão, foi logo perguntando ao creado, que tambem chegára, naquele momento, pela resposta, o que este respondeu, entregando-lhe uma carta.

(Continúa)

M. F.

Uma ingratidão

Para o prezado amigo José de Ribamar Pinheiro

O dia era suave e tepido.

As casas que ornavam aquela rua vasta, vestiam-se de um verde esmeralda, e o aroma capitoso das flôres embalsamava o ambiente, dando-lhe um tom mais embriagador e dôce.

Cercovado e triste, caminhava sobre a alvura das pedras, talvez segredando á consciencia o seu pezar, o pobre José.

Felipe, um velho camarada do Liceu, reconhecendo-o, ergueu-se de onde estava sentado e dirijindo-se a êle, com o rosto cheio de alegria, interrogou-lhe:

José!... Ha quantos anos não te vejo, onde vais assim tão triste, não me conheces? Sou Felipe Andrade, o que muito te estimava, o teu velho colega do Liceu.

José, depois de muito esgravatar a memoria, reconheceu o, dando lhe muitos abraços e reparando a mudança que os anos fazem nos homens.

De braços dados, percorreram a larga avenida, conversando acerca das pessoas amigas, da mocidade, da nomeação dêle, José, de Juiz de uma comarca da capital, da cidade, e de uma infinidade de coisas.

—Porque vinhas tão triste, José?—perguntou, interrompendo a conversa, o Felipe.

O outro, num longo e doloroso suspiro, pediu-lhe que não perguntasse por tal coiza.

—Ah!... já sei, não confias mais no teu amigo de infancia, fazes bem; as dores do coração só se contam á consciencia; fazes bem.

—Pois bem, vou contar-te. Lembras-te da Luisinha, aquela que salvei da miseria, quando estudante? Vi-a agora, é uma ingrata, não me quiz atender porque estava entre senhoras de alta roda. Uma lagrima rolou-lhe pela face envelhecida—a lagrima, poezia doirada e pacificadora dos que sofrem.

—Eu compreendo, é uma vil.

—Onde a viste? Sabes, está casada.

—Seja feliz, mas é uma ingrata: comprimentei-a, não correspondeu. E' irreconhecivel.

—Talvez te não conhecesse, José.

—Conheceu-me, conheceu-me...

Entendo esta vida: pratica-se um bem para receber um mal.

Antes tivesse deixado no charco imundo onde a encontrei.

—São coisas da vida, meu caro.

Sempre previ traição naqueles olhinhos mentirosos.

—Sabes bem como a encontrei, meu Felipe. Depressa esqueceu o José, o alto, o moreno, o anjo, como ela dizia, o que a colocara no pincaro da felicidade, o destruidor das ideias negras que se misturavam no craneo sem luz, parece ouvir ainda aquela voz rouca a fazer todos esses elojios sem valor. Naquelo tempo tudo era rosa; eu, o amavel, o coração de oiro, a abelha de prata que lhe zumbia caricias aos ouvidos e namorados, e hoje, Felipe? Nada sou... Devo mudar o coração que sempre falou em fazer bem e praticar generozidade; dagora em diante, depois desta lição, o meu coração só canta o mal e estúda o despreso.

E' de mais...

Recordo-me ainda daquela noite de baile na casa das Rodrigues, onde pandegamos muito.

Respirava-se as palavras sonoras das damas e entre o espirito vendo a crançada volteando pela sala, ebria de satisfação, como um bando de peqaenas borboletas sob a luz solár. Quando nos apartamos e que fasiaste a sup que dava para uma praça alegre, defronte da tua casa, e eu a viela suja que me conduzia ao meu abrigo encontrei na primeira esquina um vulto negro se ban banhado apenas pela luz mortiça dum lampião daquel lugar. Desarmado e medroso perguntei de longe quem respondera. Então encorajei-me, aproximei-me passei em do vulto e deparei a miserenda, a torpe Luisinha, frio e gemendo de fome, tão escura como a negrição desertas. Salvei-lhe a vida e a honra calamosas

do vicio. Esse que vês, com trajes burguezes, foi um homem honesto e dotado de uma alma de viro.

(Continúa) *Iára*

A guerra

Em uma das partes do mundo o solo acha-se humido do sangue de seus filhos.

Milhares de cidadãos desapparecem de momento a momento, nos campos de batalha.

São diversos paizes que se esfacelam, atirando massas de homens, umas contra as outras.

Durante o espaço de tempo que se batem, já dois paizes foram sacrificados; a Belgica e a Servia.

Depois de rezistirem heroicamente aos inimigos, foram bombardeadas e invadidas.

A Alemanha, com o seu poder militar, tenta tomar Calais e Verdun, para chegar á Inglaterra e á França, o que parece impossivel.

Os francezes têm mostrado muitas bravuras, e oferecido bastante resistencia ao poderozo povo alemão, que quer romper os fortes, derramando rios de sangue.

No mar, os alemães tem mostrado muitas bravuras para com a esquadra ingleza, pois já feriram o coração da Rainha dos Mares.

O exercito servio, que se bateu em seu territorio contra as tropas austro-alemães, não é o mesmo que está combatendo ao lado dos francezes, em Salonica, contra o pequeno exercito bulgaro, pois este têm levado vantajens áquele.

Como terminará a guerra?

Talvez pelo desbarate das tropas de um dos lados.

Durante esse luctuoso tempo já foi metido a pique, pelo imperio alemão, o navio brazileiro «Rio Branco».

Em Londres, foi fuzilado um brazileiro, condenado á morte pelos tribunais inglezes.

A França já não parece aquela do tempo de Napoleão, pois naquella epoca lutava com toda aquela Europa.

Entretanto é admiravel a sua bravura.

A Italia fez uma figura triste, indo de encontro á Alemanha e á Austria, suas antigas aliadas.

O grande imperio russo está sendo derrotado pelas tropas do general Hindenburg.

A guerra é um horror, uma barbaridade.

E' triste quando um pai, já velho, ás portas da morte, vêr seguir para a guerra um filho, um decendente.

Seus dias tornam-se tristes e as noites são eternas pezadêlos.

Mas, porque e para que a guerra? Dí-se a guerra por causa da ambição.

Se acaso um desses lados vence, como geralmente acontece, o vencedor tem o direito de ficar com um pedaço de terra do vencido, ou este fica sujeito a pezadas contribuições de guerra.

Esse flagelo ha de terminar, para bem da humanidade, paz e tranquilidade dos corações.

Cauly.

O 1.º DE MAIO

Foi esta a conferencia realizada, no dia primeiro de maio, no Centro Artistico Operario Maranhense, pelo nosso estimado professor Nascimento Moraes. Esta conferencia já saiu publicada na «Pacotilha», mas, como apreciadores que somos da intelligencia cristalina do nosso estimado professor, abrilhantamos as paginas da nossa «Revista com esse trabalho, que em si demonstra os altos predicados de que seu autôr é possuidor:

O operario dos paises livres exalçado por dilatados annos de uma lucta terrivel, que elle sustenta sem tregoas, nem esmorecimentos, accende no dia de hoje os fogos da alegria.

A' plena luz da civilisação, apanhado pela vertigem da lei do progresso, alumiado o caminho a percorrer, nessa marcha forçada para os arraiaes da egualdade, que, ha muito, lhe apontaram philosophos, como término de sua formidavel e extraordinaria derrota; elle, o Hercules da Historia, contempla do centro do plano desse formoso estádio, o 1.º de Maio, que é um dos seus mais notaveis feitos, o caminho percorrido, o escabroso que para trás ficou, vencido e esmagado pelo intrepidez e pela audacia singular.

E é bello, e á util, o contemplar illéso, perigos que se passaram, adversarios que se subjugaram e que nada mais podem, obstaculos que se removeram, campos em que se travaram pugnas tremendas, ainda com os signaes dos acontecimentos passados, adejando sobre tudo a tristeza dos vencidos, illuminada pela victoria dos fortes, a agonia indelevel ainda impressa na physionomia das coisas.

Dessa contemplação nascem novas forças e fulgem novos brios. Invetera-se no intimo a fé da Conquista; a Esperança, distendendo as asas, ensaia galgar espaços mais alterosos, o olhar penetrante da Vontade descortina horizontes mais amplos e ceus mais brilhantes.

E' obra do grande e enigmatico poder da evocação. E' obra da lembrança esse patentear ao presente o que já se distanciou pelo tempo, esse dar vida ás cinzas, esse dar aroma ás folhas já rezequidas, fazer, não sei por que prodigio, que a geração presente sinta das que passaram, a mésma expressão de magoa, as mésmas punhaladas do meio, como se daquellas proprias se constituissem!

E' por isso que da eminencia luminosa do presente o olhar retrospectivo se aprofunda por longes páramos e encontra na necropole do passado as impassiveis e impressionativas sombras da *Servidão* e do *Odio*, que Michelet, com aquella inconfundivel forma crystallina, mettida em elegante roupagem classica, registou com a solemnidade caracteristica de sua palavra, num dos seus mais bem acabados estudos sobre o *Povo*.

Seu amor á democracia, talvez a tonica de sua alma, foi o que deu o encanto que domina a notavel obra do poderoso esthéta francêz

São, effectivamente, dos recuadissimos tempos da vida quadros de alto relevo historico: o homem, atacado pela cobiça, subjugado pelo interesse e divinisado pelo orgulho, escravisado o homem para trabalhar; o homem gosando das vantagens de seu poderio, em menospreço do homem que moireja no campo, sujeito a redobrados serviços brutaes como se fôra dotado barro affeiçoado, castigado pela brutalidade do seu senhor, ajoelhado ante o potentado, que lhe dá a fimbria a beijar, reprimindo o asco e repellencia com que o dá!

Quem não viu ainda nesse expressivo quadro histórico Samsão, um dos famigerados heroes da Biblia, mil e tantos annos antes de Christo, perdida a força, hoje phantastica, pela traição de Dalila, escravisado pelos inimigos e condemnado ao duro e pesado trabalho?

Admiradores incondicionaes da cultura grega, para, toda a linha, superiorisarem e engrandecerem o seu idolo, procuram disfarçar a horrivel mácula daquella famosa civilisação dizendo e procurando demonstrar que na Grecia era doce a escravidão. Trabalhar para seu amo durante uma vida toda e dar a vida por elle quando lhe fosse esse sacrificio exigido, eis até onde se pode comprehedder a elogiada docura dessa captiveiro!

Quase sempre fructo da guerra, como judiciosamente escreveu Mirabeau, o fim da escravidão naquelle tempo porque sempre se caracterisou na successão dos tempos trabalhar para enriquecer senhores ambiciosos, ou para o luxo, a ociosidade e a volupia dos desregrados dominantes.

O que o trabalho produzia então, grandiloquo pela aferição do meio, ou em face do utilitarismo era deprimente sob o ponto de vista moral. Para fazia escravos, como ainda hoje acontece, dessas creaturas operarios. O culto da força, o primeiro [illegible] foi um dos formidaveis collaboradores do mal.

O operario não tinha horas, nem [illegible] não obstava que, muita vez, sua hora e sua [illegible] vantassem, revoltados, contra a iniquidade de [illegible]

Nascimento

(Continúa).

SOLICITADAS

I

Para nós, passam-se os anos
E a mocidade envelhece,
Do dôce viver d'infancia
A mente nunca se esquece.

II

E, cada dia que passa,
Mesmo sem haver a desgraça,
Que no trabalho, na lida,
E', pois, pagina de gloria
Na historia desta vida...

III

O pobre não tem grandeza,
O rico não tem verdade,
E, onde existir a pobreza,
Harmonia e lealdade,
Não preciza haver mais festa...
—Eis o labor que nos resta!

Ney Nunes

O MEZ SOCIAL

Aniversarios

A 25 de maio—O sr. dr Antonio Lopes da Cunha, nosso estimado assinante, lente de literatura do Liceu Maranhense e inspector escolar.

O dr. Lopes da Cunha recebeu muitas felicitações pelo passar de tão venturoza data

A 2 de julho—O' tenente Coronel Macelino Maia, mestre da banda de muzica do corpo militar do Estado. E' um dos mais habeis muzicos que existem na nossa terra.

A 3- A senhorita Corina Caldas, irmã do nosso companheiro [illegible]rbio Caldas, e nossa colaboradora.

A 5 - A exma sra. d. Raimunda Simas, sogra do estimado capitão Herculano Anfiloquio Parga.

A 5—A escolar Malvina Gofanaz, filha do eletricista sr. [illegible] Goianaz.

—O sr. Pacifico dos Santos.

A 8—O Coronel Raimundo Antonio Macieira, um dos nossos amaristas, que sempre tem apresentado na nossa Camara [illegible]os em pról do nosso querido Maranhão.

[illegible] exemplar chefe de familia; nunca ouvimos alguem [illegible]palavras que não fossem de elojios á sua pessoa. A' sua [illegible]dencia compareceram muitos de seus amigos, que lhe foram [illegible]ar as suas efuzivas sandações. Houve uma *soirée* dansante, [illegible]dongando-se até á meia noite. Carinhosamente foram todos [illegible]tados pela familia Macieira.

A 13 - A exma. sra. d. Amelia Etelvina Monteiro, espoza [illegible]' tenente Bernardo Monteiro e genitora de um dos nossos [illegible]teres, José Monteiro.

—O joven poeta e orador José de Ribamar Pinheiro.

- A nossa intelijente e gentil colaboradora Altiva Antonia [illegible]

[illegible]na. sra. d. Antonia Pinto Macieira, viuva do sr. [illegible]ira;

A senhorita Quezinda Monteiro.

O sr. João de Britto Fernandes, projenitor da nossa [illegible] collaboradora Acacéa Fernandes.

O sr. Major João Batista de Moraes Rêgo.

[illegible]os os aniversariantes enviamos parabens.

—

[illegible]do corrente comemoraram o 7.° anno do seu enlace [illegible]r. capitão Herculano Anfiloquio Parga, e a [illegible]aria Simas Henriques Parga.

[illegible]tes

ANTONIO LOUZEIRO

[illegible]m principios deste mez, para a vila de Cururupú, [illegible]nte colaborador Antonio Joaquim Louzeiro, afim [illegible]as, em companhia de sua familia.

JOÃO ABREU

Para a vila de Cururupú, seguiu, no dia 15 do corrente, o nosso esforçoso gerente, João Vicente de Abreu, afim de substituir o telegrafista daquela localidade, que se acha licenciado.

FRANCISCO F. COSTA

Acompanhado do seu projenitor, dr. Odilo Costa, seguiu, no dia 18 do corrente, para a Capital Federal, o nosso distinto colaborador Francisco Falcão Costa.

—Aos viajantes desejamos bôa viajem.

JOÃO ABREU

E' com bastante prazer que daqui enviamos os nossos parabens ao nosso distinto e esforçado gerente, João Vicente de Abreu, pela sua nomeação para telegrafista de 5.ª classe do Telegrafo Nacional.

João Vicente de Abreu é um esperançozo moço e sabe cumprir brilhantemente os seus deveres, sendo, portanto, de bastante justiça a nomeação feita, ha bem pouco tempo, pelo sr. Diretor Geral do Telegrafo Nacional.

Dezejamos que o nosso gerente prospére, rapidamente, na carreira que acaba de iniciar.

PARTIR

«Quando eu partir eu sentirei comigo
A mesma dor que sentirás contigo».

VICTOR HUGO.

Quando eu daqui partir, quando chegar
Esse instante de mágua ao viajor,
Eu sei que hei de carpir sentida dôr
E sei que tu, querida, has de chorar..

Eu sei; e lá bem longe onde eu me fôr,
Sempre hei de teus afétos me lembrar...
E, sosinho, sempre hei de procurar
Não esquecer as juras deste amôr.

Só não sei se distante eu vou morrer,
Sem fruir deste amôr o rosicler,
Num exilio de pranto sem te vêr...

Mas sei que levo máguas ao partir,
De te deixar, ó doce mal me-quér,
Na immensa solidão do teu sentir!

S. Luiz--916.

Clemente Guêdes.

ENIGMAS

I

Qual é a serra do Brazil, que é, tambem, um mar da China.

II

Qual é o nome da capital d'uma nação européa que, lida inversamente, se transforma numa quantidade inconmensuravel?

III

Qual é o mar da Europa que, se cancelando a terceira letra, forma o nome d'um imperador romano?

IV

Qual é a serra do Brazil, que se forma com trez vogaes, iguaes, e trez consoantes?

V

Qual é o rio da America do Sul cujo nome se forma com uma vogal e um substantivo.

VI

Qual o quadrupede que, se tirarmos a primeira letra, fica um mineral?

IPREZA PREDIAL DO NORTE

utorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

tue, ao fim de 120 sorteios as mensalidades pagas pelos associados

AFONSO PENA, N. 2 (sobrado) MARANHÃO

ulios pagos de 1912-1916
Rs. 642.857$000

ESULTADO do 53.º Sorteio, da 1.ª Se-, a que se procedeu, hoje, ás 13 horas. e da Empreza, proporcional a 4.000

ios de 10 izenções do pagam nto das contribuições, durante 12 mezes

034 —D. Anna Maria de Oliv ira e Silva, rua da Ma- Deus 97.
19—Trez Irmãos (Pacifico M. Santos, D. Carolina Pla Santos e João Paulo Santos), rua de Sant'Anna, 110.
— D. Zozima Franco de Sá, residente em Alcantara.
—D. Cesaria Merandulina Avelino, rua dos Affo s, 99.
53—D. Maria Maia da Silva, rua Grande, 42.
47 - Durval, rua 28 de Julho s n
63—D. Clementina Rosa Pereira da Silva, rua da ordia. 6.
995 D. Naura da Motta Franco, rua do Sól, 22
927 - D. Maria da Piedade Ferreira Jausen Pereira, re- nte em Coroatá
896—D. Anna Martins Affonso, residente em Caxias.

no valor de Rs. 10.000$000

-D. Maria Martins Machado, rua dos Affogados.

a no valor de Rs. 10:000$

(Do sorteio de Junho)

osquim Antonio Guterres Branco, (Herdeiros), re- e á rua dos Affogados 37

Maranhão, 15 de Julho de 1916.

Cezar de Moraes Rego, do Governo Federal.

Adolpho Paraiso, Diretor Gerente.

A—De accordo com o Decreto do Governo Federal inações os prestamistas atrazados em 3 mensalidades.

A EMPREZA.

Rs 1.000

lco boratado, perfumado branco e rosa, arado na PHARMACIA GARRIDO. a attenção das gentís ua Grande, c.

Livraria Moderna

Na Livraria Moderna, á rua de Nazaret, encontram-se todos os artigos que se poderiam encontrar numa bem montada livraria.

Encontra-se á venda na mesma, a

«REVISTA MARANHENSE»

Vizitem a Livraria Moderna!!!

Contra o Rheumatismo

GOTTAS DE TANGUAHY

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vegetal

VENDE-SE NA

Pharmacia Jesus — **Rua de Sant'Anna, 132**

Vêr para crer

Na «Alfaiataria Guedes», á rua de Santana, canto com rua 28 de Julho, prepara se com promtidão e esmero todo e qualquer serviço por preços m dicos

Experimentae!!!...

Livraria Ingleza

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores

Preços reduzidos

Rua Coronel Collares Moreira, 49.

PIANOS

Manoel Varão, afina por preços modicos e aceita chamados a qualquer hora, na redação desta Revista, á RUA AFONSO PENA, 6.

Imp. Official — MARANHÃO.

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFONSO PENA, N. 2 (sobrado) MARANHÃO

Peculios pagos de 1912-1916
Rs. 595.157$000

RESULTADO do 51.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje ás 15 horas, na séde da Empreza, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 10 izenções do pagamento das contribuições, durante 6 mezes

1.º N. 429—João R. Pereira, rua das Hortas, 85.
2.º N. 1001—Dr. Godofredo Ernesto [illegible] Carvalho, Icatú.
3.º N. 3134—Antonio de Faria, Buriti.
4.º N. 911—Joaquim Domingues de Souza, rua Afonso Pena, 22.
5.º N. 2 09—Os irmãos Ferreira, Mocajutuba.
6.º N. 1235—D. Maria Luiza Travassos Valente, rua do Monteiro, 1.
7.º N. 8931—D. Maria Amelia Braga, rua de S. Pantaleão.
8.º N. 3250—D. Laura Evangelista da Silva, rua 28 de Juhlo, 8.
9.º N. 1951—D. Izabel M. de Almeida, rua 28 de Julho.
1[illegible] N. 3029—D. Maria I. de Almeida, Rio de Janeiro.

Caza no valor de Rs. 10.000$000

(*) N. 2297—D. LUIZA de LIMA PEREIRA, residente á rua do Sol, n. 100.

Maranhão, 15 de Maio de 1916.

Raymundo Cezar de Moraes Rego, Fiscal do Governo Federal.
Adolpho Duraes, Diretor Gerente.

(*) Não se achando paga a caderneta n. 2.97, correrá novo sorteio, quanto ao premio da casa, no dia 15 de Junho proximo vindouro.

A EMPREZA.

Rs 1.000

[illegible]ado, perfumado branco e ros[illegible]
[illegible]RMACIA GARRIDO

CREDITO MUTUO PREDIAL

Rua da Cruz, n. 61 - (sobrado).

Sorteios

em 4 e 18 de cada mez, ás 15 horas.

Premios já distribuidos

Rs. 66:617$500

Contribuição apenas de rs. 1.000 para cada sorteio

A Casa Lisbôa Machado

Leva ao conhecimento de sua numeroza freguezia, acaba de despachar o mais variado sortimento que já v[illegible] esta capital. Aqui na nossa casa se encontra quase de t[illegible] preço muito modicos. Não devem comprar para as fe[illegible] mez mariano, sem primeiro ver o nosso sortimento, pois é [illegible] cance de todos.

Tar bem scientificamos os srs. negociantes do interior devido ás grandes compras que fizemos ainda na baixa preços, estamos em condições excepcionaes de vender ba[illegible]

Não façam as suas compras sem visitar a CASA LIS[illegible] MACHADO.

17$000

E' por quanto se obtém um fato de brim branco de algodão hom, calça e paletot, bem feito, na «Alfaiataria Guedes», á rua de Santana, n. 3, canto com a rua 28 de Julho.

Cigarros "Orion[illegible]

Esmerada manipulação com os melhor[illegible] de José Francisco Correia &[illegible]

Rio de J[illegible]

SUCCESSO [illegible]

FABRICA "S[illegible]

15, Rua Cel.[illegible]

Livraria Moderna

Na Livraria Moderna, á rua de Nazareth, encontram-se todos os artigos que se poderiam encontrar numa bem montada livraria.

Encontra-se á venda na mesma, a

«REVISTA MARANHENSE»

Visitem a Livraria Moderna!!!

Rs 1.000

Talco boratado, perfumado branco e rosa, preparado na PRARMACIA GARRIDO. Chamamos a attenção das gentis senhoritas.—**Rua Grande, 1c.**

Livraria Ingleza

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores

Preços reduzidos

Rua Coronel Collares Moreira, 49.

Contra o Rheumatismo

GOTTAS DE TANQUAHY

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vegetal

VENDE-SE NA

Pharmacia Jesus — **Rua de Sant Anna, 132**

17$000

E' por quanto se obtém um fato de brim branco de algodão bom, calça e paletot bem feito, na «Alfaiataria Toulouse», á rua de Santa Anna, n. 3, canto com a rua 28 de Julho.

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFONSO PENA, N. 2 (sobrado) MARANHÃO

Peculios pagos de 1912-1916 Rs. 616.357$000

RESULTADO do 52º Sorteio, da 1ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, ás 13 horas, na sede da Empreza, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 10 izenções do pagamento das contribuições, durante 12 mezes

1.º N. 3932—Cassio S. da Cunha, rua do Sol, 50.
2.º N. 3780 - D. Maria Figueiredo, rua 28 de Julho, s/n
3.º N. 1237—D. Eulina Vidal Mendes, rua da Estrella, 11
4.º N. 3211—D. Zilpah Alves Payva, rua Grande 128.
5.º N. 3680—Manoel Silvestre da Costa Santos, rua Grande, 52
6.º N. 2190 - D. Maria Thereza da Serra Costa, rua do Egypto 11
7.º N. 67—Dr. Jovenelo Odorico de Mattos, rua Grande, 49.
8.º N. 3746 - D. Maria das Mercês Bastos Sucas, rua das Hortas, 3
9.º N. 3078 - Arthur Ferreira, residente em Barão de Grajahu
10. N. 3117—D. Maria Barbosa Jesus, rua do Passeio, 62

Caza no valor de Rs. 10.000$000

(*) N. 955—CLUB DOS CAFUFAS, com sede á rua de Sant Anna, 106

Casa no valor de Rs. 10:000$

(1o sorteio de Maio)

N. 8497—D. Antonia E. das Chagas P. de Brito e Neves Chagas, residentes em Caxias.

Maranhão, 15 de Junho de 1918.

Raimundo Cesar de Moraes Rego, Fiscal do Governo Federal.

Adolpho Furtado, Diretor Gerente.

(*) Não se achando paga a cadeira n. 955, correrá novo sorteio quanto ao premio de casa, no dia 15 de Julho proximo vindouro.

A EMPREZA.

Livraria Ingleza RUA CORONEL COLLARES MOREIRA, 49. Já vistes os nossos livros escolares?

PIANOS

Manoel Varão, afina por preços modicos e acceita encommendas a qualquer hora, na redacção desta Revista, á RUA AFONSO PENA, 6.

ANNO 1 — NUMERO 5

S. Luiz do Maranhão---Julho de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

BIBLIOTHECA PUBLICA
ESTADO DO MARANHÃO

ASSINATURAS

Annual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Semestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200
Numero atrazado	$400

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Fuljencio Pinto
José Monteiro
Francisco Figueirêdo.

GERENTE

Mauricio da Costa Furtado, interino.

TEZOUREIRO

Nestor da Paixão e Silva, interino.

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, Francisco Figuerêdo, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Panio Ferreira, Nei Nunes, Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes, João Teixeira, José de Riba-Mar Pereira, Vitor Hugo Anchieta, Julio Silva e Manoel Varão.

Acha-se limitado o quadro de socios colaboradôres

Socias colaboradôras

Aracéa Fernandes, Brazíliza Abreu, Corina Caldas, Altiva Smith, Nair Pinheiro, Jozuila Costa, Josefa Amazonas, Almerinda Rodrigues, Maria Pessoa, Lizôca Nunes, Rita M. da Silva, Silvia Castro, Izabel Araujo, Maria Moraes, Raimunda Silva e Cecilia Martins

Agentes no interior e exterior do Estado

Caxias—Prof. Laura Roza.
Arary—Prof. Jozuila Machado Costa.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Turiry—Prof. Dolôres da Costa R. Tavares.
Rozario—Prof. Laura Souza e Nicéa Paulina Coelho.
Chapadinha—Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina—Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara—Prof. Filomena Angela da Cruz.
Cururupú—Telegrafista João G. de Abreu, filho.
Pedreiras—Prof. Acilolina Sampaio Guimarães.
Ponte-Nova—Senhorita Izabel Roza de Araujo.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Para)—Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer—Prof. Ana F. Alves da Mota.
Vila de Morros—Prof. Adaljiza Costa Feques.
S. Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro—Prof. Ermelindo R. Maranaldo e o sr. Francisco Leite.
Barra do Corda—Prof. Cecilia Martins.
Tutoia—Sr. Luiz d'Artagnan Carvalho.
Cambuquira—Minas Geraes—D. Maria Silva.
Rio de Janeiro—Francisco Santos.

SUMARIO

Antonio Lobo—Redação.
A' memoria do mestre Antonio Lobo—Astrolabio Caldas.
A uma amiga—Costa.
Duas Datas—Redação.
Que é a Vida—Cicell.
O bandolim das Selvas—Dr Oscar Galvão.
A's normalistas de 1915—Dr. A. B. de Godois
Traços—Puff.
O mez de Junho—José Monteiro
Estrellinhas—Zingara.
Meditando—Zante
Solicitadas—Nev Nunes.
Avenida Maranhense—Cliché.
Vie-Laie—Redação.
Dolore—M. F.
Historia d'um moço pobre—N. P. Silva.
A tristeza do Jaz—Iris.
A' memoria do grande mestre Antonio Lobo—Clemente Guedes.
Tristezas—Peratuba.
O 1.º de Maio—N. Moraes.
Cupon de assignatura—Redação.

Maranhão, --- Julho --- 1916

ANO I

Revista Maranhense

NUM. 6

REVISTA MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS



ANTONIO LOBO

A *Revista Maranhense* abre hoje um parênteze na alegria que lhe canta sempre entre as colunas, onde se encaixilha todo um luminozo símbolo da esperança que anima o coração dos que a fazem.

Está de luto, pelo brusco golpe que feriu a alma maranhense, pondo termo, tão cedo, á existencia de Antonio Lobo.

Se á generalidade de quantos amam esta terra e ás suas glorias acabrunhou o rude golpe, muito especialmente punje êle o coração da mocidade maranhense.

E' que Antonio Lobo não era apenas uma das raras vestaes que ainda guardam o fogo sagrado das famozas tradições mentaes do Maranhão.

Não era apenas o Mestre incontestado de quantos aqui pelejam nos prélios da intelijencia e de quantos se preparam para esses nobres combates.

Para a mocidade estudioza do Maranhão, era, além de Mestre, um Amigo.

Professor de gerações sucessivas, diretor por muito tempo do mais importante estabelecimento de ensino público do Estado, era o problema da instrução um dos que mereciam mais carinhoza atenção do seu espirito fecundo e cintilante.

Não limitava, porém, á cátedra professoral a sua nobilissima ação de educador.

Não havia um gesto bom, vindo dos moços estudiozos daqui, que não o encontrasse pronto a auxilial-o.

Não havia injustiça feita á mocidade que a sua voz eloquente não se erguesse em defeza desta.

Não havia alegria da juventude que êle não fizesse tambem sua e não corresse a festejá-la, emprestando á sincera expontaneidade daquêle jubilo o brilho imenso da sua cerebração potente e culta.

E' que no seu coração, aberto para todos os sentimentos generozos, a mocidade da sua terra tinha um lugar de especial afeto, todo alcatifado de carinho.

E' porisso que, no verde pavilhão de esperanças, desfraldado pelos que nesta revista se aprestam para as lides das letras, paneja hoje um triste laço de crepe.

E' que já não existe o Mestre, é que já dezapareceu o Amigo da mocidade maranhense, que, com os olhos enevoados de pranto e a alma amargurada de saudade, rende culto á sua memória, recitando:

—Que a terra lhe seja leve, e que a gloria do nome lhe seja tão grande quanto lhe foram o enjenho, o saber e a bondade.

A' memoria do mestre Antonio Lobo

Sob a mudez da morte já deixaste
O Maranhão, a terra extremecida,
Onde por muitos trauzes tu passaste
Lutando, assim, com as iluzões da vida...

Morreste... sim... mas antes preparaste,
Para ficar na terra tão querida
Da gloria o pavilhão, que tu içaste
Nesta literatura conhecida...

Morreste, mestre, e o Maranhão chorozo
Por perder o seu filho idolatrado,
Traz sempre seu semblante pezaroso...

Sempre foste o fiel da mocidade,
Recebendo de todos, como agrado,
As saudozas corôas de amizade!!!

São Luiz. *Astrolabio Caldas*

A uma amiga

E' nas horas calmas da noite, quando a humanidade tranquilamente adormece, que esquecendo-me das lutas da vida, concentro o meu pensamento exclusivamente em ti.

E assim, edificando os mais belos castelos, adormeço; e adormecendo, contigo sonho.

Amor, pronuncia a tua visão; ventura, diz minh'alma sonhadora e ardente, acariciada pelo favonio da quimera.

De repente desperto esperançada, repleta de ventura, julgando-me a mais feliz das filhas de Eva, por merecer o teu amor.

Mas, eis que em um momento vae por terra o meu lindo castelo, ao lembrar-me da barreira existente entre nós.

Nada ha que devore tanto o nosso coração, que nos faça tantas vezes beber o calice da amargura, que amar e sermos obrigados a calar esse amor que é a nossa vida, a nossa ventura.

Quem ama sofre, e este sofrer ora horroroso, ora sublime, nos acompanha por toda a estrada de nossa vida, embora tenhamos a certeza de jamais sermos felizes.

O amor é um sentimento que arreda todos os obstaculos de deante de si, e por ele te juro, que essa corrente eletrica que une nossa alma por tão forte élo, só se partirá com o golpe infalivel e certeiro que nos corta o fio da vida.

S. Luiz 12—7—916 *Costa.*

DUAS DATAS

Não era livre, antigamente, o homem.

Ele vivia sob o dominio severo do seu soberano e não gozava de todos os direitos civis e politicos.

Em Roma, por exemplo, havia os patricios e plebeus.

Aqueles, a principio, ocuparam as maiores dignidades, mais tarde os plebeus obtiveram direitos, que lhes permitiam subir e desempenhar os maiores encargos; á vista disso os patricios passavam á plebe, como se dizia, nesses casos, em Roma.

Em Esparta existiam três classes e uma delas, não gozava de direito algum, e, portanto, estava sujeita ás outras duas.

Existiu o feudalismo na idade media

Os senhores feudais habitavam em seus enormes castelos, iam a caça, acompanhados de seus servos, a homenajem simples ou lijia os ligara.

A escravidão foi uma das máculas, que houve em toda parte e, quando as nações compreenderam quanto ela lhes era prejudicial, procuraram fazel-a desaparecer por completo. E mesmo uma nação nunca poderia tonar se grande e valoroza, emquanto o homem fosse escravo de outro homem.

Emquanto não houvesse a liberdade de pensar, emquanto a sua propriedade não fosse garantida, emquanto não gozasse de direitos, não podia haver personalidade integra, em todo o rigor do termo.

A França, impulsionada por uma força ineverci vel, achou que era necessario haver uma reforma no meio social, de modo que a democracia fizesse a prosperidade do povo. E, como este era muito explorado pelos que governavam, procurou fazer valer a sua grandeza de povo, que sabia pensar e sabia julgar.

Quazi todos os dias a Bastilha recebia mais um infeliz, que havia caido na antipatia dos governantes. Quem penetrava nesse calabouço, só saia mediante proteção de pessôas de grande influencia na côrte. Muitos notaveis foram incerrados na Bastilha, que o povo derruiu no dia 14 de julho de 1789, um seculo antes da proclamação da republica brazileira.

O povo francez muito combateu contra as forças do rei, e elas tiveram de retirar se em virtude do numero avultado do povo.

Camilo Demoulins foi um dos chefes dessa revolução. Uma vez o povo dentro da Bastilha, cortou u cabeça do governador e enfiou a num pau e seguia em passeata pelas ruas de Paris

O «adamastor parlamentar» com os seus eruditos discursos, tornou-se admirado, revelando mais uma vez a sua grande eloquencia.

O 14 de julho é uma data franceza, mas como trata da liberdade dos direitos do homem, todos os povos a solenizam.

A grande obra da revolução franceza foi a proclamação dos direitos do homem, cujos principais artigos são os seguintes:

«Os homens nacem e conservam-se livres e iguais em direitos.

«Os direitos são a liberdade, a prosperidade, a segurança e a resistencia á opressão. A liberdade consiste em fazer tudo que não prejudique a outrem.

«O principio de toda a soberania rezide na nação.

«A lei é a expressão da vontade geral Todos os cidadãos têm o direito de concorrer pessoalmente ou por seus reprezentantes para a sua formação. Deve ser a mesma para todos.

«Sendo todos os cidadãos iguais perante a lei, são igualmente admissiveis a todas as dignidades e empregos publicos, segundo suas virtudes e talentos.

«Nenhum homem pode ser acuzado, prezo ou detido senão nos cazos determinados pela lei e segundo as formas prescritas por ela.

«Ninguem pode ser perturbado por cauza das suas opiniões, mesmo religiozas, logo que a sua manifestação não perturbe a ordem publica estabelecida pela lei. Todo o cidadão pode falar, escrever e imprimir livremente.

«A contribuição comum deve ser igualmente repartida entre todos os cidadãos na razão de suas posses.

Sendo a propriedade um direito inviolavel e sagrado, ninguem pode ser privado dela, a não ser quando a necessidade publica legalmente provada a exigir evidentemente e sob a condição de uma justa e antecipada indenização».

O 28 de julho de 1823 foi o dia, em que o Maranhão, viu desfraldar se, no seu solo a bandeira da independencia.

Foi no meio do maior entuziasmo, que o povo maranhense subiu mais esse degrau na escada gradativa da civilização. Lord Cockraneachava-se no Maranhão, quando esse se viu por uma vez livre da metropole. E' esse feito que hoje se comemora.

O maranhense, ainda sentindo em si todo o sentimento do patriotismo, exulta de prazer ao solenizar uma das datas mais grandiozas da historia de sua terra!

Que é a vida...

«Para a Revista Maranhense».

Jôgo de latas, porque não dizer,
Lance de intercessada pretenção...
Tormento sem se ter consolação,
Eis o rezumo de qualquer viver.

Não se passa esta vida sem rever
A dôr, o sofrimento e a aflição,
Que se acercam do nosso coração
E repercute em todo nosso ser...

E' bem feliz aquele que entretido
Repulsa a existencia entristecida,
Sem se ouvir o seu pranto comovido...

E, ante a humanidade amortecida,
Vê, sem soltar, sequer um só gemido,
Findar-se esta ilusão toda—que é a vida!...

Cecil.

O bandolim das Selvas

Sonido

Corre Inarina, o voraji trescala
Da corola alvacenta doce olôr;
A brisa embalsamada a boca cala...
Tudo conspira para o nosso amor.

Amava Inarina a selva espessa
Onde corria, pelo sol, travessa.

Vem! a cascata que ronqueja ao longe,
A veniania que arrepela o açor,
Nada intimida a Pojucan tremendo,
Heroe tapuia que não tem pavor.

Amava ver-te, Pojucan, garbosa
Fitando estrela—desfolhando rosa.

Como a cuscuta que enrediça o tronco,
Haurindo a seiva que lhe da vigor,
Tal Pojucan a linda moça correita
Em firme laço de fogoso amor.

A luz d'aurora não tem mais fulgor
Que os lindos olhos da mimosa flôr!

Descaniba o sol. O passarédo em côro
Trina a porfia na jambeira em flôr...
Corre Inarina, o voraji trescala
Sutil perfume que amortece a dôr.

Amava ver-te, ó manacá cheiroso,
Quando brincavas pelo chão relvoso.

Assoma a tarde; turturina a rola
Carmen saudoso pelo ninho aurente
Vem Inarina, o voraji trescala
Celeste aroma que inebria a mente.

Sirius formosa que no céu fulgura
Pasma de ver-te, ó divinal feitura!

Ainda hoje quando a lua surge,
Doirando o ninho de feroz condôr,
Ouve-se ao longe como um som perdido:
«Vem, Inarina, ao festival do amôr.»

A estrela d'alva que no céu flutua
Não tem beleza comparada á tua.

Dr. Oscar Galvão.

As normalistas de 1915

Se alguem o coração abrir pudesse
e apresentasse inteiro o sentimento,
como n'um livro aberto... e o pensamento
abrisse a quem n'alma lêr soubesse;

Se aí se visse ou mesmo se estivesse
tudo esculpido: gozos e tormento,
amor e gratidão... n'este momento,
abrindo o meu, pedira que se os lesse:

A par da dôr enorme, indefinida
Que a todo um ser de morbidez invade
e ao mais leve prazer não dá guarida,

Veria a gratidão junto á amizade,
por vós que, ha pouco a quem me dera a vida,
destes, na morte, a lagrima e a saudade

Rio, abril—915. *Antonio Barbosa de Gelois.*

TRAÇOS

Uma das cousas com que eu mais embirro é com a atitude grotesca que muita gente toma pela dôr alheia.

Vêem-se caras, ás vezes, tomar um aspecto tão ridiculo que, se não fôra o respeito áqueles a quem sentimentamos, seria caso para não conter o riso que, forçadamente, deixamos morrer nos labios.

A palavra *pezames* por si só basta para não nos ter alguem na conta de um incivil: o mais é excrescencia, é sobra e, como todos os excessos são prejudiciaes, ofende o bom senso e provoca o despeito.

Todo mundo sabe que os *pezames*, na maioria dos casos, não significam que se sofra por outrem e quando não atestam uma certa alegria para aqueles que não nos sympatisam, muitas vezes sem sabermos porquê, quasi sempre traduzem indiferença.

Mas seria tão dificil convencer uma pessôa de que deve ser commedida ao dar *pezames*, como seria impossivel convencer quem sofre de que alguem não se associa á sua dôr.

Cae tu, leitor, na asneira de não dar os *pezames* a uma pessôa, embora não a conheças! Ela sabe que os teus pezames não valem nada, mas fica supondo que tu és um bruto, uma cavalgadura ou cousa que o vala.

E' que os *pezames* têm a seu favor argumentos irresistiveis. E uma praxe da sociedade, e basta.

Os acidentes da vida são innumeros e em muitas circumstancias o homem é obrigado a dar *pezames* a quem desconheço.

Outras vezes é arrastado pela curiosidade a entrar numa casa em que ha gritos, choros, um barulho enorme, por alguem que morre ou por outra qualquer causa que justifique aquela confusão. Para dar uma idéa de que está comovido, não tem mais do que se chegar ás pessoas da casa e dizer:—Aceite os meus *sinceros pezames*!

Alguns casos por mim observados difinem ainda melhor as minhas razões:

Convidado para um enterro, notei que os parentes do morto faziam menos balburdia que algumas pessoas extranhas, prinsipalmente mulheres.

Tendo perdido um parente ao sair á rua fui abraçado por um sujeito que nunca me cumprimentara, e que, de chapeu na mão, dizia *sentir-se profundamente magoado* pelo golpe que acabava de me ferir.

Falecen uma senhora e sobre o seu falecimento corriam boatos alarmantes. Dizia se que a sogra fôra a causadora daquela morte e do nascimento prematuro de uma criança. Fui ao enterro. E queres saber, leitor, quem foi que eu vi, ao entrar na sala, junto á cabeceira da morta, desfolhando rosas no caixão?. . a figura sarcastica da sogra, dando ao semblante um certo ar de descontentamento, simulando a dôr de tal maneira que se eu não soubesse do drama ali desenrolado ficaria convencido de que ela estava aflitissima.

Um sujeito *botou a mira* no dote de uma mocinha e, á custa de muita *conversa, ajustou bem* o casamento. Morre a mãe da mocinha. E eil-o, *todo mguado*, a andar os quatro cantos da casa, bradando contra Deus, que fôra injusto, roubando-lhe a sua *muito querida* e futura sogra, a debruçar se no caixão e desfazer-se em lamurias ridiculas.

Lagrimas eu não o vi derramar, mas cabelos arrancava muitos, ás mãos cheias. Mezes depois casou-se. O seu primeiro cuidado foi espatifar o dote e depois de dar á mulher a vida mais desregrada, deixou-a no esquecimento. Era visto nos cinemas, nos cafés, a gastar loucamente, porem nunca se lembrou de ir ao cemiterio saber em que logar estavam os restos daquela que tantos cabelos lhe custara!...

Se se pudesse fujir ao duro compromisso de certos *pezames*, não tinhamos de topar de quando em vez com um hypocrita e nem proporcionariamos á muita gente que praticamos a hypocrisia.

A sociedade tem etiquetas que são verdadeiros contrastes, porque—falemos com sinceridade—não ha maior disparate, não ha cousa mais critica do que dar o homem idéa de sentimentos que não possue.

Puf

O MEZ DE JUNHO

A primeiro de junho começam as ferias escolares. E' este um bom tempo para a criançada. Ha familias que maldizem as ferias, julgam que elas são uma vadiação e apregoam mesmo que os professores o que querem é vadiar. E se exprimem dessa forma: ficam as creanças em caza, bulindo com um, bulindo com outro, sem descançar e nem deixar alguem ter socego. E' quebrando um copo, é abelhudando o que está guardado dentro do armario, e assim vivem as creanças durante as ferias. Os que dizem isso, é porque não sabem a grande necessidade das ferias ignoram, completamente, que a criança preciza de repouso cerebral e, portanto, é necessario, que tenha um ou diversos mezes, no ano para poder descançar um pouco, indo para o sitio, mesmo para o interior, onde respire um ar sadio, onde haja uma alimentação melhor, para que se avigore o seu organismo, tornando-a apta para continuar a estudar, com maior proveito.

Como estamos tratando das ferias de junho, falaremos tambem das festas de S. João. Ao aproximar se este mez muitos cabocios vêm á cidade, e convidam familias de suas relações para com eles passarem a festa de S. João. E é uma alegria hospedarem as familias da cidade, como eles as chamam.

Por este tempo, os fogueteiros tém muito serviço, e ganham muito dinheiro, vendendo buscapés, bichinhas, bombas, etc. Hoje o povo prepara-se para ir ver o bumba, não como antigamente, que as mucamas levam leves cestos de junco e embrulhos com objectos pertencentes ás SINHÁS MÔÇAS, e na retaguarda os molequinhos com o chapeu de sol e bengalas do SINHÔ-VELHO, um cachorrinho de estimação, um sagui, um papagaio, uma bujiganga qualquer.

Hoje, as familias levando o necessario para lá passarem uns dias, e contractando um cabo lo para as vir buscar, no carro, no Anil, não mais tomam essa canceira, se vão para a *Maioba*, *Tirú* etc.

E' justo dizermos, que este ano a animação foi geral. Muitas pessôas foram para a VILA DO PAÇO, MIRITIBA, etc. Os bondes da linha do ANIL passavam sempre cheios de gente. A' ultima hora, resolvemos dar um passeio até á MAIOBA. Tomamos ás 4 horas o bonde da estação, e chegamos no ANIL ás 6. Entre o OITEIRO DA CRUZ e o CUTIM, o travão de um dos bondes arrebentou e este chocou no outro mas não houve nada de maior.

Sabem todos que têm ido a sitio, que, de distancia em distancia se encontram marjinando a estrada, palhoças, e debaixo delas uma mezinha e sobre a qual veem-se diversas garrafas de restilo, desafiando os transeuntes adoradores de Baco. E ainda sobre a meza vêem-se um ou dois pães, algumas pencas de bananas maçãs, e dentro da gaveta carteiras de cigarros.

Quando os bondes passavam, apreciam-se homens e mulheres, que, espichando um pouco o pescoço olham, da janela ou da porta de suas cazas, desconfiadamente, para os que passam.

Ao chegarmos ao ANIL, montamos nos cavalos, que haviamos alugado. A estrada do ANIL estava completamente alagada. O sol já estava sendo coberto por uma nuvem negra, que denunciava chuva proxima, e justamente choveu quando passamos pela TRIZIDELA. Ai apenas nos recolhemos numa das cazas. Quando a chuva passou, proseguimos a nossa viagem. Havia ocazião, em que andavamos sem saber por onde, porque o caminho estava muito escuro e só de quando em quando diversos vagalumes riscavam o espaço. Chegamos á MAIOBA DO GENIPAPEIRO e depois de descançarmos um pouco, fomos passear. Dirijimos nos á caza do Augusto, onde havia um BUMBA MEU BOI, bem enfeitado com belbutina, lantejoulas, e espelhinhos. Estava sobre uma meza, e o pessoal apreciava-lhe a obra darte. Os folgazões, num quarto, preparavam se. Diversas moças do logar endireitavam o chapeu do amo, do vaqueiro etc.

Pouco depois que lá estavamos, tocaram um maracá, convidando o pessoal do bumba a se reunir; o amo tirou uma toada a que o povo correspondeu. Diversas eram as personajens do boi, que dansou em varias cazas, onde foi bem recebido e bem recompensado.

Entre eles alguns sobresaiam-se, por exemplo o Laureano, com o seu fraque; Panta, com o seu pandeiro e outros mais.

Um passeio á MAIOBA é tão agradavel, máxime pelo S. João. Os moradores de lá cavalheirescamente tratam aos seus hospedes; as aguas cristalinas e frias dos riachos serpeando por entre o mururú, a grama e o buritizal frondozo, oferecem um grande prazer a todos que teem a felicidade de lá estarem. E hoje, escrevendo estas linhas, ainda sinto bem clara a impressão, que de lá trouxe.

S. Luiz—23—6—916. *José Monteiro.*

Estrelinhas

A' D. A. e N.

São tres estrelas lindas perigrinas,
Que a minh'alma no tredo mar da vida,
Guiam serenas com sua luz querida,
Guiam, brilhantes, candidas, divinas.....!

São tres faróes, tres rozas pequeninas,
Que muita vez a lagrima sentida,
Dos meus pezares, levam de vencida,
Com garrulas risadas cristalinas!

Essas pequenas fadas melindrozas,
Tem as almas mais brancas que o luar,
E aveludadas faces côr das rozas

Dos seus olhos na doce transparencia,
Vejo, risonho e claro, a fulgurar,
Todo inteiro, ô poema da inocencia!

Zingara.

Meditando

A' gentil Poranga.

Vivo triste? .. Porque?...
Será algum desgosto?...

Creio que não... Será uma paixão?... Tambem não! Basta, já sei a causa em que se fundamenta essa tristeza: é, n'uma saudade atróz que jamais desaparecerá da minha mente...

Saudade, meiga flôr, que encerra muitas maguas dos corações saudosos, como o meu, e de todo coração, que sofre deste mal, que me tortura a alma.

Se podesse, em cada passo, nesta estrada escabrosa, desfazer esta magua!...

Se o bom Deus me permitisse este desejo, quanto seria feliz!...

Sim feliz, porque os dias me seriam mais doces, aqui neste fantastico mundo de ilusões.

Digo de ilusões, por vêr, ás vezes, quasi realizados, os dezejos que mais se almeja; porém, tudo não passa de mera ilusão, que se desfaz de uma hora para outra, como o vento que se esvoaça nos ares

Porem, dedicada Poranga, peço a Deus que os meus ideaes sejam cumpridos. ..

.....

S. Luiz, 15-7-1916, *Zante.*

Solicitadas

Si eu podesse fazer em verso alexandrino,
Mas em verso feliz, cheio de madrigaes,
Onde da arte brilhassem raios divinaes,
E o teu nome fuljisse em um clarão divino...

Mas falta-me saber. Falta-me inspiração
Para um verso fazer; tu que o mereces tanto!...
Não te posso ofertar senão sentido pranto,
Ou os risos triunfaes de um pobre coração.

Meu anjo, eu quiz; porém, nublou-se infelizmente
A luz da inspiração. E o cerebro cansado,
Parece dormitar sobre um prazer injente.

Espero, meu amor, que um dia em pranto immerso
Eu possa ao menos, flor, num poemeto sagrado
O teu nome exaltar na mudez do meu verso.

S. Luiz do Maranhão, de Junho de 1916.

Ney Nunes

se a correr, pelo longo e estreito corredor, chegando afinal, ao parque do elevador (que conduzia ao alçapão). Roldam o poz em movimento rapido, e atirou-se dentro do mesmo.

Mas ao chegar ao sexto circulo, Roldam soltou um grito de espanto...

Era Martini que o havia esperado nesse circulo para reter a sua fuga.

Depois de quinze minutos de luta, Martini jazia desmaiado sobre os estabulos do elevador.

Roldam, vitoriozo, levantou-se, mas, quasi sem forças.

Contudo, pegou o corpo de Martini e abrindo a portinhola atirou-o no profundo e escuro subterraneo.

Em seguida fez funcionar o elevador que continuou a sua marcha.

Finalmente chegou ao alçapão

Sem perda de tempo, saiu do elevador á escadinha que ia dar ao alçapão.

Chegando ao fim fez funcionar a mola e o alçapão abriu-se.

Immediatamente, Roldam achou se fóra do horrivel covil.

Roldam, (apezar da noite estar escurissima) sorriu, alegre, e sorveou a longos jatos o ar que havia dois anos não respirava.

Todavia não se deixou embriagar; correu á estrebaria, que ficava ao lado do alçapão, e equipou um dos melhores cavalos da quadrilha, e partiu á toda brida.

Quantos tremores não experimentou Roldam na sua fuga precipitada!.

...Todo rumor, despertava-lhe atenção...

Muitas vezes julgou que era seguido ..

Apezar de ainda não ter sido descoberta a sua fuga.

(Continua).

Nestor P. Silva.

A tristeza de Jair

Ao amigo Trajano Muniz.

Jair era filho da cidade e morava num povoado onde era to estimado.

Era um rapaz esbelto, simpatico, intelijente, exquisito e recatado. Embora educado por sua mãe adotiva com todo o melindre é senhor de nobres predicados.

Desde muito novo amava os livros e as suas idéas elevadas não o deixaram ficar no povoado, pois, sonhava outra existencia e, deixando a familia seguio rumo da capital. Estudando sempre, conseguio seguir a arte tipografica. Não satisfeito, desejou ir além; partiu para o Estado vizinho; para a terra do ouro preto; hoje, a terra dos seus sonhos! Ai, a felicidade envolveu-o no seu manto de purpura finissima e a fortuna protejeu-o. Passados alguns anos veio em vizita a familia e, não demorando se, zarpou novamente para a terra das suas ilusões. Decorridos mais cinco annos Jair voltou para matar a saudade que dilacerava o seu coração de filho querido e extremoso. A instrucção no povoado nenhuma era e êle, com as seus bons conhecimentos e fino trato, apareceu ali, como um astro radiante, de luz faciuadora, surjindo de um horizonte multicor.

A petisada garrula que vivia na obscuridade, facinada por essa luz inebriante—o saber—procurava-o, e, ele, dedicado e carinhoso começou a instruil-a, desvendando o negro e expesso véo que a envolvia a ignorancia —.

Fazia onze mezes que Jair estava no povoado. Parecm já ter esquecido a sua sonhada terra. Formava viajem e na ocaziño da partida a adiava.

Até que emfim chegou abril, e ele partiu. Oh!... como foi triste e saudosa a partida de Jair!...

O povoado era porto de embarque e os vapores nele vinham atracar. Num lindo domingo de abril, mez das flôres, ás 14 horas, o vapor ancorava no porto do povoado. Jair triste, pensativo, com os olhos arrazados de lagrimas, meditava, tentando desmanchar a viajem.

O vapor de vez em vez silvava, chamando os passajeiros. Era grande a afluencia destes.

Soou emfim a hora da partida e Jair mudo, pálido, tremulo e gelado despedindo-se dos amigos embarcou...

Porque estava triste assim?...

Já não era a terceira vez que deixava a familia? Ah!... mas, agora não erão só saudades da familia e da petizada; é, que deixava tambem no povoado, um coração a pulsar por ele; deixava tambem um pedaço de sua alma—o seu amor...

B. Vermêlho,—4—7—916. *Iris.*

A' memoria do grande mestre Antonio Lobo

A vida é mesmo assim... é um canto adoravel...
Mas, fim, terá um dia—a morte é implacavel!
=Tem sua garra adunca...
O homem nasce, estuda e eleva o pensamento...
A morte rouba o, emfim, mas seu grande talento
Oh! não se apaga nunca!...

Descança lutador da luta que encetaste,
Descança sob o céo do quanto trabalhaste
Em pról do Maranhão
Descança que esta terra, assim, cheia de dor.
Conservar-te-á p'ra sempre, ó grande lutador,
Da historia no padrão!

Teu feito valorozo o tempo não consome!
E nunca apagará da "Atenas" o teu nome
Soberto de imortal!
Deixaste para nós, do direito o clarão,
Por isso tu terás em nosso coração,
Erguido um pedestal!

—Sorrindo, abriste o olhar de toda mocidade!
Ensinaste-lhe o Bem, o Direito, a Verdade,
A Justiça e o Dever;
E, mais, deste valor ao «bloco» ateriense,
E bem alto elevaste a mulher maranhense,
Com o dom do teu saber:

Tu foste, cá na terra, um vulto glorioso
Que sobeste ganhar dum povo generoso
E herveo o coração...
Portanto, esse teu sono, a tua eternidade
Por nós será velado em hinos de saudade...
—A nossa gratidão!...

S. Luiz. *Clemente Guedes*

TRISTEZAS

A.....

Noite!... Silencio profundo!...

...Tudo descansa!... E eu!... Choro, carpindo a minha dôr...

Que fiz, meu Deus, para sofrer tanto?!.. Ah! mundo de quimeras, porque me iludes?!... Coracão! Coração! porque me venceste?... Porque dilacèras meu peito?... Como é terrivel o destino?... Para que tempo, me arrancaste dos meus verdes anos?... Como me sorri o passado!... Como chora o presente! Qual será o futuro!... Negro... Um abismo insondavel... Nada vejo senão... trevas... Horror...

E assim monologava um joven, que aprofundando sua vista na ampridão deixava transparecer, nas faces lividas, uma tristeza, uma dôr infinda

...Eu!... não!... jamais serei eu!... Antes morrer que viver sofrendo .. Porque me falham os carinhos .. Porque me despreza aquela que me deu a luz? .. Perque me cuche de oprobios esta que me adotou?... Riu, brinco, canto, mas minh'alma chora... Para que vim ao mundo?... Para sofrer..

Para que conheci este nome, que á todos é dôce e para mim amargo—*Mãe*—?.. Ah! mil vezes nunca o tivesse conhecido... Mas o destino já tinha marcado o meu itinerario.. Quiz ele que na quadra mais feliz da nossa vida eu o conhecesse...

ANO 1 — NUMERO 6

S. Luiz do Maranhão--Agosto de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

ASSINATURAS

Anual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Semestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200
Numero atrazado	$400

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Faljencio Pinto
José Monteiro
Francisco Figueredo.

GERENTE

Mauricio da Costa Furtado, interino.

TEZOUREIRO

Antonio Louzeiro.

BIBLIOTHECA PUBLICA do ESTADO DO MARANHÃO

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Faljencio Pinto, José Monteiro, Francisco Figueredo, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Nei Nunes, Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes José do Riba-Mar Pereira, Vitor Hugo Anchieta, Julio Silva, Manoel Varão, e Augusto Pinto.

Acha-se limitado o quadro de socios colaboradôres

Socias colaboradôras

Araoia Fernandes Braziliza Abreu, Corina Caldas, Altiva Smith, Nair Pinheiro, Jozuila Costa, Josefa Amazonas, Almerinda Rodrigues Lizoca Nunes, Rita M. da Silva, Silvia Castro, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bogéa, Zozima Sá e Filomena Silva.

Agentes no interior e exterior do Estado

Caxias Prof Laura Roza.
Arari Prof. Jozuila Machado Costa.
Icatú — Prof. Jozefa Amazonas.
Buritio Prof. Dolóres da Costa R.ª Tavares.
Rozario — Prof. Laura Souza e Nicéa P. Coelho
Chapadinha — Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina — Comerciante Benjamin Carvalho
Alcantara — Prof. Filomena Anjela da Cruz
Cururupú — Telegrafista João G. de Abreu, filho e Maria J Tavares
Pedreiras — Prof. Aciólina Sampaio Guimarães.
Ponte-Nova Senhorita Izabel Roza de Araujo.
Brejo — Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará) — Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho — Prof. Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer Prof. Ana F. Alves da Mota.
Vila de Morres Prof. Adaljiza Costa Feques.
S. Bento — Prof. Amelia B. Lobo
Pinheiro — Prof. Fmelinda R. Maranaldo e o sr Francisco Leito
Barra do Corda — Prof. Cecilia Martins.
Tutoia - Sr. Luiz d'A. Carvalho e a prof. Carmen Cruz
Cambuquira — Minas Gerais D. Maria Silva
Rio de Janeiro Francisco Santos.
Guimarães — Professor Ozorio Anchieta
Assiva — Professora Raimunda Silva
Viana Senhorita Maroca Nogueira
Amarante, Piauí Paulo Guimarães.

SUMARIO

Professor Machado - Redação.
Carta — Dr. Luiz Domingos
Dolores — M. F.
Destino — Astrolabio Caldas.
O palacio da ventura — Zingara.
Cismando — Peranga.
Carmela — Ribamar Pereira.
Historiando — Carlos Eujenio.
Floridéjio Poetico — Diversos
Uma ingratidão — Lira.
Historia d'um moço pobre — Nestor P. Silva.
Judas — Lucarvalho
Ecos do Coração — Nerise.
A vida — Al.
A sociedade Rio Branco — Redação.

Maranhão, ---- Agosto ---- 1916

ANO I

Revista Maranhense

NUM. 6

REVISTA MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Professor Machado

Transcorreu no dia 5 de julho p. p. a data do aniversario natalicio do estimado professor Domingos Affonso Machado, lente catedratico da cadeira de Portuguez do Liceu Maranhense, cargo este que desempenha com toda competencia. Os alunos daquela casa de educação, afim de fes[illegible]a o aniversario do seu mestre e amigo, promoveram lhe uma manifestação de apreço, dando, assim, provas de que a mocidade reconhece os valiosos serviços e os não poupados esforços, desse mestre, para a educação de todos que a ele recorrem.

Não é de hoje que a classe estudantal maranhense vem festejando o natalicio desse digno educador, sempre e sempre merecedor de todas as manifestações de agrado; porque todos sabem que o velho mestre se esforça muito, afim de que faça banir a ignorancia que infelizmente ainda grassa o nosso paiz!

Nós, como estudantes que ainda somos, não podemos deixar de enviar os nossos respeitosos cumprimentos a esse mestre cumpridor de seus deveres, a esse pae de familia exemplar!

Aceitae, mestre, embora tardiamente as nossas felicitações!

∴

A caza do aniversariante achava-se ornamentada desde a porta da rua, de tinas com plantas, tapetes e iluminada a gazolina.

Desde muito cêdo que o velho e conceituado professor recebia de seus amigos, alunos e admiradores, felicitações.

A's 19 horas tocou em frente á sua rezidencia a banda de muzica do corpo militar, do estado.

A's 20 horas subia as escadarias da rezidencia do aniversariante um crecido numero de estudantes, afim de saudarem o mestre e oferecerem-lhe um valioso mimo. O professor Machado os recebeu amigavelmente, sendo por todos abraçado. D'ai alguns minutos estavam todos os manifestantes na sala, onde se encontravam inumeras familias, professores, medicos, bachareis em direito, militares, comerciantes etc.

Em seguida fez-se um profundo silencio em toda a sala, era o orador oficial dos manifestantes, sr. Astrolabio Caldas, que ia falar, pronunciando um discurso, fazendo-lhe em seguida, entrega de um valiozo prezente nome de todos os seus colegas.

O professor Machado, mostrando-se muito comovido, abraçou todos os seus alunos em sinal de gratidão fazendo, em seguida um belo discurso agradecendo a manifestação de que era alvo. Terminou dizendo que a Patria brazileira espera pela mocidade, de onde pode provir o poéta, o medico, o bachatel, o farmaceutico, o militar, o vigario e etc.

Falou depois o professorando José Monteiro, saudando o aniversariante.

Os oradores foram muito aplaudidos.

Segui-se uma *soirée* dansante terminando ás 2 e 1/2 horas.

E' dispensado dizermos que a festa promovida pelos alunos do professor Machado esteve nas alturas, porque os festejos que aqueles promovem a este, desde longos anos, têm sido debaixo da maior pompa.

Tambem desnecessario seria dizermos as maneiras cativantes com que foram obsequiados pela familia Machado, todas as pessoas que foram levar os cumprimentos ao venerando mestre.

Abaixo transcrevemos a carta do distinto representante do Maranhão no Congresso Nacional.

«A' Rédação da «Revista Maranhense».

Extremamente agradecido e desvanecido, estreito bem ao peito os generosos amiguinhos pela carinhosa saudação no meu dia natalicio.

Luiz Domingues

Rio, 2 de julho de 1916.

A VIDA

Para o Benedito Ferreira

—Senhor, dê me uma esmola pelo amor de Deus!... Dê me, senhor, sou uma infeliz, uma mizeravel, Deus não me vê, não me proteje!...

—E's cega?

—Não.

—E porque pedes esmola?!

—Oh! senhor, sou aleijada da mão esquerda e de uma perna...

—Só?...

—Só...

—Tens paes?

—Não. De parentes tenho só uma tia, que, como sou assim, espanca me muito e nega-me, até, a comida...

—Que idade tens?...

—Vinte em flôr...

—Gozas saúde?

—Com toda minha desgraça, é o que ainda não me abandonou...

—Então?! E dizes que Deus não te proteje?!...

Tendo-se a saúde, tem-se tudo... Vai afortunada moça, vai viver... Anda... Quem não trabalha, não vive... Vai!.. Vai!.. Aproveita a tua mocidade!.. Ela é tudo!.. Sonho, febre, amor, vida e gloria!...

Tanta riqueza, tanta felicidade, e ainda achas pouco!?...

Amarante, 16—6—916 *Paulo Guimarães.*

Dolores

(Continuação)

—Não, meu amigo, replicou Dolôres, estás bem acordado, mas, dize-me uma coiza: de que te espantas?

O principe não respondeu.

—Não me respondes, Alberto?

—Não tenho o que te responda.

—Então senta-te, pois quero dizer-te uma coiza. E logo indicou lhe um confortavel divan.

Ele encaminhou-se para onde estava este, e sentou-se. Depois, olhando-a, perguntou:

—Para que me queres, Dolôres?

—Para te contar o meu passado.

—Não, não o quero ouvir agora, ainda ha muito tempo para m'o contares. Durante os tres mezes vindoiros, peço te que não me fales em tal.

—Já que não me queres ouvir, retira-te imediatamente.

—Expulsas me?!

—Sim, e enquanto antes, senão!... senão!...

O principe fitou a, empalideceu e ao baixar a vista... estremeceu.

V

Porque estremeceu? perguntará o leitor.

A's vezes assim acontece, principalmente quando se ama a mulher, que se vê da forma por que ele viu Dolôres. Eis o que o fez estremecer: Quando a olhou, viu seu corpo tremer, seus olhos brilharem, ouviu seus dentes ranjerem e finalmente no momento em que êle baixou a vista, ela soltou uma gargalhada que mais parecia um berro que um rizo... Estava louca.

* *

..... Era noite Grande tempestade caira sobre a cidade de Valetria, as cataratas do ceu se abriram, os relampagos, os trovões se sucediam quazi que ininterrutamente, o vento, soberbo e potente sibilava por entre as arvores, arrancando-as, levando as, quebrando-as, devastando tudo o que encontrava na frente emfim toda a natureza estava revolucionada. Todavia, foi nesta noite tenebroza, que no «Castelo da Rocha» se dezenrolava um triste e punjente drama.

Eram oito horas, quando Alberto se fez anunciar á sua mulher. Passados alguns minutos foi convidado a entrar. Sem demóra, entrou e cumprimentando a, sentou se.

Silencio profundo baixou sobre os dois jovens que, sentados um ao lado do outro, olhavam para um berço doirado, onde repouzava uma loira criancinha. A tempestade bramia lá fóra com furor Por fim, Dolôres, voltando-se para seu espozo, quebrou o silencio com estas palavras:

—Que queres de mim?

—O teu amor.

—E's indigno de possuil o. E's um mizeravel. Porque quizeste tomar meu filho?

—Minha querida, tu estavas, como ainda e tás, muito doente e como dizes amar tanto teu filho é que te pedi para me deixares leval-o, até ficares bôa.

—Nunca, bandido, replicou ela, levantando-se, queres m'o roubar, mas antes que tal aconteça, arrancar-te ei a vida.

Assim dizendo, tirou dos seios um punhal e avançou para o principe, que, tambem de pé, esperou-a, com um pequenino vidro na mão. O ferro homicida roçava já o peito do moço, quando ela, soltando um gemido abafado, deixou pender a cabeça e rolou no tapete inanimada. O principe, sem perder um segundo, correu ao berço, pegou na criança e abandonou a sala, onde se achava, fechando, com o trinco, a porta, após si.

Era, mais ou menos, meia noite, quando um cavaleiro, montado em fogozo corsel, saía do «Castelo», desaparecendo, logo, nas trevas A estrada, por onde caminhava, só era alumiada pela luz brilhante dos relampagos, contudo, nada o deteve.

Pela madrugada chegava a Roma, encaminhando se, logo, para a rua Giorjia, onde parou defronte de um palacete. Tres pancadas, compassadamente, fizeram com que alguem lhe viesse abrir a porta. Imediatamente a transpoz e, com um fardo nos braços, seguiu para um quarto onde se via luz; la depozitou a sua precioza preza, e, dando um suspiro, começou, avido, a dezembaraçar alguma coiza que se achava ali embrulhada com tanto cuidado.

Finalmente, o éco repetiu um gemido, que saiu do quazi desfeito fardo.

—Vive!... exclamou o principe, pois era ele o misteriozo viajante, e com afan desvencilhou dos envolucros restantes uma criança... seu filho.

Lagrimas de alegria banharam o rosto do menino, que cançado da viajem forçada, que fizera, adormecera de novo.

(Continúa). *M. F.*

O DESTINO

Americo era um pobre rapaz de 20 annos, que vivia em companhia de um tio, porém, lutando sempre com a vida; ocupava um lugar que não lhe rendia muito, e, dezejando ter um melhor, embora em outro logar, pediu ao seu tio, que fizesse o possivel para lhe obter um em condições mais vantajozas.

Antonio, assim se chamava o tio de Americo, atendendo ao pedido de seu sobrinho foi falar com o governador do estado de...—onde eles rezidiam,—afim de obter um cargo para o seu sobrinho, sendo logo atendido.

Dai a alguns dias foi o pobre rapaz nomeado para rejer a cadeira majistorial de uma das vilas desse estado.

Ao decorrerem quinze dias depois de sua nomeação, Americo seguiu para a vila afim de exercer a cadeira majisterial. Ao dezembarcar, achou a vila um tanto triste, porém, disse êle, depois de algum tempo, acostumar-me-ei.

—Mas... como poderei viver aqui, sem conhecidos? Aprofundeu se em meditações...

— Com o tempo arranjarei... paciencia. . . . . .

. . . . . .

Muitos alunos já contava Americo, estando muito satisfeito com isso. Tambem, com a sua simplicidade, já enumerava alguns amigos, que o convidavam sempre para jantar, passear, etc.

E assim foi indo o joven, até que, um dia conquistou o amor de uma menina de dezenove anos chamada Cloulde, linda como o despontar da aurora; os seus cabelos pretos caiam em abundancia sobre os hombros, a tez morena, os olhos vivos côr da noite, dando, assim, aparencias de uma deuza, mas de uma deuza encantadeira!!!..

Americo e Clotilde tornaram-se loucos de amor, desde os primeiros olhares que trocaram.

—Como poderei eu mandar uma cartinha a esse anjo, se a vijilancia de seus paes é imensa?! pensava êle.

Diversos castelos formava o rapaz, sempre encontrando obstaculos.

Até que enfim uma lembrança ocorreu-lhe á mente, o Chico!.. o meu amigo Chico, só este me poderá ser util.

Nesse mesmo dia falou Americo com o seu amigo Chico:

— Meu caro amigo Chico!...

— Couse vace, Americo?..

—Eu lutando sempre com a vida. E tu como vaes?

—Eu tambem a lutar com a vida!

—Então somos dois lutadores que se encontraram!...

—Meu caro, continuou Americo, eu dezejava de te um grande obzequio, pois só tu que m'o podes servir... Conseguirei de te semelhante couza?

—Estando ao meu alcance, estarei pronto e sempre pronto para te servir!...

—Ao teu alcance está, tenho certeza certa!...

Se tens tanta certeza assim dize lá que é!

—Ah! meu amigo, como já sabes, estou trasbucado de amor por aquele anjo, que se chama Clotilde e precizando dizer-lhe alguma couza por escrito, mas notando que seus paes lhe fazem grande vijilancia, venho pedir te um grande favor, do qual nunca me esquecerei... E' de levares uma cartinha a essa menina. Recorro a ti, por depozitar-te grande confiança e mesmo por seres intimo da caza!...

—Não ha novidade, quando quizeres estou ás tuas ordens.

—Oh meu caro Chico, reconheço que és um leal amigo..— proseguiu Americo, com um sorrizo entre os labios... Aguardava apenas a tua rezolução, eis aqui a missiva...

Chico, pegando a carta, meteu-a no bolso e, despedindo-se do seu amigo, seguiu em direção a caza de Clotilde.

Lá chegando, a encontrou junto de sua mãe. Depois de cumprimental as, sentou-se um tanto pensativo e triste.

—Bem, disse a velha, levantando se, agora eu vou tratar nos meus afazeres, enquanto *seu* Chico está aí.

Um sorrizo de satisfação assomou no semblante do Chico, que, aproveitando a saida da velha, começou a dezempenhar se da missão da seguinte forma:

—Clotilde aqui tenho uma cartinha para entregar-te, porém, antes, aceita os meus cumprimentos...

—Os teus cumprimentos?! repetiu a menina um tanto espantada...

—Sim, os meus cumprimentos... olha! exclamou êle tirando uma carta do bolso.

—De quem é?

—Ah! Ah!.. de quem é... vê lá se adivinhas?!?!...

—Não adivinho...

—E' do... Americo....

Clotilde, ao ouvir este nome, rubrizou-se

—Ah! Chico, não dizes nada a mãmã nem a papae, sim?

—Sim. Eu já soube de tudo a respeito de vocês.

Clotilde, a um canto da varanda, abriu e leu a carta.

Depois de lêl-a imediatamente, foi á sua escrivaninha e respondeu a carta de Americo, acedendo ao seu dezejo.

Desde esse dia, o Chico ficou sendo um *moço de recados* para os dois amantes.

—Continúa. *Astrolabio Callas.*

O palacio da ventura

Lendo uns versos de Mota Cabral

Foi por noite estrelada, que a radioza ventura, veio sentar-se á beira de cristalina fonte que corria murmurando por entre trevos silvestres, sobre brancos seixos.

Olhando para a vida, viu tanto anceio, angustia, desdita, tanto estorço para a conquista de idéas, que compadecida dos mortaes, escreveu n'uma pedra onde era a sua morada, indicando a aos que a procuravam.

La, a paz e o socego reinavam sempre sob a eterna claridade de um dia sem fim!

Por entre rozaes de sonhos, nos esmeraldinos campos da esperança, vagueiavam amores, perpassavam as quimeras azues, as fantarias de azas diafanas teciam a teia fuljente do eterno bem, o alegria cantava na guzla de ouro do prazer as baladas embriagrantes da felicidade!

Mas.... e em tudo ha sempre um mas; a corrente mansa passava sempre murmurando queixas, sobre a pedra e apagava os traços que deixara a mão eburnea da ventura!....

E é por isso, e por isso que a sua morada é sempre ignorada, e vivemos sempre na ancia infinita de encontrar o ideal sonhado.

Zingara.

Cismando

PARA O MAURIGUASSU'

Agosto!!!...

Mez cheio de encantos!.. Como é mais suave o gorjeio dos passarinhos, nas belas manhãs de agosto!... O murmurejar das folhas, açoutadas pelo vento, como parece melodiozo!...

O sol, como desponta orgulhozo!... O ceu, com o seu limpido azul claro, como é formozo!... O mar!... Os campos!... As matas!... A vida!... Tudo emfim é alegria!.. .

. . . . . .

Além, no sopé dum serro, vejo um joven que, devastando a amplidão com sua vista... cisma.

Sem ser notada, me aproximo dêle e sento-me ao seu lado... Um estremecimento lhe percorreu o corpo. Sentira o arfar ligeiro de meu peito e, assustado, voltou se para meu lado; deparando comigo, exclamou:—«Peranga, assustaste-me!...» —«Perdôa, caro amigo, repliquei. Aproximei-me de ti por vêr que estavas sozinho a... *cismar*... Que te acabrunha?...» —«Uma dôce recordação, minha amiga» —«Poderei compartilhal a?» —«Sim, podes, porque, para contigo, eu não tenho segredos.» —«Neste cazo, satisfaz a minha curiozidade.» —«E' muito simples. Cismava, não, primeiro revivia n'alma, teenas recordações, que jamais se apagarão do meu cerebro, depois comecei a *cismar* e foi neste momento que me vieste arrancar do meu sonho de venturas.» —«Mas, até agora, ainda não me relataste qual a cauza de *cismares*... Um joven cheio de vigor, de amor, atravessando a quadra mais feliz, que temos em nossa fugaz existencia, em que pode *cismar*?..." "Bem quereres, Peranga, tanjiste a corda mais sensivel do meu coração e pela qual *cismava*..."—"Ah! já sei, o *amor*!.."—"Justamente Estava revendo todos os quadros *do meu amor*, pois foi neste mez, que me apaixonei pela mulher que, agora, *amo com loucura*. Foi neste mez que meu coração quebrou os élos do indiferentismo e caiu *prizioneiro* nas *malhas do amor*, pela segunda vez.. Não sei como pude me enganar, novamente, com êle, o simbolo da traição. O meu destino já tinha pintado esta nova paizajem no cenario da minha vida... Não achas que fui um louco?..."—"Acho e não acho, porque, se foste, quando amaste, pela primeira vez, enganado, sofreste o castigo da tua louca paixão e inesperiencia; agora, podes encontrar no peito desta que amas, o *amor verdadeiro*, o balsamo para a tua alma, por fim, uma companheira digna de ti... Não me disseste ha tempos que ela mostrava te amar apaixonadamente?..."—"Sim"—"Já não lhe expuzeste tua vida?... Não lhe pintaste com as cores mais vivas a tua existencia?..." – "Sim". –"Ela te desprezou?..."—"Não" – "Pois então, ama-a, que nela encontrarás, talvez, o *verdadeiro amor*. Agora se ainda nada disseste, se a iludes; és indigno, vil traidor, assassino..." –"Peranga, insultas me?!..." —"Não, eu digo a verdade... Dize me uma coiza, se tu fosses uma moça e eu um rapaz e que vivias satisfeita, alegre, entre os carinhos e afagos de teus paes; eu, certo dia, te encontro, quebro o encanto do teu casto amor; tu, inesperiente, me dedicas todos os teus cuidados, hipotecas a tua paz, alegria, felicidade e passas a sentir, verdadeiramente, o que eu finjo sentir; iludo te, idealizo castelos, descreve a tua vida fulgurante a meu lado, demonstro o amor que não tenho e finalmente fujo, roubando te tudo!?..

Louco desespero te avassala o peito, negros pensamentos vagueiam em teu cerebro, paixão fatal apossa se de teu coração, em vão lutarás para venceres e acabas sendo vencida... E eu!?... Sigo, sem remorsos, a procura de novas vitimas, enquanto tu, outrora tão alegre, carpes, agora, a dôr que te assoberba, até o momento em que a *morte*, zombando das tuas forças, te envolve na sua mortalha... Serei ou não um assassino?..." –"Sim, serás.. Mas, se acontecer o contrario?"—"Vingar-te-ás".—"Pois eu te juro, Peranga, que as minhas intenções para com ela são brotadas de um coração de joven, mas que sabe abalizar tudo... e se a morte tirar-me, antes de concluir o que almejo, baixarei o tumulo, todavia, deixarei, na terra, a prova do meu *sincero amor*; e era nisso que pensava, quando junto de mim chegaste"—"Sinto, meu amigo, ter interrompido a corrente dos teus pensamentos, perdôa me... O que dezejo é que sejas feliz na realização do teu sonho dourado... Adeus!...

Cururupú, 3 8—916 *Peranga.*

CARMELA

PARA O ASTROLABIO CALDAS.

Carmela era uma louca.

Havia já dois anos que dera entrada no Hospicio de Santa Laura e, nem um só momento siquer deixara transparecer o motivo de sua loucura.

Sua pobre mãe morrera de desgosto e o seu velho pae em vão procurava no alcool o lenitivo de sua desgraça.

Contava então dezoito anos.

Aos dezeseis, era ainda a creança travessa, que aos outros divertia, com os seus brincos, e agora, dois anos após tanta felicidade, vivia nas horriveis trevas da loucura.

O motivo de seu infortunio ninguem o conhecia; entretanto suspeitava se que um amor infeliz lhe tirara para sempre a noção das couzas.

Era verdadeira essa suspeita.

Carmela, aos quinze anos, começara a sentir brotar em sua alma de creança os primeiros sentimentos do mais puro e santo amôr.

Era a primeira vez que seu peito pulsava pelo mais sublime dos ideaes.

Amava, com toda candura e pureza, a um joveu estudante de medicina, quatro anos mais velho que ela.

Fizera desse amor o seu ideal, a sua constante esperança e de repente se vira abandonada pelo ente a quem maior amor dedicara em toda a sua vida.

Dizer se o que sofreu, é impossivel; acometida de uma febre violenta, lutou com a morte vitimada pela triste derrocada de suas aspirações de creança.

Alguns dias depois enlouquecera.

Horas ria e horas chorava.

Sua dezolada mãe, ao vel a para sempre perdida, sucumbira de dôr e o seu mizero pae, não podendo afazer se á grande saudade que dela sentia, dera se ao vicio da embriaguez.

E ela, a infeliz louca, ria se de tudo, inteiramente alheia ao seu infortunio.

Agora, ei-la ai, internada para toda vida, nessa caza de doidos.

Cédo conquistara a amizade das enfermeiras e dos medicos que ali trabalhavam.

Sua loucura era das mais pacificas; nunca fizera mal a ninguem.

Um dia, sentada ao portão de saida, olhava vagarozamente para um lado e outro do grande jardim, que precedia a entrada do edificio, quando um cortejo passou em frente á fachada onde se encontrava.

Carmela ergueu se maquinalmente e depois de ver desfilar ante seus olhos de louca os carros que compunham o prestito de um cazamento, soltou um grande grito e caiu por terra,

Correram a socorrel a.

Era demasiado tarde.

Carmela, vendo passar ante seus olhos as scenas de que tantas e tantas vezes idealizara ser protagonista, o seu sonho de noiva, e não podendo vencer o sofrimento entrega a alma a Deus, e fôra sonhar em um outro paiz, onde julgava esquecer a sua desdita na terra.

Ribamar Pereira.

Historiando

O dia amanheceu belissimo. A passaredа alegrava e suavizava com os seus cantos a vida amargurada dos habitantes da nossa pacata S. Luiz

O povo maranhense comemorou a data da nossa independencia com o maior indiferentismo.

O 28 de Julho marca o inicio de novos horizontes para o povo maranhense.

Secundado por novos elementos, crente estou, o Maranhão resurjirá altivo, forte e admirado pelos os outros estados da comunhão brazileira.

Levanta-te! eu tenho fé intensa e inabalavel no teu futuro renace! resurje! amparado pela mocidade!..

Reacende-se em todos os peitos juvenis a antiga fé e irmana nos energicamente a mesma ideia de luta e de vitoria.

Mocidade! mostrae-vos digna da terra que primeiro vimos a luz solar. Neste momento critico da vida planetaria cuja baze oscila, é dever de todo bom cidadão colocar, acima de tudo o bem estar da *Patria*. O governo nacional devia se preparar para o dia da paz. O Maranhão do passado foi o celeiro do norte! As grandes ideias são conquistadas pelas as armas e pela voz dos canhões. Na flôr da juventude nada é impossivel, perseverança! depende da atual geração o nosso engrandecimento.

Mocidade! olhai para o passado, tomai um desses grandes vultos por guia, e, assim, e evaremos a nossa amada terra ao antigo *trono de honra*.

* * *

Minha terra natal, S. Bento, é situada sobre uma ponta da terra, circundada por verdejantes campos burilados e esmaltados pela mão divinal de um Ser supremo.

No inverno os campos se transformam em um extenso lençól de agua doce.

A sua superficie azulina, como o azul da abobada celestes é um vasto taboleiro de verduras que deslumbra e encanta a vista do excursionista.

Como é bela e poetica a natureza divinal desses campos!!! No extenso taboleiro de verduras, combinando-se as côres, temos a GLORIOZA E INACULADA BANDEIRA DO BRAZIL. Nas marjens dos extensos campos elevam se os outeiros verdejantes, basta vel os uma vez, para que não mais se os esqueçam, Bendita terra, que possues em teu seio filhas belas, de olhos pretos e sedutores!...

* * *

Longe da patria extremecida, entre os carinhos dos seus, colhen a Imperial princeza D. Izabel mais um *janeiro* no jardim de sua preciosa existencia

E' dia de alegria para os brazileiros, especialmente para a mocidade que venera e exulta as excelsas qualidades da grande filha do BRAZIL AMADO.

Senhora de excelsas virtudes!!! Mãe castissima, esposa exemplar!!! Senhora de coração puro, ornado de todos os predicados essenciaes para a vida material. Neste momento critico da vida politica brazileira, todos volvem os olhares pressurozos para a glorioza familia. Já os proprios republicanos rendem homenagem de que é digna, a excelsa princeza.

Deste recanto do nosso amado BRAZIL, antes, peço venia, o envio á magnanima brazileira os meus sinceros parabens e que verei um dia... em terras brazileas

* * *

Muito apreciei o soneto da poetiza Silvia de Castro, burilado com esmero, simplissimo, grandiozamente natural...

Cara poetiza, grandemente apreciei o modo como é exposto o cenario poetico do vosso soneto. Crente estou que a distinta poetiza continuará prestando nos o vosso apoio intelectual, lenitivo indispensavel para a nossa vida jornalistica. Queira, portanto, aceitar os meus sinceros parabens, pois o vosso soneto foi gostozamente apreciado, por todos da *Revista* e por lentes abalizados do nosso Liceu. Felicito, tambem, a distinta *Guerreira*, a qual espero que continue, auxiliando nos na ardua tarefa de que tomamos encargo.

Carlos Eugenio.

FLORILEJIO POETICO

O teu Rir,

A' GENTIL ALTIVA SMITH

Esse teu Rir de excelsa melodia
Repercute qual notas argentinas!...
—Doce vocalizar de cotovia
A crciumar as ternas cavatinas!...

Esse teu Rir—castalia de harmonia!...
—Murmurios de fontes cristalinas!...
E' mais que empolgadora sinfonia,
Mais que vozes do céu, vozes divinas!...

E' mais sonoro que as canções bizarras
Repletas de bemóes e de doçura
Cantadas ao luar pelas guitarras.

—Mais sonante que as arias siderais!...
Parece, ao desprender-se com ternura,
O retinir suave dos cristais!...

S. Luiz. *Ribamar Pinheiro.*

Não crês?

— PARA QUEM ME ENTENDE.

Então, não crês no grande amor que tenho
Votado a ti dês quando nos amamos?
Nos multiplos segredos que guardamos
Que com lealdade t'os firmando venho?...

Não crês, tambem, na luta que mantenho
Para fluir o dia que almejamos?...
Nas promessas... Não crês no que juramos
Ante a senhora e o Bom-Jezuz do lenho?

Não crês que em ti eu veja o meu futuro?...
Um viver sem tormento eu veja, puro,
Nesses teus olhos dum porvir brilhante?

Olha—já falje, além, a nossa aurora!
Sê credula; e sigamos mundo a fóra
Sem nunca entristecer, sorrindo avante!

S. Luiz—916 *Clemente Guedes.*

SUPLICA

Volve-me o olhar de luz serena e dôce
e vê quanto eu por ti tenho passado!
O amor que de tu'alma evapor use,
no meu peito raizes tem creado!

Vê os longos martirios que me trouxe
teu afeto por mim tão cubiçado!
Jamais tanto te amasse, se não fosse
em paga deste amor ser sempre amado!

E-ta ilusão que, em breve repeliste
como se fora um sonho torment zo,
eu inda a tenho na minh'alma triste!...

Quanto me punje este viver tristonho!
Sofrendo o fel do rizo d sdenhozo
com que compensas o meu lêdo so.ho!

E. Polari.

Soledade

A' Maria Pontes

Em meio o coração partido eu tenho...
Não sei dizer-te Maria bem ao certo,
O ponto positivo onde a saudade
Enterra o espinho em meu peito aberto.

Embalde o pensamento fujidio
Célere vôa pelo espaço infindo
Em busca de matar os meus desejos
C'o som de um beijo no teu rosto lindo.

São duas coisas, Maria bem contrarias
Ambas iguaes na força, iguaes no ardor
Uma a saudade que mitiga nauseas
Outra alegria que mitiga a dôr.

S Luiz, 16 de Ag sto de 1916.

Dr Oscar Galvão

FRATES!

A' meus irmãozinhos.

Soou, enfim, a hora da partida,
Em que p'ra longe vou, irmãos queridos,
Levando co'a minha alma dolorida
Recordação dos dias já fruidos.

Já vejo se apressar a despedida,
Em que vós vivamente comovidos,
Não suportando a lagrima sentida,
Contra meu peito choram combatidos.

Conseguindo vedar dificilmente,
Dos meus olhos o pranto copioso,
A vós assim digo antes de ir embora:

Não chorae! Dentro em breve e cu contente,
A todos volverei, grande e garboso,
De onde mui triste vou seguindo sa ra!

Rio,—30—5-916 *Francisco Santos.*

De longe...

Quanto é penoso amar, viver distante,
Desse anjo a quem meu peito tanto adora;
Não posso vel-a, e vejo-a a toda hora;
Porque na mente eu trago o seu semblante.

Direi mulher que nestes versos conte
Toda a beleza que tua face enfeita;
Quer junto a ti, ou quer auzente embora
Vejo a tua linda imajem fulgurante.

Oh! eterna vizão dos meus sonhares!
Oh! alma que me tens escravisado!
Oh! mulher que suplanta os meus pesares!

Não sei como contar o cintilante
Fulgor d'esse olhar teu, enamorado;
Vivendo como eu vivo, assim distante.

V. Moya.

Uma ingratidão

Para o prezado amigo José de Ribamar Pinheiro.

(Conclusão)

—Queres um conselho de um quaze teu irmão, José? Um bem, praticado na terra é bem compensado por Deus no ceu.

—E uma ingratidão praticada por uma pessoa a quem queremos a sua felicidade Felipe, leva cedo um corpo a sepultura, mata um sentimento nobre e ultraja um espirito bem formado. Luizinha inspirou me o odio, ultrajou-me o espirito e insultou me o sentimento. Quero esquece la quanto antes...

—E ela contou-te a vida quando a salvaste?

—Contou-me, contou-me. Ouve lá, é curta e cheia de tanto desgraça. Disse-me que era filha ilegitima de um lavrador viuvo,a quem cedo a morte levara a sua adorada espoza.

Ela nacera de uma criada do viuvo que substituira no lar a senhora falecida. O pai morrera de uma congestão cerebral; a pobre mãi só, criara a a custa dos muitos sacrificios que fazia, alugando se a um, levando desfeitas doutros, solicitando esmola de um terceiro, assim levou a vida rude marjeando os lagos da miseria até que um dia lhe apareceo um filho de um rico comendador que, facinado pela beleza da filha, já mocinha lhe facilito o sustento. Visitava-as sempre com o intuito de tornar para si a inocentinha.

A velha saía, confiando a filha ao sinecura. Com palavras doces, promessas fabulosas e risinhos sedutores conseguiu sorrateiramente trazer a menina para a cidade na ausencia da mãi, a quem causara morte repentina. Na capital alugagara lhe uma casa, ensinara lhe coisas perniciosas prometera-lhe casamentos levando-a em todos as casas de dobocho em que entretinham a vida e onde perdera dois annos dos seus estudos.

O comendador sabedor de tudo chamou para si e o obrigou embarcar para o estrangeiro. Sem recursos, na miseria caira na desgraça sendo o proprietario da casa onde morava obrigado a despeja-la judicialmente por falta de pagamento de aluguel. Bateu em muitas portas a procura de emprego e não achando quem a quizesse como criada, desesperada atirou-se a mendigar pela rua até que caiu exausta no lugar onde a encontrei gemendo de fome. O seu ideal, Felipe era o suicidio, antes a tivesse deixado morrer,porque agora não passava pela dura decepção de não ser reconhecido o bem que praticuei.

—Basta, José disse Felipe; o que se passou o vento da ventura levou consigo, saimos deste lugar, mudemos de ideia e esperemos o futuro, não chores.

E os dois tristes e silenciosos de braços dado atravessaram a grande avenida, perdendo se na multidão que transitava pensando no passado triste da ingrata Luizinha.

Iára.

Historia dum moço pobre

III

Eram oito e meia da noite, pouco mais ou menos.

Nessa ocazião, gritos de angustia repercutiram pelo subterraneo...

Sandro, o chefe da quadrilha, corria a vêr o que tinha sucedido.

Chegando a certa parte do estreito corredor, encontrou o corpo de um homem completamente banhado em sangue.

Era de Jaquissen, que,depois de ter gritado, clamando justiça, falecêra em consequencia da enorme e certeira cajadada, vibrada por Roldam, no momento em que aquele queria detê-l o na sua precipitada fuga.

Sandro, sem saber o que se passava, continuou na sua carreira para o interior do subterraneo.

Mas a quatro ou cinco passos adiante, tropeçou e caiu.

Levantou-se e em seguida examinou o objeto que tinha occasionado a sua brutal quéda...

—Bandidos!... Rugiu Sandro, furioso.

Depois de sacudir o cadaver (para vêr se ainda dava algum sinal de vida) rugiu novamente e depois moderou-se mais, interrogando consigo mesmo se: Estaria sonhando!... Mas nisto lembrou-se de Roldam. Seguiu immediatamente ao seu quarto.

Mas ao abrir a porta, recuou e soltou uma exclamação de espanto.

O quarto estava vazio, vendo-se somente o infeliz Flagus que dormia profundamente.

Maldito!... Bradou Sandro

E correndo, para o cachorrinho, assassinou-o com uma punhalada.

Comprehendera, então, que Roldam *tinha os metido no bolso*.

IV

O caminho da felicidade

Tres dias eram passados.

No caes da florecente cidade galipolitana, denominado Miria, via se o grande transatlantico "Mauritania", que estava de partida para as Indias.

Ao seu bordo, divulgava-se um joven rapaz com ares de tristeza.

Era Roldam que, ao chegar áquela cidade, correra a tomar passajem no paquête, e seguir para Calcutá.

Apezar de salvo, chorava, saudoso, por seu fiel amigo, que sempre o acompanhou e de quem nunca se separou até aquela data.

Entretanto, Roldam não estava desanimado, queria vêr o fim de sua triste sorte.

Em alto mar

Dois dias depois da partida, achava se o vapor em pleno oceano, ouvindo-se o rugir das ondas e o zunir do vento atravéz o grande transatlantico, que seguia como uma casca de *nóz*, sobre agua.

De repente, ouviram-se gritos de alarme, que vinham do interior do navio.

Incendio!... Incendio!... Incendio!!.. Ao mesmo tempo viam se labaredas e grande quantidade de fumaça, que sahia dos *parões* do vapor.

Minutos depois, viam-se homens, mulheres e creanças uns a gritar em socorro, ajoelharem se, outros a correrem de um lado para outro do navio e outros a atirarem se ao mar!

. . .

Quinze minutos passaram se.

Quazi todo o navio era pasto das chamas, faltava somente a próa. Centenas de passajeiros tinham-se atirado ao mar...

De repente viu-se entre as chamas, Roldam, que saía de um *camarote*, trazendo nos braços uma joven de dezoito a dezenove anos.

Esta era filha de Lord Milton Nenton, que ia fazer uma excursão á India.

IV

Estela, como se chamava a joven, estava quasi desmaiada.

Roldam correu á escadinha que estava ao lado do navio e desceu.

Não encontrando um *escaler*, ou outra embarcação que os pudesse salvar, subiu novamente.

Chegando ao convés, arrancou das grades dois *salva-vidas* e depois atirou-se ao mar, em companhia de Estela.

Nesse momento, via se o 'Mauritania" submerjindo e dando o seu ultimo adeus.

. . .

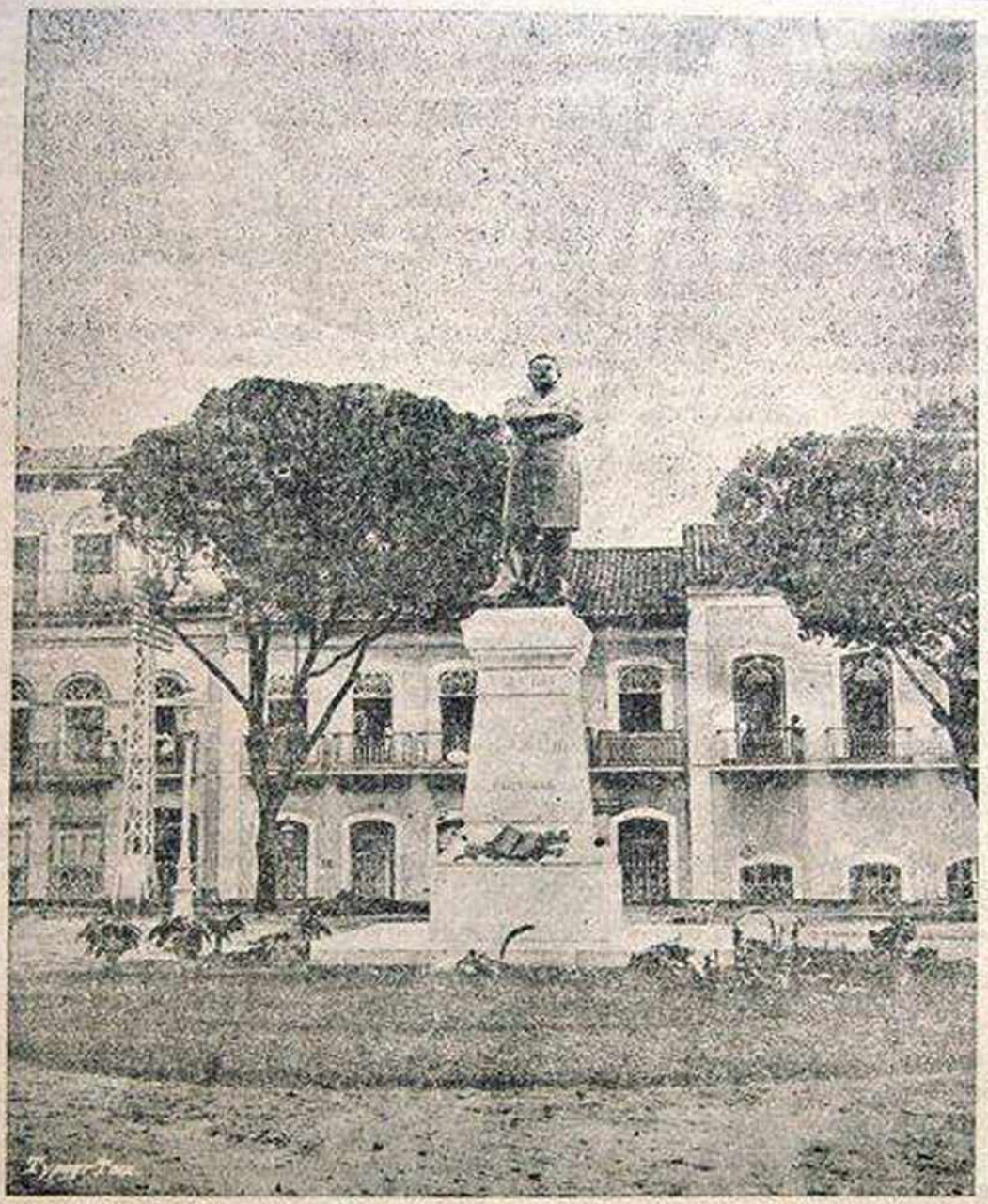
Dias depois da catastrofe, eram Roldam e Estela salvos pelo paquete "Imperator".

Lord Milton, que tambem tinha sido salvo por esse navio, recebeu os nos braços, jurando a Roldam, em sinal de gratidão, dar lhe sua filha, para casar.

Dias depois, Roldam, convidado por Lord Milton, desembarcava em Marselha, deixando assim de continuar a sua viajem.

Epilogo

Mezes depois, o governador de Albania recebia de Rol-



Praça Benedito Leite

BIB- CA ESTADO DO MARANHÃO

dam um oficio, denunciando a quadrilha "Ramo Negro", terriveis piratas daquelas regiões.

O governo tomou todas as providencias, liquidando-a completamente.

Emquanto isso se passava, Roldam, num jardim de rozas, em companhia de Estela e Lord Milton, narrava as suas aventuras.

FIM *Nestor P. Silva.*

JUDAS

Judas existem em grande quantidade por este mundo de Cristo!

Judas de casaca que da forma mais horripilante traem o melhor de seus amigos e o mais excelente de seus bemfeitores.

E é justamente na parte mais elevada da sociedade que encontramos os Judas, porém Judas, que com o maior sangue frio e com perfeita conciencia do ato que praticam, fazem traições as mais indecentes e covardes.

E de fato a traição peior é justamente aquela que vem envolver as ações dos homens intelijentes; porque estes, afim de ocultar sua perfidia, procuram envolver sua infamia em densas nuvens, que por isto mesmo sua vitima custa safar-se da nebuloza, na qual o seu mizeravel *amigo* a envolveu. Quantos Judas tem a sociedade? Não se pode dizer nem calcular.

Filhos infames e desnaturados, que têm a corajem inaudita de trairem os proprios paes, arrastando os ás mizerias! Amigos, ursos ou mesmo que, não sendo ursos, são ainda mais mizeraveis, que perfidamente vendem os amigos a quem só devem gratidão.

Entretanto, somente o infeliz Scariotes, o mais justo e mais leal de todos os Judas é que tem a mais ignominiosa das commemorações

Scariotes que traiu Cristo, porque, segundo a escritura, havia necessidade dum traidor para se cumprir o que ela dizia; esse infeliz que foi um instrumento necessario da redenção; este traidor, que por este motivo se tornou um heroe; esse homem digno de apoteose, porque, sendo um instrumento da redenção, que traiu um Deus, que sabia de sua traição, é in-

tamento que tem a pior das comemorações, apupado pela criançada, depois de seis ou oito horas de enforcado, ainda, coitado, é destruido pelo fogo e pelas cacetadas da mesma petizada que o apupou!

O infeliz Scariotes, que se pode chamar benemerito da redenção, tem a mais tetrica das comemorações, ao passo que Judas peiores, que cinica e perniciosamente infestam nossa sociedade, vivem de reunião em reunião, impunemente semeando o joio entre o trigo. São coisas da sociedade

S. Luiz, 7—7—916. *Lucarvalho.*

Ecos do coração

Laise querida.

Volto, neste momento, de um passeio matinal. São 6 horas da manhã. A natureza, desperta ha pouco, está em festa! Tudo canta, tudo palpita! Em cada ser vibra uma vida nova.

O sol, que se vem erguendo radiozo, no horizonte, dardeja sua luz bemfazeja por sobre a corola das flores, onde o pranto da noite depozitara muitas perolas refletindo o brilho faiscante do astro rei.

Por sobre o verde tapete de grama, esvoaçava um lindo enxame de borboletas multicôres, num gazear alegre, como que enamoradas pelas florinhas, que erguem para espreital as, as timidas cabecinhas.

Que suaves acordes modula a passarada, gorgeiando na devêza! Que harmonia de vibrações!

E' divinamente encantador o conjunto que nos oferece a melodia desses habitantes do espaço, com a vizita meiga das creancinhas que, atraidas pelos esplendores da natura, brincam descuidosas, á porfia, na caça das borboletas.

Não sabes, minha Laise, como tudo isto é adoravel, tu que nunca gozaste destes esplendores, longe do bulicio enervante da cidade

Eu dezejara que estivesse aqui, a meu lado, para num rapido golpe de vista, descortinar toda essa maravilhoza ensenação de que se reveste este pedacinho de mundo em que vivo.

Mas... vê só que contraste: tudo canta, tudo ri, tudo se agita como que afugentando maguas e saudades... esquecendo o tristor dessas longas doze horas em que Morfeu ostenta seu reinado.

Tudo rejubila, só eu fico a cismar... a cisnar, com o pensamento preso a vizões, belas como um sonho juvenil, ou triste como o plenjer dolente do sino, na hora mistica da prece.

E nesse instante fujitivo, em que a imajinação vaga pressuroza, em busca d'algum ignoto ideal, vão se dezenhando no espaço traços indecizos a principio, e que se tornam mais e mais distintos, até que de todo surje, no ceu azul da minha fantazia, um rosto lindamente moreno, emoldurado por cabelos tão crespos que lembram o marulhar das vagas no oceano Fitando contemplativamente esse lindo semblante nele divizo toda a adoravel bondade de tu'alma, refletida nuns olhos brilhantes como soes.

.. Talvez quem sabe, meiga Laise, esteja inoculada a ingratidão nessa alma pura, em torno da qual adejam falenas de amor, e que, altiva e sobranceira, vai deixando, após, lagrimas e dores, por isso que a tua Nérise chora triste numa hora de anciedade...

E quando a tua vizão me foje, fica me uma saudade intensa, uma grande saudade que não se diz, porque o silencio é o maior invólucro para as grandes dôres, deixando ao coração o direito de sentir, de sofrer.

Adeus, Laise querida, envia te um lindo ramo de simbolicas saudades e violetas, entretecido de beijos, a tua

Brejo, 26—7—916. *Nerise.*

A VIDA

A UMA CURURUPUENSE.

.. um sonho num baixel sem leme.
Sonhos entremeados d'outros sonhos
Prazer que em dôr começa e em dôr acaba.
Eis o que é a vida! . . . .

Gonçalves de Magalhães.

Quizera ser poéta para a vida descrever te em versos, mas, infelizmente, assim não quiz a Natureza. No entanto, por isso não estou desgostozo, porque si nós nos fizessemos, com as nossas proprias mãos, então, seriamos... perfeitos.

Portanto, escuta, nesta proza despida completamente de elegancia, o que diz uma alma que procuraste com o teu desmedido orgulho humilhar, ferir. Pensas na vida, mulher? Sabes o que é a vida?

Não, estou certo que não.

Pensas, mulher, que a vida te será eterna?... que os seus horizontes te sorrirão sempre bemfasejos? e que sempre serás mulher orgulhosa?

Ah?!... ilozões?!... Doces ilozões te embalam!... Quão quimericos são os teus sonhos?!...

Mas, porque te deixaste iludir assim tanto, mulher?

Faze o teu espirito voltar á realidade, volve para a terra os teus soberbos olhos e então verás o que é a vida:—um frajil batel sem timoneiro a mercê das alterosas vagas; e aprenderás que *somos iguaes, que tu vales o que eu valho*, e que um dia, *em pó, em terra, em cinza, em nada emfim, havemos de nos tornarmos.*

E' lei fatal.

Sim, com a traidora e ferina seta do teu orgulho procuraste ferir me, mas não o conseguiste e não o conseguirás nunca.

Lamento a tua sorte; pois criança como és ainda e já com espirito infeccionado desse perigosissimo microbio—a pretenção—, que avassala o espirito de algumas das tuas colegas.

29—7—916. *Al.*

A Sociedade Rio Branco

Realizou se no dia 18 de agosto, proximo passado, com a assistencia de inumeras familias e cavalheiros, o empossamento da diretoria eleita para o proximo periodo.

A's 20 e 15 minutos da noite, foi a sessão aberta pelo socio Joaquim Luz, vice-presidente, que leu a sua mensajem.

Ao terminar convidou o presidente eleito, o inteligente moço João Vitor Ribeiro, afim de empossar-se do cargo e prestar o necessario juramento.

Depois de empossado, o novo prezidente nomeou para seus auxiliares os socios Henrique Caldeira, para 1º. secretario; José Fortuna 2º. secretario, ambos interinos, e, a senhorita Marieta Fortuna, tezoureira.

Todos os socios nomeados prestaram juramento.

Em seguida o prezidente convidou o estimado professor Domingos Afonso Machado, para presidir a sessão solene. Seguindo-se um belissimo discurso, feito pelo prezidente, onde salientou a personalidade do Barão do Rio Branco.

Ao terminar foi muito aplaudido.

Nessa data circulou «O Atheniense» em edição especial.

Agradecendo ao convite que nos foi enviado, saudamos a S. E. Barão do Rio Branco por ter sabido se impor ante as demais da nossa capital, e que continue a colher loiros, é o que lhe sugeramos.

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFONSO PENA, N. 2 (sobrado) MARANHÃO

Peculios pagos de 1912-1916 Rs. 658.757$000

RESULTADO do 54.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje n séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 10 izenções do pagam nto das contribuições, durante 12 mezes

1.º N. 2960—Gustavo Neiva de Souza, residente em Floriano
2.º N. 1797 - José de Riba-Mar Freitas Santos, rua dos Afogados, 16.
3.º N. 89—D. Carolina Cantanhede Costa, rua Coronel Cellares Moreira, 82.
4.º N. 3053—D Emilia Cunha Lima, residente em Paranahyba.
5.º N. 762—João Cyrillo Paes, rua da Cruz, 5.
6.º N. 3719 - Antonio Rodrigues Gomes, rua de Santa Rita.
7.º N. 2932 - D Maria Vitorina de Oliveira Costa, rua 28 de Julho, 65.
8.º N. 1629 Manoel de Moura Cavalcante e Benevenuta Pereira, rua da Tapada, 23.
9.º N. 1482 - Ferreira & Irmão, rua 28 de Julho.
1 . N. 1048—D. Julia Leão e Silva, residente em Floriano.

Caza no valor de Rs. 10.000$000

N. 302—Telesphoro Estellita de Moraes Rego, travessa da Passagem n. 1.

Maranhão, 15 de Agosto de 1916.

R imundo Cezar de Moraes Rego, Fiscal do Governo Federal.

Adolpho Paraiso, Diretor Gerente.

NOTA—De acordo com o Decreto do Governo Federal serão eliminados os prestamistas atrazados em 3 mensalidades.

A EMPREZA.

Livraria Moderna

Na Livraria Moderna, á rua de Nazaré, encontram-se todos os artigos que se poderiam encontrar numa bem montada livraria.

Encontra-se á venda na mesma, o

«REVISTA MARANHENSE»

Vizitem a Livraria Moderna!!!

33 - Rua de Nazaré - 33

Rs 1.000

Talco boratado, perfumado branco e rosa, preparado na FARMACIA GARRIDO. Chamamos a atenção das gentis senhoritas.—**Rua Grande, 10.**

Contra o Reumatismo

GOTAS DE TANGUAI'

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vegetal

VENDE SE NA

Farmacia Jesus — **Rua de Sant'Ana, 132**

Vêr para crer

Na «Alfaiataria Guedes», á rua de Santana, canto com rua 28 de Julho, prepara se com prontidão e esmero todo e qualquer serviço por preços m dicos.

Experimentae!!!...

Livraria Ingleza

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores

Preços reduzidos

Rua Coronel Cezares Moreira, 49.

PIANOS

Manoel Varão, afina por preços modicos e aceita chamados a qualquer hora, na redação desta Revista, á RUA AFONSO PENA, 6

Imp Oficial MARANHÃO.

ANO 1 — NUMERO 7

S. Luiz do Maranhão--Setembio de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

ASSINATURAS

Anual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Semestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200
Numero atrazado	$400

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Fuljencio Pinto
José Monteiro
Francisco Figuerêdo.

GERENTE

João Vicente de Abreu

TEZOUREIRO

Antonio Louzeiro.

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, Francisco Figuerêdo, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Nei Nunes, Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes José de Riba Mar Pereira, Vitor Hugo Anchieta, Ives Parga, Manoel Varão, e Augusto Pinho.

Socias colaboradôras

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araceia Fernandes Altiva Smith, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Baptista, Raimunda Miranda, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bogéa e Zozima Sá

Agentes no interior e exterior do Estado

Caxias Maria Eleonôra Varela
Arari Prof. Jozuila Machado Costa.
Icatú Pr I. Jozefa Amazonas.
Buritic Prof. Dolores da Costa R. Tavares.
Rozario — Prof. Laura Souza
Chapadinha - Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara — Prof. Filomena Anjela da Cruz.
Cururupú Telegrafista João G. de Abreu, filho e Raimundo Gabina
Pedreiras — Prof. Aciolina Sampaio Guimarães.
P nte-Nova Senhorita Izabel Roza de Araujo.
Brejo — Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará) — Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho — Prof. Filomena Izolina Silva
São Vicente Ferrer - Prof. Ana F. Alves da Mota.
Vila de Morros Prof. Adaljiza Costa Feques.
S Bento — Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro — Prof. Ermelinda R. Maramaldo e o sr. Francisco Leite
Barra do Corda — Prof. Cecilia Martins.
Tutoia - Sr. Luiz d'A. Carvalho e a prof. Carmen Cruz
Cambuquira — Minas Geraes D. Maria Silva
Rio de Janeiro Francisco Santos.
Guimarães — Professor Ozorio Anchieta
Axixá - Professora Raimunda Silva
Viana Senhorita Maroca Nogueira
Amarante, Piauí Paulo Guimarães.
Bacabal - Emiliano Castor da Rocha Falcão.
Terezina — Edison Monoa.
Grajahú — Orestes de Azevêdo Mourão.

SUMARIO

Henrique José Gaspar - Redação. A Morte de uma criança — F. de Souza Pinto Dolores — M. Furtado O Sonho Jota Va. Recordando — Perissá Contraste — Erasmo Castro O Destino - Astrolabio Caldas. Alvaro Rebello — Ney Nunes. Mais uma data Redação O 1.º de Maio — Nascimento Moraes Balancete — Do Thezoureiro. Floriléjio Poetico — Diversos Os bellos gestos de uma atriz J M. Debuxo de um quadro — M Zeferina Alvim. Mãe D. G. M. A mangueira - Ribamar Pereira. Separação eterna - Jota Va. Uma vizita — Da agente do Icatú. O mez social — Redação.

Maranhão, --- Setembro --- 1916

ANO I

Revista Maranhense

NUM. 7

REVISTA MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Henrique José Gaspar

Falleceu, em Cajapió, no mês proximo passado, o nosso conterraneo, cujo nome encima estas linhas.

Não era um homem qualquer. Dentro da sua modestia escondia-se grande alma; na sua obscuridade, brilhava com a luz forte da coragem e do patriotismo.

Moço ainda, levou-o o destino para a famoza guerra do Paraguai, que só nos honra e dignifica pelo heroismo dos nossos soldados, pela bravura dos nossos generaes. Tão somente por isso! Porque quem a estuda, chega a evidencia de quanto naquele tempo eram descurados os negocios publicos, especialmente o que dizia respeito á defeza nacional.

Henrique Gaspar foi um dos heroes do Paraguai. Quando foi da passajem do *Amazonas*, encalhado, Henrique Gaspar, elo-vou-se, elevando o Maranhão, honrando a marinha brasileira, commettendo o feito extraordinario, que lhe transformou o nome em fermosissimo esplendor.

Durante muito tempo não se falou noutro fato—o corte dos cabos no rio Paraguai, sob o estridor de uma fuzilaria intensa!

Ainda hoje, a quem lê a historia patria, os feitos dessa época, impressiona a figura heroica, grande e sublime de Henrique Gaspar.

Ele passava todos os dias por nós, a cabeça branca, o passo tropego, pelo avançado dos annos, dentro da sua gloria, illuminado pelo seu heroismo, imortal pelo seu feito, inesquecivel por todos os tempos, porque não tem vida commum o seu nome; já não pertence mais ás vicissitudes da existencia; inesquecivel porque passou a Historia, passou a essa imortalidade intangivel, educação e grandeza de todas as gerações que passarem, dentro do paiz ou fóra dele.

Ele passava todos os dias por nós, grande na sua audacia, gloria julgada, gloria feita, já vivendo vida subjectiva, e ainda a atravessar o pantano da terra.

E passava como passa qualquer burguez, como passam os nullos os covardes, os que nem sabem o que é patria! ..

A mocidade maranhense despeja flôres sobre o tumulo do velho Henrique Gaspar, rendo sincero preito á sua memoria, e protesta guardar-lhe o nome, entre os que mais merecem pela audacia, pela superioridade moral com que em honra das armas patricias se desapegam da vida.

E com isto o que fazemos é cultuar o civismo, porque estamos convencidos, nós, os moços de hoje, que, sem um extremado culto civico, não se conseguirá uma nacionalidade brioza e forte, nem cidadãos que sirvam a patria, com a convicção e a fé inabalavel, nem uma sociedade que saiba compreender o valor dos seus representantes de realce para que possa educar os moços que farão a grandeza do futuro.

A morte de uma criança

(PARA O PEQUERRUXO CIPRIANO)

A sala estava mergulhada em ondas doiradas de luz e um aroma morno de sentimento profundo beijava a quietude do ambiente.

No centro, num sofá elegante, estava colocado o ataúde que guardava o corpo minusculo, sem vida, da minha amiguinha, da minha pequenina Carmen.

Pessôas amigas entravam, cerniam ao copo fronteiro e numa paz religioza introduziam o galho verde do alecrim e em cruz borrifavam a agua benta sobre aquelle entezinho sem vida.

Punjiu-me aquela manifestação de sentimento. foi-me doloroso ver aquelo minusculo sêr longe ainda das doçuras aromaticas da mocidade, que tantas vezes acalentei nos meus braços, cantando as cantigas dos sorrizos acompanhadas pelos tanjidos amenos da lira da amizade, deitadinha como um ramo venusto de lirio branco, dormindo agora no seu leito morno para jamais acordar.

No rosto lhe esvoaçava a flôr de um sorrizo meigo e feliz, de quem parte satisfeito para um lugar conhecido.

Ela estava satisfeita, porque ia para o ceu, embalada pela voz sonora dos anjos, banhada pelos soluços brancos das flôres que adorava tanto, debraçada nas azas brancas das açucenas, divulgando o infinito azulado e gozando o despertar do espaço penteando os cabelos alvos das inocentes nuvens que sorriam. E os rubros clarões do sol lhe beijavam a alma, enfeitando de luz o quadro maravilhozo das constelações, onde crianeinhas, com os seus mesmos anos, transformadas em anjos com azinhas de côr de jaspe, revolteiavam coroadas de rozas e jamins cheirozos, preparando brinquedinhos com os pedaços rozados das auroras, e acenando lhe com as mãozinhas convite para aquelas festinhas proprias da sua idade em flôr.

O Bom Jezus sobre uma meza de pau setim, com os braços estirados no madeiro da cruz, branco como o luar, num ar protetor, velava o cadaverzinho de Carmen, a pequenina flôr que principiava a brotar no começo suave do jardim da vida.

N. S. das Dôres, com o rosto vincado de amargura, lançava um olhar velado de tristeza por sobre a face mimoza da crianeinha que sorria.

A mãesinha, embrulhada nas faixas escuras da agonia, olhava extatica para aquelo corpinho que levava comsigo a metade do coração materno, cheio de amôr, ora lhe beijando as faces coradas, ora num lamento em que se ouvia o cantico alma cheio de dôr e de saudade!... Ah!... coração de mãi, só tu, tu e mais ninguem, podes ouvir o éco dorido da separação, que reboa pelo espaço infinito do peito, cavando dentro de ti uma chaga doloroza que verte sem cessar o sangue da obstrução.

Joli, o seu cãozinho estimado, cercava a concha que guardava aquela preciosa pérola, soltando uivos lamentozos que traduziam tristezas, e a morte, a cruel morte, dura como o aço, não deixava o anjo ouvir a suplica do seu fiel amigo, que se espalhava no gemido plangente de um adeus sentido.

Pela primeira vez ouvi a voz da minh'alma, pedindo que chorasse!... Chorei. Recordei-me dos dias alegres que carregava nos braços para acalmar os seus soluços, tão mimoza e pequenina, e duas lagrimas escaparam-se-me dos olhos, resvalando pela minha face, numa musica suave de recordação.

A tristeza vibrou dentro em mim as diafanas cordas do sentimento numa melodia de lembrança sujestiva e uma voz, doce com o gemer dos orgãos, soluçou num gemido tristissimo de quem falece. Era a voz maguada da saudade que cantava!...

Maranhão, 7 de setembro de 1916.

F. de Souza Pinto

Dolôres

(CONTINUAÇÃO)

Eram 7 horas da manhã, quando cessou a tempestade.

O sol majestozo esparjia sobre Roma a sua luz brilhante e vivificadora.

O principe, sentado defronte do berço do seu filho, observava-o deixando escapar, de quando em vez, uma exclamação de dôr do seu dilacerado peito.

Por fim, a creança, abrindo seus olhinhos azues, começa a chorar.

—Gabrila!

– Que quer, senhor!

– Não ouves que meu filho está chorando?

—Sim, senhor, aqui estou, replicou ela, entrando no aposento, ondo se encontrava o principe . . . . . Passeando, certo ocazião, pelos suburbios de Roma o conde Motauzi, encontrou uma pobre creanciuha que, enrolada nuns panos velhos, choramingava na porta de uma imunda taverna. Como fôsse muito cédo e a rua estivesse dezerta, ele ajuntou-a, encaminhando se, imediatamente, para seu palacio.

Lá chegando, chamou sua mulher, que dois mezes antes déra a luz a um menino e lhe pediu que tomasse conta daquela infeliz que ele achara abandonada.

A bôa senhora, sem fazer objeção, acedeu aos dezejos de seu marido.

Um ano tinha decorrido. No PALACIO MOTANZI, sempre tão calmo, se encontrava agora um alvoroto. Os criados acima e abaixo, pregavam cortinas nas janelas, atapetavam a alva escadaria de marmore, limpavam as mobilias das espaçozas salas, colocavam em diversas salvas de ouro massiço, copos, abrian caixas de bebidas finas, etc.

Que acontecimento notavel fez com que o PALACIO se transformasse assim?

Era que naquele dia realizar-se ia o batizado do filho mais moço da familia Motanzi e de uma sua protejida.

A's 4 horas da tarde o salão nobre começou a se encher. A nobreza de Roma se achava ali reunida.

A's 6 horas, entrou o cardeal Cornizo que, depois de cumprimentar os prezentes, os convidou para a acompanharem á CAPELLA. Em primeiro logar, foi batizado o menino, que tomou o nome de Alberto, em segundo, a menina, com o nome de Gabrila.

Terminada a cerimonia foram todos para a SALA DE JANTAR, onde foram servidas aos convidados diversas iguarias e bebidas finas.

Vinte anos se passaram. Alberto e Gabrila contavam 21 primaveras, ambos tinham recebido uma esmerada educação e como sempre foram criados juntos, dedicavam um ao outro grande afeição.

Os velhos olhavam aquilo com indiferença, pois julgavam que fôsse, meramente, amizade de irmão para irmã. Mas enganavam-se. O amor que germina no coração dos dois jovens, já se tinha excedido ao de irmão.

O cardeal que, sedento de ouro e movido pela inveja, os vinha observando ha muito, notára, já, aquele amor.

Levava noites inteiras a elaborar planos pelos quaes ele pudesse, aproveitando-se da sua descoberta, obter somas fabulozas de Alberto. Todavia, por mais que trabalhasse, por mais que pensasse, nunca encontrava solução exata para seus calculos.

Um dia, estando na Igreja de sua freguezia, avistou, quando subiu ao pulpito, Gabrila.

Veloz que nem um relampago, um pensamento de atravessou o cerebro

Depois de ter feito a sua *pratica*, convidou todos os jovens que ainda não se tinham confessado, a o fazerom naquele dia, *pois Deus se podia zangar* com elas.

Gabrila, que ainda não se havia confessado, esperou que todos os beatos se retirassem e encaminhou-se para o confissionario.

O cardeal não a perdia de vista e assim que a viu dirijir-se para lá, deixou que um sorrizo de satisfação lhe viesse modificar as linhas do semblante. Foi á *Sacristia* e fazendo um sinal a um homem de cara patibular, que ali estava, dirijiu-se para o canto meio escuro, acompanhado pelo individuo

– Sandrilo, tens serviço, começou o mizeravel cardeal, e aprossimando-se do ouvido do seu companheiro, disse qualquer coiza, que fez este arregalar os olhos, cheio de cubiça e sacudir a cabeça em sinal de aprovação.

A seguir.

M. Furtado.

O SONHO

Historia de uma "Patativa"

(*Para L. P C.*)

Sonhar é uma iluzão?!

Sim! Diz a turba sonhadora, que parece ser iluzão, porque, raro é o sonho que se realiza.

Eu, que felizmente não pertenço a essa turba, e, apezar dos rarissimos sonhos que me surpreendem, tenho razões precizas para não acreditar nessa vaidade.

Não estranhem os leitores esse termo—vaidade—nesta questão, pois que! ha pessoas que, quando se levantam pela manham nos aparecem com os olhos inflamados, ramelentos, enfadonhos e nojentos, já nos vêm impinjindo historias tão inacreditaveis que facilmente se deduz o facto de contar sonhos simplesmente por vaidade.

Acho que os sonhos vêm deste principio: Dizem que, quando o corpo humano dorme, o espirito abandona-o e sáe a vagar pelo espaço, vizitando os logares que lhe são cáros!

E' um pensamento que aceito mais ou menos com convicção de ser uma realidade, porque cheguei hontem aqui e logo pela madrugada de hoje sonhei com ela.

O meu espirito sentiu, que, de dia para dia, mais se distanciava dessa parte de sua vida, e, pondo-se em liberdade, aproveitou o ensejo e partiu a procural-a.

Encontrou-a!...

Logo comecei a sonhar assim:

Faziam dois ou tres annos que não nos viamos.

Estava pousada em uma janéla da casa de um certo senhor em a minha terra.

Era ainda a mesma, cheia de garrulices e traquinices!

Demonstrava ainda conter a viracidade da sua edade, mas parecia não mais me conhecer.

Eu ardia por apanhal-a com os carinhos de uma loucura eterna.

Fitei com mais interesse os seu olhos e vi que esses dois imans me seguiam.

Quiz apanhal a outra vez!...

Foi impossivel!...

Passei de um para o outro lado da casa.

Percebeu a minha manobra e tambem passou-se para uma das janélas que fica do lado onde me coloquei.

Nem assim consegui o que desejava.

Mostrei-me aborrecido, com ares de quem ia partir.

Ela comprehendeu e procurou deter-me, esvoaçando sobre minha cabeça.

Nesse esvoaçar, esparjia o seu canto admiravel e parecia que respondia tudo quanto lhe tinha interrogado sobre os sacrificios que sofrêra durante esse tempo.

Tudo quanto me pareceu dizer, em mim se transformava nesta palavra laconica:—sinceridade.

Mas a minha conciencia dizia com insistencia e convicção, que nunca eu lhe havia esquecido..

Despertei, supondo vel-a, e saltei do leito com imensa satisfação.

Nada vi, senão os objetos que me aguardavam quando adormeci.

Meu Deus! Quanta iluzão!

Tudo isto faz uma separação!...

Cururupú, 17—6—1916

Jota Vê.

Recordando

Eram 8 horas da manhã.

O sol já esparjira-se completamente, sobre esta S. Luiz, os seus aureos e ardentes raios.

As ruas do meu bairro pareciam dezertas, pois só de vez em quando é que se via alguma pessôa, apressadamente, subir, descer ou atravessar as ruas.

Apezar de ser domingo, dia em que todos, depois de muito trabalharem, durante a semana, costumam ir á missa, passear, etc., não reinava quasi indicio de vida.

Um silencio profundo, apenas cortado pelo languido badalar dos sinos, como queixumes, parecia dominar tudo.

Cessáva por um instante a vida!

A população lassa parecia repousar por um momento!

Somente a famelica canzoada, com o seu ladrar incessante, e derramando o lixo que estava nas portas, povoara as sinuozas ruas.

Desde muito cedo que me sentia mal. Um certo que do extranho me preocupava o espirito. A's vezes ria, mas a minha alma... chorava. Procurei, então, conforto nas amarrotadas pajinas do meu passado.

Vieram-me á lembrança os doirados quadros da minha vida de creança.

Bem nitidos se reproduziram em minha memoria esses saudezos e primeiros dias da minha existencia,

Manhãs de rozas! em que eu, correndo pelas campinas alcatifadas do verde e macia grama, atraz das brejeiras borbolêtas, colhia as perfumozas flôres, inda orvalhadas pelo christalino rócio das puras e serenas noites de luar!

Tardes amenas e deleitosas!

O sol, baixando ao ocaso, com os derradeiros clarões, coroava a fimbria dos vermelhos montes e da espessa mata, onde os animaes, procurando refujio, soltavam estridóres horrendos, que pareciam os finaes arquejos do dia que findava

E eu, acompanhando o leve roçar da tépida briza pela verde alfombra, o dôce concerto das avezitas que saudavam o pôr do sol, junto a minha extremoza mãe e de joelhos em terra, balbuciava uma breve e fervorosa oração.

Oh! como é doce relembrar co a infancia?!

Como ainda tão bem me lembro desses ditozos dias que não mais voltarão!

Ah!... Quão dôce éra o meu viver nessas rozadas manhãs, e quão amargo é agora?!..

Aureos dias e tão velozes passavam e já bem longe vão na estrada do passado...

Manhãs risonhas, meigas tardes belas noites de luar, dias céu juncado de estrelas, os brincos da minha infancia, perolas que creavam as minhas dôces esperanças, tudo emfim, eu volto na densa nuvem do passado?!

Tantas festas, esperanças tantas, outr'ora, e hoje... somente dezenganos...

S. Luiz—8—916

Periassú.

Contraste

De manso como um moribundo, cuja vida se esvae lentamente ao brandor arfar do peito exausto, morria o leve e fagueiro soprar da briza, dando sintomas de tarde que agoniza.

Um velho sino gemia merencorio, enterrompendo a mudez morna e acinzentada da tarde. Desprendia de sua garganta de bronze tristes e gementes notas, que se prolongavam sonoramente como o funerio piar de aves noturnas.

Caía o sendal da noite. O sol cançado do seu explendor, fujia além por traz daquelas serras azues, deixando no ocazo e na atmosfera um clarão rubro a esmaecer, a definhar lentamente.

Sobi comigo, leitores, se não é impertinencia minha, ali naquela montanha pouco distante da cidade e alonguemos os olhos pelo majestozo panorama que nos oferece a natureza.

E' deslumbrante, magnifico, comovedor. Paira em tudo uma tristeza e um silencio infinito de sepulcro. Tudo parece adormecido numa paralização completa de todas as cousas. Nem o mais tenue rumorejar da briza amena da tarde me chega aos ouvidos. E' a Natureza adormecendo e a corumbatica Ave-Maria, passaro agoreiro da tarde soltando longo vôo pelo espaço em fóra no seu amplo gemer de bronze, a derramar na Natureza a melancolia infinita do seu dobra funereo.

Meus olhos erram pela imensidade do espaço, contemplando o rio, *Parnahyba, o velho monje*, que dece além apertado em duas longas fileiras de montanhas. No poente, o sol agoniza em leito de sangue e a pitoresca via de S. Francisco, com sua igrejinha lá em baixo, esconde-se por traz das quédas moitas.

No ceo, uma ou outra estréla pálida brilha destacada num tremeluzir sem fim.

As nuvens, unidas, condensadas, formando compactas massas negras obscureceu o espaço e ofuscam o tremulo e dubio scintilar das constelações celestiaes.

As nuvens, depois, se desligando; e, até esfumarem-se lá muito além por traz das serras, descem em bandos numerozos como barcas que deslizam na eterna quietude das aguas mansas de um rio.

(Continúa.)

Erasmo Castro.

O Destino

Depois da permuta de muitas cartas entre os dois amantes, foi que o pae de Clotilde descobriu o namoro de sua filha com Americo.

Desde esse dia andava André a procura de um meio mais facil afim de uzurpar as cartas de Clotilde enviadas ao Americo, e começava ele, passeando de um lado ao outro do aposento, tirando umas grossas fumaças do seu charuto: Como poderei uzurpar essas cartas? Quem me poderá auxiliar nessa empreza?...

Ah!. . Ah!... A... me... ri... co... ah!... *semvergonha* de uma *figa*, se eu te pegar, ficarás sem vida: a minha filha namorar um sujeito que dizem ser.. que dizem ser.., leprozo...

E, saindo do seu apozento, foi procural-a, encontrando-a na varanda, onde lhe passou uma enorme repreensão, e terminou dizendo:

—Recolha-se naquele quarto até a minha segunda ordem.

Clotilde banhou-se em prantos.

—Recolha-se! bradou André, batendo com o pé direito no chão.

Clotilde, ainda em pranto, entrou para o quarto, sendo este logo trancado.

—Assim é que eu acabo com essa malandrajem, *patifa!*

Se prometes acabar com esse namoro, sairás da prizão, se não... ficarás lá socegada ..

Ah! Americo de uma *figa*, se eu te pegar, mato-te!... no ultimo cazo... mato-o ..

Vou falar com o meu sobrinho Pedro, para ir á caza desse *semvergonha* e .. tirar as cartas da *patifa* da minha filha ao... ao .. ao diabo que o carregue... —disse o velho, dando um forte murro na meza de jantar, saindo, deixando sua espora sobresaltada.

André dirijiu-se imediatamente á caza de Pedro, seu sobrinho, afim de falar-lhe para ir arrombar a mala do Americo e tirar as cartas de Clotilde.

Pedro, que nutria ciumes por Clotilde, imediatamente ficou á disposição de seu tio, dizendo-lhe:

—Meu tio André, estarei sempre ás ordens de que o senhor dezejar!

—Obrigado, meu sobrinho, provas mais uma vez que estimas o teu tio.

—Perfeitamente, disse Pedro, rindo-se.

Emfim, André despediu-se de seu sobrinho, dizendo-lhe que não se esquecesse e foi-se para caza...

—A seguir.

Astrolabio Caldas.

ALVARO REBELLO

Por ter sido classificado em primeiro logar no consurso de Telegrafia, na Bahia, envio os meus sinceros parabens ao meu distinto amigo academico de engenharia Alvaro Rebello.

25—9—916. *Ney Nunes.*

MAIS UMA DATA

Transcorrida foi a 7 do corrente a data do aniversario da Independencia do nosso Brazil, proclamada por D. Pedro I, momentos depois de receber avizos e despachos de Portugal.

O brazileiro nativo, que preza os brilhos de sua nação, o brazileiro que exulta de contentamento por ser filho deste pedaço da America Latina, manda a verdade que se diga, que esse brazileiro se sente ufanoso, inebriado de pensamentos altruisticos, cercado mesmo de glorias, ao ver contemplarem no grande livro das nações civilizadas o passado de sua terra, distinguindo-se entre os seus feitos civicos, um que é a proclamação da Independencia nacional.

Como seu coração de patriota pulsará duplamente!? Invadido foi Portugal pelas forças napoleonicas e D. João VI, com toda a familia real, e a maior parte da nobreza seguiu para o Brazil que nesse tempo passava por uma das mais dificultozas fazes da sua historia. Dezembarcou no Brazil e lançou a vista para o lucro que lhe adviria de sua estada no nosso paiz. E nesse sentido muitas providencias fôram tomadas: a liberdade de navegação, isto é, o Brazil franqueou seus portos aos navios de qualquer nacionalidade; construiram se muitos edificios importantes como sejam muzeus, bibliotecas, palacios, etc

Depois de alguns anos de permanencia no Brazil, regressou a Portugal, aconselhando a seu filho que se apoderasse da corôa, si assim as circumstancias exigissem. E' verdade que Pedro I apossou se do trono e no dia 7 de setembro do ano de 1822, nas marjens do Ipiranga, proclamou a Independencia nossa, que completou este ano 94 anos.

E' precizo todo brazileiro ficar ciente, é precizo todo o brazileiro compreender que é de grande necessidade e mesmo um dever solenizar com o devido entuziasmo as datas que recordam feitos nobres e que elevam o Brazil ao nivel das nações cultas.

E' que devemos fazer.

O 1.º DE MAIO

Mas não é possivel percorrer agora todo o Pantheon dos que foram martirisados porque defenderam as classes trabalhadoras Resumo e apresso-me, pela ordem, até defrontar uma das mais brilhantes falanges da intelectualidade humana: Diderot é o fluminado glorioso da enciclopedia. Montesquieu, Voltaire, Rousseau ensinam o povo a pensar, desvendam lhe os segredos da vida social mostram lhe as grandezas da natureza, os recursos que o homem pode e deve tirar das suas energias dellas, os erros dos governos, o logro de que as classes trabalhadoras são as vitimas, a exploração dos poderozos, a opulencia dos grandes e o sacrificio dos pobres

E assim, no grande e aureo seculo, partem-se as cadeias mais fortes, cáe o embaste de uma sociedade usurpadora, opulenta e parazita

O operario respirou com dezafogo. Todas as classes trabalhadoras, das cidades e dos campos, todas abençoaram o transluminozo sol da liberdade, belo, imponente, festivo, esparjindo por toda a parte imorredoiras luzes fartas, de nunca vista beleza incomparavel!

E' que esse Sol era a liberdade mais a Egualdade.

Estava completa a Obra da rejeneração social dos povos?

«O mesmo Deus, que lançou os astros nas suas orbitas, diz Edgard Quinet, lança as sociedades nas revoluções dos tempos».

E são as revoluções que salvam os povos Elas, somente elas, tem esse poder de Titan onipotente, a buzinar, como os mitolojicos, seu poder e sua indignação.

Mas o operariado não quer a Revolução formidanda, historiada pelo genio romantico filozosifico de Chateaubriand.

Apezar de se haver aproveitado da furia inclemente de Robespierre e Marat, e antes de vocação apostolica e tribunicia dos Grachos apezar de não esquecer o muito e muito que deve aos intemeratos amigos do povo, que de armas nas mãos, propugnaram pela sua liberdade, aqui e ali, em toda parte, onde a conciencia livre de predestinados resvirou,—o operariado, propõe se a fazer, com a, de verdade, fazendo está, a guerra p la palavra escrita e falada, a guerra pela instrução, a guerra pela educação moral e civica, inspirada nas doutrinas dos pacifistas ilustrados, dos lojicos eruditos, dos que pregam o amor pelo amor, a paz pela paz, a ordem pela ordem, a convicção pelos fatos, reprezentando estes o maior corpo de doutrinas sans, filozofico, realista e racional, que tem por fundamento a observação e a experiencia, socalco de todos os conhecimentos cientificos apreciaveis.

E' o lema grandiozo da Maçonaria o em que ora se escuda o operariado livre.

São os principios rigorozamente cientificos dessa associação sem igual, que esgrimindo o compasso e o esquadro, apaziguando paixões desencadeadas, num trabalho subterraneo, igual ao dos mineiros, desde tempos imemoriaes, vem poderozamente ajindo, abroquelada na razão dos fatos, em beneficio da liberdade e da igualdade, firmemente ganhando crúas batalhas, com o ter entre suas poderozas colunas a sinteze da universal

—A seguir.

Nascimento Moraes

Rezumo do Balancete da Thezouraria desta Revista relativo á março, abril maio e junho do 1.º semestre do corrente ano:

Receita

Importancia recebida em Março	75$600
Idem idem em Abril	124$820
Idem idem em Maio	91$560
Idem idem em Junho	121$780
	413$760

Despeza

Importancia despendida em Março	67$980
Idem idem em Abril	97$970
Idem idem em Maio	42$980
Idem idem em Junho	37$100
Saldo para o 2.º semestre	168$830
	413$760

S. Luiz, 2o de Junho de 1916.

O Thezoureiro

Antonio Joaquim Lemmo.

Visto.

O Gerente:

João Vicente de Abreu

FLORILEJIO POETICO

Minha Musa

Sua boca borrifada pelos beijos
D'orvalho matutino,
E' qual botão de roza que desbrocha
Mimoso e purpurino.

Seus olhos de safira aveludados
Se perdem em céu de anil;
Seu colo se inclina braudamente
Com graça senhoril.

As madeixas sêdozas esvoaçam
Por sob'ros hombros nús;
Sob o roupão se delinéa a forma
Do seio que seduz.

As mãos assetinadas se entrelaçam
Em ar de devoção,
E da inocencia o amór borbulha e ferve
No puro coração.

Quer meiga, quer altiva ou caprichoza
Minha muza é assim:
E' como o colibri que afaga a roza
Anima a violeta melindroza
E beija o bogarim.

S. Luiz, 16 de Agosto de 1916.

Dr. Oscar Galvão.

SUPLICA

A' Oliveira

Vamos, dá me os teus risos doces, vamos,
Não me sêjas incrédula, bem vês
Que ser minha bem podes, uma vêz
Que te almejo dês quando nos amamos...

Não vês a minha palida mudêz
As vêzes, quando, os dois, nos apartamos?
E, depois, se feliz nos encontramos,
Como se finda a muda palidez?...

Vamos, não négues o que peço, nunca!
Que tu podes, se quêres, terminar
Este sofrêr que ao teu sorrir se junca...

Vamos, não deixes a min'alma exangue!
Que por ti é que juro derramar
A derradeira gôta do meu sangue!

S. Luiz—916. *Clemente Guides*

Postaes Femeninos

A' dulncta amiga Marina Guimarães.

Quando as amizades, são verdadeiras, nem as prolongadas auzencias nem as evoluções do tempo as podem destruir.

B. Vermelho. Iris.

A's amigas Edith Furtado da Silva e Izidora Furtado Muniz

Um dia virá a arrepender-se todo aquele que, vivendo no seio da luz, a abandona, para viver na obscuridade.

Se soubessem avaliar a riqueza que obteriam estudando os livros, nem um só momento os abandonariam.

B. Vermelho. Iris.

No cemiterio

A inercia chegou. Oh! pobre caveira
Tão desprezada estás do povo humano,
Talvez foste no mundo prazenteira...
Ou quem sabe se foste um soberano?

Defendeste, talvez, nossa bandeira
Lutando até talvez, com um povo insano,
Somente pela cauza brazileira..
Ou quem sabe se foste um soberano?

Tu foste, na existencia, mui vaidoza,
Jurando, u'algum tempo o grande amór
Pôr julgar-se entre os mais a mais ditoza...

Mas não, tudo acabou, tu vens do nada...
Deixaste de sentir a triste dôr...
E eis a nossa existencia relatada?

S. Luiz. *Asrolabio Caldas.*

Desilusão

Se é loucura eu te amar, não sei ao certo,
nem se devo de ti tornar-me esquivo:
sei que aos teus pés, mizerrimo e cativo,
me sinto mais feliz do que liberto.

Parece que esse olhar tão compassivo
com que, ás vezes, me fitas bem de perto,
revela que em teu peito existe aberto
um chaga o coração, sem lenitivo.

Mas porque não me dás esta certeza?...
se eu não te oculto a intima tristeza
que tenho n'alma, se de ti descreio?!...

Muitas vezes te vejo indiferente,
como se o amor que sinto loucamente,
não possa achar abrigo no teu seio!

S. Luiz.

E. Polary

O beijo que me deste

A' gentil Lays Moura.

Porque tu me fizeste crer um dia
Que, pulsava por mim teu coração
Si tu tinhas somente surpreia,
Porque me alimentaste essa ilusão.

Essa tua boca em flôr não prometia
Doces beijos de amor e de paixão?
Porque perfidamente, me mentia
A tua boca, oh! lirio do sertão?

A verdade depois tu me disêste
Mas eu não posso crer, minha! Laia
Na mentira do beijo que me deste

Guardará a minha alma eternecida
Essa doce lembrança que reveste
A quadra mais feliz da minha vida.

Guimarães, 20 de Julho de 1916.

Ney C. Nunes.

"Os belos Gestos de uma Atriz"

Novela por um amador neófito = M. L.

—PRIMEIRA PARTE—

Em fins dos ultimos dias de um rigoroso inverno, em Pariz, época de uma pasmaceira insuportavel em todo o mundo teatral, o sr. Luiz de . . ., emprezário escrupulozo da «Companhia Franceza», cuja temporada ôra fazia um dos melhores teatros parisienso, acabava de receber a vizita da senhorita Georjina Peres, que se vinha propor no intuito de ser admitida no carater de atriz de terceira classe nesta formoza companhia, que, segundo presentia e tinha ouvido dizer, era de primeira ordem.

O emprezário, por um ressaibo que lhe era peculiar, depois de, calmamente, ter ouvido a simpática artista, interrogou a:

—A menina trabalhou já em algum palco parisiense?

—Ainda não; mas desde os meus 13 anos que venho delineando os meus duvidozos passos em vários teatros, não só francezes, como italianos.

—Assim o creio, porque o seu nome me tem resoado já algumas vezes, posto que se me não lembre quando, nem onde. . .

Isto, porém, não vem ao cazo, — continuou ele, o que importa é a menina saber que aceito a sua proposta, mas sem ajuste prévio, pelo menos temporariamente, visto que a Snr.ª é inteiramente desconhecida do nosso publico, cuja exigencia é por demais notavel. . .

Houve uma pauza, durante a qual ele, um tanto embaraçado, perguntou: —

Convém assim á menina?

Atendendo ao modo por que ora me aprezento, não me resta outro recurso senão, como resselva, aceitar. . .

—A menina quer viver independentemente da Empreza ou. . .

—já o comprendi, escuzado é insistir, — atalhou ela, vivamente; — tenho caza pròpria, onde moro em companhia de uma parenta materna, com quem vivo perfeitamente bem, desde o infausto e prematuro dezaparecimento dos meus inditozos pais! . . .

—Então temos orfam de pai e mãi?

Infelizmente assim é! — respondeu ela com magua.

O escrupulozo emprezário, tendo fitado a sua prezciente atenção na linda rapariga e, na impossibilidade de conhecer fizionomicamente a nacionalidade da mesma, aventurou a seguinte pergunta: — Onde nasceu a menina?

—No Brazil. Sou filha, — continuou ela, — de um teatro brazileiro. . .

(A seguir)

Desvanecidos, abrimos, nesta edição, as colunas á estimada colaboração de talentoza intelectual maranhense que ora se estréa na imprensa literaria.

D. M. Zeferina Alvim cultiva com muito carinho a lingua vernacula; o trabalho lijeiro, que publicamos abaixo, devido á sua pena, bem o demonstra pela correção da frase.

Como trabalho de artista, é uma pintura modesta e simples, mas que desperta a atenção pela firmeza e concizão das linhas e pela perspectiva em que se projeta admiravelmente o fundo da cena.

Debuxo de um quadro

Decendo o rio Anil diviza se, á marjem esquerda, e ao curso médio, uma casa de aspeito pouco alegre.

Deste modo, ela oculta, o confortavel e aprazivel agasalho que proporciona a quem nela se abriga.

Além desta hospedajem franca, deleita seus hospedes com belas e variadas vistas naturaes.

Si duma extensa e larga varanda lateral atinjirmos a da frente, que é relativamente pequena, mas de egual largura, notaremos um vertice formado duma longa vertical com breve horizontal.

Voltados para a vertical, temos bôa nêsga de céu que com o rio mistura suas tintas, e este ornado de vigorozo mangue.

Com fronte voltada para a horizontal, de momento a momento surjem canôas que, como setas, passam; de ambas as linhas, porém, deleitar nos á o ocaso vespertino.

Abrem se para o nascente, em janelas, os comodos: alcôva, sala de jantar e um pequeno corredôr, que por uma porta dá saida a um simpatico terraço, o qual oferece assento e anima a longas palestras.

Depois, entre duas colunas, entre jarros de plantas, tres degráus vão ter a um pateo, que, para o solo, falta decer mais um.

Duas anozas mangueiras de fronde ainda vigoroza beijam o tecto na linha norte horizontal.

Lateralmente é ornada de arvores frutiferas.

Ao sul, uma terceira varanda estende-se do levante ao poente, e duas portas a fazem comunicar, por escadas, com o solo.

Alas de arvores, que partem em direção das portas ensinam a veréda que vai ter á estrada geral.

Profundo covão dá lugar a uma escada, que vai terminar á pequena distancia da primeira fonte de agua potavel. Segunda fonte neste mesmo plano é encontrada.

Há, a pequenos passos desta, um igarapé que aos patos dá o aprazivel conforto do asseio a tempo que, lhes amacia a plumajem; e aos guarás e garças faustos banquetes.

M. Zeferina Alvim.

Mãe

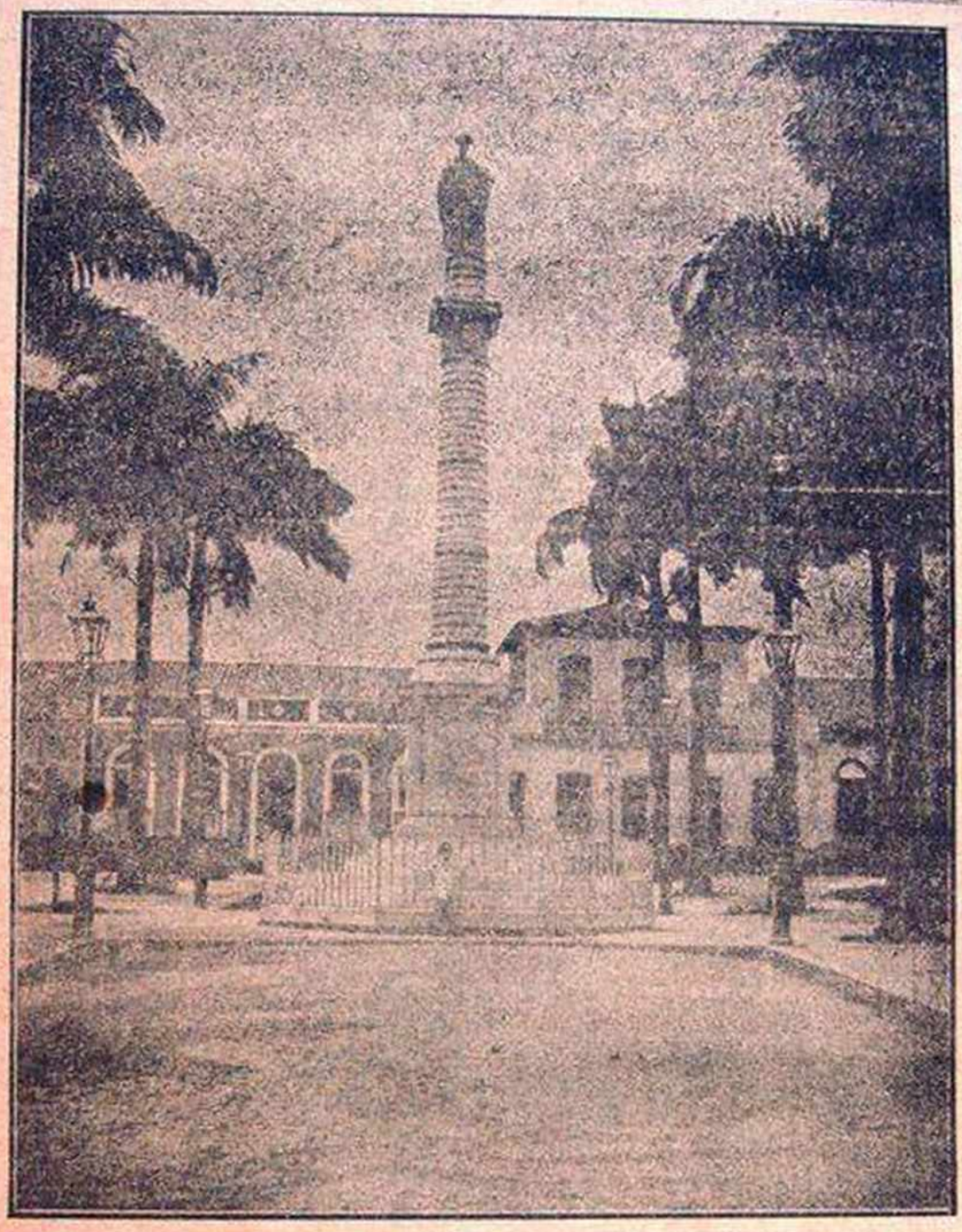
A' MINHA SOLICITA PROJENITORA

Palavra santa! Mixto de doçura, carinho, amor e solicitude. Manancial inesgotavel de desvelos. Alviçareira estrela a fuljir no céo tempestuozo da minha vida. Sem ti, oh! Mãe adorada e terna, eu teria sucumbido ao pezo atroz desse sofrer cruento, que me dilacera o coração.

Por ti, querido anjo da guarda de meu ser, é que suporto todos os agrores caprichozos do destino, sempre a sorrir e a cantar. Por ti, eu enfrento todos os perigos a que o martirio me expõe; e, ainda por ti, eu me elevo á altura dos sacrificios, imolando a teus pés o meu proprio ideal, como homenajem ao culto do teu grande afeto.

Mil vezes prefiro morrer do que ter a desdita de te ver, oh! anjo de bondade, transformada em uma estatua de dôr. E, todos os dias, quando junto a minha sacra efijie da Virjem de Lourdes, nossa Mãe celeste, eu faço as minhas humildes orações, peço, num fervor ardente e vivo, que, se tiveres de morrer enquanto eu viva, que me leve primeiro, para que vá a meu tumulo desfiar as continhas do Rozario, e desfolhar as petalas de saudades e suspiros, nacidos do teu coração, arca sacrosanta, onde se encontra abrigado numa sublimidade arjentea, o maior dos sentimentos: — o amor de mãe!

Cururupú, 20—8—916. *D. G. M.*



Praça Gonçalves Dias

A mangueira

(Para o José Monteiro)

Tinha quasi um seculo de existencia!

Fôra plantada ali, pela mão de um velho jardineiro, que morrêra á fraca sombra dos seus primeiros rebentos.

Crescêra altiva e bela, dominando, com o seu poder, as tenras plantas do jardim.

Havia sido testemunha muda de algumas cenas que junto se tinham desenrolado.

Abrigára, debaixo dos seus ramos verdes, innumeras pessôas que moravam na chacara e que nasceram depois dela.

Ei-a agora, a bela mangueira, ostentando-se aos raios luminozos do sól de abril.

Foi á sua sombra, que Lucio despedira-se de Eliza, depois de ter jurado amal-a para sempre.

Foi sobre as suas grandes raizes desnudas, que a primeira lagrima da joven achara abrigo seguro, ao cair triste e dolorôza.

Essa lagrima de noiva, a mais pura e verdadeira que existe, ficara em seu seio, como a melhor soiva que até então recebera.

Eliza, querendo revêr sempre o lugar onde pela ultima vez ouvira as palavras de amôr do ente que amava, vinha constantemente meditar debaixo da frendoza arvore, que curvava os seus fartos galhos, ao sopro da ventania, em sussurros de folhas.

Um dia, inesperadamente, chegara á chacara uma noticia triste.

Morrera Lucio, e longe da patria querida.

Uma violenta febre o roubara á vida.

Eliza, de dôr, enlouqueceu.

E nas horas de mais calma, corria a sentar-se debaixo da

velha arvore, que outr'ora a vira feliz, a falar dele, dele somente.

A tristeza invadira o coração dos moradores da chacara.

Mudaram-se.

Fôram para bem longe, deixando em abandono as pobres plantas desprezadas.

A mangueira, então, como se houvera sentido a crua ingratidão dos que assistiram o seu natal, vendo-se desprezada, começou a definhar.

E agora, olhai, ali está aquelle velho tronco, nú, fantastico esqueleto da bela e frondoza arvore que se findou.

Passai por ele e vêde se não vos afigura que geme e chora.

Reparai como o vento soluça ao perpassar por ele.

Tambem a ele o destino máo feriu para sempre e fel-o tombar com as ultimas esperanças da noiva, cuja lagrima sorvera outr'ora, feliz e tranquilo. . .

Ribamar Ferâra

Separação eterna

A' MEMORIA DO MEU SOBRINHO TOTOCA

A vida! Esta quê inumeras pessôas bemdizem com imenso jubilo, eu a tenho como a morte

Este mundo, qual valente baía, que arremessando suas aguas sobre as praias, parecendo chorar sobre o tumulo duma casta donzela, não é mais do que um grande tunel de sentidas lagrimas.

Dérramamol as pelo nosso querido Totoca.

Esta pobre creancinha nacêra como nacem as alvas pombas no enlevo das caricias de seus paes.

Mal começara a chamar—Papae, Mamãe— (palavras dóces para um filho) e logo foi surprecndido por essa doença caprichoza que fatalmente o vitimou.

Sua aparição aqui na terra viera taxada com o emblema dos sofrimentos.

E assim cumpriu sua missão, cujo prazo era limitadissimo.

Ocorre me á idéa, não sei se destituida de razão: O Supremo, com esse acontecimento funebre, tornou conhecido dos seus Paes as consequencias dos dois extremos da existencia:—nacer e morrer.

Este, despejando profundissima dôr e um prezente mizeravel e nêgro; aquele, cheio de tanta alegria e conjecturas de um futuro feliz ou infeliz.

E assim, ele naceu e dentro em pouco morreu!...

Os seus projenitores, outrora tão cheios de esperanças e conforto por essa creatura qne dezapareceu, sustentam agora sobre os corações dilacerados, os dias transformados em um tumulo, sob o qual jaz o seu corpinho inerte!

Onde quer que estejam, quadros tristonhos cruzam se no espaço, demonstrando o quanto choram a falta do pequeno morto idolatrado.

Deus ha de emprestar-lhes rezignação e tel-os junto a si rogando por eles!...

A' tua memoria, meu sobrinho, uma singela saudade!

Cururupú, 31—9—916.

Jota Fa.

UMA VIZITA

No dia dez de Julho chegou a rampa do Icatú um barco que trazia a seu bordo o Rev. snr. D. Francisco de Paula e Silva e o seu secretario Lemercier. Foi para o povo Icatuense uma tarde de alegria essa em que viram o chefe diocezano em vizita parochial. Ao chegar sua rev. a graça foi saudado por um hino cantado por senhoritas, pertencentes a elite Icatuense, terminando o canticu foi oferecido um lindo ramalhete pela menina Zulmira Cantanhede que dirigiu, com meigas palavras, saudações.

Demorou S. Rev. entre o povo Icatuense somente 2 dias, deixando imensa saudade.—(Da ajente)

O Mez Social

Aniversarios

A 2 de agosto—o sr. capitão Bernardo Alves Monteiro, empregado na C. das Aguas de S. Luiz e pai do nosso companheiro de luta Jozé Monteiro.

a 6—a senhorita Nali Barboza de Godoi.

—a professora D. Maria das Neves Santos.

a 13 de setembro—o dr. Oscar de Barros, lente de Arimetica no Liceu e director do Instituto Maranhense.

a 14—o professor Gilberto Maia da Costa, lente de Francez no Liceu e no Instituto Maranhense.

a 19—o sr. Cel. Serafim Teixeira, junior.

—a intelijente senhorita Hilda Lopes, terceira anista do Liceu Maranhense.

Parabens.

FRANCISCO SANTOS

Transcorreu no dia 15 de agosto o aniversario natalicio deste nosso ilustre colaborador, atualmente na Capital Federal, onde pretende iniciar o curso de enjenharia. Ao joven aniversariante enviamos, embora tardiamente, sinceras felicitações.

DR. TEODORO ROZA

Transcorreu no dia 11 do corrente o aniversario natalicio do ilustre dr. Teodoro Roza, que muito tem sabido regularizar as finanças da Imprensa Oficial, da qual é director, sendo muito cumprimentado pelos seus inumeros amigos, admiradores e, nós como tambem sabemos apreciar as suas belas qualidades, gostozamente o cumprimentamos, embora tardiamente.

RIBAMAR PEREIRA

Foi com muito prazer que vimos transcorrer a 17 deste o aniversario natalicio deste nosso distinto companheiro.

Ribamar Pereira não é desconhecido do publico maranhensé, pois tantas e tantas vezes se tem feito ouvir com a sua melodioza voz

Na sua rezidencia realizou se uma animada *soirée* dansante, tomando parte muitas familias e inumeros dos seus amigos.

Enviamos ao nosso ilustre socio-colaborador as mais cordiaes felicitações, desejando-lhe um brilhante futuro na arte sublime.

Viajantes

JOÃO ABREU E RAIMUNDO GABINA

Acham-se entre nós vindos de Cururupú os srs. João Vicente de Abreu, gerente da nossa revista, tendo reassumido esse cargo no dia 20 do corrente, e Raimundo Gabina, esforçado agente da mesma em Cururupú.

Falecimentos

DEZEMBARGADOR JOÃO COSTA

E' com bastante pezar que rejistamos o falecimento do dezembargador João Gualberto Torreão da Costa, ocorrido no dia 23 do corrente, nesta capital.

O falecido exerceu o cargo de governador deste Estado, no periodo de 1898 a 1902. Terminado este periodo foi nomeado procurador geral do Estado e depois membro do Superior Tribunal de Justiça.

O dezembargador João Costa deixa viuva e filhos, aos quaes, como aos demais parentes, aprezentamos sentidos pezames.

—O dr. Herculano Parga, governador do Estado, decretou luto por tres dias.

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFONSO PENA, N. 2 (sobrado) MARANHÃO

Peculios pagos de 1912-1916 Rs. 674.657$000

RESULTADO do 55.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje na sede da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 10 izenções do pagamento das contribuições, durante 12 mezes

1.º N. 389—José de Souza Roza Martins, rua Grande, 197.
2.º N. 1350—João Marques Miranda, residente em Cururupú.
3.º N. 1252—D. Filomena Serejo Saldanha, residente no Rozario.
4.º N. 3962—Bazilio Carvalho, residente em Terezina.
5.º N. 999—D. Anna Martins, rua 28 de Julho, s/n.
6.º N. 353—Antonio Fontoura Junior, rua da Saveja, 2.
7.º N. 288—D. Filomena Nunes Paes, rua Afonso Pena, 44.
8.º N. 3737—José Antonio da Silva Guimarães, rua de Sol, s/n.
9.º N. 2403—D. Victoria da Silva Porto, rua Grande, 196.
10.º N. 2477—D. Rita de Cassia Belchior de Oliveira, rua 28 de Julho, 17.

Caza no valor de Rs. 10.000$000

N. 1448—D. Amelia da Cunha Santos Arozo, rua de S. J, 43.

Maranhão, 15 de Setembro de 1916.

Raimundo Cezar de Moraes Rego, Fiscal do Governo Federal.

Adolpho Peixoto, Diretor Gerente.

NOTA—De acordo com o Decreto do Governo Federal, serão eliminados os prestamistas atrazados em 3 mensalidades, e perderá direito ao premio aquelle que não estiver quites.

A EMPREZA.

Livraria Moderna

Na Livraria Moderna, á rua de Nazareth, encontram-se todos os artigos que se poderiam encontrar numa bem montada livraria.

Encontra-se á venda na mesma, a

«REVISTA MARANHENSE»

Vizitem a Livraria Moderna!!!

33—Rua de Nazareth—33

Livraria Ingleza

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos, pelos ultimos vapores

Preços reduzidos

Rua Coronel Colares Moreira, 49.

Loja Nova Jeruzalém

Acaba de passar por uma grande reforma esta loja situada á rua Afonso Pena n. 8, encontrando-se todas as sortes de mercadorias.

TUDO BOM E BARATO

Rs 1.000

Talco horatado, perfumado, branco e rosa, preparado na FARMACIA GARRIDO. Chamamos a atenção das gentis senhoritas.—**Rua Grande, 10.**

Contra o Reumatismo

GOTAS DE TANGUAI'

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vegetal

VENDE-SE NA

Farmacia Jesus — **Rua de Sant'Ana, 132**

Vêr para crer

Na «Alfaiataria Guédes», á rua de Santana, canto com rua 28 de Julho, prepara se com prontidão e esmero todo e qualquer serviço por preços modicos

Experimentae!!!...

Imp. Official MARANHÃO.

ANNO 1 — NUMERO 3

S. Luiz do Maranhão--Outubro de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

ASSINATURAS

Anual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Semestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200
Numero atrazado	$400

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Ribamar Pereira.
José Monteiro
Mauricio Furtado

GERENTE

Clemente Guedes.

TEZOUREIRO

Antonio Louzeiro.

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADO DO MARANHÃO

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes, José de Riba-Mar Pereira, Vitor Hugo Anchieta, Ives Parga, Manoel Varão, Augusto Pinho, Candido T. Ayres, Gonçalo [illegible] Almir Santos e Oscar C[illegible]

Socias colaboradôras

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araçéa Fernandes, Altiva Smith, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Raimunda Miranda, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bojea, Zozima Sá e Abigail Sarmento.

Agentes no interior e exterior do Estado

Caxias - Maria Eleonôra Varela.
Arary—Prof. Jozuila Machado Costa.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Buriti—Prof. Dolôres da Costa R. Tavares.
Rozario—Prof. Laura Souza.
Chapadinha—Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina—Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara—Prof. Filomena Anjela da Cruz.
Cururupú—Telegrafista João G. de Abreu, filho o Raimundo Gabina.
Pedreiras - Prof. Aciolina Sampaio Guimarães.
Ponte-Nova—Senhorita Izabel Rosa de Araujo.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará)—Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho - Prof. Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer—Prof. Ana F. Alves da Mota.
Vila de Morros—Prof. Adaljiza Costa Feques.
S. Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro—Prof. Erminda R. Maromaldo e o sr. Francisco Leite.
Barra do Corda—Prof. Cecilia Martins.
Tutoia—Sr. Luiz d'A. Carvalho e a prof. Carmen Cruz.
Cambuquira—Minas Gerais—D. Maria Silva.
Rio de Janeiro—Francisco Santos.
Guimarães—Professor Ozorio Anchieta.
Axixá—Professora Raimunda Silva.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Amarante, Piauhi—Paulo Guimarães.
Bacabal—Emiliano Castor da Rocha Falcão.
Terezina—Edison Moura.
Grajahú—Orestes de Azevêdo Monrão.

SUMARIO

O 12 de Outubro—Redação. A bacteriotera pia—José Monteiro. Mãi—Anatildo. Um passeio á Tijuca—Caubi. Conversação infantil—Soledade. O proscrito—Riba-Mar Pereira. Quimera—M. Zeferina Alvim. O destino—Astrolabio Caldas. Carta intima—Gascar. No mar—Perfassú Gratidão—Jota-Vá. A mulher—F. de Souza Pinto. Evocações—Zingara. Dr. Lauro Sodré—Redação. A canastra da Revista—Redação. Florilegio Poetico—Diversos. Contraste—Erasmo de Castro. Os bellos gestos de uma atriz—M. L. O mez social—Redação. Dizendo—Guerreira. Uma Saudade—Gauchita. Postais—Diversos. Amôr—Zanto. Oriental—Cupido. Errata—Redação.

Maranhão, --- Outubro --- 1916

ANO I

Revista Maranhense

NUM. 8

REVISTA MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

O 12 de Outubro

A data em que Colombo, em fins do seculo XV, avistou a terra americana, foi considerada de festa nacional pelo governo provizorio da Republica.

Punham-se as bazes d'um rejimem novo e era justo que se não esquecesse a educação civica, por meio das festas dessa natureza que Mirabau, no seculo XVIII considerava um dos fortes elementos da cultura popular

A grandeza do cometimento de Colombo e a gloria que d'ai lhe proveio, aureolando lhe o nome não creceram mais do que eram, com essa rezolação do governo brazileiro: a nossa patria, porèm, contemplando essa data, no seu rejistro dos grandes dias nacionais, mostrou na elevação de vistas que este fato revela, compreender o alcance social de habituar-se o povo a sentir, num jubilo publico, regozijo pelos grandes feitos e pelos grandes homens

Não ha duvida, hoje, que o nosso continente possuiu outr'ora, ha milenios, uma brilhante civilização, sendo portanto, conhecido n'essa epoca remotissima. Mas tambem não ha duvida, de que ele desapareceu a tanto tempo se escoara, depois dessa catastrofe, que até a sua tradição quasi se perdera de todo. E Colombo certamente não as conhecia e, quando a conhecesse, era ela tão vaga, e acrecida da referencia ao seu dezastre, que seria sempre temerario o seu compreendimento

A lejenda hindú, a que se prende certamente o que Platão refere em *Timeu*, sobre a ezistencia d'um continente, que a primeira afirmara ter havido ligado a Azia e o segundo descreve, mediante as informaçõis colhidas por outrem, dos sacerdotes de Saiz, Egito, em nada poderiam ter influido para a viajem do demorado genovez

O Oriente pelo Ocidente, que fôra o lema de Colombo bem mostra que outra fôra a idéa que o preocupara, outro o estimulo que lhe atuara no espirito, pendido para a aventura.

Nas ideas de Toscanelli vulgarizadas então, sobre a possibilidade da circumnavegação do globo, achar-se-iam melhores elementos elucidativos da iniciativa tomada por Colombo a chegar ao Oriente, navegando sempre para o Ocidente. E a prova deste acerto encontra-se no fato d'ele, chegando a Guanahani, supor ter encontrado as Indias Ocidentais. Acreditava estar viajando para as Indias!

Seja, porem, qual fosse o seu estimulo, seja qual fosse a idéa que lhe atuasse no animo forte, o certo é que seu cometimento foi arrojado e temerario.

o demorar de seu um paiz reduzido a selvajeria com parecimento, maios sobre sonhos, apóz o seu desação, é hoje a grande, entregue novamente á civiliza-

Honra á memoria prospera, rica e curta America.

glorioso genovez!

A bacterioterapía

Muito tem se escrito sobre a microbiolojia e cada um, estudando, pesquizando, analizando a vida intima dos microbios, descobre o meio mais facil de combatel-os. os hejienistas, os bacterapicos, muitas e muitas vezes, degladiando se, no vasto campo da ciencia, hão demoustrado que os antiseticos são as armas, com que nos devemos servir contra os microbios, esses animalzinhos que infestam os nossos organismos e que exercem muita influencia, na circulação do sangue e em outras funçõis da nossa vida organica.

Afirmam uns que o microbio existe só no ár e outros contestando essa opinião, spregoam mais que vivem no ar que respiramos na agua que bebemos, nas substancias com que nos alimentamos, nas vestes que uzamos.

E' de grande necessidade matar-se o microbio, mas ás vezes corre se risco de prejudicar o organismo que o contem.

Podemos dizer que os leucocitos são as sentinelas avançadas do nosso corpo.

Diversos bacilos têm sido descobertos: o de Hanseu, Spirochieta, Laveran Hoek, Metchnikoff, Rouse, Eberth Jersin, Loeffler, Kisseleto, Dakaki, Koeniger, Lusson, Nicolaier, Talamou, Frankuel etc.

E cada um deles produz uma molestia: a escarlatina, tiloide, tuberculoze, coqueluche, morfêa, sifilis, pneumonia, febre palustre e outras de que temos conhecimento.

Faz-se pelos meios mais faceis, que se póde compreender a transmissão da molestia. Tanto assim é que, se tivermos uma convivencia demorada com uma pessoa que esteja sofrendo de tuberculoze cedo ou tarde, sentiremos manifestaçõis desse mal porque o bacilo de Hoch, como todos os bacilos, se propaga com muita facilidade.

E' por isso que a creança que, com coqueluche ou outra molestia, comparece á escola, devemos recomendam os hejienistas, voltar para caza, afim de não contaminar os seus colegas de sala.

E aconselham que só deve ser admitido, outra vez, quando estiver bôa Não pudemos de forma alguma fazer desaparecer do nosso corpo o microbio, mas torna-se mister empregarmos todos os nossos esforços, para que ele tenha uma ação moderada.

Atribuia antigamente aos deuzes o aparecimento das molestias.

Hoje, estando a medicina bastante adeantada, temos demonstrado que tudo isso era mera suposição. E que sem medo de errar podemos dizer que, se não tratarmos de dar caça a esses animalzinhos, sofreremos, referimo-nos está visto aos microbios patojenicos.

A bateriotherapia por seu lado, prosegue, afim de poder, um dia, ver satisfeitas suas pesquizas, recompensados seus grandes esforços, esforços esses, com-

que se debate tenazmente no mundo dos micro organismos.

S. Luiz—6—10 - 916. *José Monteiro.*

Mãi!

Ainda não tinha eu meus viate anos, quando, com meus irmãos perdemos a nossa idolatrada e inesquecivel mãi.

Para onde terá ido a sua alma, desde que seu corpo deixou este mundo?

Para o céu, entre os anjos? Sim.

Porque possuia um coração tão nobre, tão sincero, tão piedoso e tão puro, que depois de morta só poderia ir para esse lugar, para onde vão os justos, os que passaram por este vale de lagrimas, fazendo beneficios: socorrendo o pobre, consolando os afflitos.

Dias tristes e melancolicos passo eu ao recordar-me dos carinhos, dos afagos, que ela me dispensava. Oh! vós que ainda tendes mãi! Velai por ela. Não a percaes de vista um só instante siquer, porque nunca mais a tornarás ver.

Quanto mais anos se passam mais profunda é a saudade que experimento.

Mãi, para que me deixaste? Abençôa, donde estás, teus filhos queridos, que nunca te esquecerão. Bendito seja os que possuem essa que lhe deu o ser! Eu que a não tenho, porque a morte a levou, choro com meus irmãozinhos queridos essa perda immensa, que soffremos esse golpe fatal que experimentamos!

Anatilde

Um passeio á Tijuca

Sabado ultimo fizemos um passeio á Tijuca.

Tomamos, para isso, um automovel na rua Visconde de Silva onde moramos. Seguimos pela rua Voluntarios da Patria, passamos em frente ao Jardim Botanico e voltiamos o morro do Corcovado e serra avistando o mar, vales e lagôas.

Passamos a beira de abismos.

Perto do alto da Tijuca, ai ida na encosta do morro, existem encantadoras furnas, ladeadas de correntes d'agua. Constituem uma especie de cavernas cobertas de enormes pedras de granito.

Dessas furnas seguimos para visitar a cascatinha que se despenha por um grande talhado, onde despedaça-se a agua, formando um bello espetaculo.

Por ser tarde e ter-se ocultado o sol, tivemos de regressar pela rua Conde de Bomfim, sem visitar todos os pontos do passeio.

De lá avistamos a cidade bem iluminada, panorama que muito agrada á vista.

Passamos no Campo de Sant'Anna, uma das praças mais belas desta encantadora cidade do Rio de Janeiro.

Nesse campo alem das arvores que o embelezam e cobrem de flores, existem ainda belas aves e animaes: palmipedes, galinaceas e quadrupedes.

Destaca-se o cisne branco, que com sua alvura peregrina adorna as aguas correntes das cascatas e pequenos lagos artificiaes que ai se acham.

Saimos na avenida Rio Branco e tomamos o Beiramar tão conhecida pela sua beleza empolgante.

Rio. *Cachi.*

Conversação infantil

—A onde vais Jozé?

—Eu vou á marjem do rio.

—Com essa carga assim á costa?

Sim; com este feixe de piudoba para construir uma palhoça, para eu me abrigar com a minha familia.

—Que? Vais então deixar de morar na vila, onde a vida é suave e as cazas são superiores a essa que pretendes fazer?

Vais te expor ao frio e a vida rustica?

—Pois que! não sabes que a nossa decendencia vem dos povos indigenos, que a nossa mestra declarou que somos tapuios e que outros dos nossos colegas são africanos?

Sim parece que ouvi a mestra dizer isso mesmo; — tambem a ouvi dizer, que das três raças, que cruzaram no Brazil só a raça branca deixou de entrar na formação dos habitantes d'aqui desta vila, e que só ela trouxe para cá o tipo branco—Como sabes Lucio com essa declaração só me resta é viver nas selvas, alimentando-me da caça, pesca, das raizes, como faziam os primitivos habitantes daqui; portanto, vou cuidar de mim.

Dizendo assim, Jozé poz-se a andar com as palhas á costa, em direção ao rio.

Solimões.

O PROSCRITO

(Para o Luiz Si e Souza)

Anoitecera...

Via-se brilhar de vez em quando, tremula luz incerta, em alguma cazinha solitaria.

A aldeia toda parecia já dormir e um silencio profundo dominava em toda parte.

As ruas, dezertas e escuras, pareciam canais negros, por onde nada se via que indicasse vida e rumor.

De uma pequena cazinha, muito ao lonje, saiu espreitando um vulto embuçado num capote.

Atravessou rapidamente a rua e entrou na praça, em cujo centro destacava-se a capelinha branca, que a fé devota ergueu.

Ao lonje, o mar rujia, jogando espumas á praia arenoza e dezerta.

O vulto sentou-se na cruz de pedra colocada no centro da praça, triste e solitario, poz-se a meditar.

Era um pobre exilado a quem o capricho da sorte ingrata, tinha levado para longe da terra em que nacera.

E ele meditava, revendo as cenas, que lhe haviam servido de prologo, na trajetoria da vida.

Aos seus olhos, fracas lampadas quazi sem brilho, via a parecer as imajens que tanto adorava e que estavam gravadas para sempre no intimo de sua alma:—Seus velhos pais abraçados, tendo em prantos aos pés ajoelhada, uma robusta camponeza, sua noiva querida, pareciam chamal-o pelo nome, em preces, que suas lagrimas purificavam.

Tudo, tudo ele revia avidamente, como se um véo opalino o separasse para sempre dos entes, que o amavam.

E ele, o pobre proscrito, chorava então em silencio, volvendo os olhos para o céu, para onde sobia sua oração aprendida em pequeno, de sua mãi, quando o acalentava.

Ele pedia como alivio a tantas penas, o dôce consolo de tornar a ver os entes queridos, tão distantes...

As suas lagrimas deciam-lhes pelas faces escaldantes e caiam no chão arido da avenida que as sorvia em delicia.

.....

Distante, o mar continuava a bater de encontro a praia quebrando-se em fraguas que pareciam trazer aos ouvidos do proscrito, o doloroso punjir de uma saudade, envolta em um suspiro de amor e dezespero.

E ele, estatico, solene, como a imajem sombria da dôr, ali ficava, na praia dezerta, toda noite, ao relento, até ao romper d'alva...

Ribamar Ferreira



HOMENAJEM

— DA —

Revista Maranhense

— A —

LAURO SODRÉ

Quimera

Almas tenues! botões ainda, cujas sepalas mal permitiam que se divizasse o colorido das petalas que no ámago escondiam! Enfim, creanças no fizico e moças no amór, eram dois entes.

Jurar pareceu-me poder que este amor não era excluzivo sinonimo da epigrafe, como tantos já me haviam confirmado.

O desenlace deste forte amor aparente a confessar não obriga que amor além de sinonimo de quimera só traduz paixão.

Si a auzencia é «barreira cruel», «espinho que dilacera a alma» é tambem futil razão para desarmonizar a mais doce das armonias, se realmente existisse.

Eis quem quebrou laços que deveram ser inquebraveis. Porque não confiar? Será a esperança somente «demonio de olhos verdes»?

Não. Ela é tambem um balsamo que minora a descrença.

A! si ainda se repercutisse em éco, o—

Enfim te vejo, enfim posso
Curvar-te a teus pés dizer te
Que não cessei de querer-te
Pezar de quanto sofri!

Então cria, e cria fortemente no amor.

M Zeferina Alzin

O Destino

(Conclusão)

A noite aproximou-se. Pedro munindo-se de um revolver, e algumas ferros, dirijiu-se á caza do Americo. Porém achando a porta da rua fechada rezolveu escalar o muro. Ninguem... dezerta estava a caza.

Como posso eu saber qual é a sua mala?—perguntou Pedro a si mesmo.

Uma escuridão profunda assolava a caza. Pedro não podendo enxergar rezolveu riscar um fosforo e, correu um por um dos quartos, uma por uma das malas, até que deparou—Americo Rezendo—escrito em uma das malas. E' esta certamente, e com grande satisfação começou o delito. Auxiliado pelas ferros que levava abriu a mala e surrupiou as cartas de Clotilde dirijidas á Americo. Em seguida fechou-a e escalou novamente o muro.

Apressadamente dirijiu-se Pedro á caza do seu tio afim de participar-lhe que a sua missão já estava cumprida.

Lá chegando, começou Pedro:

—Pronto meu caro tio...

—Já?!

—Já! e saiu tudo ás mil maravilhas, nem fui pilhado e... nem inutilizei a fechadura.

—E's uma *aguia* meu caro sobrinho; agora vamos tomar a nossa saúde.

—Este meu tio é um pandego...

—Então recuzas o meu convite?

—Não, vamos tomar a nossa saúde!

E sairam os dois em direção a uma taberna. Lá chegando, mandou André servil-os de cerveja e, levantando os copos exclamaram: a nossa saude!— incontinente viraram os copos.— Repete-se! bradou André enchendo-os novamente; logo os esvaziaram.

Depois de André fazer o respetivo pagamento, despediu-se do seu sobrinho e cada qual seguiu para caza.

A primeira couza que o velho fez depois que chegou em caza foi lêr as missivas de Clotilde dirijidas ao Americo. E, de instante a instante, bradava cheio de furia: *patifa*!

.....

No dia seguinte foi Chico fazer uma vizita em caza do André, sabendo lá que Clotilde estava presa em um quarto por ordem do seu pai; sendo informado que as cartas de Clotilde enviadas á Americo tinham sido surrupiadas.

Chico, ao saber dessa triste notícia saiu em direção á caza de Americo; participando-lhe o ocorrido.

O pobre rapaz não acreditando que as cartas tivessem sido roubadas, foi procural as; porém não as encontrou.

Desde esse dia ficou Americo muito doente, por não querer se alimentar.

Emfim, estando muito fraco e a conselhos de amigos, rezolveu tomar o primeiro barco e regressou á capital. Em viajem, uma grande tempestade fez a embarcação virar, e Americo por estar muito fraco, sem forças para nadar, foi levado pela corrente maritima.

Logo em seguida ao embarque do Americo, quatro dias após a prizão de Clotilde, André deu liberdade á sua filha. Quando esta soube do naufragio do barco em que viajava o pobre rapaz, e da sua morte, foi imediatamente comunicar á Clotilde. Esta ao saber da triste nova entristeceu, sendo novamente encerrada no quarto, onde, por seu proprio maltrato faleceu um mez depois.

AstrolabioCaldas

CARTA INTIMA

Querida Zante

Saudações.

Longe, bem longe como estou de ti, não deixarei jamais de me recordar da nossa amizade e da bela cidade de S. Luiz.

Apezar de me encontrar na cidade de Caxias, cidade esta que pertence ao Maranhão, não posso consolar-me e nem sentir prazer, pois que não vejo a terra onde tenho amigos, irmãos, e recordações sublimes.

Tu, querida amiga, ainda não sentiste saudade da terra auzente, portanto não podes avaliar a dôr que sente um coração de filho quando longe da terra que lhe servio de berço; do pequeno torrão que nos seus primeiros passos da vida encontrou, mãos amigas que lhe ensinasse o caminho da ventura!

Tu ainda não experimentaste esta dôr cruel, e acho-te feliz por isso. Mas eu me sinto subjugada pela aflição, pela saudade e pelo dezespero, por me encontrar tão longe d'essa terrinha que me serviu de mãi.

A noite, quando o sono vem se reconsiliar comigo, vêjo-me n'aquelas lindas praças conversando alegremente com meus amigos escuto os «fon fons» dos automoveis, e admiro o clarão do nosso sol.

N'este momento sinto me feliz! Oh! a realidade muitas vezes é cruel...

Que angustia me invade a alma, quando despertado desse sublime sono, olho em redor de mim e reconheço a pura iluzão; a saudade se apodera de mim e o dezespero abriga-se em meu coração.

O amôr á nossa terra é igual ao amôr á nossa mãi.

Si uma nos dá a vida, a outra nos dá o berço; si uma enchuga as nossas lagrimas de dôr, a outra nos acarinha, dando-nos o auxilio com seu amôr.

S. Luiz está neste rol, ela não só abraça aqueles que nasceram debaixo do seu sol, como nós que são filhos de terras extranhas ela não procura saber a que nação pertencem, os auxilia como verdadeira amiga, dando-lhes abrigo e amôr; e, embora, s ja quazi sempre mal recompensada, ela continúa a ser generoza e bôa, não só para aqueles que lhe são gratos como para os que, em troca de beneficios, lhe dão desprezo.

Crê, cara Zante, que o despeito que votam a nossa terra e sem tregoas; mas devemos ter orgulho de sermos filhos de S. Luiz que é pátria de brilheiro, mas rica de ilustres homens, como, o nosso inesquecivel Antonio Lobo e outras capacidades que são o orgulho e a gloria da nossa terra, tão bôa e generoza. Eis o prazer que sinto n'alma, eis a consolação que tenho

n'essas horas insipidas que passo aqui, onde não encontro uma amiga, como tu, que me dê alivio ás minhas saudades.

Já deves estar exausta desta carta tão longa; vou terminal-a deixando minh'alma levantar uma fervorosa prece ao CREADOR pelo progresso desse pequeno torrão que nos deu o berço.

Aceita saudades do teu sincero amigo e irmão.

Gascar

Caxias—3—10—916

No mar

Empellido pelo brando e favoravel vento *nordeste*, pouco a pouco, ia deixando a pittoresca Manguaça o pequeno barco *Vai-e-Vem*, que velejava a este cidade.

Eram 4 horas da tarde.

O mar acariciado pelo vento que soprava meigamente parecia um interminavel lençol esmeraldino, interrompido aqui e ali pelas majestosas vagas que preguiçozamente iam se quebrar á alva praia juncada de graciosas dunas cobertas de *guajurá*, com um raido ondulado e forte.

Á proporção que o barco ia se afastando da ilha, ia o vento soprando com mais aspereza

O pequeno batel que antes velejava como um cisne de alvissimas plumas sulcando a placida superficie de um cristalino lago, corteva agora, as alterozas vagas que pareciam querer sepultal-o nas suas entranhas, deixando após uma extensa fita rendilhada de alvissimos borbotões de espuma

Da fornoza Manguaça nada mais se avistava a não ser a sua sombra projetada no horizonte.

Em todos os semblantes lia-se uma indefinivel tristeza.

Era a noite que não tardava

Bandos de nuvens galgavam no espaço como nos pampas miriades de animaes selvagens

Nas enxarcias sibilava o vento como nos bosques a serpente

Ás vagas com furia varriam, de vez em quando, o convez do pequeno barco, que parecia um nada, ante o poder indomito do salso reino.

De repente ouviu se o gritar tetrico de uma ave que voava contra o vento e em nossa direção. Era uma gaivota que desnorteada, debatia-se, agora na incessidade dos seus, sem encontrar onde descansasse um instante ao menos.

Soltando agourentos gritos, voava em volta do mastarão, procurando pouzar, o que não conseguia, devido ao violento e constante galgar do barco.

Todos encararam como agouro o apparecimento em alto-mar da infeliz gaivota que não mais voltou ás suas risonhas praias.

Cansada de voar, foi baixando, baixando, até cair sobre o mar.

Lá ao longe, nas purpureas orlas do horizonte, escondia-se o sol, que com os seus derradeiros raios doirava a revoltoza superficie do desumano mar, onde boiava a pobre gaivota...

Arioza

Gratidão

(Para Amelinha, Celinha e D. Marcelina Nogueira)

Eram precisamente dezesseis horas do dia dezoito de junho do anno novecentos e dezesseis, quando eu percorria lentamente os sitios que circundão esta cidade; em palestra com certos conhecidos, soube haver aportado aqui um rapaz, empregado federal, que, cumpridor dos seus deveres immediatamente tomara posse do seu cargo, disputando rapidez á amigos e inimigos, e á politicos deste ou daquelle partido

Pois bem. Passaram-se apenas cinco dias e o moço adoeceu seriamente, sendo obrigado a internar-se em casa por mais de vinte dias, sem ter siquer, quem lhe aplicasse os remedios receitados para os seus soffrimentos.

Não obstante isso, não deixara de cumprir com essa louvavel dever auxiliado exclusivamente pelo seu dedicado empregado.

Este, apezar da ignorancia que infelizmente lhe escurecia o espirito, era um rapazinho esperto, intelligente e mais que tudo cumpridor de sua obrigação; pois vendo o seu patrão enfermo e apezar da sua predilecção por essa brincadeira estupida do bumba-meu—boi—nem por isso o deixara só.

De dia para dia mais se agravavam os soffrimentos desse hospede que não tinha um só parente nesta terra.

Em casos, como é natural, apparecem sempre algumas almas bem formadas que parecem enviadas pelo Ceo, a se encarregar da enfermeira.

Foi o que aconteceu!

Ainda mesmo residindo longe, certo dia, apareceu uma senhora com duas filhas, que, sem interesse nenhum, a não ser a certeza em destribuirem caridade, cuja qualidade eram aquellas creaturas; tomaram a missão de enfermeiras desse moço, que dentro em um mez, já ia em franca convalescença

Hoje, está bom e tem sobre seu pensamento a idéa nitida dessa gratidão, que procurará por todas as maneiras retribuil-a; mas certo está que nenhum pagamento existirá que o desonere, barco dessa divida contraida com essas gentis filhas de Eva.

Que a caridade Divina recaia sobre elas!...

Rozario.

Jota Vê.

A MULHER

(Para Domingos Barboza)

Uma flôr trescalando perfume desabrochou na alcorada de uma manhã fria de dezembro saudada pelos efeitos da luz, glorificando a passagem dos deuzes

Numa petala nasceu o amor, nacarea a saudade, numa lagrima e do pecholo uma espiral sahida da festa, engrinaldada de elegancia, apareceu a mulher cercada de orgulho e de sorrizos bons.

A perfeição desabotoou com ela rodeada de encantos.

E os deuzes então trabalharam no modelar suave das linhas plasticas do seu corpo feiticeiro.

Formaram primeiro o coração e colocaram-no, no altar da alma, entre os nucleos e encantadores escrinios do peito, para guardar como um cofre forte, o tezouro dos arrebatamentos, das meditações, dolendade) pelo calvario da paixão a tentadora das loucuras embriagadoras da vida.

Depois os cabellos, que se debatarão como ondas negras de um mar revolto de oceano, cujido de armas, lavando as margens lizas do rosto branco, onde laivos crescentes de beijos espiram numa morte de prazer envolvida de atração, na fragrancia fresca da belleza e do afeto

Os olhos como rebentos castanhos do luz, rasgarão o campo da paz em que dormitam as orbitas e apareceram como dois vagabundos espiões, cantando trevas de efeitos atrativos, sob o luar da face no silencio traidor onde habita a virtudade da alma.

Em seguida apareceu a lagrima, furtiva, fugaz, vergonhoza e traidora se escondendo nas moitas dos cilios para não ser descoberta nos seus passos vagarozos, pela sinistra flor do soffrimento; fujitiva porque de uma simples sau lado aponta molhando as bordas das palpebras, vergonhoza porque não gosta de ser vista a frente de todos e traidora porque num beijo, as vezes quando menos se lhe espera, ela se mostra cristalina, doce e fria como los de prata serpeiando o rosto adorecido nos beitos suaves da alegria.

A boca pequena guardando delicadamente uma corradura de cristallinos dentes, cravada por dois labios rubros imprimindo um cunho de dezejo, talhou-se elegante, sutil e carinhoza numa dobcia de sorrizos que vinejam abandonados pelo chão esplendoroso da tentação, para receber um beijo.

As mãos bem modeladas, macias numa cor delicada, surgiram quaes brancas pas aos lados do bocejo e resta-nos finalmente traçarem linha de letras ligeiradas pelos labios de palavras ardentes de amor.

Os braços fortes, cercados de carnes cheirozas, encerraram dos hombros, para na sua atrativa nudez nos enlaçarem num longo abraço, prendendo-nos como duas deliciosas serpentes loiras do gozo num longo sonhar de ventura

Os pés, para percorrer levemente as estradas cobertadas de grinaldas de cravos numa manhã, estupefada pelo seo dos flores entrelaçadas do carinho.

E por fim nascerão os seios num regaço de ninar de

canções solenes como dois botões rubros de rozas de carne exadando frescura, rebentando no canteiro do peito corando de florecentes vinténs beijadas de gorjeios tunantes de pureza juvenil!...

A mulher é a filha imaculada da inocencia e do encanto, ornada pela beleza poetica dos sonhos, matizando de sensações as alegrias do homem.

Deve-se á mulher, o amor e a proteção dulcissima do seu olhar cheio de languidez, onde rezam os estridulos do beijo; á flor e aos deuzes se deve a mulher, nacida envôlta pelas ondas odorezas de perfumes castos de uma manhã suave.

Maranhão, 14 de outubro de 1916.

F. de Souza Pinto.

Evocações

I

Soror maguada, soror maguada, porque bateste a porta da minh'alma?...

Porque trazes sempre nos olhos magos toda a doçura nostalgica das tristezas dos seuzos?...

De onde vieste?...

Peregrina do sentimento, quando o sol agonico, ainda, ensanguenta o poente, a tua flor balsamica desprende mais forte o aroma, que maltrata e consola!...

E á noite, quando a triste nenja rola pelo azul, é ainda cristalisada na sua luz opalina, que tu vens trazer-me as reminiscencias deliciozas e martirizantes dos meus dias felizes...

II

Os sinos da igreja branca da minha terra!

Ah! Que mundo de recordações suaves acordam em meu peito!...

Como nos meus dias passados o seu bimbalhar alegre, me fazia saltar contente na certeza de que seria de férias o dia seguinte!

E' hora melancolica de vesperes, quando a tarde cahia suave e langue, eu ficava a ouvir-lhe algaravia sada e boa como os meus sonhos de então!

III

A escola! Era uma sala pequena e branca como as almas pequeninas, que a povoavam...

O professor, um tipo baixinho e raquitico, sentado, na sua cadeira, parecia um boneco, e servia de chufas aos alunos, que no entanto o estimavam.

Era tão bom, tão modesto...!

Muitas vezes nos seus momentos de colera, atirava os livros, ou cima da meza, fazendo-os cair com ruido; e quando os tinha de novo entre as mãos, limpava-os, carinhozamente, como que a pedir lhes perdão!... Dias luminozos dos meus tempos de escola, quanta saudade me traz ao prezente amargo, a vossa lembrança evocada entre as sismas da noite dolente...

As citaras das esperanças, que bailavam ao redor da hostia de luz, dos meigos sonhos da minha infancia quedaram-se mudas, pela soturna noite do passado!

IV

Era noite. A luz feerica dos salões dourados, deslizavam pares ao langor das valsas, como cazaes de cisnes enamorados...

Eu divagava sonhôlo com alma absorta em sonhos vagos...

Feriu-me aguda seta de um olhar fulgente, e nas minhas retinas ficou gravado um vulto sedoso, que evocando-o, surje-me sempre aureolado de saudade...! Segui-o!... A sua vista o meu pensamento parava extatico, e eu acompanhava o seu giro ligeiro, que deixava uma trajetoria luminoza.

Depois... não sei... Perdeu-se!... Mas que importa, se deixou uma lembrança suave, cbrilhando na minh'alma?!...

V

Aquelos olhos, aquelos olhos, como no momento angustiante da despedida, eles diziam tão claro, que dor lhe espezinhava o coração.

Era como uma prece, aquela amargura, tornada silenciosa pelo gelo das convenciencias nas que, no proprio silencio, se evolava mais aguda, mais penetrante, que no grito!

Na sua dolorosa incerteza pareciam dizer: «Lembrate; Lembrate»! E como eu vos lembro agora, queridos olhos...!

Como a vossa dor era tão grande que envolvestes na irradiação peregrina da magua, o meu coração indeciso

Olhos que me falastes na linguajem soul e deliciosa das expressões puras, vivereis comigo!

No hostiario do meu peito sois a reliquia santa mais injenua e mais casta, a quem o fieu sonho reza as preces das recordações queridas, no altar das crenças.

E' por vós, que no meu peito, a maneira de batel, oscilando, nas ondas, pulsa o meu coração, dos embates crebros d'uma saudade infinda...

Zingara.

Icatú—8—10—916.

Dr. Lauro Sodré

A bordo do paquete Pará, atracado em nosso porto na tarde de 14 do corrente, passou pela esta capital o ilustre paraense dr. Lauro Sodré, figura por demais saliente na politica de seu estado natal, para onde se destinara.

A canastra da Revista

Temos sobre a nossa humilde meza de trabalho as seguintes publicações: o n. 31 de «O Jornal Batista», orgão Oficial da Convenção Batista Brazileira, do Rio; —«O Lilaz», de Caxias; O «Rubi», de Cascavel; O «Acadense», bem redijido jornalzinho, orgão da sociedade literaria B. R. Branco, desta Capital; «O Orvalhos», de Maceió—Alagôas;—«A Estrela», revista mensal do belo sexo, fulgurante astro da constelação jornalistica de Aracati-Ceará, penhorados agradecemos, prometendo breve retribuição.

R. Castello Branco (Caxias)—Recebemos o seu soneto intitulado «Ellas» que será publicado depois de reparados alguns senões.

R. Souza (S. Luiz)—As suas quadras «A Ellas» não serão publicadas, uma vez que estão *profusamente* impossiveis. Veja como começam:

«A ELLAS»

«Menina de olhos *azues*,
«*Encarnados* como *achiote*,
«*Roxo* como a nevôa *branca*
«*Diz menina que te fiz?*

E, assim, *grande poéta*, por deante.

Rosa Branca (Maranhão)—Aguarde oportunidade, sim?

Pedro Vieira (S. Luiz)—E' impossivel, esta completo.

Elvira (Maranhão)—Perguntaste se o seu escripto foi para o cêsto? Não o foi. Vamos procural-o e brevemente dar-lhe-emos noticia.

P. Gomes (Maranhão)—O seu soneto intitulado «Loucura» não nos veio ás mãos, mande-nos, ouvio?

Onitnera (S. Luiz)—As suas «Reminicencias» serão publicadas assim que houver oportunidade, comprendeu?

José Correia (Rozario)—Se é como diz, o amigo tem razão, porém, nós é que não o podemos advertir, absolutamente.

Maria Santos (S. Luiz)—As assinaturas da «Revista Maranhense» começam em qualquer tempo e terminam em junho ou dezembro de cada anno.

Flora Flores (Terezina)—Recebemos o vosso escripto, porém completamente manchado; mande-nos a segunda via escrito de um lado só do papel ao contrario torna-se á difícil de comprender-se.

P. Silva (S. Luiz)—Como nos pede o amigo o leitor estaremos ao seu inteiro dispor, a questão, é das *questões*.

Paulo Luz (Maranhão)—Vae aqui mesmo a sua quadra a que nos pede publicidade veja:

«SEM GRAMATICA»

«Eu cheguei tu chegaste nós chegamos,
«Eu te vi tu me viste nós nos vimos,
«Eu me ri tu te riste nós nos rimos,
«Eu chorei tu choraste nós choramos...
Contente-se?

Selina (Maranhão)—Qualquer escrito que nos queira enviar deve ser endereçado á «Secretaria da Revista».

Assignantes (De interior)—Estamos estudando um meio eficaz para esse fim.

Aluizio Sallio.

FLORILEJIO POETICO

Sub tegmine fagi

Céleres fójem do pombal as pombas,
Apenas derrocada a cumieira:
Lá na na planura, ao lonje junto ao monte
Placidamente estúa a cachoeira
Da tapéra
onde os sonhos
De outr'óra se amontoam,
Da grata adolescencia
Quando creança corria a manga solta,
Envolta
Em puro arminho da inocencia.

Dr. Oscar Galvão.

O passado

Ao Fran Teixeira

Outr'ora, no meu tempo de creança,
Quiz conhecer o meu viver incérto.
E scatí que surjio ao meu dezérto,
Um canto alegre e vivo, sem tardança!

Era o suspiro de um sorrizo abérto,
Onde pairavam mundos de bonança!
As promessas, réplotas de esperança,
Do futuro a sorrir que vinha pérto!

Hoje, a cismar, então, no meu Destino,
Oiço murmúrios crentes e esbaimados,
A reclamar em mea vivér de monje!

São os risadas de um vivér feriso,
Os soluços talvéz apaixonados,
D'um passado feliz que já vai lonje!

Clemente Guédes.

Trovão

Raivozo, estrondas lá pelas alturas,
Disposto a praticar crueis loucuras,
Sem dó, nem compaixão!
Da pobre humanidade que aqui croce,
Entoando a todo instante aguda prece,
Que vem do coração.

Deus, que é bom, não consente tal toldade,
Reprende, desde logo, a brutidade,
Que queres praticar
Os aguedes que, por cêdo, são amados
E que jamais serão intimidados,
Perante o teu ralhar.

Tu, que és escravo, tens que obedecer
Aquele que formou a todo ser,
Mostrando que podia
Fazer a qualquer tempo que quizesse,
A mudança que bem lhe parecesse,
Com prazo de um só dia!

E's desprezado pelo mundo inteiro,
Tenho por certo não ser o primeiro,
A dar demonstração,
E tu que queres ter tanta bondade,
Vem aqui protestar com dignidade,
Oh! mizero trovão!

Moreira Lima.

S. Luis, —21—9 916.

Assassina!...

Porque te amei assim sem ser amado,
como se o mundo em ti se resumisse?
—Como foi, porque foi, sem que eu previsse
que esse amor me fizesse um desgraçado?!...

Por todo o bem que a ti na vida hei dado,
me fizeste este mal, sem que eu previsse
que teu amor, inferno! outro freaisse
mais ditózo que meu amor jurado?

No entanto, não maldigo esta paixão!
E até zombo da dôr que me propina,
do teu desprezo o mizero aguilhão!

—Pois sofrer por te amar, que doce sina!
Que venha pois a morte ao coração
Se eu te amo ainda impavida Assassina!...

J. Lario.

Rememorando...

—Au mon premiér attachement—

Esqueces?! —Não te lembras, na verdade,
Da jura sacrosanta e fervoroza,
Que um dia, aos meus ouvidos, linda Roza,
Fizeste—ainda paroco—com lealdade!...

Tu, que das virjens és a mais formoza...
Que és fonte de purêza e castidade,
Já tão cêdo esqueceste-me! oh! beldade!
E a confissão esqueces, carinhoza...

Esqueces sim?! —Mas ainda contra o peito,
Eu te abroço, querida, ás vezes, quando
Sonho comtigo envolta no meu leito!...

—Eu quizéra do meu sonhar de conto,
Não despertar, ficar sempre sonhando,
Para abraçar-te, Roza, eternamente!

Rio —916.

Francisco Santos.

Contemplando

A. S. R.

Era alta noite e a lua magestoza,
medrava a sua luz te abençoando...
e tu sorrindo —Venus—orgulhoza—
e tu sorrindo —Venus—e eu chorando...

Chorava o'esta vida tenebroza,
vida de horrores que me vem chamando;
vida das vidas putridas, penoza
vida de fogo que me vem queimando!...

E tu pasmada, a contemplar sorrindo
a lua que em minh'alma a dôr espalma,
nem vês que teu olhar me vem ferindo...

E vivo assim: na minha dôr imensa
a contemplar-te—contemplando-o ainda,
a meiga lua—essa alma de tua alma!

S Luiz—21—9—916.

Almir Santos.

CONTRASTE

(Continuação)

O sol já mal deixava o vestido de sua passagem.

Substituia o rubor do ocazo uma côr muito branca, dando uma aparencia vaga, quimerica, de um mar immenso, sempre a encher, a transbordar, a subir vertiginozamente das nuvens pardas parecidas, tambem, com montanhas gigantescas, que se submergiam na onda avassaladora. Sempre a subir, até ficar a superficie limpida e serena, a se esconder majestozamente. Os rochedos sossobraram na lobriga vorazem do mar immenso, isto é, as nuvens esconderam-se por traz das colinas verdes, deixando o ocazo nadando numa alvura sem mancha, limpida, diafana.

Era de estaziar tão encantadora cena. Deslumbrava e commovia.

A Natureza parecia verter das teorras cordas de sua lira tetricas canções de morte numa langaidez e num adormecimento de sonambulo que canta tristemente no silencio tepido de tarde suave e macia.

O ceo, as montanhas, as nuvens, o rio que deslizava muito sereno, muito brando por entre as margens ensopadas de grossa lacrimante, por entre as sombras frescas das arvores, que se deitavam espelhando-se nas aguas pardas e mansas—tudo reunido, formando uma soberba prospectiva, commovia a minha alma tão sensivel a estes encantos da caidoza Natureza que derramava no espaço, em tudo, uma sensação de suave, ameno, triste e brando.

(Continúa) *Erasmo Castro*

"Os belos gestos de uma Atriz"

(Continuação)

—Queira explicar-me como se deu isso.

—Sou um quinto de duas raças: meu pai foi um ator brazileiro—Julio Peres; minha mãi uma atriz italiana—Suzani Perini: ambos, aí, se virem, se amaram e logo se rezolveram o cazamento—cazando ambos, cujo fruto sou eu que, havendo perdido a minha querida mãi logo após o meu nacimento, meu carinhozo pai levou-me á Italia, donde, depois de percorrermos varias e belas cidades, viemos para aqui, afim de completar a minha educação teatral.

Neste propozito envidavamos os nossos limitados esforços quando ele inesperadamente foi arrebatado pela aut'eze da vida que nada poupa e nada vê, deixando-me na mais completa orfandade, em que ora me aprezento!...

—Ainda se me não tinha deparado um produto destas duas artisticas raças, disse ele, olhando-a de alto a baixo, com avidez e interesse de um requintado comerciante.

Rezulta daí que *Paris* vai ter o duplo prazer de ver, ouvir e admirar um genio composto de duas belas raças?

—De três, alias:—brazileira, italiana e franceza.

—Como então!.. a menina tambem é franceza?...

—Pelo coração... e as outras duas—pelo sangue puro, que me corre nas veias.

—Olhe, desculpe-me, não se habitue a amar três coizas, da mesma natureza com igual veemencia; do contrário a menina, fatalmente, cazar-se á três vezes e com a mesma força afetiva, o terceiro matrimonio, como tiver realizado os dois primeiros.

Depois, que juizo poderiamos formar duma mulher que tivesse amado três homens com a mesma intensidade e ardoroza? Diremos,—continuou ele,—que essa mulher nacera tambem com tres corações; no que importava em afirmar que não possuia um só!...

—Não posso nem devo entrar em apreciações, cujo alcance não percebo; todavia devo e posso afirmar que não as tres nações como se uma só fossem, não tendo mesmo a menor preferencia mais por uma do que outra. E ainda assim penso e sinto que no meu peito só palpita um coração como acontece aos demais seres animados.

Não ha duvida, minha menina, comtudo devo guardar as lembranças com minha observação ou suposição.

A seguir.

M. L.

O Mez Social

Aniversarios

A 4 de outubro—o liceista Arlindo Costa.

A 5—a professora normalista Aralia Costa;

—A senhorita Carolina Santos.

A 6—a aplicada liceista Dinà Teixeira.

—A professora El Zaida Souza, que brilhantemente tem se destinguido no majisterio

A 7—a senhorita Augusta Blum.

A 8—a professoranda Esterlinda Meireles.

A 9—o Dr. Handeto B. de Godois.

A 10—o Sr. Jozé F. da Costa Fonsêca, comerciante em nossa praça;

—A a exm.ª sra. d. Maria Simas H. Parga, espoza do capitão Herculano Anfiloquio Parga.

A 12—a professora Ocmi Souza, que com muito interesse educa a mocidade de nossa terra.

A 13—a professora Zuleide Bejéa.

A 15—a pianista Maria Leonor da Sá, filha do Dr. Joaquim P. Franço de Sá;

—A senhorita Iluá Castro

A 19—a professora Romilda Preiro.

A 22—a senhorita Maria V. d'Oliveira, nossa assinante.

A 23—a senhorita Amelia Nogueira, nossa assidua leitora pertencente á sociedade Cururupuense.

A 24—o liceista Diogo Pinto;

—A 26—a senhorita Maria Nogueira, tambem nossa assidua leitora e pertencente á sociedade Cururupuense.

A 27—o estudante de engenharia Jozé Quin Lopes;

—A quartanista do Liceu Maranhense, Nair Pinheiro nossa colaboradora.

A 28—a exm.ª sra. d. Odila Pinheiro, espoza do sr. José Joaquim Pinheiro;

—A professora Filomena Almeida

A 31—a senhorita Emarcia Pereira;

—O violinista Henrique Blum;

—O ilustre advogado dr. Alcides Pereira, pai do nosso companheiro Ribamar Pereira.

Parabens

Falecimento

Faleceu, em Cururupú, no dia 27 do setembro, o sr. Luiz Antonio de Carvalho. Aos seus parentes e amigos enviamos pezames.

—No dia 12 do corrente faleceu nesta capital, a senhorita Arjemira Gomes, professora do Colegio Sagrado Coração de Maria. Aos parentes da finada apresentamos pezames

***

No dia 1.º de outubro renunciou o cargo de gerente, desta revista, o sr. João Vicente de Abreu, sendo escolhido para exercel-o o sr. Clemente Guedes. Tambem foram escolhidos para redatores os srs. Astrolabio Caldas, Jozé Ribamar Pereira, Jozé Monteiro e Mauricio Furtado.

***

Deixaram de ser colaboradores desta Revista os srs. Nei Nunes Cardozo e Francisco Figueredo

***

Com muito brilhantismo, revestindo-se de todas as pompas, neste como nos outros anos decorreu a festa do Nossa Senhora dos Remedios. O largo bem ornamentado estava, notando-se diversas cazas de sortes, cavalinhos, botequins etc. Varias peças de fogos foram queimadas.

A orquestra dirijida pelo competente e reconhecido muzicista, nosso assinante, dr. Carlos Marques, só merece os maiores elojios. Compunha-se de 26 figuras, entre as quais diversos professores e amadores, que, na arte de Rossini são conhecedores profundos. Tratando-se das cantoras dizemos, que as senhoritas Bebé Kert, Ilda Desterro, Lili Costa Santos, Mundica Souza e Almerinda Mendonça servindo de soprano, divinamente desempenharam a sua missão. Tambem é de justiça citarmos os nomes das senhoritas Zulmirinha Marques, Victoria Mendonça e Nhazinha Ramos, dos senhores Sant'Ana Reis, Riba-Mar Pereira e Salú Faria, que com as suas vozes de contraltos, baixo, baritono e tenor foram tambem aprecciados e elojiados pelo publico, pela maneira brilhante, com que todos cantaram a novena Luiz Miró, o grande compozitor italiano

Dizendo

A' M. F.

Que é de Naura? sabes se ela está no jardim, Joana?

—*Num tá, não, sinhá Iaiá. Ela deve istá triste iscundida pru lá. Dessa qui vi vancês ta leno aquela carta, qui nhã dona Narinha ficou sicumbida.*

—De que carta falas Joana? não recebi carta alguma que podesse contrariar Naura.

—*Nem seio, sinhá, nus seio: dona Narinha ficou en melancolia, sinha é qui não arreparou. Pra mim ela não gasou do qui deu, ou capaz de jurá.*

—Deixa de ser tola Joana! Então uma carta do sr. Mauricio, que nem era para Naura, ia fazel-a ficar triste?

—*Entonce pra vin de que mandaru aquela carta pra vancês lê? Si nun era pra nin nova das duas, nun tinha qui mandare aqui pro vances ôlhi, nun era sinhá.*

—Estás muito engraçada, Joana. Sim a carta não era para cós, porém lá havia uma ligeira referencia a Guerreira, e como a Guerreira é nada menos que esta tua senhora...

Uê. Nasci vi sinhá dizê qui vancê foi na guerra pra sê guerréra.

—Bem, hoje estás muito tagarela, porem é quazi hora do almoço: vai arranjar a meza que eu vou vêr que faz a Naura.

—Não te encomodes, Estér, estou aqui.

—Olha Naura, Joana estava me dizendo que, estes ultimos dias, tens andado bem triste. Mas, que cara de poucos amigos é essa? Talvez Joana tenha razão. Vamos Nauriuha não gosto de te vêr assim, parece que não estás satisfeita. Alguem te contrariou? E' por causa de Armando que estás assim com essa carinha de inverno? porque não dizes tudo quanto sentes á tua irmãzinha? parece que já vais deixando de me querer bem.

—O! Como é que dizes uma cousa dessa?!

E' por te querer muito, por não gostar que sejam injustos contigo, que muitas vezes fico, como disesto, com a cara de inverno ou de poucos amigos. Muitas vezes tenho vontade de chorar, como agora.

Naurinha, que é isso? Quem é que foi injusto comigo? A Joana é capaz de dar a vida por qualquer uma de nós, nosso pai não pode ser melhor; palavra que não te entendo, tens cada uma sugraçada!

—Sutao sabes pouco o que te têm feito? E's muzo bôa, e é só por isso que falas assim.

Olha, fazem poucos dias que Joana só porque teu gatinho matou meu canario, envenenou o.

—Ora Naura, Joana foz isso julgando que fazia grande couza.

—Mas não foi só isso, mana: Não lembras? No ultimo baile que fomos, nosso primo João ficou todo zangad , porque tu não quizeste dançar só com êle. E' pouco delicado aquelo João: disso que nunca mais se aproximaria de ti quando estivermos em qualquer reunião; que és estopida, que não te quer bem, enfim disse tanta couza que me esqueci do resto.

—Aquilo era brincadeira de João, o que ele queria era conversar comigo para te atentar, e como sabe que te zangas quando dizem qualquer cousa contra mim, disse o que estás repetindo e quando te viu bem zangada veio me contar tudo.

—Papai disse que me estima muito mais do que a ti; isso não é injustiça?

—Seria se fosse uma verdade, porem papai só disse isso por saber que és uma tolinha e que te zangas com muita facilidade.

—Tambem foi para brincar que sr. Mauricio, disse naquela carta, que não escrevesse mais para a «Revista Maranhense» porque já não era gerente o sr. Joia Vá? Mas que este havia de voltar e podias continuar.

Ainda és muito creança, Naura!

Toma lá este beijinho e ouve: deixa para cousas mais serias teus aborrecimentos. Não vês como ando sempre alegre? Acho que ninguem te injuriou comigo.

Quanto ao sr. Mauricio não teve intenção má. Ora, eu não tenho a honra de conhecer pessoalmente nenhum dos dois literatos em questão, como podia preferir este ou aquele?

E' mesmo Estér, o segundo creio, quando D. A. te aproximou para colaborar na «Revista» disse mais ou menos, que era muito e muito tinhas deixado tua aldeia portanto...

—Sim, e quando o sr. Mauricio souber que não tenho enviado nenhum trabalho por falta de tempo e mesmo por julgar que os escritos de uma matuta só podem encombrar as pajinas de um jornal, se arrependerá do que disse, e não me quererá mal, não achas?

—Sim, sim, maninha deve ser assim mesmo, eu é que sou uma toulinha.

—Ouves? papai está chamando, vamos almoçar?...

Olha Naurinha, quero este rostinho bem alegre!

Brejo—2—10 916. *Guerreira*

Uma saudade

A' amiguinha D. F.

Caia tristemente a tarde.

O astro-rei com seus ultimos raios esparzidos pelo horizonte, dava um tom rozeo e brilhante as belas ondas, que, brancas de espuma, vinham quebrar se docemente de encontro aos abrutos rochedos á beira-mar.

Lá ao longe, repicava as "Ave Maria" o sino da branca ermidinha emoldurada de acacias silvestres.

De um galho de arvore um passaro gorjeiava.

A' beira-mar, sentada n'um banco de pedra, jazia embebida em amargas reflexois uma jovem.

No seu semblante transparecia uma indefinivel tristeza!..

Morena, de talhe esbelto, estatura regular.

O rosto oval, onde se salientava um bem feito nariz aquilino: os labios nacarados, quando sorriam deixavam vêr duas carreiras de perolas; a boca bem delineada parecia feita de beijos.

Seus longos e sedozos cabelos negros como o ebano, caíam lhe em cachos pelas espadnas e eram prezos por uma fita preta.

Nos grandes e lindos olhos negros sombreados por espessas sobrancelhas, notava-se a melancolia com que fixavam docemente o mar lá para as bandas do sul.

Via-se, que seu dezejo era desvial-os, mas eles recuzavam-se obstinadamente.

N'aquela hora de desalento, saudade e poezia, a bela virjem pensava.

Recordava se d'aquele que só depois que partiu, foi que compreendeu que o amava muito ainda!

As recordações afluiam-lhe ao cerebro!

Lembrava-se do dia que o ciume lhe penetrou no coração.

Ciumou que ele amava outra.

Então, fremente de raiva por ter uma riva[illegible] com o coração magoado pela dor, disse que não queria mais vel-o!

Que era ingrato!

Ao saber d'isso, ele partiu para além do Atlantico, sem ao menos poder justificar-se, sem ao menos dizer esta triste mas doce palavra: Adeus!

As saudades não demoraram em vir atormentar-lhe a alma, e mais o arrependimento por ter duvidado d'ele, sabendo-o sincero.

Examinando seu coração, sentia que bastára a partida d'ele para provar quanto o amava.

Subito, sons melodiozos trazidos docemente pela briza, chegaram-lhe aos ouvidos.

Num barquinho que passava lá ao longe, um pescador tangia melancolicamente as cordas d'uma guitarra, e cantava em italiano com expressão notavel, a bela romansa "Dolore del Arore!...

Que belo concerto formava com o mar aquela vóz de tenor!

Um bando de aves que passava em direção a terra, diminuio a velocidade do seu vôo para deleitar-se, ouvindo a bela musica de Papini.

A bela virjem a custo poude despender os meigos olhos do sul para prendel-os novamente no barco do pescador.

Seus labios descerraram-se n'um sorriso, e, fios de perolas liquidas desceram pelas suas faces.

Sentia, mais que nunca saudades d'aquele que habitava para o sul.

Chorava, recordando-se que, não havia peior castigo, que passar dois anos sem vel-o!

E seus olhos seguiram o barquinho que se sumia na curva do horizonte!..

São Luiz, 7—9—916. *Gaúcha.*

POSTAIS

Ao R. A.

Ingrato, causador de meus males, tem pena de um coração quem n'este mundo sofreu unicamente por ti!

Ceará.

—

Ao A. O. R.

O amor nasce n'um olhar vive n'um sorriso, e morre n'uma inconstancia.

Ceará.

—

A' Dôra Dolorez.

Amar, sem ter a certeza de ser correspondido, é para um coração o mais cruel tormento!

Ceará. *Cupido.*

—

A' Gaúchita

Quando penso em ti, minh'alma transporta-se, nas azas de um sonho dôce ás rejiões onde habitam as iluzões doiradas; ao despertar, reconheço o quanto cruel foi o destino, que nos separando, reduziu-me a vida ao mais profundo desalento!

Ceará. *Cupido.*

—

Ao inesquecivel Cupido.

Quando perto alguem que estimamos, é que reconhecemos se o nosso afeto é verdadeiro.

Quando partiste, foi que senti a grande amizade, que te tenho!

São Luiz. *Gaúchito*

—

A. Z. S.

Soffremos tanto quando dedicamos o nosso amor a uma inconstante! Nosso coração succumbe ao pezo de tão grande dôr!

São Luiz. *D'alva.*

—

Amei-te muito na vida, e tive como rezultado a mais cruel das ingratidões.

São Luiz. *Ilu.*

—

A' Gaúchita

E' triste recordarmos uma epoca feliz, quando já a gozamos.

Ceará *Cupido*

* *

A Gentil Zante.

A vida é uma sucessão de sonhos que se tornam suaves quando se ama.

* *

Amar a mulher e torna-l-a feliz é para o homem um dever sacro.

* *

Para o A. C.

Instruir o espirito é tornar mais amena a existencia.

Mauriguassá.

Amôr

Para meu irmão Oscar

Amelia era uma joven muito meiga e bondoza que aos seus trezo anos não se preocupava senão a estudar, e a brincar, alegremente com as suas colegas do folguedos da juventude. Assim passou aos dois anos desta alegria quazi infantil que não durou muito, visto que, indo para um colejio superior, encontrou-se pela vez primeira, com um dos seus colegas chamado Mario.

Ao fital o, causou-lhe tal impressão que não se póde conter. Sentia um quer que seja de estranho si, pensava como se tinha transformado de uma hora para outra, e tambem como se tinha deixado vencer por uma coisa que, pela primeira vez, tinha visto. Não quiz acreditar naquela mudança inesperada... Mas o que germinava no seu coração em toda a sua sublimidade, era o amôr.

Cupido atacando o seu coração de surpreza, a fizera conhecedôra do que ha de mais sublime na vida e, que nela se achava, ainda, envolvido, nas dobras transparentes da inocencia.

Não fôra comtudo, só Amelia que se tinha surprendido com a prezença do Mario, ele tambem, do mesmo momento, não podia se esquecer daquela creatura que o perturbava sem cessar. Não se podendo conter, decidiu se a escrever á jovem para vêr si assim podia descançar. Amelia assim que recebeu a missiva que ele lhe tinha mandado, não se fez esperar muito para responder.

* *

O tempo passa. Amaram-se. Mario como tinha a ambição de ser alguma coiza, comprometeu se a casar se com ela assim que se formasse.

Feita essa promessa partiu para os estudos, deixando-a por trez anos, tempo necessario para se diplomar, porém sempre se correspondendo.

Decorrido os trez anos, Deus vendo que aqueles dois entes deviam se unir eternamente, os envolveu nos laços matrimoniais e concedeu-lhes daí por diante uma vida tranquila e alegre.

Em 18—10 de 1916.

Zante

"Oriental"

Pera ser lido por R. A. sempre gentil

Noite misterioza do primaveral setembro.

Céo azul-ferrete e mar verde-esmeralda; estrela a cintilar e onda a refletir a latea luz da lua cheia.

Cantam as auras na folhajem morna da estação florida, onde ha pouco o sól jorrou em irradiações de luz, cristalizados osculos de amor e de carinho; gemem os genios do mar ao debruçarem-se na areia, feita que faz resuscitar, as mortas iluzões.

O perfil oriental dezenhou-se então no fundo escuro do porto á beira-mar, iluminado por indiscreto raio do astro lunar!

Este perfil trouxe comsigo uma iluzão!

Mas... que é a iluzão?

E' «Como efemero vão que dura um quazi nada.

«Que nace de manhã num raio d'alvorada,

«Expira ao pôr do sol noutro raio de luz».

E' uma iluzão, que suaviza os espinhos da existencia como balsamo sacro-santo a amenizar por instantes as agruras dê nossos coraçõis.

Pois, «Se a quimêra é uma roza e a existencia uma haste,

«Roza cheia d'aroma, haste cheia de espinhos»...

A iluzão é um sonho e o sonho um prenuncio de amor.

Por isso, os negros olhos orientais deixaram, naquela noite de setembro, no horio á beira-mar, uma iluzão, que, suaviza os espinhos da existencia, como balsamo sacro santo a amenizar, por instantes as agruras de nossos coraçõis!...

Cupido

Ceará - 23 - 9 - 916

Erata

O número 7 da nossa Revista, por motivos superiores foi composto á ultima hora, por isso que no soneto do Sr. Clemente Guêdes, onde se lê — E depois se feliz nos encontramos, — leia-se: E se um dia feliz nos encontramos, etc... E assim em outros artigos escaparam, tambem, alguns senões, os quais serão facilmente reparados pelos nossos assiduos leitores.

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFONSO PENA, N. 2 (sobrado) MARANHÃO

Peculios pagos de 1912-1916
Rs. 690.577$000

REZULTADO do 56.º Sorteio, da 1.ª Se- (A), a que se procedeu, hoje na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 10 izenções do pagamento das contribuições, durante 12 mezes

1.º N. 1257—D. Eulina Vidal Mendes, rua da Estrela, 41.
2.º N. 913—D. Filomena Bluhm, rua Afonso Pena, 36.
3.º N. 2305—Filhos de João Martins, praça 1. de Maio.
4.º N. 2579—D. Carmen Nogueira Souza, rua de S. João, 31.
5.º N. 1370—D. Lucia Izabel do Nacimento, rua Machado, 23.
6.º N. 3248—Edgard da Silva Almeida, rua Coronel Colares Moreira, 43.
7.º N. 2316—José Oliveira Neto, rua da Madre Deus, 93.
8.º N. 294—D. Izabel, residente no Rio de Janeiro.
9.º N. 1776—D. Sebastiana Junqueira Dias, rua Grande, 52.
10 N. 3282—D. Zuleika B. Ilheza Borjack, rua do Sol, 81.

Caza no valor de Rs. 10.000$000

N. 2849—D. Maria Francisca Paiva, rezidente no Anil.

Maranhão, 16 de outubro de 1916.

Raimundo Cezar de Moraes Rego, Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraiso, Diretor Gerente.

NOTA—De acordo com o Decreto do Governo Federal, serão eliminados os prestamistas atrazados em 3 mensalidades, e perderá direito ao premio aquelle que não estiver quites.

A EMPREZA.

Livraria Moderna

Na Livraria Moderna, á rua de Nazareth, encontram-se todos os artigos que se poderiam encontrar numa bem montada livraria.

Encontra-se á venda na mesma, a

«REVISTA MARANHENSE»

Vizitem a Livraria Moderna!!!

33 — Rua de Nazareth — 33

Livraria Ingleza

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos, pelos ultimos vapores

Preços reduzidos

Rua Coronel Colares Moreira, 49.

Loja Nova Jeruzalém

Acaba de passar por uma grande reforma esta loja situada á rua Afonso Pena n. 8, encontrando-se todas as sortes de mercadorias.

TUDO BOM E BARATO

Rs 1.000

Talco boratado, perfumado, branco e roza, preparado na FARMACIA GARRIDO. Chamamos a attenção das gentis senhoritas.—**Rua Grande, 10.**

Contra o Reumatismo

GOTAS DE TANGUAI'

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vejetal

VENDE-SEM NA

Farmacia Jesus — Rua de Sant'Ana, 132

Coupons para concurso

Concurso n. 1
Revista Maranhense

Concurso n. 2
Revista Maranhense

ANNO 1 * NUMERO 9

S. Luiz do Maranhão--Novembro de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Lettras

Redação -- Rua Alonso Pena, 6

ASSINATURAS

Anual

Capital ..... 2$500
Interior ..... 2$500
Exterior ..... 3$000

Semestral

Capital ..... 1$200
Interior ..... 1$500
Exterior ..... 1$800
Numero avulso $200
Numero atrazado $400

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Ribeiro Pereira.
José Nobrelo
Mauricio Furtado.

GERENTE

Clemente Caldas.

TESOUREIRO

Araujo Lazeiro.

Socios collaboradores

Astrolabio Caldas, Ribeiro Pires, José Nobrelo, João Vicente de Abreu, Antonio Lazeiro, Mauricio Furtado Nestor Silva, Clemente Caldas, Heraclito Pedro Paiva Ferreira, Francisco Santos, Francisco P. Costa, Manoel Bernardes, José de Ribamar Pereira, Victor Hugo Andrades, Ivan Pequeno, Manoel Varão, Augusto Pinho, Candido V. Neves, Joaquim Moreira, Lauro Alcide Santos, Oscar Carvalho e Fran Teixeira.

Socias collaboradoras

Corina Caldas, Ilia Bezerra, Nair Pinheiro, Alcide Fernandes, Alice Santa, Zemide Prado, Nize Soares, Silvia Castro, Alcyone da Rocha, Judith Costa, Filomena Silva, Jacyra Alvarenga, Sylvia Soares, Conceição Bittencourt, Isaura Machado, Rita Silva, Isabel Araujo, Raymunda Silva, Cecilia Martins, Zelinda Reis, Zezinha Sá e Alcy Carvalho.

Agentes no interior e exterior do Estado

Loreto - Maria Eugenia Vieira.
Arary - Prof. Jacyra Machado Costa.
Icatú - Prof. Jacyra Assumpção.
Bacury - Prof. Dolores da Costa R. Tavares.
Rosario - Prof. Laura Borges.
Guimarães - Estudante Manoel Leite Fernandes.
Caxias - Commerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara - Pr. e Filhinhos Angela da Cruz.
Cururupú - Telegrafista João C. de Vieira, filho e Raymundo Caldas.
Pedreiras - Prof. Acrolino Sampaio Guimarães.
Penedo - Senhorita Isabel Rosa de Araujo.
Brejo - Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará) - Senhorita Rita Machado da Silva.
Barra Vermelha - Prof. Pinheiro Ivelina Silva.
São Vicente Ferrer - Prof. Ana P. Alves da Silva.
Vila de Marcos - Prof. Adelino Costa Frques.
S. Bento - Prof. Amelia B. Leite.
Pinheiro - Prof. Escolastica R. Marcondes e a sra. Francisca Leite.
Barra do Corda - Prof. Cecilia Martins.
Tutoia - Sr. Luiz d'A. Carvalho e a prof. Carmen Cruz.
Caxias - Miranda Carvalho - D. Maria Silva.
Rio de Janeiro - Professor Santos.
Guimarães - Professor Ozorio Andrade.
Axixá - Professora Raimunda Silva.
Viana - Professora Mariana Nogueira.
Anajatuba - Prof. - Paulo Guimarães.
Brazlandia - Emiliano Cesar do Rego Falcão.
Teresina - Fabricio Moura.
Grajahú - Cesario de Azevedo Moura.
São Quirino - Margarida A. Pedreira.

SUMARIO

Dr. Carlos Reis - Redação. A Concentração (Contos) - Raymundo Gonçalves Dias. Julio Cezar - Collecção Pacata Bahiana. Congressos Eucharisticos - Ele Carta aberta - Domingos Fraga Filho - Dr. Oscar Galvão. Dolores - M. Furtado. Carta aberta - Prof. O Sorriso - Ernani de Oliveira. Chronicas e Epigrammas - Nhozi. Florilegio Poetico - Diversos. Madrigaes do sertão. Oscar Reis. De tudo um pouco - Francisco Santos. Pensando em... - Astrolabio. Os balões gemeos de uma arte - M. L. A. S. - Annaes da Revista - Lauro de Freitas Rosenhaupt - M. L. A. redivivo - Jean Val. O Mez social - Redação. As estrellas - Paulo Guimarães Mesquita - Gymnastica.

Maranhão, — Novembro — 1916

ANO I | **Revista Maranhense** | NUM. 9

REVISTA MENSAL | ARTES, CIENCIAS E LETRAS



Dr. Carlos Reis

Transcorreu, a 15 do corrente, a data natalicia do dr. Carlos Humberto Reis, nosso talentoso confrade e muito digno primeiro promotor publico da capital.

Espirito clarividente, possuidor de raras qualidades, o ilustre aniversariado é um nome feito na escabrosa senda jornalistica, onde conquistou lugar de destaque.

Tribuno consagrado, temos como atenuante a sua palavra facil e fluente, levando a todos que a ouvem o entuzismo que contem.

O seu valor de magistrado integro está confirmado nos solidos conhecimentos de direito que possue, o mais alto que nós alam os seus brilhantes pareceres e bem argumentadas decisões.

A "Revista Maranhense", ilustrando a sua primeira pajina com a fotografia do digno aniversariado, rende uma justa homenajem ao espirito esclarecido do dr. Carlos Reis.

A Gonçalves Dias

«Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias»

Descrever os traços caracteristicos de uma raça, afirmal-a valente pela prova de heroismo tantas e tantissimas vezes demonstrada, classifical-a de patriotica pelo seu grande amor á terra, se barbara, elevál-a quazi que ao nivel de raça civilizada é sem duvida um trabalho de grande monta, porque depende de um acurado estudo, e só uma pessoa conhecedora dos primévos tempos do estabelecimento dessa raça, poderá apreciál-a, estudal-a, nos seus costumes, tradições, na sua crença, no seu *habitat*, em suma, na sua evolução.

Pois, com muita facilidade, dispondo de bons livros, biografias, mapas, autografos antigos sobre o viver do selvicola nas nossas terras, nesse tempo constituidas ainda em grande parte em florestas, conseguiu Gonçalves Dias deixar explicitamente demonstrado, em diversas de suas obras, a sua admiração, o seu interesse, o seu prazer, a sua vontade ardente de ver o indio, empunhando suas armas, quebral-as e mostrar-se pronto, disposto a receber os raios vincantes da civilização.

Ora, vivendo e sentindo com o selvajem Gonçalves Dias fez-se seu admirador, expressando em suas estrofes, reveladoras da grandeza sublime de sua alma de poeta, o dezejo ardente de que se adotasse como medida de grande importancia a proteção ao incola, derramando sobre ele a luz benefica da instrução, da boa disciplina, da civilidade, porque era sabido que por um fenomeno mezologico, o selvajem seria um dos fatores formadores da nacionalidade brazileira.

O indianismo, no Brazil, teve seus defensores. Um como Gonçalves Dias cantou ao som doce de sua lira a vida intima dessa raça. Outro como Vieira e Anchieta, no pulpito, clamaram contra a injustiça que os indios, inocentemente, muitas e muitas vezes soffreram. Outro como Carlos Gomes sintetizou em acordes abemolados as perseguições, as tentações que soffreram, os gritos de dores que soltaram, pedindo a protoção de Anhangá; e em escalas sustenizadas, a alegria, o grito de guerra, a satisfação, o culto que o indio rendia a Tupan. Outro como José Bonifacio e Santa Rita Durão deixaram tambem diversos escritos sobre o incola.

Ainda hoje o indio soffre!

Mas não recúa nunca, porque da sua bravura depende a grandeza de sua raça, porque da sua bravura emana a nobreza dos seus.

E por isso, vencer o inimigo, embora superior em força, é sempre o seu objetivo.

Gonçalves Dias, um dos fundadores da escola romantica no Brazil, foi mestiço. Seu estilo era doce e aprimorado o seu lirismo.

Tinha clareza na expressão de suas idéas. Bem colorida era a perspetiva das paizagens, que sua pena dezenhou.

E nós que somos brazileiros e nós que somos maranhenses e nós que reprezentamos a grandeza futura de nossa terra, devemos o exemplo de Gonçalves Dias e tantissimos outros trabalhar, mas trabalhar para um dia vermos esta terra que é o nosso berço, grande, nobre, altivo, brilhando entre as outras em que se divide a federação brazileira.

S. Luiz - 3 — 11 — 916.

GONÇALVES DIAS

Passou este anno o três de novembro com uma certa frieza, sem aquela aparatoza e imponente homenajem que, ao tempos para cá, os homens de letras, com a solidariedade espontanea da mocidade estudioza desta terra, vinham rendendo á memoria do inolvidavel autor das *Sextilhas de Frei Antão*, do *Y Juca Pirama* e tantos outros trabalhos que muito concorreram para a sua imortalidade.

Não devia ser lançado ao esquecimento esse tributo que se vinha prestando a memoria de Antonio Gonçalves Dias, porque bem se sabe que toda essa prova de reconhecimento, vinha tornar bem clarividente que os maranhenses, aqueles que se entregam á cultura de espirito, sabem ainda dar valôr ao poeta que tanto honrou a terra que lhe serviu de berço.

Essa romaria anual, lá fóra, demonstra perfeitamente o interesse que aqui se póde ter ás coizas do belo.

Houve, porém, um motivo justissimo para que não tivessem taes festejos aquele mesmo brilho de outr'ora. E' que desappareceu um desses vultos que mais se batia pelas letras, o intemerato prosador Antonio Lobo, de saudoza memoria, a quem todos os estudiozos devem recordar com tristeza, lamentando o seu desaparecimento e depondo sobre o seu tumulo uma lagrima sentida...

Dois annos apenas são decorridos que teve logar a mais imponente das homenajens que se ha prestado ao cantór dos *Timbiras*, pois foi em 1914 que tendo á frente Antonio Lobo, se organizou a grande romaria, em demanda á praça em que se acha erguida a estatua do poeta.

* * *

Em principios do XIX seculo, a princeza do sertão, a encantadora Caxias, embalou em seus braços, para gloria sua, esse grande vulto da literatura brazileira, que se chama Antonio Gonçalves Dias.

Nasceu em um recanto do paiz, onde se avistam as belas palmeiras e onde se ouve o armonioso canto do sabiá; alí, onde a natureza sorria sob um céu azul, despertando ao poeta a ideia de cultivar o seu espirito, o dentro em pouco ele levou a efeito, partindo para Coimbra, em cuja universidade se matriculou.

Terminando os seus estudos, voltou á patria o espirito cheio de luz e de saber...

Ás nossas matas, as côres verdes dos nossos mares, o azul extasiante dos nossos ceus, os nossos campos matizados de flôres, tudo, tudo emfim, aparelhado á cultura solida do espirito de Gonçalves Dias fêl-o um grande poeta, deu-lhe um sentimentalismo apaixonado, uma sensação vibrante a todos os factos que se desenrolavam na natureza, e um idealismo cantante que o arrastava á poesia, porque era ele um espirito repleto de sonhos.

Assim estão provados o seu lirismo e a sua delicadesa:

«Meus olhos são garças, são côr de safiras,
Têm luz das estrellas, têm meigo brilhar;
Imitam as nuvens de um céu anilado,
As côres imitam das vagas do mar.»

Como idealista, podemos apreciar o nestes versos que traduzem a beleza do seu talento:

«Mas nesse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prizão fujir p'ra sempre,
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonóro rujido.

Então mais forte do que tu, minh'alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará num relance o circ'lo estreito
Do finito e dos céus!»

A veia poetica do indianismo bem se destaca neste canto:

«Esta noite, era a lua já morta,
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrivel caverna que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.»

Muitos outros trabalhos atestam a cultura do seu talento. O sentimento d'alma, a grandeza e a magnificencia de estilo dão-lhe grande valor, até mesmo o modo por que pinta a natureza, nos seus versos, cantando a vida, como o cisne a morte,» na fráze classica do Bocage.

A Gonçalves Dias, só podemos comparar o espirito lucido o idealista de Alvares d'Azevedo em seu sentimentalismo socante, em sua efervoscencia de amôr...

Julio Cadaval

Gonçalves Dias

Pediram me para escrever alguma couza sobre Gonçalves Dias.

De mim não esperem frazes buriladas, porém singelas quanto pódem sér as de uma humilde estudante.

Este ilustre cantôr dos Timbiras, o nosso maior e mais inspirado poeta lírico, nasceu em uma humilde choupana no sitio Bôa Vista, em Caxias.

Como estudante, temos n'ele um belo modelo a imitar, pois, só deixava os livros quando o cansaço a isso o obrigava.

Entre as suas poezias, a que destaco, a que mais me encanta, e de que mais gósto, é a *Canção do exilio*, em que o poeta mostra com a delicadeza de sentimento proprio das almas inspiradas, quanto amava o seu Brazil!

Não mentiu o poeta ao cantar essas belezas, pois, ás margens do rio Itapecurú, já descortinamos as gigantescas e poeticas palmeiras, que se estendem até a terra do nosso poeta.

Quanta! Quanta beleza e poezia elas encerram ao romper d'alva!

Ainda no céo azul não desapareceu a estrela matutina, já os sabiás soltam os seus melodiozos gorjeios do cimo das encantadôras palmeiras, cuja folhajem baloiça molemente ao meigo perpassar da briza matutina.

Tanto amava a sua terra, que não desejava morrer sem avistar as palmeiras «onde canta o sabiá».

Nasceu pobre, viveu pobre e foi tão pobre, que teve por tumulo o oceano, mas, a riqueza inteletual de que era dotado, foi por ele larga e generozamente doada á posteridade, que o venera como uma das mais belas intelijencias de que a nossa terra é tão prodiga!

São Luiz, 3—11—916.

Conceição Varga Batista.

Gonçalves Dias

A personalidade literaria de Gonçalves Dias é por todos conhecida.

O Maranhão orgulha-se de ter sido o seu berço.

A grandeza de seu pensamento, a sublimidade de seu estilo, a suavidade de suas estrofes são objetos que concorrem muito para a formação de sua individualidade.

Quer na poezia, quer no drama, quer na historia deixou Gonçalves Dias bem claro o valor do seu inteleto.

Foi Gonçalves Dias uma das nossas maiores glorias e um incansavel lutador da nascente litteratura brazileira: nunca desanimou diante dos embates da sorte.

Moço ainda, a vida já se lhe aprezentava tão cheia de espinhos, mas todos esses embaraços davam lhe mais coragem, incitavam-lhe mais a sêde do saber, saber este que a sociedade maranhense deve tomar por diviza para mais tarde deixar tambem o seu nome consagrado nas pajinas da historia.

Infelizmente não teve o Maranhão a gloria de conservar os seus preciozos restos, porque o oceano abrigou os embalando-os nas suas ondas e acalentando os com o seu murmurio, para de quando em vez as brizas marinhas reproduzirem as suas doces canções.

Para que ficasse eternamente gravado na memoria dos maranhenses quem foi Gonçalves Dias, o Maranhão reconhecido ergueu-lhe um monumento, onde o marmore atestará ás gerações prezente e futura o valor do poeta eminente.

El.

CARTA ABERTA

Gracil Cupido

A leitura da sua fantazia «Oriental», de um acentuado sabor veluntuoso singular e suave, cheia desses arroubos dourados

de quem procura expressões sentimentais para dizer, de uma maneira imperceptivel, que sofre, tão somente porque ama, encheu a minhalma de infindos devaneios.

Li a sua fantazia e senti me bem.

Senti-me bem, ora, pela combinação harmonica e pela maneira evocadora dos sons, que evidencia com elegancia com impecabilidade na Forma, como se tivesse a palpitar em suas mãos a assombroza e divinal palheta do imortal Leonardo de Vinci, para debuxar forte e sujestivamente «os negros olhos orientais» que lhe seduziram naquela saudoza noite de Setembro, como se fôra casta e ridente paizajem; ora, com carinho e graça, com ternura e calma de quem rende submissamente verdadeiro e brando afêto.

Reli avidamente o seu «Oriental», o qual fez transbordar a minhalma da mais carinhoza alegria, porque n'elo soube dizer, com animado sentimento, que lhe cicía no coração pronunció de uma saudade, de uma saudade que se inflama a proporção que ouve o plangente murmurio de cristalinas aguas, que ouve a baloiçar nostaljica da folhajem, que ouve, como disse na sua linguajem bordada e cintilante, o "cantar das auras na folhajem morna da estação florida", possuindo vibrações, ora de Byron, ora de Heine, no seu antagonismo intenso, deixando transparecer, ás vezes, o rizo galanteador, de raros harpejos, para seduzir; ás vezes, a lagrima punjente de quem sofre, para comover.

Lindo despertar de uma adolecencia...

E porque tudo que traduz o seu «Oriental», lirismo de uma alma sonhadora, concorreu para despertar vivo interesso em minhalma, o que eu não sei dizer com exatidão porque verdadeiramente trilha, na verêda lucida, de envolta com o buril de Phydias, para a conquista luminoza da Arte fina e em que cintila prismaticos raios, queira receber, pois, os meus parabens por mais esta conquista no Vaticano das letras.

Boanerges

Excelsior

A BEQUIMÃO

2 de Novembro de 1684.

E no caminho da justiça eterna
Gradúa firme os passos
O brilho de sua alma não marcia
A luz do Sol, nem de carvão se tisna
Morre pelo dever austero e crente
Confessando a virtude.

G. Diaz.

Muza gentil abre a historia
Folheia a pajina de gloria
Do vestuto—Maranhão!
Aponta com dedo firme
Aquele vulto sublime
Que se chamou—Bequimão.

Condor adusto da America,
Sustentou uma luta homerica
Contra a harpia d'ambição—
Audaz, fogozo inda novo
Contra o rei incita o povo
Pregando a revolução.

Quando ele assomava na curva rutilante
Do horizonte sem fim, estrela radiante
No meio da multidão,
Era sua voz o brado da procela
O seu verbo era raio que o odio asséla
Rujido do tufão.

Arremete contra o—Fatanco
Essa lei proibitiva
Lei iniqua, espoliativa
Sangue-suga colonial!
Depondo o governo—véro
Expulsa o jesuita—féro
Essa horda de bandidos
Herança de Portugal.

. . . . . .

Soou um brado imenso, retumbante
Gargalhadas de um peito de gigante
Na hora do amargor:
Bequimão, esse heroe de tanta fama,
Fôra vitima de hediendo trama
De vil adulador

. . . . . .

Atado ao cepo vil da ignominia
Sobe sereno o calmo a espiação.
Lategó infame que lhe morde as carnes.
Pede vingança... mas não quer perdão:
«Na hora estrema em que deixo a vida»
«Contento morro pelo Maranhão»
Sublimidade que um poema encerra

. . . . . .

A cabeça rolou... e foi por terra.

. . . . . .

Ouvi me sombras de Graco
D'Africano Scipião
Se tiveste Catilina
Nós tivemos Bequimão
Heroe que a morte não teme
Sobraçado ao seu pendão.

. . . . . .

Foi na praça da Trindade
Que a «justiça» o executou,
Nessa hora dolorosa
A virjem santa chorou...
Uma baga de seu pranto
Rolando sobre seu manto
No duro sólo entranhou
Ligado ao sangue do justo
Naquele momento augusto
A libordade gerou.

Dorme o lidador o sono sacrosanto
Sob a cupula de um céu de estrelas mil
Tem por sudario as ervas da campina
Lambem-lhe as plantas as virações do Anil

. . . . . .

No sitio solitario e taciturno
Onde o sonhador amortalhado
Repouza em duro chão,
Erga-se em vez de forca envilecida
Estatua herculea que lhe atesto a vida
A' nova geração.

MARANHÃO. *Dr. Oscar Galvão*

Dolôres

(CONTINUAÇÃO)

Immediatamente se separaram seguindo, o cardeal, para o confissionario e Saudrilo, escapando-se por uma porta disfarçada na parede foi-se colocar á entrada de um béco escuro, que ficava um pouco distante da igreja, com um enorme saco na mão.

Ainda não tinha decorrido quinze minutos, quando no umbral da igreja apareceu a silhueta de Gabrila.

—Irra! que já estava criando raizes, de tanto esperar, vociferou o bandido, colocando uma mascara negra no rosto...

A não ser a joven, não se via viva alma na rua.

Desceu loza e incauta encaminhou-se ela para o lado do bêco. Faltavam, apenas, dois passos para alcançar a estrada da escura viéla, quando o mizeravel de um salto caiu em sua frente. Um grito lacinante e a queda de um corpo, foi tudo o que se passou.

Sandrilo, com um rizo sarcastico, tomou-a nos braços e encaminhou-se para uma porta ao lado da igreja e desapareceu.

. . . . . .

Quinze dias se passaram por sobre os acontecimentos acima narrados. O palacio Montanzi se achava coberto de luto, uma febre terrivel germinava no cerebro do pobre Alberto, que no anjo do delirio chamava em altos brados por Gabrila.

Estavam todos tristes por ter desaparecido Gabrila e agoniados por verem que a doença do Alberto se ia tornando mais perigoza.

***

A noite tinha já envolvido toda Roma, quando, ao portão do *Palacio Motanzi*, apareceu um homem que entregou uma carta para o creado que acudira o toque da campainha.

Este sem perda de tempo a levou ao velho conde Motanzi que abriu-a imediatamente e leu o seguinte:

Querido pae.

Sou prizioneira de um homem que não conheço, visto só se apresentar a minha presença com uma mascara.

Ele diz me todos os dias que se eu quizer ter a minha liberdade, vos escreva pedindo para collocar a quantia de 500 mil florins, na noite de S. Giovini, junto a terceira arvore na Praça da Madona, a contar da direita quem vem da Rua dos Gondoleiros. Diz mais que se o emissario que fôr buscar a quantia sofrer qualquer dissabor eu serei incontinenti vilipendiada e depois martirizada até morrer

Meu pai, vos suplico que faça o que acima ficou dito sem alterar uma linha.

Adeus. *Gabrila Montanzi.*

Ai! minha filha, se eu tivesse a certeza que o mizeravel que te tem prizioneira se satisfizesse só com esta quantia, ao em vez de quinhentos mil, mandaria um milhão. Mas em todo o cazo, esperimentemos, de hoje a trez dias findará o prazo, irei eu mesmo colocar.

O! Joanito! vá dizer ao cavalheiro que trouxe a carta, que estou ciente.

—Já se foi senhor.

—Alberto, Alberto, escuta-me recebi uma carta de Gabrila... E tá bôa e brevemente volverá para junto de ti.

Pobre Alberto, se soubessem que a tua amada, depois que escreveu a teu pai era vilmente ultrajada, de certo que não imortarias, enlouquecerias. Se Deus abandonar os que sofrem, Prente estamos que não ezistiria mais um sêr humano.

(Continúa)

M. Furtado.

Carta aberta

Meiga Gauchita.

Li a tua lauda—«Uma saudade» e vi, pelas nostaljicas expressões que nela puzeste, que tua alma sofre, embora procures sempre fazer bailar em teus labios o zombador sorrizo que ás vezes tens.

Eu sei que sentes a cruel dôr da saudade.

Eu sei que o objeto de tuas profundas meditações está bem longe de ti.

Mas... que importa isso, se és amada?

E's joven, possues o talismã mais perfeito que Deus ofertou aos entes previlejiados—a intelijencia; és nobre na grandeza do amôr que sentes; porque então estar triste?

Eu sei que ha momentos na vida, em que o espirito se prostra de joelhos e eleva aos ceos uma prece ferroroza pela realização do que aspira.

Eu sei que as horas tristes nos vêm dar n'alma a escuridão passajeira de uma recordação cruel.

Mas... tudo é transitorio.

Vem a tristeza, faz nos melancolicos por alguns instantes e desfaz-se logo com um sorrizo de desdem.

E tu adoras a arte!

Pois bem, num momento de afliçõo, quando a saudade perpassar em acordes sentidos pelo intimo de teu coração, recorre ao teu piano e na interpretação de Beetowen ou Mozart, sobrás o doce e suave lenitivo que fará bem ao teu espirito de adolescente.

Eu sei que recordar é viver outra vez mas se essa recordação é triste, se é cheia de magua e pranto, deixemol a no olvido e procuremos o despertar de uma aurora nova, marchetada de venturas.

Adeus. Gauchita, recebe agora a saudação do irmão que professa as mesmas doutrinas que tu e que tambem como tu, teve um romance que lhe florio os primeiros tempos de sua juventude e que, levado pelo turbilhão feroz das desiluzões, jaz sepultado na aridez sombria do livro dourado da sua mocidade.

Pery.

O Sorrizo...

—Uma historia, Amaryles? .. Que historia e conto?

—A Conquista?

—Não, Amaryles; esta é triste... A do sorrizo queres?

—Sim... Anda! Não conheço esta... Conta-m'a, anda—Sim?

—Pois bem, ouve-a lá. Conta uma lendaantiga, e linda, que Deus, apóz de fazer a mulher, das suas obras, a mais perfeita e excelsa, numa magnifica e esplenderoza manhã, clara, rizonha e festiva, chamou o brejeiro e esturdio Satanaz e disse-lhe:

—Chamei te para mostrar-te a minha obra, a mais perfeita. Foi feita de petalas cordeais de rozas e reflexos de luar; amassada pelas minhas mãos e animada com o meu sopro Vê bem reparas se lhe falta alguma couza, se preciza de alguns retoques. Em precizando dou te permissão e liberdade para fazer. Disse e sumiu se sutilmente.

Senhor, respondeu lhe o Satanaz rindo cinicamente, depois de fitar a obra;—para que fique mais perfeita, falta o misterio, o encanto, a seducção...

—Para que? ciciou meigamente Deus

—Para que? Para que o homem, Senhor, abuze, peque, sofra, murmure o pandilha Satanaz, tirando do seu rival e magnifico jardim do Eden, um lindo botão de roza, purpurino pulchro que fêz o sorrizo—o encanto, o misterio de mulher...

—E' mentira!...

—Então Amaryles?

—Não creio...

—Não crês, Amaryles?... Mas tu bem sabes a historia de uma paixão de amor, amôr grande e sincero, pelo sorrizo de uma fada, uma fada encantada!... A fada és tú, minha querida Amaryles!...

Ermani de Glicinia.

23—5-916

Charadas e Enigmas

CONCURSO N.º 1

Imediatamente ao lonje o instrumento do jardineiro torna se uma planta medicinal—1, 1, 1.

A pequena tartaruga e o inseto são uma fruta saboroza—3, 2.

Coloca antes da mulher uma letra que verás uma linda flor—1/2, 3 1/2.

A fruta na muzica é um anfibio—2, 1.

CONCURSO N.º 2

Qual a serra de peninsula Iberica que esta no céu?
Quais as vilas maranhenses que dão frutos?
Qual o rio maranhense que anda mui vagaroso.

Nharé.

FLORILEJIO POETICO

Na Tebaida

Para a graciosa e gentil Leonor Muniz

A madrugada, alem,
Surje ao encontro festival do dia.
E á sua luz, ruborisada e fria,
E' que te invoco:—Vem!..
Unje este canto, que em meu peito aflóra,
Da madrugada as côres tão fugaces.
Vem!... Santifica-o com a perpetua aurora
Que trazes sempre a despontar nas faces.

O dia se levanta,
Do desbotado leito da alvorada.
Oh! vem, que a passarada
A' tua espera canta...
Não só me basta a luz que inunda a terra
Purificando as flôres e os abrólhos:-
Falta-me a luz que o teu olhar encerra...
Quero esta luz que emana dos teus olhos!..

O sól, tragicamente,
—Metralha d'um obuz desconhecido—
Atinje ao alvo enorme, enrubecido,
Do Poente...
E tu não vens!... Da concha do infinito
A noite desenrola os seus novelos,
E eu te espero, a chorar como um proscrito,
Vendo em redór a côr dos teus cabêlos!...

FRAN TEIXEIRA.

Um pobre cégo

Esse rapaz que vêdes só por ai
Prazenteiro, e a falar com toda a gente,
Nem parece ser cégo e traz em si
Uma bondade—de ser indulgente;

Acostumado com o vivêr daqui,
Trazendo seu semblante mui contente,
Com todos ele fala e tambem ri
—Emfim, ele é um cégo mui decente—

O seu andar- de cégo nem parece;
Em toda parte está sempre rizonho.
E em toda egreja vae a fazer prece..

Traz sempre, na cabeça uma cartola..
Dizendo que a cegueira é como um socho ..
E vulgarmente o chamam de *bitola* ..

S Luiz. *Astrolabio Caldas.*

Holocausto

Meu amor! meu amor! minha fatal quimêra
que me alenta e entristece, afaga e me assassina!
balsamo que envenena e as maguas refrigera,
espinho que ao prazer o dissabôr propina!

Quero achar no teu seio a seiva que elimina
a sêde do viver onde a ventura impéra,
mas nesse extremo anceio a desgraçada sina
de louco amar-te em vão meu peito dilacera!

Dezengano

Ao João Caldas.

Tu dizes hoje que eras minha outr'ora,
E que davas á mim teu coração,
Mas que esse amôr foi tua perdição,
E em paga cauzas meu tormento agora;

E dizes que, ao rompêr a doce aurôra,
Naquela vida cheia de ilusão,
Só tinhas como pura devoção,
Amôr, sinceramente amôr? Embóra...

Embóra venhas hoje me culpando,
Dissipando, de mim, a eterna dór,
Esquecer-me não posso o que passei!

Vê, virgem, vê! Ainda estou chorando!
Desgraçada não és por esse amôr,
Desgraçado sou eu porque te amei!

* * *

E um dia viverás como eu sozinho,
E a mesma dôr que eu sinto sentirás,
E, fóra dos prazeres, viveras
Como eu neste dezérto sem carinho...

Outro abrigo, de cérto, no caminho,
Como assim te encontrei, encontrarás;
E, depois, refletindo, tu verás
Que, em vêz de flôres, te será de espinho.

Pois outr'óra embebido de ilusão,
Sacrifiquei a vida para amar-te,
Na sensação vaidóza de querer-te..

Mas hoje eu tenho n'alma outra intenção:
Se valente me fiz para adorar-te,
Mais fórte me farei para esquecer-te!

S. Luiz - 1906. *Clemente Guêdes.*

Neuza

Quando eu partir daqui, desta cidade,
Em busca de outr s plagas, do sertão,
Recorda te de mim por caridade,
Relembrando este amor, esta paixão,..

Neste momento, digo-te a verdade,
Trago guardado, cá no coração,
O teu retrato, [illegible] grande castidade!
Do meu amor, naquela solidão.

Reprezentas na vida os meus pensares,
Amôres, alegrias e pezares,
Mostrando que és por fim o meu futuro...

O amor que a ti dedico é mais que puro,
Se exiges, jurarei por minha Deuza,
Que és tú, somente tu, querida Neuza!

S. Luiz, 4 - 11 916 *Marina Leira.*

O' terno sonho meu! minha camelia pura!
quando um dia eu tombar em meio do calvario,
cançado de seguir teu vulto airoso e santo,

Dá-me por cirio a luz que em teu olhar fulgura,
e a tua compaixão seja o unico sudario
que envolva o rosto meu do orvalho do teu pranto!

—S. Luiz *E. Polari.*

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADO DO MARANHÃO

Madrugada no sertão

Divizava-se além, nos confins, uma faixa estreita, luminoza, que se ascendia lentamente no páramo infinito. Era a madrugada, cujos alvores desse limiar de limites, se esparjiam na rejião suavemente, infiltrando na ramaria da floresta, que naquele momento na linha do horizonte, se assemelhava a uma tenue sombra pardacenta.

O sabiá, esse vate alado; a perdiz, essa cantora esquiva; graúnas, bemtevis, canarios e outros cantores do arreból, formavam uma orquestração harmonioza, annunciando assim a aproximação do dia.

Que painel grandioso.

Descortinava-se uma soberba paizajem, na qual havia um grande lago a que a claridade emprestava uma luz arjentea, parecendo um imenso espelho da natureza a retratar na serena superficie, toda essa beleza selvatica, cheia de galas e louçanias.

Uma viração sutil, acariciava docemente a folhajem do arvoredo, impregnando no ambiente, misterioza fragrancia.

A estrela d'alva, pouco antes de rutilos esplenderes, esmaecia no céo, obumbrada pelo arrebol - imenso lençol vermelhante.

Amanhecera !...

Ozéas Reis.

S. Luiz 10—12—916.

De muito lonje...

Amava-a com um amor que talvez ninguem sobre a terra, como amei, tivesse ainda ouzado amar !

Amava-a com anciedade, com loucura, pois era o meu primeiro, casto e vero amor !

Amava-a, emfim, porque fôra a primeira virjem que no meu coração, crestado pelos sóis da indiferença até então, soubéra semear, inocular como se fosse uma verdadeira aspide humana, o veneno do amor.

A ! quanto fui feliz quando a amei !

Mas ainda muito mais feliz seria agora si nunca a tivesse conhecido e nem dedicado amor tão puro.

Sim !

Porque com toda a constancia de um jovem que ama pela primeira vez, infelizmente amei a !

Porque como um amante que adora o seu sonho de rosas, adorei-a !

Finalmente, como um misero e infeliz amante, nas minhas noites de tormento infindo, chorei-a !

Mil vezes nunca a conhecesse !

Si lér estas do seu recanto «Sandades», deve deixar bem gravadas as seguintes palavras: — vingar-me-hei de sua leviandade, embora tarde !

Muito distante, onde presentemente me encontro, vivo, amaramente, sorvendo a negra taça da terrivel lembrança !

Aqui mesmo onde me acho, vejo a todo instante, a toda hora, em toda parte confins, as belas e delicadissimas mãozinhas, que outrora muito eu admirei e que agora para mim se erguem adurcas e crispadas em signal de arrependimento.

Quando me deito e que Morpheu faz, ao de leve, pezar-me sobre as palpebras o sono, logo ao meu lado e tecto, prodigalizando-me caricias que me fazem despertar sobresaltado.

Levanto-me e ponho-me a percorrer inconciente e machinalmente as pajinas dum livro qualquer, procurando na leitura extinguir recordações, que implacavelmente martirisam-me.

Mas, a ! Até aí, onde bebo esse filtradissimo liquido que é a sabedoria, me segue a ex-senhora a ex-dominadora dos meus pensamentos !

A sua doce, meiga e morena efijie antes, surje-me agora, empyrica e nitidamente, com um sorrizo satanico a bailar-lhe nos descarminados labios, como um verdadeiro phantasma !

Horror ! horror !

Os seus nijerrimos e opulentissimos cabelos, divididos em duas bastas marrafas, para mim, ornam-lhe sinistramente a fronte !

Depois, transformados em belas e longas madeixas rolam negligentemente pelo seu lindo e rozeo colo beijando o sofrega e avidamente !

Tudo isto se congrega, se combina, se reconcentra para ainda maior realce dar ás minhas graves e [illegible] feridas no meu pobre coração, precocemente, abertas !

Nunca eu a conhecesse !

Porque me deixei enlear, arrastar pelos seus ludibrioza «donaires» ?

Não sabia eu que, como Tantalo podia ser condenado, não ao suplicio da agua, mais sim a nunca poder beber naqueles labios que me arrebataram o escaldante beijo da pudicicia ?

Não ! não !

O amor que em mim soube com rara habilidade insinuar, e que o julga perecido sob os escombros das minhas felicidades por suas proprias mãos destruidas, na verdade não perecen ainda !

Restam dele ainda algumas moleculas dispersas no meu peito e clamando a «sua voce»: «vingança ! vingança !»

Estou certo que havendo á intervenção, o auxilio da menor cohesão, de novo reconstituir-se-a o corpo primitivo, porém em vez de se chamar — amor — chamar se-a, simplesmente — ódio !

E então, a vingança, a vendita, que de a muito vem ruminando o meu peito estuante de aversão, será certa e infalivel !

Rio 23 — 8 - 916.

Francisco Santos

Pensando em ti

A'....

Sempre pensando em ti !. .

Por mais que procure esquecer-te, não posso !... A tua imajem ficou gravada no meu coração !...

Lonje de mim, talvez nem te lembres desta que te ama em silencio !..

A ! Pudesse eu esquecer-te, tu que fizeste meu coração abrazar-se nas chamas do amor, e podia ser que eu ainda fosse feliz...

Sou feliz ?... Penso que não... E porque ?... Porque falta para a minha felicidade, a tua prezença, ente que adoro !...

Não posso esquecer o momento em que ti vi, pela ultima vez !... Quiz dizer-te quanto sentia esta auzencia, e meus lábios apenas, poderam pronunciar: "Feliz viajem."

Contigo se foi a minha alegria !... Os dias para mim, correm tristonhos; vivo melancolica e sem esperanças...

Quando te verei ? .. Quando me extaziarei, novamente, ante teu perfil distinto ?... Quando ouvirei de novo a tua voz sonóra, que penetra no intimo d'alma ?...

Quando ? . Não sei...

Viver separada de ti !... Não ter a ventura de contemplar, a todo instante, teu rosto simpatico, é para mim dolorozo...

E, no entanto, parece-me que é esta, a sorte que me reserva o destino...

Mas que importa ?...

O destino póde separar-nos, mas nunca terá a necessaria força, para fazer com que eu deixe de pensar em ti..

Estás lonje... Talvez, não leias estas singelas linhas que são dedicadas, somente a ti...

. . . . . .

Aretila.

S. Luiz — 5 — 9 — 916

"Os belos gestos de uma Atriz"

(Continuação)

— Guardarei; assim tambem peço-lhe que conserve na memoria que a mulher que ama tres objetos da mesma natureza com igual força de energia, póde igualmente amar com sinceridade.

— Demos tempo ao tempo, volveu ele, — rindo e resolvido a mudar de assunto.

Diga-me cá uma coiza, insistiu ele, — que idade tem a menina ?

— Vinte anos completos; nasci ao 13 de fevereiro de 1870.

— Por que razão só agora se lembrou de me vir procurar ?

— Porque a minha falta de preparo a isso me obrigou.

— Ora muito be[illegible]... a Co[illegible]

de amanhã, o imocionante drama—«A Dama das Camelias», cujo autor é o impecavel escriptor francez—Dumas Filho, conheco o?

Conheço a peça, o autor, não; e se me não engano muito, já interpretei-o no papel de Margarida *Gautier*.

—Este drama, minha menina, cujo enredo dramático é e será sempre de um tão grande sucesso que só ás artistas de méritos perfeitamente reconhecidos, têm sido dado dezempenhal-o com vantajem. Acho conveniente, portanto, que a menina se aprezente amanhã ás 2 horas da tarde, no teatro Feniz, afim de ter logar o primeiro ensaio da peça em questão.

Fica, entretanto, assim combinado, concluiu ela,—levantando-se para acompanhar a simpáttica rapariga que ao mesmo tempo se levantára e se despedia agradecida.

Quando esta deu ás costas, o emprezario ficou fazendo as seguintes conjeturas:

—Esta boldade em miniatura, pelos modos, parece-me que fará, muito em breve, a sua época teatral; é, pois, de um perfil encantador.. tem queda, não ha dúvida, e creio mesmo que fiz uma ótima aquizição,—concluiu ele,—esfregando as máos, como quem se julga bastante contente de si mesmo.

—Na verdade, Georjina Peres, era um genio, verdadeiramente, prévilejiado. —Embora vá isto um tanto de encontro ás robustas teorias de certos pessimistas maliciozos que, chegando mesmo a afirmar que este dom foi dado a gozar ás mulheres, ainda supõem que isso é um direito exclusivo dos homens?...

M. *L.*

A Canastra da Revista

Recebemos e pairam sobre a nossa humilde meza de trabalho, as seguintes publicaçõis: "A Cidade de São Paulo", orgão republicano e politico, de S. Paulo;—"A Cultura Alemã", revista mensal ilustrada de literatura, ciencias, artes e atualidades, da cidade de S. Salvador, Baia;—"O Jornal Batista", orgão Oficial da Convenção Batista Brazileira, do Rio;—"O Jaspe", orgão independente, literario e noticiozo que se publica em Sobral;—"Patria", brilhante jornalzinho que circula em pról das letras, humorismo e noticiozo, em Amarante—Piauí;—"Norte de Goiáz", de publicação quinzenal, de Porto Nacional. E. de Goiáz;—"O Direito", folha imparcial de propriedade do Sr. Cel. João R. N. Fragozo que circula na arena de Bananal, S. Paulo;—"O Lilaz", orgão literario e noticiozo, dedicado ao belo sexo caxiense, Caxias;—"O Orvalho" bem redijida Revista de Maceió, Alagôas —Todos trazem farta colaboração em proza e versos, e a todos penhorados, agradecemos-lhes a vizita.

O'ly (Chapadinha)—Recebemos o conto intitulado "Curvar-se ao amor", de sua lavra, porem deixamos de dar publicidade por não podermos compreender os seus paragrafos. Veja como começam e se o amigo pode, tambem, compreendel-os:

«Havia nos tempos remotos *que* as moças só amavam por interesse de riqueza, nunca *tinha* um amor firme e leal, devido ir aparecendo de quando em vez um jovem mais *opolentos*».

—Havia o que?—outro!

"Como morava em uma vila Dádá com palavras *amoroza trenada* e roupens, pergunta-lhe: Dona Mamet, por que a Sra deixou o meu amor?" etc. etc...

Gostamos deveramente do sentido e da sua bôa atenção para conosco, porém não faltará ocazião para o amigo cavar um pouquio mais a gramatica e enviar nos algo para ser publicado.

Jezuila Costa (S. Luiz)—Recebemos a vossa amavel e atenciosa cartinha communicando-nos a vossa retirada para Picos.

Penhoradissimos, agradecemos os vossos benevolos serviços prestados em prol da nossa "Revista" até esta data, certos de que continuareis a trabalhar ali, como nos prometeste, para o engrandecimento da mesma.

Maria E. Varela (Caxias)—Temos em nossas mãos a amavel cartinha de V. Exc. em que nos comunica ter recebido a nossa correspondencia relativa ao p. passado.

Inteirados do que nela nos dizeis, aguardamos a vossa vinda.

Orminio Monteiro, Ituassú (Baia)—Aguarde oportunidade. Estamos na epoca dos exames e não temos tempo quazi nenhum, para tratar da nossa "Revista", porém brevemente lhe mandaremos os exemplares que nos pede.

R. Castello Branco (Caxias)—O seu soneto intitulado "Ella" vai publicado neste numero, como lhe prometemos.

Agentes (Interior)—Aguarde oportunidade, sim?

Luizinho Silva.

RECORDANDO

E o vento que varria o ground do foot-boll fazia ondular os cabelos loiros que lhe ornavam a fronte

Findo o match iniciou-se a soirée dansante que me veio proporcionar o supremo prazer de valsar com Ela e nos intervalos conversar de tudo e sobre todos.

Havia chegado do Rio trazendo ainda a imajem, no pensamento, do que é Sebastianopolis como urbe principal do nosso Paiz.

Contou-me fatos. Descreveu-me a vida social debuxando o meio e o habitat com tintas finas, cheia de imajens belissimas, em um vernaculo castiço e poetico.

Sentia, confesson me, a nostalgia dos encantos daquela terra.

Todavia, não sei se para me ser agradavel, se dizia satisfeita em S. Luiz, onde a população, afavel como é, disputava a primasia do cavalheirismo.

E assim finda a festa separamo-nos para nos encontrar-mos nas variantes dos passeios. Mas quando a vejo, misterioso sentimento me domina e contente procuro, logo que posso, ouvindo-lhe a fala e banhar-me no aroma que se desprende da sua basta cabeleira loira como loiro devo ser o trigal de sua juventude.

M. G.

A mulher

Chegou a Camara um requerimento das senhoras mineiras pedindo a decretação do voto para a mulher.

As palavras acima, reprezentam um dos telegrammas publicados em a "Pacotilha" do dia 16 de agôsto deste ano.

Lendo-as não me pude furtar a insistencia das minhas idéas, em comental-as, não como os mestres comentariam, mas, como um simples principiante.

Para mim, aqui nestas parajens santas os dias passam-se monotonos; e, quando chega um barco vindo da Capital, trazendo os jornaes, muitas vezes até mesmo o do dia anterior, passo horas mais felizes, porque de vez em quando se me deparam as noticias de uns conhecidos que partirám, outros que chegaram, outros que fizeram mais uma primavéra, etc, etc.

Nos telegramas quasi sempre encontram-se cousas interessantes que os paes da Patria propõem na Camara e no Senado, dignas de uma bôa critica.

São absurdos por cima de absurdos, dignos d'eles, que em sua maioria já desconhecem esta sumidade—o caracter.

Pois bem; vejamos agora o modo pelo qual êles acolherão esse requerimento.

Em o meu primeiro escrito sobre essas santas de carne e osso, disse que élas teem o mesmo direito que nós, pelo menos na maior parte do modo de ajir, e, se assim não acontece é porque a maioria dos homens são ambiciozos.

Hoje me sinto satisfeito por ter esse telegrama que bem demonstra a rezolução da mulher que vae compreendendo o seu valor moral e inteletual.

Lamentarei imenso se esse gesto nobilissimo da mulher raineira não encontrar guarida entre as mulheres dos outros Estados e se o congresso indeferir essa pretenção.

Alguem dirá, que desse dia em diante se esfacelará o lar que até então era o paraizo das flores; pois a mulher poderá discernir dos ideaes do marido, e sairá pelas ruas pedindo votos para o seu partido e contra o partido do seu espoze.

Assim o resultado será discussões diarias e má vivencia entre os dois, porque não mais se entenderão.

Não duvido que isso aconteça; mas, devo declarar que não me parece razoavel, porque em nenhum casal que viva em inteira armonia, a mulher estará em desacôrdo com o ideal politico do marido.

Pelo menos tenho observado isso entre os casados felizes.

Curarupú. *João Vs*

O Mez Social

Aniversarios

Fizeram annos neste mez:

A 1.º—a gentil menina Gloria Sarmento filha do major João Teixeira Sarmento.

A 2—a senhorita Maria Luiza Suaté.

A 4—a senhorita Maria Z. Holanda.

A 6—a exma. sra. d. Maria Leonarda Braga, espoza do dezembargador Magalhães Bragá;

—a senhorita Izabel da Conceição Bastos;

—Glafira Ribeiro de Castro;

—Maria Jozé da Silva

A 8—a senhorita Severiana de Melo Ferreira.

—o sr. Godofredo Mendonça;

—o sr. Raimundo Faria;

—o sr. José Ribeiro de Souza.

A 11 o menino Osvaldo, filho do nosso amigo Cirio Ferreira do Lago;

—a gracioza menina Elinde Souza e Neide Barboza de Godois.

A 12—o sr. José Goianaz, habil maquinista e o sr. Ezra Souza

A 14—a senhorita Marianna Guimarães, uma das professoras diplomadas deste anno, no Liceu Maranhense.

A 17—o sr. Enock Souza

A 19 - a professora d. Maria do Carmo Texeira e d. Maria dos Remedios Cerveira.

—

Efetuaram-se no dia 9 do corrente, na Escola Mixa Municipal, os exames finais dos alunos aprezentados pelas professoras Filomena Almeida, Domicilia Rodrigues e Joana Campelo.

Os alunos que completaram o curso primario foram os seguintes: Jozé Huet George, Domingos Lemos, Antonio Frazão, Maria do Nazareth Nogueira, Benedita Engracia Ribeiro, Alice Joana Ferreira, Dorotéa Maria Abreu, Tercia dos Anjos Moura, Raimunda Pires, Maria Tereza Balata, Raimunda Petronilia de Oliveira, Maria José Rodrigues de Freitas, Tomazia de Deus Coelho, Amalia Clemencia da Silva e Paulino Souza Pinheiro.

As provas oral e escrita foram muito bem feitas pelos alunos

—

Animadissimos correram os festejos, este anno, em honra a Nossa Senhora do Rozario.

No domingo, 29, a santa saiu em procissão, percorreu diversas ruas da cidade, recolhendo-se em seguida á igreja, que estava muito bem ornamentada Queimaram-se diversas peças de fogos e uma banda de muzica num coréto, no largo, tocou diversas peças.

—

No dia 31, ás 8 horas da noite, foi levada da igreja da Sé para a da Conceição a virgem deste nome.

Avultado foi o numero de fieis que acompanharam o prestito religioso.

Recolhida a procissão, o conego Chaves subiu ao pulpito e produzio uma bela oração, que a todos muito agradou.

—

DR. BARBOZA DE GODOIS

Transcorreu a 10 deste a data do aniversario natalicio do dr. Barboza de Godois, que durante muitos annos esteve feito diretor da extinta Escola Normal. A' caza do aniversariante compareceram diversas familias, notando-se tambem avultado numero de alunos que foram levar ao mestre estimado as suas efusivas felicitações.

Foi-lhe ofertado um mimo como prova significativa da consideração em que o homenajeado é tido pela classe estudantal.

Não faremos a sua biografia, porque todos nós a conhecemos.

Ha muito, seria desnecessario dizer que vem se batendo, empregando toda a sua energia educando os maranhenses, porque compreende perfeitamente que do desenvolvimento parcelado de cada um depende a grandeza, o bem estar de todos.

Na imprensa muito tem se destinguido—São suas obras: Historia do Maranhão (dois volumes) Os ramos da Educação, Hijiene Pedagojica, Instrução Civica e A sinteze da educação (no prelo).

A' familia Godois aprezentamos as nossas felicitações.

* *

No dia 19 do corrente recebeu o seu diploma de «Mestra primarios», a senhorita Judite Rodrigues.

Parabens.

Falecimento

Faleceu na noite de 22 do corrente, depois de prolongados sofrimentos, o farmaceutico pratico Francisco Anchieta, estabelecido á rua do sol.

O finado era irmão do nosso amigo, professor Ozorio Anchieta, nosso ajente em Guimarães, e do sr. Victor Hugo Anchieta, nosso colaborador; aos quaes bem, como aos demais parentes, aprezentamos pezames.

—E' com grande pezar que rejistramos a morte do dr. Julio Costa ocorrido no dia 27 do corrente. O extinto era muito estimado no nosso meio pelas suas qualidades raras.

A' familia enlutada enviamos as nossas sentidas condolencias.

—Do dr. João Antonio Feques Sobrinho e de sua exm.ª espoza, d. Adaljiza T. da Costa Feques, recebemos um cartão, no qual nos comunica o nacimento de sua filhinha Maria Vitoria, ocorrido no dia 2 do corrente e o seu falecimento a 3.

Aos paes da inocente aprezentamos pezames.

As estrelas...

Era uma vez, um homem que amava as estrelas. Entendia-as e namorava-as sinceramente.

A' moldura de sua janela todas as noites, horas e horas fitando-as enamoradamente com suave e esquezito carinho. . . Uma noite de luar, maravilhoza e linda ele fitava com zelo, amór e carinho quasi paternal as suas incomparaveis rosas brilhantes e serenas do jardim maravilhozo de Deus; quando um velho muito seu amigo, encontrando-o assim, disse-lhe:

—E's louco?

—Não.

—Então depois de velho estás apaixonado? . .

O homem olhando com serenidade cicion sutilmente.

—Tens alguma filha morta?

—Não . . . Porque?!. . .

—Basta. Teps razão. . . Eu adoro, amo, fito estas flores raras e sublimes, com carinho e doçara, porque tenho uma filha morta.. Estrélas... Estrelas são olhos de virgens...

Não estás vendo aquelas duas, bem juntinhas, muito brilhantes e muito lindas, que tremem tremem muito como se estivessem com frio? . . Eu olho aquelas; na noite que as não vejo, não posso dormir, choro muito, a noite toda, e tenho vontade de morrer. . . Sabes porque? . . . Aquelas são os olhos azues, lindos côr do céu, de minha Clarice, minha querida filha. . . Sorris?. . . Não crês? . . .

Daqui uns anos, V. amará, entenderá elas. . .

Estrelas!... Estrelas!... São olhos de virgens, olhos de virgens! . . .

Amarante 6—7—916

Paulo Guimarães.

Meditações

A' interessante A. Sá.

O coração dos homens é um enigma que bem poucas são as mulheres que conseguem decifral-o.

—

A' inesquecivel E. M. (G.)

Ao cahir da tarde, quando a lua já brilha no céo azul, penso em ti; minh'alma sente se invadida pelo dezanimo, pela dôr e pela saudade, por estares ha tanto tempo tão longe de mim!

—

A' E. M. (G.)

Quando fito o teu meigo semblante, não posso deixar de sorrir, pois, recordo me do travesso, incorrijivel e traçoeiro "Cupido", que tão certeiramente alvejou o meu pobre e saudoso coração!

São Luiz, **Guichita.**

BIBLIOTHECA PUBLICA

ANO 1 — NUMERO 1o

S. Luiz do Maranhão--Dezembio de 1916

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

ASSINATURAS

Anual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Semestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200
Numero atrazado	$400

REDATORES

Astrolabio Caldas.
Ribamar Pereira.
José Monteiro
Mauricio Furtado.

GERENTE

Clemente Guedes.

TEZOUREIRO

Antonio Louzeiro.

Local

BIBLIOTECA PUBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes, José de Ribamar Pereira, Vitor Hugo Anchiéta, Ives Parga, Manoel Varão, Augusto Pinho, Candido V. Ayres, Gonçalo Mereiro Lima, Almir Santos, Oscar Carvalho e Fran Teixeira.

Socias colaboradôras

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Aracéa Fernandes Altiva Smith, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Raimunda Miranda, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleido Bojéa, Zozima Sá e Abig il Sarmento.

Agentes no interior e exterior do Estado

Caxias — Maria Eleonôra Varela.
Ioatú — Prof. Jozefa Amazonas.
Buriti — Prof. Dolôres da Costa R. Tavares.
Rozario — Prof. Laura Souza.
Chapadinha — Estudante Manoel Leite Fernandes.
Carolina — Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara — Prof. Filomena Anjela da Cruz.
Cururupú — Telegrafista João G. de Abreu, filho e Raimundo Gabina.
Pedreiras — Prof. Aciolina Sampaio Guimarães.
Pinto-Nov — a Senhorita Izabel Roza do Araujo.
Brejo — Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará) — Senhorita Rita Machado da Silva.
Barco Vermelho — Prof. Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer — Prof. Ana F. Alves da Mota.
Vila de Morros — Prof. Adaljiza Costa Feques.
S. Bento — Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro — Prof. Ermelinda R. Maramaldo e o sr. Francisco Leite.
Barra do Corda — Prof. Cecilia Martins.
Tutoia — Sr Luiz d'A. Carvalho e a prof. Carmen Cruz.
Carabuquira — Minas Gerais — D. Maria Silva
Rio de Janeiro — Francisco Santos.
Guimarães — Professor Ozorio Anchiéta
Axixá — Professôra Raimunda Silva
Viana — Senhorita Maroca Nogueira
Amarante, Piauí — Paulo Guimarães.
Bacabal — Emiliano Castor da Rocha Falcão.
Terezina — Edison Moura.
Grajahú — Orestes de Azevêdo Mourão.
Sta. Quiteria — Gumercinda A. Pedrozo.

SUMARIO

Dr Luiz Domingues — Redação Datas — Redação. Jo-é Monteiro — Redação. Ancila Domini — Pinto Garrido. Carta Aberta — F. de Souza Pinto. Quinze Anos? — Avitia Recuerdo — L. Otnemras. O festim — José Monteiro. A Cacastra da Revista — Luizinho Sábio. Souhos Perf. Os bolos gestos de uma Atriz — M. L. Florilejo — Diverses. Incoguita — Jab. Contraste — Erasmo Castro. Festas Infantis — M. G. Dolôres — M. Furtado. Amôr materno excessivo — Béara. O Gladio — Redação. Conversando Zanto. O 1.º de Maio — Nascimento Moraes. Meditações — Diversos. Olhos bons — Zingará. O Campo — Cêcêrileira. Avenida Silva Maia — Redação. Ela — R. do Castro. O mez Social — Redação. O beijo — Morisa Leira. Judite Rodrigues — Redação.

Maranhão, --- Dezembro --- 1916

ANO I

Revista Maranhense

NUM. 10

REVISTA MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS



Dr. Luiz Domingues

Cumprimos um ~~honroso~~ dever, estampando mais uma vez nas paginas da nossa "Revista" o retrato do dr. Luiz A. Domingues da Silva, nosso reprezentante na camara federal.

O povo maranhense promoveu grande manifestação a este ilustre parlamentar, que quotidianamente tem empregado toda a sua soma de energia em prol desta terra, que é o nosso berço, que é o nosso Maranhão estremecido.

O dr. Luiz Domingues chegou á nossa terra, no dia 9 pela manhã hospedando-se em a residencia do capitão Pedro Jezus, onde recebeu inumeros cumprimentos dos seus amigos e admiradores.

No dia 10 á noite, efetuou-se, no Centro Artistico Maranhense, uma sessão solene, uzando da palavra o orador oficial, o sr. Domingos Barboza, a senhorita Maria Miranda, o poeta Ribamar Pinheiro e outros mais.

Nós da "Revista Maranhense" aprezentamos ao ilustre parlamentar os nossos parabens de boas vindas.

DATAS

Antes de todo, pedimos desculpa aos leitores pela falta, que, involuntariamente cometemos. Como sabem, o mez passado foi um dos, em que houve mais feriados e julgamos dever nosso, como patriotas, que somos, falar, embora, tardiamente, não só a respeito desses feriados, como tambem sobre outros tatos de grande importancia, na historia de nossa terra. E, sendo assim, começamos dizendo que o 2 do mez passado relembra mais uma vez o passamento do Bequimão, que foi enforcado, na praia da Trindade. O Maranhão, ainda hoje, sente se mianozo, ao romemorar o ato do povo maranhense, ajoelo, em nome do direito, contra a Companhia do estanco.

—A 3 a mocidade estudantal, reprezentada pela «Revista Maranhense», União Estudantal «Silvio Romero», Sociedade Literaria Barão do «Rio Branco», «Centro Artistico Maranhense», "Instituto Maranhense", prestou homenajem ao poeta Gonçalves Dias. A's 18 horas axando se presente, diversas autoridades, avultado numero de pessoas as professoras d.d. Filoquinha Almeida, Oda Cabral, com seus alunos, estes cantaram muito bem a «Canção do Exilio» e após o sr. João Victor Ribeiro, prezidente da Sociedade Rio Branco, assomou a tribuna erguida, na praça, ao lado da estatua do poeta, e proferiu um belo discurso. Ao terminar, foi muito aplaudido. Em seguida a senhorita Santinha Kerth, pela «Silvio Romero», recitou a poezia «O Mar», de Gonçalves Dias e ao proferir as ultimas palavras, ouviu-se uma salva de palmas; depois o nosso redator, José Monteiro, em nome da «Revista», pronunciou um belissimo discurso, em que salientou a personalidade literaria do homenajeado. Foi tambem muito aplaudido, quando terminou a sua peça oratoria: finalmente Domingos Barboza, o orador por excelencia, com a sua palavra, que sabe convencer, com a sua voz cristalina e com toda a grandeza de seus conceitos, elojion o gesto da mocidade estudioza. Os drs. governador do estado e intendente municipal prestaram auxilio á mocidade estudioza.

O dr. inspetor escolar convidou os colejios municipais a tomarem parte nessa solenidade.

—A 15 passou-se a data da proclamação da nossa Republica. Houve receção em palacio, e diversas corporações solenizaram esse dia.

A 18 comemorou-se a adezão de nossa terra.

A 19 houve, na Escola de Aprendizes Marinheiros, no Quartel do 48 Caçadores no Quartel de Policia, ao meio dia solenidades, por ser o dia consagrado á comemoração da bandeira nacional.

Como nosso intuito era falarmos sobre essas datas, cumprida está a nossa tarefa de patriotas, cumprido está o nosso dever de maranhenses!

José Monteiro

No dia 19 do passado, ás 9 1/2, na Secretaria do Liceu Maranhense, em prezença do dr. secretario do interior, dr. Demostenes Macedo, dr. Oscar Galvão, diretor, dr. Barboza de Godois, Luiz Serra, Hermojens Pingeiro, professor Domingos Machado e inumeras pessoas, receben, seu diploma de professor normalista, o nosso redator Jose Monteiro, que com esforço e dedicação muito se destinguiu durante todo o seu curso.

Monteiro é conhecido por todos nós, que todos os dias o vemos sempre debatendo-se, ora na arena jornalistica, ora no tirocinio que fez na Escola Modelo, onde inumeras vezes, tendo ao seu lado o professor de podagojia, demonstrou a sua aptidão para o majisterio. Varias vezes tem se feito ouvir. A sua palavra ardente revela todo o viçor da mocidade. E' modesto.

Foi socio fundador da Sociedade «Estudantal Benedito Leite» da «Escola Literaria Gonçalves Dias», da Sociedade «Machado de Assis», da União Estudantal «Silvio Romero» da qual atualmente é secretario.

Escreveu em diversos jornais: «O Excelsior», «A Inubia», «A Patria», «O Palhaço», «A Vontade», «O Estudante» e atualmente na nossa Revista, em todos eles, quem quizer pode ver que ele com a sua pena, discorreu sobre diversos assuntos, sendo a historia a sua ciencia predileta.

A' sua residencia compareceram diversas pessoas: Dr. Herculano Parga, governador do Estado; coronel Inacio do Lago Parga, dr. Demostenes Macedo, secretario do interior; dr. Publio de Melo, juiz municipal; dr. Henrique Alvares Ferreira, dr. Antonio Batista Barboza do Godois; professores Domingos Afonso Machado, Nascimento Morais e Esron Souza; Adilon Assunção, Ciro Ferreira do Lago, José de Riba-mar Pinheiro, coronel José Joaquim Ribeiro Junior e espoza, Adelso e Valdemiro Reis, Adalberto e Pedro Correia Pinto, José Perdigão, René Coelho, Mariano Leite Fernandes, José de Castro, Raimundo Aires, Raimundo Castro, Astrolabio Caldas, José, Carlos e Alberto Santana Reis, José e Carlos Goianaz, Canuto Sebastião Muniz, João Vicente Abreu, Antonio Costa, Antonio Falcão Costa, Tenak e Terpandro Souza, João Vito: Ribeiro, Tancredo Parga, Gigi Parga, Firmino Santos, Cipriano Batista, Antonio Furtado e as professoras Maria da Gloria Parga Nina, diretora da Escola Modelo; Filomena Almeida, Noemi e El-Zuila Souza e as senhoritas Inocencia Costa, Corina Caldas, Nair e Julia Pinheiro, Amancia e Joana Santos, Malvina, Victoria, Luiza e Maria de Lourdes Goianaz, Maria de Deus Neves, Luiza Ferreira, Bibi, Januaria, Joaquina Castro, Maria Julia e Nizete Ori Raimundo Januario Costa e inumeras pessoas, cujos nomes nos escaparam.

O dr Barboza de Godois, coronel José Joaquim Ribeiro Junior e professor Nascimento Moraes fizeram discurso que, o homenageado comovidamente agradeceu.

Houve uma *soiree* dansante, que terminou ás 11 1/2, retirando-se todos bastante satisfeitos pela maneira cativante com que foram tratados pela familia Monteiro.

Ao Monteiro nós, seus companheiros da "Revista Maranhense", enviamos muitas felicitações.

"ANCILA DOMINI"

Grande foi a perda que sofreu a nossa literatura com o funesto desaparecimento, dentre os vivos, em 9 do passado da D. Hilda Leite Guimarães.

E maior o foi para o Centro da Boa Imprensa a cujo tentamen a fecunda escritora dispensava a energia do seu talento.

Ancilla Domini era um pseudonimo que subscrevia constantemente os melhores trabalhos publicados na "A Resposta", assim como nas Vozes de Petropolis.

No romancismo deu-nos ela, com o fulgôr aprimorado de estilo proprio, Uma fasenda em Maranhão, que é incontestavelmente um primor de quadros e combinações de tintas em que se delinxam belos epizódios dos sertões nos tempos coloniais.

Na confeção de contos lijeiros e narrativas naturais jamais se lhe avantajaram os escritores que colaboram para a imprensa catolica e a prova temo-la nos livros: Os "divorciados", O resgalo de um pae, Crvalho vespertino e outras.

A critica unanimemente prodigalizou elojios a estreante de uma fazenda em Maranhão e por mais mordaz que fôsse em se tratando de estréa não encontrou onde se lhe pegar para negar os encomios que lhe mereceu. Foi portanto Ancilia Domini um nome saliente embôra na obscuridade que envolve quem foje da popularização vertijinoza do jornalismo.

E a modestia refumbrante dos seus trabalhos fê la uma heroína verdadeiramente *Ancila domini*, galgando lhe "um inesquecivel laurel na literatura catolica do nosso paiz" tornando-a credôra da admiração dos que trabalham em pró da literatura sã e de desenvolvimento moral e intelectual reljiozo.

A sociedade cariôca perde em D. Hilda L. Guimarães um dos seus belos ornamentos e tambem a imprensa catolica cujos bons escritores vão rarejando a medida que a leiga pauliceza mente se propaga.

Novembro—916.

Pinto Garrido.

Carta aberta

AMIGO RIBAMAR PINHEIRO

Te escrevo estas linhas em que vai envolvida a minha alma de moço que ama, pensando nas tristezas da minha vida e nas glorias imorredoiras do meu coração de rapaz.

Não te espantes, não.

E' uma pajina da minha vida que te escrevo, vertendo para esta folha do papel perfumado de inocencia, na brancura esplendoroza e mansa da sua face liza, que ora bordo com os meus pobres vocabulos despidos de poezia, que somente tu, és capaz de coroar com as fantazias sublimes dos teus versos cheios de encantos e de criações embriagadôras, de rimas soberbas da para arte.

Hoje tudo ma canta aos ouvidos as melodias santas do amôr, desde a vibração fresca que faz tremer de satisfação os rozeiraes cheirozos, até as queixas lascivas do mar que se debate dorido nas pedras agoçadas da praia escura como a traição, que servem de marjem ao nosso velho rio Anil, onde todas as tardes o mestre Souzandrade, com a impossibilidade de um rei, contemplava da janela da sua vivenda, as mesmas agonias do mar e os mesmos soluços tristonhos das ondas a lacrimejar espumas!...

Ai! quanto é belo, poetico e triste, ouvir as queixas das aguas que choram e admirar os pedaços brancos de espumas que atravessam caladas por sobre o espelho das marezias, como rosas desfolhadas cobrindo os seus castos encantos, a lisura verde das aguas a chorar! . . .

Quem ama sofre, meu amigo, e eu sofro porque tambem amo.

Porque o mar soluça? Ele soluça porque tem afetos e dedica todos os seus dôces carinhos, ás pobres marjens que escutam estão tão irmans das suas dôres intimas.

Julio Dantas, falando de amôr, na "Ceia dos Cardeaes" diz:

> Tão simples tudo! Amôr que de rozas se enflora,
> Em sendo triste, canta; em sendo alegre, chora!

E' uma verdade transformada em fantazia dôce, que encanta o espirito e distrae com a meiga mansa e coberta de melodia dos seus versos, os sentimentos, em que dorme o coração, beijado pelas promessas castas da esperança.

O amôr em tudo e em toda parte existe.

Desde as pequeninas plantas rasteiras que enfeitam os canteiros até ao coração que murmura cheio de piedade as melancolicas queixas da saudade! . .

Amôr!... amôr!... quanta castidade e doçura virjem encerra esta palavra.

Amôr!. . cantado pelos poetas, amôr que os proprios regatos murmuram por entre as éras dos prados verdes envoltos de satisfações; finalmente o amôr embalado pelos canticos das almas e cercado pela luz limpida que do coração se emana circulado pela voz da vida.

Conheço o amôr, meu bom amigo.

E quem me o fez conhecer? Te conto; foi uma bôa menina que com a luz virjem do seu olhar velado de carícia atraiu o meu olhar, e com a beleza deslumbrante da sua face de anjo e meu peito, que nasceu puro e santo como a suavidade do seu sorrizo de mulher.

Foi numa tarde em que os sinos choravam ás horas caladas de setembro moribundo, as derradeiras preces agonizantes da Ave-Maria.

Olhei-lhe e ela me olhou, sorri-lhe, ela me sorrio e amei-a e ela me amou tambem.

Então amei!... amei!... amei!...

Conheci desde logo viver uma vida de delicia, como se estivesse num leito de rozas aspirando as fragancias das suas pétalas coloridas.

Do meu coração se eleven uma preçe aos céos do meu pensamento, em louvor da minha nova aventura cercada de encantos e vaidade, e do meu sentimento partiu uma voz clara e lamento de uma arpa pronunciando o seu meigo nome de [illegible] que guardo no peito para render graças a essas cinco letras adoraveis, ante o divino esplendor do seu rosto de mulher [illegible] rodeado de caricias e dos brilhos ofuscante dos seus abundantes cabelos negros.

Quanta poezia se me vai doirando a existencia quanta harmonia se me vai cantando em deutro da vida, e quanto orgulho me prurcia os campos da alma, que vive clamando o nome de Jezus, para a eternidade selenciosa desse amor, que é o orgulho do meu orgulho e a grandeza infinita de toda a minha felicidade na terra o envelhecido teatro das fantazias sentimentais.

O amôr me doira o coração e o éco da minha alma, rebôa vibrante pelas campinas odoriferas da minha esperança que não morre . . .

Aqui faço silencio. Mas no proximo numero da nossa Revista, este pavilhão querido que se desdobra manso, agitado pela briza das nossas ideias de moço, te farei ciente das lagrimas da minha vida sempre a cantar amôr! . . . .

Adeus abraça o teu amigo.

F. de Souza Pinto.

Maranhão, 12 11 916.

Quinze anos?...

A' *Zante.*

Quinze anos!... Idade dos sonhos rozéos, das ilusôis, dos castelos rizonhos que, pouco e pouco, vão caindo! Quadra feliz em que não se pensa e não se sente os espinhos da vida!...

Quinze anos!.. Aqueles que já passaram essa rizonha quadra, jamais a podem olvidar. Os que ainda não gozaram as suas delicias, esperam anciozamente gozal-as! .. Quem não é feliz aos quinze anos?.. Quem não tem o peito cheio de esperança?...

Quinze anos!?... Idade florida! .. feliz!... entre as mais felizes!...

Uma poezia que li algures, retrata-o melhor que a minha humilde pena.

—Eis aqui, somente, transcrito trez versos:—

«Quinze anos, bela idade,
Sonhos rozéos — mocidade —
E mocidade sem fim, etc.

Quem fêz esta poezia, sentiu o encanto inesquecivel desta quadra. Depois que passa, vão se dissipando as iluzôis, aparecendo o desgosto, até que, só fica a esperança esta bela virtude, que só se esvai quando a morte nos colha e nos leva para as rejiôis, onde o nosso espirito, outrora, se embriagara, quando prizioneiro do nosso corpo .. Para rejiôis etereas! . . .

9—12—1916—S. Luiz. *Avilla*

RECUERDO

A' inasquecivel Gaúchita.

Linda e fria noite de luar.

Por entre as flôres do jardim e as aglaias em flôr, as auras saturadas de tepidos aromas melodiavam um canto doce como as harpas das donzela de Judá.

Meditava!

Minha imajinação repleta de fantaziozas sombras, eleva até ás nuvens castelos côr de roza, nos quais *só tu* habitavas Bertha adorada!

Recordei-me então de ti, a tua ingratidão, as mil promessas que trocámos ao luar, quando nossas almas inebriadas engolfavam-se na rezolução problematica dos misterios insondaveis das nebulozas.

Eias, doce Bertha, são espiritos puros que se amam e que passeiam em languidos idilios pelo céo sem nuvem.

E nossos espiritos azuis, purificados pela chama esmeraldina de nossas esperanças, seguiam as evoluçôis de outros espiritos pelo firmamento azul.

Lembras-te?

Como se tornou tambem nebulozo como as almas sãs, todo Passado, que nem mais dele te lembras!

A! Bertha adorada! Tua alma é mais miaterioza que os idilios ideais das nebulozas.

Z. Oiveira.

Ceará, 10—11—916.

O FESTIM

(A' PROFESSORA EL. ZUILA SOUZA)

A doudada suspira uma canção obscena.
Fremem beijos no ar, os seios pulam, erecos
E desnudam-se à luz. Tiberio assim ordena.

Gonçalves Crespo

Tiberio, sucessor de Augusto, tambem amava o belo, e o grandioso. Existia defronte de Roma a ilha Capréa, excelente pela produtividade do solo, pela amenidade do clima e pela sua conformação geografica. E não era muito facil fazer se o dezembarque nessa ilha rodeada de muitas róxas.

Nessa ilha ezistia a gruta azul, a gruta verde o camarelo, onde a crueldade reinou intensamente e defronte dele foi construido um grande palacio para onde Tiberio ia, quando queria ficar por algum tempo auzente de Roma.

A orjia nos tempos antigos era cultivada com incrivel dedicação pelos soberanos.

Estes sempre davam banquetes e por ocazião desses banquetes eram feitos os torneios e as dançarinas straiam as vistas de todos.

E seguindo a praxe dos seus antecessores. Tiberio fez um banquete nessa ilha e para ele convidou as pessoas mais gradas do imperio.

A noite iluminou-se todo o palacio: as salas bem ornamentadas; aqui as pedras preciozas sobre uma meza roluziam ao enibate da luz dos candelabros suspensos no teto, ali estatuas lacivamente dispostas.

Todas as pessoas trajavam faustozamente Acolá, um quadro feito pela mão destra de um dos pintores mais conceituados da epoca era objeto da atenção dos que na frente dele se axavam. Mais além eziste outro quadro de ninfas que brincam umas com as outras. Todas elas trajam vestido de gaze e algumas fazem brotar das cordas de suas harpas, sons maviozos, que encantam os deuzes, que lá do Olimpo as contemplam e ouvem.

O palacio está em festas. Aproxima se de uma das salas um bando de dançarinas, mencando de diferentas formas.

Ora, cobrindo todo o corpo com o veu de gaze, ora deixando-o aparecer completamente desnudado.

Homens e mulheres todos as aplaudem e atiram flores, sobe uma, depois outra num tablado e fazem mil trejeitos no corpo, mostrando bem a todos os traços caracteristicos do seu fizico.

Uma das convidadas deitada sobre um divan solta gargalhadas estridentes, outra, não estando no uzo de sua razão,roia pelo chão, onde estão atiradas muitas iguarias. Pifaros e tambores repercutem no palacio.

'Ora Tiberio ri... Mas subito um gemido
Longo e triste chorou nos espaços na Capréa
Indagam! talvez fosse o gladiador ferido...
Nesse instante Jesus morria na Judéa!"

José Monteiro.

A canastra da "Revista"

Sobre a nossa tenda de trabalho pairam as seguintes publicaçôis recebidas ultimamente: "O Jornal Batista", orgão Oficial da Convenção Batista Brazileira, do Rio; "O Lilaz", orgão literario e notibiozo, dedicado ao belo sexo caxiense, Caxias;—"O Orvalho", revista de Maceió, Alagôas; "Patria", jornalzinho que circula em Amarante, Piauí—Traz em farta colaboração em proza e versos. Agradecemos a todos a amavel vizita.

José Souza, Rio—O seu soneto alexaudrino "Loucura", veio-nos as mãos. Vamos, de leve, mostrar ao poéta a razão porque não o publicamos, como nos pede, na pajina competente. Eis o primeiro quartéto:

Eis-me n'um mar de prantos, eis se foi sem vida
Por tua causa, ingrata, que me foste ingrata...
Que me causaste o pranto, a dor que me arrebata,
A dor que me atormenta esta alma entristecida!

O grifo é nosso.

O primeiro verso, desto quartéto, o *poéta* escreveu com *raios-louco* da gramatica e suprimindo o emistiquio. O segundo idem, idem.

Os dois ultimos estão perfeitos.

Se bem que estejam escritos n'um sentido muito explorado pelos nossos poétas, mas estão como pede a regra da metrificação. Como alexandrino, traz, cada um, a tónica na sesta silaba fazendo emistiquio, e pedindo, poéticamente, a segunda sestilha do verso. Quanto ao segundo quartéto e os dois tercétos estão peiôres, e porisso, mandaremos o tal soneto alexandrino direitinho para o *nicrotério* do... céstо.

Olhe, *seu poéta*, não se zangue comnosco, sim? — Continue para mais tarde ser um lutador pela nossa grande literatura.

A. Jezus (S. Luiz)—Recebemos a sua missiva com o soneto «Illuzão», anéxo. Ficamos sumamente agradecidos ao bom camarada pelos elojios que nos tece. Quanto ao soneto a que nos pede, o bom amigo, a nossa opinião, diremos-lhe não estar perfeito. E, aqui vão o primeiro quartéto sem que falte uma só virgola.

Ei-o:

Não sei se foi teu, não tenho na mente
Idéias emfim, daquela que amei...
Daquela virgem bela que adorei,
Que assim me traz louco constantemente.

Quanto aos dois primeiros versos conta-se, poeticamente dez sinábas, porem, faltam lhe o principal, que é o rithmo do verso decasilabo. Como manda a metrificação, os versos decasilabos pedem as silabas predominantes, na quarta, oitava e decima silaba ou sésta e decima de cada verso; e segundo alguns poétas, contam se: na segunda, quarta, sesta, oitava e decima silaba, porem sempre conservando o rithmo no verso. O *poéta*, aqui, porem, empregou o metodo do redondilho menor, digo, o metodo dos versos menos de déz silabos. E para maior esclarecimento, transformamos, aqui, os seis versos décasilabos em versos menores.

Ei-os:

Não sei se te amei,
Não tenho na mente
Idéas emfim,
Daquela que amei... etc.

—Vê o *poéta* como o ritimo dos seus versos não são para versos decasilabos e sim para versos menores?—E' preciso o *poéta* tratar de compreender melhor o segrédo da metrificação para a armação dos versos. O terceiro verso é decasilado verdadeiro, digo, correto em sentido de metrificação. O ultimo féxou a quadra com uma chave de *caixa* de lira desafinada. (Desculpe-nos a franqueza) Ficamos aqui por axarmos desnecessario tratar do segundo quartéto e dos dois tercétos que estão em peiôres condições.

A entes). Do interior) —Temos enviado todos os numeros da Revista aos nossos amaveis assinantes e, se não os recebeu a culpa não é nossa e sim dos correios. E' justa uma reclamação se continuar o gracéjo.

Luizinho Sitio.

SONHOS!

(A' MINHA QUERIDA AVITA)

Sonhos!
Sonhos rozeos de minha adolecencia!
Sublimes companheiros de meus dezeseis anos!
Eu me lembro sempre de vós, com saudade e magoa!
Vinde!
Vollai um após outro a passar novamente ante meus deslumbrados olhos de louco sonhador!
Desfilai alegres e festivos ainda uma vez diante de mim que vos bemdigo sempre!
Eu vos vejo tal como ereis dantes; eu vos guardo de cór no pensamento.
O! eu não vos posso esquecer!
Foi vos gozando que ouzei julgar-me o mais feliz dos mortais felizes
Foi vos sentindo que eu idealizei as lucidas quimeras, fujitivas e erradias, que invoco
Vinde de novo povoar o meu coração deserto.
Tendes para mim a dôce melancolia de canticos nostaljicos, soltados por um bateleiro, no meio das vagas que o cercam.
Sois puros como a benção materna, santos como a primeira oração nos labios da inocencia.
Eu vos bemdigo e invejo na ancia desta saudade.
Sem vós eu não veria o brilhar rutilante da minha primeira ilusão.
Sem vós eu não teria crenças, utopias e quimeras, que embora desfeitas, imoreguaram-se em minh'alma com um perfume de fé, como um odor de esperança.
.....
.....
Formozas mentiras de minha infancia!
Eu vos espero atento na mansão da saudade, onde demoro as horas, olhar fito no céo opalino em que fuljistes, á mai na luz de Ophelia.
Ai me sinto bem, me sinto feliz, porque vos vejo redivivas e me conforta no dezalento a esperança aliançareira, consoladora e santa, de que não me dezamparastes.
E num soluço de dolente magua vos relembro, vos chamo, vos aguardo confiante.....

Pery.

"Os belos gestos de uma Atriz"

(CONTINUAÇÃO)

—Privilejio ou não dos homens, o que não resta dúvida, porém, é que a novel atriz, embora fosse um desvio da regra geral, era contudo um genio que desde muito cédo se dedicára de corpo e alma ao teatro, onde ela sentiu despertar em seu espírito de artista genial, a impressão imporioza da vocação que a levára quasi de subito a empreender e sentir o encanto sutil, de que era dotada.

Georjina era uma beleza infinita.

—Verdadeira cabeça de fada sobre um corpo um tanto delgado, conservando um porte sem rival, tinha abundantes cabelos negros, olhos rasgados igualmente negros, nariz pequeno levimente aquilino; fronte alta e inteligente; bôca bem feita, em cujos labios côr de roza arrava de quando em vez um feiticeiro sorrizo todo seu, deixando entrever duas lindas fileiras de dentinhos húmidos e alvos, que mais pareciam pérolas.

A sua estatura, um tanto mais que a mediana, era de uma distinção gracioza, revestidos de uma pele massia suavemente colorida.

Tinha os pés pequeninos, e suas mãos finas, maviosamente delicadas.

Nesta formoza rapariga um predicado de mais força atraente, se lhe notava: —O seu mêgo olhar combinado com um terno sorrizo, mivo de graça e bondade, que só ela o sabia dar por com perfeição fascinante.

—Contudo eu já vira numa fita de cinema, um sorrizo inteiramente igual, dezempenhado por uma atriz italiana de grande nota.

—Francesca Bertini, com a diferença porem, que a nossa foi uma de acurado estudo cénico, naquela era perfeitamente natural.

Em todo o cazo eu posso laborar em êrro pois confesso que somente conheço a primorosa Bertini, atravez das telas cinematograficas.

—A seguir.

M. L.

FLORILEJIO POETICO

A passarada

I

Cantando de pouzadas em pouzadas,
Saltando sempre nas belas ramadas,
Entre alegria, estão
Os belos passarinhos, tão meiguinhos,
Até que eles regressem, em bando, aos ninhos
Em tarde de verão...

II

Quero, em quanto eu viver, ouvir trinar
Os belos passarinhos do logar,
Da terra onde eu os vi:
Quero tambem, saudoso, contemplar
As belas vagas do bravio mar,
Da terra onde eu nasci!

III

Quando eu morrer, eu quero em véz de sino,
Para seguir-me os passos do destino,
Dos passaros o canto
Para que eu vá repleto de alegrias,
E deixe deste mundo, as agonias
Que me cauzam o pranto.

S. Luiz. *Astrolabio Caldas.*

Forasteiro

Forasteiro infeliz sem encontrar pousada,
Desalentado e só, ezausto de fadiga,
Sem ter siquér uma esperança amiga
Que lhe amenize em tão cruel jornada,

Bate á tua porta!... Acolhe a desgraçada
Alma que foje a sorte que a fustiga ..
Dá-lhe ventura que os seus passos siga,
Dá-lhe guarida onde caír cansada.

A fome lhe maltrata a todo instante.
Do infortunio o geladôr pampeiro
Mais lhe rejéla a alma tiritante.

Dá-lhe por pão o teu amór fagueiro...
Áquece com a lareira rutilante
Do teu olhar o pobre forasteiro!.

FRAN TEIXEIRA.

Passado arrufo

Voltei, voltaste, estavas muito triste,
E excesso de rancores tu mostravas
Ter, neste dia, n'alma e d'arma em riste
Dizias que brigavas, que brigavas...

Falaste muito, mas não me zanguei
E a ti será ligada a minha vida.
Pois tu foste a mulher que mais amei;
Como ligado á tua estou, querida...

E desse amor crescente entre nós dois,
O que virá surjir mezes depois,
No dia em que se der a nossa união?

Por certo, ha de surjir um belo anguinho,
Que alegrará, p'ra sempre, o nosso ninho,
Tornando mais ardente esta paixão!

S. Luiz—28-11—916. *Marina Leira.*

A Partida

Fujiu meu coração, mas dentro d'ele
Como embutida em vazo de parbro
Fulge minh'alma doloroza e triste
Enovelada em nuvem de suspiro

Nivea gaivôta, pensamento eclero,
Vôa debalde do navio na esteira
Do mar brumozo que carpinto leva
No espumeo e gentil berço—a derradeira.

Esp'rança: luz d'amôr, santelmo d'alma
Aculeo agudo de trevoza lida,
Germina, créce no meu peito opresso
Onde só a saudade tem guarida.

O! virgem dos meus sonhos, vem rizonha,
Borboleta tafui dos meus amôres;
Povôa o coração, ocupa-o todo
Permuta o pranto em roza, enfesta as dôres.

Maranhão—1916. Dr. *Oscar Galvão.*

Minha muza

Muze minha entristecida
Leva meus versos, levai
Para a Gloria tão querida.

DANTAS SOBRINHO.

O' vós, que conheceis meu pranto, vós,
Muza desta alma em dôr, muza sentida,
Que conheceis, no tranze desta vida,
O meu sofrer, meu sofrimento atróz;

Vós, que me vêdes, corajozo, a sós,
Sobre cardos em busca de guarida;
Que, dentro desta luta entristecida,
Ouvis, ó muza, a minha rouca vóz;

Séde, á mira, o que á vós, vos tenho sido;
Deixai passar meus versos, que, sentido,
Os fiz na vida putrida e ilozoria...

Dos núlos, os livrai, dos invejozos...
Deixai florirem fortes, luminozos,
No Floriléjio azul da ecelsa Gloria!

S. Luiz—1916. *Clemente Guêdes.*

SONÊTO

A A. S...

Inspiração busquei nas minhas magoas,
Nos mais ternos protestos dos amantes,
Dos placidos regatos soluçantes,
No sussurro poético das aguas.

Busquei a no sorrir de uma criança,
Busquei-a nos seus sonhos puéris,
Busquei a nos encantos femíns,
De um futuro de gloria na esperança.

E sem nunca encontral-o, fui passando,
Nesse mar de mizerias e do pranto,
Meus ocultos pezares lamentando.

Mas essa inspiração fui encontrar,
—Sim! essa inspiração que busquei tanto—
No fulgor desse teu divino olhar.

C. Serra.

INCOGNITA

E' filha de Viana. Longe da terra onde naceu, aqui tem vivido como a borboleta azul que despede amor, e vae injenuamente despreocupada galgando o seu ideal longinco prometedor de um futuro puramente brilhante, que a conduz pelo caminho da intelijencia ao daraizo dos livros, procurando conquistar uma civilização perfeita como é sua face gentil.

Espirito ainda nocivo tem a amplitude dominadora das môças alegres, como as primaveras, quando se levanta o sol.

Irradiante, desce diariamente a roa da Madre Deus, em caminho para a Escola Normal, deixando que, qualquer observador, com naturalidade, vêja a simplicidade do seu porte mimozo.

Se encontra as vezes, algumas colégas orgulhozas, que afrontam assim a modestia social, ela parece que sobresae das outras, crescendo a sua simples meiguice, como a propria flôr desse nome.

Tem ela uma companheira de rezidencia, filha da familia com quem habita, que é, não menos modesta, e com quem mais assiduamente a vêjo.

E' irman de um colega meu, que está prezentemente no sul.

Com êle tenho privado diferentes vezes, mas, com éla, nem mesmo dos cumprimentamos.

Vê-se assim, que as minhas palavras são simples e dezinteressadas, ou como tal, verdadeiras.

O! Vós que sóis a Deuza dos sentimentos nobres, deixai que a humanidade inteira os aprecie!

Não queirais negar os vossos exemplos para os que convivem com os espiritos formados na perversão!

Olhos que atraem!

Se, lá bem do alto, mirando o espaço colocado entre o firmamento e os vagalhóis lugubres do poderozo mar, até mesmo as estrélas não chorassem a vossa complascencia pela luz encantadora lésses imans, não seriam élas verdadeiras e fiéis.

E, se conservavam nessa pózição, é porque crescía o murmurar do pôvo que se deleitava no festêjo da praço.

Grande era a concorrencia das que subiam e desciam palestrando com as suas—elas—e dos curiozos que observavam dirijindo pilherias imbecis.

E nesses dias de vida que passei, de vez em quando sentia trocarem-se olhares que pareciam lanças.

Estre essas lanças que borborinhavam nessa aglomeração que vagueiava como os ninhos, estava essa filha da cidade sertaneja, fremente de alegria e despreocupada de seu encanto.

Eu nada sentia. E serenamente admirava cada um que fazia sua fita, e procurava fazer a minha sem que conseguisse um resultado.

Pobre de mim!

E éla?!

Quem pode ser?!

S. Luiz. *Jab.*

CONTRASTE

(CONCLUSÃO)

Enlevado naquêle quadro encantador que me embriava a alma de uma alegria infinita, parecía que sonhava, vagando por aquelas rejiões eterias, caminhando por cima das estrélas, pela lua que aparecera palida e branca a esparjir sua luz suave, cobrindo tudo de prata. De imprevisto, porém, como que acordando de um sonho de anjos do céo, alonguei as vistas para a esquerda e estremeci como que caindo das nuvens. Tinha dado com os olhos na cidade.

Que contraste! Que diferença estupenda!

Lá, a esplendoroza Natureza: o rio; as montanhas; as arvores frondozas, verdes de um verde esmeralda; os campos extensos; os vales profundos; as serras gigantes. Aqui, quadro lugubre; a cidade hedionda a vomitar fumo branco, fetido, horrendo, que se coalhava no espaço, empestando-o, corrompendo tudo com seus miasmas deleterios.

A cidade se me pareceu que ardia debaixo do fogo de mil crateras, que o vicio ruia sem cessar todo aquêle montão de cazas vermelhas, até que um dia tombassem todas dezastradamente, num ruido ensurdecedor; e, então o mato e a grama viçoza cobririam todo aquêle acervo de podridões e imundices.

Volvi os olhos. O sol ha muito sumira, chegara a noite hedionda, tudo obscurecera, tudo era treva densa!!!...

Amarante—Julho.

Erasmo Castro.

Festas infantis

Que dizer das festas escolares deste ano?

Das duas que me foi dado o prazer de assistir difícil se me torna distinguir superioridade, pois a correção e ordem dos trabalhos fizeram jús as palmas que receberam.

A Escola Normal Primaria sob a direção da professora D. Roza Castro, cujo nome é o bastante para a recommender, ofereceu-nos em um saráu literario o que de melhor se pode exijir de creanças que estudam. Hi nos monologos, comedias, solfejos, tudo emfim, dentro dos limites traçados pela harmonia e bomgosto, foi aprezentado por um grupo de meninas a quem os aplauzos fôram poucos pelo muito que mereciam. E a diretôra, atencioza para com todos, participava dos loiros coroavam os trabalhos dos colejiais pois em cada um sobresaio o esforço injente de que dispoz tornando-a digna de imitação.

Assim, excelente tambem foi a do Instituto Fernandes e conhecendo-se a professora D. Lucilia A. Fernandes, a cuja direção se axa tão promissora caza de ensino para logo se deduz o quanto de beneficios poderá receber quem frequentar as suas aulas.

Não nos permite o espaço exiguo desta linhas desenvolver apreciação sobre o programa desta encantadôra fésta escolar.

Todavia, data venia, devemos salientar na comédia "*A Rachadeira*", a verve das meninas Almira Sá e Souza, no papel de *D. Terencia* e Carmen Franco de Sá no de creada, sendo que esta já se havia salientado na parte que lhe coube na comédia "O ramo de flôres" que foi uma *Roza* admiravel.

O hino do Instituto cantado por todos os alunos eletrizou o auditorio, maravilhando a sinjeléza dos verses tanto quando extasiava a harmonia da múzica. Honra, pois, aos artistas que o compuzeram.

Parabens portanto ás incansaveis Diretoras e demais Professoras do Instituto Fernandes e que continuem a realizar muitas féstas como a de 26 do passado para gloria da infancia que sófrega busca os seus ensinamentos e honra dos que as assistem.

M. G.

Dolôres

(Continuação)

—Então, senhora princeza, ainda não se convenceu que tem de satisfazer os meus «dezejos?».

—Senhor, não estais satisfeito com os martirios porque me tendes feito passar? Embôra eu não conheça o vosso rosto mizeravel, visto, se esconder debaixo dessa mascara, juro que prefiro antes, a morte que entregar me a vós, desprezivel reptil, que roubastes, vergonhozamente, minha liberdade.

A! A! A!

Ora, esta é muito engraçada, está a menina a fazer discursos vãos.

Deixe-se disso, vamos ao que é mais preciso, quer ou não quer aceder ao meu pedido?

—Mizeravel! foi a resposta.

—Está bem! Depois de amanhã, terminará o prazo que impuz, na carta, que mandei a vosso *rendeiro pae*, para me remeter 500.000 *florins*.

—Escreveu a meu pae?

—E no vosso nome, menina...

—Chegue-se para junto de mim.

—Prom... Cospe me na cara? Isto é demais!...

Pagar-me á imediatamente. E o cardeal, pois era ele, atirando-se contra a indefeza prizioneira, que era Gabrila, subjugou a e...

Um grito que esprimia dôr e desespero, feriu o espaço.

Quando o vil cardeal terminára de saciar os seus libidinozos dezejos, tinha nos braços um cadaver.

Um rizo amarelo franziu-lhe os labios. Levantou se olhou em redor e apercebendo se de que o drama não tivera espetadores, esclamou, arrancando a mascara e olhando para o cadaver.

—Eu não precizo mais disso, já estava me sufocando...

Morreste! Quem foi o culpado? tu mesma, pois se não fôsses mais atrevida que todas as damas que aqui têm vindo, estou certo, que ainda terias vida e gozarias muitas felicidades... Não quizeste, que a terra te seja leve.

E premindo um botão eletrico, sentou-se num divan.

Momentos após, entrou Sandrilo.

—O! Sandrilo leva esta teimoza para o «poço». Depois vae onde a Joana e dize-lhe que venha falar comigo já...

Escuta! despe esta joven. Preciso das suas vestes.

Continúa. *M. Furtado.*

Amor materno escesivo

(Para a pequenita Nadir Moraes)

Edna desde a sua infancia tiveram má indole.

Sua mamã cheia de carinhos e duçura em vez de corrijil a, abraçava-a e beijava-a. Esta prova da grandeza do amor materno fazi a ainda mais insolente.

Quando começou a incutir se na cabeça de Edna o conhecimento exato de tudo a quilo que o seu pensar de creança podia então imajinar, ouvia muitas vezes sua mamã dizer: «quando Edna completar nove anos internal-a-ei n'um colegio». Esta, vendo quazi realidade, no auge do desespero disse: não irei! Se acontecer o que mamã ababa de dizer, fugirei, não mais voltarei...

Assim sucedeu.

A insolente menina nada aprendeu, senão a ser vadioza, presumida, curiosa e intrometido.

Diante dela quem não se apresentava vestida com elegancia, não merecia se não o desprezo.

Sucumbiu aos seus quinze anos!...

Ponte Nova, 20-11-1916. *Biara*

"O GLADIO"

Por um amigo e leitor da nossa «Revista», foi-nos oferecido um exemplar de «O Gladio», brilhante orgão quinzenal, literario e noticiozo, que circula ha dois anos na arena jornalistica de Garanhuns (Pernambuco), sob a competencia dos srs. Pedro Chaves, J. Cabral, Americo Maia; Antonio T. Guerreiro e da brilhante poetiza Exma. Sra D. Cecilia Rodrigues.

Traz farta colaboração em proza e versos onde se encontra um belo e artistico «Sonetos» da mavioza Cecilia Rodrigues.

«O Gladio» estampa, em uma pajina arrendada, o retrato do muito digo T. Cel. Julio Brazileiro e um dos maiores vultos da politica de Garanhuns, que hipatêcou o seu carater, de brazileiro forte e independente, em pról do torrão que lhe viu nacer.

Satisfeitissimos, agradecemos a franca amabilidade do nosso leitor amigo.

Conversando

A Acilla.

—Sabes, querida Lucia, uma noticia que me deram de ti?

—Não... Mas qual foi?

—Disseram-me que o teu coração, tão joven, já está amando. Será verdade?

Lucia, que ficou um pouco surprendida com a minha pergunta, depois de pensar e olhar-me fixamente durante alguns segundos, foi reanimando-se e respondeu-me com encantadôra meiguice que logo fiquei satisfeita por ver que as minhas palavras haviam triumfado no coração daquela joven que apenas contava quinze primaveras e que ia revelar me um sublime segrego de sua alma tenra.

Eis o que me revelou:

—O amôr, querida Zica, é um iman que me atraiu a um joven, a quem deliquei as mais sincera amizade. Este foi o unico que áxei capaz de corresponder me, portanto o amo.

Confesso-te, porque confio em ti, que tambem não transmitirás a outrem, não é?

—Ora, queridinha, não vês que oculto os segredos que me tens confiado!?

—Sim, continuou Lucia tem sei que és uma sincera amiguinha; par isso não deves te aborrecer com a minha observação.

—Pois bem, como se chama este mancebo que ha pouco me disseste que amas?

Lucia sorrindo-se disse:

—Isto é que não te posso dizer, porque pediu-me que ocultasse seu nome

—Então, o que era mais dificil tu não fizeste misterio, o facil é que não me queres dizer. Pois ficará para outra ocazião. Adeus, querida Lucia.

10—916 *Zante.*

O 1.º de Maio

(Conferencia realisada no Centro Artistico, a 1.º de maio, pelo professor Nascimento Morais.)

(Continuação)

E avança o operariado em marcha acelerada. Mas erros antigos não se desenraizam facilmente. Agora começa a obra de solidificação de principios. São novos e tremendos combates. Os especuladores fizeram da liberdade um mito e da igualdade um paradoxo, para o fim de continuarem a ignobil exploração do trabalho e iniciarem uma escravidão disfarçada em cujas malhas se continuaria o operario a se debater. Porque, infelizmente, no entender de Gabriel Deville, os interesses materais têm sido sempre a causa da luta incessante das classes previlejiadas, seja entre si proprias, seja contra as classes inferiores, á custa de quem aquelas vivem.

São as condições da vida material que dominam o homem, e estas condições, e consequentemente, o modo de produção, são as que tem determinado e determinarão sempre os costumes e as instituições sociais, economicas, politicas e juridicas.

A missão da classe atualmente explorada, do proletariado, é acabar a obra da destruição já começada pelo desenvolvimento dos antagonismos sociais.

E' preciso, continúa Deville, que o proletariado arranque aos seus adversarios de classe, como poder publico, a força consagrada por eles para conservar intatos os seus monopolios economicos.

A burguezia tornou-se capitalista e este fato constitúio um perigo novo.

A burguezia precizava de monopolizar as fontes de riquezas, estrando na posse das terras e do tudo.

O trabalhador livre que fôra instituido, podendo, de direi-

to dispôr de sua pessoa, viu-se obrigado, de fato, a dispôr dela para viver. Desde esse dia foi condemnado ao papel de assalariado.

Tal situação trouxe-lhe nova depressão moral. Dificultaram lhe os da camarilha exploradora o progresso, desprezaram-lhe os direitos, arrancaram-lhe os privilegios, anniquilaram-lhe a noção do tempo, eliminando se lhe o descanço, e o operariado ia de novo retrogadar, quando, para a felicidade geral de todas as classes laboriozas, apparece no cenario a figura preeminente de Carlos Max, o sabio filozofo e economista prussiano, o fundador do socialismo cientifico, o prodijiozo autor do *Capital*.

Eis em rezumo uma face da idéa de Max.

«A divizão da sociedade em classes, que aparece com a vida social do homem, assenta em relações economicas mantidas pela força, e segundo as quais, uns conseguem descarregar-se sobre outros, da necessidade natural do trabalho. Desde que uma parte da sociedade monopolizou os meios de producção; a outra parte em quem recai o pêzo do trabalho vê se obrigada a accrecentar ao tempo de trabalho exigido pelo seu proprio sustento, um excesso pelo qual não recebe equivalente algum e está destinada a enriquecer os possuidores dos meios de producção.

Assim, continúa o sabio economista, o rejimo capitalista sobreleva em poderio a todos os sistemas anteriores de trabalhos forçados».

Mas domina a situação.

Tribuno e publicista, professor e conferencista, argumenta em todo o terreno, com a observação dos fenomenos sociais, com os fatos da vida material.

Os capitulos—*O salario a jornal*; *O salario por empreitada*; *Diferença no tipo de salario* revelam a disciplina sijebrica do seu espirito e a vastidão do horizonte da vida social em que ele penetrava. Na introdução da parte—*A acumulação do capital*—Carlos Max vê, de cima, uma das mais importantes questões da economia e lança tezes que já têm produzido obras de valor, como sejam os belissimos principios de Engels.

Expulso de Berlim, expulso de Paris, o grande mestre do socialismo moderno refugia se em Londres, onde morre.

E ai estão em caminho de vitoria, todas as questões propostas pela ciencia de Max, e outras que depois surjiram, como corolarios.

Salienta-se entre todas, a desse capitalismo devorador que já vai recuando para o abismo em que se ha de sepultar, graças aos pontos de resistencia, organisados pelas classes operarias.

E a mais e mais se estende a linha dos trabalhadores. Multiplicam-se os partidos operarios, as caixas de socorro, os fundos de economias, bancos e associações liberais do trabalho.

Daí compreende-se clara e nitidamente porque o operario alcançou a vitoria do dia de hoje.

O 1.º de Maio é a confraternização dos povos, é o abraço das classes, é o nivelamento moral de todos os operarios—mecanicos, manuais e intelectuais.

Não é preciso encarecer as vantagens dessa confraternisação integral, que reprezenta uma das mais preciozas conquistas da moderna situação filozofica!

A filozofia antiga, grande como foi, não conseguio uma generalização tão completa, tão brilhante e tão pura!

A festa do dia de hoje é a maior das festas. E' a mais bela, a mais tocante, a mais elevada de todas; e não sei se poderá dizer, com propriedade vernacula, que é mais nacional das festas.

A seguir.

Meditações

A vida é uma viajem que fazemos pelo mar do sofrimento, no barco da Esperança, até irmos de encontro ao rochêdo do Dezengano.

—

O amôr é qual um cancro que, uma vez inveterado no coração humano, jamais será extinto.

S. Luiz *Morimus Leiru.*

—

Ao Fran Teixeira

A vida, essa estrada imensa que palmilhamos, na qual cada passo que se dá, é uma aproximação para o tumulo, esse abismo sempre aberto, onde vão se esbarrar todas as ilusões humanas, para uns; para outros é o vestibulo das regiões alterrestes, onde se inicia o acender de degraus da bendita e interminavel escada de perfeição, evoluindo eternamente os espiritos que tendem para Deus.

Ozias Reis.

—

H' Gaúchita

O teu coração é o cofre onde deposito as minhas magoas e alegrias! Oh! Nem sei o que seria de mim minha bôa amiga se hoje não te conhecesse!

Só tú, podes avaliar a dôr que sinto neste momento.

Mas, minha amiguinha, mais do que isto já soffreste, e agora és tão feliz!

Por isso estou consolada, por estar passando tormento que já experimentaste, portanto é justo que assim acontecesse, para as nossas vidas tão semelhantes como é a nossa amizade.

Il lo-dé-si

OLHOS BONS

PARA DOMINHA.

Olhos! Quando os avisto sonhadores,
Misteriozos, claros, transparentes,
Vibram me nalma misticos amôres
No salterio dos sonhos resplendentes!

Em uma alaere revoada, flores;
De quimeras, me vem, puras, albentes,
Cheias de aroma e rizo, brilho e cores,
Quando os avistos claros transparentes.

Gosto de os ver! São belos como estrelas,
Quando na concha azulea do infinito,
Brilham de noite, palpitantes belas!

São bons! são bons, esses teus olhos calmos,
São bons! Têm a pureza dum bemdito,
Têm a doçura harmonica dos salmos.

Zingará

O campo

(Para Jozuita Costa)

Foi em uma dessas lindas tardes de Outubro que pela vez primeira tive que admirar a beleza dos pequenos campos dos nossos sertões.

Não é uma couza de espantar, mas é um espetaculo agradavel e impressionante que a minha fraca pena receia descrevel-o. O leitor é bastante conscienciozo, perdoará a minha rustica espressão.

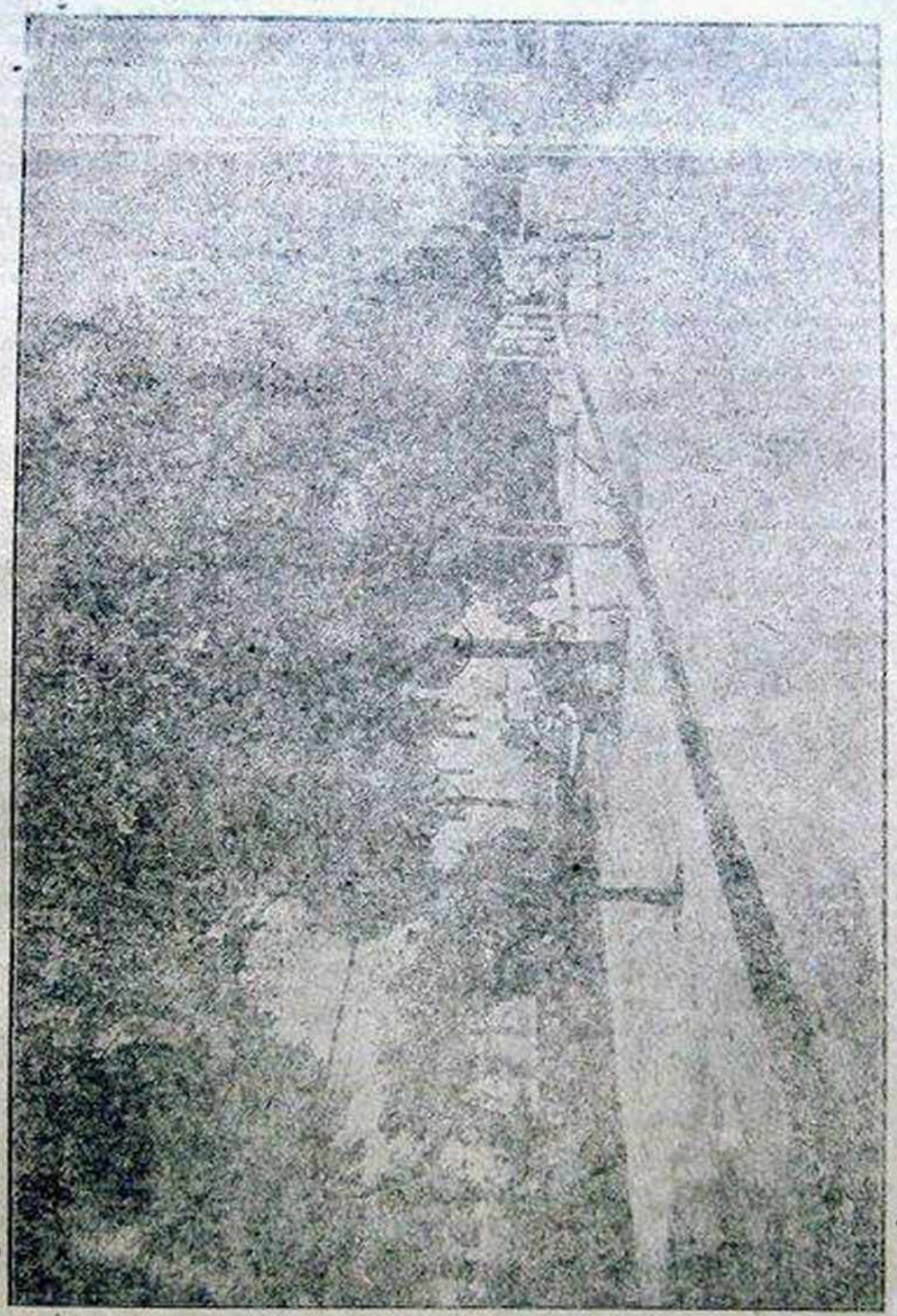
Eram 5 horas da tarde. O sol esparjia seus lindos raios por sobre aquele grande tapete de verdura. Ali e mais além pastavam animaes e gado em grande quantidade, no momento da minha chegada levantaram as sobranceiras cabeças como desafiando a viajante importuna que os ia perturbar no seu retiro.

Ali havia plantado a lei da natureza alguns pés de muricis, jatobá e bacuris.

Diante de tudo o que mais me maravilhou foi o carnaúbal? Leitor, se já andastes no sertão, com certeza tivestes a ventura de apreciar. E' uma beleza ver-se a carnaúbeira altiva com os seus lindos leques abertos, nem só dá uma sombra agradavel ao cansado viajante, como tambem é doce ouvir o seu sussurro quando o vento sopra fortemente. A! o campo! o campo! como tenho ainda saudoza reminiscencia dessa linda tarde de Outubro.

Ponte-Nova, 20 de Novembro de 1916.

Cécilia Reis.



AVENIDA SILVA MAIA

ELA

Olhos castanhos, olhos de bondade,
Cabellos pretos, corpo encantador...
Fada rizonha dona deste amor,
Candida flor de doce suavidade;

Boca mimosa cheia de sabor,
De rizos meigos... rizos de bondade...

Fada rizonha dona deste amor,
Candida flor de doce suavidade.

Seios de amor, gentis, aleandorados,
Onde pairam febris os meus sonhares,
Conchas que guardam todos meus dezejos...

Por nós, doces minutos delirados,
Ao som festivo de gentis cantares,
Ao som festivo do cantar dos beijos.

R. de Castelo.

BIBLIOTECA PUBLICA

O Mez Social

Aniversarios

A 22 do Novembro—a sra. d. Marcolina Nogueira, que faz parte da distinta sociedade cururupuense.

A 28—o sr. Eujenio Cavalcante.

A 1.º do Dezembro—a senhorita Hilda Monteiro; realizando-se em a sua rezidencia um animado sarau dansante, tomando parte inumeras familias.

A 4—a gentil senhorita Leocadia Cardozo.

A 5—o sr. Jozé Castro da Fonseca.

A 8—os srs. Aurelino R. de Araujo e Eitor Filho.

CLEMENTE GUEDES

A 15 do corrente completou mais um ano de existencia o nosso distinto Gerente, Clemente Guedes, que muito se tem sabido distingair, não só pelo seu carater franco, como pelos esforços que tem empregado para o desenvolvimento da nossa Revista.

Os votos que fazemos é que este movel gladiador continue sem vacilar, a lutar contra o ANALFABETISMO que juramos expulsar do nosso torrão natal.

—A exm.ª sra. d. Consuelo G. Brito Fernandes, progenitóra da nossa gentil colaboradóra Aracéa Fernandes.

18—a senhorita Epifania do Lago, filha do nosso amigo o sr. Cirio Ferreira do Lago.

19—a senhorita Fausta da Costa Furtado

—A sra. d. Fausta Smit.

20—a sra. d. Lerid Souza e o sr. Esron Souza.

22—a exm.ª sra. d. Clara da Costa Furtado, progenitora do nosso incansavel companheiro, Mauricio da Costa Furtado; a prof. Hortencia Catanho.

29—o sr. Ives Parga, um dos nossos colaboradóres.

A «Revista Maranhense» envia a todos os aniversariantes os seus sinceros parabens.

Viajantes

Da cidade de Caxias, onde ezercicia o cargo de ajento da «Revista Maranhense», a nossa distinta colaboradóra Maria Eleonóra Varela.

Da vila de Morros, onde tambem, ezercicia o cargo de ajente da mesma Revista, a sra. d. Adaljiza Costa Feques.

Do Cajapió para onde fóra passar *uma temporada* as sras. ds. Maria José e Catarina Gaspar, viuva e irmã do sr. José H. Gaspar, acompanhadas e sua afilhada Domingas Santos e dos interessantes infantis, Maria Pinjo, Catarina, Vitoria e José Gaspar, filho.

—Veio nos trazer as suas despedidas por ter de embarcar para o Rio de Janeiro, o jovem Nei Jansen Ferreira.

Auguramos-lhe bôa viajem.

—Tambem veio nos trazer o seu adeus de despedida o jovem José Fonseca que partiu para Piracicaba, onde foi se matricular na «Escola de Agronomia», daquela cidade.

Feliz viajem.

—Vindo de Cururupú, encontra se entre nós, a senhorita Amelia Nogueira, nossa assidua leitora.

—Por terem de seguir para Vitoria do Baixo Mearim, vieram trazer-nos as suas despedidas as senhoritas Zulekle Bojéa, professora do "Instituto Maranhense"

professora do "Instituto Maranhense", e sua irmã Zima Bojéa.

Vindas do Arari, axam-se entre nós a senhora d. Aurelina Sampaio professora daquela localidade e nossa esforçadissimo ajente, e. sua irmã a senhorita Julieta Sampaio.

—Axa se nesta capital, vindo do Rosario o habil telegrafista do aparelho *Baudot* Izaias Carneiro.

—Regressou de Belém, capital do estado do Pará, a senhorita Rita Machado da Silva, nossa ajente naquele logar.

—Vindo da Capital Federal, axa se entre nós o aplicado estudante Francisco Fabião Costa, nosso colaborador.

—A 19 do p. p. efetuaram-se, na «Escola Boquisão», regida pela distinta professora, a sra. d. Zila Paes os exames finais do curso daquele estabelecimento e a entrega de diplomas aos alunos que concluiram o curso.

Mais um ano, a senhora Zila Paes vê os seus esforços coroados de ezito.

Os nossos parabens.

—Efetuou se na manhã do 4 do corrente no «Colejio S. C. do Maria», a entrega dos diplomas das alunas que, este anc, terminaram o curso.

Fizeram se ouvir o sr. Domestenes Macedo, que fez a entrega dos diplomas e o professor Domingos Machado.

A sala se encontrava repleta de espetadores.

FALECIMENTOS

Faleceu neste mez o jovem Manoel G. Silva, com 13 anos de idade, irmão da senhorita Olivia Silva.

—Faleceu, tambem, depois de longos padecimentos, a sra. D. Roza Nina Parga, tia do Sr. Dr. Herculano Nina Parga, digno governador deste Estado, e do capitão Herculano Anfiloquio Parga.

A's familias enlutadas, aprezentamos as nossas condolencias.

O BEIJO

O beijo, muzica e aroma
Dos pétos apaixonados,
Deve ser o unico idioma
De todos os namorados.

Dos JORNAIS

A linguajem, que o coração uza para revelar suas paixões, o estalo, rezultante do encontro dos labios de dois entes que se amam e a muzica, que diverte aquele inocente, mas traveso menino —o amor— são as tres principais qualidades deste poéma que nos vem preocupando—o beijo.

Quando aquela loira, gentil, mas incompreensivel creança —o amor— surje entre dois jovens, estes dão começo a uma serie de declaraçõis amorozas, a qual não pode findar sem o seu hino— o beijo.

E porque, tem o beijo, o previlejio de ser bem compreendido por tal creança?

E' o que não sabemos...

Quem poderia descrever as sensaçõis que sentimos no momento em que, aos nossos, tocam os labios do ente querido?

Ninguem ..

Ninguem, porque o mais sábio dos sábios ainda teria competencia assás deminuta para descrever tais sensaçõis!

Assim sendo, e tendo nós este meio de deixar que os corações se compreendam, acreditamos ou melhor, asseguramos que ninguem se oporá a essa linguajem, e esse estalo e a essa muzica pois por eles é trazido o rejuvenescimento para os nossos coraçõis...

S. Luiz,—4—12—916. *Morèma Leira.*

A REVISTA MARANHENSE agradece, desvanecida, a acolhida que tem merecido de seus leitores e assignantes, e aproveita a ocasião para desejar lhes as maiores felicidades no decorrer de 1917.

Judite Rodrigues

Na noticia que demos sobre esta nossa brilhante leitóra, no numero p. passado, por descuido, saio "professór primario" quando é professora normalista, ai fica a retificação.

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFONSO PENA, N. 2 (sobrado) MARANHÃO

Predios entregues de 1912--1916
Rs. 722:657$000

REZULTADO do 58.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu hoje na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes

1.º N. 426 D. Celeste Bayma, rua da Madre Deus, 43
2.º N. 433—D. Hanna de Mendonça Lima, Avenida Maranhense 28
3.º N. 59 Coronel Saúl Nina Rodrigues, residente em Anajatuba
4.º N. 3974 - Herdeiros de D. Maria de Araujo Matta de Andrade, rezidentes no Itapecurú Mirim
5.º N. 1088—D. Maria Luiza Perdigão Ramos Gonçalves, rua da Saudade, 2
6.º N. 266—D. Hero Maria da Cunha, rua Grande, 80
7.º N. 2757 Club dos novos, rua da Cruz, 48
8.º N. 23 9—Coronel Coriolano Coêlho Lima, residente em S. Bernardo
9.º N. 2229 - Amparo e Enesto, rua do Sol
10. N. 51—Guilherme dos Reis Gomes Macieira, rua da Madre Deus, 54

Caza no valor de Rs. 10.000$000

N. 636—Capitão Nilo Ludgero Pizon, rua Coronel Colares Moreira, 114.

Maranhão, 15 de dezembro de 1916.

Joaquim M. Gomes de Castro, Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraiso, Diretor Gerente.

NOTA—De acordo com o Decreto do Governo Federal serão eliminados os prestamistas atrazados em 3 mensalidades, e perderá direito ao premio aquele que não estiver quites.

A EMPREZA.

Coupons para concurso

Concurso n. 1
Revista Maranhense

Concurso n. 2
Revista Maranhense

Livraria Moderna

Na Livraria Moderna, á rua de Nazareth, encontram-se todos os artigos que se poderiam encontrar numa bem montada livraria.

Encontra-se á venda na mesma, a «REVISTA MARANHENSE»

Vizitem a Livraria Moderna!!!

33—Rua de Nazareth—33

17$000

E' por quanto se obtem um fato de brim branco de algodão, bom, calças e paletó, na

ALFAIATARIA GUEDES,

á rua de Santana n. 3, canto com a rua 28 de Julho.

Loja Nova Jeruzalém

Acaba de passar por uma grande reforma esta loja situada á rua Afonso Pena n. 8, encontrando-se todas as sortes de mercadorias.

GUIDO BOM & IRMÃO

Livraria Ingleza

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos, pelos ultimos vapores

Preços reduzidos

Rua Coronel Colares Moreira, 40.

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

Rua Afonso Penna, n. 2 (sobrado) Maranhão

Predios entregues de 1912--1916
Rs. 706:757$000

RESULTADO do 57.º Sorteio, da 1.ª S.-A, a que se procedeu, hoje, na séde da emprêza, ás 10 horas, proporcional a 1:000 apolices.

Premios de 10 loncoês do pagamento das prestações durante 12 mezes

N. 1569—D. Josephina Reis Coelho Nogueira, Pinheiro.

N. 3514—D. Maria Victoria Rodrigues Pereira Sa, Grajahú.

N. 2340—Jesuino Serra, rua Rio Branco, 83.

N. 2226—José Castro Prado Mello, rua do Sol, 8.

N. 1118—D. Anna Pereira Leal, travessa Primeiro de Março, 2.

N. 3507—D. Oscar Lopes da Costa Leite, rua de Matto Grosso, 22.

N. 1215—Prudencio Mello Dias Moreira, residente em Viatina.

N. 3555—D. Raymunda Silveira de Lima Soares, residente em Lençóis.

N. 1781—Agostinho da Silva Costa, residente em Caxias.

N. 2102—D. Mariannna Perdigão de Faria e Souza, rua de Santo Antonio, 49.

Caza no valor de Rs. 10.000$000

N. 1580—D. Maria Izaura de Oliveira, rua da Palma, 6.

Maranhão, 16 de novembro de 1916.

Joaquim M. Gomes de Souza, Adolfo Paes, Fiscal do Governo Federal, Oscar Corrêa, Director Geral.

NOTA—De accôrdo com o Decreto do Governo Federal, estas emissões se processarão sempre aos 2 mezes ímpares, ficando livre o premio sempre que não estiver pago.

A EMPREZA.

Livraria Moderna

Na Livraria Moderna, á rua de Nazareth, encontrarão todos os artigos que se poderiam encontrar numa boa montada livraria.

Encontra-se á venda na mesma, a

REVISTA MARANHENSE

Visitem a Livraria Moderna

33—Rua de Nazareth—33

Livraria Ingleza

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores.

Preços reduzidos

Rua Coronel Colares Moreira, 43.

Loja Nova Jeruzalém

Acaba de passar por uma grande reforma esta loja situada á rua Afonso Penna n. 8, encontrando-se todas as sortes de mercadorias.

GOMES BOM O BARATO

Rs 1.000

Talão bordado, perfurado, branco e roza, preparado na FARMACIA GARRIDO. Chamamos a atenção das gentis senhoritas.—Rua Grande, 10.

17$000

E' por quanto se obtem um fato de brim branco de 1ª gedão, bom, calças e paletó, na

ALFAIATARIA GUEDES,

á rua de Sadiana n. 3, canto com a rua 28 de Julho.

Coupons para concurso

Concurso n. 1
Revista Maranhense

Concurso n. 2
Revista Maranhense

MARANHÃO—JANEIRO—1917

Ano 2

REVISTA MARANHENSE

Num. 11

REVISTA MENSAL
ARTES, CIENCIAS E LETRAS

VESPAZIANO RAMOS

Depois de uma grande conquista no mundo das letras, depois de chamar atenção de todo o paiz para seu livro «Coiza Alguma» que é um primôr, que é um atestado de fecunda cultura do pensamento grandiloquo, da alta intelectualidade dos filhos da nossa Caxias, depois de tudo isto, Vespaziano Ramos, coroado de louros, passou pela nossa terra e foi-se pelas rejiões amazonicas, onde faleceu.

Sua alma de poeta vibra em cada uma das estrofes sublimes de seus versos que se encontram não só em «Coiza Alguma», como em periodicos, revistas etc.

Tudo que dissermos sobre Vespaziano é pouco, porque ele que foi um grande cultor da muza, um burilador conciente da palavra rimada, soube muito bem expressar na pureza sublime de seus versos, ora, a sua tristeza, ora, a sua alegria.

«Coiza Alguma» é um bom livro; tem 170 paginas.

Logo o primeiro soneto nos dá a idéa do que seja todo o livro que fulgura, que brilha, entre os que se encontram no Panteon Maranhense.

Vespaziano abre o seu livro com o seguinte soneto:

É este o primeiro livro meu, primeiro
Livro de amor que um grande amôr um dia,
Trouxe ao meu coração, forte e lijeiro,
Lijeiro e forte, na aza da poezia.

Podeis sentil-o, claro e verdadeiro
Palpitando nas folhas de harmonia,
Desde o primeiro verso ao derradeiro,
Ora, sendo tristeza, ora,—alegria.

Mostrai, agora, o coração: piedade!
Se aí, no vosso coração repouza,
Viva, de um grande amor, uma saudade,

Se destas rimas todas, uma a uma:
Podereis encontrar alguma couza
No livro, que não vale couza alguma.

E assim ele começa seu importante livro que é dividido em duas partes: sonetos e poezias.

Vespaziano Ramos nasceu em Caxias, fez parte da «Oficina dos Nozóse e deixou-nos ainda muitos sonetos esparsos.

Nós da Revista Maranhense que o admiravamos muito, sentimos bastante a sua morte e enviamos, tardiamente, embora, á sua familia os nossos votos de sentido pezar pela perda desse poeta filho da terra de Gonçalves Dias.

1.º DE JANEIRO

É já um prazer que sentimos de, na noite de 31 de dezembro, ficarmos acordados até á meia noite, para vermos o começar do ano novo, que julgamos sempre ser portador de venturas infi.

A's vezes nos enganamos; mas, durante o seu decorrer, qualquer couza sentimos dentro de nós, que nos dá corajem, enche-nos de vida, torna-nos fortes, altos para proseguirmos firmes, pela tenebroza estrada da vida, onde os fracos desaparecem e os fortes triumfam.

O que nos excita, o que nos dá vida e corajem é a esperança de sermos mais cedo ou mais tarde alguma couza, galgando, desde os baixos até os mais elevados degraus sociais.

O 1.º de janeiro é um feriado de que o povo mais se orgulha de tel-o entre os que marca seu calendario, porque nos fala de fraternidade universal e, ao mesmo tempo ensina-nos que devemos compreender «que em cada canto da terra ha um homem, existe um ente como nós, e que por isso deve ser considerado como um amigo, como um irmão».

E necessario experimentarmos o sentimento de fraternidade, porque «a realização deste soberbo ideal será o advento da almejada paz e do progresso em todo globo. Ai, então, as nações respeitar-se-ão reciprocamente; cada recanto do universo será um abrigo seguro ao homem; e as lutas, e as guerras hão de fatalmente desaparecer do seio da humanidade; finalmente os seculos deslizarão serenos, arrastando em sua passajem o carro triumfal do verdadeiro progresso».

Agradecemos muitos os nossos leitores pelo modo com que receberam os 10 numeros da nossa «Revista» no ano de 1916; e, confiados ficamos de que continuarão a recebe-los, com a mesma amabilidade, que dispensaram aos primeiro numeros.

Desejamos mais uma vez aos nossos amados leitores mil felicidades no decorrer do ano de 1917.

Personalidades

Creamos na nossa «Revista» esta secção com a ej... acima para falarmos sobre os homens de letras, que têm honrado e continuam a honrar a nossa terra, com o brilho ofuscante da sua grande cultura intelectual, e com os comprovados adjuntos, que os tornam sempre admirados por todos nós, que neles vemos reprezentada a grandeza de nossa terra, intelectualmente falando.

Será o primeiro a figurar Antonio Lobo, o grande jornalista, o orador apreciado, o mestre que sabia aplicar em sua aula os belos principios pedagojicos, o polemista destimido, que dezapareceu dentre nós, no dia 24 de junho do ano passado.

Que podemos mais adeantar sobre a sua personalidade, se todos os maranhenses a conhecem bem de perto? Dizer que ele foi um escritor que brilhava pela beleza da forma, pelo conciza da fraze, pela maneira que eram talhados seus periodos, pela aprovitabilidade de seus conceitos? Quem de tudo isto não sabe?

Antonio Lobo faleceu, e, agora mais, talvez doque em vida, as suas virtudes são inalteciás as suas raras qualidades são admiradas.

Bateu-se diversas vezes na imprensa, onde armou sua tenda de jornalista.

Era poeta e orador. Sempre estava ao lado da mocidade, encorajando-a. Foi diretor do Liceu Maranhense, onde ensinou Lojica e sempre procurou habilmente dezempenhar a sua

ardorosa missão. Deixou diversas obras que mais enriqueceram o «Panteon Maranhense». São as seguintes: «A Biblioteca do Maranhão em 1900», (exgotado); «A Carteira de um neurasthenico», romance publicado em 1903, «Pozitivismo e Microbios, critica, estudo filozofico publicado em 1908; «A Doutrina Transformista e a Variação Microbiana», publicado em 1909 «Os Novos Atenienses» publicado em 1903; «Pela Rema» publicado em 1911. Ainda existem «Debalde» de Sieukiewickz, tradução, publicado em 1901: Juiz sem Juizo, comedia de Buisson, em colaboração com Fran Paxeco; Henriqueta romance de Francois Copée Deixa muitos outros livros, ineditos.

Antonio Lobo faleceu, mas a mocidade compenetrada do seu dever, rende-lhe homenajem, porque admira o talento, porque admira o homem de letras.—M

A Academia Maranhense

Realizou-se, conforme estava anunciada, na noite de 30 de dezembro, a 1.ª sessão solene desta importante e prestijiosa academia, afim de receber como socio o ilustrado clinico e geografo maranhense, autor da carta da ilha de S. Luiz do Maranhão, da planta da cidade de S. Luiz e dos «Fragmentos para a Corografia do Maranhão», obra publicada em 1901, o Dr. Justo Jansen Ferreira.

A's 20 horas, mais ou menos, com a prezença dos academicos: José Ribeiro do Amaral, prezidente; Domingos Barbosa, 1.º secretario; Alfredo de Assis, 2.º secretario; Vieira da Silva, Astolfo Marques e Xavier de Carvalho, foi aberta a sessão pelo sr. prezidente, que convidou o sr. dr. Herculano Parga a prezidil-a.

Em seguida o academico Ribeiro do Amaral proferiu um belo discurso, referindo-se á fundação da Academia, seus esforços, e da esperança que a impulsionava a cumprir a sua missão. Ao terminar, o 2.º secretario leu a ata da sessão anterior, que foi aprovada, e o 1.º secretario leu o expediente, constando de oficios dos srs. José Augusto Corrêa e Raimundo Lopes, os quaes foram eleitos socios efetivos e comunicaram as suas respetivas aceitações; no mesmo sentido foram lidas as cartas dos srs. Humberto de Campos e Raul de Azevedo, socios correspondentes no Rio e em Manáos.

Seriam 21 horas, quando deu entrada na sala da sessão, acompanhado dos academicos Godofredo Viana e Alfredo de Assis, o academico eleito Dr. Justo Jansen Ferreira, sendo recebido por uma vibrante e entuziastica salva de palmas. Seguiu-se um bem elaborado discurso, pronunciado pelo novel academico, agradecendo a sua eleição, e salientando a personalidade do seu patrono, Candido Mendes, como historiador, como [illegible], como geografo e como jurista.

Seguiu-se com a palavra o ilustre academico Godofredo Viana que saudou o novo socio, destacando os seus meritos como escritor, professor e clinico. Os oradores foram muito aplaudidos.

Eram 21 1/2 horas quando foi encerrada a sessão, sendo o Dr. Justo Jansen mui cumprimentado por todas as pessôas prezentes.

Foi uma sessão que deixou, deveras, bôa impressão no espirito dos que tiveram a felicidade de assistil-a.

Nós, da Revista Maranhense, enviamos os parabens aos membros dessa associação de letras e penhorados agradecemos a distinção que nos fizeram enviando-nos um convite.

SONHOS!

Sonhos! Vãs quimeras!

Fógos fatuos!... Santelmo de nossa vida!... Sonhos!

Puras mentiras que tomão formas graciozas, para nos seduzir, para nos embevecer!... Sonhos! Filtros magicos que nos embriagam..... que nos extazião!... Sonhos!... Sereias sedutoras, facinantes, que nos atraem para os mares perigozos da loucura!... Sonhos!...

Eu os comparo a luz fitícia dos pirilampos, como uma couza tranzitoria, momentanea, que passa violentamente, como tudo n'este mundo!.... Sonhos!

Que valem, si são fementidos?...

Os meus sonhos, lancei-os no pó do esquecimento!... De que servia lembrar-me deles?...

Recordar o tempo passado?...

Para que? Sonhos! Tive-os e bem rizonhos!... Meus quatorze anos!... Tudo, tudo olvidei!...

Lancei uma esponja no passado: —Olho para o futuro, que é incerto, e vejo o prezente. Queres que teus sonhos voltem?

Pobre sonhador!... De que servem eles voltar, se não têm o mesmo encanto de outr'ora?...

Que voltem a povoar teu coração dezerto?... Tens o remedio a mão—Ama, procura um ente que te compreenda, que saiba sanar as chagas que o tempo te deixou. Eu, bem cedo vi ruir meus castelos; mas, ficou-me a esperança e espero ser amada por um ente que ha de compreender emfim a grandeza do amor que lhe tenho. Si algum dia a sorte me fôr adversa e destruir mais esta ilusão, me encontrará com o rizo nos labios para dezafial-a. Tomei por diviza:—«Rir, rir de tudo e de todos».

S. Luis, 1-1-1917.

Avitla.

Dr. Clodomir Cardozo



Foi com bastante prazer que vimos transcorrer, a 20 de dezembro ultimo, a data do aniversario natalicio do ilustre Dr. Clodomir Cardozo, que com muita competencia exerce o elevado cargo de Intendente Municipal. Por esse motivo a «Revista Maranhense» ilustra as suas colunas, estampando o retrato do [illegible] ilustre maranhense que muito tem sabido empenhar o seu carater em prol da Autonomia Brazileira».

DUENDE

A Clemente Guedes.

Eram as horas das trevas profundas. Sem saber como achava-me no vizo mais alto do Calpe: traspassava-me a medula o relento feio da noite e parecia-me que os membros hirtos se me haviam pregado no topo da penedia.

Olhava fito ante mim, e os meus olhos rompiam a escuridão do horizonte, como se a luz do sol o iluminasse.

O espetaculo maravilhozo que se passava nesse espaço insondavel fazia-me erriçar os cabelos, que o norte me açoutava com o sopro gelado.

Fis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de estar ali alguns não sei se instantes ou seculos.

O mar cessou de ajitar-se ou rujir, semelhante ao metal fervente destinado para a feitura de estatua colossal, que resfriasse de subito em vasta caldeira.

Era horribilissimo vêr convertido em cadaver, de todo imovel e mudo: O oceano: aquele oceano que ha mais de quarenta seculos nem um só dia deixou de revolver-se e bramir em torno dos continentes, (como o tigre ao redor da réz que jaz morta).

O sibilar das rajadas tambem cessou completamente.

Parado sobre a face da terra, o ar era semelhante ao lençol do finado a quem recaiçaram a gleba que o cobre, fria, humido, pezado, sem movimento, nenhum, sobre o peito, onde acabou o bater do coração e o arfar compassado dos pulmões.

10—1—917

Aquilles Alves

Mes-Hora

LAÇADAS...

Há alguns anos atraz tive ocazião de apreciar, em uma revista flaminense, dentre muitos cazos dignos de curiozidade, um em que foi fotografada, em uma sessão espirita, a filha de um endiumo morta há cerca de 20 anos. Este era o ilustre sr. Housman que muito se tem esforçado em propaganda do espiritismo, tendo publicado diversas obras de grande valor. O fato foi, segundo narrava a revista, em Washington.

Mas, caro leitor, não é tanto de admirar um cazo deste, porque um indentico houve no Brazil; com a diferença de que, aquele que houve em Washington foi a materialização do espirito, e, no Brazil foi a desmaterialização.

Vejamos como se deu o fato: como deveis saber procedeu-se no mez de dezembro, proximo passado, no «Liceu Maranhense», os ezames finais; pois, no dia 30 de novembro, sem prorogação encerraram-se as inscrições para os referidos ezames; porém, por meio de uma sessão espirita, realizada na Capital da Republica, onde havia um candidato para se inscrever num ezame aqui, veio de lá o espirito deste e, deixando inteiramente a materia inerte, procurou uma carcassa semelhante á sua. Foi assim no estabelecimento, iludindo ate a *soberka* vijilancia do sr. Fiscal, não obstante os protestos de algum ezaminador.

Somente uns 20 dias depois de encerradas as inscrições, foi que chegou, em um vapor do «Lloyd Brazileiro,» não me recordo qual, a verdadeira materia e o verdadeiro espirito do sr... candidato, o qual, entrando em ezame, se saiu bem.

E, caro leitor, o espirito do cidadão é bastante adiantado, é autor de uma obra recentemente publicada.

Portanto a materialização do espirito vai, segundo o que acabei de narrar, em progresso em Washington, e a desmaterialização em *progresso* no Brazil!

Um cazo destes não é de espantar, sim de comentar!

E o espiritismo vai em um *progresso*... assustador..

Asdrúbal.

Professor Fernandes

As suas ideias eram livres como era uma só a sua opinião sobre a existencia do mundo, o aparecimento do homem, sua vida e sua morte. Pessoa alguma o fez desviar da reta traçada em sua vida. Vivia, aqui no Maranhão, é verdade só e sem familia. Seus amigos o cercavam sempre e ele considerava como filhos seus alunos, que quazi quotidianamente frequentavam a sua caza, onde tambem distribuia as luzes do saber: ora, dando-lhes explicações de um ponto dificil de ser aprendido, ora, fazendo-os compreender lições por eles consideradas enfadonhas e obscuras. Incorejava constantemente a mocidade estudioza, fazendo-a não fracassar, tonar se forte e ativa na luta pela vida, nessa luta em que o forte procura quazi sempre sobrepujar o fraco. Era maçon e um dos mais esforçados membros da Liga do Livre Pensamento, que sempre reprezentou em diversas solenidades efetuadas, aqui na nossa terra. Vio-o pela primeira vez, quando tive de prestar exame de admissão para a Escola Normal. Era ele amigo de meu pai, que uma vez me levou a conhecel-o em sua residencia á rua da Cruz, numero 60. Morava num dos quartos do segundo andar, ele somente ele. Sofria sim, é verdade, mas era destes que sabiam sofrer sem demonstrar as suas dores. Compreendia e sabia bem interpretar esta fraze do filozofo: *Alterius non sit qui suus esse potest.*

Foi ele quem corrijiu os meus primeiros escritos como deveis saber, leitor, ainda trazia os traços de uma intelijencia, que começava a se manifestar, escritos estes em que existe o pensamento; mas toda a dificuldade está em expressal-o. E' certo que o principiante encontra mais obstaculo na maneira de dizer o que sente e pensa; mas uma vez isso vencido, pode com seus passos incertos, proseguir o seu perigrinar pelo vasto campo do jornalismo, onde muitas penas tem visto crescer seus primeiros cabelos brancos, assim como os vio o professor Fernandes, cuja vida jornalistica foi cheia de traços luminozos que ainda hoje estão ai estampados nos jornais *Paladium*, *Avante*, *Evolução* etc.

Foi ele um dos meus professores de portuguez, no primeiro e segundo ano da Escola Normal, depois em uma caza á rua Grande e mais tarde em outra á rua da Cruz, aprendi com ele essa materia.

Quando extinguiram a Escola Normal foi ele um dos que perderam o logar. Dai em diante passou a lecionar particularmente em sua caza e em outras, diversos alunos. Creio que era tambem professor do Centro Caxeral.

Todos os dias conversavamos e ele me contava varios cazos politicos, acontecidos aqui no Maranhão. Achando-se um pouco adoentado, embarcou para o Ceará para ver se experimentava melhoras. O beriberi sempre o perseguia.

Dando-se vagas no Liceu Maranhense, o governador do estado dr. Herculano Parga nomeou--o professor interino, primeiramente de Francez e depois de Corografia e Historia do Brazil, materia de que ele não conseguiu dar uma só aula siquer, porque compareceu a esse estabelecimento em um dos dias do mez de maio e no dia seguinte faleceu em consequencia de sofrimentos atrozes, que desde muito o vinham torturando e minando-lhe o organismo.

Durante a sua molestia estive com ele e lhe prestei os pequenos auxilios, que estavam ao meu alcance. Vivia ele sempre animado e até á hora da morte, conservou a maior serenidade de animo.

A maçonaria encarregou-se do seu enterro.

As sensações, que a esse respeito atualmente experimento são tantas que as não posso difinir. E' grande a emoção enraigada no intimo do meu mundo psiquico.

A justiça, o cumprimento de dever, o reconhecimento obrigam-me a expressar por meio da palavra escrita, não tudo o que desejava, mais alguma coiza, sobre a memoria d'esse morto querido, do jornalista de grande valor, que sabia convencer pela veracidade dos seus argumentos, do professor que fazia de sua profissão a norma da sua vida. Ele soube com a firmeza grandiloqua de sua convicção inabalavel enfrentar os preconceitos deste mundo em que o ser organizado debate, luta pela existencia.

A morte arrebatou o, é verdade, mas a sua memoria ficou bem inalterada. E hoje, que já se passaram alguns dias, e hoje que o pó da terra entranhou pelas letras talhadas no marmore do seu sepulcro, colorindo-as de sua côr, é tão somente hoje senhores e tão somente hoje que ainda com o coração partido de saudade, ouzo expressar o meu profundo sentimento de pezar a minha gratidão sempiterna ao mestre idolatrado, ao mestre cuja recordação não sairá nunca da minha memoria, ao mestre cujas lições sem duvida me iluminarão o caminho do futuro, ao mestre cujos ensinamentos me servirão muito. Viveu um viver de um abnegado de um homem que sempre firme teve as suas ideas, de um homem que por ser justo serio sofreu da mandira que todos nos vimos: todos os tormentos que o justo sente, todas as maguas dos predestinados, todas as amarguras que o corações bem formados experimentam.

S. Luiz,—4 12 916.

José Monteiro

Realidade

Ao professor Monteiro.

Sentado á soleira de um albergue achava-se um cazal, tão velho e tão pobre, que já havia atinjido o ocazo da vida.

Esta para essas duas creaturas tinha sido um verdadeiro paraizo de felicidades.

Cazaram-se eles ainda muito jovens, por expontanea vontade. O prazer para ambos já se havia, portanto, extinguido.

Agora, não bem lonje, raiava a aurora, e os velhinhos, de mãos trémulas e cabelos brancos, como ne-

ve, assomavam á porta da triste e solitaria habitação, e contemplavam o quadro lindissimo do despontar do dia.

E assim viviam e assim passavam a vida, á espera da morte e da mão caridoza e amiga, que lhe desse uma esmola.

Um dia, não apareceram á hora de costume; passados alguns instantes, aquela auzencia cauzou grande admiração aos seus antigos vizinhos, dirijiram-se algumas pessoas até ali; para vêr o que era feito dos bons velhinhos.

Que surpreza !...

Num alegre gorjeio, num trinar doce, num soluço tenue como duas almas fugasses, a remontar, lijeiras aos paramos do firmamento intermino, tinha passado desta vida, para outra vida, aquelas duas almas cançadas e frias !...

Agora, ao despontar da madruga, não mais se vêm os cois velhinhos de mãos tremulas e cabelos brancos, sentados á porta da solitaria cabana...

El.

A marjem de um rio

A' amiga Raquima Gomes da Silva

Fôra na Primavera.

Em uma dessas noites em que Diana mostra-se alt va esparjindo sobre a terra a sua luz branca e suave; Dulcina, uma simpatica morena de negros cabelos, sentada sobre grossos troncos, debaixo, de um frondozo arbusto, á marjem de um rio, contava ás suas intimas amigas, epizodios do seu primeiro noivado.

Oziel, chamava-se o seu primeiro noivo, o qual a amava loucamente, mas, com um amor despido de confiança.

Não a queria deixar um só momento temendo que lh'a roubassem. Tinha ciúmes até da propria briza, quando no seu *raiver* constante, oculava a morena e macia tez de Dulcina. Inesperadamente Oziel é forçado a retirar-se para bem lonje de sua noiva. A despedida foi muito sentida, mas, como o amor de Oziel semelhava-se a alguma flôres que desabrochando ao romper d'aurora, ao pôr de Apolo murcham e abandonando a haste são levadas pelo vento as rejiões lonjinquas; não tardou muito para que Oziel desse o seu coração a outra.

Dulcina tendo certeza disso tratou de despachal-o por meio de uma missiva a qual teve por resposta o silencio.

Longo tempo se passou.

Hunaldo, um jentil mancebo, apaixona-se por Dulcina e ela, cujo coração dolorido e triste vivia em busca de um lenitivo para as suas mágoas, aceitou o sincero amor de Hunaldo, e, hoje são noivos.

Oziel embora desprezando sua ex noiva não queria que ela pertencesse a outro.

Sabendo do noivado de Dulcina tentou desmanchal-o.

Uma carta cheia de meiguices e das mais belas promessas, envia a sua ex-noiva, procurando assim reatar o seu antigo amor.

Dulcina ao lado de Hunaldo no mais doce idilio de amor e contemplava as belezas da natureza, quando lhe foi entregue a carta de Oziel. Sem reparar, abriu-a lijeiramente e ao ver o conteúdo dela, empalideceu, deixando rolar-lhe pelas dell, cadas faces duas lagrimas, como fios de perolas...

Seu noivo notou que qualquer couza de anormal se passava. E ela, nervoza, com os olhos cheios de pranto, como se fossem duas fontes d'agua cristalina, fitando seu noivo, com um olhar interrogativo entregou lhe a missiva. Hunaldo, depois de a ler, compreendeu a interrogação do olhar de Dulcina e, para provar lhe a confiança, que tinha no amor, que ela lhe votava, abraçou-a com os seus musculozos braços, e ouzadamente deixou que, num prolongado beijo, os seus lábios trementes se unissem aos carmineados lábios de Dulcina.

Diante desse quadro sublime, a natureza mostrava-se de um esplendor mais lindo !

B. Vermêlho,—6 12 916.

Iris.

NOIVA

A' Zante

Nunca viste chorar uma virjem noiva ?

Nunca reparaste o seu meigo semblante, transfigurado pelas lagrimas que lhe cáem dos olhos em borbotões trementes de ancias e de dezejos ?

A sua fronte pallida, parece encerrar um misterio, um misterio que geme e clara, na agonia lenta de uma duvida atroz.

A noiva vê a breve realização do ideal ha tanto soubado.

Vê o proximo fim do seu sonho de amôr e tême que a realidade seja o adresso do que a sua mente vinha profetizando.

A noiva que chora, no instante aliás dezejado, em que se vai ligar ao ente a quem adora, sente um rubôr forte tinjir-lhe as faces de virjem casta.

Essa pequenina onda de sangue que do coração lhe sobe ao rosto, traduz a incerteza e a duvida muitas e muitas vezes ditadas pelo seu coração que receia o dia de amanhã, em que, passada a lua de mel, surja a primeira dezavença, a primeira desiluzão, como um prenuncio agoreiro de dias maus.

E' raro o homem que compreende bem o que se passa, em tal momento, naquela alma de jovem.

Não ha pena que descrever possa o misterio do pranto que dece dos olhos desse ente ainda dos dominios de Deus, em vesperas de ligar-se ao homem que a espera em extazis de orgulho.

Misterio que nace com a primeira iluzão e morre com o primeiro beijo.

Misterio que vagueia na alma da virjem como a fiel companheira de suas meditações e testemunha constante dos suspiros que solta quando se sente feridas por Cupido.

Lagrima pura e benefica a da noiva; lagrima que contem em si o epilogo de romance nacido aos primeiros anos da jovem que vai casar.

Misterio sublime que eleva quem o sente e confunde quem o percebe.

Prologo de uma existencia feliz ou prenuncio de um viver de sofrimentos.

A virjem não sabe o fim que a sorte lhe reserva, por isso a marujem das lagrimas lhe inunda o rosto.

E as lagrimas, como perolas, lhe orvalham o colo e cessam ao fogo ardente dos olhos felizes do noivo amado, que não conhece, não sabe nem pode conhecer, mas advinha tudo que se dezenrola no intimo d'alma daquela que lhe servirá de companheira na trajetoria da existencia.

Lagrima de noiva !

Ninguem te poderá definir !

Tu és um misterio sacrosanto que ninguem ouzará advinhar !

Lagrimas de virjem !

Misterio de Deus !

Misterio do Céo !

Peri.

FLORILEJIO POETICO

MARIA

Quando eu morrer, eu quero o meu caixão
Coberto de lilaz—cor da saudade...
Quero o despido de qualquer vaedade,
E não dezejo muito chôro, não !

Quero a meu lado, a santa devoção
Para levar-me ao ceú da eternidade...
E quanto o amor da terra, com lealdade,
Eu morto levarei no coração.

Quero tambem, ó mãe, têr-te a meu lado
Abençoando o teu filho extremecido,
Ao largar-se da vida, dos escôlhos !

E tu, Maria, amor idolatrado,
Envolta no teu pranto humedecido,
Virás sentida me fechar os ôlhos !

S. Luiz.

Clemente Guêdes.

SONETO

A' alguem...

Teus olhos pretos, cheios de ternura,
Têm a expressão sincera da amizade :
Primores são da tua mocidade
Tão cheia de alegria e de ventura.

E's um anjo, pois tens a essencia pura
Da Beleza, do Amor e da Bondade.
Escrinio de inocencia, e caridade
Teu peito encerra, o ! meiga creatura.

O teu semblante casto de creança
Tem a candura atérea de uma flôr
E a palidez de um lago de bonança...

E's uma estrela em todo o seu fulgor,
E's minha ardente e cólica esperança,
E's o meu sonho, o meu primeiro amor.

S. Luiz—916.

V. Hugo.

PERDOANDO

Quando outr'ora por ti andei sofrendo,
Pedindo a lúz que nos teus ólhos tinhas,
Tu não ligavas nas promessas minhas,
E nos deixaste o'um vivêr horrendo...

Sim, nunca me atendias... Compredendo
Embóra a minha dôr, sempre mentinhas
Odios a mim... E, assim, como estrelinhas
Passaste... E eu vim aos pouco me esquecendo.

Hoje, as mágoas, talvéz, do teu tormento,
Sejam remórsos, que a justiça junca
Sobre o que me causar tu pretendias...

Se forem, perdoar-te-ei do sofrimento ;
Pois eu não posso vêr sofrendo, nunca,
A ti que foste a gloria de meus dias !

S. Luiz—917.

Felix Sampaio.

VERSOS ALEGRES

A' H. D.

Neste soneto sem valôr, aqui
nas pobres rimas destes versos,—flôres
da minh'alma rizonha—os meus amôres,
co' a mulher mais voluvel que eu já vi.

Eu vou contar :—Um dia, ó sonhadôres,
o empedernido coração pedi
desta joven mulher que hoje sorri
procurando ocultar as suas dôres

E assim passámos um vivêr feliz,
depois... depois um natural arrufo
tudo desfez... e tudo está finado !...

Não guardarei siquer a cicatriz
deste amôr tão infausto, e me empantufo
por me ver afinal ex-DESTERRADO.

S. Luiz, 7—1—917.

Albino Cruz.

AMANDO...

A' N. C.

Mulher ! a ti consagro a minha vida
Incerta e d'ilusôis sempre perdida,
«Mas sofrega d'amor !»
Se é pequena esta oferta me perdôa,
E então podes cantar, então, então,
Que enlouqueci de dor !...

Entreguei-te o que tinha de melhor,
De mais dôce, agradavel, de maior,
Aqui na solidão
Deste mundo cruel em que vivemos...
Mas do amor, se quizeres, poderemos
Gozar satisfação !

Dispõe mulher, dos dias do meu viver.
A vida já não posso comprender,
Sem te ouvir, sem te olhar !
Não te vendo, não vejo o grande sól,
Que me illumina como o rouxinol
A' mata com o cantar !

E's a deuza dos sonhos que povôam
Minh'alma e que, com pouco, me atordôam,
Tirando-me a razão !...
Adóro-te mulher ! Has de ser minha !
Não posso dar-te um dote de rainha,
Mas dou-te o coração !

S. Luiz, 16—12—916.

Morima Leira.

Doce recordação

Para A. S.

A primeira vez que nos vimos foi uma transfuzão de olhares calidos. Uma leve palidez aclarou-lhe o moreno do rosto. Fiquei, por alguns instantes, num desapontamento ..

Sentia a investencia dos seus olhos sob silios longos que se moviam rapidos uma inquietação nervoza.

Dominando-me, tinha as mãos frias e o coração pulsava violento.

Ela resplandecia numa elegancia, simples, que revelava no arranjo graciozo do cabelo, no alinho irrepreensivel do vestido claro.

Subitaneo enlevo uma lin la tarde de maio de que me recordava sempre com saudade...

Enunca mais pude esquece-la, por mais que me esforçasse, recalcando no intimo a cruel amargura, com a lembrança de um insucesso, talvez...

O seu todo «mignon» a sua imajem, as linhas do seu rosto uma por uma não me saiam do pensamento.

Quntas vezes, ahelante percorri as ruas da cidade, para ve-la, contemplar o seu perfil meigo, vivaz. .

Debalde...

Agora estava ali, radiante, bela facinadora.

Parecia um sonho... O' felicidade ! Serria completa ?...

Era uma brincadeira intima, familiar, aniversario da sua colega de 3º ano, muito alegre e muito boa que era Sinhazinha Ramos.

Alem disto era vespera de Anc Bom, duplo motivo da festa e das alegrias que havia, rebrilhando na fizionomia satisfeita de todos, na troca de gestos amaveis entre os inumeros cavalheiros e senhoritas.

Levara-me até lá esse dezejo instintivo de nos divertir, distrair o espirito, que em certas ocaziões não nos permite ficar entre as estantes folheando os livros.

A leitura, o estudo, põe o espirito em movimento com o entrechocar das idéas, eleva o ideal fortalece o coração para vencer.

Mas, deixam la,a vida tem multiplos aspetos. «O esporte» torna-se uma necessidade imperiçavel.

E dansar, trocando galanteios com as morenas é um meio bem salutar de dar expansão á mocidade a que não nos podemos furtar-nesse relampago que é a vida cheia de quimeras e ilozões !

Fui.

Vencendo o déliquio da situação, ardente, impetuozo fui tira-la.

Acedeu cordialmente.

Tomando os sues nas minhas mãos,saimos volteando por entre os outros pares, indiferentes, entregues á doce harmonia daquela muzica que tinha a suavidade de aguas cristalinas que correm serenas para o mar...

Era uma valsa... Valsa divina, embriagadora, composta por algum Wagner moderno que eu nunca ouvira com tanta emoção. Blandicioza e terna que me fazia vibrar as cordas mais delicadas do sentimento do suave contato daquele corpo gentil, leve,—sorvendo o perfume dos seus cabelos, a luz acariciadora do seu olhar...

Não a deixei mais, não podia deixa-la.

Conversámos muito. Eu nunca me sentira mais verboso e tão franco. Falámos em geral de amor e de amores. Os motivos não esgotavam. E as palavras brotavam espontanea.

Ao seu todo incinuante, dição clara, vibrante se aliava uma graça toda sua, sabendo ser ao mesmo tempo expansiva familiar discreta, que encitava, seduzia irreduzivelmente.

Contei lhe todo o meu romance ella contou-me o seu.

—Quanto gozei nessa inesquecivel noite de Ano Bom no recinto confortavel daquele salão que a claridade pulsatil de dois focos brancos de gazolina, envolvia numa feeria de luz que se derramava pelas janelas abertas.

Quando te tornarei ter nos braços, creatura gentil que adoro para outra vez gozar os enlevos inefaveis de uma valsa que dansamos por entre carícias e ternura...

Alcindo.

Coronel Frederico Figueira

Foi no dia 10 de dezembro que o povo Barracordense festejou, mais uma vez o natalicio do venerando Cel. Frederico Figueira, nome por demais conhecido, especialmente, nos sertões do Maranhão, não só pelo seu admiravel talento, não só pela sua valoroza e imponente pena de jornalista,como pelo seu criterio honrado e pelas suas peregrinas qualidades de brazileiro ilustre.

Dentre os elevados cargos que tem exercido o ilustre maranhense podemos salientar o de deputado estadoal e o de prezidente do «Congresso Estadoal», exercendo, por esse mesmo tempo, o de governador interino do Maranhão.

Como orador todos nós o conhecemos pelos seus vibrantes e eloquentes discursos.

Frederico Figueira, atualmente, é redator da brilhante folha denominada «O Norte», na qual trabalha pelo engrandecimento da cidade da Barra do Corda.

A «Revista Maranhense» ocupando-se hoje, embora tardiamente, da personalidade de Frederico Figueira, envia-lhe, como um dever honrozo, os seus sinceros cumprimentos por tão grandioza data.

A sinceridade no amôr

A alguem...

Era uma bela noite de agosto; a lua com seu melancolico clarão vinha em auxilio de Celina e Alvaro que alegremente faziam juras éternas de amôr.

Esses dois jovens eram felizes, o amôr os tinha unido, desde a mais tenra idade.

—Dize-me, Alvaro, se um dia fôres obrigado a partir, será facil me esqueceres ? O jovem apertou a mão de Celina, dizendo: Não creias que te possa esquecer; o amôr que te dedico é puro e sincero; juro-te que serei teu até a morte. Um sorrizo brincou nos labios de Celina, e o coracão pulsou com violencia. O tempo correu e Alvaro partiu para os estudos.

Celina o esperava com reziguinação e corajem.

Um dia foi ela chamada por seu pai, que lhe disse: Minha filha, o teu cazamento com Alvaro é impossivel, pois seu pai está completamente arruinado, portanto deves esquecel-o para sempre; és rica e não consentirei jamais que te unas com um homem pobre. Meu pai, bradou Celina, Alvaro será meu espozo e se precizo fôr para conseguir a nossa união eu renunciarei toda a minha fortuna, irei lutar pela vida, mas dar-lhei minha mão.

Horas depois, Celina escreveu ao seu inditoso, comunicando-lhe o que se tinha passado, emquanto seu pai mandava desmanchar o contrato de cazamento.

Alvaro partiu dias depois em busca da caza paterna, emquanto Celina debatia-se no leito da agonia com uma febre tifica.

S. Luiz, 26—12—916.

Gasera.

—A Seguir

Desalento

Quanto minh'alma sofre neste mundo
Em que tenha um momento de alegria...
Quanta tristeza e dôr quanta agonia
As vêzes sinto neste val profundo!

Não sei porque, no meu viver confundo,
Encerrou-se esta atróz desharmonia!
Não sei porque é que sofro noite e dia
Neste desterro amargurado e fundo.

Mas sei que minha vida é solitaria;
Tristonha e sem limites, mortuaria,
Onde descança o meu poder incérto;

Onde descança o meu amôr que chôra
Pelo uma virjem que eu amei outr'óra,
Que nunca mais a vi no meu dezerto!

S. Luiz—916

Felix Sampaio.

A Canastra da Revista

Recebemos e penhoradissimos agradecemos e retribuiremos as seguintes publicaçõis que horam a nossa meza de trabalho:—O «Lilaz», orgam do belo sexo caxiense, de Caxias:—O «Orvalho», Revista de Maceió, Alagôas;—«Patria», bem elaborado Jornalzinho que borda a arena de Amarante Piauí;—«O Jornal Batista, orgam Oficial da Convenção Batista Brazileirá, do Rio;—«O Gladio», brilhante orgam quinzenal, literario e noticioso que circula na arena jornalistica de Garanhus (Pernambuco):—«Credito Mutuo», orgam de propaganda da acreditadissima sociedade de sorteios denominada «Credito Mutuo Predial» que funciona sob a firma de Chaves e C. nesta Capital.

O «Credito mutuo», pelo seu formato e pelos trabalhos literarios que encerra, de penas de alto valor nas létras Maranhenses, de cérto, conquistará a admiração dos que se demostram interessar pelas couzas do belo e ainda, dos que se interessam pelo progresso daquela sociedade

Traz em sua ultima pajina uma relação minuncioza dos premios que tem sido destribuidos desde 18 de dezembro de 1914 até 4 de dezembro de 1916, um total de 100:182$500 reis.

Ao «Credito Mutuo», um progresso na arena do cargo que ocupa é o que lhe dezejamos.

Anita Costa (S. Luiz)—Recebemos a sua dedicada missiva e seus versos «Magoas». Estão bem metrificados, porem, não gostamos nada deles.

Sim, nós não gostamos deles; desde a dedicatoria que está nestes termos:

«Ao meu queridinho Manéco», Ora, como vê a senhora, x.os seus versos trazem,digo, demostram uma grande fraqueza na forma em que x. se espressa.

Veja como estão *esprimidos* os seus versos e em que estado a senhora X. se encontra:

Eil-os:

«Manéco, meu adorado,
Meu anjo, mui dedicado
Que na existencia encontrei,
Tu és estréla brilhante,
Es meigo, doce, galante,
Dês do dia em que te amei!»

«Por ti, meu doce Manéco,
As vêzes na vida péco
E padeço por te amar;
Mas, feliz serei contigo,
E mais serás tu comingo
Se um dia nos *encontar*»

Assim, pois, não apreciamos as sextilhas, porque esse *modo* de tratar por meu *bemzinho* meu *Perfzinho*, meu *dengozo, chorozo, melodiozo*, já não nos fica decente. A nossa Revista ja está na arena, n'um outro ano, portanto, devemos tratar de melhorar as colohoraçõis. Faça a senhora x. outro escrito ou corrija esse mesmo e mande-nos que será publicado como nos pede.

Alberto Viana (S. Luiz)—Recebemos seu escrito, porém, deixamos de dar publicidade derido tratar de propaganda. Como sabe o bom amigo, nós, aqui, pequeninos, trabalhamos em pról do engrandecimento da nossa grande literatura patria. Esforçamo-nos para esse fim, e não o de propaganda de outra especie, porém, cazo o amigo queira será publicado nas «Solicitadas»—na seção dos *aranes*.

Ao bom camarada, portanto, as nossa desculpas.

x 4 x. (S. Luiz)—Vae aqui mesmo as suas quadrinhas epigrafadas «Partir»

Eil-as:

PARTIR

Á alguem

«Eu já vou partir,
Já vou te deixar,
—Estás a chorar
Antes de eu seguir?»

«Ai! não chôres, não!
Que eu levo saudade
De ti, da cidade
No meu coração».

S. Luiz. x 4 x.

J. Magalhães S. Benedito, (Ponte Nova)—Recebemos a sua missiva com os versos e o conto, anexos, que serão publicados neste mesmo numero. Quanto ao torneio charadistico de que nos fala o amigo e leitor, brevemente surjirá, pois, já é nosso dezejo de ha muito, e se ainda não o encetamos, é tão somente por falta de espaço. Aguarde opportunidade.

Rôdes (S. Luiz)—O seu pseudonimo rejista o valôr da sua pena. Recebemos o conto e os sonetos.

No proximo numero daremos publicidade. Deixamos de publical-os neste numero por já estar em concluidas as matérias.

Aguardamos novas produçõis suas para as [illegible] colunas da nossa «Revista».

Fonck (S. Luiz)—Temos em nossas mãos a carta data da de 6 do corrente em que nos pede você, publicidade de uma coloboração intitulada «Odio de Mulher».

E eis como começa a sua missiva:

Illm. Sr. Redactor da «Revista Maranhense».

Local.

Peço a V. Ex. se *digneis* publicar na superdita e conceituada revista a humilde coloboração que anexo a esta *encontrará*. Desde já agradece o favor o Creado Obr.

Fonck.

Pelo que vemos, o sr. Fonck não tem razão no que diz quando fala da mulher ter no coráção um odio infernal, uma vêz que o sr. Fonck prova que tem em, tambem, grande odio da gramatica quando diz: V. Ex. se *digneis*. Continuando, o sr. Fonck diz no seu escrito:

«Esse *odio* que lhe nace do coração e quase sempre oriundo desse mesmo amôr delirante e ardente que Cupido num dos seus inumeros caprichos transforma rapidamente em *odio* tem sempre um tetrico fim».

Que *beleza* é essa de *odio* transformado em *odio* !

Mais adeante diz :

«Assim como o trigre *esconde* as mortiféras garras sob o pelo aveludado, quando em estado de quietação, um sorriso, um olhar, velado por longas e *sentinéas* palpebras, *esconde* um mundo de tempestades encerradas no coração de Mulhers.

Os grifos são nossos.

—Que o sr. quer dizer, *seu* Fonck, com essas palavras *sentinéas palpebras* ?!—Ora, *seu* Fonck vá plantar... jabótas.

Luizinho Sábio.

Nota :— Nesta seção, no numero p. passado, onde se lê, vê o *poéta* como o ritimo dos seus versos *não são* para, etc.

—Leia-se: vê o poéta como o ritimo dos seus versos não é para, etc.

CHVACOS

E em plena mocidade que todos os povos procuram deleitar-se na psicolojiia das festas que habitualmente se realizam todos os anos.

Vê-los assim, ironicamente versados nos estudos classicos desse desenvolvimento imoral, parece que a sociedade devia retrair-se desse infame progresso, que lhe deve causar mêdo, visto que a moral social muito se tem deixado vencêr pela profanação imbecil e ouzada, que costumeiramente se congrega em todas as festas.

Nestas, em sua maioria, quazi que, nenhuma familia, venerando o seu pudôr pode continuar, sem retrair-se de certos individous destimidos e petulantes, que procuram dar amplitude ao procedimento perverso que lhes domina o espirito vigorozamente vencido por esse microbio.

Essa perdição chegou a progredir tanto, que a Igrêja, outrora tão respeitadora, hoje foi envadida, como observei pelo Natal em a missa do galo !

Entre tres desses templos catolicos que vizitei nessa noite, tive o ensejo de, com admiração, vêr tanta liberdade entre os dois sexos e tantos namoricos escandalozos, que condecendendo no procedimento de certas môças, direi que muitas não souberam quando começaram nem terminaram as missas; e só se retiraram, porque o Sacristão, tendo que fechar a Igreja, não consenteria, por mais tempo, que continuassem ali os tais escandalos.

Vêjam o procedimento deste: soavam as dôze pancadas da noite, no reguladôr da Igrêja de «São João», quando surjiu em frente ao «altar-mor», um vigario alvo, estranho na pequena e bela Igrêja de Nossa Senhora da Conceição, pois que, o encarregado da mesma o popularissimo conego Chaves.

Muitas pessôas, estranharam a prezença daquele novo personajem que ia celebrar a missa, e, até mesmo um pobre cão, que ali se achava, desconhecendo-o, começou a ladrar.

Sabem o que fez o educado Sacristão ?

Pegou em um «cabo de vassoura» e arremessou-o muitas vezes sobre o pobre animal irracional, justamente em a hora que Jezús nacia !

Iguais a essa, quantas não se terão dado ?

Por esta vez fica por aqui.

S. Luiz.

Jota Vá.

ROZINHA

A ! se um dia juravas-me, Rozinha,
Que me adoravas, casta e loucamente,
Eu iria saudoze e mui contente
Vêr-te na bela e plácida cazinha...

Ali, ajoêlhado aos teus mimozos
Pés, eu te juraria os meus amôres;
E depois cobriria de mil flôres
Os teus seios ardentes e formozos.

Debaixo do arvorêdo, onde, querida,
Enches o dedicado labirinto,
Contar-te ia, Rozinha o quanto sinto
Por te amar nestes tranzes desta vida.

Ali, os rozeirais belos, floridos,
O frondozo e aprazivel arvorêdo,
De cêrto, guardariam n'um segrêdo,
O amor que eu relatasse aos teus ouvidos...

Francisco Coelho.

A predial do Norte

E' com bastante prazer que venho acompanhando, há quatro anos, o movimento desta util sociedade de predios que, de 1912 a 1916, deu como premio, aos seus associados, durante esse tempo, a avultada somma de 722:657$000, quantia esta que maior conceito vem conferir à Predial do Norte.

Com os seus inumeros predios construidos e em construção maior embelezamento vem dar a esta capital, onde tantos terrenos abandonados existem, e frequentemente se servem para fazere despejos.

Os predios são de construção moderna e garantidos pela sua durabilidade.

Quem no Maranhão não possue, pelo menos, uma caderneta desta sociedade predial ?

Todos possuem porque reconhecem as suas grandes vantajens.

Quanto ao seu «Diretor-Gerente, sr. Adolfo Parauzo, não posso deixar de mencionar os seus incansaveis esforços, procurando sempre meios mais vantajozos aos seus associados.

Para exemplo temos o novo plano de reunir as duas series em uma só, chegando até a ouvir a opinião dos associados, antes de executal-o.

Isto que ora faço, leitor amigo, não é uma propaganda nem se quer um reclamo, mas, sim, um ato de inteira justiça !

A. G.

Os belos gestos d'uma Atriz

(Continuação)

Georjina Peres, na noite da sua estreia no palco parisiense, encontrou o teatro literalmente cheio, do qual arrancou estrepitozamente os mais espontaneos e frenéticos aplausos até mesmo daqueles assistentes mais indiferentes.

Foi um triumfo tão completo que o próprio Diretor, secundado pelo pessoal da caza, isto é, artistas do palco, lhe regatearam os mais francos elojios. Na noite seguinte

Continúa na pajina 94

O MEZ SOCIAL

ANIVERSARIOS:

Fulgencio Pinto

A 1º de janeiro este nosso companheiro, que luta pelo progresso da nossa «Revista», viu transcorrer mais uma data natalicia do seu aniversario; e nós, que vemos em o aniversariante um cultivador das letras atenienses, abraçamol o.

—A 4 de janeiro completou mais uma primavera o jovem Eglantine Almeida.

Fran Teixeira

Este nosso assiduo colaborador viu transcorrer, a 8 do mez passado, a data do seu natalicio. Por esse motivo recebeu de seus amigos e colegas muitas felicitaçõis

Fran Teixeira que criteriozamente exerce as funçõis de revizor da brilhante folha «O Estado», desta capital, é cultor das muzas e um moço dotado de fina educação.

Como nós outros, tem se esforçado pelo engrandecimento da nossa «Revista», e por isso, nós o abraçamos.

João G. de Abreu

Completou, no dia 14 do corrente, mais um ano de precioza existencia o nosso ajente e ilustre telegrafista João Guilherme de Abreu, filho, que é muito estimado pelo povo eurupuense.

Enviamos, ao aniversariante, os nossos cumprimentos.

Gonçalo Moreira Lima

E' com muito prazer que rejistamos o aniversario deste nosso colaborador, ocorrido a 16 do corrente.

Moreira Lima, frequentemente, publica nas colunas desta «Revista», sob um modesto pseudonimo, as suas apreciadas produçõis poeticas.

Ao aniversariante enviamos as nossas felicitaçõis.

A 19—o sr. cap. Canuto Muniz, nosso assinante.

A 26—o jovem Armando Torrião, nosso assinante.

A 28—a senhorita Anicota Castro, uma das nossas assiduas e dedicadissimas leitoras.

A 29—a gentil senhorita Francisca Bastos Bojéa, nossa assidua leitora.

A 29—a interessante menina Raimunda Ferreira do Lago.

A 30—o cap. Ciro Ferreira do Lago, nosso assinante e empregado na Companhia das Aguas de S. Luiz.

Parabens.

VIAJANTES

Dr. Raul Pereira

Acha-se novamente entre nós, de regresso de sua excursão pelo interior do estado, o ilustre Dr. Raul Pereira, que com muita competencia exerce o cargo de oficial de gabinete do governador do estado.

Falecimentos

Faleceu nesta capital, depois de alguns dias de padecimentos, no dia 5 do corrente, a senhorita Zaléa Godinho, filha do coronel Manoel Carlos Godinho, e sobrinha do professor Domingos Machado, de cuja rezidencia saiu o seu enterro.

Aos parentes da extinta, enviamos os nossos pezames.

—Em Miritiba faleceu, no dia 21 de dezembro, a exma. sra. d. Rosa Cardozo Nunes Pais, espoza do Major Miguel Arcanjelo Nunes Pais, e mãi das exmas. sras. d. d. Maria e Luiza Cardozo Pais.

A' familia Pez enviamos os nossos pezames.

Dr. Oto Galvão

Acha-se entre nós, vindo de completar, na Capital da Republica, o seu brilhante curso de medicina, o ilustre e inteligente dr. Oto Galvão, filho do conceituado clinico maranhense dr. Oscar Galvão, lente de Historia Natural e Diretor do Liceu Maranhense e nosso colaborazor

—Com o fim de passar as ferias em companhia de sua familia, acham-se no nosso meio o academico de engenharia, inteligente moço Jozé de Oliveira Machado, e seu prezado irmão Jacinto Machado, que cursa um estabelecimento de educação na capital baiana.

—No dia 27 do corrente partiu para a Baia o bacharel Manoel F. Pinto Garrido, funcionario federal.

—A todos enviamos os nossos cumprimentos.

Felicitaçõis

Recebemos e agradecemos as felicitaçõis abaixo:

Professora Almerinda Rodrigues;

G. Moreira Lima;

João de Souza e Silva;

Aureliano R. de Souza (todos desta capital);

Amelia Santos (Caxias);

Antero Paixão (Carolina);

Carlos Pacheco (Minas Gerais);

Custodio Rocha (S. Paulo);

Marcos dos Santos Sobrinho (C. Federal);

Antonio P. de Lemos (S. Paulo);

Senador F. Mendes de Almeida, nosso digno reprez entante na Camara Federal.

Prezepios e reis

Este ano vizitamos muitos prezepios.

Podemos mesmo dizer que houve mais prezepios que no ano passado. Uns em sua pequenez chamavam atenção dos que os vizitavam, outros pelo seu maior tamanho, tambem, se tornavam admirados. Vendo-se em todos eles, sob uma pequena lapinha, Jezus, rodeado de anjos, Maria, Jozé, os reis magos viandantes e pastores, que lhe iam fazer varias ofertas.

Os reis estiveram bastante animados, na noite de cinco. Cantaram em diversas cazas. Na rua de S. Pantaleão vimos diversos; entre eles podemos citar o «Infantil», e o da Estrela», etc.

O «Foot ball»

Estiveram bastante animadas as pelejas travadas entre os jogadores do «Club do Remo» do Pará, e os do «F. A. Club», desta capital.

Os paraenses ganharam taças, que foram ofertadas pela imprensa, pelo municipio pelo comercio e pelo «F. A Club».

Os nossos jogadores sairam-se regularmente

Os do «Club do Remo, regressaram á sua terra no corrente mez.

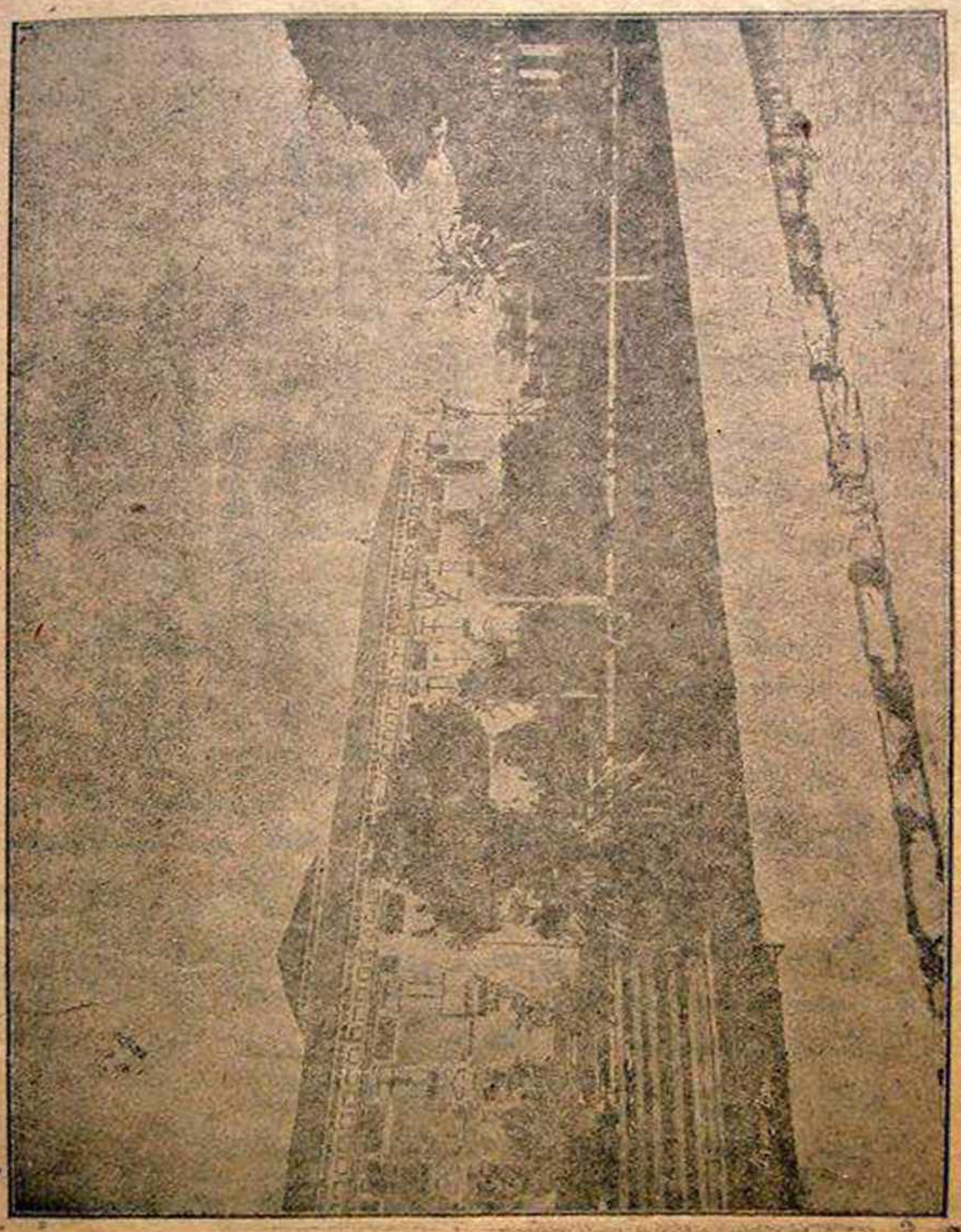
Erratas do numero 10

Na poezia:—«Passaredas», de Astrolabio Caldas, onde se lê:

«Saltando sempre nas belas ramadas»—leia se—«Saltando sempre em cima das ramadas», etc.

O soneto «Forasteiro», de Fran Teixeira, por ter saido totalmente errado, brevemente o publicaremos.

Encontram-se tambem diversos senões nos artigos: «O Mez Social»; «Canastra da Revista»; «Carta Aberta»; «Ancilla Domini», etc que serão reparados, facilmente, pelos nossos bons leitores.



Edificio da Santa Caza da Mizericordia, na praça do mesmo nome.

empreza levou á cena outro drama não menos impelgante de passajens comovedoras em que Georjina desempenhou com a mesma segurança e maestria galante, os principaes papeis nos quais foi delirantemente aplaudida pelos frenéticos assistentes que, nesta noite, num entuziasmo arrebatador, a proclamaram rainha do teatro parizense!...

—Findo o espetaculo, muitos dos assistentes nvadiram os bastidores, no intuito de a felicitar, mas já ela se tinha *evaporado* no seu carro coberto, o qual a esperava sempre no pateo do edificio.

No dia seguinte, o Emprezario, tendo mandado chamá-la á sua prezença, disse-lhe:

Minha talentoza atriz, eu não tenho mais necessidade de experiencias; a opinião pública acaba de consagra-la; portanto a minha simpatizada e amavel colaboradora fica de ora emdiante, percebendo da empreza tanto quanto ganha uma artista de primeira classe, isto é, a insignificante quantia de 1.500 francos mensal, ficando ainda a empreza obrigada a concorrer com as despezas do cabide, medico e farmacia a todos os seus artistas.

M. L

(A seguir)

Recebemos da Empreza Predial do Norte um folheto intitulado «Uma questão de direito,» apreciação do notavel jurisconsulto Dr. Inglez de Souza.

Gratos.

ANO 2 | S. Luiz do Maranhão—Janeiro de 1917 | NUM. 11

REVISTA MARANHENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Redação--Rua Afonso Pena, 6

BIBLIOTHECA PUBLICA do ESTADO DO MARANHÃO

ASSINATURAS—ANUAL

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

SIMESTRAL

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200

REDATORES

Astrolabio Caldas.
José Monteiro.
Maaricio Furtado.

GERENTE

Clementes Guedes.

TEZOUREIRO

Antonio Louzeiro.

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estelano Polari, Paulo Ferreira, Francisco Santos, Francisco F Costa, Manoel Fernandes, José de Ribamar Pereira, Vitor Hugo Anchiéta, Ivis Parga, Manoel Varão, Candido V. Aires, Gonçalo Moreira Lima, Almir Santos, Oscar Carvalho, Fran Teixeira, Vitoriano Almeida, Zildo Maciel, Emilio de Abreu e Francisco Coêlho.

Socias colaboradôras

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Arsecia Fernandes, Altiva Smith, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozaila Costa, Filomena Silva Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Raimunda Miranda, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bojés, Zozima Sá e Abigail Sarmento.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Caxias—Izaias Silva
Icatú—Prof Jozefa Amazonas.
Buriti—Prof. Dolôres da Costa R. Tavares.
Rozario—Prof. Laura Souza.
Chapadinha—Estudante Manoel Leite Fernandes
Carolina—Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara—Prof. Filomena Anjela da Cruz.
Cerurupú—Telegrafista João G. de Abreu, filho e Raimundo Gabino.
Pedreiras—Prof. Aciolina Sampaio Guimarães
Ponte-Nova—Senhorita Izabel Roza de Araujo
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará)—Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer—Prof Ana F. Alves da Mota.
Vila de Morros—Prof. Adaljiza Costa Feques.
S. Bento—Prof. Amelia D Lobo.
Pinheiro—Prof. Ermelinda R. Maramaldo e o sr Francisco Leite.
Barra do Corda—Prof. Cecilia Martins.
Tutoia—Sr. Luiz A Carvalho e a prof. Carmen Cruz.
Cambuquira—Minas Gerais—D. Maria Silva.
Rio de Janeiro—Francisco Santos.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchiéta.
Axixa—Prof. Raimunda Leite Fernandes.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Amarante, Piauí—Paulo Guimarães.
Barcabal—Emiliano Castor da Rocha Falcão.
Terezina—Edison Moura.
Grajahú—Orestes de Azevedo Mourão.
Sta. Quiteria—Gumercinda V. Pedrozo.

SUMARIO :

Vespaziano Ramos—O 1.º de Janeiro; Personalidades—M.; «A academia Maranhense»; Dr. Clodomir Cardozo; Duende—Emilio Abreu; Sonhos—Avitia; Laçadas—Asdrúbal; Professor Fernandes—José Monteiro; Realidade Et: A marjem do um rio—Iris; Noiva—Peri; Florilejio Poetico—Diversos; Doce recordação—Aleindo; Coronel Frederico Figueira; A sinceridade no amôr—Gascar; Dezalento—Felix Sampaio; «A Canastra da Revista—Luiz nho Salvio; Cavacos—Jota Va; Rozinha—Francisco Coelho; A Predial do Norte—A. C.; Os belos gestos de uma atriz—M. L.; *cliché* a Santa Casa de Misericordia e O Mez social. .. ..

ANO 2 | S. Luiz do Maranhão—Fevereiro de 1917 | NUM. 12

REVISTA MARANHENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Redação--Rua Afonso Pena, 6

ASSINATURAS—ANUAL

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

SIMESTRAL

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200

REDATORES

Astrolabio Caldas.
José Monteiro.
Mauricio Furtado.

GERENTE

Clementes Guede.

TEZOUREIRO

Antonio Louzeiro.

BIBLIOTHECA PU... DO ESTADO DO MARA...

Socios colaboradôres

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes, Vitor Hugo Anchiéta, Ivis Parga, Manoel Varão, Candido V. Aires, Gonçalo Moreira Lima, Almir Santos, Oscar Carvalho, Fran Teixeira, Vitoriano Almeida, Zildo Maciel e Francirco Coêlho.

Socias colaboradôras

Corina Caldas, Ima Bragança, Nair Pinheiro, Aracéa Fernandes, Altiva Smit, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jezulla Costa, Filomena Silva, Jozefa Amazonas, Normi Soares, Conceição Batista, Raimunda Miranda, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bojéa, Zozima Sá, Abigail Sarmento, Maria Varela e Zenaide Segadilha.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Caxias—Izaias Silva
Icatú—Prof Jozefa Amazonas.
Barriti—Prof. Dolôres da Costa R. Tavares.
Rozario—Prof. Laura Souza.
Chapadinha—Estudante Manoel Leite Fernandes
Carolina—Comerciante Benjamin Carvalho.
Alcantara—Prof. Filomena Anjela da Cruz.
Cururopú—Telegrafista João G. de Abreu, filho e Raimundo Gabina.
Pedreiras—Prof. Acolina Sampaio Guimarães
Ponte-Nova—Senhorita Izabel Roza de Araujo
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Belem (Pará)—Senhorita Rita Machado da Silva.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Izolina Silva.
São Vicente Ferrer—Prof. Ana F. Alves da Mota.
Vila de Morros—Prof. Adaljiza Costa Feques.
S. Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro—Prof. Ermelinda R. Maramaldo e o sr Francisco Leite.
Barra do Corda—Prof. Cecilia Martins.
Tutoia—Sr. Luiz A. Carvalho e a prof. Carmen Cruz.
Cambuquira—Minas Gerais—D. Maria Silva.
Rio de Janeiro—Francisco Santos.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchiéta.
Axixa—Prof. Raimunda Leite Fernandes.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Amarante, Piauí—Paulo Guimarães.
Bacabal—Emiliano Castor da Rocha Falcão.
Terezina—Edison Moura.
Grajahú—Orestes de Azevedo Mourão.
Sta. Quiteria—Gumercinda A. Pedrozo.

SUMARIO :

Barão do Rio Branco; Personalidades—M; Dr. Costa Rodrigues; Traços - Puf.; Uma tempestade—Periassú; Liga Maritima; Dr. Urbano Santos; France Brezil; Escandalozo p'ojio; Fim de uma serenata de Pierrot—Marcus Antonius; Formoza—Ródes; Os Livros—A. Magalhães; O 1.º de Maio; Aprendizado Agricola; Meditações—Diversos; Florilejio Poetico—Diversos; O cégo—Clementes Guedes; Um dialogo—J. M; O Mez social; Um problema—José Augusto Corrêa; A Canastra da Revista—Luizinho Sabio; Fazendo Justiça—João V. Abreu. :: :: ::

MARANHÃO—FEVEREIRO—1917

Ano 2

REVISTA MARANHENSE

Num. 12

REVISTA MENSAL
ARTES, CIENCIAS E LETRAS



Barão do Rio Branco

A dez do corrente, comemorou-se mais uma vez o passamento do grande chanceler brazileiro que se chamou dr. José da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco.

A sua vida diplomatica mais se acentou, quando, nobremente soube gerir o Brazil, nas questões com a República Arjentina, depois com a França, questões estas, conhecidas pelo nome de questão do Amapá e das Missões. E em ambas, serviram de arbitros Grover Cleveland e o Conselho Federal Suisso, sendo a primeira, rezolvida á 5 de fevereiro de 1895 e a segunda em 1.º de dezembro de 1900.

«O Barão do Rio Branco, além de ter firmado, como advogado do Brazil, os direitos deste, nas questões com a França e Republica Arjentina e a Bolivia, promoveu ainda, já ministro do exterior, a fixação de limites do Brazil com a Goiana Holandeza (tratado de 9 de maio de 1906); com o Equador (tratado de 6 de maio de 1904); com a Colombia, (tratado de 24 de abril de 1907).

A sociedade literaria Barão do Rio Branco efetuou nesse dia, á noite, em sua séde uma sessão solene, a que compareceram muitas pessoas havendo depois uma «soirée» dansante.

Expressamos aos membros dessa sociedade a nossa inteira solidariedade.

Personalidades

Um homem que nas letras se tornou reconhecido, um homem que viveu e vive estudando, mas estudando sempre, afim de dia a dia ir gobando conhecimentos novos, é Nacimento Moraes, nosso mestre, que assumiu o logar de Antonio Lobo, no seio da sociedade estudiosa.

E' ele o segundo, de cuja personalidade tratamos.

Quem leu os primeiros numeros da nossa «Revista» notou que já demos um pequeno traço da vida dele, que sempre aplaude as boas idéas da mocidade estudiosa e encaminha mesmo seus passos, pelo caminho da vida, traçando com o estilête do saber e da experiencia, os melhores logares, os mais faceis, lijeiros e mais seguros caminhos por onde ela tem de seguir.

Vive para a familia e para as letras e apregoa que só podemos viver, estudando, e bem cumprindo o nosso dever, para com a sociedade e para comósco mesmo.

A imprenssa, ele a conhece bem de perto, pois já não só uma, porem diversas vezes, sustentou polemicas, escreveu e escreve em cientificos e literarios assuntos que o revelam conhecedor profundo, não só da lingua portugueza, mas da ciencia que Pitagoras muito conhecia e aos seus alumnos ensinava.

Nacimento Moraes entende que o mestre sempre deve ter as portas de sua caza franqueadas a todo aquele que quer estudar, que procura saber alguma coisa, que quer viver, tendo noções das ciencias de que muito se tem de servir na vida pratica.

E' assim que ele pensa e é assim que ele aconselha que todos nós, que estudamos, devemos pensar.

Fundou com alguns dos seus colegas, aqui no Maranhão, jornais, revistas, em que se bateu brilhantemente, em que defendeu com segurança altivez e firmeza de convição algum principio, alguma couza de quem se fez defensor.

Socio que é da «Academia Maranhense», professor que foi da «Escola Normal», lente que é no Liceu Maranhense, de Geografia, Corografia e Cosmografia, soube e tem sabido se fazer estimado pelos seus alunos que nêle vêm o talento, brilhando a par de uma inteligencia rara e que brilha, como disse alguem.

Seus colegas admira-no, bastante, quer se tratando do jornalista, quer se tratando do mestre, que bem cumpre seu dever, seguindo, pelo caminho da verdade, da justiça e da razão.

Esteve em Manáos, onde defendeu [illegible] jornais, suas produções.

Seu livro «Vencidos e Dejenerados» é um [illegible] grande valor e nêle o autor explana fatos diversos, narrando tudo com uma simplicidade atraente e que mais vontade dá de se lêr.

«Paxos e repuxos» tambem é um bom livro.

Falar mais de Nacimento Moraes é desnecessario, porque, «quem o não conhece»? quem?

* * *

Nós da Revista, depois de darmos estes traços, apreçamo-nos ao mestre, as felicitações sinceras, pelo seu aniversario que será em 19 de março proximo.—M

Dr. Costa Rodrigues

No dia 11 do corrente comemorou mais um ano de existencia, entre as alegrias dos seus amigos e partidarios, o ilustre senador Manoel Bernardino da Costa Rodrigues, nosso ilustre reprezentante no senado nacional, onde muito se tem esforçado para o progresso do seu querido torrão maranhense.

Ao ilustre senador, e aos seus partidarios, a Revista Maranhense envia os seus cumprimentos pelo decorrer de tão venturoza data.

TRAÇOS

Das multiplas novidades que a moda nos proporciona, a que, atualmente, mais me preocupa a atenção é o uzo do bigode raspado.

O graciozo ornato masculino está condenado a uma tonsura quazi geral, com grande jubilo para os barbeiros, que, efetivamente, cobrarão mais alguns *nickeis* pelo aumento do trabalho.

Com raras ecções, o que se vêm agora são fizionomias rizonhas, prazenteiras, com um certo pendar para a chocarrice, pessôas com um aspecto zombeteiro,com gestos sacudidos, como que, ao passar pela gente, estejam a indicar que o seu bigode tambem está raspado.

Isto, quando o encontro se dá entre pessôas que adotam a moda.

Se o encontro é de maneira contraria, isto é, se o individuo que vem, está de acordo com a moda e o que vae, anda ainda de bigode fóra do uzo, bezuntado de vazelina ou torcido com o auxilio dos cosmeticos viçozos, a couza é diferente: o tonzurado fita o *bigodudo* com um certo ar de deboxe, como se os fios do seu bigode estejam a lhe ferir os meliudres, ao mesmo tempo que o outro murmura por entre dentes:—Mas que grande desaverzonhado! ter a corajem de raspar o bigode!... E' que o bigode já não tem mais em seu abono as honras de um respeito reciproco. Tanto o homem que se deixa tonsurar, como o que consente o bigode crecer á vontade, estão sujeitos ás chufas um do outro e nenhum, definitivamente, terá direito de queixa. Um poderá apelar, mas inutilmente, para os seus sentimentos pundonorozos, que lhe não permitem tosquiar de uma *sentada* o bigode emquanto que o outro, tomando a dianteira, alegará que é uzo em muitas cidades civilizadas o bigode raspado, já como preceito de hijiene, já porque o bigode nada tem com o carater do individuo, visto que pode ser grande canalha o homem com muito bigode e pessoa de bem com pouco ou nenhum.

Para reforçar a opinião dos que condenam o bigode crecido,precizava de haver maioria;era necessario que o c os, alem dos padres, se filiassem os militares. Mas o uzo do bigode raspado para os militares, como era de supor, não seria couza muito facil, por ser o bigode um dos sinais caracteristicos do cidadão, ao alistar-se, e, por isso, dele não poderiam dispor francamente na proxima barbearia em vespera de S. João ou dia de Natal.

Precizavam, portanto, os militares de imajinar um meio de conseguir raspar o bigode. Foi então, quando começou a chover [illegible] Ministerio da Guerra, no Rio, requerimentos sobre [illegible]s, com o competente atestado medico, em que [illegible] solicitava licença por sofrer de uma molestia qualquer no labio superior, cujo bigode impossibilitava a cura.

E o ministro em serios apuros para despachar a *papelama*, que montava já ha centenas de petições por semana, sobre as quais não se podia opor, por conterem anexos atestados firmados por doutores em medicina.

O rezultado é o que sabemos: o ministro da guerra acaba de tornar facultativo o uzo do bigode no exercito.

Agora, os que opinam pelo bigode raspado têm os militares a seu favor, e como a força vale mais que todas as instituições do mundo, seria couza muito facil obrigar o resto dos homens a decepar o bigode.

Não era precizo a organização de sociedades secretas como a «Maffia», a «Mão Negra» ou couza semelhante; o ato podia ser posto em pratica de um modo mais claro e solene: o governo declarava guerra ao bigode.

Imajine-se,depois, o aspecto de uma esquadra de policia, desde os soldados ao comandante, de bigodes raspados, a intimar pelas ruas quem usasse bigode a botal-o abaixo!

Nos cafés, nos cinemas e repartições publicas, haviamos de ter taboletas com inscrições engraçadas como esta:

—E' prohibida a entrada do pôvo *bigodudo*!..

E o homem assim, perseguido muitas vezes por cauza de uns fios muito reles que lhe pendem do beiço, como de um velho pincel em estado de ir para o lixo, viria mais tarde a se conformar com a opinião geral, de que o bigode é um carrego inutil que o bom senso repele e deve ser lançado fóra.

Deixando de parte a opinião dos que não adotam o uzo, o que é certo é que o bigode raspado traz para os velhos uma impressionante evocação do passado. O homem de idade avançada, ao ver-se imberbe, embora de dois em dois dias, tem iluzões grotescas, acodem-lhe á mente pensamentos estapafurdios, tem arrebiques extravagantes, sonha com os tempos da mocidade tonante, e não será exajero nenhum imajinar que ele não consideraria nunca uma audacia traçar uma declaraçãozinha de amor á primeira noça que lhe *empiscasse* os olhos, ao sair á rua.

O que é lamentavel, porem, para ele, é que semelhante iluzão não passa de um dos multiplos enganos a que está sujeita a nossa imajinação: para os moços é toleravel raspar o bigode e ha até quem os ache mais engraçados e sedutores, mas para os velhos, não, porque não se pode imajinar caricatura mais horrivel, nem pode haver carranca mais cinica e imoral do que a cara franzida de um velho de bigode raspado!

Puf.

Uma tempestade

Há mais de duas horas que chovia copiozamente. Todos os terrenos baixos da fazenda estavam alagados.

O vento que, com violencia, começava a soprar de *sudoeste* era humido e frio.

De quando em vez, chegava uma forte rajada, querendo arrebatar tudo, zoando no palmeiral proximo, como na cidade as possantes caldeiras das fabricas e produzindo um zumbido tetrico que mais parecia geminados de desespero, nas pequenas aberturas das portas e janelas.

Eram, já, 4 horas da tarde.

Grossa camadas de nuvens plumbeas tisnavam o firmamento, e continuadamente derramavam sobre a terra o doce manancial.

Do momento a momento, um traço igneo desenhava-se no espaço seguido de violentas descargas que abalavam a terra.

Os trovões que a principio afastadissimos, pareciam roidos vagos, indecizos, rebombavam agora com toda soberania.

As arvores, açoitadas pelas continuas rajadas, cambaleavam, estorciam se, debatiam-se heroicamente,em sussurros angustiozos: era luta pela vida contra o elemento natural.

Tudo parecia gemer! chorar!

As folhas, as flores das arvores, os seus frutos, tudo era, assim, vilmente arrebatado pelo cruel vendaval.

Era uma verdadeira guerra de exterminio...

Os pequenos arbustos jaziam todos por terra.

Nunca havia contemplado semelhante espetaculo na Natureza. Sentia me emocionado.

Tudo parecia chamar socorro.

Os pobres passarinhos, como ligeiras setas, voavam, soltando pios de dor, a procura de refujo; o gado, que ainda pastava, coria agora assustado para as cobertas; apressados deixavam os campos de trabalho os ativos lavradores; emfim, tudo procurava escapar á furia terivel da tempestade.

Mas em todos os semblantes via-se um raio de esperança: em breve viria a bonança.

Periassú.

Liga Maritima Brazileira

Temos ás mãos o n. 113, da revista que obedece ao titulo acima, que já vai no seu X ano de publicação.

A *Liga Maritima Brazileira*, que trata dos interesses maritimos do nosso paiz, é ilustrada e de publicação mensal.

O prezente numero, além de trazer na sua primeira pajina o retrato do almirante Joaquim Cordovil Mauriti publica o relatorio aprezentado ao Prezidente da Republica, pelo almirante graduado Alexandrino Faria de Alencar, ministro da marinha, em abril de 1916.

Traz varias gravuras, entre as quais a do juramento da bandeira da reserva naval.

Gratos pelo exemplar que nos enviaram,



DR. URBANO SANTOS

Este grande parlamentar que vezes muitas tem trabalhado no sentido de reerguer a nossa terra, este primeiro filho do norte que, atualmente, ocupa o elevado cargo de vice-prezidente da republica, viu, neste mez, cercado de sua familia e amigos, passar a data do seu aniversario natalicio.

...os, que o tornam admirio de um dos seus filhos, que, no senario politico do paiz, só tem se feito respeitar pela nobreza do seu caracter, pela soberanidade de seu espirito, já acostumado com as lutas partidarias, com todo o movimento, politico, que todos os dias o nosso paiz serve de arena.

Nós, estampando seu retrato, rendemos um preito de que muito nos orgulhamos, porque o dr. Urbano Santos é amigo da mocidade estudiosa.

FRANCE-BRÉZIL

E' com imenso prazer que rejistamos o aparecimento, em Pariz, da importante revista denominada *France Brézil*, de caráter politico, economico e literario, para a defeza e o desenvolvimento das aspiraçõis e dos interesses reciprocos da França e do Brazil, cujos tres primeiros numeros descançam sobre a nossa modesta meza de trabalho.

France-Brezil, que é uma revista de verdadeira utilidade e interesse para os povos das duas nações amigas, Brezil e França, aprezenta um formato elegante e moderno, ilustrada, tendo gravadas, nos angulos diametralmente opostos, as côres da bandeira franceza e brazileira.

O n.º 2 traz na sobrecapa uma gravura do Jardim da Gloria, no Rio de Janeiro, além de fartas e variadas noticias e informaçõis sobre os fatos que de mais importante se vão desenrolando no Brazil.

Cabe-nos o prazer de, nesta lijeira noticia que aboradamos sobre o aparecimento da nossa ilustre colega *France-Brezil*, patentear o nosso reconhecimento pelo interesse que vêm demonstrando essa nação amiga, maximé acerca das referencias que faz sobre a alta e reconhecida personalidade de Rui Barbosa.

Agradecendo a gentileza da sua vizita, dezejamos á *France-Brezil* vida prospera e longa.

ESCANDALOZO PLAJIO

Em a nossa ultima edição saiu, devido á grande quantidade de materia para esse numero, um escrito sobre o pseudonimo de Emilo Alves, intitulado «Duende», que, depois de algumas averiguaçõis, chegamos á conclusão de não ser de Emilio Alves, ou melhor, arrancando o véo que lhe encobria o rosto, de Emilio de Abreu que, como nos parece, somente com o fim de fazer os seus vergonhozos plajios, se serve do pseudonimo de *Emilio Alves*.

O escrito-afirmamos não ser do aludido sr. e sim do escritor portuguez Alexandre Herculano, extraido do livro *Eurico*, pajina 45 46.

Dizer que foi uma transmissão de pensamento?...

Dizer que foi o espirito do autor do *Eurico* que atualmente se acha encarnado no sr. Emilio de Abréu, fazendo assim que a luz ofuscante da fantazia esteja a predominal-o?...

Não! O autor do escrito do sr. Emilio (!) já morreu!

Quanto a segunda pergunta é mais admiravel, mas se assim fôr, não é culpa do novel *substituto* de Alexandre.

Mas... seja como for, o caso se não é vergonhozo para o sr. Emilio, para nós o é, e é por este unico fim—querermos salvar a nossa responsabilidade, communicando, então, aos nossos leitores o nome verdadeiro do amigo autor, e tambem do *atual*.

Vejamos como se *expressa* o sr. Emilio de Abru :

«Eram as horas das trevas profundas. Sem saber como achava-me no vizo mais alto do Calpe; traspassava-me a medúla *o relento* frio da noita e parecia-me que os membros hirtos se me haviam pregado no topo da penedia.

Olhava fito ante mim, e os meus olhos rompiam a escuridão do horizonte, como se a luz do sol o iluminasse.

O espetaculo maravilhozo que se passava neste espaço insondavel fazia-me erriçar os cabelos, que o norte me açoitava com o sopro gelado.

Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de estar ali nao sei se instantes ou seculos.

O mar cessou de ajitar se ou rujir, semelhante ao metal fervente destinado para a feitura de estatua colossal, que resfriasse de subito em vasta caldeira

Era horribilissimo ver convertido em cadaver de todo imovel e mudo; o oceano; aquele oceano que há mais de quarenta seculos nem um só dia deixou de revolver-se e bramir em torno dos continentes (como o tigre ao redor da rêz) que jaz morta.

O sibilar das rajadas tambem cessou completamente.

Parado sobre a face da terra, o ar era semelhante ao lençol do finado a quem recalçaram a gleba que o cobre frio, humido, pezado, sem movimento, cozido, sobre o peito, onde acabou o bater do coração e o arfar compassado dos pulmões».

Agora, vejamos como se espressa o escritor Alexandre Herculano, no livro *Eurico*, pajinas 45 e 46.

«Eram as horas das trevas profundas. Sem saber como achava-me no vizo mais alto do Calpe: traspassava-me a medúla dos *ossos* o vento frio da noite, e parecia-me que os membros hirtos se me haviam pregado no topo da penedia.

Olhava fito ante mim, e os meus olhos rompiam a escuridão do horizonte, como se a luz do sol o iluminasse.

O espetaculo maravilhozo que se passava nesse espaço insondavel fazia-me erriçar os cabelos, que o norte me açoitava com o sopro gelado.

Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de estar ali alguns não sei se instantes ou seculos.

O mar cessou de agitar-se e rujir, semelhante ao metal fervente destinado para a feitura da estatua colossal que resfriasse de subito em vasta caldeira.

Era horribilissimo ver convertido em cadaver, de todo imovel e mudo, o oceano; aquele oceano que há mais de quarenta seculos nem um só dia deixou de revolver-se e bramir em torno dos continentes, como o tigre em rodor da rêz que jaz morta.

O sibilar das rajadas tambem cessou completamente.

Parado sobre a face da terra, o ar era semelhante ao lençol do finado a quem recalçaram a gleba que o cobre, frio, humido, pezado, sem ranjer, sem movimento, cozido sobre o peito, onde acabou o bater do coração e o arfar compassado dos pulmões».

Quem poderá dizer que não é isto um plajio?

Ninguem!...

Fim de uma serenata de Pierrot

(Para o Astrolabio Caldas.)

Terça-feira de carnaval. Manhãzinha. As estrelas fatigadissimas, á luz benefica da manhã, esconderam-se no azul consolador.

Além pelas florestas, cotovias, rouxinóes trinam maviozamente.

Pierrot e Columbina, sentados numa calçada de uma vila, triste imunda e solitaria, conversam fatigadissimos, bebedos, cançados, alquebrados de gozo.

Columbina (*levantando Pierrot*)—vamos... Não vês o dia, não ouves? O dia já vem perto... o canto das cotovias além, os rumores das fabricas, o despertar do dia, da cidade, não ouves, não vês?... vamos? Será para nós uma vergonha enorme como o mundo, e como elo estupido, se alguem nos ver aqui, em pleno dia, em plena rua; tu bebedo, obceo como um vagabundo rolando pelo chão... Vamos? Vamos amor?

Pierrot (*fatigadissimo*)—Ai!... Ai!... E' cêdo ainda... Da me um beijo mais, esenta-te junto, bem juntinho á mim, ó minha bem amada, quero-te contar uma couza, uma historia triste, doce minha, tua, nossa, a minha morte, duvida tremenda que muito me acabrunha...

Columbina (auxiliando o)—Faze um esforço, bem?

Pierrot—Não posso. E que tem isso? Amo-te, amas-me, somos felizes como dois anjinhos; que tem de mais se alguem nos encontrar aqui?... Que tem?...

A'!... Já sei!... Já sei, porque não me queres mais?...

Magna questão. Não comprendes o amôr. Sabes que é o amor?

Um magno poema indecifravel, uma misterioza e grandissima mentira. Como é bom se amar! Lembra-te?

Columbina (*ironica*)—Compreendo-o muito, muito, sei que é o amor...

Pierrot—Não parece...

Columbina (ironica) Voluve!...

Pierrot—Voluvel?!...

Columbina (*a bom desprezo*)—Ai de mim, pobre de mim, que não amei outro a não ser tu, meu voluvel amor, meu tontinho Pierrot e no entanto son voluvel!... Pobre de mim, pobre das mulheres!!! As mulheres!... coitadas!... sofrem muito!...

Pierrot—Amor? Não sei se nunca amaste outro a não ser eu...

Columbina—Pierrot?!

Pierrot (*motejando-a ironicamente*)—As mulheres?! as mulheres?! Viboras se tutoras, muito de beleza e perdição!...

Columbina—O'!

Pierrot—E não é?

Columbina—O'!

Pierrot—... A perdição do mundo.

Columbina—Pierrot!! E no entanto... patife!...

Pierrot—Amas-me ainda? Lembra te?... Senta-te aqui junto a mim. Sim?

Columbina (*aborrecida*)—O'!...

E' de mais!... O dia... Não vês, já está tão tarde! Vamos?...

Pierrot—E [illegible]

[illegible] melhor [illegible]

Qu[illegible]

Pierrot—E' serio? Senta-te aqui, anda!

Columbina—Direi mais tarde.

Pierrot—O'! Amas me?

Columbina—E não sabes?

Pierrot—Eu morro, dize que sim, bem. Amo-te...

Columbina—Sim

Pierrot—Senta-te aqui, sim?

Columbina—Já sei o que queres dizer. Amo-te ainda. Sempre te amei, amo-te, amar-te-ei sempre eternamente meu cãozinho vadio, Pierrot de minha alma, a ti, somente a ti... (*beijando-o*) amas-me tambem como eu te amo?

Pierrot (*enamoradamente*)—Assim...

Mais um, amor, meu doce, meu sublime amor.

...Outro... outro mais nas Palpebras... O! teus beijos, brazos, são sublimes, capitosos!

Columbina (*enlaçando-o voluptuozamente apaixonado*)—Sim... ainda, estou junto a te, minha felicidade, minha ventura, minha unica ventura, minha vida, meu amôr. Contas?

Pierrot (*enamorado*)—Sim. Ouve lá. Mas me respondes logo—amas-me ainda?

Columbina—porque perguntas, ó meu amado, se sabes, tens certeza que te amo, a ti, somente a ti.

Pierrot—Ora... Dize?

Columbina—Sempre ?
Pierrot—O' ! Fala dize-me logo !... oh !
Columbina—Volvel !
Pierrot—Quando tu eras rica e eu tambem, eras outra, amavas-me; não ?
Columbina—O' ! Para que mentes assim ?
Pierrot—E não eras outra ?
Columbina—O' ! Sempre !
Sou a mesma doutr'ora, amo-te ainda (*beijando-o*)
Pierrot—Explendida !... Explendida pandega ! ..
Ai !... Ai !... Doe-me a cabeça... doe-me tudo... Sol !... (*falando com esforço*)... Sei que morro e deixo-te só... só minha vida, meu amor !
Columbina—Só... Não ? Não ! deixa me teu amor, o teu doce amôr, o nosso amôr
Pierrot—Um beijo... outro . Amor !
Columbina (*levantando se*) vamos, vamos meu amado... tão tarde !
Pierrot (*fatigadissimo*)—Doe-me tudo, a cabeça, tudo ! ...O' !... Escuta ... Ainda o rumor do Carnaval... E'... E'... Escuta ? Evoé !... Evoé !
Columbina—Maluco ! olha o dia !
Pierrot (*entoitando a voz com esforço*)—Evoé ! Evoé !
Columbina—Maluco, dá-me o resto do dinheiro.
Pierrot—Queres ?
Columbina (*afagando o e beijando freneticamente*)Da-me filho de minha alma... da-me..
Pierrot—Só o que tenho, serve ?
Columbina (beijando-o nas palpebras) Serve. Da-m'o todo, sim ?
Pierrot—E eu ?
Columbina—O' !...
Pierrot—Mas...

A primeira couza que te peço ? Negas ! Então não me amas...
Pierrot—E ainda há pouco lá naquela praça, dei-te, lembra te ?
Columbina—Uma vergonha !
Pierrot—Pois toma, toma, não preciza tanta cooza.
Columbina (fujindo)—Adeus !
Pierrot-Meu deus ! já te vaes amor ? Tenho muita séde e fome, séde e fome de tuas carnes e de teus beijos ! Amas-me ?
Columbina—Que fazer ?
Pierrot—Mata-a ! Sacia-me !
Columbina (ironica)—Como ?
Pierrot (*falando com muita dificuldade*)—Com teus beijos... com tuas .. carnes ! ..
Columbina —Bonito ! profano.
Pierrot—Ai ! Ai !... Acode-me amor... Acode-me bem ?
Columbina (*fujindo-se mais*)—Volta já, amor; não demoro. Sim ?
Pierrot—Ai !... Ai !... Acode-me amor ?
Columbina (*De longe e já com outro Pierrot, que a esperava, na esquina, desde do albor*) Adeus !
Pierrot (*Tentando acompanhal a*)—Esperas ? Esperas ?!... Evoé ! Evoé !...
Sem forças cambaleando, tropego, cae no mesmo logar que estava chorando nervozamente; roivozamente balbuciando:
—Meu Deus ! Meu Deus !
Ela foi-se !... Ela foi-se...
O amôr é uma grandissima mentira...
...Bebi demais...

1916 **Marcus Antonius.**

FORMOZA

E's formoza demais, vizão querida,
E's minha crença doce e palpitante...
O teu todo gentil e deslumbrante,
E' o céu, a paz, a luz de minha vida !

E's, para mim, a aurora fulgurante,
Que brilha na minh'alma entristecida...
De ti, doce vizão nunca esquecida,
Não posso me apartar um só instante.

Sou cativo, Maria, sou cativo
Desses teus olhos de ternura cheios,
Dessa beleza facinante e louca !

E tambem desse olhar que tens tão vivo;
Dessa doçura que tú teus nos seios,
Desse sorrizo que tu tens na boca !

Redes.

OS LIVROS

A ZILDO MACIEL

(Orijinal para a R. M.)

O' Livros ! amigos meus
Com quem eu converso a sós,
Deixa-me nos seios teus
Exalar méu pranto atróz.

. . . . . .

O livro é dos amigos o melhor.
E' mestre... é mestre e bom doutrinador,
[illegible]eza a luz co'amor e mais carinho
[illegible]empre suavizar a dor.

Mestre dos mestres que não cança [illegible]
De espalhar o saber com paciencia,
Por caminhos sem fim e mais amenos,
No bosque emaranhado de ciencia...

Depois de nossos pais, nossos amigos
São os livros, a quem devemos tudo;
Guiando os nossos passos vacilantes
No grande palco que se chama estudo !

S. Benedito, 1916. *A. Magalhães.*

O 1° DE MAIO

(Conferencia realizada no Centro Artistico, pelo prof. Nascimento Moraes)

(Conclusão)

Publicistas que se têm ocupado dela assim a compreendem e estou certo que quem, acaso, lhe não possa traduzir a distinção do porte, a grandeza da pompa, certo o sentirá.

E' a festa do espirito e do coração.

E' a festa da eterna luta humana, é a glorificação do sacrificio e do esforço do individuo e da coletividade, sobre o meio fizico incoercivel indiferente, naturalmente rebelde, no dizer do Büchner, por leis eternas e inatacaveis, que por seculos e seculos se demonstram e se confirmam, a superficie do planeta.

Lançado, um dia, o homem ao turbilhão da vida universal, a morada que lhe deram, ou por outra, em que se achou, era vazia e tôsca.

Rompendo o tenebror de uma noite immensa, armando-se para vencer nos mais trajicos combates, pela propria

conservação adatando-se ao meio, melhorando-o, descobrindo os misterios da natureza, adiantando se pelo vantajozo cabedal que dia a dia lhe fornecia a observação dos fenomenos, atravessando idades seculares, e em cada uma delas mais aperfeiçoada, fujindo sempre pela energia, ao aniquilamento, emquanto outros desapareciam; depois, aparelhando-se pela intelijencia, já contra irracionais, já contra a natureza, que a tuais e mais ele foi compreendeado e estudando, pode dizer se com orgulhoza emfaze, cheia de verdade, esplendida de justiça, que o homem o que é a si mêsmo o deve, que ele é obra sua, existe porque quer existir!

Não é muito que os holandezes digam de si mêsmo, robustecidos pelo denodo do trabalho, que Deus fez o mundo e eles a Holanda! Dentro da eterna evolução, arrastado pelo raio do eterno transformar, ele vai operando prodijios para não ser vencido por elementos mais fortes, pelas imensuraveis forças do Infinito. Perdeu seus musculos de aço e sua cavergadura monstruoza de pujilador. E' certo; mas fulijiu a ideia que vale mais que o musculo, lampejou o divino pensamento mais rapido que a luz. E nem o tempo que é o mais possante destruidor, póde matar lhe a ideia, e nem o ceu que tudo circunscreve, póde delimitar-lhe o vôo de pensamento. Flamarion o afirma, Crooks o demonstra.

Armado, poderozamente armado contra todas as vicissitudes, até contra os inesperados, pelo incessante progredir, pelo aperfeiçoamento incessante, compreende se que é irracionavel e ilojica a luta entre irmãos.

Unidos pela defeza comum, pelo melhoramento espiritual comum, e harmonizados pelos sentimentos e pela razão, formando uma familia de unidade perfeita na mancha pela estrada do progresso, levantando bem alto o estandarte do Trabalho, a que todos, mais igualmente todos se acolhem, para viver com o suor do rosto, o socialismo cientifico reprezenta o mais belo programa da grandeza humana, porque, afinal, bebendo se na terra a vida, todos somos na fraze do poeta *da Canção de Vesta*, seus filhos e seu povo!

Si, pois, a condição de todos é o trabalho, si quem é honesto e sadio, si quem tem valor e é forte, só do trabalho pode viver; si cada objeto reprezenta o esforço, o talento e a habilidade de muitos, que talvez, jamais se conhecerão, tais sejam, por exemplo, o operario que faz o prelo e o jornalista que escreve a folha; si muita vez, quazi sempre, os individuos se proporcionam, reciprocamente, pelo trabalho, gozos e satisfações.

—Se assim é, abaixo todos os preconceitos grosseiros, os elementos de desagregação, abaixo a discordia, abaixo a desharmonia!

Que cada um se mantenha na sua orbita de [illegible] estijio da força moral, pela profundez da cultu[illegible] pelo [illegible] trabalho que reprezenta, pela propr[illegible]a virtu[illegible] operario marcha para os arraiais da egualdade politica dos povos! Abaixo todos os obstaculos que lhe possam dificultar a marcha!

E' da união dos soldados, da união das colunas que rezulta a força das unidades que vão aos prelos.

Pois que se unam todos!

Nesse progredir universal dos povos, que procuram formar de todos os povos um só povo, irmanados pela cultura e pela intelijencia, que não seja esquecido o Brazil.

Mais de que nunca a patria querida preciza da União de todos os esforços de todos, do amor de todos, da vontade de todos, formando um blóco de rezistencia inexpugnavel. Dentro em breve atravessar-se-a uma epoca de ambições, insopitaveis, que serão a consequencia da horrenda luta a que assistimos, motivada pelo entre-choque da concorrencia comercial de duas naçõis fortes.

Que se unam todos!

O máu exemplo frutificará a emfaze da futura partilha que será com o sacrificio dos fracos, aparecerão ambições que dormem ainda no regaço da paz.

Que se unam todos pelo Trabalho!

Extermine-se o analfabetismo, a peior das pragas. Fé e muita fé no lema republicano da bandeira extremecida!

Fé, muita fé, na palavra do filozofo que serve de esfinje à terra do Cruzeiro!

Que se unam todos para trabalhar!

Que se trabalhe, sem cessar, pelo fastijio e fortaleza do torrão idolatrado e para que, um dia, se possa bradar, com a voz poderoza do grande vate nacional, ao *Gigante* de pedra, que reprezenta uma defeza natural do bazileo solo:

«Arroja-te ás ondas, ó duro gigante!
Inunda estes montes, desloca este mar».

E ele, patrioticamente, como bom operario, obedecer[illegible]

Aprendizado Agricola "Cristino Cruz"

Como todo publico sabe, foi fundado, na Maiobinha, antigo sitio de S. Bartolomeu, o estabelecimento, com a epigrafe acima.

E este um dos atos que mais caratériza o periodo governamental do Dr. Herculano Parga, que deu á mocidade estudioza, um logar onde ela vai beber noções sobre os modernos processos da agricultura.

O Regulamento externo ja lemos e traz em suas pajinas, bem claro o fim desta «Aprendizado», que em trez anos preparará tratadores de animais, trabalhadores rurais e feitores agricolas.

No proximo numero trataremos, detalhadamente da escola do «Aprendizado», sua inauguração, finalmente, do «Aprendizado» em geral.

Levamos o dr. Herculano Parga, pelo seu alto descortino de vistas: creando para a mocidade estudioza, um «Aprendizado Agricola», onde se aprende a tratar dos animais e da terra, fonte de riqueza publica donde provem toda a nossa alimentação.

Sandamolo

MEDITAÇÕES

Para satisfazer o amor—no começo, basta um olhar, no meio, um beijo e no fim... nada o satisfaz.

Morima Leira.

A' intelijente demoisele Belinha Araujo.

Tudo que nace, vive ou vejeta, tem uma certa analojia com a vida humana em seus diferentes periodos; o dia, o sol, a lua, os planetas, as flôres, os sonhos, as iluzões, tudo emfim; nace, agrada e morre ao entardecer do tempo, mergulhando na densidade tetrica da noite, que é o obscurantismo do passado.

A infancia da vida humana assemelha-se ao despontar ridente da aurora: nacemos com o sol, vivemos com a manhã, envelhecemos com a tarde, com a noite aportamos inconciente ao vertice do Destino-a morte.

S. Benedito 1916.

Jota Eme.

Assumiu o cargo de Secretario e professor do «Aprendizado Agricola», há pouco fundado, o nosso companheiro, prof. Jozé Menteiro.

FLORILEJIO POETICO

O NOSSO AMOR

A. N. C.

Eu queria que todos compreendessem
Esta paixão que trago no meu peito,
Porque os teus poderiam, se quizessem,
Acabar todo o mal que me têm feito.

Tal, porem, se não dá, só nós sabemos,
Por este amor que julgam sem valor,
O que n'alma nos vae e o que sofremos,
Sem que nunca mostremos, sentir dor!...

Ha muito que procuram desfazer
Isto, que dizem já não merecer
Um juramento só que seja púro...

Uma couza somente eu te asseguro:
—E' que mesmo do Céu decendo Cristo,
Nunca conseguirá dar cabo d'isto!...

S. Luiz—1916.

Morima Leira.

Quando tu choras...

A Alguem.

Nada no mundo me entristece a vida,
Nada no mundo me comove tanto,
Como os gemidos dessa vóz sentida,
Como os suluços ternos de teu pranto.

Quando tu choras terna, comovida,
Sem um consolo que te enchugue o pranto,
Sinto minh'alma como que envolvida
Nas dobras negras dum pezado manto.

Ai se eu pudesse sempre,em minha vida,
Ver-te sorrir sorrir, alegremente,
Despresando do mundo estas paixõis;

Eu seria feliz, minha querida,
Se te não visse um dia descontente,
Embalada nas doces iluzõis.

Francisco Coêlho.

TREZ DE MARÇO

(ACROSTICO)

A' graciosa senhorita Zenaide Segadilha,—estrella de maior grandeza que brilha no limpido céo da minha phantasia, guiando-me na senda de um futuro romantico

I

Zenaide: estás agora em plena primavera
Na vida aberta em flor! No dia dos teus annos
Irei muito risonho, em modos soberanos,
Festivos parabens te apresentar... Espera!

Eu que alimento n'alma uma paixão sincera
Por ti, bella Zenaide, e amôres sobrehumanos,
Irei mostrar-te mais, no dia dos teus annos,
Esta satisfação que todo o sêr me impera...

Nas rimas d'um sonêto alexandrino eu quero,
O' virgem, te contar com muito affago e esmero
O santo e acrisolado amôr que te dedico!...

Asos contigo, dôr, é que contar desejo
O meu sincero affecto; espera, pois, o ensêjo
Que o teu grande natal eu aguardando fico.

II

Imagem do meu sonho ideal! Dôce visão
Dos meus sonhares d'oiro! Espirito celeste
Que me dirige para o bem! O que fizeste
Para eu te dar assim, tão cêdo, o coração?!

Dulcinea gentil! Divina perfeição!
Como este grande amôr tu me inspirar soubeste?!...
Pois, olha: de prazer minh'alma já se investe
Para te aprezentar sincera saudação!

Estatua do dêsejo e inspirações sublimes
Da minh'alma! Perdoa os pequeninos [illegible]s,
Tão vaidosos,do amôr que por demais m[illegible]

Ponto final em tudo eu vou fazer agóra
Ante a apantheóse azul do alvarecer d'aurora
Desta vida de amôr entre nós dois, Zenaide.

S. Luiz, Fevereiro 1917.

Albino Cruz.

OLHOS CASTANHOS

[illegible]lhos castanhos, olhos de bondade,
[illegible]los meigos, gentis, encantadores;
[illegible]lhos que dizem pura castidade,
Num poemeto sagrado dos amôres...

Que lindos olhos são os teus—piedade!
Olhos que imploram tanto alivio ás dôres,
Como se fossem virjens da Trindade
Contemplando, na terra, os dissabores...

O'! teu olhár, beleza encerra tanta,
Jamais houvera alguem que nesta terra,
Classificasse o teu olhar de santa...

Olhar de santa—ao ver a cristandade
Pedir perdão—que o mundo todo aterra—
—Olhar que me deixou na soledade!

S. Luiz

Astrolabio Caldas.

O CÈGO

Sem confôrto, sem lúz e tão sozinho,
Prosègue o pobre cégo a passos lêntos
Pela vida, em profundos sofrimentos,
Tragando mágoas e pizando espinhos...

Mendigo! Nem um pão, nem um carinho
Lhes dão para acalmar os seus lamentos...
Vae de mansinho, em busca de alimentos
Por sobre a arêia quente do caminho...

A louca multidão passa, em riqueza,
Sem ver o triste filho da pobreza,
Que ama esmóla lhe emplóra ajoelhádo...

—O' duros coraçôis! Humanidade!
Vede-o! Rendei-lhe a santa caridade!
E' nosso igual em tudo—um desgraçado!

Clemente Guedes.

Um dialogo

Olha! Vê como o céo está todo estrelado, esse céo tão belo que em tempos idos foi tambem contemplado pelos ejipcios, caldeus etc, que passaram noites e noites abismados, deitados nas relvas esmeraldinas dos campos antigos, ao lado dos seus inumeros rebanhos e facinados pela lua, essa lua que brilha no nosso firmamento azulino, esparjindo a sua luz palida e encantadeira.

Espera! Comtempla esse majestozo panorama que a natureza expõe á nossa vista e repara bem como as estrelas, ali, estão dispostas em forma de uma cruz, que recorda aquela em que nossos avós disseram ter Jesus morrido supliciado.

Acolá, em grupos, formam quazi que um rozario.

Chega-te mais para vêr se daqui podes bem distinguir aquele vulto, que está dentro da lua o qual os velhos doutro tempo ingenuamente acreditavam sêr S. Jorje, que montado em um cavalo e com uma lança em uma das mãos, procura ferir uma serpente cuja cabeça o cavalo piza.

Mas os astronomos diziam e dizem o contrario: «são elevaçôis e escavaçôis que lá existem.»

—Que lista enorme é aquela?

[illegible]nho de Santiago, que cientificamerte cha[illegible]-lstea».

[illegible] por ele que vamos ter ao céo, quando morremos?

—Talvez filha, que por ele andem ou andarão as almas santas como a tua.

—Que vejo? Aquela estrela, que ainda ha pouco sintilava com grande resplendor, desapareceu e o mesmo está acontecendo com as outras mais.

Uma facha de nuvens carregadas passou sobre a lua, envolvendo-a de um modo tal, que ela não podia deixar seu clarão iluminar a orbita da terra.

O vento sopra fortemente e faz que se ouça ao longe o ramalhar das arvores.

Um galo solitario canta e mais um outro de um quintal, num poleiro, solta tambem um saudozo «cocôrôcô».

Tenho frio.

Recolhemos á nossa cazinha.

E' tarde, a noite vai alta!

E desvencilhando-se das nuvens, a lua mais uma vez deixou o resplendor magnificiente de uma claridade banhar o caminho por onde iriam ter a casa.

.....Pai e filha, ambos gozando a sensação da pura e verdadeira amizade!!...

J. M.

O MEZ SOCIAL

ANIVERSARIOS:

A 2—o sr. Augusto Pinho.

A 4—a exma sra. d. Mariana da Silva Caldas, espoza do cap. Hercules Caldas, e projenitara do nosso companheiro Astrolabio Caldas.

A 6—a sra. d. Erojina Moraes Rego.

A 9—a gentil senhorita Leonôr Coelho, nossa assidua leitora, pertencente ao escól social itapecurúense.

A 12—a gentil senhorita Elzuila Abreu, tambem nossa assidua leitora, irmã do nosso confrade João Vicente de Abréu.

A 18—o sr. coronel Dario Coêlho, habilissimo guarda livros do Canhamo.

A 20—o sr. Manuel da C. Machado, comerciante nesta praça.

A 22—os srs. Umberto Cunha e Sebastião Santos

A 28—a interessante Mariana Mendes.

A 28—o sr. João Gonçalves Leal ativo auxiliar da Ajencia Singer e nosso constante leitor.

—Parabens.

VIAJANTES

Dr. Bento Moreira Lima

Procedente de Picos, encontra-se nesta capital, o ilustre Dr. Bento Moreira Lima, ex-secretario do interior deste estado, cargo este que desempenhou entre nós com o mais elevado criterio.

Abraçamo-lo.

—De regresso do interior do estado acham-se entre nós os professores srs. Gilberto Maia Costa e Cleomenes Falção.

—Seguiram, para Belém, a 27 do corrente, os Dr. Carlos Reis e Hermojenes Pinheiro; para a capital da Republica o nosso conterraneo Newton Germano do Nacimento; para Belém o Dr. Candido Santos, irmão do Dr. Cipriano Santos, ilustre diretor da *Folha do Norte* que se publica em Belém; para o sul do Paiz a prof. d. Odila Pinho e o estimado clinico Dr. Henrique Alvares Pereira.

—De regresso do interior do estado, acham-se entre nós, as aplicadas quintanistas Lucelina Silva, Dolores Barboza, e a professora d. Antonia Rodrigues, nossas assinantes.

—Do vizinho estado do Piauí, volveu, onde tinha ido a passeio, o Dr. Odilo Costa, secretario da fazenda.

—Acha-se em S. Bento, com sua exma familia, o Dr. Barboza de Godois, nosso colaborador.

—Esteve alguns dias entre nós, vindo do Rozario, o comerciante Djalma Souza.

—Regressou de S. Bento, com sua exma familia, o sr. Joaquim Dias.

—Regressou de Cajapió a nossa colaboradora Nair Pinheiro e sua exma familia.

—Vindo de Manáos, acha-se nesta capital, em companhia de sua digna espoza e filhos, o Tenente Coronel Romualdo de Barros Segadilha.

O Carnaval

Ainda parece que estamos a ouvir os ultimos ecos carnavalescos, pelo espaço a fóra, seguidos de tambores, guizos etc.

Mas, não, isto é apenas uma pequena impressão.

O carnaval já terminou.

A nota mais brilhante do *carnaval* deste ano foi a apreciavel idéa dos Drs. Antonio Bona, Teodoro Reza, Bento Labre, Raul Pereira, promovendo aquele esplendido corso, que nós todos apreciamos, nas tardes de domingo gordo e terça-feira.

Desde ás 16 horas destes dois dias que, de todos os angulos da cidade, se encaminhavam, para a rua *Rio Branco*, logar escolhido para o corso, diversas pessôas, uns com o fim de se distrairem, outros com o unico fim de apreciá-o.

A's 16 1/2 já a rua *Rio Branco* se achava em delirio de um extremo ao outro, devido a grande quantidade de pessôas que estacionavam. Os carros desfilam e subiam, cada qual mais caprichozamente alegorico, com o fim de disputarem o premio oferecido pela comissão acima indicada.

Dentre os inumeros carros os que mais se distacaram pelas suas ornamentaçõis foram os seguintes:

Pagode c'e Japonez, dos promotores do «corso», premiado; *Godola*, do Cel. E. Burnet, puxado por um belo dragão marinho; *Cesta de Flôres*, do Cel. Domingos Rodrigues; *Carro Americano*, de diversos rapazes da nossa elite social; Borboleta, do Dr. Anibal de Andrade, e um *Jumento-movel*, do sr. Umberto Fonsêca.

A' comissão promotora do «corso» enviamos os nossos parabens, pelo sucesso cauzado no nosso meio social.

Falecimentos

Faleceu no dia 27 de janeiro, o coronel Abimael Figueiredo, filho do dezembargador Valente Figueiredo e cunhado do Dr. Luiz Carvalho, nosso reprezentante federal.

D Xisto Albano

Em fins do corrente mez faleceu, no Ceará D. Xisto Albano, ex-bispo do Maranhão.

—A's familias dos finados enviamo pezames.

MATEMATICAS

Mais uma seção creamos na nossa «Revista», com o nome acima.

Dela encarrega-se o nosso mestre José Anguste Corrêa, cujos predicados todos nós, bem os reconhecemos.

O leitor que muito gosta de matematica, encontrará a contar deste numero, esta seção, que trata dessa materia.

Reabriram-se, a 1º de fevereiro, as escolas estadoais e municipais.

Um problema de Combenausse:

Achar uma proporção tal que a soma dos extremos seja 9, a dos meios seja 6 e que a soma dos quadrados dos seus quatro termos seja 85.

Rezolução:

Attendendo ás indiesçõis do problema e ao principio fundamental, chegamos ao seguinte sistema, supondo a proporção $\frac{X}{y} = \frac{Z}{u}$, a saber:

$$x + u = 9$$
$$y + z = 6$$
$$x^2 + y^2 + u^2 + z^2 = 85$$
$$xu = yz$$

Elevando ao quadrado a 1ª e a 2ª equação, teremos:

$x^2 + u^2 + 2xu = 81$

$y^2 + z^2 + 2Yz = 36$

somo dá:

$x^2 + y^2 + u^2 + z^2 + 2xu + 2yz = 117$

Podemos nesta equação substituir

$X^2 + Y^2 + u^2 + Z^2$ por 85 e então teremos: $85 + 2xu + 2Yz = 117$ ou $2xu + 2yz = 32$ ou $xu + yz = 16$

Mas $xu = yz$; portanto

$2xu = 16$

$xu = 8$

Consideremos agora este resultado com a 1.ª equação; teremos pois

$xu = 8$

$X + U = 9$

Formando a equação do 2.º grao e resolvendo-a, acha-se:

$X = 1$

$u = 8$

Temos tambem

$2yz = 16$

$yz = 8$

$Y + Z = 6$

Formando a equação do 2.º grao e resolvendo a, chegamos a

$Y = 2$

$Z = 4$

Chegamos à proporção

$$\frac{1}{2} = \frac{4}{8}$$

José Augusto Corrêa.

A Canastra da Revista

Recebemos e agradecemos a vizita das seguintes publicaçõis: «O Norte», do Barra do Corda; — «O Norte, de Goiáz; «O Liláz, de Caxias, orgam do belo sexo caxiense;—O «Orvalho», revista de Maceió, Alagôas;—«O Gladio;»—O Jornal Batista, do Rio. Todas estas publicaçõis trazem fartas colaboraçõis em proza e versos.

—Justino de Avelar (S. Luiz)

O seu *inspirado* trabalho recebemos n'um dia do mêz de janeiro findo.

Não o publicamos por acharmos exajérada a maneira de exprimir os seus «Sonhares», á noiva dos seus sonhos.

Sabemos o que você quiz dizer; mas, talvez, a necessidade da rima fizesse com que arranjasse umas palavras terminadas em *ôjem* e as colocasse desordenadamente, isto é, sem dar aos periodos um sentido completo.

A metrica está medonha e, quando você diz que com muita sêde estava cercado de paus, dar-nos a idéia de quem estivesse já há trez ou quatro dias sem tomar agua no seu cercado semel[illegible] *cagado*.

Assim, perdôe nós a franqueza, mas não podemos publicar o trabalho de você; porque diz o adajio: «*quem se mete a redentor, sae crucificado*».

—Fonck (S. Luiz)—Recebemos a sua carta de 16 do corrente.

Nela, você se mostra aborrecido porque não publicamos o seu conto «*Odio de Mulher*».

Ora, como sabe, você, na carta de 6 do janeiro, nos pedio que lh'a respondecemos de acordo com a nossa critica opinião, pela Canastra da Revista.

E assim, achamos que cumprimos um devêr, accedendo ao seu pedido.

A sua colaboração, veio-nos completamente errada, ogo, você não tem razão no que diz na sua carta de 16 do corrente.

Diz, que, assim como lhe mandamos (por gracejo) plantar *jabotas*, você pode, tambem, mandar o Luizinho Sabio, porque diz no numero 11 de nossa Revista:

«O Liláz, orgam do belo sexo caxiense, de Caxias.

Diz, mais, que não sabe a razão porque sublinhamos o seguinte trecho:

«Esse *odio* que lhe nace do coração e quazi sempre oriundo desse mesmo amor delirante e ardente que Cupido num dos seus inumeros caprichos transforma rapidamente em *odio* tem sempre um fetrico fim?» E

pergunta-nos porque grifamos, nós, o verbo «esconde»

Quanto ao que diz você do Luizinho Sábio, nada absulutamente adeanta porque você, quando escreveu, não soube o que disse.

Analize melhor o que disse o Luizinho, e véja a quêm se refére o derivado *caxiense*, si ao «Lilaz», si ao belo sexo.

Por este motivo e outros é que dissemos que você odeia a gramatica.

Sublinhamos o trecho que nos fala, para dar-lhe melhór sentido na compreensão do *Odio* transformado em *odio*; porque nós compreendemos e todos compreenderão, é o seguinte:

«Esse *odio* que Cupido transforma em *Odio* tem sempre um trético fim.

Na sua carta ultima, veio-nos correjido o referido trécho.

«Esse odio que Cupido transforma em Odio que tem um trético fim»

Nestas satisfaçóis, damos, simplesmente o sentido principal do trecho por necessidade de espaço.

Assim, ficamos calados, mas da primeira forma, nunca.

Com relação ao verbo «esconde,» grifamo' o para esclarecer-lhe, melhor a terceira oração deste periodo que rão está perfeita, uma véz que o verbo deve ser *esconde-se* e não *esconde*.

Na primeira oração diz você:

«Assim como o tigre *esconde* as mortiféras garras sob o pêlo aveludado, quando em estado de quietação um sorrizo, um olhar, velado por longas e *sentineas* polpebras, *esconde* um mundo de tempestades encerradas no coração de mulher.»

Quêm é que se esconde nesta oração, o tigre ? ou é o mundo que se esconde ?

Estaria correta se você escrevesse com mais atenção e dissesse:

«Assim como o tigre esconde as mortiféras garras sob o pêlo aveludado, quando em estado de quietação, num sorrizo, num olhar velado por longas e setinéas pelpebras, esconde-se um mundo de tempestades encerradas no coração da mulher.

Se o sentido [illegible] você escreveu tambem o sorrizo, [illegible] não fica tão bem esconder um mundo como [illegible] esconder-se num sorrizo, num olhar de mulher. E' uma questão de ideia de nossa opinião...

Pandego este Fonck querendo emendar o nosso companheiro Luizinho Sábio.

Luizinho Sabio.

Fazendo justiça

Todas as pessôas que lêram a «Pacotilha» do dia cinco do mez corrente, naturalmente, ainda teem em memoria um dos telegramas, onde se disse que o jornal «Correio da Manhã» do Rio, havia atacado sua Exa. o Dr. Euclides Barrôzo, diretor geral dos telegrafos, por ter vindo ao Norte tratar de um inventario e abiscoitado trinta mil reis diarios.

Ora! ai está uma questão, que ainda mesmo as pessôas menos versadas em materia de telegrafia não acreditarão.

Eu, que sempre procurei estar, quanto possivel, inteirado do que se passa nessa Repartição, tomo o encargo, mesmo daqui do Norte, de fazer sentir aos que me lêrem, como se explica a censura daquêle jornal.

Vejam os Snrs. quanta injustiça encerra aquela acuzação: em primeiro logar, suponhamos que não tivessem existido, motivos e formais que obrigassem o Dr. Barrôzo, a inspecionar os serviços da Repartição.

Ainda assim, é bem justificavel a sua viajem, porque para isso, o autoriza o regulamento.

E, não me parece bem, que, para uma viajem de inspeção em serviços subordinados a uma Repartição que alguem administre, seja preciso anteporem-se anormalidades, para que ela se realize, uma vez que, esse alguem está autorizado por um decreto a fazêl a quando julgar conveniente.

Assim fez o Dr. Barrôzo, cumprindo os despozitivos claros do regulamento.

Neste, entre outras partes que justificam a orijem dessa viajem, encontra-se o artigo 162, que na sua quarta parte diz: são funçóis do diretôr: examinar e fiscalizar pessoalmente ou por intermedio de funcionarios de sua confiança, qualquer serviço da Repartição ou outro cuja fiscalização lhe incumba.

Art. 420. Quando viajar em serviço o diretor geral perceberá uma diaria igual a gratificação—«pro labóre»—de um dia, correndo as passajens por conta da Repartição.

Ora! Veijam os leitôres quanto foi arbitrario aquêle jornal fluminense, que alêm de inventar que o Dr. Barrôzo, veio tratar de um inventario, ainda aumentou a suposta, gratificação ilegal.

E é facil de se provar!

Percebe aquêle cidadão a importancia de dois contos de reis (2:0.0$000) mensal, cuja terça parte seiscentos e sessenta e seis mil seiscentos e sessenta e seis reis (666$666) é considerada gratificação—«pró labóre»

Logo, sendo a gratificação—«pró labóres»—de um mez seiscentos e sessenta e seis mil seiscentos e sessenta e seis reis (666$666), a de um dia não pode ser trinta mil reis (30$000) e sim, vinte e dois mil duzentos e vinte e dois reis (22$222), conforme demonstram os calculos arimeticos.

Estou bem convencido que aquêle Senr. nenhuma importancia ligará a essa aleivozia, mesmo porque, tem consciencia do seu procedimento criteriozo, e, não custará aos mais curiozos procurarem lêr o ato oficial que o autorizou a essa viajem, e que se encontra rejistrado nos livros da mesma Repartição.

Nesse cazo, quem dirá que êle não devia receber a gratificação que tinha direito ?

O modesto diretor tinha esse direito e não possue fortuna bastante fabuloza para dispensar essa quantia em beneficio de tantos outros funcionarios vagabundos, êle que tem demonstrado o quanto é trabalhadôr, zelôzo e justo.

Quem tem feito mais que êle durante esse curto espaço de tempo, que está como diretôr?

Quem, mais que êle, tem procurado melhorar o serviço, reformando-o precizamente, enviando funcionarios competentes para os pontos mais dificeis e conseguindo um rezultado perfeito e pronto ?

Vê se pelos seus relatorios, o quanto tem melhorado e aumentado o serviço em todos os nucleos, durante a sua administração.

Por exemplo: aqui na estação de S. Luiz, que funciona prezentemente sob a chefia interina do Sr. José Araujo, telegrafista de 1ª. classe e sob a dirijencia do Dr. Elba, nos aparêlhos «Baudots» as couzas tomaram um caminho regular na execução de tudo quanto se relaciona com o serviço; ainda mesmo com o grande aumento do movimento mensal, como prova a estatistica de janeiro proximo findo: telegramas transmitidos 6.499 com 107.582 palavras; recebidos 6885 com 143 131 palavras; intermedios 1.688 com 38.974 palavras.

Além de tudo isso, tem o telegrafo nacional um [illegible] inimigo—o inverno—; que diariamente lhe causa [illegible] prejuizos nas linhas, mas, não obstante isso e devido [illegible] providencias prontamente tomadas pelos Snrs. Araujo e Elba, todo o serviço se tem feito precizamente.

Assim, Senrs. leitores desculpem-me a cacetada, porque, estou satisfeito em rabiscar estas linhas tão verdadeiras, quanto o meu espirito de moço jamais se poderá conformar com couzas tão falsas como o ataque daquêle jornal.

S. Luiz.

João Vicente de Abreu

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO—MARÇO DE 1917 | Num. 13

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:	GERENTE	TEZOUREIRO
Astrolabio Caldas José Monteiro. Mauricio Furtado	Clemente Guêdes	Antonio Louzeiro.

ASSINATURAS

ANUAL		SEMESTRAL	
Capital.	2$000	Capital.	1$200
Interior	2$500	Interior	1$500
Exterior	3$000	Exterior	1$800
		Numero avulso.	$200

SOCIOS COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Nestor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Perreira, Francisco Santos, Francisco P. Costa, Manoel Fernandes, Ivis Farga, Candido Aires, Gonçalo Moreira Lima, Almir Santos, Oscar Carvalho, Fran Teixeira, Vitorino Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Coelho, Francisco Garrido e João de Deus Coelho.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araçéa Fernandes, Altiva Smith, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozeila Costa, Filomena Silva, Joseia Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bojéa, Zozima Sá, Abigail Sarmento e Zenaide Segadilha.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozeila Costa.
Rozario—Prof. Laura Roza.
Arari—João de Lemos.
Bacabal—Emiliano Castor R. Falcão.
Pedreiras—Prof. Arcolina S. Guimarães.
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Grajahú—Orestes S. Moução.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Barro Vermelho—Filomena Silva.
São Vicente Ferrer—Prof. Ana A. da Mota.
S. to Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro—Prof. Ermelinda Macamadio e o sr. Francisco Leite.
Icatú—Jozefa Amazonas.
Arary—Raimunda L. Fernandes.
Tury-Assú—Prof. Adelpina Fuques.
Chapadinha—Manoel L. Fernandes.
Brejo—Almerinda Rodrigues.
Buriti—Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercinda Pedrozo.
Carolina—Benjamin Carvalho.
Ponte-Nova—Izabel Araujo.
Cururupú—João de Abreu e Raimundo Gabina.
Alcantara—Filomena Cruz.
Turcia—Luiz Carvalho e Carmen Cruz.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Amazonas—Sta. Isabel—(Rio Negro)—Eduardo de Oliveira Neto.
Pará—(Belem)—Rita M. Silva.
Piauhy—Teresina—Edison Moura.
Amarante—Paulo Ferreira.
Rio de Janeiro—Francisco Santos.
Minas Geraes—Cantagalleira—Maria Silva.

SUMARIO:

O primeiro marco—Lér—Luzo Torres; Soneto—Correa de Araujo; Paizagens—Dr. Oscar Galvão; Uns belos olhos—Lemos Viana; O analfabetismo—João Caldas; Pela Belleza Nacional—Godofredo Viana; Personalidades—M.; Muito afeto—E; Uma «Revista»—José Monteiro; Pelos serões—Clemente Guedes, Pax—Hilton Fortuna; Vespasiano Ramos—Nascimento Morais; A imprensa—José Augusto Corrêa; Teus olhos—Agenario de Carvalho; Em março—J. Ye... Abreu; mar... Butterfly; Suave espirito—Paulo Guimarães; —Domingos Barbosa; A placeridade do am... Mal de amôr—E. Polari; Carta aberta—Francis... lho; Grata lembrança—Vicente Aires; O Maranhão literario, no passado—Astrolabio Caldas; Na roça—Antonio de Deus Coelho; Preces d'alma—Candido Aires; Nascimento Morais; Passeando—Jacira; Deus superomnia—Dr. Oscar Galvão; Duas vidas—Zildo F. Maciel; Noturnos.

MARANHÃO--MARÇO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 13

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

O primeiro marco

Um anno de existencia completou a «Revista Maranhense». Para os que nella moirejam foi um anno de luta, de sacrificios, desgostos, decepções e vitorias, e destas, a maior, é incontestavelmente a do seu aniversario.

Fortes pelo amor [illegible] grandeza do Ideal [illegible] vista» estimulados [illegible] ram fileiras, vincul[illegible] ideal e com maior v[illegible] larga amparados p[illegible] rajados pelo bom [illegible] preendem o merecimento [illegible] quaes os rezultados que amanhã [illegible] neficio da terra maranhense.

Porque na a «Revista» não está somente amor proprio de um punhado de moços que se iniciam no cultivo das letras; não está a roupajem de uma validade que, de futuro, se venha mostrar, com doirada plumajem.

O que os impulsionadores desta publicação vizam acima de tudo é contribuir para que a instrução se espalhe por todo o Estado, é provocar uma centelha de luz que vá a alguem aproveitar pela vitoria das lêtras, é combater o analfabetismo, é difundir a educação moral e civica, é proclamar a cultura intelectual, mais uma vez enaltecê-la elojia-la para que os maranhenses nunca se esqueçam de a estimar.

Até hoje o Maranhão tem vivido da fama e das obras dos seus intelectuaes. E' o bem que até hoje a esta terra não se conseguiu arrancar. E, pois, se é esse o unico bem que se o estime na formozura, do seu aspecto no conforto, que a todos proporciona, na claridade intanjivel com que abençoa a terra.

A «Revista Maranhense" tem o seu ideal grande, nobre por que se bate com denodo.

E' ideal de moços, sonho de rapazes que ainda mantem impolutos os sentimentos, que ainda não foram mordidos pela vibora da cobiça e do interesse.

E uma leva de almas novas que sentem bem o orgulho da terra que lhes é berço. E porque é assim a "Revista" representará emquanto viver um brado eloquente da mocidade maranhense, para ser ouvido sempre por todos os maranhenses, quaesquer que sejam as circumstancias do meio, em todos os tempos.

BIBLIOTHECA PUBLI[illegible]
ESTADO DO MARANH[illegible]

Lêr

[illegible] moços da «Revista Maranhense»

[illegible] todo o programa da mocidade [illegible] de que estuda não é simplesmente [illegible] cursos oficiais, de [illegible] das de bacharéis, [illegible] res, mas todo trabalho sabe [illegible] feiçoamento [illegible] uteis.

[illegible] pela significação [illegible] mais largos á inteligencia. [illegible] é uma hora de arte pura, ao lado de um gosto passageiro, através das sensações delicadas que lhe abalam a emotividade, sente que alguma coisa lhe fica incorporada ao pequeno acervo mental, alguma coisa que já não é bem o trabalho do autor lido, mas [illegible] elaboração este[illegible] inconscientemente os [illegible] incias, a despertar outras ideias.

Quanto ao contacto directo [illegible] que se vulgarizam os conhec[illegible] desnecessario é encarecê-lo. S[illegible] cogitações em que o «eu» e o [illegible] h[illegible] um[illegible] infinidade de fenome[illegible] que só uma imperdoavel i[illegible] abecar.

Num pequeno com[illegible] ção cientifica leio isto[illegible] nu[illegible]mero de pessoas q[illegible] jardim e não sabem con[illegible] agua, ou entram num te[illegible] porque do apito, do res[illegible] e motiva.»

Este assêrto me de[illegible] ignorancia! a ignoranc[illegible] que se conformou com [illegible] sair do circulo de carva[illegible] ignorancia activa, a qu[illegible] motriz a curiosidade [illegible] pelas crianças a a[illegible] descobrirem o[illegible] se[illegible]

A cultura f[illegible] lidade dos povos [illegible] policiamos dou[illegible] apologistas da f[illegible]

dade é, porém, sempre ascensional, através do tempo, e a base desta escalada interminavel, em que se empenha toda a nossa especie, é a cultura intelectual. Até essa guerra gigantesca, em que os grandes principios do direito e da justiça estão sofrendo um grande eclipse, vem demonstrar, pelo horrôr das suas proporções, os profundos alicerces e a trama vasta da solidariedade de sentimentos entre os individuos e os povos. E no dia em que ela terminar, tão certo como a rotação do nosso planeta, a moral humana ha de sair, desse banho de fogo, brilhante e dominadora como nunca.

Lendo e relendo os grandes artistas, procurando comprehendê-los, é que conseguimos adquirir, através de uma admiração cada vez maior, e guardada a lei eterna da relatividade, isso que se chama o senso estetico, e que o estudo exclusivo da sciencia pela sciencia não fornece. Limitado aos estudos de engenharia, Euclides da Cunha não escreveria nunca «Os sertões e A' margem da historia.»

Os segredos da nossa lingua, aprendida incessantemente nos mestres, tratada com filiais carinhos nas suas minimas particularidades, gozada com a devota paixão nos seus monumentos imperecebiveis, só a leitura paciente e per[illegible] desvendar, sem depravações de [illegible] moderno e sem parvas ranç[illegible] abemolados pelo pedantis[illegible] leitura das bôas obras [illegible] apercebemos da su[illegible] recursos que el[illegible] grimas, opule[illegible]

O voc[illegible] veio dos t[illegible] não procu[illegible] dialect[illegible]

O que [illegible] te o aprecia[illegible] vroriez. Era o [illegible] xcedivel Camilo; «[illegible] V. Exa. o ardente Satirico, neto [illegible] Quevedo, [illegible]he põe ao serviço da sua mizantropia o mais queante e o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses admiram apenas em V. Exa., sêcamente e pècamente, o homem que em Portugal conhece mais termos [illegible]

[illegible] nos rapazes, mal desponta neles, com [illegible]co, o gosto literario, agrada mais es[illegible]. Comprehende-se esta preferencia, [illegible]m escreve publica e quem pu[illegible]arecer é sempre grato ás justas [illegible]vaidades de quem é moço. De[illegible]na tem irresistiveis atrações. [illegible]ores habituais, a não sentiu [illegible]de nos não se lhe entregou [illegible]a leitura tem compensa[illegible]piras, tanto pelo deleito [illegible]e pela multiplicadora in[illegible]e a capacidade concepcio[illegible]

[illegible] Emilio Faguet deixou um [illegible]que todos os moços aman[illegible]mpulsar, assim pelas en[illegible]cerro, como pelo cab[illegible]del [illegible]mite. Lêr, diz ela, "é pen[illegible], pensamento de outro, e [illegible]me ou contrario ao seu[illegible]. E aduz: "Em latim, [illegible]". [illegible]das estações, como [illegible]que uma vontade [illegible]te a nossa vida.

[illegible] Luso Torres.

SONETO

Mal olhou-me e passou gracioza e bella.
Passou, mas quando a inoviavel hora,
Guardo a extranha vizão, e até agora
Não pude, ó deuzes, esquecer-me dela!

Estrela, do azul rutilo; onde móra,
Lançou-me um raio, e deslumbrei-me ao vel-a,
E amei a estrela doidamente, e a estrela
Foi-se em seguida pelos céus a fóra...

Tantos annos que fazem! Já anoitece
Na minh'alma, e ao crepusculo que finda
Mais a saudade dos seus olhos cresce!

Neste vale de lagrimas e abrolhos
Nunca mais hei de ver mulher tão linda
E olhos tão lindos como aquelles olhos.

S Luiz. CORRÊA DE ARAUJO.

[illegible]ens

A Oton Bulhões

[illegible]zo canto;
[illegible]o ninho;
[illegible] mangueira
[illegible]e anjinho.

[illegible] saltitando
[illegible]ce suco dacucena;
[illegible]berlo feliz contempla riindo
O colo jambo de gentil morena.

Em lobrego tugurio um preto velho
Tanje a tosca marimba com mestria;
Na varzea ao longe a pecnapá soluça
Termos queixumes pelo fim do dia.

A tarde oscúla a noite, a estrela fulje
Medrozo coriango ás tontas vôa;
Do patio o zagal toca o seu banho
Que alegre pula, grazinando atôa.

Abre a pupila sonolenta a aurora
Deslumbrante de luz, vida e fulgor;
Quadro imponente! a natureza é tela
Sol escopro divino e Deus pintor.

DR. OSCAR GALVÃO

Uns belos olhos

(BURLESCO)

Jamais, entre os mortais, vivem, senhores,
Tanta maldade unida a tanta graça:
São uns bandidos da mais fina raça
Esses dois negros olhos traidores.

Não ha quem sobre a terra mais horrores
Tenha causado, e ais est agos faça...
Triste, triste de quem ao lado passa
Desses dois luminosos salteadores!

Hontem seguia, incauto e descuidado,
Quando os vi... Perdi logo o sentido:
—Tinha um punhal me atravessando o seio...

E—(ai!) não haver no Codigo Penal
Um Artigo que, para o bem geral,
Puna os ladrões do Coração afeito!

LEMOS VIANA

O ANALFABETISMO

Será crivel a impossibilidade de se extirpar o analfabetismo que grassa em nosso paiz, de norte a sul?

Consultando a minha consciencia sobre a pergunta acima, depois de haver retirado as vistas de um quadro em que se encontram os dados oficiais de uma estatistica que respeita á instrução publica no Brazil, só póde encontrar uma resposta affirmativa.

Com a minha, certamente, estará a opinião do leitor, e nem se pode mesmo formular um outro juizo sobre o caso, pois se, conforme se depreende dos dados, a porcentajem de frequencia escolar, relativamente ás crianças que estão aptas a frequentar as escolas, é de 42 °/° no Districto Federal, menos de 20 °/° em S. Paulo, Pará e Matto Grosso; menos de 15 °/° em Minas Geraes, Paraná, Serjipe, Espirito Santo, Maranhão e Rio de Janeiro; menos de 10 °/° em Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Goiaz, Parahiba, Alagoas, Piauhi, Amazonas, e Ceará.

Notemos, porém, a vista desses Estados, que, no Rio Grande do Sul a media é de 23 °/°, emquanto Santa Catarina ainda se eleva 25 °/° !

Não deixa de haver cauza a uma estupefacta admiração nossa, porque bem se sabe que, sendo S. Paulo um Estado que se nos aprezenta com uma população superior a tres milhões de habitantes, não podia de modo algum o Estado de Santa Catarina determinar uma vantajem de 5 °/° a mais do que aquele, uma vez que a sua população, notada apenas em quinhentos mil habitantes, é seis vezes inferior !

Daí, em virtude do que se vem de expôr, somente comprehendemos que o povo de Santa Catarina tenha maior interesse pela instrução que os paulistas, salvo se com estes acontece o mesmo que se dá com a Russia europea, onde a classe baixa se encontra em verdadeira ignorancia, ao passo que os homens de classe elevada gozam de bôa educação...

Estabeleçamos agora um parallelo, se é que isso se póde fazer, entre Minas Geraes, cuja população é de cinco milhões de habitantes, e o Maranhão que possue oitocentos mil. Veremos então que nenhuma vantajem apresentam os mineiros, visto como, quer num quer noutro estado a media de frequencia escolar, notadamente ás creanças aptas para esse fim, é de 15 °/°, o que nos leva a crér que o Maranhão, muito mais que Minas se preocupa com a cultura intelectual, e digamos ainda que, a vista da sua população, temos com Espirito Santo, se bem que este ainda nos leve alguma superioridade, razões para crér que, nesse ponto, não somos dos mais desprotejidos da sorte.

E-nos lamentavel, entretanto, mesmo assim, contar, entre cada cem crianças, apenas quinze que frequentam as escolas.

Lançando-se a vista para a capital, parece-nos que absolutamente não póde haver um cunho de verdade nessa estatistica, por isso que se nos parece não pequeno o numero de infantis que, diariamente, ás primeiras horas matutinas, demandam as escolas publicas e particulares, em busca de luz, em busca de saber, porque elles amanhã constituirão, certamente, esse nucleo de homens em cujas mãos irão pairar os nossos destinos !

Mas, com tudo isso, nada temos feito, porque o nosso interior, quazi por completo, está desprovido de escolas. Conquanto tenhamos em consideração que em cada cidade ha um professor publico, remunerado pelos cofres do Estado, não basta, e tanto não basta, quanto não bastaria se vissemos elevadas a mais um terço as escolas da capital.

Mesmo assim, elevado o numero de escolas, quer publicas, quer particulares, a epidemia do analfabetismo não desapareceria e nem declinaria a olhos nús; tenderia unicamente baixar um pouco.

Devemos abrir escolas para podermos fechar cadeias na expressão de um dos nossos chefes de estado, cujos serviços prestados á santa cauza da instrução foram relevantissimos.

Onde quer que seja que a instrução não se vá difundindo, a ignorancia se desvendará, lançando-se arrebatadoramente sobre a humanidade, prejudicando-a sensivelmente, dando logar aos crimes, taes como os assassinatos, os roubos e tantas deshumanidades que infestam aterradoramente o globo terrestre.

Entre os homens devia unicamente existir um desejo ardente, um egoismo inominavel, uma vontade sobrenatural,—a illustração do espirito.

Acontece, porém, justamente o contrario, porque o homem, e com especial menção essa falanje de moços, longe de ambicionar a cultura espiritual, tenta adquirir, embora por meios depreciados, uma fonte perene de riqueza, e, assim, muitas vezes, até mesmo dispondo de meios monetarios e vontade [illegible] mentar as suas rend[illegible] de[illegible]xac[illegible] desprovidos da educaç[illegible] inistrar.

E, senão, [illegible] periodico sobre o assun[illegible].

«... E tal foi o atrazo que ele produziu, que não só o riso se transformou em lagrimas, como corrompeu o proprio gosto dos homens, incapacitando-os quazi por completo de fazer uma justa [illegible] assim se explica essa idolatri[illegible] assim se explica que a maioria [illegible] como suprema desgraça o não possuir ouro nem prata.

.....

... Na estimação do mundo em geral vale mais um homem «apatacado», embora estupido, do que um homem de saber. O homem considera mais aquele que de pobre conseguio tornar-se rico, mesmo por meios desonestos, do que aquele que, preferindo viver sempre honestamente e nunca abusar da bôa fé do seu proximo, continúa pobre das cousas materiais, mas rico das espirituais —amôr ao proximo, sinceridade, fidelidade nos tratos, etc.

.....

...A razão principal porque temos a enorme porcentajem de 75 °/° de analfabetos, é porque o povo não procura o pão espiritual com o mesmo afan com que procura o pão material.»

Longe ainda poderiamos ir, numa serie de apreciações sobre o caso presente, o que nos não convem, visto a impossibilidade absoluta de agora faze-lo...

A França, o paiz cuja civilização goza de uma fama

universal, que lhe foi com justiça confiada, muito se preocupa pela educação de seus filhos.

Nos tempos antigos, Athenas se destacava pelo valor intelectual de seus filhos, nas letras, nas ciencias e nas artes, em verdadeiro contraste com Sparta que, bem cedo ainda, devido ás leis de Licurgo, os entregava ao Estado, com a idade de sete annos, exercitando-os a correr, saltar, pegar em armas, emfim, fazer sem timidez toda a sorte de exercicios que lhes podessem garantir victoria num campo de batalha...

Eram esses os costumes dos Spartiatas; as crianças ali nascidas pertenciam mais ao Estado que ás suas proprias familias.

Nada disso, porém, nos admira. Mas o que nos pode causar má impressão é a narrativa que, por vezes, temos ouvido fazer, pelos nossos antecedentes, de que outr'ora, ha cerca de um seculo, os nossos avós não mandavam ensinar a lêr ás suas filhas, afim de que estas não podessem responder ás cartas dos seus namorados!!!

Parece-nos incrivel, mas é uma verdade, por signal irrizoria...

Hoje, felizmente, não vemos dessas couzas. Se bem que a mulher não se tenha ainda, com rarissimas excepções, dedicado, essencialmente, á cultura espiritual, podemos vêl-a algumas vezes entabolar conversações proveitosas, em que demonstram ter feito algum estudo.

Na França, como se sabe, a mulher atinje a um alto gráu de perfeição, em diversos ramos da vida, empregando-se [illegible] ta ou maior competencia que os homens.

E porqu[illegible]em o mesmo exemplo?

E verda[illegible] têm to nado um certo incremento de tempos para cá. Além de muitas se entregarem, com esmerado gosto, ás letras, ha tambem farmaceuticas, dentistas, medicas, etc., embora em pequenissima escala.

[illegible], encontrámos esta ponderação que deveria ser posta em pratica e aceita com muito interesse pelo belo sexo:

«Já temos, por exemplo; algumas mulheres medicas; mas porque esta profissão não se poderia generalizar de modo a que medicos tratassem de homens e medicas tratassem de mulheres? Quem não sabe os vexames por que passa uma joven, e mesmo uma senhora, em ter de revelar, a um homem estranho, os seus incomodos mais secretos?! Já quanto a uma mulher medica não haveria isso; além de que, a mulher, por experiencia propria, sabe melhor os males de que sofre o seu sexo; o que os medicos só adquirem pelo estudo dos livros e por longa pratica».

Só existe uma resposta para a pergunta acima. E' que a mulher, em quasi a sua totalidade, mal termina o ABC, logo se preocupa com os seus primeiros amôres, com a moda e tantas outras illuzões do mundo, que não dão logar a outros ideiais mais nobres...

Antes de encerrarmos esta ligeira cronica que, sobre esse assunto, vimos abordando, seja-nos permitido, pedindo venia ao seu autor, que para cá transplantemos o topico da carta do esforçado agente sr. João de Leonis, digno e zeloso intendente municipal do Arari, homem verdadeiramente compreendedor do seu papel de autoridade, cujos atos devemos sinceramente louvar, desejando que, dessa tempera, sejam as demais autoridades que exercem, com responsabilidade, identicas funções pelos recantos da nossa terra.

E, si assim fôsse, teriamos, certamente, de colher os loiros dos nossos esforços, derruindo talvez, de uma vez para sempre, a terrivel epidemia do analfabetismo que, como dissemos, aterradamente grassa neste paiz...

Eis o topico da carta:

....

«Sou, por indole, muito afeiçoado á educação da infancia, por isso, o meu principal cuidado, no cargo de intendente deste municipio, tem sido a instrução das crianças, a ponto de haver renunciado os proventos do cargo em favor desse empreendimento...

O Arari foi sempre um dos logares mais descurados, em materia de ensino, desde 1900 até 1913; graças, porém, á incontestavel solicitude do nosso atual governador, que, logo no alvorto do seu governo, conservou a escola do sexo masculino e nos deu mais uma mixta, rejida por professora normalista; temos dado um passo para diante.

O municipio, por sua vez, criou a sua escola, á [illegible] atenta a extenção do litoral, que se desdobra do «Carmo» até á boca do Rio Mearim (seis leguas aproximadamente), dei uma organização especial, dividindo-a em seções, para que os logares mais povoados ficassem todos servidos de um mestre escola.

Graças á semelhante medida, já temos uma seção dentro da vila, uma no logar «Franca» e outra no «Bomfim», faltando-nos apenas «Canal da Igreja, Mucura e Primirim. O fato é que todas as escolas estão funcionando com regularidade e o pão do espirito é distribuido diariamente a 600 creanças, mais ou menos, conforme a estação.

Devo dizer que o meu escopo é, criadas mais 3 seções escolares, decretar o ensino obrigatorio no municipio, sendo esse a meu vêr, o unico meio de combater o analfabetismo dominante.

Um dos esteios mais fortes em que me tenho escudado para levar de vencida essa empreza tão ardua, tem sido, sem duvida, o valôr moral e pessoal do meu distinto amigo, snr. cel. Inacio do Lago Parga, nome que, por felicidade, a gratidão impoz a este municipio para tomar por patrono de sua escola municipal.»

....

E, se não fôra a perseverança do seu intendente municipal do Arari, de par com o apoio do governo, quantas crianças não estariam dezamparadas, sem a cultura de inteleto que se faz mistér naquela localidade.

A sua atitude merece, pois, os mais francos aplausos.

Oxalá que esse gesto nobilitante, que acaba de tomar o intendente do Arari, seja o modelo mais frisante para os seus colegas em outros municipios, especialmente nos pontos em que a instrução ainda não galgou seu logar em destaque, como em geral soe acontecer.

Ponhamos e a mão na chaga: o ensino obrigatorio...

JOÃO CALDAS.

(Continúa a lêr).

Pela defesa nacional

A crudenta lição que a Grande Guerra está dando aos povos desapercebidos e fracos, não deve passar sem repercussão entre nós.

E, felizmente, não está passando.

Os espiritos de escol aquelles que do alto da montanha veem sempre o sol primeiro que os outros, andam já a tocar o rebate e a fazer a campanha benefica e urgente que os factos, na sua logica terrivel, estão indicando.

Para que não esmoreçam e deixem cahir, descoroçoados, o guião que empunharam, fazei-lhes mistér os auxiliemos, todos os bons cidadãos, incorporando-nos com animo decidido e a mais robusta fé nessa cruzada santa, de que ha de surgir a segurança da integral realisação dos nossos destinos de povo livre.

Chegou, afinal, tangido pela aspera e dura necessidade dos tempos o momento de emendarmo-nos dos nossos defeitos, que são muitos, e de enveredarmos por estradas mais firmes em vez de tortuosas.

O povo brazileiro, pelos seus estadistas e dirigentes, precisa se traçar programmas bem definidos de instrucção e de defesa, abandonando essa brilhante leviandade com que, de espirito sempre desattento, vamos cada vez mais compromettendo a nossa posição entre as outras nacionalidades.

Com as finanças avariadas, o credito abolido, as fronteiras desprotegidas e cerca de mil e duzentas leguas de costa inteiramente desamparadas; com um exercito reduzidissimo e uma armada que o proprio titular da marinha, segundo se disse, tachou de ineffiz, não é para tranquilisar o futuro do Brasil.

Accrescente-se a esse lamentavel estado de coisas o analphabetismo de uma forte injustificavel que corróe a Nação, como cancro voraz, e teremos um estranho quadro, em que figuram, como grandes manchas negras, as mais serias apprehensões...

Porque a verdade é que um paiz de analphabetos é um paiz de fracos. Quem não sabe da terra em que vive e onde nasceu, nem os factos, nem as leis, quem não conhece nem os seus deveres nem os seus direitos, pode ter rasgos de ferocidade e de energia bruta, nunca, porém, esse ideal sereno, mas vigoroso e pertinaz que somente a instrucção pode dar, pelo contacto intellectual com a humanidade e a sua historia, com a obra moral dos pensadores e com os ensinamentos fecundos da sciencia. Retirae de uma alma tudo isso e não podeis, sem absurdo, exigir que ella seja um elemento de defesa e engrandecimento da Patria.

Preciso é, portanto, que a essa campanha nobilissima da defesa do paiz que andam a fazer cultos e alevantados espiritos, associemos tambem essa outra da instrucção nacional.

Não allleguemos contra ella mal entendidas liberdades.

A Nação tem o direito de exigir de seus filhos que se apparelhem para lhe defender os brios e os interesses sagrados.

Pode consequentemente, obrigal-os a que sejam cidadãos conscientes de suas responsabilidade.

A «Revista Maranhense», que hoje completa o 1.º anniversario de seu brilhante apparecimento, e em cujo seio se contam tantas e tão largas esperanças das nossas lettras, bem podia chamar a si a iniciativa benefica do generoso combate em pró do ensino obrigatorio.

O espirito vigoroso dos seus redactores é de molde a poder abrir brechas luminosas na muralha negra que nos envergonha e humilha. Não ha como principial-o, com os seus santos entusiasmos, a sua fé viva e poderosa, os seus impetos incoffreaveis, o seu desassombro e a sua energia indomavel, para garantir a victoria ás grandes e nobres causas.

Faça-o, pois a «Revista» obstinadamente, sem desfallecimentos, porque, quando mais não seja, terá lançado a bôa semente e colhido as glorias de uma tentativa que, certo, ha de ser mais tarde uma esplendida realidade.

Godofredo Vianna.

PERSONALIDADES

Domingos Barboza, cuja vida literaria brilha a par de muitas outras que, altamente, elevaram a nossa terra ao nivel das terras, em que se cultiva com fervor a sciencia e as letras, é o nosso biografado de hoje.

Escritor que é, por si só reprezenta a grandeza intelectual de uma terra. Sabe dar com uma habilidade rara, á fraze um colorido, que a torna apreciada e que refulje na expressão conciza da ideia que ele expressa.

E' escritor que, delicadamente talha os periodos bordando-os com o seu cinzel de conhecedor perfeito da lingua. Ora, com a graça da fantazia descreve uma paisagem, narra algum conto, comenta algum fato, ora com as côres carregadas da verdade, torna-se admirado de todos que o lêm.

Quando escreve é com uma simplicidade admiravel. Quando se enverêda pelo simbolismo, deixa, por entre as passa-imajens multicôres que refuljem ao embate dos raios da sua intelijencia geralmente, reconhecida.

E para mais provar, basta abrir-se uma das paginas de «O Domino Vermelho», de «Silhuétas», dos «Contos de Minha Terra», dos «Mosaicos» e das «Cruzadas» para se ver, para se avaliar o merecimento de Domingos Barboza.

Sempre, em diversos periodos ele nos apparece com um seu escrito que ás vezes quando não por extenso, traz as letras D. B.

Admiramo-lo como de uma fraze, faz um escrito que só pode uma pena como a sua, aformoseal-o, dotal-o de uma certa perfeição que a todos agrada e por todos fica comprehendido.

Não é preciso, dizer porque mesmo não se pode medir o grão de simpatia que Domingos Barbosa conta no meio da mocidade estudiosa, porque sempre a ele revela seus objetivos e dele recebe o conselho da maneira como deve ajir. E' seu amigo. Ela bem está convencida disto. E' quem a guia se apoia em suas inspirações. Gosta mesmo de patrocinal-a com suas ideias.

Quer vel-a sempre satisfeita em seus desejos.

E' o nosso orador por excelencia. Quando se diz que o Mingos vai falar, já se sabe: mais que depressa apressar, porque a firmeza de sua voz é admiravel, assim como a clareza do seu pensamento.

E para terminar repetimos que Domingos Barboza por si só representa a grandeza intelectual de uma terra.—M.

MUITO AFETO

Seatada em um banco, debaixo de um aprazivel caramanchão, cabelos soltos,a voar impelidos pela briza da tarde, olhares vagos para a porta de entrada, Edina esperava o seu querido Julio, tendo por testemunhas dos seus amôres as flôres e os passaros.

As horas decorriam e com elas o seu pensamento. Já a impaciencia e a duvida não lhe deixavam ficar sentada; agora passeava de um lado para outro, ora colhia uma flôr, ora debruçava-se á borda de um tanque, mas nada via, nada sentia ao redor de si; tinha a imajinação presa ao ente querido.

Sua alma parece que advinhava alguma cousa de tristeza.

Eis que assoma ao lonje um vulto. Mas não é ele!

O! é o carreiro. Este aproximando-se dela entregou-lhe uma carta. Reconheceu a letra, e por alguns instantes permanece silenciosa e abatida, aparentando um pouco de calma, rezolveu-se a inteirar-se do conteúdo.....

Profundo silencio; apenas se ouvia o chilro dos passaros que voavam para os ninhos proximos.

Edina muito triste, passos incertos, dirije-se á caza. Não dormiu, pensando que devia fazer. Sua imajinação divagava; morrera a sua esperança nada havia a esperár.

Que fazer? Consolar-se com a sorte.

Julio era estudante, de familia rica e opulenta, ha dois anos que amava Edina, menina pobre, porem, cheia de todos os melhores predicados.

Sempre que vinha gozar as ferias, reanimava as suas esperanças de amôr.

Amante constante e leal esperava feliz e sempre alegre, não sentia passar o tempo longe da auzencia.

Finalmente, recebera o grão de bacharel, vem realizar os seus sonhos idealizados.

Encontra opoziçõis de sua familia, e muitos dos seus amigos vão de encontro as suas ideas.

Passa, Julio, noites e noites a meditar, envolve-se numa tristeza profunda. Mas seus pais orgulhozos e cheios de vaidades não acedem,

Como fazer sabedora, a sua querida, destas futeis e banais opiniõis?

Devia *dezobedecer*?

Não, isto cauzaria grande desgosto á sua familia.

Nessa tarde, em vez de se dirijir como de costume a caza de Edina, remeteu-lhe uma carta, comunicando-lhe o sucedido, porem prometia nunca mais amar a outra.

Nas tardes seguintes, Edina não mais ia sentar-se debaixo do seu predileto caramanchão. Perdera o seu amante, desiludida da vida, entregou-se ao desprezo e indiferentismo ao mundo, nada para si existia de real.

Ele apaixonado parte para logares distantes, mas sempre, a imajem do seu primeiro e unico amôr a acompanhar lhe.

Estando um dia a lêr num periodico noticias de sua terra natal, depara com o nome de sua inesquecivel Edina do relatorio dos mortos, e não terminando a leitura, pronunciando muitas vezes o nome querido, exala o ultimo suspiro!".....

EL.

"Uma Revista"

Quando se funda uma Revista, ou quando se cria uma corporação qualquer, trata-se primeiramente, do nome que ela deve receber,quais são as pessôas com que se deve contar,quais os lucros, as recompensas com que um dia, gloriozamente contar se possam. E não é só isto, principalmente se é estudante, cojita logo, antes de tudo de preparar o espirito do velho para que este lhe possa dar a necessaria quantia, com que da sua parte, contribúa para a saida da referida Revista. E' o que acontece constantemente. A's vezes a idéa de fundal-a manifesta-se um dia, em que com alguns colegas falavam sobre o passado literario da sua terra que atravez da imensidade do tempo, focaliza na tela arjentea do reconhecimento, os traços marcantes, as imajens perfeitas, desse mesmo passado honrozo de que muito se orgulham.

Acordam em fundar uma Revista em que possam expressar tudo o que sentem em que manifestem as suas idéas de moços, estigmatizadas de esperanças. Escolhem-se os redatores, gerente e tezoureiro, que são coadjuvados por algumas de suas colegas que se comprometem, assim como estas a contribuir com a sua parcela de enerjia na cruzada que encetaram.

Não só no primeiro momento, mas nos outros, tambem uma sêde de conquista e gloria paira na rejião efervescente do dezejo. Projetam-se os planos.

Fala-se o tipografo que, ás vezes, sabendo que o contratór é estudante, faz-lhe uma pequena diferença na impressão. Pedem-se as colaboraçõis. Um dos redatores se encarrega de as receber. Anuncia-se a saida da Revista. No dia marcado, logo pela manhã, os jornaleiros saem em apregoal-a pelas ruas da cidade, onde o leitor que se interessa pelas couzas literarias, a compra.

E para que o novo orgão possa durar alguns anos necessario é que acima de tudo haja uma solidariedade duradoira entre seus membros. A força coercitiva deve unir as moleculas de cujo instabilidade depende o estado desse corpo que se aprezenta em sua primeira faze de existencia.

Não deve prestar atenção á apreciaçõis criticas de pessoas que nada ou pouco intendem de literatura e que se comprazem em notar defeitos que não são defeitos.

Nem sempre devem contar, para a nova impressão, com o capital que se apure da venda.

Devem se compenetrar sempre de que estão concorrendo com toda a perseverança e tenacidade com que construirão o grande edificio moral que patenteará á vista de todos, a inspiração de uma mocidade que sabe cumprir seu dever, de conservar o passado de glorias de sua terra. Não se deve nunca esmorecer, porque o fracasso de um é axvitoria de muites.

Desde que se teve a idéa, é mantel-a, porque se deixará aos vindouros um exemplo de perseverança, um exemplo de grandeza de sentimento.

JOSÉ MONTE[illegible]

Pelos sertões

I

Aqui, entre estes bósques sertanéjos,
Onde vivi repleto de alegria,
Eu tinha a minha vida noite e dia
Rodeado de pássaros e beijos...

Fui feliz nestes bósques l emf zéjos...
Ouvia sempre cheio de harmonia,
Em futuro de rozas que sorria
Entre canções e divinais harpéjos...

Fui feliz sob o sól d'stes l gares!
Contemplei este lindo pano ama,
Este amôr, este encanto, este carinho...

O' que belo era ver estes palmares;
A florésta sorrindo em cada rama.
Cantando em cada rama um passarinho!

II

Foi aqui que senti no meu passado,
Naquela vida descançada e pura,
Em que tudo é sorrizo e formuzura,
O meu primeiro amor apaixonado.

Foi aqui que eu hauri tanta doçura
Dos teus labios em flôr; e que, ao teu lado,
Haurindo o teu sorrizo perfumado
E divino, eu gozei tanta ventura.

Foi aqui... Este sól, a passarada,
As jentis borboletas multicôres,
Tudo me lembra a vida já passada;

E me fala dessa hora de saudade
Em que deixei aqui os meus amôres
E fui buscar a minha soledade!

III

Foi aqui, eu me lembro, era tardinha
Eu senti na minh'alma de surpreza,
Uma grande paixão, uma tristeza
Que confundio essa iluzão que eu tinha

De não amar ninguem... Sempre mantinha
Este dezejo n'alma com firmeza...
Mas eis que veio a mão da natureza
E dissipou essa esperança minha...

Amei!--E fui feliz nos meus amôres...
Tinha aqui, nessa idade prazenteira
Uma vida de creança e um céu de flôres...

Depois,—a ingratidão entristecida
Que me deixou tristonho a vida inteira,
P'ra nunca mais amar na minha vida!

IV

Foi aqui, foi aqui—junto estas flôres
Onde a primeira vêz nos encontramos;
Foi aqui que, de amor, nós dois juramos
Para nossa existencia, um ceu de amôres.

Foi aqui—junto o canto dos verdôres—
Que te encontrei ao som dos gaturamos;
E que ouvimos das árvores nos ramos
As cantigas dos pássaros cantôres...

Foi em Maio;—eu me lembro desse dia
Que nos beijamos; ouves!—os teus olhos
Brilhavam qual os olhos de Maria...

Dêsde então me fizéste solitario:
Fizéste-me da vida um mar de abrolhos,
E desse amor fizéste o meu calvario!

V

Vi-te aqui e te amei: e assim, imérso
Nessa immensa iluzão que nos sorria,
Eu senti, nos meus dias, que devia
Cantar todo este nosso amor no verso...

Cantei! Ergui-o, além, pelo universo,
Cheio de Fé, nas azas da pr ezia..
Tive nessa hora um mundo de alegria
Pairando sobre o meu vivér dispérso.

—E'ramos dois febris apaixonados
A ambicionar um ao outro amor fremente,
Nas cégas iluzões dos namorados...

Mas, hoje, do passado não te importas:
E deixas-me esquecido tristemente
No mar de tantas esperanças mortas!

VI

Foi aqui que te amei; e aqui, querida,
Junto a palmeira que nos vio amando,
Pairo, com a alma abérta te esperando,
Com a alma aberta e pedindo vida.

Não tardes, que minh'alma entristecida
Palpitará,—quando te ver voltando
Ao amor antigo, trémula, implorando
Alivio para uma alma arrependida...

Volta de novo como volta a aurora!
Ilumina os meus dias tenebrozos,
Da-me outros beijos como deste outróra...

Vem contemplar os florestais comigo:
Aqui, fruir os dias dulçurozos
Do céu azul do nosso amor antigo!

Clemente Guédes.

Pax

Para o JOÃO HENRIQUE.

Lavra a chacina. O sangue em ríos colossais
Inunda a humanidade enrubrecendo a terra,
E ao grito estertorante, a dôr que nos aterra
Nos ódios povos atira em gestos infernais!

—E' meio da trajedia, o mazimo da guerra!...
Em pedaços aqui, além um tanto mais,
Corpos fervendo ao sól enquanto nos brutais
Encontros esfaimada e liberta a Morte érra.

Nessa orquestra de dôr, nessa luta tremenda,
Não ha quem da bondade e excelsa voz entenda.
Cada qual no combate assimila uma féra!...

E lá num canto, triste, abandonada e louca,
A Paz geme, soluça e a força se lhe apouca.
—E rouqueja o canhão, e o sabre dilacéra!...

Rio—1917. HILTON PORTO.

Vespasiano Ramos

O livro «Coisa Alguma» não representa toda a bagagem literaria do poêta.

E' uma parte apreciavel de sua farta producção. Bohémio incorrigivel, o inditoso intelectual maranhense não colecionava o que dava á publicidade; e porque, não guardava de cór as suas producções, no momento em que resolveram publicar o seu primeiro livro não lhe occorretam muitas que incontestavelmente dariam maior realce á sua estréa.

Publicados, porém, que sejam os trabalhos que se acham esparsos em jornaes e revistas d'aqui, de Belém e Manáus ter-se-á uma idéa perfeita do merecimento brilhantoso poeta maranhense.

De facto, profunda magua andou a salpicar-lhe os versos de indeleveis traços de tristeza e melancolia que tanto impressionam a quem os lê. Inegavel que a commovente passional lhe arrebatou o estro pondo-lhe nas estrophes violencia e o desespero de um sentimento inquieto, profundamente perturbado pelas rajadas cruentas que vinham do passado e lhe traziam a lembrança amargissima de um soffrimento.

Adelino Fontoura, poeta maranhense, vitimado longe da patria por uma infermidade rebelde, espalhou tambem nos todos os seus versos a grande e sincera magua que matou-nos o mal que lhe consumiu a existencia. Não lhe faltaram confortos de amigos, soccorros de camaradas, nem ares doutros céus, o ruido e o movimento intenso de uma grande cidade.

O grande lyrico maranhense, Gonçalves Dias, ferido fundo, por profundo amor, não no póde esquecer, nem nas viajens, nem nos estudos de historia e ethnographia, nem nas lucubrações literarias, nem nas orgias, nem a embriaguez silenciosa e romantica do gabinete de trabalho, [illegible] perenne tranquilidade em [illegible].

Alvares de Azevedo, fanatisado pela vida bizarra de Byron, gastou a existencia, em poucos annos, pagando pesado tributo á mocidade ociosa e extravagante.

E quantos não têm sido tragados pelos excessos da libertinagem, pelo intenso das libações noturnas, pelo ardente e torvo dos lupanares—derivativos e guaridas de noviços deleitreantes que, pelo tempo adiante afeitos aos primeiros que illudem e as segundas que inebriam não mais encontram estimulo á fantasia senão nesse fóra de portas da vida social onde vão encontrar lembranças de seus maiores nas letras, anedotas, passagens e episodios cunhados pelo merecimento.

Sigestiosa ainda hoje a biographia, recheiada de notas intimas, de Manoel Maria Barbosa du Bocage e seus pares! Essa historia é a mais tradicional de todas desse genero, nas gerações intellectuaes do Brasil. E' a boemia de Muger, colorida brilhantemente, cenas amorosas de mulheres vadias, divas tonalidades descriptivas em que a fome e a miseria se succedem entre deslocamentos e surprezas, rizos de ironia e gargalhadas de sarcasmo com que o talento e a mocidade afrontam da luta as intemperies com que a vida mata os que a tomam no plano superior em que a collocam o artificio e os preceitos que social mente enquadram e envolveu.

A grande ceifadeira há extinguido vidas preciosissimas para literatura nacional.

Federico Rhossard, grande poeta nortista vitimado por bala traiçoeira no Alto Amazonas. João de Deus do Rego, delicioso lyrico maranhense, o auctor das Rimas Finaes, afreguesado nos carros de lixo em que não raro, se transportava pela madrugada, ao lar.

Maranhão Sobrinho, o rebrilhante poeta maranhense, extraviado do poema e da epopéa para permanecer nessa formosa oirivesaria em que lapidou joias tão caras; Baptista Cepello que ha pouco enlactou as letras nacionaes, com a sua morte tragica; Natividade Lima, organização artistica tão cedo roubado á vida; Rodrigues de Assunção que se acabou desastradamente, debaixo de um electrico; e outros e tantissimos outros, almas expansivas xaustas nos cavacos das noites mal dormidas, estiolados pelo desordenados das sensações, alucinados pelo vicio coberto das faccias da graça e pelo facil da emotividade artistica que a camaradagem provoca.

Mas o peor mal é a desorientação literaria que resulta de tão grande desordem moral. A Gonçalves Dias-ampa ou, na tremenda desdita, o conhecimento profundo de todas as literaturas, a sua superior cultura philosophica. No mais livrou, o intenso, a diversificação.

Em Vespasiano Ramos é a mesma nota caracteristica é a mesma irregularidade. A vibração amorosa resiste a todos os embates do mundanismo.

Mas o poeta não constróe com o seu adoravel lyrismo monumentos de grande vulto em que haja sintese moral, ou generalidade social.

Sua obra, são esses pequeninos mundos multicôres que vivem nos seus sonêtos, luciliam nas suas quadras que falgem nas suas rimas. O espirito mecanicamente reproduziu o que lhe ditou a alma do poeta.

A psicologia pode descobrir razões mais fortes nesses desordenados; um estudo acurado do meio social pode descobrir factores que possam concorrer para formação dessas individualidades anomaes; a fiziologia pode achar élos que vinculem esses organismos ao dominio de um estado morbido. Tudo isto pode acontecer, mas não fóra o facil de sobre si viverem, entregues a si mesmos na vida, sem obrigações que lhes impozessem metodo e moderação, sem alvejos que os obrigassem a concentrar-se para produzir, talvez fôsse possivel apreciá-los por obras mais ponsadas e mais fortes.

Bocage que tambem legou obra fragmentada á literatura portuguêsa quando amparado produziu as bellissimas traducções que enriquecem a sua colleção e que collocaram o seu nome em alto relevo entre os dos grandes traductores.

Ha nevroses que são incuraveis. E não seria muito que se dissesse que Vespasiano Ramos era um doente e não um desregrado. A doença arrasta-lo dia a incontinencia; o mal a pouco e pouco lhe invade o organismo e dahi o subjugo do poeta.

O instrumento que precipitou na voragem—a impressão amorosa, a paixão que depois lhe dominou os sentidos.

E' preciso estudá-lo, mas para isso seja publicada a outra grande porção de sua obra, que, assim, será mais facil reconstituí-lo, recompô-lo, refazê-lo com a belleza impressiva do seu estro admiravel.

Nascimento Moraes.

A imprensa

Todas as vezes que aparece uma nova publicação seja livro, jornal ou revista, é sem duvida um raio de luz que vem illuminar os cerebros, e neste caso está esta revista a quem trago as minhas saudações pelo seu aniversario.

Facil é de comprehender a difficuldade, com que têm lutado os seus fundadores, mas moços, tenazes e cheios de esperanças, vão vencendo o caminho, evitando os tropeços e escolhos. Desde que Gutemberg inventou a divina arte da imprensa, a humanidade colhe com profusão os beneficios desse grande invento que veio dar desenvolvimento a todas as sciencias e industrias. Já habituados a esse grande legado, ser-nos-ia por demais penoso soffrer a sua ausencia ou aniquilamento; não, a imprensa faz parte do progresso humano, é, a sua bussola, é a sua diretriz. Um cerebro extraordinario, um Victor Hugo, um Arago, um Laplace no seu gabinete de estudo traça linhas rapidas e ás vezes pouco intelijiveis, á imprensa apodera-se desses manuscritos e dentro de pouco tempo dá nos livros aos milheiros, e todos, por mais obscuros que sejamos, nos achamos em contato com esses genios, bebendo-lhes as lições e os ensinamentos.

Um despota, um regulo pratica desatinos no governo, procede com falta de pudor e crueldade — a imprensa, só ella arca contra elle, historia e regista seus crimes.

Nesse momento ella soffre perseguições, mas os fatos ahi ficam e mais tarde se vão fazer a historia pelo que o jornal perseguido narrou e o tartufo fica conhecido e desmascarado.

Oh! a imprensa vae ao encontro dos pobres perseguidos, dos humildes que soffrem, e denuncia o crime dos tiranos. S não fosse ella, tudo se passaria em silencio e só ficariam os aplausos dos cortezãos para engrandecer todas as indignidades.

A imprensa, com ser um farol, é ao mesmo tempo uma espada da justiça, é uma arca santa que devemos amar e defender.

Não é, debalde que todos os governos monarquicos e republicanos soffrem e se curvam á sua censura; e si ella como uma creação humana é sujeita tambem a erros, perdoemos esses erros pelos beneficios que della colhemos, della, que é o nosso pão espiritual, que é o nosso conforto, que é o nosso melhor amigo; della que nos consola nas nossas agonias, que eleva o nosso espirito abatido, porque não ha uma bôa leitura que não desfaça as nossas tristezas e as injustiças que nos fazem.

Eu, pois, trago-vos, a vós moços que mourejaes na imprensa os meus votos, para que a vossa «Revista» prosiga sempre altiva sempre na defeza do que é bom e justo. Avante! Seja o vosso emblema a verdade, a justiça e o amor por tudo quanto é santo e puro.

José Augusto Corrêa.

TEUS OLHOS

PARA AQUELLA QUE TIVER UNS OLHOS ASSIM.

Muito me encanta o fulgôr
Da luz de uns olhos tão bellos,
Talhados com mil desvellos,
Como os teus olhos, Senhora,
Foi seus olhos como os teus,
Donos de taes primazias,
Que o nosso Gonçalves Dias
Se inspirou tambem, outr'ora.

Uns olhos quazi divinos
Feitos de amôr e candura,
Em que a meiguice fulgura,
Em que a tristéza não fala...
Quem é que ao vêr nos teus olhos
A belléza mais completa,
Não se faz logo poeta,
Para na lyra cantá-la?

O próprio Christo que póde
Fujir de Claudio aos encantos
Se aqui voltasse e êsses tantos
Que os teus olhasse de perto,
Christo mêsmo ficaria
Por êsses teus lindos olhos
—Mares de luz sem escôlhos—
Apaixonado, de certo.

Teus olhos são dois brilhantes
Rútilos, négros, custosos
São dois fidalgos garbosos
No seu palacio encantado:
E tu, que os teus, sê vaidosa:
Dize-te altiva preséza
Das joias da naturéza,
Que o mundo têm encantado!

Mostra-me sempre os teus olhos
Do seu primôr na pujança,
Que nelles vejo a esperança
E os meus pezares [illegible]
E, ao vêr teus olhos, Senhora,
Minh'alma fica inspirada
A lyra tenho afinada
E facilmente acho as rimas,

APOLINARIO DE CARVAL

S. Luiz -Maranhão.

Em março

Não sei como começar o rabisco para este numero (13) da «Revista Maranhense».

E não sei, porque, bem admirado estou, desta publicação se vir mantendo com segurança durante todo esse tempo, que entre nós, em tratando-se de jornaes de estudantes, já é uma grande virtude tanto mais porque, á muito vimos atravessar uma época em que o papel de dia para dia encarece.

Em classificando isto uma gra[illegible] sei se tenho muita razão; mas, se[illegible] menos, já temos vencido uma [illegible] caminho difficil a que nos atre[illegible] e, para continuarmos nos se[illegible] tes e unidos com a mesma

pulsionou o ano passado, neste mez, a publicar o primeiro numero dessa «Revista».

Lembra-me bem nitidamente, que, em o artigo de aprezentação dissemos que, teria ela uma vida efemera!

Assim procedemos, não porque não nos achassemos intencionados a dar lhe a maior vida possivel, e sim, pelo exemplo quazi diario dessas publicações que costumeiramente, só sem no tempo prometido ao publico, até o terceiro ou quarto numero, e logo desaparecem.

Tem assim, pois, repito: alcançado uma grande vitoria á «Revista Maranhense».

Tudo isto, sem contestação; e só devemos á ação conjunta de todos os colaboradores que jamais procuraram ou procurarão se deflagarem contra ela.

Se, dentro desse ano de vida, não apresentar vantajozas melhoras, é porque, somos principiantes como ninguem ignora, e seguimos sós, nesse caminho, sem á orientação de ninguem, que bem conhêça cientifica e praticamente da materia.

E é tão só, por isso; a não ser alguma falta de revizão, couza aliás comum entre nós, que ela se me aprezenta com algum progresso, e que deixa esse julgamento para o publico imparcial, certo de que, com a responsabilidade da sua existença, nós os colaboradores, bem nos orgulhamos!

S. Luiz,—1917. J. V. DE ABREU.

O MAR

«A nostaljia misterioza do marulhar das ondas é como uma eterna prece pelas desventuras da Humanidade».

Quando o mar
A murmurar nostaljicas canções
A' poézia triste do lúar,
Am[illegible] os vegalhões
[illegible] a soluçar,
[illegible]enso
[illegible]ue são queixas de um'alma dolorida
[illegible] divagar, em misticismo imenso,
[illegible]ando a lua a sonhar,
[illegible]um desanimo intenso...
Busca . . . quem sabe? uma iluzão perdida!..
.....
E o mar
Compadece-se então dessa tortura
E suplice, a gemer, contrito implora
A' lua, mãi dos sonhos de ventura
O regresso do Sonho á alma que chóra...

BUTTERFLY.

Suave espirito

(A Maria de Lourdes e Silva).

[illegible]oror Tereza entrava no jardim de subito de entre umas [illegible]s, surjiu um clarão suave, duma doçura meiga como a luz dos olhos lindos de Maria sempre virjem e depois uma creançinha bem posta, muito coradinha, muito rizonha e loira, te belhando com um lindo molhe de lirios brancos e magnificos.

Soror logo que a vira, aproximou-se para acaricia-la e indagar quem era, porém a dóce creançinha afastando-se subtilmente perguntou-lhe:

—?Como te chamas?!

Ela conhecendo o pela doçura infinita de sua voz e pela sua aureola suave, olhando-o com aquele seu costumeiro olhar, todo de candura e meiguice todo de caricia e bondade, respondeu interrogativamente:

—E não sabes que eu me chamo Tereza de Jesus, para que perguntas amôr?

E a criança divina lindamente, com tais palavras afetuozas e lindas, ofereceu-lhe o molhe de lirios e desaparecendo subtilmente, sorriu e retrucou:

—Pois eu me chamo Jesus de Tereza.

PAULO GUIMARÃES.

Esta revista

Geralmente, quando aparece uma revista literaria feita por moços, o que logo se diz é que ela terá a duração das estafadissimas rozas de Malherbe.

E dura, comumente, pouco mais.

No principio, ao aparecer, vem fumegando entuziasmo, vomitando uma rubra chamarada de ideais, escorrendo um escaldante rio de lavas de emoção.

Depois, verifica-se que o vulcão se transformou em fogo de bengala, onde parecia haver um fenómeno sismico, ha apenas um artificio de pirotecnia.

Era assim com as revistas literárias do tempo em que eu tinha dezoito anos, tempo que—diga-se em abono da verdade—já se vai tornando mais distante do que eu dezejaria... E' assim com as revistas literarias dos rapazes de hoje. Tem sido assim com as revistas literarias dos rapazes de todos os tempos.

E o motivo não é talvez dificil de achar.

Não ha moço de dezoito anos, estudante, que não aspire um pouco trabalhar na imprensa, moirejar em coizas de arte, labutar no campo da intelijencia.

Depois, entra na vida pratica. A pena deixa de ser um buril e transforma-se em gadanha. O livro que mais manuzeia é a «Razão" ou o "Registo de portarias", conforme se faça ele guarda-livros ou amanuense.

Apenas permanece fiél á sua fé um ou outro «maluco», como eu. E' assim que o burguez nos chama... O só com um ou outro individuo, e individuo em que burguez, no seu senso pedra—e—cal, enxerga um candidato ao manicómio, não é facil manter uma revista.

Assim, a manutenção da «Revista Maranhense», por todo o tempo em que tem saido a lume, é um fenómeno. E os que a mantem são uns heróis.

Bem merecem, pois, que sejam, como é, de coração o saudar que aqui lhes envio e a alegria com que me associo á sua festa de hoje.

DOMINGOS BARBOZA.

A sinceridade do amor

(Conclusão)

De quando em vez deixava entreabrir os labios e pronunciava o nome do ente amado Al..va..ro.

Os esforços da medicina estavam esgotados e seus paes pediam a Deus que salvasso a sua querida Celina. Por uma tarde, o sol com seus ultimos raios veio despedir-lhe d'aquela aleôva virginal, e os passarinhos com seus gorjeios melancolicos anunciavam a doce Avé-Maria.

Trez pessôas estavam junto ao leito da moribunda e estas mesmas só faziam sair dos labios soluços infindos. Eram os pais de Celina e o seu terno irmãozinho que deitado em uma conversadeira tinha o rosto envolto em um lenço branco.

De subito um ruido de passos fez-se ouvir e a porta entreaberta deixou passar um esbelto mancebo. Era Alvaro.

Este sem pronunciar uma só palavra correu para Celina, que estendida no leito da agonia estava á sua espera.

Celina! minha Celina!

A pobre jovem entreabrio os olhos e filou em Alvaro.

—E's tu? Não me esqueceste?

—Não! Vim morrer contigo. Dizendo isto o inditozo rapaz levou aos labios um pequeno vidro de estriquinina.

—Pois bem, murmurou Celina; dize, queres receber minh'alma em teus labios?

Estou pronto para receber tu'alma e dar-te a minha, disse Alvaro com a voz sufocada pelas contrações do terrivel veneno. Os labios de ambos se uniram em fervido beijo e suas almas desprenderam-se d'este mundo ás rejiões celestes; Celina e Alvaro tinham deixado de existir.

O amôr não só os tinha ligado na vida como tambem na morte.

Eram espozos no céo.

GASCAR.

S. Luiz,—26—12—1916.

Duas rozeiras

A' N. C.

Verde e viçoza, cresce uma rozeira,
Cresce viçoza e verde, mas, tedioza,
Vive pedindo a Deus a flor primeira,
Para torna-lhe a vida venturoza.

Como a rozeira, linda tu trocesto,
Sempre aguardando o amor,
O mesmo amor que, um dia, concebeste;
Como a rozeira, a flor...

Hoje, a rozeira encontra-se animada
Para a luta da vida,
Mas, tú, mimoza fada
Tens o meu amor, és, por mim, querida...

Lá na rozeira agreste, estão as flores,
Mas no teu corpo, tens mil esplendores,
Que os vivo a dezejar...
Quizera ver-me, um dia, a sós comtigo,
E ver-te, a ti, um dia, a sós commigo,
Para poder te amar!...

A's flores da rozeiras
Eu lhes emprego a máxima atenção,
Mas á tua beleza feiticeira,
Entrego o coração!..

S. Luiz 3—3—917 MORIMA LEIRA.

Mal de amor

... E muitas vejo tepidas, serenas,
na minha vida escura e tormentosa;
umas têm o frescor das açucenas,
ou riso a aroma de engraçada rosa.

Outras possue essa fórma airoza
que suppplanta o donaire das verbenas,
mas a tua vizão, sem ser formoza,
tanto me encanta como augmenta as penas.

Ha quem nisto atribua algum feitiço;
o que eu sei é que sofro amargas dores,
que o pobre coração tenho infermiço.

A razão, com certeza, a mim assiste:
quem sente n'alma o desabrochar de amores
sabe os motivos que vive triste!

L. Luiz E. POLARI.

CARTA ABERTA

A [illegible]

Hoje ao traçar-te estas humildes linhas, sin[illegible]ção invadido por uma terna saudade que tanto me tem feito sofrer, mas que, ao mesmo tempo, me traz uma dôce esperança e me dá forças sufficientes para proseguir na espinhoza estrada ao nosso Amôr.

Espinhoza estrada do nosso amôr!

Ai! quantas tristezas me suscitam nalma ao pronunciar estas palavras!

Já nos amamos livremente, surjio a aurora ao nosso amôr, cercado das mais doces esperanças.

Hoje porem, vimo-nos um ao outro separados, a lembrar aquelas dias felizes, aquelas horas fagueiras!

Não esmoreças querida flôr.

Prosegue para sairmos triumfantes desta grande luta,

Sou dos que não os norecem dos que lutam pela liberdade.

Não temo os invejozos que nos pretendem humilhar.

Tenho corajem para proseguir sempre determinado tendo somente uma preocupação: de te amar.

FRANCISCO COELHO.

Grata lembrança

(Para Candido Aires)

Aquele sitio, velho, abandonado,
Laçado de cipós, coberto de hera,
Outrora foi um céu alcadnorado
E hoje só resta a humida tapera !...

Quanto me punje vel-o dezolado !
Sem amôres, sem luz, sem primavera,
Dormindo á leve sombra do passado
Onde a tristeza perenal impera !

Na doce paz daquela pobre chóça,
Meu Pai e minha Mãe, por muitos anos
Viveram dos vinhais, plantando a roça...

...E, se lá, minha Mãe cheia de orgulho
Atirou-me nos braços dos profanos,
Numa manhã de sol, do mez de julho !

Caxias. VICENTE AIRES.

O Maranhão literario no passado

E' mais uma seção que surje hoje nas colunas da nosso revista.

O seu fim é relembrar as celebridades da nossa terrinha tão pacata, o Maranhão, que, no dizer de uma alta personajem—«tem tudo como é digno de si».

Hoje rezolvi escolher para tema a «vida literaria», apezar de a não conhecer bem de perto nos primeiros anos deste periodo de 1906 a 1917, mas, em todo caso, com algumas faltas, que o leitor certamente relevará, prosigo na minha pretenção.

O Maranhão foi, julgo eu, o estado brazileiro que de 1905 a 1916 maior numero de sociedades literarias e jornaeszinhos contou.

Vejamos.

Os [illegible] os periodicos de vida efemera que, [illegible]ios de alguns estudantes, se publicaram em 1906, [illegible]ionados—«O Brazil», «O Progresso», «O Domingo» e «O Mensajeiro».

Por essa ocazião, mais ou menos, tinha tambem publicidade um jornal de não pequeno formato e impresso em otimo papel, sob a denominação de «A Mocidade», orgão do Clube Estudantal Nina Rodrigues, que, depois, ali por volta de 1907 a 1908, foi modificado para Clube Literario Nina Rodrigues, onde se congregáva uma pleiade de moços inteligentes e estudiozos, assim como, pelo mesmo tempo surjiu na arena jornalistica uma revista de pequeno formato e bem elaborados escritos, sob a designação de «Os Novos», orgão da Oficina dos Novos, instituição de letras em que apareciam os maiores vultos da literatura maranhense, entre os quais podemos citar: Antonio Lobo, Maranhão Sobrinho, Costa Gomes, Americo Cezar (falecidos) e Domingos Barbosa, Nacimento Moraes, Corrêa de Araujo, Astolfo Marques, Agostinho Reis e outros.

Em 1908, varios membro do Clube Nina Rodrigues fizeram aparecer o Gremio Literario Odorico Mendes, tendo como orgão literario «O Futuro», com pequena duração.

No ano seguinte; logo em principios, surjiram tambem no prospero terreno literario a Cooperação Literaria Sotero dos Reis e mais tarde o Gremio Literario Maranhense, sob o patronato de Artur Azevedo. Seis mezes seguramente depois de estar fundada a Cooperação Literoria Sotero dos Reis, veiu á arena o periodico intitulado «O Astro», de vida tambem efemera.

O Gremio Literario Maranhense cojitava da publicação do seu orgão intitulado «Via Latea», o que não levou a efeito porque veiu desaparecer muito cédo.

Funcionavam todas estas seciedades quando veio á luz o Clube Literario Benedito Leite, fundado por um grupo de jovens que cursavam a Escola Normal, tendo como orgão «O Excelsior».

No mesmo ano fundaram o Gremio Rui Barboza, que chegou a realizar sessões literarias e teatraes, porem; o seu periodico nunca circulou, apezar de ser escolhido pelo prezidente honorario: a denominação de «O Tentamen».

ASTROLABIO CALDAS.

—A seguir

NA ROÇA

Canta o galo, A madrugada
Já desponta no horizonte;
E no caminho da ponte
Canta alegre a passarada.

Nace o sol, que beleza !
O que suprema alegria !
Quanto é belo, em todo o dia,
Ver-se em festa a natureza !

No delicado raminho
Do jasmineiro formozo,
Canta alegre e majestozo
O sonoro passarinho.

Açoita o vento que traz,
Em suas azas mimozas,
Perfume de lindas rozas,
Aroma dos laranjais.

Se ha vida que nos possa
Traduzir felicidade,
Não será a da cidade:
—E' a vida lá da roça.

ANTONIO DE DEUS COELHO.

Preces d'alma

Maria movendo, um cirio soluçante,
Vele-lhe, a noite, o sono derradeiro;
Cante o rozal a natureza cante,
As aves, muza, o canto derradeiro!

Morrerá sem gemidos nesse instante,
Como Cristo morrendo no madeiro?
Fique Venus mais bela e duçorante,
Fique mais belo o firmamento inteiro.

Que ela, morrendo, como um passarinho,
Seja-lhe o esquife o ginecêo de um ninho
Entre Rubis e pedras multicôres.

Resplenda o céo de vivas esmeraldas,
As borboletas tragam-lhe grinaldas
E enfeitem todo seu caixão de fôres.

CANDIDO AIRES.

NASCIMENTO MORAES

E' pela segunda vez que, gostozamente, saudamos o professor Nacimento Moraes, pela data do seu natalicio.

Nacimento Moraes, que reprezenta uma das figuras mais realçantes na literatura maranhense de então, é lente de geografia e cosmografia no Liceu Maranhense e do Instituto Maranhense. Tem dado publicidade á algumas obras literarias, entre as quaes podemos citar: "Puxos e repuxos" "Vencidos e Dejenerados", que por si sós recomendam o autor.

Nós, da Revista Maranhense, que muito temos sido auziliados pelo ilustre professor, o qual está sempre a nos encorajar, dando-nos os seus bons conselhos, não podemos deixar passar desapercebida a data de 19 de março.

E, como um dever de honra, enviamos ao professor Nacimento Moraes as nossas mais efuzivas saudações.

PASSEANDO

Foi no dia 2 de dezembro, que ouve um passeio para o Cajapió, onde eu e toda a minha familia fomos gozar os mezes de dezembro e janeiro Chegando lá pela primeira vez, achei um panorama sem igual.

Os campos são belissimos, o gado é muito, e em grande quantidade são os pés de carnaúbeira que enfeitam a vasta extensão.

Fixamos rezidencia em uma caza coberta de telhas, e que tem 6 janelas na frente e 4 para os lados.

E' atualmente uma das mais bonitas de Cajapió, e tem uma bôa vista.

Ha diversas ruas bem como: Luiz Domingues, do Sól, Grande, Chapadinha, Rio Branco, beco Feliz e outra.

Moravamos á rua Grande, canto com a do Sól.

De manhã, quando o sól vinha raiando, o campo estava todo verde, mas de um verde escuro.

Eu passeava por todos aquelles logares, contemplando o panorama e aspirando ao mesmo tempo o ar puro e oxigenado.

Tenho saudades dos dias felizes que lá passei, da terra em que já tinha tantas amiguinhas.

O leite é muito bom, e o melhor que se pode dezejar.

Tenho fé que em breve tempo voltarei a essa terra que tanto..... e onde gozei, durante os dias felizes em que lá estive, a descançar das lutas estudantis.

S. Luiz. JACIRA

Deus super omnia

A D. Antonio Xisto Albano.

Quando Ele pizou em terra
Em flôres desfez-se a guerra;
O pranto mudou-se em riso,
E surora do paraizo
A S. Luiz circumdou.
Garbozo caminha avante
Por entre rizos e palmas
Calmo Pastor das almas
Que ao Maranhão cativou.

Vem dizer á humanidade
Que Cyrineo—Liberdade
Sustenta o lenho da Cruz,
Que a vaga que beija a praia,
Que a lua que alem desmaia
Fala o nome de Jesus.

Quem segredou a Daguerre,
Que o rais do sol pintava?!
Quem cravejou no horizonte
Milhões de estrelas nos ceus?!
Indaga do rio que muje.
Do adusto tigre que ruje?!
Foi Jesus Cristo foi Deus!

Florecente sempre o Igreja!
Não teme os botes da inveja,
Nem do Governo a cizão.
Si um lado a patria lucra
Aquilo que tanto almeja,
Tem em cada peito a Igreja
Por altar—o coração.

Dr. OSCAR GALVÃO.

A vida e a flor

A vida é como a flôr: esta desabrocha, aquela decorre; a flôr tem perfumes, a vida espinhos e tormentos; á flôr, quando murcha e da haste se desprende, eu comparo a vida que termina entre soluços contraçõs e ais.

Flôr de Liz.

Duas vidas

(Ao Elmano Queiroz e J. Magalhães)

Quando eu ceder á Lei Divina, quando
Desta vida me fôr, deixando a vida
Dos meus sonhos d'amor, me acompanhando
Irão, bem vivos, os teus ais, querida;

Quando em ceder á Grande Lei, em bando,
Irão as iluzões da minha Vida,
Tristes, levar minh'alma a Deus, chorando...
Quando eu partir e te deixar sentida!

E, alem, daquelas Celestiaes Alturas,
Onde terei, de Deus, as graças puras,
Onde tambem, de Deus, terei guarida,

Hei de velar por tua Vida inclema.
Hei de velar—ó vida da minh'alma!—
Por ti... hei de velar, mulher e vida.

ZILDO F. MACIEL.

Noturnos

E' este o titulo do livro que sairá publicado, brevemente, pelo nosso companheiro de luta, Clemente Guedes. Já o lemos e consta de 80 folhas, encontrando-se em cada uma delas poezias e sonetos que provam a personalidade literaria do autor.

Do "Noturnos", extraimos "Pelos Sertões", que o leitor já leu na pajina III deste revista.

Dezejamos que o livro do nosso companheiro seja bem acolhido pelo publico leder.

Humanidade de Luiz XIV

(Traduzido do inglez)

Durante o reinado de Luiz XIV, um chimico italiano chamado Poli, dirigio-se a Paris e, tendo obtido uma audiencia do Rei, informou-o de que descobrira uma composição dez vezes mais destruidora que a polvora de canhão.

Luiz, apaixonado pela Chimica, fez executar experiencias, certo dia, em sua presença, feito o que, tudo correo consoante os desejos de Poli, que observou ao Rei, poder dar-lhe o facto uma grande superioridade sobre seus inimigos.

"Em verdade, disse Luiz, o nosso invento é engenhoso mais o genero humano já possue meios sufficientes de destruir-se.

Sereis generozamente recompensado, por nosso embaraço e ingenuidade...

Recommendo-vos, porem, por bem da humanidade, de jamais divulgar nosso segredo".

D. M.

A Instrução

"Qui a dit literature dit l'humanité".

V. H.

Instrução!

Palavra sublime que reprezenta tudo!

Palavra que encerra o principio fundamental do desenvolvimento geral de uma nação.

Quanto te amamos nós que somos moços?

Mas... melancolica vive nossa alma, pois, não podemos deixar de constatar que, no nosso Brazil colôsso, tua ação benefica se desenvolve paulatinamente. Principalmente no extenso norte.

O infame corsario que obedece sob o nome de "Analfabetismo" é percorre altivo, desafiando orgulhozamente [illegible] que empregas para expulsal-o.

[illegible] que somos os teus instrumentos, nos sentimos as vezes, enfraquecer, desanimar pelo modo indifferente com que somos recebidos por aqueles que nos deviam auxiliar, mas logo se nos vem a mente aquela fraze sublime de Feliz Hémon: "...il faute que l'enfant devienne homme; il faut que l'homme soit citoyen." Contudo, logo nos torna o desanimo; como chegar a esse alvo?

Bastar-nos-hia esta outra fraze de Shakespeare: .. "Ai espiritos, sêdes uteis! servi para alguma coiza"...(?)

Não. E' precizo que encontremos nos mestre o auxilio que nos falta. O mestre tem o dever sacro de acolher com benevolencia todos aqueles que corram pressurozos a fruir a instrução.

Diz Victor Hugo: "... L'enfante s'appelle laveuir. Exerçons la saintte paternité da prezente sur l'avenir... Ce jeune esprit, l'enfant, est le champ de la moisson future. Il coutient la societé nouvelle,

Ensemençons cet esprit; methons-y la justice; mettons-y la joie. En améliorant cette petite âme, nous faizons l'éducation de l'inconue...

O mestre devia entrar para aula com a alma plena de prazer e o coração repleto de ternura. Devia ministrar ao pobre como ao rico, as suas liçõis do mesmo modo.

As escolas se deviam multiplicar e então veriamos esse bando de desprotejidos, que pecambulam pelas ruas da cidade tendo por liçõis os vicios, a maledicencia a ociozidade em completa ignorancia, acorrerem satisfeitos a estas fontes cristalinas para beberem, saboreando com volupia o netar preciozo que emana destas mesmas fontes—o saber ...

Novos horizontes se abririam então, para o nosso querida Brazil que se debate em convulções dolorozas nos braços do Analfabetismo asquerozo.

A prostituição cessaria a sua ação destruidora Este exemplo monstruozo assimilado tão depressa pelos brazileiros aos francezes restario para sempre no esquemento.

Clama Victor Hugo:

"Uma alimentação de luz eis o que é preciso à humanidade.

"A leitura é o alimento. Daí a importancia da escola, sobre tudo adequada á civilização... Cada menino que se ensina é um homem que se ganha... As escolas são os pontos luminozos da civilização...

Diz Shakespeare:.. «O genio não foi feito para o genio mas para o homem».. ou então como diz Lébrun em seus versos sublimes:

«Le genie est un dieu tout de gloire et de flamme;
L'harmonie est sa voix, a nature est son âme;
Son vol n'est limité ni des cieux ni des mers;
Ses ails, ses regards, embrassent l'univers»...

E nós companheiros que tomamos o encargo de levarmos esse lenitivo aos que sofrem séde de saber, nos reconditos os mais obscuros de nossa patria, devemos enfrentar tudo, pois, embóra, os nossos esforços sejam baldos a satisfação de que procuramos ser uteis á terra que nos serviu de berço, que nos alimentou, que nos servirá de ultimo leito...—"Avante" camaradas, "o tempo é chegado"! Salve a Instrução!

Março—1917 MAURICIO FURTADO.

A Gloria

(Ao refulgente espirito de Domingos Barboza)

Por onde passas sedutora esfinje,
Painel sagrado de estrelados mantos,
A multidão esplendida constrinje
Teu ser em louros, misticos de encantos.

Quando, arcáica figura, a palma cinjes
A um Homem sabio, sonhador de cantos;
Este Homem, ao morrer, somente finje,
Pois torna-se imortal qual Deus e os Santos

Lhe colocas o teu barrête frijio.
Fazes gozar de universal prestijio,
E de sonhos, para Ele, outrora avaros.

A grandes, imortais, excelsos átrios
Elevas—O — nas pajinas dos pátrios
Livros doirados de contornos raros..

Maranhão

ASSIS GARRIDO.

Atenção!

TODOS VOS QUE FUMAES!

Conheceis os cigarros Psilander?
São os melhores da atualidade, e confecionados com fumo Caporal de primeira.
Depois de uma bôa chavena de café, saborear um cigarro PSILANDER é o chic de toda pessôa que sabe apreciar o que é bom.

PRAÇA DO MERCADO—48

Sofreis de impaludismo?

Uzai o PIROZAN e vereis.

DEPOSITO

Pharmacia Leite

15—RUA GRANDE—15

O Brazil

Tem sempre completo sortimento de artigos para senhoras, meninos e meninas; perfumarias dos mais afamados fabricantes; emfim uma variada coleção de mercadorias que vendemos por preço bastante reduzido.

Vinde vizitar O Brazil e vereis!

33—RUA GRANDE—33

Credito Mutuo Predial

Faz entrega do premio na residencia do sorteado, em menos de CINCO MINUTOS, apóz a extração do sorteio e a verificação de achar-se quites o associado.

NADA DEVE EM PREMIOS

Capital inicial.	55:000$000
Premios já distribuidos	116:212$000
Premio a se distribuirem.	2:400$000
Premio distribuido e entregue no 2.º sorteio deste mez.	2:28.$000
Premio a ser distribuido no dia 4 de Abril	2:258$000
Com a contribuição apenas de Rs. .	1$000

Convida-se as pessôas que ainda não são socios, a virem inscrever-se immediatamente, afim de encontrarem vagas nessa vantajosa serie, prestes a completar-se, com o premio de Rs. 5:000$000.

RUA DA CRUZ—61

Sob a fiscalização do governo Federal

Farmacia Universal

Eupeptol Carvalho

Extraordinario na cura das molestias do estomago e intestinos

—E—

Solução Carvalho

E' um remedio rápido e assombroso para combater as todas as febres

Depositarios:--Carvalho & Comp.

27—RUA DE NAZARETH—27

O Guarany

Bem montado restaurante, situado á rua de Nazareth, 31.

Asseio e Prontidão!

Aceita assignaturas mensaes a preços modicos

OURIVEZARIA PEROLA

Aceita-se encomendas para toda es... de bijouterie.

Adereços, meios-adereços, colares, pul... brochez, chate-leines, rozetas, aneis, abot... alfinetes de gravatas, trancelim para p... ta-leque, voltas de cordel, teteias etc.
A caza garante todos os objetos e...
PREÇOS BARATISSIMOS — ASS... ARTE
Proprietario:—JOSE' L. PEREIRA
9—Rua Grande—9 9—Rua Grand...

O Gaurany

Já fostes almoçar no Guarany? Ide e vereis
Lá encontrareis as boas peichadas, aves etc.

Aceita assinaturas mensaes a PREÇOS MODICOS. Refeições completas a 3$000

SERVIÇO A LA CARTE

TODOS AO GUARANY

Rua de Nazareth—31 Rua de Nazareth—3...

CUIDADO!

O PYROSAN é o unico remedio que cura r... dicalmente as febres de máo caracter.

Depozito:--Farmacia Leite

15—RUA GRANDE—15

LIVRARIA INGLEZA

Esta bem conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores.

PREÇOS REDUZIDOS

Rua Coronel Colares Moreira, 49

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFFONSO PENNA 2 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 770.357$000

Resultado do 61º sorteio da 1.ª Serie (A), a que procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios.

Premios de 1o isenções do pagamento das prestações, durante 22 mezes:

1o—D. Maria Mendes da Silva, rua de S. Pantaleão, 93.

3—Nelson Maurio Vilheno, rua Afonso Pena, 1.

5—Oswaldo, Milton e Lourival, rua Afonso Pena, 2.

[illegible]—Newton Jansen, rua do Sól, 52.

[illegible]—D. Izabel Maria de Almeida, rua 28 de [illegible] 65.

[illegible]—Nicodes de Faria, rua da Cruz, 42.

[illegible]—Serra Aragão, rua de São Pantaleão.

[illegible]—Camaro, rua das Hortas, 23.

[illegible]—Maria da Conceição Machado, rua da [illegible] 62.

[illegible]—D. Raimunda da Costa Roland, residente [illegible] Cajapió.

[illegible]—CASA NO VALOR DE RS. 10:000$000

59—Cel. Saul Nina Rodrigues, deputado estadoal.

Maranhão, 15 de Março de 1917.

Visto—*Joaquim Mariano Gomes de Castro*, Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraizo, Diretor-gerente.

Nota—A caderneta n. 59 que hoje foi premiada, fica isenta, em dezembro ultimo, do pagamento de 2 mensalidades.

Xarope Anti-Asthmatico Garrido E' o primeiro [illegible] Dyspnéas, Defluxos, Influenza, Coqueluxe, [illegible]achites, Tosses rebeldes, Catarrais, Sufocações, encontram a sua cura completa e imediata ao XAROPE ANTI-ASTHMATICO DE GARRIDO.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á RUA GRANDE, N. 10

Tonico Ante-Febril de Garrido E' um poderoso tonico contra as Sezões, Maleitas, Febres Intermitentes e Remitentes, Inflamação do Baço e Figado. Tonico por excelencia na Anemia e Debilidade Geral, encontram a sua cura no uso do TONICO ANTIFEBRIL GARRIDO.

Deposito Geral, na FARMACIA GARRIDO, á RUA GRANDE, N. 10

Regulador Garrido Remedio soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, Bienorrhéa, o Chloro, as Purgações chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras e o Catharro do Utero. O «Regulador Garrido» o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á RUA GRANDE, N. 10

Atenção!

Não ha FEBRE que resista a ação do

PIROSAN!!!

Deposito: FARMACIA LEITE

15—Rua Grande—15

Casa de Armador

DE

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo diretamente da Alemanha, efetua enterros desde os mais luxuosos aos mais modestos, por preços modicos.

Atende chamados, prontamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

RUA DA MADRE DEUS, 26 OU 31

Casa Lisboa Machado

Olá! amigo, que tempo estaes por cá? Que estás a fazer?

Eu vim lá da terrinha afim de levar algum sortimento para a minha casa commercial, mas, ainda não achei nada de bom. Já tenho ido em diversos armazens...

Ora... vae a casa LISBOA MACHADO, á rua Afonso Pena, 39 que foi onde eu me soeti.

LÁ encontrarás tudo que desejares bom e barato!

RUA AFONSO PENA, 39

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO--ABRIL DE 1917 | Num. 14

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:	GERENTE	TEZOUREIRO
Astrolabio Caldas José Monteiro. Mauricio Furtado	Clemente Guedes	Antonio Louzeiro.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

ASSINATURAS

ANUAL		SEMESTRAL	
Capital	2$000	Capital.	
Interior	2$500	Interior	
Exterior	3$000	Exterior	
		Numero avulso	

SOCIOS COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Néstor Silva, Clemente Guedes, Estoiano Polari, Paulo Ferreira Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes, Ivis Parga, Candido Aires, Gonçalo Moreira Lima, Almir Santos, Oscar Carvalho, Fran Teixeira, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Coêlho, Francisco Garrido e João de Deus Coêlho.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araçéa Fernandes, Altiva Smith, Zenaide Prado, Xixoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuãa Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bojéa, Zozima Sá, Abigail Sarmento e Zenaide Segadilha.

SUMARIO:

Tiradentes; O Brazile belos gestos de um Agricola «Cristino Cruz» Garrido; Sem titulo!—Urbano Severo; ta—F. de Souza Pinto; O Maranhão literario. passado—Astrolabio Caldas; Gravura; Amôr Fatal—Zila Paes; Florilejio Poetico—Diversos; Avé Brazil—J. V. d'Abreu; Personalidades—M.; Recordando—Gascar; O 21 de Abril—Candido Aires; Postal rimado—Lirio Branco.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos Prof. Jozuia Costa.
Rozario—Prof Laura Roza.
Arari João de Lemos.
Bacabal—Emiliano Castor R. Falção.
Pedreiras—Prof. Aclelina S. Guimarães.
Anajatuba—Prof. ecilia Martins.
hû—Oreates A. Mourão.
– eôborita Maroca Nogueira.
rmelho—Filomena Silva.
te Ferrer—Prof. Ana A da Mota.
—Prof. Amelia B Lobo.
of. Ermelinda Maramaldo e o sr. Francisco
Amazonas.
da L. Fernandes.
. Adaljiza Feques.
oel L. Fernandes.
Brejo—Almerinda Rodrigues.
Buriti—Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercinda Pedroto.
Carolina—Benjamin Carvalho.
Ponte-Nova—Izabel Araujo.
Cururupú—João de Abreu e Raimundo Gabiol.
Alcantara—Filomena Cruz
Tutoia—Luiz Carvalho e Carmen Cruz.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Amazonas—Sta. Izabel—(Rio Negro)—Eduardo de Oliveira Neto.
Pará—(Belém)—Rita M. Silva.
Piauí—Terezina—Edison Moura.
Amarante—Paulo Ferreira.
Rio de Janeiro—Francisco Santos.
Minas Geraes—Cambuqueira—Maria Silva.

ERRATA

Nos sonetos «Pelos Sertões» de Clemente Guedes, onde se lê, no ultimo verso, do 1º terceto, do 3º soneto, «Uma vida de criança», etc., leia-se: "Uma vida de crença" etc... No ultimo verso do 1º quarteto, do ultimo soneto, onde se lê: "Com alma aberta e pedindo", etc.. leia-se: "Co n alma aberta te pedindo", etc...

No soneto "Grata Lembrança", de Vicente Aires, no 1 verso do ultimo terceto, onde se lé: ...E, se lá, minha mãe", etc... leia-se: ...E, de lá, minha mãe",etc...

No soneto "Preces d'Alma", de Candido Aires, onde se lé, no 1º verso, "Maria movendo", etc... leia-se: "Ela morrendo", etc...

No soneto «Mal de Amôr» de Estolano Polari, onde se lé, na chave de oiro: «Sabe os motivos que vivo»,etc, leia-se "Sabe os motivos por que vivo", etc,

Tambem escaparam pequenos senões, em outros sonetos, e prozas o que o leitor,bondozamente, desculpará.

MARANHÃO--ABRIL DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 14

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Tiradentes

E' a figura trajica que reprezenta a Inconfidencia mineira. Entre todos talvez fôsse o de menor valor, o que menor cabedal tivesse. Um cultuzíaista, um adbecente, que se transformou em bela convicção, em energia, em movimento.

Os inconfidentes tinham um ideal; Tiradentes tinha a realidade que a luz do ideal lhe fez ver e estimar.

Por isso, na hora em que os homens num momento salvam a reputação de uma vida inteira, todos caíram de joêlhos, só o Tiradentes esteve á altura dos factos. Quando todos tremiam diante da justiça portuguêza, ele impassivel acceitava a pena de morte.

Gonzaga, Claudio, Alvarenga e os mais salvam-se pelo merecimento de homens de letras; pela época literaria cuja cultura reprezentavam, O Tiradentes salva-se por si mesmo, porque só a honra tinha, o brio, o carater altivo e rezoluto, o olhar de affrontar intemperis.

A Republica de 15 de Novembro arrancou-o ás sombras do passado. A Historia registou-lhe o nome; porque ele reprezenta a reação moral e politica do povo brazileiro contra a ignominia que lhe impunham os dominadores. O povo e a mocidade não podem esquecer a figura impressionante desse alferes de milicia, que com a vida pagou a audacia e assumiu perante o paiz toda a responsabilidade de um feito preparado pela dignidade nacional, num tempo em que infelizmente não havia, povo para saber morrer ao lado do seu heroe ou vencer.

O Brazileiro

E' ainda hoje um tipo não bem caracterizado, como nos asseguram Silvio Romero e outros. Rezultante da fuzão de tres raças, que ora viviam em luta, ora em dezarmonia, o brazileiro puro virá só depois que se passarem alguns seculos, isto é, com o desaparecimento de duas dessas três raças, conforme opinião de muitos.

Herdeiro que é das paixões, dos sentimentos afetivos, da lingua, da religião, da indole progressista, do povo portuguez, do indio e do africano, o brazileiro em diversas ocaziões, já as provou, quer em se tratando da Invasão Holandeza, onde ele não conseotindo que o invazor se apossasse de sua terra, empunhou as suas rudes armas de defeza e deu-lhe combates, em que saio vitorioso, quer em se tratando de acontecimentos outros sucedidos em diversos estados, do paiz colonia, do paiz reino e do paiz republica. O sentimento de nacionalidade anima-o sempre. O estetico, o famozo, atrae-o sempre. Ama a terra em que naceu e exalenta continuamente o dezejo de um dia poder divizal-o prospera, fertil, grandioza.

Trabalhar, mas não como devia, no desbravamento da terra, donde provem o necessario alimento para nutrir-se.

O brazileiro tem fertil o solo do seu paiz. Tudo nele medra. A semente lançada á terra, nace passados dias, crece, dezenvolve-se e fica o vejetal assim constituido, enfeitando, concorrendo com seu auxilio á aumentar a beleza luxuriante, das nossas matas, das nossas florestas, dos nossas prados, dos nossos jardins, produzindo tambem frutos saborozos ou folhas, rezinas, flores muito prog[illegible]adas, sejam pelas suas propriedades terapeuticas, se[illegible] para outros misteres.

[illegible] ele tem: um[illegible] rica fauna de notaveis passaros, [illegible]as multiplas cores de suas penas, outros pela a[illegible] pela beleza, de seus cantos.

S[illegible]os são de graude extensão, diferentes dos da Euro[illegible]quanto á cachoeiras, corrideiras, etc.

O bra[illegible]iro não preciza de importar do extranjeiro produto al[illegible]um. Basta que cultive a terra e mande vir maquinas, com que possa fabricar tudo, como eles nos outros paizes fabricam. Construir deve não só objetos que envie álem-mar como tambem que supram ás suas necessidades, de forma que todo o ano não aumente a cifra de sua importação em fim da sua exportação.

O rein[illegible] mineral prodigaliza-lhe, tudo fornecendo em abundancia, o ouro, a prata, o cobre, o carvão, pedras preciozas e por isto o brazileiro tem muitas esperanças mas esperanças de que, mais tarde atravez das brumas do futuro, delinear se-á um Brazil grande, um Brazil prospero, um Brazil invejado.

Rios ha, como o Gurupi, em cu[illegible] ouro em quantidade suficiente. Um[illegible]azo o S. Francisco, com a sua cachoei[illegible]aulo Afon[illegible] desde priscas eras, foram mencionad[illegible]os antigos cronistas.

O brazileiro tem, no Brazil muita [illegible]za a contemplar, muita couza que admirar:

O verde de suas florestas amazonicas, as dunas, os capões, as chapadas, as savanas, os campos extensos, as imensas planicies, as cordilheiras, os picos, as serras que o atravessam e que o tornam montanhozo e as multiplicadissimas especies de peixes estudadas pelos cientistas que nos têm visitado.

Bazeando-nos nas palavras de um escritor de nomeada, dizemos que o brazileiro tem a ambição de fazer tudo por si mesmo, vendo com aborrecimento as grandes obras entregues á pericia extrarjeira, e prefirindo os esforços da ciencia e do talento nacionais, ainda mesmo quando ele falha, custando ao paiz milhões perdidos!

E não é só isto, ele tambem é hospitaleiro; sabe tratar, quando preciso, com carinho sua semelhante. E' patriota, trata com o maior cuidado, da sua familia e vive, honestamente, do seu trabalho.

Mandam os fatos, a verdade e o proprio futuro que se diga que ao brazileiro está rezervado um legar na vanguarda dos povos civilizados e "e a decima parte da superficie do globo; essa decima parte é toda ela um tezouro de belezas, riquezas e felicidades possiveis; é de tal responsavel-o brazileiro tem de subir ou de cair".

E' mais provavel que ele suba.

Sabamos.

S. Luiz—7—1—917.

JOSE' MONTEIRO.

Os belos gestos de uma atriz

(Conclusão)

Neste meio tempo quando, uma noite de folga, Luli se achava sentado em frente de uma meza, com os cotovelos apoiados nesta, as mãos sobre o rôsto e os olhos simicerrados, sentindo que lhe tocavam levemente nos hombros, levantando de repente a cabeça, sem contudo reconhecer quem tão familiarmente lhe despertára, indagou:—

—Que dezeja, cavalheiro?

—Não joga?—perguntou o outro, sem se dar o trabalho de responder ao nosso perdulário maestro.

—Por que razão me faz essa pergunta?—Retrucou Luli, um tanto enfadado.

—E' tão sómente porque eu não encontrando um companheiro, venho convida-lo para jogarmos uma partida de qualquer passa-tempo.

—Eu aceitaria de bom grado, cavalheiro, se já não tivesse perdido todo o dinheiro que eu trousse!...

—Isso não importa, jogaremos para matar o tempo.

—Como queira,—disse Luli,—levando afim de satisfazer o seu importuno de vicio.

—Recorreram vários jogos, e Luli perdendo sempre!

Snr. Luli,—ponderou o desconhecido,—tome uns francos a título de empréstimo e verá como a sorte muda imediatamente.

—Como então!?——o Snr. me conhece e ainda se me não dignou dar o seu nome?

—Chamo-me Gastão Peres, um seu humilde de chegar de Bruxelas, aonde fui nha querida irmã...

. é irmão da formoza atriz da Co ceza,—atalhou Luli,—compreendendo ma oza semelhança que havia entre os dois irmãos!

—Senhor Gastão, desculpe-me, mas eu não jogo, conforme o meu costumo, com dinheiro emprestado.

Pois bem,—volveu Gastão,—amanhã ás mesmas horas eu voltarei para jogarmos a dinheiro, não concorda?

—E' possivel,—respondeu o outro, mais calmo.

Momentos depois, eles encetaram o dialogo seguinte:

Snr. Gastão, o Snr. deve ter imenso orgulho em possuir uma irmã de temperamento genial da força da menina Peres, não é assim?

—Pudera não!... ela é que não se conforma lá muito com o meu sistema de vida libertina, empregando em extremo com tudo que diz respeito a jogo.

—Ela, todavia, não deve ignorar que tudo neste teatro de perfeitos comediantes, não passa de uma grande meza de jogo, onde todos nós somos impelidos a jogar até perder a nossa propria existencia!—sentenciou o maestro, com enfaze de sábio.

—Tomemos um pouco de sorvete.—desfalsou Gastão,—pedindo lhe servissem o refrijerante.

—Eu, atalhou o outro,—prefiro cerveja.

—Peres, pedindo a bebida em questão, depois pegando do seu copo, levantou-o e proferiu:

—Bebemos em regozijo do nosso primeiro encontro, para que se solidifique uma verdadeira amizade entre nós...

—Assim o espero,—correspondeu o outro, entuziasmado pela maneira por que ele angariara um amigo do acazo.

—Senhor Gastão, aonde vai o Snr. agora?

—Para nossa caza á rua de... n.°...

—E o amigo?

—Tambem para caza á rua de... n.°...

M. L.

Aprendizado Agricola "Cristino Cruz"

Situado no antigo sitio de S. Bartholomeu, na Maiobinha é um logar onde a terra é bôa, sem pedregulhos, excelente mesmo para o plantio, conforme apregoam os agricultores que o têm vizitado e as experiencias que se têm feito. Ja uma revista da França se referiu a este sitio, que conta aproximadamente 80 hectares de terra.

Os serviços neste Aprendizado estão sendo ultimados. A escola, que nele funciona está fundada de acordo com os principios pedagojicos. Ja se fez a plantação do milho, arroz, capim gordura e maniva que ja estão crecidos.

O terreno capinado e deslocado é grande. Contam-se muitos pés de jacas, mangas, cajás, abricós, pitombas, piquis,, bacuri, juçaras, buritis, goiabas, cajús, mõis, etc.

Já se construiram giraus, onde plantaram diversos legumes que; quando estiverem crecidos, serão trasladados para os canteiros que já estão construidos.

Ha um rio muito bom para o banho, assim como um pôço cuja agua cristalina e potavel é muito bôa.

Fez-se um curral. Está se construindo o aviario. A avalariça já está pronta

Iniciar-se-á brevemente o plantio do algodão.

No proximo numero da nossa Revista o leitor encontrará uma sessão de agricultura de que se encarrega o enjenheiro agronomo, dr. Franklin Viegas, diretor deste Aprendizado, que gentilmente acedeu ao nosso pedido.

O Aprendizado Agricola, mais uma vez dizemos que é, e será uma fonte de riqueza publica da nossa terra.

A mocidade nele aprenderá a trabalhar com arado, foice, e tudo que diz respeito de agricultura, graças á idéa aplaudivel do sr. governador do Estado, dr. Herculano Parga, que muito bem pensou em crear este Aprendizado, que constitue um dos atos mais importantes da sua administração.

O Tiradentes

(21 de Abril)

O golpe mais terrivel, mais profundo,
Que pode receber um homem honrado
E' ser visto pelo amigo atraiçoado,
Quando procura conquistar a Gloria.
E hediondo pensar-se que no Mundo
Civilizado, de hoje, existem tantos
Que de luto, de queixas e de prantos
Cobrem as paginas placidas da Historia.

.....

Numa roda de amigos, uns soldados
Se acercam. E o chefe deles vem dizer:
«Qual de vós é o Alferes Xavier?»
«Está prezo quem for; marche comigo ...
Então um homem meigo, surdo aos brados
De protestos dos outros, se apresenta
Dizendo, «Eil-o, sou eu ..., e jamais tenta
Fujir ao pezo cruel do seu castigo.

.....

Raia a manhã. O sol mancha de sangue
O manto azul do ceu. O catafalco
Accende-se na praça, como um palco
Repleto de tristeza e de lamurias.
Ouve-se a voz medonha, voz exangue,
Do povo cheio de odios impossiveis,
Rdembrando os tormentos mais terriveis
Cobertos de mais sangue e de mais furias.

«Choraes?» pergunta o algoz ao avistar,
Uma lagrima tremula, sombria,
Nos olhos deste Heróe, que á luz do dia,
Se despedia soubranceiro e forte.
«Eu choro, mas não julgues que o chorar
E' sinal de tristeza ou médo, não;
Eu choro porque tenho o coração
Cheio de Vida, mesmo em frente á Morte».

«Eu choro de alegria ao ver meu Povo
Me condenar p'Tos grande beneficios
Que eu lhe tentei prestar—mas precipicios
Fizeram-me, tombar na luta insana—
Eu choro de alegria ao ver que um novo
Homem, como eu, ha de surjir um dia,
E recalcar a grande tirania
Que nos oprime, mata e nos profana».

.....

E tendo em frente a estatua de Jezus,
Exalou o suspiro derradeiro
O nobre Tiradentes...
O primeiro
Republicano—martir, heróe—altivo...

.....

Hoje seu nome vive como a luz,
Nas pajinas da Historia, soberano;
Em cada coração republicano;
N'alma de cada Brasileiro vivo!

Maranhão. ASSIS GARRIDO.

Sem titulo!

(A' amiguinha Anica Segadilha, sem alusão:)

E' mais facil encontrar-se no fundo do mar, quando agitado ou em furia, uma joia que se perdeu em noite de naufragio do que sinceridade no coração das mulheres! li-algures.

Puro engano! digo eu.

E não quero nem posso dar credito a esta afirmativa, em absoluto. Todavia admito que algumas delas sejam insinceras ou voluveis e não saibam corresponder a um amor puro e verdadeiro que se lhes dedique nem avaliar os ingentes sacrificios a que nos impõe esse amor, porem que elas, em geral, alimentem n'alma o máo sentimento de volubilidade ou inconstancia, nunca.. nunca!

Sim, jamais poderei crer que os belos reprezentantes do sexo frajil, os mimozos e graciozos sêres que tanto amor nos inspiram, na sua totalidade, procedam de maneira a afirmar o que diz o pensamento acima.

Não pretendo, bomdozos colegas, defender agora nestas linhas a cauza das mulheres, porque elas não m'o pediram, e sim salvaguardar do «perigo alemão» a figura simpatica, a imajem adorada de Flôr de Liz, a distintissima joven que até hoje tem sabido «compreender» o lema do verdadeiro amor—«Amar e ser amado!»

E' este, pois o meu unico intuito: defendêl-a em paga dos seus modos finos e corretos de proceder.

Ao autor do pensamento que me obrigou a traçar estas linhas tão modestas, como vedes, e bem intencionadas, teria grande satisfação de dizer, senhor, o que é crivel, a ilação que se [illegible] so pensamento é que estaes com resentimento [illegible] uzado por alguma ofensa ou desprezo pela vitima impoluta do vosso proceder, do proceder dos homens!

A mulher é um sêr, delicado e perfeito, inofensivo e caro!

Logo, com delicadeza e carinho extremos devemos tratal-a e querêl-a, com fidelidade, porque bem sabemos que ela é por natureza muito sensivel e não pode suportar os efeitos moraes da «Sinceridade» dos nossos corações de homens..

No lar, é ela quem incontestavelmente nos inspira o mais verdadeiro amor como esposa, mãe ou filha. E' como noiva ou simples namorada quanta alegria e contentamento nos proporciona!!

E, finalizando, asseguro que a mulher ou melhor as mulheres amam com sinceridade e constancia... mesmo quando não vêm constancia e sinceridade da parte daqueles entes, cujos olhares, um dia lhes penetraram nos recessos intimos de suas almas juvenis.

URBANO SEVERO.

CARTA ABERTA

Amigo Henrique Simas.

Hoje Sexta-feira da Paixão, o dia dos tormentos e das maguas que passou o bom filho de Maria, ditado pelas doutrinas aos velhos Livros Sagrados, cujas paginas molduradas de santidade resam o simbolo da Religião Catolica, respondo com frases de afeto, os teus vocabulos amigos, que perfumavam de duas tiras de linho fresco do papel da tua carta, o certificado da nossa amizade de cinceria.

Não ha hoje um boliço, nas folhagens; o ar está quieto e desgostoso como a alma enlutada de saudade de uma mãe a quem a morte arrebatou o filho amoravel. Os passaritos foram invadidos de um mutismo profundo, privando-nos assim de ouvir as suas sonatas doces que elles pequenidas perolas multicores, que marcnetam as nossas arvores e que nos acordam com a sua voz alegre todas as manhãs brocadas pelo ar fortificante da satisfação. E a tarde?... oh !.... esta a tristeza profundo despio das galas do seu esplendôr que o sol na sua morte de oiro deixou como herança e como lembrança unica do convivio santo de um dia de festa. As nuvens, até as proprias, na palidez tediosa do seu pesar, morrem, deixando á terra a suave dolce ricordo das suas graças amenissimas.

Estamos na data respeitosa, comemorada pela igreja que agasalha no seu grandioso coração, o santuario eterno da humanidade esta reliquia estimavel que vem de muitos e muitos seculos espalhando pelo mundo a sua luz radiante de educação. Paremos aqui. Deixemos as tristezas e os pesares dolorosos que enchagaram o corpo divino de Jesus, porque nos traz somente ao coração penas doidas que nos mortificam a alma e odios gigantescos aos sacrificadores da impecavel carne do mestre, que do alto do paraiso azul, abençoa-nos com a luz do [illegible] e afasta com ruido da sua voz protetora [illegible] miseria que percorre de polo a polo a terra peccadora. Deixemos, deixemos, vamos gosar nos campos ideias da poesia lirica o seu valor; vamos beijar os fruitos de oiro do poema, apertemos de encontro ao seio a deliciosa Musa, que soluça as estrofes das suas rimas apaixonadas, banhada pela luz branca da lua, e beijemos os cabelos côr de neve de Dante, o assunto da tua carta ultima, o velho lutador que cultiva com amor naqueles mesmos campos, os lilazes aromaticos das estrofes, plantados pelas suas proprias mãos calosas na terra viçosa de Florença para ornar o delicioso seio da sua querida Beatriz. Ahi vão esses terceros de Dante para deliciares o teu espirito de poeta.

Or muovi, e con la tua parola ornata
E con ciò che ha mestieri al suo compare,
L'anima sì, ch'i me sia consolata!

Io son Beatrice, che ti faccio andare:
Vegno de loco, ove tornar disio,
Amor mimosse, che me fa parlare.

Quando sarò dimanzi al Signor mio,
Di te mi lo derò sovente a lui,
Facette allora, e poi cominciò.

O donna de virtu, solo per coi
L'umana sprezi eccede ogni contento
Da que ciel ch'ha minori i cherche sui.

Do Maravilhoso gravador que esculpio no colossal e virgem «seno» de alabastro da Divina Comedia conheço apenas este risco meigo de claridade da estrela rutilante traçando a imagem viva da sua querida Beatriz.

Dante foi o mais perfeito artista que a Italia produzio; o seu genio para mim, é como estas montanhas impassiveis que se fazem admirar pela altivez do seu respeito, e se fazem adorar pelo brilho da sua creação sublime.

No tempo sagrado de Polymnia é ele o sacerdote imortal que, revestido pelo manto fino armado de relevos belos da inspiração ,eleva o seu cantico na melodia da epopeia; é ele que descreve nos seus sermões ataviados de delicias os encantos que cercam a poesia Italiana, e é o sugestionador que encosto no coração humano com silabas molduradas de fantasia, vertidas pela sua pena creadora de maguas e de delicadezas doces que suavisam a vida.

Como trovador tangiu a lira do pranto, cuja voz soluçante paira desdes muitos seculos no ambiente fortificante que nos embala o viver, e como poeta com o dedo do destino indicou na beleza dos seus versos, as fontes de inspiração, onde os ricos de inteligencia e os pobres de espirito vão sorver a agua do sentimento que lhe segreda aos ouvidos as gentis canções de aventura.

A formosura escultural da sua deusa Beatriz, cêdo dardejou-lhe o coração de nove anos com a traniuzencia do amor «mistico», quando Apolo lavrava a sentença da sua eloquencia e lia em voz alta ao concilio dos Deuses.

Beatriz sempre Beatriz a Florentina que aparecia em todas suas producções, a palida madona de alabastro que bordava os seus poemas celebrados com entusiasmo na terra onde os seus marmoris mostram os seus sorrisos brancos, a terra que alimentou com o seu leite minado de arte, a alma de Petrarca, o cantor imortal de Laura de Noves, a Italia a donzela ne marmore que embalou nos seus braços rijos, Ariosto o mais brilhante poéta da renacença.

Já falei de tudo quanto conheço do adversario dos Gibelinos do velho tremulo que conduz pela mão a sua filha, a mais bela de todas as donzelas de madeixas loiras que habita Italia e que se chama Divina Comedia, do leão que na sua morte legou à cidade mãe dos artistas, os fios vermelhos da sua juba abundante.

Agora vão tradazidas as frases musicais da lingua toscana alinhadas nos versos artisticos de Dante.

Anima-o tu na frase tua ornada:
Corre a prestar-lhe auxilio de tal arte
Que eu seja assim tambem mais consolada.

Eu sou Beatriz, porêm tu parte,
Que eu volto aonde já voltar desejo;
E' o amôr que me indoz a suplicar-te.

Aos pés do meu Senhor que sempre vejo,
De ti hei de falar-lhe com louvores,
Calou-se. Eu respondi-lhe neste ensejo:

O' dona de virtude não me implores
«Por ti somente o homem se engrandece
Sob esse ceu de circulos menores».

Adeus, perdoa-me pela copiosidade e abraça o teu amigo.

F. DE SOUSA PINTO.

Maranhão—7—abril—1917.

O Maranhão literario, no passado

(Conclusão)

Em 1910, num gesto de entuziasmo, congregados todos os membros das diferentes sociedades, que até então vinham com dificuldade sendo mantidas, apareceu o «Congresso Maranhense de Letras», tendo como orgão de publicidade uma revista denominada «Os Anaes», de bom formato, que, com o Congresso, desappareceu em fins de 1911 ou principios de 1912, quando surjiu a «Escola Litero Cientifica Maranhense», de curta duração.

Em 1911 foi fundado, por um grupo de estudiozos e intelijentes rapazes, um jornalzinho intitulado «O Canhoto", sendo mantido pelos seus assinantes que pagavam mensalmente, se me não engano, a diminuta quantia de 500 rs. podendo colaborar se quizessem. O jornalzinho trocava a todo mundo, era critico literario e noticioso.

Em 1912, mais ou menos, foi então organizada, sob os incasaveis esforço de alguns associados de «O Canhoto», a «Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco»» continuando aquele jornalzinho como seu orgão literario.

Uns dois anos depois de fundada esta sociedade resolveram, por proposto de um associado, mudar o nome do periodico de «O Canhôto» para «O Ateniense»; e o «Ateniense» continúa a ser publicado, porém, com alguma irregularidade, o que é justificada pelas dificuldades que encontramos nesta capital. Mas, talvez, se continuasse com o mesmo titulo de «O Canhôto» estivesse sempre altaneiro a lutar na ampla aréna jornalistica maranhense.

—Ali por volta de 1914, surjiram mais duas sociedades literarias, a Estudantal «Machado de Assis» e a União Estudantal «Silvio Romero». Aquela fez circular o seu periodico intituiado «O Estudante» umas quatro vezes; e está o seu denominado a "Inubia" só circulou uma vez em 1915, se me não engano, em comemoração a Gonçalves Dias, no dia 3 de novembro; a Machado de Assis morreu por volta de 1916, e a Silvio Romero se ainda não morreu está agonizante.

Com estas duas sociedades literias apareceu tambem uma «Sociedade Filatelica», que apezar de filatelica fez circular logo um mez depois á sua fundação, um jornal de bom formato com a denominação de «O Timoneiro», tendo uma seção excluzivamente literaria; morrendo juntamente com a sociedade um ano depois de instalada.

Foi nesse mesmo tempo que surjiram mais tres, e «Sociedade Literaria Gonçalves Dias», a «Sociedade Literaria Castro Alves», ambas de vida efemera, e a «Oficina Literaria João Lisbôa», que foi a que mais sobreviveu, porém, sem nenhuma dar publicidade de seus periodicos.

Ali por volta de 1914 surjiram na escabroza aréna jornalistica, os jornaezinhos «A Vontade» e «O Postal» ambos criticos literarios e noticiozos, sendo mantidos por um certo numero de rapazes que se dedicavam á literatura.

Um ano depois destes dois, surjiu «A Patria», que com «A Vontade» durou cerca de seis mezes.

Já me ia esquecendo de citar «O Correio da Tarde» que circulou por volta de 1910 a 1911 tendo a frente o notavel jornalista Nascimento de Moraes, e «O Paladium», por esse mesmo tempo, mantido pelo abalizado professor Joaquim Alfredo Fernandes, já falecido. Esses jornaes foram de pouca duração.

Em principios ou fins de 1913 apareceu o «Palace Jornal», de bom formato, sendo, porém, orgam de propaganda do «Teatro Cinema Palace»; dias depois desaparecia o «Palace-Jornal», vindo então «O Jornal», periodico diario e vespertino, passando, porém, de 1916 para cá, a orgam matutino.

Em fins de 1913 surjiu «O Estado», jornal mantido por um grupo de politicos.

Mezes depois de aparecer «O Estado» veio á luz da publicidade «O Jornal do Comercio», matutino, de vida efemera, aparecendo logo após o seu desaparecimento «A Tarde», orgão diario e vespertino, tendo como redator o imortal e apreciavel polemista e escritor maranhense Antonio Lobo. Era um jornal de bom formato, tendo como colaboradores grandes escritores de nomeada. Durou, porém, mezes.

Depois do desaparecimento deste surjiu «O Cinema», orgão de propaganda do Cinema Teatro S. Luiz, tambem pouco durou.

Em 1915 apareceu «O Colejial», sendo publicado pelos rapazes do «Instituto Maranhense», em forma de poliantéa, circulando sempre na data do aniversario do diretor daquele estabelecimento.

Nesse tempo tambem apareceu «A Tezoura» jornalzinho que só circulou uma vez, tendo á frente diversos alunos do «Liceu Maranhense».

Em março de 1916 por se acharem dois jornaeszinhos agonizantes, «O Estudante» orgão da «Sociedade Machado de Assis», e «A Vontade» jornalzinho particular, resolveram os seus associados suspender a publicidade de ambos e reunir, então, os seus colaboradores afim de fundarem um jornal de bom formato, segundo uns, ou, segundo outros, uma revista. Mas que [illegible] á lembrança de um jornal de grande formato, inediatamente [illegible] vaneceram os que assim pensavam, continuando a [illegible] tenção de publicarem uma revista, essa que aí está,—sob a denominação de «Revista Maranhense», que a 12 de Março, garboza e alegremente, comemorou o seu primeiro ano de publicidade.

Em fim de 1916 os nossos mestres resolveram desvendar honrozamente o véo que ocultava a «Academia Maranhense», fundada ha alguns anos atraz, tendo realizado brilhantemente, a 30 de dezembro desse ano, a sua primeira sessão solene, afim de receber um novo academico, o ilustre Dr. Justo Jansen Ferreira.

Acha-se em projeto, nessa academia de letras, a publicidade de uma revista, como orgão da mesma.

—Tambem em fins desse mesmo ano cojitavam fundar um novo jornal sob a denominação de «O Reverbero». Não sei em que ficou...

Finalmente, para completar este lijeiro movimento literario passo a citar, em principios de 1917, a fundação da «Academia Antonio Lobo», pelos rapazes de «O Postal», continuando este jornalzinho como orgão dessa sociedade de letras, que figura sob o patronato de Antonio Lobo.

* * *

Agora, vou deixar-vos inteiramente conhecedores do

motivo da pouca duração das sociedades, caso o leitor não esteja acostumado do movimento destas

Hoje, funda-se aqui uma sociedade, convida-se uma meia duzia de rapazes, fazem-se reuniões, propoem-se novos socios, determinam-se dia e hora para a instalação, faz-se logo contribuição para a instalação, trata-se da comissão para se encarregar dos festejos e do programa da festa, sem que a dança nunca falte no programa. Finalmente, é chegado o dia e a hora da instalação.

Salão iluminado, escudos por todas as partes, a bandeira nacional, isto quando se inaugura logo o retrato do patrono, circunda o quadro de um qualquer literato ja falecido, tomado para patrono da sociedade. Aqui um foco de gazolina a echiar, ali as plantas a sacudir devido a passajem do vento; acola grupo de rapazes cada qual mais «pot zudo» a conversar, esperando os convidados. Depois, salão cheio, musica, etc...

Abre-se a sessão, discurso, dança..

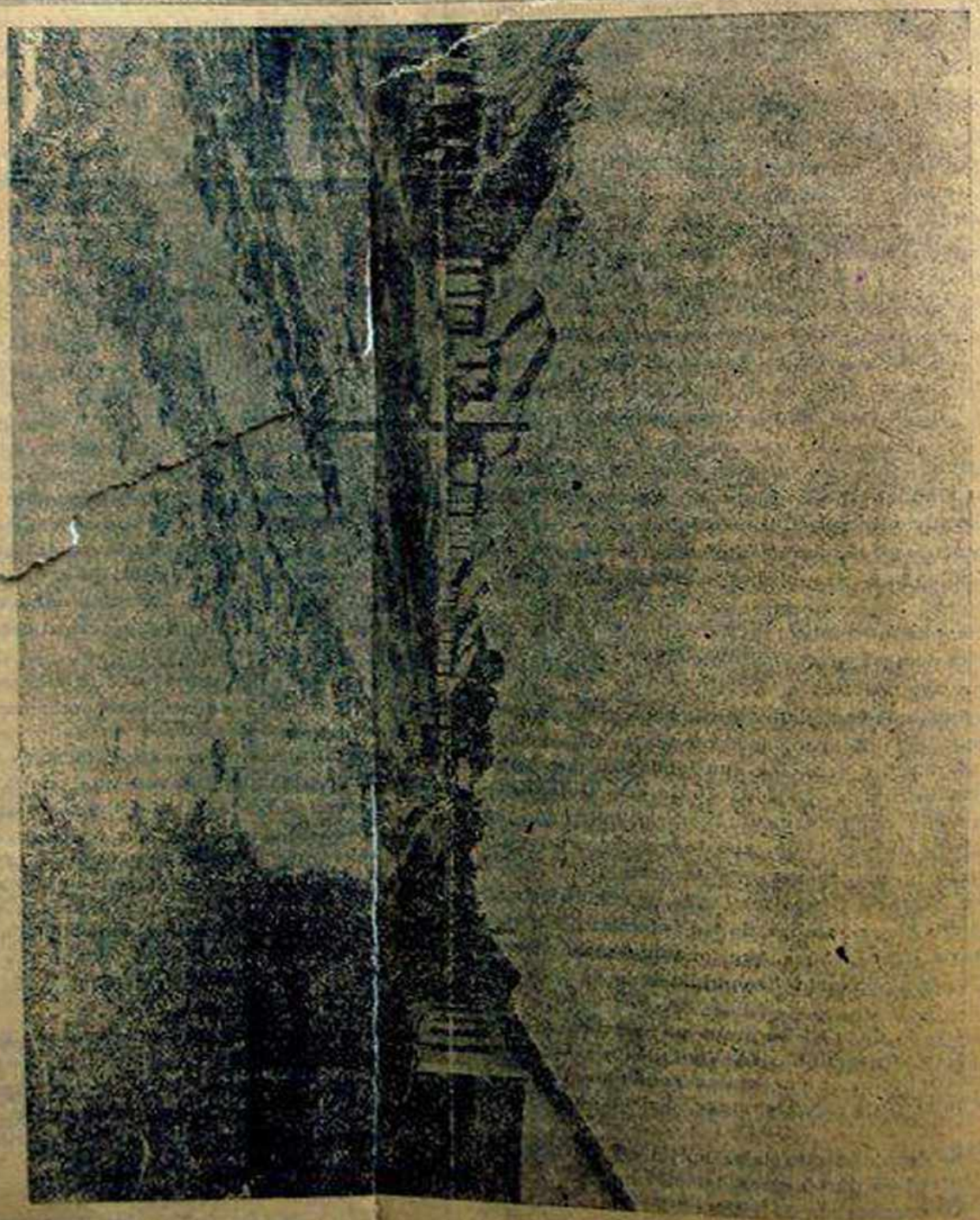
Dai a alguns dias funda-se ali outra sociedade. Os mesmos festejos. Os socios daquela são quazi os mesmos desta.

Depois, funda-se outra, mais outra e mais outra, emfim dezenas, e... os socios são quazi sempre os mesmos. Mezes depois, publicidade de um jornalzinho; dai a algum tempo desanimação geral entre os socios, não ha mais festa.. e então morre a tal sociedade literaria. O desanimo é tal, que todas as conjeneres tambem desaparecem!...

—Tambem em fins de 1918, circulou um jornal de bom formato, impresso em otimo papel, sob a denominação de «Credito Mutuo», que apezar de ser de propaganda da Socied. de Credito Mutuo Predial, tem uma secção especialmente literaria.

Entre os jornaes de 1914 faltou citar «O Paiz» de pouca duração.

ASTROLABIO CALDAS.



Um trecho do aprazivel arraial de São José de Ribamar

Amor fatal

A' minha querida Rozalia Sandoval.

Na pratica das mais nobres virtudes fôra ela educada, sem que nunca lhe passasse na imajinação o mais insignificante pensamento que não fosse puro nem se lhe projetasse nas retinas alguma cena pouco moral.

Assim, fôra Roza crecendo... Apenas sabia entender as estrelas, amar as flôres e o albor das madrugadas em festa e cazar o vibrar de seu coração á harmonia dos hinos... Não compreendia ainda bem a alma do poeta: entanto, sentia-lhe grata inclinação. Sempre que lia alguma poezia de amor, sentia impressões estranhas, perdia o sono, deslumbrada num circulo de imajens, que não podia compreender.

E a melodia dos ninhos?... impressionava-a, devéras. Amava a solidão dos jardins em flor, onde escutava em deslumbre o gargantear saudozo de partida dos ninhos floridos. Almejava aqueles pequeninos seres alados cortando o espaço, espraiado sôb a téla azul, pinceiada de belos fócos de gaze.

Nas tardes merencoreas, quando veem surjindo as primeiras estrelas na placidez arroxeada do sol-posto, sorvia o ar perfumado dos beijos das liras e cismava, num anceio de doce esperança...

O planjer dolente do campanario acompanhava-a numa prece anjelica, em que ia todá a fé de su'alma, retramda á candura das magnolias.

Misteriozo encanto traziam-lhe as noites de luar... Evocações de um conho todo de ventura, do alvorecer festivo de um poema de amor, de carinho e de conforto.

Então uma lagrima furtiva acompanhava o gemido surdo, um suspiro demorado...

* * * .....

O amôr é cruel: não izenta ninguem de seus terriveis grilhões.

Como Satanaz, espreita a vitima inocente pera ferir sem piedade, quando menos o espéramos: faz então vibrar sua mão de ferro, aniquilando-nos traçoeiramente toda a força de vontade.

Depois de semear, mesmo contra o nosso querer, seus germens venenozos em noss'alma, tudo está perdido; só o tumulo poderá libertar.

—Assim foi que Roza teve a infelicidade de ser preza.

Numa tarde mistorioza e triste apareceu-lhe um jovem desconhecido, de quem nunca, siquer, ouvira falar. Por um motivo material qualquer, chegara ele até a sua casa. Ao ouvir sua voz doce numa conversação singela, mas algum tanto perfumada de literatura e terna poezia, ele que era inexperiente, de carater frivolo e nervozo, sentiu-lhe logo particular simpatia.

Ela, porem, que até então desconhecêra tentações de amor, a que nunca prestara mesmo atenção, passou muito tempo sem compreender aquelo de que era objeto. Comtudo, perdia o sono e sonhava acordada...

Fatal presentimento!.. Uma noite ouviu ela estas palavras, que lhe penetraram n'alma, como o primeiro beijo do sol na corola da flôr, que desabrocha:—Sou desditozo, porque amo e sou abandonado.

Sem o esperar, estremeceu, numa vibração de prazer e de susto. Retirou-se docemente magoada e foi chorar á sós no seu quartinho de dormir jurou que nunca mais apareceria á prezença de Julio, o louco mancebo que a fizera amar, porque ele não podia ser seu espozo. Aquele amor, que germinava em plena fecundidade como a semente lançada em terreno fertil, anunciava-lhe proxima desgraça.

—Passaram-se muitos dias. Entanto, não diminuia de intensidade aquela paixão infeliz. Como terrivel vulcão em atividade, lavrava o coração da pobre Rosa, que fujia aterrada, sem saber mesmo o que era aquilo que lhe punha tanto desespero n'alma. Como se cometera um crime, evitava a presença de todos, temendo que advinhassem o sentimento que tanto procurava ocultar.

Buscando constantemente a solidão, fechava os olhos á luz de outros olhos, que iluminavam a aurora de um sonho dolorozo, a que não podia fujir.

Procurava conforto na placidez dos brancos luares: em nada, porem, encontrava compaixão.

Continuava sofrendo e via que era amada cada vez com mais calor.

Cançada, afinal, de tanta luta, caiu vencida, aniquilada como a louca maripoza se atira á chamma que desgraçadamente a atrahe, deixando que ele percebesse a luta em que se debatia, já em fôrça.

E que ela amava pela primeira vez, com todo o calor de sua alma virjem, com todo o afeto de seu coração imaculado.

Foi um poema sublime aquele amor em que passaram dias felizes, embalados no doce aconchego de duas almas, santificadas num hino de harpejos sublimes... depois, numa linguajem de silencio [illegible] ele despertando dizia com doçura:—E's a minha luz, [illegible] nada almejo na vida, porque tenho a certeza de seu amor.

Rosa era mesmo feliz... Pobre, dela, porem... Não podia mais sustentar aquelu amor, que se lhe ia embebendo n'alma como mortal veneno em chaga dolorozа.

Numa tarde trajica conseguindo corajem e força sobrenatural, disse ela a Julio: Adeus, meu amor, não mais verás tua amada Roza, que vae morrer. E' sincero o seu amor, porem é ela semelhante á flôr agreste que naceu para morrer oculta aos negrumes da sombra do bosque inculto.

—Lagrimas transparentes molharam a face de Julio que suffocando por sua vez o amor que o enfebrecia tambem, contemplou-a em reliliozo silencio e fujiu para sempre.

E ela?... Numa madrugada fria e sem luz, voou á Mansão Celeste, envolta em branco e imaculado sudario, levando palidos lirios aconchegados aos labios em ultimo beijo, e uma aureola de frescas e arroxeadas saudades...

S. Luiz—Maranhão.

ZILA PAES

FLORILEGIO POETICO

Maio

Para Cotinha Oliveira

Maio surje. A mavioza passarada
Hinos então cheia de harmonia.
Ha pelo espaço imensa sinfonia
De préces, n'uma esplendida alvorada!

Uma surprêza em tudo, dedicada
A's virgens castas, farta de poezia.
No mêz imaculado de Maria,
Flório mêz de Maria imaculada!

Neste mêz em que a vida mais recende
Tudo ostenta mais pompas na belêza,
Mais azúl sobre a terra o céu se estende!

E em todos corações paira um desmaio,
Quando essa grande e excelsa Naturéza
Espalma sobre tudo o mêz de Maio!

S. Luiz—917. CLEMENTE GUÊDES.

Noite má

Noite sombria... passaredo alerto,
tirita de pavor entre o arvoredo.
Contemplo, tristemente, o ceu deserto,
e tambem sinto que me invade o mêdo...

Vejo, em ancias, se o dia já vem perto
mudo, o horisonte está como um segredo...
E o motivo porque, não sei, ao certo,
de, ás vezes me encontrar nesse degredo.

Chegam-me a [illegible] pensamentos torvos;
[illegible]ta ao crocitar das corvas,
[illegible] o cadaver do meu proprio ser!

E essa luta cruel, extranha e forte
deixa-me n'alma uma impressão de morte,
que amargura e transtorna o meu viver!

S. Luiz E. POLARI.

HONTEM E HOJE

Ao autor de «Profissão de Fé».

Fui mizeravel, bebedo e ladrão;
Fui vil, bandido, hipocrita o homicida!
Não sei qual foi a baixeza d'esta vida,
Que faltei comportar no coração!

Assim vivi até que uma paixão,
Uma paixão ardente, destemida,
Encontrar no meu peito veio guarida...
Então modifiquei minha missão!

Em vez do mal que outrora eu semeiava,
Passei a semeiar o bem, o amor,
Desprezando o que o peito comportava...

Hoje, me sinto amigo do esplendor!
Do bem, sinto minh'alma ser escrava;
Do mal, tenho arrepios de terror!...

MORIMA LEIRA.

MAIO

Ao Pradinho.

E' o mais formozo, o mais rizonho e alegre,
O mais altivo mez de todos que eu conheço.
E' neste mez que eu quero, ó Deus, desde o começo
Ao fim, que no meu peito este prazer se intregre.

Que venha o Maio e o meu amôr desregre
E não me deixe envolto em véo mendonho e espésso
De tristezas cruéis! porque ainda mereço
Que me conserve esperançozo e alegre.

Que é poezia, direis! porém quem me descrê?...
Maio é o mez de tão festivas alegrias,
Mensajeiro do bem, de graças pelno. Amae-o!

Entretanto, eu naci no mez d'Abril, porque
Não me deixei ficar por mais quatorze dias
Para depois, nacer no lindo mez de Maio?!

S. Luiz—917. ZILDO FABIO MACIEL.

SONETO

(Para Cotinha Oliveira)

Vamos, Maria, não te importes, vamos,
A vida é mesmo assim, não tenhas mêdo.
Sigamos o destino, imenso e trêdo,
Sem jamais esquecêr o que juramos...

O futuro de rózas que almejamos,
Já vem surjindo venturozo lêdo...
Já vem surjindo a sombra do arvorêdo
Desta fióría jornada que encetamos!

Vamos, vamos cantando, os dois, cantando;
E enquanto nos lembramos do futuro,
As iluzões da luta vão passando...

Deixa da turba as imposturas féras!...
Vamos fruir n'um lar, sereno e puro,
O amor d'um sól de nóvas primavéras!

S. Luiz. 917. CLEMENTE GUEDES.

CISMANDO

Amo a noite silenciosa e triste
Esmaltada d'estrelas sintilantes
Que s'espelham no mar;
Amo a fonte cristalina e pura
O riacho sombrio que murmura
E a briza que em seu leve elciar
A face da donzela vae beijar.

Amo a vergél o bosque e a campina
E o jardim em flôr
A donzela pudibunda e meiga
Em cujo rosto se lê a «indiferença»
E no coração—amôr—

Porém o que mais amo e mais adoro
E' um ente angelical;
Uma virjem morena côr de jambo
Olhos pardos, cabelo acastanhado
E labios de—coral—.

DR. OSCAR GALVÃO

Avé Brazil

Todo o horizonte traduzia com afirmaçõis verdadeiras ou mentirozas a nêgra execução de uma ação interior e exteriormente tremenda entre os paizes do velho mundo, que conforme a lenda antiga se deleitavam no orgulho bestial de ditar métodos e regras de civiliz ção para o resto do orbe.

Mas, se realmente eram êles que ditavam e queriam continuar a ditar essa doutrina, não se mostraram à altura dêla, quando se defrontaram as complicaçõis diplomaticas entre as suas chancelarias fem o cazo de Seravéjo.

Naquêle tempo, só viram uma couza: uns prometerem apoiar uma parte dos que se complicavam e os outros prometerem apoiar a outra, e daí o rezultado: a guerra.

Raciocinando um pouco sobre essa couza corriqueira de povos civilizados, encontraremos como bussola da civilização nestes ultimos tempos as Americas.

Haja vista para o cazo dos "Estados Unidos" com o têlinho "Mexico"!

Quem é que em o Universo ignora a prudencia e recursos enviados por aquêle paiz e pelo Brazil, para evitarem, qualquer rompimento?

So uma resposta acode imediatamente: ninguem.

E ninguem ignora, porque, já se tornavam até vergonhozos êsses atos de extrema tolerancia do n sso Govêrno, dos Estados Unidos.

Parecíamos uns cordeiros que a tudo assiste com mansidêz, aguardando escaparem-se as suas mais frajeis correntes de prudencia, para então sacudir o arremêsso brutal de um forte.

Lá fóra, o Rei das féras confortado pelo seu valór militar, que a tudo exercita vai sentindo-se-lhe apertarem as correntes vertijinozas dos seus inimigos, e começa a esparjir-se loucamente contra todo o mundo e a naja poupando.

Vem daí a razão porque rompemos com a Alemanha!

Quazi que, se pode até mesmo dizer, que tinha êla se comprometido a não tocar em navios brazileiros quando há poucos dias, esquecendo o direito dos neutros mandou torpedear desumanamente o nosso «Paraná», o maior dos cargueiros brazileiros.

Esse vapor, que, pelo inquerito oficial recebêra um torpêdo e logo após cinco tiros de canhõis, teve forçadamente de decer ao abismo imenso do Oceano, levando consigo algumas vidas brazileiras e o nosso pavilhão onde refuljia a nossa aure-vêrde bandeira.

Aquêle navio, era tão brazil-iro, que sentindo-se sossobrar, não quiz jamais separár-se do estendarte fiel que lhe dava a orijem, levando-o para outras plagas.

E' que, naturalmente, o «Paraná» em sua nova vida não queria ser um desconhecido, lá entre os misterios das profundêzas do mar; e, como tal, considerado corsário ou assassino alemão, que de certo seria prêzo como refem.

Infeliz navio!

Fôste o escolhido para alvo dessa ação vandalica e desaparecêste, só aparentemente, porque entre os corações cheios de patriotismo jamais serás esquecido, pois fôste tu, que despertastaste as chamas dos nossos brios, já quazi apagadas.

E' notorio que os alemãis teem á fama de ser os mais exercitados soldados mundiais!

E, é por isso mesmo, que, quando nós ou, outro qualquer pôvo sem fama de ajilidades militaris, consuguir vencêl-os, maior será a vitoria!

Estribado naquele principio, consta que um certo estranjeiro domiciliado entre nós, disse, que não troca dêdo de um soldado alemão, por um nosso ou seu conterraneo.

Pergunto eu: qual a recompensa que devemos dar a esse dezenfreado germanofilo?

Da minha parte lhe perdôo o idiotismo ou a cretinajem, porque, basta se dizer que a sua patria (dêle) está em guerra e ainda se lhe não dispertou nos brios o sentimento nacional!!

Deus perdôe e guie por outro caminho esse espião alemão!

O'! Meu querido Brazil!

Sinto agora que te ergues daquêla letarjia prejudicial.

Sinto que todos os bons brazileiros, isto é, os brazileiros dignos dêsse nome, levantam-se indignados contra a assassina mundial.

Ha muito viviamos apreensivos pela falta de enerjia do nosso Governo, que parecia pouco se preocupar com o nosso destino futuro.

Agora reconhêço que tinha êle razão, em procurar ajir com firmeza, como em o cazo do «Paraná».

O nosso Maranhão que, sem contestação, a longo tempo vem vivendo pacatamente; depois de muito esperar que o Governo federal dispertassse como dispertou, tambem selevantou no dia para provar que os brios brazileiros daqui, ainda estão como sempre estiveram, compenetrados dos seus devéres e portados como alerta-sentinélas, que aguardam a ultima voz a almejada: o grito de guerra!

Foi assim, que em todo cortéjo cruzavam-se os vivas ao Brazil, mórras à Alemanha e permanentemente os chapéus borborrinhavam no ar sobre todas as cabéças em inumeros movimentos das mãos.

Foi uma apoteoze em alaridos:

Viva a guerra!

Os chapéus que mais se movimentavam nessa ocazião, davam-me a impressão citida do qne pode ser a guerra, e me pareciam balas arremessadas por corações enfurecidos de patriotismo.

Foi assim, que nos manifestamos para o conflito que nos ameaça.

Enquanto êle brutalmente, se desenrolava na Europa o assistiamos em qualidade de neutros, e cada brazileiro tinha o restrito direito de ser germanofilo ou aliadofilo. Eu por exemplo pertencia á primeira dessas correntes.

Hoje porem, que essa catastofre aterrorizadora chegou até nós, provocados pela Alemanha, não acredito que ainda existam germanofilos neste paiz, que, para honra nossa, tem Rui Barboza, como idolo mental.

Conforme disse, era simpatico a cauza da Alemanha, mas, antes que tudo, sou brazileiro!

Agora repudio os responsaveis pela canastra de miserias de vandálos e de piratas alemãis!

O'! Brazil!

Levanta-te agora, com o mesmo sangue dos nossos antepassados.

Aquêle sangue guerreiro que borbérinhou de patriotismo e venceu!

O'! Meu querido Brazil!

Varre do teu solo todos esses especimens de barbaros e manda que o maior dos teus filhos (Rui Barboza), assombre a todos com o valor de sua palavra dirijida lá bem do alto, sobre todos os paizes do mundo.

O'! Brazil!

Ergue-te confiante nos teus filhos!

Brazileiros! Avante!

Mocidade, cumpre o teu dever!

Dezafrontemos o nosso aure-vêrde pavilhão, agora ultrajado pelo vandalismo!

Viva o Brazil!

Abril, 917.

J. V. D'ABREU

Personalidades

Ocupamo-nos hoje da biografia do poeta I. Xavier de Carvalho, que com a sua lira mavioza, faz chorar e rir, quando quer, todos os que o lêm.

Xavier de Carvalho sabe com a grandeza sublime da sua intelijancia, que brilha, transportar para o verso tudo o que a sua alma sente, tudo o que o seu coração dezeja.

E, quando lemos seus sonetos e suas poezias sentimo-nos emocionados, colocamo-nos no mesmo plano do poeta e com ele sentimos a dor que ele sente e com ele experimentamos o mesmo sentimento de amôr, a mesma alegria que ele experimenta.

Não é só isto, Xavier de Carvalho é poeta aqui e em qualquer parte em que chegue.

A [illegible]idade com que burila um soneto, o sopro de poezia com que o enche, a simplicidade da frase com que o orna, tudo isto faz de Xavier de Carvalho um poeta, mas um poeta que se subresai pela sua alma bem formada, um poeta que nas quatorzes estorfes de um soneto ora canta a tristeza, ora a alegria.

Não tratamos aqui do juiz, porque todo mundo sabe que, na retidão do dezempenho destafunção, Xavier de Carvalho faz parelha a vultos que fuljem na vida do direito,

Xavier de Carvalho é um pouco filozofo.

Escreveu em diversos jornais daqui da capital e de outros estados. Se fossemos recolher as poezias e os sonetos que ele tem publicado, com certeza, formariamos um bom livro de muitas pajinas.

Xavier de Carvalho que foi um dos que fez parte da «Oficina dos Novos concorre muito com a sua pena afanada, para a grandeza das letras patrias.

Seus livros «Minas Negras» e «Frutos Selvajens» são verdadeiras obras de valor.

Deixamos de dizer mais alguma couza sobre eles porque o publico bem os conhece de perto.

Xavier de Carvalho de cuja personalidade hoje nos ocupamos é um dos melhores poetas que o Maranhão atualmente possue.—M.

RECORDANDO

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e o crepusculo apresentava-se majestozo e belo. O vento soprava com violencia e vinha anciozo beijar os ramos das frondozas arvores. Os passaros despediam-se desta tarde amena e cantarolavam em direção aos seus queridos ninhos. A natureza mostrava-se rizonha e sublime. Eu contemplava seus caprichos e sentia minh'alma mergulhada na mais profunda saudade.

Tinha dezejos de chorar. A tarde inspirava amôr e felicidade, mas, eu me achava afita. Em redor de mim era tudo tristeza e sombra. No bronze da pequena igreja sôou a doce Ave Maria e a meus ouvidos chegaram uns maviozos acordes de um piano. Era uma virjem, que com seus setinozos dedos tirava do alvo teclado uma saudoza e bela valsa intitulada. «O meu destino é sofrer». Prestei viva atenção; senti que o pranto banhava o meu rosto e meu coração sucumbia ao pezo de tão grande magua.

Era tua auzencia que me fazia sofrer, era ela que me tornava a vida em constante martirio.

Nesse momento deixei escapar dos labios uma fervorosa prece a Jezuz, pela tua felicidade, e o meu pensamento prendeu-se ainde mais á tua imajem e continuei a amar-te em todas as forças de uma alma apaixonada.

S. Luiz, 2—4—917. GASCAR.

O 21 de Abril

O Paiz comemora hoje o aniversario da execução de Tiradente um dos primeiros homens que se bateram pela proclamação do rejimen implantado a 15 de Novembro de 1889.

E é por esse feito importante, que devemos nos orgulha como brazileiro, tanto mais quanto aquele vulto reprezenta na historia, o papel mais saliente do mais insigne lutador pelo governo da democracia.

Não devemos deixar de mostrar neste dia, o nosso grande entuziasmo pela glorificação da memoria daquele que nos legou o mais vivo exemplo de abnegação e maior pela liberdade e assim rendamos ao seu nome, as homenajens mais justa da nossa sincera veneração.

21—4—917. CANDIDO AIRES.

POSTAL RIMADO

Mulher! si aqui eu descrever pudesse
o meu amôr exuberânte e puro
que te juro
em minh'alma nutrir-se, me parece

que eu teria vencido em grande messe
um dezejo velemente e te asseguro,
sem apuro,
que eu seria, mulher que me enobrece

toda a vida,
sim, o ente mais feliz, o mais ditozo
d'entre os ditosos dos mortaes, confesso.

Mas, só a ti eu descrevo, querida,
quero esse amôr tão sasto e tão grandioso
si o mereço...

Janeiro—1917. LIRIO BRANCO

Atenção !

TODOS VÓS QUE FUMAES !

Conheceis os cigarros Psilander ?

São os melhores da atualidade, e confecionados com fumo caporal de primeira.

Depois de uma bôa chavena de café, saborear um cigarro PSILANDER é o chic de toda pessôa que sabe apreciar o que é bom.

PRAÇA DO MERCADO—18

O Brazil

Tem sempre completo sortimento de artigos para senhoras, meninos e meninas; perfumarias dos mais afamados fabricantes; emfim uma variada coleção de mercadorias que vendemos por preço bastante reduzido.

Vinde vizitar O Brazil e vereis !

33—RUA GRANDE—33

OURIVESARIA PEROLA

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouterie.

Adereços, meios-adereços, colares, pulceiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotuadoras, alfinetes de gravata, trancelim para pescoço, porta-leque voltas de corddi, teteias etc.

A casa grande de todos os objetos comprados

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Proprietario:—JOSE' L. PEREIRA

9—Rua Grande—9 9—Rua Grande—9

Tonico Ante-Febril e Garrido E' um poderoso Tonico contra as Sezões, Maleitas, Febres Intermitentes e Remitentes, Inflamação do Baço e Figado Tonico por excelencia na Anemia e Debilidade Geral, encontrara a sua cura no uzo do TONICO ANTIFEBRIL GARRIDO.

Deposito Geral, na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE, N. 10

Casa Lisboa Machado

Olá ! amigo, que tempo estás por cá ? Que estas a faz-r ?

Eu vim lá da terrrinha afim de levar algum sortimento para a minha «casa commercial», mas, ainda não achei nada de bom. «Já tenho ido em diversos armazens...

Ora... va a caza LISBOA MACHADO, á rua Afonso Pena, 39 que foi onde eu me sorti

Lá encontrarás tudo que desejares bom e barato ;

RUA AFONSO PENA, 39

Atenção

Não ha FEBRE que rezista a ação do

PIROSAN !!!

Deposito; FARMACIA LEITE

15—Rua Grande—15

Casa de Armador

—DE—

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo directamente da Alemanha, efetúa enterros desde os mais luxuozos aos mais modestos, por preços modicos.

Atende chamados, prontamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

RUA DA MADRE DEUS, 29 OU 31

Regulador Garrido Remedio soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras e o Catharro do Utero O «Regulador Garrido», o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

Encontra se na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE, N, 10

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFFONSO PENNA N. 2 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 786.257$000

Resultado do 62.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.0.0 socios:

Premios de 1o isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1723—José de Ribamar Viana Vidigal, residente em Caxias.
2.º N. 1916—José Anastacio Gomes, rua de Santana, 11.
3.º N. 3329—D. Virginia Souza de Sá Chuvas, residente no Itapecurú-Mirim.
4.º N. 2382—Raymundo Nonato Luz e Silva, residente em Caxias.
5.º N. Atalá & Comp. rua 28 de Julho, 65.
6.º N. 3044—Raymundo Furtado, residente em Terezina.
7.º N. 585—Severo Angelo de Souza, rua Grande, 280.
8.º N. 2047—Joaquim Mendes da Rocha, rua da Alegria, 50.
9.º N. 1648—D. E. M. Atoide, residente na Parnaiba.
10. N. 900—Delfim Nunes Pereiaa, rua Cel. Collares Moreira, 30.
CASA NO VALOR DE RS. 1.800$000
N. 1420—D. Candido Soares Ferreira, rua Afonso Penna, 38.

Maranhão, 16 de abril de 1917.

Faimundo Cezar de Moraes Rego
Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraiso
Director-Gerente.

O Guarany

Bem montado restaurante, situado á rua de Nazareth, 31.

Asseio e Prontião !

Aceita assinaturas mensaes a preços medicos

Credito Mutuo Predial

Faz entrega do premio na rezidencia do sorteado, em menos de CINCO MINUTOS, após extração do sorteio e a verificação de acharem-se quites o associado.

NADA DEVE EM PREMIOS

Capital inicial.	55:000$
Premios já distribuidos	116:213$
Premio a se distribuirem.	2:400$
Premio distribuido e entregue no 2.º sorteio deste mez.	2:288$
Premio a ser distribuido no dia 4 de Abril	2:388$
Com a contribuição apenas de Rs. .	18

Convida-se as pessôas que ainda não são socios, a virem inscreverem-se immediatamente, afim de encontrarem vagas nessa valiosa serie, prestes a completar-se, com o premio de Rs. 2:000$

RUA DA CRUZ—61

Sob a fiscalização do governo Federal

Xarope Anti-Asthmatico Garrido

para as Dyspnéas, Defluxos, Influenza, Coqueluche, Catarrhos, Tosses rebeldes, Catarraes, Sufocações, recommendam a sua cura completa e immediata no XAROPE ANTI-ASTHMATICO DE GARRIDO.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO.

RUA GRANDE N. 10

Farmacia Universal

Eupedtol Carvalho

Extraordinario nas curas da molestias do estomago e intestinos

—E—

Solução Carvalho

E' um remedio rápido e assombroso para combater todas as

Depositarios—Carvalho & Comp.

27 RUA DE NAZARETH—27

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO--MAIO DE 1917 | Num. 15

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

BIBLIOTHECA PUBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

REDATORES:	GERENTE	TEZOUREIRO
Astrolabio Caldas José Monteiro. Mauricio Furtado	Clemente Guêdes	Antonio Louzeiro.

ASSINATURAS

ANUAL		SIMESTRAL	
Capital	2$000	Capital.	$200
Interior	2$500	Interior	$500
Exterior	3$000	Exterior	$800
		Numero avulso	$200

SOCIOS COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, João, Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado Néstor Silva, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Francisco Santos, Francisco F. Costa, Manoel Fernandes, Ivis Parga, Candido Aires, Gonçalo Moreira Lima, Almir Santos, João Caldas, Fran Teixeira, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Coêlho, Francisco Garrido e João de Deus Coêlho.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Iida Bragança, Nair Pinheiro, Araçéa Fernandes, Altiva Smith, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Rita Silva, Izabel Araujo, Raimunda Silva, Cecilia Martins, Zuleide Bojéa, Zozima Sá, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha e Maria Eleonora Varela.

SUMARIO:

Dr. Mauricio França; Dissuadido—Ródes; Lingua portugueza—José Augusto Corrêa; O Amor—Alcindo; Maio—F. de Sousa Pinto; Florilejio Poetico—Diversos; Personalidades—M.; O talisman—Paulo Guimarães; Sem epigrafe—Carolina Augusta: Pulcherrima Dea—Dr. Oscar Galvão; Suprema vizão—Assis Garrido; No exilio—[illegible]; Recordando o passado...—Julio Cadaval; [illegible]nento nacional é milindroza—Alberto Viana; Incognita—Jab; A hipocrizia—Simas Pompeu; A canastra da Revista—Luizinho Sabio; Porque ?—Francisco Coêlho; Dr. Herculano Parga; Solicitadas C. G; O Mez Social.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozuila Costa.
Rozario—Prof. Laura Roza.
Arari—João de Lemos.
Bacabal—Emiliano Castor R. Falção.
Pedreiras—Prof. Aciolina S. Guimarães.
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Grajahú—Orestes A. Mourão.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Barro Vermelho—Filomena Silva.
São Vicente Ferrer—Prof. Ana A. da Mota.
São Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro—Prof. Ermelinda Maramaldo e o sr. Francisco Leite.
Icatú—Jozefa Amazonas.
Axixá—Raimunda L. Fernandes.
Tury-Assú—Prof. Adaljiza Feques.
Coqueiro—Manoel L. Fernandes.
Brejo—Almerinda Rodrigues.
Buriti—Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercinda Pedrozo.
Carolina—Benjamin Carvalho.
Ponte-Nova—Izabel Araujo.
Cururupú—João de Abreu e Raimundo Gabino.
Alcantara—Filomena Cruz
Totoia—Luiz Carvalho e Carmeo Cruz.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Amazonas—Sta. Izabel—(Rio Negro)—Eduardo de Oliveira Neto.
Pará—(Belem)—Rita M. Silva.
Piauí—Terezina—Eliseo Moura.
Amarante—Paulo Ferreira.
Rio de Janeiro—Francisco Santos.
Minas Geraes—Cambuquerra—Maria Silva.

RMAANHÃO — MAIO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 15

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS



Dr. Mauricio França

A 3 do mez de Março, foi vitima do mar, no Rio de Janeiro o distinto Dr. Mauricio França.

Naceu na Capital Federal no ano de 1886. Bacharelou-se em «Ciencias e Letras», tendo feito todo o curso com distinção, em 1901. No ano seguinte matriculou-se na «Academia de Medicina», doutourando-se em 1909, sendo galardoado com o premio de viajem á Europa.

Casou-se, ainda estudante do 4.º ano, com a Exma. Sra. D. Estela Calheiros da Graça (filha do Almirante Calheiros da Graça, morto no dezastre do Aquidaban) havendo deste consorcio uma filha a qual deram o nome de Haidé

Sua téze inaugural foi sobre o «Tipo febril intermitente». Trez vezes esteve na Europa em estudos; uma antes de doutourar-se e duas depois, todos com o fim de mais se aprofundar nos seus conhecimentos.

Em 1911 foi nomeado, pelo professor Austrejezilo, assistente chefe do «Laboratorio da Clinica de Doenças Nervozas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro». Em julho de 1914 concorreu á livre docencia de Histolojia com a Téze: «Contribuições ao estudo de Anatomia Microscopica da pele, que mereceu muitos elojios de todos os membros da comissão julgadora.

Fez concurso em 1916 para medico lejista da Policia, sendo classificado em 2.º logar e logo após nomeado medico lejista extra-numerario. Quando foi surprehendido pela morte, exercia interinamente o posto de medico lejista. Era um infatigavel trabalhador.

Como assistente da «Clinica Neurolojica», trabalhava pela manhã no Hospital da Santa Caza. Curso livre docente ensinava na «Escola de Medicina», onde chegava a dar 3 e 4 aulas seguidamente, colhera a afluencia á seus cursos pelo modo pratico e claro de ensinar. O tempo que lhe sobrava passava em seu laboratorio clinico a Rua Uruguaiana—35, laboratorio muito acreditado e que merecia a confiança dos mais distintos clinicos da Capital Federal.

Desde 1913 foi seu auxiliar quer na «Clinica Neurolojica», quer nos seus cursos de Histolojia e no seu laboratorio o sr. Oto Galvão (doutourado em 1916) que em 1915 deixou a «Clinica Neurolojica» por ter sido nomeado assistente do «Laboratorio de Policlinica de Creanças, continuando, porém, como seu auxiliar nos outros trabalhos.

Morreu deixando en elaboração um «trabalho teorico—pratico de Histolojia» e um «Guia de trabalhos de laboratorio».

Nós da «Revista Maranhense» pranteamos, sinceramente, nestas linhas ciojelas, o ilustre morto que, tão desgraçadamente foi arrancado, pela morte implacavel do seio de sua familia e honramos as paginas da nossa revista estampando o seu retrato.

Dissuadido

Para o João Caldas.

Um dia, a sós na minha sciedade,
Tive n'alma um dezêjo bem curiozo:
E muito crente, forte e corajozo,
Dezejei conhecer a sociedade.

E passei a estudar, com anciedade,
O centro democratico, o imperiozo:
Depois, dos vis, o bando rancoroso,
Da intriga, do despeito, e da maldade.

Cheguei a crêr que, as vêzes, docimente
A uns se torna, as vêzes, sem conceito,
A sociedade é o mal de muita gente...

E' uma camada de crueis, em suma,
Onde impéra a calúnia o vil despeito,
E o caracter não vale couza alguma!

RO'DES.

LINGUA PORTUGUEZA

O superlativo.

Temos 2 superlativos: o absoluto e o relativo.

O absoluto forma-se com certos sufixos, como: simo, imo, errimo: belissimo, facilimo, saluberrimo.

Tambem se forma por meio de certos adverbios, taes como muito, pouco, assás grandemente: muito sabio, pouco estudioso, assás alegre, grandemente tolo.

Por exceção tambem são os adjetivos sujeitos aos grãos aumentativo e diminuitivo: ex: essa menina é tolinha, aquele homem é sabichão.

Uzamos muito: engraçadinho, bonitona, feiinha, boninho.

Erro grave, embora autorizado por algumas grammaticas, é reunir as duas formaçoes, por adverbio e por sufixo, porque isso não é mais do que uma redundancia. Muito belissimo é simples tolice: ou muito belo, ou belissimo.

Do mesmo modo antepor esses adverbios a certos adjetivos que já são superlativos é igual tolice.

Assim é barbaro o muito pessimo que oiço muitas vezes.

O superlativo pode ser sintetico ou analitico, conforme constar de uma ou mais palavras: belissimo é sintetico, muito belo, analitico.

São suscetiveis deste grao os qualificativos, mas por exceção os determinativos tambem o podem sofrer; ex: esta é a mesmissima mulher de que te falei.

Tambem por exceção os substantivos podem admitir o grão superlativo, como comumente se diz: coussissima alguma.

São anomalias que convem registar.

Há muitos qualificativos que têm forma dupla no superlativo, uma alatinada, muito mais formosa, e outra de acordo com os preceitos da lingua.

Taes são, entre outros, os seguintes exemplos: grandissimo ou maximo, pequenissimo ou minimo, ma[illegible] pessimo.

Tambem dizem que baixo tem o superlativo infimo e alto, supremo ou sumo.

Entre os superlativos irregulares mencionarei os seguintes: pauperrimo, amicissimo, superbissimo, frijidissimo, saluberrimo, amabilissimo, sacratissimo, integerrimo.

Eu acho muito mais elegante dizer antiquissimo, do que antiguissimo, não resta duvida nenhuma.

Superlativo relativo.

Forma-se este superlativo antepondo o artigo aos comparativos de superioridade e de inferioridade.

Assim se diz: a mais bela dentre as moças, a menos casta das mulheres, mas não se diz a tão formosa.

Tambem se forma antepondo o artigo ao proprio superlativo absoluto. Ex: a formosissima das mulheres é Maria.

Ha ainda uma terceira formação um tanto exquisita, mas bastante suave e constitue na repetição do nome: a formosa das formosas, a bela das belas.

O superlativo de ubere ou ubertoso é uberrimo; de feraz é feracissimo.

JOSE' AUGUSTO CORRÊA.

O Amôr

Aqui vão tambem o meu preito a memoria de Vespaziano Ramos. Para rendê-lo nesses dois dedos de proza que me cabe no limitado espaço da Revista Maranhense, não buscarei falar senão do Amor propriamente dito, do amor que constitue o motivo preexcelente das suas mais belas poezias.

∴

Frizarei assim a qualidade caracteristica do autor dos versos do «Coiza alguma» que burilou estrofes lapidares de sentimento legitimo coados atravez de uma finissima e perfeita concepção.

∴

Por isso não nos podemos furtar dos enleios da sua poezia que desperta sentimentos adormidos no coração e evoca momentos dulcissimos de ternura e de afetos trocados entre duas almas enamoradas.

Mas, para falar do amor tal como muitos comprendem, reconheço que é assunto por demais milindroso. Com esse aviso sinto em torno de mim olhares suspeitozos de quem me espreita a socapa. De resto é um velho tema. Muita gente já se tem preocupado notavelmente, para dizer bem ou mal. Não tenho nenhum desses intentos ou a minha intenção, nesse duplo dezignio será muito limitada. Talvez mesmo não fosse apenas de mais uma intensão pelo que ninguem extranhará se dahi resultar uma ação realmente má.

O que é certo é que não posso deixar de render um preito de sincera admiração a um poeta conterraneo estatura Vespaziano que como o grande poeta dos «Poemas e Canções», entre muitas outras qualidades que o distinguem dotado de um extraordinario poder de vocação se roda com o dom debatendo a tecla de um assunto chapa de emprestar vigor, descobrir aspectos de tal modo que ainda prenda as atenções pela emoção real que nos desperte.

Ora, Vespaziano é o poeta do amor. Para justificá-lo basta abrir o seu livro, dele relê-lo observando com que eloquencia e expontaneidade ele explana esse tema, numa infinidade de estrofes de retinio perfeito. Contrata sensivelmente com os poetas neurasteonicos que apenas revestidos dos requintes das modernas escolas literarias vão num crescendo deturpando a verdadeira concepção do Amor, desvirtuando, afastando da sua forma ideal de perfeição.

Da vibração dos versos como os deste poeta e que se evola a dotrina do amor na sua forma epecurista, simples chã, de suave doçura e nitida realidade. Esse amor nunca ofenderia a sucetibilidade do senso estetico. Antes exalta e enobrece. Anima, fortalece aqueles que da melhor forma tratam de perpetua-lo. Porque faz parte desse grande amor que envolve todos os seres na natureza; esse amor que é a razão de ser da propria vida; que é causa e efeito de tudo o que existe; amor que é harmonia, geratriz de todos os movimentos, força motora de todas as energias, lei fundamental da evolução. Todo o que vae deante dos nossos olhos sob as formas mais dispares ou os aspectos mais variados, é um produto do Amôr.

ESTADO DO MARANHÃO

Quem não ama? Quem não amou? Quem não amará? Só quem não pensa ou quem não vibra.

E' atinjivel a todos os homens ainda os de mais alta elevação moral, mesmo os celticos.

Deste amor nos falam as moças nos arrobos da fantazia, tambem os velhos com um sorrizo de enlevo, reflorindo em flancas.

E latente em todos os corações.

Desperta-o o sorrizo da mulher com a magia de afetos expontaneos, com a sedução de olhares irresistiveis.

Difinimo-lo em nós quando sentimos necessidade do maior numero de perfeições.

O que ha é que não sabemos amar, isto é, não se procura ajustar a forma definitiva de amar de accordo com os principios que orientam o desenvolvimento da vida moderna. Ainda temos amores medievaes, como no tempo de Romeu e Julieta.

Não sei se o «flirt» na sua forma perfeita preencherá as condições aspiradas.

Não emito aqui a minha opinião sobre o «flirt».

Convem notar entretanto que os chilenos já no-lo aprezentam sob a forma encantadora do «pololeo» segundo nos descreve D. Luiz na bela proza do seu livro admiravel «sob o Cruzeiro do sul».

Em todo cazo é tempo de pensar em melhorar as cozas entre nós nesse sentido, que vae derivando com tendencia assustadora...

Porque efetivamente o Amor é um sentimento puro, cristalino e sujestivo, eterno como a propria vida na sua absoluta continuidade.

Hoje como amanhã, aparte todo convencionalismo, nas infinitas modalidades do viver representerá sempre uma das condições das leis atavicas da humanidade.

E deste amôr incontestavelmente que nos fala o poeta da Samaritana neste belissimo soneto.

Veiu. Era crepusculo. Não havia
Sussurro algum pela floresta. O vento
Cessára ao pôr-do-sol. Nesse momento,
Ela o pequeno cômoro decia.

A'! nem sei como o coração batia
Na aza do eterno e grande sentimento!
Inda te lembras, hoje, pensamento,
Como eu tremi, como Léonor tremia...

Veiu, confuza, e num divino adejo,
Os meus labios procura, e enfebrecida,
E ancioza, e inquieta, e sofrega, e lijeira,

Deu-me, com vida, um beijo ardente, um beijo
Que me deu vida e me espalhou na vida
Esta amargura pela vida inteira.

E aqui fica efetivamente o meu preito a memoria de Vespasiano que tão moço, tão talentozo, tão cheio de esperanças para sempre ficou lá nas matas frias da Amazonia.

ALCINDO

Maio

Para Maria José Sales.

A manhã surje. A passarada acorda entre mi gorgeios, dando os seus bons dias ao mes de maio que reaparece trazendo senarios novos, para condecorar os morros alvissimos, onde o sol estende os seus bordados de luz doirada, em cortinados longos que envolvem as alvoradas nervosas.

As sururinas cantam. Ha um fremito, uma alegria um concerto de muitas vozes que se estendem sonoras, como a castidade atraente da musica por toda a floresta, risonha e inocente.

E' maio que chega.

Das fontes mudas, como a rudez das serras altivas, as aguas fojem atraidas pelo encanto novo que Seres lhe oferece, indo refugiarem-se mecrozas, por entre os silvados, la para lonje onde as palmeiras abrem os seus leques de esmeralda e começam farfalhar manssamente ao cantar da brisa.

Verdejando as matas, as arvores seculares despem os seus velhos trajes e cobrem-se de flôres e frutos, atraindo as aves cantoras, chamando as sombras, os perfumes e sugando com as suas raizes um doce riacho onde as jussareiras brincam atirando frutos que fazem estremecer a faixa cristalina das aguas que correm serenas.

E' o prazer que passeia pela natureza virgem da floresta, domando a sua alma bravia, trazendo a lembrança deliciosa dos tempos de outrora.

Maio canta, e a festa da sua alma corre como o sussurro da folhajem, vibrante, casta e doce, beijando as flôres, sobraçando os trevos, deixando um longo suspiro de emoção, revolvendo as eras que estremecem como os rulos melodiosos das ondas nas praias qualhadas de espumas?

Um barranco armado de arbustos, espreitos as escamas de prata que o rio levanta no seu espreguiçamento, dando voltas coleando de beijos brancos as margens silenciosas.

Na curva de uma estrada uma casinha reza na paz mimoza dos campos em flôr a sua oração franjada de sedução ao poema das selvas pas[illegible]

A poesia desponta com o mesmo encanto da [illegible]

Aqui um cajueiro adormece como um velho guerreiro cançado das lidas das batalhas sangrentas, ali uma mangueira sacode-se ao menor impulso da viração branda do alvorecer, e la alem um rebanho percorre um descampado coberto de sombras, seguindo a frente o seu pastor, soprando uma flauta ou cantando uma canção triste que se intercalava meigo pelo coração da campina.

O rouxinol gorgeia do alto de um velho Mururé, envolvendo de alegria o adro imenso do senario rustico e o sabiá o simbolo da saudade, a rima da poesia brazileira, solta o seu soneto que se esgueira por todos os filamentos da manhã de maio.

E maio, o mez das flôres, a inspiração dos poêtas caminha, caminha vagaroso pelas regiôis estreladas do pensamento, pela alma das flôres, aparecendo cada dia, mais novo e mais soberbo que um principe carregado de ouro e de glorias, na luz das suas manhãs adoraveis.

A tarde vem, no ceu uma paisajem descança como Veus farta de orgias sacudindo os seus «véus multicôres, ao principe do dia que se dirije ao abrigo do poente cercado de cristaes sintilantes de luz que refuljem como um espelho de ouro, refletindo os encantos do Universos onde a alma contemplativa alimenta o sonho das suas fantasias, entre os ultimos estrofes das cigarras, que morrem cantando nas curvas dos caminhos...

Maranhão, 11 de Maio de 1917.

F. DE SOUSA PINTO.

FLORILEGIO POETICO

VERSOS ?

Versos alégres me pedís, Senhora,
A' mim, que gozo pouco de alegria;
Que vivo num deserto, noite e dia,
Carpindo a dôr que a crença me devora ?

Ouvi:—"O coração que amôr implóra
Só póde têr momentos de agonia"...
Como póde nos versos da poezia
Cantar prazer quem a todo instante chora ? ..
Assim, portanto, eu não aceito a palma.
Aceitarei, porêm, se éssa que almejo,
Terminar os soluços de minh'alma ...
E éssa que findar póde estes abrôlhos,
E'ssa imájem que a todo instante vêjo.
E a menina que vedes nos meus ólhos !

CLEMENTE GUE'DES.

O teu silencio

Para M. C. N.

Se sabes desse Amôr, não me entristeças
fingindo o que este coração não finje...
Muda estátua do Amor, tú és á Esfinje
na Tébas de meus sonhos e promessas...

Se sabes desse Amôr, não emudeças
o teu silencio á Duvida me cinje,
e as tinzôis azúis de negro tinje,
envolvendo nas trevas mais espêssas...

Se sabes desse Amôr, dize o segrêdo
do teu silencio—abismo vágo e trêdo—
que eu interrogo alucinado e afito...

O' ! fala, sombra augusta da E-perança !...
Meu coração soluça, geme e cança,
e morre, ó branca Esfinje de granito ! ...

C. SERIA.

"Maio e os teus anos"

A' irmanzinha Aracéa pela passajem do seu aniversario

No mêz de maio—o lindo mêz das flóres—
Desabrochaste com o rompêr da auróra...
Desde então, a Natura, assim, se enflóra
Para saudar-te, virjem dos amóres ! . . .

Os sabiás, os pássaros cantôres
De lonjiquas parájens, lá de fóra,
Vêm saudar-te, tambem, com vóz sonóra,
E beijam-te as falenas multicôres...

Surjiste !—E sempre alegre e delicada,
Cercada de carinhos, n'um desmaio,
Tu vives nesta abobada estrelada. . .

E, assim, serás feliz, irmã querida,
Porque quêm nace neste mêz de maio
Jamais terá desgosto em toda vida ! . . .

ALTIVA SMITH.

MARIA

O ! Santa, O' meiga e sedutóra imajem
Buscando rozas no jardim celéste;
Moréna rubra anjelical mirajem
Que lindo porte sedutor revéste;

Estes versos rejistam tua passajem
Deitando flôres pela estrada agréste,
Se me não ouve, lança sobre a marjem
Esta louca paixão que me fizéste !

Bem sei que sinto denso amor por ti
Se fôr pecado pedirei perdão
P'ra amenizar a dôr que jaz aqui.

Deixas-me ?—Viverei na lajem fria,
Olhando teu perfil, com devoção,
Clamando sempre o nome de María.

10—5—917 JAB.

VERDADE

Para A. B.

Repercute em minh'alma entristecida
A perfidia, sem nome, que fizeste...
A ironica amizade que me deste
Por mim em breve foi reconhecida.

Lembra minh'alma a tarde colorida,
Em que morrer de amor, por mim, dissesta. .
No teu olhar, mentindo ser celeste,
Eu li esta verdade refletida:

Tudo no mundo é assim, vario e fiticio;
E a triste humanidade um artifício
Que pelo espaço, sobre a terra gira.

O amor é o fogo fatúo do universo,
Que luze no coração e fica imerso,
Nas insondaveis trevas da mentira !

ELPIDIO SANTOS.

S. Luiz—8—5—917.

OLHOS...

(de Z. S.)

Teus olhos negros, sedutores, belos,
Cheios de luz e de meiguice plenos;
Teus olhos ternos, de sutis acenos,
Que eu quero, ó flor, constantemente vel-os;

Teus grandes olhos, dos meus bons anelos,
Lêdos, bonitos, e de amôr serenos;
Teus olhos dôces, tão gentis, amenos,
Que sobre mim eu quero sempre tel-os;

Os olhos teus, encantadôres olhos,
Que me despertam pensamentos nobres
E me resalvam deste mar d'escolhos;

Teus olhos, santa, sem nenhuns defeitos
—São dois fanses a iluminar as pobres
Rimas d'uns versos ás escuras feitos !

Maio, 917. ALBINO CRUZ.

Personalidades

A nossa pena, hoje se prepara para esquadrinhar, no pequeno espaço, destas curtas linhas, a individualidade literaria de Correia de Araujo, autor do «Evanjelho de Moço».

Continuando, nesta serie de personalidades, que o leitor já diversas vezes tem lido, na nossa Revista, aqui nos achamos, prontos a começar o nosso trabalho, tendo, sobre a nossa meza, o livro de que acabamos de falar.

Correia de Araujo é um moço, que se muito estudasse, seria hoje um dos melhores poétas, que o Brazil possuisse.

Mas, disto não se conclue que seja ele um poéta como ha diversos por aí, sem inspiração, sem saber moldar a palavra rimada, sem saber dispor direitinho os termos, sem saber encaixar, acertadamente as partes do todo, que á nossa vista aprezenta ou vai aprezentar.

Ele coopera com os que trabalham pela sempre conservação do passado do Maranhão, que em tempos idos, agora e sempre deu e continua a dar bons filhos, que como os nossos mais notaveis escritores, procuraram e procurarão, perfeitamente definir as suas aspiraçõis, contar-nos os seus sofrimentos d'alma.

E não ficamos aquí; adiantamos que Correia de Araujo ao chegar no Maranhão, logo procurou travár relaçõis com pessoas de cujas palestras, tirasse rezultados satisfatorios. E fez bem, pois prezizava mesmo deste convivio de cidade em que se aprende muita couza, que se julgava dificil, e até sem razão de ser.

Correia de Araujo foi secretario do Liceu, quando diretor Antonio Lobo, de saudoza memoria; esteve empregado na secretaria do governo do estado; e atualmente se encontra fazendo parte da redação da imprensa oficial.

Desde á sua chegada aqui que ele vem acompanhando o movimento literario da nossa terra, isto é, colaborando em jornais e revistas, que têm marcado epocas.

Correia de Araujo tem uma grande vantajem consigo: para esmiuçar os seus sentimentos, para contar as impressõis de uns belos olhos, não vae procurar termos alcandorados, com que exteriormente enfeite os pervidos, não,

E aí é que está, aí é que reside o seu merecimento, o seu valor de poéta, que francamente entra sem ser prezizo carta de recomendação, no vasto edificio das letras patrias.—M.

O TALISMAN

E como não encontrara mais dos talismaos, que só com o simples uzo do pescoço fazia ficar sempre moça e bela, sempre airoza e meiga. Lilá ia se retirando da tenda, quando o velho bufarinheiro arabe, chamando-a docemente abrindo uma arca, mostrou-lhe, todo tremulo dos anos, um ajoetado cofresinho de marfim e oiro e num sorriso ironico disse-lhe:

—Como este só tenho dois. Este e outro que é meu, e não o dou pelos magnificos oiros dos caifás; porém como és riozonha e meiga como as roxas de Yemen, e não achastemais dos da maravilhoza virtude, cedo-lhe este. Tem tambm muito poder, e, quem sabe! mais que os outros que tenho vendido?!...

—E qual é a sua virtude?

—De todos como já disse é este o melhor. Basta te-lo para ter tudo. Tem o dom divino de mostrar o que é a vida á quem o possuir.

—E só?

—Não! Dá mais: todos os bens da fortuna, muita intelijencia, virtude e venturas nos amores.

Fique com este. Sim?... E' um enfeite graciozo e talisman poderozo; fique e depois um dia feliz, o destino há de nos favorecer falarmos como agora, diga-me se é ou não verdade o que disse!

—Pois de-m'o.

—Eil-o e a chave. Não o abra nunca, só quando quizer cônsolo—disse o velho arabe sorrindo dentro da espessa barba grizalha, um sutil sorrizo maliciozo, brincando com o cofrezinho entre os dedos tremulos.

—E porque assim?

—Porque sim; quanto mais vedado o amor, mais doce é. Vendo-se muitas vezes ele perde a dôce virtude e a dôce graça.

Lilá sorriu, recebeu o talisman guardo-o entre os seios, e tirando da boisa um punhado de moedas de oiro deu o bufarinheiro e saiu silencioza.

O que seria a vida? Que misterio seria esse! Algum livrinho santo? O que seria?!... Assim pensava e previa Lilá, desde que vira o cofrezinho, desde que seu dezejo naceu, quando ele explicava-lhe o seu poder maravilhozo, com uma vontade indomita de o abrir.

E como estava muito cansada, porque a tenda ficava distante da cidade, na primeira sombra que encontrou deitou-se para repouzar. Porém o seu sofrego desejo de abrir a nómina, mais a mais crecia e não a deixava, subito infiamou-se e subito tambem fe-la levantar e cupida mais, tirou de entre os seiozinhos eretos o talisman, abriu e dentro só viu:... cinz...s... ...poeiras... pó!... pó!... nada!...

PAULO GUIMARÃES.

Amarante—3—1—917.

SEM EPIGRAFE

Com a epigrafe acima, publicou, um dos colaboradores, no numero p. passado da nossa Revista, uma defeza em prol do belo sexo, pelo simples fato de ter lido, algures, numa original meditação conhecidissima, da lavra de um dos maiores homens de letras.

Ora, como se vê, o sr. Urbano Severo neste sentido, não raciocinou bem, quando levou para o ridículo a inspiração do vate autor da meditação.

Compreendemos perfeitamente quanta beleza e sinceridade dum verdadeiro amôr póde existir no coração de uma mulher digna do esposo, noivo ou namorado, porém, o que encontramos muitissimo pezado de compreender é o trecho onde o articulista desculdadamente disse: «assegure que a mulher ou melhor as mulheres amam com sinceridade e constancia, mesmo quando não se

constancia e sinceridade da parte daqueles entes, cujos olhares um dia lhes penetraram nos recessos intimos de suas almas juvenis.

Admitamos, tambem que o sr. Urbano Severo encontre na sua predileta "Flor de Liz", muita sinceridade para consigo e que o amigo se encontre sem a capacidade preciza para corresponde-la dignamente, mas que todos os homens julguem de acordo com o seu modo de raciocinar, isso nunca!

O autor da meditação quanto ao sr. inspirado, pelo que compreendemos ao le-la, estava em plenas faculdades mentaes. Assim como o sr. Urbano disse que o autor errou ao alvorecer da sua inspiração em tratando do belo sexo, tambem o sr Severo erra descuidadezamente em querer, por força propria afirmar, não existir da parte dos homens a menor afeição para com a mulher por estes idolatrada

Não quero, nem posso dar credito a esta afirmativa em absoluto, (como disse o Urbano Severo da meditação em discussão) porque os homens não m'o pediram, mas tambem salvaguardar de identico perigo os brios da dignidade do sincero amôr que sempre encontrei no caracter do homem que tive a ventura de ve-lo pela primeira vez, ama-lo e ser amada sinceramente por ele.

A mulher é incontestavelmente um ser que no lar inspira verdadeiro amor, como esposa, noiva, etc., mas o homem como vemos, em primeiro logar é o sól que com os seus raios dourados e vivificantes, ilumina a necessidade e todos os confins do coração da mulher amavel. Sabe o sr. Urbano Severo quanta amabilidade encontramos num homem correto? Quér o sr. Urbano conhecer esse direito que a nós do belo sexo, tão somente pertence?

Desculpe-me, sr. Urbano, porém o sr. se adeantou ou quiz se adeantar neste reciproco acontecimento nosso.

E terminando, peço-lhe mil desculpas e aos nossos leitores por tanta cacetada, mas creio que dei "A Cesar [illegible] Cesar."

CAROLINA AUGUSTA

Pulcherrima Dea

—A Joaquim Nabuco—

«Libertas quæ sera tamben»

HORAT.

Quando de Sparta aguerrida
A liberdade oprimida,
Das Termopilas forajida
Bateu as azas... voou
Foi no brazileo-luzeiro
A' dôce luz do Cruzeiro,
A' sombra do cajueiro,
Que abrigo á Deuza encontrou.

O Brazil moço, fogozo,
Guapo, belo, amorozo,
Lêdo brincava e sorria,
A virjem dos seus amôres
Dando em troca lindas flôres
Que meigamente colhia...

Quando ao longe... no horizonte
Sôa da borrasca rujia.

Já não era a mesma Deuza.
Que ao velho Homero inspirára.
Que gemer fizera a lira
Do poeta de Ferrara
Negro fruto apodrecido
Que antiguidade gerara.

Feio abutre roe entranhas.
Do meu formozo Brazil;
Sulca-lhe rugas na fronte
Tolda e tisna o ceu de anil
Indelevel mancha imprime
No seu rosto tão gentil.

A liberdade—Dalila
O Brazil—Novo Samsão.
Filisteus—os estranjeiros
Que infestam o nosso sertão;
Sopitam-lhe as forças d'alma
Ao cuspo da corrução,
Atam-lhe o corpo gigante
Ao pelouro—Escravidão.

A escravidão é o polipo
Que estrangula, embata, mata
Os sentimentos mais nobres
Que dentro d'alma se dão;
Cavando chagas medonhas,
Antros, cavernas profundas
Solapas, tócas imundas
Na tenda do coração

.....
.....

Como é triste o panorama
Da nefanda—escravidão!
Saudozo pae carpe a filha
Joia de sua paixão
Vitima imbele da sanha
Do mizeravel—mandão.

N'um quarto baldo de luz
Baldo d'ar, mas cheio de dôr
Deitado n'um catre imundo
Geme o filho do labôr.
O dono ri... banqueteia...
Nem se lembra—desgraçado
Que come o pão amassado
Pelo seu pranto e suor.

Além, n'um vasto terreiro
Triste escravo—a fronte baixa
Pobre ilota, jaz atado
Ao cêpo da espiação
O latego infame estala
Jorra o sangue, a dôr poreja
O peito em brazas—troveja
Como o rujir de um vulcão.

O'! Brazil—Deão indomito
Sacode a juba de dôr
Varre da pajina da historia
Negro poema de horror!
Arranca o infeliz cativo
Das garras do seu—Senhor!

Alça o colo majestozo
Repele o que Deus condena
Transforma o chicote em pena

O sangue do escravo em tinta
Em tinteiro o coração.
Depois .. lavra com mão firme
N. bre épopeia—sublime
Liberdade—Abolição.

Maranhão, 5-5—1917

Dr. OSCAR GALVÃO.

Suprema vizão

Para D. V.

Quando meus dias se findarem, quando
Vencído, êzausto e palpitante, vêja
O vigor de meus anos, na pelêja
Da Vida, se ir aos poucos desfolhando;

Quando não mais passar guitareando
A' meiga luz da lua bemfazêja,
E junto ao leito meu a Morte estêja
Titanica, á sorrir, me contemplando...

Em vez da Cruz, do Crísto, aurifuljente,
E de orações de despedída ao Mundo,
Iluminadas pela luz da véla,

Dezejo ter, no meu olhar de crente,
A suprema vizão de um moribundo,
Sentindo a vída nos olhares d'Ela.

Maranhão. ASSIS GARRIDO.

NO EXILIO...

A' senhorita Aldenora Rodrigues.

Elza pensativa, estava assentada a beira da praia ouvindo o murmurar das ondas bravias, que vinham anciozas beijar a alva areia. De quando em vez, a jovem deixava escapar do peito profundos suspiros; sua alma de virjem achava-se mergulhada na mais crucinante dôr da saudade. Elza chorava do seu passado feliz, odiava o presente e têmia o futuro. De subito, a jovem ergueu os olhos para os céos e seus joêlhos dobraram-se na areia macia da praia. Elza estava fervorozamente tinha as mãos cruzadas sobre o peito e deixava sair dos labios trementes, uma suplica a Deus. Foi nessa pozição que uma amiga a surpreendeu e correndo ao seu encontro tomou-a nos seus braços dizendo-lhe carinhozamente:

Minha Elza, perdôa-me por ter vindo interromper a tua oração, mas, se isto fiz é somente para dar-te um conselho... Ha muito que te vêjo orar nesta praia; noto que derramas abundantes lagrimas. Elza, eu compreendo tuas orações, sei dissifrar as tuas lagrimas, mas é forçoso esqueceres quem te fazsofrer desta forma; deves lançar sobre o desprezo. Elza implora a Deus vingança para as tuas maguas!

A pobre moça repelio os braços que apertavam o seu corpo e com a voz abafada pela coléra balbuciou: Esquecel-o? Nunca!

Lançar o desprezo sobre elle?

E' impossivel! Pedir a Deus que o castigue? Prefiro mil vezes a morte! E's louca, se sofro porque o amo, este sofrer para mim são flóres, se venho aqui neste exilio é somente orar pela sua felicidade. E's uma tresloucada, quem ama verdadeiramente como eu o amo por mais ingratidões que sofra não poderá nunca odiar! Eu o amo, e só imploro a Deus que o faça venturozo. Que importa que o mundo me condene por amal-o?! Do mundo tenho desprezo! Minha vida depende unicamente em têr a alma embalada na doce esperança de um dia vel-o junto a mim, enchugando com seus carinhos as minhas lagrimas, e eu vivendo do seu viver e suavizando-lhe as fadigas com as consolaçois do meu amôr! Já sabes as verdades do meu coração? Não aceito o teu conselho! Adeus, cara amiguinha!

Elza, pronunciando as ultimas palavras deitou a correr pela longa praia, e de lonje muito lonje mandou nas azas do vento um terno beijo a sua conselheira.

Horas depois quando o crepusculo aparecia lentamente, Elza voltava ao seu querido exilio e ajoêlhando-se na alva areia, deixou subir aos céos uma fervoroza prece a Deus pela felicidade daquele, que seu coração de virjem nutria um amôr puro e sincero. Era no dezerto da praia que Elza entregue a sua desventura, continuava amar em segredo ao ente que era dono de sua alma.

S. Luiz—28—4—915 OSCAR.

Recordando o passado...

(Para o confrade Clemente Guédes)

Recordando o passado, a estrada imensa
Dos días fidos, que não mais virão,
Relembro em sonhos, quando é noite densa,
As velhas chagas do meu coração!

.....
.....
.....
.....

.....
.....
.....

E comigo se esvái tamanha dôr...
—Sinto o peito a gemer na soledade,
Buscando em vida o meu perfeito amôr!

"Sinuosidades" JULIO CADAVAL.

O momento internacional e' melindrozo

Empolga atualmente á opinião pública nacional a nossa suposta futura atitude de belijerantes, tomando parte no côro da naçõis que dizem combater pela civilização contra os bárbaros.

E' de verdadeira apreenção essa mudança rápida que se vai operar em nosso paiz, quando, amanha, tivermos a nova contristadora do afundamento do brazileiro "Pirangy".

Não resta a menor duvida, e o senso jurídico está a indicar-nos, o afundamento de outra qualquer nave nacional pelos alemães constitue "casus belli». E' esta a doutrina firmada.

Por isso, podemos considerar-nos belijerantes em defeza dos brios nacionais, dos nossos proprios brios, feridos torpemente com o afundamento de navios que têm a acorbertal-os o Pavilhão Nacional que submerje com irmãos nossos que formam a sua equipájem, cujas vidas são tragadas pelas ondas, e o que é mais cruel pelos estilhaços dos obuzes empregados então rudes torpedeamentes.

A nossa situação é melindroza. O povo está obsecado pelo ardor belicozo e não trata de sindicar, com inteira abstenção de animos, se, de fato, o «Paraná», e amanhã o «Pirangy» que seguiu para a zona bloqueada foram torpedeados, metidos a pique, pelos "traidores" submarinos alemães, o "terror" dos navegantes.

E porque não averiguarmos em meticulozo inquerito como o foi o do torpedeamento do "Lusitania", agora que ainda estamos em atitude de neutrais, e podemos verificar se o torpedo que afundou o "Paraná" era alemão ou inglez !?

Essa horroroza matança de homens, mulheres e crianças, geralmente "designada" pelo vocabulo—"Guerra" tem epizodios interessantes, fatos horripilantes que põem no mesmo paralelo os belijerantes dos dois grupos.

Tempo é de ajirmos, não nos deixemos levar pelos tilintar iluzor do "british money" nem pela influencia pernicioza dos "Yankees dollars". Se á guerra fórmos arrastados sigamos em defeza dos brios da nossa pátria e não obrigados por impozições absurdas daqueles que nos querem ver aniquilados para sempre!

Sejamos patriotas para defender a nossa Pátria, porque é esse o verdadeiro patriotismo.

Defender a Pátria é nosso dever seja contra quem fôr, mas não saiámos do nosso territorio para nos bater por cauzas alheias.

A causa da civilisação não existe, o que existe é guerra de "conquistas territoriais", a guerra pela supremacia do comercio, em suma, a guerra pela ambição.

Patriotas que somos não devemos combater ao lado dos ambiciozos, senao, em defeza do nosso territorio da nossa honra ludribriada, quando isto estiver iniludivelmenre provado....

E' esse o noso dever.

ALBERTO VIANA.

(*) INCOGNITA

E' filha de Viana. Lonje da terra fonde naceu, aqui tem vivido como a borboleta azul que despede amôr, e vai injenuamente despreocupada, galgando o seu ideal lonjinquo prometedor de um futuro puramente brilhante, que a conduz pelo caminho da intelijencia ao paraizo dos livros, procurando conquistar uma civilização perfeita com é sua face gentil.

Espirito ainda nocivo tem a amplitude dominadora das môças alegres, como as primaveras, quando se levanta o sol.

Irradiante, dece diariamente a rua da Madre Deus, em caminho para a Escola Normal, deixando que, qualquer observador com naturalidade, vêja a simplicidade do seu porte primozo.

Se encontra ás vezes, algumas colégas orgulhozas, que afrontam assim a modestia social, ela parece que sobresai das outras, crecendo a sua simples meiguice, como a propria flôr desto nome.

Tem ela uma companheira de rezidencia, filha da familia com quem habita, que é, não menos modesta, e com quem mais assiduamente a vêjo.

E' irmã de um colega meu, que está prezentemente no sul.

Com êle tenho privado diferentes vezes, mas, com éla, nem mesmo nos cumprimentamos.

Vê-se assim, que as minhas palavras são simples e desinteressadas, e, como tal, verdadeiras.

O! Vós que sois a Deuza dos sentimentos nobres, deixai que a humanidade inteira os aprecie!

Não queirais negar os vossos exemplos aos que convivem com os espiritos formados na perversão!

Olhos que atraem!

Se, lá bem do alto, mirando o espaço colocado entre o firmamento e os vagalhões lúgubres do poderozo mar, até mesmo as estrêlas não chorassem a vossa complascencia pela luz encantadora desses imans, não seriam élas verdadeiras e fiéis.

E, se se conservavam nessa pozição, é porque crecia o murmurar do pôvo que se deleitava no festêjo da praça.

Grande era a concorrencia dos que subiam e deciam palestrando com as suas—elas—e dos curiozos que observavam dirijindo pilherias imbecis.

E nesses dias de vída que passei, de vez emquanto sentía trocarem-se olhares que pareciam lanças.

Entre estas lanças que borborinhavam nessa aglomeração que vagueiava como os passarinhos quando procuram os ninhos, estava essa filha da cidade sertaneja, fremente de alegria e despreocupada de seu encanto.

Eu nada sentia. E serenamente admirava cada um que fazia sua "fita", e procurava fazer a minha sem que conseguísse um rezultado.

Pobre de mim!

E éla?!

Quem pode ser?!

S. Luiz. JAB.

(*) Reproduzido devido as incorreções tipographicas que saíram no decimo dumero.

A Hipocrizia

(A pedido de uma senhora)

Era noite. O céo majestozo estava ornado de estrelas mil, para receber a rainha querida que se vinha levantando, pouco a pouco, no horizonte. O vento que tantas vezes, tem feito, tremer os homens, vergar, gemendo, a arvore secular, se revoltar o mar, em convulsões terriveis, se transformára numa briza suave que

roubando o aroma das flôres, o espalhava, bitcando por todos os cantos e a tudo inebriando.

A lua surjira de todo. Seu manto prateado envolvera a terra. Nuvens brancas, corriam pelo espaço infinito já formando uma flôr, já dezenhando figuras grotescas, como se um grande pintor se comprazesse em pintar na tela imensa, que diante de si, tais desharmonias...

...Não se passára, ainda, meia hora e já o cenario mudára; de belo e atraênte que era, se transformar em horripilante e temido. Aquelas nuvenzinhas que pareciam inofensivas borboletas, esvoaçando num jardim em flor e enchendo de graça o quadro imponente, semilhavam, agora, o inferno, em todo o seu apojeu. Com rapidez incrivel, avançavam pela amplidão, toldando o firmamento) enraivecendo o mar, fazendo bramir de colera o vento, ainda pouco, calmo açoutando a espessa e esmeraldina cabeleira das arvores; por fim, encobrindo a lua com negro veu.

...Então, eu pensei que não devia extranhar aquela transformação repentina do cenario do teatro «Natureza» pois, aquilo, nada mais era senão a reprezentação real da sociedade dos homens, «sociedade de hipocritas».

Sim, de hipocritas, porque via e vejo, nesta sociedade tal qual como se reprezentava na natureza, esta cena «ic totum».

Entre os homens ela—a hipocrizia—finje uma caricia para mascarar uma infamia,—se envolve num beijo para encobrir a ponta traiçoeira do punhal; num sorrizo para protejer o crime.

Quantas vezes, os amigos, que comem conosco á nossa meza, nos deleitam, para, depois, nos atirar ao pantano do desprezo ou implantar no nosso coração a dor profunda?

Quanta mizeria!

Gozar! E' o sonho doirado da humanidade!

Sofrer! Sofrer! Eis a realidade implacavel!

6—5—917. SIMAS POMPEU.

A Canastra da Revista

Temos, para honra nossa, sobre a meza de trabalho as seguintes publicações: «O Atenicnse»—orgam da Sociedade B. do Rio Branco com séde nesta capital; —«O Jornal Batista», do Rio, «O Norte», de Barra do Corda, jornal independente, claro, forte e democrático; «O Gladio», de Garanhús (Pernambuco). A todos estes distintos amigos os nossos protestos de inteira confiança

O LITORAL

Temos sobre a nossa meza de trabalho o n.º 8 deste jornalzinho que se publica em Cururupú, sob a direção do distinto prof: J. Silvestre Fernandes, com farta e apraúvel colaboração.

Gratos pela vizita continua, que nos tem feito, almejamos-lhe longa vida.

Fone & Renovile (S. Luiz) — Temos em mãos a sua carta de 14 de Março ultimo. Acompanha-a uma produção intitulada "Esperando" a que nos pede publicidade; porem como os seus versos estão indicando «creancice", vão mesmo nesta seção publicados, valeo?—Eil-os:

ESPERANDO

«Eu vivo triste
Espero um sim
Meu terno "amor"
Meu cherumbim»

«Quando te vejo
Tão bela assim,
No teu sorrizo
Divizo um sim.»

«Mas logo triste
Torno a ficar
Pois que tu passas
Sem me falar.»

Estão satisfeitos, Srs. Fone & Renovile?

—Elpidio Santos (S. Luiz) Recebemos o seu acheto o que será publicado neste mesmo numero.

—Carolina Augusta (S. Luiz)—Recebemos a missiva e o artigo a que, neste, nos pede V. Exa publicidade.

Pelo que vemos, no artigo de V. Exa. leva o Urbano Severo para um terreno até então critico e pandego ao mesmo tempo.

Assinantes da Capital—Temos remetidos todos os numeros da Revista ás vossas rezidencias e se não os recebem a culpa é tão somente vossas que mudaes de rezidencia e não comunicais a Redação da Revista, assim, portanto, rogamos aos nossos leitores que, uma vez se mudando de rezidencia, comuniquem, imediatamente a redação para os devidos fins de direito.

—João de Lemos (Arari)- Temos recebido as suas cartas. Estamos cientes. Destre todas a datada de 22 de Abril ultimo juntamente com a importancia remetida. Outro-sim, vamos providenciar com relação as Revistas do numero 12.

O vosso folheto está sendo cuidadozamente impresso; aguarde oportunidade.

—Marocas Nogueira (Viana)—Pela vez primeira recebemos de V. Exa. a missiva datada de 3 de Abril ultimo, juntamente com a referida importancia remetida.

Bastante penhorados ficamos pelos serviços prestados á nossa Revista, submetendo-nos a crér que continueis a trabalhar em pról do engradecimento da mesma.

—Zila Paes (Capital)—O escrito de V. Exa. chegou tarde de mais, por isso que não póde sér publicado neste numero e sim no proximo.

—Colaboradores da «Revista Maranhense» (Da Capital)—A redação penhorada e agradecida, pede que as colaboraçõis estejam até o dia 10 de cada mez na mesma, afim de não tardar a saida da Revista.

LUIZINHO SABIO.

Porque?

Porque retiras minha amada santa,
De mim o teu olhar encantador?
Não vês que te amo e que te imploro sempre
Desse teu peito, o divinal amor?

Sinto que foges quando me aproximo
Para implorar o teu sincero amor;
Porque maltratas, flôr, sem piedade,
O peito amante deste teu cantor?

Nos verdes bosques onde os passarinhos
Ternos e tristes vão cantar as dôres,
Irei tambem apaixonado e louco
Chorar tristonho e ternos dissabores...

Sim irei, porque a minha vida é triste,
Triste tão triste que me faz sofrer...
—Quero bem longe numa solidade
Cumprir a sorte deste meu viver—

Ficarás, ó mulher, sempre ostentando
Doces caprichos, louca vaidade;
Eu, em meu peito, levarei saudozo
Ternas lembranças e crueis saudades

FRANCISCO COELHO

Dr. Herculano Parga

No dia 26 do passado, o Maranhão inteiro viu decorrer o terceiro ano de governo do dr. Herculano Parga.

Nós que p r varias vezes temos escrito sobre a sua vida publica, aqui nos achamos para confirmar o que temos dito.

Todo o maranhense está a par da sua administração, que ficará sendo uma das melhores, por que temos passado. E não é só isto. Mais tarde, o seu periodo governamental será citado, por todo o maranhense conciencioze, como um periodo, em que o funcionalismo vivia em dias, como um periodo, em que o tezouro do Estado conseguiu arrecadar uma fabulozo quantia.

O dr. Herculano Parga modesto que é, tem feito até hoje, tudo o que tem podido, no sentido do melhoramento do publico, do bem estar do Maranhão.

Olhando para a grande propriedade da agricultura nos estados do sul do Brazil, ele fundou aqui no nosso, um estabelecimento agricola o qual podemos dizer que é destinado a incutir no animo da mocidade estudioza, o amór á terra que tudo nos dá. E esta foi uma das suas melhores ideas que o publico bem aceitou. E para comprovar basta dizer-se que o numero de alunos externos já está completo.

O dr. Herculano Parga tem feito muito pela nossa instrução, nomeando professoras para os interiores do Estado, onde a creança vivia á séde do balsamo purificador da sua memoria infantil. Tem compreendido a grande necessidade, que experimentamos de difundir, por esses logares sem professores, a instrução, em cujo favor a liga contra o analfabetismo muito tem feito.

E nós da «Revista Maranhense», que o admiramos pelas suas qualidades raras; e nós que nele vemos um protetor da mocidade estudioza, tendemos-lhe esta homenajem como a prova mais perfeita do nosso reconhecimento.

Solicitadas

Crença duma filha

«O' minha mãe, se um dia eu me casar;
Eu dezejo viver fe iz contigo...
Não quero abandonar materno abrigo,
Nem quero os meus irmãos abandonar...»

«Quero te sempre assim, ó mãe, comigo,
Mantendo-me co'a lúz do teu olhar...
E os teus doces conselhos escutar
Num céu de crença, alegre e sem perigo...»

—E a mãe, voltando as vistas ao futuro,
Vê logo o meio facil, mas seguro,
Para manter esse outro «filho» novo...

E, sem demóra, segue com fieldade
A se inscrevêr na grande sociedade
PREDIAL DO NORTE—a salvação do povo!

S. Luiz—917! C. G.

O Mez Social

ANIVERSARIARAM-SE:

—A 4 de abril o joven Zozimo Guedes, e a 29 a exma sra d. Veronica Rodrigues Guedes, irmão e projenitora do nosso gerente Clemente Guedes.

—A 11 a senhorita Zuila Coelho, filha do habil guarda-livros Dario Coelho.

—A 19 a aplicada professoranda Braziliza Abrêu, irmã do nosso companheiro João V. d'Abreu.

—A 24 a senhorita Maria da Cruz França;

—a distinta professoranda Alice Lebre.

ZILDO MACIEL

A 8 de abril o nosso inteligente colaborador Zildo Fabio Maciel, funcionario federal, viu transcorrer mais uma data do seu natalicio, tendo, por esse motivo, recebido inumeras felicitações da parte dos que o apreciam.

Ao Zildo a "Revista Maranhense" envia os seus cumprimentos, esperando que continue a honral-a com as suas apreciadas producções.

DR. OSCAR GALVÃO

Transcorreu a 25 de abril o aniversario do dr. Oscar Galvão, digno diretor e professor de Historia Natural do "Liceu Maranhense".

Como nos anos anteriores foi alvo de uma fervoroza manifestação de apreço promovida pela classe estudantal.

Ao ilustre diretor enviamos as nossas congratulações pela venturoza data.

VIAJANTES

ANTONIO LOUZEIRO

De Cururupú, onde se achava em vizita á sua familia, regressou o nosso distinto e estudiozo colaborador Antonio Louzeiro, que honrozamente ocupa o cargo de tezoureiro desta revista.

GONÇALO M. LIMA

Em fins do mez proximo passado, seguiu para Picoz, em vizita á sua familia, o nosso companheiro Gonçalo Moreira Lima, autor de belas poezias publicadas nesta Revista.

Auguramos-lhe que tivesse boa viajem.

PROF. ACIOLINA S. GUIMARÃES

Em principios deste mez veio trazer-nos as suas despedidas por ter de seguir para Flores, onde vae exercer a cadeira majisterial, a prof. Aciolina Sampaio Guimarães, acompanhada do seu exmo. espozo sr. Jozé Guimarães.

A prof. Aciolina, ofereceu-nos naquela localidade os seus valiozos serviços.

Grato.

—Seguiu para Cururupú onde vae tratar de sua saude o Dr. Franklin R. Viegas e exma familia.

—Sabemos ter pedido licença da estação telegrafica de Cururupú, para tratar de sua saude, o habil telegrafista João Guilherme de Abreu, filho, nosso ajente naquela localidade.

—Tem havido muita concorrencia nas coremonias relijiozas efetuadas nas igrejas á noite, a tarde e pela manhã, em comemoração ao mez Mariano.

— Assumiu o cargo de diretor do A.A »Cristino Cruz» interinamente, o dr. Jozé Martins Ribeiro.

Falecimento

Faleceu no dia 6 de maio, nesta capital, a exma. sra. d. Francisca Petronilha Rodrigues, tia da nossa esforçada colaboradora Maria Eleonora Varela.

A' familia enlutada enviamos os nossos pezames.

ERRATA

No escrito, «Avé Brazil», de João V. de Abreu, que se publicou no 11º numero, onde se lê no 2º paragrafo «sua Chancelerias fem; leia-se «suas chancelerias em» etc... No 8º paragrafo, onde se lê: .. «do nosso dos Estados Unidos»; leia-se: «do nosso governo e do governo dos Estados Unidos». No 10º paragrafo, onde se lê: «Vai sentindo-se-lhe» etc; leia-se: «vai sentindo se lhe etc.» No 29º paragrafo, onde se lê: «se levantou no dia etc...» leia-se: «se levantou no dia 13 etc.» No mesmo paragrafo, onde se lê: de veres e portado como alerta etc;—leia-se. «deveres e postados como alertas» etc ..

E outros que o leitor inteligente corrijirá facilmente.

—No soneto «Versos», de Clemente Guedes, editado nesta edição, saiu, devido o descuido do tipografo, uns versos truncados.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFFONSO PENNA N. 2 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 802.157$000

Resultado do 62.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios:

Premios de 1o isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1927—D. Maria da Piedade Ferreira Jansen Pereira, residente no Coroatá.
2.º N. 1823—Cirurgião-dentista Palmerio Mariano de Lemos, rua Cel. Collares Moreira, 21.
3.º N 170—D. Elisa Ribeiro Coutinho, rua Cel Collares Moreira, 8.
4.º N. 3792— D. Maria Lima Oliveira rua de Santo Antonio, 9
5.º N. 364——D. Creusa Tavares da Silva, rua Cel. Collares Moreira, 72.
6.º N 2243 —D Branca Santos Aroso de Castro, rua do Sol, 22.
7.º N. 135—Charles Ernest Chasold, Avenida Maranhense, 9
8.º N 2754—D. Aguida de Souza Neves, rua do Quebra Costa, 9.
9.º N. 3964 – Anna de Souza Lobo, residente em Caxias.
10. N. 2875 – Joaquim de Oliveira Santos, rua do Mocambo, 30

CASA NO VALOR DE RS. 1:000$000

N. 3433—Dr. Armando de Lima Meirelles.

Maranhão, 16 de maio de 1917.

Paimundo Cezar de Moraes Rego
Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraiso
Director Gerente.

Atenção!

RUA AFONSO PENA, 39

Não ha FEBRE que resista a ação do

PIROSAN!!!

Deposito: FARMACIA LEITE

15—Rua Grande—15

"Dernier cri"

Sêda "Mikado", propria para lavar.
Sêda "Luoizine", enfestada.
"Barêge" branco, com bolas.
"Etamine" liza e com bolas.
"Etamine" rendada.
"Grepon" branco e de côres, de listas e de quadros.
"Voyline" com fio de séda.
Linho branco, de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades.
Fustão branco superior.
Setim "Luminozo" estampado.
"Etamine" listrada e com cordão.
Despachou belissimo sortimento e vende por preço sem competencia

O BRAZIL

RUA GRANDE 33. TELEPH. 75.

Entre a moda e a Elegancia

---Já compraste os sapatos dos ultimos modelos?
---Não . . .
---Então compra-os na CASA BORDALO, á rua Grande, n. 27, que recebeu as maiores e mais chics novidades do Rio de Janeiro.

Regulador Garrido

Remedio soberano contra as Flores Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras e o Catharro do Utero O «Regulador Garrido», o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE, N. 10

CUIDADO!

O PYROSAN é o unico remedio que cura radicalmente as ulceras de máo caracter

Depozito -- Pharmacia Leite
15—RUA GRANDE—15

Farmacia Universal

Eupeptol Carvalho

Extraordinario nas curas da molestias do estomago e intestinos

—E—

Solução Carvalho

E' um remedio rápido e assombroso para combater todas as febres

Depositarios:--Carvalho & Comp.

27—RUA DE NAZARETH—27

Xarope Anti-Asthmatico Garrido É o primeiro para as Dyspnéas, Defluxos, Influenza, Coqueluxe, Bronchites, Tosses rebeldes, Catarrais, Sufocações, encontram a sua cura completa e imediata no XAROPE ANTI-ASTHMATICO DE GARRIDO.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á RUA GRANDE N. 10

O Guarany

Bem montado restaurante, situado á rua de Nazare n. 31.

Asseio e Prontidão !

Aceita assignaturas mensaes a preços modicos

Atenção!

TODOS VÓS QUE FUMAES!

Conheceis os cigarros Psilander?

São os melhores da actualidade, e confeccionados com fumo caporal de primeira.

Depois de uma bôa chavena de café, saborear um cigarro PSILANDER é o chic de toda pessôa que sabe apreciar o que é bom.

PRAÇA DO MERCADO—48

Tonco Ante-Febril e Garrdo E' um poderoso tonico contra as Sezões, Maleitas, Febres Intermitentes e Remitentes, Inflamação do Baço e Figado Tonico por excelencia na Anemia e Debilidade Geral, encontram a sua cura no uso do TONICO ANTIFEBRIL GARIDO.

Deposito Geral, na FARMACIA GARRIDO, a RUA GRANDE, N. 10

OURIVESARIA PEROLA

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouterie.

Alfinetes, meios-adereços, colares, pulseiras, brinches, chate-leines, rozetas, anneis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para pescoços, porta-lorgnettes voltas de corddi, tetelas etc.

A caza grande de todos os objetos comprados

PRECOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Proprietario:—JOSE' L. PEREIRA

9—Rua Grande—9 9—Rua Grande—9

Credito Mutuo Predial

Faz entrega do premio na residencia do sorteado, em menos de CINCO MINUTOS, após a extração do sorteio e a verificação de achar-se quites o associado.

NADA DEVE EM PREMIOS

Capital inicial.	5:000$000
Premios já distribuidos	125:400$000
Premio a serem distribuidos . .	2.400:000$000
Premio distribuido e entregue no 2.º sorteio deste mez.	2:300$000
Premio a ser distribuido no dia 6 de junho	2:510$000
Com a contribuição apenas de Rs. .	1$000

Convida se as pessôas que ainda não são socios, a virem inscreverem-se imediatamente, afim de encontrarem vagas nessa vantajosa serie, prestes a completar-se, com o premio de Rs. 5:000$000

RUA DA CRUZ—61

Sob a fiscalização do governo Federal

Casa de Armador

—DE—

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo directamente da Alemanha, efetúa enterros desde os mais luxuosos aos mais modestos, por preços modicos.

Atende chamados, prontamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

RUA DA MADRE DEUS, 20 OU 31

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO--JUNHO DE 1917 | Num. 16

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:	DIRETOR	TEZOUREIRA
João Vicente de Abreu Antonio Louzeiro. Mauricio Furtado Candido Aires.	Astrolabio Caldas	Maria E. Varela SECRETARIO Zildo F. Maciel

ASSINATURAS

ANUAL		SIMESTRAL	
Capital	2$000	Capital.	1$200
Interior	2$500	Interior	1$500
Exterior	3$000	Exterior	1$800
		Numero avulso	$200

SOCIOS COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Ivis Parga, Candido Aires, Gonçalo Moreira Lima, João Caldas, Ney Nunes, Fran Teixeira, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Coêlho, Francisco Garrido, João de Deus Coêlho e Benicio Rodrigues.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araçéa Fernandes, Zenaide Prado, Nizóca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zuleide Bojés, Zozima Sá Cavagnac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha e Maria Eleonora Varela.

SUMARIO:

Antonio Lobo—J. V. de Abreu; Dr. Luiz Domingues; Duas almas que sofrem—Gascar; Personalidades—M; Dr. Hercolano Parga; Dr. José Barreto; Lagrimas de uma orfã—B. Rodrigues; A ingratidão—Simas Pompeu; Recordando o passado—Clemente Guédes; Florilejio Poetico—Diversos; Fazes dum amor antigo—Clemente Guédes; Mez Social; Breves noções de fizica elementar—Zila Paes; Antonio Lobo—Assis Garrido; Uma sessão.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozuila Costa.
Rozario—Prof. Laura Roza.
Arari—Major João de Lemos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falção.
Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Flores—Prof. Aciolina S. Guimarães.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Barra Vermelho—Prof. Filomena Silva.
São Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro—Prof. Ermelinda Maramaldo e Francisco Leite.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Axixá—Raimunda L. Fernandes.
Tury-Assú—Prof. Adaljiza Feques.
Chapadinha—Manoel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Buriti—Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Ponte-Nova—Izabel Araujo.
Cururupú—João G. Abreu, filho, e Raimundo Gabury.
Alcantara—Prof. Filomena Cruz.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Amazonas—Sta. Izabel—(Rio Negro)—Eduardo de Oliveira Neto.
Terezina—Piauí—Edson Moura.
Amarante—Paulo Ferreira.
Minas Gerais—Cambuqueira—Maria Silva.

MARANHÃO - JUNHO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 16

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS



Antonio Lobo

Cumprindo o seu dever a mocidade de nossa terra rendeu homenajem á memoria de Antonio Lobo no dia 24 do mez corrente.

Ninguem ignora que nessa data completou um ano que para sempre foi roubado pela morte o mestre ilustre.

Eu,que alem de mestre o considerava como um dos meus maiores amigos não pude infelizmente sentir de perto os seus ultimos dias, porque lonje me achava,quando,só depois de seis a oito dias do seu passamento, lendo os jornaes desta capital fui surpreendido pela lacrimoza e funesta noticia.

Havia desaparecido um dos maiores mestre, e amigos da mocidade estudioza do Maranhão, de quem nunca se quiz separar.

Aqui nasceu e aqui viveu até os seus ultimos dias.

Para se fazer grande não precizou abandonar o seu torrão natal.

E, para comprovar esta afirmação, aí estão as suas obras, escritas em otimo portuguez, que atestam exuberantemente a superioridade do seu talento.

A unica ambição que tinha, era o amor e dedicação aos seus livros e a sua familia, unicamente para quem vivia.

De Antonio Lobo, que estupidamente nos foi roubado pela morte traidora, causando-nos tão sensivel prejuizo, quizera dizer mais; mas infelizmente, neste momento, me tremem as mãos, humidecem-me os olhos, e chora-me o coração, impedindo-me assim, externar o gráu da dôr que me vai na alma.

E, assim vencido, por lagrimas sinceras, limitar-me-ei, servindo-me da idéa de Domingo Barbosa, substituto daquêle, em propôr aos meus companheiros de «Revista» tomarmos a frente, empregando todas as forças, recorrendo ao governo e Congresso do Estado, aos srs. Intendentes Municipaes, jornaes, estabelecimentos escolares, cinemas, subscrição popular, etc., etc, para lhe erijirmos um busto na praça de seu nome, que simbolize o valor intelectual e moral do chorado mestre nas letras maranhense.

A' luta pois, companheircs, pelo belo e pelo dever!

A' memoria do mestre e amigo, a minha gratidão eterna envolta em uma corôa de saudades!

Homenajem da Revista Maranhense á saudoza memoria do mestre Antonio Lobo, em comemoração ao primeiro aniversario de seu falecimento.

J. V. de Abreu.

DR. LUIZ DOMINGUES

Mais uma vez nós da «Revista Maranhense» temos o prazer de enviar ao nosso ilustrado reprezentante na Camara Federal, Dr. Luiz Domingues as nossas efuzivas saudações pela passajem do seu aniversario natalicio, transcorrido a 11.

Assim fazendo, cumprimos uma obrigação moral, um dever civico e patenteamos nossa gratidão.

Na camara o Dr. Luiz Domingues tem feito brilhar seu talento demonstrando a cultura superior de que é possuidor seu espirito, pelo modo claro, prezizo com que expressa suas idéas.

Como parlamentar o Maranhão se orgulha de te-lo como filho; como tribuno, a mocidade se orgulha em te-lo como exemplo.

Elle tem comprovado mais uma vez que a «Atenas brazileira» ainda não decaiu mas, ao contrario, se tem firmado em bazes mais solidas, em colunas mais resistentes.

Duas almas que sofrem

A dois amig s...

Porque chorar? Perguntava certo velho a um mancebo que assentado á sombra de uma frondoza arvore sentia-se subjugado pela dôr da saudade. O joven desprendeu da relva o olhar e o foi fitar no semblante do ancião. Este, amigavelmente, o interrogou:

—Dize-me o que sofres; talvez encontres em mim consolo para as tuas lagrimas.

«Meu velho, para minha dôr não ha remedio, já fui feliz ó! sim, muito feliz, mas, hoje sinto-me completamente desgraçado. Amava loucamente á uma creança, uma virjem que me enchia a alma de esperança, mas o anjo da morte levou-a em seus braços deixando-me entregue á dôr da saudade. Minh'alma enlutada corre em busca da sua alma de anjo, porem volta cada vez mais enfraquecida por não encontrar aquela que era a minha felicidade, e meu futuro; emfim a procuro por toda parte e não a acho.

Sou desgraçado!»

—Escuta, mancebo, uma pequena historia que te vou contar.

O pobre rapaz limpou as lagrimas que molhavam seu rosto e curvou a cabeça sobre o peito.

O velho falou:—Em tempos remotos existia um camponez que tinha um filho que era o seu consolo; este contava seus dezoito anos. Era mesmo assim como tu, mancebo; ele mostrava esse mesmo frescor da juventude, assim como tu o mostras agora. O amór tinha unido seu coração ao de uma linda camponeza. Esses dois jovens se amavam loucamente e juravam pertencerem-se. Mas, a ventura nunca é duradoura... Um dia separaram-se e o camponez partiu levando no coração as saudades de sua amada e em sua alma de jovem a esperança de breve voltar. O tempo corria e dois anos faziam que ele tinha deixado a caza paterna. Era tempo de voltar. Por uma tarde o joven regressava á sua terra natal; vinha anciozo para beijar a fronte de seu projenitor e apertar de encontro ao coração aquela que era cona de sua alma. Chegando ao seu querido lar, recebeu de seu velho pae um ardente beijo, e, apertando-lhe nos braços, perguntou: «Meu pae, dá me noticias daquela que amo?!» O velho apertou-lhe a cabeça entre as mãos crispadas e com a voz quazi sumida respondeu: «Meu filho, aquela que tanto te jurava amar esqueceu-te unindo seu nome ao nome de outro homem. Ela está perdida para ti, pois hoje pertence a outro». O camponez cambaleou como um ébrio e caio desamparado sobre o chão.

O velho fez uma pequena pauza na sua historia; levou a mão ao peito para reprimir um suspiro e continuou:

—Imajina, mancebo, a dôr que sentiu o pobre rapaz. Horas depois voltava-lhe os sentidos, e ele derramou inumeras lagrimas e jurou ante o altar dos seus sofrimentos que jamais amaria outra mulher. Tudo estava perdido.

De que lhe servia a mocidade e a saúde quando para ele tinha fujido a esperança que tanto seu coração cultivava!

O seu futuro estava escuro e ele só sentia dezejos de morrer. A jura que o camponez fez cumprio-a, mancebo, pois já está velho e a unica mulher que sempre amou foi só aquela que o havia traido.

Do peito do velho saiu um profundo suspiro e o jovem que o escutava levantou rapidamente a cabeça e notou que dos olhos do ancião corriam abundantes lagrimas.—Dize-me, mancebo, dos dois qual consideras desgraçado, tu qne viste a tua amada envolta no seu lindo véo de morta ou esse que sentiu a dôr de vêr-se esquecido por aquela que tanto lhe havia jurado um amór éterno e que depois o traio unindo seu nome ao de outro homem?

O jevem deixou escapar dos labios um terno sorrizo e ajuntou: «Sim, meu velho, eu sou feliz, a minha noiva dorme aos pés dos anjos, emquanto que a dele o martirizou sendo feliz com outro. Mas, dize-me, este homem ainda vive?»

O velho levou as mãos ao rosto para encobrir as lagrimas e depois apontando para o peito disse com a voz fraca e tremula—O camponez que tanto sofreu e que ainda se sente desgraçado... sou eu...

S. Luiz -6-6-917 **Gascar.**

Personalidades

Alfredo de Assis é um escritor muito reconhecido pelo publico; pois, todos os dias se nos aprezenta, na «Pacotilha», na seção de «Nuanças» com o pseudonimo de Aldo. E aí o encontramos com a pena pronta, como a de todos os cronistas, a nos contar um fato impressionador, a nos relatar uma qualquer historieta dos nossos sertões algues deles por ele conhecidos.

Alfredo de Assis é semelhante a um grande artista que concerta bem direitinho a estatua que vai expor ao publico. Assim ele fáz com os seus periodos, que obedecem a uma certa cadencia, que os tornam harmonicos e dotados de grande sublimidade

Já o vimos varias vezes exibir-se na tribuna e aí, é que encontramos não o orador turbulento, que em poucos minutos, diz um contijente de frazes, de que pouco nos fica na memoria; mas o orador paciente, impertubavel, que no compasso de sua voz forte e acentuada nos satisfaz, se nos torna dezejado. Assim é que êle é. Não se altera.

Quanto ao poeta é pena não termos á mão a nossa miscelanea, onde existe belos versos dele, para aprezentar-te leitor amigo, mas deves conhecel-os, porque nos «Novos», e em jornais daqui da terra, ele ja os tem publicado.

Foi da «Oficina dos Novos»; é da «Academia Maranhense» e professor do curso profissional do «Liceu».

Já tem publicado o seu primeiro livro «Coizas da Vida», que é um enfeixamento de contos por ele publicados, em varios jornais. Foi impresso na tipografia Teixeira. E' uma bôa publicação. Ha muita estetica no livro. Os contos nele encontrados são exelentissimos leitura agradavel de uma compreensão facil.

Aqui ficamos por hoje, tendo rematado a nossa tarefa de personalizar neste numero da nossa «Revista», Alfredo de Assis, autor do «Coizas da vida»

X.



Dr. Herculano Parga

Mais uma vez estampamos nas pajinas da nossa Revista, o retrato do dr. Herculano Parga, governador do Estado. E' com imenso prazer que nos ocupamos da data do seu aniversario natalicio, ocorrido, no dia 20 do corrente mez. Sobre a vida, os atos do dr. governador do Estado muito temos dito. O leitor sobejamente ja o conhece: dotado de qualidades nobres, que o tornam admirado e engrandecido pelos que o conhecem desde muito tempo.

O dr. Herculano Parga que é um maranhense ilustre e que sempre trabalhou pela prosperidade de sua terra, viu nesse dia a sua rezidencia, em «St.ª Tereza» repleta de admiradores e amigos que lhe foram levar os seus votos de saudação.

Falou em nome dos seus colegas, o dr. Teodoro Koza, que num eloquente discurso saudou o homenajeado, declarando em seu nome e deles que se colocariam ao seu lado, em qualquer que fosse a ocazião.

O dr. Herculano tambem num belo discurso, disse que agradecia muito a comparencia dos prezentes, naquele logar. Não echava palavras com que bem pudesse correspouder áquela manifestação, ali, onde não havia, esse rumor da cidade e onde ele estava satisfeito ao lado da sua familia e amigos.

Entre os que lá vimos, citamos os seguintes: drs. Godofredo Viana, Raul Pereira, Demostenes Macedo, Fabiano Silva, Publio de Melo, Carlos Reis, Aquiles Lisbôa, Correia Lima, João Henrique Dias da Silva, Herbert e Nelson Jansen Ferreira, José Ribeiro Martins, coronel Mariano Lisbôa, Marques Figueredo, Mizico Castro, João Severiano da Silva, Antenio Carvalho, tenente João Pedro, os srs. Liberalino Miranda, Jozafá Campelo, Domingos Oliveira, Abd Alah Faraj, Lauro Serra e outras pessoas mais.

Ao dr. Herculano Parga a «Revista Maranhense» envia por meio destas palidas e curtas linhas as suas saudações, dezejando ao mesmo tempo que em todos os anos, a data de 20 de junho seja perene de felicidades.

DR. JOSE' BARRETO

Retraçar aqui, palidamente, o panejirico do insigne jornalista e incansavel propugnador da cauza publica é a injente jornada a que nos alazemos.

Procurar com frazes rebilhantes esboçar esse distinto cidadão não é o bastante, porque esse notavel e ardorozo homem publico, prototipo da honradez e modestia, dispensa de resfucamentes de alocução para se dar uma lijeira sinteze da sua personalidade singular que se ergue ante este turbilhão de rimas de que afortunados são os que escapam.

Conhecido jornalista e sobretudo orador, o seu amor pela justiça e pelo povo a quem orijinalmente reprezenta, tem-se feito acentuar nas questões mais delicadas que destrinca criteriozamente no seio da nossa corporação lejislativa, em que á marjem alevantados interesses politicos para trabalhar denodadamente em pról da cauza do povo.

E é pelo prestijio da sua eloquente palavra, e da lealdade que o carateriza, que consegue brilhantes vitorias, que mais o recomendam á admiração dos seus conterraneos.

Sempre firme e enerjico, mantem-se com sacrificio no posto de honra, ajindo sem terjiversão sobrepondo o interesses pessoais por mais, proveitozos que eles sejam, ao bem publico de que é um conspicuos e leal defensor.

Ainda o passado s. exc.fo eleito, não só pelos membros da comisão como pelo consenso unanime de todos os congressistas, prezidente da importantissima commissão de fazenda, declinando provas dessa homenajem que lhe prestaram os seus pares.

S. exc. tem sido lembrado para os mais altos cargos da administração publica, e entretanto, ao ser consultado, furta-se de ocupal-os, mencionando, quando a isso obrigado, nomes de outras pessoas no cazo para ocupal-os.

E' desse impoluto cidadão que falamos a respeito do seu aniversario que a 19 de junho transcorreu.

Silenciar esse acontecimento, para nós tão glorioso, seria emerjir na penumbra das noites perpetuas que retalham a quem mais der a conciencia dos nossos politicos.

Assim a «Revista» tem cumprido o seu dever, expressando ao extremo defensor da cauza publica, dr. José Barreto da Costa Rodrigues, os seus efuzivos saudares, torcando-os extensivos á sua exma. familia.

Lagrimas de uma orfã

A' gentil Ires.

Era Alzira uma formoza e encantadoira creatura. Tinha nas faces a côr do jambo, os lábios rubicundos e nos cabelos e ólhos o negro da graúna. Assemelhava-se a uma deuza pela beleza e a um anjo pelo coração.

Com seus velhos pais habitava numa humilde morada á marjem de um regato. De um lado do modesto cazebre estendia-se um vasto e soberbo campo coberto de esmeraldina relva, e de outro, um majestozo palmeiral. Os pais apezar de bem carregados com o pezo dos ancs eram forçados a abandonar quotidianamente o lar, em pesquiza de alimentos, porque eram pobres.

Certo dia, porém, vitimados por tenazes sofrimentos, foram privados da tarefa habitual.

Alzira, afim de conseguir algo com que lhe calasse a fome e bem assim de seus pais enfermos, sentou-se, tristemente á beira do corrego, á espera de alguem que por ali passasse.

Quando assim se achava apercebeu que se lhe afigurou um homem. Era na realidade um velho pescador.

Alzira preza de uma *melange* de confiança e receio, erguendo ás mãozinhas suplica ao pescador uma esmola e este tirando de seu barco o que de melhor trazia oferece ao anjo suplicante.

Em sinal de gratidão disse em um gesto de injenuidade:—Deus te pague, bom velho!

Possuida de um indizivel contentamento a criança voltou á caza anunciando aos pais que já tinham o conforto para o dia.

A mãi, imersa em um como de letarjia não atentava na informação da filha; o pai que jazia em um pobre leito deixou ainda escapar de seus labios um terno sorrizo.

A menina cuida com afinco no preparo da refeição.

Em poncos instantes tudo se achava pronto. Alegre, prazenteira corre aos moribundos.

Mas... coitados!

A mãi havia já perecido e o pai com os ólhos razos de lágrimas exala o ultimo suspiro.

Alzira contemplando-os triste e desconsoladamente levanta os ólhos ao céu, suplicando:—Meu Deus! por piedade, levai-me tambem...

Enquanto estas palavras partiam de seu coração aos lábios, duas lágrimas lhe rolavam pela face.

B. Rodrigues.

A Ingratidão

Ao J. V.

Quatro silabas que formam a palavra mais horripilante, mais ignobil e mais desprezivel que pode conter um idioma.

Prognostizadôra de todos os vicios! Como ás nefanda! Como podeste te infiltrar nos arcanos do coração humano, tu que és criação de Lucifer?

Que exprimes quando te revelas?

—Baixeza. Podridão.

Oxalá que a todos aqueles em quem tivesses de exercer tua ação depravante fossem, antes, guilhotinados pela morte!

A'! então a humanidade avançaria menos, pelo pantano putrido e asquerozo onde caiu. Porque corações que te acalentam, te alimentam, te afagam, jamais chamar-se-ão corações humanos, mas corações de bestas-feras, cujo o instinto e as formas foram feitos para tua habitação.

Na humanidade, bem triste é o teu fadario: «semear dôr e desespero e colher lagrimas e maldições»'

Quando compareceres ante o SUMO TRIBUNAL que dirás?—Dirás, entre os gemidos e lagrimas dos que te acalentaram, toda a verdade.

—Senhor a vaidade entrou em meus dominios e incitou-me a distendel-o.—«Vem, me disse ela, eu corrompi a humanidade, domina-a agora, não vês que o seu Deus foi impotente para me vencer? Otorga-lhe os seus direitos de imperador. Ele está vencido!» E eu cega pela ambição abracei a humanidade.

Criada das trevas, habitei os coraçoes negros e como não pudesse viver nos que eu via brilharem a *Fé* e o *Amor* os transformei em cáos de dôr, de desespero, de onde emanavam não lagrimas cristalinas mas de sangue que se derramavam na alma fazendo-a sofrer. Era o meu maior prazer. Não os venci mas os feri.»

Assim falarás e as tuas palavras encontrarão éco na sala—Amplidão—onde o auditorio anjelical mudo de horror fará silencio de morte.

Então ouvir-se-á tua sentença.—Degredo perpetuo para as rejiões das trevas.— E Deus t'as mostrando lá para o além dir-te-á: PARTE!

E fujirás confundida, arrastando após, a coorte dos mizeraveis que te deram guarida.

Maranhão—9—6—917.

Simas Pompeu

Recordando o passado

Para Julio Cadaval

.....
.....
.....
.....

...Relembro o que passei... éssa iluzão
Que me deixou na vida a dôr intensa...
Que me levou do peito o amôr, a crença,
E me deixou, a sós, na solidão...

Relembro tudo... E tudo vae passando,
Deixando-me de tudo uma saudade
Para que eu vá de tudo me lembrando!...

.....
.....
.....

S. Luiz—917.

Clemente Guêdes.

Florilejio Poetico

Recordação

Ás' duras leis do destino
Ninguem se póde esquivar.
Pedido Decreto divino
O homem tem de acatar,
Não sendo das Graças dino,
Nem espaz d'elas gozar,
O espirito perquire:

Houve-se, pois, quem, na lida,
Teve o seu dever bem cumprio.
Pelo exemplo, que, na vida
O mundo, bem raro, vio.

D. M.

Relembrando

Para a meiga Felipinha.

Correm os anos! A nossa alma bela
Que sonhava e cismava em tanta vida,
Pende bem como a flôr;
Lindo arvoredo, que ostentava aos ares
Viçozos frutos, ao tufão se inclina,
Como á descrença o fujitivo amôr.

Podera ser feliz; podera a sorte
Dar-me vida, aquecer-me o seio aflito,
Tornar-me a treva em luz!
Na areia expiram pavorozas vagas!
E ela frajil reziste! Eu so não posso,
Eu só que sinto o que essa dôr traduz!

E vejo belo o ceo, florestas virjens,
Soberbos montes, elevadas selvas,
Regatos, sombras, flôres!
Mimoza viração, mimozos vales!
Nuvens que passam, raios que se escondem!
Tarde tão cheia de expressivas côres!

Ney Nunes

Volta

Para Clemente Guêdes.

Como esquecer eu posso o teu amor?
Como esquecer eu posso essa vizão?
Se não te vejo, fico em afliçâo!...
Se não te vejo, fico em dissabor!

Como acabar eu posso esse amargor?
Como esquecer eu posso essa iluzão?...
Se em esquecer-te eu quero, ó coração!
Se em esquecer-te eu quero, ó meu amor!

Eu quero sempre têr-te na lembrança,
No pensamento, ó anjo de bonança,
E quero ver-te sim, sempre a florir.

Nosso amor jamais pode terminar:
—Por isso nos devemos sempre amar...
—Volta, meiga vizão do meu sentir!

Cursino de Azevedo.

A Morte

Tudo em silencio. Um pobre desgraçado
Dentre as sombrias matas vem saindo,
Cabisbaixo e a temer de ser sondado,
Antes de ver o seu intento findo;

Parou na estrada... e logo viu lançado,
No tristonho caminho muito infindo,
Um corpo de mulher ensanguentado
Que pouco e pouco se ia progredindo;

O! vizão quem és tu? não me dirás?
—Perguntou a tremer o desgraçado—
O! quem sou eu?! mais tarde o saberas...

«Eu sou dentre as mulheres a mais forte,
Disse ela ao ver seu rosto desmudado,
Por todos respeitada —eu sou a morte!...

Astrolabio Caldas.

QUANDO EU PENSEI...

Quando eu pensei em que, talvez, um dia
Eu relatasse alguma cousa em verso?
Nunca, nunca pensei fazer poezia,
Nem nada descrever deste Universo...

Foi numa tarde, o sol já se escondia,
Quando eu em mente tinha tudo impresso,
Sentei-me junto á meza e descrevia
Isto que abaixo eu vos relato em verso:

«O' linda noite! ó noite de alegria!
A lua envolta nos seus belos mantos
Brilhava tanto como um belo dia...

No vasto oceano eu via em movimento,
Sob a luz do luar já com mil encantos,
Um barquinho a lutar com o forte vento...»

A. C.

Maria

O! para que me desprezas assim?
Não disse ha dias que por ti vivia?
Não crês? Permites? falarão por mim
Todas as provas que a te trazia...

Harmonicas, como harpas de marfim
Occultam o meu amôr de dia em dia
Beijando esta paixão triste sem fim,
Maldizendo o desprezo que vencia.

E se por orgulho é que me desprezas
Exijo recompensa poderoza
Desse Creador, que espero compaixão...

Quando morreres, ficarás nas trevas,
Porque foste insensivel caprichoza...
—Eternamente pedirás perdão...

28—6—917. **Jab.**

Fazes dum amôr antigo

Para F. L.

I

Lembro-me, agóra dêsse amôr passado,
Dêsse amôr que só resta-me saudade;
Que me trouxe esta vida á soledade
E o coração partido e amargurado.

Assim sofri; amei sem ser amado...
Entreguei-te minh'alma com lealdade,
E em pago me lançaste a crueldade
Neste exilio em que vivo abandonado...

Sim, outróra esta vida era de flôres;
Davas á mim um mundo de venturas
Na alegria emfim dos teus amores;

Hoje me deixas só entre os abrôlhos!
E para as minhas grandes amarguras,
Roubas-me ainda a luz dêsses teus ólhos!

II

Foi por ti que encetei na minha vida,
Neste viver de mágoas e de pranto,
Onde não oiço de teu êstro um canto.
Esta tristeza, esta paixão sentida...

Foi por ti, não te lembras, esquecida,
Que eu quasi eulogneci te amando tanto?
Do amor que me juraste, sacro-sauto,
Amôr que fez minh'alma entristecida?...

Foi por ti:—eu me lembro dêsses dias,
Desse tempo feliz que nos amamos,
Dêsse vida de flôres e poezias...

Vida cheia de crença e de doçura!
Flôrão tempo do amôr que nós juramos,
Fêro amor que me trouxe a desventura!

III

Foi por ti, pela tua vôs sonóra,
Pela luz de teus ólhos sedutores,
Que me veio n'alma os tristes dissabores
Da tristeza cruel que vês agóra.

Foi por ti, foi por ti que eu tive, outróra,
Uma vida de sól e um céu de flores;
Por ti que vive aqui, num mâr de dores,
A alma que, ainda inflamada, amor te implóra!

Foi por ti que vivi... E estes espinhos
Que hoje sinto, são frutos recolhidos
Dos grandes roseirdes dos teus carinhos!

São: para mim relíquias que deixaste...
Para minh'alma em todos os sentidos,
Os simbolôs do amor que me juraste!

IV

Foi por ti que abracei esta penoze
E infinita paixão—Lirio celéste!
Por ti, por tudo quanto prometeste
Para nossa existencia venturoza...

Foi por ti, pela jura mentiroza
Que um dia aos meus ouvidos tu fizéste;
Foi por ti, pelos beijos que me dêste...
Beijos de boca de mulhér formoza!

—Disseste que eras minha, me juraste.
No entanto desde o dia em que partiste,
Jamais na vida para mim voltáste.

Minh'alma de esperar-te não se cança!
Se não voltavas á minh'alma triste,
Para que tu me dêste esta esperança!

V

Outróra eu crí no teu amor incérto...
Nas iluzôis eu crí, nas falsas juras;
Não julguei que no amor houvesse agrúras
Julguei que o fosse sempre um céu abérto...

Hoje, do sono de iluzôis despérto,
Dêsse sono de flores e doçuras;
Que a principio mè deu tantas venturas,
E depois, me lançou neste dezérto!

Hoje do amor revendo os alfarrábios,
Vêjo qual era o verdareiro signo,
Dos sorrizos que tinhas nos teus lábios...

Hoje, entre nós, a soledão se espalma!
E se juro esquecêr-te em meu destino,
Mais eu sinto que vives na minh'alma;

VI

Foi em Julho. Pedi-te n'um momento,
N'um momento d'aquéles venturozos,
A luz dêsses teus ólhos dulçurózos
Para acalmar meu grande sofrimento...

Disseste-me que sim. E um juramento
Fizéste ante êsses deuzes poderozos,
Que nos dessem um sereno lár de espozos,
Um grande lár, sem lutas, sem tormento!

Todavia, eu julguei que fosses minha!
Julguei que tu não fosses impiedoza
Para magoar o coração que eu tinha...

Hoje despérto dêsse sono antigo!
E vêjo quanto foste mentiroza
Nesse teu grande amor para comigo!

(Do «Noturnos»). **Clemente Guédes.**

O Mez Social

ANIVERSARIARAM-SE

A 24 de maio—o cap. Hercules Caldas, habil guarda livros do Banco do Maranhão e projenitor do nosso companheiro Astrolabio Caldas.

A 3 de junho—a nossa colaboradora, senhorita Corina Caldas.

A 5—a exma. sra. d. Raimunda Simas.

A 18—o dr. Leoncio Rodrigues, que com bastante competencia exerce o cargo de Secretario da Justiça e Segurança Publica.

A 20—a senhorita Yolanda Parga.

—Parabens.

Viajantes

JOÃO CALDAS

A' bordo do paquete Baia seguiu, com destino á Capital Federal, o bacharel João P. S. Caldas, nosso colaborador, que com bastante competencia exercia o cargo de Secretario, na «Delegacia Fiscal» deste estado.

Auguramos que tivesse tido bôa viajem

OZÉAS REIS

Tambem com destino á Capital Federal, seguiu, a 19 do corrente, o sr. Ozéas Reis, que pretende continuar os seus estudos.

Dezejamos que tivesse bôa viajem.

GUMERCINDO PEDROZA

Deu-nos o prazer de sua vizita este nosso estimado ajente em Santa Quiteria, trazendo-nos, ao mesmo tempo, as suas despedidas.

Dezejamos feliz viajem.

ANTONIO LOBO

Foi esta a reportajem que podemos colher nos festejos realizados á 24 do corrente, em comemoração ao primeiro aniversario do saudozo escritor Antonio Lobo.

FESTA PROMOVIDA PELA U. E. SILVIO ROMERO

A's 8 1/2 horas, inaugurou-se a Praça Antonio Lobo (antigo largo de Sto. Antonio) perante numeroza assistencia, fazendo a entrega da placa o presidente da U. E. Silvio Romero, o jovem Carlos Macieira; seguiu-se o Dr. Clodomir Cardozo, digno intendente municipal, que terminou inaugurando a praça. Ao terminar a brilhante alocução do Dr. Clodomir Cardozo, seguiram todos os prezentes ao tumulo de Antonio Lobo, falando lá a senhorita Santinha Kerth e o apreciavel orador Domingos Barboza; sendo ambos mui aplaudidos.

NA S. L. BARÃO DO RIO BRANCO

A's 9 horas os membros desta associação fizeram romaria ao tumulo do saudozo escritor, falando a senhorita Santinha Vasconcelos.

A's 10 1/2 realizou-se uma sessão literaria, prezidida pelo professor Domingos Machado. Oraram os srs. João V. Ribeiro, Joaquim Luz, Domingos Barboza, representante da Academia Maranhense, e o professor Machado que terminou encerrando a sessão. Os oradores foram mui aplaudidos.

NO SALÃO NOBRE DA REVISTA MARANHENSE

A's 20 1/2 horas, perante seleto auditorio, realizou-se a sessão literaria, na qual inauguramos o retrato do grande mestre, oferecido pela socia Maria E. Varela.

O Diretor Clemente Guêdes abriu a sessão, expondo o seu fim e convidando a prezidil-a o simpatizado orador Domingos Barboza, que concedeu a palavra á oradora oficial, senhorita Zenaide Segadilha, que belamente discertou sobre a personalidade de Antonio Lobo, e terminou desvendando o retrato, ouvindo-se, nesse momento, vibrante salva de palmas.

Oraram tambem os socios Astrolabio Caldas, Ney Nunes e o assistente Alberto Viana que solicitou a palavra, sendo concedida

Finalmente o escritor Domingos Barboza fez um comovente discurso que geralmente agradou á todos os prezentes, encerrando em seguida a sessão.

DR. JOSE' VIANA VAZ

22 de junho—Rejista hoje a efemeride, o aniversario do dr. José Viana Vaz.

Que mais poderiamos aprezentar para recomendal-o a admiração e veneração publica que o seu brilhante passado e o seu atual prezente cujas ações são os maiores ensinamentos que podemos tirar de impolutos do carater e do amor á liberdade e á justiça?

O dr. José Viana Vaz, intejerrimo distribuidor da justiça, como reprezentante do Supremo Tribunal, honrou-nos no transacto rejime, como nosso reprezentante que foi em varias lejislaturas. Ocupou brilhantemente o arduo e espinhozo cargo de prezidente de provincia nesses cargos s. exc. foi sempre um fiel apostolo da justiça.

A sua ação benefica e proveitoza ai temol-a, porque das suas multiplas decizões sempre acatadas pelo mais alto Tribunal do paiz, nos faz acreditar que para s. exc. a justiça não tem preferencias para isso que é cega.

A's homenajens que vão ser prestadas, hoje dia do seu natalicio pelos seus inumeraveis amigos a «Revista» junta as mais cordeais saudações, estendendo-as a sua exma. familia.

DR. GODOFREDO VIANA

No seu lar, cercado pela carícia da sua familia, viu transcorrer no dia 14 do corrente o seu aniversario natalicio. O dr. Godofredo que com habilidade dezempenha as funções de juiz substituto secional, é o maior dos nossos juristas como alguem disse.

Autor de diversos livros entre eles "No Paiz do Direito", o dr. Godofredo tudo tem feito pelas letras patrias. Recebeu nesse dia manifestação de seus colegas e amigos que, comparecendo em a sua residencia, levaram o voto significativo do seu reconhecimento.

Nós da "Revista Maranhense" aprezentamos as nossas saudações pela passajem tão venturoza data.

BREVES NOÇÕIS DE FIZICA ELEMENTAR

Aos meus estimados alunos.

—Estados dos corpos e propriedades dos mesmos—

Qualquer quantidade de materia ou substancia sólida como o ferro, liquida como a agua, gazoza como a fumaça—é um corpo.

Tudo o que vemos na natureza, mesmo algumas cousas que não vemos, é formado de certa materia: é, portanto, um corpo.

Um grão de areia, um fragmento de poeira, uma pedra, uma nuvem, o sol, as estrelas, o homem, etc. são corpos. Mas os corpos não são da mesma natureza, como vamos verificar. De um pedaço de marmore, por exemplo, poderemos fazer uma cruz, e muitos outros objectos, que podemos guardar por muito tempo, sem que mudem de forma. Com um pouco de agua ou de ar já não podemos fazer o mesmo. Entretanto, poderemos com a agua encher um pote e ela tomará logo a forma do mesmo com o ar ou a fumaça encher um balão de vidro, e eles tomarão, tambem, a forma do balão.

Vemos, então, que os corpos se aprezentam sob tres estados: solidos, como o ferro, a madeira, o marmore, etc, que têm certa forma, ou natural como a de uma pedra, de um ovo, ou a forma dada pelo homem, como uma meza, uma caza, etc. e exijem certo esforço para serem divididos; liquidos, como a agua, o leite, etc, que não têm forma propria, mas tomam a forma dos vazos que os contêm e não exijem nenhum esforço para serem divididos, bastando-lhes o proprio peso; gazozos ou gazes, como o ar, a fumaca, que não tendo forma propria, tendem a se espalhar cada vez mais.

Vamos, agora, reparar bem as propriedades que nos revelam estes corpos. Notaremos, então, que essas propriedades são acidentaes ou particulares e geraes ou essenciaes. As propriedades que definem os estados fizicos como a tenacidade ou solidez, a fluidez, a expansibilidade, etc, assim como os que caracterizam taes ou taes corpos como a transparencia a colororação, etc, são propriedades acidentaes ou particulares. As que são comuns a todos os corpos, como a extensão, a impenetrabilidade etc, são propriedades essenciaes ou geraes.

Vamos tratar da extensão.

—Todo corpo, por menor que seja, como um fragmento de poeira, ocupa um logar no espaço. Quando adicionamos assucar a uma chicara de café, por exemplo, se ela já estiver cheia, certa quantidade do liquido escorre por fóra, afim de que haja logar para o assucar. Quando vamos colocar um livro numa estante é precizo que haja logar para ele. Então, extensão é a propriedade que teem os corpos de ocuparem um logar no espaço.

Mas, cada corpo é feito de alguma materia: por exemplo, uma maquina é feita de ferro, um fogareiro, um caldeirão, uma chave, etc., são tambem feitos de ferro. Esses corpos ocupam lugar, mas o ferro de que foram feitos occupa, tambem, espaço, logo é ele que ocupa espaço; a propriedade do ocupar logar pertence portanto á materia de que aqueles corpos foram feitos. Então a extensão é uma propriedade da materia. Sendo os corpos feitos de materia, essa propriedade lhes pertence, e, como todos os corpos ocupam espaço, diremos que a extensão é propriedade geral dos corpos: pertence aos solidos, liquidos e gazozos, mas propriedade essencial da materia, porque sem extensão, não pode haver materia.

—A seguir.

Zila Paes

NOTA—No conto *Amor fatal* desta mesma autora, publicado no penultimo n.º, por um pequeno descuido de revizão, saiu: *aelmjavam*, em vez de *invejavam*, *dos liros*, em vez, *dos liros*, *de partida* em vez de *partido* etc.

ANTONIO LOBO

Foi Antonio Lobo, sem contestação, o primeiro dos jornalistas maranhenses depois de João Lisbôa.

Eloquente, estudiozo, possuidor de uma força de vontade verdadeiramente inquebrantavel, patriota, vibrante, o Mestre, como lhe chamavam e bem o merecia, não se cansava de se entranhar ardorozo nos enredamentos mais obscuros do saber, para depois os espalhar, as manchêas, comovido, á todos que d' ele se acercavam!

Sua palavra, forte, bela, expressiva, tinha um quer que fosse de melodias, de entuziasmos e comoções que arrebatavam, extaziavam e comoviam seus ouvintes!

Sua pena, impecavel, essa mesma pena com que traçava artigos primorozos, de estilos admirados, elojados e deslumbrantes, glorificou-o para sempre.

Emfim seu amor ardente á familia engrandeceu-o por completo!

E no entanto eu julgo mesquinha a glorificação de Antonio Lobo, por parte de seus conterraneos. Sim, mesquinha, porque um tão grande artista que léga tantos frutos de sua intelijencia aos velhos e novos de sua Terra; um escritor tão majistral que a custa de inumeros sacrificios a cobria de glorias, embora isto lhe custasse muitas e muitas inimizades; emfim um tão complascente pae de familia, que altivo, se sujeita ao não recebimento de seus salarios, para defender na imprensa o seu criterio, é um Heróe! é o verdadeiro simbolo do Bem, da Honra e da Sabedoria!

Glorifiquemos pois, com mais ardor e entuziasmo, este simbolo do Bem, da Honra e da Sabedoria, que se chamava Antonio Lobo.

Assis Garrido.

Uma sessão

Em 28 do corrente realizou-se na redação desta revista uma sessão extraordinaria, afim de ser aprezentada pelo socio João V. de Abreu, a emenda do numero de redatores para quatro.

Depois de aberta a sessão e de aceita a nova proposta, os srs. João V. de Abreu, Astrolabio Caldas, redatores, e o diretor Clemente Guedes, renunciaram os seus respectivos cargos, procedendo-se novas eleições, que rezultaram o seguinte:

Diretor—Astrolabio Caldas;

Redatores—João Vicente de Abreu, Mauricio Furtada, Antonio Louzeiro e Clemente Guedes, que em seguida renunciou, sendo eleito seu substituto o socio Candido Aires.

Na rua

—Olá! onde vais?
—Vou ao Guarany pagar um almoço de prima. Queres ir vamos, é barato, só trez mil réis.

Rua de Nazareth. 31.

A ACREDITADA SOCIEDADE

Credito Mutuo Predial

Com séde nesta Capital á rua da Cruz n. 61
Prova sempre com os fatos como se vê do recibo abaixo, passado pela socia d. Cacilda Cruz, residente em Manaus, proprietaria da caderneta n. 965 que foi premiada no sorteio de 18 de maio de 1917, a saber:

Rs 2:305$000

Recebi dos srs. Chaves & Cia. de Maranhão, por intermedio dos srs. Aranha & Cia, desta praça, um anel de brilhantes e uma pulseira de ouro no valor de dois contos trezentos e cinco mil réis (Rs. 2:305$000) que coube a minha caderneta sob numero novecentos e sessenta e cinco (965) no sorteio do Plano «A» do Club de Mercadorias, Credito Mutuo Predial, realizado em 18 de maio do corrente ano.

Manaus, 1 de junho de 1917.

Calcida Cruz

Innocencio F. M. Ramos.
Flavio de Sá Ribeiro.
João Baptista de Araujo.

Reconheço as quatro firmas supra.
Em testemunho de verdade.

O 1.º tabellião,

Manoel Bernardo da Silva Dias.

Manaus, 6 de junho de 1917.
Reconheço o sinal publico retro.
Maranhão, 20 de junho de 1917.
Em testemunho de verdade.

Domingos Quadros Barbosa Alvares.

Xarope Anti-Asthmatico Garrido É o primeiro para as Dyspnéas, Defluxos, Influenza, Coqueluxe, Bronchites, Tosses rebeldes, Catarraes, Sufocações, encontram a sua cura completa e immediata no XAROPE ANTI-ASTHMATICO DE GARRIDO.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE N. 10

Atenção!

TODOS VÓS QUE FUMAIS!

Conheceis os cigarros Psilander?
São os melhores da atualidade, e confecionados com fumo caporal de primeira.
Depois de uma bôa chavena de café, saborear um cigarro PSILANDER é o chic de toda pessôa que sabe apreciar o que é bom.

PRAÇA DO MERCADO—48

OURIVESARIA PEROLA

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouterie.

Alfereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotoadoras, alfinetes de gravata, trancelim para pencenez, porta-leque voltas de cordão, teteias etc.
A caza grande de todos os objetos comprados

PRECOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Proprietario:—JOSE' L. PEREIRA

9—Rua Grande—9 9—Rua Grande—9

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos associados

RUA AFFONSO PENNA N. 2 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 817.757$000

Resultado do 64.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios:
Premios de 1o isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1812—D. Aldegundes Campos, rua da Calçada, 12.
2.º N. 2359—D. Rosa Evarista dos Santos, rua dos Afogados, 28.
3.º N. 3200—D. Thereza de Jezus Cunha, rua Grande, 214.
4.º N. 1488—Alberto Guilherme Mendes, rua do Sol, 87.
5.º N. 1512—Antonio dos Santos Novaes, rua Grande, 296.
6.º N. 3364—DD. Maria e Maria, rua 28 de Julho s/n.
7.º N. 1162—D. Antonia Josefina Pires Lima, rua do Sol, 19.
8.º N. 1060—Luiz Gonzaga de Carvalho, rua 28 de Julho, 33.
9.º N. 58—Raymundo Mauricio Cerqueira, rua da Madre Deus, 55.
10. N. 1452—Antonio Costa Ribeiro, rua 28 de Julho, 30.

CASA NO VALOR DE RS. 1:800$000

N. 534—Tito Fortes, residente em Parnahyba.
Maranhão 15 de junho de 1917.

Claudino Netto
Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraiso
Director Gerente.

Casa de Armador

—DE—

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo directamente da Alemanha, efetúa enterros desde os mais luxuozos aos mais modestos, por preços modicos.

Atende chamados, prontamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

RUA DA MADRE DEUS, 26 OU 31

Farmacia Universal

Eupeptol Carvalho

Extraordinario nas curas da molestias do estomago e intestinos

—E—

Solução Carvalho

E' um remedio rápido e assombroso para combater todas as febres

Depositarios:--Carvalho & Comp.

27 RUA DE NAZARETH—27

Regulador Garrido Remedio soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorrhea, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras e o Catharro do Utero O «Regulador Garrido», o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á RUA GRANDE, N, 10

O Guarany

Bem montado restaurante, situado á rua de Nazareth, 31.

Asseio e Prontidão !

Aceita assinaturas mensaes a preços modicos

CUIDADO !

O PYROSAN é o udico remedio que cura radicalmente as febres de máo caracter

Depozito -- Pharmacia Leite

15—RUA GRANDE—15

"Dernier cri"

Sêda "Mikado", propria para lavar.
Sêda "Luoizine", enfestada.
"Barége" branco, com bolas.
"Etamine" liza e com bolas.
"Etamine" rendada.
"Grepon" branco e de côres, de listas e de quadros.
"Voyline" com fio de sêda.
Linho branco, de 1.·, 2.· e 3.· qualidades.
Fustão branco superior.
Setim "Luminozo" estampado.
"Etamine" listrada e com cordão.
Despachou belissimo sortimento e vende por preço sem competencia

O BRAZIL

RUA GRANDE, 33. TELEPH. 75.

Entre a moda e a Elegancia

---Já compraste os sapatos dos ultimos modelos ?

---Não . . .

---Então compra-os na CASA BORDALO, á rua Grande, n. 27, que recebeu as maiores e mais chics novidades do Rio de Janeiro.

Atenção!

RUA AFONSO PENA, 39

Não ha FEBRE que resista a ação do

PIRO SAN ! ! !

Deposito; FARMACIA LEITE

15—Rua Grande—15

Tonico Ante-Febril e Garrdo E' um poderoso tonico contra as Sezões, Maleitas, Febres Intermitentes e Remitentes, Inflamação do Baço e Figado Tonico por excelencia na Anemia e Debilidade Geral, encontram a sua cura no uso do TONICO ANTIFEBRIL GARRIDO.

Deposito Geral, na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE, N. 10

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO--JULHO DE 1917 | Num. 17

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:
João Vicente de Abreu
Antonio Louzeiro.
Mauricio Furtado
Candido Aires

DIRETOR
Astrolabio Caldas

TEZOUREIRA
Maria E. Varela

SECRETARIO
Zildo F. Maciel

ASSINATURAS

ANUAL		SIMESTRAL	
Capital	2$000	Capital.	1$200
Interior	2$500	Interior	1$500
Exterior	3$000	Exterior	1$800
		Numero avulso	$200

SOCIOS-COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fuljencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estoiano Polari, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Ivis Parga, Candido Aires, Gonçalo Moreira Lima, João Caldas, Noy Nunes, Fran Texeira, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Coêlho, Francisco Garrido, João de Deus Coêlho e Benicio Rodrigues.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Aracéa Fernandes, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zuleide Bojéa, Zozima Sá Cavagnac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha e Maria Eleonora Varela.

SUMARIO:

Domingos Afonso Machado—Redação; Duas datas—Redação; Em torno de um voto—Apolinario de Carvalho; Atravez da vida—Clemente Guédes; Florilejio Poetico—Diversos; Saudades—Assis Garrido; O vapor de recreio—Iris; Maria—Jab; Ladrões de milho—Antonio Mariano; Os fardos—Asdrubal; A separação—Gascer; O mez social.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozuila Costa.
Rozario—Prof. Laura Roza.
Arari—Major João de Lemos
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falção.
Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Flores—Prof. Aciolina S. Guimarães.
Viana—Senhorita Maroca Nogueir .
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva.
São Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Pinheiro—Prof. Ermelinda Maramaldo e Francisco Leite.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas,
Axixá—Raimunda L. Fernandes.
Tury-Assú—Prof. Adaljiza Feques.
Chapadinha—Manoel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Buriti—Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Ponte-Nova—Izabel Araujo.
Cururupú—João G. Abreu, filho, e Raimundo Gabino.
Alcantara—Prof. Filomena Cruz.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Amazonas—Sta. Izabel—(Rio Negro)—Eduardo de Oliveira Neto.
Terezina—Piauí—Edson Voura.
Amarante—Paulo Ferreira
Minas Geraes—Cambuqueira—Maria Silva.

MARANHÃO - JULHO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 17

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS



DOMINGOS AFONSO MACHADO

Indescritivel é o contentamento que se apodera dos nossos corações de jovens por termos visto contar, a 5 deste mez, mais um marco na sua tão profícua existencia o querido professor Machado.

Bem significativas foram as manifestações de que foi alvo nesse dia e principalmente por parte da mocidade.

Não procuraremos nestas frazes incolores biografar um vulto quazi por todos conhecido e querido, como é o professor Machado, nem tão pouco exaltar as belas qualidades que ornam a sua alma decrente e o seu caracter de probo. Não; porque é tarefa muito além das nossas forças ainda em estado embrionario.

O que elas dizem, ou antes reproduzem, mesmo sem poezia e imperfeitamente, é o que vai nos nossos corações—o imenso contentamento por vermos ainda o educadou abnegado, o amigo leal ao nosso lado encorojando-nos para a conquista desse pavilhão tão senhado e em cujo cimo tremula, altiva, a bandeira do Bem e da Verdade; a admiração que nos inspira esse apostolo do Dever recolhendo-se, depois dos afazeres diarios, á esse tabernaculo santo onde se insensa o Amor, o Dever, e a Virtude—a familia.

E nós que fazemos parte dessa pequena molecula do povo brazileiro—a mocidade maranhense—de quem depende o futuro da nossa patria e que em si traz uma força bem poderoza—a vontade—não podemos deixar de bemdizer tal acontecimento.

E é por isso que, orgulhosos, abrilhantamos a primeira pagina da nossa revista com o seu retrato.

Aceital, pois, respeitavel mestre, embora tardiamente, as saudações, que vos enviam os pequeninos obreiros da «Revista Maranhense».

Duas datas

—**O 14 de Julho de 1789,** gravou na historia de França, um dos feitos mais notaveis ocorrido durante sua evolução social—a tomada da Bastilha.

Feito este que, além de ser comemorado pela propria França, o é, tambem, por todas as nações visto se tratar da liberdade dos direitos do homem.

«Esta formidavel prisão, diz Blanchet, parecia ser o simbolo do despotismo».

No momento em que a Bastilha era invadida pelo povo, o rei no auje da estupefação exclamou: «E' então uma revolta?»—«—Não, senhor, respondeu um cortezão, é uma revolução.»

As figuras de maior realce, d'esta revolução fôram: Necker, Camillo Demoulins e Bailly, que, quando o rei Luiz XXI chegava á porta de Pariz, disse, dirijindo-se a elle: «—Senhor, eis aqui' as mesmas chaves que fôram aprezentadas á Henrique IV, ele reconquistou seu povo; hoje é o povo que reconquista seu rei».

Nestas linhas, a Revista Maranhense rende seu preito de homenajem pelo passamento de seu aniversario.

—**O 28 de Julho de 1823**, veio, tambem, demarcar na historia do Maranhão um feito não menos memoravel.

Foi no transcorrer desse dia que o Maranhão firmou em seu solo a bandeira de sua independencia da metropole, trazida por Lord Cockrane.

A pressão que os portuguezes exerciam sobre os brazileiros era vexativa. Aqui onde o elemento portuguez predominava, os maranhenses sofriam os maiores ultrajes.

Os empregos publicos eram quazi todos exercidos por luzitanos. No exercito os oficiaes não tinham prestijio algum. Enfim no proprio comercio eles dominavam, obrigando os brazileiros á obediencia humilhante.

Quando correram os primeiros boatos vindos do sul sobre a independencia de diversos estados os portuguezes começaram a ter serios receios pela fidelidade dos estados do norte para com a metropole.

Tanto assim que, quando Cockrane apareceu no horizonte navegando em direção a este Estado, (26 de Julho) o governo sendo disso avizado, mandou logo ao seu encontro o brigue *Infante D. Miguel* para saber as novas que trazia a esquadrilha, o qual, uma vez conhecedor, voltaria a toda vela.

O almirante Cockrane afim de não levantar suspeitas, assim que percebeu o brigue, fez içar o pavilhão portuguez em todas as náus.

Os do *Infante D. Miguel* ao avistarem o pavilhão, acercaram-se confiantes e só depois de estarem prizioneiros foi que conheceram o trama.

Na noite do mesmo dia ancoraram no porto, indo, imediatamente, numa chalupa, uma commissão de terra para receber as novas.

Cockrane expoz o fim de sua viajem, perguntando ao terminar se os majistrados que governavam o Estado estavam prontos a aderirem, ao que lhe respondeu a commissão afirmativamente, embóra estivesse estampado em suas fizionomias a má vontade com que praticavam tal ato.

No dia seguinte (27) os portuguezes tentaram uma revolta tendo como principio a provocação feita á dois oficiaes desembarcados nesse dia da esquadrilha de Cockrane. Este, porem, recebendo logo avizo, mandou dezembarcar duzentos marinheiros que sufocaram a revolta ainda em seu embrião.

Vencidas as primeiras dificuldades, Cockrane marcou para o dia 28 a solenização do juramento.

Ao meio dia de 28 de Julho de 1823, no pateo do palacio governamental, diante de um esquadrão de infanteria e do povo em geral, o novo governo, o clero e demais majistrados do estado, prestaram o juramento solene seguidos por aqueles.

Esse feito tão bem se imiscuiu na alma dos maranhenses que, ao passar o seu aniversario, eles se levantam cheios de patriotismo e exultando de prazer para comemoral-o solenemente.

Em tôrno de um voto

Anda aí, em mãos de muita gente, um folhéto contendo as razões do voto do sr. Dunshee de Abranches, contra a revogação da neutralidade do Brazil ants a catástrofe que em quazi todo o glôbo terráqueo, há 3 anos, se dezenrola, triste e assustadôra.

Certo não levantaria comentários o voto em questão, se as razões que o justificam, não encontrassem cauza nas, ainda uma véz, intoleráveis manifestações do *parti-pris*, em que se encontra o ilustrado patricio, pela ambicioza *kultur*.

Intoleráveis, porque são desleaes ao Brazil,—não se podendo, por isso, atenuar, por melhor vontade que tenhamos, um tal desvio de patriotismo no sr. Dunshee, em cujas veias—é preciso dizer—não deflúe, como nas do dr. Lauro Muler, o impetuózo sangue alemão.

A declaração, que féz, do seu voto contra a quebra de nossa neutralidade, a despeito de estar vazada na brilhante linguájem que lhe é peculiar, viza o escôpo de imbuir nos espiritos pouco sensatos uma verdade que a respeito de nossa atitude não é a verdadeira.

Isto de se exijir de um póvo injustamente ludibriado um pacifismo humilhante, é, irconfutavelmente, concorrer para a falência da dignidade nacional, escudado ás serôdias e sediças lôas aos nossos preceitos constitucionaes, inexequiveis em dados cazos cuja solução não comporta paliativos.

Com o rompimento, mêsmo, de relações e quebra de neutralidade, não se mostrou o Brazil um paiz belicózo nem imperialista—adjetivos que quadram melhor á nação que de prezente posterga os direitos alheios, e ás que lhe fôrem conjeneres.

Mostrar-se-ia puzilânime e abjeto se, como queria o sr. Dunshee, mantivesse uma neutralidade de tôdo em tôdo prejudicial, que teria como corolário a invazão da fome no seu território,—porquanto, além de ameaçado de outro possivel bloqueio pelos Estados Unidos, teria os seus interesses comerciaes com os outros paizes paralizados, pelo dever, que tinha, como diz aquele deputado, de evitar a zona perigoza—caminho único, aliás, de que dispunha.

Não foi, portanto, o provocadôr, mas o provocado, que, apercebendo-se da improficuidade de sua prudência, de que é prova, entre outros fatos, o protesto contra o bloqueio,—se viu na premente conjuntura de castigar, com maior asperéza, quem insolitamente lhe jogava o gilvaz da deshonra com os três sucessivos atentados de que foi vitima na sua lejitima integridade.

E, por isso mêsmo, ao contrário do que afirma o distinto parlamentar, a opinião nacional, tomada de indignação, exijiu, quazi unanimemente, uma dezafronta deciziva aos seus brios.

Pela vóz do maior reprezentante dessa opinião, o conselheiro Rui Barboza, e pela solidariedade do pensar de quazi tôdos os senadôres, não era a quebra de neutralidade com restrições, como a pedia o sr. Wenceslau, mas a revogação completa, razoável, extensiva ás mais nações aliadas, como, de fato, hoje se verifica.

Ainda assim, parece-nos que a atitude deveria ser outra: mais altiva, dirota, *franchant*, pois que o Brazil, insultado como foi, estava na obrigação, tinha o dever de abandonar o pacifismo revoltante, para não mentir ás mais gloriozas tradições de que góza, de ser a 1ª nação da America do Sul.

Não é, não será jámais, ajindo sempre assim, o *pregoeiro agoirento da paz armada* mas a sentinela avançada dos seus direitos, da sua honra!

E, para vingar a honra sagrada de nossa Bandeira, não temos que esbarrar nésse decantado empeço que é o esgotamento das nossas finanças, para cujo equilibrio, ou restauração não éra sómente agora durante a guerra, como se lembra, que deveriamos (aliás não sabemos como, evitando a zona bloqueada...) *fortalecer-nos economicamente do outro lado do Atlantico*.

Para isso, o intelijente deputado em comunhão de idéas com os seus pares, deveria alvitrar ao Congresso a decretação de medidas mais eficientes do que essas que, a titulo de economia, redundam na supressão de cargos publicos, descontos nos apoucados vencimentos dos funcionários e maiores e vexatórios gravames para o comercio.

As fontes de riquézas do paiz jázem ao-deus-dará, a industria mingua á falta de auxilios, a agricultura é uma ficção, emquanto constantes despézas, de nenhum proveito pratico, são custeadas pelo tesoiro nacional, por fôrça de atos do poder lejislativo!

Não!—pense melhor o brilhante patricio—um paiz qualquer, embora financeira e militarmente enfraquecido, não deve, nem póde receber de braços cruzados os pezados boldões das chamadas primeiras potências do mundo. Porque isso importaria em negar ao agredido o sacratissimo direito da lejitima defeza!

Ainda que cáia, vencido e avassalado, será bom que se estampe nessa quéda honroza e se grave ao avassalamento o louvabilissimo intento, o esfôrço máximo empregado para obliterar da história os borrões de um vilipêndio que ouzadamente se lhe atirar!

E não se repize que devemos tomar por ponto de partida o fato de, em outras éras, cuja evocação nos deve envergonhar, termos tolerado maiores ultrajes que do afundamento de três unidades da nossa marinha mercante—maximé *quando relativamente eramos mais fortes que hoje*.

Com a ação dignificante do momento atual, só uma coiza revelamos: o nosso progresso moral daquele tempo para cá, que nos tem de algum modo apagado os passados êrros tão sinceramente lastimáveis, dando-nos mais amôr aos nossos brios e á nossa Patria!

Agora, para terminar, o que achariamos necessário, ao tempo da revogação, seria que o ilustre jornalista maranhense profligasse essa falada politica de solidariedade com a América do Norte, que serviu de apoio á atitude do nosso paiz que, uma vez ferido os seus direitos, deveria ajir por si mêsm, sem subterfujios que nada reprezentam, —quaisquer que fossem as suas condições atuais, porque ainda assim, formaria ao lado dos defensores da cauza comum.

Mas... é assim mêsmo. Justificamos, até, em parte este novo procedimento do sr. Dunshee, em perfeita coerência com a sua primeira demonstração de simpatia pela Alemanha. O contrário seria, talvéz, dezairózo.

Em parte não lh'o justificamos, porque tristura refletir por um pouco que o distinto patricio, tão contrário, desta véz, á revogação de nossa neutralidade, quando sérios e justos motivos a determinavam, tivesse, antes, dado ensanchas a que alguma das naçóis aliadas nos olhasse com máus olhos, quando, membro da comissão de diplomacia, em pleno seio da camara, exerceu as funçóis de patrono da cauza alemã no grande conflito...

Apolinário de Carvalho

S. Luiz—917.

Atravéz da vida

Vou seguindo este rumo. Tenebrozos
Momentos pelo mundo vou passando;
Ora, como os tristonhos vou chorando;
Ora sorrindo, como os venturozos!...

Mas sempre sem temer, sempre a lutar,
Eu vou sobre estes cardos venenozos,
Em buscas de meus dias dulçurozos,
Como quem vai sorrindo o céo buscar.

E, por todos confins d'estes logares,
Durante esta jornada em que prosigo,
Um grande sentimento, vai comigo,
Envolvido em meu canto, em meus cismares!...

E sigo a luta—a triste peregrina
Cena da vida, doce e cruciante;
Aqui, tenho a ventura dulçurante,
Ali, sinto a tristeza, atroz, ferina;

Aqui, eu vêjo féstas fulgurantes,
Riquezas colossáis, sorrizo em côro;
Ali, vêjo a mizeria, a mágoa, o chôro
De viuvas e crianças mendigantes;

Aqui,—doces venturas que passamos
No decorrer de tranzes pela vida;
Ali,—momentos vís da pervertida
Sociedade que tanto ambicionamos...

Ah, sim! a sociedade, a devoção
De toda a sofredora humanidade...
Que ás vêzes nos conduz á felicidade,
Ás vêzes nos conduz á perdição!...

De um lado, estão os bons, os caridozos,
A santa educação, a paz, o amor;
De outro, a calunia, o mal, a fome, a dôr,
E o sorrizo cruel dos invejozos!...

E assim eu vou, com lágrimas nos olhos,
Ás vêzes, percorrendo esta jornada,
Ás sós, com a alma assim... despedaçada,
Tragando máguas e pizando abrolhos!...

Mas não pairo um instante só... Sombria
Me acompanha na luta uma esperança...
E, sobre mim, a natureza lança,
Este viver de extranha fantazia!...

Sim; e outras vêzes rindo na jornada,
Tenho dezejos, ancias de saber
Porque no mundo uns têm tanto prazer,
E outros uma existencia tão cançada?...

E imploro: ó Deus! porque castigas tanto
Um infeliz, um mizero coitado,
Que vive pelo mundo acorrentado,
Co' a fronte pálida e banhada em pranto?

Neste mundo coberto de amarguras
Porque castigas tanto, ó Deus clemente!
Uma creança mendiga, um inocente?
Porque castigas éssas almas puras?...

E Deus parece-me dizer assim:
—O', não profanes! crê na eternidade!
Não vês que em toda e santa imensidade
O que teve principio terá fim?!

Porque queres dos tranzes, da pobreza
Conhecer o misterio consagrado?
Não vês que este segrêdo imaculado
Pertence tão somente á natureza?

—Então me calo, e creio que no mundo,
Quazi tudo é contrario ao que julgamos,
Quando em loucos momentos procuramos
Analizar o seu valor profundo...

E vejo que não mede diferença
O *grande* do *pequeno* cá na terra:
Vejo que em tudo a divindade encerra
O seu castigo, com justiça e crença:

E que devemos nos conter com a luta
De nossos dias cheios de esperança,
Pois que, tambem, ventura o pobre alcança
Nas suas horas crentes da labuta...

E que êsses, de riquezas colossáis
Que se mostram viver sempre sem lida,
São, com certeza, no correr da vida,
Os que mais sofrem! que padecem mais!...

(Do «Noturnos»).

Clemente Guêdes.

ANTONIO LOBO

Pedem-me os meus jovens camaradas da *Revista Maranhense* algumas linhas que recordem a data de hoje, que era a do natalicio do meu querido companheiro e inesquecivel amigo Antonio Lobo.

Mal decorrido ainda um ano depois que se lhe findou a curta e batalhada existencia, ainda não me sinto eu com a serenidade d'ânimo precisa para dizer da personalidade e na obra de quem tem tanto, para toda a gente, valeu pelo esplendor do espirito cultissimo e pela mais nitida envergadura de carater; e tanto para mim igualmente valeu pela generosa largueza do nobilissimo coração.

Não vai, pois, nestas rapidas palavras, fria e meditada analize: o que ha nelas é apenas um abrolhar de saudade.

E' que não vêem elas de um estudo: órijinam-se é de uma sincera magua.

E é ainda dentro dela, com os olhos ainda mal enxutos dela, que as mãos ambas se me erguem para um aplauzo que vale, antes de tudo, pela propria espontaneidade e pela espontaneidade do gesto que o provoca.

E este é o da mocidade que se congrega na U. E. Sylvio Romero, secundada que será decerto pela que trabalha nesta revista e pela que se agrupa nas mais associações congéneres—promovendo a inauguração, para breve, do monumento que á gloria do fúljido escritor deve o Maranhão.

O Maranhão, e muito especialmente a mocidade maranhense que estuda e que se dá ás letras.

O Maranhão, pelo muito que em prol do seu renome fez Antonio Lobo. A mocidade, pelo muitissimo que em prol dela fez sempre o pranteado patrício, ensinando-a, encorajando-a, incentivando-a, guiando-a, amparando-a e defendendo-a, em toda parte, e cada hora e em qualquer passo, como seu mestre, que foi dos mais ilustres, e como seu amigo, que foi dos mais sinceros.

Estou que não é precizo aconselha-la a que pague divida tão alta e sagrada. Ela, a mocidade do Maranhão, já tem dado provas sobejas de que está na posse integral da percepção desse dever.

O que me cabe, pois, é aplaudi-la.

E é o que aqui agora faço.

4—7—917. **Domingos Barboza.**

Americo Azevedo

Foi meu colega na Tezouraria da Fazenda; nunca conheci homem de mais fleugma, de mais prezença de espirito, mais calmo, por maior que fosse a tormenta da vida. Era irmão de Aluizio e Artur Azevedo; este escreveu uma parodia á Judia, Americo castigou o inspetor Januario Constancio Monteiro de Andrade que ele e José Serapião apelidaram de—pantorra—com uma parodia á Lanterna magica de Floriano, onde desempenha o papel de macaco o chefe da sua Repartição, mostrando na pasta as suas tolices e erros.

Uma vez o inspetor Januario lembrou-se de me fazer secretario e de dar como um dos meus auxiliares Americo Azevedo, que me criou algumas dificuldades perante aquele homem severo.

Um dia me disse Americo: hoje não trabalho, vou fumar. Eu lhe observei que o inspetor notaria a falta da letra dele, quando eu fosse levar o expediente. Mas Americo não atendeu a nada.

Quando o bruto estava assinando os oficios, de quando em vez me dizia: não vejo a letra do sr. Americo. Foi preciso mentir, dizendo que estava doente.

Em outra ocazião, Americo foi buscar o livro mais pezado da repartição e de proposito atirou ao chão para fazer zangar ao—pantorra—, dizia ele.

Fui chamado á prezença da autoridade que, zangado, me perguntou: que barulho é esse na sua Secretaria? e eu ainda tive de mentir, foi um livro que cazualmente caiu da meza.

Ainda outra, foi fumar perto do reposteiro. Januario chama o continuo e diz: tome o cheiro: que está o sr. sentindo?—Não sinto nada, sr. inspetor—V. cê não sente, olhe que eu cabo por o demitir.

Aquele cerebro só procurava meio de nos fazer mal, a nós empregados; acabou prorogando o expediente até ás 6 horas.

Quando ele saia bem durinho, Americo e José Serapião colocavam-se atras de umas amendoeiras que havia no largo do Palacio e gritavam sem cessar pantorra, pantorra. Por mais que lhes dissessemos: si esse homem os reconhecer, vocês estão perdidos, mas eles não atendiam e continuavam—partorra,—pantorra!

Não satisfeitos, encheram os bolsos de pedras e quebraram todas as vidraças das janelas da casa em que morava o inspetor.

Americo teve que prestar exame de Arithmetica, Algebra e outras materias. Passava eu pela rua Grande quando oiço um chamado assistente; volto-me, era o Americo.

Disse-me ele: acabo de receber o ponto de Algebra e você vai resolvel-o naquela quitanda. Chegados á quitanda, pediu elé ao quitandeiro uma folha de papel e uma caneta, e ali no balcão resolvi as questões para o exame.

O examinador de Arithmetica foi mais duro, não quiz dar o ponto, mas tudo se conciliou porque alguem apanhou as questões na ocazião em que eram dadas e mandou-as a ele, já resolvidas no fundo de uma quartinha.

Januario, feroz, diz ao continuo: o sr. Americo não pediu agua. E tanto prolongou o discurso que Americo subtraiu o ponto.

Quando Januario pede a quartinha e se põe a *apalpal-a*, já nada havia.

O que é mais interessante é que Americo, mostrando-se ofendido, levantou-se e disse, sabendo que Januario era mais ignorante do que ele: o sr. inspetor desconfiou de mim, eu confio que me faça uma arguição severa na prova oral.

E Januario guardou silencio.

Americo andou fazendo umas proezas de amor e o prezidente da Provincia que tinha direção na Tezouraria da Fazenda, pediu informação sobre o caso ao inspetor.

Parece que essa mumia tambem teve suas proezas, porque com admiração geral, salvou o pobre Americo, e disse-me gravemente: por esse negocio de coração ninguem responde.

Poucos annos antes de morrer Americo, já cazado e amantissimo da familia, vivia com dificuldade com o seu pequeno ordenado; lembrou-se de fazer umas comedias para ir ganhando algum dinheiro.

Foi uma revelação; no meu juizo é um comediografo superior a Macedo.

Quem lê as suas comedias ri por força, como não, se pode deixar de rir quando se lêm as Sabichonas e o Medico á força de Molière.

Si a morte não cortasse tão rapidamente aquela vida e si ele se deslocasse para a Rio com certeza teria obtido um nome brilhante como conquistaram seus dois irmãos e seu trabalho seria fecundo.

Era cruel nos seus julgamentos. De um dizia, por exemplo: Que expressão alvar! De outro: Oh! é mais capacho do que o proprio capacho! E tudo fazia, acompanhado de rizadas estridentes.

José Augusto Correia

Florilejio Poetico

SUPLICA

A...

I

Eu sou, no mundo, um ser indiferente,
Que naceu para ter mil dissabores;
Pois si cruel a vida é descontente,
Descontente e cruel tive os amores!

Amei, é certo, amei ardentemente...
A minha sorte quiz trazer-me horrôres;
Horrôres, que me deu um Deus clemente,
Um Deus clemente que me deu só dôres!

Dôres, que em vida só me foram enganos,
Enganos d'alma que me foram prantos,
Prantos nacidos dos meus desenganos!

Amei, e foi cruel a desventura
Dos meus anhêlos e dos meus encantos,
Que ainda conságro na minh'alma pura!

II

Um dia, então na minha soledade,
Longe dos meus, entregue aos meus pezares,
Carpindo a dôr atroz de uma saudade,
Que trago n'alma, envolta aos meus penares,

Quiz o destino qué tua divindade
Se me lançasse a frente dos olhares,
Arrebatando a dôr que o ser invade,
A despertar no peito outros cismares...

Cismares, que pensei nunca os houvesse,
Para invadir-me o peito torturado,
Para mandar-te agora a minha prece...

Esta incerteza assim é nova dôr
—Quero, pois, que me dés por desprezado,
Ou por ventura minha o teu amor!

João Caldas.

Rio, Julho, 1917.

A VIDA E A FLOR

PARA CLEMENTE GUEDES

Já viste a flôr que brota na campina
E cresce ao sol nacente,
Inundada da chama purpurina
Da aurora refuljente?...
Pois, como a flor, assim desponta a vida;
Tem tambem sua aurora enrubescida.

Ao desbrochar, a flor exhala aroma
Em dôce profuzão...
E o sol—noivo que cédo e terno assoma—
Lhe alegra o coração...
Do mesmo modo, a vida elor propaga
Só o amor os sonhos e ilusões lhe afaga.

Entretanto, as manhãs brilham passando...
Tudo canta e sorri!
Refleto-e lago o céo se colorando
De opalas e rubi!
E a vida, e a flor, em intima harmonia,
Se nutrem de quimeras noite e dia.

Depois, a seiva que a existencia inflóra
Já não vale ao viver;
Pende no caule a flor, que teve outr'ora
Formozo alvorecer!
E a vida dessa mesma seiva ingrata
Aos poucos, vae sorvendo o fel que mata.

Por fim, a flor retrae-se amortecida
No campo solitario...
A vida tem na faze dolorida
Vislumbre mortuario...
Com um sopro a flor logo se esvaece,
Breve, tambem, a vida assim fenece!

S. Luiz **E. Polary.**

Desiluzão

A THÉOFILO DIAS

Entrei n'alcova, percorri-a toda...
Nem um vislumbre d'esse antigo amor,
Folha que a briza destacou do tronco
Pétala que abelha despegou da flôr.

A passiflora que a enrediça tece
Por sobre a copa do jambeiro anozo,
Nada murmura, nem segreda e fala
Dos tempos idos d'esse amôr ditozo

Tudo findou-se!... a garça da esperança
Não achando no peito mais bonança
Fujiu para amplidão.
Andorinha de amôr busca o dezerto!...
E quando estava do Sinai tão perto
Tombou morta no chão.

A caravana de medroza pára..
Fareja a preza apetitoza, avára,
O chacal da vingança...
A rolinha estremece de ternura,
E lá no meio da mata na espessura
Sorri—nova esperança.

Renace o coração por entre as brumas,
Como a perola sorri d'entre as espumas
Do mar encapelado.
O cadaver s'ergueu d'horrivel sonho
Arrojando de si, com ar rizonho
A tunica do passado

Dr. Oscar Galvão.

SAUDADES

—«Pastora, porque estás triste
Nesta imensa soledade?
Não chores tanto... Reziste
A' dôr que assim te maltrata...»
—«Amigo o mal que me mata
E por quem sempre hei sofrido,
E' a dôr negra da Saudade
Do meu rebanho perdido...»

—«Pastora, não chores tanto,
Pois prezenciar, quem ha de,
Debulhada em negro pranto,
Uma mulher tão faceiro?»
—«Deixemos de brincadeira
Amigo, eu perco o sentido,
Com tanta, tanta Saudade
Do meu rebanho perdido...»

—«Não te consolas, pastora,
Com a languida imensidade
Do campo bélo que enflóra
A plácida Natureza?»
—«Prefiro, amigo, á beleza
Do campo sempre florido,
Não ter tamanha Saudade
Do meu rebanho perdido..»

—«Ouve, pastora, o rebanho
Que te fujiu com maldade
Não tem desgosto tamanho
Nem de ti se lembra mais...»
—"Pois eu, meu caro rapaz,
Neste campo tão garrido,
Sinto invadir-me a Saudade
Do meu rebanho perdido..."

Assis Garrido.

O vapor de recreio

Erão 17 horas.

O sol procurando repouzo seguia rumo do ocazo.

De súbito uma gigantesca embarcação, silvando alegremente, surjia em frente a cazaria do povoado, cortando as aguas do rio que se revoltavam em colera de espumas. Era um vapor de recreio que, todo ornado de bandeiras multicôres que balouçadas pelo vento pareciam travêssas borboletas quando volitam no espaço, adjando de flôr em flôr, trazia a seu bordo grande numero de pessoas que se ajitavam com um rumor excessivo, e uma bem organisada orquestra que executando belas composiçôis, arrancava dos seus instrumentos acordes cheios de tão suave harmonia que emocionaram alguns coraçôis.

Era em romaria a um milagrozo santo, da cidade vizinha ao povoado, que o vapor corduzia os seus passajeiros.

O paquete ancorou no porto do povoado aguardando mais alguns passajeiros que desejassem ir até á cidade. De terra, foguetes sôbiram ao ar saudando os viajantes. Em todos os rostos se notava vestijios de alegria.

A luz dourada do sol, derramando-se sôbre a verde folhajem da mata, confundia-se com aquele mixto de muzica, rizos e flôres. A natureza naquele momento revestia-se dos mais belos tons. O firmamento era azul, muito azul, com uma camada de delgadissimos cirrus. Quem, assim, não o compararia ao sétineo manto azul, velado pelo transparente véo das santas no altar?

Pouco tempo se passou. O sol já transpunha os humbraes do ocidente. Os seus ultimos raios desapareciam deixando surjir no azul da abobada celeste, alguns pontos brilhantes, as estrelas.—De novo cortando as aguas do rio, seguia o seu destino, desaparecendo por entre a folhajem dos arvoredos, como os ultimos raios de Apolo — o vapor de recreio.

Iris

B. Vermêlho, 19 de Junho de 1917.

MARIA

Formoza—qual sublimes borboletas
Azuis ou verdes sempre a vaguear
Tocando aqui e ali em violas
Amorozas vivaces sem ter lar.

Formoza,—qual benditas silhuétas
D'um pobre beija-flor a jardinar
Beijando o coração e suas colheitas
Sensitivas, galantes sem cessar

Formoza—qual harmonica canções
Dos sabiáis harpejantes em sua mata
A soltarem o seu canto na amplidão.

Formoza,—qual imajem da vizão
Que seu consôlo á alma se maltrata
Vencida torturada de paixão.

Julho, 1917.

Jab.

Errata

No escrito intitulado «Antonio Lobo», de Domingos Barboza, onde se lê, no 2º. paragrafo: *ainda não me sinto com a serenidade d'animo precisa para dizer etc.*, leia-se: *não me sinto com a serenidade d'animo precisa para poder dizer*, etc.; onse se lê, no terceiro paragrafo: *Não vae, pois, nestas rapidas palavras, fria e meditadas... etc.* leia-se: *Não vae, pois, nestas rapidas palavra , uma fria e meditada...* etc.; No sexto paragrafo onde se lê: *decerto*, leia-se: *de certo*.

No soneto «Maria», de Jab, onde se lê no 1º quarteto, *tocando aqui e ali em violas*, leia se: *«tocando aqui e ali em violetas»*. Onde se lê no 1º terceto: *Formoza—qual harmonica canções*; leia-se: *Formoza—qual harmonica canção*. No 2º terceto, onde se lê: *Que seu consolo á alma se maltrata*, leia-se: *Que seu consolo á alma se maltrada*.

LADRÕIS DE MILHO

Aquela noite escura e tempestuoza fazia um verdadeiro contraste ao dia alegre e belo que acabava de passar.

Nem bem o sol se tinha perdido no horizonte por traz do espesso bosque de pinheiros, já o espaço carregado de ruvens densas parecia mais negro. Em breve, um vento frio, soprando com violencia, do nacente, dava começo á tempestade. A chuva cahia copiozamente e os relampagos pendiam a cada instante o vacuo coberto de negrumes.

Com tamanho temporal as primeiras portas se fecharam e, quando do relojio da igrejinha se escaparam compassadamente as badaladas das nove horas, a cidade se não dormia, havia muito que emudecera.

Afastado, para o lado do ocidente, numa chacara bem cuidada e terminada por um milharal cerrado, que começava então a mostrar as suas espigas ainda tenras, morava o padre Silva.

Somente ele d'aquela caza e talvez de toda a cidade permanecia de pé aquela hora da noite, fiscalizando a limpeza que o Pedro fazia nas suas botas. (O padre Silva, é precizo notar, estava com pouca sorte naquele dia. Ao sahir da igreja, enfiou os pés num charco, o que fez rir a mais bela de suas penitentes).

Para que o tempo lhe parecesse menos longo, começou a lêr uma pajina de jarnal antigo que o acazo lhe mostrara ali perto. Mas, que leitura enfadonha! Por fim eil-o dormindo, o seu criado o chamou:

—Senhor parôcho! O senhor parôcho não está ouvindo?

—O que, Pedro?

—São malfeitores! O barulho vem lá do fundo do pomar.

Realmente, d'envolta ao silvo do vento na floresta, chegou até ambos, um ruido singular. Diz-se-ia um bando de cavallos correndo juntos e desenfreadamente.

—Não deixaste a cavalariça aberta?

—Não, senhor parôcho. Esse barulho ouvi hontem. E se o senhor visse como amanheceu o milnaral... tado estragado.

—Veremos amanhã. Mas, ainda não acabaste com isso?

—Estão prontas!

Alguns minutos após, na casa do padre Silva, todos dormiam quando socegadamente.

Todos, não! Porque o Pedro, ainda preocupado com o ladrido do pomar, não poude dormir logo. Parecia-lhe que, ali do lado de fóra, juntinhos a porta do seu quarto, estavam salteadores, desses de quem seu amo lhe falava quando estava de bom humor.

Era muito tarde quando o pobre do creado conseguio pregar olho. E que sono!

Quantas vezes não acordou sobresaltado, suando por quantos póros tinha, sentindo apertar-lhe a garganta a mão de um Zigomar ou Rocambole!

O certo é que o Pedro, bem cedo, contra seu costume, já estava fóra e esperava anciozo, que o padre se levantasse.

Este não pas ou melhor. Em se lembrando da sua queda e da gargalhada da formoza penitente, sentia vontades de esganar o estupido do Intendente que se tinha esquecido d'aquele maldito burzco.

Com surpreza, porque o julgava dormindo ainda, o Pedro vio seu amo atravessar a varanda como um furacão.

(A seguir).

Antonio Marlano.

Os fardos

Era ali para as bandas da rua Marechal que se estabeleceu o velho portuguez *Manoles*, como lhe chamavam os habitantes da aprazivel cidade em que habitava. Cazado com d. Francisca Guilhermina, tendo desse consorcio duas belas filhas Carlota e Zebita, moças de fina educação.

O velho tinha como seu empregado o Zé Carransa, rapaz simpatico, de vinte dois anos, robusto e elegante.

Aconteceu que depois de uns seis anos de quotidiano serviço o Manoles o fez interessado da caza, depozitando-lhe toda confiança. O Zé Carransa sabedor da grande fortuna do seu patrão e aproveitando os laços de amizade que os uniam, começou a simpatizar com a Carlota, a mais bela das filhas do velho.

Porém já estava tão adiantado o namoro que o Manoles, que estava já um tanto avesso a essas cousas, apezar de já ter por isso passado, notou a grande simpatia que existia entre os dois.

Dia a dia o amor dos dois jovens florecia, até que o Manoles chamou á parte a D. Francisca Guilhermina e cossando a cabeça disse:

«Tem *nulado cumo* a *Curlota* está com um namoro *furrado cum o... Zé Curransa?...*

— Já disse sua espoza, e o que há, fazes opozição?

—Eu?!... Não... só penso é *qui* esse *mulandro* tem *qui mumar* parte da minha fortuna...

—Ora... deixemos que farão bons cazamento, disse a d. Francisca retirando-se em seguida.

—Bom *cuzamento*, resmungou o velho, e levará bôa fortuna... mas... a mulher quer *qui fuzer*...

A d. Francisca já dedicava tanta amizade ao Zé Carransa que todos os domingo o convidava para almoçar com eles.

Aconteceu que num sabado houvera tanto serviço na casa comercial, que o Zé Carransa não poude aprontar os fardos que deverião embarcar no vapor que sairia na egunda-feira da outra semana, deixando-os, então, para marcar nesse dia. (A seguir).

Asdrubal.

A SEPARAÇÃO

A' memoria de minha prima Lucinda Rodrigues Rebelo.

Morrer aos quatorzo anos, quando a esperança vem rizonha prostar-se aos nossos pés mostrando-nos um futuro coberto de flôres perfumozas?! A morte é cruel!

Ela não escolhe entre os viventes aquele que é feliz ou desgraçado, ela não procura saber a grande dôr que faz, roubando-nos o ente que nos é caro; ela vem soberba e poderoza, crávar o punhal sem compaixão no coração dos nossos pais, irmãos e amigos. Sim, ela é cruel para os que deixam este mundo, mas, é ainda mais desumana para os que se vêm separados eternamente daqueles a quem consagravam verdadeiro amôr.

Assim, Lucinda, partiste deste mundo de ilusôis deixando-nos entregue á dôr da saudade. E's feliz, bem sei, pois que a tua alma de anjo dorme aos pés de Deus. Eras bôa e obediente, portanto no curto tempo da tua vida ao nosso lado deverias ter conquistado o amôr de Jesus.

Mas, para teus pais e irmãos... que angustia horrivel não sentiram pelo teu desaparecimento? Para um coração materno nada mais cruel do que sentir a auzencia de uma filha morta.

Que dôr aquela alma não sentio quando depozitou em teus labios o seu ultimo beijo; que dezespero não sofreu aquele pobre coração vendo-se apagar para sempre a luz dos teus olhos; que afliçâo não sentio aquela pobre creatura vendo-te inanimada e sem poder dar-te a vida! A morte é desumana!

Aquela mulher que te deu o ser, que te aqueceu em seus carinhozos seios, busca-te por toda parte, chama-te a todo instante, e não acodes, então o seu consolo é chorar.

Sua alma aflita vôa em busca de tu'alma masvolta coberta com o grande véo da saudade, pois que não poude encontrar a tua e contar-te tudo quanto tem sofrido. E tu, Lucinda, que estás junto a Jesus, pede a ele que mande um dos seus anjos trazer a teus pais um calix de consolo; pede a Maria que lhes dê resignação, para que jamais saia de seus labios uma só palavra contra os céos, pois ela que vio o seu Jesus morrer saberá a dôr que sente um coração materno vendo-se separada dos carinhos de uma filha como tu.

Assim tambem te peço, Lucinda, recebe as minhas sinceras lagrimas e roga a Jesus pelo teu primo.

S. Luiz, 27—6—917 **Gascar.**

O mez social

ANIVERSARIARAM-SE:

A 8 de julho o sr. cap. João Guilherme de Abreu, pae de João Vicente de Abreu, nosso colaborador.

—A 12 a senhorita Léa Machado.

A 16 o sr. Sifismundo M. de Castro, digno secretario da Hijiene Publica do Estado.

Estolano Palart

Este nosso apreciado colaborador e digno auxiliar da Secretaria do Quartel Federal, deste Estado, viu transcorrer a 16 a data do seu natalicio, sendo por esse motivo muito cumprimentado.

A Revista Maranhense envia-lhe tambem as suas felicitações.

João Abrêu

A 19 do corrente comemorou mais um ano de existencia o nosso estimado e intelijente companheiro e redator João Vicente de Abreu, que competentemente exerce as funções de telegrafista de 3.ª classe no Telegrafo Nacional onde goza de geral estima.

A Revista Maranhense, repreZentada na pessoa de todos que aqui morejam, envia os seus cumprimentos.

Ney Nunes

Este nosso querido companheiro festejou a 25 a data de seu natalicio, sendo por esse motivo, mui cumprimentado.

Ao Ney Nunes, que foi ao Rozario comissionado por esta Revista, temos que agradecer por ter desempenhado-se bem da missão que assumiu.

— A Revista Maranhense duplamente lhe envia parabens.

—A 25 O sr. Augusto Belo.

—A 28 O sr. Rufino Inocencio Coêlho, estimado farmaceutico em Pinheiro.

—A 29 O menino Pedro, filho do sr. Dario Coêlho, habil guarda livros do Ganhamo.

—A 30 o Cel. Rufino Amancio Coêlho, conceituado farmaceutico em Rapecurú-Mirim.

Parabens.

D. Francisco Silva

Em comemoração ao 10.º aniversario da sagração episcopal do exmo. sr. d. Francisco de Paula e Silva, o clero maranhense promoveu a 14 do corrente, uma bela fésta, na Caledral, comparecendo as altas autoridades do Estado.

Ao exmo. sr. d. Francisco, esse ilustre ministro de Deus, tão bem conhecido no nosso meio social, que sempre nos está a falar sobre a vida de Deus, a Revista Maranhense associando-se ao justo tributo que lhe promoveu o ilustrado clero maranhense, envia os seus mais respeitozos cumprimentos.

João Caldas

Este nosso distinto companheiro foi nomeado, a 12 do corrente para exercer o cargo de 4.º escriturario da Delegacia Fiscal de Belo-Horizonte, para onde deve seguir brevemente, da Capital Federal.

Daqui lhe enviamos os nossos parabens e almejamos-lhe perenes felicidades.

Padre Gentil Viana

Transcorreu a 11 o aniversario natalicio do reverendo Gentil de Moura Viana, uma das figuras de maior realce no clero maranhense.

A Revista aderindo ás manifestações que lhe promoveram as sociedades de S. Luiz Gouzaga, Santos Anjos e o Apostolado de S. Pantaleão, envia os seus cumprimentos.

FALECIMENTOS

D. Ana Ayres

Na prospera cidade de Picos deste Estado, onde era muito estimada, expirou a 1.º do corrente na avançada idade de 70 annos a exma. sra. Ana Ayres, avó do nosso presado redator Candido Ayres, e progenitora do nosso assignante Joaquim Ayres, socio da firma João Leitão & Cia. de Caxias.

Aos quaes enviamos as nossas sentidas condolencias.

VIAJANTES

Joaquim Ayres

Esteve entre nos e já regressou á cidade de Caxias, onde é conceituado membro da firma João Leitão & Cia. o distinto moço Joaquim Ayres, tio do nosso redator Candido Ayres.

Desejamos-lhe que tenha feito boa viajem.

— Procedente de Caxias, acha-se nesta capital o jovem Florencio Brandes, pratico de Farmacia.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidade pagas pelos prestamistas.

RUA AFONSO PENA N. 2 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 833.657$000

Resultado do 65.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 prestamistas:

Premios de 1o isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 3751—D. Maria dos Santos França, rua da Misericordia, 1.
2.º N. 1012—Laura Rosa, rua do Ribeirão, s/n.
3.º N. 1431—Carlos Lobato Martins, rua da Saavedra, 39.
4.º N. 2704—Ignacio José da Rocha, residente em S. Bento.
5.º N. 3182—D. Deodora Rocha Bessa, rua do sol, 15.
6.º N. 1100—Antonio de Azevedo Goulart residente em Guimarães.
7.º N. 458—D. Raymunda Pio Souto de Lemos, rua da Saavedra, 35.
8.º N. 2132—João Candido Cabral, rua da Estrella, 12.
9.º N. 2351—D. Guiomar Maria da Silva, rua de S. Pantaleão, 40.
10. N. 3375—Raimundo Costa Dominice, rua Portugal, 30.

CASA NO VALOR DE RS. 1:000$000

N. 2836—Antonio Gomes de Almeida, residente em Parnahyba.

Maranhão, 17 de julho de 1917

Claudino Netto
Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraiso
Director Gerente.

Xarope Anti-Asthmatico Garrido É o primeiro para as Dyspnéas, Defluxos, Influenza, Coqueluxe, Bronchites, Tosses rebeldes, Catarraes, Sufocações, encontram a sua cura completa e imediata no XAROPE ANTI-ASTHMATICO DE GARRIDO,

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE N. 10

OURIVESARIA PEROLA

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Alfereços, meios-adereços, collares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, aneis, botoaduras, alfinetes de gravata, trancelim para pescoço, porta-leque voltas de corddl, teteias etc.

A caza grande de todos ós objetos comprados

PRECOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Proprietario:—JOSE' L. PEREIRA

9—Rua Grande—9 9—Rua Grande—9

Farmacia Universal

Eupeptol Carvalho

Extraordinario nas curas da molestias de estomago e intestinos

—E—

Solução Carvalho

E' um remedio rápido e assombroso para combater todas as febres

Depositarios:—Carvalho & Comp.

27 -RUA DE NAZARETH—27

Tonco Ante-Febril de Garrido E' um poderoso tonico contra as Sezões, Maleitas, Febres Intermitentes e Remitentes, Inflamação do Baço e Figado Tonico por excelencia na Anemia e Debilidade Geral, encontram a sua cura no uzo do TONICO ANTI-FEBRIL GARRIDO. Deposito Geral, na FARMACIA GARRIDO, a

RUA GRANDE, N. 10

Entre a moda e a Elegancia

---Já compraste os sapatos dos ultimos modelos?

---Não . . .

---Então compra-os na CASA BORDALO, á rua Grande, n. 27, que recebeu as maiores e mais chics novidades do Rio de Janeiro.

Um conselho

Se quizerdes achar bom cazamento
Com uma bela mulher endinheirada.
Ouvi, o meu conselho, um só momento.
(Isto não custa, a rapazes nada!

Ides lijeiro ali, n'aquela rua
28 de Julho, e sem rodilhas,
Comprae no mesmo instante uma carteira
Dos gostosos cigarros «Maravilha!».

Dr. Sabe-tudo

Livaria Ingleza

—Rua Afonso Pena, 16—

Esta conceituada livra convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores.

Preços reduzidos,

Casa de Armador

—DE—

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo directamente da Alemanha, efetúa enterros desde os mais luxuozos aos mais modestos, por preços modicos.

Atende chamados, prontamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

RUA DA MADRE DEUS, 26 OU 31

Na rua

—E' exato, amigo, ando um pouco adoentado... e com uma fraqueza, o que é bom para isso?

—Ora... para fraqueza não ha como o CHOCOLATE MORAES, que se vende na «PADARIA PRIMAVERA», á Rua Direita.

Credito Mutuo Predial

Faz entrega do premio na residencia do sorteado, em menor de CINCO MINUTOS, após a extração do sorteio e verificação de achar-se quites o associado.

NADA DEVE EM PREMIOS

Capital inicial.	55:000$000
Premios já distribuidos. . . .	134:8[illegible]$000
Premios a serem distribuidos . . 2	400:000$000
Premio distribuido e entregue no 2.º sorteio deste mez.	2:34[illegible]$[illegible]
Premio a ser distribuido no dia 4—8—917.	2:38[illegible]$000
Com a contribuição apenas de Rs .	1$000

Convida-se as pessôas que ainda não são socios, a virem inscreverem-se imediatamente, afim de encontrarem vaga nessa vantajosa serie, prestes a completar-se, com o premio de Rs. 5:000$000

RUA DA CRUZ—61

Sob a fiscalisação do governo Federal

Regulador Garrido Remedio soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas de Utero, as Hemorrhoidas das senhoras e o Catharro de Utero O «Regulador Garrido», o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE, N. 10

Notre Dame

PRAÇA JOÃO LISBOA—N. 2

A *Notre Dame* acaba de receber pelos ultimos vapores completo sortimento, bem como.

Para homens:

Chapéus de palha e de feltro, brins de todas as côres e qualidades, cazemiras etc.

Para senhoras:

Chapéus da ultima moda, rendas, bordados, sêdas, de primeira qualidade, sapatos etc....

Vêr para crer

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO--AGOSTO DE 1917 | Num. 18

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:
João Vicente de Abreu
Antonio Louzeiro.
Mauricio Furtado
Candido Aires

DIRETOR
Astrolabio Caldas

TEZOUREIRA
Maria F. Varela

SECRETARIO
Zildo F. Maciel

ASSINATURAS

ANUAL		SIMESTRAL	
Capital	2$000	Capital.	1$200
Interior	2$500	Interior	1$500
Exterior	3$000	Exterior	1$800
		Numero avulso	$200

SOCIOS-COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Antonio Mariano, Candido Aires, Gonçalo Moreira Lima, João Caldas, Ney Nunes, Fran Teixeira, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Coêlho, Francisco Garrido, João de Deus Coêlho e Benicio Rodrigues, Anton o Machado e Rui Alaicida.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araçéa Fernandes, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zuleide Bojéa, Zozima S. Cavagnac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha e Maria Eleonora Varela.

SUMARIO:

Militarismo—Redação; 28 de Julho—D. M.; Meditações—Diversos; Coração que sofre—Poranga; Teus olhos—E. Polary; Breves noções de fizica elementar—Zila Pais; Amôr...—A. Machado; Ladrões de milho—Antonio Mariano; Na eira—Dr. Oscar Galvão; Os fardos—Asdrubal; Florilejio Poetico—Diversos; Cliché. Uma creança que me falou da Gloria—Assis Garrido; O que é a saudade—Iris; Cavacos—Criticos; O mez social.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozuila Costa.
Rozario—Prof. Laura Roza.
Arari—Major João de Lemos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falcão.
Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Coxias—Izaias Silva.
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Flores—Prof. Aciolina S. Guimarães.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Penalva—José M. Caldas Marques.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva
São Bento—Prof. Amelia B. Leda.
Pinheiro—Prof. Ermelinda Maranhão e Francisco Leite.
Icatu—Prof. Josefa Amazonas.
Axixá—Prof. Raimunda L. Fernandes.
Cajapió—Sr. Epifanio Silva.
Tury-Assú—Prof. Adaljiza Fequer.
Chapadinha—Sr. Manoel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Buriti—Prof. Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Ponte-Nova—D. Izabel Araujo.
Cururupú—Sr. João G. Abreu, filho, e Raimundo Gabin.
Alcantara—Prof. Filomena Cruz
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Amazonas—Sta. Izabel—Rio Negro—Eduardo de Oliveira Neto.
Terezina—Piauí—Sr. Edson Moura.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira.
Belo Horizonte—Minas—Bacharel João Caldas
Minas Geraes—Cambuqueira—D. Maria Silva.

MARANHÃO - AGOSTO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 18

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Militarismo

O Brazil desperta !

E o brazileiro acompanhando o despertar de sua patria compenetra-se, pouco a pouco, de seus deveres.

O terror do passado vem deixando de imperar sobre o presente. As trevas se dissipam, de vagar, e os sentidos na plenitude de seus direitos, se põem em ação, não automaticamente como outróra, mas consciente de sua autonomia...

...Cincoenta anos atraz, quando se falava no militarismo, um calefrio, de horror percorria o corpo, pois, o quartel reprezentava o suplicio do soldado: hoje, ao traspor o portal da cazerna, o viztante curiozo nota uma transformação radical e surpreendente. Se assistir a instrução ministrada aos soldados a sua admiração alinje o auje. Não mais é o «chicote» nem o «pescoção» que atúa sobre o pobre recruta; sim o sorrizo e as palavras delicadas do instrutor, que corrije o erro do mesmo recruta e cativa sua gratidão.

Raramente, leitores, se encontra, nas fileiras do exercito atual, um soldado destituido dos principios de educação; ao contrario, cada um procura distender os seus conhecimentos, tanto que, nas horas de descanço vê-se (com raras exeçõis) uns consultando uma geografia; outros, um livro qualquer de leitura, revistas, jornais, etc; outros, ainda, dedicando-se ao cultivo das artes e assim por diante.

Entre os oficiais, ao par de uma esmerada educação, abaliza-se uma instrução firme, desenvolvida e metódica.

Hontem, o mancebo que se alistava ou estava desgostozo ou era obrigado a tal fazer. Se tinha educação e instrução sentia-se como deslocado nesse novo meio onde campeava a ignorancia aliada com a brutalidade. Ao passo que hoje ele se alista, cheio de alegria, conciente de sua ação e crente de não borrar nem sua instrução, nem sua educação, mas de bazeal-as, firmal-as e desenvol-vel-as.

De tudo isto se infére que a instrução tem cumprido seu dever, expulsando, é verdade, paulatinamente, mas para sempre, o analfabetismo.

O que vimos de dizer é admitido de nossa experiencia propria, pois, como patriotas nos alistamos como voluntarios para receber a devida instrução afim de sabermos não só pela pena mas pelas armas defender a honra de nossa patria e é desse convivio em que nos achamos que apreciamos os fatos acima narrados.

Para mias prova e confirmação das nossas palavras, aumentamos mais que contamos já com muito desses oficiais como nossos companheiros de lutas e trabalhos na compilação desta revista.

Ao terminarmos estas curtas linhas, saudamos com prazer estes novos companheiros e aproveitamos o ensejo de fazer desaparecer os ultimos receios que ainda possam miscuir-se na alma fraca e incredula da mocidade maranhense.

BRAZILEIROS ! A INSTRUÇÃO E' MÃI DO PATRIOTISMO.—PROCURAI AQUELA E ENCONTRAREIS ESTE.

28 de Julho

Mais de trez seculos sofreu
O Brazil jugo estranjeiro.
Té que, por fim, resolveu
Quebral-o, bravo altaneiro.

E o Maranhão, com orgulho,
Imitando o Sul injente,
Em vinte e oito de Julho,
Tambem fez-se independente.

Do convivio das Naçõis
O Paiz participou,
Liberto das opressõis.

Nosso torrão secundou
Esse gesto e os grilhõis
Do pulso seu arrancou !

D. M.

Meditaçõis

Ao colega Astrolab o Caldas.

Dizem que a nobreza de uma alma consiste em perdôar aqueles que lhe ofendem. Concordo. Mas, quantos ha que não sabem compreender a sublimidade de um perdão e só são dignos de desprezo ? !

A quem merece.

Assim como a esperança é o farol que guia o naufrago ao porto da salvação, assim tu és a estrela que me guia na estrada da existencia,dando-me corajem para afrontar os caprichos da sorte.

A' Sinhá Caldas.

Amar é ter a alma envolta no branco véo da ventura, sonhar com um futuro alcatifado de amenas iluzõis; é colher no jardim da vida uma sinjela e aromatica flôr que se chama—esperança !

GASCAR.

A' Maria Varela

Ha na lingua portugueza um verbo da primeira conjugação e bem poucos são os que sabem conjuga-lo:

E' o verbo amar.

Amei um dia sinceramente e hoje amo por mero esportismo.

CARLOS EUGENIO.

AS TRES VIRTUDES

Ao Benicio Rodrigues

I

Fé

Balsamo que purifica a alma dos crentes.

II

Esperança

Barco onde navegam as nossas ultimas iluzõis.

III

Caridade

Amparo dos infelizes.

IRIS.

B. Vermêlho.

Coração que sofre

Para Zaide

Tarde.

O sol descaia no horizonte docemente. A briza, esta briza fagueira que nos traz, no seu ciciar doente, recordações dos tempos idos, brincava, travessa, com a relva esmeraldina da campina. O firmamento, sem ter uma nuvem que o toldasse, mostrava-se, em toda sua extensão, limpido, profundo e misteriozo como sempre.

E o mar?... O mar! sempre colerico, sempre revolto, trazia, agora, em cada uma de suas ondulações, como que um gemido brando partido de um peito timido, mas sofredor.

Diante desse quadro imponente me veio, de novo, á mente, as confidencias de um joven que m'as fizera, crente de receber alivio. Eil-as:

«Foi, começou ele, numa tarde como esta, minha querida amiga, que meu coração sentiu as primeiras pulsações de um amor puro, simples e verdadeiro... A' ! como feliz fui outróra quando corria pela campina bebendo o aroma das flôres, nos beijos da briza irrequiéta !.

Poranga, malfadado foi o momento em que naci... Vês ! em meus olhos morejam lagrimas que queimam... São verdadeiras, são lagrimas emanadas de um coração que sofre...

Não me chames fraco, nem covarde... Não; não, porque nunca fui e jamais o serei...

Ouve: Principiei a amar. Um ano se passou entre festas, rizos e flôres... Entramos no segundo e a estrada se tornou arenoza. Ora era um espinho que me rasgava as carnes, ora a aresta ponte-aguda de uma pedra que me dilacerava os pés. Sob os ardentes raios de um sol enraivecido, sem encontrar um abrigo, nem uma fonte onde mitigar a séde, nem um fruto para enganar a fome, caminhava eu vergado ao pezo do proprio corpo.

De quando em vez uma mirajem enganadóra, maldita simbolizava uma fonte cercada de arvoredo que carregadas de maduros frutos esgalhavam-se. Corria ébrio de contentamento sem me importar com a dôr atroz motivada já por um espinho, já por uma pedra, em sua direção e quando estava quazi a chegar com as mãos estendidas eis que desaparece, e eu, desfalecido, desanimado, caio sobre um chão em fogo.

Meu peito arfa num soluço titan e no abrir da bôca para se escapar morre sem produzir o menor vajido. Meus olhos sanguinolentos choram e pelo meu rosto deslizam duas gotas de sangue.

Chega a noite. Do sol abrazador resta um calor insuportavel, O ceu se torna negro; nem a luz de uma estrela perdida nessa amplidão de dôr, nem o raio arjentino de uma lua vem me implantar a esperança. Um silencio funebre envolveu-me e quem sabe se para sempre ?...

Adeus ! Poranga, decifra minhas palavras e dita-me sentença, mas não que eu escute; dispenso o alivio que me queiras dar. Adeus !...»

E ele, Zante, encaminhando-se para uma alaméda desapareceu, me deixanda pasmada ante as suas palavras.

Hoje, porem, que minha mente as tornou reproduzir, eu pensei e as decifrei e com franqueza te digo, tive compaixão.

Agora vê se decifras e se tal acontecer, talvez o lamentes. ! ?)

Até breve querida amiga.

Araiozes, 4/5/91. **Poranga.**

TEUS OLHOS

Ao Astrolabio Caldas.

Olhos serenos, cismativos, quedos,
Que encerram doces e suts segredos,
Olhos sentimentais,
Vendo os teus olhos de misterios cheios,
Eu sinto n'alma o despertar de enleios
Dos sonhos mortais!

Olhos dolentes como os langues cirios,
Que suavizam meus crueis martirios!

Olhos sombrios, de pezar velados,
Doridos como acordes arrancados
De um terno bandolim;
Olhos que a magua exprimem com candura,
Que me falam da mistica doçura
D'eslevos sem fim!

Olhos tranquilos, olhos bemfazejos,
Onde boia minh'alma entre dezejos!

Olhos que eu vejo em meu viver dezerto,
Como um paliq de luz nitido, aberto
E vivo a cintilar...
Neles encontro anjelica harmonia
Que, nas azas do amôr, da poezia,
As maguas vem quebrar!

Olhos que inspiram odes de esperança,
Que de os fitar o meu olhar não cança!

Olhos que afago como um lédo senho,
No saudozo cismar mudo e tristenho
De longo dissabor!
Quero e procuro a chama dos teus olhos
-Fanal que me ilumina nas escolhas
Dos oceanos da Dôr!...

Olhos que nunca afastarei da mente,
Olhos que eu hei de amar eteroamente!

S. Luiz. **E. Polary.**

Breves noçois de fizica elementar

(Continuação)

—Impenetrabilidade e compressibilidade—

Consiste a impenetrabilidade no fato de duas porçois de materia jamais se poderem identificar de maneira a coexistir em um mesmo logar do espaço. Entretanto, observamos, muitas vezes, fenômenos em que parece haver penetração de um corpo noutro. Exemplo: quando colocamos um pedaço de giz com um pouquinho dagua, ele vai pouco a pouco absorvendo o liquido, sem que, aparentemente, houvesse aumentado de volume. Não foi, porem, na substancia propria do giz que a agua penetrou, apenas nos interstícios que ele contém. Da mesma maneira, quando introduzimos um prego na madeira, ele abre um buraco impelindo as moléculas desse corpo adiante de si, fazendo logar para entrar, mas, não penetrou na substancia propria da madeira. Si, porem, esta fôssé mais rija que o prego, ele se entortaria, se quebraria, mas não poderia entrar.

Vemos, então, que em virtude desta propriedade, dois corpos não podem estar, ao mesmo tempo, num mesmo logar. Os liquidos e os gazes tambem estão sujeitos a essa propriedade. Quando, por exemplo, metemos a mão numa bacia d'agua, ela não penetra na substancia da agua, apenas afasta as moléculas do liquido para fazer logar, tanto assim que, si a bacia estiver totalmente cheia, logo sairá uma parte do mesmo. Quando dizemos que uma garrafa está vazia ela não o está realmente: está cheia de ar, porque o ar penetra em toda a parte. Si a enchermos d'agua, como esta é mais pezada que o ar, vai ocupando a capacidade da mesma, enquanto ele vae saindo. Mas, si introduzirmos a garrafa virada de bôca para baixo, de modo que o ar não possa sair, a agua penetra na mesma até certa altura e pára, porque o ar que nela ficou se comprimiu e resistiu, não deixando entrar mais a agua.

(A seguir) **Zila Pais**

Amôr...

Amôr.---encanto, doçura,
Relijião, liberdade,
Esperança e caridade,
Dôr, prazer e desventura!

Amôr---o pomo vedado
Ou serpente fabuloza
Entre o espinho e a roza,
Na comunhão do pecado.

Amôr---a taça de prata
Na bôca do convencido:
Licôr dôce e apetecido,
Mél que cura, e fél que mata.

Amôr---eterna poezia
Da vida; no romantismo.
Amôr!---A morte, o abismo,
A mais profunda agonia!
8-8-917.

A. Machado.

LADRÕIS DE MILHO

(Conclusão)

—Ai! senhor cidadão, não me puxe, assim, a orelha. Olhe que...

- O diabo te leve!

E enquanto o creado murmurava, que o senhor cidadão não estava bom, o padre Silva entrou no seu quarto d'onde saiu pouco tempo depois, prompto para ir á agreja.

—Vamos ao pomar! Quero ver se meatiste, marôto!

A cerca do milharal estava caida. As plantas, acamadas como se ali por cima houvessem dançado mascaras, cauzavam dó.

Com facilidade a cerca foi erguida e durante o resto de manhã, o parôco não apareceu.

—Mãi Anastacia não ouviu a zoada dos salteadores? Liquidaram com o milharal. Não sei porque não incendiaram a caza!

—Porque não os prendeste?

—E' só chamar o Sr. Inspetor do quarteirão!

—Nada disso! Hoje, depois do crepusculo, iremos dar cabo desses ladrões.

Eram oito horas da noite, pouco mais ou menos. A Anastacia, cozinheira antiga do padre Silva, não acreditava na existencia de salteadores e, por isso, sem mêdo algum, foi agachar-se junto á cerca do pomar, enquanto Pedro, que se oferecera num momento de corajem para acompanhal-a, tremia ao seu lado como varas verdes. O silencio era quebrado unicamente pelo coaxar das rãs e pelas folhas que se desprendiam das arvores batidas pelo vento.

De repente as rãs calaram-se.

—Já vêm!

—Cala-te!

Não tardou muito para o ruido da vespera se reproduzir.

—Eles, hoje, vêm a pé. Mas hontem vieram montados...

—Cala-te, com todos os diabos!

Estavam pertos. Ouvia-se perfeitamente o fragor que se desprende das folhas secas quando são pizadas, ainda mesmo com cautela.

—Eram cavalos! E os cavalos do padre Silva! Vinham, porem, de vagar, desconfiados. Chegados á boca da estrada pararam para depois de um conluio rapido saltarem a cerca.

A Anastacia, munida de um grosso cajado, arremeteu contra os invazores que, tomados de panico, bateram em retirada, a trote largo, seguidos pelo Pedro que não cançava de berrar até a cavalariça onde se refujiaram saltando a cerca.

Nessa mesma noite alteou-se a cerca da cavalariça e não mais se viu na chacara do padre Silva sinais de salteadores.

O padre estava radiante de alegria. Ao entrar na igreja encontrou o Intendente que sabendo da queda de S. Rm., apressou-se a pedir desculpas, dizendo mais que o buraco já estava tapado. A bela pecadora lá estava tambem, exijindo uma penitencia maior. O padre não, caiu, pois, em si, de contente.

Antonio Mariano.

NA EIRA

No plumbeo carro de sanefas d'oiro
Vaga a tarde serena e feiticeira;
Ao duro açoite do labôr do dia
Sucede o rudo serôar da eira.

O sino sôa.—Reunidos todos
Compassados caminham pr'o serão;
O velho geme, a criancinha chora,
Roncam os cacetes no bater do chão.

Vae a tarefa em meio. Campeia a lua.
Zune o vento nos leques da palmeira,
Carpindo, o arroio sussurrante muje,
A creôula gentil canta faceira.

Põe-se a lua. A noite entenebrece,
Dorme a terra seu sono de doçura.
Suave viração corre na mata,
Cintila o pirilampo na espessura.

Reina a mudez. O arataú gargalha,
Resona o cão, deitado no borralho,
Ao sanguineo despontar da dôce aurora
Reverdece a fazenda pr'o trabalho.

Dr. Oscar Galvão.

Os fardos

(Conclusão)

Chegado o domingo foi o Carransa pegar o almoço do seu patrão. Ao terminar, quando estava ele no gozo de linguajens morozas com a Carlota, foi despertado pelo grito do portuguez.

—O' *seu Curransa* venha cá, *faza favor*.

—Quem me chama, perguntou o Carransa, é teu pae?

—E' respondeu Carlota.

—Espera-me um pouco que não demoro, disse elle dirijindo-se para o quarto em que se achava o velho portuguez deitado em uma cadeira preguiçoza.

—A's suas ordens sr. Manoel, disse Carransa deante do ancião.

—*Seu Curransa*, disse o comerciante entregando-lhe um maço de chaves, vá ao armazem *marcar* quatro fardos de fazenda para a caza *Roberto Chini*, para seguirem amanhã.

—Sim senhor, disse Carransa pegando o maço de chaves e dirijindo-se, em seguida, para o armazem.

.....

Quando estava o rapaz solitariamente marcando os fardos, ficou surprezo ao ver a sua querida Carlota deante de si, dexando escapar de seus labios esta exclamação oh! . e no armazem, enquanto Carlota estava sentada em um dos fardos, conversavam calmamente. Depois da marca dos fardos, não percebeu Carransa que a sua amada trazia a marca de um deles em seu vestido, subindo, então, ambos e, ao entrarem na sala de vizita depararam com o *Manoles* que, desviando o jornal em que percorria a sessão *cebolas e batatas*, perguntou ao seu fiel empregado:

—*Seu Curransa*... quantos fardos *você marcou*?

—Os quatro que o senhor mandou.

—*Você* não está enganado?

—Não senhor .. em todo o cazo vou verifical-os, e pegando novamente o maço de chaves, que deixara sobre a meza, retrocedeu ao armazem, examinando que só havia marcado os quatro, como o patrão lh'o ordenara, voltando a dizer:

—Só têm quatro marcados como acabei de verificar...

—Não senhor, *você marcou* mais do *que* lhe mandei e *portanto*, aquele que ali *tá*, que *você marcou* de mais, lhe *pertence*, disse o velho apontando para sua filha que trazia no vestido a marca da fabrica *Roberto Chini*...

Asdrubal.

Florilejio Poetico

Ultima vêz

Para ASTROLABIO CALDAS

Depois de tantos dias de tormento
Desventurado, e em lágrimas chorando,
Venho de novo alívio te implorando
Para acalmar meu grande soffrimento...

Eu sei que no teu peito um sentimento
Do que fizéste, vive te acuzando...
Assim eu volto, agóra, te perdoando
As faltas do teu grande juramento

Vólta!—que encontrarás de novo, aberto,
O mesmo coração que abandonaste,
E que hoje só por ti vive de cêrto!

Deixa esquecido esse passado, vamos!
Vem decipar a dor que me deixáste
Desse tempo feliz que nos amamos!

Do «Noturnos» **Clemente Guêdes.**

TEUS OLHOS

A'dminha gentil noiva Zaidinha.

Tens nos teus olhos uma graça tanta,
Que excede o brilho em divinal ternura;
Tens nos teus olhos tanta luz que encanta,
Que me embriaga e me traduz ventura!

Tens nos teus olhos um olhar de Santa
Que me desperta em minda desventura;
Tens nos teus olhos o que em versos canta
Um pobre sonhador da noite escura!

Tens nos teus olhos meu olhar de crente,
A luz da minha vida, os meus amores,
Consolo da minh'alma sem fulgores...

Tens nos teus olhos este olhar descrente;
A minha vida já desfeita em escôlhos,
Que só se abriga nos teus lindos olhos!

Rio 26—7—917

João Caldas.

Despedida

(A' Zaidinha, em vespera de viajem)

Sôbre a minh'alma as dores que contar te
Dava em meus versos, meu tristonho canto...
Sentindo o peito, só farei cantar-te,
Chorando os olhos, mandarei meu pranto.

Longe de ti, ó! divinal encanto!
Como eu quizéra de bem perto amar-te,
Vendo essa luz do teu olhar que é santo,
Sempre aos teus pés, ao lado teu falar-te!...

Mas esta sorte, que me foi traçada,
Cruel destino que o meu peito sente,
Manda que eu siga nesta nova estrada...

Hei de seguir, levando n'alma as dores,
Tendo nos olhos um olhar de crente,
Tendo na mente a, illuzões de amores!

Rio 12—7—917

João Caldas.

Bailando

A' Cóta

Eras feliz! No teu olhar se lia
A sensação que produzia a dança,
E como tu feliz eu era; cria
No teu amor ó palida creança.

Volteiavas pelas salas e erradia
No teu colo brincava a loira trança,
E a orquestra maviosa despendia
A sonata ideal de uma esperança!

O teu vulto gentil e pequenino
Espraiava um odor embriagante,
Prezo ao teu corpo airozo e alabastrino.

No compasso febril de uma quadrilha
Eu feliz me sentia, e deliraste
Nos teus braços morrer queria, ó filha!

S. Luiz—11—8—917

A. Cabral Costa

ELVIRA (I HAVE TO WEIGH)

Um dia me pediste com lealdade
Que um verso eu te fizesse com alegria,
Mas um verso repleto de armonia,
Um verso sem despeito, e sem maldade

Onde ten nome cheio de piedade
Fulgisse qual o nome de Maria?
Cheio de arte, de amor, de sifonia,
Em que simbolizasse uma saudade

Mas, como hei de cantar teu doce nome,
Se uma imensa tristeza me consome
Neste viver que trago tão tristonho?

Eu quizera cantar com mais doçura
Eram as horas, repletas de ventura,
Dessas noites que, a sós, contigo, sonho!

Jaber.

MARIA

Distante, lembrar-me-ei sempre de ti,
Desse teu rosto bem arquitetado,
Dos teus cabêlos prêtos esparsados,
Dos tempos torturados que vivi.

Como esquecer? De ti, não posso mais
Viver nessa incertêza que não morre,
Sendo tu o calmante e de mim corres,
O que posso esperar? Doridos ais?

—Orgulho de mulher! doce ventura!
Olha em volta de ti a falsidade
Que te vija em todos os instante!

Responde ao meu amor—forte ternura!
Sincero, crente como claridade
E piedoso, util, alto e constante!

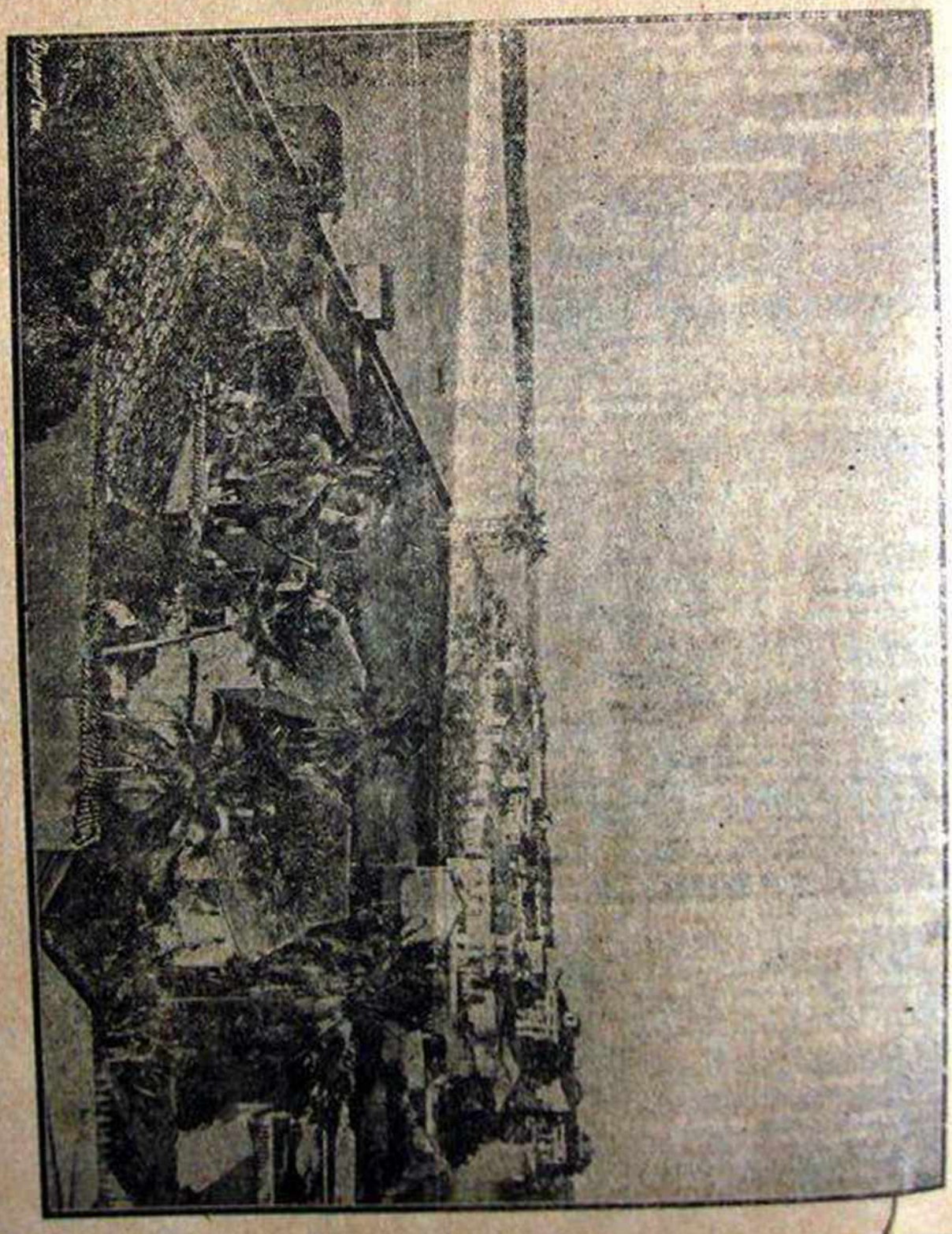
Agosto—917. **Jab.**

Gremio Literario "Pax-Lux"

Atendendo ao titulo acima acaba de ser fundada, na vila de Pedreiras, uma associação literaria, digna dos mais francos aplauzos, da qual acabamos de receber um exemplar dos seus bem elaborados estatutos.

Um dos seus fins é manter aulas noturnas para os socios ou para parentes destes.

Nós, garbozamente, enviamos á digna diretoria, que se compõe dos srs: Manoel J. M. Rego, Manoel C. de Araujo, Raimundo M. R. Brandão, Jozé de Souza C. Branco, Gildazio F. M. Rego, João G. Martins e João Cantanhede, as nossas saudaçõis e auguramos vida prospera a esta util sociedade que será uma das que batalharam pela expulsão do analfabetismo do territorio brazileiro.



Panorama de S. Luiz do Maranhão

A uma creança que me falou da Gloria

O' ! não procures a Gloria,
Não procures elevar-te
A' Luz imortal e rútila
Que brilha por toda a parte !
A' mesma Luz opulenta,
E cheia de irradiaçõis,
Que antigamente elevou
Homéro, Dante e Camõis !

A Gloria não dá abrigo
A' sombra da Natureza,
A Gloria não dá bençãos,
Nem tão pouco riqueza;
Não dá brazõis de reis,
Galas, pompas e louvôres;
Nem siquer o «pão do dia»
Ganharás de seus primôres !

A Gloria dá-te mentiras,
Prantos, sonhos, iluzõis;
Dá-te dezertos na Vida
Sucados de maldiçõis !
A Gloria dá-te somente
Mesquinha e vã esperança,
Portanto nunca procures
A Gloria, tenra creança !...

O' ! não procures a Gloria,
Não procures elevar-te
A' Luz imortal e rútila
Que brilha por toda a parte !
A' mesma Luz opulenta,
E cheia de irradiaçõis,
Que antigamente elevou
Homéro, Dante e Camõis !

Maranhão.

Assis Garrido.

O que é a saudade

A ALGUEM.

Selva era uma pequenôta de 8 anos, filha de um rico lavrador e homem de elevados conhecimentos e, que habitava, para melhor dirigir os seus trabalhos, em uma herdade situada nas proximidades de um corrego de aguas claras que corriam num murmurio suave. Circumdava a bela vivenda um tapête de verde relva misturada com centenares de flôres de formas e côres diferentes. Era a mãe de Selva um tezouro das mais belas virtudes, e, tão bôa assim, não se descurava de preparar a filha para um meio mais desenvolvido do que esse em que vivia. Selva era como sua mãe: rica de beléza e de bondade!

Mas, para ser ainda mais bela, Selva precizava de uma outra riqueza que só alcançaria abandonando esse ambiente cheio de vida organica em busca de outro, mais cheio de vida intelectual. Estava como uma pedra preciosa não lapidada. E, então, deixando o ninho e os carinhos paternos, seguiu para uma capital adiantada, entregue aos cuidados da avózinha materna, para matricular-se em um conceituado colejio, como aluna externa. Levada pela bôa vontade e auxiliada pela sua excelsa intelijencia, Selva progredia de dia para dia. Uma tarde Selva sentada em um banco do jardim da caza da avózinha, ao lado desta que costurava, preparava uma das suas liçõis. O suave aroma que as camelias, verbenas, magnolias, anjelicas, e muitas outras flôres exparjiam por todo o jardim, despertou-a daquela concentração em que se achava. O crepusculo atirava por sobre a celeste abobada, o seu manto de purpura finissima! Aproximava-se a hora das—Ave-Maria... A hora da saudade... Fêbo dizendo adeus ao *dia* refujiava-se no ocaso. Selva levantando os olhos fitou-os no céu e nessa contemplação, muda e quêda, gastou alguns instantes.

Um suspiro profundo saido bem do intimo do seu *eu*, despertou a atenção da avozinha que aflita perguntou-lhe: que tens filhinha?

Não sei o que se passa em mim!...

Nada me falta aqui, nem mesmo os carinhos da mamã que agora são substituidos pelos teus, minha querida avózinha...! Mas nestas horas, principalmente, penso tanto nos papás; tenho dezêjo de vel-os, de abraçal-os e beijal-os. Porque será ?!

Não sabes o que sentes minha querida?... E' saudade!

E que é saudade?! A'! filhinha... Queres que eu te descreva o que é a saudade?! Fósse eu poeta.. o'!... com frazes bem buriladas eu te diria desde a sua orijem o que é a saudade...!

Aspiras aqui o deliciozo aroma de muitas flôres. Quazi todas elas se ajitam alegremente e cada qual mais ancioza aguarda a chegada das travessas borbolêtas e dos doudêjantes colibris para dar-lhes a sugar o seu dôce netar. Mas, entre elas ha uma que parece submersa numa grande nostaljia. Nem a caricia, nem mesmo o ciciar da briza fresca, nem o leve roçar das azas das borbolêtas despertam-na. Olha e contempla-a!... Está bem perto de ti. Elava-se ela na sua haste esguia, mas, é triste!... O seu perfume é leve e ha nele um que de extranho!... E, quazi um misterio... !

E' a flôr dos tristes e chamam-lhe saudade —Quando um filho extremozo ou um espozo amado parte para as rejiõis de Jehovah, a mamã ou a espôza magoada depozita-lhe com gratidão sobre o tumulo uma corôa dessa flôr, que chamam—saudade—Quando o noivo querido auzenta-se da noiva inesquecivel, esta dá-lhe por lembrança essa flôr que chamam—saudade.

Por ai poderás, minha querida nêtinha, compreender e, mais tarde, definir melhor que eu o que é—a saudade.—

Iris.

Barro Vermelho, 5/8/917.

Cavacos

(Para duas irmãis).

E' curiozo ver-se como muita gente preocupa-se com a vida alheia, comentando e emitindo parecer sobre couzas que lhe não diz absolutamente nada a respeito.

Além de muitas outras pessôas que tenho informação de andarem a se preocupar com os versos do Jab, para Maria, assisti um dialogo entre duas irmãis, que me apresso em saciar-lhe a curiozidade, visto que, com êle privo diariamente e o conheço bem de vizo.

O Jab é catolico e desde os seus tenros anos habituou-se a essa paixão pelo nome de Maria, pois crê religiozamente nos milagres realizados por essa virjem Santa.

Assim é que, desde a aparição da pastoral de Coêlho Neto, ele foi um dos que primeiro a adquiriu, e sempre que é levada em cena, admira, mais que os outros, o papel de Maria.

Quando ha anos, em certo interior fizeram a referida pastoral, cuja interprete daquelle papel, foi uma pequena daquele nome, com belissimos traços, quazi a fazer concorrencia á imajem que reprezentava, o Jab. e eu, nos achavamos naquéle logar, e facil nos foi procurar partido para um namorisco.

Começamos a suplicar milagres áquelas Santas, que apareciam la naquele palco pustiçamente preparado com cortinas, dois pandos de bôca (1.° e 2.°), etc, etc!

Lembro-me bem de uma janelinha, onde depois de descançar a filha ela ia postar-se, e que a apilidamos por—janela de Maria.—

Parece quazi desnecessario dizer, que o Jab, só suplicava milagres a Santa Maria!

E sabem o que mais?

Recebia quasi diariamente—amas e cravos—!

Verdade se diga: A pequena merecia e o Jab estava disposto!

Tudo isso passou; e esse colega seguia sempre fiél ao seu rozario de Marias (sem persuazão) bonitinhas!

Mas, coitado!

E' feliz porque sempre essas Santas lhe querem dar meias e êle que só as aceita para os pés, vai saindo sem barulho!

Outros brigam!

Ele não!

Acha isso uma tolice, brigar-se por cauza de moças!

Foi assim que, quando o ano passado pela festa dos Remedios, passeava acima e abaixo na praça desse mesmo nome, biliscou-lhe o fiél coração o que quer que fosse de amor por essa Maria, que êle vem contando em proza e versos.

O Jab tem grandes venturas: ama sinceramente, não se apaixona e pode esperar tempos aguardando época que melhor lhe essegurarem uma vitoria feliz.

Tendo certeza que essa Maria tinha e tem namorado êle que sempre respeitou namoro deste ou daquele, não ouza se declarar temendo um daqueles adverbios de negação-Não-couza que graças ao altissimo nunca recebeu.

Verdade, porem, é dizer-vos que êle dedica grande afeição a essa imajem, para quem vem fazendo versos, e ainda maior verdade é que nada lhe alterará se nunca chegar a epoca desta declaração.

E' um rapaz arrejimentado nessa materia!

Governa a sua vontade!

Fiquem, pois, inteiradas as duas irmãis de tudo quanto se tem passado e certas de que o Jab experimentando assim, nunca tomou e jamais tomará—um fora—conforme discutiam com tanto empenho.

Que tratem de outro assunto e não tenham indijestão por couzas que lhe não pertencem!

Critico.

O mez social

ANIVERSARIOS:

—A 5 de agosto a professora normalista d. Maria dos Neves Santos;

—A 9 a senhorita Eunice Machado.

—A 10 a exm.ª sra. d. Maria Paes.

—A 22 a senhorita Efijenia Cardozo Nunes, irmã do nosso companheiro Nei Nunes.

—A 24 o sr. Luiz Costa, comerciante nesta praça.

—Parabens.

VIAJANTES

Deram-nos o prazer de suas vizitas os srs: Ovidio Coêlho, diretor do apreciado jornal «O Tocantins», de Carolina; o Cel. João Climaco Rego e Silverio Souza, negociantes em Caxias, todos vindos desta cidade, regressando apóz.

Dezejamos que tivessem boa viajem e penhorados agradecemos as vizitas com que nos honraram.

—Comunicaram-nos os seus noivados o sr. Adizio Gundin e a senhorita Arieta Barreiros.

Dezejamos felicidades.

FALECIMENTOS

Raimundo Sá Caldas

Faleceu a 26 de julho, nesta capital, o cirurjião dentista Raimundo de Sá Caldas, 2.° escriturario da Delegacia Fiscal deste Estado.

Sobre o ataúde viam-se algumas corôas oferecidas pelos seus parentes, amigos e colegas.

A' familia Sá Caldas enviamos os nossos pezares.

—Expirou a 5 de agosto, nesta capital, repentinamente, a exma. sra. d. Maria Vitorina de Oliveira Costa, cunhada do sr. Manoel da Costa Machado, tia e madrasta do sr Jacinto Costa.

A' familia enlutada aprezentamos as nossas condolencias.

ATENÇÃO

A diretoria da "Revista Maranhense", convida os socios que estiverem em atrazo para virem satisfazer os seus debitos, porque os que estiverem em mais de dois mezes serão iliminados.

Revista Maranhense

Nestar redação compram-se exemplares dos numeros 7 e 12.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

RUA AFONSO PENA N. 2 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 833:657$000

Resultado do 66.º Sorteio, da 1.ª Serie (A), que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 prestamistas:

Premios de 10 isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1801—D. Eulina Gomes Duarte, avenida Silva Maia, 127.
2.º N. 2885—Manoel Ferreira da Silva, rua Oswaldo Cruz, 100.
3.º N. 347—D. Zulmira Amahary Rubim Rayol, rua de S. João, 76.
4.º N. 2437—D. Maria Angela de Mello.
5.º N. 2909—José Couto de Souza, travessa dos Barbeiros, 8
6.º N. 118—D. Julia dos Santos Pinheiro, rua Fonte das Pedras, 2.
7.º N. 3383—Durval, rua de Santaninha, 7.
8.º N. 1471—José Francisco Salles, rua da Palha, 12
9.º N. 120—D. Elvira de Pinho Perdigão, rua Oswaldo Cruz, 152 B.
10.º N. 611—Julina Pithano de Jesus, residente no Codó.

CASA NO VALOR DE RS. 1:600$000

N. 3014—Sta. Hermelinda Jansen Ferreira, filha do advogado dr. Manoel Jansen Ferreira, rua Cel. Collares Moreira, 130.

Maranhão, 15 de agosto de 1917

Claudino Netto
Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraiso
Director-Gerente.

Livaria Ingleza

—Rua Afonso Pena, 16—

Esta conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores.

E' a livraria que vende mais barato

22$000

E' por quanto se obtem um fato de brim Kaki, bom e que não desbota de côr, calças e paletot, bem feito, na

ALFAIATARIA GUEDES

á Rua de Sant'Anna, n. 3, canto com a rua 28 de Julho

Moldura Elegante

PINTURA-GRAVURA-ESPELHAÇÃO

A casa que mais barato vende: Espelhos, Vidros, Imagens, Estampas e Molduras.

Confecção de retratos, a oleo, Postal, Creyon e Ampliações, em qualquer tamanho, garantindo-se semelhança perfeita.

Unica que tem sempre bello sortimento de Imagens de madeira e terra cota.

Oficina de Espelhação e pessoal habilitado para collocação de vidros fora do Estabelecimento.

PAULA BARROS & C.

RUA DO SOL, 17 A (em frente ao Theatro S. Luiz)

Xarope Anti-Asthmatico Garrido É o primeiro para as Dyspnéas, Defluxos, Infuenza, Coqueluxe, Bronchites, Tosses rebeldes, Catarrais, Sufocações, encontram a sua cura completa e imediata no XAROPE ANTI-ASTHMATICO DE GARRIDO.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE N. 10

Regulador Garrido Remedio soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, Blenorrhéa, o Chlero, as Purgações chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras e o Catharro do Utero O «Regulador Garrido», o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

Encontra-se na FARMACIA GARRIDO, á

RUA GRANDE, N. 10

Notre Dame

PRAÇA JOÃO LISBOA—N. 2

A Notre Dame acaba de receber pelos ultimos vapores completo sortimento, tanto como

Para homens:

Chapéus de pelles e de feltro, bonets de todas as côres e qualidades, camisas etc

Para senhoras:

Chapéos da ultima moda, rendas, bordados, sédas, de primeira qualidade, sapatos etc....

Vêr para crer

Casa de Armador

—DE—

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo directamente da Allemanha, efetua enterros desde os mais luxuosos aos mais modestos, por preços modicos.

Attende chamados, promptamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

RUA DA MADRE DEUS, 26 OU 31

Na rua

—E' exato, amigo, ando um pouco adoentado... e com uma fraqueza, o que é bom para isso!

—Ora... para fraquezas não ha como o CHOCOLATE MORAES, que se vende na «PADARIA PRIMAVERA», á Rua Direita.

OURIVESARIA PEROLA

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouterie.

Alfinetes, meios-adereços, colares, pulseiras, brochas, chate-leines, rozetas, anjis, abotoaduras, alfinetes de gravata, trancelim para pescoço, porta-lapis voltas de cordão, teteias etc.

A casa grande de todos os objetos comprados

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Proprietario—JOSE' L. PEREIRA

9—Rua Grande—9 9—Rua Grande—9

Farmacia Universal

Eupeptol Carvalho

Extraordinario nas curas de molestias do estomago e intestino

—E—

Solução Carvalho

E' um remedio rapido e assombroso para combater todas as febres

Depositarios:—Carvalho & Comp.

27—RUA DE NAZARETH—27

Entre a moda e a Elegancia

---Já compraste os sapatos dos ultimos modelos?

---Não...

---Então compra-os na CASA BORDALO, á rua Grande, n. 27, que recebeu as maiores e mais chics novidades do Rio de Janeiro.

Tonico Ante-Febril de Garrido E' um poderoso tonico contra as Sezões, Maleitas, Febres Intermitentes e Remitentes, Inflamação do Baço e Figado Tonico por excelencia na Anemia e Debilidade Geral; encontram a sua cura no uzo do TONICO ANTI-FEBRIL GARRIDO.

Deposito Geral, na FARMACIA GARRIDO, a

RUA GRANDE, N. 40

Um conselho

Se quizerdes achar bom casamento
Com uma bela mulher endinheirada.
Ouvi, o meu conselho, um só momento.
Isto não custa, a rapazes nada!

Ides ligeiro ali, n'aquela rua
28 de Julho, e sem rodilhas,
Comprae no mesmo instante uma carteira
Dos gostosos cigarros «Maravilha!».

Dr. Sabe-tudo

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO--Setembro e Outubro de 1917 | Num. 19-20

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:
João Vicente de Abreu
Antonio Louzeiro.
Mauricio Furtado
Candido Aires

DIRETOR
Astrolabio Caldas

TEZOUREIRA
Maria E. Varola

SECRETARIO
Zildo F. Maciel

ASSINATURAS

ANUAL		SIMESTRAL	
		Capital. . . .	1$200
Capital . . .	2$000	Interior. . . .	1$500
Interior . . .	2$500	Exterior . . .	1$800
Exterior . . .	3$000	Numero avulso .	$200

Em virtude de ter havido um desmantelo no prélo onde imprimimos esta Revista, em setembro, fomos forçados a tirar a edição desse mêz juntamente com a de outubro, o que pedimos desculpas aos leitores.

SUMARIO (Setembro)

De Oscar de Barros; Em proveito da classe—José Leopoldo; 7 de setembro; Canção mulher—Mauricio Furtado; Florilejio poetico—Diversos; Postal—Jab; Lagrimas de irmã—B. Rodrigues; Essencial problema—Rodrigues d'Aveiar; Dialogo de amor—Asdrubal; O colibri e a florzinha—Dr. Oscar Galvão; Confissão—Fulgencio Pinto; Na roça—Jaires; A luz—J. Carvalho Branco. O mez social.

SUMARIO (Outubro)

Atlantida; Dr. Rocha Pombo; E duvidem do amôr—José Augusto Corrêa; Os Zepelins—Erasmo Castro; Mãi—Gascar; O melhor amigo do mundo—Maluba Matlár; Saudozas recordações—Ausiuterviins; O anêmico—Jota Vá; Florilejio poetico—Diversos; Os catecumenos—José Leopoldo; O amôr—J. Gomes; Carta aberta—Maria E. Varela; Lingua Portugueza—José Augusto Corrêa; Axixá; O mez social.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozuda Costa.
Rozario—Prof. Laura Roza.
Arary—Major João de Lemos.
Bacabaes—Sr. Emiliano Castor R. Fabião.
Pedreiras—Sr. Jose Castelo Branco.
Caxias—Izaias Silva
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Flores—Prof. Acrisio S. Guimarães.
Vianna—Professora Maroca Nogueira.
Penalva—João M. Caldas Marques.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva.
São Bento—Prof. Anesio B. Lobo.
Penalva—Prof. Ernestinda Mammablo e Francisco Leite.
Icatu—Prof. Izaela Amazonas.
Arary—Prof. Raimunda L. Ferreira.
Cajapió—Sr. Epifanio Silva
Turyassu—Prof. Adaljiza Fecury.
Chapadinha—Sr. Manoel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Alencrinda Rodrigues.
Buriti—Prof. Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Ponte-Nova—D. Izabel Araujo.
Cururupú—Sr. João G. Abreu, filho, e Raimundo Galvão.
Alcantara—Prof. Filomena Cruz
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Amazonas—Sta. Izabel—Rio Negro—Eduardo de Oliveira Neto.
Terezina—Piauí—Sr. Edson Moura.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira.
Belo Horizonte—Minas—Bacharel João Caldas
Minas Geraes—Cambuquera—D. Maria Silva.

MARANHÃO-SETEMBRO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 19

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS



Dr. Oscar de Barros

Nada tão sublime, tão encantador que render uma justa homenagem!

E sendo assim, é, pois, o que fazemos, estampando numa das pajinas desta revista o retrato do dr. Oscar de Barros.

Parece-nos que ainda reina nos coraçõ s leais da mocidade maranhense aquela mesma alegria sã e verdadeira que brotava hontem — 13 de setembro—data de aniversario natalicio do ilustre diretor do «Instituto Maranhense», estabelecimento de educação fundado em principios de 1914 sob os seus unicos esforços.

O nosso intento não é biografar este doutrinador do Bem, do Direito e da Verdade. Não, porque ele em alvorando este soberbo pavilhão, que em si traz insculpida estas tres inscriçõis, tornou-se conhecido, apreciado e mais ainda que isso—admirado.

Sim, somente em alvorar esse soberbo pavilhão, porque o primeiro dever de um mestre ilustre é levantal-o altivamente!

E para terminar este homenajem rendida ao provecto educador cabe-nos, com fervorozo jubilo, saudal-o, dezejando-lhe vida prospera para que continue a guiar a mocidade do Maranhão ao caminho da Sabedoria.

EM PROVEITO DA CLASSE

Lemos o bem elaborado trabalho do senhor Justino Lessa, no ultimo numero do «Ateniense», onde diz que, depois da morte do Mestre Antonio Lobo, «a mocidade se debate num tremendo regresso moral inteletivo sem haver quem a detenha; o estimulo e já não lhe é ministrado; quem nol-o podia dar vive indiferente á nossa existencia, não compreende as aspirações dos que entram no mundo das luzes, não atende nossos rogos, não se compadece dos nossos queixumes, não trepida em nos deixar resvalar para o ignoto...»

Expliquemo-nos.

Com a morte do Mestre Antonio Lobo, a mocidade estudioza sofreu um grande golpe, experimentou um imenso pezar, porque ele a acompanhava, encorajava a ou suas bôas aspiraçõis, e era ainda ele quem estava sempre á sua frente.

Mas deixou dicipulos que continuam a seguir pela mesma trilha que a dele; colegas e amigos propugnadores dos mesmos principios que ele professava e que os radicam no meio da mocidade estudioza que os cerca.

Ora, regresso moral inteletivo, atualmente, não existe na mocidade que estuda, porque sempre foi sonhadora, e alem disto, ouve, com toda atenção, o verbo fluente e animador de Domingos Barboza, escuta a palavra circunstanciada e experimentada de Nacimento Moraes, os bons conselhos dos professores Domingos Machado, José Augusto Correia e José Ribeiro do Amaral e de tudo isto, ela se apossa e firme, nas liçõis recebidas do professor Antonio Lobo, segue altaneira, sem «resvelar pelo ignoto» á procura do logar, que lhe está rezervado, na coletividade.

O estimulo é-nos ministrado, quotidianamente, pelos nossos mestres e amigos, que se não cançam de nos ensinar o melhor caminho, com a experiencia, que já possuem na vida.

Não somos abandonados por eles, que «sempre atendem aos nossos rogos e compadecem-se dos nossos queixumes». E para se ter a prova positiva do que dizemos, bas-

ta tratarmos com Alfredo de Assis, Antonio Lopes, Barbosa de Godois, Xavier de Carvalho, Luso Torres, os acima citados, e tantissimos outros que aqui se encontram.

Não nos olham com indiferentismo. Aconselham-nos que melhoremos as nossas produçois, lendo-as e relendo-as, corrijindo-as, sempre. E' isto o que eles nos aconselham e que a uns parece uma desclassificação, mas não o é. E por exemplo a ciencia está cheia de fatos que provam essa afirmativa.

Fazemos ponto aqui, e dizemos que o ilustre senhor Justino Lessa enganou-se. A mocidade estudiosa ainda tem onde bater.

S. Luiz, 25-8-917

José Leopoldo.

7 de setembro

Orgulhozos comemoramos nesse dia o 95 aniversario da nossa independencia.

Bem lonje já vai o dia em que o principe D. Pedro I, opondo-se as intoleraveis condiçois que lhe impunha a corte portugueza e seguindo o glorioso caminho que lhe indicava o inesquecivel José Bonifacio, quebrou as ultimas algemas que nos faziam povo dependente.

Imponente foi a passeata militar com que o povo maranhense comemorou tão glorioza data.

A's 7 horas da manhã, no páteo do quartel do 48 batalhão de caçadores, que continha numerozas familias, estavam formados os tiros tiros 47 e 344, os Aprendizes Marinheiros e Artifices, os Escoteiros, o 48, a Policia e uma seção de metralhadoras.

Percorreu a passeata as ruas do Sol e Nazaré e avenido Maranhense, voltando pelas ruas do Nazaré, Oswaldo Cruz e do Passeio, recolhendo-se ás 10 horas no quartel do 48.

E'ra de entuziasmar o garbo com que marchavam os atiradores ao som das marchas marciaes executadas pelas bandas de musica.

A' tarde no campo do F. A. Club, diante numerozissima assistencia realizou-se o «match» entre os «teams» 47 e 344, saindo vitoriozo aquelle que foi muito aplaudido.

No meio do maior entuziasmo foram entoadas as cançois «Militar» e do «Soldado» respectivamente pelo 47 e 344 que foram aplaudidos por dilirantes salvas de palma.

Porem o que maior brilhantismo deu a esta tão simples comemoração foram os Escoteiros e as gentis senboritas da Cruz Vermelha que em automoveis acompanharam a passeata.

Não deixou, portanto, o Maranhão passar no esquecimento uma das nossas maiores datas.

Oxalá que seja sempre assim.

Canção mulher...

Para o Fulgencio Pinto

«Canção mulher; canção rainha; canção que se evolue dentro dos nossos peitos, ora cheia de encantamentos, ora completa de harmonia, de saudade, falando á dona de uns olhos negros, ou dizendo a beleza de uma face morena de donzela que a gente adora».

«Rainha das cançois».

«E' a canção da minha vida inteira. Canção mulher».

Fulgencio Pinto

Canção mulher!... Canção ideal dos coraçois apaixonados!... Canção sereia!... Canção que dodéja em nossos coraçois como a borboleta gazil borboleteando de flôr em flôr... Canção que se evolue dentros dos nossos peitos, ora cheia de encantameatos, que nos embalsamam a alma em odôres embriagantes, que nos transportam ás rejiois dos sonhos, entre verjéis de rizos e flôres; ora repleta de sétas agudas, que nos dilaceram o coração, que nos arrastam em convulsois de dôres do reino das ilusois fagueiras ao dominio severo da realidade implacavel... Canção misterio!...

Rainha dos cançois, porque é a primeira que o sol beija ao levantar-se do seu leito étereo; que a lua acaricia com seus arjentinos raios; que a briza afaga no seu ciciar dolente; que as flores embalsamam com seu aroma sublime.

Canção sereia, porque ao mesmo tempo em que nos atrai pelos seus acordes maviozos e nos arrebata docemente, nos derrama no peito o fel de uma ilusão desfeita, as amarguras de um desengano cruel.

Canção que dodéja em nossos coraçois como a borboleta gazil borboleteando de flôr em flôr, porque nos beija, nos afaga, nos suga o nétar preciozo do nosso coração —*o amor*— para logo, em seguida nos abandonar, feridos de morte como a flôr, por outro onde este nétar se mostre com mais profuzão, embóra contenha em cada uma de suas gotas uma molecula de veneno que a fulmine, que desfaça seu encanto e lhe arraste para o turbilhão do pó, para o turbilhão do nada...

Canção que se evolue dentro dos nossos peitos, ora cheia de encantamentos, ora repleta de sétas agudas, porque, já se nos enche de prazer, de encantos, nos deixando extaziados, já se nos enche de prazer, de dôr, de tristeza e de lágrimas nos deixando desesperados...

Emfim, canção misterio, porque, ora representa um mixto, de doçura e volupia, ora de esperança e desespero; já a alegria e tristeza; já rizos e lagrimas... Canção mulher!... Canção de rouxinol cantado amor!...

A! quando o creador desta canção conceder ao homem o privilejio de compreender seus acordes, e rasgar o véo que a envolve e forma seu misterio — A VAIDADE —, então será sublime, divina e em vez de ser chamada CANÇÃO MULHER chamar-se-á:

CANÇÃO AMOR!...

Maranhão — Setembro de 1917.

Mauricio Furtado.

Florilejio Poetico

Olhos !...

O'lhos !—ólhos brilhantes, sedutôres,
O'lhos cheios de psalmos, de oraçôis;
O'lhos doces, repletos de cançôis,
O'lhos que, d'alma, me iluminam as dôres;

O'lhos !—ólhos que explendem de fulgôres,
O'lhos de Santa, cheios de oblaçôis;
O'lhos, que vêm das celestiais mansôis,
O'lhos, que dão mais vida aos meus amôres...

O'lhos !—ólhos de canticos, de beijos,
O'lhos de minha amada tão querida,
O'lhos de minha Fé, de meus dezêjos...

O'lhos ! ólhos de lúz serena e forte !
O'lhos por quem morrendo aspiro a vida,
O'lhos por quem vivendo aspiro a morte !

S. Luiz—917. **Clemente Guédes.**

Do «Noturnos»

Zelina

Anjo adorado que o meu ser domina !
Vizão celeste ! Fonte de doçura !
Estrela viva que no ceu fulgura,
Iluminando as flôres da campina,

Coração rico de nobreza fina !
Alma repleta de modestia pura !
Labios que a prece tão feliz murmura,
Para o que sofre desditoza sina,

Lonje de ti, numa ezistencia errante,
Sem lenitivo para esta saudade
Que me tortura, em sensação vibrante...

E a funda magua que me empolga a vida,
Procura abrigo, nesta solidade:
Acha esperança, ó minha irmã querida !

Setembro de 1917.

Francisco de Souza Vieira.

2 de Agosto

Para Fulgencio Pinto

Faz hoje um ano que te vi querida,
Faz hoje um ano que tambem te amei;
Que eu jurei consagrar-te a minha vida...
Na feliz hora em que te procurei.

Hora sublime para mim sentida
De regozijos, quando te adorei.
Rizonho dia, hora inesquecida
Feliz momento... não me esquecerei.

Doce lembrança desse lindo dia
Trago nos olhos e no pensamento,
E' minha vida e meu contentamento !

Eu esquecer ? não posso, essa alegria
Que se passou a tempos tão formoza
Sorridente, falaz e pressuroza.

Cusrino de Azevedo.

Agosto de 1917

TELA SERTANEJA

Ostenta a selva a inflorecencia pura
Da zona tropical.
O vale edor trescala, e, na espessura
Das sebes que se elevam virdentes,
Entôa a juriti nenias dolentes,
A' hora matinal.
E a araponga, gritando na deveza,
Saúda o lindo painel da natureza.

Além murmura a fonte cristalina,
E o regato se esguia
Por entre a relva e ficeas da campina.
E a borboleta de azas multicôres
Liba do calix virjinal das flôres
O nectar que inebria
Palpita a briza em torno das estradas
E o gado muge triste nas quebradas...

Quer seja quando vem surjiado o dia,
Furpureo, encantador,
Ou quando a tarde dece á serrania
E cai por sobre o panorama imenso.
Existe em tudo um traço mais intenso
Do divino pintor.
Que, das belezas que o infinito encerra,
Profuza messe difundiu na terra !...

A flora se engrinalda, os seus encantos
Cauzam doce impressão !
Escuta-se da varzea, nos recantos
O trilo das cigarras que, na sesta,
Cazam com toda a natureza em festa
Um himo á Creação !
E das aves o mixto citaredo
Tilinta arjentea á orla do silvedo...

O sol tomba no ocazo; vão morrendo
Os raios derradeiros.
E a noite chega em sombras envolvendo
Os montes, os verjeis e o prado umbrozo...
Pendem as folhas para o chão relvozo
Os grossos castanheiros...
E a coruja, que aguarda a treva e anceia,
Canta e saltita na alvacenta areia...

S. Luiz **E. Polary.**

AMOR E VIDA

Para Estolano Polary.

O amôr é sempre assim: óra florece
Em nosso coração com alegria,
O'ra esta candidêz desaparece
E surje-nos cruel desharmonia;

Hoje, o amôr nace, entre cançôis e prece,
Entoando-nos tão doce melodia;
Amanhã, o amôr morre, desfalece,
E em nosso coração tudo é agonia...

Dizem que o amôr é qual a vida—tem
Dias bons e tem máos—no entanto existe
Dif rença. Têm sentidos desiguais...

O amôr, deixando a vida, vae-se além,
Mas, volta á vida um dia, embora triste,
Porém, ao amôr, a vida nunca mais !

Clemente Guédes.

Do «Noturnos»

POSTAL

A Maria

Salve-a! de agosto de 1917!

O' ! infinitamente feliz será sempre esta data, porque é a do teu anniversario!

De ha muito a procurava e hoje cazualmente a encontrei.

Viver por ti, nesse circuito de duvidas em que me trazes fechado, será meu destino até que te condôas dessa minha tristeza!

A sinceridade é a mais poderoza força para os corações que a possuem.

Assim, ó altiva esfinje dos meus sonhos! quizera encontrar uma corôa de palmas de Santa Rita, para coroar-te a fronte imaculada e pura!

Acéita, pois, as minha sinceras felicitações!

JAB.

Lagrimas de irmã

Era mesmo assim. Contava apenas dezoito anos, entretanto no seu rosto de moça já se notavam rugas propria de idade madura. A sua vida era um chorar continuo, revelando a dor que lhe cortava a alma. Aos domingos costuma ir á missa. Na igreja,orando ajoelhada ao lado do altar, deixava escapar de quando em vez um suspiro de magua. Terminada a missa, punha-se em caminho do cemiterio. A cada passo que dava, parecia que lhe faltavam as forças. Com os olhos razos de lagrima e o coração pezado de dôr, ela caminhara lentamente, até que chegava á porta da morada eterna do irmão querido. Andava mais um pouco e caia de joelhos junto á branca sepultura. Debruçada sobre a pedra fria do tumulo, permanecia inerte, por muito longo tempo.

Esta cena era repetida a muido, até que uma vez, acordando daquelle estado de letargia, póde apenas dizer, repetindo os versos de um poeta:

Oh morte! oh morte, meu viver é duro
Como é duro no mundo o padecer
Por isso hoje sou eu que te procuro,
Ja que de mim te queres esconder.

Tira-me, oh morte, deste mundo impuro
Pois nele já não posso mais viver.
Conduze-me para onde no futuro
Eu tenha mais um pouco de prazer.

....
....
....

E morreu...

B. Rodrigues.

Essencial problema

Agora que mais e mais se sente o efeito da aparorante crise que assoberba e assombra a humanidade, e que os meios até hoje empregados para ameliza-la, nenhum resultado produziram, resta somente uma garantia para o dia da amanhã, tão segaro, tão importante que reflete em toda a população do nosso Estado.

Essa garantia ai está eloquente, iniludivel, nessa sociedade brilhantemente organizada e dirijida por Adolfo Paraizo, conhecido protetor da pobreza.

A Predial do Norte é realmente, um dos fatores eficazes para a debelação da crise que aterroriza e faz desfalecer as classes laboriozas.

E, nessas circumstancias, não ha raciocinio admissivel que não o de se inscreverem imediatamente nessa Empreza que, mediante uma pequena quantia, assegura aos seus associados, a bela soma de 10:000$000.

E pensar-se que ainda ha esse recurso, essa vação evidente, por si mesma, contra o cataclismo, é se ter as portas do Paraizo, abertas ficando-se acoberto dos efeitos de semelhante conjuntura de afliçõis e perigos.

O momento (não é plajio) não é pois, de explicações, e em tempos dá-los-á, aos que sofrem, a Predial, embolsando-lhes com a valioza importancia de descontos.

Não hesitem e ides inscrever vos na Predial do Norte, a unica reação ao vosso alcance, contra a crise.

Rodrigues d'Avelar.

Dialogo de amôr

(Ao Binicio Rodrigues)

Era sabado.

A lua cheia, ás 20 horas, lançando sobre a egreja de N. S. dos Remedios os seus raios, deixava banhar parte da estrema praça Gonçalves Dias, e tambem a fronte gigantesca do cantor das palmeiras, parecendo-nos até que o rijo marmore em que está gravada as feições do poeta deslumbrava se a comtemplar o soberbo clarão do luar. .

Grupos femininis passeavam a pressados, de um lado a outro da praça, demonstrando o rigor da juventude que se lhes incutia no animo.

De instante a instante era o murmurio dos transuentes, interrompido pelos sons musicais

A lua cheia era em curtos espaços encoberta pelas velozes nuvens que passavam....

Emquanto todos comtemplavam a rainha dos astros o Quirino tambem passeava, a passos lentos, acompanhado por alguns rapazes que ostentavam a farda do exercito brazileiro. Nas suas faces notava-se uma tristeza—era motivada por não ter recebido o cumprimento da menina á quem dedicava afeição, quando esta passou por si.

Aguardo-me para amanhã, quero saber o motivo, murmurava ele.

O pobre rapaz recolheu-se a sua rezidencia, cabisbaixo, melancolico e a desenrolár seu cerebro muitos motivos pela concentração da sua amada.

Pouco dormira durante á noite. Até que os raios fulgurantes do sol vêm penetrar no aposento do rapaz, fazendo-o despertar.

Deixa eu me ir entender com a Chiquita, disse o Quirino ao Ramos, seu companheiro de quarto.

Momentos depois estava o namorado da Chiquinha, n uma esquina, aguardando a sua chegada á janella.

Subitamente ela aparece lançando um golpe de vista para os lados da rua e, quando ele a vê, dirije-se á ella, passando se entre os dois o seguinte dialogo:

—Bom dia, Chiquita.

—Bom dia...

—Então estavas hontem zangada comigo, qual o motivo ?

—Muito simples.

—Explica-me o que houve...

—Ora como te deves lembrar,estavas passeando com um grupo de soldados e quando estás com soldados eu não te cumprimento.

—Não me cumprimentas quando eu estiver com soldados ?!

O sangue fugiu por completo dos labios do rapaz, ao ouvir a confissão da sua amada.

—Não falo, repitiu a Chiquita.

—Porque ?

—Porque são soldados...

—Mas... o que tem ser um homem soldado, não será ele egual a outro qualquer ?!

—Qual... isso não.

—Pois deixa que eu te diga que são eguais aos civis, porque eles corajosamente, vão defender, com seu preciozo sangue qualquer ultraje lançado ao nosso caro Paiz. São esses, a quem agora odeias,que debater-se-ão para a tranquilidade do teu lar e de todos os nossos patricios...

—E' assim...

—Não sabias ?! bem notei que disseste isso por ignorancia, e é preciso notar mais que aqueles rapazes não são soldados de profissão, são voluntarios de manobras; não notaste um disco branco na platina das suas tunicas ?

—Não...

—Pois repara porque é essa a distinção que ha entre eles (os voluntarios) e as praças efetivas.

—A'!... Quirino ! por Deus desculpa-me se te ofendi.

—Diretamente me não ofendeste porém ofendeste esses defensores do querido torrão brazileiro, e por isso julgo-me ofendido. E's uma mulher desmiolada, adeus— disse ele se retirando.

—Quirino, não vae... perdoa-me...

—Adeus, repetiu ele.

—Quirino !... ingrato.. deixas-me por teus com... pa... nhei... ros. . disse Chiquita entre soluços.

—Não... adeus...

Asdrubal.

As nossas industrias

PÃO DE MILHO

Do snr. José R. Moraes proprietario da padaria «Primavera» á rua Direita, tivemos a honra de receber umas amostras de pão de Milho.

De algum proveito nos tem sido essa terrivel guerra que avassala quaze toda a velha europa, pois se não tendo de onde importarmos a mor parte do que consumimos, não tivemos outro recurso senão lançar mão do que temos em caza.

E assim é que nos minguando o trigo tivemos de recorrer ao nosso tão saborozo milho para o fabrico de pão.

As amostras que recebemos são de cheiro e sabor agradavel, mas, sejamos francos, ainda deixa um pouco a desejar.

Com mais esforços e paciencia e o uzo de aparelhos proprios pensamos ser o milho, que o nosso Maranhão produz com fartura, capaz de substituir no fabrico de pão o trigo, que agora importamos por preços fabulozos.

Oxalá que os governos protejam esta iniciativa.

Não desanime, pois, o sr. José Moraes,aquem agradecemos a gentileza da oferta.

Indelevel Recordação

Vouloir oublier une personne, c'est en penser...

A' Cristovam Guerra.

Guardo a florzinha mimoza
Que me ofereceste um dia;
Murcha embora, ela relembra,
Começo de simpatia.

Era um mimoso suspiro
De inconfundivel alvôr,
Simbolizava a pureza
De um doce e casto amôr.

Revendo-o agora sem vida,
Pergunto com melancolia:—
Morreria assim como ele
O começo da simpatia ?!...

ANTONIA.

O Mez Social

ANIVERSARIARAM-SE EM SETEMBRO:

—A 7 a senhorita Santinha Pinheiro.

—A 8 a senhorita Zuleide Costa.

—A 19 o sr. Serafim Teixeira, digno socio dos srs. Moreira & Comp.

—A gracioza senhorita Hilda Lopes, distinta professoranda.

—A 23 a senhorita Amelia Nogueira, aplicada primeira anista do curso profissional do Liceu.

Parabens.

Bernardo Monteiro

A 20 do passado a familia Monteiro viu, com imenso prazer, passar o natalicio do 1.º tenente Bernardo Monteiro.

Inumeras foram as pessoas amigos do aniversariante que compareceram á sua rezidencia, onde lhe foram levar os votos de felicidades perenes.

(Continua na pajina 168)

O colibri e a Florinha

Havia um jardinzinho onde vicava
Mimoza e branca flôr;
Era o simbolo singelo da inocencia,
Da paz e do amôr.

Havia um colibri que se entretinha
Em namorar a flôr;
Que sorrindo perfume lhe dizia:
Oh! da-me o teu amôr.

Porém um viandante malfazejo
A pobre flôr colheu;
Para logo em um ermo de saudade
O jardim se converteu.

Ao voltar o colibri, logo a tardinha,
A flôr já não achou;
E na haste onde era a sua amada
Tristonho se assentou.

Deu o pobre um gritinho de saudade,
Depois... emudeceu;
Chorou... sua esp'rança já perdida,
Depois.. emfim... morreu.

Eu era o colibri, tu a florinha
Que no pobre jardim então j zia;
Eu o amôr—tu a inocencia,
Eu o poeta e tu a poezia.

Dr. Oscar Galvão.

Confissão

Para Cursino de Azevedo.

Anoitecia já quando dos lados do «Santa Maria», um sitio do velho romancista doutor Fragoso, vinha chiando, sob a carga de mandioca, uma carroça tirada por dois garrotes valentes, bufando, cançados de percorrer o enorme estirão amarelo, ladeado de mato baixo e de juremeiras velhas que ramalhavam ao cantar do sudoeste que rompia o bordado de folhas num rumôr de bravas marezias.

A' frente dos bois, Rosa, um raparigaço de ancas salientes, arredava os troncos do caminho e com um talo de pindoba chicoteava alegremente o capim, cantando uma toada altiva da roça que ouvira em tempo de festa na caza do tio Pascoal.

Um desafio ao tinido da viola entre o criôlo Crisanto e o mestiço Anastacio, os dois poetas rusticos que faziam as delicias de festa do Divino Espirito Santo, quando as caixas paravam os seus rufos turbulentos.

O Crisanto rompia com uma voz cheia, de homem de pulmões fortes, retinindo pela sala a dentro.

Venha cá meu camarada
Responda o que eu perguntar
Quero que você me diga
Quantos peixes tem no mar.

Ao que Anastacio respondia logo.

Cerque o mar de roda em roda
Garupé de ponta a ponta
Botemos o peixe em terra
E vamos fazer a conta.

E nesse devaneio d'alma Roza ia cantando, cantando, imitando o choro da viola, sob uma orla branca da tunica diafana da lua, que vinha aparecendo, formoza como uma roza do prato.

Na bancada do carro, assoviando distraidamante, ia Silvestre irmão de Roza, batendo de vez enquanto, com a lamina do facão Americano, na anca dos animaes para espantar as mutucas que os aferravam.

Silvestre, igual a Roza, corpo esbelto, valente, peito saliente, congote de touro e rosto bonito sem barba, era o encanto das raparigas, era o dançarino que sapateava com gosto e arte o balão com o qual sempre o tio Pascoal dava inicio ás suas festas.

Não era só no baião que se mostrava valente, tambem na viola e no pandeiro e mais ainda na armonica que chorava sons melodiozos quando os seus dedos calejados percorriam o teclado, acompanhando com o baixo que rumorejava harmonia, marcando o compasso lento de uma valsa rude.

A carróça grunia cada vez mais com o peso do carregamento.

A lua mais bonita e mais formoza que uma mulher núa, rasgava a tela azul do infinito, coroando a noite com o seu vestuario prateado de luz.

No estofado verde de uma mangueira secular agasalhavam-se as graúnas cantando em unisono a oração da primeira noite de setembro.

Cortando o fogo do luar passa um cordão de marrécas gorjeiando lentamente uma muzica de passaros, aprendida nos campos e nos alagadiços, cheia mansidão, com um remate de poezia camponia.

Ad ante curvas e curvas de estradas.

Cazas avelhantadas cobertas de colmo cercadas de caiçaras negras, mostravam as suas cumieiras antigas em que a maretriz das lonjinquas rejiões brancas vinha em noite de S. João depor um beijo sensual de cristal, arjenteando as palhas, adoçando a areia fina e alva do terreiro em que o bumba saltava, ao ritimo das matracas.

Na caza de forno havia um borborinho alegre; era noite do serão.

As bolandeiras giravam impelidas pelos braços musculosos de dois mulatos fortes.

O rodo corria roncando pelo bujo de bronze do forno, onde a farinha d'agua fumegava, escapando um cheiro bom de mandioca torrada, e os tepitis retorciam-se como cobras ao pezo de grossas toras de madeira deixando escapulir pelas escamas a agua leitosa de que se faz a tapióca.

O carro sempre grunindo fez uma parada brusca á porta da caza de forno, arriando o seu fardo.

Silvestre descarregou as grossas raizes de mandioca que iam entrar em função.

Desatrelou os bois, sacou da camiza suada que cheirava a macho, contraiu os musculos para restaurar as forças, e soltou um grito vibrante que se perdeu pelo silencio da noite.

Ao cuvir aquêle grito, Mariquinha, uma rapariguinha de dezeseis anos, e de bôas carnes frescas, correu á porteira. Era uma apaixonada de Silvestre. Reconheceu o ente por quem pedia em suas orações á Virgem Santa Margarida na hora de conciliar o sono.

—Bôa noite seu Silveste, seja bem vindo. Como vem suado eim!... Trabalhou muito hoje?...

—Trabalhei, Mariquinha, dei o diabo na barroca de Barnabé, o calado desembestou, atirou o carro no vão

do caminho que me fez suar, mas dei uma tunda mestra no pai-degua.

—Conheci sua voz, me lembrei daquela noite que você não conhecia a gente, porque estava dançando com as suas namoradas na caza de nhô Remundo Caho Verde.

Aproveite seu Siliveste enquanto você é moço, sinão, vem a morte e bamba la vai a gente pra debaixo da terra.

—Qua l namoradas, Mariquinha, eu não tenho ess s cousas, isto é so olhar, brincar uma noite de festa, e pronto, namorar só pra divertimento.

—Não diga isso que ofende a Deus... você pensa que eu não conheço uma sua !... aquela, aquela branquinha, a Teodora.

Ah !... você pensa que não se sabe como as couras vão ? Eu sim é que não tenho.

—Não tem porque não quer; é até bonitinha.

—Não tenho é porque não me querem, quem eu quero são me quer, me despreza por cauza das outras...

—Quem é esse que lhe despreza ? diga-me que eu vou busca-lo pelo cós da calça.

—Quem é está nos ouvindo !. . E tá aqui perto...

—Aqui tem só mulheres, Mariquinha.

—Não...

—Diga se você me quer bem, sim ?

—Ora eu tenho vergonha, e depois... o senhor fica zangado comigo...

—Não, isso não, ficar zangado !... Quem me dera que fosse eu, porque assim seria mais feliz e era o homem mais orgulhozo destas band s. Ande, diga, que anoeio. . diga, diga Mariquinha, imploro...

Pois quer que eu diga, la vai, é o senhor mesmo... olhe não va dizer a ninguem, que depois me não quero que me chamem sem vergonha e me apontarem como uma mulher que não tem receio de se declarar a um homem.

—Não, isso não, meu bemzinho, eu sou teu, ha muito tempo que te adoro; julgava que não me amasses, mas hoje sou feliz, feliz como aquela estrela que está ouvindo a declaração do nosso amor.

—Olhe seu Siliveste, seja fiel. Não faça mais como naquela noite, seu mau

—Sim. Deus nos proteja para ser nos sempre felizes. D'ora em diante, amo-te, amo-te com todas as forças de minha alma, e com toda a força do meu sentimento

—Cale-se seu homem, ali vem mamãi, não quero que ela ouça. Vá-se embora descance que serei sua. Até amanhã sim ?

—Até amanhã, minha flor. Adeus pensa em mim e ama-me mais ainda, para ser completa a nossa felicidade...

Silveste af stou-se com a harmonia daquela voz dentro do pensamento, sentindo as pulsações do coração, caminhando tranquilo com o peito repleto de emoção banhado pela luz suave da lua, que vinha cantar estrofes de caridade na calma densa que dormia dentro da noite!..

Namorados... Felizes .. Navegando no lago do Sonho..

Maranhão, 6 setembro 1917.

Fulgencio Pinto.

Na roça

Ao Clemente Guedes

Era noite de S. João.
Defronte á caza a fogueira,
Formando um longo cordão.
Passa-fogo «a menineira»...

—«Tú és meu cravo, Janjão»,
«E tú ós minha rozeira» !
E reinava animação
Na injenua brincadeira.

Diz o Zézinho: —«Chiquita.
Queres tú ser minha roza ?»
—Fala, menina bonita.

—Olha, não dize a ninguem...
Depois, baixinho e medroza.
Vamos passar por "meu bem"...

Jaires.

24 de Junho de 1917.

A luz

E' a alma nervotica e misterioza da natureza infinita.

Serena e albente, na amplidão limpida e azul do firmamento, na esfera radioza das estrelas brancas e dos sóis esplendidos, na transparencia diáfana dos ceus multicôres, no dorso ingreme das penedas e serranias altas, é sempre belo e empolgante o espetaculo maravilhozo das auroras raiando nas fimbrias escarlates dos horizontes largos.

A luz fortalece, vivifica e insufla enerjia a todos os seres criados.

Ela é o fluido etereamente divino e paradizíaco que despertou num oceano de vida a criação adormecida nos jardins tranquilos e silenciozos do Eden.

«Fiat lux» foi a vóz suavissíma e doce de Jeová, que ecoou alviçareira e bôa em todo o ambiente perfumado do Paraizo, acordando Adão e Eva, que, então, se estreitaram felizes num amplexo infinito, fruindo as delicias do primeiro beijo do amôr primeiro.

A luz penetra o esconso incorporeo das cousas abstratas.

Ela tem tambem a sua ação transluminoza no mundo refuljente dos espiritos, na esfera vastissima da inteligencia humana.

Aí, a luz é projetada pelo imenso sol do saber, cujas cintilações e reverberações atinjem os proprios deuses do Olimpo.

Saber! Saber!—seja o grande e sublime ideal de toda a humanidade!

Ateie-se sobre o universo inteiro um incendio de luz, e da humanidade toda desencadeie-se coruscações irradiozas, cintilações santelmicas, imensos vagalhões brilhantes de sabedoria!

«Mehr licht! Mehr licht!»

J. Carvalho Branco.

Pedreiras 10/9/917.

Nilza B. de Godois

Foi a 6 do corrente que contou mais um marco na sua precioza existencia a senhorita Nilza Barboza de Godois, distinta professora interna de Pedagojia do curso profissional do Liceu.

Bem significantes foram as manifestações de que foi alva, nesse dia, por parte dos seus alunos. Pelo 3.º ano lhe foi oferecido um lindo mimo, falando nessa ocazião a senhorita Zelia Martins.

Gilberto Costa

Passou, a 14 do corrente, a data natalicia deste nosso tão querido amigo e professor.

Gilberto Costa, tão reconhecido e estimado no nosso meio, e competentissimo professor de Francez, em diversas cazas de ensino nesta capital, foi no passar desse dia muito cumprimentado por muitas pessoas que lhe foram levar os votos de felicidades.

Ribamar Pereira

A 17 de Setembro viu transcorrer mais uma data do seu natalicio o apreciado amador de baritono José Ribamar Pereira, sendo por esse motivo alvo de uma singela manifestação de agrado promovida pelos seus colegas de «O Postal", o qual estampou o seu retrato.

Agradecemos aos promotores da manifestação o convite que nos enviaram.

NOIVADOS

Da Capital Federal, do nosso confrade Bacharel João Paulo da Silva Caldas, atualmente em Belo Horizonte, recebemos uma participação do seu noivado, a 16 de julho com a senhorita Zaida Mendes Gonçalves, cunhada do nosso ilustre capm. de artilharia Astrojildo Rozemiro da Silva.

Aos jovens contraentes auguramos inumeras felicidades e enviamos os nossos parabens.

Dr. Achiles Lisbôa

De contentamento transborda os nossos corações ainda de adolecentes por rejistrar-mos o natalicio, ocorrido a 2 deste, do dr. Achiles Lisbôa. Ilustre medico e incançavel batalhador pelo nosso levantamento moral, pelo desenvolvimento e eficacia dos nossos esforços, e, emfim, pelo progresso da nossa terra.

Nós que muito admiramos esse ilustre cururupuense não podemos deixar de bem dizer tal acontecimento.

—A tados a "RevistaMaranhense", embora tardiamente, envia seus ardentes votos de felicidades constantes.

VIAJANTES

Fran Paxeco

Regressou, em fins de setembro, ao querido torrão maranhense, o apreciado escritor portuguez Fran Pacheco, um dos maiores conhecedores do Maranhão.

Ao seu desembarque compareceu inumeros dos seus amigos, autoridades do Estado, reprezentantes das sociedades literarias, jornalistas etc, que lhe acompanharam até á sua rezidencia, á rua da Palma, precedidos de uma banda de muzica.

A Fran Pacheco, o eximio autor de "Teofilo no Brazil" a "Revista Maranhense" envia, embora tardiamente, as suas bôas-vindas, augurando que continue a trabalhar pelo engrandecimento da nossa literatura.

João G. de Abréu

Acompanhado de sua exma espoza, acha-se entre entre nós, vindo do Ceará, este nosso esforçado ajente em Cururupú e telegrafista encarregado da estação telegrafica daquela localidade, que fôra ao Ceará á procura de melhoras para a sua saude.

Cumprimentamo-lo.

Herculano A. Parga

Seguiu para S. Luiz Gonzaga afim de exercer, interinamente, a estação telegrafica dessa localidade o nosso prezado amigo Capm. Herculano Anfiloquio Parga, acompanhado de sua exma. espoza d. Maria S. H. Parga.

Auguramos feliz viajem.

Djalma Fortuna

Transferido da estação telegrafica cearense acha se, já em exercicio, na nossa repartição o joven esperançozo poéta Djalma Fortuna, um dos mais fortes alicerces da Sociedade Literaria Barão do "Rio Branco".

Cumprimentamo-lo.

S. José de Ribamar

Animados estiveram os festejos em honra ao glorioso S. José de Riba-mar. Houve dois vapores, o "S. José" e o "Vitoria".

A nova igreja é muito bem construida; o altar mór tambem é muito ornamentado. A missa e a procissão estiveram concorridissimas. Os automoveis estiveram em atividade. Trocaram-se muitas medalhas. Não houve alteração na ordem publica.

MARANHÃO - OUTUBRO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 20

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

A Atlantida

Considerada existente pelos marujos, que sempre rompiam as procelas, em suas pequenas e rudimentares embarcações ela ocupou o espirito delos por um espaço infinito de tempo. Territorio fabulozo, e sobre o qual se dizia muita couza, a Atlantida conseguiu ser descoberta, com o nome de America por um filho ne um cardador de lan natural de Cogoreto, republica de Genova e que se chamou Cristovam Colombo.

Estudando, colhendo apontamentos necessarios, viajando sempre, ele, ao contrario do que muitos diziam, sustentava, e queria mesmo por em stividade um plano—o descobrimento do vacuo assinalado no globo do Behaim,

E conseguio o que desejava, pela sua perseverança, pois não só uma, porem diversas vezes recebeu recuzas de soberanos a que se dirijiu.

Como sempre, aconteceu a Colombo, o que se passa como os homens superiores a uma epoca.

Era ele um homem tão superior ao seu seculo, que poucos, muitos poucos, davam credito ás suas brilhantes teorias, e quasi todos julgavam que estas eram orijinadas num principio de demencia; que eram filhas de uma imajinação exaltada, de um sonho vago... e não de profundos e conciencicozos estudos.

O «Navegante famozo» considerado pelo rei Fernando, desembarcou a 12 de outubro de 1492 na ilha de S. Salvador, qne logo tomou conta, em nome de D. Fernando e D. Izabel I, soberanos de Leão e de Castela.

Essa rejião fertilissima e que tem a forma de duas piramides envertidas e unidas pelos vertices foi descrita per Melchior de Vogué da seguinte forma:

Entre os dois oceanos que lhe asseguraram o silencio, alonga-se uma terra virgem, de um perfil vago de mulher adormecida, a cabeça apoiada ao polo Norte, os pés no polo Sul, a cinta cingida pelo Equador, um braço estirado para a Azia—Alaska, o outro estendido para a Europa—o Salvador.

Vico governador á principio das terras descoberta, recebendo festivamente nos logares em que desembarcou, Cristovam Colombo teve os ultimos dias da sua vida, amargurado pela ingratidão dos homens.

E como a mocidade deve sempre velar pelas datas civicas, aqui nos achamos firmes, rendendo preito á esse feito brilhante, do descobrimento da America, antigamente, suposta Atlantida e sobre a qual se formavam as mais pavorozas lendas.

Dr. Rocha Pombo

O Maranhão satisfeitissimo recebeu a vizita desse ilustre historiador, que ao norte veiu em busca de apontamentos para o trabalho colossal, com que mais uma vez quer enriquecer o Brazil, em 1922, data do centenario da nossa Independencia, cuja comemoração promete ser feita sob as maiores solenidades, como sejam a inauguração de um monumento á marjem do Ipiranga, a decretação do ensino obrigatorio pelo sr. Prezidente da Republica, outros fatos mais, e coroando-os a obra genial do dr. Rocha Pombo.

Lemos e conhecemos a sua historia do Brazil composta de varios volumes, sujeitas ás leis da metodolojia historica, e que de um modo claro e sufficente, inteiranos de que foi o Brazil colonia, o Brazil imperio e do que continua a ser o Brazil republica.

O norte, conforme ele diz é o logar onde a tradição se nos aprezenta mais vive e mais palpitante.

Já Silvio Romero e outros escritores haviam consagrado algumas pajinas de suas obras a este logar em que no dizer de Melo de Moraes filho, a tradição é acatada por esse povo que vive pelo passado de sua terras e «resplandece com os mesmos brilhos de outrora, embalando num sentimento mais suave aqueles habitantes da cidade e os incultos tabaréos desses sertões povoados de seres imajinados, de amôres que plangem ao son da viola, de cantigas sempre ardentes ás sombras das jaqueiras e aos tinir da campanhia da tropa».

A «Academia Maranhense», o recebeu em sessão solene na noite de 20 no Congresso do Estado. A sessão foi aberta pelo professor Ribeiro do Amaral, seu presidente, que nomeou uma commissão para introduzir no salão nobre os dr. Governador do Estado e o dr. Rocha Pombo, que se achavam n'uma das salas desse edificio.

Dada a palavra ao Academico dr. Justo Jansen, este num belo discurso tratou da personalidade de Rocha

Pombo e do valor das suas obras. Em seguida o academico Domingos Barboza, estudou o nosso passado historico, falando dos donatarios do Maranhão; disse não conhecer um estado que tivesse estirfe mais nobre do que o do Maranhão; falou em Gonçalves Dias, João Lisbôa, Sotero, Odorico, Souzandre, Aluizio de Azevedo, Antonio lobo, e outros escritores notaveis que brilharam na nossa terra «de poetas e gramaticos».

O dr. Rocha Pombo num bem acabado discurso, agradeceu a manifestação, que lhe promoviam, narrando a impressão, que tem trazido dos Estados do norte, que tem vizitado.

Exalteceu o povo maranhense, que lhe rendia aquela homenajem, ao qual hipotecava a sua gratidão.

No dia 21 na Camara, teve logar tambem, á tarde uma sessão, em que a União Estudantil «Silvio Romero» recebeu o ilustre historiador, notando-se entre os prezentes o dr. Governador do Estado, alumnas da Escola Normal Primaria, membros da «Academia Maranhense», reprezentantes do Tiro, do clero, do 48 batalhão de Caçadores, e outros pessoas mais. Saudaram-no os socios Raimundo Lopes e Rui Almeida, aos quaes o historiador Rocha Pombo respondeu num circumstanciado discurso.

O dr. Rocha Pombo hospedou-se no Hotel Central, onde recebeu vizitas de reprezentantes de diversas corporações.

Acompanhou-o o eximio pintor Gutman Bicho.

Em companhia do professor Amaral, o historiador Rocha Pombo vizitou diversos estabelecimentos da nossa S. Luiz.

Tomou passajem no «Acre» para o norte.

A «Revista Maranhense» deseja-lhe bôa viajem, assim como ao sr. Gutman Bicho que o acompanha.

E duvidem do amor

O czar da Russia Pedro o grande, indo um dia á caza de um seu ministro, ai viu Marta Shovtonski, uma simples camponeza lavadeira, que em 1701 deixou a caza em que morava para se empregar na de um pastor religiozo que rezidia em Maricuburg.

Não fazia muitos mezes que ai estava, quando uma força armada invadiu a cidade, obrigando os habitantes a deixal-a. O pastor fugiu com sua familia, e a camponeza, depois de ter passado algum tempo no campo tratando soldados feridos, pôde afinal conseguir empregar-se na caza do valido do Soberano, que, por ocazião daquela vizita, ficou encantado pelo asseio da caza e indagou quem o fazia, o que levou o alto funcionario a mostrar-lhe a camponeza. Desde esse dia as vizitas do czar eram mais frequentes, até que uma vez transportou Marta para o seu palacio, seguindo-se em breve o seu casamento secreto. Passaram muitos anos felizes, ele cada dia estava mais enlevado dos primores da sua bem amada, chegando a ponto de preferir os seus conselhos aos dos seus ministros.

Em toda parte, onde ia, era ela a sua companheira inseparavel e por todos recebida com as honras proprias de uma rainha.

So em 1725 foi ela proclamada imperatriz na prezença da corte.

O casamento foi feito com grande pompa e jamais outra rainha foi coroada com tanto esplendor como Catarina I.

Doze mezes decorreram felizes, quando a morte veiu arrebatar Pedro o grande, á pobre Catarina que ficou desolada.

Este choque foi tremendo para ela que passou semanas de dor, chorando o seu querido Pedro e sem querer receber ninguem.

O seu sofrimento se prolongou desesseis mezes, até que contente, viu chegar o dia em que tambem deixava esta vida.

Diz-se que rainha nenhuma houve que colocasse na ponte mais bela corôa do que Marta. Sabe-se que era ricamente ornada das mais lindas pedras preciozas. Tocante é recordar que a ultima palavra pronunciada por esse homem poderozo foi o doce nome de Marta, que ele tanto soube amar e elevar.

José Auguste Correa.

Mãi

A alguem:

Mãi, sacrario divino que encerra o verdadeiro amor!

Quando abrimos os olhos neste mundo de iluzôis, é ela que nos purifica com seu terno beijo; si choramos em seus preciozos seios, encontramos o consolo que é o alimento; si nos vê sucumbido por uma dôr, é ela que vela junto ao nosso berço; e de quando em vez, depozita em nossos labios um beijo de carinho acompanhado por essa doce palavra—meu filho! O tempo começa a correr e ela nos ampara com suas mãos, ensinando-nos os primeiros passos nesta vida de sofrimentos. Crecemos.

Quantos ha que não sabem compensar o amôr de mãi?! Quantos ha que desprezam seus sublimes conselhos?! E ela, mãi, sempre perdôa dizendo; é loucura da mocidade, um dia tornar-se-á um homem ajuizado. Si é uma filha que despreza o caminho da virtude, torna-se uma infeliz, ela, mãi carinhoza, estende-lhe os braços murmurando: tu erraste, minha filha, mas eu concedo-te o perdão! Anda, vem viver ao meu lado. A populaça com voz de zombaria diz: Ela foi uma louca, emfim uma mulher sem pudor!

Si é um filho, que entregue aos vicios mais perversos, um dia encolerizado, empunha uma pistola e mata um seu semelhante, este mesmo povo em alarme grita: condenae-o, ele é um monstro que merece a morte! Emquanto a mulher que lhe deu o ser, que o aqueceu em seus carinhozos seios, sobe a escada do carcere em busca do seu desgraçado filho; e apertando-o de encontro ao coração murmura em segredo para não ser ouvida por outrem: Meu filho, que desgraça foi a tua! A justiça dos homens condena-te; mas eu imploro a justiça dos céos que te absolva; esconde-te em meus braços, talvez os homens vendo as minhas lágrimas se compadeçam e te perdôem!

Esta desventurada mulher dece a mesma escada e percorre as ruas em busca de um amigo que a proteja. Tudo é inutil. Aqueles por quem seu filho chamava por seus amigos, são estes que o condenam e que a atiram no rosto do desgraçado palavras de escarneo. Não tem amigos, acha-se só metido naquele purgatorio atróz da e piação. Unico amigo que vê a seu lado é a sua afflita mãi, que derrama lagrimas de dôr, e vendo, que a sua desgraça não comove o coração do homem, apela aos céos pedindo a Maria, que salve o seu inditozo filho, e perdôe a sua loucura de moço; pois ela, que viu Jesus sofrer, saberá a dôr que sente um corâção de mãi vendo seu filho entregue ao carcere perpetuo da ordenação.

Ser mãi é viver n'um mar de sofrimento, é sorver o calix da amargura, é ter a alma preparada para luta, é nos labios um sôrrizo que traduz um amôr infindo, pois é o ente que mais sofre desde que nos vê nascer até o momento que em seus divinos braços soltamos o nosso derradeiro suspiro.

Gascar.

O melhor amigo do mundo

(Para creanças)

—Adeus, mamãe, disse D. Ratinho.

—Porque adeus? A onde vais? Perguntou D. Rata.

—Vou por ahi a fora, á procura de um amigo.

— Bem, adeus. Toma bastante cuidado comtigo disse D. Rata.

Saío o ratinho e seguiu na direção do jardim que ficava mais proximo e onde entrou ao cabo de alguns minutos por marcha.

Senão quando, ele se encontrou com outro rato do mesmo tamanho, que estava comendo um pedaço de queijo. Este ultimo, assim que o viu, tomou nos destes o que corria e correu o mais depressa possivel. Elle não sabia que D. Ratinho estava á procura de um amigo, antes julgou que quizesse o queijo.

D. Ratinho foi andando, andando, até que encontrou um esquilo muito esperto, com a bonita cauda enrolada num galho de arvore.

—Venha brincar comigo, disse D. Ratinho ao esquilo. Mas este, sem atender ao convite, correu pressurozo para o cimo da arvore, escondendo-se aos olhos do ratinho.

«Au-au-au!»—latiu um grande cão pouco ceante do jardim, e D. Ratinho teve tanto mêdo, que, todo tremulo, se foi esconder num buraco.

Quando tudo se acalmou, sahiu do buraco a um pateo onde diversos pintinhos estavam comendo pequenos pedaços de pão que a sua dona havia posto no prato. E como D. Ratinho estivesse com muita fome, atirou-se ao prato e começou a comer gulosamente, ao mesmo tempo que dizia consigo: «Que coiza agradavel seria ter eu estes pintinhos como amigos e participar diariamente da sua alimentação!»

Mas os pintinhos pensavam de outro modo, e começaram a piar—«piu—piu—piu!»—tão alto, que D. Galinha veio saber o que havia. Chegado, ela ralhou com D. Ratinho, mas ele apezar disso, continuou a comer, de sorte que ela começou a beliscá-lo atrozmente, obrigando-o a deixar o prato.

Quando ele ia sahindo, viu-o o gato da caza, e pulando do lugar onde estava deitado, correu para pegar o maroto. Mas lá fora estava escuro e o capim molhado pelo sereno, de sorte que D. Ratinho poude esconder-se.

Entretanto já era tarde, e que afflição a dele, ao pensar em que seria obrigado a ficar ali durante longo tempo!

Depois de esperar muito, o gato foi embora. Os pintinhos já estavam agazalhados com sua mamã. Então D. Ratinho sahiu do esconderijo, com mil precaçõis deixou o jardim e se foi á caza de sua mãe, exclamando, logo ao chegar: «Mamãe, tú és no mundo o melhor amigo que eu já encontrei!»

Mahlba Mattar.

Os zepelins

De um quadro da guerra

Ainda de manhã Ruth chamara pela mamã e pedira-lhe o vestido branco de sêda que ganhara do papai no dia do seu aniversario natalicio. Ia para a escola.

—Porque não vais com o outro vestido. Assenta-te mais. Guarda, tolinha, o de sêda para dias melhores. Não o estraga assim na escola. Olha que é lembrança do teu papai. Somos pobres.

—Não mamãi, eu o acho tão bonito! Não é? O outro é feio. Para mim os vestidos de sêda branca são tão lindos!...

Tenho vergonha de aparecer no meio das outras com aquele vestido feio.

Feio?!... Tola!... Tola!.. Porque não sabes que as couzas simples são mais belas. Simplicidade é graça.

—Não mamãi, as outras mangam muito de mim, muito mamãi, as filhas do medico. Vou dizer a professora e ela faz é me passar carão. Parece que tem raiva de mim. Dou lição bôa. Que mal lhe fiz? Porque é isso? Hein?

—Ai minha filha, não te importes. Se fores com o vestido branco é peior, muito peior. Tuas inimigas ainda descobrirão defeitos, subtilezas e banalidades. Estuda. Estuda. E' melhor. Sabes a lição?

—Sei sim! Mas não vou com o vestido velho. Não vou. Sim?

—Veste-te filhinha. Está aqui a roupa. Acaba e vem tomar café. Calça-te.

.....

—Está prontinha, hein? Pois tenha cuidado. Olhe os Zepelins. Os alemães ameaçam a nossa Beljica.

—E quem são estes alemãis que todo mundo tem medo deles?

—A! minha filha, são uns barbaros. Arruinam nossa Patria, reduzem-na a um montão de negras ruinas, penetram em nossos lares e os deixam vazios, desfeitos ao vento, deshonram as mulheres. Malvados, felhinho! Barbaros! Barbaros! O le-ões, são nossos inimigos. mataram teu paizinho em França.

—Que gente malvada! O que papai lhe fez?

—Nada, defendeu a Patria.

Agora, filhinha, vá pela sombra. Cuidado.

—Sim, mas esta noite tive um sonho horrivel, triste, mamãi, muito triste! Sonhei... sonhei com um passaro preto que voava bem perto de mim. Fiquei com medo, era tão grande!... Fui olhar, mas... Jezus!

—Que?

—Morri! O passaro me agarrou e levou.

—Morreu? Terrifico! Terrifico! São os medonhosiZepelins que arruinam e incendeiam barbaramente as nossas cidades. Não vais a escola hoje.

—Que tem? Os sonhos não querem dizer nada. São simples sonhos.

—Sim, mas o coração me diz, me profetiza alguma desgraça. Tenho um presentimento. Coloca as mãozinhas no meu coração. Bate. Bate. Não sentes?

—Mamãi pensou que ia morrer e ficou assim. Vou, não tem nada.

—Pois bem, filhinha, vá. Dá-me um beijinho. Tenha cuidado, vá pela sombra muito quietinha, muito quietinha.

.....

Voltava da escola radiante de contentamento pela vitoria que alcançara. Mofaram do seu galante vestidinho, mas estava alegre. Bem compreendera que por traz da critica das inimigazinhas passava uma nesguita de inveja.

Caminhava apressada, quando atraída por um bater sutil de élices, olhou para o céu embruscado. Que susto! Muito branca gritou transida de médo: «Mamãi!...» E correu...

Era um Zepelin, negro e terrifico, que voava bem perto como um passaro agoreiro da tarde, vôa derramando uma sensação de trajico e de funebre.

Outro dirijivel rampeu por traz das nuvens e a primeira bomba expludiu.

Ruth caiu prostada. Um estilhaço de granada veio feril-a gravemente. Um guarda acudiu e tomou nos braços a criança que tristemente murmurava:

—Não diga a mamãi que o vestido se rasgou e nem que o ferimento é mortal. «Ela vai chorar tanto!...

Amarante—Piauí.

Erasmo Castro.

O Anemico

Dizem que quanto mais se vive mais se vê e aprende!

As vezes é dificil explicar-se certos cazos, que só me parecem filhos de infantibilidades propozitais.

Os leitores sem duvida ficarão pasmos com a leitura do que lhes vou contar, porque a historia é imbecil e inacreditavel. Inacreditavel porque, apezar de ver, fiquei nas duvidas da realidade.

Foi em meados do ano passado, quando andava em comissão pelo interior do Estado, que impressionou-me a maneira pela qual muitos dos nossos conterraneos *aplicam remedios*, que eles chamam—de caza, do mato, etc; e que chamarei tambem—do quintal—porque se trata de ossos cêcos de pernas de galinha.

E foi assim que, certo dia, ao chegar em caza de um meu conhecido alfaiate, um senhor mais ou menos *escovado*, metido as vezes a Nick Carter, encontrei em cima das janelas uma tijela grande, cheia de um chá que nada tinha de corado!

No fundo da referida tijela descancavam uns pedaços de alguma coiza que me pareceram—ossos de galinha!

Interroguei-o sobre aquele misterio!

Respondeu realmente o que eu pensava, isto é, que era chá de ossos sécos de pernas de galinha!

Para que serve? perguntei.

Ai meu amigo! os senhores na capital se deixam elevar só pelos medicos!

Qualquer couza que sentem, chamam um medico.

Por cá não tratam os desses senhores; e, conforme acaba de verificar, entre os nossos muitos *remedios*, está esse, que serve para anemia profunda!

Vejam bem os leitores,—chá de ossos sécos de pernas de galinha para anemia profunda!!

E continuou: os medicos, quasi sempre, só querem rios de dinheiro!

Nós não gastamos nada com esses tratamentos, pois que, em meu armarinho, tenho ingridientes tais, que até me vexo de mostra-los.

Daqui em diante entrei a raciocinar o cazo, e perguntava a mim mesmo: será possivel que se trate de um curandeiro! de um *paje*?

Mas ao mesmo tempo refletia e achava impossivel que aquele cidadão pertencendo a panelinha das autoridades, locais, isto é, sendo uma das autoridades insultasse a si proprio com a profissão de *paje*.

Em todo cazo, não ha que duvidar, porque, nos tempos atuais, poucas são as autoridades que não infrijem as leis. São crimes e mais crimes, todos por demais nojentos!

O certo é que, algum tempo depois, chegava um medico, e esse senhor com a sua peculiar palidez foi um dos primeiros a procura-lo para consultar!

Eu, ao encontra-lo consultando com o medico, admirado interroguei: então, que é isso?

Que é feito dos ingridientes do seu misterioso armarinho?

Meio atrapalhado e tremendo, respondeu: o medico, meu amigo, ainda que nos cobre um absurdo, é sempre o medico!

E, um senhor doutor!

Fitei a fisionomia do palerma, e não mais lhe tratei nada, porque reconheci o quanto de responsabilidade ia na sua preocupação.

E assim meus caros leitores, eis aí a receita do matuto, a meu ver imbecil e prejudicial para quem sôfra de anemia profunda ou outra qualquer molestia.

Pois então, aquele *sabio*, não compreendia que *ossos seccos de pernas de galinho* não podem ser remedio para cousa alguma?

E, vejam bem, que só serviam os osssos da perna!...

E' vergonhozo e triste!...

Jota Va.

LINGUA PORTUGUEZA

Pessôa de minha amizade, que é um dos ornamentos da nossa sociedade, entrega-se muito ao estudo da lingua portugueza, e tem uma leitura vasta e abundante de bons escritores: Ultimamente leu as Farpas e colheu os eguintes trechos de Eça de Queiroz, sobre os quais conversamos e abaixo direi a minha opinião.

Eil-os;

1—Alguns senhores deputados miam de gato.
2 Todo mundo estava admirado de tanta inocencia infantil.
3—Mas tambem nos não procura inteiramente inutil que, visto acharem-se ali reunidos, esses operarios, etc.
4—Estes pobres indios arrastam na vadiajem os sapatos rotos, etc.
5—Sai para a rua e vem fazer babadé para defronte da caza do comandante
6—Os policiais então davam-se ponta-pés
7—Depois abençoava-os
8—Porque então torna-se difícil.
9 Todavia parece-nos discutivel.
10 Porque naturalmente depois é se obrigado a pagar mal.
11 Isso encontra-se ainda menos num drama.
12—Então os senhores arriscam-se a criarem bolôr?
13 A immundice apodrenta em socego.
14 O que? (em quantidade).
15 Que no Chiado fuma-se
16 O homem, de resto nunca deve dançar.
17 Ainda a sua lejenda faz suspirar de amor.
18 Somente arruina-os

Tocarei somente nos pontos de duvida, o mais ligeiramente possivel.

1 Miam de gato. E' expressão pleonastica, sem duvida, aplicada figuradamente aos snrs. deputados. Quantos e quantos apenas miarão!

Isto não é só em Portugal.

O nosso senado por exemplo, hoje é quasi um deserto da eloquencia, mormente quando o grande vulto, que é Ruy Barboza, faz pauza nas suas formozissimas orações.

2 Todo mundo, *tout le monde*, tem certamante um resaibo do francez, mas só os perros é que ainda cuidam disso.

3 Visto acharem-se

Eu prefiro: visto se acharem, porque visto aqui desempenha o papel de prepozição, e esta atrai são bem como a conjunção de subordinação, o pronome obliquo.

4 Vadiajem. F' termo já rejistrado no dicionario de Candido Figueiredo.

5 Para defronte da caza. Eu não gosto de locuções muito longas, como esta: *para defronte de*, mas rigorosamente.

Implico com tudo o que é longo, não tolero o objeto *directo esporadicamente preposicional*, expressão de legua e meia creada por Fausto Berreto

Hoje muito dizem que os periodos de Lazino Coelho cançam por longos, e eu peço licença para dizer que o nossso inovidavel Odorico Mendes abuzou na tradução da Eneida, creando palavras de muitas silabas.

6 Então davam-lhe.

Não eu diria: então lhe davam; o adverbio tem força atrativa

7 Pela mesma razão: depois os abençoava e não: depois abençoava os.

8 Porque então torna-se. Qual! Isto nunca! Porque então se torna, dupla atracção da conjunção e do adverbio.

9—Todavia parece-nos, tambem não: todavia nos parece.

10—E'-se. Qual! isto nunca foi portuguez, nem será digam o que quizerem os toilos; eu cá tenho comigo muito bôa companhia, C. Figueredo, Adolfo Coelgo, Duque Estrada, Herculano, Camões, Ernesto Ribeiro.

11 –Isso encontra-se, uns dizem assim; outros, porem, preferem, isso se encontra.

12—Arriscam-se á criarem. Si isto fosse portuguez, eu aplaudiria um meu antigo chefe que dizia: podem sairem, vocês hão de verem.

13—Apodrenta. Este verbo está rejistrado nos dois dicionarios que tenho á mão de Domingos Vieira e de Candido de Figueiredo.

14—O que? Para mim não ha duvida de que não é expressão correta. O pronome interrogativo que como muito bem estabeleceu Sotero, tem consequente claro ou oculto: que queres, ou que couza queres. Este «o» é uma escrescencia.

15—Que no Chiado afirmava-se: O snr. Paulino de Brito que fique com as suas colocações absurdas do pronome e justifique a citação Eu diria com os mestres da lingua que no Chiado se afirmava.

O homem de resto nunca deve dançar. Eu não diria *de resto*; empregaria uma expressão conclusiva portugueza: finalmente, enfim, além disso; mas Herculano cometeu fraqueza identica á de Eça e isso tem talvez contribuido para o uzo e abuzo dessa solução franceza.

17—Lejenda é palavra rejistada no dicionario de C. Figueiredo.

18 Somente arruina-os. Eu diria: somente os arruina, porque julgo que o adverbio somente atrai o pronome obliquo *os*.

Permitam-me que ao concluir diga que em meus artigos sai muita couza que me cauza contrariedade, mas tenho de me resignar.

Por exemplo: Si quero dizer: o morto já não ouve, escrevem: o morto já não houve.

Isto me faz lembrar o despacho de um ilustre chefe de repartição, nestes termos: houvido o interessado, proceda-se ao assentamento.

Quando li esta beleza quo me foi mostrada, pesguntei: o sr. já publicou esse despacho? e ele respondeu-me: já, e lá ficou o injustificavel *houvido*.

Dou esta explicação para me não culparem de tantas faltas que não são minhas.

José Augusto Correa.

Florilejio Poetico

Duas almsa

A' minha idolatrada noiva Zaidinha, a alma dos meu: sonhos.

Na longa estrada da existencia, um dia
Vimo-nos juntos, sem pensar, no entanto,
Que entre nós mutuamente se devia
Encontrar esse amor que é meu encanto:

Sentiste o que eu senti numa alegria;
Sofreste o que sofri num mesmo pranto...
-Choras comigo a mesma nostaljia,
Comigo cantas esse amor que eu canto !...

Vamos nós dois assim. Os nossos sonhos,
Cheios de amôr e cheios de ventura,
Vão-se tornar em breves tão tristonhos:

—Bem longe dos meus olhos os teus olhos,
Chorando a dor, chorando a desventura,
Guardar distancia por um mâr de escôlhos!

Rio, 11—VIII—1917. **João Caldas.**

VIRGEM TRISTE

Ao Mauricio Furtado.

Vês tu éssa que passa tão choroza,
De ôlhos sem lúz e rosto macerado ?
Outr'óra, no bom tempo já passado
Das Virjens, fôra a vírjen mais formoza ;

Tinha nos lindos lábias côr de roza,
Um sorrizo gentil todo engraçado
Que me trazia prezo e apaixonado...
Das virjens fóra a virjem mais formoza ;

Hoje, coitada, vive entristecida,
A seguir o destino tão profundo
No corrêr da existencia mentiroza...

—Quem não-na vio julgará na vida
Que éssa que passa triste pelo mundo,
Das virjens fôra a virjem mais formoza ?

Rodes

Um cair da tarde

A tarde vem caindo... Palmeirais
Rezam psalmos de tristeza, infindo,
Enquanto o sól além se vae sumindo,
Deixando-nos saudades imortais !

Tarde de outono... Os bois já vão seguindo
Em demanda de abrigos, de currais...
E as cantigas das tardes hibernais,

As virjens dos sertões cantam sorrindo...
Vem a noite. Na velha freguezia,
N'um todo de tristeza e de orações,
O campanario sôa—«Ave-Maria»...

E um bando de falenas, triste, adeja,
Enquanto lá nas voltas dos sertões,
Chóra a cigarra—a monja sertaneja !

Clemente Guédes.

Do «Noturnos»

NO MEU LIVRO

A minha mãe

Nas folhas santas deste livro amado,
De puro amôr e cântico rizonho,
Em lêtras dôiro com firmeza exponho
Teu doce nome, mãe, imaculado.

Este é meu livro, o cofre consagrado
Das minhas esperanças: é meu sonho :
Ai releio em meu vivêr tristonho,
As pálidas lembranças do passado ! ..

E estes versos que nele vês rimando
Simbolizam com crença e singeleza,
Dulçurozos idilios de amizade...

Vês ? E' simples, porém, analizando-o,
Cada folha contém uma tristeza
Contêm cada tristeza uma saudade.

(Do «Noturnos ») **Clemente Guédes.**

ACROSTICO

(Num postal)

Zaida ! Jardim florido, sonho dalma !
Alento de esperança e de ventura;
Luzão dum amôr que não se acalma,
De encanto feito e feito de ternura,
Ardorosamente, numa vida incalma !

Guia-me os passos neste meu caminho,
Orvelha a estrada com os teus encantos,
Noiva do amôr ! Meu sonho de carinho,
Consolo de uma vida só de prantos...
Alma do bem, nacida duma flôr,
Lago azul que desfez um mar de espinho
Verde mar, que desfez pezares tantos !...
Embala no meu peito o teu amôr,
Supremo encanto, sonhos dos meus cantos !

Rio, 3-VII-1917 **João Caldas.**

Soneto

Para o fas.

Porque, Maria, tanta crueldade ?
Que fêz, sôpro de Deus, o mizerando ?
Então, por ter amado e vir amando
a mais formoza dentre a humanidade,

merece ele a afeição ? O' Caridade !
Porque negas a luz que a quem implorando,
ao nome amado está ? Eu julgo quando
te mostras, impiedosa divindade,

que, d'aquela Maria verdadeira,
apenas tens o nome. Era o carinho
que á alma, dolorida ou prazenteira,

depressa ele ofertava. Vem ! Imita,
a mãe do Redentor, neste caminho
tambem de trevas. Vem, alma bemdita !

16—X—17 ATHOS.

Catecumenos

A historia da catequeze dos indios no Brazil representa se ornada de fatos, que provam a perseverança dos jezuitas, que só, levando como guia o crucifixo, e tendo como objetivo a realização do ideal, de que eram defensores, seguiam amparados pela sua fé, em busca daqueles que iam reunir em aldeias, ministrar-lhes os principios de religião cristã e tornal-os civilizados. E iam bem satisfeitos, no dezempenho de sua tarefa. Passavam vezes muitas, privações, muitos deles morriam atravessados de setas quando procuravam chamar o incola para a religião de Cristo. Vindo com os governadores gerais, os jezuitas aqui fundaram colejios em S. Vicente Piratininga e outros logares.

«A 10 de julho de 1562 assaltaram Piratinirga os indios, que para issso se reuniram nos arredores da vila divididos em dois bandos, sendo o mais poderozo capitaneado por Ururahy, e outro por um sobrinho dele, que se distinguia por animadversões contra os catecismos. A resistencia foi igual ao cometimento, posto que fosse ao que sofria a destimidez de Tibiriça e as exhortações dos padres que, em numero de 10, trazendo as vestes sacerdotaes se envolviam com os indios, animando-os e prometendo-lhes recompensas eternas».

Os catecumenos lutaram e lutaram muito com os indios e com o propr o colono que os queria escravizar os segundos; longe de pensarem os colonos como os romanos que limitaram o numero das cauzas que faziam o homem perder completamente os seus direitos; faziam praticavam toda a sorte de depredação, aproveitavam-se da sua autonomia para impor cauzas absurdas que o gentio, repelia, altivo com toda energia de sua raça, que nunca se conformou com a escravidão.

A introdução de jezuita no Brazil favoreceu muito para normalizar mais o estado social, nesse tempo, em que os principios de moral eram mal conhecidos.

E não é só isto, com a chegada dos discipulos de Lojola aqui inaugurou-se uma nova epoca da historia do Brazil, porque eles, em defendendo a liberdade do indio, defenderam então a cauza da humanidade.

10/8/917. **José Leopolpo.**

Axixá

Concorridissimos estiveram os festejos efetuados sobre a comemoração da elevação de Axixá a categoria de Vila.

Sabado á noite zarpou do nosso porto o vapor «S. José» levando o exmo. sr. dr. Governador do Estado e familia, drs. Leoncio Rodrigues; Demostenes Macedo e familia, Porciuncula de Morais, Carlos Reis, coronel Ignacio Parga, sr. Demostenes Veiga, professores Raimundo Campos e José Monteiro, estudantes do Liceu farmaceutico João Carvalho e familia dr. Raul Pereira e inumeras pessoas.

Domingo às 11 horas aproximadamente, desembarcamos e fomos recebidos pelos chefes politicos daquela localidade, e pelo povo axixaense.

Fomos para a caza da Camara, onde houve uma sessão em que assumio as funções de intendente o sr. Felipe de Andrade que num eloquente discurso agradeceu a sua eleição. Em seguida falaram diversos radicaes oradoras entre eles o dr. Leoncio Rodrigues, dr. Herculano Parga, duas meninas alumnas da professora e outros, sendo todos bem aplaudidos.

Voltamos segunda-feira á noite satisfeitissimos da maneira gentil porque fomos tratados pelo povo axixaense e mais do que tudo pela familia.

Publicaremos brevemente a impressão desse logar e de outros, que um dos nossos companheiros trouxe em seu caderno de notas e congratulam-nos com o povo de Axixá, pela vitoria obtida.

SAUDOZAS RECORDAÇÕIS

On revient toujours, à ses premières amours...

Na hora em que o dia, saudozo, vai partindo, e a noite, medroza vem estendendo seu negro véo de sombras, na hora em que uma nevoa de tristeza punjitiva envolve as couzas vivas e as couzas inanimadas, morreu aquele afeto que ligava as nossas almas...

E, relembrando aquela epoca querida, aquele tempo feliz, que foi como um raio de sol nas trevas do meu coração, penso que quanto mais se dezeja esquecer uma pessoa, mais se pensa nela...

Recordando, revejo todo aquele encadeamento de flores que foi o meu passado, as palidas vizões das ilusões, fenecidas pelo sopro devastador do tempo?... Mas, a pouca esperança que ainda resta, fazendo reviver na minha memoria o passado feliz, me anima a suportar o prezente e esperar o futuro. A ti, as saudo as recordações de minh'alma onde teu perfil ficou exarado para sempre, emoora tenha morrido aquele afeto que nos ligava pelos elos do amor.

AUSLTINTERVAUS.

CARTA ABERTA

Ao Carlos Eugenio

Volvendo as delicadas pajinas da «Revista Maranhense» deparei com um postal dedicado a Maria E. Varela.

Esse póstal encerra um suspiro de uma alma que em tempos idos foi ludibriada pela seta da ingratidão de um ente a quem consagrava verdadeiro amor. Fazeme crer que o amór que sente por outra é somente uma pura iluzão, ou amar atualmente por distração, visto os cinemas, os bailes, não te satisfazerem, fazendo-te esquecer um amór que já foi teu.

Não é verdade? Mas, este teu novo pensar faz-te tomar assento ao lado daqueles que não sabem conjugar o verbo amar. Caro colega, perdôa a franqueza, mas, acho-te completamente errado. O amor é o orvalho que que Deus derrama em nossos corações, para amenizar os martirios da vida. Quantas vezes nos sentimos sem forças para suportar os rigores da sorte, e o olhar, as palavras do ente amado nos dão coragem para afrontar todas dôres e trabalhos da existencia!? E logo após, nos vem o arrependimento, porque sentimos o nosso coração pulsar por outrem que nos ama tambem?!

Se alguem não soube compensar o teu amôr, é pela simples razão de nunca ter sentido por ti este sentimento sublime. Quem ama sinceramente não esquece. Ela nunca te amou. Deves lançar sobre o passado o desprezo e continuar amar verdadeiramente, tendo por guia a esperança. E' essa a nossa companheira inseparavel tanto na vida de alegrias, como no oceano do sofrer. Adeus sim caro colega; agradeço-te o gentil postal e dezejo ver-te em breve esquecido deste amôr que tanto te martiriza a alma. Até breve!

S. Luiz, 9/7 **Maria E. Varela.**

O 5 de outubro

Como esperavamos o dia 5 de outubro revestiu-se de grandes solenidades desde o alvorecer.

No consulado portuguez, o sr. Fran Pacheco consul de Portugal, deu recepção ás altas autoridades.

A' noite realizou-se uma sessão comemorativa do setimo aniversario da existencia do rejime republicano em Portugal

Para a qual foram convidados todas as autoridades, familias e demais classes sociais

A meza fôra prezidida pelo Sr. Dr. Intendente Clodomir Cardozo, a convite do sr. Fran Paxeco quem n'a abrio.

Por algumas intelijentes alunas colejiais foi cantada a «Portugueza» que agradou bastante, falando ijeiramente o sr. Fran Paxeco que fez sentir á todos o seu ardente desejo de ver, breve, por terra o poderozo Imperio alemão.

A liceista Maria Lira, disse com muito ritimo uma bem inspirada poezia.

Em seguida a galante e futuroza menina Hildenora de Gusmão C. Branco, 4ª anista da Escola Modelo «Benedicto Leite», e dedicada filhinha do nosso assignante sr. Hermelindo de Gusmão C. Branco ex-major do Corpo Militar do Estado, recitou com alma e castidade o maviozo soneto do escritor Augusto Meira intitulado «Portugal», que foi muito aplaudida até ao levantar-se o escritor Domingo Barbosa que, em nome da Associação da Imprensa, hipotecou a sua solidariedade para com a republica irmã.

Ao fechar, o sr. dr. Intendente, a sessão, de novo suou naquele recinto a «Portugueza» pelos ecos infantis.

A «Revista Maranhense» que vê, no dia 5 de outubro, um dos grandes exemplos luzitanos, fez-se reprezentar pelo nosso companheiro Clemente Guêdes.

O Mez Social

Candido Aires

Este nosso prezado companheiro de redação completou a 3 do corrente mais um ano de sua util e proveitoza existencia.

Candido Aires que de alguns tempos desta parte vem trabalhando ao nosso lado, outr'ora como colaborador e atualmente no corpo redacional da nossa modesta revista, tem prestado relevantes serviços a mesma.

Embora vivendo no meio comercial, nas horas de descanço se entrega ao cultivo das letras.

Nós, que temos em o Aires um verdadeiro amigo, enviamos daqui pelo motivo do seu aniversario os mais sinceros parabens.

Alipio Bandeira

Transcorreu a 10 do corrente, a data do aniversario natalicio do nosso assiduo leitor Alipio Bandeira Sobrinho.

Por esse motivo enviamos-lhes as nossas felicitações.

Maria V. de Oliveira

E' com bastante júbilo e prazer que rejistamos o natalicio da jentil senhorita Maria V. de Oliveira transcorrido a 22 do andante.

Na sua rezidencia, desde o alvorecer dáquele festivo dia, recebêra de suas amigas e colegas as manifestações de apreços por tão auspicioza data.

A «Revista Maranhense» que vê em Colinha Oliveira um dos ornamentos da nossa alta sociedade, e sua assiduissima leitôra e assinante, tambem envia-lhe as suas altas e amistozas saudações.

Paula Barros

Entre as alegrias do seu lar verá transcorrer a 31 do corrente mais um ano de existencia o apreciado pintor Paula Barros tão bem conhecido pelo seu inspirado pincel de artista abalizado. Quantos belos quadros não temos nós fixado perplexo ali na sua modesta lenda de trabalho, á rua do Sol, contemplal-os, demonstrando a grande competencia de artista.

A "Revista Maranhense" envia, ao ilustre aniversariante, as suas efuzivas srudações.

TALECIMENTOS

Faleceu, a 4 do corrente, a exma. sra. d. Ana B. Gomes de Castro, irmã do falecido senador Gomes de Castro.

O enterro da infeliz senhora saiu da sua rezidencia á rua do Sol, notando-se grande acompanhamento.

A' familia Gomes de Castro enviamos os nossos pezames.

—Faleceu tambem neste mez, o coronel Alexandre Colares Moreira, que tão juteis serviços prestou á nossa terra.

A sua morte foi bastante sentida, pois o extinto contava no nosso meio muitos amigos.

A' sua familia enlutada nossas condojencias.

Animada esteve a luta de foot-ball travada entre os clubs "Benjamin Constant" e o da "Fabril" no campo deste ultimo. Aquele saiu vitorioso com 2 pontos contra 1.

AS PUBLICAÇÕES

Honraram-nos com as suas visitas os seguintes: "O Ateniense", "O Postal", "O Norte", "O Bloco", "Jornal de Caxias", "O Jornal Batista", O Popular" "Norte de Goyaz" e "O Leitoral".

Muito agradecemos prometendo ora breve retribui-las.

O DOMINGO

Jornalzinho de bom formato, sustentado por um grupo de valentes rapazes do nosso nucilo, e que muito tem agradado ao publico. Traz sempre variados assuntos, em proza e verso, onde brilha o humorismo.

Desejamos-lhe longa vida.

REVISTA CRISTÃ

Orgam da propaganda protestante, dirijida pelo tão conhecido professor e ministro protestante sr. Miners, é esta Revista de leitura variada e agradavel.

Felicitamos os denodados propagadores da doutrina de Lutero por mais esta vitoria e almejamos a nossa confrade futuro brilhante.

A FITA

E' este um jornalzinho que não pequemos sucesso já vai causando no nosso meio.

Tendo a sua frente um grupo de rapazes sempre alegres, traz numerozos «traços e troças» leves e agradaveis.

Desejamos-lhe numerozos leitores.

Casa de Armador

—DE—

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo directamente da Alemanha, efetua enterros desde os mais luxuozos aos mais modestos, por preços modicos.

Atende chamados, prontamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

RUA DA MADRE DEUS, 26 OU 31

Entre a mesa e a Elegancia

---Já compraste os sapatos dos ultimos modelos?

---Não...

---Então compra-os na CASA BORDALO, á rua Grande, n. 27, que recebeu as maiores e mais chics novidades do Rio de Janeiro.

"Pharmacia do Norte"

—Praça João Lisbôa, 12.—

Entre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empresa Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal Bromil, Balsamo, Café Nanegante, Café Beirão, Dermiol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opodeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Ramz, etc. etc.

22.000

E' por quanto se obtem um fato de brim Kaki, bom e que não desbota de côr, calças e paletot bem feito, na

ALFAIATARIA GUÉDES

á Rua de Sant'Anna, n. 3, canto com a rua 28 de Julho

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 865.547$000

1.º N. 3926—Filhos de Raimundo Alves de Freitas, rua do Alecrim, 28.

2.º N. 1473—Adelina Sarapião de Oliveira e Raimundo Rodrigues de Oliveira, residente em Parnahyba.

3.º N. 3[illegible]—Armando Arthur dos Reis Ravol, rua de S. Pantaleão, 7.

4.º N. 3745—D. Hortencia Dias Vieira, rua das Barraquinhas, 18.

5.º N. 704—D. Antonieta Furtado Mavignier, residente em Parnahyba.

7.º N. 976—Coronel Raimundo Antonio Macieira, rua da Madre Deus, 54.

8.º N. 619—D. Odette de Moura Soares, residente em Thereziua.

9.º N. 1876 Newton Pereira da Silva, rua de Sant'Anninha, 68.

10.º N. 2152—D. Raimunda Casemiro dos Santos, residente nesta cidade.

CASA NO VALOR DE RS. 1:800$000

1430 Adenson Ramos de Almeida, residente em Parnahyba.

Maranhão, 16 de Outubro de 1917.

Claudino Netto

Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Parente

Director-Gerente

Padaria Primavera

DE JOSE RODRIGUES DE MORAES

RUA DIREITA n. 35

Nesta padaria encontra-se:

PÃES de primeira qualidade, feitos com a melhor farinha que vem á esta capital, saborozos PÃES DE MILHO, preparados com asseio, CHOCOLATE em pães e em latas muito procurados pelo sabor que oferecem.

Encontra-se tambem AGUARDENTE CAPIM-LIMÃO e muitas variedades em bebidas.

Livraria Ingleza

—Rua Afonso Pena, 16—

Esta conceituada livraria convida a todos os seus freguezes, afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores.

E' a livraria que vende mais barato

Moldura Elegnte

PINTUR-GRAVUR-ESPELHAÇÃO

A casa que mais barato vende: Espelhos, Vidros Imagens Estampas e Molduras.

Confecção de retratos, a oleo, Postal, Creyon e Ampliações, em qualquer tamanho, garantindo se semelhança perfeita.

Unica que tem sempre bello sortimento de Imagens de madeira e terra cota.

Officina de Espelhação e pessoal habilitado para collocação de vidros fora do Estabelecimento.

PAULA BARROS & C.

RUA DO SOL, 17 A (em frente ao Theatro S. Luiz)

Rs. 2.600.000

Vejam qual é o premio que a CREDITO MUTUO PREDIAL com sede nesta capital, a rua da Cruz n. 91, vai distribuir aos seus preclamistas no sorteio de 4 de Novembro futuro, mediante a ridicula quantia de Rs. 18000!...

Esta sociedade manda levar o premio no domicilio do felizardo.

Habilitem-se!... **Habilitem-se!...**

REGULADOR GARRIDO

(NÃO HA RIVAL)

O remedio mais soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorrhea, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, da Blenorrhea, o Chôro, as Purgações Chuicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras, o Catharro do Utero a Suspensão da Menstruação, A aqueo Nervoso, a Falta de Menstruação, a Palidez das Moças e o Rachitismo das Moças.

O Regulador Garrido, o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

O «Regulador Garrido» pode ser uzado por longo tempo e em qualquer occasião, sem causar mal qual algum ao doente.

DEPOSITO GERAL, na Farmacia GARRIDO, de GARRIDO & PACHACO.

RUA OSWALDO CRUZ, 19 **Maranhão**

OURIVESARIA PEROLA

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouterie.

Adereços, meios-adereços, brincos, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anneis, abotoaduras, alfinete de gravata, trancelim para pescoços, porta-lequ voltas de cordão, teteias etc.

A caza grande de todos os objetos comprados

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Proprietario—JOSE C. PEREIRA

9—Rua Grande—9 9—Rua Grande—9

ANO 2 — NUMERO 21

S. Luiz do Maranhão--Novembro de 1917

Revista Maranhense

PUBLICAÇÃO MENSAL

Artes, Ciencias e Letras

Redação -- Rua Afonso Pena, 6

REDATORES

João Vicente de Abreu
Antonio Louzeiro
Mauricio Furtado
Candido Aires

DIRETOR

Astrolabio Caldas.

TEZOUREIRA

Maria E. Varella

SECRETARIO

Zildo F. Maciel

ASSINATURAS

Anual

Capital	2$000
Interior	2$500
Exterior	3$000

Semestral

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200
Numero atrazado	$400

SOCIOS COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Pajeuzio Pinto, Jose Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Faustano Polary, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Antonio Mariano, Candido Aires, Gonçalo Moreira Lima, João Caldas, Fran Teixeira, Vicentino Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Garrido, Benicio Rodrigues, Antonio Machado, Rui Almeida e Fileto Rodrigues.

SOCIAS COLABORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Aracéa Fernandes, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues Jovanita Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zeloide Bojes, Zezinha Sá Cavalcanti, Abilgal Sarmento, Zenaide Sogaribina, e Maria Eleonora Varella.

AJENTES NO INTERIOR E EXTERIOR DO ESTADO

Picos — Prof. Jovanita Costa.
Rozario — Prof. Laura Roza.
Arari — Major João de Lemos.
Vacaba — Sr. Paulfaro Castor R. Falcão.
Pedreiras — Sr. José Camelo Branco.
Caxias — Isaias Silva.
Anajatuba — Prof. Cecilia Martins.
Flores — Prof. Acilina S. Guimarães.
Viana — Senhorita Moroca Nogueira.
Penalva — João M. Caldas Martins.
Barro Vermelho — Prof. Filomena Silva.
Pinheiro — Prof. Ermelinda Maranhão e Francisco Leite.
Icatu — Prof. Jozefa Amazonas.
Axixá — Prof. Raimunda L. Fernandes.
Cajapió — Sr. Epifanio Silva.
Turi assú — Prof. Adaljiza Feques.
Chapadinha — Sr. Manoel L. Fernandes.
Brejo — Prof. Almerinda Rodrigues.
Buriti — Prof. Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria — Gumercindo Tavares.
Ponte Nova — D. Izabel Araujo.
Carurupú — Sr. João G. de Abreu, filho, e Raimundo Gabin.
Alcantara — Prof. Filomena Jnz.
Guimarães — Prof. Ozorio Auchieta.
Amazonas — Sta. Izabel — (Rio Negro) — Eduardo de Oliveira Neto.
Perozina Piauhi — Sr. Edsen Moura.
Amarante — Sr. Paulo Ferreira.
Capital Federal — Almicar Serra Pinto e Silva.
Bejo Horizonte Bacharel Joao Caldas
Minas Gerães — Cambuquerra — D. Maria Silva

SUMARIO

O patriota — em Gonçalves Dias — Fran-Pereco. No cumprimento de um dever civico — E. R. O poeta — E. Roza — Nascimento Moraes. Dia de finados — José Augusto Correia. Pela Patria — Iris. No cemiterio — Joaquim Lourenço Florisbelo Poetico — Diversos. Memorando — Cirotaneo Sousa. Gonçalves Dias — Andrelal. Da volta — Fran-Teixeira. O recado — Martha Mauar. Um quadro de roça — Aldino. Personalidades — M. O 15 de novembro. O Brasil governou Conselheiro Rosa — Fran Campelo. A filha — Nelsica de Moraes. A agricultura — Porcinho Miranda. A roça — Amadeu Cavalcante. Aprendizado Agricola. Catalino Cruz.

Maranhão -- Novembro de 1917

ANO 2 **Revista Maranhense** NUM. 21

Revista Mensal --- Artes, Ciencias e Letras



A comemoração

A forma antiga de coroar heróis em paga de bravuras feitas peregrinando pelas epocas, iluminada pelo sol das gerações, ao contrario do que se passou com os corpos animados e sem vida, em nossos dias atuais se manifesta com pouca ou nenhuma modificação. Tanto assim é que as medalhas, os monumentos, aí estão, firmes, para na sua solidez inquebrantavel assinalar a epoca, em que foram cunhadas, convencer nos para que fim, e por que foram erejidas.

Não se notam enobservancias neste caso, da parte do povo, desse povo, que se deixa levar muitas vezes pela côr forte do elacismo.

Si se ganham batalhas se é louvado, mais cedo ou mais tarde, por aqueles, que andam procurando esclarecer ás nações, apresentar no Reconhecimento, os filhos, que, destemidamente, se lançaram, enfrentando as enormes, fumarentas e roncadoras bôcas de canhões, em defeza da Patria humilhada, batendo se pela honra de seus pais, dos seus irmãos e das suas familias.

O culto da consagração não se modificou.

Voltando das pugnas, em que se empenharam, os bravos, trazendo estampado na fronte, o simbolo da vitoria, seguiam cheios de si, mesmos cercados pela sua guarda de honra, pelos seus amigos para a cidade, que foi afrontada, e que tão valentemente, soube repelir o invazor.

Recebiam-os virjens, que os vinham esperar, fóra das muralhas, onde entoavam hinos de saudações.

Atraz, em carros vinham os troféus vencidos, e acompanhando-os, aljemados, viam-se os que não se souberam defender com bravura, com temeridade, ou que ficaram prisioneiros, pela indestreza dos seus comparsas.

Isto tudo quanto aos guerreiros.

Vejamos o que acontecia com o homem das letras, quando se atirava á voragem da critica, que as mais das vezes não é critica, e nem couza alguma. Cinjiam lhe a fronte folhas de loiros, quando era vitorioso.

E a esta consagração não escapou Gonçalves Dias, cujo *dichê* o leitor está contemplando nesta pajina da «Revista Maranhense», cuja publicidade conta mais de duzia e meia de mezes.

Somos interessados pela ampliação da gloria dos nossos maiores, e para o provar aqui, se acha estampado o *dichê* do maltecedor da raça dos Cunhambebes.

O patrióta—em Gonçalves Dias

Julien Luchaire, numa breve parágrafo, acentúa-nos os alberes do patriotismo sádio nas rèpublicas medievicas da Itália.

Faz-nos assistir, quando se refere á bizarra Florença, ao nascer dum espirito nacional. Aquelas democráticas cidades, repetindo o tipo helénico, mas compelidas pêlo intuito mercantil, dezinçam-se aos poucos da tacanhez bairrista, ao romper as muralhas que as escudam. Entuziasmam-se, orgulhando-se de pertencer a uma pátria que exaltoceram, numa faina de todos os dias e de que se tornaram os responsaveis imediatos. «E como essa obra era bela, como êstes cidadãos, nas principais rèpúblicas, se viram na posse duma das mais lindas terras que havia no mundo, então, e como a sua liberdade se demonstrava na Europa coéva, um bem escécional e sempre em risco, o amôr da pátria e o amôr do rejime comunesco aliaram-se estreitamente: o espirito público e a obra politica das comunas assinalaram-se nisso, por traços profundos».

As provas de apêgo ao território seguem uma trajètória idémtica, no Brazil, desde os tempos coloniais, ciclo em que se rechassam os francezes e os holandézes. Os municipios progressivos elejiam procuradores do povo e os quais desempenhavam um papel semelhante aos gonfaloneiros da justiça das democracias mediévo-itálicas e dos tribunos romanos. Em Portugal, e numa época muito anterior, existiram as beétrias ou cidades livres, que dispunham de iguais órgãos da vontade coletiva. Lutou-se depois pelas franquias econômicas, com Bequimão, em 1684, e pêla emancipação politica, em 1789 e 1817, té se obter a independência inteira, em 1822. Pelejando nesse ultimo ano, admirámos aqui homens da estatura moral e mental de Odorico Mendes e João Lisbôa. Fôram os doutrinários, os pioneiros duma era decisiva, os que arvoraram as tábuas da nova lei.

Gonçalves Dias, que lhes sucedeu, e em cuja alma fremiam os anseios de com gerações, tendo sentido o «acérbo espinho da inexpitável nostalgia, transmite uma côr inédita ao estro brazileo. Nota-se um sabôr desconhecido nos seus versos esculturais, embora o tema houvesse deparado em Basilio da Gama, o épico do *Uraguái*, um adepto de rija fibra—e prolíficos continuadores em Domingos Araguáia e Porto Alegre. Mas Gonçalves Dias nobilita, espiritualiza o incola. Estuda-o, sonda e caricaturar. Inquire lhe dos hábitos, da linguajem, da raça. Conquista-o pela letras e pro convivio, sob um critério superior ao de Alencar e outros indianistas. As suas indagações etnográficas, tal a sua lirica, revelam-se-nos bem patrióticas,

no sentido amplo do vocábulo. Da poezia, gonçalvina, sobre. tudo que tanto a categorizou, desprendia-se o tom acre das selvas e o brando perfume das salas, num consórcio encantador.

Os livros de Gonçalves Dias aprezentam-nos a policrimia forte dum talento estraordinário, que subiria ao cume dos genios completos, se a morte o não emudecesse antes da plenitude. Inda assim, quanto a nós, nenhum esprime de modo melhor, nem mais porfeito, as largas possibilidades intelêtuais do Brazil. O conjunto da sua obra, onde refulje a face estética, mesmo incluindo os ezajêros do indijenismo, que decerto está longe de caraterizar a étnica esclusiva desta ubérrima parte da grandioza América,—êsse espléndido conjunto afigura-se. nos devéras deslumbrante, dentro e fóra das lindes em que nasceu.

Fran Paxeco.

No cumprimento de um dever civico

Muita justiça vai, no gesto nobre da mocidade maranhense, que hoje se associa para render, ao cantor dos timbiras, o poeta eximio por excelencia, um culto espontaneo de verdadeira gratidão.

Consagrado, com acerto, principe da poezia brazileira, que abrilhantou, com a grandeza de seu espirito inegavelmente heroico, mereceu o poéta, o direito da conquista da imortalidade, legando á posteridade, segundo as pajinas doiradas da nossa historia, exemplos fartamente cheios de virtudes e dignos de tornarem grandes aos seus olhos, todo aquele que a eles se dedicar.

Gonçalves Dias, o vate glorioso, que soube interpretar, com fidalde, os acordes de sua alma, e amar o céu de sua patria, o mar, as palmeiras, com um verdadeiro amor de poeta, inda hoje arrasta ao pedestal do sua estatua, simbolo da conquista de uma gloria, uma aluvião de moços que sabem ter o amor votado ás tradições da Patria. A propria brizas, fresca e irrequieta, numa doce tarefa quotidiana, lhe vai oscular os labios e abanar os leques das palmeiras, que povôam a praça. E como é agradavel, ao poéta, o respirar a brisa suava do mar em que mergulhou, para sempre, e ouvir o rumor das ondas salvas, que se quebram, ao contacto das praias circumviziuhas!

Como se sentirá feliz, que até a lua lhe vai banhar o busto marmoreo, e a mocidade de sua terra, num gesto edificante e genuino de grandeza dalma, aliando o seu sentimento ao das palmeiras, honrar o nome de um brazileiro de maior evidencia, na historia patria.

F. R.

O Poéta

Ha homens previlejiados a quem a natureza enriquece, não com o mesquinho oiro material, mas de uma lucida inteligencia que reflete os seus fulgidos raios muito mais lonje.

Um destes homens foi Gonçalves Dias, talento por excelencia, o maior poéta lirico nos dois paizes, onde se fala mais a lingua portugueza.

Ainda um poeta lirico não houve no seu contemporaneo, que aprezentasse tantas poezias de estilo suave e de tons variados, como ele deixou nos seus varios trabalhos que enriqueceu as nossas letras.

—Gonçalves Dias não prestou somente serviços á literatura; foi um lutador incansavel, nos pezados serviços do paiz, que para ele viveu, cujo passado conheceu de porto, pois teve em suas mãos documentos valiozissimos que o elucidaram suficientemente, trabalhou sempre com intuito de deixar á nossa terra, livros em que se refletisse o seu pensamento fecundo do dulcissor do incola

Mocidade! a dignificante tarefa cabe a vós, de continuar a inspirar essa gloria por toda parte, para que nunca seja apagado dos anais este nome grandioso, nome que nos enche de orgulho ao proferirmos.

A mocidade de nossa terra, felizmente, já vai compreendendo que assim como as plantas precizam de orvalho, e tiram da terra o necessario alimento e se tornam vigorozas, pujantes de seiva, desabrochando em oderiferas flôres e produzindo saborozos frutos, assim o nosso espirito sequioso de saber vai beber nas pajinas sublimes de escritores como Gonçalves Dias, os seus magnificientes exemplos e para depois espalhar os seus raios até os ultimos rebentos da humanidade.

Dizer ainda quem foi Goncalves Dias, pela minha impotente pena é desnecessario, porque já tem sido descrito, por penas elevadas, o seu panejirico e que bem traduziram a sua brilhante e extraordinaria passajem por este planeta, que ainda hoje saudoso sente a falta do filho extremecido.

El.

E' a primeira vez que publicamos poezia do nosso mestre Nacimento Moraes.

Deste numero em diante, o leitor encontrará poezias e sonetos-inéditos do autor, que iremos publicando graças á satisfação do pedido, que lhe fizemos a este respeito.

Na poezia abaixo, vêm-se a facilidade do manejar perfeito da frazo e do buritar acertado da idéa, que atrai e que prova o valor reconhecido do seu autor:

ROZA

Roza de minha dor! Perfume raro
Do soffrimento!... immacala apparencia,
Do meu sonho!... Olhar celeste e claro
A guiar-me nas fragas da existencia!

Rosa de minha dor; pulchra e formoso
Encanto de minha vida, enlevo eterno
Do meu fulvo sonhar e do meu gôso
O capitoso e tepido phalerno!...

Claro, escuro de minha phantazia
Rosa de minha dor! sanguinea e viva,
Gemma de minha magua e da agonia
Que meu seio me conforta e me captiva;

Chega-te ao coração! Beijo-te o rosto,
Bebo-te o riso anjelico e divino!
Nos teus bastos cabellos meu desgosto
Todo escondo, escondendo o meu destino!

Chega-te ao coração, suavidade,
Dos meus dias felizes!... Transparente
Illusão ternissima em que bade
Minha fé reposar, sincera e crente.

Rosa de minha dor! Silente e triste,
Surjiste um dia, idylica, engastada
Na cruz do meu martyrio... e deluiste
A desventura em pranto transformada!

Rosa de minha dor! que na corolla
Da tuas esperanças, do teu sonho
O fel do meu sentir, perenne rola
E eu no teu seio as lagrimas deponho!

Rosa, rosa de dor, flor de tristeza
—Calice da saudade e da amargura,
A minha mocidade vive presa
Na treva espessa dessa noite escura.

Alma que desprezaste o fulgurante
Brilho que canta o amor, o gôso, a vida
E aceitaste, singela e captivante
Este meu coração, como guarida;

Rosa de minha dor, vive! comtigo
Vencerei do existir lanças de escolhos
Porque, para eu vencer todo o perigo
Basta eu ver minha magoa nos teus olhos!

Nascimento Moraes.

DIA DE FINADOS

Não sei porque ha de haver dias para lagrimas, dias para alegrias, não sei; quanto a mim riem os felizes, choram os tristes; quanto a mim, ao mesmo tempo, nesta casa ouvem-se as muzicas festivas, naquella, lamentações e gemidos.

Assim todo dia é de risos, todo dia é de lagrimas.

Mas, a semelhança do brado que ouvia Scipião—lembra-te de que és mortal—os povos neste dia repetem aos crentes tambem essas palavras de ferro em braza.

E o poderoso, que esmaga os fracos, que opprime os necessitados, detem o seu carro de opulencia e exclama comsigo mesmo: ah! quem sabe se o meu dia não está proximo!

E o homem que humilha a mulher, que descura da felicidade e bem estar da sua familia, ouvindo o dobre dos sinos, pensa um pouco na sua maldade.

E esses que avassalam tudo, que se apropriam infamemente do trabalho alheio, com o som triste do funeral meditam: Maldito dinheiro! Quantos males tenho por elle praticado e tenho de deixal-o todo porque me falta coragem de o gastar; vivo atormentado, acordado ou em sonhos!

E essas creaturas vaidosas que creem no poder de sciencia, da formosura e de todas as mentiras da vida, pensão um pouco nas agonias da morte.

Ah! se essa meditação não fosse de um momento só; se perdurasse nesses corações de bronze a memoria desse fim certo; se *esse nada* que nos espera estivesse em nossos espiritos todas as vezes q e nos quizessemos afastar do amor e do bem; ah! sim, se fosse o fim inevitavel presente a cada espirito, certamente o mal que nos domina seria attenuado, haveria paz e justiça na terra.

Mas recordemos um facto historico; ahi estão os Girondinos em frente ao cadafalso todos entoam a Marselheza: caem uma a uma aquellas formosas cabeças ao som do hymno cantado pelos sobreviventes, até que só uma voz se ouve, e afinal se faz o silencio.

Mais de espaço assim nos acontece: vae um a um caindo: não funcciona aquelle instrumento, mas as vidas se vão, os corpos tombam.

No meu triste percurso ah! quantos vi partir: mulheres formosas, argentarios, sabios, homens entorpecidos no vicio, poderosos perversos, almas votadas ao bem, tudo sem distincção—tudo se reduz a uma horrivel ossada, a nada mais.

Deixai vós que conhecois a realidade das cousas, um nome santo como o do Padre Raymundo Alves da Fonseca, um nome sabio como o de Caudido Mendes de Almeida, um nome veneravel como o de Francisco Sotero dos Reis.

Oh! fugi do vicio, que vos deforma; fugi da maldade que vos converte em um flagello—amai-vos uns aos outros, vivei para a humanidade, só para o bem, só para a alma, só para a luz!

José Augusto Corrêa.

Pela Patria

A' mocidade brasileira.

Eis um dos momentos em que a Patria preciza de nós. Trabalhando direta ou indiretamente, devemos preparar-nos, para defendel-a, pois os intrepidos canhões do inimigo audaz, que ha muito, desrespeitando a nossa neutralidade, tenta apossar-se da nossa Vera—Cruz. Ufana-se ele, por ainda não ter sido supplantado e, como uma féra insaciavel, estende as suas vistas para o glorioso pedaço de terra, onde a natura parece ter deposto o que possuia, de mais belo e sublime, e nosso amado Brasil, escolhendo-o, para uma das vitimas da sua perversidade.

Considera, talvez esse adversario arrojado, o Brazil, como uma creancinha frajil, quando ensaia os seus primeiros passos. E esse intruzo não conhecerá o valor dos brazileiros? Não saberá que essa raça surjiu tambem do indio altivo? Ah!... As nossas muntções são mesquinhas, mas, unidas aos nossos brios formarão muralhas impenetraveis, que impedirão a passagem dos seus diabolicos obuzes.

Lá, do silencio do seu tumulo, chegarão aos nossos ouvidos as vozes de Floriano, Deodoro, Caxias, Tiradentes, Falcão, outros e outros clamando, em ancias de victoria e dizendo-nos: lutai, meus irmãos, lutai, para vencerdes! E o nome glorioso desses herois não serão maculados, por esse inimigo titanico, não! Havemos de ensinar lhe a historia de David e o *gigante* Golias e mostrar-lhe que aventureiro vil não ha de apossar-se dessa bandeira, que tremula nos nossos mastros e que tem nas suas côres o azul do nosso céu, o dourado do nosso sol, o verde da nossa floresta e que se chama—Pavilhão Brazileiro!

Salve Brazil, o'! brazileiros!

Salve o'! Brazil, patria de Rio Branco, Salve.

S. Luiz, 31/10/917. *Iris.*

Memorando

De mim sei quanto me falha para algo ainda alegar sobre Gonçalves Dias, quando dele outros já o disseram com proficiencia. Nada a mais poderei inculcar de seu enjenho e arte, que Henriques Leal, no *Panteon*, já o não houvera feito com illuminura de conceito e a justeza no apreciar.

Embora se me escasseie a rutilancia da palavra limpida e sonora, todavia dado me seja revelar de como eu conhecera a obra do Poeta maximo, que pelo dizer em rimas de amôr e de saudade e no prazer acuidado e castiço, glorias tamanhas trouxera com o seu estro á terra fecunda do seu berço.

Eu andava orgulhozo de mis aos esplendores dos doze anos, quando fui levado ao Teatro, onde se efetuava grande solenidade em honra ao Poeta no dia do aniversario de sua morte.

A velha caza de espetaculos fremia, atupida de gente, e a luz que se derramava lá dentro dava aos enfeites de côres cambiantes uns tons alacres de gloria e de esplendor.

Horas certas, abriu se a sessão. O orador oficial era Antonio Lobo. E Antonio Lobo, o eximio tribuno vitoriado tantas vezes na praça publica pelo fulgor do seu verbo sempre ardoroso, surjiu ali, afiambrado numa cazaca, os cabelos em dezalinho. Veio palido, comovido, os olhos fagulhando como duas laminas.

A platea recebeu o num delirio de aplauzos. O mestre começou, então, a falar. A principio, muito calmo, sereno, afivelado ainda á comoção da primeira arrometida. Depois as palavras se lhe saiam cascateando, em jorros, bestificando o auditorio e prendendo o á suave beleza de sua concepção.

Daí, reciton *Ainda uma vez adeus* e fê-lo com gratissima emoção, alma e brilho, que o auditorio se não conteve. Houve gente a chorar!

Ao meu lado, uma senhora, cabeça cuevoada pelos anos sôbra, contemporanea do grande Bardo, suspiron e daí em pouco, as lagrimas deserao-lhe dos olhos tristes, olhos velhos e negros que na mocidade referida viram e admiraram o Poeta imortal do *Juca y Ipiranga*.

Vendo a—talvez a recordar tempos que se foram—uma subita imotividade apoderou se me da alma juvenil e, pouco a pouco, senti os olhos desbordar de lagrimas!

Porque chorava eu? Sei cá... Sei, todavia, que daí me veio a vontade de ler a Godçalves Dias, posto, que me fosse familiar pelo marmore que lhe eternisa a gloria do nome na praça publica. De como, pois, para me aperceber de sua obra, procurei-a e de então até hoje tenho-a comigo.

Quando foi de meu exilio voluntario por terras outras.

Entre gente que alheios males não sente
.....
E nem se condóe de infeliz,
.....

eu pagnei o meu tributo ao poeta, lendo-o e relendo em horas do crepusculo, quando no peito mais cruéis a saudade e a noite doze como ladia noturna, abraçando a Terra e envolvendo a alma mistica das coizas.

E entre gente que apenas exaltava o progresso material de sua terra, eu nunca me houvera envergonhado da minha, que era Atenas e sempre ao conclamar a fama dos seus homens illustres pelo saber e pelo talento, repeti tantas vezes a canção do Poeta:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá!

Crisóstomo De Souza.

Gonçalves Dias

Tinha eu nada mais que uns 6 anos; meu bom Pae, aos domingos, depois de um trabalho quotidiano, de 6 dias, levava-nos, já quando o sol jorrava os seus enfraquecidos raios sobre a terra — eu e os meus irmãos — para dar um passeio a *bonds*; iamos ao Remedios e ás vezes á Estação.

Um certo dia quando passeavamos pela praça «Gonçalves Dias», sob as gigantescas palmeiras, tive a curiozidade de saber quem era aquela figura que parecia confundir se com o céo e criticar de nós cá na terra, a que meu Pae respondeu-me:

— E' a estatua do fulgurante poéta Gonçalves Dias, o maior brio brazileiro...

— E porque está a estatua ai?

— E' em homenajem ao seu valoroso talento e para que fique eterno no coração de todos os seus conterraneos o seu nome Glorioso, tornando o assim imortal ..

— E o menino já sabe — disse um senhor que conversava com o meu Pae, de cabelos brancos, olhos pretos, bigode e barba alvos como a neve — como foi que se implantou, nesta praça, a gigantesca e rija figura de Gonçalves Dias?

— Não senhor...

— Pois bem — disse ele rindo se e esfregando as mãos — vou contar-te: ali — apontando para o lado da egreja, á parte que fica bem defronte á estatua — morava um Portuguez rico e, quando andava a comissão angariando donativo para mandar vir essa estatua, foi ela á caza desse Portuguez afim deste contribuir tambem, sendo o que maior quantia assinou, com a unica condição de a colocarem bem defronte á caza em que rezidia...

Ah meu amiguinho... quando chegou a estatua os seus encarregados de acordo com o contrato do Portuguez, colocaram a bem defronte de sua rezidencia, ficando ele bastante satisfeito ao chegar em caza ás Ave-Maria, quando o sol, já se despedia da terra... Bem... no dia da inauguração da estatua calcula qual não seja furia desse moço ao ver, desvendarem a estatua entre muzica, flôres, canticos, discursos, o poéta de costas para a sua rezidencia... o homem ficou danado... — terminou o velho acariciando com a mão a sua espessa barba —

.....

Anos depois, quando eu estudava um livro de leitura, deparei com os versos de Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá etc.

Daqui compreendi que naturalmente era em consequencia do poéta ter cantado as palmeiras de sua terra que elas estavam rodeando-o e curvando se freqnentemente a si, a cada sopro da ventania que passa sussurante por entre as suas folhas...

Quando eu frequentava, pelas manhãs, a aula de Portuguez de um venerando professor, este costumava, emquanto aguardava a chegada dos outros alunos, nos referir importantes acontecimentos.

Numa dessas manhãs, ele contou-nos que numa certa ocazião, no «Teatro S. Luiz», tinha havido uma diversão e, estando lá uma senhora que demonstrava dezejos de conhecer o poéta Gonçalves Dias, pediu que alguem lh'a apresentasse pelo que foi atendida por um cavalheiro, exclamando a referida senhora ao ver o poéta:

«Este que é Gonçalves Dias?!» — como que criticando da sua diminuta altura, adiantou o nosso professor.

— «Minha senhora — disse o poéta — nos pequenos vidros que são guardadas as melhores essencias!»....

— A senhora ruborizou se...

Astrôgildo.

DE VOLTA

Cheguei... e a mesma dor, o mesmo pranto,
De quando outrora me afastei de ti
Sinto vibrar-me como que no entanto
Fosse que agora eu te deixasse aqui;
N'aquele mesmo dia
Em que parti pizando sobre abrolhos
Descrente do que nunca voltaria,
Para habitar á sombra dos teus olhos

«Serei eternamente esta que chora»
Tu murmuraste, inda me lembro bem.
«E este que parte pela vida afora
Será o mesmo»... eu scluci tambem.

E parti...
Entregue as mundanarias opressões.
Ah! quanto eu não sofri
A tropeçar em tantas illuzões
Sem me esquecer, sem me esquecer de ti.

Levava o coração tão doentio
E em tudo a primavera palpitava.
Em tudo a luz vibrante se infiltrava
Só eu tinha no peito o inverno frio.

Hoje volto a trilhar á mesma estrada
Onde outrora, chorando, perpassei,
Trazendo a mesma alma angustiada
E o mesmo pranto amargo que chorei.

Cheguei...
Mas, onde as alegrias do passado?
Paira em tudo uma prece por finado,
Tão triste que nem sei!...

Infeliz que sou eu.
Esta mudez feral, este misterio,
E' o ferstro azul, o cemiterio,
Do meu passado alacre que morreu!...

E venho tão cansado
De bater a garôa dos caminhos,
Buscando a tepidez dos teus carinhos
Para aquecer-me o coração gelado.

Unje com o teu olhar o desgraçado
Por quem já deste a vida, ha tantos anos,
Que vem te procurando, atormentado
De tropeçar em tantos desenganos.

Mas tu passas sorrindo
As desgraças que vão me torturando
E o passado me fala, soluçando,
Todo em dores meu peito consumindo!—
«Pobre!... tu és o que partio cantando
E ela não é a que ficou chorando!...»

Flor Tavares

Do «Cinzas», em preparo.

FLORILEJIO POETICO

Gonçalves Dias

A Deus pedio que a morte lhe não desse
Distante d'estas plagas tão queridas,
E a gran mercê assim lhe concedesse,
Sendo as suplicas suas atendidas.

Quizera ainda avistar essas palmeiras,
Ouvir, siquer, a doce melodia
Do sabiá das matas brazileiras,
Cujo canto sonoro delicia.

Ao vate, não foi dado que ele ouvisse
Dessa ave o canto ameno, como outr'ora,
Mas que as lindas palmeiras inda visse.

Não lhe fosse completo o gozo embora !
Quiz e destino, em parte, se cumprisse
Essa justa ambição consoladora.

Outubro de 1917. D. M.

Ante uma estatua

(Improvizo)

Vês essa estatua ali, sem alegrias,
Exposta ao sól, a chuva, o dia inteiro ?
—E' d'um grande e sublime brazileiro...
E' do immortal cantor Gonçalves Dias.

Dos poétas, foi o váte que em primeiro
Cantou as nossas bélas serranias...
E que teceu, nas divinais poezias !
As bravuras do indijena guerreiro...

Vês ?—Está fronte a fronte com o oceano /
Esse monstro marinho, êsse tirano
Que o poéta consumio com garra adunca

. . . . . .

O' már ! tu nos roubaste o rei das musa,
Guardas em fim nas ambiçõis confuzas,
Mas seu talento tu não roubas nunca ;

Do "Noturnos" *Clemente Guêdes.*

O fim do Poéta

...E um dia as ondas num bramir fremente,
Querendo vêr a Musa envolta em pranto,
Pararam-lhe da lira o doce canto,
Levando-o para o abismo eternamente...

Na terra houve um desmaio ! E derrepente,
Todo céu se cobriu de escuro manto...
E a propria Gloria que lhe honrava tanto,
Ajoelhou-se ante o váte tristemente !

Todo tremeu ! O indijena guerreiro
Quebrou da séta .. E em todo brazileiro
Ficou gravado um turbilhão de mágoa !...

—Hoje quem vai ao már, crente e sentido,
Ouve do váte o coração partido,
Gemendo dentro d'agua !

Do «Noturnos» *Clemente Gûdes*

Como te amei,..

A' minha noiva Zaidinha.

Eu tinha no meu peito a voraz dôr,
E dentro d'alma o meu izolamento...
Um raio de esperança e de fulgôr
Sentiram os olhos, vendo-te um momento !

Eu senti dentro d'alma o amôr febril,
O amôr, essa ilusão;
Que me arrancou de vez pezares mil,
Sem dôr e sem paixão !

Por ti, eu me julguei cheio de esperança;
Por ti, cantou-me o peito tão tristonho ?...
Tu me lançaste em mares de bonança,
Para minh'alma viste um novo sonho !

E o meu passado todo se desfez;
Como ele a minha dôr
Morreram os seus pezares de uma vez,
Por causa deste amôr!

Quando, na minha triste soledade,
Um olhar tristonho um dia eu te lancei,
Que traduzia a dôr de uma saudade,
O amôr li nos teus olhos e te amei...

Senti então cantar minh'alma triste
A suplica do amôr;
Vendo-te, sempre o meu olhar persiste,
Cheio de vida o fulgôr !

Pedi-te o teu amôr, como um mendigo,
Descrente, já descrente deste mundo;
Déste-o para eu meu peito ter abrigo,
—Amôr que canto e no teu olhar difundo !

Eu tinha no meu peito a voraz dôr,
A dôr que eu te contei;
Por vêr minh'alma presa ao teu amôr,
Foi assim que eu te amei !...

Rio, 25—VIII—1917.

"Sinuozidades" *João Caldas*

Finados

(Ao Estolano Polary)

Silencio... todos choram... dobra o sino
Numa expressão sinjela de saudade,
Entrecortado com o soar do hino
Nessa tarde de pura soledade...

Choram, pois, seu consolo do destino,
E rezam para que a humanidade
Livre-se então de todo o mal ferino,
E Deus tenha de todos caridade.

No cemiterio, em alguma sepultura,
Via se mãe, espoza, paz e irmão
A chorar pela vida sem ventura;

Aqui pranto, tristeza, e entre mil côres
Ali, como sinal de gratidão,
Cobriam as sepulturas lindas flores !

S. Luis. *Astrolabio Caldas.*

Um incendio

Fez um ano no dia 3 do corrente que um incendio no Povoado Central devastou 24 casas.

Quando lá cheguei no ano passado, já o fogo havia feito a sua obra destruidora. Dentre aquelas casas, 3 eram de negocio.

Em certas localidades do interior deste Estado, são raras as cazas de telha, sendo estas principalmente as commerciaes, mas, em santa Ignez, onde se deu aquele triste cazo, infelizmente a quazi totalidade dos predios é de palha, á excepção de 3, e estes mesmos dos mais antigos.

Não foram precizos mais do que 20 minutos para que o fogo tivesse realizado os seus maleficios.

O espectaculo foi horrendo:—pelo que me contaram, ás 11 horas da manhã, quando a maior parte dos lavradores se achava nas suas roças, surgiu o fogo entre a caza de uma viuva e a de um nosso vizinho.

A nossa felicidade foi o vento, que era muito forte, soprar na direcção da sul, de maneira que a nossa caza, situada ao norte da primeira que se incendiou, ficou izenta das labaredas, embóra a do vizinho, muito proxima dela fosse totalmente destruida.

Muitas pessôas, quando viam as suas cazas a arder ficavam de tal maneira perturbadas e perplexas, que nem ao menos procuravam salvar um objeto que fosse. As mulheres saíam como que alucinadas, correndo sem saber para onde. Uma delas, de tão desnorteada que estava, em vez de se dirijir para onde não havia mais perigo, fez o contrario:—principiou a acompanhar o incendio, e a entrar, para logo sair de carreira, em toda a caza que ia sendo attinjida pelas chamas, até que, desesperada, se meteu pelos matos, levando comsigo suas filhinhas, uma das quais tinha nesse tempo apenas 16 dias de nacida.

Tive ocasião de presenciar as ruinas feitas pelo horrivel incendio: umas cazas completamente desmoronadas, outras somente com as paredes erguidas e outras ainda com grandes montôis de arroz e algodão completamente queimados.

Mahiba Mittar.

Um quadro da roça

Para Iris

—O' Deus! disse o viajante, lá na curva do caminho, ao divizar aquela habitação sem vida, quazi perdida num bosque de mangueiras—Eis a caza!

Morreu! Sim, fui eu quem o matou!

O pranto que o sufocava completava este poêma de desespero.

Lá ao longe porém, á porta da mizeravel caza, acabava de aparecer um mendigo. Os seus olhos encovados, as suas mãos descarnadas pareciam trai-lo revelando uma existencia gasta mais pela dor do que pelos annos. Ao seu lado servindo-lhe de guia, caminhava uma formoza aldeã em cuja face se podia advinhar uma parte da mágoa do pobre velho

—Teu pai voltará hoje? começou este ultimo.

—Volta, senhor. O coronel mandou-o ontem á cidade.

Depois de alguns segundos em que pareceu afastar de si angustias mútiplas, continuou o joven guia com voz um tanto trémula.

—Tem recebido noticias?

—De quem, filha?

—Delo! Do seu filho! terminou comovida a bela rapariga. Ouvindo falar do filho, o bom do velho levou a mão aos olhos donde uma lagrima fujia humedecendo-lhe a façe palida.

O viajante lá da curva da estrada, compreendeu esto quadro de dor. Elle éra o filho prodigo que, então volvia á casa paterna. Correu pois, para os dois. O mendigo reconheceu nelo o filho arrependido e depois de estreita-lo muito se deixou pender inerte. Morreu! Já estava costumado á dôr. Aquelo momento de alegria o fez fugir para sempre!

Enquanto o filho banhava com lágrimas o corpo já sem vida, a aldeã correu para um camponês que vinha aproximando-se e soluçando implorou:

—Ele morre! Salve-o, pai!

A alma parava sobre as mizérias da terra. De um lado, empoleirado num galho seco, um rouxinol moldurava uma canção matutina. lá em baixo, no sopé do morro, do meio do marajá, uma perdiz emprestava á paizajem, o colorido do seu cantico melancolico

—Piedade para mim! interrompeu o filho.

Foi a formoza aldeã quem lhe estendeu a mão, sobre a qual ele poisou os lábios murmurando: «Bôa Suzana!»

Um carro descia a estrada. O seu chiar monotono, a voz do carreiro num abaladar certanejo, reentregaram ao camponêz que ainda se conservava junto e que tambem chorava, o seu ar de superioridade.

—Que diabo têm vocês? Já me viram chorar alguma vez?

E, batendo com a pitanga na perna onde a lama denunciava uma longa jornada acrescentou

—Eu tambem sei perdoar, meu cabeça de vento!

Athos.

Personalidades

Que o professor Domingos Machado se fez pelo estudo, pela perseverança, ninguem ignora Um esforço, somente, foi o necessario para a realização de que dezejava.

Soube bem aproveitar o tempo da sua mocidade, estudando, constituindo-se conhecedor profundo da lingua que falamos. Foi dicipulo de Sotero dos Reis, que de honra e orgulho encheu a nosa terra. Fez parte do corpo recacional de «O PENSADOR», onde se encontram belas produçõis suas sobre diversos assuntos. Vagando a cadeira de Portuguez do Liceo Maranhense ele aprezentou-se candidato. Foi aproveitado.

E' tercetreanista de direito, sendo examinado por Tobias Barreto, um genio que o Brazil possuia.

O professor Domingos Machado ensinou no Seminario das Mercês, no colegio de S. Sebastião (do conego Chaves); no colejio de Nazaré (d. Rosa Nina); da Conceição (das d. d' Aldaljiza e Eujenia Serra), no colejio de Santa Rita de Cassia (de Domingos Costa); na Escola Normal, de que era lente catedratico; e no colejio de Santa Ana (de d. Raimunda Miranda).

Continúa a ensinar no colegio de Sagrado Coração de Maria (das Rozas); no Lyceu Maranhense, em que é lente catedratico de Portuguez, no Instituito S. José, que é um dos mais antigos estabelecimentos de instrução, fundado e mantido, aqui. Ensina tambem em algumas cazas de pessoas amigas. E' modesto de mais. E' compadecido dos que sofrem, é protetor dos que pedem seu auxilio. Não exije remuneração pelo ensino que ministra aos estudantes. Vive sercado pela mocidade estudiozas, que gosta dele e o escuta com a maxima atenção.

Tem seu logar consagrado no meio da classe estudantal, e entre os seus colegas do magisterio. Publicou o livro «Questõis Praticas de Aritmetica, obra que elucida, suficientemente, todo e qualquer comerciante sobre duvidas a respeito os pontos que se encontram nesse trabalho.

Cuida desveladamente, da familia, vivendo para ela e para a mocidade que estuda.

Deixamos nas linhas acima uns traços biograficos do professor Machado um dos maiores amigos que a mocidade possue e que sempre está ao lado dela.—M.

Em 31/8/1917

O 15 e o 19 de Novembro

Uma, a primeira, representa o termino de um fato, cuja realização de ha muito se esperava. E a outra faz parte da primeira, pois é o simbolo que caracteriza o novo sistema. «E' o simbolo do Paiz. Vive voando aos ventos, dominadora e serena, como a propria imajem da Patria multiplico, subdividida como Deus nas hostias: á frente dos infantes, enrolada, tranquila, dormindo entre os feixes d'armas; tremulando entre as baterias assestadas nos taludes ou remijiando nas alas dos esquadrões dezabridos que passam com estrupido, entre nuvens de poeira e de fumo ao galope insofrido dos ginetes de guerra".

A proclamação da nossa Republica Coelho Neto nos descreve assim:

"Ouviu-se um viva á Republica. As bandas executavam o hino, mas oficiaes vieram falar aos comandantes e logo do corpo em corpo, soou para a formatura de pelotões.

Deodoro e outros chefes tomaram á frente e começou a desfilada pelas ruas cheias de povo". Por onde passavam lhes atiravam flores. Correram as ruas do Rio de Janeiro sempre ovacionados pelo povo.

São dois fatos historicos notaveis que o brazileiro comemora sempre para honra sua e para gloria da memoria desses que se foram, trabalhando pelo bem estar da Patria.

O nosso governo

A 1.° do corrente, entregou o cargo de governador do Estado, ao 1.° vice, o Exmo. Sr. Dr. Herculano Parga, que desde o ano de 1915 vinha consolidando todo o seu esforço por esta terra, que de Maranhão tem o nome.

Analizar o dr. Herculano, escrupulozamente, sobre o que tem feito aqui, é tarefa a que nos temos entregado diversas vezes. Enobrecer, reconhecidamente, tudo o que de melhoramento fez por esta terra de passado brilhante é o dever de todo o maranhense, que, desapaixonadamento, encara as couzas do Estado.

Deixou o governo prestijiado pelo povo a quem protejeu, durante o tempo, em que esteve com as redeas do governo, dando-lhe escolas, onde a mocidade pudesse estudar. Elevou á categoria de vila, algumas povoações, que existiam e que produtos diversos exportavam á nossa cidade.

Auxiliou diversas vilas e municipios na abertura de estradas de rodajem, como em S. Vicente de Ferrer.

Contratou pessoas, que se encarregassem da limpeza de rios do nosso interior, cujos leitos viviam cheios de obstaculos, que dificultavam a navegação.

O seu substituto o coronel Bricio de Araujo, nessa mesma noite recebeu, em a sua rezidencia, á rua Rio Branco, vizita de seus amigos.

O povo maranhense todo espera que o ilustre governador, prezentemente, continue firme a trabalhar, pelo nosso Maranhão querido pelo qual nos interessamos muito.

Ao dr. Herculano Parga, que muito auxiliou a todos nós desta Revista agradecemos do intimo da alma, dezejando que sua vida, seja galgando as maiores poziçõis sociais salientando-os pelo seu talento de jurista brilhante.

E ao coronel Bricio de Araujo, tambem, dezejamos que o seu governo seja prospero para satisfação nossa e de todos os filhos desta terra.

Gonçalves Dias

Foi um dos maiores poetas liricos Brazileiro.
Filho da «princeza dos sertões» fez-se pelo estudo.
Estudou em Coimbra.
Formou-se em direito.
Lecionou em varios colejios, entre elles, o de D. Pedro II.
Viajou pelo norte do Brazil.
Esteve tambem na Europa, em comissões cientificas e literarias.
Morreu desgraçadamente, atraiçoado pelo mar.
Vinha a bordo da barca *Ville de Boulogne*, que naufragou quando perto das nossas terras.
Deu-se este tristissimo acontecimento, no dia 3 de Novembro de 1864.
Compoz os primeiros e ultimos "Poemas Americanos, os Timbiras", um Dicionario da lingu Tupi, varios dramas e outros mais trabalhos de importancia.
Rendamos culto á memoria excelsa do cantor da nossa raça que tudo fez por eleval-a!

Jozafá Campelo.

A FOLHA

O orgão de que eu me vou ocupar agora é um dos mais importantes e que grande atividade exerce na economia vital dos vejetais—a folha, que pode ser de diversas côres.

E' ela uma das partes da planta.

Ficamos horas e horas contemplando, principalmente, nos jardins, a beleza harmonioza dessa parte do vejetal que como as outras, transpira e se nos aprezenta crivada de pequenos furuzinhos, que nós chamamos poros.

A folha possue dois lados que cientificamente chamo pajinas, sendo uma superior e a outra inferior.

A folha completa consta da bainha, do peciolo e do limbo.

Ora sendo assim, é chamada *envajimento palmada, cadusa, peciolada, andulada* e *persistente*.

A noite pode-se perfeitamente se escutar o rumôr que as folhas fazêm, quando ajitadas pelo sopro leve dos ventos.

Leva-nos a crêr que elas tem uma linguajem propria por meio da qual conversam demoradamente, horas e horas.

A clorofila dá á folha essa côr verde que atrae e que por muitos instantes prende a nossa atenção.

A folha pode ser tambem considerada como um orgão estético da planta, já pelo recorte dos seus bordos, já pela macioza de sua superficie.

Nelson Costa Moraes.

(Do Aprendizado Cristino Cruz).

A AGRICULTURA

A agricultura é um dos ramos de vida, mais primordial, mais util, mais necessario a humanidade. E' d'ela que vem o alimento para o homem; e por isso todos nós devemos ama-la. Que seria do Brasil, se seus filhos se acostumassem a cultivar o seu solo, com afinco, com todo o carinho e perseverança, talvez seria hoje mais prospero e mais invejado do que é.

O grande desenvolvimento da agricultura, só se encontra no do sul do paiz.

E se ela continuar a marcha em que caminha vencendo a terra, transformar-se-há em realidade e o Brasil será grandioso.

No estado de S. Paulo onde existem muitas colonias a agricultura é bastante desenvolvida, há grande abundancia de cereais e ha tambem muitas escolas agricolas; dentre estas, a mais importante é a de «Piracicaba».

Nos Estados-Unidos da America do Norte a agricultura tambem se acha muito adeantada.

E para que não nos chamem de indolentes, é necessario olharmos e cultivarmos as terras que por ai se acham á procura de braços que as dêm vida e que as tornem prosperas e ferteis.

Liberalino Miranda.

A ROÇA

A roça é de grande utilidade para o homem. E' na roça que o homem faz as plantações donde tira o necessario para o seu alimento. Para fazer-se uma roça temos, primeiramente, de roçar, isto é, fazer o abatimento do mato, que se encontra no logar escolhido.

CASA DE ARMADOR

—DE—

Firmino Antonio Gomes

Dispondo de grande sortimento, vindo directamente da Allemanha, efetúa enterros desde os mais luxuosos aos mais modestos, por preços modicos.

Atende chamados, promptamente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Trata-se tambem, de todos os papeis necessarios aos enterramentos.

Rua da Madre Deus, 26 ou 31

Entre a moda e a Elegancia

—Já comprastes os sapatos dos ultimos modelos?

—Não. . .

—Então compra-os na **Casa Bordalo**, á rua Grande n. 27, que recebeu as maiores e mais chics novidades do Rio de Janeiro.

"Pharmacia do Norte"

—Praça João Lisbôa, 12—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a attenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte do Norte, para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal, Brouil, Balsamo, Café Navegante, Café Beirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha Magnezia fluida, Opodeldock, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipas, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier, Salsaparrilha, Tintura homeopathica, Tonico de Wiecesmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Camará, Xarope Rosa, etc. etc.

22$000

E' por quanto se vende um terno de brim Kaki, bom e que não desbota de côr, calça e paletot bem feito, na

Alfaiataria Guedes

Rua de Sant'Anna n. 3, canto com a rua 28 de Julho

OURIVESARIA PEROLA

Aceita-se encommenda para toda especie de bijouteria

Aderecos, meios-aderecos, colares, pulseiras, broches, chatelaines, rozetas, anneis, abotoaduras, alfinetes de gravata, trancelins para senhoras, pentalegue, voltas de coral, medalhas etc. etc.

Preços baratissimos—Asseio e muita arte

Proprietario: JOSE L. PEREIRA

R. 9, RUA GARRIDO, R. 9

Padaria Primavera

Moraes & Comp.

N. 35, RUA DIREITA, N. 35

Nesta padaria encontra-se: PÃES de primeira qualidade, feitos com a melhor farinha que vem a esta capital, saborosos PÃES DE MILHO, preparados com asseio, CHOCOLATE em pires e em latas muito procurados pelo sabor que offerecem.

Encontra-se tambem AGUARDENTE CAFE, LIMÃO e muitas variedades em bebidas.

Livraria Ingleza

16—RUA AFFONSO PENA—16

Esta conceituada livraria convida a todos os seus freguezes afim de verem os livros recebidos pelos ultimos vapores.

E' a livraria que vende mais barato

Regulador Garrido

(NÃO HA RIVAL)

O remedio mais soberano contra as Flores Brancas, Leucorrhéa, as dores de Menstruações exageradas e suppressas, da Menorrhéa, o Colero, as Pargações, Chagas e dores dos Ovarios, os Abortos as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das ambores, o Catharro do Utero e Bexiga, a Menstruação, a Pallidez das Moças e o Rachitismo das Crianças.

O REGULADOR GARRIDO é o melhor Tonico dos Ovarios e do Utero.

O REGULADOR GARRIDO, pode ser usado por todas as pessoas e em qualquer occasião, sem causar mal algum a saude.

Deposito Geral na Pharmacia GARRIDO & PACHECO.

Rua Oswaldo Cruz, 10

Ano 2 | S. LUIZ DO MARANHÃO--Dezembro de 1917 | Num. 22

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:	DIRETOR	TEZOUREIRA
João Vicente de Abreu Antonio Louzeiro. Mauricio Furtado Candido Aires	Astrolabio Caldas	Maria E. Varela SECRETARIO Zildo F. Maciel

ASSINATURAS

ANUAL		SIMESTRAL	
		Capital	1$200
Capital	2$000	Interior	1$500
Interior	2$500	Exterior	1$800
Exterior	3$000	Numero avulso	$200

SOCIOS COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Antonio Mariano, Candido Aires, João Caldas, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Garrido, Inicio Rodrigues e Fileto Rodrigues.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araceli Fernandes, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zuleide Bojça, Zozima Sá Cavagnac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha e Maria Eleonora Varela.

SUMARIO:

(Cliché) Artigo de Fundo: Maria Machado—José Augusto Correia; A guerra—Mauricio Furtado; Personalidades—M.; O amôr—J. Gomes; Elo—José F. Ferreira; Florilegio Poetico—Diversos; A martiriologia mitica—José Leopoldo; Castro Alves—Ruben Almeida; Entre o amôr e o dever—Gascar; A capa tra da Revista—Luizinho Sabio; Alta noite—Cursino de Azevedo; Meditações—Diversos; O mez social; Maja do Luar—Altiva Smith; Na viola—Zé do Sertão; Minha mãe!—Assis Garrido.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozuila Costa.
Rozario—Prof. Laura Souza.
Atarí—Major João de Lemos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falcão.
Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Caxias—Izaias Silva
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Flores—Prof. Acriolina S. Guimarães.
Viana—Auburita Maroca Nogueira.
Penalva—José M. Caldas Marques.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva
São Beato—Prof. Amelia B. Lobo
Pinheiro—Prof. Ermelinda Marmanbio e Francisco Leite.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Axixá—Prof. Raimunda L. Fernandes.
Cajapió—Sr. Epifanio Silva.
Tury-Assú—Prof. Adaljiza Fequer.
Chapadinha—Sr. Manoel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Buriti—Prof. Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroca.
Ponte-Nova—D. Izabel Anjo.
Cururupú—Sr. João G. Abreu, filho, e Raimundo Galvão.
Alcantara—Prof. Filomena Cruz.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Terezina Piauí—Sr. Edson Moura.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira.
Belo Horizonte—Minas—Bacharel João Caldas.
Minas Geraes—Cambuquerira—D. Maria Silva.
S. Gabriel—Amazonas—Sr. Eduardo de Oliveira Neto.

MARANHÃO - DEZEMBRO DE 1917

ANO 2 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 22

Revista Mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS



Domingos Barbosa

A 23 de novembro o Maranhão garbozamente viu transcorrer o aniversario natalicio de um seu ilustre filho, o fulgurante tribuno Domingos Barboza, uma das mais distintas capacidades do Maranhão atual.

Domingos Barboza, literato de renome, conhecedor que é de todos os ramos da literatura, tem publicado obras de merito, comprovando a sua capacidade os livros intitulados «Contos de Minha Terra» e «Os mozaicos», onde o autor os descreve com uma naturalidade admiravel.

Como cronista melhor testemunho não existirá a não ser o «Domingo vermelho» apreciado pelo estilo elevado que se distingue imerso numa fantazia deslumbrante. O autor dos «Contos de minha Terra» é atualmente um dos intelectuais que mais orienta a mocidade a ocultivo das letras, animando-a com a sua voz eloquente. E, quando ela necessita de seu auxilio basta se dirjir a *seu Mingo*, como lhe chamam os moços, para que ele esteja sempre intrepido a acompanhal-os, guiando-a com o farol de sua intelligencia.

Como orador, o nosso homenajeado de hoje, tem recebido os mais fremintes apluzos devido a maneira verdadeiramente eloquente, pela qual se exprime; devido a sua vibrante e forte voz, e finalmente devido ao seu entuziasmo natural

Domingos Barboza promete nos para breve mais uma obra —O Lucas Sampaio, que certamente irá merecer os maiores encomios no nosso meio literario.

Já que falamos em diversos ramos da literatura em que o apreciado tribuno mostra o seu valor, cabe-nos dizer algo, ainda sobre a personalidade do nosso homenajeado, da arte em que mais se salientaram Milton e Byron. Não convem burilamento de fraze, basta transcrevermos um dos seus sonetos para que o leitor o admire tambem como poéta. Ei-o

CYCLOS

No Castelo da Luz, fui pajem —falconeiro,
Tanji -rovas de amôr em gementes guitarras,
Escutando cantar num velho castenheiro,
Alegre como eu era, estridulas cigarras.

Na Catredal do Sonho, armei-me cavaleiro
A armadura cinj das iluzões bizarras,
E parti desfraldando o meu pesdão gu rreiro,
Por vencer, a montante, as maiores cimitarras,

Hoje, visto o bural pezado da Tristura:
Cilicia-me a Dor. Sou monje da amargura,
Meu rozario de prantos vivo á desfiar,

E rezo soluçando, as preces dolorozas,
Ante o altar que te ergui, perfumado de rozas,
Minha Nossa Senhora do Formozo Olhar!...

A «Revista Maranhense» saúda Domingos Barboza, dezejando-lhe vida prospera afim de que possa fertilizar mais a literatura maranhense com as suas aproveitaveis obras.

Maria da Conceição Machado

Tinha ela seus 15 anos, quando frequentava a escola Normal e veio estudar comigo Portuguez.

Depois lhe expliquei Arithmetica, Algebra e Geometria.

Diplomando-se foi logo promovida como professora da Escola Modelo Benedito Leite, onde se conserva até hoje.

Quiz deixar-me uma prova do seu afeto e ofereceu-me um quadro com bela moldura, onde se vê uma carta em que traçou o seu sentimento para com a minha mulher, a quem vota muita estima e carinho.

Entendeu ornar a minha casa de quadros, e aquele se seguiram um anjo da guarda, uma rozeira por ci

propria pintada, um belo pernalte entre ramos e uma figura de mulher que se transforma, conforme a pozição do observador.

Um dia achou a minha aula muito simples e começou a cerca-la de palmeiras.

E essa creatura bôa e intelijente ha tanto tempo nos mostra, á minha mulher e a mim, a mesma sinceridade, e vem á nossa caza diariamente uma ou mais vezes trazer-nos ou alegrias ou, quando o infortunio ou as molestias nos açoitam, consolações.

A sua primeira preocupação é o bem, a virtude, depois a cultura do espirito.

Conhece os grandes escritores da lingua portugueza, investiga com cuidado os fatos da linguajem; é versada em Francez, Inglez e hoje se dedica ao Italiano.

Não lhe nóto erros quando fala, nem quando escreve, e porisso mesmo é de uma grande modestia.

Das intelectuais, que têm um modo de vida, muitas não se casam, receiam a aventura do casamento, e só por isto se pode explicar que ela e outras que têm elevados predicados; se conservam solteiras: é o medo, a incerteza do futuro em uma vida tão precaria e cheia de duvidas e acontecimentos imprevistos.

Ama excluzivamente as viajens e aproveita sempre as férias para as fazer; a isso deve já conhecer bem a nossa Capital Federal e alguns Estados do Sul.

Nos sofrimentos da minha pobre mulher, tão doente, sempre a vejo ao seu lado.

Nas afliçõis da minha vida publica, consolava-me, animava-me.

Por ocazião do desfalque da Delegacia Fiscal, dado pelo tezoureiro, da qual era eu delegado, fiz um depoimento longo que durou dez horas e acabou ás 9 horas da noite. Quando cheguei a caza, foi ela que encontrei junto da minha mulher, enxugando as suas lagrimas, aplacando o seu nervozo e sobresaltos.

Quanto ambos devemos a essa mimoza creatura!

Quando vê a estreiteza dos nossos recursos, adivinha.

A nossa vida é semelhante a uma ruina cheia dos escombros.

Mas uma toutinegra se habituou a penetrar neles e a pousar nos galhos secos de alguma arvore morta. Canta, alegra esses lugares tristes, levanta o vôo e parte.

E essa ruina como que revive e sente depois os espinhos da saudade.

José Augusto Corrêa.

A Guerra

O principal flagêlo da humanidade, foi, é, e será a guerra.

E como a guerra não passa de uma afronta vingada, eis porque o nosso querido Brazil se encontra envolvido nesta horrenda e terrificante guerra já quazi universal.

De novo os brazileiros pegam em armas para lavarem com seu sangue uma afronta feita ao seu paiz. O leão idomito desperta ferido, solta seu grito de guerra, distende as suas garras e procura o agressôr. Eil-o: é a tetrica «Aguia negra» que esvoaça por sobre ele. Não vacila, não treme, mas procura precaver-se para poder atacar.

Seus olhos sanguineos fuljem cheios de odio, de rancor, de raiva e fitam o inimigo que vem baixando pouco e pouco.

Qual será o rezultado desta luta?...

Brazileiros! O Brazil é indignamente ultrajado! Vinguemol-o! Nossa honra está a mercê de mizeraveis bandidos! Salvemol-a. Nossos antepassados clamam que honremos e elevemos suas memorias!

E' tempo de ajirmos. Urje punir os salteadores mesquinhos que nos atacam!

Este soberbo pavilhão auriverde que se levanta orgulhôzo de norte a sul está vacilante quaze a desaparecer nas trevas do esquecimento! Corramos a sustental-o. E' nosso dever!

O! terra querida de eterna primavera! Teus filhos ouvem teus gritos! Vingança! Vingança! Vingança. Os brazileiros, mãi, saberão vingar-te, porque em seu peito pulsa um coração e neste coração pulsa o amôr sublime, o imenso AMOR DA PATRIA!

Simbolo majestozo do meu Brazil, tu não desaparecerás porque nós te sustentaremos!

Avante, camaradas o tempo é chegado, que nossa diviza seja:

AVANÇAR SEMPRE. RECUAR NUNCA!

Salve os Patriotas!

Salve o Brazil!

Salve o Simbolo do Amôr!

—O PAVILHÃO BRAZILEIRO!—

M. Furtado.

PERSONALIDADES

O biografado de hoje é o professor José Augusto Correia, cuja vida tem sido uma das mais modestas de que temos conhecimento. Natural desta cidade, filho do Dr. Frederico José Correia e D. Emilia Filomena Baima, dedicou-se a principio á vida comercial, no Ceará e depois mediante concurso, foi sucessivamente empregado no Tezouro Publico do Estado, na Tezouraria de Fazenda e Delegacia Fiscal.

Aposentou-se no cargo de contador desta ultima repartição com 36 anos de serviço. Exerceu as comissõis de Inspetor da Alfandega e Delegacia Fiscal deste Estado e recuzou as da Delegacia Fiscal do Pará e Inspetor da Alfandega da Baia, que lhes foram oferecidas pelo Dr. Bernardino de Campos e Severino Vieira.

Dezempenhou as seguintes comissõis de exame: uma vez na Repartição de emigração e terras

publicas, outra na Guarda Moria, duas no Tezouro Publico do Estado, duas na Caixa Economica e uma no Monte de Socorro. Dedicou-se desde muito moço ao ensino particular, foi professor dos colejios de d. Luna Messina de Sá Correia, padre João Batista Felon, Jozé Ribeiro do Amaral, D. Roza Nina, Raimundo Tolentino Lisbôa Coqueiro e Seminario de N. S. das Mercês; hoje, porem, se limita ao ensino em sua caza. Ha longos anos publicou os «Estudinhos da Lingua Portugueza». Ponto de Arimetica, «Rezumo de Aljebra» e uma mimoria sobre a sôa filha Graziela.

Tem colaborado para «A Revista Maranhense» «O Ateniense», «O Popular de Floriano», «O Bloco», de Caxias, Ciencias Artes e Letras, do Rio. «A Pacotilha», «A Tarde», «O Jornal», "O Estado". Tambem colaborou para o "Almanack" dos srs. João V. de Matos & Irmão. E' socio fetivo da "Academia Maranhense" e honorario das sociedades Barão do Rio Branco e Silvio Romero. Chegou a ser nomeado iente substituto do Liceu Maranhense, cargo de que foi logo privado por gestão de incompatibilidade com seu emprego federal, e declinou da honra de ser professor de curso anexo á Escola Normal, na administração do Dr. Benedito Pereira Leite, que para isso havia solicit do permissão ao Ministro da Fazenda.

Finalizamos o nosso pequeno trabalho de hoje, aprezentando ao publico ledor, rezumidamente o que sabemos sobre o cultor da lingua de Camôis —o professor Jozé Augusto Correia.—M.

Amôr

Não, eu não posso crêr que de mim tivesses feito o mesmo juizo exarado nos quatorze versos daquele soneto, que me enviaste. Nele o seu autor peca por avançar á possibilidade de haver um coração capaz para conter dois amôres de uma só vez.

Não o creio eu. O coração dedica-se a uma unica pessôa e por ela se enche de amôr e de saudade para toda a vida. Não se lhe morre nunca o sentimento afetivo da amizade. Amar a dois, tanto é impossivel, quão destrutivel por falta de lojica. O mais é desconfiança, que se gera n'alma de quem em tal acredita e reclama. O homem afeiçôa-se unicamente a uma mulher e quando se lhe sabe intenso o seu amôr, ele a escolhe para doce companheira atravez de todas as alegrias e de todos os dissabores na vida. Entre cem mulheres, ama-las a todas se lhe torna impossivel, corteja-las e galantea-las sim. Só ha para ele uma, entre todas, eleita do seu coração e escolhida de sua alma. E se não fosse a tua desconfiança de haver eu dividido o meu aféto entre duas—eu não estaria para cá a dizer-te que és tú, só tú meu puro e unico amôr entre todas as mulheres. Só tu, amôr.

Em 7 de Outubro de 1917.

J. Gomes.

Ela

A José M. Saldanha.

Foi assim que ela partiu: fitando a natureza com os olhos lacrimozos, acompanhando o silencio da tarde e a placidez das aguas do rio de tua terra.

A tarde era triste.

O sol tombava já no ocazo. As vagas, que, de encontro á fóz do Nambu-assú, Vorg, incessantes sobre a praia ornada de açusenas beijavam o alvo lençol d'areia, que se estende por toda a praia marchada de contas avermelhadas. E, para completar o quadro tristonho reprezentado pela natureza, os bois, na «Prata», mujiam doridamente, lamentando a proxima auzencia do dia, que lento e lento, se ia findando!...

Ouvia-se ainda o dobre de um sino, que, sentidamente, anunciava a partida eterna d'alguem...

E assim, a que ia partindo, contemplava tudo isto cheia de saudades e de melancolia. Tinha saudades de sua terra, de suas amigas e do joven que adorava, aquele a quem estreitava em sonhos.

Mas não obstante o sentir sincero de sua alma, partia, pois assim o destino lhe ordenára.

Impavida continuava ela do balaústre do vapôr, acenando para terra com seu lencinho preto, *até* que *sumira-se* na primeira curva do Itapecurú o vapôr que a conduzia...

Quedê Rozario?—Balbuciou a virjem:—*Quedê* os vales cortados de faixas corde-roza?

A! Os vales, onde a briza farfalha meigamente nas folhas das *jossareiras* e a perdiz pia na môita, despertando o chico-preto, á ave do canto triste pleno de saudades!

A! nada mais vêjo da minha terra!!..

Nem siquer a Igreja, orde em orações fremente suplicava a Deus a benção do meu amôr; amor que teve o seu lurço pelo Natal do divino filho de Maria em uma bêla vivenda onde eu, como uma das figuras da «Pastoral Coêlho Neto» o seduzi com a minha vóz de pastora, e êle embriagou-me com o seu olhar languido e sereno!

Ah! nessas horas santas em que consagramos mutuamente um amôr puro e sublime; para nós tudo sorria, até o pio do môcho solitario enchia-nos de armonia quando indecizos nos achavamos no jardim cercados pelas violêtas e tendo por luz o esplendido luar de dezembro!

A! eramos felizes então!

Como duas andorinhas que sentem a influencia da primavera, saimos pelo vasto campo embriagando-nos com o aroma da bonina e de outras flôres agrestes...

(Continúa) **Josè E. Ferreira.**

Entre o amor e o dever

A' Michol Viana

—Amelia e Lucia apezar de separadas pelo oceano amavam-se loucamente. Esta desde tenra idade vivia em companhia de sua avó materna na cidade de..... Amelia rezidia no Rio em companhia de seu velho pai.

Esta contava seus dezoito anos e Lucia seus quinze primaveras. Amelia tinha dezejos de ter junto a sua

terna irmã, sentia vontade de tê-la em seus braços e confiar-lhe os segredos do seu primeiro e feliz amôr. Lauro a amava e era correspondido.

Quem ama necessita de têr um ente que lhe sirva de confidante. Era que faltava para Amelia, mas esta recolhida em seu leito dizia a si propria: — Amigas? Actualmente poderemos contar com elas? Não!

Quantas vezes recebemos de uns labios um beijo que julgamos sincero e êsse é dado com tanta hipocrizia e perversidade?! Eu confesar a minha ventura á êssas que me beijam a todo o momento?! Não, não farei jamais!

Se Lucia, cá estivesse seria o sacrario onde eu guardaria sem receio de ser violado os segredos de minh'alma.

—Por uma manhã de janeiro, Lucia voltava a vêr o lar antigo. Sua avó morrêra e ela procurava os braços de seu pai, e os carinhos de sua irmã.

A tarde ambas passeavam pelo jardim da bela chacara onde Amelia contou com toda a eloquencia as felicidades do seu primeiro amôr.

Lauro foi aprezentado á recenchegada que lhe beijou a fronte:— Bem vinda sejas Lucia; quero que me ames muito, pois vou ser teu irmão». A moça deu-lhe um sorrizo angelico murmurando: Poderá contar com meu amôr serei sua terna amiguinha. Ao partir desse dia travou-se no coração da joven uma luta cruel. Lucia amava a Lauro, e sucumbia ao pezo de tão grande amôr pois, preferia morrer do que trair sua boa irmã. As vezes o coração oprimia-lhe e ela refujiava-se em seus apozentos e deixava desabafar no pranto a sua aflição.

Por uma bela tarde de Maio Lauro e Amelia juraram perante Deus e a sociedade a sua união éterna. Eram felizes. Os noivos partiram em busca de seu ninho de felicidades, enquanto que a pobre joven sufocava o seu amôr para sempre perdido. Lucia recebeu daqueles felizes entes têrnos beijos de despedida. Partiram no seu lindo coupé, iam rizonhos e venturozos. Lucia em soluços ajoélhou-se junto ao leito tendo entre as mãos crispadas o retrato de Lauro.

Perdoa, Lauro, o meu desvairado coração. Eu te amo com todas as forças de uma alma apaixonada. Se nunca confessei o meu amor por ti é porque o dever fraternal fazia me calar.

Sem ti não posso viver.

Acabas de abrir entre nós ambos um profundo abismo no qual depozito as minhas loucas luzões. Trair minha boa e santa irmã? Isto nunca! Fazel-a conhecer o meu crime? E' horrivel! Perdôa a minh'alma criminoza. Foi para ti que dediquei os meus primeiros sonhos de virjem.

Esquecer-te me é impossivel.

Não devo e não quero jamais separar-te dessa que é digna de teu amor; e antes que reconheças a minha paixão e que uma nuvem negra possa toldar o futuro de minha boa Amelia, saberei procurar no seio da morte o esquecimento deste amor sem esperanças.

Recebe, Lauro, o meu primeiro e ultimo beijo.—Lucia cobria de beijos o retrato do espozo de Amelia.

Nas primeiras horas da manhã o sol com seus belos raios veio iluminar aquela alcova virjinal. Nela já não transpirava amor e felicidade e sim reinava o silencio da morte.

A infeliz creatura levara ao tumulo o segredo do seu primeiro e unico amor.

Lucia suicidou-se beijando o retrato de Lauro.

S. Luiz—917. **Gasear.**

Castro Alves

Estudo lido na aula de literatura do Liceu Maranhense, em Junho de 1915

Cachoeira foi o berço natal de Castro Alves, em 14 de março de 1847. Estudou direito primeiramente em Pernambuco e depois em S. Paulo. Fez, na cidade do Salvador e na Capital do imperio os seus estudos preparatorios. Revelou desde creança notavel talento e muita habilidade para poeta esperançozo e rico de imajens.

Os dotes do seu coração e o esplendor da intelijencia granjearam lhe consideração e estima entre os seus condicipulos.

Aconteceu, todavia, que antes de terminar o curso academico, em uma caçada, um tiro cazual da propria espingarda lhe despedaçou o pé, cuja amputação o prostrou fizica e moralmente.

Exerceu grande influencia sobre o espirito da mocidade academica do seu tempo fazendo sempre vibrar a nota livre e generoza em todas as questões. Foi, assim, um dos mais pronunciados abolicionistas, ainda antes que do abolicionismo se fizesse o lema de um grupo de ação.

Os grandes poetas das primeiras fazes do romantismo, ou já tinham falecido, ou estavam mais ou menos mudos, quando foi iniciado o movimento hugoano, chamado mais tarde pelos criticos a poezia condoreira.

O sincretismo dos fatos mostra-nos que Machado de Assis, Fagundes Varella e Tobias Barreto começaram pelo mesmo tempo. Castro Alves seguiu logo, imediatamente, e o mesmo foi o cazo de Luiz Guimarães.

Como se está a ver são cinco individualidades notaveis que representam os foros de nosso lirismo no decênio que vai de 1860 a 1870 e anos proximos.

«Castro Alves foi dicipulo de Tobias Barreto de Menezes, mas teve destino completamente diverso do mestre: foi sempre o *enfant gaté* dos dispensadores da fama neste paiz, especialmente depois que José de Alencar e Machado de Assis o apontaram á admiração geral.

O poeta, aliaz não precizava de tais encomios e proteções, porque tinha realmente grande talento.»

Os proceres do condoreirismo se fizeram em Castro Alves e Tobias Barreto de modo especial, porque—convem notar—todos os poetas brazileiros desde Gonzaga e Silva Alvarenga até os de hoje têm sido essencialmente liricos, embora imitando sucessivamente Lamartine, Hugo, Musset, Byron, Lecomte de Lisle, Baudelaire, Heredia Gautier—e até Verlaine!

E licito dizer que depois da Escola Mineira, nunca mais tivemos poetas imitadores de poetas portuguezes. —Porque quando os nossos poetas pareciam estar imitando Guerra Junqueiro, os modelos que êles realmente imitavam era Byron, Baudelaire e Victor Hugo atraves da imitação anterior do autor da «Muza em ferias.» Mas em certas composições, o cantor das «Espumas Flutuantes» adotou amaneira hugoana, especialmente, o uzo

frequente das hiperboles, dos contrastes, de' massaje arrojadas, dos vôos rapidos : e foram essas composiçõis as que mais concorreram para a espalhada fama dos dois e as que deram azo á creação do neologismo com que ficou sendo conhecida a escola.

Em nossa sociedade um fato havia que o impressionou sobre todos, o fato da escravidão; e tentou fazer o poema dos escravos. Castro Alves não fez a psicolojia nem a sociolojia do escravo.

Deixou dois livros,o «Poema dos Escravos»,imcompleto,e «Espumas Flutuantes».

A critica e o povo com razão diverjem da opinião de Silvio Romero que dá a primazia ao autor dos «Dias e Noites».

Morreu na cidade do Salvador a 6 de Julho de 1871.

Fausto Barreto, e Carlos de Laet dizem que o poeta decaiu em puro gongorismo porem a muitas de suas composições não se podem recusar verdadeiro sentimento e levantados vôos liricos.

Quando Castro Alves foi a S. Paulo, cursar as aulas de direito,encontrou como mestre e amigo,rival e admirador, José Bonifacio, orador de seu tempo, modelo de honestidade civica e de honradez.

Felizes os que naquela terra de tantas tradiçõis ouviram numa mesma festa aquele orador e aquele poeta.

Alem do encanto sentia-se a gente feliz de ser desta America e de contemplar os dois astros. E quando os dois cessavam erguiam-se outros talentos admiraveis, como,por exemplo, os de Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros.

Dessas festas só S. Paulo pode, nestes dias de materialismo, ser o teatro.

Ferido pela morte de Castro Alves, José Bonifacio aproximou-se da tumba gloriosa, onde dorme o poéta da Republica,e disse-lhe o ultimo adeus sentido até a lagrima,tocante como a prece:

Eu ouvia-o cantar . . . o sabiá pouzava
Da laranjeira em flor, no agreste galho. '.

E a flor, e a borboleta e a folha verde
E a torrente, e o sol e o ceu e a gruta
Eram d'ave inspirada a imensa orquestra
No concerto do amor! . . .

Foste'do sonho á morte! . . . oh! dorme, dorme,
Talvez sonhes ainda.

Ruben Almeida

A Matirolojia Mitica

De fates arvada, capazes de realidade ter, somente, naquelas epocas, em que do Olimpo os deuzes sobre o homem exerciam a nenhum de suas paixõis, ela, a martirolojia mitica e cede a todas as outras, de que os compendios ocupar-se possam.

Vingativos, bastava um gesto, para que metamorfoseada ficasse a pessoa, que em sua antipatia caia, ou que aos seus insaciaveis caprichos não se sujeitava.

Eram tornados em montes, flores de propriedades especiais, fontes inspiradoras, borboletas que viviam em bosques e clareiras, aprezentando-se a frente de caçadores, atraindo-os pela multiplicidade das cores de suas azas, e fazendo com que eles se desorientassem, indo parar em abismos, vagando pelo mato internando-se, internando-se cada vez mais.

E as vezes a essas converçõis davam orijem surprezas, atos involuntarios flagantemente praticados.

Diana, a deuza que andava sem vestes; pelas matas, encantando com a fragancia de sua carne macia e leve, os vejetais que se sentiam alguns sensibilizados, curvando-se reverentemente aos seus delicados pés, transformou em cervo a Ateon, que devorado foi incontinente por cães. Isto tudo somente porque a contemplou quando com suas colegas brincava com as ondas leves do mar.

Por não haver corresponcido á amizade persistente dessas entidades antropomoficas, a humanidade teve de sofrer consequencias da sua insubimissibilidade Admostor, o fabulozo e temido Adamastor é objeto preocupador, por muitos anos, dos que cruzam o oceano em direçõis diversas.

Pintavam-no como uma verdadeira monstruozidade filhos daquelas lejiõis de ciclopes, que construiram cidades fortes e duradôras, que elevaram monumentos, cazas e edificios colossais, que na sua imutabilidade provam a rejidez um tanto duvidozo desse povo previlejiado da natureza.

E assim era o gigante temivel; de vóz forte e aterradôra, de boca negra guarnecida de dentes amarelos, de um fizico herculeo de feiçois carregadas, cabellos crespos entremeados de terra. Era assim que pintavam o cabo que fica ao sul da Africa e que das Tormentas, primeiramente, tivera o nome.

Consideravam-no tambem, como uma das vitimas do amôr de Tetis.

Quiz possuil-a. Encontrando-a na praia, perseguiu-a. Embalde. Foi castigado. Tornando-se em um duro monte. Vive cercado por aquela que a queria possuir, sem poder te-la preza ou ao menos tocar de leve nos seus sedozos cabelos.

Quando dezeja encontral-a, vai fujindo, fujindo, tendo um sorrizo de leve e passajeira brisa que ondeia, suavemente; a superficie levemente calma das aguas.

E fica, talvez, como o não menos lejendario Izaque Laquedem da lenda cristã que por ai anda cumprindo o seu fadario e tendo por orquestra o grasinar e o piar das aves noturnas.

Não tem repouzo.

Tantalo e outros, que faz parte, na serie de vitimas desses deuzes, e que foi condenado a não matar a sede, que o consumia.

Quando, em um rio o pescrando, até onde a agua lhe roçasse pelos lábios, era com surpreza que via o liquido ir escoando-se de forma que, mais aumentava o seu suplicio.

Demonstra este fato uma experiencia fizica.

As cincoenta filhas de Danaü, por haver morto seus esposos, foram obrigadas a encher, no inferno, tonneis sem fundo.

E' muito extensa a lista dessas vitimas que convertidas foram, mesmo, depois de mortas, em fantasma, em espetros, que aterravam, que serviam, somente, para exaltar a imajinação popular.

José Leopoldo

Florilejio Poetico

METAMORFOZE

Era triste e sozinho, em minha escura
Existencia vazia e indeferente,
Jamais brotara o perfumado e albente,
Como do afeto a me adoçar ágrura.

Mas um dia chegaste e docemente,
O teu olhar que como o sol fulgura,
Paizou no meu ca tando uma ridente,
Cavatina de amor sublime e pura !

E á luz dos olhos teus, lindos, prendeste
Meu coração ; em ondas de alegria
N'um sorrizo aromal minh'alma encheste.

E ao clarão deste afeto que se espalma.
Vivo envolta na luc da harmonia
D'um sonho de luar que tenho n'alma.

Zingára.

Noivos!

(Impressão de um postal)

Vês essa estampa como tem encanto?
— Junto ao altar, os noivos tão ditozos,
Mostrando aos olhos o prazer que é tanto
De um prezente e futuro venturozos!

Como eles, de alegria e dôce canto,
Si os dias não nos forem desditozos,
Tambem nós cantaremos o amôr santo,
Que se desvenda em olhares radiozos!

Noivos como eles, nosso amor cantamos;
Si um dia a sorte, cheia de rigôres,
Permitir que tambem nós nos unámos

Eu terei um prazer tão deslumbrante,
Vendo-te ao lado meu cheia de flores,
Vendo-te o olhar de brilho radiante!

Rio, 31—VIII—1917 **João Caldas**

SONETO

Para uma dama da Cruz Vermelha, do Tiro Coronel Rondon, 344.

...E apareceste assim: pura e formoza.
Na pureza ideal do teu vestido;
Uma cruz sobre o peito entumecido,
Era a fé á tua alma assim piedoza.

Esse emblema te leva ao prometido
Juramento de seres caridoza . . .
Serás emfim, tão meiga e tão bondoza
Como esse teu olhar do Bem vestido!

E se um dia partires para a guerra,
A espalhar caridades sobre a terra,
Aos moribundos dando o teu conforto . . .

Hei de tambem partir, bem convencido,
De que, se um dia eu for tambem ferido,
Hei de ir aos braços teus, embora morto!

S. Luiz—19-917. **Oldipio Sotus**

Soneto

A's damas da cruz vermelha do tiro Coronel Rondon—344.

O' vós, que sois da Patria estremecida,
O simbolo do amôr, a caridade;
Vós almas divinais, cuja piedade
Acalma-nos a dôr, dá-nos guarida;

Sêde áqueles que em luta dão a vida,
Um ráio de consôlo e dividade...
Vós, que sois fonte cheia de bondade,
Ouvi a minha prece entristecida:

Quando um dia na guerra um valorozo
Tombar da vida para a morte extrema,
Sêde-lhe a fé nos ultimos cançáços:

E, que, tambem, feliz e gloriozo,
Eu tenha, pela Patria, essa suprema
Ventura de morrer nos vossos braços!

Do «Noturnos» **Clemente Guédes.**

Quando eu partir!

A' minha idolatrada noiva Zaidinha com a alma atassalhada pela voraz saudade de uma proxima separação.

A solidão imensa que eu transponho,
A passo incerto, nó feroz rigor,
Turva-me o canto de um amor rizonho.
Dentro do peito num febril ardôr!

Quando eu partir, levando n'alma o sonho
Desses teus olhos de ete aal fulgôr;
Quando eu partir d ixando o olhar trist nho,
Levarei n'alma o teu sorrizo em flôr!

Quando eu partir chorando a desventura,
O sofrimento atróz desta amargura,
Sentindo o peito exausto pela dor.

Levarei n'alma a tua divindade,
Dentro do peito a dôr de uma saudade,
De uma saudade que me déste amôr!

Rio, 29—8—918 **João Caldas.**

Soneto

A alguem

Se meu corpo baixar a campa fria,
Não chores nunca, pois que não meréco
Tamanha dôr, angustia ou letarjia
Porque por isso tanto não padéço.

Letargos cantos sempre te daria
O meu bom mensajeiro que ofereço
Pelo teu amôr e pela tua magia
A unica cauza desse meu tropéço.

Mas, quando te disserem: já morreu!
Este pobre ser que te amando vinha
Rezas por mim que tanto já sofri.

O amargo fél do amôr que assim venceu.
Desdenhando a afeição que assim mantinha
O afeto desgraçado que perdi!

Dezembro, 917. **Jab**

A "CANASTRA DA REVISTA"

Pairam sobre nossa meza de trabalho diversas visitas de colegas da nossa Revista, honrando-a com belissimas colaboraçõis em proza e versos.

Satisfeitissimos agradecemos a todos, penhorando altos reconhecimentos.

assinantes (interior)

—Estamos ajindo comm a massima presteza afim de não deixar de satisfazer a todos os nossos assinantes, quer da capital, quer do interior.

Temos enviado todos os numeros saidos da Revista.

Se não os recebem a culpa não é nossa, e sim dos correios.

Redengote (S. Luiz)—

—Vai aqui mesmo, por não haver espaço, a sua felicitação ao *seu* Dicote.

Eil-a:

«Salve! Dicote! Salve!

Despertei a meia noite do dia do teu aniversario.... ...Sabes o que ouvi? —O suçurrante esvoaçar de mimozas baratas que pareciam regozijar se com a grande data do teu natal.

Aceitas nas ázas dessas *oves* um apreço do amigo intimo.

Redengote

Sêbo! *seu* Redengote.

—Firmina (Capital)—vae tambem; aqui o seu pensamento a que nos pede urjente publicidade.

PENSAMENTO

A J. V.

O amôr é como, ou tal qual o *crespusculo* numa manhã sobria de inverno.

Firmina

E você, D. Firmina, *sois taliquar* aquela que nunca se convence.

Esta é a quarta vêz que lhe metemos nos miólos que você, D Firmina, é... você não é você!

Zé do Sertão (Capital)

Recebemos a sua inspirada missiva a que nos pede, o bom camarada, um logarzinho na nossa Revista para o surjir das suas brilhantes produçõis.

Desde que se dignou a nos escrevêr o amigo, devia já nos ter ao seu lado, gostozamente.

Nas pajinas competentes deste numero já vão inserradas duas das suas produçõis que nos agradaram bastante.

Outro-sim, chamamos atenção nossos dos amaveis leitores para com os versos deste nosso colaborador que «Na Viôla» dezafia a um qualquer que lhe queira debater.

De fato o nosso Zé do Sertão se mostra bem artilherado para a luta. Para homes.

Assinante (Da capital

—As assinaturas da «Revista Maranhense» terminarão em Dezembro proximo, e, assim sendo, pedimos obzequiozamente reformal-as para o proximo ano de 918.

Srr. João Pedro (Anil) Firmino Pires (Paço do Iguiar) Professora Senhorita Frani Narga (Morros) Podeis angariardes as assinatúras para a «Revista Maranhense» que por tão alto serviço, ep tecamos os nossos elevadissimos préstimos:

Luizinho Sàbio.

Mez Social

ANIVERSARIOS

Em 26 de Outubro deste ano, viu passar mais um ano de feliz existencia a Senhorita Cotinha Nogueira um dos belos ornamentos da sociedade Cururupuense.

Em 22 de novembro p. passado completou, mais uma primavera em Cururupú, a virtuoza Senhora D. Marcolina Nogueira.

Em 17 deste mez completou 2 anos o interessante Jader, sobrinho do nosso companheiro de trabalho João Vicente de Abreu.

Em 24 deste mez fêz anos o pequeno e travesso Omar, irmão do nosso irmão de luta, João Vicente de Abreu.

Clemente Guêdes

Comemorou a 15 do corrente o seu aniversario natalicio o poéta Clemente Guêdes, este nosso esforçado ex-jerente e socio fundador desta Revista, que sempre vem morejando conosco pela realização do fim, que dezejamos alcançar.

Clemente Guêdes é um dos mais inspirados poétas dos que colaboram nesta Revista, e autor do livro «Noturnos» que já se acha no prelo, farto de belissimas produçõis literarias.

Por motivo de seu grande dia, recebeu muitas felicitaçõis. Enviamos-lhe, tambem as nossas, embora seja tarde.

Viajantes

Amelia Nogueira

Tendo concluido o 1.º ano do curso profissional do Liceu Maranhense, adquirindo notas plenas e distintas seguiu para Cururupú onde foi passar as férias essa Senhorita cujo nome epigrafa estas linhas.

Maria Campelo

Depoiz de ter sido promovida com notas plenas e distintas para o 3.º ano do curso profissional do Liceu Maranhense, embarcou para Viana, onde foi descançar das lides estudantais a aplicada aluna, cujo nome epigrafa estas linhas.

Maria Coêlho

Para o Rozario, onde foi passar as férias, depois de ter concluido o 1.º ano do curso profissional do Liceu Maranhense, seguiu esta aplicada aluna cujo nome epigrafa estas linhas.

João G. Abreu filho

Para Cururupú, levando em sua companhia, espôza e cunhado, embarcou este nosso esforçado agente, estimado telegrafista naquela localidade.

—Vindo de Cururupú encontra-se o Sr. José Gaspar Marques, auxiliar da caza comercial do Cel. Gaspar Picanço, em Santa Vitoria (Cururupú).

Coronel Frederico Figueira

O ilustre jornalista barracordense, Coronel Frederico Figueira, viu transcorrer, no dia 10 do corrente, a data do seu natalicio.

Este distinto jornalista depois de ter exercido elevados cargos, neste estado, como o de prezidente do «Congresso,» ocupando, nessa mesma epoca, o de governador interino, onde dasempenhou honrozamente a sua missão, rezolveu deixar esta vida da capital, algumas vezes fastidioza, para ir viver tranquilo na Barra do Corda, cidade esta em que ele sempre empregou os seus esforços.

Frederico Figueira dirije «O Norte,» jornal da Barra do Corda, onde nos deleitamos com a leitura dos seus excelentes escritos.

A «Revista Maranhense» saúda o jornalista dos sertões do Maranhão, pela passajem do dia 10.

Dr. A. Baptista B. de Godois

A 1o de novembro, o dr. Godois recebeu expressivas manifestaçõis da classe estudantal maranhense.

Em a sua rezidencia á rua do Sol, 49, ofertaram lhe um valiozo mimo. Falou em nome de suas colegas, a quartanista Altiva Simite, que no seu elaborado discurso disse do fim nobilitante do educador que, cercado de creanças, vê com satisfação o declinar glorioso da sua existencia. O homenajeado, comovido agradeceu as palavras da oradora,

O dr. Barboza de Godois é autor dos seguintes livros: «Historia do Maranhão» (dois volumes); «Os Ramos da Educação», «Hijiene Pedagojica», «Instrução Civica», «A Sinteze da Educação (no prelo). Esteve como Diretor da extinta Escola Normal, durante muitos anos. E' lente de Pedagojia e Hijiene do Liceu Maranhense e membro de diversas corporaçõis pedagojicas. Tem escrito diversas vezes nesta Revista; é socio da «Academia Maranhense» e foi redator de «A Pacotilha».

Houve uma soirée dansante, nessa noite, prolongando-se até á meia noite. Todos os que lá compareceram foram bem tratados pela familia do festejado, á qual enviamos as nossas congratulaçõis.

Professora Nair Pinheiro

A 15 do mez passado, em prezença da congregação do Liceu Maranhense, autoridades, exmas. familias e reprezentantes de todas as classes, recebeu o seu ciploma de professora Normalista, a senhorita Nair Pinheiro, filha do sr. Jozé Joaquim Pinheiro, empregado federal.

Estiveram prezentes em a sua rezidencia á rua do Mocambo 35, professores, alunos do Liceu e pessoas amigas, que lhe foram levar as suas saudaçõis.

Houve uma soirée dansante. Tocou a orquestra do Sr Bangoim. A todos foram servidas bebidas frias e doces.

—Recebemos vizitas do jovem Jacinto Machado, vindo da Baia; do Sr. Herculano Parga e espoza, que chegaram de S. Luiz Gonzaga.

Instituto Muzical S. José

Em o mez passado, tiveram logar os exames das alunas desse Instituto, competentemente dirijido pela professora de piano, a senhorita Sinhazinha Carvalho.

Quer a parte muzical, quer a parte teatral, ambas estiveram ao alcance da critica.

Nós aprezentamos á senhorita Sinhazinha Carvalho, os nossos parabens pela maneira por que as suas alunas se sairam.

——

Imponente, á 15 decorreu a solenidade da entrega de diplomas ás professoras de 1915. O Liceu estava cheio de reprezentantes de todas as classes,.

Serviu de paraninfa a professora D. Maria da Gloria Parga Nina. Falou em nome da turma a professora Brazilizia Abreu.

——

Mencionadas tambem devem ser as festividades havidas no Instituto Roza Nina, «Escola Normal Primaria» e Escola Almeida Oliveira, que foram animadas.

——

No proximo numero daremos noticia sobre a chegada dos nossos reprezentantes na camara federal, drs. Luiz Carvalho, Luiz Domingues e Agripino Azevedo.

——

Este ano a procissão de Nossa Senhora da Conceição, esteve concorridissima, assim como a festa de Santa Luzia.

Instituto Maranhense

Do Diretor deste importante estabelecimento de instrução primaria e secundaria, do Dr. Oscar de Barros, recebemos um avulso contendo o rezultado dos exames realizados nesse estabelecimento, em novembro, e o nome dos alunos, que mais se distinguiram e obtiveram premios.

Ao Dr. Oscar de Barros os nossos parabens pelo exito obtido, e agradecemo-lhe a oferta.

Falecimentos

D. America do Sul Macieira

Faleceu a 2 do corrente mez a Exma. Snra. D. America do Sul Macieira, irmã do Sr. Raimundo Macieira e das Sras. D. D. Roza, Elvira, Vitoria, Lucia e Maria Macieira Moreira, era cunhada do Srs. Aristides Neto e Antonio Pinto Macieira, madrinha e mãe adotiva do nosso incansavel companheiro Mauricio da Costa Furtado, a quem como aos demais parentes aprezentamos os nossos pezames.

Cel. Melo Falcão

Na Barra do Corda faleceu, em outubro findo o Sr. Melo Falcão, cavalheiro por demais estimado naquela localidade.

Pesames a sua exma. familia.

ASSINATURAS

Comunicamos aos nossos amaveis leitores e ajentes que as assinaturas desta «Revista,» terminarão em dezembro, pelo que pedimos encarecidamente para as renova.

S. Luiz, 31 de Dezembro de 1917

AOS LEITORES

A "Revista Maranhense", enviavos as suas felicitações, dezejandovos bôas-festas e feliz ano bom.

1917 **1918**

Minha mãe!

(Musica do V...)

Aos meus amigos da Revista Maranhense.

Nos teus olhares, minha mãe, eu acho
A luz de um facho á illuminar-me a Vida;
Nos teus olhares, minha mãe, eu tenho
Suave lenho que me dá guarida!

Tu és benefica arajem,
Que embala a verde folhajem
Com beijos consoladores!
Tu és o balsamo santo,
Metigador do meu pranto
Repléto de dissabôres!

Quando sorrir, ó! minha mãe, teu riso
Faz-me indeciso, aos pensamentos meus:
Julgo, por vez, que não mereço tantos
Carinhos santos dos olhares teus!

Tu és a Divina Essencia,
Rainha da Complacencia;
Proclamadôra do Bem!
Tu és o Sol rutilante;
Alguma Estrêla brilhante
Caída, talvez, do Além!

Quando tu choras, minha mãe, eu penso
Que o mais imenso dissabôr supórtas;
E choro ao vêr-te soluçar, querida,
Fazendo á Vida as ilusões já mortas!

Tu és a roza bendita,
Que dezabrocha catita
Com tanta beleza, tanta!
E's Luz, és Alma, és Amor;
Da Vida és aureo explendor;
Tu és Mãe, portanto és Santa!

Maranhão— **Assis Garrido.**

Na viola

I

Cheguei Sou Zé do sertão,
Filho lá das chapadinhas,
Trago um saco de modinhas,
E sou cabra valentão.

II

Dezafio na viola
Ao cabocio que quizer;
Pois não me julgo mulher
Nem tampouco sou pachóla.

III

Para um pouco vadiar
Toco a viola com o pé.
Entono o bordão de «Ré»
Para o mano se espalhar.

IV

Diga-me pois o leitor,
Os nulos, doutos e sábios,
Se tenho jaca nos lábios.
Ou de fato seu cantor.

Zé do Sertão.

MAGIA DO LUAR

Quando a lua
Banha a terra de clarões
E o zefiro que perpassa
A vibrar ternas canções,
Extaziada
Fico assim... a contemplar
Este misterio da noite
Que faz minh'alma sonhar.

Altive Smith.

Alta noite

A Cursina Pereira.

I

Vem ouvir minha bela á janela
Minha voz o silencio acordar
Entre os sons desta lira arquejante
Suspirando ao clarão do luar.

II

Tudo é triste com a voz do silencio
Nestas notas que saem sentidas
Ouve os sons desta terna poezia
Despertados nas horas queridas

III

Vem ouvir meu soluço estas horas
A beijar este bello luar
No profundo silencio da rua
Minha voz a cantar... a cantar...

IV

Todos dormem, eu sozinho eesperto
Minha voz, em soluço alterada;
Relembrando os meus dias passados
Ao clarão desta luz prateada.

V

Vem ouvir este canto sentido
Em paixão transbordante, subir,
As estrelas parecem tão castas
Para a lua a sorrir... a sorrir.

VI

Vem, escuta este doce silencio
Estas horas dormindo em ternura
Despertando cantando poezias
Ao som minha voz em brancura.

VII

Vem ouvir teu cativo estas horas
Satisfeito, cantando e tocando
Nesta lira que chora amargura
E o silencio que dorme o beijar'lo.

VIII

E tu dormes não vês a poezia
Entre os sons que no meu violão
Vae chorando na rua modesto
E banhado em tão bello clarão.

IX

Vem me ver, eu te chamo querida
Vem me ver neste doce luar
Vem ouvir minha lira sonante
Vem ouvir meu amôr suspirar.

Setembro de 1917.

Cureino de Azevedo

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1917

Rs. 913.157$000

Resultado do 70 sorteio da 1.ª Serie (A) a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios.

Premios de 10 isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1501—D. Odinéa Silva Peregueiro, rua Grande, 51.

2.º N. 918—D. Laurentina Rosa dos Santos, rua de S. Pantaleão, 142.

3.º N. 1248—D. Maria Rodrigues Ferreira, rua da Praia de Santo Antonio, 5.

4.º N. 3089—D. Fabriciana da Costa R. Pereira rua do Passeio, 12

5.º N. 3442—D. Helena Jandyra Fernandes, residente em Santa Helena.

6.º N. 2337—DD. Etelvina Antonia e Annita Garibaldi de Rossi, rua do Mocambo, 15.

7.º N. 162—D. Lemeth Lima Figueiredo, rua do Sol, 86.

8.º N. 507—D. Rosa Neto Passos, rua de Santonio, 53.

9.º N. 3036—José Carlos de Souza Brega, rua de S. João, 31.

10. N. 951—D. Julieta Vicentina de Moraes Rego, rua Grande, 91.

CASA NO VALOR DE RS. 1:000$000

2179—D. Josepha Maria Borges Soeiro, rua Direita, 88.

Maranhão, 15 de Novembro de 1917.

Claudino Netto
Fiscal do Governo Federal.
Adolfo Paraiso, Director Gerente.

Padaria Primavera

MORAES E COMPANHIA

— RUA DIREITA n. 35 —

Nesta padaria encontra-se:

PÃES de primeira qualidade, feitos com a melhor farinha que vem á esta capital, saborozos PÃES DE MILHO, preparados com asseio. CHOCOLATE em pães e em latas muito procurados pelo sabor que oferecem.

Encontra-se tambem AGUARDENTE CAPIM-LIMÃO e muitas variedades em bebidas.

Neme Munaier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais?

—Dezejando comprar algumas coizas, não encontro uma caza comercial que me agarde ..

Que novidade! O amigo, a procura de uma caza!!! .

—Então as tuas reticencias me fazem crér que conhecos alguma bôa...

Se conhece?. . Está claro. A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

—Onde?

Vem comigo!... Lá tu verás... **bons brins, chapéus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerólas, meias, estrados de diversas qualidades sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas, para dentes, toalhas, panilhos,** enfim uma infinidade de outras coizas eles vendem por preços nunca vistos...

—Vamos, depressa. Está muito longe?

—Não. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz. 19 ou estão na rua do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

Entre a moda e a Elegancia

---Já compraste os sapatos dos ultimos modelos?

---Não . . .

---Então compra-os na CAZA BORDALO, á rua Grande, n. 27, que recebeu as maiores e mais chics novidades do Rio de Janeiro.

"Pharmacia do Norte"

--Praça João Lisbôa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a prepreços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empresa Fredal do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal Bromil, Balsamo, Café Nauegante, Café Bei ão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leito de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opodeldok. Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio. Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher. Sulafto de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintuza homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Rame, etc. etc.

REGULADOR GARRIDO

(NÃO HA RIVAL)

O remedio mais soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exajeradas e muito fortes, da Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações Chnicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras, o Catharro do Utero a Suspensão da Menstruação, a Palidez das Moças e o Rachitismo das Moças.

O Regulador Garrido, o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Uteco.

O «Regulador Garrido», pode ser uzado por longo tempo e em qualquer occazião, sem cauzar mal algum ao doente

DEPOZITO GERAL, na Farmacia GARRIDO, de GARRIDO & PACHECO.

—RUA OSWALDO CRUZ, 10

OURIVEZARIA PEROLA

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Alfereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, aneis, abotuadoras, alfinetes de gravatas, trancelim para pencenez, porta-leque voltas de coral, teteias etc.

PRECOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Proprietario:—JOSE' L. PEREIRA

9—Rua Grande—9 9—Rua Grande—6

20.000

E' por quanto se obtem um fato de brim branco bom, calças e paletot bem feito na

ALFAIATARIA GUÉDES

á Rua de Sant'Anna, n. 3, canto com a rua 28 de Julho

EXTERNATO S. BENEDITO

Curso primario—noturno

SÉDE—RUA DA MADRE DEUS, 67

Abrir-se-á este estabelecimento de ensino a 15 de janeiro proximo, achando-se desde já abertas as matriculas Mensalidades. Rs, 4.000

Ano 3 | S. LUIZ DO MARANHÃO--Fevereiro de 1918 | Num. 24

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES:
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes

DIRETOR
Antonio Louzeiro.

TEZOUREIRA
Maria E. Varela
REVISORES
Astrolabio Caldas
Mauricio Furtado

ASSINATURAS

ANUAL (Tirajem 500 exemplares)		SIMESTRAL	
		Capital	1$200
Capital	2$000	Interior	1$500
Interior	2$500	Exterior	1$800
Exterior	3$000	Numero avulso	$200

SOCIOS COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Antonio Mariano, Candido Aires, João Caldas, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Garrido, Benicio Rodrigues, Fileto Rodrigues e Ruben Almeida.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Arcoé Fernandes, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zuleide Bojó, Zozima Sá Cavagnac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela e Altiva Smith.

SUMARIO:

Coêlho Neto—Redação; Dr. Urbano Santos—Redação; Dr. Costa Rodrigues—Redação; Couzas—João do Rocio; As publicações—Redação; Coelho Neto—José Augusto Correia; Recordando—Mariposa sem sorte; O trabalho e a economia—José Augusto Corrêa; As trez fazes—Gascar; Lebre por gato—Hostilio; O Cururupú e seu povo—José Leopoldo; O mez social; Florilejio Poetico—Diversos.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos Prof. Jozuila Costa.
Rozario—Prof Laura Souza.
Arari—Major João de Lemos.
Bacabal—Sr Emiliano Castor R. Falcão.
Pedreiras—Sr José Castelo Branco.
Caxias—Fran Teixeira.
Araiatuba Prof. Cecilia Martins.
Flores—Prof. Aciolina S. Guimarães.
Viana— enhorita Maroca Nogueira.
Pesalva—Jozé M. Caldas Marques.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva.
São Bento Prof. Amelia B. Lobo
Cametá—Pará—Tobias de Souza Rovoredo
Pinheiro—Prof. Ermelinda Maramaldo e Francisco Leite.
Icatú—Prof Jozefa Amazonas.
Anxa—Prof. Raimunda L. Fernandes.
Rio de Janeiro—Amilcar Serra Pinto e Silva.
Cajapió—Sr. Epifanio Silva.
Tury-Assú—Prof. Adaljiza Feques.
Chapadinha—Sr. Manoel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Buriti—Prof. Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Ponte-Nova—D. Izabel Araujo.
Cururupú—Sr. João G. Abreu, filho, e Raimundo Gabino.
Alcantara—Prof Filomena Cruz
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Terezina—Piauí—Sr. Edson Moura.
Amarante—Sr, Paulo Ferreira.
Belo Horizonte—Minas—Bacharel João Caldas
Minas Gerais—Cambuqueira—D. Maria Silva.
S Gabriel—Amazonas—Sr. Eduardo de Oliveira Neto.
Cantanhede—João Rodrigues

MARANHÃO - FEVEREIRO DE 1918

ANO 3 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 24

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

ESTADO DO MARANHÃO



Coelho Neto

Das parabolas atribuidas a essa figura lendaria do Divino Mestre—que pelo facto mesmo de ser lendaria tão profundas raizes de amôr criou no coração dos milhares e milhares de crentes que pelo mundo afóra para ela teem alma e olhos voltados como estrela a luzir no fundo de um céu borrascozo—sem duvida a mais linda de todas e a mais apropriada para este momento em que a *Revista Maranhense* dedica a sua pagina de honra a Coelho Neto, é aquela em que, se refere a sempre bem lembrada historia do Filho Prodigo.

Evoquemos o quadro.

Pelos caminhos agrestres da Betania, de volta de Cafarnaum, segue, pés descalços, pelo areal sem fim que um sol eternamente castiga, um homem novo, de trinta e dois anos talvez, olhos azuis de uma suavidade balsamica, barba loura terminada em pontas, expressão terna irrezistivel. Acompanham-no outros homens, moços alguns, outros velhos, mas todos de pés descalços como ele, cabeça ao sol, amplos mantos jogados por sobre os hombros, trocando confidencias em voz baixa. Depois, um sequito numerozo de homens, velhos, mulheres e crianças e depois uma multidão de cegos que veem do surdos que ouvem, de mudos, que falam, de paraliticos que andam e uma outra multidão de paraliticos, de mudos, de surdos e de cegos que esperam com a paciencia de Jó o momento dos milagres.

Quem é esse que assim leva atraz si tanta gente obediente? Onde vai essa caravana exquizita, desprovida de armas, de alimentos, de conforto, levando filhos pequeninos ao colo?

Ah! Esse é Jesus de Nazaré, o Messias prometido, a cuja voz obedecem ventos e tempestades. Essa caravana não preciza de conforto, nem de alimentos, nem de armas: conforto, ela o sente na pobreza de suas vestes; alimentos, ela os tem, o mais necessario de todos, o alimento da alma; armas, a maior, a mais poderoza é aquele que segue a frente, detendo-se de momento em momento para abençoar um pequenito que corre a abraçá-lo nos joelhos, ou para se desviar de um inseto que passa, vagaroso, inerme e descuidado, pelo meio da estrada...

Mas o sol já vai alto, a areia daquelas terras é quente, calcinante, e o caminho foi longo demais.

O Divino Mestre detem-se.

Indicam-lhe os apostolos um terebinto proximo, cuja fronde espessa sombréa dezenas de metros em de redor. Senta-se o pastor sobre uma podra, encostado ao tronco. Num instante toda aquela multidão faz circulo e emudece como por encanto. Ouve-se o vento sussurrando pela folhagem das palmeiras vizinhas e o canto dos passaros dentro dos ninhos fecundos. O Divino Mestre espera as ultimas notas do gorgeio, e entra a contar a parabola do Filho Prodigo As suas mãos finas erguem-se vagarozamente, distem-se em gestos suaves apontanto o horizonte e o céu. As palavras saem de seus labios, doces, cheia de unção, e infiltram-se até o mais intimo dos que o escutam enlevados. Por sobre a sua cabeça divina veio parar, em rebrilhos multicores, um resplendor luminozo.

E ele fala. Fala do pai que tinha dois filhos. O mais moço, um dia, pediu-lhe a parte da fortuna que lhe tocava, e com a trouxa ás costas partiu a correr terras lonjes, dissipando dinheiro a manchêos em todas as partes por onde passava. As crianças corriam a festejá-lo; as mulheres mais lindas porfiavam em merecer o seu amor; os velhas meneavam a cabeça, desconsoladamente, num gesto vago de compaixão pelo estulto mancebo... Dia veio em que a sua fortuna se esvaiu por completo e ele se achou na mais negra mizeria. O que então sofreu, as suas penas, o seu desespero, tudo contou o Divino Mestre. Havia, entre os ouvintes, moços que choravam, velhos que suspiravam... Até que resolveu voltar á caza abandonada. Se seu pai sustentava mercenarios, por que não haveria de sustentar a ele tambem, que outra loucura não cometera senão a de gastar prodigamente um dinheiro que áfinal de contas era seu? E foi. Chegado á soleira do lar que anos atraz deixara, sentiu oprimir-lhe o coração uma tristeza incompreendida, imensa, que o fez derramar copiozo pranto. E quando o pai descuidado, chega e o vê e ouve a suplica do perdão, corre a lançar-se lhe ao pescoço, dizendo-o inteiramente per-

deado, rindo e chorando, ao mesmo tempo, de alegria, mandando que lhe vestissem a tunica mais bela, dessem-lhe sapatos e anel, enquanto os servos passavam, anafamados, carregados de odres de vinho e de cestos de frutas para o banquete de regozijo. Chega o filho mais velho do campo onde estivera a lavrar a terra, e vendo o irmão mais moço e aquele aparato, e ouvindo as sinfonias do concerto, ao envez de participar da alegria de seu velho pai, apressa-se a verberar o seu procedimento: Como, meu pai? Então para mim que te sirvo ha tantos annos e que jamais te desobedeci, nunca me deste um cabrito para me divertir com os meus amigos, enquanto que para o filho desobediente mandas matar o bezerro gordo? O velho comprehende a queixa, e em lugar de admoestá-lo explica-lhe com brandura: Meu filho, sempre estiveste ao meu lado e tudo quanto possuo é teu. Quanto teu irmão, estava perdido e voltou, julgava-o morto e elle resuscitado. Regozijemo-nos portanto.

E' esta, caros leitores, a parabola a que queremos aludir. Ela tem aplicação oportuna.

Coelho Neto é o filho prodigo da escritura

Partiu, um dia, da sua terra—que é tambem a nossa, o Maranhão—levando consigo a fortuna que lhe pertencia e que era o seu caracter, a sua inteligencia e o sua cultura.

Nada mais. Longe daqui, não guardou avaramente o seu tezouro, antes o gastou com prodigalidade nunca vista, enriquecendo as letras nacionaes com essa piramide admiravel de 73 livros. Setenta e tres livros! é bem que se repita. Si em um ponto discorda a parabola do evangelho com esta realidade: nessa, o filho prodigo arruinou-se, enquanto nesta, á medida que Coelho Neto enriquecia as letras de seu paiz, mais e mais enriquecia tambem o seu talento e o seu preparo intellectual.

Mas sentiu nostaljia do sólo patrio. Voltou. E aqui o temos qual sempre o foi: nobre, festejado, talentozo, prodigo. Como, pois, não se regozijar o Maranhão vendo voltar o filho estremecido que se deixara ficar em terras longinquas, esperdiçando o seu tezouro em beneficio de quem tão mal o tem sabido apreciar?

Vêdes, portanto, caros leitores, a razão do jubilo da «Revista Maranhense», ornamentando o sua pajina, de honra com o retrato de Coelho Neto. E' a festa de regozijo pelo regresse ao seio de seu Estado do filho que dela partira ha 19 annos.

Mas aqui, como na parabola, haverá quem, á semelhança do primogenito, findague agastado do *por que?* desta alegria.

Deixá-los...

E ao conterraneo que, no nosso meio, piza novamente o sólo de sua terra, ofertemos o nosso apoio e a nossa amizade que outra coisa reprezentam é senão a amizade e o apoio da Mocidade Maranhense.

R.A

Dr. Urbano Santos



O Maranhão rezerva quasi sempre aos seus filhos que o têm elevado e engrandecido provas incontestaveis de estima e admiração, significativas da sua gratidão pelos esforços dispendidos em beneficio do seu progresso pelos seus ilustres rebentos.

Assim é que patenteou ao nosso ilustre conterraneo, dr. Urbano Santos, eminente vice-presidente da Republica, em duas consecutivas manifestações, no dia em que s. exc. pizou o solo bemdito do seu torrão natal, e no dia do seu aniversário natalicio, uma verdadeira consagração.

Inegavel é, portanto, o reconhecimen todo povo maranhense.

E todos que conhecem de perto as necessidades maranhenses, são unanimes em reconhecer quanto tem feito por este torrão excelso, o nosso eminente conterraneo, que tanto nos tem engrandecido.

Todavia, é em que todos nós convimos é que de muito o Maranhão ainda precisa. E só poderá obtê-lo dum homem de pulso vigoroso e forte como o é o de s. exc. o dr. Urbano Santos.

E foi somente por essa circunstancia, o imperio das nossas necessidades, que vimos, já pela terceira vez, os nossos destinos entregues a tão elevada personalidade.

Pela sua rara habilidade, o dr. Urbano Santos conseguiu voltar sôbre a sua individualidade politica os olhos da nação que lhe reclamava os serviços, ao mesmo tempo que nós, os seus conterraneos, applaudimos para s. exc. entregando-lhe a alta administração do Estado, porque só em s. exc.

nomento, encontravamos a taboa de salvação, ante o abismo insondavel em que nos iamos precipitar.

Forçados a ceder á consciencia nacional, vimo-nós ainda pela segunda vez privado diretamente dos beneficios que as mãos habeis deste nosso insigne patricio nos poderiam trazer.

Agora, porèm, com prazer o dizemos, s. exc., que se acha avigorado para a luta, vem satisfazer o compromisso de honra que conosco assumiu na plataforma que lançou á publicidade quando candidato ao cargo de governador.

Vem governar-nos com júbilo de todos nós que somente em s. exc. depositamos todas as nossas esperanças.

Ao dr. Urbano Santos o povo maranhense deve ser eternamente grato, porque s. exc. com êsse gesto nobre e altivo, pulverizará os insidioso boatos de que o seu programa de govêrno ficaria em mera promessa, e de que s. exc. não assumiria as rédeas da administração do Estado.

* * *

Apressamo-nos em registar, com o mais intenso contentamento, a posse de s. exc. no cargo de chefe de Estado, para que s. exc. foi eleito pela maioria dos seus coestadanos.

E agora, frizamos, bem afim de espairecer qualquer dúvida que por ventura ainda se possa alimentar, que no govêrno do nosso eminente patrício dr. Urbano Santos da Costa Araujo, a se iniciar a 1.º de março vindouro, teremos de acôrdo com o programa dêsse emérito coestadano, um bom porto, a tração electrica, uma optima rede de aguas e esgotos e avenida beira-mar, melhoramentos estes por que tanto anciamos.

A nós, os rapazes da «Revista Maranhense», que formaremos o Maranhão de amanhã, s. exc. o dr. Urbano Santos merece, como do povo maranhense em geral, pela desobriga do seu compromisso, tomado para com o povo da sua terra natal, o mais franco e o mais decidido acatamento.

E é por isso que acompanhamos com o mais vivo interesse as acções que s. exc. tem empreendido em nosso beneficio, e, reunindo-nos aos manifestantes que o consagraram como o nosso futuro govêrnador, de facto, que será de 1 de março em diante, mandamos a s. exc. as nossas saudações de boas vindas, assim como as congratulações sinceras do nosso sentir de jovens, pela passagem do seu natalicio.

Foi um verdadeiro acontecimento a chegada do nosso insigne patricio dr. Urbano Santos á sua terra Natal.

O povo em massa acotovelava-se na rampa de palacio e na Avenida Maranhense onde o eloquente tribuno, nosso confrade Domingos Barbosa, em nome do povo do Maranhão, saudou o dr. Urbano Santos como vice-presidente da Republica, e governador eleito do nosso Estado.

Dr. Costa Rodrigues

Em visita aos seus numerosos amigos que formam a pujante organização partidaria do Estado, denominada —Partido Republicano Liberal, chegou a 11, a esta capital o prestigioso politico patricio o senador Manoel Bernardino da Costa Rodrigues.

Indizivel foi a satisfação reinante no seio da sociedade maranhense, que se levantou em pezo, como uma só pessôa, para receber tão elevada individualidade.

Politico dum largo descortino, o eminente chefe liberal conseguiu congregar em tôrno do seu nome as simpatias da população do nosso Estado, que, na sua maioria, está coêsa e firme ao seu lado, na defeza da nobre causa por que ha 26 anos vem lutando a causa liberal.

Duma inamolgabilidade de caracter, e duma circunspecção, como todos lhe reconhecem, o senador Costa Rodrigues, lutando contra a mais atroz adversidade, tem posto á prova as belas qualidades de estadista que possue.

Chefe de maior agremiação partidaria do Estado, onde os seus proselitos, mais e mais se firmam ao seu lado com a maior lealdade e dedicação, êsse eminente politico, em 1909, penetrou nas ratas dos seus adversarios para apoiar um delles a quem amigo do mesmo credo queriam alijar do poder, quando foi da dualidade de govêrno.

Por esses gestos de desprendimento, mais e mais o senador Costa Rodrigues se impõe á estima publica. E é por esses seus atos nobres que o povo seu conterraneo lhe tem uma verdadeira veneração.

E' quê o senador Costa Rodrigues é o idolo do povo maranhense.

Acuzam-lhe de fraqueza por não querer tomar a responsalidade da alta administração publica de sua terra fazendo elejer um seu amigo politico, na faze de convulsão por que atravessa o Maranhão, em 1909.

E' que o senador Costa Rodrigues preferiu a harmonia dos partidos, a cessação das lutes politicas que convulsionam o estado, por que só assim todos, de comum accôrdo, poderiam trabalhar em beneficio do Maranhão, terra que tanto ama e astremece.

E foi dessa sua atitude, digna dos maiores louvores, qde se iniciou, com o *placet* do sr. Nilo Peçanha, então presidente da Republica, e junto do qual, o atual, o atual senador maranhense gozava duma grande influencia, essa nova faze politica, denominado PAZ E AMOR que se quebrou já nas proximidades do pleito governamental para substituição do dr. Herculano Parga.

Dispondo dum partido que se tem firmado pelo elemento de que dispõe, o eminente senador maranhense, para evitar a anarquia no seu estado, tem amparado com o vasto prestigio politico de que goza adversarios seus declarados, que no momento se tornam seus amigos.

Justificam-se, pois, as manifestações que o povo do Maranhão presta ao coestadano illustre que tudo tem feito em prol do seu Estado.

Comungando as mesmas ideas da população maranhense, nós, os rapazes de «Revista Maranhense», nos associamos a essas homenagens, dando os nossos votos de boa vinda.

Couzas...

Há dias um moço bem conhecido no nosso meio social, falando-me do carnaval deste ano, reprovava sentenciozamente o gesto, aliás sublime e justo, do nosso prezidente da Republica concorrer, como em todos os annos, com alguns *contéos* para o abrilhantamento dos trez dias de Momo, no Rio, festejados pelos clubes «Fenianos» e «Tenentes do Diabo»...

Não se convencia o meu amigo; que a attitude do prezidente Wenceslau foi uma das mais edificantes.

D'zia elle que o chefe da Nação, ao pedir «a maior parcimonia nos gestos quer publicos quer particulares», deveria ser o primeiro a dar o exemplo, suspendendo este ano o dote com que concorre annualmente para os festejos carnavalescos no Rio, e não suprimindo, como fez, deste mesmo dote a quantia insignificante de dez contos de réis.

Mas, leitor amigo, o meu camarada não comprendêra a significação do apelo do aréto prezidente da Nação.

Sim, não comprendêra que o sr. Wenceslau ao pedir a «maior parcimonia nos gestos», dirijia-se tão somente ao filho do povo, ao lavrador imbecil e rude, ao avarento, ao escarrerado da fortuna, emfim ao homem que nada vale, que não se diverte e que não tem dinheiro, ou tendo-o guarda-o, esconde-o e não o goza.

Si o primeiro majistrado do Paiz fizesse tal apelo aos ricos e poderozos, decerto não seria atendido, e com razão, pois ao meu ver um homem rico não faz cazo absolutamente de nada: a sua Patria é o dinheiro, ôs seus misteres são os prazeres.

Portanto, bem fez o sr. Wenceslau dirijir este apelo aos homens que nada valem, isto é, que nada têm, pois se o não dirijisse esses mesmos homens, de certo, gozariam sem poder as delicias do carnaval deste ano, e mais tarde, quando os credores lhes batessem á porta, ou então se achassem doentes nas camas sujas e enferrujadas de um hospital inospitaleiro, chorariam arrependidos lagrimas de sangue e teriam então a noção ezata de que o carnaval foi feito tão somente para os ricos, porque os ricos é que são gente, é que mandam, é que têm o direito absoluto de gozarem, sem dar satisfaçôis, jos prazeres mais ambicionados do mundo...

João do Recio

AS PUBLICAÇÔIS

Recebemos e agradecemos:

O NORTE, de Barra do Corda, hebdomanario já bem conhecido no nosso meio jornalistico.

O NORTE DE GOIAZ, de Porto Nacional, publicação quinzenal que traz boas informaçôis dessa parte do Brazil Central.

O JORNAL BAPTISTA, do Rio, trazendo como sempre bons escritos onde transparece a mais sã moral e os bons principios.

O ARREBOL, de Therezina, publicação de literatura infantil, bem confeccionado e de bôa e variada colaboração.

O POSTAL, em formato menor, porem, como sempre, jovial.

O SERTANEJO, de Buryti Bravo, guarda dos interesses desse povo que atirando para bem longe os farrapos da rotina e do analfabetismo prosaico por meio do maior incentivador do progresso—a imprensa—aparelha-se para essa nova era que se lhes descortina prometedora.

O ATENIENSE' comemorando os aniversarios das mortes de Rio Branco, Oswaldo Cruz, sobre os quais traz bôa colaboração.

O LEITORAL, publicação semanal de Cururupú, trazendo fartas informaçôis da zona Norte-litoranea do nosso Estado.

Coelho Neto

Por que feição pode ser apreciado esse grande vulto da literatura brazileira?

Como orador? Ah! sim, ele recorda Torres Homem, José Bonifacio, Ruy Barbosa, Paula Duarte, Gomes de Castro, pode ser posto em destaque ao lado de Demostenes ou Cicero.

Como escriptor que ao mesmo tempo se applica a assumptos variados, politicos, criticos, literarios historicos, emfim a tudo que um cerebro forte pode produzir? Ah! ele certamente defronta com João Lisbôa, Alencar, José Verissimo e com todos esses astros da formosissima constellação Brazileira.

Fecundo, inesgotavel, ele é como Balzac, Zola, Theofilo Braga.

Na culminancia do nosso ceu, não me atraem somente as estrellas cor de esmeralda, as incarnadas, as azues, as brancas, as simples, as multiplas, a via lactea: tudo é grandioso, tudo é bello, tudo me domina.

Assim, se admiro um Raimundo Teixeira Mendes pela sabedoria, não menos me subjuga Coelho Netto, pelo seu verbo divino, pelas suas formosas oraçôis, pela sua dição eloquente, pela sua prosa poetica.

Leiam-no, mas com um lapis á mão e colhão ai um novo vocabulario, com que ele enriqueceu o lexico portuguez.

Deixem ao rouxinol o canto, não o esmaguem, não o atrophiem é um patricio que orche de orgulho esta terra que lhe ouviu o primeiro vagido.

A natureza, por fertil que seja, não nos dá um Coelho Neto, senão por excepção.

Amemos, pois, o bello, sejamos cultos, veneremos o que de melhor possuimos, o que a todos deslumbra, tanto em todo o Brazil, como nos paizes estrangeiros, onde a civilisação tambem entôa hymnos áquelle que faz conhecido o nome maranhense, o exalta, o enaltece.

A Coelho Netto eternisa-se no marmore, no bronze, para elle só se tecem corôas de louros: esse vulto superior é um immortal.

Oh! bem se elevaram entre nós a mulher, cercando-o de caricias, e a criança, offerecendo-lhe sorrisos.

Louvores, palmas, as mais bellas flores, a nossa admiração ao grande vulto maranhense.

José Augusto Corrêa

Recordando

Foi recordando o passado que vi atravez da existencia, alguns dias de desprezo e outros de felicidade. Fui feliz em ver os outros o serem, compartilhei, portanto, no ponto mais agradavel – na felicidade. Fui feliz!

Era no mez de janeiro, mez em que todos de minha classe estão satisfeitos. Nesse mez fui feliz, estava em férias.

Sabem em que versou a minha felicidade? Foi tão simples! Não foi namoros, pois os abomino.

Minha felicidade foi compartilhada. Aproximava-se o enlace matrimonial de minha irmã, com o Capm. Carneiro, tudo aprezentava festa, tudo era alegria!

Os noivos eram felizes!

O Capm. Carneiro, mora num logar denominado «Primeira Cruz», distante daqui, duas horas de viajem.

Fomos convidados para uma festa intima em sua rezidencia. Que belo passeio!

«Primeira Cruz», em tudo me agrada, aspecto, clima e pessoal.

Era a 24 o aniversario do Capm. Carneiro, cavalheira muitissimo estimado, pelos bons predicados que pautam sua vida digna de imitação. Preparava se grande festa nesse dia!

Grande animação.

Partimos ás 8 horas da manhã, ás 10 horas da mesma, estavamos no logar que nos servia de ponto de vista. O noivo já estava na rampa a nossa espera, saltámos e tocámos em rumo de caza; lá chegados, fomos cercados de mil obzequios, sobre tudo pelo filho do Capm. Carneiro, (do primeiro matrimonio) chamado Chiquinho, captivou-nos, em tudo, pelo modo delicado que nos tratou em tudo nos agradou, a viajem, principalmente pelo modo gentil que fomos acolhidos.

Fomos séte moças e um rapaz que acode pelo nome de Adrião, cantámos toda a viajem, quem não cantava era obrigado a pagar. A canôa que fomos era muitissimo lijeira, por si, dava impulso a viajem, ajudada pela maré vazante e quatro braços musculozos de marinheiros.

Tudo entre nós era intimo, *tu prá lá, tu prá cá*, o nosso modo de tratar do interior, que muito me agrada.— Houve um baile muito bom! Não é ezagero, gostei, afinal, todos gostaram.

Duas horas da madrugada estavamos de regresso á nossa rezidencia.

Voltámos todos satizfeitos com o passeio. Posso dizer, fui feliz!

Quem se der ao trabalho de ler este trecho mal cõlijido, dirá: não tem gosto! Ora essa! Que felicidade mesquinha.

Miritiba, 8/2/1918. **Maripoza sem sorte.**

O trabalho e a economia

São dúas forças poderosas da vida humana: pelo trabalho o homem cada dia se aperfeiçoa, melhora a sua profissão, adquire abondancia de recursos, aprende a ser moderado, reflete e age com segurança, depois que conhece o que deve fazer.

O proprio trabalho estabelece um equilibrio no organismo, uma vez que não seja ele excessivo, ocupa o homem e afasta-o do vicio.

O desocupado tem uma variedade de caminhos perniciosos por onde segue: um se torna maldizente por profissão; outro joga outro bebe, é dominado pelo alcool outro se atira a vicios nefandos, torna-se ladrão, assassino, um monstro, um perigo social.

A penuria é um corolario; as necessidades afligem a familia e o desgraçado não vê que desperdiça a sua melhor riqueza, o tempo, esse oiro dos pobres. Tão necessario é o trabalho, como a economia.

Quem não tem dias maus? Quem não vê o baixel da vida ora entre ondas encapeladas, ora deslizando mansamente por sobre um mar tranquilo?

Pois bem, essas reservas de um homem equilibrado são para os dias dificeis; ora é a doença, ora a falta de serviço; ora um mau negocio ou o engano ou laço em que cae o homem confiante, ora mil incidentes imprevistos e então essas reservas amontoadas lenta e pacientemente são o verdadeiro amigo que encontra um necessitado.

Não é demais dizer que salvo um cazo de infortunio será sempre independente o homem trabalhador e economico.

E é tão belo chegar ao fim da vida e dizer: Oi! Nunca dependi de ninguem, sempre pude viver á minha cusa, com o suor do meu rosto, com o meu mourejar diario!

José Augusto Corrêa

As trez fazes

Ao ilustre academico de direito F. Leite.

I

O passado nos faz lembrar as venturas gozadas e nos obriga a consagrar-lhe, de quando em vez, uma particula da nossa alma.

II

O prezente em horas de felicidade transforma-se em um narcotico, impossibilitando-nos de compreender a sua sublimidade.

III

O futuro é um espesso vêo que se desenrola ante os nossos olhos, não nos deixando lêr o que está escrito no livro do Destino. Portanto, eu amo o passado, odeio o prezente e temo o futuro.

S. Luiz, 13—2—918 **Gascar.**

As nossas ajencias

Do nosso esforçado ajente em Cametá, estado do Pará, sr. Tobias de Souza Revendo brioso 2º sargento do glorioso exercito brazileiro, e instrutor do Tiro numero 400, da confederação, recebemos a lista dos assinantes abaixo, pelo que agradecemos a atenção que teve para conosco.

Afonso Parijós, Bruno Gonçalves Guedes, Alcindo Lopes Paz, Jeronimo de Souza Leão, Joaquim Temoteo da Paz Mocher, José Elias, Joaquim Nogueira e José Carvalho Aguiar.

Lebre por "gato"

Para o Astrolabio Caldas.

A Joana tirara aquela tarde de feriado para uma vizita ao Matadouro.

Esbocemos, porém, antes do mais, em traços larguissimos, o perfil da possuidora desse nome.

A Joana era uma rapariguinha muito nova ainda, orçando pela caza das 17 rizonhas primaveras. Tipo moreno fino, se não merecia a classificação vulgar de bela, era, entretanto, simpatica. Sem favor, note-se. Porque aqueles olhos claros e marjinados por aveludados cilios, aquela boquinha semelhando, e tão doce como a de uma *onça*, aquele corptinho gorducho mas ligeiro, aquele conjunto de curvas proeminentes e saltitantes... Mas não vá o leitor julgar que já me deixei embeiçar pela pequena. Nem por sombras. O seu *doiz*, como ela decentemente conta as amigas, é o Julio, rapaz novo tambem, ingenuante, e empregado na mesma fabrica em que ela trabalha.

O namoro, ou *flirt*, como ela se dava ao luxo de classificar, não era de hontem, tinha já as suas raizes, e bem profundas.

Verdade que a mãe da Joana não via com bons olhos o tal *flirte*. Mesmo porque ainda não tinha idade para *isso*.

Por mais de uma vez chamara a atenção da filha para o Julio: que ele era um rapaz engabiteiro, é certo, mas muito inconstante; que visse o exemplo das outras, suas companheiras; que ser empregada de fabrica, e andar com o seu chinelinho e a sua roupinha lavada não era deshonra para uma moça. O que era deshonra, ela bem que já lhe abrira os olhos...

A Joana, pobrezita! ouvia todos esses sermões sem uma queixa, lacrimejando. Porque tinha confiança em si, e achava o Julio, com franqueza, incapaz da feia ação que sua *velha* tanto temia, e na qual, apezar do seu genio brincalhão, ainda nem de leve lhe tocara.

Dados estes *toques* necessarios, repitamos isque a Joana tirara aquela tarde de feriado para uma *vizita* ao Matadouro, sem a sua mãe saber.

Que? argumentava ela. Era lá possivel a gente estar a comer carne, todo o santo dia, sem saber o estado dos animais que a fornecem, nem o lugar em que eles são abatidos? Não atinava mesmo como aquela idéa não lhe acudira mais cedo. E num, como diz o ditado que todo tempo é tempo, iria naquela tarde. Afinal de contas, que mal poderia haver nisso? Mas não iria só. Porque um passeio longo, como é o ao Matadouro, sem uma companheira, chega a ser *pau*, isto é, aborrecido. Convidara, porisso, para acompanha-la, a Elvira, sua colega de fabrica, a *moça*, que morava no fim da rua F. Marques Rodrigues, defronte do muro do Cemiterio, na ultima portinha e janela.

E as duas, como bôas amigas que eram, lá se foram naquela tarde de feriado, ai pelas 2 horas, rumo do Matadouro, ou *Matança*, como o povinho costuma chamar.

Interrogada por sua mãe aonde ia, explicara a Joana: visitar uma doente.

Chegaram justamente na ocazião em que as rezes a abater acabavam de ser amarradas nos caibros da *tribuna*. Tiveram, assim, mais que tempo prezizo para tudo observar minuciozamente.

A Joana, assim que poz as vistas sobre os pobres bois, torceu o nariz. E cutucando a Elvira, pediu-lhe em segredo, e condoidamente, que examinasse, por favor a *ext ema* magreza dos animais. Respondeu-lhe a outra com um gesto querendo dizer que naquele lugar onde ha mais facas afiadas do que outra coiza, e carniceiros dispostos a tudo, não era nada convenieute estar comentando a tizica dos bois; deixasse para logo. Assim fez a Joana, e um tanto aborrecida com os receios infundados da colega, entrou a acompanhar com profunda atenção todas as peripecias da *matança*.

Acabado que foi o serviço de *amarramento*, vieram uns homens com o *chuço*, e cada pancada vibrada com o machado, naquele ferro, sobre o cachaço do boi, era cada animal que caia desamparado, sem um gemido, as vezes. Operou-se depois a sangra, o que consiste em seccionar uma das carotidas do animal, atordoado pelo choque. O sangue esguichou quente, rutilo, farto, alastrando todo o lageado,—um verdadeiro lençol de sangue...

Logo ai, a Joana começou a sentir umas voltas no estomago. Fez-se corajoza, porem.

Mortas todas as rezes, os esfoladores, com uma pericia extraordinaria, *desencouraram-nas*, findo o que se começou a abrir. O machado rachava o esterno ao meio, enquanto os gumes das facas, afiadas nas calças *encaixadas* dos homens, se encarregavam do resto: partindo juntas, extirpando visceras, abriado uteros, quando era vaca, e,não raro, arrancando bezerros em formação...

A Joana não podia mais. O estomago, se demorasse mais um pouco, punha fóra o almeço. Ademais viera de saia branca, e naquele mar de sangue era quaze um milagre não serem atinjidas por um pingo que fosse. Ambas já estavam fartas de ver barbaridades. Sairam. Vieram-se embora a trocar impressões sobre a *matança*.

Mas, oh! diabo! quando, ao chegar á ladeira, a luz do sol lhes caiu em cheio sobre o corpo; a Elvira soltou uma exclamação de espanto:

—Meu Deus! Menina, vê só como tu vais?!...

A Joana, instintivamente mirou a saia. Era o diabo mesmo. E nem dera por aquilo!

O cazo é que a saia da joana aprezentava quatro brutas manchas de sangue fresco...

—E agora, como vai ser? inqueria a Elvira.

—Olha: vamos fazer uma coiza. Eu vou á tua caza, lavo a saia, deixo enxugar, e depois vou pr'a caza. Mamãe nem sabe...

—Burra, ralhou a Elvira. Pois tu não estás vendo que essa sua não enxuga depressa, e mesmo que enxugue fica toda amarrotada? Tenho uma idéa melhor. Vais ali onde eu moro, é pertinho, tiras a saia e vais para caza vestida com outra, minha. A questão é d. Margarida—nome da mãe da Joana—não te ver...

—E' melhor, mesmo.

E foi o que a Joana fez. Foi á caza da Elvira, lá tirou a saia branca, que vestira engomada, embrulhou-a com cuidado, numa gazeta, e enfronhou-se na outra, da Elvira.

Conseguiu entrar em caza sem ser vista. Tratou logo de vestir uma saia do diario, e esconder, a outra suja de sangue...

* * *

Chegou a hora do jantar. Mas quem disse que a Joana quiz comer? Que não podia, estava-se sentindo mal, o estômado dava-lhe voltas... Padera! Se era a primeira vez que via tanto sangue...

Quanto ao passeio ao matadouro, nem um *pio!*

A *velha* mirou bem a Joana, notou que ela estava palida e assim um tanto esquiva ao exame, mas não disse nada. Quem a conhecesse de perto, porém, conheceria que alguma coiza lhe remoia por dentro.

Continuou o jantar. A' meza estavam sentados o pai da Joana, uma sua tia e tres irmãs tambem *moças* como ela.

Eis senão, e já ninguem tratava da indispozição da Joana, quando d. Margarida arremete pela porta a dentro, como uma doida, com um pacote na mão. Quando chegou perto da meza, abriu o embrulho (abriu, uma historia, que ela já o tinha aberto), e desdobrando a saia manchada de sangue ainda fresco e rutilo, esfregou com ela a cara da Joana, mais morta do que viva, bradando:

E' por isto, cachorra, que tu não queres comer!!!...

E virando-se para o amazio, que *estrebuchava* com um taco de «paulista»:

Olhe, senhor Raimundo, veja que vergonha para a nossa caza. Isto só podeser obra do Julio? Eu não dizia?! E logo a Joana...

Virando-se depois para a Joana, e enchendo-lhe a cara de taponas, rubra de colera:

—Sua descarada do diabo, isto lé que era a visita? Onde foi essa pouca vergonha? Anda! Ou tu me dizes a verdade já, ou eu te matô!

E a pobre da Joana, num desfalecimento:

Foi na *Matança!*

1917 **Hostilio.**

O Cururupu' e seu povo

O prazer de conhece-lo de porto não temos, mas, conforme opiniões acatadas de colegas nossos, que nele naceram, e mesmo pessôas nossas conhecidas, que em tempo passaram nessa vila prospera, de que, em todos os annos vêm produtos, cujas vendas aumentam, consideravelmente as cifras do cofres do Estado—é um bom bom logar.

O dr. Justo Jansen Ferreira em seu livro «Fragmentos para a Corografia do Maranhão» nos guia, dando-nos a conhecer o Cururupú em suas particularidades. Esquadrinha-o, perfeitamente. Fala-nos da sua produtividade, e borda, descrevendo, precizamente com a sua pena de geografo correto, a faixa litorariana cururupuense, compreendida entre os rios Urú, Turiassú, enfeitadas pelas ilhas Mangunça, Caéca e outras, que habitaações, e um belo panorama ao observador oferecem.

Logar de um «terreno ligeiramente acidentado», o Cururupú, que possue a «Uzina Aliança», vai dia a dia, impulsionando a agricultura, não só com o estimulo trazido pela inubia animadora do «Litoral», jornal que não conta muitos anos de existencia, porem vai pugnando pelo interesse da terra, mas, tambem, pela perseverança dos seus agricultores.

Não o julgamos um velho de barbas alvissimas, que apoiado em um bastão, de mãos tremulas, passos vacilantes, segue, desnorteadamente, pelo seu almejado caminho de melhoramento.

Pensamo-lo um rapaz forte e robusto, que procura, com o arrojo eloquente de sua mocidade, desmaranhar-se dos embaraços que surjem, dar maior expansibilidade ao pensamento juvenil e florecente, que só pode produzir rezultados aproveitaveis.

Quér agir, quer melhorar o meio em que vive, isto é, quer fazer de um modo suficiente brotar a luz benefica da instrução, aparecer a harmonia geral que é a baze, o alicerce garantidor da grandeza da coletivida. De ha muito que devia ter soltado o seu grito de incitamento, convidando o povo a um trabalho coletivo, fazendo-o conhecedor do seu dever, fazendo-o agir por si mesmo.

E a idéa que fazemos do cururupuense é a seguinte. é um bom hospitaleiro, e que recebe todos com o rizo nos labios, com a alma satisfeita e com o coração cheio de amabilidades.

2/4/917 **José Leopoldo.**

O mez social

Fizeram annos:

A 8 de dezembro ultimo, o Sr. Aurelino R. Araujo, auxiliar do comercio.

A 28 de janeiro, a senhorita Anicota Castro nossa assiduissima leitora e dedicada assinante nesta capital.

A 29, a intelijente e aplicada primeira anista do ginasio maranhense a senhorita Francisca da Graça Bojéa.

A de fevereiro a exma. sra d. Mariana S. Caldas, progenitora do nosso companheiro Astrolabio Caldas.

A 9 de fevereiro, a distinta senhorita Leonôr Coêlho, dileta filha do nosso amigo sr. Rufino Amancio Coêlho conceituado farmaceutico em Itapecurú-mirim.

A 12, a senhorita El-zuila Abreu segundo anista do curso profissional do Liceu Maranhense, irmã do nosso confrade João V. de Abreu.

A 18, o sr. Dario Coêlho zeloso, guarda livros do «Canhamo».

A 28, o sr. João Leal.

Enlace Caldas--Gonçalves

Pela participação que nos enviou sabemos terem-se consorciado na Capital da Republica, a 30 de janeiro findo, o nosso conterraneo e confrade João P. S. Caldas, 4º escriturario da Delegacia Fiscal de Belo-Horizonte, e a senhorita Zaida Mendes Gonçalves. Paraninfaram o ato por parte do noivo: Cap Astrogildo R. da Silva, comandante da 2ª bateria da «Fortaleza de Santa Cruz» e sua espoza, e. Hermenejildo Portocarrêro, intendente da «Fortaleza de S. João» e sua espoza; por parte da noiva: dr. Fernando Dantas e sua espoza, sr. Antonio Cavalcante de Albuquerque, 3º oficial.

Parabens.

—Por ato do governo a 22 de janeiro ultimo ocupou o logar de revizor de «O Estado» o nosso confrade J. Crizostomo de Souza.

Crizostomo é nosso colaborador e bastante valente e criteriozo para o logar que ocupa no «O Estado».

Nós o cumprimentamos.

Viajantes

Acha-se entre nós, vindo de S. Bento, este nosso dedicado amigo e cenógrafo sr. Firmo Lux que fôra ali em tratamento de sua saúde.

—De Barão de Grajaú regressou o sr. Crispim Barboza Maciel, nosso ajente naquela localidade. O sr. Crispim exercia, interinamente, o cargo de ajente fiscal do governo federal naquele local.

—De Chapadinha, regressou o negociante Manoel Leite Fernandes, nosso esforçado ajente.

—Da Capital Federal volveu a esta sua terra natal o nosso companheiro Francisco Santos que se achava ali em estudos ha dois anos.

Francisco Santos foi um dos fundadores da «Revista Maranhense».

—A todos aprezentamos as nossas bôas vindas.

Os que se findam

Neuza Castro

E' com bastante pezar que registamos nestas humildes linhas o passamento da inesquecivel Neuza Castro ocorrido a 2 de janeiro ultimo depois de delongados dias dos sofrimentos que lhe vinha terminando. Neuza Castro era um dos mais agraciados ornamentos de nossa elite. Residia em companhia da senhora d. Ana Gomes de Castro tambem já falecida.

Aos seus, bem como a senhorita Anicota Castro sua irmã, a exma. sra d. Vitoria Castro apresentamos os nosso pezames

Florilejio Poetico

SOLUÇOS D'ALMA

Eu se atendesse, amigo, ao teu conselho santo,
com que na vida, tu, orientá-me tentaste,
talvez que não vertesse agora amargo pranto,
se eu ponderasse bem sobre o que me falaste...

Não seguisse o fatal, vil e sinistro encanto
d'uma mulher com quem te não simpatizaste,
talvez que eu não cantasse agóra como canto
a torturina dôr, que sempre me apontaste.

Perdão!.. mil vezes peço e muito arrependido,
a ti amigo meu sincero e mui querido,
por não ter ouvido e nunca acreditado.

Si ouvisse teu conselho o qual eu recuzei;
e não amasse o amôr que nesta vida amei,
de dôr, jamais teria o coroção varado!...

Rio de janeiro, 3 de Novembro de 1917.

Francisco Santos

Ela...

Ainda e sempre, á Rua da Saudade,
Aonde tem meu amôr seu doce ninho,
Eu me pareço muito a um passarinho,
Cantando tristemente á solidade.

Si me lembrô o seu vestido azul-marinho...
—A mulher, é um ente de bondade;
Póde, no mundo ser felicidade,
Os ser na vida, venenozo espinho!

Se sofro, «ela não sabe!» O sofrimento
Um segrédo é que de minh'alma emana...
Um segredo que vem do pensamento!

Curvo-me aos pés da imajem soberana
Do meu amôr—em triste izolamento!
—Quem póde rezistir, á força humana?

Antonio Machado

Ao orgulhozo

Homem! a esse que vês assim tão pobre,
Humilhado, sem voz, sem lar, sem festa,
Piedade!—A ele tambem o sal encobre,
E Deus lhe dá vida e seus carinhos presta..

Espirito malvado não desdobre
Sobre ele a tua colera imodesta...
—E'—pobre! mas talvez, talvez mais nobre,
Mais nobre que tu'alma onde o odio infesta!..

O alma pôdre, a transbordar de orgulho
Que volve aos pobres um olhar tirano
E sente ao vel-os enojado orgulho

Não te julgues do mundo um soberano
Repara que és um minimo gorgulho
Prezo nos labirintos dum arcano!

Orestes Mourio.

CAZA SERTANEJA

Vês tu aquela caza branca além,
Lá por detraz do velho castanheiro?
E' a caza onde eu naci; um verdadeiro
Abrigo, onde eu gozava todo bem...

Ali, o' meu amôr, gozei tambem
Da minha infancia o sonho prazenteiro.
Ouvindo, junto aos meus, o dia inteiro
As sonóras cançôis que o val' contém...

Ah! vês?—E' uma cabana abandonada!
Nela murmúram em cada canto crente
Os saudozos carinhos de meus pais!...

Ali, sorrindo, o' minha doce amada,
Havemos de morar eternamente,
Sob a sombra dos velhos castanhais!

Do livro «Noturnos».

Clemente Guédes.

Inverno

O inverno vem chegando... O espaço claro, outr'ora,
pouco a pouco de ofusca e em nimbus se enovela..
e em intimo conubio os ceos e a terra, agora,
espalmam da tristeza a enegrecida téla...

O sol a face esconde... A branda e solta vela
dos juncos cambalsia em pleno mar afóra...
A cigarra desperta e, altiva, tagarela
no silencio que a selva e os vales apavora...

Tonitrua saud za além das cordilheiras...
E da tarde no ocazo, ás horas derradeiras,
desfere o caboré presajios de agonia.

E quando a noit · dece ás varzeas seculares,
parece um cáos que cerra a vastidão dos ares
e o cazulo de luz de onde renace o dia!

S. Luiz

E. Polary.

De volta...

Antigamente, o' minha terra pura,
—Terra que dentre todas é rainha—
Eu gozava esse amor que te continha
Entre cançôis, pudôr e formozura!

Eu vivia repléto de ventura,
E no meu peito uma esperança eu tinha,
Depois, eu te deixei, o' terra minha,
E fui buscar a minha desventura!

Fui... Andei pelo mundo, amargurado,
Sem achar um carinho dezejado
Que me alegrasse o triste coração...

E agóra, eis-me de volta, entristecido,
Ajoêlhado a teus pés, arrependido,
Pedindo-te perdão! perdão! perdão!

Do livro «Noturnos»
Viana.

Clemente Guédes.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1918

s. 944.957$000

Resultado do 72 sorteio da 1.ª Serie (A) a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios.

Premios de 10 isenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1851—D. Eugenia Serra Correia de Carvalho, Avenida Maranhense, 22
2.º N. 1157 Emiliano R. de Almeida Braga, Praça Gonçalves Dias
3.º N. 3184—Antonio Faria, residente em Burity (Maranhão)
4.º N. 2062 Ladislau Fernandes, residente em S. Luiz Gonzaga
5.º N. 3326—Euzebio Antonio Lobo e Francisco Assis Santos, rua de S. João, 81
6.º N. 2882—D. Aldenora Benedicta de Castro, travessa do Silva, 9
7.º N. 205—D. Alice Souza Correia, rua dos Affogados, 9
8.º N. 2089—Belderino, Vivaldo, José Albaremes, filhos de E. Ribeiro, rua do Ribeirão, 18
9.º N. 394—Alfredo Rodrigues, rua de Sant'Anna, 116
10. N. 2089—Benef. Aug. e Res. Loj. Renascença Maranhense, Rua das Flôres, 16

CASA NO VALOR DE RS. 1:000$000

2704—Herdeiros de Ignacio José da Rocha, residente S. Bento, que estavam isentos de contribuir até Julho proximo vindouro.

Maranhão, 15 de Janeiro de 1917

Claudino Netto

Fiscal do Governo Federal

Adolfo Paraiso, Director Gerente.

Neme Munaier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais?

—Dezejando comprar alguns coizas, não encontro uma caza comercial que me agarde...

Que novidade! O amigo, a procura de uma caza!!!...

— Então as tuas reticencias me fazem crer que conheces alguma bôa...

Se conhece?... Está claro, A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

—Onde?

Vem comigo!... Lá tu verás... **bons brins, chapéus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerôlas, meias, estratos de diversas qualidades sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas, para dentes, toalhas, paninhos,** enfim uma infinidade de outras coizas e vendem por preços nunca vistos...

—Vamos, depressa. Está muito longe?

—Não. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz, 19 ou então na rua do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

20.000

E' por quanto se obtem um fato de brim branco bom, calças e paletot bem feito na

ALFAIATARIA GUÊDES

Rua de Sant'Ana, n. 3, canto com a rua 28 de Julho

Photographia Popular

DE

NINA & PANTOJA

Rua Oswaldo Cruz, 55

Funcciona todos os dias inclusive aos Domingos e feriados das 8 ás 16 horas.

Especialidades:

Retratos em pluto-crayon e coloridos.

Recebe materiaes directamente da America.

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

"Melhor que jogar no bicho"

METAMORPHORSEANDO

Abre-se a audiencia. Falla o delegado:
—O senhor lá? Um caso bem curioso
Tem cem mil réis apenas de ordenado
E, gasta como um principe ditoso!

Eu? Sim, senhor. Assim tão bem trajado,
No dedo esse «pharol» claro e radioso,
E vive em casa, estou bem informado,
Com uma fartura que é um encanto e um goso...

Senhor Doutor, sou pobre, mas si luxo...
Si visto bem, si vivo em tal capricho,
E' que na CREDITO MUTUO a sorte puxo...

Faça como eu. Verá que não é máo.
E' bem «melhor que jogar no bicho!»
Tem roupa, joia e tudo a dar com um páo.

O unico plano ideal e vantajosissimo a é hoje conhecido em sociedades, e o que mais tem se desenvolvido em todas as classes sociaes, pela clareza e pontualidade nos sorteios e pagamentos, é o adoptado pela CREDITO MUTUO PREDIAL.

Rua da Cruz, n. 61. (Sobrado)—Maranhão

"Pharmacia do Norte"

--Praça João Lisbôa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal Bromil, Balsamo, Café Nauegante, Café Beirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opodeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintuar homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Ramz, etc. etc.

REGULADOR GARRIDO

(NÃO HA RIVAL)

O remedio mais soberano contra as Flores Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exajeradas e muito fortes, da Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações Chnicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorrhoidas das senhoras, o Catharro do Utero a Suspensão da Menstruação, a Palidez das Moças e o Rachitismo das Moças.

O Regulador Garrido, o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

O «Regulador Garrido», pode ser uzado por longo tempo e em qualquer occazião, sem cauzar mal algum ao doente

DEPOZITO GERAL, na Farmacia GARRIDO, de GARRIDO & PACHECO.

-RUA OSWALDO CRUZ, 10-

OURIVEZRIA PEROLA

De José L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotoadoras, alfinetes de gravatas, trancelim para pencenez, porta-leque voltas de coral, teteias etc.

PRECOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz- 9 Rua Oswaldo Cruz- 9

ESPELHO DA MODA

Encontra-se á venda neste estabelecimento ESPELHOS, MOLDURAS, e QUADROS feitos, ESTAMPAS DE SANTOS, LAMINAS DE VIDROS e outros artigos.

Rua Oswaldo Cruz, 37

Fontinelle & Comp.

Anno 3 S. LUIZ DO MARANHÃO — Março de 1918 Num. 25

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras.

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes

DIRETOR
Antonio Louzeiro.

TEZOUREIRA
Maria E. Varela
REVISORES
Astrolabio Galdas
Mauricio Furtado

ASSINATURAS

ANUAL		(Tirajem 500 exemplares)	SIMESTRAL	
		Capital		1$200
Capital	2$000	Interior		1$500
Interior	2$500	Exterior		1$800
Exterior	3$000	Numero avulso		$200

SOCIOS-COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Ferolano Polari, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Antonio Mariano, Candido Aires, João Caldas, Victoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Carrido, Benicio Rodrigues, Filelo Rodrigues e Ruben Almeida.

SOCIAS-COLABORADORAS

Corina Caldas, Ida Bragança, Nair Pinheiro, Araceia Fernandes, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Costa, Almerinda Rodrigues, Jozaila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Nocmi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zaleide Bojes, Zozima Sá Cavalcante, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela e Aliva Smith.

SUMARIO:

Dois anos! — Redação; Pro urbe nostra — Raimundo Lopes; Noite de luar — Elpidio Santos; Personalidades — M.; Nuvens Rom — Franklin de Menezes; A musica — Vania; Mais um ano — Frei Paseca; Hymno da «União Silvio Romero» — Apolinario de Carvalho; Um triennio — D. M.; Floridejio Poetico — Diversos; Duas estradas — José Augusto Corrê; Trovas do meu sertão — Paulo Guimarães; A saudade — Astrolabio Caldas; Discurso — Ruben Almeida; O nossa Governo — Redação; Sol-pôr — Maria E. Varela; No dominio da Mathematica — Amilcar Silva; O mez social; A validez — Faustino Silva; Seara Benita — O Anno de Medeiros; Dialogo — Jotá Fac; Noticiario.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozaila Costa.
Rosario—Prof. Laura Souza.
Arary—Major João de Lemos.
Barabal—Sr. Emiliano Castor R. Falcão.
Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Caxias—Fran Teixeira.
Anajatuba—Prof. Cecilia Martins.
Herval—Prof. Acrolina S. Guimarães.
Viana—Senhorita Marieca Nogueira.
Pendiva—José M. Caldas Marques.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva.
São Bento—Prof. Amelia B. Lobo.
Gamela—Pará—Tulias de Souza Resende.
Tabuleiro—Prof. Ermelinda Marinaldo e Francisco Leite.
Icatu—Prof. Jozefa Amazonas.
Axixá—Prof. Raimunda L. Fernandes.
Rio de Janeiro—Amilcar Serra Pinto e Silva.
Cajapió—Sr. Epifanio Silva.
Tury-Assú—Prof. Adaljiza Fequet.
Chapadinha—Sr. Manuel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Barra—Prof. Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedrosa.
Ponte-Nova—D. Izabel Araujo.
Cururupú—Sr. João G. Abreu, filho, e Raimundo Cabino.
Alcantara—Prof. Filomena Cruz.
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Terezina—Piauhy—Sr. Edson Moura.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira.
Belo Horizonte—Minas—Bacharel João Caldas.
Minas Geraes—Cel. Nogueira—D. Maria Silva.
S. Gabriel—Amazonas—Sr. Edoardo de Oliveira Neto.
Cantanhede—João Rodrigues.

MARANHÃO MARÇO DE 1918

ANO 3 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 25

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Dois anos!

Do maximo contentamento, para todos quantos nesta caza trabalham, o dia 12 de março p.passado!

Porque foi nesse dia formozo que a «Revista Maranhense» completou o seu segundo aniversario de vida, a mais prospera, a mais rizonha, a mais feliz que era licito esperar da parte de nós outros seus fundadores.

Trez anos para um petiz que tem diante si um largo futuro a percorer, e para quem tudo é cor de roza, cor de arminho e cor do céu, não é lá grande coiza, vamos convir. Para uma publicação, num Estado como o nosso, e do feitio da «Revista», é muito, é tudo.

Não é este um argumento que seja precizo esmiuçar aos olhos de toda a gente, porque é daqueles, clarissimos, que estão ao alcance de qualquer.

O meio é indiferente, mais do que indiferente: é hostil — já se tem dito vezes diversas e nunca será demazia repetir.

No entretanto, não ha razão plauzivel para tal indiferença e para tal hostilidade. Nenhuma só. Que diabo! A terra tem o titulo de Atenas, e Atenas porque na Grecia que existiu ha milenios houve uma cidade com esse nome, a mais celebrada pelos poetas e historiadores universais, porisso que foi a cidade onde, mais do que em qualquer outra, se cultivaram as letras, as ciencias e as artes - patria de sabios.

Devia ter, portanto, obrigação de auxiliar os que, trocando as avenidas pela bibliotecas e os divertimentos pela pena, ou, melhor, empunhando numa das mãos a espada e na outra a pena, porque, segundo os versos do poeta excelente,

Não cora o livro de ombrear co' o sabre,
Nem córa o sabre de chamá-lo irmão...

tudo fazem por que a sua terra jamais desmereça de tão lindo cognome, e, aliaz, nesse proceder, apenas seguem o exemplo deixado pelos grandes vultos do Maranhão do passado.

E que é que se vê?

todos esses preteritos insucessos congeneres, todos esses periodicos que, mal vindos á luz da publicidade, logo desapareceem e morrem, não diremos como as surradissimas rozas de Malherbe, mas

Como o efemero vão que dura um quazi nada,
Que nasce de manhã num raio de alvorada
E expira ao por do sol noutro raio de luz.

Poderiamos, de pronto, citar uma centena das publicações que nestes ultimos dois anos têm aparecido nesta capital, sem passar, algumas, do 4º ou 5º numero — as mais felizes! — e as outras do 1º... Poderiamos. Seria, entretanto, de mau gosto, como de alguem que no dia do seu aniversario natalicio se lembrasse de recordar aos amigos os nomes dos colegas já falecidos...

Mas deixemos queixas e sombrias recordações, que a ocazião não é propria para isso.

Divaguemos um pouco pelo paiz do sonho.

Lonje já vai o tempo desde quando — crianças ainda, pode-se dizer, nos acostumámos a admirar essa cidade remota da Grecia, onde o céu e o mar são sempre claros, sempre lindos, sempre azuis mais azuis, mais lindos e mais claros do que o céu e o mar de qualquer outra parte do mundo.

Mais tarde, quando, já familiarizados com a Historia Geral, lemos compendios de Historia Universal, foi com o maior carinho — forçozo é relembrá-lo — que folheavamos as pajinas de tão saudozo paiz, sem pressa, lendo, quazi soletrando, porque alguma coiza de novo que ainda não haviamos sentido, sentimos então, ao estudar essas pajinas formozas dessa Helade sonhadora e evocativa espelhando-se nas aguas do Ejeu e do Jonio e de onde se descortinava a baia de Falero e mais adiante o Mediterraneo, de tão gratas recordações na historia da antiguidade. E uma vez lidas todas essas folhas, voltamos a revê-las, mais uma vez, tão bem elas não souberam, tantos ensinamentos nos ministraram. Depois, sem bem sabermos por que, lemo-las uma terceira vez, uma quarta, uma quinta, sem cançaço, sem fastio, sem aborecimento. Decoramo-las palavra por palavra.

E desde então tudo temos feito por jamais esquecê-las, antes pelo contrario é com a maior avidez que saboreamos tudo quanto se relacione a esse pedaço da Atica.

E hoje é com o maior prazer que recordamos esses tempos idos, quixando-nos de neles não termos vivido, um dia siquer, essa vida grega, quando mais não fosse tão só para vermos aqueles modelos de beleza que a estatuaria de então se esforçou por imitar, e o conseguiu, mas que afinal pouco dizem, porque são de marmore gelido, sem vida, sem calor, sem gesto... Quem nos dera a nós um instante passado sob as sombras espessas do jardim de Academus, ouvindo as palavras suaves do divino Platão, um minuto ao lado de Socrates — para nós o maior de todos os homens — quando no seu leito de morte, a que o condenaram os perversos, desprezando as torturas da cicuta, discoria aos seu discipulos fieis sobre a imortalidade da alma! Exemplo augusto, lição sublime que jamais haveremos de duvidar!

Quem nos dera a nós um momento passado no Forum, a ouvir as palavras do bravo Catão, ou, então, nos jogos olimpicos vendo regressar os atletas vitoriosos, coroado de folhas de carvalho tenro, e saudados á sua passajem triunfal pelas mulheres lindas, de formas libertas, sandalias, cabelos ao vento, pagãs, ardentes e volu-

thomas—unicas. Ou ainda, reclinado na encosta de um monte, olhando o mar e o ceu grego, ouvir dos anciãis as fabulas e os mitos, as lendas e os fastos dos seu antepassados!

Sonhos! Lembranças! Evocaçõis!

A patria de Pericles, essa amostra de super-homem permanecerá para nós, não obstante, eternamente amada, revendo-a e nela vivendo em espirito, já que não pudemos ter a ventura de revê la em corpo.

.....

Chega o viajor ao alto da serrania. E arfando de cansaço, o suor a correr em bagas, senta-se um instante para descançar. Lança uma vista para o caminho. Lá em baixo, emaranhados nas urzes que coróam as faldas dos montes, jazem, apodrecendo, cadaveres de viajantes infelizes. De lonje chegam uivos de chacais esfaimados. E' arido o caminho. Escolhos de todos os feitios dificultam o seu tranzito. Que faz o viajor? Olha para a frente, vê a estrada que se distende aos olhos seus, verifica que ainda ha cumiadas mais altas a galgar. Porque não vem de muito lonje, senão de duas leguas apenas. Lamenta a marcha penoza? Queixa-se? Impreca? Não, nada disso, muito ao contrario disso. Tendo a certeza de que é nobre o ideal que ali o conduz por invios caminhos, e que quanto mais leguas percorrer, tanta mais glorioza será a sua viajem, sacode de novo o fardo ás costas, empunha o cajado, e sai a contar, montes o fôra, em demanda do seu ideal.

Assim nós.

Lançando no dia do aniversario da «Revista», uma vista retrospectiva por esses dois anos que se foram, e lembrando-nos de que—com o favor de Deus!—muitos anos ha ainda a trilhar, sentimo-nos felizes e recompensados do enorme esforço, e vamos continuar o nosso caminho, impavidos, cheios de fé e de esperança, olhos fitos na caravana interminavel de estrelas que lá em cima passam, pela altura escampa e silencioza, a brilhar, a brilhar—na sua ronda eterna de fachos da noite...

Que importa que haja cães ladrando á lua?

A estrada é larga. Ha espaço para todos, nem todos porém se abalançam a percorrê-la. Abalancemo-nos nós. Dois anos já decorreram. Para a frente, sempre para a frente, companheiros!

PRO URBE NOSTRA

No ultimo numero dos «Annales de Géograghie», que temos prezente, encontra-se um sujestivo estudo, a propozito de alguns recentes trabalhos sobre urbanismo, nos quais se encara a vindoira transformação das cidades, especialmente na zona devastada pelos canhonheios e pelo átavico vandalismo dos Têutos.

Nesse estudo são reunidos os de P. Geddes sobre as «cidades—jardins», que existem na Inglaterra e especialmente sobre a racional e natural transformação de Edimburgo. Esse novo urbanismo que já se anuncia promissor, é infelizmente o oposto da rotina em que vivemos na nossa S. Luiz, cidade que, pequena embora, sofre tanto ou mais da impropriedade ou da insalubridade da sua construção, do que as aglomerações monstras, condenadas ao amontoamento humano. As condições desta urbe dos «baixos de sobrados», desta cidade em que, se não fossem os jardins publicos e a natureza equatorial seriam fatais as consequencias da continuidade urbana, excessivas para uma aglomeração de cincoenta mil almas, em que ainda existe o *covão* e outros pontos onde frondéa livre o «carrapateiro», seriam taes que, se não fosse a ventilação e as ladeiras, o sistema de esgotos com que a natureza nos beneficiou, já de ha muito nós outros imprevidentes teriamos morrido de paludismo e toda a especie de infecçõis, e isto seria para sempre o necropole que foi sob a peste de 1904.

Sob os outros pontos de vista, é igualmente palpavel o nosso atrazo. Só agora vamos ter luz electrica e não sabemos até quando se arrastarão, tardos e desengonçados, esses horriveis bondinhos de burro, que são o nosso oprobrio, a vergonha que nos faz subir o sangue ao rosto, tão aflitiva nos é a sua comparação com os de qualquer cidade da mesma importancia que a nossa.

Todas essas asserções têm um fim unico: é precizo formar e manter no espirito publico essa atmosfera de contrariedade, de reação contra a rotina ou antes de indignação diante do atrazo da nossa terra e, nos poderes publicos e nos detentores do capital a convicção de que todos os esforços serão poucos para erguer o Maranhão ao nivel medio da civilização material e sobretudo do moderno adeantamento urbano.

Raimundo Lopes.

Noite de luar

Pra D. G.

Lá no infinito, majestoza e imensa,
Paira brilhando meigamente a lua!
Tudo sorri: o Prado, o Bosque, a densa
Floresta, onde ela, no misterio atúa!

Das moitas verdes um perfume incensa
Toda a Campina onde o luar flutúa...
O féro tigre ao matagal recúa
Ao ver a lúa lá do céo suspensa.

Como é tão bela a Praia! O Mar suspira,
E mansamente vem trazer saudade,
Nas suas ondas, que na areia atira!...

Têm os jardins floridos mais odôres;
Vêm pela briza, numa liberdade,
Rizos e beijos, e cançõis de amores!

S. Luiz,—I—III—CMXVIII.

Elpidio Santos.

O escrito intitulado «Lebre por gato» publicado na nossa edição passada é do nosso socio colaborador Ruben Almeida.

Depois de seu regresso do Cururupú assumiu, a 12 de março, a diretoria desta Revista o nosso companheiro Antonio Joaquim Louzeiro.



Personalidades

Tratamos hoje da biografia de Fran[illegible]co, um dos fundadores da Academia Maranhense. Nasceu em Setubal, a 9 de março de 1874, perdeu o seu pae aos sete annos e meio. Frequentou uma escola municipal e um collegio de jezuitas, tambem de instrucção primaria. Esteve, até aos dez anos, num internato da capital portugueza, onde estudou dezenho, aritmetica, geometria, portuguez, corografia geografia, historia, francez, ciencias fizicas e naturais, lejislação, durante quatro anos. Saio desse internato em outubro de 1888. Tornou a Setubal. Empregou-se na conservatória da comarca. Já escrevia na «Gazeta Setubalense». A 6 de março de 1890, fundou o «Elmano», um dos nomes arcadicos de Bocage. Saiu um só numero, reaparecendo a 7 de março de 1893. Entrou para o exercito que abandonou em 1894. Em abril deste ano, entrou para a redação politica da *Vanguarda*, que tinha por chefe Alves Corrêa, e onde possuia como colegas o dr. José Benevides, economista e advogado notavel, Faustino da Fonseca, diretor da Biblioteca Nacional e ex-senador, o dr. Fernando Martins de Carvalho, mais tarde ministro de João Franco, Carlos Calisto, que morreu senador, França Borges, que succumbiu no posto de diretor do «Mundo», Fados Santos Tavares, 1º oficial do ministerio dos estrangeiros, etc. Emigrou por causa dum soelto inserto no jornal citado—a *Vanguarda*, onde atacava o rei d. Carlos, o ministro da guerra, o comandante das guardas pretorianas. Isto alvoroçou Lisbôa. Dirigiu a «Montanha», de Trancoso, e publicou alium artigo, denunciando o escandalo e verberando os agressores de Alves Corrêa. Deixou Portugal, em março de 1895, seguindo para o Rio de Janeiro, a bordo do *Provence*. No Rio, filiou-se ao Centro Republicano Portuguez, que se inaugurara em março de 1891. Desejando os socios por em circulação um hebdomadario, a 1 de junho de 1895 gritava-se aos quatro ventos a «Republica Portugueza», o que lhe fez perder um lugar na caza Souto Maior. Estranhando o fato, recuzou os convites de Manoel Côta, gerente do *Paiz*, Ferreira de Araujo, da *Gazeta de Noticias*, José do Patrocinio, da *Cidade do Rio*, para pertencer ao corpo redacional desses diarios. Seguiu para o Pará, onde chegou em dezembro de 95.

Indo nas plagas cariocas, foi um dos promotores do centenario de Bazilio da Gama, o epico do «Uruguai» e organizou uma poliantéa da «Republica Portugueza», na qual escreveram Velho da Silva, o decano dos medicos, professores e literatos brazileiros, Tomaz Ribeiro, ministro de Portugal no Brazil, Machado de Assis, Teofilo Braga, o padre Corrêa de Almeida, poeta satirico, visconde de Taunay, Homem de Melo, Artur Azevedo, José Verissimo, Afonso Celso, Raul Pederneiras, Hemeterio dos Santos, Felix Bocanuva, Oliveira Gomes, Mario Barreto, Felix Pacheco, Teodoro Magalhães, o autor da idéa e outros.

O proprietario da livraria F. Alves pediu a Frau que prefaciasse o belo poema. Isto suscitou uma ligeira polemica, na *Cidade do Rio* e na *Republica Portugueza*, entre ele, José Verissimo, Valentim Magalhães e outros. Dessa homenajem ao cantor de Lindoia, surjiu a idéa de criar o mensario *A Nova Revista*, assumindo a sua direção o malogrado romancista e critico Adolfo Caminha.

No Pará, inscrito no Centro Republicano Portuguez, fez sair o *Protesto*, orgão dessa coletividade, em fevereiro de 1898. A 1 de janeiro desse ano, apareceu a *Folha do Norte*, para cuja redação entrou, após repetidos convites. Publicou artigos sobre as vitorias luzonias na Africa, em que tanto se destacou Mouzinho de Albuquerque. Sustentou uma polemica com o sr. Bertino de Miranda Lima sobre *o acazo* e *o propozito* do descobrimento do Brazil. *O Jornal de Caxias* reproduziu o seu estudo, e o sr. Candido Costa transportou-o para o seu livro *As duas Americas*. Catalogou a numeroza biblioteca do Gremio Literario e o dedicou-se ao ensino livre. Esteve como socio da papelaria Silva desde janeiro de 1897 a julho de 1898. Fez parte da Mina Literaria, de que foi secretario e prezidente. Ali, colaborou na *Provincia*, dirijiu o *Diario de Noticias*, de Manaus. Aportou ao Maranhão em maio de 1900. Escreveu na *Pacotilha*, foi um dos fundadores da *Revista do Norte*, do *Cruzeiro do Sul* e outros jornais. No Centro Caixeiral, fez diversas conferencias. A Oficina dos Novos, a Associação Civica, a Universidade Popular e a Academia Maranhense criaram-se por sua iniciativa.

Esteve no Juruá, onde exerceu o cargo de oficial de gabinete do dr. Taumaturgo de Azevedo. Ensinou portuguez, literatura, geografia na Escola Normal, historia universal e do Brazil, francez no Liceu Maranhense. Desempenhou diversas comissões. Dirigiu a impressão e revizão da obra *A Lingua Portugueza*, de Filipe Franco de Sá. Desempenhou, em 1911, as funções de secretario particular do prezidente da republica portugueza, das comissões da ação economica contra o inimigo e do comercio exportador, funcionando estas no ministerio dos estranjeiros. De regresso, de embarcou em S. Luiz, a 21 de setembro de 1917. E' consul de Portugal.

Aprendendo a escrever com Camilo e a raciocinar com Teofilo, tem publicado: Prefacios do «Uruguai» e do libréto da opera «Guarani», em 1895 e 1896; O Centenario Indiano, 1897; O Sangue Latino, 1897; O Jubileu de João de Deus, 1900; A Questão do Acre, 1900, O sr. Silvio Romero e a Literatura Portugueza, 1900; O Maranhão e os seus recursos, 1901; O sonho de Tiradentes, peça nun. ato, 1903; Os interesses maranhenses, 1904; O departamento do Juruá, 1906; A literatura portu-

gueza na idade média, 1909; Portugal e a Renascença, 1912; Os Braganças e a Restauração 1912; O Maranhão, em 1913; Angola e os alemães, 1916; O Trabalho Maranhense, 1916; Teofilo no Brazil, 1917; A «Vizão dos tempos», 1917; A Escola de Coimbra e a dissolução do Romantismo, 1917. Tem prontos outros volumes, em que englôba os artigos dispersos e as conferencias que realizou—A lingua e a escola, Teorias e praticas, O saco de viajem, A hora critica, etc. E' socio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa, do Instituto Historico e Geografico da Baia, Academia das Ciencias de Portugal, da Sociedade Academica de Historia Internacional e da Academia de Ciencias, Artes e Letras, ambas de Paris; do Instituto Arqueologico e Geografico de Pernambuco, das Associações da Imprensa do Pará e Amazonas, da Academia Piauiense de Letras etc.

* * *

A 9 do corrente, transcorreu a data do aniversario natalicio do nosso briegrafado, ao qual enviamos, embora tardiamente, assim como á sua estimada familia, os nossos votos de felicidade perene.—**M.**

Num album

Queres um verso meu para o teu livro,
uma canção para um jardim de lyrios
onde o teu nome tanta flôr soletra
com o mago encanto dos nocturnos cyrios,
e eu nos fulgores que em teu livro esplendem,
por entre os chromos que brilhando estão,
procuro o accorde para dar-te a estrophe,
peço a teu nome a divinal canção

Seja o teu album o paternal abrigo
para a canção que eu deferir comtigo

Tanta belleza o nome teu circunda!
Tanta ventura te acalenta a vida!
Que melhor musa p'ra inspirar-me uns versos,
e eu dar-te em culto uma canção garrida?
Um olhar de mulher é um doce enlevo!
Um riso virginal é um paraiso!
Tu que és mulher e virgem, és uma perola,
d'essas que Deus desprende n'um sorriso

E queres no teu livro uma canção!
Pois não te basta essa alma e o coração?

Na mocidade em flôr a vida passa,
como em floreos jardins o colibri:
as flôres dão-lhe o aroma de seus seios,
cada petala que sobre lhe sorri,
e elle corre e vôa n'uma e n'outra,
em caricias e amor todo entretido...
Tu és um colibri de asas celestes
e o mundo é para ti jardim florido.

E que vale uma estrophe, si entre flôres
passas a vida, cherubim de amores!

A alma da mulher é uma harmonia,
em que o amor vibra alegre a cavatina:
é o idylio da luz, da flôr, da estrella
na candura d'um'alma peregrina.
O ideal da-lhe sempre um novo sonho,
o sonho da-lhe sempre um novo harpejo,
e o sol no occaso o derradeiro raio
manda-lhe á fronte em derradeiro beijo

Escuta do teu seio o arfar divino,
tens mais que uma canção, tu tens um hymno

Hymno suave de amor e de esperança!
Terno enleio que embala a juventude,
quando não nos roçou inda na fronte
da tormenta da vida o sopro rude!
Amar é n'uma só gosar cem vidas...
Ter fé é ter a vida sempre olente...
A esperança é o perfume que se espalha
na alma d'uma virgem, docemente

Com os hymnos do amor e estes perfumes,
ès uma estrella derramando lumes.

Brilha! esparge a tua luz pelo horizonte,
tu que não temes o fulgor de auroras
e que mudas a terra em firmamento
e em ceu transformas o lugar que moras.
Si é dia,—á luz do sol confunde a tua!
Que te scintille o sol dos olhos bellos!
Si é noite, p'ra que o dia não renasça,
deixa coar-se a luz entre os cabellos.

Diva celeste, tu que brilhas tanto,
p'ra que queres ouvir-me o rude canto?

Cerca-te a vida um mundo de harmonias!
Tens tanto idylio n'alma enfebrecida!
E queres que eu te dê mais uma estrophe,
na lyra agreste ha tanto adormecida!
Mandas que eu volva aos dias do passado
e tire d'alma um verso... uma canção...
Pois bem! Volvi, senhora! Eis o meu canto,
mas te lembra que foste a inspiração.

E possa a trova pobre, anjo do ceu,
ser acolhida com um sorriso teu,

1887. **Franklin de Menezes.**

A MUZICA

Como sabem, as muzas eram nove, sendo uma delas, Euterpe, a que presidia á muzica, a arte grandiosa e mistica, que arrebata os corações mais insensiveis.

Que de sublime e de magico a muzica encerra!

E' um estimulo energico da sensibilidade; os selvajens, inda os mais indomaveis, abrandam os seus costumes e modificam os seus mais crueis instintos ao som da muzica; até os proprios irracionais lhe são sensiveis.

Temos visto exemplos de alguns desses ferozes animais, cuja natureza é agressiva e dificil de subjugar, tornarem-se pacificos aos sons harmoniozos de qualquer instrumento. Ha tempos numa revista o exemplo (na Inglaterra) de um tigre, que vinha se deitar sobre o piano, quando a sua senhora começa a executar trechos de muzica, e escutava-os com embevecimento.

Ela exprime os mais opostos sentimentos da humanidade: os farpeamentos da dôr, os ardores da alegria, as tristezas, as paixões, etc.

E' uma arte tão antiga quanto o homem.

O povo hebreu empregava-a no culto divino. Os gregos a idolatravam.

Na Grecia, toda a pessôa que não soubesse muzica, era desprezada, embora fosse apta a qualquer outra arte ou ciencia.

Nela se têm distinguido grandes genios, tais como Mozart, Beethoven, Haydin, Chopin, etc, cujas admiraveis composições fazem a delicia de gerações. E a sua cultura vai se propagando e aperfeiçoando, á medida que os povos vão adquirindo maior grão de cultura intelectual.

Venia.

Mais um anno

Quando somos novos, é-nos sempre agradavel o dia do anniversário. Mas esse encanto esvai-se logo. O tempo dos que trabalham, porém, anda veloz--e nem sequer lhes sobejam vagares pra se deter a pensar no cazo... Os seus passos tornam-se quaze tão izócronos como o tiquetaque das pêndulas. Ha pessoas e ha naçôis a quem o rodizio dos aeos jamais envelhece. E' que se resguardam de apetites malignos. São sóbrios. Os tratos da vida, ao contrário do que acontece aos fracos, parece que os remoçam e enrijam.

Dá-se o mesmo com os negócios agricolas, industriais ou mercantís, se os orientam bem. E' clássico o ezemplo da caza bancária dos Rothschilds, que passou do pai aos filhos, netos, bisnetos, aumentando constantemente de seiva espansiva. O método e a pertinácia criaram a sua fortuna. Mais clássico e mais espontâneo se nos aprezenta o modêlo da Terra, que nos acolhe, sorizonha e pródiga, ha inúmeros milénios—e nunca se cansa. O braço humano revolve-a—e ela não se arrepela. A naturêza castiga-a, com o atrito das suas inclemências, e ela prossegue, calma e ezúbera, a sua rezignada rotação, no concêrto dos planêtas, alheia ás flajelaçôis que a esperimentam.

Assim os periódicos. A «Gazeta de Pequim» atravessou, incólume, dois mil anos. E, se não fôra um ímpeto demagójico, ainda ezistiria, adaptando-se ás novas circunstâncias politicas da China. A «Gazêta da França», que Teofrasto Renaudot estabelecêu, em 1631, sob o patrocinío de Richelieu, supômos que ainda circúla, mas inconvertivel aos princípios democráticos. Mantem-se fiel ao credo rialista. A «Gazêta de Lisbôa», de 1648, acompanhou o correr das idades, metamorfozeando-se, numa sucessão de títulos. E' hoje o «Diario do Govêrno». No Brazil, temos o «Jornal do Comércio» e o «Jornal do Recife», ambos em vésperas de fazer um século. Aqui, sustentou-se o «Diario do Maranhão» durante uns 50 anos.

A «Revista Maranhense», que um grupo de rapazes estudiozos e perseverantes fundou, póde atinjir a lonjevidade, se os seus iniciadores se conservarem firmes ás idéas e aos dezejos que os impeliram a lançá-la ao público. A coerência é uma das grandes condiçô s do triunfo moral. Mas essa virtude preciza do estímulo da inteligência e da constância, nas obras intelétuais. Cremos que os moços desta folha poseuem tais qualidades e que se encontram dispostos a demonstrá-las, por largos decénios, em prol dos progréssos da sua estremecida terra.

Fran Paxeco.

Temos o prazer de publicar abaixo o hino da U. S. R., que compoz o inspirado poeta maranhense, o nosso amigo Apolinario de Carvalho, a pedido de alguns socios dessa agremiação.

Hymno da "União Sylvio Romero"

Nesta pequena officina,
Onde é constante o Labôr,
Só um princípio Domina,
Só se conhece um valôr:
Apenas vale o Talento,
Eis o princípio—Estudar!
Devemos, sem desalento,
Ter Fé, ser Fortes, luctar!

Para chegarmos ao fim
Desta Cruzada bemdita,
Nada tememos! e assim
Tudo a seguir nos incita:
A Mocidade, a Esperança,
Nossos Esforços até!
E a Luz que n'alma nos lança
As chispas fulvas da Fé!

Temos, de resto, bem perto,
Para guiar-nos tambem,
No céo das Letras, refesto
D'Astros, a Estrella do Bem,
Das qual um só reverbéro
Nos traz brilhante lieção:
—Chama-se Sylvio Roméro,
Patrono desta "União".

Luctar, pois, dalma Serena,
Para vencer amanhã,
Que a Glória já nos acena,
Festiva, ardente, louçã!
Aqui ninguem esmorece!
Rumo ao Calvário com a Cruz,
Até ganharmos a mésse,
A farta mésse de Luz!

ESTRIBILHO

Na mais forte Acção,
Ao vento mais féro,
Tremule o Balsão
Da «Sylvio Roméro».

Apolinario de Carvalho.

Um triennio

Fazem três annos, que um grupo de rapazes dispostos, dos que não sabem o que seja o impossivel, empreendeu e levou a effeito a creação de um mensario litterario—a «Revista Maranhense».

Confessemos, porém, que, entre nós, nesta querida Athenas brazilea, mais deleitam os noticiarios sobre escandalos de toda sorte, do que dissertações scientificas, litterarias ou artisticas.

Questão de máo paladar, que o tem muita gente bôa.

Embora isso, o ingente esforço desses jovens, alliado á prompta e generosa acolhida de leitores, que sabem encorajar as causas justas, patrocinando-as, já conseguio, para a «Revista», uma vida regular.

Deixou ella de *engatinhar*. Fez *pino*, como se diz, acerca das criancinhas.

E ainda bem para nossos creditos de athenienses.

—

Outr'ora, no tempo de minha mocidade (oh! que saudades eu tenho!) João Affonso com inaudita tenacidade, conseguio que a sua querida «Flexa» vivesse um tempo regular. Domingos Azevedo manteve o seu «Domingo». Ainda João Affonso e outros sustentaram o «Jornal para Todos».

Emfim, um punhado de moços, entre os quaes, o humilde rabiscador d'estas linhas, logrou que seu periodico trimensal vivesse tanto, como tem vivido a «Revista Maranhense».

E, se não mais viveu aquelle, foi por dispersão do grupo, tomando cada um o seu rumo: a academia, o commercio, a vida publica... a morte!...

—

Hoje, que um punhado de jovens cultores das letras enfrenta toda a sorte de obstaculos, cumpe aos indifferentes amparar-lhes a causa.

A gloria não será só d'esses moços, mas d'esta terra, d'esta Athenas.

Assim, a Revista ha de existir, *bon gré, mal gré*.

D. M.

FLORILEGIO POETICO

EXILADO . . .

(A alguem)

E' neste afastamento em que eu agora vivo,
e que me vae aos poucos a vida envenenando,
que maldigo me ter do Amôr feito cativo
quando da idade a flôr me veio desabrochando

O cruel Destino quiz—não sei qual o motivo—,
que desta dôr, que vae meu peito atassalhando,
d'ela fosse autor, quem, talvez meu lenitivo
fosse hoje, quando só os dias vou findando !...

Neste recolhimento em que vim me ocultar,
nesta clauzura negra em que vim me encerrar,
nunca que eu deixarei de em ti pensar profundo.

Nada, nesta tristeza atróz que me envolve,
extinguirá o Amor com que te amei donzela,
e que jamais um dia esquecerei no mundo !...

S. Luiz, 20—I—918.

Francisco Santos

SONETO

(A alguem)

Do beijo perfumado que me deste
Eu conservo a lembrança, arrependido. .
E se depois do beijo fui traído,
Foi porque, meu amôr, assim quizeste !

Constancia?—tu constancia não tiveste,
Porque tens a minh'alma constrangida:
Olha, pois tenho tanto padecido
Por teu amor, meu serafim celeste !

O calice do amor foi consumado
Para quem sórve a taça da amargura,
Para quem vive triste, desprezado !

Eu amei a ventura e a desventura,
E tantas cousas tenho recordado,
Querendo amar-te, emfim, bela criatura.

A. Machado.

AVIS COELI . . .

Tuas mãos... diz-me *aqui dentro* extranha voz
Que, sob a humana graça que as reveste,
Se disfaçam, Lilá, dez rouxinóes
Vindas comigo do Jardim Celeste;

Que te seguiram—enamorados sóes—
Na onda de aroma que teu corpo veste.
E assim o creio... E se qualquer de vós
Ha que de louco o título me empreste..

Que as contemple um momento... não conheço
Azas mais flexiveis nem mais bulas,
Nem sei de passarinho mais travesso...

Que as siga, quando, do teclado, a médo,
Forem o aureo marfim... ouvireis nelas
Gemer um rouxinol em cada dedo !

Lemos Viana.

Paizajens

Dedicado á Cotinha Oliveira

I

Vamos seguindo, agóra, os sertanéjos
E poéticos confins destes logáres,
Contemplando as belézas dos palmáres
Sob este sól de divinais lampéjos...

Ouves?—Há na florésta doces beijos
Da briza no silencio dos cismáres..
Tambem troquemos nós estes pezáres
Pelas colinas de febris harpéjos ..

Vamos seguindo os dois, juntinhos, vamos,
Colhendo ninhos e beijando flóres
Pelos mudos caminhos que passamos..

Sentindo, assim, as expressões estranhas,
Vamos fruir de um novo céu de amôres,
No fremente murmúrio das montanhas !

II

Foi por aqui, pelos sertões afóra,
Pelos doces perfumes déstas flóres,
Que encetei meus primeiros dissabóres
Ante estes mundos que a natureza enflóra...

Ai que tristeza em vel-os, sinto agóra
Tão dezértos de mim, com seus ardóres...
Que tristeza de imajens multicóres
Que circundavam em meu viver de outr'ora...

Foi por aqui, a ! quanto inda me lembro
Do noivado das flóres, da florésta
Naquélas bélas tardes de setembro ! ..

Quanto me punje n'alma esta saudade,
Esta infinda tristeza que me résta
Desses sertões, na minha mocidade !

III

Foi por aqui—inda me lembro o dia
Em que nós, pelo amôr, aconchegados.
Seguiamos febris, alucinados,
As sonóras canções da serrania...

Ao longe, uma tristonha cotovia
Descantava os seus dias desolados,
E os sinos, na igrejinha, apaixonados,
Marcavam, docemente, —Ave-Maria.

—Tu me juraste amôr fremente e santo,
Amôr que me deu vida; e nesta vida
Da-me a ventura que me acalma o pranto...

Amôr que os meus tormentos tráz dispérsos,
Que é a gloria de minh'alma entristecida,
E o simbolo doirado de meus versos.

Do livro—«Noturno

Clemente Guédes

Duas estradas

Uma é uma bella avenida, palacios de marmo e, mulheres formosas, o luxo, a grandeza, veiculos de valor, a insolencia. Vicaes deslumbrados no meio de tantas luzes, tantos perfumes, tantos crystais, tantos brilhantes e sedas. Por toda parte a musica classica, as operas liricas, o folguedo, o goso continuo.

A outra estrada é toda despida de galas; tudo ali é modesto e simples; mulheres castamente vestidas que não sabem excitar pelas suas provocações. Cada um no seu trabalho, cada um concorrendo para o bem geral.

Mas vamos além

E estudemos mais de perto estes dois aspectos de vida.

Vamos de novo á estrada brilhante. Atravessamos varias ruas e penetremos em alguns domicilios.

Eis um magistrado todo arrogante e coberto de honras; para chegar a este estado, ai! quantos orphãos soffreram! Quantas sentenças iniquas foram lançadas em autos!

Mas elle subiu de degráu em degráu e é hoje um notavel d'aquella sociedade

Além está um elevado funccionario que humildemente e em publico recebe ordens do senhor do burgo, e por elle reprendido e tratado com despreso e muita humilhação.

Mais além se vê o industrial, o commerciante, o agente de especulação, illudindo e formando a sua torre de ouro: será nababo algum dia e olhará para os humildes com desprezo, chamando-lhes vagabundos e preguiçosos.

Mas estas scenas cançam. Deixemos as alegrias da festa e volvamos á segunda estrada.

Penetremos no santuario de um lar. Ali estão marido, mulher e filhos; todos trabalham, cada um no seu mistér.

A mãe e as filhas fazem o serviço domestico, os rapazes têm a sua pequena industria e o chefe d'aquella pobre familia funccionario publico, muitas vezes preterido, faz um trabalho que trouxe da repartição.

Ali tudo é ordem, simplicidade e modestia. Não vemos os bellos canarios belgas, mas ouvimos a maviosa pequapá; não ha naquelle recinto os licores espumantes, mas uma vez por outra, quando a bolsa o permitte, lá se toma a bôa juçara.

Deixêmos essa gente em seu trabalho e corramos a vista um pouco pelas ruas.

A poucos passos encontramos um magistrado, ar severo e ao mesmo tempo atrahente.

A roupa um tanto ruça. Todos ao vel-o, tratam-no com respeito e afago.

Um pouco adiante lá se achava um negociante que enriquecia no mourejar diario.

Elle bem que sabia que fôra ajudado pela sorte. Bem via que outros mais antigos do que elle e tão dedicados ao trabalho, ahi jaziam pobres e humildes; assim elle, generosamente, repartia esse ouro accumulado com os necessitados e afflictos, e, tanta era a sua consciencia e bondade que dizia:

Oh! deixem-me fazer algumas restituições, deixem-me diminuir os meus peccados!

E assim estas duas estradas conduzem o homem, uma a elevações muitas vêzes humilhantes, e a outra á linha recta do dever, ao amor e a uma vida placida e serena.

Afinal, todos só somos dignos pela elevação do caracter e pelas acções bondosas que enxugam lagrimas e mitigam dores! Pompas não raro occultam muitas bixesas e soffrimentos internos.

José Augusto Corrêa.

Trovas do meu sertão

Contribuição ao Folk Lore

Alfavaca ramalhuda,
Sombra onde me deito,
A cabeceira do teu braço
Grande falta me tem feito.

Nunca vi figueira branca
Botar flôr na raiz;
Nunca vi rapaz solteiro
Ter palavra no que diz.

Tu de lá, eu de cá.
O Parnaiba no meio;
Tu de lá dá um suspiro,
Eu de cá suspiro a meio.

Debaixo dagua tem lôdo
Debaixo do lôdo tem peixe;
Descança teu coração,
Que por outro não te deixo.

Estava dormindo, sonhando
Contigo, minha belleza;
Acordei e não vi nada;
Sonho não têm firmeza.

Em rêde não me deito
Em cama não tenho geito;
Só posso dormir em sono
Recostado no teu peito.

Arruda caiu as folhas,
Mais não caiu a semente;
Na hora que não te vejo
Cêio na cama doente.

Não sei se canto ou se choro,
Não sei qual é melhor;
Cantando as penas redobram
Chorando as penas é peor.

Joguei meu lenço branco,
Nos ares, virou açucena;
Eu morro e perco a vida
Por gente de côr morena.

1917 **Paulo Guimarães.**

A saudade

Senhora! eu bem conheço essa orfandade
Que vos deixou o triste pranto imerso,
Imerso pois na dôr de uma saudade,
Da saudade de mãe cantada em verso...

Essa saudade, toda a humanidade,
Nos dias mais tristonhos do Universo,
Faz recordar a santa castidade,
Da saudade de mãe cantada em verso...

Senhora! é a saudade a bela flôr,
Bela flor que se enfeita a sepultura,
Que excrucia tambem a nossa dôr!

Mas... a saudade existe com certeza:
—Ora envôlta no manto da ventura,
—Ora envôlta no manto da tristeza!

Astrolabio Caldas.

Discurso que Ruben Almeida pronunciou por occazião da recepção do grande historiador Rocha Pombo na União Silvio Romero, no dia 20 de outubro de 1917.

Exmo. sr. dr. Rocha Pombo

A União Silvio Romero, de que sou um dos incorporadores mais humildes, ordenou-me que eu vos viesse trazer, neste instante, o penhor de sua gratidão a mais sincera, pela honra excelsa com que vos dignastes querer distingui-la, retribuindo com uma vizita pessoal ao plenario dos seus membros a justissima mas insignificante homenajem que ela vos prestou ha dias, conferindo-vos o diploma de socio honorario do seu «Quadro de Honra».

Tão alta consideração, propria somente das almas nobres, sobre ser um motivo de orgulho para ela, vem-me tambem encher o espirito do mais puro contentamento, a que se alia a mais inesquecivel honra, pela imerecida tarefa a que me obrigou, ordenando fôsse eu o escolhido para interprete do seu sentir, nesta solemidade.

Porque tenho a honra de estar dirijindo a palavra a fecundo e insigne historiador patricio dr. José Francisco da Rocha Pombo, uma das maiores glorias historicas e literarias do nosso caro Brazil.

Eu sempre tive piedoza veneração e respeito por essa deuza pagã, que Teixeira Lopes, com o seu cinzel inspirado, simbolizou em uma mulher que é um conjunto de linhas e formas perfeitas; coberto o corpo por um comprido manto que lhe desce até os pés; a cabeça pensativa coróada de louros; o olhar melancolico perdido na atração de remotos horizontes inviziveis; as mãos abertas sobre um livro, onde se ostenta uma palma, e de entre cujas pajinas pende um rozario e um crucifixo...

Para os indiferentes, póde ser que esse marmor frio nada exprima. Para os poetas, porem,—e vós, na ha negá-lo sois um deles—esses entes eleitos que possuem o dom de devassar e traduzir a alma Iheia, mesmo quando essa alma seja a de uma estátua,—para os poetas, a escultura de Teixeira Lopes é uma escultura viva e perfeita, a interpretação melhor que se pudesse dar da Historia.

Curiozo, analizar as suas fontes!

Remontando a seculos que já se vão bem distantes, veremos as primeiras historias, como o espirito das primeiras sociedades, ser cosmogonicos, relijiozas e politicas, e repouzarem, como a filozofia primitiva e como toda a primitiva ciencia, no seio da mitolojia. Segue-se-lhe a idade heroica e politica. Os acontecimentos tornam-se obra dos homens, e cessa o governo direito e excluzivo da Divindade.

Vem, então, a epopéa servir de tranzição entre as narrações cosmogonicas e misticas e as narrações reais. A Iliada e as outras epopéas são historias vazadas nos moldes poeticos das narrativas cosmogonicas. Assinala-se, em seguida, a separação entre o real e o ideal, entre a poezia e a proza, entre os gozos que o homem concedia ao espirito e o pozitivo da vida. E' quando aparece Herodoto. Verdadeira tranzição entre a Historia e a Epopéa, lhe representa, sozinho, toda uma epoca de arte. Em Roma, como na Grecia, a historia segue a civilização. A partir do Cristianismo, ela é encontrada não sómente nas narrativas mas tambem nas cartas, controversias e livros relijiozos dos padres da igreja, e depois de Carlos Magno, que inutilmente tentou dar-lhe curavel unidade, a Historia, do XV seculo em diante, derrama-se por todo o mundo. No século XVII achamo-nos em plena civilização. Começa a época dos grandes historiadores.

Os historiadores! Mas eu teria imenso a dizer, exmas senhoras e senhores, se tempos houvera para tal, e se fosse esse o fim que aqui me move, desses abnegados apostolos de todas as eras, que á semelhança das vestais encarregadas de entreter carinhozamente o fogo sagrado através as idades e as vicissitudes dos tempos, passam uma vida de paciencia e de estudo acurado, para transmitir aos vindouros a vida dos povos da antiguidade e mesmo a dos povos modernos, as suas conquistas cruentas nos campos das batalhas e nesse outro campo mental, infinitamente superior das conquistas incruentas...

De ha muito me acostumei a admirar a alma platonica desses homens de aço, que não trepidam um instante siquer ante os obstaculos de uma empreza, mesmo os mais arriscados, contanto que dela se aufira alguma coisa de bom e de util para legar ás gerações futuras.

Quer nas remotas parajens do Ejito misteriozo, a decifrar inscrições, examinar piramides, dissecar mumias; quer nas saudozas plagas da Grecia heroica, vizitando templos e monumentos ou fazendo excavações em ruinas; quer nos subterraneos de Roma, a percorrer catacumbas; ou quer no silencio claustral das bibliotecas e muzeus, devassando arquivos, estudando papiros, consultando alfarrabios, tudo, enfim, que ateste a passajem de um povo ou dias de uma civilização—o historiador—novo cuvier—é sempre o mesmo abnegado sacerdote que colima todos os seus esforços e toda a sua vontade para este alvo grandiloquo—a instrução dos que vierem depois.

(A seguir)

O NOSSO GOVERNO

Assumiu a 1.º de março a cadeira governamental, na qualidade de 1º vice e devido a incompatibilidade do sr. Dr. Urbano Santos da Costa Araujo, vice-prezidente da Republica e governador deste Estado eleito pela espontaneidade do nosso povo, o sr. dr. José Joaquim Marques distinto enjenheiro agronomo.

S. Exc. que muito tem trabalhado pelo seu Estado natal, exerceu por longos anos com admiravel competencia a diretoria da «Inspetoria Agricola», demonstrando sempre incontestavel zelo.

Foi deputado Estadoal e prezidente do Congresso.

O povo maranhense está confiante na competencia de s. exc e sente-se jubilozo por saber que o atual governador empregará os seus incansaveis esforços pela grandeza e prosperidade da nossa querida «Atenas Brazileira», que há de ser tão prospera e rica como tem sido prospera e rica das glorias de seus ilustres filhos.

Os Srs Drs. José Joaquim Marques e Herculano Nina Parga cojitavam, já no fim do governo deste, da fundação de uma «Escola de Agronomia» no nosso meio, chegando o atual governador a elaborar os estatutos dessa escola, de harmonia com as do Sul do Paiz, e submeter á apreciação do Sr. Dr. Herculano Parga. E visto o grande dezejo que havia da parte de ambos para a fundação de tal estabelecimento, estamos certos que s. exc.

levará a efeito essa ideia meritoria que muito irá desenvolver os produtos do nosso solo, o que julgamos que só não se realizará se a situação do Estado e o seu tempo de mandato não permitirem.

E nós da *Revista Maranhense* que sómos admiradores do Sr. Dr. José Joaquim Marques enviamos-lhe os nossos cordiais cumprimentos dezejando-lhe inumeras felicidades.

Sol-pôr

A pedido de uma senhorita.

Corria o mez de Maio.

O sol majestozo e belo deixava a terra para se recolher á sua morada. Os passaros em bando cantarolavam seus ultimos hinos e vôavam em busca dos seus queridos e saudozos ninhos. A natureza mostrava-se rizonha e bela, parecia tambem cantar louvores á Maria. A igreja vizinha anunciava os festejos desse sagrado mez.

Assentados em um banco de pedra Luiza e Carlos fazião juras eternas de amôr. Aquela contava seus dezoito anos; era um tipo debil, sua tez alva deixava sobrelevar-se por loiros cabelos. Emquanto que seu noivo era moreno, tinha nos olhos o negrume das noites sem luar. Era simpatico e tracnte, atravessava suas vinte e duas primaveras. Luiza ouvindo o gorjear dos passaros não poude conter o silencio que neste momento reinava em seus labios.

—«Carlos, a nossa felicidade parece estar causando inveja aos passaros; não vês como eles cantam sobre as nossas cabeças» ?

—Foulinha, os passarinhos não nos invejam, eles amam tambem, não vês as suas companheiras que vêjam juntas e bem juntas deles ?

Não o julgues invejozos, eles amam verdadeiramente como nós.

—«Creio, Carlos, que eles se possam amar mas não saberão ter afagos e nem cuidar do futuro como nós cuidamos».

—Eis ai a felicidade, querida Luiza, eles são mais felizes porque vivem só de amôr e de venturas, e nós vivemos de lutas horriveis; eles não conhecem a dôr e nós a todo momento e-p ramol-a bater á nossa porta, portanto não os ofenda desta forma.—A moça levantou os olhos que tinha cravado na relva, deixou cair das suas delicadas palpebras duas transparentes lagrimas, e voltando-se para os passaros exclamou; «Perdôem-me queridos passarinhos, eu vos ofendi em considerar-vos invejozos, mas reconheço a minha falta e arrependo-me, porque vêjo que o amor em vossos corações é puro e sincero.

Levantando-se ofereceu o braço a seu noivo dizendo: «Partamos para caza sinto-me bastante fatigada».

O mancebo estreitou-a de encontro ao seu forte peito e depozitou nos seus arrependidos labios um terno e longo beijo

Na pequena igreja o bronze anunciava a doze e santa Avé-Maria

Carlos e Luiza nesse momento levantaram um hino de gloria á Virjem Mãi de Jesus, emquanto no ocazo brilhavam ainda os ultimos raios do sol que vinham em suaves transportes depor sobre aquelas gracozas cabeças um deadama de luz.

Maria B. Varela.

No Dominio da Matematica

Depois da tentativa de Bacon que procurou classificar as ciencias em historicas e filozoficas, tomando por baze as faculdades intelectuaes do homem, outros como Ampére, Cournot, Bouillet tiveram a mesma preocupação sem conseguirem atinjir o fim dezéjado.

Quando porém, os trabalhos de Spencer se tornaram conhecidos, o problema em questão já estava rezolvido cabalmente pela concepção de A. Comte, e as classificaçôis cientificas dos dois grandes filozofos, diverjindo na idéa, encontravam grande numero de adeptos que se digladiavam pela preferencia de uma delas, sendo ainda hoje admiradas pela grandeza do saber que se descortina em tão importante tarefa.

Spencer, tomando por baze os fenomenos, classificou as ciencias em duas partes distintas.

Conforme eles fossem considerados em suas relaçôis abstratas ou em seus proprios efeitos:

Por este modo de vêr, ele ainda admitia uma nova submissão, em que as ciencias eram consideradas em relação a cada um dos fenomenos ou ao seu conjunto.

A matematica excluindo a mecânica era incluida no grupo em que os fenomenos se aprezentavam em suas relaçôis abstratas, porquanto obedecendo a divizão acima estabelecida, as ciencias eram classificadas em diversos grupos, segundo as semelhanças e as diferenças que entre elas se notam.

Deixemos porém de parte os trabalhos de Spencer em suas linhas gerais e vejamos o lugar que ocupa na classificação de Augusto Comte, a mais antiga ciencia, conhecida pelos gregos sob o nome de Lojica.

Segundo Comte, as ciencias são dispostas na ordem de generalidade decrecente e de complexidade crecente dos fenomenos.

Bazeado neste principio ele achou que a Matematica tambem chamada Lojica, compreendendo a Mecanica, deveria ser colocada em primeiro logar no quadro das ciencias e de acordo com os mesmos preceitos ele foi levado a classificar do seguinte modo o conjunto dos nossos conhecimentos teoricos:—Matematica, Astronomia, Fizica, Quimica, Biolojia, Sociolojia e Moral

Daqui vemos conforme as considerações expendidas, que a matematica é a mais complexa e a mais geral de todas as ciencias.

Pelos antigos era ela defendida como «A ciencia que trata da medição das grandezas»; Comte porém notou que para se medir grandezas deve-se na maioria dos casos empregar o processo indireto donde, corrijindo a primeira definição, ele estabeleceu a seguinte: —A sciencia que tem por objeto a medida indireta das grandezas».

Além disto seu estudo abranjendo a existencia universal em seus detalhes mais simples:—numero, extensão e movimento. Comte aproveitou cada uma dessas propriedades em seu determinado valor e dividiu a Lojica em tres partes distintas:

Calculo—ciencia do numero.
Geometria » da extensão.
Mecanica » do movimento.

Estes elementos irredutiveis da matematica devem, segundo Comte, ser distribuidos em dois grupos:—Um deles concreto compreendendo a Geometria e a Meca-

nica e o outro abstrato compreendendo o calculo dos valores, ou melhor dizendo Aritmetica e calculo das funções.

Daí a divizão da matematica em abstrata e concreta.

Sendo que esta ultima abranje uma subdivizão, isto é:—

Calculo das funçõis diretas da Aljebra elementar, e calculo das Funçõis Indiretas ou trancedente.

Observando a definição acima estabelecida, compreende-se desde logo que toda questão matematica encerra uma ou mais relaçõis entre grandezas conhecidas, e desconhecidas, decorrendo de ai a necessidade de descobrir o modo pelo qual tais grandezas se acham ligadas de maneira a se poder exprimir essas relaçõis por meio das funçõis aljebricas ou equaçõis. Estas sendo por sua vez formuladas diretamente entre as proprias grandezas da questão, servem de fundamento ao calculo aljebrico, justificando assim a definição aprezentada para a aljebra, isto é, «calculo das Funçõis Diretas».

(Continúa).

Amilcar Silva.

O mez social

ANIVERSARIARAM-SE:

—A 1 de março a exma. sra. d. Maria da Gloria Parga Nina, diretora do Instituto «Roza Nina».

—a 9 a interessante Hemeteria Cantanhede da Cruz.

—a 9 a exma. sra. d. Cotinha Meireles.

—a 18 a senhorita Narciza Guedes,

—a 23 Tozinho Guedes Monteiro.

—a 30 a primeiranista do curso profissional Edit Laura Monteiro.

João Caldas

A 9 de março transcorreu o aniversario natalicio do nosso apreciado colaborador João P. S. Caldas que exerce, na Delegacia de Belo Horizonte, as funções de 4.º escriturario, desempenhando-a com muita competencia. Neste orgam tem publicado inspirados sonetos e poezias mui apreciados pelos nossos leitores.

A «Revista Maranhense» envia os seus cordeais parabens pela data de 9 de março.

—O sr. tenente José Clemente Guedes e sua exma. espoza d. Vitoria de Almeida Guedes, tiveram a gentileza de nos participar o nacimento de sua filhinha Maria do Socorro Guedes (Meri), ocorrido a 17 de fevereiro ultimo na cidade de Picos, deste Estado.

—O habil pintor sr Paula Barros e sua exma. espoza d. Amena de Paula Barros tiveram tambem a gentileza de nos comunicar o nacimento de sua filhinha Lourdes, ocorrido em fevereiro ultimo, nesta capital.

Gratos.

FALECIMENTO

DR. ANTONIO LEITE

Falleceu a 26 de março, depois de tormentozos sofrimentos, nesta capital, onde viera em vizita, o dr. Antonio Ferreira Leite. Era filho do dr. Benedito Pereira Leite, já falecido e de saudoza memoria, e da exma. sra. d. Angelica Pires Ferreira Leite e cazado com a exma. sra. d. Virjinia dos Santos Leite, filha do sr. dr. Urbano Santos, vice-prezidente da Republica.

Naceu a 16 de janeiro de 1890 e era formado pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Dentre os diversos cargos de destaque que ocupava na capital do Paiz, podemos citar: lente de Historia Natural do Colejio Pedro II, diretor da Secretaria do Congresso do Estado e fiscal do Governo Federal junto ao «Liceu Petropolitano».

Desde quando se soube da infausta noticias, na noite daquele dia, dirijiram-se, á rua Rio Branco, 9, inumeros amigos do morto, notando-se no semblante de todos profunda magua. E o Maranhão cobriu-se de luto; em todas as repartiçõis foi hasteado a meia verga o pavilhão maranhense.

—Após a sua morte foi o corpo transladado para o palacio do governo, onde foi posto em camara ardente, sendo velado por inumeros dos seus amigos.

—A's 17 horas do dia seguinte teve logar o transporte do corpo em carreta puxada pelos seus amigos e acompanhada por avultado numero de pessoas, reprezentantes do governo e da alta sociedade. Oraram no Cemiterio ao chega o feretro os srs. dr. Carlos Reis e Domingos Barboza, fazendo o necrolojio do falecido.

Dentre as muitas corôas que eram conduzidas em quatro carros podemos enumerar os seguintes:

Ao Tote os seus colegas; Ao dr. Antonio Leite seu prezado amigo, saudades de Manoel Joaquim de Albuquerque e familia; Ao Tote saudade de José R. de Gouveia; Ao compadre Antonio Leite saudades do tenente Bessa; Ao dr. Antonio Leite, recordaçõis do secretario e alguns amigos da secretaria da fazenda; Saudade de Godofredo Viana; Ao Tote saudades de Castelo Branco e familia; saudade eterna e imensa de sua inconsolavel Vivi; Ao bom amigo Tote saudades do dr. Artur Moreira; Saudade ds amigo Adolfo Paraizo; Ao inesquecivel Tote, saudade de Urbano e Mocinha; Ao nosso Tote, Lys e Biné; Ao querido irmão, saudade de Doninha; Ao querido irmão, saudade de Donona e Marcelino; Ao nosso filho, eterna saudade de Elvira e Angelica; Ao Tote, recordação de José Leite; Profunda saudade de José Eusebio e familia; Saudade de Mariano Lisbôa e familia; Lembrança da Colonia Siria; Eterna lembrança de Januaria Paraizo; Saudades de Cunha Machado; Ao dr. Antonio Leite, saudades de Herculano Parga, o estado do Maranhão ao filho de Benedicto Leite e outras que não conguimos colher.

A «Revista Maranhense» envia aos parentes e amigos do dr. Antonio Leite os seus pezames por este profundo golpe, depozitando no tumulo do saudozo conterraneo uma corôa de saudades.

Viajantes

Vinda da cidade de Cururupú, acha-se nesta capital a intelijente e aplicada aluna do 2.º ano do curso profissional do Liceu Maranhense, a senhorinha Amelia Nogueira.

—Regressou de Viana, onde se achava em ferias a estudioza e intelijente senhorinha Maria Campelo, terceiranista da curso profissional do Liceu Maranhense.

—Ha dias encontra-se entre nós a senhorita Maria de Lourdes Coelho, intelijente segundanista do Liceu Maranhense.

A BANDEIRA DO 47

Da comissão organizadora da festa por ocazião da entrega da bandeira do Tiro de Guerra n. 47, da confederação, recebemos um convite para assistir aquela solenidade.

Gratos.

NASCIMENTO MORAIS

A 19 do corrente comemorou mais um ano de existencia o querido professor José Nascimento de Morais, um dos farois mais cintilantes nas letras maranhenses.

Tem publicado algumas obras literarias onde se pode admirar o seu invejavel estilo, entre as quais citamos "Vencidos e Degenerados". Tem escrito em diversos jornais e revistas que vieram á luz no Maranhão, tendo mantido importantes polemicas com jornalistas tambem de elevado merito, conservando sempre altaneira e inabalavel a sua pena. Atualmente o autor dos «Puxos e repuxos» colaborara em «O Jornal».

Como poeta para que o leitor possa admira-o na arte em que Byron se fez apreciado, transcrevemos um inspirado soneto de sua lavra, intitulado:

—MÃE—

Dôce effluvio de amôr que minh'alma enobrece
Frouxa luz vesperal que em meus olhos adeja
Sinto bem quanto vale a expressão desta prece
Com que pedes a Deus que meus passos proteja.

Traga eu n'alma o rancor que a existencia enlutece,
Traga em mão o punhal que nas trevas lampeja,
Sempre encontro em teu labio o sorrir que florece
E em teus olhos a luz que me anima a peleja.

Leve, sem compaixão, ao teu seio querido,
O desgosto fatal que tua alma depara
Donde sangra inexausto o pranto dolorido;

Leve embora, inconsciente, a ferir-te a desgraça
Que provoco, sempre és, na maior amargura,
Mãe! a mesma mulher que me beija e me abraça.

A «Revista Maranhense» rendendo uma justa homenajem ao prof. Nascimento Moraes almeja-lhe as mais sorridentes felicidades.

ÁS NOSSAS AJENCIAS

O nosso prezado amigo Crispim Barboza Maciel durante a sua estadia em Floriano, onde exerceu o cargo de Agente Fiscal do governo federal, poude ao angariar naquela localidade alguns assinantes cujos nomes damos abaixo e indicou para nosso ajente no mesmo logar o sr. dr. Raimundo Ramos; a quem agradecemos bem como ao sr. Crispim Maciel pelos esforços empregados

São estes os assinantes: Benedito José de Carvalho Antonio Lemos, Hermojenes C. da Costa e Silva, José Mendes Cronemberger, Delfino Jorge de Souza, Gremio «Artur Azevedo», Averino Rezende e Benedito Costa.

—Do nosso prezado e esforçado ajente na capital do Paiz, Amilcar Serra Pinto e Silva, distinto 3 anista do Colejio Militar, recebemos a lista de assinantes que abaixo damos publicidade.

Srs. 2º tenente cirurjião dentista Alberto de Souza, José Antonio dos Santos Amaral, Inacio de Souza, Antonio José Ferreira, Amaro Corsino Soares, Capitulino Santos, Manoel Ferreira Alves, João Batista dos Santos e Rubens Reis de Andrade.

Gratos.

Publicamos abaixo uma poezia que nos foi enviada por um nosso assinante do interior do Estado:

A VAIDOZA

Em que pensas, mulher assim vaidosa?
Julgas que só por seres tão formoza
Tens merito de nobreza?!
Para que junto a ti vá me curvar,
Qual mizeravel lacaio a implorar
O perdão d'uma princeza?

E's louca! não vês tu, amár soubera
Se qual anjo tu fosses, só quizera
Que loucamente ideiei?...
Que tivesses, julguei, sensivel a alma
Amei-te, amei-te em sempterna calma;
Eis que após eu despertei:

Sonhos mentidos! Oh! tudo illuzão!
Nem se quer tens no pobre coração
Uma dor sentimental!...
Teu espirito é qual tu'alma insulta:
Sem o envolucro da materia bruta
Tua beleza que o val?

Nada—não; tens um dote muito belo!
Engano! não é dote; és qual adélo
Que só vive a traficar,
Em procura de emprego bem rendozo,
Que lhe resguarde um lucro fabulozo
Para o egoismo saciar.

Procuras bem! talvez aches um dia,
Um senhor para tua fantazia
Inda que ele um parvo seja!...
Más, paira tua volubilidade,
O ideal prosegue com sagacidade
Para que breve eu te veja...

Razão me deste: vê que não é tão rude,
Minha pena ao escrever tua virtude.
Mulher vil e insensata!
Ouves-me bem: embora que sorrias
Com rizos de tão baixas ironias
Que lentamente maltrata!

Mata, mas não a mim, que estou agora,
Precavido da méra e falsa aurora,
Que vitima um coração!...
Viste-me com teu rizo lizonjeiro,
Com teu olhar atraente, traiçoeiro,
Mas quebrei esse grilhão.

Izento estou agora; «podes ver»
Desse jugo cruel do teu poder,
Que eu vivia acorrentado;
Hoje trago bem calmo o pensamento;
Não vivo contristado—mas laménto
O muito ter eu te amado.

Lamento não só o muito ter te amado,
Como tambem ver tudo consumado
Nos delirios da paixão:
Consulta, a sós, a tua conciencia...
Verás quem mais sofreu tua inclemencia,
E mais punjio a ingratidão.

Mas, basta:—basta! podes tu me crêr,
Que jamais dezejei eu te ofender
Com essas frazes tão duras;
Mas as tuas ações foram trementes
Que não pude, querendo ser clemente
Olvidar tuas loucuras.

Viana 1918

Faustino Silva

SEA'RA BENDITA

«Na Ortografia Soniqa»

Pairava no ar, inqorporia, sutil e amorfa, a idéa todavia destinada a um fim grandiozo e evolutivo.

Inpregnada no anbiente inteletivo da juventuce estudiota e promisôra, aqi e ali, despertava enerjias, estos de amor e sivismo.

Qual mais se devotava á luta, pelo verbo pujante e sonorozo; qual á pena mais se afazia e adestrava; este a difundir, em palestras intimas, a sublimidade da empreza, em mão; aquêle a esplanar, aos neófitos das letras indijenas e ilustrativas, a inportansia toda do belo tentame qé, ¡abrasado e qonvertido á pratiqa, seria—quem sabe?—uma das forsas inpulsionadoras da revivesensia literaria da terra maranhense, terra ubertoza em filhos qonspiquos e respeitaveis.

E da idéa á palavra; da palavra á asão; e desta á obra qonqreta e prolifiqa em frutos sazonados e vrigativos—breve trexo pasou.

A idéa—que era a semente lansada em publiqo—da qreasão da «Revista Maranhense», não só se radiqou no espiriso da mosidade de S. Luiz se não tomou vulto e qultuamento entre os mesmos, dando lugar a qé seja, qom este numero, mais um marqo de, gloria e triunfos obtidos no santo labor de tão nobilitante revista.

Louvores, pois, aos seus denodados arautos!

Dê-a «Revista Maranhense»—ezemplo vivo do amor ás Letras na velha Atenas Brazileira—se torne, por um futuro longo e brilhante, o reliqario em qé se qonfia a guarda dos mais finos e multiplos lavores literarios da juventude esperansoza de agora!

Sejam, por ultimo, os seus ardorozos e apliqados obreiros uns inperterritos e inqansaveis trabalhadores desta «Seára bendita»!

Salve o dia de seu 2.º aniversario!

1918

O. *Aires de Medeiros*

BIBLIOTHECA PUBLICA DO MARANHÃO

Dialogo

Entre um sertanejo e um enjenheiro diretor de uma via-ferrea

—Pronto, doutor.

—Que dezeja?

—Uma colocação para jornalista.

—Para um jornalista? que diabo de especie de jornalista é o senhor, com esta cara?...

Não tenho colocação para essa gente.

—Venho de longe, doutor, trago a minha familia em extrema penuria e a minha esperança é uma questão de vida, ou morte e depende exclusivamente de V. Exc.

—Mas eu não posso, franqueza, os serviços são rudes e pezados e sobretudo não lhe ficaria bem á sua pozição.

—Posição? perdão, doutor, mas eu não tenho pozição definida na sociedade, sou um jornalista como outro qualquer, sem importancia.

—Então não é o senhor um jornalista, é um maluco neste caso.

—Se, procurar vencer as dificuldades da vida é uma loucura, aqui me tendes aos vossos pés alienado.

—Não julgo tanto, mas...o diabo é que não tenho serviços para lhe dar.

Onde morava?

—Distante daqui muitas leguas, na fazenda...

—Era de lá que o senhor escrevia para os jornaes?

—Escrever?...eu não sei escrever, senhor doutor...

—E como diabo confunde você as coizas, afirmando ser jornalista.s?

—Sim, sou jornalista e ninguem me poderá roubar este direito.

E o proficional com viziveis sinaes de impaciencia perguntou: quanto ganhava?

—Nos tempos de feijoada com manteiga e queijo, quando havia brocas e capinas de roçados, o meu salario era de oitocentos reis.

—Ah! já sei, o senhor era jornaleiro.

—Jornaleiro ou jornalista como quizer doutor...o que prezizo é de serviço.

Como elles confundem... pobres ignorantes. Volte amanhã que será atendido.

S Benedito, Vargem Grande, 1917

Joia Emé

Devido aos seus afazeres no Telegrafo, onde é empregado, o nosso redator João V. de Abreu esteve afastado da redação desta revista no mez de fevereiro.

EMENDE SE na pajina 21, no 2.º soneto intitulado «Paizajens», no 4.º verso do 1.º quarteto «natureza» para natura; no intitulado «Avis coeli...» no 2.º verso do 1.º terceto «bulas» para belas e no ultimo verso do 1.º quarteto «cotimgo» para comtigo.

"Farmacia do Norte"

--Praça João Lisbôa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal, Bromil, Balsamo, Café Nauegante, Café Beirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leito de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opodeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Winteramith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Ramz, etc. etc.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Institue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

RAÇA JOÃO LISBOA, N. 17 (Sobrado *Maranhão*)

Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 960.857$000

Resultado do 72 sorteio da 1ª Serie (A) a que se procedeu, hoje, na séda da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 séries.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º 3127—D. Feliciana Florinda da Silva Nette, residente em Therezina.
2.º 339—Major Pedro Augusto de Souza Mendes, negociante em Therezina.
3.º 3705—D. Adalgiza Amaral Viola, rua Oswaldo Cruz, 47.
4.º 706—D. Mariana de Souza Machado, rua de S. Pantaleão, 41.
5.º 2341—Madeste Otero Miguels Montes, rua 5 de Outubro, 18.
6.º 2928—Evergisto Casaes, rua da Estrella, 66.
7.º 1887—D. Maria Escolastica de Almeida, rua da Cruz, 29.
8.º 294—Alfredo Rodrigues Ribeiro, rua de Santa Anna, 116.
9.º 800—D. Zilda Leite Lopes, rua Oswaldo Cruz, 16.
10.º 952—Izidoro Cardoso de Aguiar, rua Cel. Collares Moreira, 25.

CASA NO VALOR DE RS. 1.000$000

64—Antonio Raymundo Teixeira Caldado, residente no Tury-Assú.

Maranhão, 15 de Março de 1918

Claudino Nello

Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraizo, Director-Gerente.

OURIVEZARIA PEROLA

De José L. Ferreira

Acceita-se encommenda para toda especie de bijouteria.

Alfinetes, meios-alfinetes, fivelas, pulseiras, grilhões, chatelaines, rozetas, anneis, abotoaduras, alfinetes de gravata, tranchins, para penteiz, porta-lapis, voltas de oiro, tetinas, etc.

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz—9 Rua Oswaldo Cruz—9

Neme Munaier & Irmão

—Olá! amigo, onde vaes?

—Desejando comprar alguns fazos, vou entrar nesta casa commercial que me agrade...

—Que novidade!! O amigo a procura de uma casa!!...

—Então as tuas extravagancias me fazem crer que alguma boa...

—Se conhece?... Pergunta o... A CASA NEME MUNAIER & IRMÃO.

—Onde?

—Vou comigo!... Lá se verá... **bons brins, chapéos de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cuecllas, meias, estratos de diversas qualidades, saboneetes de marcas diferentes, camoras, pó de arroz, escovas para dentes, toalhas pantohos,** e uma infinidade de outras cousas que elles vendem por preços muito vistos...

—Vamos, depressa, Está muito longe

—Não. Podemos ir, em 10 de rua Oswaldo Cruz, 9 ou então na de Sol, 23, ao MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

Novidades

CINTAS SAUDE
Elas são COMODIDADE. São as melhores
Sabonete NEW-YORK, o melhor para o rosto e para o banho.
Saboneie de AGUA de COLONIA.
Sabonete de BENJOIM
Saboneie PEARS, nº 2 e 3.
Todos estes artigos acha-se a receber e vem a vender, por preços baixissimos, pouca e de ultima ordem a loja

O "Brazil"

Rua Oswaldo Cruz, 30. *Telefone 73.*

Ano 3 | S. LUIZ DO MARANHÃO -- Abril e Maio de 1918 | Num. 26 e 27

REVISTA MARANHENSE

Publicação mensal

Artes, Ciencias e Letras

Redação—Rua Afonso Pena, 6

REDATORES	DIRETOR	TEZOUREIRA
João Vicente de Abreu	Antonio Louzeiro.	Maria E. Varela
Clemente Guedes		REVISORES
		Astrolabio Caldas
		Mauricio Furtado

ASSINATURAS

ANUAL		(Tirajem 500 exemplares)	SIMESTRAL	
		Capital		1$200
Capital	2$000	Interior		1$500
Interior	2$500	Exterior		1$800
Exterior	3$000	Numero avulso		$200

SOCIOS-COLABORADORES

Astrolabio Caldas, Fulgencio Pinto, José Monteiro, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira, Manoel Fernandes, Antonio Mariano, Candido Aires, João Caldas, Vitorino Almeida, Zildo Fabio Maciel, Francisco Gaudêncio, Benicio Rodrigues, Fileto Rodrigues e Ruben Almeida.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Ilda Bragança, Nair Pinheiro, Araceá Fernandes, Zenaide Prado, Nizoca Nunes, Silvia Castro, Almerinda Rodrigues, Jozuila Costa, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Noemi Soares, Conceição Batista, Izabel Araujo, Cecilia Martins, Zuleide Lopes, Zozima Sá Cavagnac, Abigail Saraiva, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela e Alfredo Smith.

SUMARIO:

O sentimento de independencia—Redação; Le savoir vivre—José Augusto Correa; Estrofes—Franklin de Menezes; A fazenda do tio Ambrosio; Venia—No dominio da matematica—Amilcar Silva; Discurso—Ruben Almeida; Um novo metodo de rezolução das esquaçõis—Jozé Augusto Correa; A velha questão do ensino—José Montero; Florilejio Poetico Diverso; Sonatas—Clemente Guedes; O mez social.

O mez de maio—Redação; Carta aberta—Julio Cadaval; Um novo folheto—Redação; Na viola Zé do Sertão; Florilejio Poetico—Diversos; O mez social; Personalidade M; Cavacos Jota Vá; A vida do caboclo—Jozé Leopoldo; Uma faculdade—Alipio Cascavel; D. Francisco de Paula e Silva—Redação; Academia de Direito—Alcindo; (Cliché)

Ajentes no interior e exterior do Estado

Picos—Prof. Jozuila Costa.
Rozario—Prof. Luiz Soares.
Arari—Major João de Lemos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falção.
Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Caxias—Fran Teixeira.
Anajatuba—Pro. Cecilia Martins.
Flores—Prof. Acrilino S. Guimarães.
Viana—Senhorita Maroca Nogueira.
Pesalva—Jozé M. Caldas Marques.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva
São Bento—Prof. Amelia B. Lobo
Cametá—Para—Tobias de Souza Rovoredo.
Pinheiro—Prof. Ermelinda Maramaldo e Francisco Leite.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Anixá—Prof. Raimunda L. Fernandes
Rio de Janeiro—Amilcar Serra Pinto e Silva.
Cajapió—Sr. Epifanio Silva.
Tery-Assú—Prof. Adaljiza Feques.
Chapadinha—Sr. Manoel L. Fernandes.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Buriti—Prof. Dolôres da Costa Tavares.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Ponte-Nova—D. Izabel Araujo.
Cururupú—Sr. João G. Abreu, filho, e Raimundo Gabinio.
Alcantara—Prof. Filomena Cruz
Guimarães—Prof. Ozorio Anchieta.
Terezina—Piauí—Sr. Edson Moura.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira.
Belo Horizonte—Minas—Bacharel João Caldas
Minas Geraes—Cambuqueira—D. Maria Silva.
S. Gabriel—Amazonas—Sr. Eduardo de Oliveira Neto.
Cantanhede—João Rodrigues.

MARANHÃO -- ABRIL DE 1918

ANO 3

REVISTA MARANHENSE

NUM. 26

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL MARANHENSE

O sentimento de independencia

Acentuando-se cada vez mais, no espirito publico, aparecia o sentimento nativista. As guerrilhas, revoluções e combates davam se, constantemente. Tudo isto não era senão manifestações dos naturais contra os que vinham da metropole. Os tempos passados sob o dominio luzonio tinham sido verdadeiros seculos sem liberdade, sem garantias. Só os protejidos da corôa desempenhavam os cargos mais importantes. A nacionalidade formava-se. Um novo povo surjia. Tratava de punir os que cometiam toda a sorte de depredação. Revoltava-se contra os da metropole. Precizava por termo á serie de impostos que lhes era lançada, o dizimo, o quinto do ouro e outros mais. Em varias provincias do Brazil, o povo queria tornar-se independente. Assim é que apareceram a revolução do Equador, os Quilombos.

O Maranhão, em 1864, manifestou-se. Bequimão foi secundado. Felipe dos Santos andou arrastado a cauda do cavallo pelas ruas. Porém, mais tarde, apareceu o grupo de brazileiros, chamado *inconfidentes mineiros*. Atiraram, no tempo, a semente da sua idéa. Heras *daninas* impediram-na de crecer.

Não houve precocidade. O solo era esteril. Precizavam-se de bons adubos. O tempo mesmo se encarregou de tudo. O brado de liberdade soltado por um grupo que pagava com a guilhotina a sua ousadia dava-nos a idéa da anciedade do brazileiro pela independencia do seu berço. A inconfidencia mineira marcou na nossa historia uma das passajens mais aurifulgentes. Porque era precizo ter corajem bastante para numa epoca, em que não tinhamos direito de produzir tecidos, para não ir de encontro aos interesses da corôa; não podiamos absolutamente ler os livros dos filozofos, para que os seus conceitos não fossem aprendidos, para querer preclamar uma nova forma de rejimem adatada pelos povos livres e civilizados. Sair da norma adotada pelos povos, querer arrebentar o elo que prende a colonia ao reino, deixar de beijar o manto de purpura real, fazer desaparecer os duques, os majistrados de cabelleiras empoadas, de casacas de veludo e sapato de verniz e bico fino era um atentado contra os poderozos, era ser desobediente á autoridade real. Foi um successo a nossa inconfidencia. Examinemo-la de perto.

Embora os conjurados quizessem que sua inspiração florificasse sem procurar os meios mais proprios como nos diz João Ribeiro, elés foram nobres pelo amôr á terra, foram heróis pela sua idéa que ofereceu a Castro Alves, materia necessaria á formação do seu drama «Gonzaga e a inconfidencia mineira» e que atravez dos tempos tem sido cantada pelos poetas e prozadores.

Silverio dos Reis traiu. Em paga, passados annos teve o desprestijio, a perseguição do povo. Acabou seus dias em nosso Maranhão. Teve o mesmo fim de Lazaro de Melo. Assim terminam os que traem. Ainda hoje o Brazil fala de Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Vaz de Toledo, Gurjél, Abreu, Freire de Andrade e mais. Foram exilados, iperdoados uns, enforcados outros. Claudio abreviou seus dias, Gonzaga finou-se na Africa, Tiradentes guarda ainda, secretamente o que experimentou, no dia 21 de Abril de 1792, ao contemplar o martir «sereno e altivo, que a mórte não arrefecera o animo nem lhe desmaiara a côr do rosto amorenado».

Bernardo Guimarães, em seu livro «Historia e tradições da provincia de Minas Gerais, conta-nos que a cabeça de Tiradentes foi colocada, em um poste para exemplo dos vindouros. Não deviam levantar-se contra o rei ou a rainha. Pernafortes tinha mais uma vez recordado isso em seu sermão em Lapedoza. Um vijia pernoitava junto á cabeça do martir, aclareada pela luz de uma candéia. Numa dessas noites chuvozas, frias e escúras o guarda não poude rezistir ao sono. Alguem munido de uma vara tocou na caveira que caiu. A sentinela acordou pelo baque. Olhou e muito lonje, esgueirando pôde notar um vulto branco.

Para salvar-se teve uma idéa: meia noite um anjo lhe apareceu e levou para o ceu, entre nuvens de fogo, a cabeça do oficial de cavalaria. Contou aos seus comandados e superiores e acreditou-se.

Descobriram um neto de Tiradentes numa das cidades de Minas. E' conhecido por dr. Precata. Vive de curas.

O ideal dos mineiros realizou-se mais tarde. As primeiras perseguições dispertaram mais o animo do pôvo. Esquartejamentos, passeio á cidade acompanhado de tropas embaladas, tudo concorreu para fazer pulsar mais forte o coração donativo brazileiro. E' preciso ensinar se ao povo a nossa historia.

E' com as palavras de Afranio Peixoto em seu livro «Minha terra e minha gente» que finalizamos o nosso escrito dizendo que as democracias não se compreendem sem a educação do povo, que para exercer o seu direito, preciza conhecer-se e aos seus deveres.

Portanto deve-se educar o brazileiro de agora para lhe dar uma conciencia de si e, por conseguinte ainda em toda a conciencia nacional.

Le savoir vivre

Ai está um castelo: tão alto,tão elevado ! Para chegar a elle ha tantos degraus,são tantas as difficuldades ! O reptil, porém, habituado á arrastar-se, diz comsigo: ora terei paciencia; degrau a degrau, por fim chegarei lá em cima. E vae se arrastando lentamente... Um dia dão-lhe com os pés; elle ri e continua socegadamente o seu caminho.

Amanhã é uma injuria que lhe lançam ao rosto; elle faz que não ouve e continua a subir. Depois lhe dão uma bofetada, mais tarde escarram-lhe na face, mas tudo o ofidio recebe com rezignação e vae subindo sempre.

Chega afinal ao termo da sua penoza viajem: e diz comsigo: não fosse eu paciente, não soubesse sofrer as injurias que me atiravam e hoje eu não estaria aqui.

∴

Os paes tolamente costumam dizer aos filhos: eu os quero ver honrados, sempre amantes da virtude e da justiça.

Pobres loucos que não querem ver, pobres injenuos que acreditam no bem !

Elles antes deviam dizer-lhes:—filhos, é preciso que procureis a aplicação da grande maxima—saber viver.

E quereis saber que é saber viver ? E' tecer teias de aranha para apanhar os incautos, e adotar o maxima—o fim justifica os meios. Quereis, filhos, outra linha de conduta ? Lêde Blaise Pascal, estudae com elle as restrições mentais e com aparencia de honrados enterrae o punhal no vosso melhor amigo.

∴

Eis o programa da vida.Exagero ? Não ! Véde como os bons, os sabios, os proprios genios são sempre sacrificados: a Napoleão I sucede o grotesco Luiz 18, cujo todo é antes de um bufão do que de um rei.

Eis a vida.

∴

E vós, paes, se quereis que os vossos filhos brilhem aqui nesta terra envenenada pelo mal, não lhes indiqueis a linha reta, mas o caminho sinuozo da serpente não o leveis ao Golgota, mas aos festins babilonicos esse que embriagam, que entontecem e que fazem a felicidade da vida.

Jose' Augusto Correa.

Estrofes

A. H.

Quando eu fito o fulgor dos teus olhares,
banha-me a luz da estrela da esperança,
como o santelmo á noite sobre os mares
prometendo aos marujos a bonança.
A fé quazi a morrer se me avíventa,
sinto que d'alma a vida se me enflora
e onde via a négrura da tormenta,
eu vejo as côres de ridente aurora.

Tudo é sereno então e tudo é gozo...
Abrem-se em par as portas do futuro,
e lá se avista, alegre, um instante pouzo,
encontro o teu olhar celeste e puro.
Novo horizonte surge-me na frente,
que nova senda me esclareceu além,
por onde entras sedutora e crente
e a mão me estendes, murmurando «vem».

E eu vou contigo, sempre te seguindo,
Como o romeiro ao guia no caminho
e tu me envolves placida, sorrindo,
n'um turbilhão de afetos e carinho...
Então d'aqui do mundo tão distante
tendo a tua mão na minha comprimido,
só me lembro que estás de mim deante
e nos teus passos preza minha vida.

Só tu sabes o majico segredo
que o teú olhar no rutilar esconde,
a cuja luz, só a vê, num instante, a mêdo
toda minh'alma, sofrega, responde...
E logo te companha nessa espera,
onde a existencia muda na ventura,
e tu deixas correr-te a primavera
que, na tua fronte, esplendida fulgura.

E nesta luta que tanto me quebranta,
ante a duvida e a fé que desfalece,
quando a razão as iluzões suplanta
e tudo incerto aos olhos me aparece...
esvae-se, num momento, basta ver-te,
basta fitar-te o majico fuljir,
e nem mas eu receio de perder-te,
nem mais sombras desvendo em meu porvir.

Eis a esperança e o amor, o idílio e a crença,
um firmamento a reluzir de estrelas...
delas ao brilho fuljido suspensa
fica-me a vida, num momento, as vel-as...
Fanal brilhante em noite tormentoza,
tu dissipa-me a duvida voraz
e partilhas-me os sonhos côr de rozas
em que tua vida submersa jaz.

Não ha tormenta que não tenha calma !
Não ha noite que impeça o albor da aurora !
O dezalento que nos fulje n'alma
um olhar de mulher de amôr colora...
Tu que a existencia doures-me rizonha,
projetando-me a luz dos teus olhares,

criança linda, Sonha ! Sonha ! Sonha !
e reparte comigo os teus sonhares.

Ninguem conhece o livro do futuro,
e nem lhe abriu as paginas cerradas.
Amemos ! Sejas tu meu palinuro
n'estas ondas que eu vejo levantadas.
Quem sabe se bem perto não se abranda
a superficie desse mar de escolhos ?
Ela ! Sigamos ! Que mais queres ? Manda !
Mas me animas volvendo-me os teus olhos

E' tão grato afagar uma esperança !
Uma crença nos dá tamanho alento
que eu me consagro todo a ti, criança
e faço até do teu meu pensamento.
Comtigo eu trilharei num chão de flores,
das auras matinais pela frescura,
contente, hei de seguir-te onde tu fores
já que és o astro que em meu céu fulgura.

S. Luiz

Franklin de Menezes.

A fazenda do tio Ambrozio

Que belo dia ! Vamos aproveital-o para um passseio á fazenda do tio Ambrozio ? Como ha-de ser agradavel !

Estas palavras foram ditas por um menino de 12 anos á sua irmã Jací.

Julio e Jací eram os unicos filhos que o desembargador Paulino tivera do seu consorcio com D. Ritinha, senhora de sentimentos elevados e rara educação.

Habitavam em uma cidade do interior; mas iam passar as ferias escolares no campo, em sua caza de recreio.

Julio, mais velho que sua irmã um anno, era um rapaz travêsso e bastante intelijente; Jací, comquanto ainda muito nova, já prometia uma donzela adoravel, tanto pela beleza fizica, quanto pelos dotes de espirito, e nisto era o retrato da mãe.

O tio Ambrozio, irmão do desembargador, morava em uma grande fazenda, não muito lonje da caza de seus inquietos sobrinhos.

Antes de entrar nos dominios do tio Ambrozio, avistava-se uma caza de alvura imaculada, situada no centro da fazenda, que realçava do conjunto das arvores e hervas verdejantes, das quais ela estava cercada: era a rezidencia do tio Ambrozio.

Ali, naquele pedaço de terra, tudo respirava alegria, confôrto e trabalho; as pessôas que lá entravam, sentiam náquele meio um bem-estar indizivel, e não era sem pena que o deixavam. Havia rebanhos de cabras e carneiros, muitos bois e belos cavalos; pomares onde se viam arvores frutiferas de diversas especies; um jardim cuidadozamente tratado, onde se ostentavam variadissimas qualidades de lindissimas flôres; e, um pouco distante da caza estendia-se a roça bem cultivada.

Emfim, era uma delicioza habitação.

Os nossos amiguinhos, conforme esperavam, obtiveram licença de sua mãe, e ás 2 horas da tarde, acompanhados de um criado, dirigiram-se ao dezejado passeio.

A curta distancia da caza do desembargador para a caza do tio Ambrozio era recortada de riachos, bordejados por copadas e elegantes arvores.

Durante o caminho, Julio e Jací, ora adiantavam-se em corridas um pouco celeres e trepavam ás arvores não muito altas, ora deitavam-se na relva fresca, provocando observaçõis do criado por essas travessuras.

Chegaram á fazenda muito corados e prazenteiros. Foram recebidos por tio Ambrozio e sua espoza com mostras de verdadeira alegria, e eles mandaram logo preparar apetitozos dôces para os seus sobrinhos. Estes, logo que obtiveram consentimento do tio, não perderam tempo, abandonaram a caza e sairam a percorrer a quinta.

E' excuzado descrever o contentamento que reinou todo o resto da tarde na residencia do tio Ambrozio.

Quando Julio e Jací regressaram á caza paterna, vinham saudozos das horas felizes que tinham gozado, e tiveram durante uma semana assunto para agradaveis palestras; emquanto que o tio Ambrozio e sua virtuoza consórte, ao contrario, em igual espaço de tempo lamentaram a curta vizita de seus queridos sobrinhos.

S. Luiz, 12—4—1918.

Venia.

No Dominio da Matematica

(Continuação)

Vimos em numero anterior, que as funçõis, traduzindo as relaçõis entre grandezas conhecidas e desconhecidas, dão lugar ao calculo algebrico. Vejamos agora, porque modo se dá a variação entre as grandezas e o meio que temos para conhecer as variaveis dependentes e independentes.

Qualquer que seja a questão em mathematica, nella

sempre existem grandezas que, podendo variar, dependem entretanto do valor de outras que tenham com elas uma certa afinidade, ao passo que existem outras grandezas, cujo valor permânece constante.

Para fixarmos as ideas tomemos um exemplo: «Sabemos que o espaço percorrido por um corpo que cai seguindo a ação da gravidade é proporcional ao tempo gasto pelo corpo em percorrel-o.» Vemos aqui o espaço variando com o tempo, influindo no fenomeno o valor da gravidade que é constante.

Portanto o tempo e o espaço são as variaveis dependentes e a gravidade é a variavel livre ou independente.

O modo de ver como a grandeza espaço se forma com as grandezas gravidade e tempo, isto é a relação que traduz a operação a efetuar é o que se chama função explicita.

Já de outro modo consideraremos uma dada questão em que as variaveis se achem ligadas de tal maneira que mutuamente se confundam as dependentes com as independentes.

Claro é, que, quando isso se der, não podemos d'antemão estabelecer o valor da variavel livre pois torna-se impossivel saber como esta se forma d'aquelas. Tal é o cazo da função implicita. Pelo que temos visto observamos qué a matematica estabelece o calculo como um destino lojico para desenvolver o poder dedutivo, desdobrando-se em calculo dos valores com a Aritmetica e calculo das funções com a Aljebra.

Todas as concepções humanas teem uma orijem subjetiva e a propria concepção numerica não pode fujir a esta lei universal. A idéa de numero nos traz logo ao pensamento o conjunto das noções abstratas por meio das quais fixamos as diversas especies de grandezas, e o calculo nada mais é do que a especulação destas noções, constituindo o que chamamos o raciocinio.

Dissemos que todas as nossas concepções tem uma orijem subjetiva e para terminar esta palestra analizemos a acepção em que são tomadas as palavras *objetivo* e *subjetivo* no dominio da matematica.

Quando observamos os diferentes fenomenos que se aprezentam no universo, os sentidos e a intelijencia desenvolve um importante papel em sua classificação e analize.

Aqueles, sendo verdadeiros transmisores das impressões do mundo, vão constituir no cerebro o que se chama as idéas.

A intelijencia por sua vez combinando-as e ligando-as entre si estabelece as imajens, isto é, o pensamento.

Daí a relação entre o dominio objetivo e o subjetivo. O primeiro oferecendo as impressões do mundo assinala o exterior o que está fóra de nossas faculdades intelectuais.

O segundo abronje o interior de nosso ser, vem de nosso proprio modo de sentir e está em relação direta com a grandeza moral de nosso espirito e o desenvolvimento de nossa intelijencia.

Por esse modo de ver varios sabios se digladiavam diverjindo em suas apreciações.

Um deles, Locke, discipulo de Descartes, estabeleceu que todas as operações fizicas reduziam-se a sensação e a reflexão. Outros como Leibnitz, etc. eram de opiniões diferentes ficando deste modo a questão oscilando entre idéas diversas.

Finalmente o grande filozofo alemão Kant inferiu a distinção entre o dominio objetivo e o subjetivo, e deste modo conseguio provar que todos os fenomenos observados no mundo podem ser avaliados diretamente uma vez que sejam susceptiveis de experiencia; tudo mais constitue objeto de crença sem nem uma certeza objetiva.

Estes conceitos decifrados por Kant foram depois previstos por A. Comte que os sancionando, exclareceu e desenvolveu o assunto, mostrando que a intelijencia subordinada ao mundo é sempre por ele alimentada de tal modo que num perfeito eful ario entre as impressões dos materiais objetivos e as construcões subjetivas consiste o estado normal da razão humana, concluindo que o predominio do objectivismo constitue o idiotismo e o excesso do subjetivismo constitue a loucura.

Rio, — 1918.

Amilcar Silva.

Discurso que Ruben Almeida pronunciou por ocazião da recepção do grande historiador Rocha Pombo, na «União Silvio Romero», no dia 20 de outubro de 1917.

Desde aqueles vultos fantasticos, e quazi duvidozos, de Homero, de Heziodo e de Tyrteu, celebrando em odisséas magnificas as façanhas e as vitorias dos seus contemporaneos; desde Herodoto, Thucydides e Xenophonte, que nos transmitiram, em livros imorredouros tida a historia da Idade de ouro Grega; desde Plutarcho, Polibo, Flavio Joseph, Euse-bio e Zozimo, cronistas da Decadencia da Grecia; desde Sallustio, Catão, Virgilio, Horacio, Ovidio e Tito Livio, da Idade aurearomana, até os historiadores de nossos dias, e entre esses brazileiros, dos quais apenas destaco Varnhagem, Barão do Rio Branco, João Lisbôa, Euclides da Cunha, José de Vasconcelos e Rocha Pita, todos, mas todos sem exceção de um só, são merecedores da nossa estima e admirasão incondicionais, pelo muito que dispenderam para a confeção dessas obras que a patria não tem premios que as recompense, e com o auxilio dos quais sabemos, hoje, em horas, o que eles consumiram anos e anos em investigar.

Pois bem. A União Silvio Romero tem a suprema ventura de contar em seu seio, nesta ocazião, um dos sucessores daqueles sabios que acabo de citar, o dr. José Francisco da Rocha Pombo, autor, entre outros livros excelentes, da *Historia do Brasil Ilustrada*, decerto o que ha de mais completo, no genero, em lingua portugueza.

Quem lhe olha para a figura serena, já a trilhar as neves do inverno da vida, não é capaz de adivinhar que ela serve de involucro a alma estoica de um Socrates joven, patriotica, ardorosa, sempre disposto a enfren-

tar com os maiores perigos e obstáculos, porque justamente em vencê-los é que está a sua maior gloria.

Permiti, exmas. sras. e srs., que eu me detenha um instante sobre a personalidade do dr. Rocha Pombo.

Ela pode ser estudada por duas faces principais, pela do historiador e pela do literato.

Em geral—e não serei eu quê vos haja de isso dizer primeiro—o estilo da maioria dos historiadores não é de molde a agradar, enfastia; não porque falte ás regras da bôa sintaxe ou porque venha empolado de linguagem difícil, mais porque quazi sempre lhe escasseia certa vivacidade no dizer, certos coloridos no pintar uma paizajem, certo entuziasmo em descrever um feito glorioso, certa tecnica, afinal, que só n'a tem em toda a plenitude, os escritores de escol.

E entre estes, a vossa modestia, sr. dr. Rocha Pombo, ha de permitir que eu coloque o vosso nome. E ninguem ouzará se admirar de tal, porque aquele que, por ventura, ainda nisso não haja posto reparo, basta abrir o vosso livro de contribuição *O Paraná no Centenario*, e ler os dois primeiros capitulos. São dois capitulos fortes, magistralmente concebidos, em que falais d'«As comemorações em Jerusalém, na Arabia e na Grecia», e na «Epopéa dos mares»; dois capitulos de quem sabe sentir e dizer, e os quais não se recuzaria a subscrever os mais escorreito cultor do nosso vernaculo.

Estilo assim tão fluente, vigorozo e agradavel, de par com o fundo impecavel do contar a historia faz que já se não indague como o fazia La Harpe, porque razão a leitura dos historiadores antigos era infinitemente mais agradavel do que a das historias modernas.

Da outra face, isto é, do historiador, nem ouzo falar; entendidos no assunto já lhe teceram os elojios mais rasgados.

Não será, entretanto, fóra de proposito lembrar aqui que, quando a Diretoria Geral da Instrução Publica Municipal do Distrito Federal fez publicar edital abrindo concurso para a composição da *Historia da America*, para servir aos alunos da Escola Normal, um unico concorrente se aprezentou no prazo fixado — o dr. José Francisco da Rocha Pombo, apresentando o seu trabalho sob o pseudônimo de Colombo.

Dessa *Historia da America*, o dr. Manoel Bomfim — encarregado de dar o seu parecer—só póde dizer bem, e muito bem.

Nas afora essas duas faces do ilustre escritor paranaense, ha ainda uma terceira, e bem interessante, que deve merecer a nossa atenção: é a do *conteur* mimozo, sentimental, atraente, autor dos *Contos e Pontos*, de cujo texto recordo a pajina «Cantando a vida», em que relata a historia de um velhinho cego e de uma criança de doze anos, orfãos do grande amor, que rezolveram sair, pelo mundo, numa jornada de zingaros, sem patria e sem lar, auciozos de comover corações, até que um dia, numa aldeia florescente á beira-mar, quando começavam o seu canto, apercebeu-se o velho de que a sua voz deixava nos ares um gemido destacado e solitario, e pôe-se o tatear as trevas, mandando para Deus uma canção, em que chorava toda a enormidade de sua desgraça, dizendo-se

uma alma penada.
pelo mundo, já sem norte,
uma alma abandonada
que vivia cantando a morte.

E' este o feitio do contista.

Eu bem sei, sr. dr. Rocha Pombo, que a modestia dos homens do vosso quilate intelectual repele todo e qualquer elojio, mesmo porque o melhor delex vós o tendes nas sucessivas edições dos vossos livros.

Mas tambem sei e sinto e ora o digo que a nós seria impossivel calar o prazer que nos trazeis com esta vizita ao nosso humilde gremio. Este o motivo por que estais a ouvir palavras incolores, perfeitamente dispensaveis para quem as ha ouvido de labios competentes; são, entretanto, as de um mensajeiro que não se soube desempenhar, a contento, de sua missão.

Tanto que faço como os heleos de antanho: ao ver regressar das olimpiadas o atleta vitorioso, ergo-me com entuziasmo, á sua passajem, cinjo-lhe a fronte robusta com a coróa de louros e alastro o caminho de petalas de rozas.

E pois que vos temos aqui entre nós, neste extremo norte do Brasil, que tambem se orgulha, e muito, de seu titulo de Atenas, haveis de permitir, sr. dr. Rocha Pombo, que a nossa sociedade assinale o dia de hoje, como um dos maiores de sua existencia e circunde a vossa fronte de atleta que é do pensamento com a coróa de louros do nosso orgulho alastrando tambem o caminho com as flores da nossa gratidão.

Porque é no dia de hoje que ela tem a ventura suprema e a suprema honra de receber em seu humilde seio a vossa pessôa, tres vezes glorioza e tres vezes ilustre entre os que mais ilustres e gloriozos o possam ser, e a quem ela, pela minha voz, manda o seu abraço mais cordeal e o seu mais sincero Obrigado!

Um novo metodo da rezolução das equaçois

Um meu ex-aluno, sr. Samuel Cezar, hoje empregado de fazenda, foi sempre muito estudioso e tinha especial vocação para as matematicas. Quazi sempre procurava processos seus proprios e de um deles vou hoje tratar neste artigo.

Todos que nos aplicamos á Aljebra, conhecemos os metodos vulgares de redução (soma ou subtração), comparação, substituição, divizão, Besout, Gergome, Cramer (formulas); vou expor um a que chamarei—metodo Samuel.

Tomemos o sistema de equação.

$7x-2y=12$
$4x-5y=13$

Tornemos os segundos membros iguais e para isso multipliquemos a 1.ª equação por 13 e a 2.ª por 12; obteremos:

$\frac{9}{1}x-26y=156$

$84x-60y=156$

Mas duas cousas iguaes a uma terceira são iguais entre si, donde:

91 x—26 y=48 x60 y
43 x=86 y
x—2 y

Ele supoi agora uma terceira incognita a, denominador dos valores de x e de y Donde :

$x=\frac{2}{a}$

$y=\frac{1}{a}$

(Coeficientes trocados) Levemos estes valores a 1.ª equação :

$\frac{9}{1}\ \frac{2}{a}—26 \times \frac{1}{b}$

$\frac{182}{a}—\frac{26}{x\ a}\ 156$

$\frac{156}{a}=156$

$a=1$

Assim $x—\frac{2}{a}\ \frac{1}{a}$ serão $\frac{2}{1}\ \frac{1}{1}$ ou x—2, J—1

2.º exemplo :

7 x—4 y 13
4 x y 3 J 18

Seguindo o masmo meto teremos :

126 x—72 J52 x=39 J
74 x=111 x o

Donde : $y=\frac{111}{a}$

J=74

melhora do ensino primario no Brazil. Muda-se a capa e as outras vestes ficam no mesmo.

Roteiros, horarios, listas consideraveis de livros nada o alteram. Convem notarmos as modificaçõis trazidas pela pedagojia moderna, que algumas vezes, tem algo de inconveniente. A abolição do bólo explica-se. Passar do simples para o composto é vantajem, que o espirito infantil encontra, em suas premissas.

A introdução da muzica ao canto é agradavel. Recorda-nos os tempos idos da catequeze. A introdução da ginastica nas diciplinas escolares concorre para dezenvolver mais o organismo fraco do educando. E o que mais ? Onde ficaram as escolas profiçionais, que de muita utilidade são para o povo? A não ser em Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul e um ou dois estados outros não se contam mais escolas desse genero.

Descoberta a nossa terra e colonizada, onde encontramos as fontes instrutiva dos habitantes ? No meio jezuitico, que compreendia algumas braças de terra, e em que se ensinava a relijião de Cristo, para se poder com mais facilidade atrair o incola, que sempre vivia desconfiado, fujindo ás vezes para as suas *tabas*.

Nos primeiros reinados da metrópole contam-se soberanos, que muito mal sabiam assinar-se.

D. Diniz, João III e outros interessaram-se pelo ensino, creando universidade. Mais tarde os filozofos começaram a ser lidos. Santa Cruz, como colonia, mal sabia do que se estava passando na côrte. As viajens eram dificeis e demoradas.

$$\frac{111}{7}=\frac{4}{a}\times\frac{74}{a}=\frac{13}{a}$$

$$\frac{777}{a}=\frac{296}{a}$$

$$\frac{481}{a}=13$$

$$a=37$$

Assim

$$x=\frac{111}{3}\ 37$$

$$y=\frac{74}{37}=2$$

Parece ummeio do aproveitavel;os doutos,entretanto, digam-se assim é.

José Augusto Corrêa.

A velha questão do ensino.

Para a ampliação do ensino publico, ha se recorrido a isumeros processos. Pelo que temos visto as reformas nos colejios superiores ecedem muito ás feitas nas escolas primarias. Nem um fato se quer nos dá a idéa de

Com a chegada do prestito funebre como nos diz Rodrigo Otavio em seu livro «Festas nacionais,a imprensa surjiu no Brazil e com ela os tribunais, academia, muzeu, biblioteca e caza bancaria.

A nossa assembléa constituinte votou a lei de outubro de 1823. Podiam crear-se escolas primarias.

Data de 1° de março de 18,2 afundação da primeira escola primaria no Brazil.

«Com o relativo triunfo obtão pelas idéas descentralizadoras, consubstanciada no Ato Abdicional de 1834, os poderes gerais passaram a de enteressar-se em absoluto das questõis do ensino popular, entregue desde então e em virtude do art. I.§ II daquele documento legislativo á competencia e ás atribuiçõis provinciais».

Poderemos atribuir o receio da União sobre as escolas proficionais, ao que Herbert Spencer diz em sua serie de livros sobre o socialismo ?

A educação do operario é necessario acima de tudo, para demonstrarmos aos paizes cultos que não somos um povo só de fucionarios e dctôres, mas de obreiros, que vivem e sabem descobrir no seio da terra os tezouros que constituem a nossa riqueza material, para grandeza nossa e bem estar do nossa credito.

12—4—918. **José Monteiro.**

Florilejio Poetico

Depois da morte...

Foi aqui nêste páteo hoje em ruina,
Deste mêsmo luar esclarecido,
Que lhe vibrei a lámina assassina
Tresvairado de dor do amor traído.

Alí naquela sala a negra sina
Cumpriu da vida o amante imerecido
Já nesta sala o ódio me fulmina,
E rólo aos pés da mísera abatido.

Agora estão meus olhos fatigados
A contemplar a mocidade morta
Os sonhos nestas lages sepultados...

Removeram cadáveres, limparam
O sangue derramado, mas da porta
Meu corpo e meu punhal não levantaram...

Nascimento Morais.

SONETO

Na pedra tumular do teu jazigo ao menos,
Virão tambem chorar os nossos corações,
Aí no humbral da morte humildes e pequenos,
Viremos derramar as nossas orações.

Estrela que partiu destes panes terrenos,
Receberás nos ceos teus justos galardões,
Deixa cair a luz dos teus cristais serenos
Sobre este mundo atroz dás nossas provações.

A Vida é a flor que estiola a marjem dos paúis,
A Morte desabrocha em paramos azuis,
Aos raios auroraes do Deus Omnipotente.

Abre a corola em flôr, nas varzeas do Infinito,
Tu que subiste a Deus nas azas do aerolito
E abriga em teus cristais o nossa prece ardente

Em Maio de 1918. *A. S.*

NO DEZERTO DO SONHO

Quizera contentar-me ao menos com a quimera,
que nas trevas da vida uma estrela descobre.
porem minh'alma erma e de esperança pobre,
embrenhou-se num cáos que a aflije e desespera!

Sóa-lhe o proprio canto igual a um triste dobre,
Ou aos pios do mocho em funebre tapera,
Em logar do fanal, onde a tormenta impera,
só vê a cerração que tudo cerca e encobre!..

Og dias do passado! oh sonhos meus de outr'ora!
quando eu flôres buscava, ao renacer da aurora
das dôces iluzões, das rozeas ideais!

E agora, este dezerto e o esparavel das dôres!
que se,as vezes, suponho estar colhendo flores,
corta-me do infortunio o gume dos punhais!

S. Luiz *E. Polery*

O DIA DOS TEUS ANOS

(Num Postal)

Este dia, Maria, que passamos,
Repletos de alegria de bonaaça,
E', para nós, tão cheio de esperança
Como o dia feliz que nós amamos...

E' teu natal! —As aves sem tardança
Hinos entoam á festa que gozamos....
Hinos entoam ao dia que guardamos
Em nossa firme e palida lembrança

E', para nós, estrela fulgurante
A reflétir a nossa ficidade
Nesta vida de lutas e chimêras!...

Concente, pois, que nos meus versos cante
Todo sorrir da tua castidade
Ante o florir das tuas primaveras....

Do «Noturnos» *Clemente Guêdes*

A SERTANEJA

Dá-me bela teu sorrizo
Se o sorrizo faz amor.
—O amôr, o teu paraizo,
Onde habitas minh[illegible]

Teus olhos têm tanta luz,
Quanto brilham teus olhares!...
Tanto o destino seduz,
Nos seus rizonhos cismares

Quem me déra teu amor,
Quem me dera teu sorrizo;
Que eu fosse um só Beija-Flor,
Pr'a habitar teu paraizo!...

Toma cuidado, não digas;
—Perdoas se ti ofendi:
Co'as minhas breves cantigas,
Que canto pensando em ti!

A. Machado

ELA...

Morena bela, como é tão suave
A tua fronte virjinal e pura
Como é simpatico este aspéto grave
Quando tu passas, moiga creatura!

A tua voz é o gorjeiar de uma ave,
Cheia de encanto e cheia de ternura,
O teu sorrizo é a misterioza clave
Que mais realça o canto de ternura!

A tua boca, concha nacarada,
Onde se oculta o beijo apetecido,
O doce effuvio de alma apaixonada.

Eu penso, numa idéa ardem e louca.
Viver feliz com teu amor querido,
Para morrer beijando a tua boca!

S. Luiz—IV—MCMXVIII

Elpidio Santos

Sonatas

...E eu não almejo à vida da cidade,
Nem a vida sem sól da burguezia;
Nem o olhar desta gente sem poezia,
Mas o lar que me traz tanta saudade.

Almejo dias dóces e rizonhos
Ao lado dessa virjem, venturozo,
Que é a ventura suprema do meu gozo,
E a suprema ventura de meus sonhos!

Uma vida de sonhos, venturoza
Ao som dos sabiás de minha terra
E' o que eu almejo... ouvindo lá da sérra
O soluçar da juritî saudoza.

Ah! desde o rômper da madrugada
A queda do sól posto no horizonte,
Se aspira todo bem de erguida fronte
Ouvindo a cotovia apaixonada.

As noites são mais belas. Mais sombria
Paira a lua no céu calma e serena...
O s[illegible] santo. E' mais am na
A solidão e o amôr tem mais poe[illegible]

Almejo ali, á sombra da palmeira,
Bem junto a relva sertaneja e pura,
Descançar em modésta sepultura
Quando chegar minha hora derradeira

...E eu não almejo a vida da cidade,
Nem a vida sem sól da burguezia;
Nem o olhar desta gente sem poezia,
Mas o lar que me tráz tanta saudade!

Do livro «Noturnos»

Clemente Guédes.

O Mez social

Aniversarios:

A 1: de abril a professora Alice Costa
—a 4 o sr. Zozimo Guedes.
—a 9 a senhorinha Marieta Tavares
—a 11 a segunda anista do curso profissional Maria Augusta Monteiro, irmã do nosso companheiro Jozé Monteiro;
—a senhorinha Zuila Coelho, filha do nosso amigo Darió Coelho
—a 12 a professora Neide Moarea da Silva
—a 15 a distinta professora Brazilia Abrêu
—a 16 a senhorinha Escolastica Parada
—a 17 a senhorinha Mundiquinha Ferreira
—a 24 a inteligente professora Alice Leite
—a 25 á senhorinha Lucrecia Kert
—a 29 exma. sra. d. Veronica Rodrigues Guedes, progenitora do poéta Clemente Guedes
—a 20 a senhorinha Joaquina Castro, filha da exma. sra. d. Januaria Castro.

—Parabens.

Dr. Ribeiro Viegas

A 29 de abril aniversariou-se o dr. Viégas. Ao chegar no Aprendizado Agricola Cristino Cruz foi saudado pelo aluno Liberalino Miranda. A's 10 1/2 inaugurou-se a estrada que tomou o nome—Dr. Ribeiro Viégas, orando o prof. José Monteiro. Falou em casa do aniversariante ao almoço o sr. Benedito Ferreira.

A' noite o tenente João Pedro trouxe uma orquestra com alguns cavalheiros do Anil que tocou até alta madrugada.

Os empregados do Aprendizado levaram tambem uma orquestra.

A' tarde houve uma partida de «foot-ball» no sitio «Saramanta» corridas, etc.

Ao ilustre agronomo aprezentamos os nossos parabens.

Maria da Cruz França

E' com bastante prazer que rejistamos a passajem do aniversario natalicio, ocorrido a 25 deste mez, da simpatica senhorinha Maria da Cruz França, nossa assidua leitora a quem a «Revista Maranhense» embora tardiamente, envia as suas felicitações.

Prof. Jozuila Costa

O telegrafo nos trouxe noticia do falecimento da ilustre professora d. Jozuila Costa, que em Picos, ultimamente, ministrava as luzes do saber ás creancinhas desse logar. O magisterio sente a morte dessa joven professora, que deixa no seio das suas cólegas saudade inesquecivel dos tempos escolares. Estudioza, a professora Jozuila dedicava-se com gosto e satisfação ao ensino primario.

Foi uma das mais esforçadas ajentes da nossa Revista e sempre esteve disposta a nos auxiliar com as suas apreciaveis produções publicadas em diversos numeros desta Revista. E' verdadeiramente emocionados que mandamos ao espozo o sr. Vicente Sipaúba e aos pais da extinta a nossa saudade que será lançada sobre seu tumulo.

—Faleceu, nesta capital a interessante Eulina Reis, e em Cajápió o joven Raimundo Neto, irmão do sr. Eneas Neto. Sentimentamos os parentes dos extintos.

—Faleceu em Pedreiras a exma. sra. d. Clarice de Moraes Rego; nesta capital o sr. Telesforo de Morais Rego, ambos parentes de estimado professor Gilberto Costa, e do dr. Genezió Rego. Pezames.

MARANHÃO -- MAIO DE 1918

ANO 3 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 27

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

O mez de maio

Descançados, depois de termos deixado as carteiras, em que fizemos as provas do concurso, a que nos acabamos de ser submetidos, aqui nos achamos, outra vez, na nossa Redacção, escrevendo, traçando periodos, em que tratamos algo de vario sobre tudo o que impressiona o nosso espirito.

Primeiramente, leitor amigo, tendes de nos perdoar a falta, que involuntariamente cometemos de vos deixar sem a leitura desta Revista, que apreciais sempre pela sua colaboração variada, pelos escritos que mensalmente publicamos.

Aqui tendes ambos os mezes reunidos e podeis ver que assim mesmo, preoccupados com os nossos exames, faziamos todo o possivel de, nas poucas horas que nos restavam de estudo, escrever ás pressas algum trabalho que lastes ou ireis ler, nas paginas que a esta se seguem.

Olhando para o calendario vimos que os mezes têm passado quazi que apressadamente. Parece que o anno começou hontem.

Ja estamos no mez de maio, isto é, encaminhamo-nos para o fim do primeiro semestre. Como o tempo passa ligeiro!

Ao escrevermos estas linhas ouvimos conversas na rua, de pessôas que vão á igreja assistir os officios marianos.

A igreja romana, atravez dos tempos, vem rendendo culto á Maria, consagrando-lhe este mez que é seu e tão somente seu.

Os prados ornam-se de flores. Os campos matizam-se tambem de flores, que desprendem ondas de aromas que se vão pelo espaço em fora, espalhando-se, espalhando-se.

E' crendice popular que as primeiras aguas de maio tem propriedades terapeuticas.

Ha pessoas de idade avançada, que se acautelam esperando que venha a chuva. Aparam algumas gotas d'agua em garrafas, de que se utilizam nas occazião, em que julgam necessarias.

Consagram este mez tambem ás flôres, os poetas tem-no cantado, em estrofe sublime de uma suavidade clara, viva e pura.

E por este mez ser das flôres e consagrado á Maria é que estamos fazendo um esforço para que possamos tomar parte na festividade das rezas que atraem e que impressionam os sentidos de que somos dotados.

Carta aberta

Meu caro Astrolabio.—Todos os trabalhos, literarios ou scientificos mesmo que sejam, merecem a apreciação que lhes pode ser favoravel ou desfavoravel.

E' esta apreciação que, em geral, se denomina, no meio jornalistico, a critica.

Toda critica, deste modo, tem a sua razão de ser. Agora, por exemplo, que temos lido varios dos seus trabalhos, surje nos a ideia de apreciar um deles, isto é aquele que se nos aprezenta amplamente merecedor de elojios, porque quando ele não os merece se costuma, em geral, deixal-o a marjem.

Muitos são os artistas da palavra cantada, ma, igualmente, muitos tambem são os que nada produzem, nada progridem e nada prometem.

Temos agora feito uma ligeira apreciação dos seus primeiros trabalhos, isto é, dos seus primeiros ensaios de versos, onde, como é natural em todo principiante, ha sempre defeitos, porque todos nós precizamos de nos aperfeiçoar a cada passo que damos publicidade aos nossos escritos e á medida que vamos desenvolvendo o nosso intelecto

Coelho Neto, o eminente vulto das letras patrias, que, hoje, atingiu já ao cume da carreira literaria, iniciou a sua tarefa assim como tambem a tomou aos hombros Antonio Lobo.

Vejamos mesmo Antonio Lobo, por exemplo, que a cada passo que elevava o seu talento, com os seus consagrados trabalhos, ia tambem cada vez mais, dando luz ao seu espirito, entregando-se á leitura tanto quanto lhe era possivel, já nos aprezentos particulares do seu lar, já em horas que lhe sobravam em suas funcções publicas.

Estamos agora faltando já á sua missão. O nosso fito é admirar um dos seus publicados trabalhos, isto é, o seu soneto intitulado—*A saudade*, que muito nos apraz recordar em seu ultimo tercéto:

«Mas... a saudade existe com certeza:
—Ora envôlta no manto da ventura,
—Ora envôlta no manto da tristeza!»

E' este de todos os seu trabalhos o que vem atestar o progresso na arte poetica, porque bem demonstra que o seu autôr é um assiduo frequentador da escola de Raimundo Corrêa, em seu sentimentalismo tocante, em sua delicadeza expressiva.

Bem prova o soneto *A saudade* a impressão que temos de que o seu autor, além da intelijencia de que é dotado, se tem dedicado á leitura de poezias cheias de arte e de sentimento.

Os nossos votos, pois, pelo trabalho que acaba de publicar, com os nossos dezejos de persistencia, acompanhados de um forte *shake-hand*, toda cordialidade e ventura.

Julio Cadaval

UM NOVO FOLHETO

A Nova Cartilha Portugueza foi um dos primeiro folhetos didaticos saídos este ano, aqui no Maranhão. Sem autor, o deputado Odolfo Medeiros escreveo na ortografia sonica d que é um dos cultores. Não estamos acostumados com essa ortografia, que dá a cada letra um som natural e que não se utiliza de algumas dela . No meio da multiplicidade de ortografias, que vemos, é natural que cada um siga aquela com que simpatize. Em Portugal a sonica é adotada em alguns estabelecimentos de instrução.

Candido de Figueiredo falando de ortografia, em o seu I volume de Lições Praticas, diz que a etimologia não é regra absoluta para a boa linguajem escrita. Castilho tambem disse algo sobre as diversas ortografias.

O Morais cuja autoridade é conhecida pelos que estudam a lingua, era pela ortografia filozofica. Ambos afastam-se ás vezes, do seu modo de pensar, para se conformarem com escritores da época ou com o povo.

Com intuito de uniformizar a ortografia nos estabelecimentos de ensino, o governo federal, nomeou uma comissão a que encarregou esse comettimento, no Brazil.

Pelo «Jornal», o sr. José Felix, em uma cronica lembrou ao então Secretario do Interior, dr. Demostenes Macêdo a necessidade de unificação de ortografia nas nossas repartições publicas.

A Associação da Imprensa mostrou qual ortografia os nossos jornais devem adotar.

Lemos e agradecemos A Nova Cartilha Portugueza do sr. Medeiros, que diversas vêzes tem sustentado polemicas em o «Tocantins» a esse respeito, e esperamos os outros livros, que a ela sigam, como sejam o primeiro livro e a gramatica portugueza conforme a ortografia sonica.

Na viola

O bispo de... aconselha ao clero a defender a Patria.
(Dos jornais)

I

Si o dito mesmo fôr certo,
Se não fôr gracejos, não,
Brevemente o «Batalhão»
Deixa os Templos n'um dezerto.

II

Que será da nossa Egreja,
E da crença, que será?
E, lutando, que fará
Quem nunca andou na peleja?

III

Mas devemos, ó Brazil,
A ti a crença tamanha,
Que nunca, á ti, a Alemanha
Lançará seu pezo vil.

IV

Dêsde a choupana na serra,
Das cidades nos sertões,
Vem seguindo batalhões
Brazileiros para a guerra.

V

Se precizár de bravura,
De sócos, de pescoções,
E' chamar Zé do sertão
Que estou pronto na forçura.

Zé do Sertão

AS NOSSAS AJENCIAS

Da nossa esforçada ajente em Viana, senhorinha Maroca Nogueira, um dos ornamentos mais em destaque da sociedade vianense, recebemos uma lista contendo 8 assinaturas.

—Tambem recebemos da distinta prof.ª senhorinha Filomena Izolina da Silva, nossa esforçada ajente em Barro Vermelho, em cujo logar exerce competentemente a cadeira magisterial, uma lista contendo 6 assinaturas.

—Recebemos do sr. João Rodrigues, nosso distinto e esforçado ajente em Cantanhede, uma lista com 4 assinaturas.

Gratos.

Florilejio Poetico

MAIO

Maio surje fazendo alcandoirado
O prado, as verdes matas, a floresta,
Até o coração mais desgraçado
Ao vel-o sente que um prazer lhe resta

Todos querem o futuro, se o passado
Nada mais vale pois, já não nos presta;
Quanto ao prezente passa entrelaçado
Nos poderes de Deus que o mundo atesta.

Maio surje fazendo nova vida
Brotar nalma da torpe humanidade,
A consolo da magoa já sentida...

E em cada dôr sofrida com ternura,
Deus manda docemente a Caridade
Derramar em seus filhos a ventura...

S. Luz **Astrolabio Caldas**

CRENÇA

Levasse a minha mão ao pensamento
E d'elo retirasse essa lembrança
Que trago dêsse amôr, por ti creança,
Talvez menor ma fosse o sofrimento.

Se assim pudesse, tudo que nos lança
Ao desespero atroz padecimento
Veria-se por terra n'um momento,
Toda a illuzão da perdida esperança!

Não mais o coração injenuo e crente,
Não mais nossa alma pura padecente,
E o corpo a padecer constante magua...

Mas...esquecer-te? nunca! Não me esqueço:
Se falo em olvidar-te mais padeço,
E sinto logo, os olhos razos d'agua!

Elpidio Santos

MINHA TERRA

Oh! Minha terra! Assim vim te encontrar?
Acabrunhada, pobre e retalhada,
Triste, sem liberdade, a soluçar
Tremula, moribunda, espezinhada!

Triste sorte a que tens oh! patrio lar!
Doi-me o ser, vêr-te assim amortalhada,
Privam-te a ação, privam-te tudo.—Azar
Na minha terra pobre e avassalada.

E dizem que te querem enaltecer,
Que te amam tanto e vivem só por ti
No pedestal estase do poder.

E eu que aqui nasci, sinto te nascer
O amôr vivaz de simples colibrí
D'um futuro que vem te engrandecer!

Rozario, 1918

Jota Vá

NO AMAZONAS

(Recordações)

Eram cinco horas, eu e os companheiros
Nos levantamos prestes á caçada,
Por nós bastante tempo planeada,
P'ra lá dos tabocais, nuns atoleiros.

Manhã nevoenta e fria. Prazenteiros
Partimos todos juntos. Na *colada*,
Ouvimos d'um jacú, longa *piada*
E após passar uma anta dos *barreiros*...

Dado o sinal, seguimos nós, na esteira
Desse animal, que parte na carreira,
E parece um furação que tudo corta!...

Porem cançada, acúa e bate a tromba;
E um tiro só, no matagal ribomba,
Ferindo a *bicha* que a grunhir cai morta!

S. Luiz 1—2—918

Elpidio Santos

ESBOÇOS

Dois tercêtos

A Cotinha Oliveira.

...Quando um dia, da morte o triste canto
Viér roubar-te a doce florecencia
E te baixar a fúnebre guarida,

Estes meus olhos que te viram tanto,
Olhando-te sumir dêsta existencia,
Hão de chorar por toda minha vida!...

Do «Noturnos»

Clemente Guédes.

A' SERTANEJA

Dá-me bella teu sorriso
Se o sorriso faz amôr:
—O amôr, o teu paraiso,
Onde habitas minha flôr!...

Teus olhos têm tanta luz,
Quanto brilham teus olhares!...
Tanto o destino seduz
Nos seds risonhos scismares...

Quem me dera teu amôr,
Quem me dera teu sorriso;
Que eu fosse um só Beija-Flôr
Para habitar teu paraiso!

Toma cuidado, não digas;
—Perdão se ti ofendi;
Co'as minhas breves cantigas,
Que canto pensando em ti!

A. Machado

O Mez social

Aniversarios:

Em Maio.

A 1: a exma. sra. d. Maria Parga Rodrigues, esposa do sr. Nava Rodrigues.

—a 2 a senhorinha Beatriz Pinto, e o jover Neoplo de Paula Barros.

—a 17 o tenente Antonio Ribeiro, muzicista do «Cinema S. Luiz», e a interessante Lavina Muniz, filha do cap. Canuto Muniz.

—a 21 a professora Alzira Abréu.

—a 24 o sr. Hercules da Silva Caldas, guarda livros do Banco do Maranhão e professor de escrituração do Centro Caixeiral.

—a 28 a veneranda senhora d. Emilia Abréu, projenitora do nosso companheiro João V. de Abréu.

Zuila Lago

No dia 14 do corrente o lar do Cap. Ciro Ferreira do Lago ornou-se de flôres, em comemoração á passagem do aniversario natalicio da interessante Zuila. A Zuzú, como na intimidade do lar é chamada, e a seus pais enviamos um punhado de flôres.

Ruben Almeida

Transcorreu a 8 de maio o aniversario natalicio do nosso intelijente companheiro Ruben Almeida, nome bastante conhecido na imprensa Sanluizense pelas suas belas produções.

Ao Ruben a «Revista Maranhense» envia os seus parabens.

Prof. Zila Pais

A 5 de maio as alunas da distinta professora Zila Pais realizaram umas representações teatrais afim de comemorarem o aniversario natalicio da sua querida mestra e amiga, senhorinha Zila Pais.

A «Revista Maranhense» cumprimenta, embora tardiamente, a aniversariada.

VIAJANTES:

Manoel Rodrigues

Deu-nos o prazer de alguns minutos da agradavel palestra o sr. Manoel Rodrigues, nosso esforçado ajente em S. Benedito.

—De S. Bento chegou a professora do curso profissional, d. Nilza Barboza de Godois, que estava em gozo de ferias.

Dr. Oscar de Barros

De Pernambuco regressou o dr. Oscar de Barros, sendo recebido na rampa de palacio pelos corpos docente e dicente do Instituto Maranhense e por seus amigos.

Cumprimentamo-lo.

—Seguiu para Caxias o sr. Manoel Varão.

—Para Alcantara, onde foi exercer o cargo de ajente fiscal, seguiu em principios deste mez, o nosso amigo Crispim Barboza Maciel.

—Deixou provizoriamente a tezouraria desta Revista, com o fim de seguir para Caxias, a senhorinha Mari E. Varela.

—Vindo de Viana, acha-se entre nos o sr. Alteredo Nogueira.

Hemeterio Leitão

Veio tratar-se, e aqui faleceu, deixando no coração de todos que o conheciam a saudade, que perdura sempre e sempre.

Diplomou-se, em 1914, no Liceu Maranhense e seguiu para Caxias, onde lecionava em um colejio subvencionado pelo governo estadoal.

Aqui escreveu em diversos jornais.

Em Caxias fez parte da redação de «O Bloco».

Sobre o seu tumulo a nossa saudade, e os nossos pezames enviamos á sua familia, que seguiu para Varjem Grande, berço do poeta extinto autor do «Iguará».

Astolfo Marques

Fomos surpreendidos, em um dos ultimos dias deste mez pela noticia da morte de Astolfo Marques, que, aqui no nosso Maranhão, vivia trabalhando, comungando nas grandezas intelectuais da nossa terra.

Pobre, mas estudiozo, Astolfo trabalhou, ilustrando-se, escrevendo livros que nos provam o seu valor intelectual.

Esteve na Biblioteca Publica do Estado, onde seu espirito bebeu luzes de conhecimentos, que ele deixa transparecer atravez das paginas de seus livros escritos num estilo leve, numa linguajem tenue, que nos dá vontade de os ler de uma só vez.

O Maranhão inteiro sentiu a morte de Astolfo Marques, que era muito estimado não só entre seus amigos da Secretaria do Interior, assim como entre seus colegas da Academia Maranhense e outras pessoas que o conheciam.

A' sua espoza e seus filhinhos Durval, Marina e demais parentes, as nossas condolencias.

Acha-se fundado nesta capital o «Doré Club». Seu fim é comemorar o aniversario natalicio dos seus associados. Desejamos-lhe existencia duradoura.

Tiveram logar os concursos de 1ª entrancia, na Delegacia Fiscal. Serviu de prezidente o sr. Vertiniano Meireles, de examinadores de francez, portuguez, inglez, aritmetica, aljebra e geografia, respectivamente, os srs. Diomedes Rocha Santos, Otavio Galvão, Nava Rodrigues, Carlos Rodrigues, Raimundo C. Aranha e de secretario o sr. Damasceno Ferreira.

Em uma velha questão do ensino, onde se lê nada o alteram, adicional e passaram a de interessar-se, leia-se nada o altera, adicional e passaram a interessar-se.

Personalidades

O nosso fito, nesta secção é tão sómente esboçar pouco mais ou menos a personalidade dos que em nossa Alenas, fóra e longe da mesma, procuram engrandecel-a, conservando os brilhos do nosso passado, quer na pintura, muzica e outras ciencias do saber humano.

Enveredando-nos, pelo prolongado caminho da medicina, encontramos, entre os continuadôres do trabalho maravilhozo e caritativo de Hipocrates o atual diretôr do Liceu Maranhense, dr. Oscar Galvão, medico competente e de longa pratica, na cura de varias molestias, que têm infestado o Maranhão.

A maior parte da sua vida tem consagrado á familia, á medicina, ao jornalismo e ao majisterio.

Fez o curso de humanidades, aqui e no Rio de Janeiro, onde se matriculou, recebendo o seu diploma, em 1877, de uma das primeiras faculdades creadas, na capital do Paiz.

Deixando a capital federal esteve, no Alto Mearim, onde se cazou com a exma. sra d. Ana Gertrudes do Lago.

Clinicou, no Engenho Central, durante alguns anos e veiu para o Maranhão, antes da proclamação da Republica, tornando-se apreciado pelo povo, devido a serie de escritos, que publicou, em a «Patotilha», a favor da abolição e da Republica, com o pseudonimo de Danton.

Filho da exma. sra. d. Inez Jozefina Leal Galvão e do cap. Alipio Galvão, nasceu em 24 de abril de 1852.

Depois da proclamação do novo rejimem, o nomearam medico da policia e penitenciaria, cargos que deixou, seguindo como medico da dezobstrução do Parnaiba, encarregado pelo governador do Piauí.

Terminada essa tarefa tornou-se aqui e foi nomeado auxiliar da hijiene e do exercito.

No governo de Silverio Neri, no Pará, fundou a primeira Escola Modelo, que os paraenses tiveram.

Foi diretor dos hospitais dos variolozos da ponta do Bom fim, quando governador o dr. Belfort Vieira. Uma portaria do dr. Cunha Martins extinguiu a direção desse departamento.

Feito medico da Intendencia empregou todas as suas forças, tomando serias medidas, no que dizia respeito á profilaxia, no Estado. Da Intendencia passou-se para a direção do hospital que funcionava á rua da Estrela, chamado o «matadouro humano» e que mais tarde foi transferido para o «Lira».

Pedindo exoneração o professor Antonio Lobo, dr. Oscar Galvão recebeu um convite do dr. Herculano Parga, que o nomeou diretôr do Liceu Maranhense, em cuja diretoria se acha.

E' prezidente da sociedade de medicina e cirurjia e lente de Historia Natural, no Liceu Maranhense e colaboradôr da nossa Revista.

Existe grande quantidade de poezias suas publicadas em jornais aqui da terra.

Conhecemos os seus seguintes trabalhos:

«Palestras medicas»; «A epidemia de Carucáua» «Guanina e adrenalina»; «Pituitina» e «A Lépra no Maranhão».

E em todos eles se revela interessado pelos inumeros processos, que têm de ser aplicado, no saneamento do Estado, sustentando com convição e perseverança os preceitos uteis, de que se faz defensôr.

O dr. Oscar Galvão é um dos medicos que honram com o seu saber o passado histórico desta terra—M.

Cavacos

Escalado para reportar as ocorrencias de hoje, não nas pude colher, porque os meus afazeres durante o dia me não deram tempo, pois, felizmente, não pertenço a essa avalanche de empregados da companhia do—desvio—como dizem os trocistas.

Agora, 19 horas, deixo-me levar até a Catedral, onde se está celebrando os pios oficios relijiozos em nome de Maria, virjem esta, que me merece a maxima adoração.

Ali chegado, deixei-me em inteiro respeito e devoção, relanceando só de quando em quando, os olhos por toda a Igreja.

Esse relancear de olhos, nada mais significava senão encontrar o fio do assunto para a minha tarefa, porque, a despeito de muitas ocupaçõis que tenho, os colegas aqui em caza não dispensam o não cumprimento dessas obrigaçõis que muito dizem a respeito da nossa publicação.

E assim, sereno como a flôr, uma das vezes que deitei a vista sobre todo aquele espaço do templo catolico que me envolvia, divulguei o maior e mais celeberrimo dos cinismos.

E' que, um certo rapaz, cujo máu procedimento mais ou ménos já conhecemos, porque, já foi denunciado por um dos nossos jornais diarios, como um dos cometedores de escandalos lá para os lados da Madre-ba, prendeu-se á uma palestra infrene com a sua—ela—e, como esta tivesse que se ajoelhar, (creio, que, simplesmente para fazer companhia as tres outras moças que estavam ao seu lado) êle, em um rasgo brutal de cinismo e mau exemplo, faltando com o devido respeito á relijião alheia, tambem ajoelhou-se!.....

Compreende-se muito bem esse ajoelhamento: o

se conservasse de pé, não continuaria a palestra ou todos o ouveriam.

Portanto, achou mais pratico proceder daquela maneira, porque, ficou com os ouvidos e a boca na mesma altura e direção que estavam aqueles orgãos da senhorinha sua namorada.

Agora pergunto eu: assim se procede bem?

A minha resposta é pronta: não aprovo tal ação, porem, censuro mais a tal namorada, porque, em ser môça e mais ter a perder, devia respeitar a Igreja catolica que me não consta ter sido designada para tal fim...

Um conselho:

Quem não quer respeitar a relijião de outrem,, é melhor ficar em caza!

24—5—918. **Jota Và.**

A VIDA DO CABOCLO

Rezidindo em sua cazinha, coberta de palhas e tapada de barro, o caboclo vive anos e anos té que a morte o venha buscar para o cemiterio, coberto de mato, onde não se lêm inscrições, e, e n que os animais pastam, indiferertemente, pizando a ossada branca de tantos entes de coração generozos, que viviam para si, pouco se preocupando com quem estivesse no governo ou com as folias da capital.

E assim o caboclo vive Não procura fazer fortuna. Não tem ambições de prosperar. Não almeja as poziçõis sorlais. Havendo uma espingarda, com que a possa ir ao mato caçar, existindo em caza a farinha, o arroz, um pouco de carne séca ao sol, está descançado.

Quando vem á cidade é para vender produtos da sua rocinha. Todos os dias vai repara-la, cercando-a com o maximo cuidado, para que os animais do vzinho não possam estragar suas plantações.

A horticultura é mais tratada pelas mulheres, que perdem horas e horas, mudando plantas, perseguindo as paquinhas, que grande prejuizo causam á colheita, dando caça ao grilo, que por sua vez tambem vém danificar o trabalho do horticultor, e, finalmente, de todo aquele, que se dedica ao cultivo da terra. Refiro-me ao caboclo trabalhador, que se encontra em pequeno numero, abandando os que vém á cidade, somente, quando não ha em caza mais o que comer.

Este ultimo passa a maior parte da sua vida, sem se preocupar com o dia seguinte. O que Deus dér se come, diz ele. E, fiado nisso, abandona a cultura. Desinteressa se por tudo.

Pouco se importa que a hera invada seu lar. Havendo em que durma e o que coma está tudo bem. Pode vir o que quizer. Entrega-se mais á renda de hortaliças, que sua mulher planta e trata.

Se mora longe da cidade aluga um cavalo.

A venda dos produtos dá-lhe para pagar o aluguel e ainda lhe ficam uns cobres. Compra a farinha, o fumo e o que de mais necessita e volta á caza. Só apparece outra vez á cidade, quando a necessidade o obriga.

E' assim que vive o caboclo que não trabalha, mas que não perde o *ramêra* na caza do vizinho, onde se apresenta feito mestre de sala, salientando-se pelas suas graças, provocando uns, criticando outros, chegando a ponto vezes muitas de ser fatôr de dezordem e de dezarmonia no logar em que esteja. Temem n'o.

Encontram-se muitos deles.

A instrução é para seus filhos um mito. Não é precizo que estudem. A's vezes mandam-os para a caza do compadre, que os põi na oficina. Aos sabados vão vizitar seus pais aos quais levam o que ganharam toda a semana.

E' mais ou menos isto o que se vê, aqui no Maranhão.

Permita-nos Deus que o caboclo um dia, embora mesmo com a enchada e o facão abata o mato, capine as hervas que circulam sua caza, roce alguns hequitares de terra, interesse-se pela galinocultura, que dá dinheiro, e faça tudo o mais que tiver a seu alcance, no sentido do engrandecimento do sólo.

S. Luiz—28—5—918

José Leopoldo

Uma faculdade

O Maranhão parece que desta vez sacudiu-se bem deixando cair para bem distante de si as poeiras malevolas, que-lhe proibiam que tivesse incremento em relação aos demais estados do Brazil. Antigamente nós, os maranhenses, tinhamos um consolo quando se comparava o progresso dos 21 estados brazileiros, porque existia um que, pelo que diziam, era inferior ao nosso, e esse era o Piauí Mas, agora, este estado que servia de parelha ao nosso apressou a sua marcha, deixando o Maranhão por muito tempo solitario, logo-isbaixo, a medir compassadamente a marcha que lhe determinaram. Eis tambem que a fulgurante Atenas Brazileira, renome que muito lhe honra, num impeto sacode os seus adornos e segue a pressada como em demanda do progressor. Todos julgavam-lhe com uma letajia cronica, mas nos parece que ora será combatida com afinco...

Hontem eramos nós que intrepidamente bradavamos tendo á frente o ilustre snr Dr. Achiles Lisbôa, afim de se fundar uma Escola de Agronomia no nosso estado; porém, faltava quem nos excitasse além da pessôa daquele, ciru jião; que muito se interessou por essa causa. Mas, em prazer temos. E' que não vimos por terra as nossas pretenções, pois agora está amparada pelo snr. dr. Jozé Marques, muito digno governador do Estado, e outras pessôas fidedignas.

Hoje foi o snr. Domingos Perdigão que com outros cavalheiros fundou a Faculdade de Direito no nosso meio para cujo fim aquele snr. ha muito vinha trabalhando e, já que conseguiu mediante seus esforços, enviamos daqui os nossos parabens.

Já que se fundou essa Faculdade de Direito no nosso meio, seria de justiça que o governo do Estado a reconhecesse muito em breve e que os nossos representantes na Camara Federal trabalhassem para identico

reconhecimento do governo da União, para mais valor lhe dar-o.

E assim parece que o Maranhão disperta da letarjia profunda que tanto o debilitava.

Hoje Faculdade de Direito, amanhã luz eletrica, depois tração, e assim vamos proseguindo com um progresso que nos parecerá real.

Alipio Cascavel

D. Francisco de Paula e Silva

O telegrafo comunicou-nos achar-se enfermo, em Parnaiba, de uma congestão pulmonar, o exmo. rev. sr. bispo diocezan , e passado dias, o mesmo telegrafo certificou-nos do falecimento naquela cidade, desse prelado que ha anos gozava da simpatia do povo maranhense, porque a este tratava como pastor proficiente, que sabe chamar ao seu rebanho as ovelhas que d'ele querem afastar-se.

O Maranhão todo se emocionou, quando soube d'esse triste acontecimento.

Os sinos, no seu dobre profundo e compungidor, acentuaram mais o sentimento de pezar que ia na alma do povo,

O clero, sentidamente, chorou a morte do ilustre, do verdadeiro orador sacro que, quando subia ao pulpito, sabia impressionar a assistencia, pelo metal de sua voz agradavel, pela natureza dos argumentos que analizava demoradamente.

Tomando conta da nossa diocèze, d. Francisco realizou o que de ha muito se fazia mistér.

Já estavamos acostumados a ouvil-o, na Catedral e maior será a tristeza, se penetrarmos nesse templo, e, se lançando um olhar sobre o pulpito não vermos o orador, que d'ai falava, sorrindo ao povo, aconselhando-o a cuidar da alma, porque «aqui estamos de passajem».

Solidarios ao clero e ao povo, nós da Revista Maranhense expressamos o nosso imenso pezar.

A academia de Direito

Em vez de se tratar agora da fundação de uma escola de Direito, talvez fosse mais vantajozo se levar a efeito a nossa escola de Agronomia.

Daqui partiu a idéa e o primeiro movimento nesse sentido que foi logo amparado pelo espirito vigorozo de Dr Achiles Lisbôa, que se prontificou a auxiliar-nos com a colaboração dos seus esforços valiozissimos. Graças ao seu apoio tivemos logo livros e revistas para esclarecimento do problema.

Mas ninguem forma idéa dos obstaculos que se opõem a uma idéa solitar que poderia ter frutificado e sido desenvolvida amplamente se não fosse o mau habito de se encarar com descazo toda iniciativa da mocidade—habitos assáz decorrente desse esterilizador pessimismo a que aludiu o capitão Graça Aranha em a sua memoravel conferencia.

De resto era uma obra dignificadora, tal como é a Escóla de Direito.

Para esses mistéres subentende-se que os homens que dirijem a nossa administração se esforcem de fato para nos tirar da rua das amarguras e melhorar as condições de um Maranhão sacrificado e pobre sem conforto onde a vida se deflue com a exidão de quem se arrasta pezadamente.

Somente a boa vontade de um grupo de rapazes entuzias as mas inexperientes, absolutamente não pode vencer a agoriza de um povo que só acha que fica bem ao Maranhão o que é reles e ruim.

Temos necessidade urjente de escolas de agronomia no norte do paiz. Até agora só contamos duas em Pernambuco.

Em vista disto o nosso governo bem poderia tomar aos ombros a fundação de um estabelecimento modelar munido de aparelhos e corpo docente competente disciplinado capaz de estimular a mocidade, desenvolvendo conhecimentos agricolas, em que procurasse imprimir uma orientação pratica para aplicações imediatas ao solo da nossa tera.

Com o dispendio de alguns contos de réis o Maranhão não ficaria mais pobre do que é, empregando numa escola Agronomica.

Só assim é que poderiamos na realidade preparar o espirito da mocidade para rezolver o problema do desenvolvimento da industria e da lavoura, um estado de solo soberbo como é o Maranhão.

E' o unico meio de fazer face á formidavel crize economica que se acentúa, agravada com as consequencias fatais da guerra européa

Era bem preferivel que o Brazil em vez de ser um paiz de «doutores» conforme denominou Eça de Queiroz débaixo daquela ironia genial, se transformasse em um paiz de soldados agricultores, lembrando embora aos antigos tempos de Roma.

Não se pode negar os progressos do militarismo. Falta atacar o outro lado do problema.

Não ha duvida que já é um pouco tarde mais em tempo de fazer muito.

Desses dizeres porem não se queira concluir que fazemos opozição a aqueles que se batem denodadamente pela Escola de Direito.

Pelo contrário somos dos que encaram essa iniciativa como medida que proporcionará as maiores vantajens a um grupo de rapazes estudiozos que se veem na impossibilidade de fazer carreira justamente porque daqui não se podem afastar.

De resto o Maranhão por possuir um passado que verdadeiramente honra as nossas tradições literarias faz jús até a uma Universidade nos moldes perfeitos de um estabelecimento superior como ha na Europa ou nos Estados-Unidos. Entretanto nunca se cojitou de saldar uma divida que tem direito a terra de João Lisbôa e Teixeira Mendes.

Firmando as bazes de uma escola de Direito—é dis-

to justamente que tratam um grupo de homens esclarecidos da maior evidencia em nosso meio social.

A sua realização é um fato e o seu reconhecimento pelo governo federal, no fim do prazo prefixado pela lei será outro fato consequente da bôa vontade coletiva dos mestres e dos alunos.

Basta se desfraldar a frente do momento espiritos de valor de envergadura de Godofrepo Vianna, Viana Vaz, Lucidemir Cardozo, Antonio Lopes, Henrique Couto e tantos outros que se fazem notar por meritos incontestaveis provenientes de um longo tirocinio de atividade intelectual.

Habeis e conhecedores do meio em que se ajitam saberão remover com energias todos os esboços que se aprezentarem.

E dentre poucos mezes teremos a nossa escola de Direito que triunfará marcando o inicio de reação eficaz contra a inercia e inepcia de um povo sem coragem e sem ideal.

Alcindo

Gabinete de fizica e qaimica do Liceu Maranhense

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada

pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 Sobrado, *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 982.057$000

Resultado do 75 sorteio da 1.ª Serie (A) a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.° 2432—Antonio P. de Castro, residente em Sta. Inez, Engenho Central.
2.° 1137—Humberto Pinho Fonseca, rua Osvaldo Cruz, 132.
3.° 510—Ejidio Francisco Conceição, rezidente em Tutoia.
4.° 3717—D. Izabel Pereira da Costa Soares, rua da Tapada, 13.
5.° 486—Capitão Manoel da Vera Cruz Silva Ribeiro, rezidente em Alcantara.
6.° 2536—D. Rosa de Castro Belo, rua do Passeio, 23.
7.° 2852—André de Souza Corrêa, rezidente em Viana.
8.° 7—Lilah Guimarães Lisbôa, rua de Santana, 1.
9.° 3490—D. Antonia Lago Bastos, rezidente em Caxias.
10.° 1428—Otacilio de Morais Rego Brandão, rezidente em Pedreira.

CASA NO VALOR DE RS. 10:000$000

278—José Martinho Guianaz, Parque 15 de Novembro.

Maranhão, 15 de Maio de 1918.

Claudino Neto

Fiscal do Governo Federal

Adolfo Paraizo, Director-Gerente.

Nota:—O premiado está em atrazo no pagamento de duas mensalidades, motivo porque, não recebendo ele a caza com que foi contemplado, correrá novo sorteio.

Novidades

CINTAS SAUDE
Ditas COMODIDADE (São as melhores
Sabonete NEW-YORK, o melhor para o toucador e para o banho.
Sabonete de AGUA de COLONIA.
Sabonete de BENJOIM
Sabonete PEARS, n.os 2 e 3.

Todos estes artigos acabam de receber e estão á venda, por preços bastante reduzidos, porém a dinheiro, a loja

O "Brazil"

Rua Oswaldo Cruz, 33. *Telefone 75.*

Neme Munaier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais?

—Dezejando comprar algumas cousas, não encontro uma caza comercial que me agarde...

—Que novidade!! O amigo, a procura de uma caza!!!...

—Então as tuas reticencias me fazem crêr que conheces alguma bôa...

—Se conheço?... É claro. A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

—Onde?

—Vem comigo!... Lá tu verás... **bons brins, chapéus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerôlas, meias, estratos de diversas qualidades, sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas para dentes, toalhas, paninhos,** enfim uma infinidade de outras cousas que eles vendem por preços nunca vistos...

—Vamos, depressa. Está muito longe?

—Não. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz, 19 ou então na rua do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

OURIVEZARIA PEROLA

De José L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Alfereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para pescoço, porta-leque, voltas de coral, teteias etc.

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz—9 Rua Oswaldo Cruz—9

JUNHO

Este, o mez predilecto das crianças, o primeiro do anno para elas, creio. Não o será o primeiro para os meços: é o mez em que os prados aboleam em flores e em frutos; em que nas torres brancas das igrejinhas, todas as tardes, entoam os sinos a bimbalhar, enquanto de dentro sobem para as alturas os aspiraes de incenso em honra de uma virgem que no céu é a mãe de todas as virgens... Dezembro será o mez por excelencia para os velhinhos, para esses que, cabeça e alma brancas, e olhos postados numa manjedoura recebem a benção do que veio ao mundo para enxugar todas as lagrimas e consolar todos os afflitos.

Junho é o mez das fogueiras dos fogos, dos risos, dos sorrisos, dos gozos parvinheiros; mez em que a lua costuma esplender mais do que nas demais vezes.

Salve, junho amigo! Aqueceste as almas dos velhinhos, que te saudavam recordando, os bons tempos passados. Encheste de prazer as criancinhas.

Bendito sejas pelo muito de alegria que nos proporcionaste. R. A.

S. Luiz do Maran[illegible]o -- Junho de 1918

DIRETOR INTERINO
Astrolabio Caldas

REDATORES
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes

REVISOR
José Vasconcellos

THES. INTERINO
Benicio Rodrigues

Redação

Rua Afonso Pena, 6

REVISTA MARANHENSE

ANNO 3 — NUMERO 28

Publicação mensal

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

BIBLIOTHECA PUBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

Assignaturas

ANUAL

Capital . . $000
Interior . . $500
Exterior . . $000

SI

Capital .
Interior .
Exterior .
Numero av $200

(Tir

SUMMARIO

Antonio Lobo—Redação

O concurso da "Revista" – Redação

A memoria de D. Francisco de Paula e Silva—Maria Eleonora Varela

Dr. Herculano Parga - Redação

Homenajem—Izaac Gomes Ferreira

O orgulho brazilico – Redação

Cronica – Japiassú

Epitomes—Rubem Almei

Helena Nobre - Redaç

Florilejio Poetico—

O mez social, etc

ESTADO DO MARANHÃO

MARANHÃO — JUNHO DE 1918

ANO 3 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 28

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Antonio Lobo

«Et bientot fatigué d'un moment de réveil,
Las, et se rejetant dans les bras du sommeil,
Entre ses favorites, et parmi les délices,
Tranquille, il s'endormit au bord des précipices.

(*HENRIADE, chant III*)

Fatigou-se; venceu-o a luta formidanda na miragem da Vitoria rejia em que disputaria ao treso bardo a cantata triumfal da Luz; prostou-se nos braços do eterno sono, e, entre as delicias de sentir-se venerado pela Historia, tranquilo, como heroi conciencioso de seu feito, adormeceu no precipicio de um tumulo.

Mas não caira um homem, senão a figura de um homem, que na sua figura minuscula vicejavam as enerjias possantes como de um velho monumento em que batessem sem ecos de eficiencia rijos embates de um tempo revolto; fôra a velha cumiada do Areopago dos preitos sublimados que se partira, subita, formidandamente, aniquilando o lidador pomposo que fôra homerico na luta do Ideal, e que se abateu ao diluculo fantastico de laurea estema que á fronte lhe trouxera o rejio triumfar da conciencia de uma epoca.

E nessa epopeia final adormeceu no Pantheon dos bardos.

.....

Do Antonio Lobo alguma couza ou tudo querermos dizer no estreito espaço de uma simples cronica, assim despida de feições de panegirico, tanto valêra quanto nos dar á veleidade certa de trazer á linha dos comentos a historia toda de uma epoca da Historia, e se não fôra a desobriga intransferivel da nossa conciencia, nos bastaria repetir do Luzitano a voz, porque do Mestre e de sua Obra, d'ele e

sde feitos taes, por maisque diga.

Mais ha de ficar inda por dizer» (*)
Mas...

.....

Foi por aquela manhã calma, de claros céus de verão sol de oiro e jardins floridos que no peito da mocidade maranhense bateu-se uma atabarda infausta:—morrera o velho e grande amigo—foi por aquela rejia iluminura apolinea que o Cenaculo dos grandes vultos imortais transpoz a novo ciclica—tombára o Antonio Lobo—foi ainda por aquela manhã fresca e faceira com que o rejio Apolo cantava em harpas de brizas a pompa nupcial do Sonho e da Luz que se soubera da morte de mais um esposo e pai.

E nessa conjunção vultuoza de predicancias incomuns, fundem-se as vistudes num só tipo, e difunde-se o tipo em trez.

E são tres tipos de que falar.

.....

Reportando á vista já deshabituada de o sentir respirar, infelizmente é certo, nunca porém de o lembrar a sorrir, a memoria daquele rosto calmo e sorridente que Antonio Lobo tinha em constancia para os seus «amiguinhos», e embora por vezes contraido na indecizão do rizo e sizudez, só podemos lembrar com saudades esse velho conselheiro que foi sempre tão paternal na devoção a que se dera, de havia muito, pela cauza da mocidade.

E, amigo, um Mestre assim, não mais o teremos, tudo no-lo diz na rude exibição dos factos, porque outro não sentira tanto quanto ele sentiu que agazalhar no peito a amizade dos moços tanto lhe valia que se ele se sentisse novamente moço, comungando as ilusões dos moços para então sentir-se novamente moço a alma forte, sadia, e, mesmo porque já de tão cedo lhe dizia a experiencia que á semelhança da terra é mais propenso á esterilidade o coração dos velhos quanto não pode ser o coração florescente e sonhador da mocidade efemera!

E, nesse sentir que em nada preposterou-se á

(*) Luziadas, III 5

exibição dos factos,e, sem que lhe tivesse á mente roçado a menor intenção de repudio aos moços como hoje vemos e sofremos sem a sua vida, nos deu ele, até o derradeiro alento,nas dores ultimas; de um talamo cruento, os sadios concelhos de sua alma forte; os sãos exemplos de sua força inexcedivel e,quando já cerravam-se-lhe os olhos na penumbra eterna do grande sono; quando dele se consumava o sacrificio fantastico a que se dera por injentes lutas para render ao hino triunfal da Conciencia de uma epoca que sublimara-lhe o forte genio estereotipando-o em perpetuas expressões de revoltas na ferrea pajina de sua Obra gigantesca, as favas prolligadoras no Pandemonium de Milton; quando por fim, fujiu-lhe aos olhos a derradeira pajina de sua Elejiada, no coração da mocidade, desses seus «amguinhos» de quem nunca se houve desmentido, semeiou a dor cruenta a perpetua vizão do velho Amigo e Mestre heroe, e apanhou-a e fê-o sibilar do infausto evento como si a nova de sua grande perda trouxesse na ultima semente dessa força inquebrantavel gravada uma pajina de Epopeia onde o Ideal fosse o despertar de novos prelios, e clamor altivo de uma desforra!

E em cada coração de moço, não ha de mentir a posteridade, agazalhou-se o espirito do Mestre...

Foi a impressão que tivemos quando fechavam-se os olhos ao mestre, quando já o vimos na sinteze patetica de um tumulo: — legara a nós o Mestre a força virente de seu genio homerico.

Dizia-nos o adeus, embora, mas nos falava ainda; durante quando lhe velavamos o corpo inerte aquele rosto contrafeito na mudez cruel da Eternidade, e na ultima expressão dos tensos musculos advinhamos do Mestre o derradeiro arranco á luta injente que o prostrara e, mesmo frios,quebrados,sem mais forças, os nervos do bardo, ali estavam a dar a nós mais que a nenhum outro,na pujança sobranceira do espirito a mais altiva sinteze da razão de ser Homem!

E foi-se-nos assim o Mestre e amigo.

.....

«São estes os que fizeram de cadaveres
O grande monte do Passado».

(A. de Quental—(Odes Modernas).

E assim se foi o lidador em rejia viloria de prantos!...

.....

«Y al fin... la communion: um beso santo
Que aun más nos ligue ante la tumba misma
Tu el recuerdo grabando de mi muerte,
Y yo iron llevando de tu vida»

«—antes, a Dor; durante, a Dór, depois, a Dór.»

Hermes Fontes—Epopeia da Vida).

E assim é que se foi o Mestre, o Amigo, o Bardo, o Espozo, o Pai, numa Epopeia virtual de Glorias, numa Epopeia virtual de Dores!...

O concurso da 'Revista'

A "Revista", iniciando hoje, a série dos Concursos para os seus leitores, se compromete a premiar o que satisfizer todas as condições abaixo com dois premios: o primeiro, será um bom romance; o segundo, uma assinatura gratis por um semestre.

I—As respostas deverão ser remetidas até o prazo maximo de 20 dias, em carta com assinatura e endereço á Redação.

II—Sem que venham completamente respondidas todas as questões constantes do Concurso, a "Revista" não satisfará o compromisso acima.

III—Em caso de empate, será este decidido a favor do primeiro remetente.

Posto isso:

No espaço ha um rapto de entusiasmo, 1-2
Logo no vaso procure o medicamento, 2-2
Coragem, está isolado o vante, 3-1
A base do mundo é o dinheiro, 1-2
O deus da India na epidemia é a cidade européa, 1-2

.....

De um estranho recebemos as perguntas abaixo para serem inseridas nesta local como constante do Concurso. Este estranho que julgamos ser um dos nossos, pois que só assim se pode explicar de como soube ele do Concurso, nos pede insistentemente que publiquemos as suas curiosas questões o que aliás faremos com muito gosto, e ahi vão elas para quem se atrever a penetrar-lhes o labirinto,

"O que é, o que é...?

Luiz tem na frente,
Miguel tem atraz,
As donzelas... tem dois
As mulheres tem no meio,
e as viovas?... não tem mais...

A' memoria de D. Francisco de Paula e Silva

Desde 1.º de Junho que se recebeu a infausta noticia do desapparecimento de tão digno Bispo. Sinto minh'alma immersa na mais pungente saudade e meu coração evadido pela grande dôr de tão repentina separação.

O' morte deshumana!

Tiraste quem nos guiava da vida de sofrimentos para o da felicidade.

Roubaste-nos quem com suas doces palavras nos fazia ser mulheres virtuozas, mais carinhozas e bôas espôzas. Tu nos foste cruel!

Selaste para sempre aquelles labios que a sorrirem muitas vezes nos mostrava o caminho do dever. Vedaste-lhe para que nós não gozassemos a serenidade de seu olhar.

Cruzaste-lhe as mãos para que ellas não nos estendesse a sua santa benção. Estás soberba e poderoza, tens em teu seio o nosso bom Pastor, enquanto para as suas ovelhas só lhe resta o consôlo de chorar a sua auzencia e rogar a Deus que o tenha em sua santa gloria. D. Francisco não era uma alma vulgar, e sim um espirito dotado de elevados sentimentos; portanto, não nos é facil esquecer o tempo que viveu á nosso lado. Deixarmos de recordar com saudade os seus conselhos?! Nos é impossivel!

D. Francisco vive em nos os corações; a sua auzencia será chorada eternamente.

A sua alma era nobre, ele não só abraçava aos que viviam de seus exemplos como aos que adotavam religião contraria a sua. Em seu coração imperava a bondade, pois, com o mesmo sorrizo angelico que falava a um fidalgo, falava á um mendigo. Se alguém humildemente lhe confessava seus erros ele com aquella brandura, mostrava-lhe o caminho do dever.

D. Francisco era um justo, portanto; póz o curto tempo de sua vida deveria achar na mansão celeste Jesus de braços abertos para receber a sua bôa alma.

E tu, ó bom Pastor, que estás ao lado de Cristo, pedi-lhe que lance sobre o rebanho que chora a tua falta o lenitivo da resignação: que fortifique a nossa fé para um dia irmos alegremente cantar comtigo um hino de gloria.

Pois bem; sendo eu, meu inesquecivel Pastor, a mais humilde de tuas ovelhas depozito em teu tumulo sinceras lagrimas que traduzem a saudade eterna de minh'alma.

Maria Eleonora Varela.

8—6—1918.

Dr. Herculano Parga

Atualmente na capital federal, o dr. Herculano Parga viu transcorrer o seu aniversario natalicio, longe de seus filhos, mas no cumprimento do dever, que o povo maranhense lhe impoz o de represental-o, na Camara do Paiz, em que os interessados, isto é, os representantes jemininos do povo faiam, defendem-no, aprezentam medidas louvaveis, no sentido de aliviar o pezo que cáe sobre ele.

O maranhense em geral satisfeito, mais uma vez, ficou, por esse motivo de justo contentamento, pois o dr. Herculano Parga soube sempre aqui no Maranhão, em Manaus ou em qualquer parte por que passou, impor-se, fazer-se admirado pelos principios, que segue, em toda a sua vida—o da verdade.

Seu quatriênio foi um dos mais prosperos, que houve no Maranhão, que teve, na sua administração, pessoas notaveis como Benedito Leite e Cunha Martins, ambos falecidos, pobres e que perderam a furtuna, de que dispunham no intrincado labiriato da politica quazi elevada á ciencia.

Pois, lá, mesmo, o dr. Herculano Parga queira aceitar os parabens, que lhe envia os moços da «Revista Maranhense».

HOMENAJEM

Lá no meu inculto sertão onde a densidade das trevas inda não permitiu que a sua obra luminoza e vasta se entendesse tão bem, eu admirei a Antonio Lobo.

Li-o, primeiramente, nos jornais.

Aquelas fulgurantes cronicas «De Vôo» com que a «Pacotilha» de dias em dias nos mimozeava, aquelas polemicas vigorosas e aquelas peças literarias cheias de arte e de sentimento, como «Variações», eram por mim lidas com o mesmo interesse e com a mesma atenção com que uma relijioza casta lê o seu livro de orações.

Depois li ainda dois dos seus volumes:

Os novos atenienses e Pela rama.

Produto de um talento aleito, de um espirito todo previlejiado a quem verbos aprimorados e penas competentissimas proclamam como uma das maiores glorias da nossa terra, acima, mais muito acima mesmo de qualquer ecomio, seja de que procedencia fôr, estão essas duas joias das nossas letras. Porque Antonio Lobo não foi só o grande obreiro da instrução e o polemista absolutamente invencivel que todos nós conhecemos: mais ainda nos dizem os mestres—o jurista d'escol, o escritor impecavel, o publicista perfeito e o sociologo profundo—de onde se conclue que o grande maranhense possuia, sobejamente, do tudo quanto o Saber exije de um enciclopedico de raro merito.

Honremos, pois, a sua imorredoira memoria.

Hôje que a mocidade estudioza de S. Luiz preiteia o seu segundo aniversario necrolojico, seja esta humilde homenajem, sobre a campa do Mestre, uma corôa de flôres dos campos do meu sertão.

Isaac Gomes Ferreira

S. Luiz, 24 de Junho de 1918.

O orgulho brazilico



Quazi sempre é motivo de justo agrado para todos nós que somos brazileiros falar-se nas campanhas, em que os nossos avoengos sempre foram victoriozos.

Parece que a coragem, o sentimento de patriotismo e tudo o que nos anima convergé para o mesmo ponto e forma uma baze de orgulho, dentro de nós mesmos, cujos raios se manifestam por intermedio do nosso sistema nervozo, espelho onde se reflete o que experimentamos.

Um desses raios de orgulho torna-se quazi que concreto, por meio do mal estar, que nos domina, quando lemos, ou nos fazem passar aos olhos, scenas de gloria ou de sangue havidas nas rejiões platinicas, onde o charco com a sua avalanche de micro-parazitas espreita a humanidade, que dejenera mais a mais.

Riachuelo! Falam os compendios. Victoria! Grita a maruja quazi exausta. Viva o Brazil! Diz a alma nacional. Gloria e mais gloria dezejam que o Brazil tenha sempre e sempre.

Barrozo, simbolo do heroismo, encoraja, anima á luta. Do alto da sua Amazonas domina-pelo seu olhar, vence pelo seu valor, glorifica-se pelo seu exemplo.

A Patria reconhecida da-lhe uma estatua, na capital da Republica.

Marcilio Dias, o maranheiro destemido deixa aos militares de hoje, escrito, na sua lei de oficio, tudo o que é mister para constituir o verdadeiro militar.

Henrique José Gaspar, maquinista illustre de todos os tempos, falecido em 1017 em Cajapió, mostra que pela Patria se deve sacrificar a vida, atirando-se ao mar, para cortar o cabo que estava enganchado, na helice do navio, em que trabalhava, no meio das balas, trocadas de parte a parte.

Dois deputados brazileiros apresentaram á camara o projecto de se dispensar a divida que o Paraguai tem comnosco. Esse projecto não encontrou o apoio dos outros reprezentantes e por isso veio abaixo. Queriam eles, o sr. Mauricio de Lacerda e o sr. Perneta que se restituissem tambem os troféos. Era impossivel. Diziam outros que era melhor desaparecessem as estatuas dos heroes desta guerra, riscassem-na dos livros, para que o brazileiro de amanhã, dela não tivesse mais conhecimento!

Boa idéa, pois se querem fazer desaparecer a metade, melhor será desaparecer o todo, de uma só vez.

Mas, acima de tudo, está o sangue dos nossos irmãos, que lá ficaram em defeza desse colosso brazileiro, grande por tudo o que é grandeza e por tudo o que é feliz.

Cronica

Surjem por ai as profecias e a preocupação infréme com esse fantasma que chamamos —politica—

Para que não esteja eu, a rabiscar cousas que se não coadunam com o momento, rezolvi, sem preocupação distrair-me de uma grande insonia, coordenando alguns conceitos sobre essa rabajisse.

E' notorio entre nós ver-se estampadas nos jorneis diferentes noticias fanfarronicas chamando de *prestijozo chefe politico* á todo e qualquer dos nossos reprezentantes federaes que aporta a esta Capital nas épocas das eleições; pois que, como nenhum maranheense ignora, com pequena exceção, é só quando aqui veem!

Não lhes negarei tal prestijio, mesmo porque, disso ainda me não aprouve sindicar; mas, em se tratando de cousas que tão firmemente se afirma, seria de muito bom proveito e agrado, que cada um desses que se dizem — chefes politicos — procurassem destacar o seu elemento, concorrendo a um pleito livre e sincero.

Ora! Não muito longe estão as eleições estaduaes,

portanto, a occasião mais azada possivel pára uma exemplificação politica.

Como sabemos houram-se de seu prestijio e elemento politico no Estado, os Drs, Urbano Santos, Costa Rodrigues, Cunha Machado, Artur Moreira, Luiz Domingues e Herculano Parga.

Já começamos a divulgár no horizonte politico, o mez de novembro indicado para arcar com a fraude eleitoral nas eleições para intendentes, sub-intendentes, vereadores e deputados estaduaes.

Enquanto a gibóia eleitoral dorme enastecendo o seu bojo contaminado de materias os chefes—sonham com a vitoria real ou falsa, na persuazão talvez de que o povo livre desta terra ainda crê em mentiras que até hoje só tem servido de desmoralisação perante os povos civilizados.

Não meus senhores!

E' preciso que cada um cumpra o seu dever, para que possa merecêr o acatamento dos seus conterraneos.

O Maranhão, precisa levantar-se desse marásmo tôpe que o avacalha.

O Maranhão, pode mesmo se dizer, nada tem que o recomende junto do Progresso.

Eis bem patente um ótimo exemplo digno de emitação: o esforço personificado no dr. Clodomir Cardozo na administração municipal.

Não sou e nem desejo ser eleitor; mas, como maranhense que muito ama a sua terra, desde já me congratúo com o atual intendente de S. Luiz que, em ser esta a mais difícil de todas as epocas que temos atravessado até agora, deixa-nos luz electrica em toda a Capital, um matadouro modelo, um mercado novo, áformoseado bairros esquecidos até então como S. Pantaleão e outros com diversas praças ermas completamente trassformadas, um alpendre, uma rampa de dezembarque para passajeiros e tantos outros melhoramentos.

Ora! Exijir ainda alguma coúza do dr. Clodomir Cardozo, como intendente, com uma receita deficientissima e tantos compromissos que encontrou, é dezejar demais.

Qual o intendente que se preza em ter feito mais do que elle?

Não pode haver nenhum!

Eu, que ando bem seguro em bazes solidas para não orar com duas maneiras e n taes prestijios, chego mesmo a duvidár que esses senhores toquem o sinal de reunir as suas forças e ordenem a cada general comandante de seus amigos que abandonem a tal coligação, porque, nas proximas eleições estaduaes cada um delles farão impartialmente os seus candidatos sem aceitar auxilo de Pedro ou de Paulo na proporção de um para um.

Eu que repito, duvido que assim procedam, ficaria então satisfeito em minha curiosidade e dai para deante servia o primeiro, onde quer que me achasse, a proclamar quaes as verdadeiras influencias politicas da minha terra.

Façam isto, e veremos então—quem tem roupa na fonte—como dizem por ai corriqueiramente.

Como me estava a destrair de uma insonia, e de mim já se avizinha o sono, ficarei por aqui convencido de que tal procedimento os grandes politicos não terão o que perdido meu precioso tempo.

Tambem... era insonia!

Junho, 1918. **Japiassú**

Epitomes

(NOTAS PARA ESTUDO)

I

«O Homem Segundo a Ciencia»

O seu passado o seu presente, o seu futuro,
D'onde vimos? ou quem somos?
Para onde vamos?

PREFACIO

Orijina-se o livro de uma serie de lições publicas, feitas pelo autor, de 1861 a 69. O assunto é a origem, antiguidade e lugar do genero humano na natureza; e tem por objeto a difusão do conhecimentos e o progresso intelectual. O autor dar-se-á por bem pago se conseguir espalhar sobre este tema apreciações justas e livres dos preconceitos da ignorancia. Subscreve as palavras de ouro de Page: «...quem admitir formulas ou artigos de fé, não pode ser amigo da verdade, nem mesmo um juiz imparcial das opiniões de outrem... As convicções precisam mudar segundo os progressos da ciencia... Não ha ceticismo mais desagradavel que o que põe em duvida os dados mais respeitaveis e a observação mais conciencciosa, não ha infamia mais grosseira que a que desconfia das conclusões de um juizo bem fundado e imparcial".

INTRODUÇÃO

Todo o bom cidadão -opinião de Huxley—deve tomar parte nos grandes debates cientificos do seu seculo, porisso que compara as fases do desenvolvimento intelectual ás mudas periodicas duma lagarta. O autor justifica o *por que?* do seu livro como uma oferta ao publico, de uma exposição dos esforços da ciencia moderna, feita com o fim de dissipar ou destruir os antigos erros e preconceitos. Dá razão a Huxley que chama á questão do lugar na natureza, das relações da humanidade com o universo, a questão das questões. São estes os problemas: Donde vimos? quem somos? para onde vamos? os quais, antigamente obscuros, já são hoje resolvidos ou esclarecido pela ciencia moderna; Respondiam a eles, nos seculos passados, as ideas filosoficas. Era uma montanha de erros e preconceitos, chegou a ser declarado insoluvel e indigno de figurar em qualquer tratado de ciencia. Julgavam-no transcendente. Quem pensaria que em tão pouco tempo o progresso do saber e da indução cientifica projetasse luz tão brilhante e ir

refragavel sobre o misterio dos misterios—o mais antigo passado e a primeira origem do homem? Sem exagero, pode-se afirmar que a descoberta da origem *natural* do homem e a demonstração da sua posição no universo, estão ao lado, senão acima, das maiores descobertas, revalizando apenas com a edificação do sistema astronomico de Copernico.

Hæckel assinala, os dois mais funestos erros—obstaculos: o *geocentrico* e o *antropocentrico*. Copernico, Kepler, Galileu, Newton, destruiram o 1.º Lamarck Gœthe, Lyell, Darwin e outros julgaram o 2.º. O livro, tratará particularmente deste. O autor chama a atenção dos leitores para o receio do espirito por ocasião das grandes descobertas cientificas. Cita o exemplo de Copernico Quanto ao 2.º erro; é tão inconcebivel quão desculpavel.

O homem, pelas suas propriedades fisicas e intelectuais, está intimamente unido á natureza ambiente e se acima dela se eleva é apenas devido a um aperfeiçoamento maior e mais variado das suas forças e faculdades Celebres filosofos chegaram a declarar que a natureza era uma decadencia do espirito e dirijiam-se as mais grosseiras invectivas á «materia». A função mais sagrada a cumprir hoje é conhecer a natureza tão intimamente quanto possivel para compreendel-a e honral-o e domal-a.

Ha muitos anos, pensadores eminentes e ousados, tinham já reconhecido o verdadeiro lugar do homem na natureza, mas sem a base de demonstração experimental. Esta, forneceu-a a ciencia moderna:

O 1.º destes dados é a antigaidade do genero humano.

DONDE VIMOS?

A caverna de Aurignac, seu abandono, exame cientifico, 8 anos depois, por E. Lartet. Descrição.

Conclusões: 1.º Muito tempo antes de toda a tradição e de toda a historia, uma raça de selvajens estacados no principio mais grosseiro da civilização e muito analogos aos selvajens actuaes, existiu na Europa. Esta raça era contemporanea do mammouth, rinoceronte antediluviano e do urso das cavernas, etc.

Citação de outras descobertas, como os machados de silex antidiluviano na Somme—os mais antigos e barbaros vestijios da industria humana Eis o sinal mais proprio para descobrir a grande e fundamental lei da natureza e do homem que afirma que tudo quanto a humanidade e o universo possuem de grande e de maravilhoso, não é um dom gratuito do ceu e sim mais o produto de um desenvolvimento lento, penoso, bem grosseiro no ponto de partida, fruto de uma evolução gradual das forças e da faculdade que dormem na natureza e no homem.

«Evolução». «Se a perseverança do homem antidiluviano nos seus esforços, doutrina Boucher de Perthes, não teriamos as nossas cidades, palacios e todas as obras primas. O que bateu primeiro com uma pedra n'outra para lhe regularizar a forma, dava ao mesmo tempo o primeiro toque de cinzel que fez Minerva e todos os marmores do Partenon».

O que ha de notavel é que todos esses machados de silex encontrados na Inglaterra e França, têm grande analogia.

Pode-se explical-a, pensando-se que esses dois paizes, na epoca antidiluviana, não eram separados pela Mancha.

Descrição da queixada de Moulin Quignon. Os homens fosseis de Denise e dos Natchez, e Ami Boue—O esqueleto de Néanderthal. Saem de feridos com ossos de animais antidiluviano e até de trabalhos artisticos, o que prova a sua contemporaneidade com o homem.

(Continúa).

Ruben Almeida



HELENA NOBRE

A "Revista Maranhense" honra hoje uma de suas pajinas com os retratos da mui aplaudida soprano, senhorinha Helena Nobre, e de seu irmão, nossos patricios, que depois de uma ausencia de cerca de quatro anos, volta aquela ao Maranhão, afim de realizar um concerto que será, certamente, bem animado, porque o nosso publico muito a admira.

Em 1904 vio esta artista a capital, em companhia de seu irmão, conquistando ambos muitos aplauzos do publico.

O programa, que muito recomenda aos amantes da arte, foi cuidadozamente elaborado pela distinta patricia, pelo que se prevê grande animação. Consta-nos que dele fará parte a modinha "A lua se desata", letra do poeta Ignacio Carvalho e musica do nosso apreciado artista Adelman Corrêa, o qual, ao que tambem nos consta, tomará parte no concerto da noite de 30 do corrente.

A "Revista Maranhense" agradece o convite que lhe foi dirijido e espera que o publico desta terra faça jus aos meritos de tão aplaudida artista.

Ficam em nosso poder diversos artigos para publicarmos no proximo numero, entre os quaes: —«Comendadeira», de Osmundo; «Fantazia», de Veris; «Novo metodo de equação, do prof. José A. Corrêa, por haver sahido errado na nossa edição passada; o «discurso» do nosso representante José Vasconcellos, pronunciando no tumulo do escritor Antonio Lobo, e um artigo do nosso ajente Antonio Bastos.

FLORILEGIO POETICO

CONTRASTE

Ao João V. Abreu

O homem sofre no mundo a desventura
Desta vida nefasta e desditoza,
E sente imensamente essa amargura
Que atormenta esta vida pressuroza,

Porém, segue em conquista da ventura,
Julgando a vida um dia venturoza,
Mas ocorre-lhe ser a sepultura,
A mesma vida que se diz ditoza...

E assim se vae seguindo, mas um dia,
Com as flôres da existencia entristecida,
Converte-se o pezar numa alegria...

E parte inverso de sua triste sorte
As flôres que enfeitaram outróra a vida,
São hoje as mesmas que lhe enfeitam a morte

S. Luiz — **Astrolabio Caldas**

AS DUAS ARVORES

Foram ambas, n'um dia, ali plantadas,
por traz de abandonada capellinha,
e tanto se esgalharam que a tardinha
a sua sombra lembrara um lar de fadas.

Tinha as suas folhas quasi entrelaçadas,
uma copa de outra bem juntinha,
dir-se-ia que uma n'outra se sustinha
ou n'um só duas arvores brotadas.

E ambas amplas, belas, verdejantes
pareciam enlaçadas dois amantes
n'uma caricia que seduz e enleva.

A sua sombra tem o frescor da aurora...
Foi junto de iguaes arvores que outr'ora
Adão adormeceu beijando a Eva.

Franklin de Menezes

NO CAMINHO DA VIDA

Nutre o calor do sol, viva esperança
Do que o sonhador em pensamento
Busca triste na vida — uma lembrança
Que lhe escapa feliz no sentimento...

Se procura um descanço, não descança;
Anda curvado ao peso do tormento:
— E' preciso viver sentindo a lança,
Com que se vae vencer o soffrimento!

O Sol, tem novo brilho! Nova luz,
Tem a vida mui feliz, glorificante,
Aquele que ao trabalho se conduz.

Ele põe-se a pensar a cada instante,
Na lembrança da vida que reluz
N'aquele sentimento, que é constante!

A. Machado

BIBLIOTHECA PUBLICA do ESTADO DO MARANHÃO

PELA VIDA

Não caçoes de mim, que meu destino
Tem momentos crucis, mas é sandozo:
Hoje vivo sozinho e tenebrozo
Por dezerto caminho, atróz, ferino;

Mas amanhã, tu sabes si ditozo
Eu torne a ser? — Tu sabes se um divino
Descanço, um dia alegre, diamantino,
Torne eu fruir e ser um venturozo?

A vida é um panorama! Hoje nos forma,
A tristeza féroz do mal que temos,
Um turbilhão de lagrimas e dôres.

Amanhã, este quadro se transforma!
— E, em vez da amarga sorte que tememos,
Outra sorte nos surje em rizo e flôres!

Do livro «Noturnos» — **Clemente Guedes**

PANORAMA

Manhã de Abril. Dos rozeirais na rama
Há um gorjeio palpitando em flores!
E a floresta no ceu de seus verdôres,
Desdobra-nos fiorente panorama!

Tudo é alegria! Os passaros de côres
Lindas, refletem na doirada chama
Que, lá do alem, o novo sol derrama
Sobre a terra em seus raios multicôres!...

Manhã primaveril! Tudo flameja!
Canta a calhandra — a briza canta e beija
Dos riachos, as aguas cristalinas...

E eu fico a contemplar esta harmonia!
Emquanto canta a doce cotovia
Lá no regaço etéreo das campinas!

Do livro «Noturnos».

Clemente Guedes

VERSOS ANTIGOS

Senti meu peito palpitar agora...
Receio, porém, amar. Mas como sois
Divina e pura e candida, senhora,
Quero adorar-vos, aceitai-me, pois.

E' muito grande o amor que me devora!...
Mas vos receio falar: Porque depois,
Posso ficar desiludido, embora:
Mostreis que o amor existe entre nós dois.

Recebo transmissões — as vossas — a esmo...
Compreendo tudo, olhares —, mas me esquivo
De dizer o que estou por vós sofrendo...

Adoro-vos por isso, oculto mesmo:
Quero viver morrendo como vivo,
Não quero a morte como estou vivendo!

Grajahú — **Orestes Mourão**

O Mez social

D. AMELIA MONTEIRO

No dia 13 do corrente passou-se o aniversario natalicio da exma. sra. d. Amelia Monteiro, progenitora do nosso colaborador José Monteiro. Recebeu, por esse motivo, muitas felicitações das pessôas amigas que compareceram em a sua residencia á praça da Alegria, 5.

Houve, á noite, uma "soirée", que se prolongou até ás 2 horas da madrugada.

O "Doré Club", de que é socia, se fez representar.

Enviamos á aniversariante e ao tenente Bernardo Monteiro, seu esposo, e aos demais membros da familia, os nossos parabens.

DR. JOSE' BARRETO DA COSTA RODRIGUES

Procurar no ambiente da vida publica ou particular do dr. José Barreto, esmiuçar detidamente todos os seus atos e toda a sua ação, é escrever em letras doiro um album de honestidade e patriotismo altruistico.

A "Revista Maranhense" em ser indepente e partidaria do soerguimento moral e intelectual desta terra, só levantará a sua humilde voz, para proclamar bem alto aos seus leitores quaes os exemplos de virtudes dignas de admiração,

Assim, o que mais nos envaidece, é que não somos só nos desta modesta tenda que, assim pensamos; pois, ainda está positiva a confiança que lhe depositou o povo maranhensé, sufragando-lhe o nome, livremente, nas ultimas eleições para deputados federais.

Com estas ligeiras palavras então, julgamos nos ter desobrigado de um dever e efusivamente enviamos, ao illustre aniversariante do dia 19, os nossos sinceros parabens.

DR. LUIZ DOMINGUES

Satisfeitissimos, aqui nos achamos, por vermos o illustre deputado pelo Maranhão, ha muitos annos, o dr. Luiz Domingues completar mais um anno de existencia florida. Amigo da mocidade sempre se mostrou e a prova disso ele nos deu e nos tem dado não só quando esteve como governador do Estado, más tambem, todas as vezes que aqui chega, depois de terminar os trabalhos parlamentares.

Distingue-o muito a qualidade de democrata de que é possuidor.

Nunca perseguiu o pobre nem o rico.

No tempo, em que esteve no nosso governo, tudo fez pelo proletario. Sempre que aqui vem não se esquece do seu Turiassú, terra que ele adora, pois lá, teve o berço, pois nessa região banhada pelo rio do mesmo nome viu surjir suas esperanças de moço forte e intelijente.

Ao illustre deputado pelo povo do Maranhão desejamos que continue a fallar pela nossa terra, produzindo discursos como o de 20 de outubro do ano passado, em que se apresenta como defensor interessado dos nossos direitos.

JOSE' MONTEIRO

Este nosso companheiro de trabalho viu transcorrer, a 23 do corrente, entre as alegrias de seus progenitores e irmãos, mais uma data do seu natal.

José Monteiro ocupa merecedoramente a cadeira de professor do Aprendizado Cristino Cruz e serve de secretario no mesmo estabelecimento. Tem demonstrado a sua intelijencia nos artigos que constantemente publica neste periodico.

A "Revista Maranhense" envia ao Monteiro, pela passajem do seu aniversario, os seus cumprimentos.

DR. JOSE' VIANA VAZ

A efemeride rojista, a 21 de junho, o aniversario do sr. dr. José Viana Vaz, que, na qualidade de juiz seccional, representa o apostolo da justiça.

A "Revista Maranhense", registando esse evento, envia ao sr. dr. Viana Vaz os seus respeitozos cumprimentos.

DR. GODOFREDO VIANA

A 14 do corrente transcorreu o aniversario natalicio do sr. dr. Godofredo Viana, que, honrozamente desempenha as funcções de juiz substituto seccional.

A "Revista Maranhense" cumprimenta-o pela passagem de tão venturoza data.

VIAJANTES

Deu nos o prazer de sua vizita o intelijente moço Izaac Ferreira, viado de Grajaú, onde exerce um dos cargos de redator d'"O Telescopio", jornalzinho manuscrito que se publica naquelas plagas

Abraçamo-lo.

—Esteve em agradavel palestra na nossa modesta tenda o sr. Antonio Bastos, redator-chefe de "O Correio de Pindaré, jornal que se edita no municipio do Enjenho Central, e que é orgam do "Gremio Civico Luiz Domingues, ha pouco fundado nessa localidade.

Cumprimentamo-lo.

DR. BARBOSA DE GODOIS

Embarcou para a Capital da Republica, em um dos primeiros vapôres que por aqui passaram, o dr. Barbosa de Godois, nosso colaborador, que, muitas e muitas vezes, tem proporcionado ao leitor belos e admiraveis escritos quer em proza quer em verso.

O dr. Barbosa de Godois foi acompanhado de sua estimada filha, senhorinha Nair Godois.

Antes de seguir compareceu ao Liceu Maranhense, onde apresentou as suas despedidas aos alunos e alunas desse estabelecimento.

Falaram o prof. Nascimento Moraes, pelo curso ginázial, e o prof. dr. Alfredo de Assis, pelo corpo docente do curso profissional.

Ambos teceram elojios justos ao dr. Barbosa de Godois, lente de Pedagojia e Higiene Pedagojica, de cujas cadeiras se apozentou.

Seguiu em tratamento de saude, indo rezidir em um predio á praça de S. Luzia, 1180, onde aguarda as ordens dos seus amigos.

Ao seu embarque compareceu crescido numero de alunos e pessôas conhecidas.

A "Revista Maranhense" deseja-lhe bôa viagem.

FALECIMENTOS

Faleceram, nesta capital, os srs. cel. Hermenejildo Jansen Ferreira, que ocupou elevados cargos no tempo do Imperio; Joaquim José Rodrigues, pai dos srs. dr. Leoncio Rodrigues, procurador geral do Estado, e Nelson Rodrigues; cel. Adriano de Brito Pereira, um dos mais zelosos apostolos da religião catolica, e José Baltasar Pereira, proprietario da caza de armadores "Baltazar & Filhos".

Pezames aos seus parentes.

JOAQUIM DE FREITAS MACHADO

Noticia vinda por telegrama particular, sabemos ter sido nomeado, a 9 do corrente, chefe da sua turma de anula, no "Colegio Militar", por merecimento de conduta e aplicação, o jovem Joaquim de Freitas Machado, filho do nosso bom mestre e colaborador Domingos Machado.

Freitas Machado fez, brilhantemente, os exames de todas as materias de admissão no "Colegio Militar", no dia 15 de abril do corrente ano.

Nós, da "Revista Maranhense", que o temos como um jovem futurozo, mandamos-lhe daqui os nossos parabens.

As nossas ajencias

Do jovem e intelijente poéta Orestes dé Azevedo Mourão; nosso ajente em Grajahú, recebemos uma lista com as seguintes assinaturas: Snr. Cap. Manoel Domingues, Cap. Józé Rodrigues Lopes, Severo Gomes Ferreira, Berilo Lima, Manoel Léda, Celso Santana, Luiz Rodrigues e Jaime da Costa Nunes.

—Agradecemos.

Orestes Mourão e o intelijente moço Izaac Ferreira, devido não haver ainda naquele municipio uma tipografia, publicam um apreciado jornalzinho manuscrito denominado «O Telescopio, o qual já se vae tornando bastante procurado pelos habitantes daquelas plagas sertanejas.

—O distinto moço Manoel Rodrigues, nosso estimado ajente em S. Benedito, remeteu-nos uma lista com as seguintes assinaturas, snrs. Francisco Lima Aguiar e Paulo de Souza Mesquita—Gratos.

Ajentes no interior e exterior do Estado

Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Arari—Sr. Domingos Bastos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falcão.
Caxias—Snrs. Abreu & Comp.
Rio de Janeiro—Sr. Amilcar Serra Pinto e Silva.
Belo Horizonte—Minas—Bacharel João Caldas.
Cametá—Pará—Sr. Tobias de Souza Revoredo
Terezina—Piauí—Sr. Edson Moura.
S. Gabriel—Amazonas—Sr. Eduardo de Oliveira Neto.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira Guimarães
Chapadinho—Sr. Manoel L. Fernandes.
Grajahú—Snr. Orestes de Azevédo Mourão.
Viana—senhorinha Maroca Nogueira.
Barro Vermelho—Profa. Filomeoa Silva.
Sta. Quiteria—Sr. Generciado Pedroza.
Cururupú—Sr. João C. Abreu, filho.
Ponte-Nova—Snr. Manoel Rodrigues.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Cantanhede—Sr. João Rodrigues
Floriano—Piauhí—Dr. Raimundo Ramos.
Turi-Assú—Prof. Adaljiza Feques.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Alcantara—Snr. Crispim Maciel?
São Benedito—Snr. Manoel Rodrigues.

SOCIOS COLABORADORES

José Monteiro, Astrolabio Caldas, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira Guimarães, Antonio Mariano Gomes, João Caldas, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Antonio Machado, Manoel Fernandes, Benicio Rodrigues, Ruben Almeida, Francisco Santos, Elpidio Santos, José Vasconcelos e José Gomes.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Araceá Fernandes, Zenaide Prado, Nair Pinheiro, Silvia Castro, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Conceição Batista, Izabel Araujo, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela Altiva Smith, Etelvina Vasconcelos e Nizoca Nunes.

"Farmacia do Norte"

—Praça João Lisbôa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubiaat, Antigal, Bromil, Balsamo, Café Nauegante, Café Beirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opodeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Raiz, etc. etc.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada

pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 1.008.557$000

Rezultado do 76 sorteio da 1.ª Serie (A) a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 socios.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.° N. 2506—José Maria Bragança Junior, rua da Mangueira, 27.

2.° N. 3999—Filhos de Raimundo Alves de Freitas, rua de Alecrim, 23

3.° N. 58 — D. Candida de Marreiros de Carvalho Lemos, residente em Therezina.

4.° N. 918—D. Laurentina Rosa dos Santos, rua de S. Pantaleão, 142.

5.° N. 901—Francisco Ferreira Barbosa, rua do Despontão, 46.

6.° N. 564—Abrhão Ismael, residente em Coroatá.

7.° N. 266—D. Hero Maria da Cunha, rua Osvaldo Cruz, 80.

8.° N. 2754—D. Eduarda Josefa da Silva, rua das Flores, 19.

9.° N. 1838—Filhos de Francisco Coêlho de Aguiar, rua Osvaldo Cruz.

10.° N. 2988—Antonio Ribeiro de Macedo, residente em Alcantara.

CASA NO VALOR DE RS. 1.000$000

278—D. Rosa Francisca Godinho, residente em São Luiz Gonzaga.

Maranhão, 15 de Junho de 1918.

Claudino Neto

Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraizo, Director-Gerente.

Novidades

CINTAS SAUDE
Ditas COMODIDADE São as melhores

Sabonete NEW-YORK, o melhor para o boucador e para o banho.

Sabonete de AGUA de COLONIA.

Sabonete de BENJOIM

Sabonete PEAR'S, ns. 2 e 3.

Todos estes artigos acaba de receber e tem á venda, por preços bastante reduzidos, porém a dinheiro, a loja

O "Brazil"

Rua Oswaldo Cruz, 33. *Telefone 75.*

Neme Munaier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais?

—Dezejando comprar algumas coizas, não encontro uma caza comercial que me agarde...

—Que novidade! O amigo, a procura de uma caza !!!..

- Então as tuas reticencias me fazem crér que conheces alguma bôa...

—Se conheço?... Está claro. A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

—Onde?

—Vem comigo!...Lá tu verás... **bons brins, chapeus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerólas, meias, estratos de diversas qualidades, sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas para dentes, toalhas-paninhos,** enfim uma infinidade de outras coizas que elevendem por preços nunca vistos...

—Vamos, depressa. Está muito longe?

—Não. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz, 19 ou então na rua do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

OURIVEZARIA PEROLA

De José L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Adereços, meios-adereços, e Ares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para pencenez, porta-leque, voltas de coral, teteias etc.

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz 9 Rua Oswaldo Cruz 9

JULHO

Quazi tudo geralmente no mundo tem a sua lejenda; vejamos, pois: Eis aí o mez de julho que a principio foi chamado Quintilho *porque no calendario de Rómulo era ele o quinto mez do ano, sendo, porém, depois chamado pelos romanos* julho, *em honra a Julio Cezar, fundador do Imperio Romano, e considerado não o quinto mez do ano, porém o setimo, como ainda o é hoje.*

E' neste mez que todos aguardam a vinda do esplendoroso luar de agosto, tão tradicional, e é tambem o mez em que a egreja catolica escolheu para festejar o glorioso S. Benedito, um dos Santos de maior devoção, e são assinaladas duas duas gloriozas datas: o 14 de julho, dia em que se tornou livre e independente o povo americano, e o 28, dia em que se romemora a «Promulgação da constituição do Maranhão».

O simbolo de julho entre os passaros é a aguia; entre os astros, jupiter; entre as arvores, o carvalho...

Prosegue em paz a tua viajem de 31 dias, julho! — A. C.

S. Luiz do Maranhão -- Julho de 1918

DIRETOR INTERINO
Astrolabio Caldas

REDATORES
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes

REVISOR
José Vasconcellos

THES. INTERINO
Eenicio Rodrigues

Redação
Rua Afonso Pena, 6

REVISTA MARANHENSE

ANNO 3 — NUMERO 29

Publicação mensal

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO MARANHÃO

Assinaturas

ANUAL

Capital . .	2$000
Interior . . .	2$500
Exterior	3$000

SEMESTRAL

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200

(Tirajem 500 exemplares)

SUMARIO

Um amigo da mocidade — Redação
Castelos no ar José Augusto Correia.
Discrente Dr. Oscar Galvão
O Riso — Paulo Guimarães
Comentarios Osmundo
Florilejio Poetico — Diversos
Fantazia — Venia
Pela Producção Nacional - S. E. Vieira Souto
Engenho Central — Antonio Bastos
Ainda o sr. Lessa — José Leopoldo
Divina — Orestes Mourão
Tres datas - Redação
Raul Astolfo Marques Redação
No ezilio — Clemente Guedes
O concurso da "Revista" — Redação
O mez social, etc., etc.

Ajentes no interior

e exterior do Estado

Pedreiras Sr. José Castelo Branco.
Arari Sr. Domingos Bastos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falcão.
Caxias Snrs. Abreu & Comp.
Rio de JaneiroSr. Amilcar Serra Pinto e Silva.
Belo Horizonte- MinasBacharel João Caldas.
CametáPará—Sr. Tobias de Souza Revoredo
Terezina—Piauí—Sr. Edson Moura.
S. GabrielAmazonasSr. Eduardo de Oliveira Neto.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira Guimarães
Chapadinha Sr. Manoel L. Fernandes.
Grajahu—Snr. Orestes d Azevêdo Mourão.
Viana—Senhorinha Maroca Nogueira.
Barro VermelhoProf. Filomena Silva.
Sta. Quiteria—Sr. Gumercindo Pedroza.
CururupúSr. João G. Abreu. filho.
Ponte-Nova—Snr. Manoel Araujo.
Enjenho Central—Snr. Adtonio Bastos.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Cantanhede -Sr. João Rodrigues
Floriano—Piauhi—Dr. Raimundo Ramos.
Turi-AssúProf. Adaljiza Feques.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Alcantara—Senhorinha Clotilde Berniz.
São Beacdito—Sn . Manoel Rodrigues.

SOCIOS COLABORADORES

José Monteiro, Astrolabio Caldas, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes Estolano Polari, Paulo Ferreira Guimarães, Antonio Mariano Gomes, João Caldas, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Antonio Machado, Manoel Fernandes, Benicio Rodrigues, Ruben Almeida, Francisco Santos, Elpidio Santos, José Vasconcelos e José Gomes.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Araceá Fernandes, Zenaide Prado, Nair Pinheiro, Silvia Castro, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Conceição Batista, Izabel Araujo, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela Altiva Smith, Etelvina Vasconselos Nizoca Nunes e Iolanda Paraizo.

"Farmacia do Norte"

--Praça João Lisbôa, 12,--

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal, Bromil, Balsamo, Café Nauegante, Café Beirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opodeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher. Sulfato de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Ramz, etc.

MARANHÃO -- JULHO DE 1918

ANO 3 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 29

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Um amigo da mocidade

Ha momentos de alegria geral. Por um desses, passou a mocidade estudiosa, no dia cinco do corrente, em que o prof. Domingos Affonso Machado se aniversariou. Como nos annos passados, essa mesma mocidade não poude, neste, solenizar, como queria, a data natalicia do mestre querido, que se acha de lute. Aguarda-se para o anno vindouro.

Nem por esse motivo á sua rezidencia deixaram de comparecer estudantes, representantes de todas as classes, que lhe foram levar os seus parabens.

Alma carinhoza é a sua e coração bem fazejo, o seu. Não se embrenha pela politica. Cuida da instrução de que é apostolo. Gosta de ensinar os que o procuram. Os pobres recebem dele, de quando em quando, a esmola pedida, o auxilio implorado. Recomendam-no seu proceder moral e sua educação lucida recebidos de aqueles que lhe deram o ser.

Aprendeu com Sotéro dos Reis, a lingua portugueza, de que é professor vitalicio, no Liceu Maranhense. Entrou para esse estabelecimento mediante concurso, brilhantemente prestado.

Muito escreveu em «O Pensador», jornal importantissimo, que circulou na nossa terra.

Não quiz formar se em direito, chegando somente até ao terceiro ano.

Em innumeros colejios, tem lecionado, bastando citar-se o Seminario das Mercês, o colejio de Nazaré (d. Roza Nina,) o da Conceição (das d. d. Adaljiza e Eujenia Serra), o colejio de Santa Rita de Cassia (de Domingos Costa), a Escola Normal, o colejio de Sant'Ana (de d. Raimunda Miranda, das Rozas) e no Liceu Maranhense.

Fundou ha muitos annos o Instituto S. José, um dos estabelecimentos de instrução de longa existencia, que se conta, em S. Luiz.

Com as letras D. M. A. publicou «As Questões Praticas», auxiliar do comerciante.

Nós modestos trabalhadores, nesta «Revista», levamos tambem ao mestre querido as nossas mãos cheias de flores.

Castellos no ar

Começa este homem a juntar dinheiro; a ambição cresce dia a dia, nunca lhe basta o monte de ouro; vê aos seu semelhantes com desprezo ou como mera industria, que elle explora; torna-se cruél, sordido, incapaz de parar no seu delirio pelo ouro.

Aquelle cega-se, deslumbra-se pelo fausto, pela grandeza; arrasta-se como um reptil e vae-se agarrando já a este já áquelle galho; vae soffrendo humilhações, mas afinal attinge ao seu fim: occupa uma posição elevada, deslumbra, quando não seja pelo talento, porque a gralha veste pennas de pavão.

Aquell'outro (oh! reparae bem naquelles gestos e a tudado) tem o andar de rei, mora em palacio, veste-se nobremente, traz brilhantes que ornão a sua pessôa, falla gesticulando, chamando a attenção sobre si e diz todo vaidozo: Oh! como todos me admiram!

Ainda este tem uma pequena tintura, um quasi nada do saber humano e supõe que é um gem; ele mesmo diz a todos o que é, o que vale, segundo o seu conceito que o eleva muito além do seu valor real. Escreve uma cousa commum, já dita e redita, e supõe que descobrio a maior novidade do seculo. Toma ares de importancia, gestos de grande homem.

Pobres creaturas, revivem sempre o empenhoso D. Quichote, com as suas chimeras; e como elle, soffrem afinal desenganos e desilluzões de tudo que é vaidade e ambição nesta vida.

Se, antes de se abeirarem da morte, tudo lhes corre perfeitamente bem, no fim da comedia humana sentirão com certeza o vacuo, a inutilidade de tudo isso. O unico valor do homem está no bem que pratica.

Sim, o avarento olha para traz e diz: Oh! vou perder tudo, e nenhum beneficio fiz!

O vaidoso: Oh! que me valeram distincções e honras!

O falso sabio: Supuz que deslumbraria a todos; e amanhã estarei esquecido!

E eu, vendo tantos desenganos, só me lembro do esqualido D. Quichote finando-se:

Oh! Sancho, oh! escudeiro, ainda presto, traze-me a lorisca, vamos continuar o nosso caminhar continuo, vamos...

E nisto dá o ultimo suspiro, o ultimo alento, com o seu riso de criança, na frase de Gonçalves Crespo.

E assim se terminam um a um todos os nossos sonhos, todas as nossas chimeras, todos os nossos erros.

José Augusto Correia

FACULDADE DE DIREITO

O snr. secretario da Faculdade de Direito honrou-nos com um oficio em que nos comunica a fundação desse estabelecimento, a 1º. do corrente, e envia-nos tambem um folheto contendo o regulamento da sociedade organizadora.

Gratos.

O Discrente

Sem arrimo, sem patria, sem familia
Meu Deus eu vivo sò, o
A donzela que no mundo eu mais amava
De mim não teve dó.

Abandonou-me... e qual corça pressurosa
Fujiu... despareceu
E eu vivo neste mundo sem conforto
Cruél destino o meu.

Amor, cruél amor, fugaz relampo
Oh! meu doce viver
Porque deste a libar ao pobre v te
A taça do sofrer.

Porque o abandonaste oh! ingrato amor
N'esta doce iluzão;
E o fizeste tragar gota por gota
O fél da maldição.

Maldito seja o dia em que nasci
Entre paz e amor;
Maldita seja a hora em que eu vi
Do sol, o resplendor.

Eu não posso viver mais n'este mundo
Onde a torpeza reina;
Onde a justiça humana ao rico poupa
E ao pobre só condemna.

Eu não posso viver onde o tirano
Sentroniza impudente;
Onde a virtude é sonho e a liberdade
Fulgura raramente.

Onde a virjem com pranto refalsado
Ao homem jura amor;
E depois... borboleta foge e vóa
Em busca d'outra flór.

Maranhão, 10 de Junho de 1918.

Dr. Oscar Galvão.

O Riso

AO MAESTRO ADELMAN CORRÊA

A vida do homem é muito triste, parece alegre, porém é pura ilusão, porque é sempre um baratro intrincado.

Mas, que queremos nós? Não somos nós, os homens, os unicos animaes que têm o dom dulcissimo de rir?

Rir é e será sempre proprio do homem. Se, não tivessemos o riso o que era o animal homem? Decididamente um animal comum? Uma estatua sem graça, sem nobreza, sem vida!!.

Bemaventurado os que riem!

Porque o riso é vida e saude, força e mocidade, beleza e graça.

Bemaventurada seja tu tambem ó divino Cervontes! tu e o teu companheiro amigo D. Quixote!

O riso é a alma do homem, é o rozeiral da vida. O homem que não ri é um tumulo obscuro.

O riso tem a sua relijião e a sua filoscfia. Pelo riso de um homem se conhece a sua moral.

Adão não rio, por isso, foi o mais feio dos homens..

Paulo Guimarães.

Comentarios

Desde quando faço parte de sociedade literaria que venho notando essa falta de solidariedade entre as conjeneres. Mas, isso não se pode explicar o motivo, não ha verdadeiramente um ponto em que nos possamos fazear, porque todas só têm um fim. o ideal é um só e, sendo assim, porque não há solidariedade?

O que eu quero explanar hoje é o convite aos *representantes de todas as sociedades literarias*, feito pela diretoria desta Revista e publicado na «Pacotilha» de 7 do corrente, para uma reunião na nossa redação, afim de se promover os festejos em comemeração ao 2.º aniversario da morte do saudozo mestre Antonio Lobo.

Dentre as 3 sociedades literarias existentes nesta capital não se fez reprezentar nenhuma, só comparecendo o diretor d' O Postal» (este periodico não pertence a sociedade literaria).

Se rezolvemos comemorar este ano essa data, 21 de junho, foi pelo simples facto de um membro da *União Silvio Romero*, snr. Carlos Macieira, haver dito ao diretor d' O Postal», snr. Luiz Silva, segundo nos dissera este, que a *União* este ano não promoveria os festejos. Mas, no dia seguinte ao que saiu na «Pacotilha» o nosso convite, veio uma noticia dessa sociedade como que reclamando contra o nosso to.

Proseguindo no seu comentario digamos que essa proveitoza sociedade não se fizesse reprezentar na nossa sessão julgando talvez que competia unicamente a si comemorar essa data, de acordo com o compromisso prestado após a morte do mestre, conforme dissera pela «Pacotilha» de 8 de junho.

E a ilustre sociedade *Barão do Rio Branco* porque não se fez reprezentar na nossa reunião e nem compareceu ás solenidades do dia 24, promovidas pela *União* á memoria do mestre? Pois não é a Sociedade Rio Branco que ha bem pouco tempo lastimava-se dizendo que «depois da morte do mestre Antonio Lobo a mocidade se debate num tremendo regresso moral intelectivo sem haver quem a detenha?» etc..

E como agora não se incorporou a nós e ás sociedades literarias afim de conjuntamente comemorarmos o seu 2.º passamento?

Era chegada a vez da Sociedade Rio Branco» render tambem o seu tributo de gratidão, já que o mestre em vida tantos serviços prestou á mocidade, o que não negaremos.

E a outra, a *Academia Maranhense*, a quem mais do que nenhuma outra emule relembrar o nome dos grandes escritores, principalmente em se tratando de Antonio Lobo que foi um socio fundador, que dizer? nada, não se fez tambem reprezentar nem nas solenidades...

O que nos falta é aliança!

Lembrae-vos que na união faz a força!»

Para prova evidente temos em vista as naçoes que ora combatem; unirão-se a outras e até agora têm lutado valorozamente... E, se não fizessem aliança? Talvez que a nação que, para bem do Universo, deverá ser vitorioza, já estivesse aniquilada!

Si a «Revista Maranhense» pretendeu promover taes festejos foi somente para não passar despercebida a data de 21, porque isto aqui não é uma associação de letras, é uma Revista literaria a quem menos que aquelas compete promover festas em homenajem á memoria dos nossos escritores.

Mas, comtudo, sejamos de hoje em diante solidarios!

OSMUNDO.

FOLHETIM POETICO

CEU E TERRA

I

Rufia no espaço as asas cor de rosa
A aurora, e sua luz retine e canta
Vibra, refulge, brilha, vigorosa
—Oiro e prata a cantar numa garganta!

Flavo bem ver do azul a victoriosa
Chamma da vida, em tanta, ceu em tanta
Côr doirada, esplendida e formosa,
—Vivo lume fecundo em gleba a santa!

Imagens brocatellam-se, bizarras,
Na purpura guerreira e no marmóreo
Dos cuidados relevos e das barras..

E a vida, á gradação de tons, sonora,
A' profunda grandesa do cibório
Desperta envergonhada, anceia... e cora!..

II

Morre no occaso o passaro do dia,
O rùtilo cantar da luz eterna!
Todo o aviario terreno se prosterna
A ecompanhar-lhe a musica sombria.

Perennemente, lucida irradia
A orquestração de Deus que cile governa...
Desde a montanha á lugubre caverna,
O esplendor tropical desta agonia.

Sangrarejam nos campos e nos prados
Seus láridos acordes cheio de uma
Vam tristeza de mármores quebrados...

Vibram no Azul as musicas nocturnas
E a fera humana, truculenta, espuma
Lib'dinosa nas esconsas furnas!...

Nascimento Moraes.

A MINHA PATRIA

Oh! Patria; que de magico praser
Invade o peito meu, quando em ti penso!
Esqueço tudo que me faz sofrer,
Oh! terra minha, de explendor imenso!

Patria! por ti, crê, morrerei sorrindo,
Por ti tambem eu viverei chorando;
Oh! Patria minha, que martirio infindo
Deste meu peito por viver te amando.

Distante, além, na curva do horizonte
Eu diviso não sei que estranho vulto...
Ah!... não te assustes, coração, é um monte.

Não conheças do pranto a desventura
Oh! Patria! que eu te possa prestar culto
E' das venturas a maior ventura!

S. Luiz, 17—7—1918.

Yolanda Paraiso.

CORAÇOIS

Coraçõis que, de pranto e de tristeza,
Viveis por este mundo abandonados,
Arrastando a corrente dos pecados
Pela luta sem tréguas da probeza;

Coraçõis dos ficis apaixonados...
Murchas flôres sem cheiro e sem beleza.
Encapadas da mão da natureza,
Desconsóladas, tristes, sem noivados;

Vós ó vidas sem almas e alma sem vida
Que, dentro da existencia entristecida,
Sentis do mundo o golpe da amargura;

Vós, que andais por desertos sem ventura,
Sois, em meus dias crentes e, rizonhos,
Os simbólos doirados de meus sonhos!

Do livro «Noturnos» **Clemente Guedes.**

VERA

Quando eu partia, a fronte lhe tomando
n'ela depuz um beijo, em despedida,
um beijo paternal, d'alma sentida
que a saudade já ia amargurando;

Passaram anos e a creança meiga
que eu deixei sorridente e desnudada,
como a florinha que brotou na veiga,
expandia-se alegre e perfumada

Veiu ver-me e eu, fitando-lhe o semblante,
onde bailavam doudamente os risos,
vi a mesma candura e olhar confiante

E a menina em que outr'ora um beijo eu déra
beijou-me a fronte alegre, entre sorrisos,
sempre inocente e encantadóra a Véra!

Rio, junho **Franklin de Menezes.**

SAUDADE ARREPENDIDA

(A quem couber)

Triste saudade dada por lembrança
No cruél momento da separação!
Fiscalizaste bem sem mais tardança
A quem supunham não ter coração;

Outr'ora, fôste viva de esperança,
Cumpriste com fieldade a tua missão,
Hoje, estás murcha; pois, essa mudança
Deve ser filha de púra traição.

Esta, ainda existe vil e alcandôirada,
Perniciosa nessa alma inda noviça,
Arrependendo a flôr santificada.

Deixa que siga a marcha aterradôra.
Perdôa! Porque, assim faz alma castiça
Procurando fujir dalma traidôra.

junho 1918 **JAB.**

Fantazia

Ele emana de uma pequenina e perene vertente, cujas aguas vão se acumulando e abrindo caminho para leito até formarem um rio de largura e profundidade bastante consideraveis.

As margens deste rio são cobertas de abundante vejetação, de um vérdor constante, e matizada de innumeras flôres de suaves perfumes. Na relva fresca passeia mariscando, grande variedade de passaros, que, de vez em quando, se levantam alijeros, e vão pousar no cimo de magestozas palmeiras e em frondozas arvores de troncos robustos, qce ornam as ribas do rio. Este não tem direção exata; em alguns trechos descreve prolongadas sinuozas, e em outros desliza em linha reta. Na sua carreira ininterrupta, ora lenta, ora apressada, vae cortando extensos campos e florestas e levando todos os empecilhos que se lhe deparam, constantemente, até lançar-se no oceano,

Aqui, é uma velha arvore colossal, que com as raizes já gastas pelas aguas e o tronco já carcomido pelo tempo, segue impelida pela correnteza, até ficar completamente esfacelada; ali, um roble gigantesco, com sua fronde esmeraldina e florida, que cedeu ao trabalho das aguas; acolá, uma grande pedra que se baloiça saculejáda pelas vagas e depois, completamente sôlta das rochas onde se fixava, vae descançar no fundo do rio; e os cardumes de peixes de diferentes tamanhos, cujas escamas prateadas e doiradas reluzem á flôr das aguas, contentes com a imensidade de seu reino

As suas aguas ondulantes têm reflexos arjenteos e parecem recamadas de aljofares e finissimas pedras preciozas, quando o astro rei, desembaraçado de qualquer nuvem que venha empanar-lhe o brilho, incide sobre elas os seus raios luminozos; quando o céu deixa pairar no cristalino azul, nuvens de chuvas, elas tornam-se tambem turvas como o aspecto dele; se o dia vem raiando, ou vae morrendo, e, no espaço infinito, aparecem os estratos, então, retratando fielmente as côres belissimas e cambiantes dessas nuvens, elas adquirem um aspecto majestoza e sedutor.

Quando a lua surje no horizonte, produz em suas aguas, cintilações suaves que dão a impressão de um manto bordado dos mais finos lavores, e marchetado das mais preciozas gemas.

Sendo a surperficie das aguas o espelho do ceu, ela reproduz delincadamente os multiplos e variados panoramas que ele nos oferece a todos os momentos.

Cortando vales, intrometendo-se pelas montanhas ou despenhando-se em formozas catodupas, este rio é como uma serpente imensuravel, que esconde em seu seio um abismo, em que se desenvolvem milhares de séres linfaticos.

O sussurar constante das suas aguas limpidas e serenas é como o arrulho angustioza de rôla apaixonada, cujo terno espozo foi atinjido por ferina seta; mas, quando despertadas pelo fragor das tempestades, a sua voz torna-se cava e medonha; e então, demudando-se em dois segundos, conver-se instantaneamente em um monstro sequiozo de vitimas. Acalmada, porém, a tempestade, elas adquirem outra vez o mavioso e soluçado murmurio das harpas coleas.

Eis' pois, caros leitores, a palido descrição do mitologico Eridano, em cuja limfa amena, em inocentes folgusdos, banhavam-se as formozas Graças, irmãs de Cupido e filha da deusa da beleza e majestozas Venus - Aglaia, Talia e Eufrosina, e, outras divindades olimpicas.

1918.

Venia

Pela Produção Nacional

Da Secretaria do Aprendizado A. «Cristiano Cruz», recebemos as linhas abaixo:

Illustrada Redacção da «Revista Maranhense».

Estando o «Serviço de Producção Nacional» aparelhado para fornecer aqui, aos agricultôres, por meu intermédio, machinas agricolas, ferramentas, sementes e reproductôres de raças finas, pelo preço do custo, no Rio de Janeiro, correndo as despezas de transportes, até este porto, por conta do Ministerio da Agricultura, rogo-vos a fineza de publicardes que podem os interessados me procurar quando desejarem obter, mediante essas condições, os animaes ou os artigos constantes da lista junta.

O serviço póde ainda fornecer, posto aqui, tambem, enxôfre em canúdos facilmente reduzivel a pó, por 800 rs. o kilo e formicida «Capanêma» (sulfureto de carbôno) por 1$500 o kilo e ainda fornecerá sulfato de cobre e verde Paris para tratamento das molestias das plantas.

Peço-vos publicardes ainda; que o Governo Federal dará o premio de 30$000 por hectare cultivado de trigo e garante 3$0 rs. por kilo deste producto, posto no Rio de Janeiro.

As sementes que o «Serviço de Producção Nacional» fornecer neste Estado, por meu intermédio, serão grátis em quantidades diminútas, aos pequenos lavradôres e, mediante o pagamento na safra successiva ao fornecimento, de igual quantidade e mais 20 p. da mesma semente, aos que precizarem de maiores quantidades.

Agradecendo-vos o obsequio da publicacção pedida, apresento-vos os meus protestos de elevada consideração.

Saúde e Fraternidade

Franklin R. Viegas.

Commissario executivo da Producção Nacional, no Maranhão

Lista dos animaes, machinas, ferramentas e sementes a serem fornecidos pelo S. P. N.

Animaes

Porcos da raça Duroc Jersey

Bovinos das raças Guernesey, Jersey e Holstein (Hollandeza).

Machinas e ferramentas

Arados de Farqushar, de Oliver, de Ransomes, Grades, de varios typos, Semeadores Planet, de varios typos, Sulcadores de Oliver, Cavadores Planet, de varios typos, Ventiladores para cereaes,

6 bulhadores de milho, Forcados, Garfhos, Pás de aterro, Pás de cavar, Machados Collins, Foices de Collins, Chibancas de Collins, Enxadas e enxadões.

Sementes

Feijões brancos e de côr, para colhêta de grão seco, das mais afamadas variedades americanas (18 variedades), Sorjas (feijões dolicos) de 5 variedades, Feijões de Lima, de 4 variedades, Ervilhas para colheta de grão seco e para adubo verde de 8 variedades, Cow-pea, para colheta de grão e para adubo verde, de 13 variedades, Batatas, diversas variedades, Cebolas, 4 variedades, Amendoim, 2 variedades, Varias forragens, Alfafa, diversas variedades, Sórgo, 4 variedades, Insecticidas, sulfato de cobre, verde de Paris.

Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1918.

S. R. Vieira Souto.

Delegado Executivo da Producção Nacional.

Do nosso ajente no Enjenho Central recebemos o artigo abaixo, a que nos pede publicidade:

Pelo Enjenho Central

Vila S. Pedro

Não tinha em mira, nem a veleidade literaria me sujere a idéa, de escrever uma pequena serie sobre o fator do progresso e do desenvolvimento agricola d'aquelas futurosas zonas que muito devem á Martins Horta, mas sou forçado pela teimozia recalcitante dos que o cometeram imperdoavel attentado contra aquele importante estabelecimento, demolindo-o.

De momento a momento vai despertando a atenção publica e ganhando terreno—a questão do Enjenho sem Enjenho, isto é as terras outr'ora pertencentes á colonia dos indios Guajajaras, denominada S. Pedro—lá que se arroga o direito e dizem-se proprietarios os srs. Joaquim Julio Corrêa & C., importante capitalista, e comerciante nesta praça.

Oferece-se o ensejo de tratar-se minuciosamente desse assunto de magna importancia que ainda não foi ventilado, estudado e de todo esclarecido.

Mas certo estamos de que o Governo do Estado saberá se impor dentro das normas da razão, da lei e do direito que lhes são facultados, e que a imprensa criteriosa desta capital ha de nos conceder uma guarida em suas colunas e permitir que voltemos de novo a nos ocupar do assunto e a desvendar á opinião publica e sabiamente a indignação que a conduta dos ricos proprietarios, porém barbaros, que teem provocado no seio dos amigos sinceros e leaes do progresso, intimando-os até com a expulsão, com simonismo diverso do mal, como se depreende dos seus artigos bem suffragados, como se elles na qualidade de estranjeiros, fossem dentro do proprio paiz ricos Srs. e proprietarios como aludem e estivessem no meio de uma tribu de Indios, lá nos confins da Africa.

Antonio Bastos.

S. Luiz, 21 de Junho de 1918.

AINDA O SR. LESSA

Aqui nos achamos outra vez. A nossa auzencia era notada. Justificamol-a: pouco o espaço de tempo, que nos ficou, depois das nossas horas de serviço, nos dois ultimos mezes. Cientes estamos do que nos diz, em o «Atheniense» de 30 de abril, passado. A justificação foi muito boa. Agradecemos suas palavras. O sr. Lessa embrenhou-se pelo caminho da fantazia e... era uma vez. Doutrinas não impomos a pessôa alguma. A felicidade é de quem Deus dá, apregoam nossos avós. O excesso prejudica. Quem pede espera.

Somos humildes e modestos. Sabemos que toda a mocidade tem seu ideal. Sem ele seria incomprendida. Dai a luta pela sua existencia. O prof. Fernandes, de saudozissima memoria, de ha muito trabalhava para e com a mocidade. Conhecemol-o de perto. Ninguem, a não ser o sr. Lessa, enxerga regresso moral inteleitvo. Filiam-se a escolas literarias, somente, os que querem.

Cremos que nossos homens de letras se formaram na leitura de escritores sagrados. O mesmo poderemos fazer.

Para isso não é precizo proteção, basta ter-se vontade.

O sr. Lessa continue pelo caminho do Direito, onde sempre nos encontrará. Aqui ficamos.

José Leopoldo.

Divina

Com essas mil harmonias,
Tanto segredo disperso,
Deus, trabalhando seis dias,
Compôz o grande Univeres.
Fez luz, fez terra, fez mar,
E fez o azul firmamento.
E nele só num momento
Pôz tanta estrela a brilhar...

Sem dar seis dias, se quer,
Fez tudo e tudo rolando...
Mas p'ra fazer a mulher
Levou mais tempo pensando...
Te-la bonita e a compôz
Mais linda que a natureza!
Mais sua graça e beleza
Só fez quinze anos depois!...

A minha amada, porém,
—A mais formoza donzela—
Para faze-la tão bela,
Tão bela como ninguem,
Deus levou mais de mil anos
Na sua grande oficina
A concertar os seus planos
Para faze-la divina!...

Orestes Mourão

Grajahú

rês datas



BIBLIOTHECA PUBLICA

ivemos este mez tres feri dos importantes: 14 e 28, todos simbolizadores da liberdade ovo, que não mais conformar se podia com utoridade excessiva de monarcas, austéros, os e incendientes

Fala se, porque o Brazil é o paiz, onde se ta maior numero de f riados. Aconselha se se instrúa o povo, lendo lhe, todos os dias, agina de civismo, que a brilhanta seu passado glorias. O movimento devevir de cima. Não é o mestre primario que tem obrigação de inir no animo da coletividade o sentimento oderno, de Patria, de nação, de cooperatimo. De que serviria ensinal os se os podes constituidos deles não se importassem?

Vendo tudo isto, não soms contrarios á istencia numeroza, termo uzado, desses feria. s, em que a creança se diverte, efetuando us passeios á bonde, pelas ruas, que os posem ou então indo vizitar seu amiguinho de ula.

Falar se-ia com muita razão se não fe assem dias, que têm razão de ser e no entant passaram despercebidos pelo rejimem ecaido em 89.

O 14 de julho, parece, á medida que se pas. am os anos, ir sendo uma dara de comemoação Universal.

Irmanam-se os povos e o solenizam.

O Doré Club o comemorou condignamente. Houve uma sessão literaria, em que falaram os srs. Valdemiro Reis, Jozé Cordeiro, Jozé Goitaca, sendo finalizada por uma conferencia do nosso companheiro de luta, prof. José Monteiro sobre *A Revolução Franceza e Sua Repercussão Universal.*

Resta-nos falar do dia, em que, desfeitas todas as nuvens de fidelidade á coróa, carregadas pelos ventos fortes essas mesmas nuvens marcaram em nossa historia patria uma das pasajens mais grandiozas.

O escravocratismo f i se. Pessôa alguma quiz ir atraz [illegible] se [illegible] os projetos para o alicerçamento do edificio politico—s il que frajil, corr i lo, pouca rezistencia ofereci.

E foi sen i do aco dar em si a idéa de liberdade que o maranhe se amparado pela prezença de lord. Crocane reconheceu a independ cia nes a terra banhada pelos rios Mearim, Itapecurú mirim, Turiassú e mais.

Raul Astolfo Marques

Exemplos de perseverança encontram-se todos os dias. Quer em se tratando de Palissi, quer em se tratando de outros vultos, que, verdadeiramente, são espelhos, onde a mocidade vê estampada a constancia do homem trabalhador, que não presta ouvido a critica insensata e que não se encomóda, com o que dizem dele.

Raul Astolfo Marques foi um desses, que vives pelo trabalho, purificando, em seu gabinete de estudo, o seu espirito, cujas cintilações deixa irradiar, atravez as pajinas dos seus livros, trabalhos de consideraveis valôres.

Tentaremos, nestas curtas e palidas linhas, que se seguem, dizer o que dele sabemos.

Entrou para a Biblioteca Publica, em 1896, sendo, em 1898 nomeado, por portaria do dr. Cunha Martins, auxiliar do Diretor da mesma Biblioteca. Demitiu-se mais tarde.

Em 1910, o dr. Luiz Domingues da Silva, então governador do Estado, fel-o Secretario da Instrução publica e do Liceu Maranhense, interinamente, em que esteve até 30 de outubro de 1911. Foi redator do «Diario Oficial», de 1911 a abril de 1912.

O Cel. Frederico Figueira o nomeou oficial da Secretaria do governo, cargo, em que o conservaram, na reforma havida nessa Secretaria.

Alem d todas essas funções, que dezempenhou mencionaremos ainda as de oficial da Diretoria da Imprensa, amanuense da Secretaria do Interior, escriturario e chefe da 2ª seção desse departamento, cargo creado pela lei numero 770 de 26 de abril de 1917.

Astôlfo Marques tinha publicado os seguintes livros:

«Por amor». —romance de Paul Beltnay, traduzido (1903) A vida Maranhense —1905; O Maranhão por dentro, revista de acontecimentos maranhenses, em 1 ato e 8 quadros. Muzica de Inacio Cunha, 1907; Natal (quadro) —1908; O Dr. Luiz Domingues —1910.

Projetava publicar ainda a Seleta Maranhense, coletânea de trechos em prosa e verso, de 35 escritôres filhos do Maranhão, precedidos da respectiva bibliografia; «Fitas, esboços e quadros», isto é o 2 vol. de «A vida Maranhense e As festas populares Maranhenses».

Tendo-se em consideração tudo o que acima ficou dito, devemos render culto á sua memoria, porque escrevendo fez tudo pelas nossas letras, porque publicando livros enriqueceu o nosso Panteon, com esses monumentos de arte, estilo, ferma, honra e gloria da nossa berço querido.

NO EZILIO

Se a dura sorte me apontasse um dia
Outro destino a mim, outra ventura,
Se me arrancasse desta vida escura
Outra seria então minha alegria.

Se o coração de quem meus passos guia
Compreendesse a dôr desta amargura,
Talvez sentisse a mesma desventura
Que ás vêzes sinto em tranzes de agonia...

Se essa vizão querida que os meus olhos
Viram, tivesse o coração humano
Que conhecesse amor ardente e santo,

Certo eu não estaria entre os abrólhos,
Nem jámais eu sofrêra um desengano,
Aqui no ezilio a quem me trouxe o pranto!

Do livro Noturno.

Glemente Guedes.

O Concurso da "Revista"

RECADOS

Notàmos com pezar que, por descuido imperdoavel, deixámos passar os seguintes erros no Concurso anterior:

Na terceira charada:— «vante» por *valente*

Na quinta:—«è a cidade européa» por *é cidade* etc.

Na pergunta enigmatica, por habito da ortografia fonetica que uzamos, suprimimos um L da palavra *donzella*: -erros que de certo terão dificultado aos leitores menos prespicazes.

Mas para o futuro, seremos mais atentos.

«A REVISTA» resolveu fazer as seguintes modificações:

Estender o prazo para o interior do Estado por 30 dias creando tambem dois premios, que serão identicos aos da Capital.

Resumir o prazo para a Capital para oito dias.

Do ultimo concurso fôra vencedores:

Em primeiro lugar, o snr. Antonio F. Costa que nos enviou as seguintes respostas

Ar—roubo
Ergo—tina
Animo—so
Pe—terra
Budha—Peste.
A letra L, para a pergunta.

Conferem, e vamos providenciar quanto ao premio, enquanto continuamos ás ordens dos amaveis leitores.

Ao vencedor, os nossos parabens.

Para hoje damos aos leitores o seguinte

CHARADAS

Voz de verbo. Repetida
Será voz mas de ...animal.
Preposição contraida,
Sendo nome, repetida.

.....

E' vista sobre animal.
Um pontifice alegre é uma ave. 2—2.
A cidade européa zombava do cortejo. 2—2

PERGUNTAS ENIGMATICAS

1—Qual o deus mitologico que, tendo sido expulso do Céu por *Jupter* refugiou-se na Italia, e, na *Idade de ouro* dedicou-se ao ensino da agricultura?

2—Qual o outro deus que, tendo roubado a lira a *Apolo* serviu-se dela para adormecer e matar a *Argos?*

3—Qual ainda um outro que tinha as *Horas* para lhe atrelar o carro, e que, tendo para condutor a *Apolo*, foi o primeiro objeto da *Idolatria?*

ENJENHO CENTRAL

Do nosso presado ajente no Enjenho Central recebemos o telegrama abaixo e enviamos, aos esforçados diretores do «Externato 15 de Novembro», os nossos parabens, demonstrando esses cavalheiros, com tão nobre proceder, que muito batalham pela expulsão do intoleravel analfabetismo do territorio patrio. Eil-o:

Revista Maranhense-Maranhão.

«Em carater particular reabrimos externato 15 de Novembro».

Antonio Bastos.

O Mez social

Aniversarios:

A 16 o sr. Sijismundo M. de Castro.
—A 25 o s. Augusto Bêlo.
—A 28 o sr. Rufino Inocencio Coêlho, estimado farmaceutico em Pinheiro.
—A 29 o menino Pedro, filho do sr. Dario Coêlho, habil guarda-livros do Canhame.
—A 30 o Cel. Rufino Amancio Coêlho, conceituado farmaceutico em Itapecurú Mirim.

— Parabens.

ESTOLANO POLARI

A 16 do corrente aniversariou-se este nosso inteli

e companheiro de luta, que atualmente exerce o cargo auxiliar da Imprensa Oficial.
Os nossos cumprimentos, extensivos á sua digna pza.

JOÃO V. ABREU

Transcorreu a 9 do corrente o aniversario natalicio nosso redator João Vidente de Abreu, que solicmo de pessoal animo tem publicado varias producções poeticas. Enviamos o nosso amplexo.

VIAJANTES

Antonio Bastos

Trouxe-nos as suas despedidas, em principio deste mez, o snr. Antonio Bastos, nosso agente no Engenho Central.

IRMÃOS NOBRE

Recebemos da senhorinha Helena Nobre e de seu irmão, snr. Alcebiades Nobre, que muitos aplauzos colheram da platéa sanluizense, dois dedicados cartões de despedida.
Aos reconhecidos artistas dezejamos que continuem conquistar loiros e que façam excelente viajem.

CEL. INACIO PARGA

Para a Capital do Paiz, acompanhando sua nóra, a exma. snrs. d. Henriqueta Parga e filhos, seguio o coronel Parga, num dos vapores que passou pelo nosso porto, no principio deste mez.
Dezejamos-lhe bôa viajem.

GUMERCINDO PEDROZA

Deu-nos o prazer de sua vizita o nosso prezado ajente em S. Quiteria, o joven Gumercindo Pedroza, que exerce nessa localidade o cargo de adjudo do promotor publico.
Abraçamo-lo.

JOSE' MARQUES

Acha se nesta Capital, vindo de Cururupú, o nosso amigo e assinante snr José Gaspar Marques, abastado comerciante nessa localidade
Cumprimentamo-lo.

JOSE' FERNANDES

Vindo de Cururupú, acha se nesta capital o nosso prestimoso conterraneo José Silvestre Fernandes, digno director do «O Litoral», jornal hebdomadario que circula naquella cidade.
Cumprimentamo-lo.
—Seguio para S. Quiteria a senhorinha Anita de Sousa Costa, aplicada aluna do Colegio S. Teréza e filha do Cel Justino Costa, digno Intendente Municipal de S. Quiteria.
Dezejamos bôa viajem.

FALECIMENTOS

Faleceu no dia 10 do corrente o snr. José Ribeiro de Mendonça, irmão da exma. senra. d. Odila Mendonça Pinheiro, a quem sentimos tomos.
—Por telegramma particular sabemos ter falecido em Vitoria, a exma. snra. d. Maria C. Ferreira esposa do nosso amigo Ricardo Costa Ferreira a quem apresentamos as nossas sentidas condolencias.

MARIANO CASTRO

Faleceu no Ceará, onde exercia o logar de ajente fiscal do consumo, o snr. Mariano Gomes de Castro, bacharel em sciencias e letras. Occupou diversos cargos nesta capital, tem como o de director do «Diario do Maranhão» e professor da Escola de Artifices, onde demonstrou a sua intelligencia.
A' familia enlutada enviamos pezames.
— Faleceu, no Anil, o snr. Jose Pinto Dias de Souza, ajente fiscal de consumo desta capital.
Pezames á sua familia.
—Faleceu, nesta capital, a 30 do corrente, o telegrafista Antonio Afonso Machado, irmão do prof. Domingos A. Machado.
Ao prof. Domingos Machado, á viuva do extincto e demais parentes enviamos pezames.
—Abriram-se as aulas da Faculdade de Direito, neste mez.
— No encontro travado, no jogo de foot-ball, entre o pessoal do navio Benjamin Constante e do Luzo Brazileiro, este sahiu vencedor, alcançando 4 pontos sobre o primeiro.

DORÉ CLUB

Inaugurou-se a 15 de junho este club, de que fazem parte rapazes e senhoritas da nossa melhor sociedade. Houve uma sessão solene que começou ás 2 1/2, prezidida pelo snr. Raimundo Aires, tendo como secretarios os srs Arthur Ferreira e Benedito Ferreira; ao começarem os trabalhos, o primeiro, num bello improvizo, declarou o fim da sessão, concitando seus membros a trabalhar pelo Club e deu posse aos eleitos. A nova directoria, que foi imposada, ficou assim constituida: prezidente Valdemiro Reis; Vice prezidente Sidrac Jezus; 1º secretario Jozé Monteiro; 2º secretario João Marinho; tezoureiro Jozé Cordeiro. O prezidente em um feliz discurso agradeceu a sua eleição o que fizeram, tambem, todos os eleitos.
A menina Cloris Ferreira recitou a poezia Avé!, de Apollinario de Carvalho em saudação ao club falando o orador oficial o snr. José Goiabaeaz Ribeiro.
O socio José Monteiro fez uma pequena palestra sobre «O Correlativismo Entre a Muzica e a Dança», estudando-as, demonstrando a influencias de ambas, na educação da infancia, na educação dos nossos sentimentos e no seio dos povos.
A menina Cloris, a terminar, recebeu um *bouquet* de flores naturais, que lhe foi entregue pela interessante Eulina Reis.
Recebemos e agradecemos o estatuto que nos enviaram desejando muita vida ao Doré Club.

BENEDITO SILVA

O habil operario Benedito Silva foi nomeado, por portaria do exmo. Dr. Governador do Estado, para exercer o logar de operario de 1ª classe da sessão de obras da «Imprensa Oficial».
—Parabens.

A «Revista»

A directoria da Revista Maranhense rezolveu prorogar, aos socios em atrazo, o prazo do pagamento das mensalidades até o dia, 6 de agosto, proximo, sendo excluido do quadro social e publicado o nome na Revista aquele que não satisfazer o pagamento até essa data.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas

PRAÇA JOÃO LISBOA, N.º 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 1.024.707$000

Resultado do 77 sorteio da 1.ª serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 prestamistas.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1361—Manoel Horminio F. Guimarães, sitio Barreto.
2.º N. 270—D. Maria de Jesus da Silva Santos, residente em Therezina.
3.º N. 1226—D. Maria Ascenção Soares Santos, rua das Hortas, n. 23.
4.º N. 3721—Arnaldo Rufino Cruz, Codozinho.
5.º N. 2857—D. Laura Valente Ribeiro, residente na Capital Federal.
6.º N. 3219—Dr. Antonio Carlos de Queiroz Facó, residente no Rio de Janeiro.
7.º N. 3913—D. Custodia Auta Neves, rua das Hortas, n. 113.
8.º N. 3021—D. Carlorta Pires de Sampaio Castro, residente na Parnahyba.
9.º N. 1689—Pedro Celestino Borges, residente em Alcantara.
10.º N. 2626—Paulo Claudio Silva, rua da Madre Deus, n. 25.

CASA NO VALOR DE RS. 1:000$000

1856—D. Marcellina Odorica Marques, Avenida Maranhense, n. 22.

Maranhão, 15 de Junho de 1918.

Claudino Nelo

Fiscal do Governo Federal.

Adolfo Paraizo. Director-Gerente.

Neme Munaier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais?

—Dezejando comprar algumas coizas, não encontro uma caza comercial que me agarde...

—Que novidade! O amigo a procura de uma caza!!!...

—Então as tuas reticencias me fazem crêr que conheces alguma bôa...

—Se conheço?... Está claro. A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

—Onde?

—Vem comigo!... Lá tu verás... **bons brins, chapéns de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerôlas, meias, estratos de diversas qualidades, sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas para dentes, toalhas-panninhos,** enfim uma infinidade de outras coizas que elles vendem por preços nunca vistos...

—Vamos, depressa. Está muito longe?

—Não. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz, 29 ou então na rua do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

Novidades

CINTAS SAUDE

Ditas COMODIDADE (São as melhores

Sabonete NEW YORK, o melhor para o toucador e para o banho.

Sabonete de AGUA de COLONIA

Sabonete de BENJOIM

Sabonete PEAR'S, ns. 2 e 3.

Todos estes artigos acaba de receber e tem á venda, por preços bastante reduzidos, porém a dinheiro, a loja

O "Brazil"

Rua Oswaldo Cruz, 33. *Telefone 75.*

OURIVEZARIA PEROLA

De José L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotoadoras, alfinetes de gravatas, trancelim para pescoço, porta-leque, voltas de coral, teteias etc.

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz—29 Rua Oswaldo Cruz—29

S. Luiz do Maranhão-- Agosto de 1918

AGOSTO

Ah ! quando se aproxima agosto, com a sua beleza irradiante,quazi todas as pessoas, supersticiosamente, o esperam com alegria, olhando os seus dias dezenas; oh ! que lindos dias ! até se me alegro em dizer !

Quero começar de falar do luar ! ..

São muitas as noites lunares, e, aos que lh'as podem aproveitar assiste com magnificencia a convicção de que outros jamais lhes igualarão; e, de vez em quando, ouve-se, nos labios dos pares enamorados que escolhem a princeza de prata a lua para testemunha de suas juras, as palavras seguintes: luar de agosto amor !

Agosto,'tem um dia que todos receiam: é a primeira segunda feira, batizada por aziago.

Mas,que se-fremos nós nesse dia este ano ?

E, quantos anos se teem passado,que nada justifica ser ela um dia aziago

Simples ilusões !

Este ano porem,acresceu uma grande apoteoze para o mez da lua esplendida: livemo-la na comemoração do jubileu do maior patriota, do maior intelijencia e da maior gloria brazileira -Rui Barboza.—J. V. A.

DIRETOR INTERINO
Astrolabio Caldas
REDATORES
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes
REVISOR
José Vasconcellos
THES. INTERINO
Benicio Rodrigues

Redação

Rua Afonso Pena, 6

BIBLIOTHECA PUBLICA
DO
ESTADO DO MARANHÃO

REVISTA MARANHENSE

ANNO 3—NUMERO 30

Publicação mensal

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

SUMARIO

O 11 de Agosto Redação
Confidencial—Leonardo dos Albuquerques
As minas — José Augusto Correia
Uma alma—Marcus Antonus
Maranhas Lucius
Casa abandonada-Viana de Carvalho
Mote—A. Machado
Amor—A. Machado
Lessanice—José Leopoldo
Avé Maria--Astrogildo da Serra e Silva
Se eu disesse...--Elpidio Santos
Agosto--R. A.
Aos annos da senhorita Zezé--Franklin de Menezes
Marina--Cursino de Azevedo
Sociedade L. P. Barão do Rio Branco--Redação
Florilejio Poetico--Diversos
O mez Social e noticias.

Assinaturas

ANUAL

Capital . .	2$000
Interior . . .	2$500
Exterior . . .	3$000

SEMESTRAL

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200

(Tirajem 500 exemplares)

Ajentes no interior e exterior do Estado

Pedreiras Sr. José Castelo Branco.
Itapari Sr. Domingos Bastos.
Macabal—Sr. Emiliano Castor R. Falcão.
Caxias Snrs. Abreu & Comp.
Rio de janeiro Sr. Amilcar Serra Pinto e Silva.
Belo Horizonte—Minas Bacharel João Caldas.
Cametá Pará—Sr. Tobias de Souza Rev.redo.
Perezina—Piaui—Sr. Edson Moura.
S. Gabriel Amazonas Sr. Eduardo de Oliveira Neto.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira. Guimarães.
Chapadinha Sr. Manoel L. Fernandes.
Grajahú—Snr. Orestes d. Azevêdo Mourão.
Viana—Senhorinha Maroca Nogueira.
Sacro Vermelho Prof. Filomena Silva.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Carurupú Sr. João G. Abreu. filho.
Ponte-Nova—Snr. Manoel Araujo.
Engenho Central—Snr. Antonio Bastos.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Cantanhede—Sr. João Rodrigues.
Floriano—Piauhi—D. Maria Izaura Silva.
Turi-Assú Prof. Adaljiza Feques.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Alcantara Senhorinha Clotilde Berniz.
São Benedito—Snr. Manoel Rodrigues.

SOCIOS COLABORADORES

José Monteiro Astrolabio Caldas. João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira Guimarães, Antonio Mariano Gomes, João Galas, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Antonio Machado, Manoel Fernandes, Benicio Rodrigues, Ruben Almeida, Francisco Santos, Elpidio Santos, José Vasconcelos, José Gomes e Pedro Chaves.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Araceá Fernandes, Zenaide Pedro, Nair Pinheiro, Silva Castro, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Conceição Batista, Izabel Araujo, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela, Altiva Smith, Etelvina Vasconcelos, Nizoca Nunes e Iolanda Paraizo.

OURIVEZARIA PEROLA

De José L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Alfereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotuaduras, alfinetes de gravata, trancelim para pencenez, porta-leque, voltas de coral, teteias etc.

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz 9 Rua Oswaldo Cruz—9

MARANHÃO -- AGOSTO DE 1918

ANO 3 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 30

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

O 11 de Agosto

Nesta data aproveitou o Maranhão comemorar o 91 aniversario da fundação dos cursos juridicos no Brazil e o jubileu literario de Rui Barbosa.

Foi uma festa a que muito se prestou atenção, para a qual convergiam as espectativas, porém que não correspondeu nem á atenção nem á espectativa do publico.

E isto porque não foi o Maranhão quem abrilhantou,a efemeride, como erradamente diriamos ali em cima; foi uma pequena seleção de homens bem intencionados que, de solidariedade com a mocidade maranhense cumprio o dever d'este povo.

Mas, no fim de contas é isso mesmo o rujão d'este conspiquo povo de Atenas!



Na ribalta do teatro S.Luiz, um grupo escasso de vultos conspiquos que até lá se levaram, verdade seja, pelo espontaneo do civismo conscienciosos;nas galerias, um punhado escasso de assistentes, a maioria dos quaes, provavelmente, puzera-se para lá, á força espontanea de um fisiologico prosaico, – para distrair o tedio,ou a ressaca da labuta diaria.

Os discursos eram ouvidos, não de certo com as trompas eustaquianas, senão com o escandalozo e grosseiro bocejar de nobres assistentes a quem não ha chegado ainda uma lição de Macêdo...

. . . . . .

Depois de, em breves palavras, ter aberto, o Secretario do Interior, dr. Henrique Couto, a sessão, e depois de o mesmo se ter dirigido a s. ex., o dr. Governador, iniciou a *séance* a interessantee primojenita do ilustre clinico dr. Achiles Lisbôa, a qual produziu uma sinjela oração poetica, conquistando, pela graciosidade com que se houve, aplausos ao publico.

Em seguida levou-se á tribuna, entre repetidas palma o dr. Fran Paxeco.

Fran, de uma oração fecunda, ocupou-se de trez pontos.

E sordiando a fala de um esmerado estudo sobre a fundação dos cursos juridicos no Brazil, fez da oportunidade um centro de ação contra os investidos contumazes da demagojia moral do nosso povo,para com tudo que diz respeito ao renascimento do criterio de nosso estado de povo constituido, e, necessariamente civilizado.

Assim,Fran Paxeco que nas suas atitudes publicas, sempre patenteia uma esmerada dedicação aos interesses de nosso terra, versou sobre a nossa Faculdade de Direito, acabando pela prelibação de que, em face da insuficiencia de nosso meio pedagojico, a Faculdade de Direito do Maranhão, não somente representa uma urjente necessidade, mas tambem que ela não poderá cair pórque de sua ação depende em grande parte o mais energico propulsor de que tanto estamos carecendo para sustentar a nossa posição no seio dos povos cultos, que a Faculdade de direito não poderá mais cair porque é uma peça valiosa no grande mecanismo da pedagojia nacional.

Proseguindo Fran Paxeco ocupou-se da individualidade de Rui Barboza.

A nova feição de seu discurso, deu-lhe o ensejo de exibir em brilhantes palavras a sua vasta cultura filosofica.

E, no epilogo da oração, ovacionou-a a galeria com palmas vibrantes.

Seguindo o dr. Fran subiu á tribuna o consagrado jurisconsulto, dr. Clodomir Cardozo, intendente municipal.

O dr. Clodomir produziu um vasto discurso tão erudito quanto o foi de eloquente.

E, parecendo que produzira forças de nsersibilizar ao auditorio, já s. ex. houvera, de segundos antes terminado a oração quando pareceu que, de todo perderam-se os écos de sua fala para que fosse tão vibrantemente aplaudido.

Após os drs. Achiles Lisbôa, Alfredo de Assis e Antonio Lopes.

Sobre esses oradores, aos quaes temos ouvido por mais de uma vez, basta que o publico os julgue, nos contentando reconhecer nesses trez tipos de nossa intelectualidade:—o primeiro como um devoto impecavel da Verdade, o segundo como um castiço escultor do vernaculo, e ao terceiro como o pensador moderno que ás predicancias de jornalista vibrante alia as raras qualidades de elegante burilador da lingua portugueza, e a nobreza do orador consagrado.

Por isso lhes não fôram de méra pragmatica as ovações que conquistaram. Dada a palavra ao poéta L. Xavier de Carvalho, fez-se ouvir de um camarote este autor das *Missas Negras*.

Xavier de Carvalho parecera-nos transfigurado! Estava palido, a voz tremera-lhe, não de mais nada que de começão, e o gesto se lhe talhava em nobreza e elegancia. Sendo uma Ode a Rui Barboza o poeta era ouvido como do rito relijiozo, e, ao terminar, uma vibrante explosão de civismo, por longo tempo se repetiram as palmas.

A' brilhante festa coube o encerramento aos jovens J. Vasconcelos, nosso colaborador, e J. Vitor Ribeiro, delegados, o primeiro da U. E. "Silvio Romero" e o segundo S. L. "Barão do Rio Branco" ambos nossos ilustres confrades.

Terminando esta cronica, julgamos não carecermos de mais dizer sobre o grande vulto brazileiro porque o nosso silencio talvez que valha tanto ou mais quanto a exibição de versos insipidos...

Pela vila de Monção

Damos abaixo publicidade ao telegrama que nos enviamos.

MONÇÃO, 13.—Os creadores estão prejudicados na industria pecuaria, pois o sub-delegado fornecendo armas, dando ordens, manda matar o gado e outros animaes. Como não necessitamos só de agricultura solicitamos providencias amparadas nas leis, nos poderes governamentaes á justiça, á sociedade maranhense de agricultura, aos ministerios de industrias e comercio para fazer cessar os absurdos, garantindo a criação em epocas precisas. Ficamos confiante na ação do governo.

Antonio Bastos.

CONFIDENCIAL

S. LUIZ, XXX DE XXX DE 1910

Minha cara Senhora,

Escreve-me Vossa Excelencia, no seu fino e elegante cursivo inglez, é em papel recendendo a perfumes tão capitozos que por ele parece haver passado Zefiro impregnando-o da alma sutil das essencias floreas, qual se fosse o mais aromatico mogorim—escreve me (perdôe Vossa Excelencia a prematura irreverencia) para saber (são estas expressões cortezes, da vossa amavel carta) a minha opinião sobre esse tão debatido (melhor diria estafadissimo) tema que é o amor...

As brejeiras reticencias que se seguem dão bem a entender, ainda ao mais inocente, a malicia do inquerito. Trazem que Vossa Excelencia quer que fale de Cup do quem até hoje ai da não teve o prazer (ou infelicidade) de conhecel-o senão em gravuras de mitolojia, pezar de sabedor das suas façanhas sem conta, nesse vastissimo e insondavel campo de lutas fortes, de duvidas acerbas e de contradições bizarras que é o coração humano, que o nosso coração.

De espanto foi, por isso, o meu primeiro gesto, Vi nitidamente Vossa Excelencia, diretoria de uma revista feminina, inserindo na integra a *enquête*, que seria lida, comentada, de mil e uma maneras diferentes .. E cheguei a encabeçar uma carta:

«Motivos imperiozos...»

Ia negar. Ia dizer que não, que não sabia. Depois... refleti melhor. E encabecei outra folga que é esta que estou garatujando.

Começarei assim por afirmar a Vossa Excelencia que não admito nem uma só siquer (depois irão as razões dessa rebeldia) das definições que milhares de poetas e prozadores aos centos tentado teem definir essa causa vaga, impreciza, etorea—o amor. Logo me apresso, porém, a avimar Vossa Excelencia de que não serei eu quem o tentará fazer. Definir... Acazo saberá Vossa Excelencia de humana pretensão mais futil do que essa de tudo querer definir? A começar pela alma mesma das couzas—Deus—quem o já definiu a contento? A dôr? quem poderá dizer que ela é? E a vida? E a morte? O infinito? E...?

.....

Ora dá-se! Esta só a mim acontece, santo Deus! Ora quer Vossa Excelencia saber?

Estava eu no firme propozito de escrever uma longa carta respondendo ao amavel pedido de Vossa Excelencia. Se soubesse o que acaba de suceder!?...

Está para apagar-se o pavio do meu velho candieiro de querozene... Vossa Excelencia sabe, as couzas como estão pela hora da morte, não pode a gente (atenda Vossa Excelencia ao preço—extorsão—de 1$400 a garrafa de liquido tão preciozo, 1$400 é bem que se repita!!!) compral-o. Dahi, esta decepção.

Deixal-a-ia para terminar amanhã se não fosse a urjencia. Pede-me-a Vossa Excelencia para hoje «sem falta», isto é: exije-me-a.

Pelo que, para satisfazel-a, a remeto. E com ela as desculpas (bem vê Vossa Excelencia que estas são imperiozas e superiores á minha noutaleza) de não ter sido possivel terminal-a.

Descance Vossa Excelencia. Mais dias menos dias, lerá nos jornaes que o mais humilde dos seus versos vae fazer uma conferencia sobre o amor.

Aguarde-a. Sim?

Beijo respeitozamente as mãos de Vossa Excelencia.

Leonardo dos Albuquerques.

AS MINAS

Não ha na terra serviço mais doloroso do que a extracção de minerio á grande distancia da superficie da terra, em profundidades imaginaveis, por entre galerias subterraneas, onde a luz do sol nunca penetra, onde não raro ha explosões do gaz grizu, onde afinal jazem enterradas vivas pobres creaturas humanas.

E a vida d'essas creaturas, se é precaria e mizeravel no trabalho, não o é menos fóra, quando vêm repouzar.

Zola, em palavras que me ficaram gravadas no cerebro descreve a habitação de uma pobre familia operaria das minas. A mesquinez, do salario só lhe permitte ter um pardieiro com um só aposento: ahi comem fazem todas as necessidades higienicas á vista de todos, ahi dormem no chão mal agazalhados todos pae, mãe, filhos e filhas moças, crianças. Ali mesmo a caza tem o seu leito nupcial!

Quando se pode comprar um pouco d'agua para o banho, essa mesma agua serve para todos—os ultimos já encontram um caldo grosso e immundo.

E não ha, nem pode haver o menor recato a nudez, a promiscuidade espantão, causão horror!

As meninas, que trabalhão tambem nas minas, crescem cimicas, e quazi sempre ficão raquiticas: os seios não se desenvolvem, e vendo uma moça n tareis um corpo sem fórma de mulher.

Quando ha doença, ha falta de salario, e a fome augmenta.

Muitos mineiros se veem aos pares, aos casaes, pelas matas, como gado immundo! E chama se a isto viver—sem o menor conforto, sem instrucção, sem um livro, ao menos!

Regnard, nas suas viagens a Suecia, reproduz quadros tão tocantes, como este, e diz:

«Desçamos a este abismo para melhor conceber o horror. Mais de 2 leguas debaixo da terra por caminhos terriveis, ora por escadas tremulas, ora por tabcas leves e sempre com continuas apprehensões.

Haverá nada mais deshumano do que expor tanta gente a tão serios perigos?»

Apenas transcrevo trechos por brevidade.

Nas concebe-se bem que na terra é este o maior inferno onde se soffrem torturas para ganhar um pouco de pão negro. E bem disse o incomparavel padre Antonio Vieira que é o comer a maior pensão do homem. Pelo comer e para cobrir a sua nudez desce o homem a tanta mizeria e degradação!

José Augusto Correia.

Uma alma

Meu caro Manoel Raimundo Santos.—Somente hoje a solemnissima hora em que o sol com o seu explendor magnifico se recolhe recebo o seu bilhete, tão ricamente perfumado que ao receber supuz ser de uma rua *madame!*

Em verdade meu caro, li e reli o seu bilhete, muito seu e de sua feição, dizendo-me a mim sécamente (porque eu corregi levemente em uma carta que Meridan se escreve é com *n* e não com *us* como v. escrevera em seu conto) que era autor e sabi mais que ninguem a velha lingua portugueza!

Seriamente meu caro Santos, a sua admoestação fez rir levemente e lembrar-me duma interessante historia, digo (sem malicia) do v. e do vosso talento, gloria da nossa terra querida.

Havia outr'ora numa aldeia do norte um bacharel que era um verdadeiro talento sem maculas, formado (que estupenda segurança! em duas universidades. Uma era, se me não engano a de Coimbra e a outra era extincta de canones.

Todavia com duas cargas que rijamente pezavam sobre os seus rijos hombros era uma bôa alma, conversador e politico.

Viva dos seus rendimentos e como havia serviços pouco distraia-se na agricultura. A noite como em todas as aldeias antigas cá do nosso norte conversam os vizinhos agricultores e influencias politicas na sua porta entre sua digna esposa e os seus douze pequeninos irrequietos e feios. Elle era doutor, por isso era a unica casa onde podia-se conversar. Todavia as conversas nunca chegavam os fortes argumentos de parte a parte; era apenas couzas de politicas. como o doutor era chefe, sempre vencia os outros.

Uma noite, porem, falavam do modo de plantar algodão. Houve apartes mais dos que os astros no ceu. Houve apartes leves, esfuziantes como nuvens, brilhantes como estrellas, flaminenses como o sol, macios, carinhosos como a lua, longos como everetas. O bacharel viu estrelas do sol a pino. Apenas entendia de bananeiras, porque como muitas vezes confessára—das frutas á banana. Todos eram contra a sua opinião naquella noite e elle quando viu quasi vencido, levantando-se de chope, segurando a gola do seu rijo e rustico paletó d'riscado, carregando o sombrolho asperamente, profundamente sombrio, autoritariamente falou:

—Olhem! Sou formado em duas universidades!

—Ora, ora, respondeu um seu vizinho, isto couza que espante. Eu já possui uma vaca que mamou em duas vacas e nem por isso deixou de ser vaca!...

Internamente. E você meu caro, não deixou de ser o que é.

Parece-me.

Sem o menor pezar, fartamente alegre abraça cordealmente o todo seu Roberto Bastos.

Marcas Antonins.

Maranhas

Mais do que nós o europeu conhece as grandezas que possuimos. Sabe dos recantos, atalhos e redeios mais faceis desse colossal paiz confinarte com a Venezuela e Goianas, ao norte.

E' de lastimar-se o indiferentismo existente ao que é nosso. Por exemplo, o maranhense conta muito bem o festim de Baltazar sem saber falar do movimento cabeceado por Manoel Bequimão, aqui, nessa terra, onde foi fundada a França Equinocial. Talvez do primeiro fato teve conhecimento, vendo o paroco, do alto do pulpito, mostrar com palavras, que Deus castiga os que perseguem a igreja catolica. Vendo-se a questão de perto, o maranhense não tem culpa alguma. Que fazer se aprendeu pela rama, em uma ou duas aulas, algumas noções sobre o Maranhão, e das quais se esqueceu logo ao sair dessa mesma aula?... Que é do compendio? Para que fim! A historia e corografia aprendem-se com o tempo. Bôa affirmativa. E' verdade que os passeios instruem muito; mas o passado? Vamos estudal-o nos canhões, que se encontram no Baluarte, velhos, enferrujados e com o «quem a barba de meu rei agravar a sete leguas eu vou buscar»? Os edificios de arquitetura colonial têm sido absorvidos pelos de estilo moderno, elegante, alegre e bonito. O caminho verdadeiro a seguir-se é o do livro, da historia, da corografia, de que se conta meia duzia. Nos programas das escolas é uma raridade ver-se essas duas materias. Quando as encontramos é fazendo parte das ultimas disciplinas ensinadas, quasi á

hora de alunos serem despachados. Por infelicidade nossa não se sabe ao certo, porque deram ao Maranhão este nome. Aprende-se tudo nos nossos colegios: latim, francez, alemão, grego. Ignora-se, vergonhozamente as cidades, vilas, povoações e termos existentes, nesse todo, que chamamos Maranhão, confinado com os estados de Goiaz, Piauhy, o Oceano Atlantico, Pará e donde são filhos Candido Mendes de Almeida, Cezar Marques, Teixeira Mendes, e mais.

A hisografia jaz, para um lado. Com precizão responde-se a altitude dos Carpatos e serra Vevada. Emudece-se, quando se pergunta o quanto de alto têm a serra do Negro, da Canela, do Paracambú e outras, que quebram a monotonia do largo e amplo interior do Estado.

Fala-se da profundidade do Spree, Ural, Azul. A parte mais profunda do Turiassú, Mearim, Grajaú, Pindaré ainda está para ser reconhecida. A população certa do Estado repouza, na estatistica, que ha de ser feita um dia.

Se não experimentarmos uma reação qualquer, o que será de nós, com esse indiferentismo super-agudo, que vem invadindo a alma dos homens e das couzas maranhenses ?!...

LUCIUS.

CASA ABANDONADA

Ficava em meio de terreno inculto

Era uma construção de tipo colonial, vásta, cintada de alpendres, nuas, sem qualquer nota de elegancia.

Os muros exteriores, que outr'ora seriam alvos, já mostravam lepras humidas devorando lentamente os panos dos revestimentos em franca desagregação

Portas, janellas e caixilhos tinham perdido o viço das pinturas primitivas.

E os ventos, livres, se encavavam pelas vidraças partidas, produzindo rumores que se transformavam, ás vezes, num gemer quasi humano de cantilenas doridas...

Dentro, silencio e vacuo.

Os passos resoavam lugubremente pelas salas desertas e perdiam-se depois abafados na grandeza da solidão.

Onde as tapecarias, as estatuas, os moveis luxuosos, os leitos de ebano macisso, os quadros que forraram essas paredes em nudez absoluta ?

Onde os espelhos largos, refletindo a beleza de tantos rostos moços e afogueados nos dias de folgança pela irradiação das alegrias fortes ?

Onde os pares que valsaram aqui, nas festivas noites, sob a cataduna de luz dos candelabros finos ?

E os amores, que floresceram á sombra deste tecto, e as cenas de ciume, as expansões luciadas, a mêdo, as promessas ditas no esplendor da esperança ?

Tudo desapareceu, a onda do tempo tragou seres e coisas na mesma indiferença de destruição sem remedio.

***

Igual destino cabe á nossa vida... Porque a velhice é também uma casa abandonada.

Viana de Carvalho.

MOTE

Sentindo o sopro da brisa,
Seu pensamento deslisa.

Glosa

Exala a flôr, o seu cheiro,
Quando o prado—ela suavisa,
—Cada flôr em seu canteiro
Sentindo o sopro da brisa.

—Como a vida, em fonte pura
Mais intensa dôr matisa;
Assim no mar da natura
Teu pensamento deslisa.

A. Machado.

Amôr?...

Amôr?— encanto— doçura.
A virtude, a liberdade !
—Esperança e caridade...
Dôr !— prazer— e desventura !

Amôr !— o pomo vedado...
Ou serpente fabulosa;
—Entre os espinhos e a rosa.
Na comunhão do pecado !...

Amor?— a taça de prata
Na boca do convencido:...
—Licor doce e a petecido
Mél que cura.—fél que mata !

Amor? eterna poesia
Da vida... no romantismo...
Amor?— a morte ! o abysmo.
A mais profunda agonia !

A. Machado.

PENSAMENTO

A'.....

Separados pela distancia, unidos pelo pensamento.

O meu amôr por ti será tão eterno, como a mimosa sempre-viva que me deste.

A' Zante.

Teu coração de amiga sincera é o cofre onde deposito o segredo das minhas desilusões..

As flores da amizade são sempre vivas e belas.

Avitis

Lessanice

Nada poderão fazer os poderes constituidos, em logares, onde o povo se não mostre conciente d'aquilo, a que tem direito e pedindo-lhes, de quando em quando, o que lhe é necessario.

Infrutifero tambem será qualquer esforço despendido pelos homens de letras se não contarem, entre os que estudam, a vontade, mas essa vontade personificada, em genios como Newton, que, observando a quéda do fruto oriundo da macieira, tirou a lei reconhecida por uma verdade Fizica.— a da tração universal.

O sr. Lessa, atribuindo-nos predicados, que até agora não possuimos,que,porém um dia,ainda, podemos ter, quer encontrar, em nossos escritos, aquela infabilidade que Tobias Barreto contestava, provando com os fatos ser a sua aceitação um produto de um cerebro e raciocinios doentios.

Voltando-nos, procuramos, cada vez mais embrenhando-nos pelo extenso labirinto da observação, encontrar o falado "regresso mo al inteleetivo", que se nota, na nossa terra. Parece fantastica a existencia d'esse regresso; mas o sr. Lessa não se conforma. Quer que ele exista.

Por mais que analizemos, encontramos nas palavras do illustre sr. Lessa, sempre, uma conclusão negativa.

A pessôa evocada, diga-se, em verdade, sem ofensa á sua gloriosa memoria, não se assignalou, isto é, a mocidade estudiosa não a reconhece por moralista, e sim como oradôr, polemista, jornalista e professor, que, encerrando-se em seu gabinete, ou em as salas, em que funcionavam aulas, com seus alunos,ensinava-lhes a grammatica, corrigia-lhes as escritas, animava-os, exactamente como procedem quazi todos os professôres.

Não nos deixou obra, em que se mostre um perfeito moralista, dizendo-nos, com a experiencia de alguns anos, quais os melhores preceitos que devemos seguir, na vida.

O sr. Lessa, perfeitamente, pode ver que incorreremos em grave falta se por hipoteze, amanhã perecer um bacharel em direito, e formos apregoar que a Enjenharia ficará sem mais um dos seus apostolos.

E' essa a verdade.

S. Luiz—8—8—918.

Jose' Leopoldo.

AVE MARIA

Caia a tarde placida e serena.

O crepusculo ia, lentamente,se extinguindo,na amplidão celeste, e em breve, o lindo céu azul, perdendo, pouco a pouco, o seu dourado manto, tornou-se de uma languidez serena, enquanto que o dia se aninhava nas azas da noite, deixando toda a Natureza a suspirar em prantos.

Pelo immenso espaço, voavam bandos de pombos forasteiros e passarinhos errantes que, perdidos no infinito, a solidão percorriam em busca ao ninho amigo, onde haviam deixado os filhinhos implumes.

Os lavradores, arquejantes da luta e da tarefa benfaseja, voltavam ao lar feliz que, alegre e saudoso, esperava de seu trabalho de hoje o pão de amanhã.

Além, muito além, pela serrania escura, ouvia-se o balido alegre das ovelhas que, serenamente, procuravam pousada, enquanto, no campo, mujia, satisfeito, o gado manso, á beira dos curraes.

Corria, suave, a viração sutil e acariciado pelo ciciar lonjiquo dos grandes arvoredos, e soltava o sabiá da mata os ultimos gorjeios, despedindo-se do alegre dia.

Toda a Natureza, enternecida, parecia entoar uma prece, nessa hora de saudade, cujo silencio era quebrado apenas pelo badalar de um sino que, ao lonje,anunciava "Ave-Maria".

Astrogildo da Serra e Silva.

SE EU DISSESSE...

Ao Ribamar Pereira.

Amo os teus olhos negros, sonhadores,
Mudos desejos para o além subindo;
Esse teu rosto, tão formoso e lindo
Lavôr de Deus, esculturado em flôres!

Invoco a tua imajem, aos céos pedindo,
Acazo quando a sos, os dissabôres
Entram-me n'alma e se transformam em dôres,
As minhas ilusões que vão partindo...

E's tão formosa! O teu olhar ardente,
Inflora-se em minh'alma padecente,
Surjindo após, em doce e meiga aurôra!

Infiltra-se o desejo, e a mente cresce.
Ressurje o amor! Silencio!... E se eu disesse,
A minha esperança em teu amor, Senhora?

Elpidio Santos.

AGOSTO

Uma pena tirada ao mais alvo cisne é trabalhada por Cupido, tinta feita de uma gota de orvalho e do anil do céu, e papel que fosse uma petala de lirio—eis o que seria preciso para escrever sobre Agosto, esse que ai vem, tardio e desejado, derramando luz pelas campinas e pelas serras, pelo mar e pelas nuvens,tão prodigo, tão branco,tão niveo,que se diria a alma mesma da Caridade aberta qual um manto diafano por sobre o pobre mundo pecador, porque a Caridade, a maior de todas as virtudes, deve ser branca e pura como o mais puro e branco luar de Agosto... E' o mez dos poetas. Por essas noites que ai vêm, eles se deixarão ficar ao relento, contando o rebanho de estrelas... E logo acodem as angustiosas interrogações: *Donde? Onde? Para onde?* E eles se ficam a pensar... E a lua passa, na sua ronda vagarosa e silente, envolvendo no mesmo farto jorro de luz os milhões de estrelas e os milhões de vermes que pululam na agua putrida das charnecas... **R. A.**

Aos anos da Senhorinha Zezé Galvão

Qual color de sonhos magos,
n'uma fronte de creança
engastas em riso e afagos
mais um bando de esperança

Estes teus dias que passam
são sonhos mas, não me engano,
essencias que se entrelaçam
e que formam mais um anno

Affeto e meigo carinho
—olôres do coração—,
fazem-te d'alma o seu ninho
e soltam doce canção

Cantam os dias já passados
e os dias que têm de vir
idilios desatrochados
e idilios mais a florir

Quem vive em doce ventura,
sendo o enlevo de seus paes,
é como a luz que fulgura
e nada cobiça mais

Sê feliz! Num mar de roza
corram-te os annos por vir,
seja-te a vida ditoza,
vive ditoza a sorrir.

Rio, 13 de julho de 1918.

Franklin de Menezes.

MARINA

Ao Mauricio Furtado.

Ella morava em terra dos amores,
Junto da faixa verde dos pomares;
Onde sem fim as rozas multicores
Sem conta se estendiam pelos ares!...

E a passarada em vozes regulares
Preludiava cantos pelas flores:
Voando pelos galhos, pelos ares
Soltava belos cantos de fulgores.

Ella cantava p'ra imitar o canto
Quazi indeciso dessa passarada
Soltando a sua voz com doce encanto...

Ella sorria pela linda festa,
Do cimo do arvoredo articulada,
Que davam-lhe os tenores da floresta.

Cursino de Azevedo.

Sociedade "Literaria B. do Rio Branco"

Realizou-se no dia 18 do corrente a sessão solene em que a «Sociedade Literaria Barão do Rio Branco» comemorou o seu 5.º anno de existencia. Havia regular assistencia e no semblante de cada membro daquela sociedade via-se impregnado um soberano triunfo. Embora tropegos, vendo-se abandonados, o pequeno numero de associados que lá existe não esmoreceu, continuam intrepidos em conquista da gloria. Foram forçados, pela carestia exorbitante do papel, a suspender a publicação do seu orgam que conta 7 annos de existencia.

Aberta a sessão, ás 19 1/2 horas, pelo venerando professor Domingos Machado, prezidente da associação, concedeu este a palavra ao orador oficial, o intelijente socio Djalma Fortuna, que fez um belo panejirico desde a fundação da Sociedade até o momento atual.

Seguiu-se com a palavra o socio João Vitor Ribeiro que, num entuziastico improvizo, dissertou sobre a existencia das associações de letras no Maranhão, e terminou dizendo que a «S. L. Barão do Rio Branco», apezar de suspender a publicação de seu orgam literario, não deixaria de efetuar as suas reuniões e que estas iriam, de hoje em diante, suprir a falta de seu periodico, convidando todos os prezentes a assistirem a proxima sessão que será no dia 7 de setembro.

O professor Machado, depois de por a palavra á dispozição dos prezentes, encerrou a sessão, fazendo antes uma bela alocução.

Todos os oradores foram mui aplaudidos.

Agradecemos, á directoria, o convite que nos enviaram e almejamos prosperidade á «Sociedade Rio Branco».

Foi nomeado auxiliar do tezoureiro desta "Revista" o distinto e ativo moço Manoel Souza.

AS NOSSAS AJENCIAS

Na lista dos assinantes de Grajahú, que publicamos no n. 28, faltou-nos publicar os seguintes nomes: srs. Manoel de Souza Lima e Capistrano Lêda.

—O poéta João Caldas, 4.º escriturario da Delegacia Fiscal de Belo Horizonte, enviou-nos uma lista com as assinaturas seguintes: srs. Lincoln M. dos Santos, Antonio R. dos Santos Filho, Westremundo P. Coêlho e Ricardo F. de Melo.

—O nosso distinto ajente no Enjenho Central, sr. Antonio Bastos, competente Redator-chefe do brilhante orgam «O Correio do Pindaré», remeteu-nos uma lista com as seguintes assinaturas: srs: Carlos Salomão, Abrahão Hilucy, Amadeu Serejo e Mariano Castro.

—Tambem nos enviou uma lista com duas assinaturas o nosso apreciado e intelijesto colaborador Paulo Ferreira Guimarães, nosso ajente em Amarante, Piauhi.

—Agradecemos aos nossos ajentes.

ALMANAQUE POETICO

O MAR

Para Ruben Almeida.

Ao mar eu perguntei calmo e sentido:
—O' mar porque demonstras num momento
Um suspiro de bom contentamento,
E, a'outro, o pranto, a dôr, o teu gemido?

E o mar cheio de dôr, entristecido:
«—Não procures saber do meu tormento...
Passa cantando como passa o vento,
Deixa sepulto um coração partido...»

Sobesse o mar tambem minha tristeza;
Sobesse a causa verdadeira, e crente
Désta imensa paixão que trago préza,

De certo me ouviria com mais calma:
—Porque se canto é p'ra ocultar somente
O grande mar de dôr que tenho n'alma!

Clemente Guedes.

Do «Noturnos».

TRES VIANENSES

(Para A, Z, e M.)

São três meigas creaturas que aqui vivem,
Num vozear de alegria cheio de olôr.
Parecem três santinhas, que assim dizem
Serem irmanadas, todas, numa flôr.

Nascerem num jardim E assim bendizem,
Aquela santa terra mãe do amôr,
Por ela vivem; como a fertilizem,
Distante estão cumprindo imensa dôr.

A primeira, é tão simples qual florzinha
Sorrindo em manhã linda de verão;
A segunda, ar tristonho que extazia

Em sua meiguice é tão popularzinha;
A terceira, do lirio em seu pendão,
Conduz a santidade de Maria.

Agosto, 1918.

JAB.

Martirio de Tantalo

Para Elvira.

Oh! ter-te assim tão meiga, oh minha amada,
E não pouder falar-te assim tão perto!
Quando pas-as eu sei, e sei de certo,
Que vives de cuidados tão cercada!

....

A's vezes se, essa mão, lijeiro apêrto
Tão leve, tão pequena e delicada,
Temendo a cena, seja reparada,
Deito-a... e me fico com o que desperto

De um sonho roseo, de um sonhar profundo,
De quem pretende achar no vasto mundo,
A flôr onde se oculta o amor perfeito!

Mas... esta sêde ardente que me enleia,
Hei de *aguental-a*, até chegar a cheia,
Que me trans-borde n'alma e lave o peito!...

Elpidio Santos.

Olhos e olhos

Olhos negros, gentis e palpitantes
Que ao fital-os parecem-nos leaes,
São de pura meiguice, e cintilantes
Parecem com as estrelas colossaes;

Olhos da côr da noite, deslumbrantes
Se condensam com os olhos divinaes;
Olhos mui expressivos dos amantes
Que nos inspiram em noites hibernaes...

Olhos que, dentre os mais deslumbradores,
Ao fital-os nos enchem de alegria,
No poema sacrosanto dos amôres...

Olhos que, con-tranjendo a orfandade,
Demonstram a perda que soffreram um dia
Na comunhão da magoa e da saudade!

S. Luiz.

Astrolabio Caldas.

ALÉM DA VIDA

Sê forte, minha avó, que é doce a morte!
E' preferivel, crê, morrer um dia
Que eternizar aqui magoas da sorte,
No mundo onde o prazer é uma ironia!

Morrer, é ascender almas ao céu,
E' libertar-se da prizão sombria ..
Romper, emfim, mysteriosa véu
Que envolve além a natureza fria...

E liberta do envolucro que a encerra
A alma feliz será lá nas alturas
Bem longe do egoismo que ha na terra

Oh! Não te abata, pois, a sorte ingrata,
Erma de prazer, erma de venturas
Onde o pranto, onde o pranto se retrata.

Yolanda Paraiso.

PRECE

O' vós meu Deus, que lá dessas alturas
Sabeis que eu tanto implóro caridade,
Lançai-me a vossa graça: e, com piedade,
O' Deus, livrai-me destas desventuras!

Não vêdes?—Sôfro tantas amarguras
Sem ver a vossa eterna divindade...
Na minha vida, nesta soledade,
O' Deus, só vêjo as tétricas torturas!...

A's vêzes, quando eu penso em meu viver,
Fico a cismar; após, eu vou sentindo
Que a vida já de mim vae se afastando...

E vêjo quazi extinto o meu sofrêr!
—Pois quanto mais da morte vou fujindo,
Mais para mim a morte vem chegando!

Do «Noturno»

Clemente Guedes

BIBLIOTECA PÚBLICA do ESTADO DO MARANHÃO

O Mez social

Aniversarios:

Cel. Ignacio Parga

Hão de julgar, os que encaram os fatos, pelo pessimismo, que tencionamos fazer politica, falando do coronel Inacio do Lago Parga, agricultôr competente, e cuja vida tem sido a do trabalhador concienciozo do seu dever, e que não conhece dias de sol ou de chuva, pretesto para não se aprezentar, onde o chamam suas obrigações.

Acostumado á vida da fazenda, ele passou durante anos, em S. Luiz Gonzaga, vivendo como lhe permitiam seus rendimentos. Casou-se com a exma sra. D. Francisca Rita Nina Parga, falecida, nesta capital. Desse consorcio provieram o Dr. Herculano Nina Parga e D. Roza Nina Parga, hoje, exopoza do Dr. Viveiros de Castro, filho, residente na capital da Republica.

E' um dos mais acatados membros da Associação Comercial. Dirije a Companhia das Aguas S. Luiz, onde conta em cada empregado, um amigo. Tem sido reeleito deputado, diversas vezes.

Referimo-nos a ele dezinteressadamente sem fins politicos, porque a mocidade é sempre imparcial, como temos provado, reconhecendo, indistintamente, os meritos, dos que militam, quer no partido situacionista, quer no opozicionista.

Em concluzão enviamos ao cel. Inacio Parga, que atualmente se acha na capital da Republica, os nossos parabens pelo seu natalicio ocorrido a 25 de Julho.

José Joaquim Pinheiro

No dia 30 de julho completou mais um ano de existencia este ilustre funcionario federal, que, há anos, vem servindo na nossa aduana, onde conta um numero consideravel de amigos.

«A Revista» aprezenta-lhe e a sua exma familia o seu cartão de felicitações.

EM AGOSTO:

—A 5 a professora normalista senhorinha Maria das Neves Santos;

—a 9 a exma. sora. d. Eunice Machado Lima, espoza do sr. Enock Lima;

—a 9 o interessante Oswaldo Rocha Lima;

—a 10 a exma. sra. d. Maria Paes;

—a 20 os srs. Valdemirp Reis e Joaquim Muniz;

—a 23 a joven Maud Parga;

—a 24 a exma. sra. d. Luiza Ferreira do Lago, espoza do nosso assinante capitão Ciro Ferreira do Lago.

—a 24 o sr. Luiz Costa, comerciante nesta praça.

—a 27 a senhorinha Maria Campelo, inteligente e aplicada aluna do 3.º ano do curso profissional do Liceu Maranhense

Prof. José A. Corrêa

A 3 do corrente transcorreu a data do natalicio do venerando professor José Augusto Corrêa, gramatico e profundo conhecedor da Lingua Portugueza. O ilustre aniversariante trabalhou na Delegacia Fiscal deste Estado onde se apozentou como 1º escriturario, dedicando-se então ao majisterio. Tem colaborado em diversos jornaes desta capital e do interior, onde tem publicado proveitozos artigos sobre a lingua Portugueza.

Ao professor José Augusto Corrêa, que muito tem honrado as colunas da nossa «Revista» com os seus escritos, enviamos as nossas felicitações.

Tenente Bernardo Monteiro

No dia 10 de agosto, entre as alegrias da sua familia, o tenente Monteiro contemplou a passagem do seu aniversario natalicio. A' sua rezidencia, á Praça da Alegria, n. 5, foi crescido numero de amigos levar-lhe parabens, e a eles juntamos os nossos, dezejando que esse dia seja sempre de satisfação a todos que o conhecem.

VIAJANTES:

Capitão Herculano A. Parga

Seguiu para Flôres, com a sua exma. espoza d. Maria Simas H. Parga, o nosso amigo capitão Herculano Antiloquio Parga, que atualmente exerce o cargo de Inspecionador das coletorias estaduaes. Almejamos que tivessem otima viajem.

—Seguiu com destino á Paraiba o ilustre dr. Raul Soares Pereira, que, na administração passada, competentemente exerceu as funções de Secretario civil do governo. O dr. Raul foi vizitar a sua estimada genitora, cuja saúde está alterada.

Dezejamos-lhe feliz viajem.

—Para Cururupú seguiu acompanhado de sua exma. familia o sr. cel. Manoel Ribeiro da Cruz, competente lavrador naquela localidade

—Com o mesmo destino seguiu o sr. Washington Viégas, acompanhado de sua progenitora exma. sra. d. Benedita Viégas e irmães.

FALECIMENTOS

Faleceu no dia 5 do corrente, na cidade do Rosario, a exma. sra. d. Olimpia Coelho, tia do nosso companheiro João V. Abreu.

"Farmacia do Norte"

—Praça João Lisboa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal, Bromil, Balsamo, Café Navegante, Café Beirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opoldeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Ramz, etc.

Neme Munaier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais.

—Dezejando comprar algumas coizas, não encontro uma caza comercial que me agrade ..

—Que novidade! O amigo a procura de uma caza !!! ..

—Então as tuas reticencias me fazem crér que conheces alguma bôa...

—Se conheço?. . Está claro. A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

—Onde?

—Vem comigo!...Lá tu verás...**bons brins, chapéus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerôlas, meias, estratos de diversas qualidades, sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas para dentes, toalhas-paninhos,** enfim uma infinidade de outras coizas que **eles** vendem por preços nunca vistos...

—Vamos, depressa. Está muito lonje?

—Não. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz, 19 ou então na rua do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*
Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 1.041.700$000

Rezultado do 78 sorteio da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 prestamistas.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 3242—D. Amelia Aurea Maria Alves, rua de Sant'Anna, 66
2.º N. 3250—D. Laura Evangelista Silva, rua 28 de Julho, 8.
3.º N. 1237—D. Hermancia Agostinha Lemos, rua rua de S. Antonio, 49.
4.º N. 2857—D. Laura Valente Ribeiro, residente na Capital Federal.
5.º N. 2400—Anselmo Martins Santiago, rua de S. Antonio, 41.
6.º N. 3847—D. Othilia Diniz, Travessa 5 de Outubro, 16
7.º N. 514—D. Ritta Santos, rua Jacintho Maia, 3.
8.º N. 3111—Dagmar Rosa e Auzair Rosa, residente em Therezina.
9.º N. 306—Armando Carvalho, rua da Cruz, 39.
10.º N. 3166—Seus Irmãos, residentes em Alcantara.

CASA NO VALOR DE RS. 1.000$000

1057—D. Renato Guimarães Caldas, residente no Anil.

Maranhão, 15 de Agosto de 1918

Claudino Nato

Fiscal do Governo Federal

Adolfo Paruizo. Director-Gerente.

S. Luiz do Maranhão-Setembro de 1918

REVISTA MARANHENSE

ANNO 3—NUMERO 31

Publicação mensal

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

SETEMBRO

O luar de agosto nos deixou uma impressão maravilhoza, parecendo-nos ainda que a lua acaba de jorrar os seus ultimos raios ofuscantes sobre a terra.

Agora é Setembro que chega prazenteiro envolto no pó da viajem.

Nas manhãs e ás tardes os passaros, dançando de um a outro galho das arvores ou no cimo dos templos, cantam alegremente.

É neste mez que se comemora a grandioza data de 7 de Setembro, dia consagrado á commemoração da Independencia do Brasil, em que, no campo do Ipiranga rebombou altivo o tão popular grito de «Independencia ou morte», cujo grito louvavel foi em pouco tempo aderido pela totalidade do povo brazileiro.

É em Setembro que se festeja o glorioso S. José de Ribamar, onde o povo, numa fé inquebrantavel, vae até ao seu arraial, uns levando promessas e outros por mera folia.

Setembro já foi considerado pelos Romanos como o 7.º mez do anno, hoje, porém, é o 9.

Avante, na tua jornada de 30 dias, Setembro!—**A. C.**

DIRETOR INTERINO
Astrolabio Caldas
REDATORES
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes
REVISOR
José Vasconcellos
THES. INTERINO
Benicio Rodrigues

Redação

Rua Afonso Penna, 6

BIBLIOTHECA PUBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

Assignaturas

ANUAL

Capital . .	2$000
Interior . . .	2$500
Exterior	3$000

SEMESTRAL

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso . . . ,	$200

(Tirajem 500 exemplares)

SUMARIO

Um brazileiro illustre---Redação
Sonatas—Clemente Guedes
Manoel Odorico Mendes---Redação
Autographo—Bidico de Rodrigues.
Pelo Arari e Vitoria—Jota Vá
O Posto de soccorros aos ulcerados---Redação
Florilejio Poetico---Diversos
A saudade José A. Corrêa
Antonio Lobo—Alberto Viana
Olhos—Astrolabio Caldas
Pela Vila S. Pedro—Antonio Bastos
Ciclos--Marcus Antunes
A luz Electrica—Redação
O amanhecer—Lucy
O 7 de Setembro---Iris
O Mez social

Ajentes no interior e exterior do Estado

Pedreiras Sr. José Castelo Branco.
Arari Sr. Domingos Bastos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Falcão.
Caxias Snrs. Abreu & comp.
Rio de janeiro Sr. Amilcar Serra Pinto e Silva.
Belo Horizonte—Mmes Bacharel João Caldas.
Cametá Pará—Sr Tobias de Souza Reverdo.
Terezina Piauí—Sr, Edson Moura.
S. Gabriel Amazonas Sr. Ecuardo de Oliveira Neto.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira, Guimarães.
Chapadinha Sr. Manoel L. Fernandes.
Grajahú—Snr. Crestes d. Azevédo Mourão.
Viana—Senhorinha Maroca Nogueira.
Barro Vermelho Prof. Filomena Silva.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Cururupú Sr. João G. Abreu, filho.
Ponte-Nova—Snr. Manoel Araujo.
Enjenho Central—Snr. Antonio Bastos.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Cantanhede—Sr. João Rodrigues.
Floriano—Piauhi—D. Maria Izaura Silva.
Turi-Assú Prof. Adaljiza Feques.
Icatú—Prof. Jozefa Amazonas.
Alcantara Senhorinha Clotilde Berniz.
São Benedito—Snr. Manoel Rodrigues.

SOCIOS COLABORADORES

José Monteiro' Astrolabio Caldas, João Vicente de Abreu, Antonio Louzeiro, Mauricio Furtado, Clemente Guedes, Estolano Polari, Paulo Ferreira Guimarães, Antonis Mariano Gomes, João Galas, Vitoriano Almaida, Zildo Fabio Maciel. Antonio Machado, Manoel Fernandes, Benicio Rodrigues, Ruben Almeida, Francisco Santos, Elpidio Santos, José Vasconcelos, José Gomes e Pedro Chaves.

SOCIAS COLABORADORAS

Corina Caldas, Aracéa Fernandes, Zenaide Pedro, Nair Pinheiro, Silva Castro, Filomena Silva, Josefa Amazonas, Conceição Batista, Izabel Araujo, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela, Altiva Smith, Etelvina Vasconcelos, Nizoca Nunes e Iolanda Paraizo.

OURIVEZARIA PEROLA

De José L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para pescoço, porta-leque, voltas de coral, teteias etc.

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz—9 Rua Oswaldo Cruz—9

A Revista

Continuamos a chamar a atenção dos snrs. colaboradores para regularizarem o pagamento de suas mensalidades afim de não passarem pelo que acabam de passar os snrs: Mauricio da Costa Furtado e Francisco Neves dos Santos, eliminados por falta de pagamento. A ultima hora recebemos uma carta deste ultimo senhor pedindo-nos a sua eliminação.

Joly Salão

Rua do Ribeirão

Proprietário — PAULO SILVA

Executa cortes de cabelos, barbas com limpeza, prodtidão e perfeição. Aceitam-se chamados em cazas particulares.

MARANHÃO – SETEMBRO DE 1918

ANO 3 | REVISTA MARANHENSE | NUM. 31

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Um brazileiro ilustre

A imprensa brazileira cobriu-se de luto, no dia 20 do passado, data em que dezappareceu da comunhão dos vivos o senador Alcindo Guanabara, orador apreciado, jornalista brilhante, republicano historico, companheiro de Jozé de Patrocinio e de Raul Pompeia, na redação da "Gazeta". Sua morte foi muito sentida; diversos senadores, deputados e camaristas fizeram-se ouvir, no senado, na camara dos deputados e na camara municipal, que tiveram suspensas as suas sessões, em homenajem ao morto. A associação brazileira de imprensa cumpriu seu dever, pois Alcindo Guanabara era considerado o principe dos jornalistas, titulo alcançado pelos seus magnificos e interessantes artigos publicados, na "Gazeta da Tarde", no "Novidades", no "Correio do Povo", no "Jornal do Comercio", na "Tribuna", no "Paiz", na "Imprensa" etc.

Deixou livros politicos, fonte onde se encontram valiozissimos apontamentos para a historia politica do nosso Paiz. Podemos citar os seguintes: A Prezidencia Campos Sales, Historia da Revolução, Republica brazileira e finanças brazileiras. Ficou sem ser publicado o Brazil politico, comercial, industrial e financeiro.

O senador Alcindo Guanabra nasceu em Majé a 19 de julho de 1865, cursou a Faculdade de Medicina da Baia até o 5.º ano, tendo antes feito os seus preparatorios, no Colejio Pedro II. Com a idade de 18 anos fundou o Arauto, em Petropolis.

Nós da «Revista Maranhense» tambem rendemos culto á memoria do extinto, cujas opiniões sempre foram acatadas pela imprensa brazileira, tão somente, porque Alcindo Guanabara era desses escritores, que sabia escrever com beleza de forma e com convicção do que estava dizendo.

Sonátas

Esses teus ólhos, Maria,
Cheios de graça e fulgôres,
São dêsta vida os amores,
E de minh'alma a doçura:
Quando eu os fito, querida,
Tão doces, castos, serenos,
Esses teus olhos morenos
Me dão mundos de ventura.

São tão virjinaes, piedozos,
Esses teus olhos, Maria,
Que me dão sons á poézia
E mais crenças aos meus amores...
E eu tenho tanta esperança
De possuil-os, dulçurantes,
Esses teus olhos brilhantes
Cheios de graça e fulgores.

Se um dia em minha existencia
Sentir da estrada os abrolhos,
Aspiro a luz de teus olhos,
Meu amor, minha alegria,
Quero-te crente a meu lado,
E, doce, casta e formoza,
Gozar da luz dulçureza
Desses teus olhos, Maria.

São tão cheios de piedade
Esses teus olhos de Santa,
Que minh'alma se aquebranta
Quando os fito assim... rizonhos.
Neles vêjo refletida
Numa apoteoze de flores,
Refuljindo entre fulgores
Essa imajem de meus sonhos.

Esses teus olhos, Maria,
Cheios de graça e fulgores,
São deste vida os amores,
E de minh'alma a doçura;
Quando eu os fito, querida,
Tão doces, castos, serenos,
Esses teus olhos morenos
Me dão mundos de ventura!

Do «Noturnos».

Clemente Guedes.

BIBLIOTHECA PUBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

Manoel Odorico Mendes

Quazi sempre termina o maranhense seus discursos com as conhecidissimas palavras — "porque filhos somos desta feliz terra, em que nasceram João Lisbôa, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e Antonio Lobo."

Desses vultos gloriozos nas nossas letras fala simplesmente por falar, ignorando, vezes muitas, os valiozissimos trabalhos, com que conseguiram alcançar não só para o Maranhão, mas para o Brazil inteiro, reputação nobre, altiva e majestoza, que só de orgulho nos encher pode.

O de lamentar é que se conserva assim, falando nas praças publicas ou escrevendo em jornaes somente pela rama, para encher o tempo.

De braços cruzados, por ver o indiferentissimo de seus filhos, que não disseram siquer uma palavra, quando mais um ano dodesaparecimento de Odorico Mendes, no dia 17 de agosto do passado, trancorreu, chorou o Maranhão.

Lonje de sua terra, onde não chegavam os soluços da mãe patria, faleceu Manoel Odorico Mendes, sendo enterrado no cemiterio de Santa Maria, em Kenzal Green, em Londres e seus ossos vieram para o Maranhão, no governo do exmo. sr. dr. Luiz Domingues da Silva, em cujo governo parece que o sentimento civico mais se intensificou, na nossa terra.

"Odorico Mendes que tivera por antepassados pelo lado paterno Antonio Teixeira de Melo e pela materno Tomaz Bequimão tornou-se publicista e como tal dois anos depois deputado á assembléa geral, revela-se orador,calmo embora, e advogado imperterrito dos principios da liberdade, tornando-se um dos personajens de mais valôr da época, hombreando em reputação com Costa Carvalho, Feijó, Paula Souza e outros de igual importancia politica".

E nós, relembrando essa data, prestamos culto á memoria do ilustre maranhense, que foi Manoel Odorico Mendes.

Autografos

Para o distinto colega e cultor das Muzas, Clemente Guedes.

Vivo triste e a triste sorte
Me faz cismar, nesta lida;
O éco fatal da mórte
Já sinto em mim ter guarida,
Porque, n'uma luta errante
De vencido do infortunio,
Se ofuscára o plenilunio
Do meu prazer, nesta vida.

Como o batél que divága,
Atôa, sobre a corrente,
E depois, frájil, se alága
Sem a caridade clemente;
Assim, querida, o teu bardo,
Não tendo um só peito amigo,
Resvála o abismo, sem abrigo
De um só peito consciente.

De que serve a vida, então,
Entre os homens, e não tendo
Um ceitil da compaixão
Que Jezus plantou dizendo:
«Amae ao proximo». E no entanto
Vemos nós, a cada dia,
A miséria e a hipocrizia
Valerem um culto de um santo.

Tenho nôjo, e mais que nôjo,
Da nojenta adulação!
De individuos, que, no bôjo
Só carregam a pretenção,
De serem uns homens de bem,
Quando vemos que o seu—Eu—
E' a carcássa de um sandeu,
Da baixeza de um vilão

São esses que mais ocupam
As posições, n'um palácio;
Do tesoiro, os cobres chupam,
Ligeiros, como um prefácio;
E depois, zarpam, contentes,
No meio de pompoza grei,
Em pós de fazerem a Lei
A caza da «Mãe de Inacio».

Eis porque sinto que a vida
Não é mais que uma cadeia,
De ferros, toda tecida,
Sem o luzir de uma candeia,
Onde cada um desgraçado,
Caindo nela, não póde
Salvar-se, que o mal acóde
Gargalhando é têta cheia.

Ser honesto, e ter carater,
E' coiza que caducou;
A essencia, prima, máter,
E' ser ájil n'um «complot»,
Que o negocio de ser homem
De bem, e lutar com a vida,
Com honra, minha querida,
Do mapa, já se riscou.

Razão porque vivo triste:
Geremias sobre escombros,
Que só destroços assiste
Carregando sobre os hombros,
O ódio da sociedade
Que se chafurda na lama,
Como em perfumada cama:
Animaes feitos de combros.

Setembro - 918.

Bedico de Rodrigues.

Pelo Arari e Vitoria

Em traçando estas linhas não temos outro fito, senão defender o interésse unico da cauza que rezumidamente nos propômos a explanar.

Acha-se prezentemente aqui no Estado, em construção de linhas no sertão, uma comissão da Diretoria Geral dos Telegrafos, chefiada pelo enjenheiro Dr. Riveréto, funcionario da mesma Repartição.

Parece-nos oportuno este momento para empregar um pouco de atenção a uma zona que até hoje tem sido por demais esquecida.

Fazem já alguns mezes que o Telegrafo nos anunciou seria construido um ramal telegrafico para a Vitoria do Baixo-Mearim, e até hoje nada mais se falou a esse respeito.

Ao que nos consta, esse ramal será tirado de Viana, e, nesse caso se montará em Arari uma estação telefonica com serviço telegrafico.

São couzas do Brazil e, em especial do Maranhão.

Se não nos falha a memoria existe um estudo feito por competentes enjenheiros, a respeito dessa questão secular de telegrafo nessas duas localidades.

Desse estudo se deduz precizamente, que o ramal telegrafico deve ser tirado do Itapecurú para o Arari e daqui para Vitoria.

A quem tenha interêsse de bem servir a cauza de um pôvo e a economia de uma Repartição, estará de acôrdo com a ultima fórma, isto é, ligar telegraficamente o Arari e a Vitoria ao Itapecurú.

Olhando-se pelo lado da economia, segue-se que, de Viana á Vitoria, projeto que oferece todos os inconvenientes, terá a linha que fazer uma grande cúrva para safar-se do lago, e será por demais dificil e dispendiozo o transporte de postes, pois que, a maior parte do trajéto, será feita no campo.

Olhando-se pelo lado dos acidentes de linha, ainda é desvantajózo o mesmo projeto, porque, Viana por sua vez é um ramal que, quando a sua unica linha não permite falar a S. Luiz, fica prejudicado todo o seu serviço e o das suas coletadas.

Suponhamos, que na estação invernoza caam dois ou tres lances de linhas no ramal de Viana á Vitoria. Como restabelece-las se o campo esta cheio e os postes emergidos até meio?

É possivel, um guarda-fio reinfincar um poste telegrafico em taes condições?

Parece-nos que não!

E assim terá a Vitoria que ficar sem a sua dezejada comunicação telegrafica por muitos dias, e quem nos dirá se por mezes?!

Deixemos porém o que achamos tão inconveniente e passemos a justificar o traçado que, conforme a comissão de enjenheiros já aludida acima, tambem pensamos ser mais vantajózo, até mesmo para a Vitoria.

O Itapecurú tem a vantajem de ser a estação tronco do nosso distrito telegrafico; isto é, tem todas as linhas em seu comutador, de modo que é um cazo extraordinarissimo não poder ela falar á estação desta Capital.

Deste principio vê se bem, que a estação do Arari coletada pela de Itapecurú e coletando a de Vitoria, ou ambas coletadas pela de Itapecurú, terão um serviço diario e perfeito o que não acontecerá por Viana, especialmente no inverno.

Em se tratando da construção, extensão, e conservação do ramal a vantajem é muito notavel, pois, de Itapecurú ao Arari, é quazi uma linha réta, distando apenas poucas léguas, e as proprias matas por onde terá de passar a linha oferecerão os postes.

Tudo isso; pensamos, a comissão de enjenheiros explanou precizamente.

Sabemos que entre aquelas duas localidades desprovidas de telegrafo existe uma rivalidade em ambas quererem estação telegrafica, o que aliás é justo; mesmo porque, nenhuma razão existe que justifique o governo querer montar estação telegrafica em uma e telefonica em outra.

Serão, por acazo as localidades do rio Itapecurú filhas lejitimas do Estado e do Paiz, e as do Mearim enteadas?

E, se não as são, porque deixar em abandono telegrafico muitas cidades e vilas deste rio, quando naquéle todas teem?

São por acazo mais importantes?

Não nos parecem; e daqui nos dirijimos aos ararirenses e vitorenses, lembrando lhes que é oportunissima a ocazião para unidos—pois a união faz a força—dirijirem junto aos poderes competentes juntando a essa acão o concurso de todos os chefes politicos do Estado, e seguindo a praxe, oferecerem ao governo federal como auxilio, uma caza para estação como fez Guimarães, ou alguns contos de réis imitando Carutapá e outros municipios.

E' uma questão muito seria em que se deve abandonar as dissenções locais.

Não haverá humilhação nem desprestijio uma vez que por direito e justiça seja dada a ambas, estações telegraficas que poderão fazer o trafego independente de uma conhecer o serviço da outra.

Aqui estaremos sempre alertas na defeza da coletividade.

Setembro, 1918.

Jota Va.

O Posto de Socorros aos ulcerados

Tivemos o prazer de fazer uma vizita ao «Posto de Socorros», que foi instalado na nossa capital mediante os incansaveis e reconhecidos esforços do ilustre clinico Dr. Achiles Lisbôa.

O «Posto de Socorros» no curto espaço do tempo que está funcionando tem protejido e amparado inumeros pobres que se acham acometidos da ulcera de baurú, tendo já alguns doentes tido alta.

Convém aqui salientar a atividade que tem empregado o Dr. Achiles Lisbôa, auxiliado pelo Dr. Herbert Jansen e pelos srs. farmaceutico Pires da Fonseca e enfermeiros Avelino Souza e Vicente Melo, que com admiravel zelo e paciencia fazem os curativos, esforçando-se bastante para verem consumado dentre em breve esse terrivel mal que que se ia progredindo dia a dia.

Os curativos feitos no Posto têm atingido diariamente de 100 a 130.

Foi uma idéa verdadeiramente caridoza essa do Dr. Achiles Lisbôa instalar um «Posto de Socorros» em nosso meio, porque já se estava tornando apavorante ver-se espalhados pelas ruas da capital inumeras pessôas acometida dessa maligna enfermidade, implorando uma esmola a cada tranzeunte.

Os governos Estadoal e Municipal e alguns comerciantes desta praça fizeram donativos ao «Posto de Socorros», oxalá que os demais comerciantes sigam tão caridozo exemplo!

GLORIOSO POETICO

ZENITE E OCASO

Silente a mata. O sol a prumo. As vacas
Contentes mujem no curral da herdade.
Serpeia o rio gemebundo, ao longe
Trazendo ao coração—viva saudade,

Dess'epoca de outr'ora, quando ainda
Tudo era aurora, rosicler, bonança
E a vida se escoava mansamente
Entre os braços da fé e da esperança

.....

.....

A mão do tempo roedora esponja,
Tudo ha delido dessa prisca éra,
Tranformada se vê ora—a Fazenda
Em bronca e rude e colossal Tapera.

11—8—1918.

Dr. **Oscar Galvão.**

O SOLDADO

Para Candido Aires.

Fórte, sozinho e cheio de esperança,
Eil-o no alérta um guarda brazileiro;
A espreita do inimigo traiçoeiro
Para lançar por terra sem tardança!

Com fé, fitando o além, sustenta a lança
Em pozição do lance mais certeiro...
Tem a gloria sublime do guerreiro
Que a sublime vitoria sempre alcança!

Eil-o de fronte erguida e corajozo,
Expondo a vida sem temér da mórte
Pela vida do pátrio glorioz9 ..

Toda sua alma uma esperança encérra
De vér um dia erguido ativo e fórte
O auréo-vérde pendão de nossa terra!

. Do «Noturnos»

Clemente Guedes.

SONHO DA VIDA

Ouvi gemer, um celebre arvoredo,
Juntamente, um regato trepidante...
A tremer vi um passaro, com medo
Do venduval que passa mutilante!

E vi!... á catadupa d'um rochedo...
Uma pédra mover-se delirante!
Ouvi gemido estranho d'um penedo,
Como um longo soluço torturante!

Assim: gemo o soluço noite e dia.
Junto a mim me consola a simfonia
Do regato da vida, que extremece!

Ser passaro na vida, é ser humano...
E' sofrer todo engano e desengano:
Depois?—perde-se a vida, e se adormece!

A. Machado.

O Luar do sul

(no inverno)

Eu quiz ver o luar n'esta parajem...
Fitei o ceu, e a lua esmorecida
tinha os desmaios de quem sente a vida
perder-se em pouco em lugubre friajem

Da mesma lua a encantadóra imajem,
como fulje no norte, esmaecida
é aqui,—uma perola perdida
a vagar lá na celica paisajem

O frio que a circunda lhe amortece
do ceu do norte os limpidos fulgóres
e mais ainda a luz lhe desfalece

E a lutar dessa neve entre os vapóres,
si, no sul, si, este ceo, ela aparece
é chorando do norte os espledóres

Rio, julho 1918.

Franklin de Menezes.

ALMA QUE SOFRE...

A' minha mãe.

I

Eu sinto em mim, as garras d'um tormento,
Como o embater das ondas num rochédo;
As furias de um viver, féral e trédo.
Aos guinchos infernaes de um sofrimento.

Sou triste, malsinado; e o frio dédo
Da morte, me perségue o pensamento!
E nas minhas entranhas, um violento
Revolver de odios, raivas, e de médo!...

Não sei se tive amor! amor, loucura...
—Se algum dia eu o tive, a desventura
Fez-me esquecér, de tudo que redime!

As nossas almas!—Quanto o mundo é vário!...
— E eu só tenho ao subir do meu calvário
O amor de minha mãe.—O amor sublime!

II

Não tentem desvendar meus sofrimentos,
Nem tentem aliviar a minha magua!
Se virdes os meus olhos razos d'agua,
E' por chorar crués padecimentos...

Que o proprio mar, rolando entre os abrolhos,
Gemendo entre as espumas latescentes,
Não tem as mesmas queixas, tão patentes,
Como essas que se notam nos meus olhos!...

Eu sinto o corpo estremecer, e penso
Que um dia, de improviso, qual procela,
Eu tombe d'um sofrer, profundo, imenso!...

.....

Depois, quando eu morrer—na cruz erguida,
Quero em meu leito, esta inscrição singela:
«Orae por ele, que sofreu em vida!»

S. Luiz, 13—9—918.

Elpidio Santos

Pela Vila S. Pedro

As constituições não se adotam para tiranizar, mas para escudar a consciencia dos povos.

Claramente exposto como foi pela imprensa a pretenção de direito que se arroga os ricos capitalistas srs. Joaquim Julio Corrêa & C., a respeito a uma vasta área de terra que faz questão definitiva ser propriedade sua, ficou portanto na opinião publica formulado conceito de que as nossas asserções relativas a um rejimen que taxamos de *suçuranis* não foram baldas de veracidade e injustas sobre a manutenção deprimente do rejimen vergonhozo que exerceram e ainda querem impôr á parte de um povo, de um dos Estados mais esquecidos, porém o mais futurozo do Brazil.

Queremos contudo confirmar a questão melindroza que surje no seio do povo, no Estado, e urje honrozamente o Governo rezolver.

Sendo que o Governo, auscultando as aspirações justas do povo pindareense interpretadas pelo Gremio Civico Luis Domingues com relação ao ex-Enjenho Central, S. Pedro, levou ao Congresso Maranhense o projeto elevando esta povoação a categoria de Vila, o qual foi decretado, e mais tarde sancionada a lei n. 800 conforme telegrama que nos foi transmitido.

Como querem agora os ricos Senhores capitalistas demolidores do importante estabelecimento S. Pedro e da estrada de ferro, que o Governo desmoralize o seu acto, revogando as dispozições em contrario?

Mesmo que hezitante os poderes... fiquem n'uma hipoteze por infelicidade nossa, deixando perdurar o rejimen humilhante, o povo de forma alguma não pode continuar de braços cruzados ao indiferentismo oficial, n'uma situação bem critica a que o querem, avassalar ou submeter...

O indiferentismo dos poderes constituidos, no seio de uma parte da coletividade, é uma coiza de grave importancia e muitas vezes essencialmente má que a maioria dos Cazos acarreta reaes prejuizos e graves perturbações de ordem publica que nada pode justificar em cazo algum dado á magnitude do assunto e cauza que muitas vezes justamente defendem.

Portanto o Governo inspirado nas leis que rejem a nossa constituição deve interpretal-a e executal-a como deve ser, pois como bem diz a aguia de Haia—o genial Ruy Barboza, em um discurso proferido em 1903 no Colegio Anchieta «As constituições não se adotam para tiranizar, mas para escudar a consciencia dos povos».

S. Pedro.

Antonio Bastos.

Ciclos

No limiar da vida oh amôr! bebi todos os teus filtros saboridos. Bebi-os alegre, cantando, coroado de rozas como os deuzes ditozos que passaram ..

∴

Porem, um dia, no tumulto da vida as trevas cobriram-me oh amôr! os filtros acabaram, as rozas murcharam e só os espinhos ficaram.

De certo outros filtros virão mais doces e perfumados! Virão, mas já estarei tão longe da vida impetuoza e só de espinhos é o caminho.

Não vive a flôr sem perfume?

Viverei sem amôr, sem serva e sem rainha, só na minha dôr de passaro cativo, porque a dôr é ventura e não dôr, oh mundo!

Marcus Antonius.

MEDITAÇÕES

A quem me compreende,

Se colasses o ouvido em meu coração ficarias crente que te amo, pois cuvirias em suas leves pulsações pronunciar o teu doce nome..

A uma Senhorinha

Ha pessôas que consideram o amôr uma verdadeira loucura. Pobres coitadas... são essas as mais faceis de se embriagarem nesse licôr tão precioso e quazi sempre são as que se conduzem ao abismo do desespero e da desventura...

Gascar.

A quem merece...

O homem só ultraja a mulher quando a ama apaixonadamente e se sente humilhado pelo seu inabalavel desprezo.

Maria E. Varela.

Enjenho Central

Recebemos os seguintes telegramas abaxo:

E. CENTRAL, 4

Fonte oficial somos informados instalação vila, sete setembro, data glorioza nossa independencia representando vontade geral povo esta localidade confiante vossa civica compreensão solicitam vizitar esta rica zona quazi esquecida, solenizando patriotico acto aguardamos vossa vizita, urjente aviso rezolução tomada para que possamos embora simplesmente manifestar jubilo aspiração tão usta

Antonio Bastos, Amadeu Serejo, Mariano Castro.

—

Cientes louvavel gesto Governador, Cartos generozo rasgo civico passajem sete de setembro.

Antonio Bastos.

—

MONÇÃO, 4

Membros junta alistamento militar aqui deixaram incluir alguns partidarios seus, inclusive filho, genro delegado policia. Oportuna-

mente enviarei documentos comprobatorios,patenteteando gravissima, injustificavel falta.

Manoel Trindade.

—

Confiante civismo, patriotismo e zelo chamamos vossa atenção irregalaridades lista militar, enviada aqui membros junta, deixaram de incluir pessoas suas familias e partidarios, correio confiaremos documentos comprobatorios.

Antonio Bastos.

ERRATA

No soneto «Tres viajantes» onde se lê: dizem serem, leia-se: dizem ser.

Atendendo ao honrozo convite dos srs: Antonio Bastos, Amadeu Serejo e Mariano Castro, para assistirmos á inauguração da vila S. Pedro, no dia 7 de Setembro, pedimos a esses senhores, para nos reprezentar nas solenidades.

O mez social

Anfversarios:

EM SETEMBRO.

—A 6 a exma. sr. d. Henriqueta Nina Parga.
—a 7 a senhorinha Nerine da Rocha Lima.
—a 8 a senhorinha Zuleide Costa.
—a 11 o sr. Diomedes da Rocha Santos, funcionario federal.
—a 19 o sr. Serafim Teixeira Junior, digno comerciante da nossa praça;
—a intelijente e aplicada professoranda senhorinha Hilda Lopes.
—A 23 a senhorinha Amelia Nogueira, intelijente e aplicada aluna do 2º ano curso profissional do Liceu Maranhense.

Dr. Achiles Lisbôa

A 2 deste mez comemorou mais um ano de existencia o illustre clinico dr. Achiles Lisbôa, um dos maranhenses que muito tem trabalhado pelo seu berço.

Ao dr. Achiles Lisboa, um dos medicos mais humanitarios desta terra, a «Revista Maranhense» envia as suas felicitações.

Prof. Nilza Godois

Não é a primeira vez que nós escrevemos sobre a illustre profesora cujo nome epigrafa estas linhas. Atualmente exerce o cargo de professora de Pedagojia e Hijiene Pedajica, no curso profissional do «Liceu Maranhense».

No dia 7 do corrente d. Nilza recebeu, em sua residencia a filha Nina Rodrigues, pessoas suas amigas que lhe foram levar as suas felicitações, pela passajem do seu aniversario natalicio. A essas felicitações juntamos as nossas.

Santinha Pinheiro

A 7 deste mez a senhorinha Santinha Pinheiro via passar mais um ano de sua existencia. Um dos ornamentos da nossa sociedade, Santinha se destaca pelas suas apreciadas qualidades.

A ela e a sua familia os nossos votos de felicidade perene.

Sinhá Machado

Transcorreu a 12 do corrente o natacio da senhorinha Sinhá Machado, aplicada aluna do Liceu Maranhense e dileta filha do veneranndo professor Domingos Afonso Machado, a quem, bem como á aniversariante, enviamos as nossas felicitações.

Dr. Oscar de Barros

Os alunos do «Instituto Maranhense», prepararam significativa manifestação de apreço pela passajem do aniversario natalicio, a 13, do ilustre Dr. Oscar de Barros, professor e diretor dessa casa de educação.

Ao aniversariante do dia 13 enviamos parabens.

Jozé Maria de B e Vasconcelos

E' com verdadeiro agrado que noticiamos o aniversario natalicio desse nosso ilustre companheiros, transcorrido em 13 deste mez.

—Abraçamo-lo.

Prof. Gilberto Costa

A 14 do corrente, foi alvo de sinjela manifestação de apreço,por parte dos seus inumeros alunos e alunas, por motivo do seu natalicio, o ilustre prof. Gilberto Maia da Costa,competente prof. de Francez do Liceu Maranhense, Instituto Maranhense e em outras casas de educação.

Aprezentamos os nossos cumprimentos.

Capitão Luzo Torres

E' com imenso jubilo que noticiamos a promoção do 1.º Tenente Luz Torres ao posto de Capitão. E' um dos mais distintos oficiais do nosso glorioso exercito brasileiro quer pelo dezempenho de seus serviços, quer pela sua reconhecida intelijencia. A «Revista Maranhense», envia ao seu ilustre assignante as suas felicitações.

João Caldas

O nosso distinto colaborador João Paulo da Silva Caldas, acaba de ser transferido da Delegacia Fiscal de Belo Horizonte, onde vinha dezempenhando com zelo e competencias o logar de 4.º escriturari , para o Tezouro Nacional.

Os nossos parabens

— o dr. Franklin R. Viêgas teve o seu lar alegre pelo nascimento do interessante Joãozinho Viêgas.

VIAJANTES

Dr. Jozé Barreto da Costa Rodrigues

Da Capital da Republica,onde foi prestar os seus valiozos serviços,na Camara Alta do Paiz, chegou, no dia 3

(*O mez social continua na pagina n. 74*)

A Saudade

Faz dois dias, Maria, que te fui deixar a bordo e vôltei só para casa.

Custou-me muito este sacrificio, mas tratava-se da tua mãe que, doente, e afflita te chamava com aquele telegrama dolorozo: vem, minha filha, para que ainda me encontres viva; quero ver-te antes de morrer.

E eu não podia opor-me a esse adeus eterno, eu não podia negar ao coração de uma mãe esse conforto de ver a sua filha, antes le deixar a vida. As minhas obrigações não me permitiram acompanhar-te e fiquei só, triste, amargurado e tu foste com dupla dor—a da minha separação e a de saber o estado grave da saude da tua boa mãe.

Fiquei só, já habituado à tua doce companhia ao teu conchego, a viver dos teus olhos, a viver da tua respiração.

Nesse dia, em que me deixaste, completavamos sete mezes de casados.

Lembras-te bem como estavas formoza?

Lembras-te como todos te admiravam?

Não direi que todos se enamoravam de ti, por que tenho ciume.

Mas tolera que a vaidade fale: nunca mais bela noiva se viu.

E eu era naquela ocazião o rei do Universo, ia possuir o maior tesouro, o maior encanto.

Habituei-me a te ver sempre, a te ter sempre junto de mim, no entanto hoje me vejo só e a alma se me dilacera, tenho receio de enlouquecer.

Quero ler, mas corro paginas e paginas e nada comprehendo e só penso em ti.

Quero trabalhar, vejo-me tolhido e vejo-me incapaz do menor esforço.

Maria, não te direi que voltes, porque é sagrado o teu dever de filha, mas demora-te o menos que poderes, salva minh'alma, salva-me do abismo em que vejo lançado Maria, nunca tive dor na vida que se comparo da nossa separação, tão cruel que aniquilou, tão terrivel que me inutilizou para tudo. Já sabia, Maria que não podia viver sem ti e os sofrimentos acerbos que tenho padecido mostram-me que a saudade é um calice amargo é uma corôa de espinhos que eu sofro com desespero.

Vem, meu anjo, vem salvar-me, vem encher o meu lar de vida

Quero ver a tua imagem, quero adoral-a, quero ser o teu escravo, quero gozar a felicidade da tua doce companhia, dos teus encantos, da tua ternura.

José' A. Correa.

Antonio Lobo

Se Antônio Lobo ainda existisse, hoje como de outras vezes, experimentaria esse nosso e inolvidavel patricio, indizivel satisfação, pelas manifestações de apreço que a mocidade ateniense sempre lhe prodigalisava, um crescendo enobrecedor, ao mestre tão querido.

Justas e sinceras, porque eram partidas de corações muito jovens, nos quais a politica apezar dos seus constantes e audacisos combates não poude penetrar por mais que o tentasse; essas manifestações expontâneas, cheias de reconhecimento e gratidão, não se realisavam para engrandecer ou envaidecer o mestre idolatrado, se não para demonstrar-lhe, que elas tinham sua origem no seu proprio merecimento. Nenhum outro se lhe poderia igualar, para receber da mocidade estudoza de Atenas brazileira manifestações de estima, como as de que vimos falando. E' que Antônio Lobo, sintetizava em si, personificava mesmo, se assim nos é licito dizer, o apóstolo sublime da instrução, para quem era grande prazer transmitir aos inumeros jovens de que vivia rodeado, as luzes fecundantes de seu espirito superior. E não será demasia lo acrescentar, porque nisso não irá engrossamento, que o grande mestre tratava a todos paternalmente, ao distribuir, irmanmente, com os seus discipulos, os louros que lhe cabiam, pelas conquistas que vinha diariamente alcançando com a sua gloriosa inteligencia. Nisto é que estava a sua vaidade. O seu mister sagrado ao qual se entregava de corpo e alma, era disputar por gregos e troianos com a força radiadora de seu intelecto poderoso, o germem bemdito da instrução. Não se lhe poderia arguir de visionário, ou de um louco cedento de gloria, pois o excelso Mestre com pouco se contentava, e a sua glória estava em se ver cercado, como Socrates, por toda a parte onde quer que estivesse, por grupos de moços.

E tão bem desempenhava êle a sua missão de educador, de guia e de pae intelectual da mocidade, que nunca se ouvia dos labios de um dos seus discipulos uma queixa, um murmurio de imprecações contra o mestre preso.

Mestre, êle o foi, e durante todo o tempo estafante que passou no magisterio d' qual só a morte o pôde afastar, Antônio Lobo professou tão bem, como se fôsse um enviado do Divino Mestre. Por que, pois, esquecê-lo, quando mais do que outrora devemos ter em mente os beneficios que êle nos prestou? Retenhamos sempre nos nossos corações a memória saudosa do querido mestre que êle o foi.

—4 de Julho de 1918—

Alberto Viana.

OLHOS

Tão belos olhos como aqueles olhos
Jamais me esquecerei da divindade,
Estava, antes de vel-os, entre abrolhos
Duma vida de pura soledade...

Agora o meu viver é de ventura.
Dissipou-se da vida os meus escolhos,
Desde o dia que eu vi, entre amargura,
Tão belos olhos como aqueles olhos!...

Astrolabio Caldas.

DEZILUDINDO

A TI...

Tu me chamas ingrata?

Que loucura! Não sabes que a ingratidão tem o seu trono no peito dos falsos e perversos? Se nunca te amei é porque não posso nutrir em minh'alma o sentimento da hipocrizia. Considerar-me-ia indigna se fizesse o teu coração abrigar a esperança de um outro afeto a não ser o amôr fraternal. Perdôa a minha franqueza e aceites a minha fraternal estima.

Maria E. Varela.

deste mez, esse nosso ilustre conterraneo, deputado federal, cuja ação bem eficaz, demonstrou,em o seu discurso de estrea, procurando concorrer para essa aspiração brazileira que é o saneamento do Brazil.

Daqui, mesmo, tardiamente, lhe enviamos o nosso abraço de bôas vindas á terra natal, onde é largamente admirado.

—Para Cururupú, onde reside e é abastado lavrador seguiu o Cel. Manoel Ribeiro da Cruz, acompanhado de sua exma. espoza D. Benedita Viégas,seu sobrinho Washington, sua filha mlle. Ceci, e suas sobrinhas mlles. Miluca e Cecota Viégas, gentis senhorinhas, tres belos ornamentos do escol social cururupuense.

—Para a mesma localidade seguiu D. Thereza Lima, veneranda senhora, levando em sua companhia Mlle. Odete Oliveira, gracioza figura do escol feminino cururupuense.

—Vindo de Viana,acompanhado da sua exma. espoza, esteve, nesta Capital,em tratamento de sua saúde o Cel. Raimundo Campêlo, coletor estadoal e estimado cidadão naquela cidade.

Jozé Gomes

De Belém regressou,em principio deste mez,o nosso ilustre companheiro Jozé Gomes. Abraçamo-lo.

—Da mesma localidade regressou o sr. Anachagoras Carvalho, ativo auxiliar dos srs. Leão Ramos.

FALECIMENTO:

—Faleceu no mez passado, o recenacido Walker Souza, filho do sr. Erasmo Souza.

Dr. Camara Lima

Em a cidade do Rozario,faleceu,no dia 21 deste mez, o ilustre cidadão, cujo nome serve de epigrafe.

Desapareceu, justamente quando,em plena a vidade de suas idéas e convicções, batalhava por um povo e era a sua muralha de defeza sempre firme a oferecer a mais destemida das rezistencias contra os canhôis terroristas dos potentados.

Chefe de familia exemplar em todos os seus mais comezinhos deveres.

Majistrado reto, em todas as suas sentenças, nunca se afastara do caminho da justiça,devendo a isso a pérca do cargo que mais tarde lhe sendo entregue por acão judiciaria, puzeram-no em disponibilidade, pois infelizmente as cousas ainda continuaram assim...

O povo rozariense, se bem que o saiba,terá que apreciar, daqui para deante, quanta falta lhe fará o ilustre morto.

A' dezolada viuva, filhos e demais parentes do falecido aprezentamos, sentidos pezames.

O AMANHECER

Resplandecia a madrugada.

O imenso velazio azul do céu, recamado de estrelas, ia, pouco a pouco, revestindo da purpurina luz da aurora.

A lua, já muito palida, refletia sobre as aguas do rio Pindaré, os tons harmoniosos da sua branca luz, enquanto a briza agitava num murmurio, a folhajem do arvoredo que lhe cobria as margens.

Descia eu o rio naquela manhã num batelzinho, em busca da fazenda «S. José», gozando dos esplendores, que a natureza oferece a essa hora sublime do dia. Tudo parece reviver lentamente.

Brancas florinhas, mirando-se na torrente que mansamente deslizava, já abriam as suas corolas humidas de orvalho para receber o banho de luz, que lhe enviara o sol.

A perdiz das matas,já soltava o seu assobio agúdo; a saracura, o seu saudoso canto, como que entoando um hino ao Creador.

Parecia naquela manhã encantada, que a natureza se havia deixado tomar de suave nostajia, e em misteriozo cismar evocava um outro mundo, mais doce, mais puro que este, em que, o homem morre, tendo apenas sonhado a perfeita liberdade e a felicidade completa.

LUCY.

A LUZ ELETRICA

Desde o dia 21 que a nossa Capital teve a ventura de ver as suas ruas, ainda mesmo as mais insignificantes jorradas pelo clarão belissimo da luz eletrica, que a vontade de ferro cizada com o caracter impoluto e espirito inteligente do dr. Clodomir Cardoso benemerito prefeito desta cidade, a dotou.

Qual o maranhense que desconhecerá as barreiras opostas a esse grande melhoramento e as dificuldades da epoca que atravessamos ?

Felizmente, ainda o avacalhamento não sobre poz o criterio e a dignidade de quem realmente possue; e cremos, que todos os nossos patricios que honraram (é assim que o dr. Clodomir julga os sufragios) com os seus votos em um pleito acirrado como foi o de 1915, estão plenamente satisfeitos e, quem nos dirá dispostos a votarem em sua Exc. para governador do Estado na futura eleição !

O exemplo de quanto ele fará está patentissimo e não cremos que interesses politicos sobrelevem os interesses inadiaveis do Estado.

A's urnas pois, povo maranhense, que quem vos fala, é uma humilde Revista de moços não eleitores, portanto sem paixões politicas, e só desejando o engrandecimento da nossa terra.

O 7 de Setembro

Independencia ou morte !

Grito que fez vibrar em cada peito brazileiro, a mesma sensação que experimentam as pequenas avezinhas, quando ensaiam o seu primeiro vôo—a esperança da sua liberdade !

Barro Vermelho, 28—8—918.

Iris.

"Farmacia do Norte"

—Praça João Lisbôa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal, Bromil, Balsamo, Café Navegante, Café Reirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opoldeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier, Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Ramz, etc.

Neme Munier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais

—Dezejando comprar algumas coizas, não encontro uma caza comercial que me agrade ..

—Que novidade! O amigo a procura de uma caza !!!..

- Então as tuas reticencias me fazem crér que conheces alguma bôa...

—Se conheço?... Está claro. A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

—Onde?

—Vem comigo!... Lá tu verás... **bons brins, chapéus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerôlas, meias, estratos de diversas qualidades, sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas para dentes, toalhas, paninhos,** enfim uma infinidade de outras coizas que eles vendem por preços nunca vistos...

—Vamos, depressa. Está muito longe?

—Não. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz, 19 ou então na rua do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 1.041.700$000

Rezultado do 78 sorteio da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 prestamistas.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 2633—Manoel José Gonçalves da Rocha, rua de Sant'Ana, n. 28 A.
2.º N. 2453—José Benedicto Moreira Lisboa, rua Coronel Colares Moreira, n. 35.
3.º N. 146—Lucio Ribeiro Baureteldt, residente em Fortaleza.
4.º N. 2350—D. Francisca Maria da Silva, rua de S. Pantaleão, n. 40.
5.º N. 2662—D. Thomazia Bertrand Barbosa, rua Jacinto Maia, n. 16.
6.º N. 3016—D. Honorata Roza Ribeiro, residente no Codó.
7.º N. 241—Joaquim Firmo da Silva, rua Oswaldo Cruz, n. 145.
8.º N. 1129—Raymundo de Pinho Magalhães, rua de S. João, n. 57.
9.º N. 3013—Juliano Angelo de Oliveira, rua Afonso Pena, n. 75.
10.º N. 2119—Henrique Magalhães de Sales, rua de Santa Rita, n. 16.

CASA NO VALOR DE RS. 1.800$000

1951—Luiz Alberto Lima, residente em Flores.

Maranhão, 15 de Agosto de 1918

Claudino Neto

Fiscal do Governo Federal

Adolfo Paraizo Director-Gerente

GRACIOSIDADES

(Dueto comico)

POR

LUIZ SILVA

(Da UNIÃO ESTUDANTAL SYLVIO ROMERO)

A SCENA PASSA-SE N'UM JARDIM

Entra pelo lado esquerdo um rapaz muito elegante, e pelo lado direito uma senhorinha muito desdenhósa.

Elle — (*Galanteando-a*)
Bom dia, captivante senhorinha . . .
(**Ella** *vira-se com um olhar de desprezo*)
Dizendo, assim, eu julgo que sois minha!
Ella — (*Com indifferença*)
Eu nunca vi um moço tão gentil
Elle — (*Sorrindo*)
Não sabe que sou filho do Brazil?
Ella — Bem vejo no moreno e nas feições;
Mas, sem querer mudar de opiniões:
O que deseja, agora, aqui, commigo?
Elle — (*Ao publico*)
Tenho muito vergonha!
(A' **Ella**) — Qual! . . . Não digo!
Ella — Ora, diga, sinão está perdendo
Todo o latim . . .
Elle — Estou quazi vos dizendo . . .
Ella — (*Anciosa*) Ora, diga, me diga por favôr . . .
Elle — (*Depois de pensar uns dois minutos*)
Senhorinha, quem tráz-me aqui é o amór
Immenso, que no peito meu, flutua
Como brilha, no azul-celéste, a lua . . .

BIBLIOTHECA PUBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

OUTUBRO

Eis o Outubro. Vem-nos festivo. Nele rendemos culto a duas imajens: N. S. dos Remedios, em cuja igreja, durante o tempo em que balbuciavamos as nossas preces á Virjem Santissima, eramos deleitados pelo som da melodioza orquestra que parecia levar até aos pés da Santa as nossas fremantes suplicas. Os canticos, pareciam-nos mais com o sonoro cantar de anjos, em coro, entoando hino de gloria... A outra imagem, a qual rendemos culto, foi N. S. do Rosario, que se acha no seu modesto templo.

E assim, festivo, foi que transcorreu esse mez, deixando nos corações de todos os habitantes da nossa «Atenas» uma sinjela recordação.

Novembro—*Novembro! Que dizer de si? Chegou lugubre a principio, trazendo-nos o tristonho dia 2, em que rendemos homenajens á memoria dos mortos. Novembro tornou-se, depois de tanta tristeza, festivo. Nele se commemoram importantes datas que realçam na nossa historia, como um farol iluminando successivas gerações. Temos o dia 15 em que se proclamou a republica no Brazil; o 18 em que a Atenas Brazileira aderiu a Republica, e o 19 em que se festeja a Bandeira.* —**A. C.**

Maranhão-Outubro e Novembro de 1918

DIRETOR INTERINO
Astrolabio Caldas
REDATORES
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes
REVISOR
José Vasconcellos
THES. INTERINO
Benicio Rodrigues

REVISTA MARANHENSE

ANNO 3—NUMERO 32 e 33

Publicação mensal

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

Redação

Rua Afonso Pena, 6

Assinaturas

ANUAL

Capital . .	2$000
Interior . . .	2$500
Exterior	3$000

SEMESTRAL

Capital	1$200
Interior	1$500
Exterior	1$800
Numero avulso	$200

(Tirajem 500 exemplares)

SUMMARIO

Dr. J. J. Marques—Redação.
O continente Fantastico—Redação.
O Partir—Clemente Guedes.
Minha querida «Revista»—Lizoca Nunes.
Florilejio Poetico—Diversos.
Arnaldo, Dulce e Carmen—Jota Vá.
Porque havemos de ser orgulhosos?—José Augusto Correia.
Lendas—Naires.
Dr. Urbano Santos—Redação.
O Lessa e seus feitos—José Leopoldo.
A instrucção—Ceres.
Ao crepusculo—Orestes Mourão.
O mez social.
NOVEMBRO. O maior poeta—Redação.
O mar e o poeta—Iris.
O Dia de Finados—Redação.
Artur Silva—Redação.
A Cronica—Gil Citalino.
Recordações—Tunico.
O mez social.
Florilejio Poetico—Diversos.

MARANHÃO — OUTUBRO DE 1918

ANO 3 **REVISTA MARANHENSE** NUM. 32

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETAS

BIBLIOTHECA PUBLICA DO ESTADO MARANHÃO

Dr. J. J. Marques

Desde ás primeiras horas do dia 9 de outubro, circulou por esta capital a triste noticia da morte trajica do Dr. José Joaquim Marques que, na qualidade de 1º vice governador do Estado, exercia o mandato, em virtude de haver sido concedida, pelo Congresso Estadoal, uma licença ao governador eleito, exmo. snr. dr. Urbano Santos.

Logo que se espalhou a infausta noticia, acorreu á sua rezidencia, á rua de Sant'Ana, inumeros dos seus amigos, notando-se no semblante de todos um profundo pezar, pela perda desse cidadão que era dotado de um admiravel carater. O seu ideal era o direito e a liberdade, procurando sempre trabalhar pelo progresso de sua amada terra.

O dr. José Joaquim Marques naceu no ano de 1870, na vila de Penalva. Era filho lejitimo do major José da Serra Gama Marques e de sua espoza D. Joana da Cunha Marques, ambos já falecidos. Iniciou os seus estudos no Seminario das Mercês, nesta capital, pretendendo seguir á vida eclesiastica, mas, partindo para a Europa, fez o curso de agronomia na Escola de Grignon, regressando ao Maranhão com o diploma de enjenheiro agronomo. Chegando á terra natal estreou-se na vida publica, sendo eleito deputado estadoal pelo partido do Dr. Benedito Pereira Leite.

Depois deixou a vida publica, seguindo para Parnaiba, onde contraiu matrimonio com a exma. snra. d. Almerinda Véras Marques, filha do comerciante da Parnaiba, snr. Franklin Gomes Véras. Após o seu cazamento destinou-se a Terezina, capital do Estado do Piauí, onde fixou rezidencia. Em Terezina didicou-se á vida comercial, abandonando-a depois da morte do Dr. Benedito Pereira Leite, quando resurjiu á vida publica.

O ilustre morto foi em diversas lejislaturas eleito deputado ao Congresso Estadoal, e presidente essa mesma corporação, sendo eleito 1º vice governador do Estado para este quatrienio.

O Dr. J. J. Marques deixa tres filhos menores e viuva, a quem enviamos pezames bem como aos snrs. Dr. Raimundo da Cunha Marques e Celso da Cunha Marques.

O continente Fantastico

Especie de continente fantastico foi o nosso durante longos anos, e sobre o qual pairavam as mais diverjentes afirmativas, quer quanto aos costumes e viver dos seus habitadores, quer quanto aos limites territoriais, que o abranjiam.

E essas afirmativas sem bazes comprovadoras, em sua maior parte, eram mais um objeto da preocupação dos nautas aventureiros, nesse tempo, que quebrando os laços, que os uniam á familia, arrojavam-se, destemidamente, a procura do ouro, de escravos, de terra e de tudo o que não haviam perdido.

Era a luta do homem, no desvendamento de tezouros cobiçados, que, secretamente, guardava a natureza.

Mas a nuvem de mitos; historias infundadas e incertezas desapareceu, espanejada pelo vento prometedor da ciencia, que sem temer os preconceitos dos tempos de encontro foi aos inventerados dogmas.

E ela triunfou com a descoberta do genovez Cristovão Colombo, que partindo de Palos, sob ordens castelhanas, desembarcou, em S. Salvador, que tomou posse, para a corôa, de que estava em serviço.

Colombo sofreu as consequencias do seu tempo e faleceu pauperrimo, consolado de haver dado á humanidade um Novo Continente, que era velho e conhecidissimo pelos nossos antepassados.

Exemplificando, Cristovão Colombo e querendo avivar as côres "do devemos amar o fruto da nossa iniciativa" trousse um pouco de

terra: que lhe foi derramada, dentro do seu caixão, depois de haver deixado as fantazias deste mundo, que foi muito bem estudo por Schaupenhaner, o mais convencido dos pessimistas conhecidos.

E com o descobrimento da America, em 1492, a humanidade, que vivia manietada pelos preconceitos inverosimeis desse tempo, empurrou-os, para lonje, graças ás afirmativas, contestadas por muitos, apregoadas por Toscaneli e cultores outros da ciencia.

O certo é que a America quer provar ao mundo que será ainda um dia grandioza, por meio do movimento, em caminho do progresso que se está efetuando, tendo á vanguardo os Estados Unidos, Republica Arjentina e Brazil.

Salvé a memoria do genovez ilustre!

O Partir

Tarde de Maio. A velha serrania
Psalmodiava um rozario de agonia...

Os pássaros, num todo de surpreza,
Descantavam o poder da natureza...

O céu tinha um desmáio em seus fulgôres,
E a floresta gemia entre os verdôres.

Era o instante oprimido da saudade
Que Deus fizéra á triste humanidade...

Os dois, cheios de fé, ajoelhados,
Tinham o sofrer de dois crucificados...

Dois coraçõs feridos nos amores!
Duas almas seguindo aos dissabores!

Era o instante cruél tristonho e fino
Em que se busca a estrada do destino.

Este instante de crença e de amarguras,
Deus dedicára ás tristes creaturas.

Foi neste mesmo instante extraordinário
Que Jezús succumbira no calvário.

Ele fizéra o grande sacrificio
Para encetar a vida do suplicio.

Ela, cheia de dôr, de mágoas plena,
Tinha o olhár febril de Magdalena...

E, emfim partira entre gue ás opressões
Para o viver de tantas illuzões..

Ah! nunca mais os dias venturozos,
Ou de noivos carinhos dulçurozos...

Ei-la depois, sozinha, e pensativa
Sem ter siquér uma esperança viva.

Sua alma dia a dia entristecia,
Dia a dia o seu corpo enfraquecia.

Sozinha.—Onde a alegria já passada?
Como viver no mundo amargurada?

A morte, ás vezes, detestada e fria,
Vale mais que uma vida de agonia.

O' Deus, tu que és supremo nas alturas,
Porque deixas sofrêr as almas puras?

Porque fizeste assim entristecida
Uma alma sem venturas pela vida?

Mas Deus que a todos o poder espalma,
Não lhe acalmára os sofrimentos d'alma.

O' céus ardentes! Santa Natureza.
Onde está teu poder, tua grandeza?

Ela sem um carinho só, temêra,
Ante esse amôr que o mundo entristecéra.

Tudo era triste, o velho mar profundo,
Desde então, se tornára moribundo!

Ela ficára a volta onde sumira
Aquele que jamais sua alma vira.

E ali, junto a uma cruz ante uns cipréstes,
Sua alma déra ás regiões celestes...

Ao longe, n'uma triste sol da te
Os sinos repicavam com saudade.

E deste então, essa hora de agonia
Passára a se chamar «Ave Maria»...

«Rozas e Dores».

Clemente Guedes.

Minha querida "Revista"

Há muito tempo, muito, que tenho vivido afastada do teu amavel convivio, que um dia n'um gesto de extrema gentileza, me ofereceste.

Agora, meus olhos que tinham deixado de avistar-te, tiveram a satisfação de ver-te de novo, sempre esperançoza e bela, sustida pelo esfôrço denodado do punhado de moços intelijentes, que te dirije, caminhando impávida e serena, á conquista da gloria. Avigorou-se me á tua vista, a nevôa filaz da nostalgia que guardava comigo, do tempo, em que te dava tudo o que podia, do meu coração e do meu cerebro; e venho de novo qual filho prodigo não esquecido do teto amigo em que viveu e sorriu, bater-te á porta.

Acrece ainda que a tua amabilidade não riscou meu nome do quadro das colaboradoras e não poderia passar me desapercebido o teu gesto fidalgo, deixando que a cinza do tempo escrevesse sobre ele a palavra: ingratidão!

Aqui te envia uns palidos versos, e muito feliz será se tiver a honra de os ver nas tuas paginas quem te é muito grata.

Lizeca Nunes.

FLORILEGIO POETICO

IGATU'

(Para Avelino Faria)

Eu vi partir de novo e na partida,
Por te deixar minha pequena aldeia,
Entre todas as outras preferida
Não fazes tu a mais pequena ideia...

Como tua imajem n'alma reflet'da,
Levo na chama que a saudade ateia,
O rio, a praça, a pequenina ermid-,
Tão branquinha de noite á lua cheia!

Um perfume de claras esperanças,
Levarei na bagajem do meu sonho
Mas a lembraça cara entre as lembranças.

De todas estas que meu peito encerra,
E' a que levo do limpido e risonho,
Pedaço azúl do ceu da minha terra!

Zingara.

MANHÃ DO NORTE

Manhã do norte! Q a to és linda e bela
irisada de luz! Quanta alegri
com teu sol fulgur te que irradia
de sublime beleza tanta téla!

Não tens das nevoas a sombria umbéla
que o sol oculta, e esta aljidez doentia
que o coração e a alma nos esf ia
com esta temperatura que enrejéla.

Oh! Quanto a natureza n'esta plaga
é diversa da nosso! E quanto esm ga;
a quem n'outra viveo e a não esqu ce!

O teu sol que ilumina bemfaseio
a tudo afaga com seu ardente beijo
e a nossa vida com sua luz aquece!

Rio, Julho de 1918.

Franklin de Menezes.

LOUCA PAIXÃO

A'.....

Se eu pudesse esquecel-o um só momento,
Banir d'alma febril esta paixão,
Transportar para longe o pens mento,
Tiral-o desta tetrica obcessão;

Se eu pudesse fujir desse tormento,
Riscar o nome seu do coração,
Lançar em tudo o véo do esquecimento,
Desse amor jamais ter recordação;

Acostumar-me á dura realidade...
Que nos s para, o mundo enganador!
Feliz seria em minha soledade!...

Pois a louca paixão que me arrebata,
E', simplesmente, o efeito desse amôr,
Que lentamente, lentamente mata!...

Altiva Smith.

PERFIL

M. S.

Modesta, distintissima, formosa,
Muito aplicada e muito intelijente;
Bem merecia o nome ter de Rosa
Porque da rosa é pouco diferente...

Cabelos belos; lindos finalmente
São os olhos alegres da mimosa
Menina distintissima, formosa,
Muito aplicada e muito intelijente!

Mlle. tem o olhar que é tudo;
Tem a face rosada e de veludo
E muito gosta de um vest.de azul...

Mlle. é aluna comportada;
Mlle. é a mais admirada
«Desta formosa America do Sul.»

Luiz Silva.

AMAR

Amar—é trazer n'alma o desalento
E o coração repleto de ilusã-,
Ter no peito alegrias d'um momento
E ter n'alma um mar cheio de ambição.

E' julgar-se feliz por um sorriso,
E' um lentivo ter na propria dô...
Amar é transportar-se ao p raiso
E o sofrimento é a condição do Amor!

Iolanda Paraiso.

DOLOR MIA

Para M...

Não sei porque no amôr sincero e puro
Encontr sempre a duvida e o receio!
Se digo a quem mais amo; a Deus eu juro,
Serás por toda a vida o meu enleio!

Se digo ainda mais: por ti melduro
A téla do Ideal, que sonho e anceio...
Terás o afago eterno do meu seio
Na fé acrisolada de um futuro!...

E' quando menos sou recompensado
Pois que a mulher que se ama e se estremece
Julga-nos tolo quando apaixonado;

Ah! quanto é vario o pensamento humano!
Olhar, sorrir, amôr... tudo obedece
A inevitavel lei do Desengano!

Elpidio Santos.

BIBLIOTECA PUBLICA DO ESTADO DO MARANHÃO

Arnaldo Dulce, e Carmen

(*A pedido*)

Arnaldo era um rapaz moreno, estatura regular, de uns 23 anos.

Nascera no interior, onde se educara modestamente.

Sempre inclinado a protejer o proximo, empregava a maior parcéla de sua energia nessa sublime ação de onde infelizmente era recompensado ingratamente.

Quando colejial ainda, beliscara-lhe o coração alguma cousa extranha que ele mesmo não podia e nem sabia descrever.

E' que, na noite anterior sonhára ver alguem femi. nino lhe atirando beijos que ao atinjirem o alvo, transformavam-se na palavra—amôr.

Dai começou o rapaz de pensar, não sem desvanecimento, o que seria o amôr que ninguem podia ver.

No dia seguinte ao entrar na aula surpreendeu se em verda pequena distancia a mesma imájem que, atraz, apenas dois dias faziam, lhe acenava em sonho.

Inquiéta-se!

Começa de perguntar: quem é aquela coléga estranha? Alguem lhe explica.

Tratava-se de uma sua prima e, como sabem, os primos melhor se entendem

Aproximou-se e com a sua peculiar polidez, reverentemente a cortejou, congratulando-se por ter a honra de conhecê-la.

Eu, pruna do Senhor?!...

Acode, rapido e admiradamente a menina.

Arnaldo córando: sim, explicar-me-ei.

.....

Passado esse tempo em que harmoniosamente Arnaldo, descorreu sobre o que pareceu uma ouzadia para a bela menina, esta levantou-se cumprimentando e lhe pergunta: como se chama o primo?

—Arnaldo.

E a prima?

—Dulce.

Estavam as couzas nesse caminho quando tocou á entrada da aula.

Despediram-se.

Dai para deante um preocupava reciprocamente o espirito do outro.

Mais tarde, Arnaldo, teve que retirar-se de sua terra onde nenhum futuro poderia fazer; e, quando depois de algum tempo ali voltou, Dulce estava noiva.

Dotado de um espirito calmo e reflectido, a tudo fujia para não falar de tal assunto.

Voltando á terra onde fazia sua carreira, algum tempo depois, de observador serviu em o desmanchamento do noivado de Dulce.

No mesmo logar se achavam agora ambos, procurando porem. Arnaldo, não mais reviver aquêle amôr que na realidade não chegou no tempo colejial a ter começo oficial.

Mas, as almas se iludem!

E, se não quando, nem pensar ao menos queria, renasceu o amôr em ambos.

Fatalidade!

Atravessam agora tempos e tempos dificeis sem que contudo, se lhes intimidem siquer o passo.

Mas, novamente os separam de um logar para o outro, o espaço, parecendo agora ser mais longo.

Espirito que sem duvida interesse tinha, encarregase da complicação dessas almas, que tanta confiança inspiram mutuamente.

E tanto investe esse interessado, até mesmo no estraviamento das cartas de ambos, que, precisamente seis mezes após a ultima que chegou ás mãos daquêles dois entes, Arnaldo se convenceu de que já estava esquecido por Dulce e receiosamente de ouzar declarar-se a Carmen.

Esta sabia mais ou menos do amôr entre aquêles, e foi com escrupulo, depois dêle lhe ter mostrado a interrupção da correspondencia durante seis longos mêzes, tempo portanto bem necessario para qualquer pessôa se julgar abandonada, que êla disse a Arnaldo: «Se prometer durante o meu curso não deixar pessôa alguma saber, nem mesmo a mamãe, prometo amar-lhe com sinceridade, embora com toda a dificuldade que tão cêdo já conheço: o seu compromisso com Dulce.»

Claro está que ele aceitou a proposta, pois nunca fôra leviano.

Além dessa primeira jura de Carmen, para Arnaldo, seguiram-se muitas outras cada vez mais *sinceras*.

Após talvez, apenas um mez, Arnaldo recebia duas cartas de Dulce cheias de interrogações sobre a razão por que, escrevendo todos os vapores, ha sete mezes, (que longo tempo) nem uma resposta recebia?

Com êle, até antes de se ter declarado a Carmen, dava-se o mesmo, escrevera todos os vapores e nem uma palavra recebera.

Deante de tantos mistérios, Arnaldo começou de inquerir os factos, conseguindo apurar, terem sido, premeditadamente estravadas, por alguem interessado, que havia falecido, faziam já dois mezes, todas as cartas trocadas entre êles.

Triste situação a de Arnaldo!

Vivia pensoso!

Mas, que fazer se misteriosamente tinha sido afastado de Dulce e não queria nem devia ser falso a Carmen?

Escreveu então a Dulce, explicando verdadeiramente o que se havia passado.

São decorridos sete mezes e começa o celebre mez mariano.

Carmen, ao contrario de outros tempos, transformou-se em assidua frequentadora da igreja e principiou a amofinar meios a Arnaldo, que não sendo nenhum matuto de hontem na capital, espreita esc upulosamente, recebendo quasi todos os dias, traiçôras e descabidas desculpas, até que Carmen, sendo vencida pela *sinceridade* tão e tantas vezes solenimente prometida, sem mais razões, a um simples dez fez de Arnaldo, para que applaudisse por êle ou pelo outro (o do mez mariano), êla vendo-se inteiramente comprometida no assunto, pois Arnaldo tinha convicção de tudo, resolveu levantar o vôo, arriscando...

Ele, despede-se serenamente de uma sua amiga que tambem estava na occisão e retira-se.

Desde então saiu a pensar nesse caso extraordinarissimo, do que, não querendo trair a Carmen, fizéra a Dulce.

Mas restava-lhe um consôlo; não fôra mentiroso nem desleal; dissera a verdade a Dulce e não traira á Carmen.

E' de facto um romance a vida de Arnaldo!

E tanto êle a compreendeu que tem procurado viver sô, sem amôres e sem princezas.

Sabe que Dulce ainda vive e só pensa nêle.

Aguarda pois a ocazião para penitenciar-se aos pés dela suplicando-lhe perdão.

Tem convicção que será perdoado pois que, Dulce tem a alma branca como um anjo e pura como a néve.

Arnaldo invocando-a, lhe suplicará: Dulce, sê complacente, perdoa-me, pois o meu desvio do caminho santo que trilhavamos, devemo-lo a um traidor invejoso que naturalmente, a esta hora, já está suplicia lo perante o Deus, esse mesmo Deus que infinitamente nos protejerá.

Outubro, 1918.

Jota Va.

PORQUE HAVEMOS DE SER ORGULHOSOS?

Sois uma mulher bonita?

Ah! não pensais um pouco na velocidade do tempo, não pensais nas molestias?

A' proporção que se vão decorrendo os annos, procurai no espelho ver o declineo da vossa formozura. Notai como vossos cabelos alvejam, como as rugas se formam no rosto, como os dentes revelam destroços.

Assim bem vereis que a formozura é passageira, corre veloz. Quando conhecemos uma moça deslumbrante e a perdemos de vista, se acaso a revemos, annos depois que, surpresa, como um rosto lindo se transformou em uma figura feia!

Porventura não ha dote humano mais fragil de se perder do que a beleza.

Sois um homem inteligente, um orador, uma pena vibrante?

Qual o vossos merito?

Não vos fizeste-, nascestes assim, já com determinados predicados que apenas aproveitastes.

Mozart nasceu musico, Rafael pintor, Miguel Anjelo escultor.

Este nasceu honrado, não ha mizeria que o leve a praticar uma má ação; aquele vive para o servilismo, aquel'outro sofre todas as injurias e não sabe repelir uma afronta.

Não devemos ter orgulho de dotes naturais nem acreditar que estes sejam estaveis.

O tenor vê a voz enfraquecida por qualquer acidente, o pianista sente os dedos tolhidos, o sabio vê a memoria apagar-se lentamente.

Sois ricos?

Por acaso nascestes de paes ricos, nada dependeu do vosso esforço, nada do vosso merecimento. E se no labutar diario formastes uma torre de ouro, consultai a vossa consciencia, vede os arranhões que nella sentis.

Quando mesmo ela seja pura e cristalina, considerai quanto a sorte vos ajudou, quanto o ocaso vos favoreceu.

Eu penso que o orgulho é filho da ignorancia.

Um homem sabe um pouco de chimica e se julga senhor dos conhecimentos humanos.

Mas, para saber uma couza imperfeitamente, quantos milhões de outros ele ignora!

Se o homem reflectir um pouco, conhecerá o seu nenhum valor e caminhará sem orgulho nesta via dolorosa que constitue a vida, gosando a felicidade com modestia ou sabendo soffrer a desventura, com resignação.

José Augusto Correia.

Lendas

As lendas são factos, que, na opinião popular, sempre pronta a deixar-se influenciar pela propria imaginação exaltada, tornam-se com o correr dos tempos, em narrações bordadas de matizes poéticos e graciosos, que muitas vezes perdem o seu caracter real, e adquirem um caracter fantastico, maravilhozo ou terrorista. Taes narrações, muitas vezes, são puramente ficções, e se existem na imaginação popular, que as elaborou, podendo um só facto, pessôa ou couza, dar orijem a diversos grupos de lendas.

As leddas existem desde a mais remota antiguidade, e são tantas e tão variadas, que o cerebro humano não póde conceber o numero ilimitado delas, porque cada passo que o mundo avança, novas lendas se vão formando.

Neste escrito tentaremos descrever concizamente algumas lendas.

O rio Nilo, «o rio sagrado», porque os ejipcios o tinham como tal, ofereceu-lhes na antiguidade, assunto para um interessante ciclo de lendas, e entre elas figura a de Iris e Oziris, a mais gracioza.

Grandes vultos, taes como Napoleão, Alexandre da Macedonia, a rainha Semiramis e outros, têm os seus nomes aureolados por lendas que os apresentam como sêres de poderes insuperaveis, e cujos feitos gloriozos têm um quê de divino ou sobrenatural. A' individuos como esses, não raras vezes, são atribuidos muitos atos praticados por outros seus conterraneos que viveram na mesma época, e que ficaram obscurecidos pela fama e admiração, que aqueles atrae a para si, pela fascinação irresistivel que as pessôas de bravura comprovada ou de dôtes superiores exercem na massa popular.

Tracemos lijeiramente a lenda de Semiramis, rainha da Assiria.

Semiramis era filha da deuza Derceto de Ascalão, no paiz dos filisteus, com um mortal, e, sendo abandonada por sua mãe, ao nacer, foi alimentada pelas pombas consagradas á deuza, que a protejiam com as suas azas carinhozas.

Casou-se, mais tarde, com Onés, (um dos generaes de Nino, rei da Assiria), que se apaixonara pela sua maravilhoza beleza.

Foi ela que conseguiu por um ato de bravura, a conquista Batriana, então em guerra com a Assiria. Os batrios descuidaram-se da sua defeza, por julgarem a cidadela inexpugnavel, e Semiramis transpoz as suas posições, obrigando-os a renderem-se a Nino.

Atraiu deste modo a atenção do rei para si, o qual nutrindo por ela uma intensa paixão, arrancou-a violentamente ao marido, deixando-lhe quando morreu, o que sucedeu pouco depois, o trono e um filho, Nynias.

Semiramis era de uma ambição desmedida, e empunhou as redeas do governo, planejando emprender feitos que levassem o seu nome coberto de glorias á posteridade.

E' a esta rainha que muitos historiadores atribuem tudo quanto de maravilhozo os assyrios e babilonios puderam ufanar-se: palacios de riquezas magnificentes, construções de cidades, o celebre jardins suspensos de Babylonia, etc. Como rainha pacifica ela tornou-se notavel, e, tambem nas guerras conseguiu grandes vitorias contra os persas, medos, armenios e submeteu o Ejito e a Etiopia.

Por onde ela passava, como ao genio do bem, a natureza curvava-se submissa e satisfazia os seus minimos caprichos; os rios desviavam-se do seu curso primitivo e tomava o que ela designava; os tuneis abriam-se, como por encanto, ás mãos de sêres inviziveis, e a terra, que era esteril, tornava-se de uma fecondidade milagroza.

Como guerreira, porém, a bôa fortuna não a acompanhou até o fim da existencia; ao chegar á India, o seu exercito foi desbaratado, e ela teve de fujir as pressas para o seu reino, onde viveu algum tempo mais, no fim do qual, transformou-se em pomba e desappareceu.

Mas, entre as inumeras lendas que constituem o apanajio da alma popular, distingue-se pela sua universalidade, simplicidade, amôr e boadade, a lenda de Jezus de Nazareth, o deus que veio ao mundo, conviver com os homens peçaminozos, e na sua magnanimidade, não hezitou em sofrer os mais rezes tormentos, e em oferecer o seu preciozo sangue pela salvação da humanidade.

Esta lenda, ao contrario do que sucede com muitas outras, que, com o correr dos tempos, vão se desvanecendo na tradição popular, vae adquirindo maior cunho de realidade e avassalando maior numero de crentes, sendo sinceramente aceita como verdadeira religião—o cristianismo.

10—10—1918. Naires.

A canastra da "Revista"

E' com bastante satisfação que agradecemos a vizita de diversos periodicos amigos desta «Revista», que pairam sobre a nossa humilde meza de trabalho e prometemos breve retribuição de vizita.

Senhorinha Avilla. (Capital). Recebemos os vossos escritos que serão publicados neste número. Com satisfação o fazemos, pois que, voltam a abrilhantar as pajinas da nossa «Revista» com as suas belas colaborações, que tanta falta fizeram nos ultimos mezes.

Colaboradoras. (Capital e interior). Não vemos motivo para se ter em esquecido de continuar a escrever na nossa publicação. Se, involuntariamente, existe razão para assim procederem queiram reclamar á Redação. Assinantes. Capital e interior). Rogamos, sempre que se mudarem de residencia e municar á «Revista», para o efeito da entrega e remessa da mesma, sem o que, não terão direito a reclamação.

Ze' do Sertão. (Capital). Por falta de espaço deixamos de publicar neste numero as suas quadras da sessão «Na viola», o que faremos brevemente.

Paros. (Rio). O seu soneto intitulado "Olhos e Planetas". Vejo-nos ás mãos. Veja lá o primeiro quarteto;

«Esses teus olhos que brilham em meus dias
São dos planetas a illuminar-me a vida
Pela *estrada da luta* entristecida
Quando me vejo em transes de agonia...»

Gozou Sr Páros? O primeiro verso, que é decassilabo, falta o principal, que é ritimo. O segundo, além da falta de ritimo, conta-se, poeticamente, onze silabas. O terceiro, que está melhor metrificado, a muito mal na contração da preposição *de* com o artigo definido *a*, em seguida ao substantivo estrada. O quarto, é verso decassilabo verdadeiro, quer em metrificação, quer em sentido.

Quanto ao resto dos seus versos está em peior condição, mas, não desanime. Corrija-os e volte, querendo.

M. Souza. (Capital). O Sr nos chama a atenção para a falta de revizão, na «Revista»; mas, nem sempre a falta é nossa. Agora, Sr. Souza, porque não reclama tambem aos jornaes diarios da Capital, que em serem profissionaes muito deixam a dezejar?! Oh! que novidade!...

—Xisto Mandonça. (Brejo).—Recebemos o seu soneto «Chiquinha», como nos pede publicidade no «Florilejio Poetico» e a nossa opinião n esse sentido julgamol-o *Chiquito* demais para um *cultor das muzas*.

Satisfazendo-o, aqui mesmo o publicamos:

Chiquinha

Ao anjo do meu amor.

O dia estava alegre e a Chiquinha—9
Vendo que o pae estava no trabalho,—10
E a *mãe* (*) lá na egreja se continha,—9
Convidou a entrar *ao seu Carvalho*...—9

Chiquinha! se soubesses *como a minha*—10
— Disse o rapaz olhando *ao soalho* 9
Paixão por *te* assim não me convinha—9
Porque devo mostrar, pois, o que valho...—10

Explica-te, meu bem, por nosso amôr.—10
E, elle olhando a lhe disse com brandura—10
E' que eu confesso com imensa dôr 9
Que o teu pae muita raiva tem de mim!—10
—Não te importa com isso, pois o cura—10
Prometeu-nos casar este ano em fim!—10

—

Agora, Sr. Mendonça, um instante de atenção:—Porque não se suicida, Sr. e vendo o *anjo do seu amor*, a Chiquinha, prossimo a lhe dar o fora com o *seu Carvalho*?

Exp. «antes morrer que penar».

Luizinho Sabio.

O ANOITECER

Quantas vezes, depois que Phebo se há deitado no horizonte, não fitamos o firmamento infinado, a contemplar, ora uma estrela que fulje ostentosa no diadema de uma constelação, ora a beleza fascinadora da Via Latea!

E que deduzimos desse quadro sublime, encantador, que jamais pintor algum soube imitar na Terra?

Que existe um Deus, e que esse Deus é infinitamente poderozo!

E' desse Ente Supremo que emana a luz que dá ao homem a faculdade de distinguir o Bem do Mal

Cultivar essa faculdade, afim de conservar-se sempre pelo caminho do Bem, é o que nos compete fazer. Para esse fim, Deus poz na terra tantos sabios missionarios da sua lei! Almas que soffreram tanto por persistirem no dever e na justiça!

Bebamos, pois, a luz destas fontes perenes!

O' almas que andaes em busca de perfeição, não abandoneis a senda em que trilhaes!

Trabalhai, sofrei que dahi irá nascendo atravez des e denso nevoeiro em que andais mergulhadas, a luz cintilante do saber.

LUCY.

O NOSSO OBJETIVO

Desde a vez primeira que, para tratar da fundação desta «Revista», nos reunimos, necessario achamos a imparcialidade estabelecer-se em tudo, que trouxesse os letreiros da politica e da religião.

E assim nos temos portado, até hoje, imparciais, ante acontecimentos importantes havidos, quer na religião, quer na politica, fóra ou dentro do nosso Estado, falando desapaixonadamente, deste ou daquelle, realçando-lhe os predicados, que constituem a sua personalidade, quer seja amigo da opozição ou adepto situacionismo.

Repetimos mais uma vez que a nossa «Revista» não é de feição politica e nem siquer de feição religioza, já porque, quizi sempre, a primeira, na epoca atual, penetrando, na engrenagem social, tem sido a causa de muitos embaraços, já, porque a segunda, em sua complexibilidade, tem envolvido todos os que penetram, em seus campos, cheios de dificuldades, de mysterios, de causas primarios, que ainda hão de ser estudadas um dia.

Temos nos educado, na bela escola do civismo, nessa incomparavel escola que reconhece tão somente uma ambição e que trabalha, par em fim—o do bem estar da Patria e do melhoramento da terra, em que pisamos o primeiro vagido.

E' esse o nosso objetivo—o de imparcionalidade, em o que tratar sobre politica ou religião, como se conclue da leitura procedida em os numeros desse mensario. Damos ao publico esta satisfação por nos constar apregoarem por ai que andamos nos metendo pelos meandros da politiquice.

Dr. Urbano Santos

Em principios do corrente mez, chegou a esta capital o sr. dr. Urbano Santos da Costa Araujo, um dos cidadãos de reconhecido prestijio na politica nacional.

S. exc. foi eleito pela vontade do eleitorado maranhense, para dirijir os destinos deste Estado. Mas, como s. exc. estava exercendo alto cargo de Vice prezidente da Republica, solicitou uma licença ao Congresso Estadoal, afim de ir á Capital do Paiz, e assumir em outubro a cadeira governamental deste Estado.

O sr. dr. Urbano Santos acaba de assumir as redeas do governo, e, no seu bem elaborado discurso que proferiu em palacio, no dia de sua posse, prometeu trabalhar muito pelo progresso do nosso Estado, e disse mais que os seus amigos seriam aqueles que o auxiliassem no seu mandato.

Pelas suas palavras ficamos crentes de que o dr. Urbano Santos não pretende nem quer fazer politica na sua administração, pois, o seu único intento é trabalhar pelo nosso prospero Estado, que muito irá lucrar durante o periodo de sua administração.

Nós que somos apreciadores de todos que se interessam pela prosperidade da velha Atenas Brazileira, não podemos, neste momento, deixar de enviar a s. exc., o sr. dr. Urbano Santos, os nossos respeitosos cumprimentos, pelo muito que dezeja fazer pela sua terra, que é nossa tambem.

Dr. Artur Moreira

Veio da Capital da Republica, em principios de outubro, o sr. dr. Artur Moreira, nosso ilustre reprezentante na Camara Federal. S. exc. pouco se demorou nesta capital, regressando em fins de outubro.

Cumprimentamo-lo.

O Lessa e seus feitos

Dotado de um espirito lucido, de uma alma, que desde já, fruiu as grandezas dos campos elizeos, o sr. Justino Lessa, aprezenta-se, e a o "Atenense" de dezoito de agosto passado, falando latim, deitando a baixo os livros velhos e novos, que encontrou, em sua bibliteca, para nos ministrar lição de psicolojia cuja definição ele nos dá em francez, recorrendo á autoridade de Couzin. Que pandego!

Firmado em alicerce fraco, que se ajita á mais leve passajem do vento, ele, o Justino Lessa zarpa-se do campo da argumentação e atira contra nós, em uma linguajem baixa, algumas palavras, que conseguir não puderam o feito dezejado, por isso as devolvemos, intactas, assim mesmo como nos chegaram.

Deturpando algo do que dissemos, ele aprezenta-se dando-nos concluzões falhas de raciocinio, de lojica e de tudo, as quais o meu vizinho classificou de lessânicas.

Julgando ter feito alguma descoberta, o sr. Lessa apregôa que sem proteção não se pode «aprender a ter vontade». Disso já sabiamos, ha muito tempo, e por esse motivo, aconselhamo-lhe a leitura do excelente livro A Educação da Vontade, de Paiot para que mais fundamente a sua idéa.

Outra concluzão é a seguinte: que só devemos receber as lições dos nossos intelectuais, quando estes as derem ao sr. Lessa.

Contudo ele penra regularmente. Interessante!

Que quer mais? Dizemos-lhe que nunca recuzamos os ensinamentos deles, porque só os espiritos pequeninos se consideram sabedores de tudo e indefectiveis em suas ideias e pareceres, bambaleando-se em vaidades, que se enviperam irritadiças á primeira e mais leve observação.

Um erro tipografico, no penultimo artigo nosso, foi motivo do sr. Lessa regojizar-se.

Temos deixado, diversas vezes, passar erros tipograficos, de que vêm ervados seus escritos, porque assim nos manda a nossa bondade de acostumados a encontrai-os em revistas, jornaes etc.

Em se tratando de ideias a impressão, o sr. Lessa embaralhou-se a principio, e finalmente, concordou comnôsco... O' inimitavel!

Por onde andam o regresso moral e intelectivo, a desproteção, o desamparo da mocidade, mas da mocidade idealizada pelo psicologo, latinista, pensador, investigador, o sr. Lessa, que podemos comparar ao jeremias da lenda, chorôzo por contemplar as ruinas de uma civilização, que se foi.

Que pena!

José Leopoldo.

A instrução

Dedicado ás creanças.

Eis aqui, meus caros meninos, o elemento principal de vossa vida. E' estudando que encontrareis a vossa felicidade, a vossa riqueza e finalmente os maiores confortos, que poderemos gozar, na vossa existencia. Muitas vezes, devereis ouvir, da boca de vossos papás, as seguintes frazes: «Estudem, filhinhos; porque se eu chegar a morrer, sem que estejais creados e destros para o trabalho, nada terei que vos deixar a não ser a instrução. Dinheiro? De onde tiral-o? Nada tenho je, ainda mesmo que o tivesse, de que vos poderia servir, se não o soubesseis dirijir? Serviria de certo, para a vossa desgraça se o empregasseis mal. Já com a instrução não acontece tal. O homem instruido tem sempre e sempre elementos para ser feliz. Portanto, queridos amiguinhos: estudai bastante, para que, em breve, vossos papás, com o coração jubiloso, os olhos a verterem lagrimas de contentamento, possam fruir de uma velhice tranquila e rizonha.

S. Luiz, 17 de Outubro de 1918.

Ceres.

AO CREPUSCULO

Tarde sombria e calma
O sol de estio decahindo, já sem fulgor,
morrendo no horizonte,
Que beleza no céu!...

Um sabiá, cantando ao longe, parece que suplica amor. Defronte, cigarras cantam saudozas...
São horas de partir... Vou olha-la dum mon-

le. Vejo-a triste, muito formoza, ao longe. E deco. Vou lhe apertar a mão!... Mas... Conte, minh'alma, conte!... Conte o que se deu, confesse! Não choras coração, socegue! Vou lhe apertar a mão. vou despedir-me Dela, e já tão pertinho a comitiva parte!...

.....

O sol decera por completo, morrendo no horizonte. A calma crepuscular envolve a Natureza num infindo pezar. Na capela vizinha badala o sino vagarozo e triste...

E ao longe, muito além, o seu vulto vái sumindo...

Orestes Mourão.

Grajahú,—Setembro de 1918.

O mez social

Aniversarios:

A 3 do outubro—o sr. Candido Aires.
—a 10—o sr. Alipio Bandeira.
—a 22—a exma. senhorinha Maria V. Oliveira.
—a 25—O nosso amigo Crispim B. Maciel.
—a 26—a gentil senhorinha Maria da Conceição Nogueira, um dos belos ornamentos do escól social cururupuense.
—A 27—a senhorinha Tertuliana Garrido.
—a 31—o exmo. sr. dr. Alcides Pereira, digno advogado e ilustre jornalista.

—Parabens.

Paula Barros

A 31 do corrente esteve em festas o lar do apreciado pintor Paula Barros, motivado pelo seu aniversario natalicio.

A sua residencia esteve repleta de pessôas amigas, que lhe foram felicitar.

Apresentamos ao distinto artista as nossas felicitações.

VIAJANTES

Acha-se entre nós, vindo da capital baiana, o bacharel Manoel Pinto Garrido, escriturario da Delegacia Fiscal daquele Estado.

—Esteve nesta capital, e já regressou para Morros, o sr. capm. Hugo Vitor Marques dos Santos, cavalheiro de grande prestijio naquela localidade.

FALECIMENTOS

O sr. Saturnino Belo teve a infelicidade de ver falecer, a 27 do corrente, a sua consorte, exma. sra. d. Roza Castro Belo. Por esse motivo lhe enviamos pezames, bem como aos demais parentes.

Dr. Luiz Serra de Moraes Rego

A's primeiras horas do dia 31 de outubro, começou a espalhar-se na cidade a infausta noticia do falecimento do ilustrado clinico dr. Luiz Serra de Moraes Rêgo.

O obito deu-se em sua residencia á rua de S. João, 68, ás 4 1|2 horas da manhan.

Divulgado o triste acontecimento a caza começou de encher-se de pessôas de todas as classes sociaes.

Contava o ilustre morto 54 anos de idade e era filho do sr. João Juveliano de Moraes Rego, já falecido e da exma. sra. D. Ana Candida Silva de Moraes Rego

Depois de fazer com brilhantismo o curso de preparatorios no Licéu Maranhense, seguiu para a Baia em cuja faculdade de medicina se formou em 1887, onde se salientou pela intelijencia, aplicação e aproveitadamente entre os mais estudiosos dos seus colegas.

Exerceu ele diversos cargos publicos, dos quaes destacamos o de medico lejista da policia, inspetor sanitario e catedratico de fizica do Liceu Maranhense no qual ainda se achava desempenhando com a maxima competencia. Colaborou em diversos jornaes desta capital inclusive a «Pacotilha».

Era o ilustre mestre de uma popularidade sem imitação e querido em toda a cidade pela sua bondade e ilhaneza de trato.

O extinto exercia a sua clinica exclusivamente para os seus amigos e necessitados, aos quaes tinha incenso prazer em medica-los ainda mesmo no mais infimo baixo de sobrado.

Nunca viveu para os lucros conforme se deduz da carta que estampamos abaixo.

No trajeto do feretro para a necrópole onde um modesto operario com palavras trespassadas de pezar interpretou o sentimento da pobreza de S. Luiz, de quem era medico o ilustre morto, via-se em cada olhar uma lagrima de saudade.

E' que seguia para a caza da eternidade o medico que nunca recuzára abraçar a pobreza no maior extremo de seus sofrimentos.

Sobre o ataúde em cujas alças pegaram seis medicos dos quaes nos foi impossivel colher os nomes, viam-se diversas corôas, entre elas as seguintes: Eterna saudade de sua mãe; lembrança eterna de seu filho; gratidão da familia Kerth; recordação do seu amigo Eurico Macêdo; e saudade eterna da familia Viveiros.

Sabemos que o mortuario do Dr. Luiz Serra, foi feito gentilmente pela classe medica desta Capital.

A Revista Maranhense que conta em seu seio diversos alunos de Luiz Serra, apresenta á sua genitora D. Ana Candida Silva de Moraes Rego, bem como aos demais parentes do ilustre mestre, as sinceras expressões do seu pezar.

Prézado colega e amigo Dr. Bento Urbano.

Estive, agora, na Secretaria do Interior, onde fui ter uma conferencia que me havia prometido o dr. Urbano Santos.

O dr. Couto repetiu-me o mesmo que v. me havia dito sobre vencimentos no cargo para que sua bondade houve por bem lembrar-se do meu humilde nome.

Creia piamente que não me animam aspirações de lucro.

Estou com minha mãe muito doente e eu mesmo sinto-me muito adoentado e incapaz de grandes esforços, por meus sofrimentos cardiacos.

Peço lhe que me dispense da comissão em que estava.

Do colega e amigo

Luiz Serra.

S. Luiz, 25 de outubro de 1918.

MARANHÃO — NOVEMBRO DE 1918

ANO 3 | REVISTA MARANHENSE | NUM. 33

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS E LETRAS



O maior poeta

HA —todos disso sabem—diversas maneiras de ser heroe, conforme o gosto do observador e o ponto de vista sob que o coloque. Ha, por exemplo, o heroe da guerra—é o que mais mata, acobertado pela bandeira da patria e que a patria,porisso, em recompensa, costuma cobrir-lhe o peito de medalhas. Ha o heroe obscuro que, lonje de olhares humanos, arrisca a propria vida para salvar a de um proximo. Este não conta com a admiração de ninguem que seja;conta, porém,—e tanto basta á sua alma simples—com a gratidão do que salvou. Ha o heroe sabio, que, no silencio do seu gabinete, inventa remedios, para o alivio da humanidade sofredora. E ha, finalmente, o heroe da pena e da palavra,que desfere poemas ou escreve livros,livros e poesias que os contemporaneos muitas vezes não promeiam, mas os unicos alicerces solidos sobre que se ha de levantar, imperecivel, o edificio da patria.

O heroe da guerra, pode ter estatua. Mas estatua amassada com carnes putrefatas e sangue e lagrimas e maldições, é gloria que não peza na balança do que assentou a sua religião sobre uma unica pedra—a Caridade. O heroe obscuro, pode não ter merecido uma linha de elogio dos jornaes nem um olhar de admiração,mas ficou credor de eterna gratidão, por fazer sacrificio da propria vida,pelo simples dever de caridade,sem esperanças de recompensa—o maior feito de que se poderá orgulhar uma alma no concerto dos Bons. O heroe sabio é o contrario do heroe guerreiro; raras vezes tem estatua, mas tem os hosanas unisonos de todo um povo de resuscitados. E o heroe poeta, pode não ter estatua—e quase sempre é assim—e pode não ter hosanas, mas terá pelo menos, uma palavra amiga, brotada, si cora, de cada labio, que ler os seus versos, nos momentos de tedio...

Gonçalves Dias, o bardo cuja festa se deveria realizar a 3 do corrente, está no ultimo caso, no dos heroes poetas. Poeta lirico, o maior de quantos o Brasil já produziu até hoje. E o que mais agrada na sua poesia é a face indianista, é a defeza dos pobres indios em versos sublimes. Ele e Alencar foram os maiores vultos que nesta terra já se levantaram e puzeram a sua pena ao lado desses infelizes humanos ainda no primitivo estado de civilização, nada tendo de superior á besta (pode-se assim dizer,sem menos prezo)senão a fala, pauperrima, aliás, e que os conquistadores,quasquer que fossem,encurralaram lá para o mais inculto das selvas, brenhas,como se fosse vergonhoso apresentar homens nús aos olhos das outras nações...Fala-se a cada instante na escravidão africana;e na outra,na indigena,quantos falam? Pois fizeram-no Gonçalves Dias e José de Alencar, um no verso, outro na prosa, ambos com maestria e sinceridade.

Mais feliz do que muitos dos seus irmãos, o nosso vate teve uma estatua,e mais do que isso, tem, inteira,a admiração de todo um mundo qual o Brasil,e particularmente do seu torrão que pobre dele!—vive hoje mais do que foi, que mesmo do que é, como a Fenix da fabula...

E se assim é, se o poeta foi um grande advogado dos elvicolas, a sua alma, lá do Parnaso celeste, deve de escutar sempre a sinfonia de um côro de bençans a subir do mais recondito das brenhas brasileiras...

E quedará satisfeita.

O MAR E O POÉTA

Mar tu que nas tuas aguas retratas o limpido azul do nosso céo, o verde da esmeralda, cor da esperança, virtude que é a ultima a fujir do peito dos infelizes; tu que guardas no profundo abismo do teu leito, belos prodijios da natureza, como as perolas preciosas, porque não te satisfizeste só com isso e ainda nos roubaste o poéta?! Mar temivel e invejoso de vel-o como cantava as belezas do nosso céo e das nossas palmeiras esbeltas, transformando-te em um monstro horroroso e de garras ferinas, envolveste o e o levaste para ti... Julgarás que assim ele ficará esquecido? Não! Viverá para nos, como a graciosa flôr sempre-viv

Escuta que ouvirás sempre as suas canções cantadas

por centenares de vozes infantis, como um gorjeio suave de passarinhos.

Ficarte mar, mas o poeta não esqueceremos nunca!

Iris

Barro Vermelho, 29--10--928.

DIA DE FINADOS

Não obstante termos lido que estava proibido a vizita á necropole, lá nos deixemos ir e estivemos para dos em frente, pois, na realidade não se podia entrar.

Pensamos que aquele logar fosse mais triste quando por occazião das vizitas ao tumulo dos entes queridos.

Verificamos porem o contrario.

Ali junto ás folhajens leves daquelas arvores parece que gemiam corações partidos de imensa saudade.

Tudo era silencio!

Nos tumulos descansava uma infinda tristeza nem ao menos mitigada pelo aconchêgo dos que costumam regar com lagrimas e suspiros sinceros a falta daquêles que ali dormem eternamente.

Assim, diante de um silencio e tristeza infinda, achamos que devia ser tal silencio; pois que, na realidade, quando é permitido o ingresso na casa dos mortos, menor é o numero dos que vão cumprir o dever de velar o tumulo do ente chorado, do que aqueles que ali vão para perturbar o respeito da vida a caza da eternidade.

Artur Silva

Depois de prolongados sofrimentos, succumbiu nesta capital, no mez de outubro proximo passado o illustre clinico maranhense dr. Artur Silva, que exerceu a cadeira de Fizica na antiga «Escola Normal», e atualmente exercia, com toda competencia, a de Historia Natural do curso profissional do Liceu Maranhense.

O illustre morto que era dotado de um espirito verdadeiramente caridozo, poude conquistar no meio em que viveu inumeros amigos e admiradores, sendo por isso muito sentida a sua morte.

Nós que apreciavamos gostozamente as belas qualidades do falecido clinico, não podemos deixar de expressar a profunda tristeza de que fomos alvos e enviar á illustre familia do dr. Artur Silva as nossas sentidas condolencias.

DISCURSO que o nosso dedicado companheiro Ruben Almeida devia pronunciar, ao baixar o corpo do dr. Artur Silva, e que, entretanto, não o fez, pelo adiantado da hora em que se realizou o enterro.

Haveis de permitir, senhores excelentissimos, que no limiar da casa da morte voz importuna se erga a interromper o cortejo funereo de um que *deixou de ser*. E não só permitir mas ainda aprovar, quando tiverdes verificado que ela provém de um sincero, e que nenhuma outra razão o induz a isso senão o desejo de trazer o seu derradeiro adeus a quem, em vida, tanto e tão bem lhe soube ser amigo. E quando amigo o não tivesse sido, mestre pelo menos o foi, porque ministrar conselhos, suavemente, em conversas, que diriais de velhos conhecimentos, tambem é um dos modos de ensinar, e dos melhores, convinde!

E se foi um mestre esse que ora trazemos em demanda da paz eterna das lousas, então confiamos já plenamente justificada a nossa presença aqui, bem como perdoado o nosso atrevimento.

Mais alto e mais eloquente, porém, falaria nesta ocasião, a voz, reunida, de todos esses centenares de enfermos a quem salvou a vida, ou tudo fez por salval-a, porque vezes muitas mais pode a onipotencia do braço creador do que a sciencia reunida de todos os mortais Hipocrates.

Não visa isto, de modo algum, desmerecer, senhores colegas do extinto, a vossa sciencia e bem ridiculo seria quem a tal se atrevesse. Ao contrario só lhe descobrimos motivo para merecidos louvores, nesse afan, incontido, com que, tendo já, ha muito, verificado essa lei imutavel da dispersão moal da materia a que está sujeito todo organismo vivente, procura, não obstante, combatel-a, com aquela serena e religiosa pugnacia dos alquimistas medievaes. A intelligencia do homem não tem limites—ou não terá, apezar das aparencias e de tudo quanto em contrario se ha dogmatizado, e progressivamente, vae a conquistar terreno no campo dos novos conhecimentos, conhecimentos que para um futuro não muito remoto—podeis afagar essa esperança!—chegarão a se tornar tão vastos e tão completos que somente com suma dificuldade se conseguirá discernir se se trata de um cerebro de homem ou se do grande cerebro, de quem é ele um mero instrumento de acção, é consciente talvez. Consciente ou não, que importa-se isso? Adivinhar e comprehender a sciencia medica e applaudir os seus adeptos, eis do que se necessita, porque o aplauso—já uma vez o dissemos e ora o repetimos—o aplauso é uma das maneiras de conduzir á victoria.

Mas o aplauso a quem já não é deste mundo, que poderá valer? talvez haja alguem a pergunta. E a resposta que vos damos—espiritualistas ou materialistas que sejais—é que este tumulo de modo algum pode e deve demarcar as fronteiras do nosso ciclo vital, porque então fôra a suprema heresia acreditar num poder—Deus ou Arquiteto, Psiché ou Fronema, o nome pouco importa—que nos désse como habitat um mundo onde tudo é para nós um acerbo ponto de interrogação, a começar pela nossa propria razão de ser, para depois abafar-nos entre as humidas paredes do outro lado tumulo. Tambem temos perlustrado os livros materialistas, tambem lemos Hæchel, Burchner e Carl Vogt, apenas para citar tres dos mais afamados sabios teutonicos.

Deles, dos seus livros temos retirado—não ha negal-o—varios ensinamentos, porem ainda não chegamos ao ponto de nelés achar o que os outros, os obstinados combatentes quereum ver, e que vem a ser a negação total e absoluta de uma creança num outro mundo melhor, o que isso que o verdadeiro naturalismo, o de sabio de Darmstadt, por exemplo, limita-se a negar a crença em uma imortalidade pessoal da alma, na imensa abobada azul de cristal dos geocentras cosmos de Protomeu...

O morto, senhores illustrissimos, foi um maranhense que se fez á sua propria custa e com o seu proprio esforço, numa terra em que—vergonha confessal-o!—já se chegou á culminancia de ensinar—ensinar, vêde bem!—que só á custa de muita proteção se poderá conseguir alguma renome... E quando outras qualidades, que as tinha, não as tivesse, só por isto merece a admiração de todos quantos, conosco,—á ovelha que descortina nos panoramos estrangulada entre as garras da aguia, prefere a abelha humilde e laboriosa, que não pode ir muito alto, é certo, mas que até onde vae o faz, sosinha, com as suas proprias forças, sem o auxilio de outrem, e que, depois, quando der por findo a sua colmeia recheada de mel, não terá a recear sussarros de que se a pôde levar a cabo, deve-o á ajuda deste ou daquelo zangão parasita que outra cousa não sabe senão fazer muito barulho e aproveitar-se do honesto trabalho alheio...

Educado á antiga, nos sãos e severos principios que

produziram aqueles vultos do Brasil passado, que hoje, de tão raros, já se vão tornando reliquias os poucos sobreviventes, o sr. dr. Artur Silva soube, desde cêdo, impor se á estima de toda a culta sociedade desta terra, pelo seu talento e pelo seu carater. Mas si mesmo, nessa austeridade de costumes que o caracterizava, é que residia talvez uma das causas da sua incompatibilidade com um meio que ha muito riscou,do seu livro de bem viver,a severidade,como fardo perfeitamente dispensavel. E não sabemos se pela sua independencia ou se por qualquer outro motivo que não vale apurar, teve, como todos, aliás, os que nesta boa terra de São Luiz, cometem o crime de erguer a fronte com altivez, teve, diziamos, de sofrer as suas perseguições e as suas injustiças...A ultima destas, o seu afastamento, depois de vinte e tantos annos de serviço, de uma catedra que ocupava com raro brilhantismo, tentaram reparar, o outro dia, tarde já, quando a alma, mesmo a do mais estoico chega a declarar-se fatalmente vencida, e para a qual, então, nada valem os protestos e as profeicas de eras novas...

E tombou—Não como o junco maleavel que está toda a hora a curvar-se á passagem da aura mais leve, sim como o roble secular, em plena efloreccencia ainda, cheio de seiva, e que um furacão arranca e atira por terra...

Tombou. Mas dos detritos do cadaver brotarão outros novos carvalhos, que a natureza tambem ela tem os seus caprichos, e se não brotarem ficará pelo menos o seu nobre exemplo para os que dele se quizerem aproveitar.

Uma grande satisfação experimentou o morto nos seus ultimos dias, qual a de ver e sentir junto ao leito todos os colegas,—incansaveis, manda a verdade que se diga—em procurar subtrail-o ao fim que,de mãos dadas, o conduziam rebeldes enfermidades. Isto consola, senhores, e ele mesmo teve ocasião do dizer, quando de uma visita inesperada que lhe fez, tarde da noite, um velho companheiro e amigo.

E se assim então, a sua alma ou a sua essencia deve de estar grandemente satisfeita. Porque não pode haver satisfação maior para quem passou inteira a existencia a estender a mão nos que necessitavam, sentir—ah! sentir—que no transe final, tambem lhe estendem mãos caridosas, mãos de parentes, mãos de colegas, mãos de amigos enfim.

A Chronica

Tardos, comquanto, não podemos, serão que não devemos furtarmo-nos á occasião de, por nossa vêz, associarmos o nosso contentamento e os nossos aplauzos sinceros—um ao sentimento universal de jubilo da nossa cidade pela installação e concumitante inauguração da luz electrica; outros aos que tambem assim fizeram ao Dr. Clodomir Cardozo pela dadiva opportunissima e de inestimavel virtude utilitaria com que,á sua energia inquebrantavel e á injucção primacial do seu compromisso com os citadinos, vem de tauxiar á velha cidade dos lucidos, fazendo a tornar-se da thebaida que até bem pouco só merecêra as corrimaças dos estranhos, em um centro civilizado.

E tão feliz e intelligentemente se houve S. Exc que, dos pontilhos da onerosa ironia que nos era atirada pelos visitantes, já agora merecêmos dos mesmos melhores referencias chegando a dizerem só admittir a nossa luz um parallelismo á de S. Paulo e Sebastopoli!...

Já vale por uma recommendação, lá isto é verdade.

No entanto, nêste ponto de vista adventicio e que não vae, verdade seja, á extrinseco á nossa possivel vaidade, se objectiva essencialmente o respeitante á disposição technicados serviços, que estiveram ao critério do Dr. Rocha Santos e outros profissionais, e á fixidez perfeitissima daúz, propriamente.

Em que pese, porém, a considrações outras ao caso, por outros prismas, o evento secundo da inauguração registrada a 26de septembro,affeiçoado ás circunstancias que lhe tenham sido intrinsecas, revéste-se de feições diversas que lhe cédem a importancia de um feito arduissimo.

A todas ésas circunstancias, se as intentáramos ponderar, seria o ter ido onde não permitte a estretura do nosso jornalsinho.

Neste começos, tomando por ponto inicial o advento da installação e concumitante inauguração da luz em momento de tão difficeis calamidades universaes, já sob o ponto de vista da influencia politica nos tramites do cabal desempenho déssa injuncção, já sob o dos circunstancias economicas e, notadamente, sob o da posição indigente e falta da carencia de creditos menos instaveis que assim éram os legados á Commuua por gestões precessoras, chega se á illação de não poderem existir oclusões que não sejam indebitos presbytismos sobre que a plenitude do exito do programma do Dr Clodomir Cardozo tenha validade por uma pujança fecunda,quer sobre as dissidencias fortuitas do imprevisto, quer sobre as preocupações do dissidente reaes.

E' nossa opinião e é ella podemos virtualisar, affeiçoando-lhe os diversos caracteres que, eventualmente, tenham revestido todas as circunstancias obstaculosas o intuitos a prevaricarem a criteriosa lei da palavra do intendente ou a recalcarem-lhe as energias, busca do no intuito de colliga em alto mesmo de ensejos fortuitos—que sempre se lhes deparavam e com o mais desabrido descaso á propria moralidade da politica do Estado.

Outras circunstancias houve ainda que, derivantes da acção de quaesquer mestres de officio na politicalha, ostensivamente se corromperam em preoccupações de derrotismo, contando da ortiva corrente que haveriam os mestres ao Escorpião promettido—e a dissidencia mais se complicou pelo terem feito sob fé de alentados politiqueiros—que,emquanto á Commuua gerisse o Dr. Clodomir, o Vulcano de nossas noites quedaria em thebaida, abroquelado aos palpos do aptero!...

Mas, porque muito já não diste da Tarpeia ao Capitolio, se o compromisso com o bicharôco corypheu da aulica constellação não investiu proporções mais que de uma fatuidade de satrapa ocioso, é opportuno que, ponderando a complexidade das circunstancias e do meio de acção,optemos por aquellas que reputámos por terem sido creadas de adrede, e que se nos antolham de interesse mais pratico, senão que por de momentozo interesse publico... ou eleitoral..

Tomando por ensejo o nosso proposito,celemos linha ainda ás circunstancias que optámos pelo terem sido contingentes ás preoccupações dissidentes do derrotismo, o que, accumula ainda a virtude,aliás adventicia ao titulo da *Chronica* de mostrar que a gente do derrotismo, por assim dizer raspoutinico, antes cuida de contaminar ao vizinho que do esterminar a piolheira propria.

As mais tenazes arduidades ao bom exito do programma do Dr. Clodomir, de feito,foram tecidas nas complicadas jatancias da collegiada oblacionaria ao aulico bicharôco

A collegiáda, que mais que nenhum outro se houve empenhado em tentativas de obliterações á plenitude do feito, foi, assim, o mais inconcusso dos adversarios com que se houve de visar o prefeito, e, tal a directriz de seus intuitos a estar a pique a opporse com modo,ás exarthrosis dos obstaculos, fazendo-os crear ainda mais

Sabemos qual tenha sido a collegiáda e porquanto ella estéja a valêr, quer partindo da sua insurreição á mora

lidade da politica indigena, até o ponto de se ter feito de como criptonyma ás trampolinas pela sobrepujança ao direito individual, fautoriando assim o piso no direito publico e vice-versa, ou quer ponhamos em tára a psycologia da especie em separado.

No empenho inconcusso de interpor á realisação déssa óbra de patente utilidade publica todos os obstaculos, ainda mesmo os collecticios, não regateara em afrontar cabidoaes interesses de uma politica virtualmente pessoal ou punica, o que se deduz a simples vista de qualquer dos onerosos paradigmas que se possa tomar em testemunho á truanice parlamentar dos elementos deleterios do chamado *situacionismo*, ou maioria.

E neste particular, vale o paradigma por um peculio ás obces-ões costumazes dos comeausas que, pelos modos, so cuidavam de sotraucar os mais caros interesses da collectividade publica, investindo isto desproporções de uma autocracia que ainda mais se agrava pela vultuosa circunstancia de ter sido aoplicada em nome da lei, o que, assim, quer dizer que para supremo menosprezo á consciencia do direito!

E, assim fazendo, para a deprimir em desrespeito ao direito publico, foram inevitaveis os rumores da mesquinheza parlamentar; chocaram-se os abalos; delluciam desejos basilicos ante a imminencia da derrocada fecunda; e ainda assim aventuraram-se propositos de maleficia intervenção por iniciativa dos sulicos synagelasticos logo de quando o intendente, nos preludios da victoria do seu proposto passou a trasiadar de *jure* á acção o seu *de facto*!

Contudo.

Affluencia de mais aquella ultima circunstancia, que parecia preludiar o *de profundis* da derrotismo, invalescendo-se do ac nchego á demais outras, se por um lado não conquistou as palmas decretaes, não deixou, de, no entanto, embargar so cammeiro a trajectoria iniciada pelo prefeito que, no fim de contas só podia dispor de seu civismo, da confiança e do apoio integral dos citadinos e do consenso definido da restricta maioria dos camaristas.

Verse pois não peccar por pudonor o protocollo do derrotismo parlamentar; mas, o prefeito, lhe não cumpria tambem peccar pela passividade de seu bello proposito e assim foi que, depois de haverem sido as ultimas instancias descompostas pelos da maioria que em serem presbytos sobrecarregam a significação de sua investidura de proselytos, valeram se d'ella a malbaratear os brios da cidade com a onerosa promulgação de um minguado custeio á já extincta illuminação a gaz—o prefeito, dizia-mos, por dar a ultima de mão de seu civismo, interveio junto ao Dr. Urbano Santos, então governador eleito do Estado, ainda porém no desempenho de sua investidura de sub-chefe da nação.

Comcausas cabalmente de um esmerado maraphotismo, foi isso opportunidade a alentar-se a derrocada fecunda dos ligios derrotistas e assim, o Dr. Clodomir Cardozo pudesse, finalmente, ao tempo em que de vez vasculhava os elementos deleterios da constellação, encerrar o programma ornamental de sua gestão impolluta, completando ou coroando o seus incalculaveis sacrificios,—até de si proprio, ao que nos consta—com o trazer ao dominio da materialidade o que os annos de especulativa já houveram engastado com ares de definitivo ás encopias da utopia!

Reata a luz, afinal que vieram ao de fóra das trevas em que restaramos, parecendo fossem estas de effeito epidemico visto que, em dominarem as ruas da cidade, pareciam mais que permissem tambem o moral á proficiencia dos sycophantas.

Haja-se em vista as ementas do quatrienio passado...

Felizmente porém que da primeira virtude nos livrou em tão bôa hora o Dr. Clodomir Cardozo, e da ultima o Dr. Urbano Santos: —o primeiro rehabilitando-nos nos creditos de gente civilizada, e nos fautoriando simultaneamente o ensejo de mais não delustramos os fóros de povo rico, embora do cujo chefe não tivessem conseguido as predicancias de alto financista coalhar ceitil com que as apojaduras da Fazenda ao prefeito ajudasse na da Obra! ao plenario da evidencia—o segundo parecendo como aplicasse vergastadas valentes de uma politica utilissima que tenha retractado ao seio do obscurantismo os detentores da Luz, obliterando-lhes a magna constellação!

Penhorando pois ao dignissimo governador do Estado Exmo. Dr. Urbano Santos já o alto civismo que prestou a tão bella causa, e ao Exmo. Sr. Dr. Clodomir Cardozo, eminente chefe da Commuua nada mais do que podemos e que são os nossos sinceros agrapecimentos cuidamos ter preenchido a nossa injuncção.

I—XI—MCMXVIII.

Gil Citadino.

Recordações

A alguem...

Meia noite! A rainha misterioza da noite, a palida Lua vagueia núa pelo azul celeste limpido do firmamento...

Eu, sentado com alguns amigos num dos bancos da praça do cantor dos Timbiras, contemplo a multidão seleta, que, depois de erguer as suas preces a N. S. dos Remedios, abandona a igreja e volve á praça das palmeiras, o ponto "chic" do «footing» predileto...

A noite é fresca e suave. A briza com suas azas perfumadas acaricia-nos levemente e baloiça lentamente as folhas dando vivo fulgor áquelle logar de diversão...

Uma banda de muzica, deleita-nos de hora em hora com as suas harmonias.

Todos têm o rizo nos labios...Os velhos, como veteranos, nos seus postos sentados, fiscalizam os fillos que a ima e abaixo sem cessar tem as cabeças leva as cheias de illuzões doiradas.. As moças sobem e decem.

Os rapazes seguem lhes sempre. Alguns, dominados, pelo filho de Venus, empregam toda a ciencia no sentido de haver fé, crença e esperança nos novos *santos* que lhes falam...Os meninos em grupos discutem: «Sports» conquistas, etc, As meninas num vae-e-vem, como um bando de borboletas brancas a marjem d'um lago florido e verdejante, a pouzar de flor em flor, sem achar uma que as abrigue...

Eu tão destraido, julguei sonhar...quando trez meigas creaturinhas aproximam-se e delicadamente oferecem-nos dôces da *kermesse*, que traziam em suas graciozas sestinhas. Como se houvesse despertado, fixei-as,...e na do centro...vi!...bem de perto a obra da natureza, a perfeição, a beleza e o encanto!...

Ela, é uma imajem perfeita, é uma virjem pura, um anjo imaculado, uma verdadeira obra d'arte; só o melhor Artista do mundo, o Grande Deus, poude esculpir semelhante beleza!...

Os meus olhos jamais pecaram tanto!...Nunca tive desejo semelhante!...Porque possuil-a, seria...um céo em vida...

E não mais a perdi de vista e pensamento...

A musica retira-se e ouço repicar o sino—Todos seguem em demanda de seus lares...Ela, em companhia de suas amiguinhas, tambem desaparece no longo da rua Rio Branco.

E eu não sei...porque as lagrimas, deixo para as dores da alma!...E, assim, como se namorando a Lua,

contemplei-a, contemplei-a a transmitir talvez, os meus pensamentos áquela santa...

Tive desejos de seguil-a. Mas...absorto, esquecido de mim mesmo, diriji-me á casa...

Cheguei. Sem animo para abrir a porta, recostei-me a ela!...

Ergui novamente os meus olhos de suplicas para a Lua, interroguei-a...e como resposta obtive a mudez serena!...Ouvi uma agudissima voz que penetrou-me á alma Pensei ser talvez a voz de Cupido, que falasse ao meu coração! Para me certificar, virei-me para o principio da rua e...ei-la que surje sedutora e bela, como um anjo consolador que traz o balsamo divino e me alenta ainda com o seu olhar de Deuza...

Senti o coração pulsar de alegria...e...Ela...foi-se!...

E eu tornei a contemplar a Lua, que deslizava lentamente o azul purissimo de nosso céo, circundado de pequeninas estrelas e branca como as mimozas faces daquela santa...

Não mais pude esquecel-a...insonia terrivel...

Desejei ofuscar de minh'alma abrazada este lenço branca, e deixar que a esponja do esquecimento apagasse do meu coração a sua imagem pura, imorredoura e santa...

Porem debalde!...Foi então que lancei mão da eterna gravadora dos nossos pensamentos, sentindo o cerebro confuzo e ajitado, e coração num palpitar desordenado, tracei estas linhas na lapide do meu humilde coração: «Desejar, é sonhar com o santelmo e tomal-o como guia de nossa vida».

Tunico

O mez social

Aniversarios:

A 1 de novembro, a senhorinha **Amelia Pereira.**

—a 21 a exma. sra d. Cristina **Santos Pereira,** virtuoza espoza do dr. Alcides Pereira.

—a 22 a virtuoza sra. d. Marcolina Nogueira, mãe das nossas assiduas leitoras Cotinha e Amelia Nogueira.

Parabens.

Domingos Barbosa

A 25 transcorreu o aniversario natalicio do aplaudido escritor maranhense Domingos Barbosa, autor do «Dominó Vermelho».

Os nossos cumprimentos.

VIAJANTES

Dr. Achiles Lisbôa

Regressou da vizinha capital do Pará o ilustre dr. Achiles Lisbôa, diretor e fundador do «Posto de Socorro».

Cumprimentamo-lo.

— Da capital da Republica regressou, neste mez, o sr. Acrizio Pacheco, socio da conceituada farmacia «Garrido».

Abraçamo-lo.

—Para Cururupú, onde foi passar as ferias no aconchego de sua familia, seguiu a senhorinha Amelia Nogueira, aluna do curso profissional do Licêu Maranhense.

—No vapor Cururupu, seguiu para a vila do mesmo nome a professora Alzira Abréu Ribeiro, acompanhada de seus filhinhos e sua prima Luiza Coêlho.

—Com destino á cidade do Rosario, embarcou no dia 10, em gozo de ferias a gentil senhorinha Maria Delourdes Coêlho, aluna do curso profissional do Liceu.

—Embarcou para a cidade de Viana, em gozo de ferias a senhorinha Maria Campello, aluna do curso profissional do Liceu.

—Seguiu para Cururupu, acompanhada de seus filhos, a exma sra. d. Emilia Pedrozo de Abréu projenitora do nosso estimado companheiro João Vicente de Abréu.

—A todos desejamos feliz viajem.

Aos nossos ajentes e assinantes

Comunicamos aos nossos carissimos assinantes e esforçados ajentes que, devido o elevado preço do papel em nossa praça, fomos obrigados a elevar o preço das assinaturas para 2$500 (dois mil e quinhentos reis, na capital, e 3$000 (tres mil reis) no interior e exterior do Estado.

Pela vila S Pedro

Enjenho Central, 4

A bem social e moral urje tomar providencias enerjicas a D João que arrasta a mór prostituição de infelizes moças menores. E' protagonista ultimo, Alfredo Costa e inditoza orfã Paula Francisca Mendes. De um ciel facto autoridades e promotor Menção; até agora não foram tom das providencias; o individuo trata casar-se com outra. Levamos conhecimento criterioso secretario justiça ou autoridades competentes.

Antonio Bastos

PUBLICIDADES

O nosso intelijente confrade de «O Postal», Luiz Silva, acaba de dar publicidade a um duêto comico intitulado «Generozidade», muito interessante. E' uma peça que muito recomendo o autor pela maneira por que descreve a cena.

Agradecemos ao joven beletrista o exemplar que nos enviou e enviamos lhe parabens pela excelente estréa.

O CARIOCA

Honrou-nos com a sua vizita o novel colega «O Carioca», semanario ilustrado e bem redijido que se publica na capital do Paiz, sob a competente direção do dr. Manoel Julio de Oliveira. Traz excelentes artigos em proza e verso.

O BOLETIM MUNDIAL

Temos sobre a meza de trabalho o «Boletim Mundial», publicação de reconhecido valor, que trata dos interesses geraes. E orgão oficial da «Associação Brazileira de Imprensa».

—Agradecemos.

FLORILEGIO POETICO

SONHO DE CRENÇA

Se Deus, ouvisse minha voz agora,
De certo, ele punira o despotismo,
Deste crime de amôr que me devora
Atirando-me, ao mais profundo abismo!

Eu seu filho de Deus, pois que nesta hora
Virá a punição porquanto cismo;
Desta dôr que me mata, e me apavora,
Neste enorme e terrivel cataclismo!

Creio em Deus, esse ser onipotente
Que virá defender-me eternamente,
Desta dôr que me punje no meu peito!

Pois eu sei que só Deus é sabedor
Deste crime profundo, que é o amôr
Porque digo que só Deus é perfeito!

A. Machado

DOR SUPREMA

(imitação) *Para F. Santos*

Depois de ter buscado o bem que almejo
Expondo na evidencia o meu amor,
E qual um pobre e triste sonhador
Dedilhado na lira do desejo.

Depois de ter sentido tanta dor
De um sofrimento atroz, que além revejo,
E ter sentido o gelido bafejo
Com que a Morte envolve um sofredor.

Parei! Volvi as vistas ao passado,
E medite emfim no bem que passa
De um louco sonhador desenganado.

E a conclusão cheguei, calmo e seguro,
De que não pode haver maior desgraça
Do que a de amar um coração perjuro!

Elpidio Santos.

LEMBRANÇA

Adeus! lhe disse á hora da partida
E parti cuidadoso na ventura..
Pensando em sua face de ternura
Inesquecida pela minha vida.

Vim relembrando a sua formozura
Dês o instante de nossa despedida
Que deixou a minha alma bipartida,
Como lonje ficou sua alma pura.

Mas, não importa que a feliz chegada
Traga-lhe as flôres dessa vez passada
de amôr de simpatia e de amizade...

Na lonjitude deste mar que vivo
Adeus!—lhe envio como um ser cativo
com o coração partido de saudade.

C. Maciel

MEU DESTINO

Ao prof. José Augusto Corrêa

Este é o meu destino. Muito embora
Sinta eu da vida o mando tenebrozo,
Hei-de sempre mostrar-me corajozo
Ante esta luta que prosigo afóra!

Não temerei a dor, tambem a morte,
As imposturas, o odio dos perversos;
Os núlos, os que zombam de meus versos.
Mostrar-me-ei nesta luta sempre forte.

Seguirei sempre assim esta jornada,
Se bem que inda me falta algum recurso,
Nesta tarefa que sosinho curso,
Saberei ter minh'alma descançada.

Saberei, nesta estrada que prosigo,
Encarar a desgraça com desdêm...
Das agrúras crueis que mundo tem,
Escapar-me-ei, ilêzo, do perigo.

Não sei se serei grande, se pequeno,
Atravéz de meus dias venturozos...
Se os meus dias serão sempre espinhozos;
Se os vencerei em magoa, se sereno

Só sei que levo nalma uma esperança,
No peito tenho um mundo de heroismo;
Levo a crença comigo—o patriotismo,
E empunho a lira—de guerreiro a lança.

E assim eu vou repleto de corajem,
De fronte erguida em rumo do futuro,
Sem nunca entristecer, sempre seguro
Na fé que me conduz a esta viajem...

N'alma não tenho minima vontade
De ambicionar na luta adornos, palmas...
Mas o viver ao lado dessas almas
Que vivem para o bem da humanidade.

Sim, porque nesta luta que encetei,
Jamais tive um sò gesto de tristeza,
—Qual lutador que faz força á fraqueza,
Assim eu sempre o fui e Sêl-o-ei.

Este é o meu destino. Muito embora
Sinto eu da vida o mando tenebrozo,
Hei-de sempre mostrar-me corajozo,
Ante esta luta que prosigo afóra!

Do livro «Rizos e flôres»

Clemente Guedes.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 1.079.507$000

Resultado do 63 sorteio da 2ª Serie (B), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 2.277 prestamistas.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 6 mezes.

1.º N. 400—Raimundo Placido Pereira de Araujo rua D. Santana, 26.

2.º N. 537—Juvenal das Chagas Cantanhede, rua da Estrella, 32.

3.º N. 1337—Victor Nicolau Cavalcante, residente em Codó.

4.º N. 1331—Rodrigo José Teixeira, residente em Picos.

5.º N. 1383—Nelson Teixeira de Miranda, residente em Floriano.

6.º N. 1057—Eurybio Gomes de Athayde, residente em Parnaiba.

7.º N. 1509—D. Zenaide E. dos Santos Prado, rua da Madre Deus, 21.

8.º N. 402—D. Francisca Madalena Ramos, Avenida Gomes de Castro, 3.

9.º N. 1311—Manoel F. Castello Branco, residente em Fortaleza.

10.º N. 354—D. D. Luiza e Maria da Silva Costa, residente em Pastos Bons.

CASA NO VALOR DE RS. 5:500$000

164—Joaquim Martins Pereira, residente em Therezina.

Maranhão, 31 de Outubro de 1918

Claudino Netto

Fiscal do Governo Federal

Adolfo Paraiso Director-Gerente.

Predios entregues de 1912-1918

Rs. 1.090:107$000

Resultado do 81º Sorteio da 1ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empresa, ás 13 horas, proporcional a 4.000 prestamistas:

PREMIOS DE 10 ISENÇÕES DO PAGAMENTO DAS PRESTAÇÕES DURANTE 12 MEZES

1.º N. **65**—D. Odette Izabel da Cunha Gutterres, rua da Mangueira, n. 16.

2.º N. **2394**—D. Zuleide Bordallo Corrêa, rua do Sol, n. 82.

3.º N. **1853**—D. Victalina Siqueira Arnaud, rezidente em Therezina.

4.º N. **1264**—José Vicente Ferreira de Mello, rua da Palma n. 30.

5.º N. **1837**—Coronel Antonio Bricio de Araujo, Inspector Regional de Seguros.

6.º N. **1135**—D. Brazilia Fuctado, rua do Seminario, n. 16 A.

7.º N. **2191**—Cassio da Trindade Soares, rezidente em Arcantara.

8.º N. **2013**—D. Luiza Roza de Souza, rezidente em Parnahyba.

9.º N. **2105**—Albino de Carvalho Pereira, rezideate no Coroatá.

10.º N. **2333**—Dd. Thamar e Iris da Costa Leite, rua da Madre Deus, n. 22.

CASA NO VALOR DE 1o.000$000

1211—D. Zilpah Alves Pavão, rua Oswaldo Cruz, 128.

Maranhão, 16 de Novembro de 1918

Claudino Netto

Fiscal do Governo Federal.

Adolpho Paraiso

Director-Gerente.

OURIVEZARIA PEROLA

De José L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, aneis, botoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para pescoços, pontas, voltas de coral, tercias etc.

PREÇOS BARATISSIMOS—ASSEIO E MUITO

Rua Oswaldo Cruz—9 Rua Oswaldo

"Farmacia do Norte"

—Praça João Lisbôa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos srs. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal, Bromil, Balsamo, Café Navegante, Café Beirão, Dermol, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Opoldeldok, Oleo de S. Jacob, Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulfato de quinio Pelletier Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Renz, etc.

Neme Munier & Irmão

—Olá! amigo, onde vais

— Desejando comprar algumas coizas, não encontro uma caza comercial que me agrade...

—Que novidade! O amigo a procura de uma caza !!!..

— Então as tuas reticencias me fazem crér que conheces alguma bôa...

—Se conheço?... Está claro. A CAZA NEME MUNIER & IRMÃO

—Onde?

—Vem comigo!...Lá tu verás...**bons brins, chapéus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerôlas, meias, estrat s de diversas qualidades, sabonêtes de marcas diferentes, cambraipó do arroz, escovas para dentes, toalhas-inhos,** enfim uma infinidade de outras coizas que eles n por preços nunca vistos...

amos, depressa. Está muito lonje?

o. Podemos ir, ou na rua Oswaldo Cruz, 19 ou a do Sol, 23, no MUNDO ELEGANTE, canto o Ribeirão.

Ponto Chic

PRIMEIRA CAZA NO GENERO FREQUENTADA PELA ELITE MARANHENSE

Encontra-se a qualquer hora LEITE, CHA', CAFE', CHOCOLATE, DOCES, CREME DE ABACATE, SALADA DE FRUTAS, COALHADA, LARANJADAS, REFRESCOS de ORNATA, LIMÃO, TAMARINDO, GOMA GROSELHA, e todas as qualidades de bebidas garantidas, SORVETES todos os dias, das 15 horas em diante AOS DOMINGOS pela manhã «PONCHE A LA ROMENE»

Brevemente será inaugarado nova seção de iguarias frias. Por todo este mez ficará pronto o prolongamento do estabelecimento com o predio junto.

"BAZAR DA MODA"

É sempre muito variado o sortimento que mantemos em artigos para homens, senhoras e creanças, finalmente é a caza onde o freguez encontrará de tudo um pouco.

Rua Oswaldo Cruz, n. 15 A

V. Mattos & C.

Casa Dias

Modas, fazendas miudezas e para homens.

Grandes novidades de artigos para senhoras.

Sempre a preferida

NAZARETH—44

Doly Salão

Rua do Ribeirão

Proprietário — PAULO SILVA

Executa cortes de cabelos, barbas com limpezza, promptidão e perfeição. Acceitam-se chamados em cazas particulares.

DEZEMBRO

Mez em que já deviamos sentir, como nos outros anos, os rigores do inverno .. mas, este ano não sucedeu isso.

Mez de festas... mez em que as escolas promovem sessões theatraes afim de encerrar o anno lettivo; porém, este ano não foi assim, as festas não se realizaram por causa da maligna gripe hespanhola que nos veio vizitar...

Mez em que todos se preparam para esperar o novo ano que desponta na estrada da existencia, enquanto o que expira vae maltrapilho, barbado, tropego se encobrindo na curva da estrada da vida. Cada ano que surje parece que a humanidade espera um viver mais florescente, mais venturozo. Méra illuzão da vida, ás vezes é um ano, para muitos que o aguardavam contentes, infeliz...

O ano que está a expirar, que está a reduzir-se ao nada, se é que ao nada se reduz tambem o ano, não nos foi agradavel: Alcinto Guanabara, o principe do jornalismo, Emilio de Menezes, poeta sublime, e Olavo Bilac, o princepe dos poetas, desappareceram da nossa literatura

Trouxe-nos, como nas azas de um anjo, a tão ambicionada paz! Ide, 1918, e vinde com os trofeos de uma paz perpetua 1919! A. C.

Maranhão--Dezembro de 1918

DIRETOR INTERINO
Astrolabio Caldas

EDATORES
João Vicente de Abreu
Clemente Guedes

REVISOR
José Vasconcellos

THES. INTERINO
Benicio Rodrigues

REVISTA MARANHENSE

Redação

Rua Afonso Pena, 6

ANNO 3 — NUMERO 34

Publicação mensal

ARTES, CIENCIAS E LETRAS

SUMARIO

Bilac—Redação
Pela instrução publica—José Augusto Corrêa.
Um Governo democrata—Redação.
O Messianismo - Redação.
O Prazer e a dôr—Ridico de Rodrigues.
Dr. Clodomir Cardozo—Redação.
Personalidade—J. M.
Cap. Luzo Torres—Redação.
Trovas—Clemente Guédes.
Quadros—Naires.
Coronel Frederico Figueira--Redação.
Para... —Ires.
Florilejio Poetico--Diversos.
O Mez Social e noticias.

Assinaturas

ANUAL

Capital . .	2$500
Interior . . .	3$000
Exterior	3$000

SEMESTRAL

Capital	1$500
Interior	1$800
Exterior	1$800
Numero avulso	$300

(Tirajem 500 exemplares)

MARANHÃO -- DEZEMBRO DE 1918

ANO 3 | REVISTA MARANHENSE | NUM. 34

Revista mensal — ARTES, CIENCIAS LETRAS

Bilac

E mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre e, na maior pureza,
Ficar na terra e humanamente amar.

O. Bilac—Via Lactea, XXX.

Pobre poeta, que não pudeste ver cumprido, até o fim, o maior de todos os teus desejos—«Ficar na terra e humanamente amar»! Bem que sabias, ao escrever esses teus versos, que falavas de uma utopia... Sabias. Mas o fizeste para enganar a alma sedenta, por um desses transportes felizes e unicos e raros na existencia, em que ela paira em extaze divino, muito acima das couzas terrenas, e só ouve, acima e abaixo, dos lados e em toda a parte, uma palavra, um convite—viver.

Pobre poeta, que te foste tão cedo, rumo dessas parajens vãmente pesquizadas do incognoscivel, quando, na culminancia da tua gloria indestructivel, te sentias ainda forte bastante, pois que pediste para escrever... Pediste. A gelidez, porém, daquela outra mãe implacavel, cerceou-te, traiçoeira, a garganta, e lá morreram, afogados, mudos, eloquentes, os versos, as «confissões de amor», quem sabe?, os ultimos que escreverias, os mais lindos talvez... E que bem que morreste! Cumprindo em toda a linha, á maneira spartana, a tua *Profissão de fé*:

Caia eu tambem, sem esperança,
Porém tranquilo,
Inda, ao cair, vibrando a lança
Em prol do estilo!»

Melhor assim, porque os versos ficaram inéditos, e inéditos os foste cantar, lá na outra vida, por entre os córos dulcissimos das virjens, e o perfume dos incensos celestes...

Pobre poeta, que passaste por este mundo como o filho prodigo da escritura, como ele esparzindo pelo caminho riquezas a mancheias—e as tuas eram as mais valiosas, os versos—como ele, enchendo de alegria os lares dos tristes; como ele, causando a inveja dos outros, mas a estima incondicional do pae, que ora, e é, a estima da patria. Não, porém, como ele, pobre, ao voltar da viajem. Não, porque na occasião do grande transe, muito e mais aumentada estava a tua riqueza do que no dia da tua partida.

.....

Para falar de Bilac, condignamente, nada de melhor se poderá fazer, hoje que todos sentimos immensa saudade da sua pessoa, do que reler os seus versos. E dizemos reler porque não nos parece haja quem ainda os desconheça. Assim como, outrosim, de lápide melhor não sabemos para o seu leito mortuario, do que aquela em que se gravasse um dos seus sonetos, não o melhor, porque todos são bons, nem o mais lindo, porque todos o são, mas, á vontade, o que a sorte indicasse... Tal como os ejipcios remotos, escrevendo nas suas martabas impressionantes os feitos do morto.

Seria essa a mais condigna incrição para o poeta brasileiro, que viveu como um poeta grego, pobre, solteiro, estimado, invejado—feliz!

Feliz sobretudo. E a sua felicidade, não a ia ele buscar

«Das nescias turbas nos aplausos fúteis»,

mas no louvor discreto, traduzido no volver duns olhos amados, da

«...mais pura de todas as mulheres».

Das riquezas terrenas, para que o rabbi nazareno aconselhava desprezo, pois as traças as roiam, dessas era pauperrimo o nosso poeta. A sua riqueza está nestes dois patrioticos versos:

«Por ser da minha terra é que sou grande,
Por ser deste meu povo é que sou rico».

Invejado, não tinha palavras de odio para

«...as bocas de serpente»,
Dessas que amam falar de todo o mundo,

antes, mais se apurava no amor, e esse era o seu maior castigo.

E quiz viver solteiro, para poder amar a todas as mulheres.

Ora, quem assim ama, pode viver tranquilo, como ele mesmo dizia.

Pois viva tranquilo o poeta!

Pela instrução publica

Permitam-me que trate deste assunto que a todos nós preocupa pela sua elevação moral.

E' um edificio para cuja construção todos devemos contribuir, porque ele é a base da sociedade.

Pretendo ocupar-me só da Escola Normal, cuja supressão quanto a mim tem o valor de um eclypse moral.

A separação dos dois estabelecimentos de instrução publica—o Lyceu e a Escola Normal submetendo-os aos moldes antigos é uma necessidade urgente.

Haverá melhor fiscalização e mais ordem no ensino. Toda aglomeração exorbitante prejudica, não resta duvida.

Mas entre nós, quando se fala em economia o primeiro ponto alvejado é a pobre instrução publica,

Além disso não ha estabilidade nas cousas, multiplicam-se as reformas criam-se sinecuras muitas vezes e sacrificam-se direitos sagrados adquiridos pelo estudo e pelo trabalho: tudo se faz com a verdadeira paz da inconciencia.

A pedagogia tem revelado quanto é util pequeno agrupamento no ensino e quanta conveniencia ha em constituir grupos escolares

Os poucos que havia aqui, foram dissolvidos e uma reforma rebaixou professoras para adjuntas e até estinguiu uma cadeira ocupada por antiga e provecta professora.

Quando no fim de um ano qualquer se preparam as moças que são diplomadas, grita-se contra a calamidade, ainda descem a acuzar essas moças de pouco ou nenhum preparo, esquecidos do que eram os antigos professores publicos e do modo porque eram elles providos em seus cargos, mediante um exame ligeiro, muitas vezes apadrinhados por manchões politicos. Esquecem-se os criticos de que essas moças são professoras primarias, esquecem-se de que com a boa e larga teoria que elas aprendem, vão enriquecer o ensino com a pratica e com a continuação das suas investigações.

Por ventura o medico, o engenheiro, o bacharel em direito são sabios, quando deixam as academias?

Como se exige portanto de professores primarios essa perfeição que os cursos superiores não dão?

Ah! todos continuamos a estudar, qualquer que seja a nossa profissão, por mais obscura que seja ela: não bastam os estudos preliminares, nem a conquista de um titulo.

Olhemos para a instrução publica com mais generosidade, imitemos o Estado de S. Paulo que só num ano consignou a verba de dez ou dose mil contos para construcção de edificios para grupos escolares.

Somos um Estado pobre?

Mas façamos tudo proporcionalmente.

Acabo de ler com a mais viva alegria a ultima Mensagem do Dr. Altino Arantes, Prezidente desse Estado.

Dai colho que funcionaram neste ano 170 grupos escolares, dos quaes 30 na capital e 140 no interior.

Tambem consta desse importante documento que as Escolas Normaes (notai bem para o plural) funcionaram regularmente elevando a trez mil setecentos e vinte e seis o numero de alunos matriculados, e que se diplomaram seiscentos e cincoenta e quatro professores.

Somos um paiz de analfabetos e a instrução é a lavanca de Arquimedes, cujo ponto de apoio devemos incessantemente procurar.

Como Peletan digamos: O mundo caminha, e vamos por diante, procuremos ocupar lugar na vanguarda do progresso, sempre na frente, sempre fazendo jorrar a benefica luz da instrução.

José Augusto Correa.

Um Governo Democrata



Acha-se, atualmente, administrando o nosso Estado, o exmo. sr. dr. Raul Machado, irmão do nosso reprezentante, na camara dos comuns, o deputado dr. Francisco da Cunha Machado.

O dr. Raul, que já esteve á frente do governo estadual depois da morte do dr. J. J. Marques, como 3 vice governador, continúa a governar, colocando, acima de tudo, o interesse coletivo.

Desde que o dr. Urbino Santos, governador eleito, seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi escolhido, pelo prezidente da Republica, para ocupar um dos ministerios, desde esse dia, 21 de novembro passado, que o dr. Raul, môço modesto, mas que sabe distinguir se pela altivez do seu carater, mais uma vez, assumiu o governo desta terra, prodiga em filhos ilustres.

Simpatizado por todos, ele, advogado de nome feito, admirado aqui, e em outros estados, pelos seus conhecimentos juridicos, tem colocado-se ao lado da classe operaria, abraçando, indistintamente este ou aquele, quebrando de vez a pretenção de só se dever proteger aqueles que fazem parte da *elite*.

Quando, na chefia do municipio, em anos atraz, o dr. Raul Machado muito fez, para que a nossa S. Luiz tomasse um aspecto de cidade moderna, já, mandando construir avenidas, já, mandando calçar ruas, em que, quotidianamente, pastavam diversos animais, e as quais viviam, abandonadas, invadidas, pela vejetação, sempre crecente, possuindo trechos arenozos, como ainda, hoje, se observam, na rua da Madre de Deus.

E, tomando medidas outras, como levantamento de proprios municipais, de acordo com as regras da bôa hijiene e da arquitetura moderna, conseguiu, no periodo do seu mandato, modelar, transformar, melhorar mais a municipalidade

Analizando-se de perto a vida politica do dr. Raul, chega-se á conclurão de que ha sido um cidadão, que pelo motivo de estar de cima, não procura impor a seus subordinados medidas absurdas, o que ele tem

demonstrado querer, sempre e sempre, onde esteja, é a nobreza de carater, simbolo que diferencia os homens dignos, dos que dobram os joelhos ao mais simples aceno de um punhado de prata; o por que ele, desde que o conhecemos, tem se empenhado, suficientemente, é pela ordem, pelo rejuvenecimento, um dia, desta feliz terra, previlejiada pela natureza, onde os rios são fios de ouro, que correm por terrenos arjenteos; onde as florestas são templos, em que o genio eleva sua prece ao infinito.

No governo do dr. Herculano Parga, o dr. Raul Machado ocupou o cargo de Secretario do Interior.

Quanto á sua passajem por essa repartição basta dizer, somente, que quando a deixou, contava em cada funcionario, um amigo devotado.

No majisterio, encontramol-o ensinando, no Liceu Maranhense, Logica e Historia da Filozofia, depois da morte do prof. Antonio Lobo.

A «Revista Maranhense», que, felizmente, ainda não se enroupou politicamente falando, apresenta ao ilustre moço dr. Raul Machado, seus parabens porque sabe que vai fazer um governo domocrata, auxiliando o operario, em geral, trabalhando pelo explendor deste Maranhão, onde se estabeleceu a França Equinocial e onde apareceu Manoel Bequimão, um dos precursores da independencia do Brazil.

O Messianismo

No vasto senario das lendas, em que os povos vêm espelhados traços do seu passado, muitas vezes brilhante ou vergonhozo, trabalham, harmonicamente, visando o mesmo objetivo a imajinação e a razão.

A' medida que a ciencia foi aclarando mais com inumeros descobrimentos proveitozos, o dominio do espirito humano, enleado, até então, com as amarras fortes, que o limitavam a um circulo viciozo, as lendas, classificadas por Max Muller doenças da linguajem, perderam um pouco da tinta, que as avivava, fortemente, na creudice coletiva ou individual.

Mas seu descolorir não foi total, porque não se pode compreender um povo sem ter, aliando-se á sua historia, fabulas, que evoquem ás gerações, paizajens ou passajens ficticias, creadas, unicamente, para certos fins diversos.

E um dos povos, que, hoje, pode vangloriar-se de sua fortuna lendaria é o hindú, possuidor do Romanayana, Mana vacastra, etc.

Acoimam de totemismo o crer-se, em aquilo que se aprezenta, paradoxalmente.

E, sobre o nacimento de Jezus Cristo, pairam as dezencontradas opiniões, afirmando uns que esse grandiozo acontecimento não passa de uma idealização, que se não realizou.

Lendo nós um livro de lendas, encontramos Krisna, filho de Devanak, virjem escolhida pelo sol dos sois e que curou doentes, percorreu, acompanhado de crentes, as marjens do Ganjes, pregou a moral e foi perseguido pelo seu tio Kansas, rei de Mandura, que mandou seus soldados procural-o, diversas vezes, pelas terras, sob seu dominio. Esse monarca foi punido pela espada de Ardjuna, rei destronado.

O Krisna assemelha-se a Jesus Cristo da bíblia, Devanaki á Maria e Kansas a Herodes.

Antes e depois do Cristo, apareceram homens, que se intitularam Messias. Alguns deles como, Tendas foram enforcados, depois de haver enganado, os que o cercavam.

Posteriormente, Barcokabas, apregoando o «non veni pacem mittere se gladium» se fez acompanhar pela multidão, tambem.

Voltemos ao Dezejado, nascido, no reino de Augusto, em um modesto turgurio, sobre palhas, cercado de animais, tendo como con olo os sorrizos de Maria e as caricias de Jozé, e como anunciação festiva, o cantico dos anjos e as aclamações dos pastores, vindo de parajens distantes, atravez de caminhos extensos, trazendo-lhe oferendas.

Jezus, aparecendo á humanidada, salvou-a, e os idolos pagãos desapareceram, abrumados, despedaçando-se, no indiferentismo popular.

O ultimo gemido de dor reboou pelas arcadas templarias dos deuzes, os cetros dos soberanos crucificaram-lhes das mãos e uma relijião nova emprehendeu á humanidade, trazendo defensores, apostolos, como S. Paulo, o convertido de Damasco!

O antropomorfismo evolara-se e o cristianismo estendera-se, semelhante ao tenue filete de agua, que pouco a pouco vai avolumando-se, até tornar-se caudalozo, abranjendo uma grande extensão territorial.

Jezus começara a redimir!

O Prazer e a Dôr

Para o humanitario medico—Dr. Oscar Galvão

«No coração tem dois quartos
N'eles moram sem se vêr;
N'um, a Dôr; n'outro, o Prazer».

Campoamôr.

I

No diafragma, a prizão sombria,
Onde vive no ergástulo o Coração;
D'ele naceram em misteriozo dia,
O Prazer e a Dôr, de dezigual missão.

II

Ama o Prazer: Estrélas diamantinas
Tremeluzindo aljôfares nos mares,
Perfumes e harmonias, cavatinas,
Notas de fráuta em noite de luares.

Um sorrizo de amôr, vél-o deseja,
Um ósculo dado em fáce de pucéla,
Uma vida feliz de espôzo almêja,
Segue a creança na puericia bela.

E mais quer o Prazer: helos manjáres,
Estrepitozos brindes de alegrias,
Risadas arjentinas, mil cantares,
Beijos de fôgo em noites de folias.

.....

III

O que a Dôr quer: O ráio que fulmina,
O incendio devorando uma cidade:
Ama a desgraça, é tudo o que extermina
Como a peste, trazendo a infelicidade.

Ama e quer o traidor e a ingratidão,
O mar de sangue em meio da batalha,
O naufrájio, o gemido, o crime, a ação
Tôrpe do homem, que as virjens acanalha!

Quer a lágrima do orfam que soluça
O pae; a espôsa, o espôso lamentando
A terra mãe que em prantos se debruça
Sobre o corpo de filho aponisando.

.....

IV

Festa pompoza. As notas de harmonias
Sonóras feudem em rútilos salões;
Prazar desfruta o mél das ambrosias,
Prelíba a vida o nétar d'ilúzões.

.....
.....

V

Câmara ardente. Os cirios vacilando
Velam o pálor de um rosto desbotado;
Alguem soluça junto, e a Dôr cravando
Férreo punhal n'um filho abandonado.

IV

Filhos do coração e da mesma alma,
Bem divergentes são, Prazer e Dôr:
Se este quer dos gozos verde palma;
Transmuda aquela em pranto o doce amôr.

Outubro—918.

Bedico de Rodrigues.

Dr. Clodomir Cardozo

Termina o seu mandato a 31 do corrente, mandato prospero e alcantilado de triunfos, o exmo. sr. dr. Clodomir Cardozo, que, a bôa hora, quiz o distinto eleitorado maranhense que ele governasse a nossa cidade.

E o eleitorado maranhense não tem que se queixar de sua excelencia, porque, o que constava no seu belo programma de governo, se não deixou estabelecido tudo, pelo menos deixou em construção.

E para contentar o povo maranhense não necessitava de mais nada a não ser a iluminação eletrica que vai fica a embelezar a nossa capital, a jorrar a sua luz para todos os recantos da cidade.

Que mais?

Tambem deixou as nossas ruas com melhor calçamento, onde já se pode andar sem se machucar os calos que quazi sempre todo cidadão possue como herança; o matadouro modelo que já se acha bastante adiante; o largo de S. Pantaleão que irá resultar uma belissima praça; a transformação do cais da Sagração; o abrigo que mandou preparar, na Rampa de Palacio, para as familias, quando estas fossem embarcar, trazer ou levar pessôas amigas á bordo; o contrato da tração eletrica, etc.

E assim, como um soldado que vem do campo de batalha trazeddo os triunfos de sua heroicidade, assim tambem será o sr. dr. Clodomir Cardozo quando deixar a sua cadeira, pelo exito que alcançou, pelos empecilhos que enfrentou e pelo muito que fez pela sua terra.

Personalidades



Formou-se em ciencias juridicas e sociais, na Faculdade de Direito de Recife e teve como professores drs. Tobias Barreto e José Hijino.

Nacido, em S. Luiz do Maranhão, em 10 de novembro de 1880, estudou, primeiramente, com o prof. Raimundo Joaquim Cezar, então considerado um dos melhores mestres, passando, depois, para o Liceu Maranhense, onde fez os seus preparatorios.

Cedo, familiarizou-se com os trabalhos de Shakespeare, Byron, Milton, Goethe, Schiller, Hoffman, Vitor Hugo, Mussuet e Lamartine, e escreveu em quazi todos os jornais de estudantes, que aqui appareceram.

Em sua caza, reuniam-se poetas, contistas, escritores de peças teatrais e de jornais literarios.

Na politica, demonstrou ser sempre leal aos que o elejiam. Filiado ao partido liberal foi parte da redação da *Federação*, hebdomadario politico; foi membro do Diretorio do seu partido e depois redator chefe da *Pacotilha*, durante muitos anos.

Obteve maior votação, quando o elejeram deputado pelo 2º distrito da provincia, na Assembléa Lejislativa Provincial.

O marechal Deodoro da Fonseca, nomeou-o vice governador do Estado.

Antes, havia ocupado a pozição de *leader* do seu partido e o logar de vice-prezidente da provincia.

«Operada no Estado a deposição do governo dos seus amigos, foi por mais uma vez eleito deputado federal, sendo, porem, depurado pela intolerancia de partido que galgara o governo do Paiz.»

Teve a mesma sorte, quando eleito senador da Republica, em 1899

Descrente da seriedade dos processos eleitorais no Estado e no parlamento nacional, retrahe-se, não disputando mais qualquer eleição no Estado e, foi convidado com insistencia pelo dr. Benedito Leite, seu particular amigo e companheiro de caza em Pernambuco, para professor do Historia e Instrução civica da Escola Normal, após a reforma de 1899.»

Quando o dr. Almir Nina seguiu a passeio para a Europa, o dr. Barboza de Godois ficou feito professor e diretor do estabelecimento acima citado, escrevendo para o estudo de suas alunas, no primeiro ano de majisterio, lições de instrução civica, hoje reunidas em livro.

Três anos depois publicou o *Historia do Maranhão* em 2 volumes, e mais tarde, *O mestre e a Escola*, *Os Ramos da Educação* e *Hijiene Pedagogica*.

Acham-se prontos para a imprensa—Sinteze historica da educação, um livro de historia universal, de poezias, sonetos, etc,

Escreveu o livro *Escrita rudimentar*, que teve duas edições e outros não publicados, quando na diretoria da Escola Modelo Benedito Leite e Escola Normal.

O Congresso apozentou-o com todos os vencimentos, em maio passado.

Ao despedir-se dos seus colegas do majisterio, no Liceu Maranhense, recebeu por parte deles as mais significativas demonstrações de apreço, comovendo-o bastante as palavras proferidas, em aula pelo professor Nacimento Morais.

E como seu aniversario passou, no dia 10 de novembro sua familia recebeu as saudações levadas pelos alunos, seus amigos de sempre. O dr. Godois se acha atualmente, na capital do Paiz,em tratamento de saude.

A Revista Maranhense conta-o no numero dos seus colaboradores entre os quais tem aparecido com o pseudonimo Franklin de Menezes.

J. M.

Cap. Luzo Torres

Quiz o eleitorado sanluizense consumar o encargo de conciencia que o vinha incitando desde quando foi o nome do capitão Luzo Torres apontado para a cadeira de intendente municipal. E o encargo prontamente se consumou porque o eleitorado Sanluizense, reconhecendo o valor desse cidadão, tratou de sufragar o seu nome, conferindo-lhe assim a cadeira de governador da cidade.

Escolha melhor do que essa era deveras um pouco dificil de se conseguir, tendo em vista a quem ia substituir o novo intendente.

Mas, ai está, sae do poder o dr. Clodomir Cardozo, que muito trabalhou pelo o progresso desta capital, para entregal-o ao cap. Luzo Torres.

Não nos é absolutamente desconhecido o capitão Luzo Torres, e para que soubessemos o quanto s. exc. é amigo do trabalho, bastaria que esboçassemos aqui a sua vida militar, isto é, o quanto tem trabalhado na caserna.

Mas, isso julgamos dispensavel, porque nada mais seriamos que um éco, porque ha bem pouco tempo a imprensa desta terra tratou minuciozamente da personalidade desse ilustre maranhense e nada mais duradoiro que a palavra da imprensa, que ai fica para todos os seculos, para todas as gerações e muitas vezes, serve para dados historicos.

Sabemos muito bem quem é o capm. Luzo Torres: homem modesto, de caratér exemplar e de um talento admiravel. E' membro da «Academia Maranhense de Letras», [illegible] jornalista e muito apreciado [illegible] jornaes maranhenses já temos apreciado o seu belissimo estilo e, daqui mesmo, das nossas colunas modestas, o publico leitor já o conhece, porque tivemos a honra de publicar na nossa edição de 13, em comemoração ao nosso aniversario, um escrito seu.

Enfim, para concluirmos, enviamos daqui as nossas ebazivas saudações ao ilustre intendente municipal,capm. Luzo Torres, e ao povo Sanluizense pela patriotica escolha que fizeram, e almejamos que o periodo de 1919 a 1921 seja muito florecente, o que é de se esperar por estar no poder um homem trabalhador como o é s exc!

TROVAS

I

Pédes-me um verso,
Um verso meu?
Pois quem viveu
Em dor imerso
Pode cantar?
Não vês que a vida
E' sempre assim. .
De dor sem fim,
Entristecida
Que faz chorar?

II

Eu bem quizéra
Mesmo sofrendo
Dar-te morrendo,
— Iluzão méra!
Um verso meu.
Então seria
Mais que ditozo,
Bem venturozo,
Tendo alegria
Ao lado teu.

III

E, assim, depois,
Ver ó carinho,
N'um doce ninho
Rindo nós dois,
De amores plenos.
Ao longe ouvindo
Na serrania
Doce harmonia,
Tudo sorrindo
Aves e Trenos.

IV

Pédes-me um verso,
Um verso meu?
Pois quem viveu
Em dor imerso
Pode cantar?
Não vês que a vida
E' sempre assim...
De dôr sem fim,
Entristecida
Que faz chorar?

Do «Risos e Dores»

Clemente Guedes.

Quadros...

Era em uma dessas limpidas tardes de estio em que tudo quanto nos rodeia traduz um indefinivel encanto. O céu, de um azul claro, apresentava, de espaço a espaço, brilhantes nuvens semelhando enormes montanhas de gêlo que pairavam alguns instantes sobre nós, e depois, impelidas por branda ventania, lá iam rumo de outras parajens, de outros céus; e quem nos dirá quantos ceus percorreram essas incansaveis peregrinas da amplidão? Ninguem nol-o dirá.

Phebo já declinava para o ocidente esparjindo pela face da terra os seus benefic s raios auriferos, e, dentro em poucas horas, a cidade deixaria de receber as homenajens de tão bemfazejo astro, para, galanteadora, abandonar-se aos beijos arjenteos de um outro não menos formozo, mas cuja luz palida é impregnada de melancolica e amena poesia, a lua.

Em um grande jardim recortado de varios canteiros de diversas fórmas geometricas, o qual ornava a frente de um magnifico palacete, balouçavam-se alegremente em suas delgadas hastes, risonhas e encantodoras flores, essas mimozas creaçõis da natureza que tanto nos deleitam a vista e cujos aromas nos enebriam a alma.

Junto a um dos canteiros erguia-se um tôsco banco de pedra escura, onde estavam sentadas trez graciozas creanças a tagarelarem com outras que em torno corriam alegres e garrúlas. Nos rostinhos corados e prazenteiros e nos sorrizos travessos que de vez em quando surjiam em seus rosei labios advinhavam-se quela felicidade e aquela preocupação intimas, que caracterizam as creanças, cujas almas são brancas e candidas como as alvas petalas do lirio.

Abandonando as companheiras, uma delas, qual vive e ajil cordeirinho, saiu a correr e a saltar, e de vez em quando, parava para examinar com meiguice as flores mais perfumozas e que mais lhe atraiam a atenção; e, imitando alijero beija-flôr, murmurava-lhes ternas palavras, como se as flôres compreendessem as falas dessa outra flôr de especie tão diferente—a creança. Oxalá que elas duas possuissem a mesma linguajem!

Mas não; uma, possue a linguajem articulada, esse dom com que a natureza galardoou o homem e o tórna superior a todos os outros animais; a outra, fala uma linguajem para nós imperceptivel, posto que os poétas digam compreendel-a.

Mas, deixemos as dissertaçõis e voltemos ao nosso principio.

Depois de ter percorrido todo o jardim, perlustrando em todas as direçõis, a travessa creança, exausta, voltou a tomar assento junto ás companheiras que ha pouco abandonara, as quais, durante todo esse tempo permaneceram sentadas, rindo e conversando alacremente.

E assim, nessa tarde de verão, em que tudo desprendia de si uma alegria comunicativa e um grande dezejo de viver, esses pequeninos entes fruiam da grandeza inefavel da naturéza em consorcio com o genio do homem, os dons e as venturas, que eles vêem, sentem, gozam, mas, que seus labios inexpertos não sabem exprimir.

NAIRES

CEL. FREDERICO FIGUEIRA

O 10 de dezembro é uma grande data para o povo sertanejo! Foi nesse dia que naceu o bravo defensor da zona sertaneja, cel. Frederico Figueira, e, por isso, os filhos dessas plagas não devem deixar passar dezapercebido esse evento.

Todo maranhense sabe perfeitamente quem é o cel. Frederico Figueira, como cintila a sua empolgante pena jornalista pelas colunas do seu jornal «O Norte», da Barra do Corda, o qual já conta 31 anos de existencia e que foi fundado pelo dr. Izac Martins, em 1888.

E agora, depois de uma auzencia de cerca de 4 anos, volta o ilustre jornalista ao seio do Congresso do Estado, pronto para protejer aquela rejião. Muito lucrará a Barra do Corda tendo perpetuamente esse veneranda jornalista ocupando uma das cadeiras de deputado no nosso Congresso Estadoal.

Nós, que sempre apreciamos o Cel. Frederico Figueira, não nos podemos esquivar de congratular o povo barracordense pelo transcorrer do 10 de dezembro e daqui enviamos ao venerando defensor do sertão os nossos cordeais cumprimentos.

PARA...

Ah! é uma verdade que quando dois entes se amam sinceramente, quando os pensamentos se confundem como se fossem uma só alma e sentem no peito a mesma febre de amor e o coração em cada pulsação pronuncia as silabas dos nomes um do outro, a distancia é demais debil para afastal-os e ambos serão felizes, muito felizes, mais felizes que as rozas em manhãs de Maio, quando, ao dezabrochar, recebem os primeiros beijos do sol.

Barro Vermelho, 28—10—918

Iris

Eleiçõis

Efetuamos as eleiçõis para os diversos cargos sendo este o rezultado:

Diretor—Clemente Guédes; redator-chefe—Ruben Almeida; redator secretario—Jozé Monteiro; redator-revizor—Astrolabio Caldas; tezoureiro—Benicio Rodrigues, e Manoel Sousa que continuará como fiél do tezoureiro.

Escola de Ensaios

Por proposta do nosso socio Astrolabio Caldas, acabamos de fundar a «Escola de Ensaios», anexa á «Revista Maranhense».

Já se realizou uma palestra, a qual estive a cargo do sr. Antonio Machado, que disertou sobre «a gloria», cujo juizo critico fez o snr. José Monteiro, que considerou bóa a estréa.

S. Luiz, 31 de Dezembro de 1918

AOS NOSSOS LEITORES

A «REVISTA MARANHENSE» envia as suas felicitaçõis, dezejando-vos boas festas e feliz ano novo.

1918 1919

Assinaturas

Comunicamos aos distintos assinantes que as assinaturas anuais já se acham terminadas, pelo que encarecidamente apelamos a V. V. S. S para que continuem a nos auxiliar, renovando as assinaturas.

FLORILEGIO POETICO

MOCIDADE

Dentre as fazes da vida, é sedutora,
Revelado-as todas com fidelidade,
Essa que brota na mais pura auróra
E morre quando chega a soledade;

Tudo que vê perscruta e então devora
As reliquias do mundo de maldade,
A's vezes ri, mas quando ás vezes chora,
Vê-se sempre no rosto a alacridade...

O seu nome é sublime—Mocidade,
E dentre todas, pois, é so aquela
Faze ca vida que contém saudade...

Mas, quando ela se esvae, parece então
Que um tumulo se abriu, e nos revela
Dentro do peito um mundo de afflição!

S. Luiz

Astrolabio Caldas.

SONETO

Para Luiz Silva.

Um dia me disséste: «agora é tarde...
Trocou-se-nos a vida de repente.
Em ti palpita uma esperança crente,
E em mim a dôr que de amarguras arde».

«Em ti canta o prazer, o gozo, o alarde
D'um futuro a sorrir-te florescente;
E em mim, geme a tristeza, a dôr tremente
Dessa agonia do cahir da tarde»...

—E eu nada cri em tudo que disséste,
Fiquei a contemplar-te a indiferença,
A's juras mentirozas que fizeste...

Mas tendo fé no que o proverbio junca—
—Que ao coração que quer amar com crença
Vem-lhe a paixão, mas não é tarde nunca!

Do «Rizos e Dores»

Clemente Guedes.

SONHO FANTASTICO

A Alguem

I

Naquela tarde linda, estavas mais formoza
Tendo o teu noivo ao lado:
Ao vêr-te mais risonha, ao vêr-te mais mimoza.
Sonhei o teu noivado.

II

A noite foi festiva e, ao clarão da saleta
Eu de lonje, espreitei:
Ante a luz de uma vela; oh!—linda borboléta:
Teu noivado sonhei.

III

E, disse-te formoza, aquela dôr partida
Que senti, desolado:
Porque tu te esqueceste o amor da minha vida,
Sonhei o teu noivado.

IV

Que fazer da esperança,—essa dôce esperança
Que mais eu não terei?...
Pedi tudo, querida; —essa infeliz lembrança:
Teu noivado sonhei.

A. Machado.

MAGOAS

Chorei-te, noite e dia, tristemente...
Pois morreste deixando-me sentido...
—Falta cruel d'um ente tão querido.
Que transformou minh'alma de repente.

Morreste. E a tua falta tão tremente
Senti sem que inda um mez se tivesse ido
E então com o coração entristecido
A Deus pedi a morte finalmente.

Pedi, não acedeu o Deus amado:
Deixou foi a minh'alma em magoa forte
E sempre relembrando esse passado.

—Jamais eu te verei ao mundo vasio!
E assim irei sofrendo a minha sorte
Até quando findar o meu calvario!

S. Luiz, Novembro de 918

João Ribeiro da Silva.

MAI

Si vejo alguem, me faltam os rizos seus
E sua bondade para os olhos meus
E seus conselhos bazicos da vida!...

Nem a mulher que ri meu coração.
Nos tem nos labios rizos de perdão,
Tão bem perfeitos que uma mãi querida.

Por mais que eu canse em procurar com quem,
Posso eu igualar a minha mãe amada;
Não acho, não; e quando vejo alguem,
Foje, se escapa, triste, perturbada.

Não vejo, não... amor doce em ninguem,
Amor tão santo de uma mãi amada;
Não tem no mundo, para mim, não tem,
Ninguem que a posso comparar, em nada!...

S. Luiz.

Cursino de Azevedo.

CAMINHANDO

Ao Luiz Silva.

Vivo a sofrer! Penando vou vivendo
No mundo de amargura e de ilusão!
Dos revezes da vida padecendo
No meu peito agoniza o coração!

Sofro calado! lagrimas não tendo,
Olhos enxutos, numa repulsão,
Vive o meu ser lutando, combatendo
A grande dor voraz de uma paixão!

Vivendo assim, contudo na amargura,
Eu vou altivo, sempre caminhando!
Sem ter na vida mesmo uma ventura,

Vou proseguindo machucando abrólhos,
Os crús desgostos, todos, vou pizando,
Tendo a ironia dentro dos meus olhos!

S. Luiz—29—10—918.

Adelino Ribeiro.

O mez social

NATALICIOS

—A 4 de dezembro, a senhorinha Leocadia Cardoso.
—a 6 o snr. José Castro da Fonseca;
—a 8 os srs. Aurelino R. de Araujo e Eitor Silva.
—a 15 a exma. snra. d. Consuelo G. Brito Fernandez, projenitora da nossa colaboradora Aracéa Fernandes.
—a 18 a senhorita Maria José Bastos.
—a 19 a senhorinha Fausta da Costa Furtado e a exma. sra. d. Fausta Smith.
—a 20 o sr. Esron Souza.
—a 21 o joven Antonio Bastos,
—a 22 a sra. d. prof. Hortencia Catanho.
—a 28 o joven preparatoriano Ives Parga.

Clemente Guédes

Este nosso distincto e intelijente companheiro foi alvo, no dia 15 do corrente, de inumeras felicitações por parte dos seus amigos; pela passajem do seu aniversario natalicio.

A «Revista Maranhense» envia, ao inspirado poéta Clemente Guédes, as suas efuzivas saudações.

Zerid Souza

A 20 do corrente, a exma. sra. d. Lerid Souza, cercada de seus filhos, na alegria de seu lar, teve mais uma vez ocazião de verificar o quanto é estimada na nossa mais alta sociedade.

Senhora de belas qualidades, impõe-se pelas suas virtudes.

Nós da «Revista Maranhense», enviamos-lhes as nossas saudações, pela data decorrida.

Manoel Souza

O nosso bom amigo, sr. Manoel Souza, foi alvo de uma ama manifestação de apreço pelos socios do conceituado club Luzo Brazileiro, no dia 26 do mez passado, data do seu natalicio.

O distinto aniversariante é muito estimado no nosso meio social.

A «Revista Maranhense», da qual Manoel Souza é fiel do tezoureiro e ativo cumpridor do seu dever, envia-lhe os seus sinceros cumprimentos.

Cazamentos

Consorciaram-se em Dezembro, a 7 o sr. Aurelino Rodrigues de Araujo e a exma. senhorinha Narciza Rodrigues Guedes, a 26 o sr. Joaquim Dias e a exma. senhorinha Corina Caldas, e a 30 o sr. João Manoel Monteiro e a prof. senhorinha Maria das Neves Santos.

Dezejamos aos recem-casados perenes felicidades.

Cumprimentos

Honraram-nos, enviando cartões de cumprimentos as seguintes pessôas;

José V. de Souza Novaes, diretor da Biblioteca caldense, cidade de Caldas, Minas.
Centro Caxciral—Capital.
Antonio Tavares de Lima, Ceará.
Nemezio Santos Faria, capital.
Placido Americo Rodrigues, Pinheiro,
Amaro Francisco Coutinho, Pernambuco.
Saúl Manoel da Paixão, Rio de Janeiro.
Quirino Alves Sobrinho, Brejo.
Raul da Silva Prado, Baia.
Francisco Torres Sales, Baia.
Americo Vieira Neto, Parnaiba.

Falecimentos

EPIFANIA F. DO LAGO

A 10 de novembro, faleceu, em consecuencia da gripe, essa senhorinha, apenas contava 14 anos de idade.

Possuidora de belas qualidades, Fanec[illegible], como era chamada, na intimidade de seu lar, cursava o colegio do Sagrado Coração de Maria, onde deixou muitas amigas.

Seu enterro esteve concorrido, notando-se muitas pessôas.

Aos seus paes e parentes, enviamos pezames.

AMBROZINA TEIXEIRA

Ainda bem joven, faleceu a 27 de novembro p. p. em consequencia da gripe.

Baldados foram os esforços empregados pelos seus medicos assistentes para salval-a.

A' sua genitora, exma. sra. d. Maria Amelia Teixeira e filhos, aprezentamos o nosso imenso pezar

Pastores

Assistimos e agradou-nos, bastante, as reprezentações pastorais, efetuadas, em o predio n. 7 á praça d'Alegria, devidos aos esforços das irmãs Santos, conhecedissimas no nosso meio social.

Desnecessario é dizer-se que todas as reprezentações foram assistidas por crecido numero de pessoas, que, sempre, de lá traziam a melhor impressão, já por cauza da novidade dos canticos, já pela muzica e pelos pastores bem ensaiados e finalmente pela maneira gentil por que eram trajados.

AJENTES NO INTERIOR E ESTERIOR DO ESTADO

Pedreiras—Sr. José Castelo Branco.
Arari—Sr. Domingos Bastos.
Bacabal—Sr. Emiliano Castor R. Galcão.
Caxias—Sr. Antonio F. Costa.
Rio de Janeiro Sr. Amilcar Serra Pinto e Silva.
Belo Horizonte—Minas. Sr. Cicilas Guimarães
Cametá-Pará—Sr. Tobias de Souza Revoredo.
Terezina-Piauí—Sr, Edson Moura
S. Gabriel-Amazonas—Sr. Eduardo de Oliveira Neto.
Amarante—Sr. Paulo Ferreira Guimarães.
Chapadinha—Sr. Manoel L. Fernandes.
Grajaú—Snr. Orestes d. Azevêdo Mourão.
Viana—Senhorinha Maroca Nogueira.
Barro Vermelho—Prof. Filomena Silva.
Sta. Quiteria—Gumercindo Pedroza.
Cururupú—Sr. João G. Abreu, filho.
Ponte Nova—Snr. Manoel Araujo.
Enjenho Central—Snr. Antonio Bastos.
Brejo—Prof. Almerinda Rodrigues.
Cantanhede—Sr. João Rodrigues.
Floriano-Piauí—D. Maria Izaura Silva.
Turi-Assú—Prof. Adaljiza Fêques.
Icatu—Prof. Jozefa Amazonas.
Alcantara—Senhorinha Clotildes Berniz.
São Benedito—Snr. Manoel Rocrigues.

COLABORADORES

Jozé Monteiro, Astrolabio Caldas, João Vicente de Abréu Antonio Louzeiro, Clemente, Guédes, Paulo Ferreira Guimarães, Antonio Mariano Gomes, João Caldas, Vitoriano Almeida, Zildo Fabio Maciel, Antonio Machado, Manoel Fernandes, Benecio Rodrigues, Ruben Almeida, Elpidio Santos, José Vasconcelos, José Gomes, Pedro Chaves, Luiz Silva, Elio Cunha e Cursino de Azevedo.

COLABORADORAS

Aracéa Fernandes, Zenaide Prado, Nair Pinheiro, Silvia Castro, Filomena Silva, Jozefa Amazonas, Conceição Batista, Izabel Araujo, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela, Altiva Smith, Etelvina Vasconcelos, Nizoca Nunes e Iolanda Paraizo.

"Farmacia do Norte"

—Praça João Lisbôa, 12,—

Dentre os muitos preparados vendidos a preços sem competencia, chamamos a atenção do publico e dos ss. prestamistas da Empreza Predial do Norte para os seguintes: Agua ingleza de Ribeiro da Costa, Agua de Rubinat, Antigal, Bromil, Balsamo, Café Navegante, Café Beirão, Dermo, Elixir de Nogueira, Leite de Magnezia, Maravilha, Magnezia fluida, Ondeldeldok, Oleo de S. Jacob Oleo de ricino, Pastilhas de chlorato de potassio, Pomada para calos, Pipos, Saude da mulher, Sulbato de quinino Pelletier Sal amargo, Tintura homeopatica, Tonico de Wintersmith, Xarope de Reuter, Xarope peitoral de Cambará, Xarope Ramz, etc.

Neme Muneir & Irmão

Olá! amigo, onde vais?

Dezejando comprar algumas coizas, não encontro uma caza comercial que me agrade ..

Que novidade! O amigo a procura de uma caza!!!...

Então as tuas reticencias me fazem crêr que conheces alguma bôa...

Se conheço?... Está claro: A CAZA NEME MUNAIER & IRMÃO

Onde?

Vem comigo!...Lá tu verás...**bons brins, chapéus de palha e de feltro, lenços, bordados, camizas, cerôlas, meias, estratos de diversas qualidades, sabonêtes de marcas diferentes, cambraias, pó de arroz, escovas para dentes, toalhas paninhos,** enfim uma infinidade de outras coizas que eles vendem por preços nunca vistos...

Vamos, depressa. Está muito lonje?

Não. Podemos ir, á rua Nina Rodrigues 23, no MUNDO ELEGANTE, canto com a rua do Ribeirão.

Ponto Chic

PRIMEIRA CAZA NO GENERO FREQUENTADA PELA ELITE MARANHENSE

Encontra-se a qualquer hora LEITE, CHA', CAFE' CHOCOLATE, DOCES, CREME DE ABACATE, SALADA DE FRUTAS, COALHADA, LARANJADAS, REFRESCOS de ORXATA, LIMÃO, TAMARINDO, GOMA GROZELHA, e todas as qualidades de bebidas garantidas, SORVETES todos os dias, das 15 horas em diante AOS DOMINGOS pela manhã «PONCHE A LA ROMENE»

Caza Dias

Modas, fazendas, miudezas e artigos para homens.

Grandes novidades de artigos para senhoras.

Sempre a preferida

NAZARETH—44

EMPREZA PREDIAL DO NORTE

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

PRAÇA JOÃO LISBOA, N. 12 (Sobrado) *Maranhão*

Predios entregues de 1912 a 1918

Rs. 1:122.907.000

Rezultado do 83 sorteio da 1.ª Serie (A), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas, proporcional a 4.000 prestamistas.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações, durante 12 mezes.

1.º N. 1258—Dorotheu José Rodrigues, Praça do Mercado, 38.
2.º N. 2718—D. Edith Souza, rua dos Prazeres, 26.
3.º N. 1692—Roberto Nogueira Vinhaes, parque 15 de Novembro, 1.
4.º N. 2769—D. Cecilia Ferraira, rua de Santaninha.
5.º N. 2252—Mario Lopes, residente em União.
6.º N. 3176—D. Maria Salomé Gomes da Silva, residente na Parnaiba.
7.º N. 3893—D. Lidia Rosa Neves, rua da Alegria, 37.
8.º N. 3037—Antonio Pereira da Silva Neto, residente em Caxias.
9.º N. 494—Filhos de Custodia Francisca Furtado, residente no Turiassú
10.º N. 1728—Major João Fernandes de Melo, residente em S. Bento.

CASANO VALOR DE RS. 10:000$000

504—M. M. Rolim, residente em Recife, á rua Duque de Caxias, 37.

Maranhão, 15 de Janeiro de 1919

Claudino Neto

Fiscal do Governo Federal

Doly Salão

Rua do Ribeirão

Proprietário PAULO SILVA

Executa cortes de cabelos, barbas, com limpezas, promptidão e perfeição. Aceitam-se chamados em cazas particulares.

OURIVEZARIA PEROLA

De Jozé L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijouteria.

Alfereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-leines, rozetas, anéis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para pince-nez, porta-leques voltas de coral, teteias etc.

PREÇOS BARATISSIMOS ASSEIO E MUITA ARTE

Rua Oswaldo Cruz 9 Rua Oswaldo Cruz 9

ANO 5 | S. Luiz — Janeiro de 1920 | NUM. 47

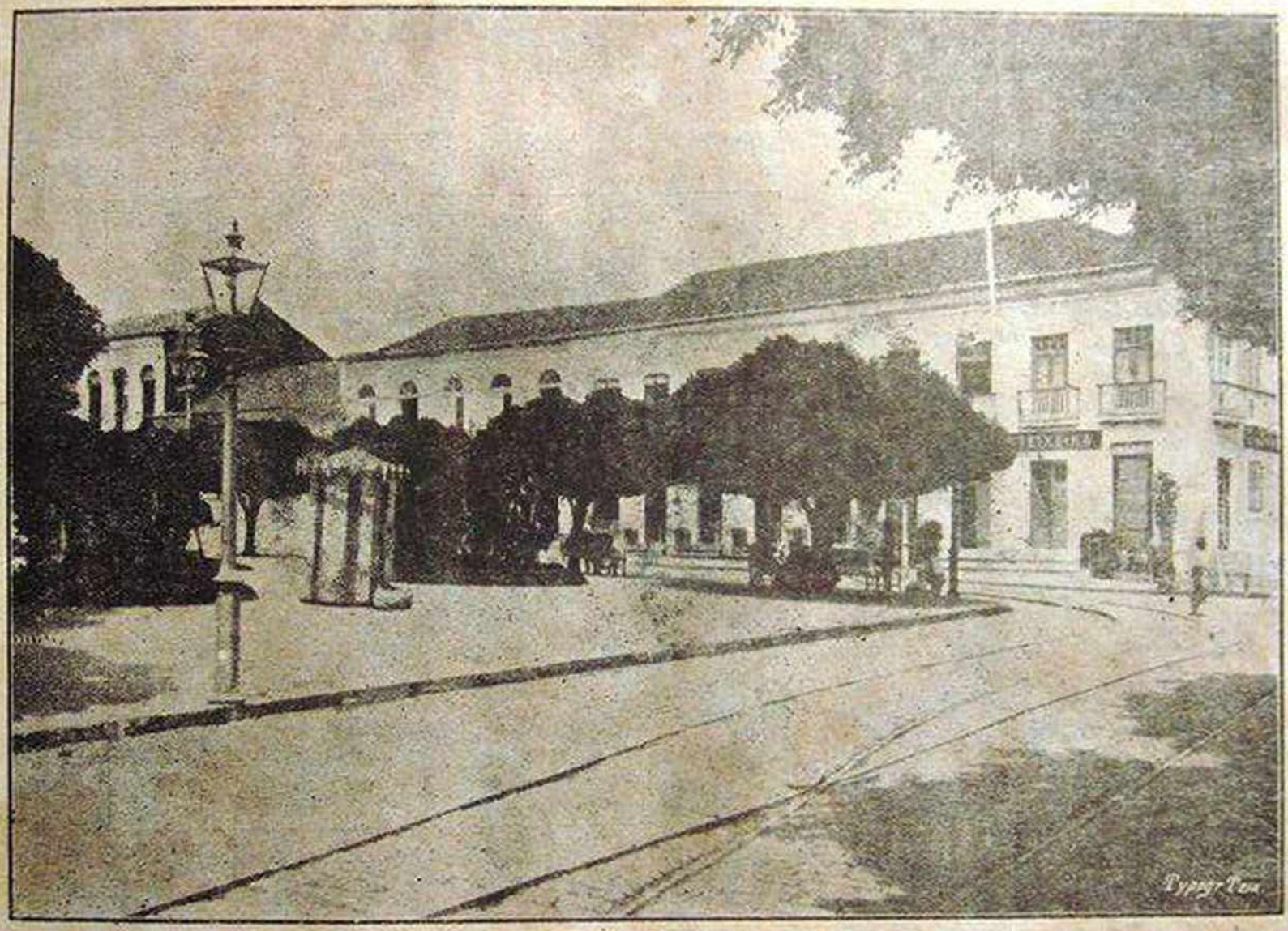
Redação—Rua Afonso Pena, 6 | Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE

Artes, Ciencias e Letras



ARTUR AZEVEDO



Praça João Lisbôa—(Antigo Largo do Carmo)

S. LUIZ — JANEIRO DE 1920

ANO 5 — REVISTA MARAHENSE — NUM. 47

Artes, Ciencias e Letras -- Publicação mensal

Vita Nuova

Trata-se de um feriado: o primeiro de janeiro, dia dezignado á confraternização dos povos. Os jornais, nesse dia, repletos de belos artigos, dezejam aos seus conjeneres melhores dias, no anno que se inicia. Nós, que trabalhamos, nesta revista, saudamos os nossos companheiros de imprensa, dezejando que a harmonia reine no seio da familia brazileira, especialmente da familia maranhense e que todos convictos de um futuro grandiozo trabalhem pela grandeza da patria, retratada em nossos coraçõis. A propozito do 1.° de janeiro publicamos aqui os seguintes versos de Bastos Tigre:

Ano novo, vida nova

Arjentario burguez, trabalhador do povo,
E tú, pariá de pés no chão,
Tendes, hoje, ao raiar do *feliz ano novo*,
A mesma candida iluzão.

Pois que dezembro morre e que nasce janeiro
E um ano mais se passa emfim,
Pensais todos que o amôr, a saúde o dinheiro
Mudar-vos vêm a sorte ruim ?...

Tal pensastes tambem, quando esse ano que finda
Era um minusculo petiz:
Tivestes a iluzão que hoje tendes ainda...
—Ter iluzõis é ser feliz—

E os dias passarão e as semanas e os mezes
E outro (ano bom) por fim virá;
E os anos da existencia hão de marcar as vezes
Que o coração se iludirá.

Abençoada iluzão, generoza quiméra
Que uma vez no ano nos sorri !
Cada qual que sofreu, a sofrer, considera:
—Não sofrerei como sofri.

Nem o rancor dos máos, nem o oprobrio mesquinho
Dos de mesquinho coração;
Não sentirá minh'alma a falta de carinho
Nem meu estomago a de pão !

Assim reflete o pobre, a mirar o futuro
Primaveril, multicôr:
Se o ano que passou lhe foi amargo e duro
O que hoje vem traz melhor côr...

E o rico, a ponderar num plano financeiro
De altas e ouzadas tranzaçõis,
Pensa que este ano novo ha de lhe dar dinheiro,
Dobrando os juros das açõis.

O poéta espera vêr que o genio lhe descubra
O mundo estupido e revel,
E os seus versos vender por um preço que cubra
O enorme custo do papel.

O cazal solitario espera o complemento
Do conjugado verbo amar;
A moça espera o noivo, o pedido, o momento
De pôr a aliança no anular.

Ano novo ! Ambição, esperança, quiméra,
Boite à surprize dos bebés !
La palisse dizia (e com razão...)—quem déra
Um ano novo em cada mez !...

E agora, nós prevenimos aos nossos leitores que nos achamos dispostos a continuar, no caminho, por que, ha cinco anos, vimos trilhando. Esperemos que continuem a nos distinguir, como têm nos distinguido, lendo o nosso mensario. A felicidade os acompanhe, não só no evoluir de 1920, mas nos dos outros anos que a ele se seguem.

Atênas Brazileira

Ha dezenove anos precisos, um grupo de rapazes, arrebatados de entusiásmo, começou a trabalhar pela velha *Atênas Brazileira*. E, logo foram fundadas sociedades e publicaçõis de létras, que receberam, de uns elogios merecidos; e de outros, em menor numero —porque os que não sabem vencer pela pêna e pela palavra, são de numero menor que os contrarios—apódos fracos que se sumiam nos cantos dos bons...

Depois, apareceu o *foot ball*: todos os que trabalhavam no gabinête, foram ao *ground*; todos os que escreviam versos á namorada, ou umas crônicas simples

pela fórma, ou ainda contos e fantazias, deixaram o cérebro parar, para funcionarem com os pés. Um rapaz, hoje, no Maranhão, que sabe *chôotar* é um *grande homem*; um moço, hoje, no Maranhão que se dedica á litera ura é um idiota!

A isto estamos reduzidos.

E' preciso, porem, que esse minguádo numero de rapazes que ainda trabalham não deixem se apagar com o esquecimento, o honrôzo epitéto de *Atênas Brazileira*.

Façam a melhor e a mais patriotica propaganda, para que sejamos grandes com a inteligencia, lapidada com o perfume magnânimo do saber.

O letrado é sempre um homem da Patria.

Lama e luz

Asqueroso e grottesco este retiro immundo,
Onde a fome se abriga, o formidando esthéta;
Antro escuro de mão, exótico e profundo,
Que o ar ha muito tempo esquadrinhar projecta

Reina ahi a maior confusão deste mundo!
E tal que já tocou do imaginário a méta!
Resolver um entulho é mais facil que o fundo
De papéis e de pó que todo o quarto infécta!

Medonho escondirijo, indecorósa tenda
Do trabalho e do genio, afirada á inclemencia
Do olhar prescutador que para aqui se estenda.

Mas olhai! olhai mais! que vosso olhar se farte!
—Deste lixo é que brota o minério da ciencia!
—Deste lixo é que nasce a perola da arte!

Nascimento Moraes.

Lingua portugueza

Sermões do padre Antonio Vieira

1) «Deixem nossos dezejos fazer *a Deus*, que ele sabe melhor fazer do que nós sabemos dezejar».

E um caso de sujeito com prepozição *a Deus*. Isto só se pode dar, quando se trata de um sujeito de oração infinitiva, que serve de objeto direto. Diz-se neste caso que o sujeito corresponde ao acuzativo.

A ordem direta seria: Nossos desejos deixem fazer a Deus, com o valor de—Nossos desejos deixem Deus fazer, ou ainda—Deixem que Deus faça, convertendo o infinito em uma clauzula ligada pela conjunção *que*.

2) «Se vós, Senhor, me tiverais dado filhos, *podereis-me* dar muitos».

O Snr. João Ribeiro estabelece que nos futuros e condicionaes simples nunca se dá a posposição do pronome obliquo—*casarei-me*, casaria-me. Ocorre neste caso a intercalação: casar-me-ei, casar-me-ia. Outros estendem a regra aos tempos compostos do futuro e condicional, e não aceitam as formas—terei-me libertado e teria-me libertado, adotando ter-me-ei libertado e ter-me-ia libertado.

No entanto Vieira empregou—podereis-me dar, admitindo a colocação do pronome entre dois verbos, ocorrendo o caso do futuro.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA.

Artur Azevedo

Maranhense illustre irmão do Aluizio e Americo Azevedo começou como todos começam a escrever, tateando, a principio, com a critica insensata dos faladores e no fim da vida com o egoismo e com o indeferentismo de muitos. Mais soube vencer graças á sua vontade ferrea subio ao mais alto degrão da escada literaria, por onde passam os homens de letras. Perambulando pela imprensa, escreveu innumeras cronicas muito apreciadas. No verso deixou traços da sua inclinação a esse modo de espressar o pensamento. O teatro recebeu muito impulso da parte de Artur, que a ele se dedicava. D e jornais, livros, comedias deixadas podemos citar, de passagem, *O Semanario Maranhense*, *O Dote*, *Fernando*, *o enjeitado*. A sua bagagem literaria não é pequena. Na capa da nossa Revista, está o retrato dele.

Estampamo-lo por um sentimento de civismo, porque se deve, de quando em quando, falar dos que em vida trabalharam quer nas ciencias, quer nas letras e quer nas artes.

Bom seria que o professorado tomasse a si este cometimento, que só merece elogios.

Na roça

Os passarinhos pepitam
Nos galhos do ingazeiro;
Brôa o touro na campina
No curral canta o vaqueiro

A tardinha nos balsêdos
Trina á mêdo á sururina;
O colibri saltitando
Beija a moita de bonina

Além... na beira da mata
A jaçanan grita e vôa;
O pescadôr no casquinho
Lança o puçá na lagôa.

Entre rozais escondida
Rebrilha gentil cazinha,
De reboco forte e tôsco
Da pindoba cobertinha

Na esplanada meninos
Brincam e pulam no terreiro
Um monta um chibarro fusco
Outro um lanzudo carneiro

O menor sempre correndo
Da natura doce enfeite
Ao avô mujindo as vacas
Pede uma cuia de leite

A mãi com dôce ternura
Contempla os folguedos seus;
E as paizajens que o sol pinta
N'agua, no campo e nos ceus.

Cai a noite. Os vagalumes
Juncam as ervinhas do chão
Dormita a linda cazinha
Depois do brando serão.

Dr. Oscar Galvão.

Desespero

Oh! taça de cicuta! hei de sereno
Esgotar-te a sorrir! E nesse dia
Terminarei a minha fantazia
Com a gota de esmeralda de veneno.

Cantar—será meu derradeiro thireno
Uma especie de ode, uma elegia
A' salvadoura dóze de ambrozia
Que me arrancar do cacer'em que peno.

E nesse dia, então, de crépe a lira,
Sem ter jamais quem as cordas lhe desfira,
Sentindo a mágua atroz, funda e secreta,

Ha de gemer á sós, em pranto, ha de
Num assomo de dôr e de saudade
Sucumbir abraçada ao seu poéta!

Arlindo Martins.

MATIZES

Manhã agradavel. Tudo balsaminádo estava de um surpreendente arôma. Borboletinnhas multicôres adejavam, aqui e ali enchendo o espaço de azas alijeras e transparentes. As abêlhas salpicadas de ouro zumbiam, impacientemente pelos ramos floridos das arvores matizadas. Até as arvores velhas, trajando luxuriante vejetação, ostentavam um aspecto não comum. O jardim, bem plantado, esquadrejado de canteiros, rescendia. Era a festa da natureza, que acordava, para saudar a primavéra. Os genios, descendo dos seus reinos confundiam-se. Em baixo, murmurantemente, um filête cristalino esgueirava-se, pelos lilazes frescos e perfumados. Os lirios salpicavam os prados. As rozeiras enroscadas e sangrentas, desabrochavam. Via-se que, nesse dia, a ceiva vejetal como que fazia as suas ascendencia e descendencia mais depressa. Os passarinhos alegres, estendendo as suas perninhas e sacudindo as suas azas abriam os seus biquinhos, saudando a primavéra. Os ninhos, vazios, esperavam-os. O vento trazia da cidade o rumor de gritos dos que pediam soccorros, vivas dos possêssos, encostados ás paredes, lamentaçóis, etc. De uma das árvores em que estavam muitos passarinhos, saiu um que poizou em frente de uma das mais lindas rozas do jardim. Começou a observal-a. Queria sorver o nétar. Como começar? Cantaria, primeiro, alguma coiza. A roza ao vêl-o aproximar-se, resguardou-se. Aprontou os espinhos. Achava-se em defeza. O perigo era continjente. O canto convence. Continuava agora a cantar, com mais vigor e sentimentalidade. Procurava persúadir. Jurou-lhe uma constancia inimitavel. Cantou a viveza das suas petalas, o sabor atraente do seu nétar. Ao ouvi-lo, a roza deixou-se levar pelas suas promêssas. Pouco a pouco afrouxou as petalas e mostrou-se á luz do sol vivificador. E o passarinho cantava cada vez mais. De um vôo acêrca-se da flôr, que estremeceu e ficou sorvendo o liquido que o atraia. Assim ficou esquecido, até que a viração a sacudiu.

Satisfeito, cantando, alegremente, o passarinho bate as azas, desaparecendo no verde florido e nunca mais voltou.

S. Luiz — 4 — 10 — 918.

José Monteiro.

Aquele mulatínho

.....

A estátua de Gonçalves Dias foi feita por meio de uma subscrição popular, aberta na provincia por iniciativa de um amigo intimo do poéta.

— Bem sei.

Quando ficou pronta a estátua, não havia mais dinheiro, e era ainda precizo algum, não pouco, para as despezas complementares de transporte, colocação, etc.

— Nessas ocaziôis as despezas ecédem sempre os orçamentos.

— Nessas e em todas as outras. Nem os orçamentos se fizeram para coiza senão para serem ecedidos.

— Vâmos adiante.

— Felizmente um velho e honrado capitalista, que morava no largo dos Remedios — o largo em que devia ser colocada a estátua — ofereceu a soma que faltava.

— Capitalista providencia!

— O largo dos Remedios acha-se numa pequena eminencia, ás marjens do poético Anil. De um lado é bordado por uma fileira de prédios — entre estes o do nosso capitalista — e do outro por uma muralha que dá para o rio, ou antes, para o mar, pois o Anil vai dezaguar no oceano.

— Mas onde está o cazo engraçado?

— O cazo engraçado consiste em que o capitalista ficou furiozo, quando soube que a figura do poéta ia ser colocada de frente para o mar. — Que! bradou êle; pois eu dou tantos contos de réis para a estátua e a estátua volta-me as costas!

— Ora essa!

— Tentaram convencel-o de que assim é que estava direito: o poéta devia olhar para o grande elemento que cantára em versos magnificos, e no qual tivéra um tumulo digno da sua estatura moral...

— Mas o capitalista apósto que não se convenceu.

— Qual convenceu qual nada! — O Gonçalves Dias, vociferava êle deve olhar para a terra que tem palmeiras onde canta o sabiá e não para o oceano que traiçoeiramente o tragou! — E o grande cazo é que essa consideração calou no espirito da comissão respectiva, e organizou-se uma especie de plebiscito. Toda a gente era convidada a dizer se o poeta devia ficar voltado para o mar ou para a terra.

— Com efeito!

— Um individuo aprezentou muito a serio a idéa de se aplicar á estátua um sodizio, como nos faróis. E o meio, dizia êle, de contentar a toda a gente.

— Essa idéa do rodizio seria aproveitavel na estátua de politico, não na de um poeta... observou a minha espirituoza amiga com a sua graça habitual e perguntou em seguida:

— Mas êle vingava-se descompondo o poéta.

— Para que lado olha?

— Gonçalves Dias olha para o mar, minha senhora. O capitalista foi vencido.

— Coitado!

— Mas ele vingava-se descompondo o poeta.

A' tardinha, quando ia para a janela gozar as dóces brizas do Anil, olhava para a estátua, arregaçava os labios num sorrizo escarninho, sacudia a cabêça e dizia, entre dentes: — Dar-me as costas aquêle mulatinho, a mim, que o conheci deste tamanho quando o pai o mandou para Coimbra!

Artur Azevêdo.

NATAL

Quando eu passava no frescôr dos anos,
Tinha insanos
Cuidados
De na véspera de Natal
Deixar no meu quintal
Os meus sapatos para os encontrar,
Cheios de couzas bôas:
Dôces para comer,
Canôas
Para com meus irmãos num tanque irmos brincar!

E, quando eu acordava,
Ia lijeiro para o meu quintal
Buscar tudo que eu tanto desejava
— Os desejosos mimos do Natal!
E, sorrindo,
Encontrava
O brinquedo mais lindo
E o dôce que eu mais gostava!
Depois, vinha correndo...,
— Quanta alegria, quanta felicidade,
Experimentava
Tendo
Os melhores brinquedos da cidade!

.....

Oh! tempos bons de minha mocidade,
— De minha juventude —
Cheia de flôres,
De amôres
E muito cheia de felicidade!!!

.....

Recordar,
E' viver...

E' por isso que eu venho vos contar,
Venho dizer
O que, comigo, um ano, aconteceu,
Quando o Natal
Chegou...

Eu
Dejezei
Em vez dum, uma duzia de briquedos
E deixei no quintal
As botas grandes que meu pae uzava
Para encontral-as
Cheias dos mimos que eu dezejava
E dos dôces melhores do Natal!

E quando, de manhã, eu fui no meu quintal
Oh! que decepção!
Encontrei nos sapatos,
Um pedaço de pão
Roído pelos ratos!

25—12—919. *João do Rizo.*

Na literatura

E' um livrozinho bom, distraidor e agradavel o que João Quadros (João da Costa Gomes), tirando alguns minutos do seu trabalho cotidiano de majistrado, no interior do Estado, alinhavou ao sabôr de todos os leitores, desde o menos familiarizado até ao mais conhecedor da lingua portugueza e interpretador do que se escreve. Vazou esse livro chamado *Contos Infantis*, num estilo simples e atraente o que faz aparecer em nós, o dezejo de deixar a sua leitura, só depois de termos percorrido, de cima abaixo, as cento e quarenta e duas pajinas reflexos do importante acontecimento universal, ponto brilhante na historia dos povos: o apareciimento de Jezus Cristo, sua vida, seus milagres, sua morte e sua ascenção. Vizando um alvo promotedor, João Quadros serviu-se de um portuguez accevel á inteligencia do infantil que, sempre gosta das novidades e tudo o que lhe aparece vem impregnado de admiração do nunca visto. Andou bem João Quadros na escolha do assunto, porque toda e qualquer criança está mais ou menos a par desse feito historico, que aprende, nos catecismos e mesmo ouvindo as conversaçôis dos seus pais. Parte-se do nascimento de Cristo e chega se á sua morte. Os ritos, que são as manifestaçôis das religiôis, encarregam-se de esclarecer os seus principios fundamentais. Nas acostumadas meia noites realizadas, em 24 de dezembro, no meio de uma alegria geral, regadas a bom vinho ou a cerveja fria ou nas sexta feiras da paixão, tristes, cortadas, de vez em vez, pelo dôbre compassado do sino, a criança observadora que é, aprende a conhecer essas passajens estampadas na biblia referentes ao filho de Deus feito homem.

Descobrimos o que João Quadros quiz dizer com o seu livro: que não nos devemos afastar da moral, guia do homem, nas relaçôis entre seus semelhant s e que fieis as religiôis dos nossos pais, devem os repetir os seus preceitos aos novos iniciados na vida, esquecendo-nos da lojica do caboclo que perguntava se todos os anos Jezus Cristo nascia e morria. E o ponto principal desse livro é o seguinte: deve-se viver de bom exemplo.

Em suma, escrever da maneira, por que João Quadros escreveu o seu livrozinho, que lhe deu ingresso á nossa *Academia de letras* não é para quem quer e sim para quem sabe pôr convenientemente, «os pontos nós ii».

Pára o bonde!

(Ao Luiz Silva).

...— Pois é como lhe digo, doutor... Isto é o meu fraco. Tendo carurú, desdenho de todos os outros pratos, esqueço tudo!

Até a D. Gloria?

— Tudo!... E' o meu *predilecto*. E o coronel estendeu o prato para a esposa que, com um sorriso burguez de felicidade, renovou-lhe a dose do *predilecto*...

Semicupio dos Anjos, coronel da guarda nacional e escripturario da Secretaria da Fazenda, na qual chuchurreava os seus bons cobres, era o mais exemplar dos maridos e o mais modelo dos homens honestos.

Sua vida, que decorria serena, era uma perpetua idolatria de D. Gloria, a esposa, que se já não lhe dava os antigos ardores dos primeiros tempos conjugues, nem por isso lhe escasseava carinhos, meignices, ternuras.

A não ser para o seu trabalho, Semicupio não punha quasi os pés na rua, salvo em casos de força maior. E levava todo o seu tempo de descanso ou lendo os jornaes que lhe chegavam do Rio, por intermedio de um primo, ou conversando, burguezmente, com a D. Gloria, sobre as cousas da vida...

Festas? Pagodes? Viessem falar-lhe em taes cousas e vel-o-iam zangar-se, e invectivar áquelles que tinham o desassiso de fazer-lhe semelhantes propostas... Pois não viam a sua edade e o seu estado?

Fôssem rodando em paz que em paz queria elle ficar.

E todos elogiavam os modos de velho coronel exemplo dos maridos, modelo dos homens.

Mas o coronel tinha, como por sua propria bocca o declarou, o seu fraco pelo carurú, chegando á exaltação de pôl-o acima de tudo, quando fartamente o encontrava em sua frente... E não via o coronel o inimigo perigoso que estava ali !...

Ora, porque coincidisse com aquelle domingo de Ramos o seu anniversario, Semicupio convidou para jantar comsigo apenas o seu mais caro amigo, o Dr. Marcello, medico muito conceituado na terra.

Aproveitando a opportunidade de ser começo de semana Santa e querendo fazer ao marido uma esplendida surpreza, D. Gloria aprezentou á mesa um delicioso prato de carurú.

Semicupio foi ao céo, num extase, antecipando a volupia gastronomica daquelle quitute sem rival, lá nos seus modos de ver.

E durante o jantar, que foi mais ou menos animado, o coronel, sem o perceber ia enchendo do predilecto os alforjes estomacaes. D. Gloria, de tão animada que estava vendo-o gosar o prato que ella mesma tivera o cuidado de lhe preparar, nem se lembrou de advertil-o contra aquelle abuso guloso. E o coronel enchia-se !...

Depois do jantar, a instancias do Dr. Marcello, o coronel foi á rua. Por volta das oito horas, entretanto já se dispunha a voltar á casa aproveitando o bonde da Rio Branco que subia então... E, acaçapado a um canto, deixou-se levar pelo andar moroso do bonde.

Mas ó diabo ! Dahi a pouco, alguma cusa começou, subindo-lhe pelo estomago, n'um surdo resmonear de como longinquos trovões. Alarmado, Semicupio olhou em volta: não fosse alguem ter notado !...

Mas a cousa augmentou, augmentou, augmentou até ao extremo ! Semicupio ardia de impaciencia para que o o diabo do bonde chegasse ao fim da viagem em paz. Porém o diabo do bondé parecia não ter pressa alguma.

Até que não poude mais. Vendo as cousas prêtas, ergueu-se de um pulo, amparando a barriga retorcida em convulsões, com a grande mão espalmada e suada e gritou, anciado:

— Pára o bonde ! Pára o bonde !... E sem mesmo esperar que o conductor travasse o carro, saltou de arranco e sahiu a correr... Dahi a pouco estava em casa sem mesmo saber como.

A mulher, alarmada aos vêl-o entrar assim, aos trancos, como doido, sem comprehender o que se passava, seguio-o... mas vendo-o passar a porta do quintal, em rumo conhecido, logo entendeu tudo:

— Anh ! são cousas do *predilecto*... e veltou para a varanda de jantar, rindo á socapa...

Novembro — 1919.

Antonio Vasconcellos.

A Bonéca

(CONTO DO NATAL)

A' C. M.

— ...E o papai Noel traz tambem brinquedos para as crianças pobres ?

— Traz, minha filha, quando são obedientes.

— E eu não tenho sido obediente á mamãizinha ?

— Tens...

— Então, que brinquedo trará ele para mim ?

— Não sei, filha. Ele nunca o diz, e só aparece á noite, quando as crianças estão dormindo...

— E eu não posso vêl-o ?

— Não. Mas é um velho de barbas brancas, muito bom, muito amigo das crianças...

Lili cinjiu amorozamente a cabeça da pobre viuva, beijou-a demoradamente, com carinho.

D. Rozinha apertou-a, de encontro ao peito, enquanto uma lagrima descia, lentamente, pela sua face pallida, vindo cair sobre os cabelos loiros da filha, que caiam, em tranças doiradas, sobre o vestidinho preto, que trazia.

O repicar longinquo e festivo de um sino ondulava no ar. O ceu, alto, infinito estendia, festivamente, o seu manto diáfano polvilhado de estrêlas.

Pelas ruas, ranchos alegres passavam borborinhando, para a missa do galo.

Do largo, onde se achava a ermida, foguetes subiam céleres e desfaziam-se em chuva multicor, pondo, aqui e além, reflexos doiro, no ar lavado e mórno.

A pobre viuva e a filha ouviram a missa e foram, depois beijar Jesus que deitado n'um rustico bercinho, sorria, inocentemente, para os que o cercavam.

Voltaram, em seguida, para caza.

Lili vinha alegre. De certo que o papai Noel não a esqueceria. Que lhe havia ele de dar: um vestido ? um par de sapatos ? ou uma bonéca... ah ! sim uma bonéca — que bom ! — a sua pobre *Mimi* já estava tão remendada...

— Ah ! se o papai Noel trouxesse uma bonéca !...

Deitou-se Lili com esta ultima esperança e com ela adormeceu, anciosa de que a noite passasse lijeira.

D. Rozinha, assim que viu a filha mergulhada no mais profundo e inocente dos sonos, levantou-se devagarinho, para a não despertar, abriu a gaveta de uma velha comoda, tirou dela uma caixa cuidadosamente embrulhada em papel de sêda e, aproximando-se do leito da filha, depoz o delicado embrulho sobre os seus mimozos sapatinhos. Quedou-se embevecida, olhando a filhinha querida que dormia, sorrindo...

Retirou-se devagarinho e deitou-se.

. . . . . .

Fóra, o céu alto, infinito, estendia o seu manto doirado pontuado de estrelas, enquanto a lua risonha e brilhante vinha surjindo, como que espalhando prodigamente sobre a terra uma larga benção de luz...

23 — 12 — 919. *José D. Barboza.*

Olavo Bilac

Dos alterozos píncaros do Verso
Subiste ás rejiões ilimitadas...
Preitearam-te a muza e o genio terso
As estrêlas das zonas azuladas!

No amôr da Pátria em que viveste imerso
Trouxeste as multidões extaziadas:
Com doçura cantavas ao universo
As belezas da Pátria ignoradas!

E hoje que sobes imortalizado
Pelos céus, a brilhar eternamente,
Eu divizo esta cena, ó mestre amado:

Chora-te a Pátria em convulsivas dôres,
Enquanto a Via Láctea sorridente,
Te bate palmas e te atira flôres!

aneiro—1920 *Içac Ferreira.*

Filozofando

Quando se canta uns traços de belêza
Que uma donzéla enfrenta a humanidade,
Quer o cantor amal-a, com certeza,
Já que os cantou por tão méra amizade?

Ha, por ventura, planos de vilêza
Quando se canta a pura e sã verdade
Livre de amôr e cheia de nobreza
Para florir uns raios de vaidade?

Cantar em versos toda uma iluzão
Que num poéta se dezenha em mente,
E' baze, enfim, de solida ironia?

Não vos zangueis assim. - dai-lhe o perdão,
Dai o perdão a quem tão meramente
Cantou—em versos uma simpatia!...

Outubro—919 *Cursino de Azevedo.*

MARANHÃO SOBRINHO

Meus senhores.

Procurando desempenhar-me do compromisso que assumi, em uma das sessões desta "Revista", ou melhor, no intuito de desobrigar-me da taréfa que me ordenastes, trago, para hoje, o trabalho que fiz, tendo empregado, para isso, todos os recursos que possuia.

Peço-vos, em primeiro logar, que me desculpeis por não vos aprezentar um estudo que mereça a aceitação do meio, mas, quem se der ao trabalho de esmiuçar o meu pensamento, nestas poucas e mal atinhadas palavras, encontrará, estou certo, um exemplo de perseverança, tendo o unico fim de pôr termo á promessa, que vos fiz — garantindo para hoje, dia de Natal, em que todos se sentem rejuvenecido, algumas linhas sobre a personalidade daquele que ouzei escolher para patrono.

Nem sei como devo começar: si dizendo que era Maranhão Sobrinho filho lá daquelas lonjinquas plagas sertanejas, ou se me ocupar, primeiro da pessôa de Isac Martins, que, na opinião de muitos, como Frederico Figueira, tomou parte ativa, na formação do poéta.

Digamos que Isac Martins foi um grande mestre daquelas parajens e que, com o seu colejio a semear a sua sapiencia, em todos os cerebros daqueles que tinham sêde de saber, e o seu periodico *O Norte*, jornal abolicionista e republicano, fundado em 12 de novembro de 1885, e que ainda hoje vida tem muito vieram colaborar (a creação desse estabelecimento de instrução e o jornal) para nos dar um poéta valorozo como o foi Maranhão Sobrinho.

Desde a mais tenra idade que Maranhão Sobrinho amava as lêtras.

O seu pai, contam-nos, levava-o para o campo, quando ia trabalhar, afim de vêr se lhe inspirava o gôsto á lavoura, Maranhão Sobrinho porém, trocando a enxada ou o foice por um livro de versos, sentava-se, sob frondozo cajueiro a ler qualquer livro de rimas, acompanhando, naturalmente, o velusto cajueiro a leitura, com o lére sacolejar dos seus ramos... E, quantas vezes, não foi o poéta surprendido pelo seu pai, que o admoestava, fazendo-o abandonar o livro, para lançar mão dos apetrechos da lavoura?

Maranhão Sobrinho não fôra talhado para isso; preizava de um meio mais culto, e em vez do saxo, da foice e da enxada aguardavam-lhe instramentos mais delicados, como a pena e o papel. Dezejava era cantar aquele cajueiro frondozo e protetor que lhe fornecia sombra, para que ele podesse, agazalhado sob essa arvore, deleitar-se com a leitura de poezias.

.....

Era com uma naturalidade verdadeiramente admiravel que Maranhão Sobrinho imprimia o seu sentimento á proza rimada.

"Papeis velhos", "Estatuêtas" e "Vitorias réjias" eis a excelsa trindade, que nos legou, em vida, Maranhão Sobrinho.

E' como disse Antonio Lôbo, o saudozo mestre, quantratava do poéta: "Para transcrevermos aqui, como o fizemos com relação aos outros, versos de Maranhão Sobrinho, uma unica dificuldade insuportavel se nos antólha: a escolha".

E foi justamente o que aconteceu. Estive a folhear a sua trindade de obras e, com a facilidade com que me agradava de uma sua produção, agradava-me de todas e, assim, rezolvi pegar á esmo:

Os lôbos e a péle — (Do arabe, de Locqman)

"Alguns lôbos que, de olho
vivo, punham os bosques em ararzel,
uma péle de boi viram de môlho
no fundo dum tonel.

— "Como não há ninguem que nos espreite
(disse um dos lôbos, o mais velho e arisco),
que tem que a gente, irmãos, os dentes deite
a este novo petisco!"

A fome os consumia, em funda mágua,
e a fome a tudo impele:
puzeram-se a beber depressa a agua
que os separava da almejada péle.

Cada qual mais bebia.
Beberam tanto, que ficaram feios!
Quando deram na péle, nenhum queria
tocal-a. Estavam fartamente cheios...

E os lôbos que, de olho
vivo, punham os bosques em ararzel
deixaram inda de môlho
a ambicionada péle no tonel.

Moralidade:

Isto prova de modo bem precizo
(o apologo, leitor, nalma detem!)
que há pessôas que, tendo assáz juizo,
fazem, ás vezes, o que não convém..."

Compondo versos deste genero vivia Maranhão Sobrinho, quando não era Narrando as belêzas do sertão, em que via:

"o sol nas pontas dos ferrões"

.....

"E do gado ao tropel com as azas derreádas,
Quaze riscando o chão, que o sol calcina, esquivas,
Arrancam, coleando as crinas assustadas...

.....

Antonio Lôbo, referindo-se a Maranhão Sobrinho, nos "Novos Atenienses", diz: "Queria ao saltar da cama encontrar a sua fatiôta costumeira e o seu indefectivel chapéo de palha, este ultimo não para o trazer á cabeça como toda a gente, mas, ao contrario dos outros, para o

carregar debaixo do braço, á guiza de um embrulho preciozo, reputa-se logo o mais feliz dos homens".

Andava a preambular pelas ruas da cidade na azáfama de quem tem muitas obrigações a cumprir, deixando por onde frequentemente andava — botequins, cafés e redações — como que anunciando a sua passajem, os versos que ia produzindo...

Era um poéta boémio!

Pensaes, talvez, que Maranhão Sobrinho, quando deu publicidade aos "Papeis velhos" foi com o intuito de enriquecer a literatura ou por méra vaidade?

Não! Não foi levado por nenhum desses sentimentos que fez publicar o seu primeiro livro de versos; foi com o fim de conseguir dinheiro para se transportar ao Rio, ou melhor, como ele mesmo disse, com o intuito "puramente mercenario".

Se alguem o censurava porque não houvesse feito uma seleção de suas melhores produções, adiantava ele que o seu livro definitivo iria fazê-lo no Rio. Porém, como andava sempre a idealizar viajens, ninguem o dava credito.

Diz ainda Antonio Lôbo no livro acima referido:

Se é, por exemplo, a sua premeditada viajem ao Rio que não se põe em duvida, retrunca o poéta, invariavelmente, com esta fraze que começa por uma expressão interjetiva dos sertões maranhenses:

Qual o quê siô! vou mesmo... Então você acha?"

José Americo Maranhão Sobrinho parece ser um boémio desde o berço, pois existe uma atmosféra duvidoza sobre o verdadeiro dia do seu nascimento e, pelo que me informaram, nem os seus irmãos sabem o dia, em que nasceu o poéta. Retratos parece-nos que os não deixou.

Na sua vida de boémio existem casos interessantes. Desde a edade de 7 anos, quando todas as crianças sentem dezéjo de brincar, já Maranhão Sobrinho decorava versos e andava a recita-los.

Ainda bem criança, já Maranhão Sobrinho apreciava andar pelas tabernas e, ás vezes, erguendo o cópo dizia, com a graça, que é peculiar ás crianças:

"Neste mundo tem trez coizas
que me faz cair no gôto:
E' pequi e bacuri,
Traira com leite de côco..."

Não é de admirar a pobreza de rima nestes versos, e se tivermos pretenções de fazer comentarios é precizo ter-se em vista a idade do autor.

Aos seis, sete, oito ou nove anos as crianças somente querem divertimentos e nunca andam a martelar a cabeça procurando rimas...

.....

Na vida de Maranhão Sobrinho polulam inumeras anedotas. Dentre estas podemos citar a do canario, muito conhecida e interessante, tendo eu guardado-a, propozitalmente, para finalizar este pequeno estudo biografico.

Contam que Maranhão Sobrinho tinha um sófrego dezéjo de possuir um canario belga. Sabendo alguem dessa ambição do poéta, aproveitou, então, o seu natalicio para lhe fazer mimo de um. Satisfeito, recebeu o poéta o prezente e idealizando ser despertado todas as manhãs pelo gorjeio daquele passáro, botou-o no seu quarto. Parece-nos que, devido á sua vida de boémio, não se recordava dos versos do poéta de sua geração:

"Filho, dae de comer a quem tem fome,
Filho, dae de beber a quem tem sêde".

O certo é que faminto e sedento morreu o canário...

E Maranhão Sobrinho, para provar quanto estimava o passaro, fez-lhe este sonêto:

MEU CANARIO

"Minha vizinha, um prodigo tezoiro
de bondade, no meu aniversario,
ofereceu-me gentilmente um loiro
conirostro; nem sei a que compare-o...

Os versos do meu quérulo rimário,
desde esse dia, com seus trenos, doiro;
parece a febril voz do meu canário,
o alegre tilintar de guizos de oiro!

Mal no espaço se abre a ventarola,
de luz da aurora, meu canário canta,
entre os fios doirados da gaiola...

E que harmonias não desprende quérulas!
Parece que lhe vibra na garganta
de oiro, um punhado de cristaes e perolas..."

Maranhão Sobrinho, que se semelhou a uma estréla de primeira grandéza, na renascença da literatura maranhense, não se filiou a nenhuma escóla poética, apreciando, ao que parece, todas.

Proveniente do patriotismo de um maranhense, que se acha no Amazonas, breve, teremos mais um volume das obras de Maranhão Sobrinho. Esse nosso conterraneo andou á procura das ultimas produções, deixadas pelo saudôzo váte, e enviou-as ao prof. Fran Paxeco, o ardoróso investigador dos produtos intelectuaes maranhenses, que fará vir á tona da publicidade em volume, que terá o titulo de "Obras postumas".

Já que vim relatando alguns epizodios da vida do mestre, é necessario dizer que ele, realmente, fez uma viajem, como pretendia. Destinou-se ao Amazonas (de onde vieram os seus ultimos trabalhos literarios), morrendo lá abandonado, em uma modesta choupana, sem de sua terra estar

"ouvindo o soluçar das rôlas amorozas!"

— Em seguida, tomando a palavra, leu Souza Bispo, o seguinte discurso de receção:

ASTROLABIO CALDAS.

Findava o ano de 1914, quando o conheci. Simples, modésto, retraido, não se preocupava — como ainda hoje — em alardeiar conhecimentos, nem ezibir sabença.

Amigo do bom livro, apaixonado das lêtras, nunca deixou de tomar parte ativa na criação de grêmios literarios e fundação de jornais onde, ao lado de rapazes inteligentes, seus companheiros de sonhos, sempre se ha distinguido pela vontade de vencer e pela modéstia — cunho principal de seu caráter de móço estudioso, que se não deixa levar pela onda solapadóra da lizonja, do elojio ôco que entibia e enfraquece os ânimos para a luta.

Seu passado é todo cheio de exemplos, onde a constancia e lialdade ao cultivo das lêtras tomam a primazia.

No prezente o esforço que revela em todos os seus atos vem de mostrar que a vitória, nesta vida de perpendiculares cheia, cabe ao mais intrépido ao mais destemído lutador.

Já em 1914, fundava, Astrolabio Caldas, com outros denodados e estudiozos jovens, a sociedade literária "Ma-

chado de Assis", de vida efémera, como sóem ser as agremiações de lêtras nesta terra que se ufana de ter sido "Atenas", e que hoje se deleita em andar aos ponta-pés com tudo o que se parêça com bóla...

No "Estudante", publicação daquela sociedade, escreveu os seus primeiros versos, dedicados á memoria querida do saudoso romancista do *Dom Casmurro*. Nesta tenda de sonhadores, além de outros, laboravam, tambem, os vontadozos moços José Fortuna e Viléla de Abreu.

Em março de 1916, fundiam-se os dois interessantes periodicos — "O Estudante" e "A vontade", béls criação dos espiritos de José Monteiro e Henrique Guimarães. E, dessa fuzão bemdita, surjiu, destinada a largo porvir, a atual *Revista Maranhense*, consagrada ás — Artes, Ciencis e Lêtras.

E é aqui, nesta oficina do pão espiritual, que Astrolabio Caldas ha trabalho com mais amôr. Cultiva o conto lijeiro e amêno; com o pseudonimo de *Astrúbal* se ezercita na crónica chistoza, dum humorismo fino e são. Na poética rão tem sido menos feliz, pois tem alguma inspiração como provam os penultimos versos da "A Passarada":

— "Quero, enquanto viver, ouvir trinar

os bélos passarinhos do logar,
da terra onde eu os vi;

Quero tambem, saudozo, contemplar

as bélas vagas do bravio mar,
da terra onde nasci!"

Discurso pronunciado pelo ilustre dr. Justo Jansen Ferreira, autor de diversos livros sobre a nossa terra, facultativo e geografo de nome feito. O dr Justo que tambem é socio desta revista, proferiu-o, na sessão, realizada, no dia 13 de maio do ano passado.

Inicio esta allocução manifestando os meus agradecimentos aos intelligentes e operosos jovens esteiantes desta Associação Litterária, meus prezados consocios, pela distincção que me conferiram ordenando-me que presidisse a presente sessão em que se commemora a lei aurea de 13 de Maio de 1888, com a inauguração, nesta sala, do retrato do grande abolicionista José do Patrocinio.

Certamente a proscripção da escravidão no Brazil, além de muito enaltecer e longe projectar o lume da nossa cultura, é uma revelação segura da energia nacional.

A semente vital dessa benemerita conquista da civilisação, foi a lei de 28 de Setembro, geralmente denominada lei Rio Branco ou lei do ventre livre.

Achando-se o terreno fertilizado por varios amanhos anteriores, arado solicitamente pela charrua abolicionista, essa corrente de vida e de luz que enluziásticamente se diffundiu, por todo o Brazil, vibrando nos corações e scintillando nos cerebros, a auspiciosa semente germinou, estendendo e aprofundando no sólo fortes raizes e levantando na atmosféra lenhôso caule que, animado de possante seiva, formou a arvore frondosa, de onde, em menos de 4 lustros, emanou o incomparavel fructo—a lei 13 de Maio.

Lançando-se rapida vista pelo passado e tocando apenas nas datas mais salientes e assim mesmo muito de leve, sem que se detenha um só momento nos immortais episodios que de norte a sul do Brazil, inscrevendo novos heróes no martyrologio, denunciaram exuberantemente o impulso irresistivel da liberdade, assignalo primeiramente a de 7 de Setembro em que se deu a emancipação politica do Brazil.

Com ella iniciou este gigante os primeiros passos. Correram os tempos e operou-se o seu desenvolvimento em todos os ramos da actividade humana. Continuamente augmentavam os progressos com extraordinaria rapidez.

Numerosas datas acresceram as páginas luminosas da nossa historia. Sem pretencer aqui esplanar tão importante assumpto, apenas direi que muitas foram esculpidas pela campanha do Paraguay.

Já no ocaso do segundo reinado, elevou-se magestosa a magna data de 13 de Maio.

As forças conjugadas na acquisição desse extraordinario acontecimento não se podiam retrair bruscamente, e a consequencia foi, pouco tempo depois, inscrever-se nos fastos da historia patria outra data notavel, a de 15 de Novembro.

Incontestavelmente a proclamação da Republica é nova revelação da energia ethnica dos brazileiros que constituem um typo caracteristico resultante da fusão do branco, do amarello e do prêto.

No tocante a este ponto, occupando-se de Joaquim Nabuco, outro estrenuo paladino do abolicionismo, um dos seu biographos assim se enuncia:

«Um povo formado pela raça branca, a raça pensante, pela raça prêta, a affectiva, e pela amarélla, a diligente, tem todas as qualidades necessarias de intelligencia, de coração e de vontade para produzir o typo mais brilhante e mais perfeito do homem sobre a terra».

Justifica-se o enthuziasmo desta passagem, attendendo-se aos quilates do biographado.

O gesto de 15 de Novembro denotou que a nação brazileira não queria que dependesse do privilégio de nascimento o direito de governal-a.

As grandes datas sobre que acabo de externar ligeiros traços, e que se ostentam tão elevados no mundo politico sul americano, como no physico as cummidades andinas, absolutamente não resolveram todas as aspirações.

Ainda se faz mister lutar contra o analfabetismo e as molestias que, apezar de facilmente evitaveis, ainda poluem o territorió brazileiro.

Os sertões, genialmente definidos em concisa phrase pelo dr. Miguel Pereira, espelham-se ainda num expressivo lance do discurso que o dr. Ruy Barbosa ha pouco pronunciou sobre o operariado, lance que passo a citar para não me eximir da satisfação de repetir um grande ensinamento:

«Nos recessos desses sertões não só nas paragens mais reconditas mas ainda muito aquem, ahi por onde já passam, de longe a longe, rastros de curiosidade, ou abre inesperadas clareiras o acaso de escursões perdidas, o trabalho vive a morrer, muitas vezes, num regimen analogo ao do cativeiro...

.....

Tambem entre nós muita coisa existe, por ahi além, dessa personagem mexicana que celebrisou o Yucatan, onde o mecanismo de credito e debito entre senhores territoriaes e os servos agricolas eternisa a escravidão bran-

ca, num regimen que aboliu o seu nome para não ser inquietado na sua perpetuidade.

Aqui tambem as contas dos operarios ruraes nos armazens de venda, mantidos nas estancias e fazendas, espremem os trabalhadores do campo na entrozagem de uma dependencia que, si não é nem o captiveiro, nem a servidão da gléba, tem pelo menos desta e daquelle as mais dolorosas caracteristicas moraes, as mais sensiveis derogações da condição humana».

A luta contra o analfabetismo, assim como o combate ás molestias, sanearão o espirito e o côrpo.

Só a victoria nessa dupla campanha poderá dar aos brazileiros a verdadeira liberdade que, então, accrescentará na Historia Nacional, outra página grandiosa, immorredoura, igual a que ora nos reune.

Está aberta a sessão.

Soneto

Chego. Beijo-te as mãos, e tu contente
Recebes-me sorrindo de alegria;
—Tens os olhos piedozos de Maria
E eu alma tenho de paixão freménte.

Falo-te. E me respondes sorridente
Com tua vóz repleta de harmonia:
—Tens o pudôr do rosiclér do dia,
E eu a ventura divinal dum crente...

E ficamos a sós, os dois juntinhos
Queimando incensos e fazendo juras
Ante o sacrário azul de teus carinhos...

—Tens na tua alma crente e estremecida
As proméssas febris das virjens puras
E eu n'alma tenho as iluzões da vida!

Do «Rizos e Dôres» *Clemente Guedes.*

Discurso pronunciado por Jozafá Campêlo, que recebêu o seu ciploma este ano, no Aprendizado Agricola «Cristino Cruz».

Proferiu-o por ocazião do almoço oferecido á turma diplomada pelo diretor dr. Franklin R. Viégas.

Dr. Viégas, sr. Benedito Ferreira sr. Zuza Cordeiro, meus caros colegas.

Lançou-se uma semente á terra. Germinou chegou a passar poucos centimetros da superficie. Deixou de crescer, mas vivia. O agricultor notando que a sua plantinha não crescia, procurou a causa. Faltava luz. Mudou-a para um terreno mais fértil, onde havia mais ar. Desenvolveu-se rapida. Ainda não floresceu. E' precizo mudá-la e descobrir um terreno superior áquele —onde ha mais luz, para se realizar o seu dezejo—florescer e frutificar.

Assim se deu comigo.

Meu pai, agricultor; eu, semente. Pois bem, meu pai deu-me a primeira instrução. Como esta precizava de se desenvolver, se procurou a cauza, e viu que estava na falta da luz.

A luz que eu encontrei foi o Aprendizado Agricola. Depois desta caza a instrução, complemento da educação.

Mas a planta ainda não floresceu! A minha instrução não está acabada, nunca se acabará.

Caros colegas, é precizo tambem que vos dediqueis aos livros para ver satisfeitos os vossos pais. Dedicai-vos ao estudo da—agronomia. Não o abandoneis. Segui, vencei as suas maiores dificuldades, pois é da—agricultura que nós vivemos.

Que seria de nós se não houvesse a agricultura? Com certeza, não teriamos a industria, nem comercio; a civilisação de fome. Lavrai a terra com afinco e coragem. A agronomia é a mãi da riqueza.

Porque são ricos S. Paulo, Rio Grande do Sul, Minas e o Maranhão—não prospéra? Porque, ali a lavoura é uma realidade. Ha colossais fazendas, trabalhadas racionalmente. E aqui, nada se observa de semelhante.

Se não fosse a agricultura, não teriamos estradas férreas, nem bons navios, predios importantes, comercio, industria, não teriamos siquer as farinhas com que—nos alimentamos.

Pois bem, caros colegas, é precizo que não abandoneis a agricultura.

Diz José Bonifacio—a agricultura é uma ciencia que desceu do céu, e, na fraze bem sensata dos antigos fora ensinada pelos proprios deuzes: ciencia que sustenta os homens, educa os seus costumes e os civilisa, que fórma imperios e os eleva á maior grandeza; ciencia que todos elojam da qual todos falam, mas que bem poucos conhecem em toda a sua extenção e que desgraçadamente se exercita mediante uma cega rotina, pelos processos mais rusticos, mais ignorantes e mais miseraveis da sociedade!...

Julio Meline reprezenta a agricultura, o comercio e a industria como uma arvore e diz que o tronco é a agricultura, que os ramos e as folhas são o comercio e a industria. Se o tronco sofre os ramos deslocam-se, as folhas cáem e a arvore morre!...

Pois bem, caros colegas, convém dezenvolver a lavoura moderna, demonstrando aos nossos caboclos que dela se tira o maior proveito.

Si não fosse a agricultura, não possuiriamos as arvores que nos dão sombra, fruto, madeiras para construção de nossas cazas, para a construção de pontes das estradas de ferro e de rodajem. Não teriamos alimentos, não nos vestiriamos, não teriamos luz nas nossas habitações não teriamos papel nem tinta: tudo enfim que vêmos e de que nos utilizamos.

A agricultura é a nossa vida.

Enquanto persistir a agricultura viveremos. Mas se ela dezaparecer, iremos com ela para o tumulo.

Foi, nesta caza, que recebi os effluvios sacratissimos da instrução.

Quando aqui cheguei, encontrei no aprendizado os competentes diretor Franklin Ribeiro Viégas, professores José Monteiro e João Pedro de Oliveira.

Encontramos atualmente o mesmo dr Viégas, o secretário Benedito Ferreira e o economo José Barboza Cordeiro.

Os outros, que antes exerciam os lugares de professores, foram para outros nucleos de educação.

A hora da partida avizinha-se. Não sabemos como deixar esta caza, que consideramos o prolongamento do nosso lar.

Vamos para junto dos nossos pais. Mas ficai certo, sr. diretor, de que, em cada um de nós, tendes um amigo sincero e um alúno agradecido.

Tenho dito.

A filozofía do romantismo como teoria idealista da evolução (Fichte, Schelling) e a conceção pessimista da vida de Schopenhauer

Como sabemos, a filozofia do romantismo foi um dos primeiros degráus alcançados pela teoria idealista da evolução, que vem a ser um amalgamento das idéas de Platão e dos pensamentos ainda não bem pronunciados e aceitos de Anaximandro e Parménides, filozofos da antiguidade. O termo evolução é conhecido ha muito. Já Heráclito de Efezo via tudo num movimento continuo. Correram os anos. Apareceram novos filozofos, imitando os antigos. O prezente não é mais que um reflexo do passado. Com eles, mais uma vez, surjiu a idéa de evolução

não só nas idéas, mas tambem nas coizas. Chega-se ao seculo XIX. Alemãis, inglezes, francezes revolvem a filozofia, ampliando sistemas, comentando-os. Fichte estuda Kant. Repele-o em certos pontos. Estuda o mundo subjetivo. Faz abstração do *não eu*, de que Schelling se aproveitã, para fortalecer a sua doutrina. Esta é mais ou menos a do seu antecessor. Fichte vê Deus, depois do mundo terrestre. Ensina a moral. Define a sensação. Descobre traços da divindade no bêlo, no prazer, etc. Assim como Fichte disse que a matéria e a forma estão dentro de nós, assim tambem Schelling diz que o *eu* e o *não eu* se unificam na natureza. Trata-se de contestar. E' a velha questão da humanidade. Para Schelling o mundo é uma degradação. Nas suas teorias, aplica principios de lojica, como estes: o finito não dá o infinito, o perfeito não sai do imperfeito. Surje Hegel, o filozofo do futuro como lhe chamaram. Defendeu o evolucionismo da idéa. Ha uma lei racional, especie de alavanca a mover tudo. Cauza e efeito completam-se. O homem primitivo é um misto de razão, espirito e intellijencia. A reprodução da especie, a posse e defeza, preocupam-o. Como exemplos de generalidade, vencendo o individualismo, cita as pequenas sociedades gregas. Hegel aconselha a monarquia. Não cai na mesma contradição que Platão. Este era aristocratã e pregava o comunismo. Hegel diz que "a vitoria é a superioridade moral de um povo". Não concordamos. Pode-se dar mais valor ás artimanhas do indijena que ao ataque do civilizado ?

Quanto á guerra, proclama a sua necessidade historica. A idéa, para vencer tem de se entregar ao combate. E' a luta universal. Os mais fracos são absorvidos pelos mais fortes. A ambição forjava a guerra no passado. Atualmente só os principios a geram. As bôas idéas triunfarão um dia. Do conflito rezultará a melhor. A supozição pode ser falsa. Mas é certo que do mundo das idéas é que se passou á realidade. Considerou-se a evolução da materia. As arvores e o *anfióxo*, nossos ancestrais, vieram á cena. A França fundiu as opiniõis de Anaximandro e de Parménides numa só. Lamarck foi lido. A corrente estendeu-se á Inglaterra. Darvin escreveu o seu livro "A orijem das especies". O horizonte enturvou-se, para logo se clarear. Comte pozitivou a marcha das sociedades, classificando-as. Haeckel, bazeando-se nas ciencias naturais, harmoniza, to *monismo* as duas correntes. A vida é bôa, dizem os otimistas. Hegézias, nos aureos tempos da filozofia grega, aconselhava o suicidio como "suprema libertação do homem". Schopenhauer não fundou, portanto, o pessimismo. Que o propalasse, ninguem nega. Estudou a vontade. Filozofou-a mesmo. O mundo é vontade. Contradizia-se constantemente. Foi um dos maiores pessimistas. Terminemos este pequeno ponto por demais importante. Por hoje basta.

S. Luiz — 11 — 919. *Académico.*

Desillusão

(A' Ritta Machado)

Um sorriso misto de saudade e paixão afflorára-lhe aos labios roseos...

Imperava-lhe no ser, quase dominando os sentidos a saudade profunda do seu presado namorado, que se fôra para terra estranha com a esperança, de certo enganadora, de uma volta imminente.

E essa esperança, a que se abraçára Janóca com todas as energias, dava á sua alma sonhadora as mais vivas impressões de uma volta em breve realizada.

Decorrido, porém, algum tempo, o eleito de seu coração — Adelino — esquecêra-se da promessa de voltar para alimentar o amôr, em rebento, do intimo de Janóca... E essa alma cheia de viço e fragrancia, como se fôra uma flôr em botão, que sente, aos pouco e pouco, fugir-lhe a seiva que a alimenta, começára a fenecer.

—A dôce esperança—o seu ultimo alimento—ia desapparecendo então, vencida pelo desengano da promessa que fizéra Adelino, ao partir.

—E assim, abatida, Janóca chorava, todas as tardes, a ausencia do seu querido amôr... Sozinha, no seu quarto de dormir, a contemplar o retrato daquelle ingrato, levava, horas a fio, a lembrar-se dos momentos de prazeres que sorvêra e do futuro rizonho que, tantas vezes, idealizára gozar ao lado de quem tanto amava e por quem daria a sua propria vida !

E num dia em que pensára que Adelino deveria estar, talvez, amando outra, lendo distrahidamente alguns jornaes, encontrára, estampada em lettras graúdas, a noticia do seu casamento com uma senhorita, cujo velho pae era um millionario.

—A dôr, o desespero, que, profundamente, lhe ferira o coração e a alma, fôra tal que a suffocára, levando-a ao leito.

Dias depois, porém, Janóca vencêra a dôr e, encorajando-se, fazendo então de sua alma combalida uma heroina, tomára a resolução de esquecer aquelle ingrato que tanto a fizéra soffrer a dôr inevitavel duma paixão viva e profunda.

—Mas, como esquecêl-o, se esta a dominava já ?

Fôram impotentes as suas forças, no cumprimento daquella promessa.

* * *

E numa manhã, após essa resolução que tomára Janóca, e em que o dia era tão alegre como um dia de festa, nas mesmas horas, no mesmo instante que se efectuava o enlace matrimonial de Adelino e a senhorita Jozita, acabava de dar fim á jura sagrada que fizéra Janóca áquelle inconstante de que só deixaria o seu amor quando soltasse o ultimo suspiro...

E assim cumprindo, pois, a sua palavra fôra de bronze, déra o seu ultimo adeus ao mundo terrestre que só lhe soubéra mentir e illudir!

—E lá se fôra para o mundo do Nada, a cata de quem lhe soubesse compreender a alma sensivel e pura !

Adelson.

Canastra da "Revista"

Temos sobre nossa méza de trabalhos diversos orgãos noticiozos, criticos, literarios. Entre eles o *Norte*, de Barra do Corda, dirijido pelo brilhante sertanista deputado Frederico Figueira; o *Jornal Batista*, do Rio; o *Tentâme*, da capital, e o colega *Jornal dos Artistas*, orgão do Centro Artistico O. E. Maranhense, aos quais, penhorados agradecemos, prometendo breves retribuições.

Exm.ª sr.ª d.ª Filomena I. S. Barboza (Barro Vermêlho) — Ciente e contamos com o auxilio valiozissimo de v. exc.ª, na campanha, que encetamos.

— Souza Filho (Brejo). — O seu soneto veio-nos ás mãos, porém, deixamos de publical-o pelo facto de estar o mesmo fraquinho e alguns versos estarem quebrados. O primeiro tercéto começa assim:

"E, nunca mais, nunca mais te verei..."

—Finalmente acaba assim o seu sonêto:

"Mas se um dia da vida nos escombros
Me vires desmaiado *no caminho*,
Alivias-me o pêzo de meus ombros..."

-Assinantes (da capital). — Temos recebido as vossas reclamações aliás justissimas e estamos ajindo, no intuito de não vos faltarmos com a nossa Revista doravante.

—P. da Silva (da capital). — Póde mandar. Estamos a seu inteiro dispôr.

— Torcedôr (capital). — E' com bastante pezar que não publicamos o vosso escrito. Nós da Revista nos colocamos sempre imparciais, com relação ao desporte. Podemos aceital-o, porém, para a sessão paga, sob a sua responsabilidade.

— J. I. (capital). — Mande-nos a sua "carta esportiva", porém sem que ofenda a este ou aquele club, sob pena dela ser posta ao lonje...

— João do Nascimento (Rio). — No proximo numero, diremos algo de sua "Coleção literaria".

LUIZINHO SABIO.

O coronel

Quando eu morava na rua da Saavedra — isto ha uns dez anos — era meu vizinho o coronel João, o qual muitas vezes, quando estavamos em minha familia e a familia delle reunidos em palestras amistosas me fazia rir, pois dizia muitas asneiras.

Elle me contava que a cousa de que mais se admirava era de ver em Paris — e o coronel fez muitas viagens á Europa e Estados do Sul do Brazil — uma criança de quatro anos falar tão bem o francez!

Como este, tinha muitas outras.

O Coronel João era casado com a dona Conceição, e, de seu consorcio não tinha filhos. Sua espôza era a mulher mais ciumenta que se tem conhecido na historia universal. . . das mulheres ciumentas... Não consentia em hypothese nenhuma que o marido fosse só ao cinema, porque temia que elle, o coronel com os pés *boitasse* as pernas d'alguma moça sentada na *fauteuil* junto á sua. Acompanhava-o sempre: quer elle fosse á missa, quer fôsse ao mercado: fôsse para onde fôsse.

Não! minto. Ella só não acompanhava o marido quando elle ia ás sessões da maçonaria. E, era nos dias dessas reuniões que o coronel se vingava do ciume da mulherzinha.

Vingava-se porque elle julgava ser um absurdo ella amal-o com tanto ciume, querendo até que elle vivesse numa redoma, como se acaso fosse um santo. Era um desaforo ate. Pois o coronel, um homem ainda novo, vigoroso e bouco era para isso!?. . Nunca!

* * *

O dia chegou da vingança da mulher do coronel João.

— Vingar me-ei do patife! Canalha, com os mesmos labios que beija, amoroso, os meus labios rosados e os meus seios turgidos, vae beijar os labios negros e os seios viciados de mulheres atôas! Isso não pode continuar — commentava ella, de punhos cerrados, olhos abertos como os dum tigre esfarrecido com o caçador que o feriu...

* * *

Logo que o coronel chegou á casa, depois do serviço diario no seu escripterio, disse á senhora que estava indisposto, que sentia umas dôres na cabeça, e que não estava com vontade de ir á sessão na maçonaria.

- Fazes o que quizeres; mas, hoje é dia de sessão de posse, e, a tua presença na maçonaria é quasi indispensavel.

—Ora, meu bem! — e foi essa a primeira vez que o coronel chamou a mulher de *meu bem* — meu bem, estou doente!

—Sim, não vae...

Mas, será uma falta que commetterei...

—Então vae!

- Sim, se melhorar até ás 8 horas.

O coronel não disse mais nada

A's 7 1/2 vestiu-se e sahiu.

Sua mulher recolheu-se. Não dormiu. Ouvia dar todas as horas, até ás 4, quando o marido entra. Ella fingia que dormia o melhor somno duma madrugada de Agosto, bafejada pelos purpurinos raios dum luar maravilhoso.

O coronel não sabia se despir. Era preciso que a mulher lhe tirasse a roupa para estendel-a; tirasse a gravata, os punhos e o collarinho e lhe vestisse o pyjame!

O coronel, resolveu accordar a d. Conceição. Acordou-a por neccessidade — julgava elle...

* * *

—Então, João, que tal a sessão?

—Muito bôa. Eu bem dizia! Fui acclamado e fiz um bello e vibrante discurso, recebendo as mais calorosas ovações.

—Onde?

—Na sessão!

—Sessão, d'onde?

—Da Rio Branco?

—Olha vem vêr a *Pacotilha* o que diz: «Pela morte do irmão Fulano, deixa de haver, hoje, na loja Rio Branco, a annunciada sessão».

O coronel, meio encabulado, e sem o tino da idéa, teve uma bôa *condicção*:

—Sim, não houve sessão na loja Rio Branco, mas houve na Sociedade Litteraria Rio Branco, em regosijo ao anniversario de sua fundação no dia de hoje...

D. Conceição nem se lembrou que na sociedade Rio Branco podia ir em companhia do pandego coronel João...

Agôsto, 1919. *Luiz Silva.*

SOCIAES

A senhorita Yaiá Rodrigues, por occazião do seu natalicio, foi muito felicitada em Barra do Corda, onde se acha, atualmente.

—A 15 do dezembro a senhorita Zuleide Mendonça, dilêta filha do sr. Horacio Mendonça, e no dia seguinte, a apreciada senhorita Victoria Mendonça, um dos ornamentos da nossa élite.

—a 20 a exma. sra. d. Leriá Souza, que recebeu, nessa data, muitas felicitações.

Parabens.

Clemente Guedes

Aniversariou-se nesse mez o nosso companheiro de redação, que fez este anno o 1.º anno juridico da Faculdade de Direito. Nós que vemos em Clemente Guêdes, um môço promettedor enviamos-lhe á sua familia os nossos emboras.

Dezembarcando e embarcando

Para a capital do paiz seguiram o dezembargador Francisco Cunha Machado, a prof.ª senhorita Nilza Godois, os srs. Romar Marques, Pacifico Santos e Oton Silva.

Da mesma procedencia chegaram o col. José Carneiro de Freitas, os srs. Fernando Viana, Francisco Tavora Teixeira Leite e o sr. Nelson Rodrigues, do Ceará e Francisco Falcão Costa da Baia; o col. Ramiro Guterres, de Guimarães. A uns desejamos bôa viajem e aos outros aprezentamos as nossas bôas vindas.

As escolas

Assistimos a ultima sabatina de francez do curso profissional do instituto Roza Nina assim como a de geografia e cozmografia, na Escola Normal primaria do mesmo curso. Os rezultados foram bons.

Tembem assistimos a entrega dos diplomas dos professores normalistas no Liceu; dos alumnos do grupo Soiéro dos Reis; dos premios na escola civica Nilo Pizon, assim como a exposição de trabalhos no primeiro, segundo, terceiro estabelecimentos acima citados, e dos grupos Bequimão e Almeida Oliveira, dirijidos pelas educadoras Maria da Gloria Parga Nina, Roza Castro, Zila Pais, Pascoal Galvão e Zoé Cerveira. A todas os nossos parabens. Os inspetores escolares estadual e municipal deviam, no fim de cada ano, reunir, em predios especiais os trabalhos manuais, para se poder com facilidade fazer um estudo comparativo.

Por ocazião da entrega dos diplomas das alunas que concluiram o curso primario da Escola Normal Primaria viam se fazendo parte da meza o coronel Domingos Barboza, reprezentando o dr. governador do Estado, drs. Antonio Bona e Furtado da Silva, profs. José Monteiro e Ruben Almeida e as professoras Bizaila, Noemi Souza e Augusta Jezus.

Hora literaria

Sob os melhores auspicios, alguns rapazes do nosso meio inteletual, rezolveram organizar nos domingos e dias comemorativos, uma hora literaria, no salão de honra do benemerito Centro Republicano Portuguez.

A frente dessa bella iniciativa, está o ilustre poligrafo prof. Fran Paxeco que sempre se revelou um sincero amigo e um dadicado mestre dos moços estudiozos.

O primeiro desses saráus, teve logar no dia 18 de novembro, tendo maranhense, o qual logrou uma regular assistencia. Os oradores aprezentaram bons trabalhos e foram bastantes aplaudidos.

Auspiciamos aos organizadores dessa deleitavel *Hora literaria* os mais merecidos triunfos e as melhores felicidades.

Faculdade de direito

Realizaram se os exames do 1.º e segundo anos dessa faculdade assim como os do curso a ela anexado. Felicitamos os nossos redatores assim como o nosso diretor que foram aprovados. Que não esmoreçam e que a faculdade tenha muitos anos de vida.

Bons anos

Foram recebidos os cartões de felicitações que agradecidamente publicamos abaixo das exma. sra. sra. d. Maria da Gloria Parga Nina, prof. Aracéa Fernandes dos srs. Raimundo Sijisnando do Carmo, João Pereira Gomes e do Gremio dos maquinistas.

Festas natalinas

Este ano os pastorinhos quazi que se auzentavam da capital, pois o maior numero deles existe no interior da ilha. Fizeram-se alguns prezepios. O natal esteve regularmente festejado. Os clubs Luzo, F. A. C. e Doré comemoraram esse dia. Vimos alguns reis em diversas casas, dansando. Mas em tudo se via um escurecer da tradição.

No campo santo

Registamos aqui os falecimentos do col. Franco de Sá, ajente do Loide Brazileiro, pai do ilustre adv gado. dr. Joaquim Franco de Sá, e avó da senhorita Maria Leonarda Franco de Sá; do cap. Francisco Aguirres, pai da nossa ajente em S. Simão, prof. Hilda de Carvalho Aguirres; dos srs. Joaquim Pinto Carneiro e Francisco de Assis.

A's familias enlutadas as nossas condolencias.

CHARADAS

Estão a cargo de um dos rapases mais promettedores da nossa terra. Aceitam-se as decifrações até o dia 15 de fevereiro vindoiro. Haverá dois premios. Que os nossos leitôres se deliciem com estas pequenas charadas, esperando as outras que hão de vir, nos outros numeros deste mensário.

NOVISSIMAS

1 — O homem baptisado só vive na igreja — 1, 2.

X. T. O.

2 — O irmão de Placido usa armadura — 2,1.

M. T. Rio.

3 — A ave pousou na arvore e beliscou o piloto — 2, 3.

Francisco do Rosario.

4 — Tira a pelle desse animal se não queres levar reprehensão, 3, 2.

Z. Ias.

SYNCOPADAS

5 — A roseca de panno serve para a garrafa — 3, 2.

Fon-fon.

6 — Ha um espinho na planta — 3, 2.

Malaquias.

CASAES

7 — A feiticeira casou-se com um sabio — 2.

G. Brazil.

8 — Ha uma passagem no ancoradouro — 2.

Stenio.

AUGMENTATIVA

9 — Quem tem corcunda usa collete — 2.

ANAGRAMMA

10 — Ha um paiz na Africa onde ha muito regosijo — 4.

Felix Berto.

O discurso que antecede o de sr. Candido Bispo foi proferido pelo sr. Astrolabio Caldas, na *Revista Maranhense* a 24 de dezembro passado.

Imp Official. - Maranhão - 1921

Espediente

Diretor — José Montéiro.
Redator-chefe — Clemente Guedes.
Redator-secretario — Izaac Ferreira.
Redator-revizor — Astrolabio Caldas.
Thezoureiro — Luiz Silva.

ASSINATURAS:

Capital. . . . . 2$500
Interior. . . . . 3$000
Numero avulso $200

SOCIOS BENEMERITOS:

Dr. Urbano Santos da Costa Araujo e o sr. Hercules Caldas

ADVOGADO — Dr. Luiz Carvalho.

SOCIOS HONORARIOS:

Drs. Godofredo Viana, Justo Jansen Ferreira, Abranches Moura, João da Costa Gomes, Antonio Batista Barboza de Godois, Raul Machado, Oscar Galvão, Bezerra de Menezes, Aarão Britto, Luiz Domingues da Silva, Herculano Nina Parga, Candido Mendes de Almeida, Francisco Cunha Machado, José Euzebio, José Barreto, Almeida Magalhães, d. Helvecio de Oliveira, capitão Luzo Torres, padre Arias Cruz, professores: José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso Machado, Joaquim Santos, Fran Paxeco, Nascimento Morais, coronel Frederico Figueira e Correia de Araujo.

SOCIAS E SOCIOS COLABORADORES:

Professoras Zila Pais, Etelvina Vasconcelos, Filomena Almeida, Maria do Carmo Teixeira, Roza Castro, Herminia Soares, Genoveva Ribeiro da Silva, Blandina, Genezia e Oritia Santos, Maria das Neves Monteiro, Pascoal Galvão Advilcula, Hermindia Soares Ferreira, Zoé Cerveira, Adelaide Eerth, Romilda Freire, Jozefa Amazonas, Maria Machado, Filomena Silva, Cecilia Martins, Altiva Smith, Henriqueta Pereira, Erminia Costa, as senhoritas Nizoca Nunes, Zozima Sá Cavagnhac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela e os senhores José Monteiro, Astrolabio Caldas, Clemente Guedes, Antonio Mariano, Ruben Almeida, Luiz Silva, Dac Ferreira, Souza Bispo, José Cucsino de Azevedo e José Domingos Barboza.

AJENTES NO INTERIOR E FÓRA DO ESTADO:

Arari — Major João de Leuos.
Caxias — O sr. Antonio F. Costa.
Viana — Senhorita Maroca Nogueira.
Penalva — O sr. Cavour Rocha Andrade.
Barro Vermelho — Prof.ª Filomena I. Silva.
Guimarães — Prof. Emircia Santos.
Hapecurú-mirim — Prof. Manfredo Viana.
S. Bento — Prof. Palmerio Campos.
S. Simão — Prof.ª Hilda Aguirres.
Icatú — Prof.ª Jozéfa Amazonas.
Morros — Prof. Fani Parga.
Cajapió — Prof.ª Odila Cardozo.
Chapadinha — Manoel Leite Fernandes.
Cururupú — O sr. João G. de Abreu, filho.
Cantanhede — O sr. João Rodrigues.
Vila do Paço — Prof.ª Nizal Prado.
Anil — Prof.ª Benedita Guimarães Silva.
Maioba do Genipapeiro — Prof. Elpidio Santos.
Alcantara — Prof.ª Escolastica Parada.
Santo Antonio e Balsas — O sr. Melquiades Moreira Ferraz.
S. Vicente e Ferrer — Prof.ª Maria Justina Serrão.
Cametá — O sr. Tobias de Souza Revorédo.
Amarante — O sr. Paulo Ferreira.

TINTURA PRECIOSA
JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas, — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

Alfaitaria Santa Cruz
RUA DE SANTANA, N. 4
Na Alfaiataria Santa Cruz, obtem-se por modico preço qualquer serviço que a compete sendo garantido
Prontidão no serviço e habilidade na arte.

Alfaiataria Guédes

RUA DE SANT'ANA, 3

Nessa alfaiataria obtem-se prontos e executados com aviamento de primeira os seguintes cenários:

Terno de cazemira preta especial – fraque...	150$000	Idem de brin H J.....	80$000
Idem de simuque.....	150$000	Calça e paletó	70$000
Idem de paletó 100$, 110$, 120$ e 130$, etc.		Terno de brin de algodão 20$, 25$, 30$000,	35$000

Ternos de brin de côr, por preços muito modicos á escolha do freguez.

Tambem se confeciona qualquer encomenda pelo preço da tabella abaixo:

Cazemira Preta

Feitio	
Terno.....	30$000
Calça.....	15$000
Paletó.....	30$000
Colete.....	10$000

De Côres

Feitio	
Terno.....	45$000
Palitó.....	25$000
Calça.....	15$000
Colete.....	10$000

Brin de Linho Branco

Feitio	
Terno.....	22$000
Palitot.....	8$000
Calças.....	7$000
Colete.....	6$000

De Algodão Branco

Feitio	
Terno.....	20$000
Paletó.....	8$000
Calça.....	7$000
Colete.....	6$000

De Algodão de Côr

Feitio	
Terno.....	18$000
Palitó.....	7$000
Calça.....	6$000
Colete.....	6$000

O passar de ferro em roupas de lã

Terno.....	3$000
Paletó.....	2$000
Calça.....	1$500
Colete.....	$500
Paletó de Alpaca, ou Alpacão, sem forro....	15$000

Clinica cirurjico-dentaria

DO CIRURJIÃO-DENTISTA

Porciuncula de Moraes

Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e ex-interno de clinica odontolojica do Hospital de Mizericor, dia d'aquela cidade.

SERVIÇOS GARANTIDOS e executados por processos modernos.

Operaçõis absolutamente SEM DOR

Consultas tod s os dias uteis, escéto ás quintas feiras, que reserva aos trabalhos proteticos.

CONSULTORIO:

Rua Nina Rodrigues n. 1—(Praça João Lisbôa)

Ourivezaria Perola

— DE —

Jczé L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijuteria

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-laines, rozetas, aneis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para penci-nez, porta-leques, voltas de coral, teteias, etc.

Preços baratissimos.

Asseio e muita arte.

Rua Osvaldo Cruz, 9—Rua Osvaldo Cruz, 9

ANO 5 | S. Luiz — Fevereiro de 1920 | NUM. 48

Redação
Rua Coronel Gollares Moreira, 21

Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE

Artes, Ciencias e Letras



Barão do Rio Branco

TINTURA PRECIOSA

JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas, — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

CASA BORDALLO

72—Rua Oswaldo Cruz—27

Chegou, pelo ultimo vapor, o que pode haver de mais CHIC em calçados da ultima moda, para senhoras, homens e crianças, dos melhores fabricantes.

Preços sem competidor

Empreza Predial do Norte

Autorisada e fiscalisada pelo Governo Federal

Rezultado do 78.º sorteio da 2.ª serie (B), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas:

Premios de 10 isenções do pagamento das prestações, durante 6 mezes.

1.º n. 2002—Ranulpho Torres Raposo, residente em Corva de Onça.

2.º n. 2304—Eliminada.

3.º n. 1681—D. Anna Déa Pereira da Silva, residente em Theresina.

4.º n. 492—Luiz Nelson de Carvalho, residente na Parnahyba.

5.º n. 1358—Julio Bacellar Martins, residente em Brejo.

6.º n. 40—D. Hortencia de Araujo Sant.Anna, residente em Theresina.

7.º n. 1703—José Antonio Carneiro, residente em Parnahyba.

8.º n. 862—Filandro Juleff Portella Richard, residente em Picos.

9.º n. 500—Antonio Crescencio Carneiro, residente em Carolina.

10. n. 2144—D. Francisca Maria da Costa, rua Rio Branco.

Caza no valor de 5:500$000

1565—Autonio Gonçalves Ferreira, resindente em São Bernardo das Russas.

Maranhão, 31 de janeiro de 1920.

Adolpho Paraiso,

Diretor-gerente,

Claudino Netto,

Fiscal do Governo Federal.

Peitoral de Contra Herva e Jambú Composto

Soberano Remedio

Approvado e licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica, sob n. 1180 de 13 de Dezembro de 1919.

Infalivel contra as molestias do peito.

Cura as tosses pertinazes, incessantes, as bronchites agudas ou chronicas, as dôres do peito, da garganta, accessos de asthmas, falta de ar e emfim, todas as perturbações do apparelho respiratorio, produzidas por constipação, accessos de grippes etc.

Deposito Geral:

PHARMACIA CRUZ

Candido A. de Carvalho Cruz

Rua Nina Rodrigues n. 65.

MARANHÃO

AVIZO

—Os nossos socios, socias e ajentes podem quando quizer enviar trabalhos literarios: contos, poezias, charadas, etc., que publicaremos gratuitamente.

—Toda e qualquer correspondencia deve ser dirijida á rua cel. Colaros Moreira, n. 21 ou á praça d'Alegria, n. 5.

Já iniciamos a cobrança das assinaturas do corrente anno. Pedimos aos nossos ajentes e ás nossas ajentes que nos informem do que têm feito pela «Revista».

ANO 5 | REVISTA MARAHENSE | NUM. 48

Artes, Ciencias e Letras -- Publicação mensal



Dr. Urbano Santos

Cada dia que passa é mais um traço que se aviva na nossa memoria, é mais um fio de cabêlo brauco, que aparece na nossa cabeça.

A vida, ora é rizonha, ora deixa de o ser, o que levou um filozofo a afirmar que "a vida é a morte".

O aniversario natalicio do dr. Urbano Santos, transcorrido a 3 do corrente mez, foi um traço luminozo, acentuado, no livro áureo da sua vida.

Quem o apreciar de perto, verá que é possuidor de exemplares qualidades de chefe de familia e majistrado cumpridor do seu dever, destribuidor consciente da justiça. E foi por isso que o povo maranhense o levou á curul governamental.

Desde a sua mocidade, entregou-se á vida honesta e laborioza da agricultura. Depois, foi pouco a pouco, ascendendo a escala social, ocupando até o cargo de prezidente da republica, quando o dr. Venceslau Braz se retirou do governo por alguns dias.

No ministerio, o dr. Urbano Santos volveu os seus olhos para o norte e o nordeste do Brazil até então madastrados pelos poderes constituidos da União. O dr. Urbano Santos quebrou a praxe de *tudo ser para o sul*. E da sua estadia no ministerio, o norte e o nordeste começaram a ser saneados. Do Rio de Janeiro então sairam as lejiõis de medicos, fundando postos profiláticos, vacinando, combatendo as molestias contajiozas que raquiticamente iam, pouco a pouco, definhando o nortista.

Partindo do ministerio para a prezidencia do Estado, o dr. Urbano Santos mostrou-se e tem mostrado-se bem intencionado, já tomando as providencias necessarias, para o funcionamento dos esgotos, ja providenciando na abertura do competente credito para os serviços preliminares das Obras do Porto.

No dia do seu aniversario natalicio, o Maranhão inteiro mostrou-se satisfeito, pois inumeros foram os telegramas enviados.

Nós da *Revista Maranhense*, que falamos deza-paixonadamente, enviamo-lhe, á sua exm^a. familia, ao seu irmão cel. Bricio de Araujo os votos significativos de felicidade pessoal e de um bom governo, justiceiro e promissor.

Carnaval

"Mascarados, sêde bemvindos!—diz em *Romeu e Julieta* o velho Capuleto—já houve um tempo em que eu tambem me mascarava, para murmurar amaveis lisonjas ao ouvido das mulheres bonitas!". Quasi todos os velhos cariocas podem dizer o mesmo, porque no Rio de Janeiro o Carnavel ja foi a grande festa da cidade, a festa que congregava no mesmo delirio todas as classes e todas as idades. Muita gente séria, antigamente, suspirava todo o anno pela chegada dessa época feliz.

E' que havia logares a que não podia ir, sem grave escandalo, o burguez prudente. Theatros alegres, onde se acotovellavam francezinhas perfumadas, de olhos pisco-

circulados de olheiras provocantes; hoteis, cujas janellas fulgaravam até á madrugada, indicando que lá dentro havia *champagne* e beijos a rodo; casas de tolerancia, cheias de mysterios de amor: todos esses paraisos ficavam vedados aos homens circumspectos, que temiam a maledicencia; um anjo temoroso o Escandalo, com o gladio de fogo flammejando no ar, ficava postado á porta, como no eden biblico, repelindo as tentativas do mais ousado.

Mas, chegado o Carnaval, o homem sério enfronhava a sua seriedade num dominó, amarrava sobre a austera face uma mascara, — e adeus, terrores! o anjo embainhava a espada, abriam-se as portas do eden e o regabofe começava. Hoje, para que esperar o Carnaval? Uma tolerancia amavel adoçou os nossos costumes, cujo duro aço se foi convertendo pouco a pouco em molle cera. O regabofe já não se esconde, nem escolhe dia: anda por ahi, em carruagem descoberta, atravessa a rua do Ouvidor sem protesto, entra em todas as confeitarias e viça e prospera como uma planta bem regada. E' essa a causa da decadencia do Carnaval.

. . . . . .

A mascara perdeu o seu primitivo encanto. Para cravar soffregamente os dentes na polpa do fruto prohibido, já não é precizo pôr uma mascara no rosto. O fruto saboroso ahi está, ao alcance de todas as mãos offerecendo-se, dando-se, impondo-se, com uma impudicencia que já não offende o duro olhar da Moral.

. . . . . .

Todos os que se rebelam contra as brutalidades do entrudo e do jogo de confetti, são os primeiros a perder a cabeça, quando cahem no amago de uma dessas batalhas carnavalescas. Tambem é verdade que, segundo o grande Turenne, capitão glorioso que tantas vezes flauteou a morte "soldado só perde o medo, quando se deixa embriagar pelo clamor do combate." Ponham ahi no meio da rua do Ouvidor o mais sizudo de todos os homens sizudos, cerquem-no de uma duzia de moças alegres que o cubram de confetti e o inundem a bisnagadas, — e, se, d'ahi a uma hora, o sizudo não estiver perdido a compostura e os oculos e a cartola amolgada, empenhado com amor e delirio nas mais vilentas refregas, — então duvidem do poder do Carnaval e cream na fortaleza de animo de um conselheiro Acacio!

OLAVO BILAC.

Monologo de um dominó

«Indistincto a vagar, ando de rua em rua,
E pelas praças vou ajitando estes guisos;
Meu rosto assim coberto, horrivelmente súa,
E torna-me esta roupa os passos indecisos.

Insipido que sou! Tenho a cabeça núa
De graça e phantasia! Atrozes e precisos
Os nomes que me dão, sem que ao meu labio aflúa
A onda divinal e púrpura dos risos.

Insipido que sou! Não sei donde se escôa
Esta melancholia estúpida e iracivel
Que nem falar me deixa, em extases, atôa.

Vinha troçar a vida, espetar-lhe a excrecencia...
E eu já nem sei quem sou! Quanto o caso é incrivel!...
Ri-se a vida de mim, nesta minha apparencia.»

NASCIMENTO MORAES.

Paraphrase

Thema: "Floresta Convulsa", soneto de Alberto de Oliveira.

Physionomia tristonha, faces encovadas e macilentas, olhos embaciados e amortecidos deixando transparecer o estado morbido do seu psychico; labios descorados, no qual sempre se balouçava um scrriso de sarcasmo e do qual se escapavam, continuamente, pragas e maldições, cabeça precocemente encanecida e curvada, como que procurando no ámago do que tirazia debaixo dos pés, balsamo ás suas dores, o que não havia encontrado na contemplação do etérno infinito, bordado de milhões e milhões de olhos de virgens que deixaram muitos corações opprimidos aqui, nesta amargurada existencia, mas que, sempre presurosas, abriram orificiosinhos no manto que envolve a abobada, para guiar com mais segurança os seus entes queridos, que, chorosos, aqui, as espreitam, coisa admiravel, sem se confundirem, elle caminhava pensativamente.

Será esse homem um martyr?

Qual a dor que lhe devora o intimo?

Não sei.

Não me ques confiar o seu segrêdo, nem a ninguem mais, pois todos nós eramos passiveis do seu soffrer.

Quando o encontrei, murmurava: "A ti, sociedade vil, não confiarei o meu segredo, pois certo estou de que não acharei um peito amigo no qual rolem estas minhas lagrimas sentidas, para ahi se converterem em flores balsamicas, symbolisando a compaixão e a caridade. Não será a ti!

Será, além, naquelle reino, onde julgo não haver tristezas, lá na floresta amiga."

Caminhava, caminhava .....

Chegou. Cambaleando, penetrou no almejado lugar. Tirando, então, o descorado chapéo, feito do destruidor tempo, disse: "Floresta amiga, quanta angustia sinto! Eis por que, confiado na tua sombra bemfazeja, vim conversar comtigo. Quero, no teu seio, descansar da tormentosa lucta, a qual me prostrou.

Oh! Deus!... que castigo!

Como principiar os meus queixumes, si vós, o troncos da solidão intacta, vos estorceis, e o que vos tenho de dizer irá morrer, lá muito longe, em solitaria gruta?

Porque o vento vos açoita com um bando invisivel de furias e anjos máus?... Será remorso?... crime?...

Não obteve resposta. Houve uma subita mudança, e tudo serenou.

Aproveitando-se, então, dessa occasião, continuou, emquanto o vento recomeçava a açoitar as suas vitimas, que, estorcendo-se e chorando, amarguradamente, soltavam doloridos ais!

— "Explicai-vos, ou primeiro me ouvi, porque a um tempo bracejando, gritando, chorando, não nos entenderemos.

Infrutiferas foram as suas palavras. Não se podiam entender, todos soffriam.

Nesse auge de angustia, o desventurado volveu o seu olhar amortecido para o rendilhado do céu, e, sorrindo, desprendeu o seu ultimo suspiro.

Qual a dor que lhe devora o intimo?

Perguntemos ás estrellas. De certo, não nos responderão.

Zoé Cerveira.

O inverno

(*Après nature*)

Ruje a tormenta—no espaço,
Rimbomba o rouco trovão,
Igneos fuzis lambem as nuvens
Dando abraços n'amplidão.

Atra nuvem empana o brilho
Do formozo e lindo sol,
As avezinhas pepitam
Com saudades do arrebol.

A noite cae, ronca a chuva
Nas cazinhas de sapé;
O pati segreda amores
Aos ouvidos do dendé.

Brame o corisco ralando
Pelo ceu fulvos clarões;
As nuvens aglomeradas
Semelham negros bulcões.

O rio manso s'irrita
Aos arrufos do tufão;
Arrancando arvores robustas
Que estalando—beijam o chão.

Aqui o Pau-d'arco verga
Ao sopro do vendaval
Além a palmeira tomba
Numa vertijem infernal.

Depois... a lua flutua
No espaço... face sem véo
Aqui, além se lobriga
Palida estrela no céo.

Cessa a chuva, a aurora brilha
Cessa o vento mujidor;
Nasce da terra a plantinha
Rebenta da planta a flor.

Tudo renasce. Na murta
Da murta que verde é já;
Trina á medo a sururina
Canta alegre a pequapá.

Brôa o touro, escarva, espuma
Na porteira do curral
Balando armento toza
As relvas do laranjal.

A bonança sorri, o vento amaina,
O prado é lindo. Ao redor da aurora
As ervinhas mimozas lacrimejam
Bagas de pranto que o sereno chora.

DR. OSCAR GALVÃO.

UM CHANCELER BRAZILEIRO

Recorda-se, neste mez, mais um ano da morte do inovidavel barão do Rio Branco, que dezappareceu do cenário brazileiro, quando se tornava o objeto cojitado das colectividades. Morreu trabalhando pelo Brazil e dentre os territorios reavidos por ele citamos o do Amapá, de que Olavo Bilac em seu preciozo livro *Ironia e piedade* diz estas palavras: "a publicação do mapa do Amapá foi uma revelação! Ninguem imajinava que se tratasse de tão longo, de tão farto, de tão explendido trecho do territorio brazileiro. Ouvindo falar do Amapá, todos nós faziamos a idéa de ser um pedacinho de terra bruta, cortado por alguns punhados de ouro escasso.

Quando os nossos olhos mediram a estenção do dominio restituido ao Brazil pelo talento de Rio Branco, foi que pudemos, ao mesmo tempo, medir qual seria a estensão da nossa vergonha, se, por inercia ou incuria, perdessemos uma propriedade tão indiscutivelmente nossa."

Brazileiros! Vejamos no barão do Rio Branco a reprezentação fiel do patriota de todos os tempos!

O canto de um pássaro

Sem no opprimido ergástulo da Fórma
As idéas prender uma por uma,
Minha Musa modesta o verso apruma
No metro, e da cadência segue a nórma.

O meu éstro, porém, talvêz reçuma
Estylo que aos modernos não confórma;
Mas o pássaro a vóz jámais transfórma,
E, sem que invéje aos outros, canta—em summa!

Vezes alegre ou, Sabiá Saudôso,
Meu canto é fiel ás emoções da vida:
Se fóge ás regras, busca ser mavioso.

E' assim meu canto. E dizem todos que a ave,
Para ser procurada e ser querida,
Deve ter canto simples, terno e suave!

APOLINARIO DE CARVALHO.

De Raspão

Gonçalves Maia, o bizarro escritor pernambucano, opina que, quando não substituamos o simbolo da nossa patria, pelo menos façamos outra bandeira com as côres da nossa nacionalidade...

Tal idéa, comquanto parta de um espirito assás culto, achamo-la, no nosso despretencioso modo de pensar, um tanto abstruza.

Lamenta o ilustre publicista a ausencia do nosso pavilhão numas festas que se realisaram nos Estados Unidos, logo depois da guerra. Diz ser a causa disto o alto preço por que se adquire no estranjeiro a nossa bandeira, e que o motivo de tal carestia está nas suas figuras geometricas. Tais a inscrição, o losango, o glôbo e as estrêlas que lhe adornam o centro.

Ora o Brasil, numa afeição que mais parece servilismo, não poupa sacrificios para render homenajens ao colôsso da América. Vive, coitado, como um mizero palaciano que, muito ativo e se derretendo em gentilezas, procura

todos os meios de ser agradavel ao seu *chefe*... Não perde ocásião para lhe patentear a sua ilimitada simpatia. Decreta feriados os seus dias nacionais, gasta rios de dinheiro em festas a qualquer representante seu, obedece acatadamnte á vontade do seu presidente na nossa politica interna.. .E' tudo! Nada lhe escapa!

Porque os Estados Unidos, em festas que incluem as bandeiras de todos os paizes amigos, não dão, tambem, um lugarzinho á nossa? Só por ser um tanto mais cara do que as outras? Mas uma bandeira, por muito alto que seja o seu preço, não custa as *casas da India*, em terra nenhuma! Logo não é este o motivo por que o pavilhão brasileiro deixa de receber o devido acatamento na terra do presidente Wilson. Não! E disto se convença o nosso culto socialista. O que falta é simplismente isto: um pouco de amizade sincera no espirito do povo *yankee*. Isto, *sim*. — I. F.

VIRGENS

O sol vae no horisonte se escondendo...
E do infinito á terra, brandamente,
N'um murmurio de preces, docemente.
Calmo, vem o crepusculo descendo.

E' a noite que vem... Passam gemendo
As ilusões da vida... E, de repente,
Tudo escurece .. E vém-se tristemente,
As esperanças que se vão morrendo.

Traz o silencio então desharmonia!
Que amargura na terra, que amargura,
E que saudade em todos corações!...

Eu bem que sinto atrós melancolia!
—O' poder sacro-santo da Natura!
—O' tristesa infinita dos sertões!

Do «Rosas e dôres» CLEMENTE GUEDES.

Costa Gomes

A 26 de dezembro do ano findo passou o quarto aniversario da morte do aprimorado poéta Antonio da Costa Gomes, o eximio cantor das *Flôres e Frutos dos Pampanos*, dos *Alabastros* e do, ainda inédito, *Poéma dos Campos*.

Costa Gomes, que ocupou uma cadeira na *Academia Maranhense de Letras*, deixou sensivel vácuo na terra que lhe serviu de berço. Uma das glorias da nossa renascença literaria, o grande amigo da Natureza e admirador do Belo, era um simples e emotivo, era um fulgurante talento e dono de ilibado caráter. Inalteravel: nunca se deixou levar pelas fatuidades e aparencias do mundo estravagante que o cercava.

Esposo e pae, ninguem o foi mais fiél e estremoso. Amigo dedicado e cidadão de conduta irrepreensivel.

Nasceo nesta capital aos 7 de maio de 1880. Aos 11 anos, findando o curso primario, passou-se ás aulas do então Seminario das Mercês e, depois, matriculou-se no Liceu Maranhense. Foi nessa demora pelo Liceu que de parceria com Godofredo Viana, Domingos Barbosa, B. Vasconcelos e outros, fundou *O Estudante*, jornal literario, onde treinava para os grandes surtos da inteligencia.

Costa Gomes teve como mestres na poesia, os luminares—Gonçalves Dias e Casemiro de Abreu.

O nome de Costa Gomes é um exemplo de amor, de constancia, de lialdade ás letras que defendeu com ardor inaudito té o ultimo instante de sua vida.

Nobre carater. Grande alma.

SOUSA BISPO.

Dois problemas

Dois são os problemas que voltam a ser recentemente discutidos. Um cabe á Academia de Letras, que é o da ortografia a ser rigorosamente adotada no Brazil, cuja questão já foi calorosamente ventilada ha annos atraz. Os doutos, porem, não deram uma resolução sobre esta ou aquella ortografia. Não quero com isso dizer que não deram os homens as suas rezoluções, mas foram rezoluções que ao meu ver, não agradaram aos adversarios; tanto prova isso que continuaram a ser applicadas as duas ortografias no Brazil, sendo que a antiga coutinuou a merecer grande aceitação. Parece-me que onde a ortografia moderna tomou o maximo grão de desenvolvimento foi aqui no nosso Estado, sendo que até os jornaes a adotam.

No Rio e em outros estados essa ortografia não teve grande amparo.

E' muito raro encontrarmos uma obra escrita pelo modernismo. Das que me teem vindo ás mãos, as que tenho encontrado nessa ortografia são publicadas aqui em São Luiz ou em Lisbôa.

O segundo problema é baseado nas vantajens que podem advir aos rezervistas as suas cadernetas, alem de estarem isentos do sorteio. Tambem já foram planejadas mil e uma vantajens...

Existiu ou existe até, se me não engano, um decreto ou cousa equivalente, que garantia a preferencia dos rezervistas aos empregos publicos. Isto, porem, parece-me, como a muita gente, que foi somente para inglez ver, pois nos concursos que se fizeram aqui no Estado para empregos publicos, têm sido nomeados muitos candidatos que estavam classificados abaixo dos que já manejaram com as armas, estando os outros, que se julgavam mais garantidos, a ver navios.

Talvez, desta vez, seja cumprida a nova lei que está em projeto...

Asdrúbal.

Um tipografo ilustre

Vem, traze o teu emblema de tipografo.
— o rôlo, o prélo, as chapas, as vinhetas —
e te encarna n'aquela estrela ultima,
ali entre os poetas.

Celso de Magalhães.

Meio seculo é decorrido e os trabalhos de Belarmino de Matos, o Didot brazileiro, não foram de todos esquecidos, porque ainda, nesta bôa terra, se encontra, á semelhança de véstal, velando o fógo sagrado, meia duzia de moços bem intencionados, trabalhadores e dispostos a fazer desfilar, á vista dos seus conterraneos, sem dezejarem remuneraçõis, as biografias dos vultos grandiozos, que ainda hoje e sempre se destacaram pelo que fizeram, es-

teriotipando, numa preseverança incomparavel, gravando em letras bem grandes, nas pajinas dos livros escritos a respeito desta terra, os traços precizos de inteletualidades não comuns.

Para se falar de Belarmino de Matos não é precizo dispor de muito conhecimentos. A sua tipografia alcançou grande fama em todo o Brazil. Estudiozo e observador introduzia-lhe, de quando em quando, um melhoramento, tanto que substiauiu o rólo de camurça pelo o que se faz de cola e melaço. A associação tipografica podia reunir os seus associados, para tratarem do que lhes dissesse a respeito.

Em 1913, os chefes das diversas oficinas da Imprensa Oficial do Maranhão, o srs. Antonio J. de Barros Lima, Celatino Pinheiro Tupinambá, José Semeão de Assis, Artur Lima Brandão, Alexandre C. Moreira Nina, Manoel Vicente Saraiva e Delfino do Nascimento Santos, inauguraram-lhe o retrato.

Eram governador do Estado o dr. Luiz Domingues da Silva e director do Diario Oficial o prof. José Ribeiro do Amaral, nosso socio honorario.

E' deveras lastimavel o que se vê atualmente em algumas oficinas tipograficas: crianças que mal conhecem o A. B. C., sentadas em bancos, aprendendo a trabalhar com os tipos. Nos primeiros tempos de aprendizajem não ganham nem um vintém e por isso era melhor que, em primeiro logar, os seus pais os mandassem á escola.

Devia já estar proibido no Maranhão a entrada de analfabetos nas fabricas, nos estabelecimentos comerciais, nas tipografias, etc.

Que a associação tipografica reviva, para que, compenetrada do cumprimento de um dos maiores deveres sociais, trate do interesse da classe tipografica que merece muito e muito e no entretanto está onde não devia estar.

E' tempo de ajir.

José Monteiro.

Onélia

(Conto rial)

Pera o professor José Monteiro.

I

Um mez e tanto que não a via.

O agiozimandro da velha capellinha do Hospital Militar, que demóra lá para os bairros da Madre-Deus, nessa noite, repicava, festivo, chamando os ficis para o trezenario de Santo Antonio, que ali estava sendo celebrado com desuzado explendor.

O templo fartamente illuminado, regorgitava de povo, e em frente do altar, transformado em um nicho de flores, cujo perfume se espalhava por todo o ambiente, ella se achava, de pé, com olhos fitos na imagem de Santo Antonio, aureolada por uma extensa grinalda de flores naturaes.

A ladainha teve começo, resada pelo Manéco, e, então, arrochado pelo massa que invadia a capella, a perdi de vistas.

Debalde, procurei-a em todo o recinto sagrado, porem, terminada que fôra a ceremonia, no adro, por entre os zig-zags da multidão, a vi descendo, ligeira, a esquivar-se, acompanhada por uma senhora de mediana edade.

Não amava Onélia, más, a sua belleza plastica, o seu olhar profundo, a sua fala mordente, um *quê* no seu ser, inflamava-me o peito, e eis-me a procural-a, e sempre a dizer-lhe palavras que lhe tocassem o coração juvenil.

Onélia, escutava-me e não dando mostras de indifferentismo, ouvia os meus galanteios, sempre a sorrir, mostrando uns dentes de chernita e uns olhos, púlchros, fascinadóres.

II

Não mais vi Onélia.

Os mezes se passaram e um anno depois n'uma noite de Agosto, pela calada das onze horas, lobriguei, n'uma esquina um vulto de mulher.

O luar era bello, e ao aproximar-me, qual não foi o meu espanto reconhecendo Onélia.

—Que fazes por aqui, á estas horas? perguntei-lhe, mais que admirado.

—Espero alguem... respondeu-me ella, occultando o rosto no lenço.

—Esperas alguem?... de onde? de que mundo? e quem é esse alguem?...

—Você não sabe o que me aconteceu?... não sou mais donzella!...

—Não és mais donzella?... Porque?... Cada vez mais me confundo com as tuas palavras...

—Você não sabe o que me aconteceu?...

—Pior ainda!...

—Meu cunhado deshonrou-me...

—Teu cunhado?... O *Menandro*?...

—Elle, mesmo...

—De que modo?...

—O mais simples possivel; — forçando-me: — Minha irmã tinha ido passar o dia fóra e elle achando-me sosinha, na alcôva, deitou-me por terra, satisfazendo o seu desejo reprovavel.

—Monstro!... E o que lhe fizeste?...

—Nada!... Elle acobardado, pediu-me quasi de joélhos, que me calasse, promettendo fazer-me tudo o que podesse, em meu beneficio. Apezar da aversão que a sua presença me inspirava, o mizeravel cumpriu a sua palavra, até no dia em que abandonei o lar que me perdêra. Comprehendendo a feia acção que commettia, illudindo a bôa fé de minha irmã, n'uma noite, sahi de casa, indo viver maritalmente com o rapaz, com quem tenho existido até hoje, e o qual espero agora...

Você, desappareceu... não a vi mais...

Onélia disse-me as ultimas palavras com os olhos marejados de lagrimas.

....

III

Dois annos eram passados.

Em uma bella tarde, por fatal coincidencia, uma ter de de Agosto, conversava eu com um amigo, quando po nós passou um lúgubre cortéjo, acompanhando um rud esquife da Santa Casa da Misericordio. Além dos quatr carregadores, seguiam o caixão mortuario, uma senhor um tanto edosa, cujas feições não me eram estranhas mais duas pessôas conhecidas.

—Sabes quem vae n'aquelle esquife? perguntou-me amigo, um tanto consternado.

—Quem é?.. inqueri precipitado.

—Onélia!

—Que dizes, rapaz?!...

—A pura realidade: ha tres mezes que chegou Pará, em completo estado de miséria; com o corpo berto de chagas cancerosas, a ponto tal, de a tia, poder têl-a em sua empanhia. Ha um mez deu entrada

Hospital e hoje, pela manhã, veio a fallecer, tendo já, em vida, apodrecido.

Vê que máo cheiro exhála do seu corpo!...

E tampamos as narinas com os lenços.

IV

E assim, acabaram-se os dias juvenis de Onélia, tão gentil, tão formosa, tão travêssa!...

Para que lhe servisse de epitháphio, recitei, incontinenti, ao velho amigo, os versos que um poeta dedicára á uma infeliz como Onélia:

"Suzana:

Oh! pálida Suzana!
Oh! loiro diabrête!
Oh! flôr da bacchanal!
Nasceste na choupana!
Viveste em palacête!
Morreste n'um hospital."

8|8|919.

BIDICO RODRIGUES.

EKKG...

Ao Astrolabio Caldas

Elle, contente, e sempre á hora certa,
A meditar nos dias de ventura,
Nessa ambição que só no olhar desperta,
Nesse desejo que em seu ser perdura;

Elle, risonho, como que concerta
No pensamento o plano, a conjectura
De, ao vêl-a, alli na sala ainda deserta,
Lançar-se aos braços seus numa ternura...

Elle, contente, trefego, risonho,
Allucinado, como que num sonho,
Ao penetrar na sala ainda ás escuras,

Lançou-se aos braços da que tanto amava,
E, embriagado, o rosto lhe beijava,
Sendo no impulso della as desventuras!...

Rio, 18—VII—1919.

«Sinuosidades» JULIO CADAVAL.

Epistolas intimas

Minha adoravel amiga.

OUTROS LOGARES

Receba os meus cumprimentos respeitosos e os votos que peço a Deus para que você continue sempre feliz.

Agradeço-lhe as saudações de Bôas-festas que você dignou, amavelmente de me dirigir as quaes já lhe respondi pelo correio passado.

Dirijo-lhe, hoje, esta epistola, para lhe falar das belnoites de festejos pelo Natal, Anno-Bom e Reis, que associados e á familia maranhense, offereceu a symphica e querida associação sportiva — F. A. Club — deo este que já conquistou, entre nós, a melhor nota nos *saraus* dansantes.

Emquanto todos nós pensavamos nos dias promissôque se avisinhavam, sentiamos, no meio dos folguedos, melhores maravilhas da vida. O riso saccudia os nossos labios com tanta satisfação que bem suppunhamos espiritos, gozando, na utra vida de que nos fala a Biblia, as delicias de um céo azul, cheio de paz e todo de amôr...

Eu não lhe posso fazer uma discripção exacta da noite de 24, no veterano. Acredito, minha bôa amiga, que á medida que se passavam os instantes, eu ficava como que ebrio-festivo, num sonho preguiçoso duma madrugada de inverno... Eu só; não todos que lá estiveram, todos não julgavam estar num baile.

* * *

A nite de 31 nada deixou a desejar.

Foi, tambem, um primôr. Ora, minha amiga, esta noitada foi melhor que a anterior.

Eu lhe explico, apezar de ser notada a mesma frequencia, a mesma orchestra, o mesmo deslumbramento de luzes, de flôres e de perfumes: — As graciosas torcedoras do veterano apresentaram-se dignas de notas.

Todas, ou quasi todas, foram vestidas á phantasia, mas á phantasia... Veja bem, minha amiga, as torcedoras do veterano foram vestidas á phantasia Percebeu?

—Quero lhe dizer que quando as meigas partidarias do F. A. C. procuram variar o *commum*, a fazem tão felizes, que sempre galgam successos. Não procuraram *phantasias* exaggeradas nem muito conhecidas. Vestidos simples, modestos mesmos, porem de um effeito á toda prova maravilhosos, lindos!

Os torcedores, tambem estiveram na altura, embora, poucos se lembrassem de phantasias...

Assim, dentro deste sonho preguiçoso, numa noite de inverno, eu despedi-me do 1919, e, feliz, como desejou-me você, comecei o 1920.

* * *

A festa de Reis, as tive muito bôa. Um grupo gracioso de meigos torcedoras do glorióso tricolôr, entoóu, no campo de crocket, bellamente ornamentado e illuminado, lindos bailados que agradaram bastante.

Si não fôra o acomettimento de modestia que me faz vergonhosa teria, minha amiga, pessoalmente, dado á Directoria do F. A. C. o meu cordeal *shakehands* pelo brilhantismo dessas festas. Acceite as minhas saudades e felicitações.

LYCURGO.

Carta aberta

(A' Dulce.)

Julgo-te capaz de receber mais uma carta-resposta, em troca ás que já me endereçaste. E só a faço porque sei que mereces mais essa prova da consideração em que és tida.

E, assim, passo a responder tua ultima missiva, que, se não fôra a letra do meu inteiro conhecimento, eu a diria falsa, pelos termos asperos, certamente impregnados de vivo e incontido odio, de que ella se reveste.

—Mas, com certeza, cheguei a reconhecer — pois é palpavel a minha culpa no caso a que te referiste — que o teu odio é demasiadamente forte, se bem que a razão é tua e muito tua, ante o que confesso que fui ouzado para comtigo, que tanto me queria com sinceridade.

...E que eu te havia jurado eterno amôr...

—Sim, tens todo o direito para assim dizer, pois eu nunca te falei do meu amôr, que não o fosse acompanhado do sempre *sinceramente*..., que tão bem sôava aos teus ouvidos e te tocava o coração, como, muitas vezes, mesmo, m'o confessaste.

—Permitte-me agora, que eu te fale como impõe o meu coração, que nunca manifestára, de leve sequer, esse sentimento superior que chamamos amor, e de que eu ti dizia sempre achar-me possuido...

E foste, desta forma, enganada por mim, que te soube dominar, com a promessa de uma affeição eterna

Mas, te poderás, tambem, ufanar de que não foste a primeira a crer nas minhas *palavras sinceras*, mas prometto-te que não serás, de certo, a ultima... Pois tu mesmo sabes que, antes de eu te conhecer, já havia illudido a Mundica, a Chiquinha, a Zezé e muitas outras...

Destas todas, porém, nenhuma foi mais feliz do que tu; a prova aqui está: és a primeira que recebe depois do costumado e formal *despacho*, mais uma carta, para consolar o teu doente coração...

—Agora, as cartas (tres) que, durante o nosso namoro, te enviei, peço-te que as rasgues ou queimes, pois, acham-se impregnadas do virus da hypocrisia. E as que a tua mãozinha leve e aristocrata escreveu e perfumou, farei chegar a teu poder, excepto o teu retrato, que me lembra uns labios rubros que, enfebrecidos, tanto oscu lei, e tambem porque me ha de recordar sempre a tua pessôa, que foi uma das vitimas do meu desfructo, escondido nas palavras enganosas da declaração dum affecto fementido...

—Não deixarei, de certo, de enaltecer todos os dotes de que és indubitavelmente, possuidôra, e, por isso, espero que não creias que ha, neste meu proceder, traços vivos de ironia; não. A verdade não occulto nunca; não se tratando de amores...

Não me queiras mal, Dulce, porque o que entre nós acaba de se passar, pertence ás cousas naturaes da vida!

—E, finalmente, eu quiz te pedir, mas é tarde já, creio, e não me arrisco mais a fazer, que não propalasses aos quatro ventos que eu te amei mentirosamente. Mas estou certo de que já o fizeste, pois, é teu unico defeito, talvez, seres indiscreta, o que é proprio quasi de todas as mulheres.

E porque esta é a ultima que te faço, Dulce, recebe mais uma vez, os meus saudares de envolta com os votos do mais prospero e feliz futuro que imaginar possas.

Do admirador de sempre,

A. Reis.

A Rainha

Sentadas num j rdim, in-pir ndo o olor dos cravos, das rosas, dos j s nins, conv rs vam diversas senhoritas.

Amelia, admirando as flores, perguntou: «Qual é a cor mais lind ?»

—Encarnada, respondeu Anna.

—Amarella, retorquiu Paula.

—Azul, disse Zaila.

—Rosea, vociferou Angelica.

—Róxa, proferiu Zelia.

—Verde, replicou Dulce.

—Preta que é o symbolo do luto, deve ser excluida, porque é a ausencia de todas as cor s, exclamou Alda.

Maria, que até então se conservára silenciosa, bradou: «Branca é a primeira, a mais linda de todas, não só por ser a reunião das outras, que por isso lhe são subordinadas, como por significar *innocencia paz, castidade*. Que significam as outras côres? Amarella quer dizer *desespero*; encarnado, *guerra*; rôxo, *sentimento*; verde, *esperança* que muitas vezes pode ser illusão; azul, *ciume*, abutre que quasi sempre ultima a felicidade do lar; roseo, *amor* que ordinariamente é falso. Por isso repito. «Branca é a cor por excellencia, branca é a rainha das cores!»

Todas as outras meninas exclamaram ao mesmo tempo: «Viva a *rainha das cores*!»

Maria continuou: «Além disso quem quizer corrigir seu genio iracivel, traje branco e experimentará o poder desta privilegiada cor sobre o organismo, pois eu, durante alguns annos, somente escolhia fazenda branca para minhas vestes e hoje conheço que sou muito mais paciente que outr'ora».

Então repetiram as outras amigas: «Por todos os dons que lhe attribues, seja ella proclamada, sem contestação, a *rainha das cores*!»

Hermindia Soares.

Desengano

Ilest quelquefois moins malheureux d'être trompé de ce qu'on aime que d'en être dé trompé.

(La Rochefoucauld).

Depois d'aquelle dia—triste dia!
Em que eu a amei ardente e loucamente,
Eu sinto n'alma immenso vácuo. Fria,
Immensa, cruel dôr minha alma sente.

E o coração amôr não mais consente,
Nem sentirá jamais. E o corpo esfria,
Pela alma abandonado... Lentamente,
Da Morte, assim, eu sigo a dura via...

E deste todo mal a causa?... Ella... Ella!
De todas as mulheres a mais bella,
Que me inspirou tamanho amôr insano;

Que a mim me dominou com aquelle dom,
Que a mim, depois, cruel, me gelou com
Aquelle frio olhar de desengano!

24—1—1910

J. D B.

Portugal e o Maranhão

Em agradecendo a gentileza do sr. Maia Ramos, um dos mais interessados da camara portugueza de comercio do Maranhão, temos de dizer alguma coisa a respeito do livro "Portugal e o Maranhão" do prof. Fran Paxeco, para não imitarmos o homem que recebeu um mimo e ficou de chapeu na cabeça, mudo, indiferente. São assuntos principais dessa obra as relações mantidas, entre as duas republicas irmãs — Portugal e Brazil.

O estilo não é afidalgado, porque, quando se tratam de cifras não se uza de linguajem fantazioza.

O prof. Fran Paxeco, da primeira á ultima pagina desse trabalho, manteve-se como verdadeiro observador, economista, historiador e financeiro que é. Precizando de tratar de diversos assuntos, que se unificam — no interesse da coletividade — luzo brazilica, se utilizou de es

pitulos na seguinte ordem: *a situação geral, a demografia, os transportes, a lavoura, o comercio e a finança, depois da guerra, os negocios esternos, a colonia.* São oitó os capitulos. As toneladas dos navios entrados e saidos, os contos de réis que essas toneladas renderam, a nossa estrada de ferro de S. Luiz a Caxias, o canal de Arapapaí, as devastaçõis da *gellechia gossipiella*, a nossa fraticultura sem desenvolvimento, as esportaçõis ingleza, portugueza e americana, tudo está metodicamente estudado, nesse livro de informaçõis, onde se vêm, de quando em quando, para a sua valoridade, citaçõis de relatorios como o de sr. Antnio Carlos Ribeiro de Andrade, Alberto de Oliveira, M. Augusto Edmond Santos e cel. Carneiro de Freitas.

Diz o que os portuguezes devem fazer: "acalcarem a politica interna, dedicarem-se á nobilitadora tarefa de reconstruir a pátria e de consolidar a republica". Dispensa regular numero de pajinas, onde mostra a necessidade imperiosa de se colocarem nos consulados pessoas competentes. Refere-se á ninharia, que um consul ganha e aviva o infrutifero trabalho do consul portuguez, na Europa que no dizer de muitos, *finda nos Pirenéus*. Hitoria o consulado do Maranhão, transcreve o relatorio publicado em 1881 pelo consul portuguez, Raimundo Venancio Rodrigues Capéla, acompanhado de um *rezumo da população portugueza, na provincia do Maranhão, em referencia ao 1.º semestre do ano de 1881*, onde se vêm os sexos, estado, oficios e ocupaçõis, datas da emigração e rezidencia dos luzomens. O livro termina com uma serie de informaçõis sobre o consulado á frente do qual se acha o auator, prof. Fran Paxeco, consul portuguez, que desempenha essa função, desde o dia catorze de novembro de mil novecentos e onze.

Ao sr. Maia Ramos os nossos parabens por esse gesto da *Camara Portugueza do Comercio do Maranhão*, mandando imprimir á sua custa esse innteressante livro co acatado homem de letras, prof. Fran, nosso socio honorario.

Factos

Alda era filha do fazendeiro Eduardo.

Depois do jantar, em uma bella tarde, estando no pateo elle e sua esposa, d. Carolina combinaram fundar uma casa commercial. No dia seguinte, puzeram-se em actividade. Daí a um mez era aberta uma mercearia. Existindo perto, um casal pobre, e querendo auxilial-o, Eduardo poz como caixeiro, em sua casa commercia, Ernandi, rapaz activo e trabalhador, pertencente ao referido casal.

Correram-se os dias. Alda e Ernandi gostaram-se e amaram-se. Havia impedimento da parte dos paes della. O caixeiro prepara-se, para uma viagem.

Ia tratar do interesse da casa. Alda entristeceu-se. Era sua confidente uma criada de sua caza. Elle embarcou. Não se demorou muito. Chegou justamente, no dia em que Alda completava 16 annos. Na casa, illuminada, brincava-se e dançava-se.

Aproveitando a occasião Ernandi pediu-a em casamento. Eduardo disse-lhe pode dar a resposta, só, no dia seguinte e efetivamente fez o que disse. Exalçando os merecimentos e os bens de sua filha, poz em claro tambem a procedencia de Ernandi e a sua fortuna, que era nenhuma. Por isso, não consentiria o casamento. Com a resolução de seu pae, Alda entristeceu-se muito. Procurava sempre os lugares sombrios, onde ficava horas consecutivas, lembrando-se do seu passado. Ella definhava cada vez mais até que faleceu. Antes, entreteve demorada palestra com Ernandi, escondida do pae. Fizeram juras e não muitos mezes depois da morte della Ernandi morreu tambem. Comentou-se o facto e assim termina a historia de Ernandi e Alda.

S. Luiz—1919 *Didi*

Tristeza

A Santa

Sinto-me triste quando em ti medito
Nas horas frias d'um passar dolente;
Tenho em meu peito o teu perfil escrito
Como lembrança d'um amor ardente.

A's vezes, fico a suspirar em vão
Nas illuzões que me desenham em mente,
Como sorvendo a doce comunhão
D'um amor passado,... terno e sorridente!

Tristeza infinda que me queima o peito,
Ora em delirios de abraçar-te tanto;
Sorver teus beijos num mais fresco leito
Do amor que sinto, fonte do meu pranto!...

Minha alma chora, pois nessa tristeza
De ver-te tanto e não poder te amar,
Amando sempre toda a singeleza
Do teu sorriso e teu modesto olhar.

Triste, assim triste, fico em meu recanto
Sorvendo a taça fria de amargura,
Pedindo a Deus apaziguar meu pranto
No calmo leito de uma sepultura!

CURSINO DE AZEVEDO

Agonía

Ia morrendo a tarde. O céo estava carregado de espessas nuvens, e o vento soprava frio. Cruzavam o ar, em vôos rapidos e silenciozos, subindo e deslizando até ao chão, formando zig-zags,—morcegos negros.

De volta da cidade, aonde fôra á busca dum medicamento para o seu filhinho, lindo menino de cinco anos, vinha um pobre homem que a muito custo se mantinha em pé: mais fraco e abatido pela longa viajem que fizéra, talvez não pudesse rever o lar querido.

O vento cada vez soprava mais frio e a noite já vinha perto.

Na aldeia, numa pobre caza, uma criancinha loira tiritava de febre; sua mãi muito inquieta, á porta do cazebre, olhava, nervozamente, para os caminhos cobertos de poeira a ver se descobria *um homem*... Nada! nem um só vulto!...

Afirmou-se mais: apenas distinguia, aqui e acolá, moitas, que o vento acoitava.

De volta da cidade, caminhando apressado, trô-

ANNO 5 | S. Luiz — Março de 1920 | NUM. 49

Redação
Rua Coronel Collares Moreira, 21

Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE

Artes, Ciencias e Letras



D. Helvecio Gomes de Oliveira
Bispo do Maranhão

Espediente

Diretor — José Monteiro.

Redactores — Clemente Guedes, Izaac Ferreira, Astrolabio Caldas, Luiz Silva, Souza Bispo, José Carsino de Azeredo e José D. Barboza.

ASSINATURAS:

Capital	2$500
Interior	3$000
Numero avulso	$200

SOCIOS BENEMERITOS:

Dr. Urbano Santos da Costa Araujo e o sr. Hercules Caldas

ADVOGADO — Dr. Luiz Carvalho.

SOCIOS HONORARIOS:

Drs. José Viana Vaz, Godofredo Viana, Justo Jansen Ferreira, Abranches Moura, João da Costa Gomes, Antonio Batista Barboza de Godois, Raul Machado, Oscar Galvão, Bezerra de Menezes, Aarão Brito, Luiz Domingues da Silva, Herculano Nina Parga, Candido Mendes de Almeida, Francisco Cunha Machado, José Ezebio, José Barreto, Almeida Magalhães, d. Helvecio de Oliveira, capitão Luzo Torres, padre Arias Cruz, professores: José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso Machado, Joaquim Santos, Fran Paxeco, Nascimento Morais, coronel Frederico Figueira e Correia de Araujo.

SOCIAS E SOCIOS COLABORADORES:

Professoras Zila Pais, Etelvina Vasconcelos, Filomena Almeida, Maria do Carmo Teixeira, Roza Castro, Herminia Soares, Genoveva Ribeiro da Silva, Blandina, Genezia e Oritia Santos, Maria das Neves Monteiro, Pascoal Galvão Advincula, Hermindia Soares Ferreira, Cecilia Martins, Araceia Fernandes, Nair Pinheiro, Aliva Smith, Henriqueta Pereira, Erminia Costa, as senhoritas Nizoca Nunes, Zozima Sá Cavagnhac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela e Benedicta Castro, e os senhores José Monteiro, Adelman Correia, Apolinario de Carvalho e Ruben Almeida.

AJENTES NO INTERIOR E FÓRA DO ESTADO:

Arari — Major João de Lemos.
Caxias — O sr. Antonio F. Costa.
Viana — Senhorita Maroca Nogueira.
Penalva — O sr. Cavour Rocha Andrade.
Barro Vermelho — Prof.ª Filomena I. Silva.
Barra do Corda — Ismael Salomão Moussalem.
Guimarães — Prof. Emircia Santos.
Itapecurú-mirim — Prof. Manfredo Viana.
S. Bento — Prof. Palmerio Campos.
S. Simão — Prof.ª Hilda Aguirres.
Icatú — Prof.ª Jozéfa Amazonas.
Morros — Prof. Fani Parga.
Cajapió — Prof.ª Odila Cardozo.
Chapadinha — Manoel Leite Fernandes.
Cururupú — O sr. João G. de Abreu, filho.
Cantanhede — O sr. João Rodrigues.
Vila do Paço — Prof.ª Nizat Prado.
Anil — Prof.ª Benedita Guimarães Silva.
Maiobinha — O sr. José Barboza Cordeiro.
Maioba do Genipapeiro — Prof. Elpidio Santos.
Alcantara — Senhorita Clotildes Berniz.
Santo Antonio e Balsas — O sr. Melquiades Moreira Ferraz.
S. Vicente e Ferrer — Prof.ª Maria Justina Serrão.
Cametá — O sr. Tobias de Souza Revorêdo.
Amarante — O sr. Paulo Ferreira.

Alfaitaria Santa Cruz

RUA DE SANTANA, N. 4

Na Alfaiataria Santa Cruz, obtem-se por modico preço qualquer serviço que a compete sendo garantido

Prontidão no serviço e habilidade na arte.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

Praça João Lisboa, 12—Maranhão

PREMIOS PAGOS DE 1919—1920

Rs. 1.337:107$000

Resultado do 79.º Sorteio da 2.ª Serie (B), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações durante 6 mezes.

N. 241. D. Beatriz Hernanda de Zuniga, rua da Saavedra, n. 35.
N. 2279. Manoel Rocha, rezidente em Nova-York.
N. 221. D. Innocencia de Padua Rego, rezidente em Therezina.
N. 1063. D. Olinda Castello Branco de Almeida Carvalho, rezidente em Florianó.
N. 2126. Antonio Marcos do Amaral Sobreira, rezidente em Oeiras.
N. 874. Magno Pires Alves, rezidente em Barras.
N. 1944. Benicio Olympio Mello, rezidente em Barras.
N. 1137. Joaquim Bezerra de Souza, rezidente em Barras.
N. 1634. Gutenberg Souza, rezidente em Camocim.
N. 475. Ruy de Moraes Athayde, rezidente em Parnahyba.

Caza no valor de 5:500$000

N. 1789. Joaquim Ferreira de Souza Martins, rezidente em Oeiras.

Maranhão, 1 de março de 1920.

Adolpho Faraiso,

Director-gerente

Claudino Netto,

Fiscal do Governo Federal

Nota:—De accordo com o Regulamento do Governo Federal, estão eliminados todos os prestamistas devedores nos sorteios, e só terá direito ao premio o prestamista que estiver quite.

S. LUIZ — MARÇO DE 1920

ANO 5 — REVISTA MARAHENSE — NUM. 49

Artes, Ciencias e Letras -- Publicação mensal

Renascença

A' «Revista Maranhense»

Houve uma época em que o Maranhão refulgiu de glorias litterarias. Dentre o bulicio da massa avara de fortuna, embebida na prodigiosa riquesa do solo, gosando á farta a vida regada do bem estar que o elemento servil fornecia, surgiam espiritos translucidos como pharóes luminosos em meio da penumbra. A sêde de saber accordou na mocidade as faculdades da intelligencia, conduzindo-a aos estabelecimentos de ensino que se gloriavam do rigor da disciplina.

Os collegios de Pedro Nunes Leal, de Domingos Perdigão, do velho Cesar, do padre Purificação, de João Antonio Coqueiro, do padre Osorio e o afamado Lyceu Maranhense regorgitavam de alumnos que os pais ricos de Pirapemas, de Itapecurú, Caxias, Alcantara, Guimarães e Cururupú, faziam candidatos ás sciencias juridicas, á medicina, ás mathematicas. A nobreza alcandorava-se nos dourados salões de hoje arruinada Alcantara ou nos solares sumptuosos da prospera e opulentada S. Luiz, não lhe supportando o animo que da selecta styrpe os filhos não lhe sahissem perlustrando os bancos da Universidade de Coimbra ou da Faculdade de Olinda. Os brazões dos Franco de Sá, do barão de S. Bento e outras casas illustres que os fastos sustentavam sob os recursos tirados da gleba, brilharam mais ainda quando o Maranhão appareceu representado pela sabia mentalidade de João Francisco Lisbôa, pelo grande philologo Sotero dos Reis, pela assombrosa mathematica de Gomes de Souza, pela erudição de Odorico Mendes, pelo lyrismo de Gonçalves Dias e Dias Carneiro, pela eloquencia de Gomes de Castro, Belfort Vieira e Luiz Domingues, pelo saber juridico de Furtado, Vilhena, João Antonio de Oliveira, Luiz Antonio, João Henrique e Heraclyto Graça, pelos dilatados conhecimentos geographicos de Candido Mendes, pelo descortino poetico de Franco de Sá, constellação grandiosa a que se vieram juntar outras estrellas de primeira grandeza :—Gentil Braga, Celso de Magalhães, Joaquim Serra, Frederico Corrêa e tantos outros da numerosa pleiade de cultores das lettras e sciencias patrias.

A fama desse periodo litterario se tornou tão intensa que a um aspirante maranhense aos estudos superiores bastava a reputação do estabelecimento de ensino preparatorio em S. Luiz, para logo o terem como sufficentemente preparado no curso de humanidades.

No jornalismo, nos parlamentos, na poesia, na prosa, na novella, no romance o nome maranhense celere galgou as raias da celebridade e tão alto se exaiçou que a grande communidade dos intellectuaes brasileiros o diploma lhe conferiu de Athenas Maranhense. O valor da distincção não podia deixar de acular o amor proprio dos novos athenienses, que mantiveram durante meio seculo as glorias conquistadas. Parcella de um paiz novo, onde as mutações politicas não haviam firmado ainda o curso das opiniões, que se friccionavam, refundiam-se ou consolidavam-se para assegurar as doações partidarias, o Maranhão devia fatalmente de soffrer das consequencias de uma época que aquella outra succedera, desamparando a mocidade estudiosa e negando-lhe o estimulo que fortalece o caracter e o prepara para os embates da vida pratica. Moços esperançosos, cheios de nobres aspirações, deixavam a terra do nascimento para irem na grande metropole brasileira ou noutros Estados da Republica honrar o nome maranhense. As lettras maranhenses, embrenhando-se no indefferentismo ou abusando da protecção que os potentados dispensavam nos exames aos estudantes que a elles recorriam, foram diminuindo de brilho e empanando os fulgores de que por tantos lustres gosaram.

Aliás, toda a humanidade ha passado por essas transições. Há tido épocas de nefasto obscurantismo, épocas trevosas. Como a da idade media e outras em que o resurgimento das lettras, das sciencias e das artes apparecem em refulgencias maximas de pensamento. Nem outra foi a Renascença, moldando as novas leis que deviam revolucionar os methodos do entendimento.

Tambem o Maranhão, após o quadro amorpho em que os seus filhos se deixaram empolgar pelo indifferentismo ás letras, se vae libertando dos escolhos que a má vontade oppõe aos que desejam cultivar o espirito. A partir da Officina dos Novos, em que numerosos aspirantes á litteratura se congregaram sob o encorajamento de Fran Paxêco, sahindo-se brilhantemente da pugna João Quadros, Viriato Corrêa, Astolfo Marques, Francisco Serra, Nascimento Moraes, Godofredo Vianna, Maranhão Sobrinho, Corrêa de Araujo, Alfrêdo de Assis, Lisbôa Filho, João Vieira, Leoncio Rodrigues, Caetano Brandão, Octavio Galvão e tantos outros, o ardor pelo estudo assenhoreou-se de uma brilhante camada de moços, conduzindo-os aos areopagos em que o ensino se diffunde.

Fundaram-se jornaes, revistas e associações litterarias, rematando todo esse conjunto harmonioso de ideaes na creação da Academia de Lettras Maranhense e na Faculdade de Direito do Maranhão. A «Revista Maranhense», que hoje festeja o seu anniversario, é uma creação de esforçados intellectuaes que as suas luzes reunem para maior gloria da terra maranhense. Para

que o surto por ella almejado se desponte limpida, livre das nuvens que muita vez vem toldar a nobreza de elevados sentimentos, faz os mais sinceros votos o seu admirador,

Frederico Figueira.

Director de «O Norte da Barra do Corda.

A Columbina

(IMPRESSÕES DO CARNAVAL)

—«Você não me conhece!...» diz garrida
A Columbina em pleno Carnaval,
Saltand'aqui p'ra ali, sempre querida,
N'uma loucura extrema descommunal.

Quando passa em perfil, bella e atrevida,
A mocidade sempre prompta e leal,
Deita-lhe flôres, e ella é condusida
Triumphalmente por toda a bacchanal.

E a seguir... e a cantar mómica chácra,
Quem sabe se o velludo dessa más'ra
Não occulta um rosto deformado e feio?

A julgarmos por ella, o Mundo é assim:
—Rimos chorando á um tempo,—sem ter fim,
Porque é de *columbinas* todo cheio.

17 de Fevereiro de 920.

BIDICO DE RODRIGUES.

Director de «O Gyroto».

Reminicencias

A sineta da fabrica batia lentamente a meia noite.

Ao longe, a grande massa do edificio vasto acaçapado punha na noite cálida e estrelada uma grande mancha, alvadia e silencioza.

Coqueiros altos ramalhavam na aragem leve, sacudindo a franja verde-séco das palmas abertas, enquanto as ainda fechadas, hirtas no ar como pára-raios, reluziam de leve á claridade pálida das estrelas.

Quando o vento grassáva mais rijo, alastrando o ar e o chão do cheiro brando e da côr maguada da flôr dos mamoeiros, corvos negros equilibravam-se, abrindo a aza negra na noite negra.

Na estrada, entre os trilhos recobertos de areia, poças d'agua lodoza, d'um tom espesso de ferrujem, refletiam os lumes altos do céu, e todas se arrepiávam ao vento que passava, desfolhando árvores...

Eramos cinco.

Era no Anil.

O criado lá á frente, com a cesta, conduzindo a ceia.

Uma estrinice, e uma fantazia.

A noite cálida pedia para os pulmões ar fresco, lavado, saturado de mato.

O alto mistério das estrélas, piscando de sono no azul, convida-os ás evocações misticas. Pedia confissões intimas. Incitava a dizer versos de uma suavidade branda e fresca de fonte, caindo entre folhas, n'um amoroso segredo toda a vida fecunda e misterioza das coizas se agitava quaze imperceptivelmeate, n'um estalar de galhos sêcos, n'um cair de folhas, n'um passar célere de sáurios, n'um guincho de rã salpicando a agua das poças n'um desvoaçar errante de vagalumes...

Ceamos. Depois, versos ditos para o grande silencio da noite:

«O' luz, ó alma na amplidão suspensa,
O' astros puros, ó luar, ó sol
E, noites tristes, de tristeza immensa,
O' luz feita harmonia, ó rouxinol...»

Por traz da grande chaminé atarracada, surjia, tarda, silente, uma claridade baça e leitoza. Uma fatia ténue de lua apareceu, esmorecendo a luz das estrelas próximas...

«Lá vem a lua, a Ophelia desmaiada.
Pela amplidão da abobada azulada
A grinalda de estrelas desfolhando...»

De repente, um ruido sêcc, no chão mole e ainda peguento das chuvas. Fôra um côco que despenhára da palmeira. Saimos a procurá-lo. Ao fim da linha, no escuro, uma escura massa negra, larga, baixa.

Chegámo-nos. Era um tróle da companhia, amarrado a um poste, com uma corrente, e a cadeado.

Uma acha de mangue partiu o atilho.

E o tróle cortou o silencio da noite, rolando sobre os trilhos sustendo cinco vultos que a luz do luar escasso alumiava lividamente.

No Oiteiro da Cruz, um vulto descia, com carga aos hombros. Fizemos silencio. Era numa descida e o tróle rolava, emquanto as ferragens sêcas das rodas gemiam agudamente. O vulto, atirando a carga fóra, sumiu-se. E o mato estalou por instantes, violentamente afastado numa carreira nervoza.

Na volta, uma porta de rancho se entreabriu. Um assobio longe, tremulo, trilado, partiu do tróle. E a porta se fechou célere, deixando nos advinhar que atraz d'ela duas mãos trémulas se premiam, emquanto uma bôca trémula exorcismava, dizendo o *Credo*.

Adiante, outra.

E o tróle rolava, sinistramente, gemendo nas ferragens sêcas, atravez da noite misterioza e quieta...

Pela manhã seguinte havia murmuraçôis medrozas em quaze todas as cazas da beira da estrada. Um ou outro afetava indiferença, corajem, ceticismo. Olhassem-se-lhe os olhos e nelles se veria o medo.

E a lenda começou a formar-se: era um carro misteriozo que rolára silenciozamente a noite anterior, conduzindo sombras que sinistramente agitavam e doridamente gemiam...

Faz já tanto tempo!...

DOMINGOS BARBOSA

Do Academia Maranhense de Letras.

Por motivo superior deixam de sair neste, ficando para o outro numero, os artigos que estão em poder da redacção. Esta resolveu conservar a ortografia de cada original e pede desculpa aos seus leitores pela demora da saida deste numero, motivada pela quantidade de trabalho na tipografia onde é impresso.

Acrobata de honra

Qual hercúleo gigante mal ferido,
Que se estorce raivôso em mil anseios,
Elle, o nobre Carácter abatido,
Segue a estrada do mal a bamboleios.

Travou luta titanica e vencido,
Rolou depois de tantos tiroteios!...
Rolou e pusilanime e descrido
Vae de rôjo infamando os bens alheios...

Guarda o preço venal de negro crime,
Farto de espolios vis, de vis riquêsas
Tenta apagar a mácula que o oprime...

Reluta, e exasperado recrudesce
De esforços vãos! E o loiro das torpêzas
Vivo, péga-se-lhe á alma, alastra e cresce!...

NASCIMENTO MORAES.

Lente catedrático de geografia do Liceu Maranhense.

A minha palavra de applauso

«Não ha avenidas largas que levem ás eminencias abruptas do saber; só a senda rude e aspera do trabalho lá conduz serenamente».

Cardeal Gibbons.

Um prazer todo singular invade a gente ao bater palmas á juventude por um feito nobre. Ao traçar estas linhas de felicitação aos rapazes da «Revista Maranhense», sinceramente o confesso, num como diluvio de contentamento se immerge todo o meu ser. E a causa de tamanho enthusiasmo é a tenacidade desses predestinados na liça contra a indifferença desalentadora do meio e a sua inflexivel força de vontade em se não deixarem vencer pelo máo exemplo dos que na manhã da vida como elles, esbanjam, os seus ricos talentos na feira tumultuosa das loucas vaidades.

São tantos os engodos a que está exposta a inexperiente e credula juventude, são tantas e tão varias as illusões que enxameiam em torno do seu espirito para invadil-o e esterilizal-o, que verdadeiramente dignos de todo o apreço são os moços que, hoje, espontaneamente, nós, os seus patricios, homenageamos, os quaes, destemidos, sulcam o mar da existencia sem dar nunca ouvido ás sereias apostadas em perdel-os.

São os homens dessas envergadura que vencem, são os unicos para quem o porvir será, realmente, uma corôa de glorias, um celeiro em que abundará o trigo fecundo da sapiencia, plantado e cultivado nos claros dias da sua primavera intellectual.

Quantos não se riem desse nucleo de heroes empenhados em promover o seu proprio bem e o bem da sociedade a que pertencem! Quantos, escravisados á dissolução e á inercia, solicitos em deleitar os sentidos do corpo e sempre esquecidos das faculdades da alma, perdularios da saúde e do tempo, valdevinos elegantes, habituados a passar diante do espelho horas inteiras, mas insapazes de se entreter dois minutos com a grammatica, doutos em toda a sorte de leviandades, mais ignorantes, *tabulas rasas* em tudo o que é serio e proveitoso, quantos desses peralvilhos não os olham com desdem, não lhes deploram a mania de preferirem aos escandalos que, não raro, deslizam entre hurrahs na tela do cinema, a fatigante aridez de uma palestra litteraria ou a composição extenuante de um artigo para a «Revista»!

Mas, porque esses figurinos ambulantes, não satistisfeitos com se abandonarem a si proprios nos braços da indolencia, se revoltam contra os que não os tomam para modelo? Porque os cobrem de censuras e ridiculos?

Por uma razão muito simples: porque lhes invejam a actividade.

Impotentes para declarar guerra a seus proprios vicios, sem energia bastante para applicar ao coração enfermo a medicina infallivel da bôa moral, não toleram que os outros, os doceis aos conselhos do bom senso, sigam, caminho da formosa Jerusalém promettida aos que se movem, aos que agem, aos que laboram sem esmorecer.

Disse o velho Horacio, e disse-o com a maxima exactidão, que «o invejoso emmagrece da gordura alheia».

Este é, e não outro, o motivo porque as descuidosas cigarras não morrem de amores pelas providas formigas.

Continuem, pois, os obreiros da «Revista Maranhense», aos quaes mais uma vez renovo os protestos da minha sincera admiração, a lapidar com esmero o diamante inapreciavel da sua intelligencia.

Prosigam, pacientes como Noé, na construcção da arca bemdita que ha de transportal-os, serena, ao cimo radioso da montanha do triumpho.

A todos, collectivamente, e a cada um em particular, os meus calorosos applausos pelo evento brilhante que nesta data festejam, no qual se lhes compraz e bebe alento o espirito e o coração.

Padre, *Arias Cruz*.

Lente de latim do Instituto Atheniense.

Velhinha

PARA SOLON MELLO

Tremula, vagarosa, os olhos pondo ao chão,
Sem ver já deste mundo os tristes desenganos,
Passas por mim, curvada ao peso de cem annos,
Talvez-pobre velhinha a mendigar o pão!

E ao ver em ti, da vida os tenebrosos damnos;
Esse corpo a murchar outr'ora bello e são,
Estendida a pedir a encarquilhada mão,
Que outr'ora, talvez fosse aos osculos insanos...

Eu sinto-me apertar o peito, angustia atroz!
E a minh'alma que a muito a padecer não dorme,
Recorda a minha infancia que passou veloz;

Revendo os sonhos meus, os sonhos de rapaz,
Tão velhos como tu, n'uma saudade enorme,
Do meu primeiro amor que no meu peito jaz.

5/2/920.

ELPIDIO SANTOS

Da «Legião dos Novos».

SUPPLICA

Não sei porque me trazes na tortura,
Alma de scelo, coração de aleives!
Não sei—quizéra, ao menos de teus seios,
Me dissesses, por bem, tal desventura.

E sobre te ausentares, devaneios
Multiformes se plantam de ternura,
Não podendo convir á eterna jura
Um amôr que se faz por esses meios.

Se, por ventura, e fraca a minha vida,
Dos abrolhos do mundo se esvaindo,
Onde posso, ditoso, achar guarida?

Dize-me, pois, onde acharei, sozinho,
A melhor medicina, usufruindo
A mais pura conquista do caminho?

CASTRO ROCHA.

Da Academia de Medicina da Bahia.

O direito constitucional

O direito constitucional, um dos ramos do direito publico, tem uma evolução, que merece estudo e sua influencia aparece em toda a parte. Graças a ele, os prelos rolaram livremente e os livros espalharam se. Houve liberdade de culto de palavra, de reunião, etc. Reconheçamos o seu valor.

O direito moderno é o direito pozitivo. Para estuda lo, seguimos o metodo cientifico, desprezando o teolojico.

Uma razão, que existe no homem, sem se modificar, vem a ser o mesmo teolojismo, pregado pelos da escola de S. Tomaz de Aquino. Da metafizica, nem se fala. Quer-se investigar Procura-se a verdade. Induz-se e deduz-se. Esse novo aspécto, dada ao direito, deve-se aos filozofos. Declinemos o nome de alguns deles: Augusto Comte, D'Aguano, Herbert Spencer. A escola histórica era seca de mais, porque lhe escasseava ideal. Direito sem ideal não é direito. O contracto social de Rosseau esfrangalhou-se. Quiz que a hipoteze fosse a teze. A reciproca não foi verdadeira. Antes ficasse na supozição. O homem insulado assemelha-se a um fantasma. Letourneau, Stricker veem o homem dirijir-se aos outros homens por um instinto e pela suas relações musculares. Outros veem uma consciencia social, encaminhá-la para o mundo. O direito dezenvolve-se. Não é imovel, nem desaparece, como compreendiam alguns da escola historica. Os agrupamentos, através dos tempos e em diferentes povos, são os espelhos em que se refletem as bazes construtivas,

No Brazil, só começámos a estudá-lo, de acôrdo com os metodos cientificos, do ano de 1881 para cá.

Para existir direito é precizo existir a coação ou a força. Aparece o estado, servindo de intermediário.

Tem poderes e deveres. Recorre-se á coação mecanica, para garantir a execução das leis, isto é, quando muitos se não querem conformar com elas. Entre direito e moral ha uma diferença. O direito não pode existir sem a força. Já o dizia Rodolfo von Ihering. O direito e a poezia aproximou-se. Vejamos as frazes romanas cotidianamente empregadas. Jurista e legulelo diferenciam-se.

Pode-se interpretar a lei, sem saber direito. Este existe, quando traz o sujeito, objeto, relação e coação.

O direito constitucional é um dos mais importantes ramos do direito. Relaciona-se, tambem com a instrução civica. Mostra a maneira por que se move o maquinismo do Estado. Assegura a liberdade dos cidadãos. Véla pelo interesse coletivo e trabalha pela harmonia do todo.

Estudemo-lo.

João Monteiro.

Da Faculdade de Direito do Maranhão.

Um conflicto

Nove horas! Dia bello e convidativo a uma pitoresca partida de foot-boll.

—Decide João.

—Eu, não, José, és tu quem decide.

—Não estou para tolerar palermas, retorquiu colericamente, Carlos.

—Resolvo eu o problema, redarguiu Antonio.

—Seja, responderam os collegas.

—Como sabem, o professor Gil é muito rispido, e não admitte que cheguemos um só minuto depois da hora da aula.

—Ora, essa! com um pouco de bôa vontade, ainda chegaremos a tempo, na escola.

—Deixa-te de labias, pois todos nós ja estamos sem ella!

—Sim, brincaremos porem, de foot-ball e não de palavrorio.

E voltando-se para os collegas:

—Não veem que com isso nada aproveitaremos?

—Isso, Antonio. Gosto de ti, porque és resoluto, disse, saltando e esfregando as mãos, João.

—E a bola?

—Ora, perguntas ainda? Desde que conheço este jogo, transformei meu lenço em bola; quero dizer, quando a mamãe, apressada, me dá, quotidianamente o lenço encho-o de panno velho e mando a mana Teca dar lhe alguns pontos.

—Anda com esse sermão, seu frade.

—Respeita-me; desde hontem que me provocas.

—Respeitar!... a quem?... a ti?... Ora... ora... ora... Respeitar-te? Em quanto Antonio, este rapaz que aqui está, este teu collega, não em pas-palhonice, tiver dois muques destes, não pode, nem de leve, torcer-nessa ostra porque sinão...

—Sinão o que!... Continúa... não gosto de serviço mal acabado.

—Vou satisfazer-te, então: Toma lá.

E deu uns quatro tranques ao companheiro.

Este zangado, investe contra Antonio, agarra-o pelos cabellos esbofeteando-o.

Bastou isso, para se encher o lugar em que estavam os contendores.

Os mal educados atiçavam a ira dos dois rapazes.

Os outros dois companheiros, indignados, contra esses intimos pervérsos, com toda a força dos pulmões gritaram:

—Sejam mais coherentes. Esse não deve ser o procedimento dos senhores. Tenham coração desapartem-nos.

Nesse interim, chega o pai de Antonio, que em alta voz diz:

– Basta, senhor forçudo. E eu perdendo tanto dinheiro! Si soubesse disso, rapaz, estaria comtigo na Colombia! Ora essa, com um tão afamado gallo.

Os heroesinhos que suavam em bicas e cujos rostos, pelo furor da luta, desafiavam a mais sasonada cereja, cabisbaixos, separaram-se, repentinamente.

Foi, como vulgarmente se diz, agua na fervura.

Era melhor que fossem para aula.

Que acham?

Zoé Cerveira.

Directora do grupo «Almeida Oliveira».

Benemerito Compatriota

Foi incançavel protector da terra que lhe ouviu os primeiros vagidos, da terra que lhe prodigalizou o alimento infantil.

Homem dotado de excellentes qualidades, estadista que constantemente procurava o bem de seus subalternos, a tal ponto, que se esquecia dos seus proprios interesses.

Era bemfazejo e ainda mais, porque ao lado desse masculo coração mais docil, o coração daquella que a sabio Providencia lhe acenou por consorte.

No Maranhão, a quantos paes de familia deu o pão quotidiano, facilitando-lhes boa collocação.

Eu que, em signal de gratidão, me propuz a memorar seu sacratissimo nome, não posso olvidar o dia em que me deu a honra de uma nomeação.

Pode o Maranhão esquecel-o?

Passam-se seculos, mas os vindouros, por tradição veneral-o ão, porque conhecerão que era digno de todo o respeito.

Para tornal-o immortal bastam as instituições publicas, que creou em proveito de seus coestadanos,

Hoje, segundo o designio do actual e muito digno chefe do Estado, brevemente os electricos trafegarão a nossa S. Luiz. Quando se inaugurarem, seu coração, apezar de rijo, dentro do bronze, que o retrata, ha de palpitar de jubilo!

Quem foi o bom estadista, a quem me refiro leitor?

Si por tudo o que tenho dito, não o conheceis sabei que falo no inolvidavel Dr. Benedicto Pereira Leite.

HERMINDA SOARES.

Prof. da Escola Modelo «Benedicto Leite».

Dr. Almir Nina

Cada anno que passa aviva, com mais intensidade a saudosa memoria do illustre doutor Almir Nina, tão cedo levado pela morte, quando o ensino, quer primario, quer secundario, ainda tanto esperava do seu trabalho, perseverante e fecundo.

Mestre carinhoso e dedicado, consumia, desinteressadamente, grande somma de actividade no seu gabinete pedagogico, estudando a sciencia da educação, desde a criança pequenina até ao educando desenvolvido, crescido, para chegar á realidade prática e segura dos diversos ensinamentos. Nada lhe escapava á percepção, ao mais criterioso cuidado. Procurava constantemente evitar ao aluno os perigos resultantes da má posição da escrita, insuficiencia de luz ou entrada contrária da mesma nas salas de aula, fadiga do cérebro, descuido das horas precisas ás refeições, etc., de que pudessem provir consequencias graves. Senhor da capacidade intelectual e tendencia moral do mesmo, entrava nas suas palestras simples e bem pronunciadas, em que procurava esclarecer e firmar com precisão a materia de que se ocupava, não esquecendo sempre algum conceito moral.

A sua atitude na aula era por demais severa, contrastando, e tanto, com a generosidade que lhe ia pelo coração. Era amigo verdadeiro do aluno, por quem se não causava de tomar directamente um considerável interesse, introduzindo cada dia uma inovação proveitosa no ensino.

Profundo era o conhecimento pedagogico de que dispunha, e que tão bem soube aplicar, como reformador da nossa Escola Modêlo «Benedicto Leite».

O amor ao estudo levou-o á Europa em 1901, onde fez excursões pelos paises mais adiantados, afim de aperfeiçoar não só os estudos médicos, como os de pedagogia, que ministrou, com toda a competência, na extinta Escola Normal.

Cada lição, que era sempre ouvida com prazer, porque era expressa numa dição clara e perfeita, encerrava a verdadeira doutrina do bem, a firmêsa do caracter e toda a bôa norma de que se carece no viver.

Felizmente, pôde êle deixar-nos excelentes lições de linguagem e de cálculo, que serão publicadas mais tarde.

O ensino deve-lhe muito e talvez houvesse avançado bastante, se o dr. Almir Nina existisse ainda.

O dia 14 deste mez marcou o décimo segundo ano do seu passamento, tão funesto para a nossa terra que tanto precisa de quem lhe faça o bem que êle conseguiu proporcionar-lhe.

S. Luiz, 18 de Fevereiro de 1920.

Zila Paez.

Professora do grupo «Sotero dos Reis».

Um lustro

Um lustro já conta a «Revista Maranhense».

Nada commum é o facto, nesta Atenas, onde as associações, como os jornaes literários, lutam, sobre-humanamente, pela existencia.

Escandalos e arruaças são mais do paladar da maioria dos leitores do que os catorze versos de um soneto ou uma cronica bem elaborada.

Houve, outrora, quem dissesse que os artigos de Manoel de Bithencourt eram massudos, as cronicas de Aluizio, immoraes, os versos de Teixeira de Souza enormes! Eram alexandrinos.

Mas façam os jovens da «Revista» nota grossa ou como tambem se diz, ouvidos de mercador.

Com a constancia de até agora, prosigam, na senda trilhada ha cinco annos, superando obstaculos e surdos ás vozes malevolas dêsses pobres de espirito, que, de certo, não terão, como recompensa, o Paraizo, mas a execração dos sensatos.

Os antepassados conquistaram, para a nossa terra o titulo de Atenas.

Sejam os contemporaneos os zelosos conservadores do mesmo.

Conservar não é menos custoso do que construir.

Zelai o que construiste, com muito labor e muita

dedicação, ainda que com muitos dissabores.
Prosseguir.
Labor omnia vincit.

Domingos Machado.
Lente cathedratico de portuguez do Lyceu Maranhense.

Janeiro de 1920.

POEZIA

A D. EMILIA FONTES.

I

Interrogando sempre eu sofro e vivo afflicta...
Sem paz meu coração procura desvendar,
Esse misterio atroz: porque tanto talento,
Virtudes e saber na campa vão findar?

Partiste para o Além, deixando-me sósinha
Na luta do viver e preza de aflição:
Amargurado o peito em tranzes de saudade,
Que em prantos se desfaz, sem ter consolação.

Em meio aos livros teus, que tanto folheaste
Na ansia do saber, eu levo a contemplar
O quadro da tristêsa imensa, indefinida,
Que a tua ausência traz e que me faz chorar...

Em todos êles vejo, escrito por ti mesmo,
O amado nome teu, que beijo a lamentar
Minha sorte cruel! De que me serve a vida?
Muito melhor me fôra o coração parar...

[illegible] tua intelligência os versos fulgurantes
[illegible]enho sempre no olhar, continuamente a lêr...
[illegible] em tal desolação verbéro o meu destino
Por ter sobrevivido á dôr de te perder.

Em teu lindo rosal, que amavas loucamente,
Meu coração desceu e lá não mais achou
O teu vulto adorado, em meio dos perfumes
Das almas vegetais que teu amôr criou.

II

Almas feitas de côr e pétalas macias,
Que não podem chorar a ausência do cultor...
Mas que fazem subir, na essência vaporosa,
Toda a sua saudade ao trono do Senhor.

No céu, na luz, na flôr em tudo que é sublime
Eu luto por te vêr, na ânsia de encontrar
O meu querido amigo e companheiro amado
Do tempo que passou: amparo do meu lar.

E vai-se a vida assim, em busca de um consôlo
Para desgraça tal, que julgo um soho ser;
Emquanto já sem dôr tranquilamente dormes
Na grande paz de quem cumpriu o seu dever...

Eu creio que tua alma, aos pés da Virgem Santa,
Terá consolações que o Mundo te negar...
Lá na eterna gloria, oh! nunca, nunca, esqueças
Quem transforma em pranto o amôr que te votou.

Esta poezia foi enviado á viuva do nosso saudoso professor Augusto Correia.

Lingua portugueza

I

Camões escreve: — O Gama com instancia lhe *requere* e alli *quer* que as aquaticas donzelas esperem os fortissimos Barões.

Ha contradição em escrever *requere* e *quer*; parece que devia ser *requere*, quere ou *requer*, quer.

Escrevendo *requere*, ha a preoccupação de fazer este verbo regular, mas o facto é que êle, já na 1.ª pessôa, *requiro* — é irregular, com a introducção da letra *i*.

Entre nós e os portuguêzes, não ha negá-lo, muitas são as diferenças que vão distinguindo a lingua portugueza, falada no Brazil, da falada em Portugal.

Assim, embora insista o Candido Figueiredo pela forma *requere*, nós brazileiros, vamos dizendo *requer* como a maioria, lá.

Em Portugal, é commum o plural *projecteis*; nós, geralmente, usamos *projetis*, fórma que corresponde ao singular agudo.

Ha muita cousa tambem a que me não posso habituar, embora se argumente tanto com a pobre etimologia, que tudo paga e que se espicha á vontade, muitas vezes nas névoas da dúvida e de hipóteses.

Apezar de tudo, eu continuarei a dizer *loteria* e não *lotaria*; *pergunta* e não *pregunta*; *resposta* e não *reposta*; *porcelana* e não *procelana*.

Até a *percentagem* eu prefiro á *percentagem*; pelo menos, quando abro um livro da nossa velha legislação, é aquela fórma que encontro.

Parece que o povo tem a sua razão, quando diz: páu que torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

O proprio sr. Candido de Figueiredo, que tanto luton pela fórma *registo*, já tolera *registro*; êle mesmo, que tanto batalhou contra a construcção *custa a crêr*, já a aceita, ou pelo menos tolera.

Assim são essas novidades: duram o espaço de uma manhã e quazi sempre morrem; nada se aprendeu, nada ficou.

II

Com surprêza, li: muitos abraços de *gratidão* e *reconhecimento*.

Eu quizera que me dissessem qual diferença ha entre gratidão e reconhecimento. Para mim, são sinónimos; um termo exprime o mesmo que o outro.

III

Pedimos *vós* que *aceiles* muitas recomendações. Completando a fraze: nós pedimos *nós* que *tú aceiles* muitas recomendações.

Na primeira parte traton por-*vós* e na segunda por-*tú*, mas isto é intolerável: pedimos *te* que *aceiles*.

IV

«Foi melhor succedido» (Rocha Pombo). Eu diria foi *mais bem* succedido. O adverbio *melhor*, modernamente, não se emprega modificando adjetivos ou participios passados.

Prefere-se *mais bem* com os adjetivos e *melhor* com os verbos; assim quere com muita razão, o erudito sr. Candido de Figueiredo.

V

«Depois do *haver expulso* os francezes» (Rocha Pombo).

Eu seguiria, em tal caso, a bela regra de Evaristo Leoni. Com os verbos auxiliares, preferiria o participio regular *expulso* para os demais casos, como *homem expulso*.

VI

«Em regra, os historiadores de Portugal se *referem* com amargura ao periodo, etc». (Rocha Pombo).

Não ha próclise; devia ser — *referem-se* aqui o da attrac o

proneme para antes do verbo, nem mesmo o complemento *em regra* que está, não só distante, como separado por uma virgula.

JOSÉ AUGUSTO CORRÊA

Da Academia Maranhense de Letras.

ANCIA

Ao CINCINATO BARREIROS

De, em vão, eu te esperar, triste e sozinhho,
Trago, de ha muito, o espirito cançado...
Ha quem viva, no mundo, sem carinho,
Do olhar do ser querido separado?

A saudade maltrata como espinho...
O que nos foge é sempre dezejado...
Vem Não deixes em meio do caminho
Este amôr, que me faz um torturado.

Anda—que eu anhelo por teu beijo.
Não firas tanto o coração da gente...
Vem matar, de uma vez, o meu dezejo.

Quero beijar-te, assim, numa ancia louca,
Has de ver que o meu beijo é um vinho ardente
A espumejar na taça de tua boca.

LIBAMER PINHEIRO.

Do "O Jornal"

Retrospecto literario

Propuz-me a fazer para este numero um retrospecto literario de 1919, ocupando-me, porem, somente das obras publicadas em a nossa velha Atenas.

Não é um estudo aprofundado esse que publico hoje, é mais uma reminiscencia das obras aqui vindas á luz, afim de não ficarem lançadas no olvido e envoltas no pó da viajem do 1919. Sabemos que nos não foi muito prospero esse ano, no vasto campo das letras. Podemos até de um folego mencionar as seguintes obras vindas á luz: *Portugal e Maranhão*, *O papel do Espirito no Bem e no Mal* e as duas tezes publicadas para concorrencia dos seus autores ás cadeiras de Fizica e Quimica, no Liceu Maranhense.

Torna-se até uma encongruencia citarmos *Portugal e o Maranhão* essas duas tezes e o *Papel do Espirito no Bem e no Mal*, como obras literarias, pois, fazem parte, as tres primeiras ás ciencias e a ultima á religião. Mas, devido á pobreza de obras, fomos obrigados, para avolumar as produções maranhenses, no 919, a lançar mão delas.

Não vá o leitor por esse diminuto numero de obras aqui publicadas, chamar os maranhenses de incultos ou improdutiveis, se é que a expressão está bem adequada como a quero empregar... Devemos dar a Cezar o que é de Cezar, diz o adajio... Creio que no seculo XX, neste seculo luzente, não existe mais nesta terra um maranhense amigo das letras que não esteja enfurecido com os proprietarios de «Tipografias», a espraguejá-los, ao ter ciencia da absurda tabela de preços que existe nas oficinas.

E' um esmorecimento geral, sendo essa a causa, na minha opinião, do Maranhão andar quazi que improdutivel. Os rapazes amantes das letras começam publicando as suas produções nos diarios e revistas da capital, e quando chegam a ser palmeados, procuram um caderno e colecionam o fruto da sua inteligencia, que se acha esparso nos jornaes. Está disposto a publicar um livro, mas pela informação da tabela de preço não se encoraja em fazer o contrato, limitando-se a trancar o seu caderno no silencio tumular de sua gaveta...

E o rezultado disso é chamar-se ao silencio e, ás vezes, desgostoso, não publica mais os seus trabalhos literarios nos jornaes.

Mandar para outro estado, onde se trabalhe mais barato nessa arte, não convem, porque a obra sae toda errada devido ao descazo do revizor ou muitas vezes á incapacidade do tipographo.

Voltando ao assunto á que me destinei, passo a citar que obra literaria, aplicando rigorosamente a significação do vocabulo, publicada em S. Luiz, em 1919, não existe nenhuma.

Se o leitor não teve oportunidade de ler nenhum desses volumes aqui publicados, o que não é de admirar pela exorbitancia dos preços com que são as obras expostas ao publico ledor, veja pelo esboço que aprezento se se trata de alguma obra literaria:

Portugal e o Maranhão é um relatorio do consul de Portugal neste Estado, prof. Fran Paxeco, e pende mais á ciencia, tendo em vista o assunto do volume, que é de estudar as relações comerciaes de Portugal e do Maranhão, no sentido economico, historico e financeiro. E' esse livro um excelente testemunho da atividade do autor na pasta que sabiamente dirije.

O papel do Espirito no Bem e no Mal, conforme o já qualifiquei, pertence á relijião. O seu autor que é o inspirado poéta Corrêa de Araujo, limita-se a contestar a opinião de alguem, cujo nome não menciona, que diz que o *Espirito não peca e que a autoria e a responsabilidade do mal pertencem á Materia*. O autor do pequeno fasciculo procura embargar o pensar do seu contendor, citando, dentre outros, a teosofa Bezaut, o filosofo Locke e fazendo tambem os seus argumentos.

As obras cientificas, as quaes já me referi, são: a 1.ª, que pertence á Fizica, ten por objeto *A enerjia thermica e as teorias que a interpretam*; a 2.ª, que faz parte da Quimica, é um estudo sobre *Meteorolojia*. Aquela tem como autor o dr. Herbert Jansen Ferreira e esta o farmaceutico Luiz Gonzaga dos Reis.

Com esta mesquinha reminiscencia das obras editadas em S. Luiz, concluo dizendo que o 1919 foi mais um ano cientifico, para o nosso Maranhão ledor, que literario.

ASTROLABIO CALDAS.

Da Faculdade de Direito do Maranhão.

Sonho de Marinheiro

Para o Hipolito Lago Borges.

Naquela noite o velho Walter marinheiro que mêses antes havia abandonado a vida maritima, chegara em casa, pesado e sonolento atirando-se sem demora na cama que o esperava para o sono reconfortador.

Passara a metade da noite em pagodes vendo a

dança dos pastores, e gosando a delicia da festa do Reis, distraindo aqueles poucos dias de vida que Deus lhe concedia por mercê divina.

Dormiu profundamente e dai ha minutos começou a sonhar com os episodios de bordo onde passara grandes alegrias e maiores tormentos.

Achava se na *Stella*, uma antiguissima galera prussiana, onde muitos anos servira como marinheiro, navegando em pleno oceano, bemquisto dos superiores e amigo dos companheiros de vida arriscada.

* * *

A maré estava de vasante quando arriaram o ferro no porto da capital do país.

O vento a norte franco soprava forte encapelando vagas, empurrando braviamente embarcações frageis que rompiam ligeiras como setas tocadas por arcos retezados, as aguas salitrosas do mar que marulhava na costa.

O Capitão Friederich, comandante da *Stella*, em altos brados excitava a marinhagem á faina afim de ter a certeza que o ferro estava em logar seguro, em remover os utensilios de bordo, e á baldeação até por como um brinco a galera que tinha de ser visitada por S. M. Imperial, para dele levar a melhor impressão.

Logo, á tardinha quando deu a enchente, uma flotilha composta de lanchas e escaléres, abordou a *Stella*.

Os marinheiros estendidos em linha pelo convéz, metidos no fardamento de grande gala, de ouvido alerto e olhos fitos no horisonte, onde o sol, como um artista que guarda o segredo do pincel, desenhava em oiro e sombra um quadro bélissimo de colorações marinhas, estavam prontos a apresentar armas logo que S. M. com toda a sua comitiva atravessara o portaló.

O clarim soou estridente, ergueu-se no mais alto mastro o pavilhão nacional que tremulou ao vento; S. M. passou para o tombadilho, e os marinheiros ouvindo a voz do comando apresentaram armas, correspondidos apenas pelo toque de leve com o indicador na pála reluzente do boné

Stella, naquella noite sairia.

Depois da visita imperial e da despedida do estilo, o Capitão Friederich, ordenou em voz firme e pausada o preparativo para a viagem.

O vento cessou, as primeiras nuvens escuras da noite apareceram, a estrela dos mareantes apontou no infinito, formosa como um sorriso anjelico de mulher noiva, e as correntes começaram a ser arrastadas suspendendo o ferro.

Guinchos agudos de carriteis a suspender velas atroaram pelo ar, e rumo a leste a *Stella*, como um amfibio ante-diluviano começou a mover-se arrojado, velas cheias de vento abrindo com a pròa uma estrada marginada de espumas, em rolos.

Abandonavam a cidade visitada pela vigesima vez, que toda iluminada convidava para a vida de terra.

Iam em demanda da massa bruta dos mares longinquos, a ver agua e ceu, e ouvir o ranger do leme, entrestecidos de passar os seus dias em contacto com as tempestades.

No alto mar o vento mudou de direcção, e soprou mais rijo; sinais de borrasca foram vistos no horisonte, e a *Stella*, valente, destemida enfrentou, correndo veloz, soltando penhascos de maresias, atravessando abismos de ondas revoltadas, que se cavavam em sua frente quebrando-se no costado, lavando o tombadilho, continuando furiosa ante o perigo, guiada pelo olhar do piloto, fito na estrela, e o pensamento envolto nas furias da tormenta, la ia impavida, briosa sustentando o combate entre a massa salgada e terrivel das aguas e a rigidez acerrima do aço e da madeira solida.

A tempestade desencadeou, o noroeste furioso passou a bramir pela gavea e cordames, produzindo a musica do terror como Eolo o deus do procela passasse no seu cavalo de oito pernas pelo campo escuro da tormenta, a atirar injurias e excitar o mar em toda a sua colera, a suprimir a vida dos marinheiros destemidos.

O ceu empanou-se de negrura, baque de maresias contra maresias arrebentava aqui e adeante, e o Atlantico revoltado com a coragem dos homens rispidos ameaçava traga-los pelo arrojo de atravessarem os seus dominios onde habitavam multidões de animais ferozes e a riqueza imensa de madreperolas e coraes.

Stella a baquear toda a noite pelas montanhas de ondas sustentou a peleja até de madrugada quando o temporal sessou.

O primeiro piloto enraivecido e meio tremulo desceu para o camarim substituindo-lhe no quarto o segundo.

A furia de todo passara; a bonança como deusa de candura, apareceu mansa como o sono, alisando as aguas que agora deslizaram suaves como a quietude de um lago.

A madrugada com floraçôes de prata em pleno oceano descortinava-se por detraz dos brancos amontoados de nuvens clariando as distancias sondadas pela vista dos marujos, espalhando por todo o emisferio cavernas de estratos, montanhas de cirrus alongadas no azul, planaltos, cordilheiras, entreabrindo-se e fechando-se repentinamente em elevações de vulcões e tufos niveos dignos do pincel de Böcklin, que vinham cortados a meio pela linha placida do oceano que parecia um lago, e o sol o fogo perpetuo num cinzento-alaranjado todo redondo como um medalhão de bronze e oiro ardente emergia a bilhões de quilometros além, como se viesse saindo do mar, encharcando de luz a manhan, adornando de loiro o lado de oeste onde se desfaziam blocos de estrelas retirando-se para as suas habitações magicas.

Navegaram a manhan toda; a baia faiscava sob os raios do sol que já ia alto, e alongando se para o nascente encurva-se uma enseada de onde botos e feras marinhas emergiam e submergiam chicoteando uns aos outros com as caudas espessas frizadas de barbatanas prateadas.

Era um silencio morno, os marujos cantavam velhas canções maritimas, olhando estaticos da borda da galera rendas transparentes de espumas, contavam uns aos outros miragem que viram no Baltico e no Mediterraneo, e as historias das Sereias, que seminuas, formosas, doces mostrando as curvas dos seios brancos e eretos, com os cabelos ondeados e com echarpes de vagas preludiavam amores aos mariantes, numa voz cheia de melodia como os trechos magestosos das composições de Haendel, aguardando a passagem de Netuno, vindo do seu palacio ao fundo do mar, passear no seu carro de conchas cravejado de perolas, puchado por cavalos de crinas de oiro fluvo, de tridente em punho, ao lado de Anfritite, a rainha daquelas profundidades verdes e salitrosas a que as

Sereias festejavam no deslumbramento da mitoligia pagã, coroados pelo esplendor de Urania, que domina nas alturas infinitas.

A rastejar suavemente, a galera tomou o quadrante de norte demandando uma rota pelo Pacifico, até o findar do dia, quando a tarde decaindo num delirio crepuscular entre mil beijos multicores pintava o rebordo da extensão indefinida das aguas.

As velas enfunadas pelo noroeste abriram-se de todo e a *Stella* corria o vento fresco como um passaro aquatico de azas brancas a voar sobre a amplitude do oceano.

Dobraram um cabo-adiante a lista cinzenta da costa alongou-se indefinido; o tufão de novo arrebentou, as velas rasgaram se a meio, e um barulho de cordames partidos e correrias pelo convez cresciam com o uivo do furacão, partindo mastros e despedaçando o leme.

Uma maresia outra maresia, rolos de ondas e o mar revolto desmantelavam a galera, que tombava, desconjuntada, estalando toda num ranger augustioso afundando-se no cemiterio vivo dos naufragos.

Escaleres boiavam sem governo, salva-vidas passavam nodando na correntesa e espaçados homens fracos lutando com a estupidez do mar soltavam gritos de terror, emquanto muito longe o Capitão Friederick agarrado num mastro partido da *Stella* era abocanhado pelas vagas tempestuosas.

Nadando anciosamente o velho Walter dirigia-sa para a costa caindo estenuado na areia fria; foi o unico que se salvara a custa de um esforço supremo.

* * *

Agarrado aos colchões, e travesseiros Walter acordara, exausto de forças entrando ainda com o perigo sondado por uma restea de luz solar que entrava pela frincha da janella, e meio tonto levantou-se apalpou as vestes para certificar-se se estavam molhadas, não estavam, fora apenas um sonho que levara o velho marinheiro a vida de perigo quando êle viajava na *Stella*, muitas vezes ameaçada ao perigo pela colera de Eolo.

Maranhão, 3 de janeiro de 1918.

Fulgencio Pinto.

Da educação e sua necessidade

Mons.r Dupanloup, bispo de Orléans, assim se exprime no tomo primeiro pag. 2, de sua bella obra sobre a educação.

«Cultivar, exercitar, desenvolver, fortificar e aperfeiçoar todas as faculdades physicas, intellectuaes e moraes e religiosas, que constituem na criança a natureza e a dignidade humana; dar a essas faculdades sua perfeita integridade; estabelecel-as na plenitude de seu poder e de sua acção; por ahi formar o homem e preparal-o a servir a sua patria nas diversas funcções sociaes que terá de desempenhar um dia, durante sua vida sobre a terra; ou n'um pensamento mais alto, preparar a vida eterna, elevando a vida presente: tal é a obra, tal é a meta da Educação».

D'ahi decorre que o autor considera uma «cultura» esta grande obra. Ora, a cultura é uma arte, e a educação é a primeira das culturas.

O mestre que ministra as sciencias assemelha-se ao lavrador que semeia para colher, ao viahateiro que corta e desembaraça a cepa dos renovos afim de augmentar lhe os productos, ao florista que cultiva as flores e varia (as) matizes, ao pastor, emfim, que cuia sobre seu rebanho.

O primeiro anno da educação christã compara-se, ora a um semeador, ora a um pastor.

Elle possue uma vinha, pastos, e um aprisco:

"Eu sou o bom pastor".

O homem como a planta e a arvore, eleva se; cultivam-se não somente os vegetaes mas tambem os homens; cultivam-se o espirito e o coração; as virtudes e as sciencias, a litteratura, etc., todas as linguas escolheram esta comparação ao mesmo tempo tão natural e instructiva.

Que diremos quanto á necessidade da educação?

Ouçamos Leibnitz:

"A bôa educação da mocidade é o primeiro fundamento da felicidade humana".

Quando o immortal arcebispo de Cambraia se encarregou da Educação do duque de Borgonha, empregou-se, diz o seu historiador a formar e realizar em seu real discipolo o bello ideal da virtude á maneira dos artistas da antiguidade que procuravam imprimir em suas obras esta belleza suprema que dá ás feições humanas uma expressão sobrenatural e celestial. Por isso disseram do duque de Borgonha que foi uma das mais nobres creações da sabedoria e do genio.

Olhando em volta de nós, veremos que o mal é invasor por natureza e opprime o bem. Si o joio abafa o bom grão, quaes não serão os estragos produzidos pelo vicio na alma do adolescente, privada de cultura, desprovida das luzes e das forças que se adquirem pela experiencia e os bons costumes, visto ser ella enfraquecida pelo peccado de origem e prompta a ouvir todas as solicitações?!

Os vicios nascem mais facilmente no coração da criança que as virtudes e ahi se arraigam tão fundo que é quasi impossivel extirpal-os: "O moço seguirá sua 1.ª via; até na sua velhice não a abandonará". E' preciso, portanto, ministrar a educação no principio. Eis o parecer do grande Bossuet:

"Si desde os mais tenros annos se occupam com cuidada das crianças então a acção paterna unida aos bons ensinamentos pode muito. Mas si uma vez deixarem entrar funestas maximas em seu espirito, a tyrannia do costume torna-se invencivel para elles e não ha mais remedio que possa curar tamanho mal. Forçoso á prevenil-o para empedir que se torne incuravel".

Séneca, Platão e Plutarco, o sabio Quintiliano, Montaigne, etc., têm consagrado bellissimas paginas a tão importante assumpto, seria demais longo citar-as.

Pedimos entretanto a attenção das nossas amaveis leitores para as seguintes linhas de José de Maistre "Tal homem triumphará aos 30 annos da paixão a mais violenta, porque desde os 5 ou 6 annos acostumaram-no a se privar voluntariamente de um brinquedo ou de uns doces". Leibnitz autor já citado, diz: "Sempre foi meu parecer que se reformaria o genero humano si reformassem a Educação da mocidade".

"Ai da nação, escreve Lacordaire, que confunde o ensino com a educação e crê que o bem, é producto da sciencia e da litteratura quaesquer que sejam; e combinar palavras que se equilibrem seja preparar a alma do homem e do cidadão!

A educação é a tradição da obediencia, do respeito e do sacrificio, em obsequio de uma alma impaciente do jugo e cheia de egoismo, tradição sublime da qual nada remedeia a ausencia e cuja necessidade prova envolvel mente a preponderancia espontanea do bem sobre o mal".

Que deve ser a educação para produzir esses felizes resultados? Para ser solida, deve ser antes de tudo religiosa. E' só a Religião que faz da Educação toda inteira uma escola de respeito.

Foi sem duvia, o resultado de uma observação attenta e profunda dos preconceitos do tempo, que arrancou ao protestantismo philosophico, estas bellas palavras: "O Catholicismo é a maior e a mais santa escola de respeito que tenha visto o mundo" (Thiers).

Reprehende-se do que precede que a neutralidade em materia de ensino é injusta e impossivel (O ensino) Labor 15 julho 1913); que a religião não pode ser banida do ensino pois que a educação assim o exige E porque, em todos os tempos,

a Egreja Catholica manteve e favoreceu a fundação de escolas christãs.

Sentimos não existir nosso presado "Labor" para multiplicar-mos citações de autores insuspeitos taes como: Mr. de Gasparin, Chambolle, etc.

Ao terminar, invocamos mais este pensamento do illustre Fenelon: "A mocidade é a unica idade em que o homem pode ainda tudo sobre si para se corrigir".

Reflictam os paes que deixam os filhos ao abandono ou os entregam, ás vezes, a mestres impios! "O leãozinho tornar-se á leão e, então estará prompto a devorar os homens".

I. M.

Do collegio S. Francisco de Paula.

As gambárras

Já os páus darco floriam.

Os poços e todos os charcos que a enchente deixava pelas marjens do rio, acabavam de se extinguir aos sôpros das auras do fim de maio. Pela corrente sinuosa e lesta, por onde as canôas, preguiçosamente, desciam, já quasi não se notava o contacto daquela agua muito grossa e barrenta—ultimo rastro das derradeiras chuvas.

O rio, sem ultrapassar o seu leito, um só milimetro, estava na sua melhor época para as canôas: proporcionava-lhes a mais excelente viajem. E era por isso que os *mestres* da «Guanabara» e da «Pesqueira» se aventuravam a fazer *serão* nessa noite, por um rio como aquelle, que, apezar delles conhecerem de olhos fechados», bem lhes podia deixar, em serios embaraços.

* * *

O sol, todo lavado em sangue, tombava no ocaso triste, infinitamente triste. Pelas marjens do rio, ao longe, cigarras e sabiás, feriam o silencio crepuscular como que chorando a agonia da luz procriadora e fecunda. Porto, afóra o marulho das vagas na agua, outro rumor não se ouvia, senão o da algazarra da vareirama irrequiéta ..

Cantavam, gritavam... Era uma barulheira infernal!.. .

A intimidade excessiva ali então, feria-os impiedosamente, sem lhes poupar ao menos o recesso do lar. Os proprios irracionais não eram insentos de tais chocarrices: Um passaro que por ali passasse, ajitando as azas, um peixe que viesse á tona, eram estupidamente cobertos de vaias e de apódos, como se tudo aquillo, por ventura, os perturbasse em coisa alguma.

Na «Guanabára», porém, não se dava o mesmo. Não havia aquelle aranzel ensurdecedor de pilherias mordazes e gracêjos ferinos. Tripulada unicamente por indijenas, estes, apenas de quando em quando, batendo os pés no taboado liso do tombadilho, cortavam o silencio da noite que se avizinhava, com gritos fortes e retubantes.

Corria a canôa por uma volta do rio toda cheia de impecilhos, onde grandes arvores derrubadas pela enchente quasi que impossibilitavam a navegação quando, subitamente, emudeceram... E, acompanhando com o corpo o movimento das grandes vagas, entregavam-se ao seu trabalho exaustivo, fortes, rezolutos, na ancia febril de quem não se quer deixar vencer. Era a «Pesqueira» que se aproximava. Vinha *pedindo estrada* como gritava o seu *mestre*.

A sua tripulação, que havia deixado aqueles rudes gracêjos por uma canção inofensiva e dôce, sentia-se, como nunca, ajitada por uma combinação insaciavel de vitória —Arreda! Tira essa *josso* da frente!—rujiu, finjindo se encolerizado, o Serra Negra, proeiro da canôa que se aproximava. E continuou a fazer côro aos seus camaradas que, em tom sentido, cantavam:

Nas aguas claras do rio
Por onde eu desço chorando,
Tua imajem reflectida
Eu vejo de quando em quando!

Taes versos, despidos de arte, é certo, mas que bem sintetizam o lirismo sincero dos nossos sertanejos, não sei se devido ao sentimento com que eram entoados ou mesmo ao estado de minha alma naquela hora evocativa e nostáljica, deixavam-me nas mais saudosas recordações.

Ouvindo-os, parecia-me tambem ver reflectida nas aguas claras do rio a imajem de alguem cuja visão vive sempre comigo e que me ficara longe...

Mas o Virgilio não se atarantou com a furia do adversario. A sua gambarra continua ainda a *lavrejar* na frente, defendendo-se, maravilhosamente, de todos os precipicios.

De novo, o Serra Negra, rujiu «que arredasse!». Que lhe «desentupisse a *estrada*!» Só então o *mestre* da «Guanabara», sapateando na pôpa da sua canôa bradou imperiosamente:—Tira! Tira! *Vambora*, rapaziada!

Foi um delirio geral! A canôa, tanjida agora com mais força e com mais energia, corre desesperadamente... Adiante, porem, galhos de arvores, que a enchente trouxera para o fundo do rio, prenderam-na pelo leme, cortando-lhe a marcha. E então a «Pesqueira», cujo mestre vira naquilo «um dedo da Providencia», aproximou se, emparelhou, e foi passado aos gritos de victoria da vareirama em delirio.

* * *

Do sol adormecido, já nem a mais mancha do sangue se via pelo ocidente. Aves e insetos, emudecidos agora, dormiam, socegadamente, talvez. Da altura infinita a lua, muito clara e silente, derramava a sua luz pela corrente sinuosa e lesta, prateando-a.

Num silencio absoluto de prece toda a natureza se envolvia. Apenas ao longe, na volta do rio, ouvia-se ainda:

Nas aguas claras do rio
Por onde eu desço chorando,
Tua imajem reflectida
Eu vejo de quando em quando!

Isaac Ferreira.

Mãi da Humanidade

Era uma tarde ardente e scintilante, a natureza parecia ir paralisando aos poucos as suas forças vitaes, tudo estatico numa imobilisação de torpor, nem sequer soprava a briza fagueira das tardes da Palestina e, no meio do silencio absoluto da natureza, destacavam se o borborinho das vozes da populaça fanatica, as atrozes imprecações dos pharizeus e, de espaço a espaço, o estridulo de uma trombeta annunciando a execução tremenda.

No alto do Golgotha havia chegado a comitiva atróz e despunham se em seus logares os terriveis comparsas que deveriam desempenhar os infames papeis daquella imortal tragedia.

Maria, a virgem imaculada, não poude assistir a dolorosa scena da crucificação. Procurou um lugar, alli perto, onde se ocultasse e não visse tão brutas e despiedadas manobras.

Com ella ficaram João e Magdalena ocultos pelo penedio.

Sentindo que o sol rapidamente se obscurecia, sem que o ceu estivesse nublado e a terra tomava uma cor de chumbo, a dolorosa Mãi teve um terrivel presentimento e precipitou se novamente para o cume do monte, onde já se achavam levantadas as tres cruzes.

Terrivel punhalada de dôr pungente attravessou-lhe o coração dolorido ao ver seu filho querido assim crucificado!

Essa dôr não se explica, não se define e não se pode descrever

Havia adquirido uma agilidade fóra do commum na sua idade; em passos rapidos galgou o monte e achou se ao lado da cruz.

Um soldado de Cesar quiz retira-la, porem o Centurião permitiu que a pobre Mãi e os parentes do grande martyr se aproximassem do vergonhoso instrumento do suplicio.

Maria estava estranha a tudo quanto se passava, e dizia, nada ouvia e somente via o seu amado filho alli pregado semnú, coberto de ferimentos e contuzões, a jorrar seu precioso sangue, esse sangue misericordioso que vinha redimir a humanidade!

Que afflição nesse transe pungente sentindo travada uma lucta cruel entre o seu espirito forte e o seu coração sensibilissimo!

Ella considerava: Será possivel que tenha vivido em uma completa illuzão? Não será por acaso Elle mandado pelo Ser todo poderoso?

Então o seu nascimento tão cheio de sublimes maravilhas, o desenvolvimento espontaneo da sua nunca excedida intelligencia e do saber que demonstrou o seu angelico viver, a sua despreocupação das cousas mundanas, as suas virtudes, virtudes novas que elle veio ensinar, as maravilhas que praticou muitas das quaes Ella presenciara! Sim, ella vira a transformação da agua em vinho, nas bodas de Caná; a cura do leproso, do cego de nascimento, a cura milagrosa do filho de Jairo; e Lazaro, o irmão de Martha e Maria, elle proprio lhe havia referido a sua ressurreição! E aquelle prodigio de nunca lhe haver faltado a subsistencia sem comtudo possuirem terras ou rebanhos?

Não. Não podia ser, Elle mesmo desejava todo aquelle martyrio, mas para que? Porque não fulminava só com um aceno toda aquella horda de malvados? Sim, ella tinha o odio de todos, eram todos culpados daquelle fim atroz, até os apostolos, os inseparaveis amigos de seu filho!

Teve impeto de gritar bem alto: Filho, ao menos por mim, por tua pobre mãi, faz que desapareça toda essa scena terrivel!

Não poude porem articular uma só palavra. Os olhos fitos no rosto agonisante do seu filho amado, sentio um fremito agitar lhe o corpo que lhe pareceu mais leve e vacilante.

Jesus fitou sua mãi, com ternura e João, o apostolo amado, que estava a seu lado e disse: «Mulher eis ahi o teu filho!» E para João: «Eis ahi a tua mãi».

Estas palavras passaram despercebidas e sem significação para os terriveis algozes e espectadores indiferentes, porem Maria recebeu-as como um balsamo suavissimo para todos os seus soffrimentos; o seu espirito serenou completamente e, todo o odio do seu coração foi milagrosamente transformado em amor e carinho.

Quando baixou os olhos para João sentio-o tão pequeno e tão fraco, que logo o acon hegou para si.

Toda aquella turbamulta lhe pareceu logo tão fraco, tão desprotegido! Que desejo teve de lhe abrir os braços e dizer-lhe: Filhos meus vinde a mim, não pratiqueis uma ação tão má, eu temo por vós!

A sua grande dôr agora era por aquelle irreparavel erro dos judeus raça donde provinha e á qual, não podia salvar. Tudo aquillo lhe inspirava uma atroz compaixão.

Sentia o coração transbordante dolcissimo affecto por toda aquella miseria. Se o crucificado era seu filho os seus algozes tambem seus filhos eram.

Aquillo era uma lucta do fraticidio que alli acabava de ser apenas iniciada e a Ella, como mãi, cabia ser a eterna mediadora entre seus filhos, até conseguir a paz completa e perfeita.

Sentio-se sumamente feliz e acceitou piedosamente esta nova incumbencia de Deus todo poderoso.

Sentia penetrante e lucida a sua intelligencia, tudo lhe parecia agora claro; comprehendia já perfeitamente todas as palavras inteligiveis que ouvira ao seu amado filho, todas ellas erão sublimes verdades!

Sim, comprehendia agora perfeitamente todo o alcance das palavras do homem Deus, quando lhe deixou por filho o apostolo amado. Era elle o representante da raça humana que mais proximo d'Elle se encontrava nesse momento o sempiterno misericordioso, na hora final, legava lhe como filho todos essa grande raça, pelo que Ella, com um carinho e uma doçura inexcedivel sentia-se immensamente feliz comprehendendo que seu divino filho a instituia assim — mãi da humanidade.

Domingos Perdigão.

Diretor da Bibliotheca Publica.

SEITAS

Lido pelo autor em sessão, da loja Theosófica PAX, a 2 do corrente

Sei que não vos aborreço, tenho a certeza de não vos ser importuno - porque, educados na bendita escola do Amôr, sois tolerantes, como sóem ser os que, na ânsia alentadôra de encontrarem a Verdade, se dedicam á propaganda destimida dos sãos principios do Cristianismo que manda — conhecer e adorar a Deus amando o proximo.

A tolerancia é o gladio vencedor do forte, é o condão dos corações bem formados que transmuta, em reluzente oiro, os «vis metais» ou as mesquinhas paixões da alma no concerto da rejeneração humana. A tolerancia não exclue o combate ao vicio.

Em vez da defensiva atitude, manda que se vergasteie o erro onde quer que se mostre em sua faina, horripilante de dejenerecencia moral. A tolerancia — propriamente dita — é a que, de azorrague em punho e de coração limpo, expulsa os vendilhões do templo.

O espirito é a quintessencia de tudo. E o homem, que é espirito, é a imajem de Deus. A' proporção que evolue ainda mais nitida se torna a imajem de Deus no homem. O caminho mais curto que conduz a Deus é o Bem, e para se palmilhar a estrada do Bem, é mistér encarar-se a responsabilidade assumida. O lutador que não medir a responsabilidade dos seus atos ao iniciar se na cruzada sacro santa — da evolução contra a rotina, do amôr contra o ódio, do bem contra o mal — cairá desiludido, sem forças ex-angue, aos primeiros embates e contra-choques da luta divinizadôra.

E' assim — disposto para vencer no combate interior da luz contra a tréva - que, para este templo, me dirijo.

Harmonizadas as nossas mentes pelo fito dos mesmos ideais, animados os nossos átos de acordo com os sãos mandamentos da moral cristã, haveremos de vencer o indiferentismo criminoso dos que, atordoados pelo borborinho das paixões mundanas, acreditam, tam somente, naquilo que vêem ou nas aparencias enganozas e lantejoulos do mundo vizivel.

Tenho que o homem é o que pensa. A vida é a vontade. E para que a existencia se nos mostre mais ou menos agradavel — sem o remorço aniquilador da consciencia — surge sermos idealistas e combatentes fervorozos pela causa do Bem. O otimismo é uma qualidade sadia da alma que faz, do homem não um simples joguête da sórte, mas, sim, um consciente observador da vida que o cerca. Atento ás manifestações de vida, em suas infinitas transformações, vê, dentro de tudo que existe, a essencia evolutiva e vencedora do Bem.

O otimista encara as couzas por um prisma melhor e mais consolador que o do pessimista. Um fio de oiro liga, une, atravessa todos os seres — e esse fio de oiro é o Amôr, esse fio de oiro é Deus!

Quem é Deus? — Eis a velha e sempre debatida questão que, atravessando os seculos de seculos, tem atraido a atenção da humanidade sem se conseguir a solução dezejada.

Deus é a Luz, dizem uns; é o Amôr, propalam outros; é o Criador, o Pai-Mãi de tudo que existe, affirmam ainda outros, e, por ultimo, o mais obtuzo, miope ou cégo, afirma enfaticamente que Deus não existe, que a materia — tangivel — é tudo... e além da matéria nada, absolutamente nada!

A idéa de que, além desta vida, além deste corpo, ha um quer que seja de verdadeiro, de imperecivel e eterno, tem preocupado ao espirito investigador de homem.

Diversos, multiplos são os caminhos que levam ao ponto central — Deus. Simples veredas - uns, sinuosos e ingremes — outros; largos, amplos, suaves — outros e outros, e todos sem exclusão de nem um, conduzem o viajor esperançoso ao mesmo centro de convergencia.

O grande numero de religiões ou seitas existente põe, muita vez, como um labirinto enorme, grave embaraço aos primeiros passos daquelle que, ainda inexperiente, se destina á posse inaudita da Verdade.

A humanidade, sempre ancioza de conhecer o *porquê* desta vida tão cheia de preconceitos, ha degustando as velhas teo-

pas ortodoxas, aconselhando a pratica de um novo meio que facilite o transporte do peregrino, do dezerto da Duvida ao Oasis bemdito da sempiterna Ventura.

Deus —alfa e oméga de tudo que existe—não estabeleceu o deprimente rejime dos pistolões, nem autorizou, a uma pleiade determinada de homens privilejiados, a divulgação das couzas divinas e a posse absoluta da Verdade. Não. Dotou a cada ser pensante, a cada homem, de rasão, dando lho a consciencia capaz de o dirijir e julgar a si proprio. A verdade é Una, como um e infinito é Deus. As relijiões e credos são como que esses condutos que vão ter ao Oceano; ou como os galhos de frondoza arvore que se confundem no tronco, donde partiram antes; ou sejam ainda como os raios do Sol que se espalham ou se juntam á proporção que se distanciam ou se aproximam do centro de luz intensa e bela.

Razão tinham, pois, os Incas, os nossos autóctones do Perú e do Mexico, quando adoravam o Sol como a Deus incredulo.

Em todas as fazes da vida é mistér um método, uma régra, uma lei que nos oriente, nos guie té penetrarmos no suntuosissimo templo da Felicidade eterna e sacrosanta plenitude do mais alto Conhecimento.

E essa lei, esse fanal —acredito piamente —é o livre-arbitrio, é a consciencia livre de cada itinerante que busca inabalavel, a soberba e divina Luz.

Aqui, tem razão de ser o *ecletismo* moderado e são de Pluzco que «consiste em tomar de cada seita o melhor».

Cada povo, como cada individuo, tem a sua idéa, expõe a sua razão, prégа a sua moral— como unica e infalivel.

O Materialismo, Pozitivismo, Catolicismo, Luteranismo, Espiritismo, Ocultismo, Teozofismo e mais ainda uma infinidade de «ismos» e de varias outras terminaçõis—barrotando as livrarias, bibliotécas, celas, gabinetes e tudo, jàtam se de possuidores absolutos da Verdade.

Qual, desse infindavel labirinto de seitas, o mais certo caminho que nos possa levar ao Intanjivel e Onipotente—que é Deus?

Responde-nos Annie Besant—o expoente maximo da teozofia em todo o mundo:

«Tudo que é preciso para achar a verdade é—um coração puro, uma intelijencia ativa, e uma vida limpa».

1920.

Souza Bispo.
Do Instituto Atenieuse.

Os nossos socios

Transcorreu a 18 de fevereiro passado o aniversario natalicio d. Helvecio Gomes de Oliveira, bispo do Maranhão. V. exc que socio honorario deste mensario mandou-nos a 16 do fevereiro linhas que se seguem "Comunico-ves o recebimento do oficio que me daes parte da minha eleição para o quadro de socios honorarios da "Revista Maranhense". Aceito com o maximo desvanecimento a honra que me é conferida e faço os melhores votos pela vida e prosperidade de tão util associação".

No dia do seu aniversario dentre os outros telegramas d. Helvecio recebeu o seguinte: "Revista Maranhense saúda seu socio honorario data aniversario natalicio desejando felicidade progresso diocezo dignamente dirigida". Em resposta tivemos o telegrama seguinte:

A "Ilustrada redação da «Revista Maranhense»—Com particular afecto e muita simpatia, agradece o gentil telegrama de 19—Helvecio".

Prof. Fran Paxeco

Ao nosso director mandou a 20 de fevereiro passado esta cartinha: "Agradeço-lhe a gentil comunicação de que a Revista Maranhense, por proposta sua resolveu aceitar-me para quadro de socios honorarios. Desejando todas as prosperidades a esse delijente nucleo de estudo e de trabalho, subscrevo-me. O aniversario desse nosso consorcio transcorreu a 9 do corrente. Felicitamol-o a sua exma. familia.

Prof. Nascimento Moraes

Cercado da sua estimada familia este nosso socio honorario viu passar o dia do seu natal.

O prof. Nascimento Moraes em resposta ao nosso oficio disse: Meu caro José Monteiro. Recebi teu oficio sobremaneira amavel, porque nele me comunicas que, proposto por ti, fui aceito socio honorario da «Revista Maranhense». Sei e é possivel que saibas tambem que não valho o que me propuzeste, mas nem por isso o ter sido escolhido para tão elevado encargo, deixa de lizonjear a vaidade dos felizardos alvo de consideração por demais cativante.

Assim, não brigo contigo pela tua lembrança, antes, pelo contrario, agarro me de unhas e dentes á armadura que me deste, muito desvanecido de a possuir e tão desvanecido estou que te peço agradeças a todos da «Revista» a unanimidade com que houveram por deliberado galardoar o meu *nome* e *fama* etc.

A professora Etelvina Vasconcellos respondeu o nosso oficio, assim. "Communicaste-me haver sido proposta e aceita a minha humilde pessoa para socia colaboradora dessa apreciada Revista, e eu, aceitando tal gentileza, vol-a agradeço. Certo, em muito pouco poderei auxiliar-vos na vossa louvavel tarefa do soerguimento das letras maranhenses. Farei, porem, quanto a minha inexperta e pouca competencia me ajudarem.

Aceitae e transmiti ao ilustrado corpo redacional os meus protestos da mais alta estima e consideração».

O dr. Luiz Carvalho, ciente da sua escolha de advogado deste mensario, teve, para nós estes animadores vocabulos: Tenho o prazer de acuzar o recebimento do vosso oficio do 21 do dezembro datado, pelo qual me fazeis sciente de que a Revista Maranhense, reunida em sessão e por indicação vossa, me tomou para seu advogado. Apresso-me a declarar-vos que aceito gostosamente o honroso pôsto que me acaba de ser assinado junto á Revista e desde já ficam á disposição dela os meus serviços profissionais. Podeis acreditar, com os vossos ilustres consocios na sinceridade dos meus agradecimentos e dos protestos da minha alta estima e apreço.

O dr. Urbano Santos, governador do Estado, respondeu o nosso telegramma, em que o cumprimentamos por ocasião do seu aniversario natalicio, da seguinte forma: "Muito grato pelas felicitações".

Do sr padre Arias recebemos este agradecimento: Acabo de ser surpreendido com a comunicação que me fizestes de que fui proposto e aceito para o quadro dos socios honorarios da «Revista Maranhense».

E' pena, confesso-o com sinceridade que os moços da Revista não se hajam limitado a conferir tão alta distinção exclusivamente a pessoas de talento e reconhecido saber.

Tenho o direito de assim me externar, uma vez que não trepidaram em incidir no erro lamentavel de me escolher para no seu gremio ocupar um posto que francamente não mereço.

Feita esta declaração que me é imposta pela consciencia, cumpro o dever do aprezentar a esses jovens e esforçados conterraneos os meus mais intimos agradecimentos pela expressiva estima que desse modo me testemunharam".

O senador Mendes de Almeida, mandou-nos da capital do paiz este telegrama: "Agradeço delicada eleição".

O dr. Abranches Moura, diretor do Instituto Atenieuse disse: "Chegou-me ás mãos um oficio datado de 21 de dezembro ultimo trazendo me a comunicação de que, por proposta sua fui aceito socio honorario da "Revista Maranhense". Agradecendo lhe, assim como a todos os seus companheiros de trabalho e de estudo, desejo a essa pleiade intelijente e futuroza um progresso sempre crescente".

Pedimos ás pessoas que enviamos cartas, o obzequio de respondel-as.

Alfaiataria Guédes

RUA DE SANT'ANA, 3

Nessa alfaiataria obtem-se prontos e executados com aviamento de primeira os seguintes cenários:

Terno de cazemira preta especial, fraque 150$ 160$,170$
Idem de simuque..... 150$, 160$, 170$
Idem de paletó 1000, 110$, 120$ e 130$, etc.
Idem de brim H J..... 80$000
Calça e paletó..... 70$000
Fatos de brim de algodão 25$, 30$000. 35$000
Fatos de brim de côr, por preços muito modicos á escolha do freguez.

Tambem se confeciona qualquer encomenda pelo preço da tabela abaixo:

Cazemira Preta

FEITIO	
Terno	50$000
Calça	15$000
Paletó	30$000
Colete	10$000

De Côres

FEITIO	
Terno	45$000
Paletó	25$000
Calça	15$000
Colete	10$000

Brim de Linho Branco

FEITO	
Terno	22$000
Paletó	8$000
Calça	7$000
Colete	6$000

De Algodão Branco

FEITIO	
Terno	20$000
Paletó	8$000
Calça	7$000
Colete	6$000

De Algodão de Côres

FEITIO	
Terno	18$000
Paletó	7$000
Calça	6000
Colete	6$0

O passar de ferro em roupas de lã

Terno	3$00
Paletó	2000
Calça	1$50
Colete	$50
Paletó de Alpaca, ou Alpacão, feitio, sem forro	15$00

Clinica cirurjico-dentaria

DO GIRURJIÃO-DENTISTA

Porciuncula de Moraes

Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e ex-interno do clinica odontolojica do Hospital de Mizericordia d'aquela cidade.

SERVIÇOS GARANTIDOS e executados por processos modernos.

Operações absolutamente SE DOR

Consultas todos os dias uteis, escéto ás quintas feiras, que reserva aos trabalhos proteticos.

CONSULTORIO:

Rua Nina Rodrigues n. 1—(Praça João Lisbôa)

Ourivezaria Perola

— DE —

Jozé L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijuteria

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-laines, rozetas, aneis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para penci-nez, porta-leques, voltas de coral, teteias, etc.

Preços baratissimos.

Asseio e muita arte.

Rua Osvaldo Cruz, 9—Rua Osvaldo Cruz, 9

TINTURA PRECIOSA

JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas, — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

CASA BORDALLO

72—Rua Oswaldo Cruz—27

Chegou, pelo ultimo vapor, o que pode haver de mais CHIC em calçados da ultima moda, para senhoras, homens e crianças, dos melhores fabricantes.

Preços sem competidor

Peitoral de Contra Herva e Jambú Composto

Soberano Remedio

Approvado e licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica, sob n. 1180 de 15 de Dezembro de 1919.

Infalivel contra os molestias do peitos.

Cura as tosses pertinazes, incessantes, as bronchites agudas ou chronicas, as dôres do peito, da garganta, accessos de asthma, falta de ar e emfim todas as perturbações do apparelho respiratorio produzidos por constipação, accessos de grippes etc

Deposito Geral:

PHARMACIA CRUZ

Candido A. de Carvalho Cruz.

Rua Nina Rodrigues n. 65.

MARANHÃO

AVIZO

—Os nossos socios, socias e ajentes podem quando quizer enviar trabalhos literarios: contos, poezias, charadas etc., que publicaremos gratuitamente.

—Toda e qualquer correspondencia deve ser dirijida á rua cel. Colares Moreira, n. 21 ou á praça d'Alegria, n 5.

Já iniciamos a cobrança das assinaturas do corrente ano. Pedimos aos nossos ajentes e ás nossas ajentes que nos informem do que têm feito pela «Revis».

CREDITO MUTUO PREDIAL

Baixos do sobrado á rua da Cruz 61

CARTA PATENTE N.º 4

Autorizada a funcionar e fiscalizada pelo governo federe

Premios distribuidos e pagos até hoje:

Rs. 318:027$500

Nada deve em premios

Com a prezença do Fiscal do Governo Federal e assistencia de inumeras pessôas, correu hontem, ás 15 horas, o 1.º sorteio deste mez, da serie **Plano «A»**, pelo systema de urnas e espheras, dando o seguinte resultado:

IZENÇÕES

Foram izentos do pagamento, em cinco contribuições, as cadernetas:

N. 1151. D. Avelina de Souza Marques. Rua de S. Pantaleão, 29.

N. 0139. Francisco Lima de Alencar. Rua da Manga, 4.

N. 6044. Octaviano Pereira da Costa. Caxias.

N. 0218. Lourival Assumpção Labato. Rua de Sant'Aninha, 6.

N. 3547. José Semião Pereira de Souza. Rua da Estrella, 17.

PREMIO

Contemplada com um anel de brilhante e uma pulseira de ouro, no valor de **Rs. 3:870$000**, a caderneta **N. 4581**, pertencente ao Snr. Victorino José Cordeiro, residente no Coroatá.

Maranhão, 5 de março de 1920.

O Fiscal do Governo Federal,
Raymundo Cesar de Moraes Rego

Os proprietarios, **CHAVES & COMP.ª**

ANO 5 | S. Luiz — Abril de 1920 | NUM. 50

Redação
Rua Coronel Colares Moreira, 21

Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE

Artes, Ciencias e Letras



DR. LUIZ DOMINGUES

Expediente

Diretor — José Monteiro.

Redactores — Clemente Guedes, Izaac Ferreira, [illegible]rolabio Caldas, Luiz Silva, Souza Bispo, José Cesino Azevedo e José D. Barboza.

ASSINATURAS:

Capital	2$500
Interior	3$ 00
Numero avals	$200

SOCIOS BENEMERITOS:

[illegible]bano Santos da Costa Araujo e o sr. Hercules Caldas

ADVOGADO — Dr. Luiz Carvalho.

SOCIOS HONORARIOS:

[illegible]sé Viana Vaz, Godofredo Viana, Justo Jansen Ferreira, Abranches Moura, João da Costa Gomes, Artoo Batista Barboza de Godois, Raul Machado, Oscar [illegible]vão, Bezerra de Menezes, Aarão Brito, Luiz Domingos da Silva, Herculano Nina Parga, Candido Mendes [illegible]meida, Francisco Cunha Machado, José Euzebio, [illegible]Barreto, Almeida Magalhães, d. Helvecio de Oliveira, capitão Luzo Torres, padre Arias Cruz, pro[illegible]José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso [illegible]Joaquim Santos, Fran Paxeco, Nascimento [illegible]is, coronel Frederico Figueira e Correia de [illegible]o.

[illegible]OCIAS E SOCIOS COLABORADORES:

[illegible]s Zila Pais, Etelvina Vasconcelos, Filomena Al[illegible], Maria do Carmo Teixeira, Roza Castro, Her[illegible] Soares, Genoveva Ribeiro da Silva, Blandina, [illegible]za e Orítia Santos, Maria das Neves Monteiro, [illegible]al Galvão Advincula, Hermindia Soares Ferreira Martins, Aracéa Fernandes, Nair Pinheiro, [illegible]va Smith, Henriqueta Pereira, Erminia Costa, a[illegible]oritas Nizoca Nunes, Zozima Sá Cavagnhac, Abi[illegible] Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Va[illegible]e Benedicta Castro, e os senhores José Monteiro, [illegible]on Correia, Apolinario de Carvalho e Ruben [illegible].

[illegible]ES NO INTERIOR E FÓRA DO ESTADO:
[illegible]orreia, Apolinario de Carvalho, Ruben Almeida, [illegible]te de Abreu, João Guilherme de Abreu.
[illegible]rari — Major João de Lemos.
[illegible]xias — O sr. Antonio F. Costa.
[illegible]an — Senhorita Maroca Nogueira.
[illegible]naiva — O sr. Cavour Rocha Andrade.
[illegible]arro Vermelho — Prof.ª Filomena I. Silva.
[illegible]erra do Corda — Ismael Salomão Moussalem.
[illegible]uimarãis — Prof. Emircia Santos.
[illegible]apecurú-mirim — Prof. Manfredo Viana.
[illegible]. Bento — Prof. Palmerio Campos.
[illegible]. Simão — Prof.ª Hilda Aguirres.
[illegible]catú — Prof.ª Jozéfa Amazonas.
[illegible]Morros — Prof. Fani Parga.
[illegible]Tajapió — Prof.ª Odila Cardozo.
[illegible]Chapadinha — Manoel Leite Fernandes.
Cururupú — O sr. João G. de Abreu, filho.
Cantanhede — O sr. João Rodrigues.
Vila do Paço — Prof.ª Nizal Prado.
Anil — Prof.ª Benedita Guimarãis Silva.
Maiobinha — O sr. José Barbozá Cordeiro.
Maioba do Gempapeiro — Prof. Elpidio Santos.
Alcantara — Senhorita Clotildes Berniz.
Santo Antonio e Balsas — O sr. Melquiades Moreira Ferraz.
S. Vicente e Ferrer — Prof.ª Maria Justina Serrão.
Caxetá — O sr. Tobias de Souza Revorêdo.
Amarante — O sr. Paulo Ferreira.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

Praça João Lisboa, 12 — Maranhão

PREMIOS PAGOS DE 1919—1920

Rs. 1 353:507$000

Resultado do 80.º Sorteio da 1.ª Serie (B), a que se procedeu, hoje, na sede da Empreza, ás 15 horas.

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações durante 6 mezes

1.º N. 1499. Dr. José de Arimatéa Tito, residente em Barras.
2.º N. 1677. Gervasio Gonçalves Galisa, residente em Theresina.
3.º N. 1772. D. Maria Esmeralda de Rubim Costa, residente em Caxias.
4.º N. 2079. Alberto Lima, residente em Sto. Antonio de Balsas.
5.º N. 640. Juliana de Araujo Leite, residente em Sobral.
6.º N. 1390. D. Benedicta Costa Ferraira residente em Macapá.
7.º N. 1475. D. Maria Fernando Ribeiro, residente em Barão de Grajahú.
8.º N. 1621. D. Raquel Ferraz residente em Oeiras.
9.º N. 874. Magno Pires Alves, residente em Barras.
10.º N. 2158. Domingos Pereira dos Santos, residente em Parnahyba.

Caza no valor de 5:500$000

N. 751 José Dias de Moura, residente em Fortaleza.

Maranhão, 31 de março de 1920

Adolpho Paraiso,
Director-gerente

Claudino Netto,
Fiscal do Governo Federal

Nota:—De accordo com o Regulamento do Governo Federal, estão eliminados todos os prestamistas devedores nos sorteios, e só terá direito ao premio o prestamista que estiver quite.

Contra o Reumatismo

COTAS DE TANGUAI

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vegetal

VEND-SE NA

Farmacia Jezus — **Rua do Sant'Ana, 132**

S. LUIZ — ABRIL DE 1920

ANO 5 | REVISTA MARANHENSE | NUM. 50

Artes, Ciencias e Letras -- Publicação mensal

Pelo naturismo

Os rapazes da *Revista Maranhense* sempre que preparam um novo numero, lembram-se de mim, como se algo valesse, pedindo-me qualquer coisa, como dizem, para o seu periódico. Não sei se lhes agrada o assunto sobre o qual já lhes tenho servido por três vezes. O que tenho certeza é que para mim é o melhor, já pela sua utilidade, e já porque da sua utilidade mesma, ninguem o deverá ignorar. Alguns indiferentes, num desprezivel alongar de ombros, alvitrarão—para que serve isto, se vimos viverdo contrariamente? Nada me impede, contudo, que, satisfazendo-lhes, rabisque sobre o naturismo, matéria que me é simpatica e oferece tema para dizer verdades bem apreciáveis.

Ao criar-se o Nucleo Naturista Maranhense já havia no nosso meio um regular número de pessôas que seguiam os preceitos naturisticos. Não fizemos mais do que reunir uma parte desses vegetarianos, vegetalinos e naturistas que andavam esparsos, seguindo ou mais acertadamente, aproximando-se das leis naturais, que para castigo dos adversários, os vêm sãos, robustos e dispostos

A nossa corporação, embora traga no seu titulo a palavra naturista, não é absolutamente composta de naturistas. Abriga no seu seio naturistas, vegetalinos e vegetarianos. Tão somente. Naturistas, diga-se aqui de passagem, são os que comem ao natural, não precisam do lume para os alimentos deles; vegetalinos os que comem cozinhados, mas que desprezam os ovos e o leite e seus derivados; vegetarianos os que levando ao lume os alimentos do reino vegetal, suportam o ovo e o leite e os respectivos derivados. Em suma, o Nucleo é formado de elementos que desprezam a alimentação animal; que não fumam, não tomam café e nem fazem uso do tabaco sob qualquer aspecto; e que têm horror ao álcool, sob qualquer das suas multiplas manifestações.

Por ocasião da fundação, uma das coisas que preocuparam a constituinte, foi o nome a dar-se. Depois, porêm, de ligeiras discussões, chegaram os membros da mesma á conclusão que o vocábulo núcleo ficava bem e que de Nucleo Naturista Maranhense, poderiam sair outras sociedades que lhe fossem adstritas

Foi assim e assim ficou a associação acolhendo adeptos dos tres sistemas acima aludidos. E não há nada mais consentaneo e regular.

Uma das maiores autoridades, o dr. Amilcar de Souza, bate-se com muita razão, pelo naturismo, exclusivamente. E', para a nossa maioria, inexequivel, talvez. Por isso bastante satisfeitos ficamos, quando temos a certeza que a nossa causa aumenta, adquirindo alguns vegetarianos a mais, porque sabemos que, muito breve, abandonarão completamente, costumes inveterados e perniciosos, como o do fumo, do café e o do alcool, até em dóses moderadas como soe dizerem. O alcool e o tabaco alem de nojentos, são deprimentes, trazem-nos funestissimos desarranjos. Ademais, os vegetarianos propriamente ditos, não falemos, sequer, dos vegetalinos e naturistas, são infensos ao alcool e ao tabaco, detestam nos e combatem-nos.

Os naturistas (emprego aqui o vocabulo na acepção contrária a dos que usam o sistema misto, omnivoro ou o que quer que seja antinatural), os naturistas, como ia dizendo, utilizam-se de pequena quantidade de comida; satisfazem-se com pouca substancia alimentar. Está verificado e é indiscutivel, que o organismo vive do que assimila. Não é, pois, a *quantidade*, mas a *qualidade*, certamente, que mantem a nossa força vital.

Cousa singular. Porque é que os apreciadores de fiambres, perus, e gordurosos acepipes, vivem a queixar se, continuamente, de incomodos de estomago, e desordens intestinais, ao passo que nós outros, que nos orgulhamos de menosprezar essas e que tais delicias, pouco ou nada dizemos, sobre aquilo que os preocupa imensa e quotidianamente?

Fala-se que o peixe morre pela boca. E quem é que pronuncia semelhante frase? E' o homem mesmo que morre pelo apetite que lhe ha trazido a sua requintada civilização Regeite num gesto nobre os cadaveres culinariamente embalsamados, o café, o alcool, o tabaco, que as suas condições fisicas e quiçá moraes, melhorarão a pouco e pouco. Apegue se ao alimento puro, são; pratique ao ar livre ou em lugares arejados, moderadamente, exercicios ginasticos. Durma 8 horas consecutivas Divida a sua vida em três terços, aplicando um ao trabalho, outro ao descanço e o restante ao sono reparador e benfazejo. Procure para a sua dormida lugares amplos, ventilados. Afeiçoe-se ao uso das roupas leves e folgadas, que deixem livre a circulação do sangue. Renuncie ao colarinho gomado; ao sapato á ultima moda. Siga bem de perto recomendaveis regras higienicas. Encare de rente, afim de os abandonar os vicios patrocinados pelo seu progresso, que a sua vida será menos amarga, mais saudável; cheia de utilidade e prazeres, que

não aqueles que ao fim de poucos minutos, são transformados em duros e irremediaveis dissabores...

Adelman Corrêa.
Director de «O Naturista»

A ORPHÃ

Porque geme tão triste a sururina?
Porque a pequapá a medo trina
No denso cipoal!
E as flôres definhão de tristura
Descera o sol, o riacho não murmura
Fenece o palmeiral

No lar tudo é dezerto... Na campina
Encoberta na moita de bonina
A orphãzinha está;
O sol beija a esplanada, doira o monte
E na beira do caminho ao pé da fonte
Suspira o sabiá

Quando chora, meu Deus seu lindo roste
Triste, sombrio, palido, decomposto
Da rozea côr se veste
Pranteia sua mãe, lagrimas santas
Veste a pobre rozinha de joelhos
A sombra do cipreste

A noite quando a lua vaga triste
Sobre o manto de estrelas sapilcado
E' doce o meditar.
Mas a orphã coitada carpe e chora
E a Deus piedozo a morte implora
E' triste o seu penar

Eu a amo senhor tão pensativo
Qual se ama a mimoza sensitiva
Tão linda ao dezabrochar
De manhã quando o sol a flôr namora
Si lhe fala de amôr de leve cora
Não sabe o que é amar

Senhor Deus tu que a creaste tão formoza
Qual purpureo botão a fresca roza
Dá-lhe vida senhor;
Não deixeis que a violeta assim feneça
Que a estrela de porvir empaledeça,
Dá-lhe brilho e fulgor.

Dr. Oscar Galvão.
Diretor do Liceu Maranhense

A flora maranhense

Vindos de Fortaleza, deram-nos a satisfação de suas visitas os srs. Plinio Gondim e Artur Fernandes, ativos auxiliares dos srs. Alberto Bedray & Comp. daquela capital. Esses cavalheiros vêm ao Maranhão, comissionados por aquela firma, para explorar os mais notaveis produtos da nossa flora, taes como o babassú, a carnauba e outros produtos importantes.

Como é sabido, o nosso uberrimo solo conserva em seu seio uma incalculavel riqueza. Precisamos, verdadeiramente, de quem o explore. Ainda ha poucos annos atraz não conheciamos o valor do côco babassú, hoje, porém, é considerado, no nosso commercio, como um dos ramos de negocio de grande vantajem. A carnahuba, que será tambem explorada, tem excelente utilidade. Além do adocicado fruto que fornece e da cêra que guarnece as suas folhas novas, os sertanejos aproveitam estas para o fabrico de pequenos objetos.

A missão daqueles cavalheiros merece o apoio geral, tendo em vista concorrer para o progresso da Agricultura no nosso Estado, considerando-se, especialmente, que aqueles cavalheiros contrataram algumas familias cearenses para os serviços agricolas, aumentando, assim, no nosso meio, o elemento mais importante da lavoura, que é o braço.

A «Revista Maranhense», que sempre trabalhou pelo progresso da agricultura no nosso Estado e de onde sairam os primeiros vagidos para a creação de uma sociedade agricola, que viria, mais tarde, pugnar pela fundação de uma Escola, dezeja aos commissionados os mais francos e leaes votos de sucesso notavel.

Os reprezentantes dos srs. Alberto Beday & C. escolheram para centro dessas explorações a villa de Cajapió, logar tambem preferido, segundo consta, pelo nosso governo, para a fundação de uma Escola de agronomia, brevemente.

Oração materna

Folgamos de satisfação, quando vemos um môço ou um velho em vez das correrias do *foot-ball* meter-se no seu gabinete de estudo e ir conversar com os livros, contanto que não se esqueça de suas obrigações e nem tão pouco de fazer o seu moderado exercicio fizico, aconselhado por Muller, todas as manhãs.

Assis Garrido, rapaz que nunca vimos figurar, nos anuncios dos clubs do *foot-ball* da nossa capital, publicou o seu folhêto «Oração Materna». Assis Garrido não terá da parte de muitos um elojio siquer.

Vestisse um calção branco, calçasse um bom par de chuteiras! fosse para o campo de *foot ball*, fizesse bonitas *pegadas*, *driblasse* muito bem, marcasse um ou mais *goals*. Então Garrido veria o que era elojio No dia seguinte, teria um terno, pago em caza do alfaiate, receberia uma dessas pulseiras da moda, mandar-lhe-iam lenços, charutos, doces etc., só porque tem excelente schot.

Mas Garrido não fez nada disso. Reuniu uns versos ditados por seu coração e mandou-os imprimir na Imprensa Oficial. O Garrido que se não zangue, porque ha um reduzido numero de pessôas, que ainda se interessa pelas letras em nossa terra. Nesse numero, estão incluidos os seus confrades da Revista. Antes minoria conciente e firme do que maioria doida e oscilante. Lemos o livro de Garrido, do principio ao fim. Tem 24 pajinas e não cançam o leitor. A principio supreende a natureza em dia festivo: aprecia o terno lirio, recebendo o orvalho matinal; escuta a cantiga das raparigas que passam e felizmente não se distrai, olhando o seu porte e os seus já reconhecidos requebros. Depois, compara a creança ao lirio; acompanha o seu desenvolver, passando-a pela ocazião em que se conhece a vida, quando se deixa cair «um rosario de lagrimas pungentes». Vai ao lar, quando essa de hoje o mãi do amanhã «vê num berço o filho sorrindo».

Garrido provou não se esquecer dos principios de moral e civismo recebidos em caza e querendo chamar muitos dessos rapazes que por aí vivem do *poze*, desde o chapéu, á cinza do cigarro, diz-lhes *Oremus*. Se estivessemos na egreja e Garrido-o aprezentasse para ler, pedindo o nosso juizo, animadoramente, depois, lhe afirmariamos: *dixi et vixi*.

Sonatas

Poesia para ser cantada com a musica da poesia constelações.

Quando eu deixei
A minha terra,
A floreo serra
Onde este meu amor se encerra,
Entristeceu
A passarada
E de agonia
A serrania
Já deferia
Apaixonada...
Oh ! que clamór
Que grande dôr
De ver ficar
De minha terra as palmeirinhas
De ver voando
As andorinhas
As avesinhas
Do sertão
Por quêm suspira
E mais me pulsa o coração.

Oh ! que saudade,
Que nelidade
Eu sinto nalma
Em grande dor
Que não se acalma
Oh naturesa
Oh divindade
Vinde me ouvir
A devoção
E dissipar
Esta illusão,
Virgens morenas
De almas serenas
Que a sós cantaes
E não amaes
Não tendes dor,
O dissabor
Me vem do amor
Do amor que paira
Em meus scismares
Da vida pura
Que lá murmura
Em meus palmares

ESTRIBILHO :

Oh ! se eu tornar
Ainda voltar
Para gosar
Do meu sertão o pobre lar;
Então serei
Bem venturoso
E bem ditoso
Ante o conselho dulçoroso
De meus bons paes
Oh ! se cantar
Quando eu chegar
Pra me alegrar
A minha terra, o meu palmar...
Mas não terei
Esta dolçura
E sempre, sempre
Hei de chorar
Que esta ventura
Ao meu viver não volta mais !

Tanta belêsa
E floração
No meu sertão
Onde respira a singelêsa
A naturesa
Tem mais fulgor
E com primor
A vida canta
E mais encanta
A solidão
Oh dias meus
Vinde por Deus
Me a inviai
E me levai
A's palmeirinhas,
Quero inda ouvir as andorinhas,
As avesinhas
Do sertão
Por quêm suspira
E mais me pulsa o coração.

Do "Risos e Dôres„

CLEMENTE GUÊDES
Da Faculdade de Direito do Maranhão.

Fraqueza ?

Quem por lá passasse, á hora do sol no zenite, ou ao descambar do sol e demorasse o olhar á pequenita mangueira, fraca e sem vigôr, de folhas amareladas não diria que no seus finos galhos o Chico se enforcára.

Muitas arvores frutíferas existiam, no quintal da velha Leocadia. Esta morava com um filho e uma netinha. Viviam do que produzia uma horta e do que colhiam no pomar, procurado pelos vizinhos.

Chico, de seus trinta anos metêra-se de amôres com Felismina, rapariga, baixa gordinha, atrevida, disputada por muitos e terminou alugando uma cazinha, para onde ambos se transportaram. A principio, viveram harmoniozamente; mas, depois veiu a dezavença. Chico, que ha dias projetára uma viajem, á sua terra natal, amanhecêra doente.

Fizeram-lhe mezinhas e ele não melhorou. A molestia inpiedoza avassalava o seu depauperado organimo.

Felismina muito ciumenta da sua viajem dizia dar um dôce se Chico se levantasse da réde. A' medida que decorriam os dias começou a sentir fortes delirios. Não podia quazi dormir e a imajem da sua companheira não lhe saia da memoria. Nesses desvaneios noturnos, mexia-se, de um para o outro lado da cama. A's vezes, tinha vontade de levantar-se e ir onde Felismina e castigal-a. A rapariga auzentou-se dá caza dele que a não mais queria ver.

Num dos dias do periodo da sua molestia Chico passara mal. Mas, no dia imediato, á tarde, quando não se notava mais no horizonte uma arestea de luz. ele saiu, para o quintal, que se comunicava com os dos vizinhos.

A noite vinha chegando. O céu pontilhava-se de estrelas e, como fizesse frio, a velha Leocadia recolhera-se cédo, aos seus apozentos, deixando aberta a porta da varanda.

Amanhecêra. A réde vazia denunciava que Chico ainda não chegára. Enquanto a velha Leocadia, tomando a caixa de fosforo, se dirijiu ao fogão, para fazer o fogo, a sua netinha foi sentar-se num banquinho e começou a olhar para o quintal arborizado e bem varrido, onde as galinhas ciscavam a procura de

comidas e os calangros, arranhando a areia, esquentavam-se á luz animadora do sol, que espiava pelo nascente. Começou, primeiramente a ver os pés do seu pae e esperou-o. Notando a sua demora, levantou-se. Ela quazi petrificada não poude dar um passo adeante. Parecia que o sangue lhe fujira das veias. Com muito custo, soltou um grito a que acudiram a velha Leocadia e a vizinhança. Extaticos ficaram e depois tiraram o corpo, levantando-se entre soluços e lagrimas uma prece fervoroza á nossa senhora das Dôres.

E o sol já ia alto aquecendo a terra. As flores já começava a dezabrocharem-se cherozas e frescas e quem por lá passasse, á hora do sol no zenite ou ao descambar do sol e demorasse o olhar á pequenita mangueira fraca e sem vigôr, de folhas amareladas oão diria que nos seus finos galhos o Chico se enforcára...

Tasso Amaral.

Sonêto

Tem quatro letras somente
teu doce nome, querida:
quatro, quatro, unicamente,
uma após outra em seguida

Acredito, piamente,
não existe nesta vida,
palavra menos comprida,
que seja mais eloquente.

Se tão somente isso fosse,
mas, não, teu nome é tão doce
o tem tamanha harmonia,

que, quando ri, o pronuncia,
parece que a luz do dia
bem dentro d'alma entrauhou-se!

GREGORIO DOS REIS

O Juri historico

Discurso pronunciado pelo socio Astrolabo Callas, servindo de promotor, no primeiro Juri historico da «Revista Maranhense», em que foi julgado o brigadeiro Falcão:

«Antes de encetarmos os trabalhos do juri que é hoje inaugurado na *Revista Maranhense*, compete a mim, na qualidade de promotor, rascunha-la ligeiramente. Para isso começo falando da sua origem. Dizem os mestres que ha uma atmosfera duvidosa sobre o seu logar natal. Querem uns que fosse lá nas longinquas paragens da Grecia antiga, outros que a sua raiz esteja na Alemanha. Seja aqui ou ali, o certo é que isso não nos compete agora investigar, pois a nossa missão nesta casa, se não é mais nobre, é de utilidade humana, porque a nós compete absolver todo aquele que esteja em harmônia com a justiça e condemnar todo aquele que esteja em desharmonia

A instituição do Juri estendeu os seus beneficos ramos por todos os paizes civilisados, assim veio até ao nosso, e a temos desde os tempos imperiaes, sem que nenhum artista a retocasse.

Na Inglaterra, onde teve ela o maximo grau de desenvolvimento, é, como entre nós, o egua julgando o egual, é o tribunal popular de consciencia, conforme a definição corrente. Não convém pôr agora em destaque os seus defeitos, pois bem sabemos que a instituição é perfeita e portanto os defeitos que surjem são causados pelo povo.

Srs. jurados! as perorações do advogado e do promotor, muitas vezes, não enfluem no espirito dos jurados; são palavras ao vento que se entrechoam como ondas bravias o mar. Não cauzam o mesmo efeito que os contos de carunchinha no espirito ainda em formação das creanças, contados pelas nossas avós, a cabeceira da cama, como principio de moral, nas noites em que a lua resplandece na vidraça da janela do quarto e nos faz crer na palavra santa da velhinha...

Não! os jurados agem de conformidade com o sentimento mais perfeito do homem—o sentimento da alma—a consciencia, quando é despida de paixões.

O Ensino Agricola nas Escolas Primarias

SEXO MASCULINO

Sendo a Agronomia uma sciencia preciza, o governo devia criar a lei do Ensino Agricola nas Escolas Primarias. Assim como o cathecismo, nestas mesmas escolas, está sendo ensinado, deveria, com melhor proveito, ensinar-se, tambem, noções de agricultura, a essas crianças, principalmente do interior do Estado, para que, desde cedo, aprendam a conhecer a sciencia que ensina cultivar os campos, para mais tarde a nossa agricultura progredir.

Pois que, quantos e quantos rapazes querem estudar essa sciencia e não teem o necessario para esse fim? E no entanto, estudando nas escolas primarias, terão algumas noções e podem, sem prejuizo algum, cuidar da vida agricola, que mais tarde irá se desenvolvendo.

Pois a agronomia, não é lá muito difficil estudar praticamente, pois ha muitos livros praticos: o A. B. C. do Agricultor, por Dias Martins; a cultura do milho, por Assis Brazil; a cultura do Abacaxy, por J. Tavares; as culturas da mandioca, do arroz, do feijão e varias outras, por Paulo Vieira Souto, etc.

Todos esses livros são praticos e podem, com quaesquer explicações anteriormente dadas a essas crianças, preencher o fim a que se destinar. Assim o ensino agricola desenvolver-se-á e então o Maranhão terá uma prospera agricultura e, por conseguinte, os cofres do Governo terão lucros e o Maranhão se tornará um Estado que produz e exporta, tanto quanto qualquer Estado do sul, principalmente a mandioca, o algodão, arroz, feijão, milho, assucar de canna, que dão optimos resultados aqui no nosso clima.

Se em todo o interior do Estado, fosse ensinada a agricultura, talvez não mais teriamos a rotina que é uzada, principalmente aqui no Maranhão.

Teremos assim mais tarde o trabalho racional, que contribuirá para acabar com o meio es-

tupido e deshumano da devastação das mattas, queima dos campos, o corte do palmito, que assim acabará com a exportação do côco babassú, a criação dos gados, tanto Suinos, como Bovinos, Cavalar, etc., á mercê da natureza, a criação de galinhas ordinarias, etc. Assim nunca que o Estado ou os municipios poderão progredir.

Muitas das epidemias que aqui tem aparecido, são, ás vezes, ocazionadas pela devastação das mattas.

O gado tem morrido pelo interior, motivo este, devido a queima dos campos, que vão ficando estereis, nascendo hervas prejudiciaes aos animaes, e, mais tarde, não mais produzirão o capim necessario para a manutenção do *gado*.

E assim, talvez para o futuro, não teremos criação, porque os fazendeiros não procuram melhorar o seu systema de criar; e, o rezultado disso, é termos de importar mais tarde dos vizinhos Estados, para o nosso abastecimento.

O ensino agricola nas Escolas Primarias, dará os melhores rezultados, pois os rapazes, deixarão a impressão actual de serem doutores, cuidarão mais da cultura dos nossos campos, para poderem enriquecer o Estado e assim, talvez, pagarmos as nossas dividas.

Pois o Sr. Dr. Presidente do Estado bem sabe que o Maranhão deve muito, e esta soma não será paga de outra maneira, e quem dá o lucro ou melhor as situações financeiras do Paiz, é a Agricultura.

O Sr. Dr. Presidente deve saber muito bem disto, porque tem o espirito superiormente illustrado.

Os Estados mais ricos, devem tudo somente á agricultura, que lá está muito bem conhecida e dezenvolvida.

Este Estado, ha muito está em uma crize assaz lamentavel.

Antigamente, o Maranhão era o primeiro. E hoje, está, em exportação, classificado como um dos ultimos.

Porque? Resposta facilima de responder: "Foi porque a sua agricultura decahiu", é somente por isso.

Leiam o Prefacio da 2.ª edição, do A. B. C. do Agricultor, por Dias Martins, que então encontrarão a verdade.

Terminando, entrego pois ao Sr. Presidente deste Estado, a idéa que acabo de aprezentar, e julgo talvez que será resolvido o problema não difficil.

—*Labor omnia vincit.*—

Josaphat Campeio.

Ex-interno do Aprendizado Agricola "Cristino Cruz".

Candido Rondon

De passagem para a capital da Republica, quando aportou nesta S. Luiz o distinto militar Candido Mariano da Silva Rondon, aqui recebera a noticia de sua promoção a general.

Quem é Rondon?

Patentear as qualidades que exhornam o caracter d'este im-

poluto cidadão, é tarefa que só cabe a quem maneja com facilidade a nossa lingua, por isso contentamo-nos apenas em leva as nossas saudações cordiaes ao benemerito cooperador da civilisação dos nossos aborigenes, trabalhando para que estes s aproximem da nossa convivencia, de modo a terminar por uma vez a odiosidade oriunda do que os nossos antepassados lhe infligiram.

Quem desejar apreciar a obra grandiosa do abnegado m Rondon, é só consultar o valioso trabalho do professor Roque te Pinto—*Rondonia*—e ahi contemplará o herculeo esforço d genial soldado.

Quando um distinto homem de letras paraguaio, D. Fran cisco Banios esteve no Rio em meados do ano p p., promove brilhante conferencia na Biblioteca Nacional e, ao referir-s á missão Rondon, elogiou-a calorosamente, admirando-a forte lesa moral, caracter e obra do nosso caro patricio.

Entretanto uma vez houve que insidiosamente se manifes tou contra a respeitavel pessoa do sr. Rondon e foi a do padr Molon, chefe dos salesianos de Mato Grosso.

Cremos que esse Molon é de nacionalidade italiana e assi vimol o se insurgir intra muros contra a dignidade do distint militar, da mesma forma como já uma vez se insurgira conti o seu superior hierarchico, o venerando bispo de Cuiabá, nosso digno conterraneo d. Carlos de Amorim, o mais velho dos pre lados brasileiros.

Mas a alma generosa de Rondon perdoou as alevosias a socadas á nobre missão que lhe fôra confiada pelo governo.

Deixou sosinho o rev. Molon entre as investidas do des peito e continuou o caminho trilhado pela sua purissima con ciencia a desbravar os sertões de Mato Grosso, dedicando-s de todo o coração á causa da civilisação dos nossos indigena

Os nossos parabens pela justa promoção a que fez jus operoso sr. Rondon, graças ao civismo e abnegação de que te dado sobejas provas.

J. Diniz.

Carta Pedagojica

Fran Paxeco.

Caro Mestre.

Nas nossas aulas dizeis que o trabalhador um heroi e que quem trabalha é um heroi de mesmo.

Caro Mestre, os anos encarregaram-se de mos trar-nos essa verdade, que mais se evidencia n vosso exemplo. Foi comvôsco que aprendemos ser perseverantes e não esmorecer á primeira curv que aparecesse, na estrada da vida.

Caro Mestre, numa dessas ultimas noites, apre ciando comigo mesmo, o movimento social, ma nifestado no Maranhão, vi que ele em grande part depende de vós. Aqui chegastes. Constituistes fa milia e mostrates-nos o mesmo trabalhador infa tigavel, o mesmo jornalista que, em Portugal, ani lizava dezapaixonadamente, sem receio de mos rer, os atos exajerados dos monarcas bragantinos

Tornastes-vos maranhense pelo coração e par proval-o destes "O Maranhão" e outros bons l vros que ornam a nossa estante.

Caro Mestre, haverá alguem que diga não te des feito coisa alguma pelo Maranhão?

Se o houver, perguntai a quem se deve a dur ção e fundação da "Officina dos Novos", a quem deve a criação e dezenvolvimento da "Academ Maranhense", do "Centro Republicano Portugues da "Faculdade de Direito do Maranhão", do "Co gresso Pedagojico", etc.

Nas reuniões do Congresso Pedagojico o Maranhão lucrou muito e muito e lucrará ainda mais, quando se imprimirem as tézes aprezentadas, produtos do estudo e experencia do nosso professorado illustre.

Caro Mestre, ao começar, não tencionava fazer a vossa bigraphia e sim mostrar-vos a conveniencia do prolongamento dos trabalhos desse congresso pedagojico que é util e muito util ao professorado maranhense, porque nele se aprende; trocam-se ideias; elucidam-se espiritos. Portanto o prolongamento das sessões do Congresso Pedagojico e o seu não perecimento se fazem mister.

Caro Mestre, conscio de que tomareis em consideração esses mal alinhavados periodos, aqui fica, confiando na vossa sabedoria de educador consciente do seu dever.

Do am.º

Tasso Amaral.

Num postal

Estavas rizonha, bonita e formoza
Olhando vaidoza p'ra os prados em flôr;
Talvez esperando quem tinhas prendido
No aroma subido do teu casto amor!

Fiz-te enlevado de amor e de espanto
Por tão grande encanto que eu via sorrir
Na tua beleza, que tinhas, querida,
Tão limpa e subida, no rosto a florir!

Zombavas, portanto, vaidoza, de mim,
Deixava-me assim nos teus olhos sonhar
E tu tão bonita, tão meiga e formoza
Pairavas airoza no meu doce olhar.

Que lindos momentos eu tive esse dia!
Que terna alegria em meu peito senti!
Tu quaze que ouvias o meu coração
Dizer a paixão que eu sofria por ti!. . .

Quizera que, ao menos, teus olhos virasses,
Que me contemplasses assim tão tristonho
Talvez tu me désses um outro passar
Melhor que um penar doloroso e medonho.

E tu como rias, a tudo, contente,
Tambem sorridente me havias de olhar,
Então gozaria em teu rosto moreno
Teu rizo sereno, com graça, cantar.

Seria p'ra mim um remedio singelo
Tão meigo e tão belo, seguro e perfeito
Que vinha abrandar os mais fortes rigores
Que estavam nas dores queimando o meu peito.

Seria feliz se me désses, querida,
Um pouco de vida no teu casto amor;
— Teria da Terra a mais rica vitoria
Do Reino da Gloria teria o primor!. . .

S. Luiz.

CURSINO DE AZEVEDO.

Da Faculdade de Direito do Maranhão.

Carta aberta

Meu caro Souza Bispo.

Foi a 3 de Novembro ultimo, quando da commemoração ao cantor sublime de Yjuca-Pirama, commemoração promovida pela Revista Maranhense, esse punhado valoroso e pujante de jovens, esperança risonha do nosso Estado, deste Maranhão tão culto e tão prospero, que, para ventura minha, tive o ensejo de conhecer-te e ouvir-te numa bonita peroração ao genial poeta conterraneo Gonçalves Dias.

Após as tuas ultimas palavras, que foram ditas na encantadora lingua Tupi, a lingua que, tão bem, sabia Gonçalves Dias, quando a musica juntava, num dobrado enthusiasta, os seus applausos aos muitos dos que acabavam de ouvir a tua peça oratoria, eu comecei a inquirir sobre a tua pessôa, ávido de conhecer, muito de perto, o moço orador que era o alvo de toda aquella massa e que estava sendo abraçado e felicitado calorosamente, pois que, eu, tambem, como os outros, sentia a mesma animação, produzida pelas tuas palavras. Chegára, havia pouco, de Caxias, a minha terra, a terra onde nasci, e de vista, conhecia muito pouca gente, em São Luiz. Digo de vista, porque do nome eu os conhecia a todos, quasi, vocês da «Revista».

Depois de me dirigir a um moço que estava junto a mim, sem, entretanto, obter os esclarecimentos que desejava quando o magestoso prestito já se punha em movimento, caminho da praça onde o genio, glorificado em marmore e cercado de verdes e farfalhantes palmeiras, as suas lindas palmeiras, o mar, esse mar revolto e mau que nol-o roubou, um rapazito que seguia a meu lado e a quem eu pedia pormenores a teu respeito, me respondeu, fallando-me desse modo: «Aquelle moço que discursou ha pouco, com tanto agrado, é o Souza Bispo, lá de Barra do Corda, esse formoso pedaço do Maranhão, esse ninho de paz e de trabalho, a terra do nunca esquecidos poeta Maranhão Sobrinho e do brilhante jornalista Frederico Figueira, o velhinho de alma e coração de moço que é a figura representativa da imprensa do nosso sertão. «O Norte», que obedece á sua intelligente direcção, é um jornal que muito eleva o nosso Estado e que, colloca, muito alto, lá fóra, o nome desse uberrimo sertão maranhense, berço querido e santo das tuais fulgurantes intelligencias que fizerem a Athenas Brazileira, nome por que, de ha muito, vem sendo conhecido o nosso Estado, esse veio de ouro que faz brilhar, de momento a momento, no mundo intellectual, uma nova intelligencia, mais um apostolo do saber.

E sempre, com muito enthusiasmo, fallando de Barra do Corda, do sertão, de ti e da figura sympathica de Frederico Figueira, o historiador da alma sertaneja, elle, o moço que fallava, terminou a sua bem feita informação, mesmo porque o cortejo civico parava, e outra vóz, d'um outro redactor da «Revista», fazia-se ouvir eloquentemente, a cerca de Gonçalves Dias, o glorificado, o poeta divino.

* * *

Foi essa, meu caro Souza Bispo, a primeira vez que te vi e, dias após, eramos apresentados um ao outro, pelo Astrolabio, outra figura de muito destaque, ahi da «Revista».

Tive a ventura de, pela segunda vez ouvir-te, gosar por algum tempo, a tua fluente palavra, tão simples e tão sincera, a 24 de Fevereiro, data da promulgação da Magna Carta que nos rege, passagem solemnemente festejada pela «Revista».

Emfim, meu caro Souza Bispo, eu, apesar de não ter a competencia devida para avaliar o teu merito, entretanto, com esta carta aberta, desejo enviar-te os meus applausos e a minha admiração ao teu espirito emprehendedor e incansavel.

Teu amigo,

Juca Abreu.

São Luiz, 15 de Março de 1920.

SONHO

Morto de sêde, exausto de fadiga,
Andei um dia, errante, no deserto
Da vida. E por abrigo e fonte amiga,
Me deste rindo, o teu amor aberto.

Um dia andei no areal que o sol fustiga. . .
E, sedento, uma fonte tive perto. . .
Mas quando quiz matar a sêde antiga. . .
Linda, passavas e eu fiquei alerto!

E puz-me a olhar-te como um louco, vendo
Teu vulto amado que, alvo, no horizonte,
Se ia de pouco desaparecendo.

E desappareceste!. . . O' dôr! ó magua!
Voltou-me a séde, e a vêr mirrada a fonte
Fiquei sem ti e sem a gota d'agua.

OURESTES MOURÃO

Falénas

Eu me sinto tão só no conflito irremediavel entre o dormir e a vigília, desasocegado na cama, vencido na luta de querer dormir sem poder.

E quem poderá viver numa quasi felicidade sem, um pouco embora, confundir-se aos clamôres e ás lutas do mundo?

Se cada um responde por seu temperamento, é responsavel pelas atribuições á sua organização, ninguem se póde fugir das mesmas influencias do meio, estravagantes, ás vezee, até mesmo fazendo rir a gente.

Benditas sejam as résteas de luz que penétram no silencio infindo que me cérca, trazendo bençãos á imaginação tão perdida, distante de mim, errante numa vastidão insondavel.

Estou crente demais desse sistêma filozófico que destitue do homem a liberdade—o fatalismo. Ninguem é liberto, tendo por servidão o pensamento.

Basta . . eu me acalento com a tonalidade crepuscular da luz que vem dos lampeões da rua, quando recordações desregradas, nesta noite de insonia, perpassam por minha imaginação, como fantasmas, zombando da inteligencia e da vontade.

Como dormir na confuzão dum inferno e na iluzão dum paraiso?

Eu me vejo num ambiguo devaneio, num misto de amor e saudáde, com a sensação dum sonho, de flôr em flôr, de onda em onda, oscilando na grande imensidade.

E perturbado me vejo, incerto na embriaguez de mim mesmo, como um ser engaiolado que anceia a liberdade.

Não sei se me pertenço. O espirito rumina um passado que nem sei se vivi,e, se procuro antever o futuro, trago ao intimo um desses sentimentos de inquietação, uma aflição inaudita que o orgulho de homem reprime, como ocultando de si a percepção da impaciencia

Ha sempre na vida inefavel ventura em recordar o passado, reviver uma vida já vivida, que, na realidade, desbotou, mas a imaginação faz côr de róza, matizando-a, dia a dia, com a tinta suprema da felicidade.

E quem não sonha ou não sonhou um dia, alheado de si, abstraido, vagando inconsciente num infinito sublime?

Desperte-se, depois. . .

O homem vive constantemente aspirando uma felicidade que não parece existir na térra Nem as virtudes, as riquêzas, a saúde nol-a dão!

A virtude só se rende, exigente como é, depois de sacrificios escabrózos e capitchózas privações. O pôbre anceia a riquêza; o rico aflige-se com o desasocego que o pêzo do oiro lhe dá. Nem mesmo a saúde traduz felicidade, porque, inconstante e caduca, não priva os sentimentos de dissabores e paixões.

Finja-se essa felicidade na térra, com toda a prepotente fecundidade que o cerebro humano permite.

* * *

A madrugada demóra. Só ouço o monotono tic-tac do relogio, em cima da mezinha, e, de vez em vez, o ladrar dum cão quebrar o silencio profundo que está sobre a terra.

Mario de Carvalho.

Secção academica

DA CAPITIS DIMINUTIO

E' bem flagrante a vaidade a que me arrojo, tentando trazer a lume opiniões minhas em assumpto juridico, o que está muito aquem do alcance de um simples iniciando.

Ainda é cedo, confesso, para que eu possa expender theorias acerca do um estudo a cujos portaes apenas assomei, mas não está em mim reprimir os impulsos desta vaidade, filha, talvez, das tradições historicas que tanto honram os creditos litterarios do Maranhão.

Não devo, por isso, preambular muito para entrar no assumpto que tomei para este despretencioso trabalho.

Não é nenhuma novidade do officio juridico que para aqui venho trazer, é tão sómente um precioso átomo das proveitosas lições que vimos bebendo na Faculdade.

Entremos no assumpto.

Quando no decorrer do programma de Direito Romano estudámos os requisitos da personalidade physica vimos que a capacidade juridica era um dos seus elemen os capitaes.

Essa capacidade era fundamentada pelo concurso do *status* comprehendendo a liberdade a cidade e a familia.

Dada a imperfeição ou quebra da harmonia desses tres estados essenciaes da capacidade apparecia a *capitis diminutio*, que é o alvo desta dissertação.

A *capitis diminutio*, como sabemos consistia no desapparecimento de qualquer um dos elementos da capacidade havendo primazia da *libertas* da sobre os outros dous *capitis diminutio maxima*.

A *media capitis diminutio* importava na perda do *status civitatis*, aggravando tambem o *status familiæ* e é esse o ponto culminante deste assumpto.

Penso que poderei assimilar o *status civitatis* dos romanos á nossa *cidadania*.

O *status civitatis* exigia do homem a condição de ser cidadão romano para poder concorrer á capacidade juridica, da mesma sorte que a nossa constituição estabelece condições para que o brazileiro goze dos direitos de cidadão e o codigo civil confere a todos os homens nacionaes ou não a capacidade juridica, respeitados os casos especiaes consagrados no mesmo codigo.

Esse principio se afasta do direito romano que não concedia capacidade juridica aos *peregrinos* ou *extrangeiros*.

Entre os romanos a perda do *status civitatis* se verificava pela condemnação a trabalhos publicos perpetuos, por interdicção, etc.; pela constituição o cidadão brazileiro soffre suspensão ou perda dos direitos de cidadania.

A suspensão occorre por incapacidade physica ou por condemnação criminal e desapparece quando cessam os effeitos da causa que a determinou.

A perda tem applicação quando o nacional se naturali-

em paiz estrangeiro ou acceita emprego ou pensão de governo estrangeiro, sem licença do Poder Executivo Federal.

Neste ultimo caso se dá a reacquisição dos direitos de cidadão quando sejam observadas as regras estabelecidas no decreto n. 569 de 7 de junho de 1899.

A reacquisição do *status civitatis*, foi uma circumstancia que não cheguei a observar no estudo do direito romano.

Estabelecida a assimilação entre a *media capitis diminutio* e a suspensão dos direitos de cidadão chegamos ao amago do thema.

A constituição tratando das qualidades do cidadão brazileiro estabelece com condição essencial para o alistamento eleitoral a maioridade desses cidadãos, considerando inalistaveis entre outros as praças de pret, exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior (art. 7o, § 1.º, 3.º).

A interpretação que dou a esse texto é que a praça de pret perde parte da sua capacidade civil uma vez que lhe é vedado alistar-se como eleitor, sendo em consequencia disto inelegivel.

Ainda pelo art. 86 da constituição, todo o brazileiro é obrigado ao serviço militar em defeza da Patria e da Constituição na forma das Leis federaes e esse serviço militar é hoje obrigatorio mesmo nos periodos normaes, ex-vi da lei n. 1860, de 4 de janeiro de 1908, modificada pelo decreto n. 12.790 de 2 de janeiro de 1918.

Nessas condições nenhum brazileiro se poderá esquivar de pagar o seu tributo á patria e esse tributo começa a ser exigido justamente quando o cidadão entra na phase natural de sua capacidade civil, isto é, aos 21 annos.

Entre as suas primeiras preoccupações está certamente a de se fazer eleitor, dignidade essa que lhe é portadora de immunidade especiaes.

Atingido esse eleitor pelo sorteio militar e incorporado ás fileiras é uma praça de pret e como tal fica sob a influencia do art. 70 da Constituição perdendo as garantias eleitoraes de que já gosava.

Omso affirmar que essa imperfeição ou quebra de direitos é bem uma *capitis diminutio* ou uma suspensão de direitos civis que soffre o brazileiro quando necessariamente está prestando á sua patria os seus melhores serviços.

E' isso um principio de retroactividade, uma vez que o eleitor legalmente alistado perde esse direito desde que passe a prestar o serviço militar obrigatorio.

O titulo de eleitor é um direito adquirido, porque o começo do seu exercicio tem termo prefixo e nesse caso não pode ser prejudicado pela execução de uma lei cujos effeitos apparecem depois da acquisição desse direito.

Isto mesmo está consagrado no artigo 3.º da introducção do nosso Codigo civil.

E' esse um caso commum não previsto pela Constituição e que não deve ficar na obscuridade, visto como o soldado representa uma entidade respeitavel no espirito patriotico.

Perdôem-me os mestres se ha nessa minha opiniãc algum dislate attendendo a que tudo o que ahi fica é consequencia dos poucos elementos juridicos de que dispõe um simples calouro.

JOÃO RIBEIRO,
Da Faculdade de Direito do Maranhão.

Comandante Eurico dos Santos

Satisfatoriamente, rejistamos, nas paginas da nossa Revista o aniversario natalicio do comandante Eurico dos Santos, atualmente á frente do «24 batalhão de caçadores». Desnecessario se tornar pormenorizarmos a sua personalidade da qual a imprensa indijena se ocupou no dia do seu genithaco. Nomeado, para o «24 batalhão de caçadores», o comandante Eurico dos Santos procurou, em primeiro lôgar, tornar-se estimado da oficialidade e inferiores desse batalhão. Por esse motivo, o aniversariante recebeu inumeras felicitações, por parte dos seus amigos.

A Revista Maranhense que tem recebido do ilustre militar provas do seu exemplar cavalheirismo, envia-lhe e ás suas estimadas filhas os seus saudares.

Pela instrucção

Infelizmente no nosso Estaco, este que chamámos de Atenas Brazileira, grande parte de sua população, muito principalmente no interior, se acha entregue ao negrume tirano do analfabetismo.

Dizem-se e com muita razão que os sorteados desses lugares são completamente ignorantes.

Há por ahi quem diga que, feito o sorteio, vão sorteados rapazes não analfabetos e de bôa familia; mas que os chefes politicos trocam por pretos e cabôclos da aldêia...

Engano, puro engano; pois se nesses lugares domina o analfabetismo, sem ter um colejio para combater tamanho mal, como pode haver rapazes instruidos?

Não ha duvida que todos eles dão rapazes inteligentes e de familias distintas, esses, porém, são sorteados na cidade onde estudam. Em Penalva ha apenas um colejio de meninas, de que é professora a senhorinha Maria Roza Martins, esta é realmente muito digna, baetante competente e muito se tem esforçado, esparjindo no espirito do belo sexo a luz da sabedoria.

Ainda não nos foi, porém, coado um colegio onde os rapazes possam solver o suco bemaventurado do saber e somente naquela se rezumem as cazas de doutrina daquela terra.

E assim é que não somente Penalva como muitos municipios sofrem pela mesma pena.

Benedito Augusto
Do Instituto Atheniense.

Orestes Mourão

Fomos honrados neste mez, com a vizita do distinto môço sr. Orestes Mourão, inteletual sertanejo, filho de Grajahú, a linda e comercial cidade cerrana.

Tipo insinuante, Orestes Mourão, que não vê os obstaculos no seu caminhar firme atravéz da vida, dá-se ao belo sporte da inteljgencia, não obstante os multiplos afazeres da vida comercial que, para atender as exigencias do meio em que vive, abraçou desde criança. E' um lutador.

E' um forte que se não verga ao pezo das responsabilidades assumidas.

Altruista e geniolatra, empenhou-se, com outros da sua tempera, e, não medindo as fadigas, fundou em 1916 o jornalzinho manuscripto *O Telescópio*, onde um trenar feliz de quem queria vencer, reproduzia o seu sentir de moço inteligente e sincero.

Não satisfeito, e exhausto já de escrever, á mão, um jornal, rezolve, levando de verificar todos os obstaculos, fundar outro que, substituindo «O Telescopio», fosse o transmissor fiel das idéas novas duma pleiade valente de jovens fortes no querer—e a sete de Setembro de 1919 circulou o primeiro numero do jornal, impresso em prelo de madeira, denominado *Céo do Sertão*.

Poéta, Orestes Mourão, ha produzido belas poezias, sonétos inspirados, onde se aprecia a beléza de sua alma de artista.

Terra Saudoza é uma produção impregnada de saudades de filho amantissimo, que sente correr-lhe nas veias, o sangue de sertanejo—arrogado e valente.

Aos que soffrem

Contra a anemphias:—Hemzeol, Elixir de chinoegra, Tintura de assacú, etc.

Contra a tuberculose: Morrhuol de Chapoteaut, Calcibina Methylarsinicola, Ferro-Somatose, etc.

Contra a Diabetes: Gottas de Iotharsyne, Pilulas Sejourner, Vinho de Pesqui, etc.

Contra as molestias do estomago e dos intestinos:—Hepatolaxina, Neutralisina, Bipepsogin, etc.

Contra as doenças do figado:—Comprimidos, hepatiques Chaix, L. Eskenol Clément, Licor dos inglezes, etc.

Contra as constipações e tosse:—Vegetalize Dubois, Leptandrine Royer, Comprimidos Thiocol Roche, etc.

Contra febres:—Vacina paratiphica, anti-typhica, Arsequinina Loimatre em polas, etc.

Contra a historia, epilepsia e neurasthenia:—Gotas de phosphovinato de oiro Jolhy Tribromoreto Gigon Valéra bromina Legrand etc.

Contra as doenças das senhoras:—Philagyna, Ovariomastina, Pilulas Hélémiennes de Nand etc.

Contra as doenças dos homens,—Gerseptol, Gonsson, oro anti-gonococcico etc.

Contra a falta de dinheiro:—Uma caderneta da Empreza Predial do Norte que já pagou premios no valor de mil e tantos contos de reis!

PHARMACIA DO NORTE

Praça João Lisboa 12

REGULADOR GARRIDO

(NÃO HA RIVAL)

O regulador garrido cura soberano contra as Flores Brancas ou Leucorrhéa, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, da Blenorrhéa, o Chloro, as Purgações Chronicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorroidas das senhoras, o Catarro do Utero a Suppressão da Menstruação, Aquelles Nervozos, a Falta de Menstruação, a Palidez das Moças e o Reguitismo das Meças.

O Regulador Garrido, o melhor Topico Calmante dos Ovarios e do Utero

O «Regulador Garrido», pode ser uzado por longo tempo e em qualquer cazião, sem causar mal nenhum algum ao doente

DEPOZITO GERAL, na Farmacia GARRIDO.

RUA OSVALDO CRUZ

Maranhão.

Pilulas de feto macho

CONTRA VERMES

Farmacia Santos

Rua de Sant'Ana 132

Mercearia Neves

Recebeu pelo «Baia» e vende barato, xarque platino especial, feitão do Rio, manteiga, praia, amendoim preto e farinhas brancas; queijo prato e penedo, maçãs americanas, repolhos especiais, tamaras aos kilos e muitos artigos novos.

Vêr para crer

Na ALFAIATARIA GUÊDES, á rua de Santana, canto com rua 28 de Julho, prepara-se com prontidão e esmero todo e qualquer serviço por preço modicos.

Esperimentae!!!...

Ourivezaria Perola

— DE —

Jczé L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijuteria

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-laines, rozetas, aneis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para penci-nez, porta-leques, voltas de coral, teteias, etc.

Preços baratissimos.

Asseio e muita arte.

Rua Osvaldo Cruz, 9—Rua Osvaldo Cruz, 9

Padaria Venêza

Nesse estabelecimento comercial vendem-se, barato bolachas, biscoitos finos etc.

Aviam-se encomendas para a capital e interior do Estado.

Rua Osvaldo Cruz—100

TINTURA PRECIOSA

JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas, — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

CASA BORDALLO

72—Rua Oswaldo Cruz—27

Chegou, pelo ultimo vapor, o que pode haver de mais CHIC em calçados da ultima moda, para senhoras, homens e crianças, dos melhores fabricantes.

Preços sem competidor

Peitoral de Contra Herva e Jambú Composto

Soberano Remedio

Approvado e licenpado pela Directoria Geral de Saude Publica, sob n. 1180 de 13 de Dezembro de 1919.

Infalivel contra as molestias do peitos

Cura as tosses pertinazes, incessantes, as bronchites agudas ou chronicas, as dôres do peito, da garganta, accessos de asthmae, falta de ar e emfim, todas as perturbações do apparelho respiratorio, produzidos por constipação, accessos de grippes etc.

Deposito Geral:

PHARMACIA CRUZ

Candido A. de Carvalho Cruz.

Rua Nina Rodrigues n. 65.

MARANHÃO

Selos e Livros Antigos do Brazil

Compra-se qualquer quantidade do Brazil. Importador exportador e comerciante em selos para coleções e outras curiozidades brazileiras. Dirijem a

L. GRAVINA

Rua Miguel de Saira, n. 200—Rio de Janeiro

Clinica cirurjico-dentaria

DO CIRURJIÃO-DENTISTA

Porciuncula de Moraes

Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e ex-interno de clinica odontologica do Hospital de Mizericordia d'aquela cidade.

SERVIÇOS GARANTIDOS e executados por processos modernos

Operações absolutamente SE DOR

Consultas todos os dias uteis, exceto às quintas feiras, que reserva aos trabalhos proteticos.

CONSULTORIO:

Rua Nina Rodrigues n. 1—(Praça João Lisbôa)

Alfaitaria Santa Cruz

RUA DE SANTANA, N. 4

Na Alfaiataria Santa Cruz, obtem-se por modico preço qualquer serviço que a compete sendo garantido

Prontidão no serviço e habilidade na arte.

AVIZO

—Os nossos socios, socias e ajentes podem quando quizer enviar trabalhos literarios: contos, poezias, charadas, etc., que publicaremos gratuitamente.

—Toda e qualquer correspondencia deve ser dirijida a rua cel. Colares Moreira, n. 21 ou á praça d'Alegria, n 5.

Ja iniciamos a cobrança das assinaturas do corrente ano. Pedimos aos nossos ajentes e ás nossas ajentes que nos informem do que têm feito pela «Revista».

pego, Humberto caiu: tentou levantar-se, mas os joelhos se lhe dobraram.

Então pôz-se a chorar... chorar. De repente exclamou — «Jezus!...»

Tinha, enfim, chegado a noite.

O pobre Humberto, com o coração despedaçado, tinha perdido a voz:—olhava, sereno e mudo, para a lua, que se elevava dispersando a escuridão e dando uma bela côr de prata á natureza. O desgraçado, morrendo á fóme, pensou na familia e, abrindo desmesuradamente os olhos, firmou um fantasma: crispou as mãos, ergueu-as e cingiu o espaço; subitamente, em seguida, deu um horrivel grito, que se perdeu na imensidade.

Depois quiz levantar-se, porem, sendo o esforço inutil, caiu, tremulo, de costas, para não mais se erguer.

Uma porção de areia veio cobrir-lhe o resto. E o vento continuou a soprar frio, mais frio...

1919

Clovis Gomes.

O livro

O livro na historia
E' mestre perfeito
Que ensina direito
do mundo as lições;
Dá lûz á victoria
E aos vis malfeitores...
E aos grandes doutores
Lhes dá instruções.

O livro é dotado
De um modo fecundo
Que rege este mundo
Na lei da verdade
Por tanto cuidado.
Cautela com o heróe
Que tudo destróe
Com parcialidade

Preciso cautela
Com o mestre querido
Que é o livro nascido
Da ciencia do bem,
E' lême e não véla
Da barca querida
Que sulca da vida
Nos mares de além

Se um dia sulcando
De idéias o oceano
E o vento tirano,
Viér em tufões,
O lême faltando
A vela enfraquece
E a barca extremece
Num mar de ilusões!.

FELIX SAMPAIO.

Lingua portugeza

I

Verbo — *Rehaver* — Segundo Julio Ribeiro, este verbo não é usado nas tres pessôas do singular e na 3.ª do plural do indicativo prezente, no imperativo e no subjuntivo prezente.

Segundo Carlos Pereira ele só tem os tempos em que se conserva o *e* rehavermos, rehaveis, rehavia, rehouve, etc. Combinando essas duas regras facil é formar a conjugação de tal verbo.

II

Odiar — Julio Ribeiro conjuga esse verbo irregularmente, fazendo acrescentar um *e* antes do *i* em algumas pessôas: odeio, odeias, etc.; e o mesmo faz Carlos Pereira; ha, porém, uma tendencia moderna para torna-lo regular, apezar de que o dicionario de verbos irregulares por T. do R. mantém a irregularidade com o acrescimo da letra *i*, como acima dissemos.

III

O verbo *carpir* não se emprega nas formas em que ao tema se deva seguir *a* ou *o*.

IV

O verbo *remir* segundo aquele tratado conjuga-se: rimo, rimes, rime, rimem, rime tu, rima, rimas, rimamos, rimais, rimam; em geral, porem, conjugam: redimo, redimos, redime, remimos, remis, redimem, redime tú, remi vós, etc.

O Sr. Carlos Pereira diz: remir e redimir são formas do mesmo verbo. Esta, porem, substitue aquela, sempre que houver confusão com as fórmas do verbo rimar.

Não vejo nenhuma razão para confudir a conjugação dos dois verbos, quando o sentido bastaria para distinguir o verbo remir do rimar.

Tantas ciosas ha que têm a mesma forma com acepções diversas, mas que nós sabemos distinguir perfeitamente pelo sentido.

V

Sobre o verbo *Avir* escreve Julio Ribeiro: Conjugam os verbos *avir* e *desavir* com as flexões de haver dizendo: ele tem de se haver comigo; os socios se desouveram, devendo ser: elle tem de se avir comigo; os socios se desavieram.

Sobre isto escreve C. de Figueiredo: desavir não se compõe de vir, mas sim de avir que é forma evolutiva de advir.

Desaver-se é cousa que nunca houve e haver-se não é o mesmo que avir-se; houve-se com ele, ha de se haver comigo não é o mesmo que avéio-se com ele, comig se ha de avir; é quasi o entrario.

VI

Haja vista o dr. Procurador Fiscal. Tomo nesse exemplo o verbo haver com a significação de ter, como si dissessemos: tenha vista o dr. Procurador Fiscal; sendo assim o sujeito será: o dr. Procurador Fiscal; o predicado — tenha vista ou veja.

Sobre esta construção escreve, no Correio da Manhã, o sr. Candido Lago: Diz o sr. Pyrrho em sua missiva: Creio ser erronea a fraze: hajam vista os casos. Em resposta declaro-lhe que a fraze é correctissima, porque o verbo haver, neste exemplo, não é impessoal; o sujeito é casos e o objeto direto é — vista". Não obstante citarei os seguintes exemplos que fazem construção diferente: "Haja vista as graciosas e admiraveis fabulas de Lafontaine" (Cahtilho) "Haja vista dos dos que elas reprezentam na cadeia da creação" (Camilo).

"Haja vista minhas cartas de Inglatera". (Ruy Barbosa).

Baseado nesses exemplos escreveu o professor Julio Pires que a expressão *haja vista* é invariavel e acrescenta: O verbo haver é usado impessoalmente, tendo por sujeito o substantivo vista; é uma expressão verbal que tem por objeto direto os vocabulos seguintes que não se empregam regidos de preposição.

Eu continuo com a opinião de Candido Lago até que encontre no Padre Vieira a construção verdadeira, que ponha termo á duvida.

José Augusto Corrêa.

O burro e a cadelinha

Um burro por companheira
Tinha certa cadelinha
Com quem o dono brincava
E na meza se entretinha.
Disto invejozo buscou
Tambem ver se conseguia
Fazer as mesmas gracinhas,
Que a cadelinha fazia.

Um dia entra o dono em caza,
O burro pôz-se a bater
E as patas lhe procurando
A cara para lamber.

Grita o homem e os criados
Logo acudindo á voz sua,
Vão-se ao burro, e em pancadas
Põem-no no meio da rua.

MORALIDADE

Ninguem se mêta a fazer,
Importuno e entremetido,
Aquilo, estouvadamente,
Para quem não foi nascido.

Cante o muzico; o letrado
Dê conselhos: de su'arte
Fale o artista; reze o padre
O militar fale em Marte.

Quem faz o contrario disto,
Pensando agradar, ofende;
Cauza nôjo o que é finjido;

A ter graça não se aprende.

EZOPO—Extr.

SOCIAIS

Fizeram anos, em janeiro:

— a 19, nosso assinante capitão Canuto da Silva Muniz, funcionario do escriptorio da Companhia das Aguas de S. Luiz.

— a 20, a joven e aplicada quartanista do curso profissional do Liceu Maranhense, senhorinha Maria Tereza Balata.

— a 30, o capitão Ciro do Lago, nosso assinante.

Faz anos neste mez:

— a 1.º estudante José de Riba-mar Ferreira

ALFREDO NEVES DE OLIVEIRA

Da capital do paiz chegou o capitalista Alfredo Neves que fôra a passeio.

DEPUTADO JOSE' BARRETO

Da capital do Paiz, onde reprezenta o nosso Estado, na Camara, chegou esse deputado, cujo dezembarque foi concorridissimo.

O dr. José Barreto, que esteve, anos consecutivos, feito deputado estadual, tem, no jornalismo deixado traços brilhantes da sua organização não comum.

A Revista Maranhense apresenta no seu socio honorario os votos significativos de boa vinda.

SENADOR COSTA RODRIGUES

O Maranhão rejubilou-se, neste mez, pela passagem do anniversario do senador Costa Rodrigues nosso reprezentante no senado federal e illustre facultativo.

Ele é um desses que se tem feito valer pelo esforço e constancia de uma vontade perseverante, que se não verga ao passar a mais sutil viração.

Formando-se, entregou-se á clinica e no Maranhão não ha uma pessoa siquer que não traga na memoria os esforços despendidos por ele, á cabeceira do infermo, quasi moribundo e esperançozo. Nas empedimias que assolaram esta capital, diversas vezes, ele fazia parte da legião de medicos, que penetrando aos domicilios, levavam a luz confortadora da ciencia que curava e vencia.

Por tudo isso que fez e mais pelo que tem feito e que ha de fazer pela grandeza futura deste Maranhão querido a *Revista Maranhense* o saude veementemente.

ENLACE

Registamos, satisfatoriamente, os esponsais do nosso confrade Bidico de Rodrigues, realizados, nesta capital. Ao novel par as nossas saudações.

PELAS ACADEMIAS

Por noticia particular sabemos ter feito o primeiro ano de medina, no Rio de Janeiro, o nosso conterraneo Ives Nina Parga e concluido o curso de medicina o esperançozo moço Alfredo Ramos Bastos.

WINTOR GODOIS

Seguiu, pelo *Pará*, em 26 de janeiro ultimo, para o Rio o nosso joven e distincto conterraneo sr. Wintor Barbosa de Godois, quinto annista do Lyceu Maranhense e filho do Dr. Antonio Baptista Barbosa de Godois.

Todos os seus exames nos diversos annos do Lyceu correram brilhantemente sendo, neste ultimo anno, approvado em todos com distincção.

Deixa, por isso, elle aqui, na sua terra, as sympathias dos professores e a larga amizade dos seus collegas de Lyceu para os quaes mostrou-se sempre um amigo dedicado.

Ao Wintor, a *Revista Maranhense* deseja uma feliz viagem e um brihlantne futuro.

O MARANHÃO PEDAGOJICO

O Maranhão já tem o seu Congresso padagojico e amanhã terá o seu Congresso de lavradores; continuando o movimento é preciso que as outras classes se manifestem, para que todas solidarias trabalhem pela revindicação de uma terra e pela ressureição de um povo. Da Faculdade de Direito recebeu-se esta circular, que foi respondida pelo oficio que a segue:

Secretaria da Revista Maranhense, 15 de janeiro de 1920.

N.º Sr.

Junto a este vos enviu a resposta do convite feito pela Faculdade de direito á *Revista Maranhense*, na circular datada de 1.º do corrente.

De ha muito, que se fazia mister a existencia de um Congresso Pedagojico em nossa terra.

Nele, poder-se-ão discutir, luminozamente, os assuntos citados, na referida circular e outros que não são de menos importancia e com os quais, de quando em quando, nos encontramos no majisterio publico.

A *Revista Maranhense* que sempre esteve e tem estado patrocinando as bôas e aproveitáveis ideias não podia absolutamente esquivar-se da desvanecedora e imerecida prova de distincção, demonstrada pela Faculdade de Direito, o unico estabelecimento de instrução superior, existente no Maranhão e do qual fazem parte os conhecidissimos e ilustres educadores drs. Godofredo Viana, Fabiano Vieira, Antonio Lopes, Antonio Bona e prof. Fran Paxeco.

A *Revista Maranhense*, agradecidamente, franqueia as suas columnas e far-se-á reprezentar nos trabalhos desse util Congresso Pedagojico.

Saude e fraternidade.

José J. Monteiro, Director.

S. Luiz, 12 de janeiro de 1920.

Exm.º Sr.

Havendo a Faculdade de Direito do Maranhão rezolvido promover um congresso pedagógico, o qual se realizará de 22 até 26 do vindoiro mêz de fevereiro,—temos a honra de convidar v. exc.ª a comparecer ao aludido congresso e a tomar parte nos seus trabalhos.

Juntamos o boletim de inscripção, inserindo a seguir o programa dos assuntos que podem versar-se:

I. *Educação fizica*:—Jogos e brinquedos. Canto coral. Desportos. Higiene escolar e doméstica. Inspeção médica. Assisténcia aos estudantes pobres, Caixas escolares. Cantinas Balneários. Colónias de férias.

II. *Educação intelétual*: — *A)* Música. Dezenho. Lingua materna. Escrita e leitura. Aritmética e geometria. Sciéncias naturais. Geografia. História. Algebra e trigonometria. *B)* Astronomia. Fizica e quimica. Linguas estranjeiras. Psicologia. Filozofia. *C)* Trabalhos manuais. Agricultura e economia.

III. *Educação técnica*:—Relações do ensino primario, secundário e superior com o ensino agrícola, veterinário, médico, juridico, industrial e comercial.

IV. *Educação moral*:—Sentir, pensar, proceder. Culto da caza, da familia, da pátria, da humanidade. Pais e professores. Deveres e direitos dos cidadãos. Consciéncia. Espirito solidário. Tolerância. Altruismo.

V. *Educação estética*:—Arquitétura, mobiliário, decoração dos edificios escolares, Cnforto do lar e da aula. Simpatia pelos objétos e pelos estudos. Influxo das artes plásticas na estrutura fizica, afétiva e mental dos séres humanos.

TEZES ESPECIAES

Sôbre:—Licéus, escolas normais, faculdades. Educação vocacional. Atribuições pedagógicas e financeiras da União, estados e municipios. Organismo de profissinnais, para superintender na escolha de horários, ortografia, livros, material, cazas, etc. Estatistica. Taxa escolar. Exames e promoções. Nomeação de professores. Escolas móveis ou ambulantes (primárias e agrícolas). Esposições e muzéus. Bibliotécas infantis. Leis e regulamentos. Construções. Colégios particulares. Intercámbio de catedráticos das escolas superiores.

Confiando a comissão organizadora em que prestará o seu apoio a esta iniciativa, subscreve-se, com toda a estima e aprêço,

De V. Ex.ª
At.ª, Venra. e Crd.ª Obgd.ª
Godofredo Viana.
Fabiano Vieira.
Antônio Bona.
Antônio Lopes.
Fran Paxeco.

NB. A correspondencia deverá dirigir se ao último dos signatários.

* *

AS ESCOLAS

Terminadas as ferias municipaes, estaduais e particulares volvem ao seio da escola a petizada garrula. Na noticia dada, no numero passado nos esquecemos de incluir entre os nomes das professoras o da distinta professora d. Odila Pinho.

OS NOSSOS SOCIOS

Do prof. Domingos Machado, lente catedratico do Liceu Maranhense e da professora da escola Almeida Oliveira, srt. Zoé Cerveira, o nosso diretor, José Monteiro recebeu o oficio abaixo. Almejamos que os professores e as professoras a que foram enviadas cartas sigam o mesmo caminho.

"Ciente por vossa communicação de 21 de dezembro de 1919, de que me propuzestes socia colaboradora da *Revista Maranhense*, de que sois digno redator secretario cumpre-me agradecer-vos a generozidade com que me tratastes, gentilissima deferencia de que fui alvo.

Em se tratando de letras, obscuro será o auxílio que me pedis. Que poderei eu fazer, para dar lustre á vossa "Revista" ? Por ai podeis compreender que a vossa proposta enchendo-me de consideração, que muito me desvanece não me pode envaidecer.

Comtudo, humilima operaria, apresto-me a tomar parte no meio ilustre, para, em tão belo convivio, algo colher de util e sedutor para o alicerce de muita cultura. E porque assim o entendo, envio-vos a minha primeira contribuição (um escrito).

Sou com muita estima e consideração, colega obrigado.

AS SESSÕIS DA "REVISTA"

Durante o ano passado foram realizadas inumeras sessõis.

Neste ano, já se fizeram algumas: no dia 1.º de janeiro foi empossada a nova diretoria conforme está no *expediente*. No dia 24 de dezembro o socio Izac Ferreira leu um bem feito trabalho sobre o sertão maranhense. Luiz Silva, apresentou os trabalhos "O coronel" e o "Natal"; Astrolabio Caldas fez a biografia de Maranhão Sobrinho, seu patrono; Candido Bispo ocupou-se dos traços biograficos de Astrolabio. Quiz-se assim seguir os exemplos das academias de leras, quando recebem academicos José Monteiro fez uma critica do livro "Bolha de sabão" de Bastos Tigre. Na sessão de 18 de janeiro passado, José Monteiro aprezentou um trabalho sobre o livro "Irionia e piedade", de Olavo Bilac. Tomaram parte nos recitativos os srs. Astrolabio Caldas, Luiz Silva, Izac Ferreira e José D. Barbosa.

E' bom que os nossos socios sejam mais pontuais nas sessõis. As nossas ocias podem comparecer, nos domingos ás 9 1|2 horas da manhã, em o salão nobre da "Revista", onde poderão ler os seus trabalhos literarios. Queremos ver que se melhora, inteletualmente falando, o Maranhão.

Não é tarde.

REVISTA DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

Oferecida pelo prof. Fran Paxeco agradecemos o último numero que está sobre a meza, para fazermos brevemente, a apreciação.

UNIÃO OPERARIA MARANHENSE

Empossou-se a nova diretoria de que é prezidente o sr. Erminio Pinheiro. Uzaram da palavra monsenhor Galvão, governador do bispado; frei Marcelino de Milão, assistente ecleziastico; prof. João Vitor Ribeiro, 2.º orador oficial; José Monteiro, director da "Revista Maranhense"; e os srs. José Calazans, Leandro Tupinambá, Erminio Pinheiro, João Procorio pelo "Centro Artisticó; Artur Rahut, sendo todos aplaudidos. Levou-se depois uma interessante e agradavel comedia.

REIS

Ouvimos cantar na noite de 5 do passado os seguintes reis: "F. A. C.", "Dos lirios", "Estrela dalva". Houve ainda outros de que tivemos noticia.

PREZEPIOS

Vizitamos diversos prezepios. Houve-os de todo tamanho e feitio. A classificação que fizemos foi a seguinte: o que tinha mais variaçõis: trêns, aeroplanos, relampagos, farol, etc., era o do sr. Alfredo Santos; o em que havia mais combinação de luz com o senario, do tenente Bernardo Monteiro; o mais natural o do prof. Inacio Billio. Esses três estavam na praça d'Alegria. Na rua dos Afogados: o do despachante da Alfandega, sr. Augusto Reis era movido á eletricidade e o mais iluminado; o mais simples e atraente, foi o do pintor Paula Barros. O maior de todos foi um, feito numa caza á rua S. João entre a dos Afogados e do Alecrim. Quasi tomava conta de toda varanda. O mais trabalhozo de todos, o que mais se distinguiu pela suntuozidade do trabalho ponderado e multiplo foi o do nosso confrade Bidico Rodrigues, á rua de S. Antonio. Viam-se na dispozição dos personajens e das paizajens muita paciencia, gosto e bôa vontade.

FESTAS RELIJIOZAS

Animadissima esteve a comemoração da liberdade dos cultos relijiozos no Brazil. Assistiram-na muitas pessoas. Foi realizada em a igreja anabatista á rua do Mocambo, canto com a de F. Marques Rodrigues.

Imponente estiveram os festejos realizados nas igrejas de S. João, Conceição e S. Antonio em honra ao venerado S. Sebastião. Nos dias em que se realizaram as ladainhas os templos regorjitaram de crentes.

NO CAMPO SANTO

Nos suburbios do Rio de Janeiro faleceu, em consequencia dos sofrimentos que o perseguia, o muito estimado comerciante dono da loja Brazil, o sr. Salim Lauand. A *joven siria* mandou rezar uma missa por alma do extinto. Nós, compunjidos enviamos á viuva d. Adeliz, seus filhos e filhas as nossas condolencias.

NASCIMENTOS

O dr. Franklin Ribeiro Viégas e a sua exm.ª espoza d.ª Ritinha Viégas tiveram o seu lar alegre com os sorrizos do José; o sr. Joaquim Muniz e a sua estimada senhora d.ª Domingas Muniz comunicaram o nascimento, nesta capital, do seu filhinho Celso Muniz.

ISMAEL SALOMÃO MOUSSALEM

A *Revista Maranhense* recebeu a agradavel vizita do muito conceituado barracordense Ismael Salomão. Conhecido nas lides literarias demonstra ser do bloco dos rapazes destemidos que não vêm obstaculos nenhum na vida. Do "O Simples", jornalzinho que se publicou na cidade, do velho Figueiras, Ismael era um dos redatores. A diretoria da *Revista Maranhense* tirou retrato com o ilustre vizitante que ficou sendo o seu ajente na cidade de Barra do Corda.

EJIDIO VIANA

Soubemos ter falecido em Cururupú o sr. Ejidio Viana, pae do dr. Heros Viana, Gentil Viana e Fernando Viana, primeiranista de medicina, os quais sentimentamos.

HEMETERIA CANTANHEDE

Ainda em consequencia da gripe faleceu, nesta capital a joven Hemeteria Cantanhede, depois de alguns mezes de padecimnto. O seu caixão foi carregado a pulso. Dentre os que acompanharam o feretro e fizeram quarto citamos as interessantes Zuila Ferreira do Lago, Tavica e Maria Helena Assunção Mendes, Maria José Santos, Benedita Benta; os jovens Carlos Mendes, José e Osvaldo Lago, Raimundo Florencio, Joaquim Soares dos Santos; as senhorinhas Fortunata Santos Ori, Mariana de Assunção Mendes, Joana e Amancia Fernandes, Edite e Maria Monteiro, Doninha Barcelar, Raimunda Braga Assunção, Berta Morais Rego, Adaljiza Assunção, Benigna Ramos, Launilia Matos, Nizete, Maria Julia e Inocencia Ori, Cotinha Batista, Virjinia Jorje dos Santos, Sinhazinha, Dadá e Alice Santos; exmas. sras. dd. Luiza Ferreira do Lago, Amelia Rodrigues Monteiro, Otavia Assunção Mendes, Maria e Anacleta Reis; os senhores Valdemiro Reis, José dos Reis Cordeiro, Benedito Pereira da Silva, José Monteiro, Bernardo Monteiro, Ciro do Lago, Teofilo de Morais Rego e Hilirio Satiro de Oliveira.

HYMNO DO DORÉ CLUB

LETRA DE CORRÊA DE ARAUJO

Musica do professor Ignacio Billio

O' Moços, valsai ! O Instante
Juvenil é tão fugaz;
No seu turbilhão brilhante
Nos envolve e passa adiante
Para nunca voltar mais !

ESTRIBILHO

Só tu, com a occulta magia,
O' Hebe formosa e infiel,
No teu imperio de um dia,
Pões um pouco de ambrosia
Em nossa taça de fel.

Mocidade, eden povoado
De nymphas, teu deus pagão
E' o Amôr, Menino- alado
Rei do teu mundo encantado
De Prazer e de Illusão.

ESTRIBILHO

Só tu, com a occulta magia, etc.

Neste Sahara, onde o beduino,
Pó vivo, a pó se reduz,
Mocidade, ó dom divino,
E'z o trecho esmeraldino,
O unico oásis de luz !

ESTRIBILHO

Só tu, com a occulta magia, etc.

A vida é um patinhamento
No chão firme ou no escarcéu.
Mas ser moço é um livramento:
E' uma fuga de momento
Um vôo alto pelo céu.

ESTRIBILHO

Só tu, com a occulta magia, etc.

Que importa, si quando acorda
Do sonho o homem se maldiz
Ao ver que a Velhice o aborda !
Feliz é quem se recorda
De que, uma vez, foi feliz !

CHARADAS

NOVISSIMAS

O tecido aperta toda a pessoa industrinsa — 2. 1.

Stenio.

Em cima do telhado está um grande inventor — 2, 2.

M. T. Rio.

O homem rude nutre-se de uma planta de ciatra — 3, 2.

X. T. O.

ELETRICAS

Conheço uma mulher que só come azeitona — 3.

Z. Ias.

Por cauza de uma figura five um desmaio — 3.

G. Brazil.

CAZAES

A nota serve para ficar — 2.

Malaquias.

O ceremonial foi prescrito por uma mulher — 2.

Fon-fon.

Tenho um emprego na administração dos correios — 2.

Zefinho.

INVERTIDA (por letra)

Toda pessôa vagorosa só come feijão — 5.

Felix Berto.

Foi-nos endereçada a seguinte carta que respondemos assim: "pode vir".

Ilm.° Sr. Felix Berto.

Saudaçõis.

Anexando a esta, duas listas, sendo uma de decifraçõis de charadas publicadas em o numero 44, dessa "Revista" e outra de pequenas produçõis que tomo a liberdade de remeter-las, peço ao mesmo tempo venia para fazer parte no torneio encetado. Esperando a seantença de V. S. tenho o prazer de firmar

O Crd.° At.° Obr.°

Rhinocolustes.

Grande numero de senhoras foram ver o famozo atleta — 2 — 2.

Esta ninfa andava pelas campinas, montando os cavalos marinhos de Netuno — 2 — 2.

O mel que esta senhora trouxe é para minha afilhada — 2 — 2.

Rhinocolustes.

Recebem-se as decifrações destas charadas até o dia 10 de março vindouro. Os prémios das charadas do n.° 47 da "Revista" e deste serão entregues por occazião da sessão solene a realizar-se, na noite do dia 14 de março.

Haverá, depois, uma *soirée* dansante.

Espediente

Diretor — José Monteiro.
Redator-chefe — Clemente Guedes.
Redator-secretario — Izaac Ferreira.
Redator-revizor — Astrolabio Caldas.
Thezoureiro — Luiz Silva.

ASSINATURAS:

Capital.	2$500
Interior.	3$000
Numero avulso.	$200

SOCIOS BENEMERITOS:

Dr. Urbano Santos da Costa Araujo e o sr. Hercules [illegible]

ADVOGADO — Dr. Luiz Carvalho.

SOCIOS HONORARIOS:

Drs. José Viana Vaz, Godofredo Viana, Justo Jansen Ferreira, Abranches Moura, João da Costa Gomes, Antonio Batista Barbosa de Godois, Raul Machado, Oscar Galvão, Bezerra de Menezes Aarão Brito, Luiz Domingues da Silva, Herculano Nina Parga, Candido Mendes de Almeida, Francisco Cunha Machado, José Euzebio, José Barreto, Almeida Magalhães, d. Helvecio de Oliveira, capitão Luzo Torres, padre Arias Cruz, professores: José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso Machado, Joaquim Santos, Fran Paxeco, Nascimento Morais, coronel Frederico Figueira e Correia Araujo.

SOCIAS E SOCIOS COLABORADORES:

Professoras Zila Pais, Etelvina Vasconcelos, Filomena Almeida, Maria do Carmo Teixeiro, Roza Castro, Herminia Soares, Genoveva Ribeiro da Silva, Blandina Genezia e Oritia Santos, Maria das Neves Montel, Pascoal Galvão Advincula, Hermindia Soares Ferr[illegible], Cecilia Martins, Aracéa Fernandes, Nair Pinheir[illegible], Ahiva Smith, Henriqueta Pereira, Erminia Costa, as senhoritas Nizoca Nunes, Zozima Sá Cavagnhac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela e os senhores José Monteiro, Adelman Correia, Apolinario de Carvalho, Astrolabio Caldas, Clemente Guedes, Antonio Mariano, Ruben Almeida, Luiz Silva, Izac Ferreira, Souza Bispo, José Cursino de Azevedo e José Domingos Barboza.

AJENTES NO INTERIOR E FÓRA DO ESTADO:

Arari — Major João de Lemos.
Caxias — O sr. Antonio F. Costa.
Viana — Senhorita Mercea Nogueira.
Penalva — O sr. Cavcur Rocha Andrade.
Barro Vermelho — Prof.ª Filomena I. Silva.
Guimarãis — Prof. Erircia Santos.
Itapecurú-mirim — Prof. Manfredo Viana.
S. Bento — Prof. Palmerio Campos.
S. Simão — Prof.ª Hilda Aguirres.
Icatú — Prof.ª Jozéfa Amazonas.
Morros — Prof. Fani Parga.
Cajapió — Prof.ª Odila Cardozo.
Chapadinha — Manoel Leite Fernandes.
Cururupú — O sr. João G. de Abreu, filho.
Cantanhede — O sr. João Rodrigues.
Vila do Paço — Prof.ª Nizal Prado.
Anil — Prof.ª Benedita Guimarãis Silva.
Maiobinha — O sr. José Barboza Cordeiro.
Maioba do Genipapeiro — Prof. Elpidio Santos.
Alcantara — Senhorita Clotildes Berniz.
Santo Antonio e Balsas — O sr. Melquiades Moreira Ferraz.
S. Vicente e Ferrei — Prof.ª Maria Justina Serrão.
Cametá — O sr. Tobias de Souza Revorêdo.
Amarante — O sr. Paulo Ferreira.

Alfaitaria Santa Cruz

RUA DE SANTANA, N. 4

Na Alfaiataria Santa Cruz, obtem-se por modico preço qualquer serviço que a compete sendo garantido

Prontidão no serviço e habilidade na arte.

Alfaiataria Guédes

RUA DE SANT'ANA, 3

Nessa alfaiataria obtem-se prontos e executados com aviamento de primeira os seguintes cenários:

erno de cazemira preta especial, fraque	150$,160$,170$	Idem de brim H J	80$000
em de simuque	150$, 160$, 170$	Calça e paletó	70$000
Idem de paletó	100$, 110$, 120$ e 130$, etc.	Fatos de brim de algodão	25$, 30$000, 35$000

Fatos de brim de côr, por preços muito modicos á escolha do freguez.

Tambem se confeciona qualquer encomenda pelo preço da tabela abaixo :

Cazemira Preta

Feitio	
Terno	50$000
Calça	15$000
Paletó	30$000
Colete	10$000

De Algodão Branco

Feitio	
Terno	20$000
Paletó	8$000
Calça	7$000
Colete	6$000

De Côres

Feitio	
erno	45$000
etó	25$000
ça	15$000
ete	10$000

De Algodão de Côres

Feitio	
Terno	18$000
Paletó	7$000
Calça	6$000
Colete	6$000

Brim de Linho Branco

Feito	
rno	22$000
letó	8$000
Calça	7$0000
Colete	6$000

O passar de ferro em roupas de lã

Terno	3$000
Paletó	2$000
Calça	1$500
Colete	$500
Paletó de Alpaca, ou Alpacão, feitio, sem forro	15$000

Clinica cirurjico-dentaria

DO CIRURJIÃO-DENTISTA

Porciuncula de Moraes

Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e ex-interno do clinica odontolojica do Hospital de Mizericordia d'aquela cidade.

SERVIÇOS GARANTIDOS e executados por processos modernos.

Operações absolutamente SEM DOR

Consultas todos os dias uteis, escéto ás quintas feiras, que reserva aos trabalhos proteticos.

CONSULTORIO:

Rua Nina Rodrigues n. 1—(Praça João Lisbôa)

Ourivezaria Perola

— DE —

Jczé L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijuteria

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-laines, rozetas, aneis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para penci-nez, porta-leques, voltas de coral, teteias, etc.

Preços baratissimos.

Asseio e muita arte.

Rua Osvaldo Cruz, 9—Rua Osvaldo Cruz, 9

ANO 5 | S. Luiz — Maio e Junho de 1920 | NUM. 51

Redação
Rua Coronel Colares Moreira, 21

Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE

Artes, Ciencias e Letras



CONDE AFONSO CELSO

Espediente

Diretor — José Monteiro.

Redactores — Clemente Guedes, Izaac Ferreira, Astrolabio Caldas, Luiz Silva, Sousa Bispo, José Cardoso de Azevedo e José D. Barboza.

ASSINATURAS:

Capital.	2$500
Interior.	3$000
Numero avulso.	$200

SOCIOS BENEMERITOS:

Dr. Urbano Santos da Costa Araujo e o sr. Hercules Caldas

ADVOGADO — Dr. Luiz Carvalho.

SOCIOS HONORARIOS:

Drs. José Viana Vaz, Godofredo Viana, Justo Jansen Ferreira, Abranches Moura, João da Costa Gomes, Antonio Batista Barboza de Godois, Raul Machado, Oscar Galvão, Bezerra de Menezes, Aarão Brito, Luiz Domingues da Silva, Herculano Nina Parga, Candido Mendes de Almeida, Francisco Cunha Machado, José Euzebio, José Barreto, Almeida Magalhães, d. Helvecio de Oliveira, capitão Luzo Torres, padre Arias Cruz, professores: José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso Machado, Joaquim Santos, Fran Paxeco, Nascimento Moraes, coronel Frederico Figueira e Correia de Araujo.

SOCIAS E SOCIOS COLABORADORES:

Professoras Zila Pais, Etelvina Vasconcelos, Filomena Almeida, Maria do Carmo Teixeira, Roza Castro, Herminia Soares, Genoveva Ribeiro da Silva, Blandina, Genezia e Oritia Santos, Maria das Neves Monteiro, Pascoal Galvão Advincula, Hermindia Soares Ferreira, Cecilia Martins, Aracéa Fernandes, Nair Pinheiro, Hortencia Pinho, Elizabeth Gronwel, Zelinda Machado, Laura Souza, El Zuila e Noemi Souza, Zoé Cerveira, Maria Amelia Costa, as senhoritas, Nizoca Nunes, Zozima Sá Cavagnhac, Abi[illegible] Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Vasconcellos, Benedicta Castro, e os senhores José Monteiro, Adelman Correia, Apolinario de Carvalho, Ruben Almeida, João Vicente de Abreu e João Guilherme de Abreu.

AJENTES NO INTERIOR E FÓRA DO ESTADO:

Arari — Major João de Lemos.
Caxias — O sr. Antonio F. Costa.
Viana — Senhorita Maroca Nogueira.
Penalva — O sr. Cavour Rocha Andrade.
Barro Vermelho — Prof.ª Filomena I. Silva.
Barra do Corda — Ismael Salomão Moussalem.
Guimarães — Prof. Emircia Santos.
Tapecurú-mirim — Prof. Manfredo Viana.
S. Bento — Prof. Palmerio Campos.
S. Simão — Prof.ª Hilda Aguirres.
Icatú — Prof.ª Jozéfa Amazonas.
Morros — Prof. Fani Parga.
Cajapió — Prof.ª Odila Cardozo.
Chapadinha — Manoel Leite Fernandes.
Cururupú — O sr. João G. de Abreu, filho.
Cantanhede — O sr. João Rodrigues.
Vila do Paço — Prof.ª Nizal Prado.
Anil — Prof.ª Benedita Guimarães Silva.
Maiobinha — O sr. José Barboza Cordeiro.
Maioba do Genipapeiro — Prof. Elpidio Santos.
Alcantara — Senhorita Clotildes Berniz.
Santo Antonio e Balsas — O sr. Melquiades Ferreira Ferraz.
S. Vicente e Ferrer — Prof.ª Maria Justina Serrão.
Cametá — O sr. Tobias de Souza Revorêdo.
Amarante — O sr. Paulo Ferreira.
Curralinho — O sr. Leonidas Alves da Silva.
Miguel Alves — O sr. João Franco de Carvalho.

Pilulas de feto macho

CONTRA VERMES

Farmacia Santos

Rua de Sant'Ana 132

REGULADOR GARRIDO

(NÃO HA RIVAL)

O remedio mais soberano contra as Flôres Brancas ou Leucorréa, as dores das Menstruações exageradas e muito fortes, da Blenorréa, o Chloro, as Perturbações Chnicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorroidas das senhoras, o Catarro do Utero a Suspensão da Menstruação, A agues Nervosas, a Falta de Menstruação, a Palidez das Moças e o Raquitismo das Moças.

O Regulador Gorrido, o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

O «Regulador Garrido», pode ser usado por longo tempo e em qualquer ocazião, sem causar mal mal algum ao doente

DEPOZITO GERAL, na Farmacia GARRIDO.

RUA OSVALDO CRUZ,

Maranhão.

Contra o Reumatismo

GOTAS DE TANGUA

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vegetal

VENDE-SE NA

Farmacia Jezus

Rua de Sant'Ana, 132

ANO 5 | REVISTA MARANHENSE | NUM. 51

Artes, Ciencias e Letras — Publicação mensal

Coluna Pedagogica

Da importancia do bom exemplo na educação

De certo, não escapou ao observador attento que um dos notaveis instinctos da creança é a tendencia natural á imitação. Mal se torna capaz de manifestar por signaes exteriores sua actividade nascente procura imitar tudo quanto fere seu ouvido ou a sua vista. Logo que póde utilisar se de seus membros, não encontra prazer maior que o de se exercitar nas diversas operações que testemunha, reduzindo-as ás proporções de suas forças e do seu tamanho; e por longo tempo seus brinquedos predilectos não são se não imitações mais ou menos felizes do que occorre ao redor della. Acções, palavras, accentuação da voz, arranjo das vestimentas, andar, gestos particulares a tal ou tal, procura copial-os e não raras vezes chega a um gráu de perfeição surprehendente.

E' uma predisposição da Providencia que o leva de si mesma ao encontro da instrucção e lhe permitte aproveitar-se da experiencia dos que o anteciparam na vida, antes que possa comprehender a necessidade e as vantagens della. Ha nisto porém um perigo serio que deve chamar a attenção vigilante do educador, verdadeiramente consciente da sua tarefa e cioso de cumpril a á risca.

A creança, com effeito, imita de um modo instinctivo e por isso mesmo inconsciente; não tem nem o pensamento, nem o cuidado de escolher entre o bem e o mal, e devido a sua inexperiencia copia indifferentemente um e outro, segundo o acaso das circunstancias, ou as suas disposições momentaneas. Quem ignora, no emtanto, a impressão perduravel e profunda muitas vezes deixada no coração e nos costumes dum homem pelas acções praticadas na meninice.

A historia narra que Alexandre o Grande não poce mais tarde emendar-se de certos defeitos que imitára de seu preceptor Leonidas; e não raras vezes acontece que o ancião, que não se lembra no dia seguinte do que fizera na vespera, precisa nas suas minimas phases os factos mais banaes da sua remota infancia e experimenta outra vez todas as impressões que então recebéra.

Evidentemente, disto tudo devemos deduzir a importancia e a imperiosa necessidade de não dizermos nem fazermos perante a creança senão o que ella póde imitar com proveito ou pelo menos sem perigo, ou em outros têrmos de não lhes proporcionar senão boas exemplos.

* * *

Que no uso ordinario da vida, o bom exemplo tenha, para levar á pratica do bem, uma acção preponderante, não carece dizel o aqui: a experiencia de todos os tempos noi-o demonstra claramente. Deste facto, encontramos uma razão facilmente comprehensivel. Até mesmo no estado de decadencia resultante da nossa natureza, a nossa alma, quando não pervertida de todo, ama e deseja instinctivamente o bem, que tem obrigação de praticar, e o seu maior desejo é conseguir realizal-o, mas para que possa conseguir esse fim tem que vencer a resistencia de um sem numero de inclinações perversas que o attrahem em sentido contrario, donde resulta uns esforços ás vezes tão difficeis que a sua vontade não tem animo de encaral os. E' então que, segundo nos diz S. Paulo, «ella não pratica o bem que deseja e deixa se arrastar pelo mal que odeia».

Ora esse esforço que da nossa parte pede a pratica do bem, encontra um poderoso auxilio no bom exemplo, que traz em soccorro da nossa fraqueza uma serie de sentimentos, não ha duvida, muito menos perfeitos do que o puro amor do bem, mas que agindo no mesmo sentido do que elle, conjugam sem poder e lhe dão a energia para determinal-os a vontade. Taes são entre muitos o instincto da *imitação*, de que já tratamos; o instincto de *sympathia* que nos leva a identificar-nos com nossos semelhantes pelas nossas acções e sentimentos; o instincto de *emulação*, que nos leva a imitar e até exceder em merecimentos os que nos parecem dignos de louvor; o sentimento da *honra*, que nos leva a fugir com nojo de tudo quanto seria capaz aviltar-nos perante a sociedade.

No meio de pessoas de bem, numa atmosphera de bom exemplo, todos estes sentimentos actuam poderosamente na alma para coadjuval-a sem esforço na pratica do bem.

Em contacto com pessoas corruptas, numa atmosphera viciosa dá se exactamente o contrario, e com maior intensificação ainda. A bôa vontade, em vez de ser amparada pelos sentimentos de que acima fallamos, vê os abrir campanha contra ella e alliar seu poder com os demais instinctos para paralysar seus esforços.

O instincto da imitação torna-se então uma tentação permanente que, a não ser que seja combatida, nos incita a praticar o mal que testemunhamos; o sentimento da honra transforma-se em pusillanimidade que nos faz corar do fiel cumprimento dos nossos mais sagrados deveres; a emulação um incitamento a nos distinguir entre os peiores; e do seu conjunto re-

sulta um estado funesto para o qual, a não ser que exista uma constancia heroica, os melhores deixam-se fatalmente arrastar, tão difficil se torna isolar-se no meio em que se vive e tão verdadeiro é geralmente o proverbio :

Dize-me com quem andas, e dir-te ei quem és.

* * *

Si tal é o poder do exemplo nas mesmas pessoas adultas a quem a madureza da intelligencia e a razão formada deveriam orientar no proceder e direcção da vida, de que utilidade não será elle para a creança, em quem a fraqueza physica e moral, a falta de iniciativa e ausencia da verdadeira personalidade condemnam necessariamente a não ser senão servil imitador de quanto presencia e por assim dizer o reflexo vivo dos que o cercam. E' observação de todos os tempos que a companhia bóa é um dos factores mais poderosos da educação e que ao contrario, a perversa é um dos mais temiveis obstaculos que a crearça tem de vencer.

O menino, diz Quintillano, se apega a todos os seres que o cercam; em crescendo afeiçoa-se insensivelmente a seu molde e cedo apresenta na mocidade os costumes de seus mestres. Segue-se, como consequencia, que os que tem a responsabilidade da educação devem se esforçar por não ter no proceder, nas palavras, nas acções senão o que é digno de ser imitado.

Com effeito, segundo a observação justa de Platão: a imitação, quando criado o costume desde a mocidade, passa a ser uma segunda natureza e transforma tudo em nós: o interior, o exterior, a linguagem, o tom, o caracter, os costumes.

E' por esta razão que o philosopho requer, que si os moços, nos seus papeis convencionaes, representam algo, seja as qualidades proprias da sua idade, a coragem, a magnanimidade, o desinteresse, a generosidade e outras virtudes nobilitantes afim de que tomem para si, nesta imitação, alguma coisa da realidade.

Quanto não seria para desejar que de todas estas virtudes e de muitas outras desconhecidas aos antigos e trazidas á terra pelo proprio Jesus Christo, os alumnos encontrassem a personificação em cada um de seus mestres. A resultante seria não somente um precioso agente de autoridade moral para este, como tambem para o alumno um incentivo que tendo diante dos olhos, o levaria infallivelmente á pratica dos mesmos actos.

Baseando-nos na experiencia dos seculos, podemos vêr muitas vezes, meninos ficarem perversos, ou virem a sel-os, mau grado as lições e exemplos de mestres competentes : bem raros, para não dizer nenhum, são os exemplos de alumnos que se tornaram bons, sob a direcção de mestres perversos, ainda que o ensino delles seja melhor do que os actos.

E' que a creança, em geral, é muito perspicaz, e a sua logica, bem que instinctiva é notavelmente segura. Os actos muito mais do que os exemplos ferem-lhe os sentidos; e bem pouco compenetrado dos raciocinios, corre direito ao facto. Em vão se lhe procurarão dissimular os defeitos, a sua observação não deixará de descobrir cedo o mysterio; e neste ponto os avisos mais urgentes ficarão lettra morta, lições de moral e preceitos de virtude serão acolhidos com irrisão ou pelo menos com indifferença. Realizar-se-á então, á risca, a sentença de S. João Chrysostomo «As palavras não persuadem, quando desmentidas pelo exemplo».

F. D.

Do collegio S. Francisco de Paula.

MAIO

A' senhorita Judith Ribeiro, por occasião do seu aniversario.

Cheio de festas, risos e alegria,
Cantarolando vens entre fulgôres;
Bailando docemente nos compassos
Das muzicas felizes dos amôres ! . . .

Vens festejar a data veneranda
Que canta ao peito de um povo gentil;
A data que o entuziasma e que o recorda
A rica descoberta do Brazil.

No teu terceiro dia que brindaste
A graça desse rico e nobre achado;
O premio sacrosanto das conquistas
E a grande inteligencia do passado.

Foste escolhido para memorar
O dia em que sorriu a liberdade
A um povo sofredor e condenado
No solo frio de uma soledade. . .

E com carícias, tu, oh mez das flores,
Trouxeste ao mundo a jovem que me encanta,
E que me curvo em seus olhos ridentes,
A jovem que me prende e me suplanta !. . .

Ao teu decimo novo passo em flor
Trouxeste em tua jornada bonançosa
Uns olhos cativantes e serenos
Bailando em luz intensa e rigorosa.

Os olhos da donzela em que meu peito
Sorriu com tanta graça e tanto ardor,
Os olhos que me guiam com desvelo
Na estrada de um feliz e coco amor

Eu cumprimento a data que nasceu
A jovem cismadora do meu peito
A linda encantadora de meus olhos,
A quem confio um amor puro e perfeito ! . . .

S. Luiz, 19 de Maio de 1920.

Cursino de Azevedo.

24 de fevereiro

Na Revista Maranhense

A's 9 horas do dia começou a sessão solene, prezidida pelo prezidente da Academia Maranhense ladeado pelo prof. Domingos Afonso Machado e dr. Carlos Reis, promotor da capital. Recebeu-se o sr. Souza Bispo que tomou por patrono o jornalista e republicano historico, dr. Izac Martins. O discurso de receção foi feito pelo nosso diretor, prof. José Monteiro. A liceista Maria Balata recitou muito bem a poezia Guerreira de Vespaziano Ramos.

Assistiram a s[illegible]ão o cap. Dessa Lima, representando o dr. Governador do Estado, cap. Lazo Torres, prefeito municipal, professoras donas Hermindia Soares, Hortencia Pinho, Zila Pais, professorandas Maria e Edit Monteiro, senhoritas Joaquina Launé da Costa, Maria Amelia de Sá, Elza Ovilina da Silva, Vitoria Pereira, Antonia Santiago do Val, Filomena Silva, Zilda Mendonça, Luci de Souza Pires, Oyna Silva, Dionizia Roza Moreira, Filomena Fonseca, Florencia de Lima, Severa Ferreira, Luiza Bezerra, Aurena Silva, os srs. Hercules Caldas, Bernardo Monteiro, irmão Paulo, Izac Ferreira, José Cursinio de Azevedo, Armando Burnet, Caetano Goveia, José Gonçalves, Aurelio Motta, José Salim. Manoel Matias Neves, Hemeterio Rodrigues Leitão, Anfrizio de Abreu, Euclides Brazil Lopes, Clemente Guedes, Benedito Salar, Benedito de Carvalho e Silva, João Guilherme de Abreu, Valdemiro Silva, José Cruz Carvalho, Manoel Castro Menezes, Carlos Barboza Mendes e Joaquim Rego, socios da Revista, membros da União operaria maranhense, alunos da Escola Normal primaria e do colejio S. Francisco de Paula, da escola mixta municipal do bairro do Apicum, da Escola Modelo, etc.

O dr. Carlos Reis, leu um bem feito trabalho referente a constituição, sua historia e sua utilidade. Todos foram muito aplaudidos.

Murros na Grammatica

Contou-me o major Sampaio, de saudosa memoria:

O Barão de R. era um typo de seus cincoenta annos, pouco mais ou menos, porem ainda bem conservado e metido a moço.

Quando ia a villa vestia o seu frack de casimira azul com calça e colête branco, grosso, correntão de ouro massiço, chapéu de manilha reluzente e um bengalão de castão de prata, botas de polimento com tacões alto.

Estivera dois annos na Capital, onde cursou a escola primaria e aprendeu o necessario para ler o «Carlos Magno» e a «Donzella Theodora», livros de que nunca se apartou.

Volveu para a fazenda ainda inocente de espirito e alli, annos depois, herdou a fortuna do pai; portuguez, antigo, que enriqueceu no commercio de algodão para a Capital, donde importava escravos africanos que vendia no sertão.

Era alegre; jovial e com pretenções á pilheria.

Adepto do partido liberal, com o qual gastou algumas dezenas de contos de réis, recebendo em retribuição o titulo de Barão de R. do qual se ufanava.

Conversador e presumido de saber e intelligencia, dava-se ao desfrute da rapaziadá do logar.

Com ares de conquistador procurava namorar todas as moças dos arredores, as quaes riam-se das suas graçolas e apreciavam, em conciliabulos, as asnaticas cartas amorosas, que lhes dirigia.

Muito amigo de obsequiar e prestar serviços a quem o procurava e era por isso geralmente estimado e acatado por todos os visinhos.

Enamorou-se da filha do boticario da villa—a Laura, uma formosa morena da olhos grandes e negros. Escreveu-lhe diversas cartas asno-amorosas e a moça a nenhuma dellas deu resposta e as leu entre risos com as companheiras.

Pela festa do divino a paixão do Barão chegou ao auge; num baile em que teve ensejo de dançar com a encantadoura morena.

No dia seguinte dirigiu-se a casa do boticario e pedio-a em casamento.

Consultada a pequena, declarou não acceitar o pedido, visto estar comprometida já com o Heitor filho do Delegado, o qual se achava nos estudos na Capital.

O Barão voltou desanimado para a fazenda e não foi mais á villa.

Um anno depois, foi o proprio Heitor procural-o á fazenda e convidal-o para assistir o seu casamento com a Laura.

O Barão acceitou o convite muito penhorado, tratou o feliz rival com a sua habitual amabilidade e, no dia marcado, lá se achava.

Depois da cerimonia do casamento, que nesse tempo era somente catholico, teve logar um lauto banquete onde foram sacrificados muitos leitões e perús regados por abundantes libações do afamado vinho P. R. R, importado directamente da Capital da casa de Azevedo Almeida & C. correspondentes do Coronel Delegado.

Reinou muita alegria e animação no banquete e, á sobremesa, o Barão pediu a palavra para brindar os noivos.

Fez-se logo silencio e o nosso homem levantou-se, empertigou-se todo, endireitou o laço da gravata, concertou o colete branco, levantou o copo e, com emphase, exclamou:

Todo aquelle cujo este que precura se cazá, pensa qui adienta atraza quando vai buscá mulhé. Jungidos ambos os dois aos cauzis do matrimonio, se, pucham certo é um ceu aberto, mas se erram no puchá o diábo será.

Meus senhores, eu bebo a saúde daquella que não quiz ser feliz comigo mais vai ser feliz sem migo!

Muitas palmas e gargalhadas de todos os convivas responderam a esta saudação, enquanto o Barão se sentava satisfeito de si mesmo.

Domingos Perdigão.

A tradicção

Cinco dias havia já que aberta
Fôra do Eterno a esplendida officina
E o supremo juiz da Palestina
Embellezára a terra, inda dezerta.

Do sexto dia a faixa matutina
Ja se mostrava e ao todo descoberta
A vitrina do Artista eis que desperta
Um novo ser que a Biblia determina...

Foi o primeiro homem. E o universo
Estava então completo, mas tristonho
Na quella solidão, tão cedo immerso,

Adão dormiu... e como Deus passasse
Deu-lhe o prazer de um delicioso sonho
E a primeira mulher p'ra que elle a amasse.

S. Luis

J. RIBEIRO

Confidencia

Era o rosal imenso que eu quizéra
sem quiméra
a teus pés estender,
para quando, ligeira, em teu passar,
fazendo o jovial
a cantar,
estas flôres pizando,
pudesses compreender
quanto é grande a saudade
imortal
que móra dentro em mim !. . .

E assim,
descuidosa passando,
soubesses, sem refolhos,
que a meus olhos,
castidade,
tendo infinda grandeza,
és mais do que rainha,
és mais do que princeza,
és vida minha,
és tudo !

E a saudade,
essa saudade que me traz cativo
e que me prostra mudo;
saudade que mè embala
lonje, lonje d'ai:
saudade que não cala
a mágua de que vivo,
aos ouvidos dir-te-ia confidente,
que por ti
sonhando, meditando, penitente,
a minh'alma desprende, dia a dia,
uma pet'la da flôr
da nostaljia,
por te não vêr, teus passos não sentir,
a fala não te ouvir,
ébria e louca do amôr. . .

Versos, versos e versos ! . . .
Era o rosal imenso que eu quizéra
sem quiméra
a teus pés estender !

Cada estrofe contendo uma lembrança
a viver !
Cada rima um suspiro
gemendo !
Um beijo todos êles levando ! . . .

A lembrança daquelas tardes lindas,
infindas,
que ao perfume sutil da tua trança,
venturas antevendo,
acordado sonhava
e delirava.

Um suspiro do peito amargurado
que por ti bem amado,
ha de sempre cantar.

E um beijo
de amoroso desejo
a teus labios ardentes,
confidentes,
que eu vivo a recordar ! . . .

Rio—1919.

HILTON FORTUNA.

Carta aberta

Snr. A. Reis

Saudações

Peço-lhe mil desculpas pela liberdade que tomo em lhe dirijir estas linhas, as quaes são filhas da justiça e nada mais. Percorrendo as columnas pessoaes da «Revista Maranhense», deparei uma missiva a mim dirigida a uma pobre Dulce, que teve a desdita de me amar. Snr. A. Reis a pessôa quando ama sinceramente tem confiança no objeto do seu amor; e se ela confiou-lhe este sentimento foi por lhe julgar discreto e bom. Ai, se pudessemos conhecer as perversidades de um coração que nos mostra leal e sincero !

Seriamos felizes ! Ai, se pudessemos penetrar em uma alma que se diz pura.

Snr. A. Reis, confesse, o despeito que lhe está roendo o coração. O homem só ultraja a mulher quando a ama apaixonadamente e se sente humilhado pelo seu inabalavel despreso. Diga-me a verdade, o Snr. ama a Dulce, e ela o abomina. Não é assim ?

Quem não ama sinceramente não consente nem mesmo assim que lhe chamem hipocrita, e o Snr. confessa sem pejo a sua hipocrizia, sem ao menos corar um poquinho. Oh ! isto é intoleravel. Bem sei, que todo homem possue este sentimento inseparavel de sua alma mas não confessam publicamente esta fraqueza. Reconheço, que a hipocrisia esta ligada ao homem como o verme a podridão. Seria mais bonito que de seu punho não saisse uma só palavra contra aquella que acreditou em suas palavas. O homem para ser julgado leal e correto por mais injurias que uma mulher lance sobre elg o dever que a educação impoe é o silencio, e o Snr. não procedeu assim. Confesse Snr. A. Reis, diga bem alto para que todos o ouçam: Eu amo a Dulce e ela me despreza ! A sua poziçao perante as mulheres e enfim perante a sociedade ficaria mais honroza, e assim como o Snr. está é humilhante.

Pense melhor e peça desculpas á pobre Dulce que é vitima de seu despeito.

Adeus !

ROZA.

Tutoia, 1.º / 4 / 1920.

A nossa correspondencia

Do Secret.·. da Aug.·. Resp.·. Loj.·. Cap.·. «Rio Branco Quarta», o redator secretario, Izac Ferreira recebeu estas linhas: «De posse da circular de 21 de janeiro p. findo em que lhe comunicaes a posse da nova diretoria dessa Ilustre Associação, esta oficina penhorada, manda agradecer-vos por tão elevada gentileza, fazendo os mais sinceros votos de prosperidade dessa util agromiação durante o vosseo competente mandato.

Aceitai, pois, o protesto de verdadeira estima e elevada consideração.

—Do Secret.·. da Aug.·. e Benem.·. Loj.·. Cap.·. Beckman, tambem o nosso redator secretario recebeu o oficio p. 88 com este conteúdo, assinado pelo sr. Isaias Carneiro:

"Agradecendo a gentileza de vossa comunicação sobre a posse da nova diretoria da Revista Maranhense, faço votos, em nome desta Loja, para o engrandecimento garantido na reconhecida competencia do mesmo corpo dirijente. Outrosim agradeço os dois ultimos numeros da aludida Revista, que muito honrão o arquivo desta Secretaria".

— O sr. Luiz Sabino Guimarães, secretario do Gremio dos Maquinistas officiou nos: «De ordem do sr. Presidente, tenho a satisfação de accuzar a recepção da vossa circular de 21 de junho p. [illegible] em que communicaes a posse da nova diretoria [illegible] faço votos para a continuação da sua prosperidade servindo-me da opportunidade para aprezentar-vos os meus protestos de elevada estima e distinta consideração».

— O illustre sr. José Luiz Balbões Carvalho, da diretoria geral de estatistica do ministerio da agricultura, industria e commercio, mandou-nos o officio abaixo acompanhado de um boletim: «Empenhado em trazer em dia a estatistica das associações scientificas, literarias e artisticas, peço o vosso concurso afim de que seja preenchido o incluzo questionario com as informações mais recentes acerca da instituição que dirijis.

Antecipando os meus agradecimentos, reitero os protestos da mais elevada consideração».

— Do Gremio Civico Luiz Domingues, recebemos cartão de felicitações e do Espartano Club, o que muito agradecemos

Soneto

Oh! não penses jamais que sou pessimista
Dizendo uma verdade, a qual é conhecica:
Neste mundo se vê tanta gente egoista,
Neste mundo se vê tanta gente fingida.

Muito grande, bem sei, de amigos tens a lista
Que no dia de hoje, almejam-te na vida
Os melhores tropheus, a mais rara conquista
De tua alma de moço, anciosa e embevecida!

Mas, si a sorte mudasse e na data presente
Estivesses na cama aborrecido e doente
Soffrerias a dôr, sosinho e em trevas mudas!

Amigos são teus paes que não procuram arcanos!
Jesus Cristo morreu ha mais de seis mil annos
E ainda tem no mundo um infinito de Judas!

1919. *Luiz Silva.*

A maior parte dos artigos deste numero era para sair no numero passado, o que não foi possivel por motivo imperioso. Ainda temos em nosso poder diversos artigos, que iremos publicando. Pedimos desculpas aos que os enviaram. Estamos, pois, fazendo o possivel de pormos em dias a circulação da nossa Revista. Resolvemos ainda conservar a ortografia trasida pelo orijinais até que a comissão dezignada aprezente o seu parecer a respeito da ortografia a adotar-se.

Um jardim

Era um jardim muito lindo, com um tanquesinho redondo, onde uma poça d'agua chrystalina e immovel retratava um pedacinho do firmamento, coalhado de nuvenzinhas alvas!...

Canteiros cercados de gradezinha pratoada, guardavam riçosos arbustos, matizadas de lindas rosas, angelicas, parecendo uma rainha, a Monte-Christo, com suas petalas aveludadas, desprendendo perfume delicioso e suave. O cravo, sempre alegre e perfumoso, casava á violêta, humilde, occulta num leito de folhas arredondadas e bem verdes, mal deixando escapar seu perfume subtil e agradavel.

MIMI ARAUJO.
Do Grupo Sotéro dos Reis.]

Carta Pedagojica

Muito digno Dr. Urbano Santos, Governador do Estado.

Saúde e fraternidade.

O vosso trabalho de remodelar a instrução publica é grande e muito grande. Não nos disseram; mas o sabemos. Novo Pericles, vendo a necessidade de uma reforma no organismo escolar, ide, de acôrdo com a autorização do congresso estadual, ver se o Maranhão desta vez, dá exemplos a outros Estados, onde o ensino se encontre em gráo inferior.

Começai, como tendes feito sempre, desterrando a politicalha, tomando os bêcos, por onde possa chegar á arena da bôa instrucção.

O curso profissional do Liceu Maranhense, a Faculdade de Direito, a escola modelo Benedito Leite, o azilo de Santa Tereza, o seminario de Santo Antonio, os grupos escolares, as escolas izoladas, a escola de muzica requerem de vós um auxilio valiozissimo, uma bôa fiscalização, para que de verdade se saiba, de util o que se está fazendo pela instrução, nesta terra de um passado brilhante.

Quanto á estatistica escolar, creio que um avizo do coronel Secretario do Interior basta, para o professorado ajir e crêde que só assim teremos as premissas de uma estatistica escolar.

Dr. Governador, como toda a vossa enerjia se concentra num ponto unico — a metodização do trabalho estadual, pedimos olheis para o professorado primario digno de melhor sorte.

Dr. Governador, já se acha aberto o credito, para a construção de predios escolares. Que o Maranhão agora, remoce nos seus predios.

Pedimo-vos licença, para terminar esta lijeira cartinha, escrita á ultima hora e fazemos votos a vossa alta e poderoza pessôa, para que felizes rezultados se manifestem, na sistematização do ensino primario estadual.

Recebei benignamente os protestos de respeitos de quem vos é

at.° adm. obr.°

Tasso Amaral.

Dr. Luiz Domingues

Acompanhando o sentir do povo maranhense, expressamos, tambem, aqui nessa meia duzia de periodos traçados á pressas, os nossos votos de bôa vinda ao dr. Luiz Domingues parlamentar illustre e que muito fez pela instrução da nossa terra, quando lhe confiaram o governo estadual.

Ocupamo-nos tão somente de Luiz Domingues que tornando o difícil facil protejeu todos os filhos desta bôa terra, que lhe foram pedir proteção.

Ainda está vivo, na memoria do povo, o immensuravel numero de medidas solucionadas por esse estadista, durante o seu quatrienio.

O dr. Luiz Domingues teve uma bonita recepção.

Porque está de luto não houve festas á sua chegada. Veio um pouco adiantado. O povo acompanhou o até ao palacio do governo. Afim de ver se consegue melhoras, embarcou para o Turi sua, seu torrão natal, dias depois de haver chegado a esta capital.

Os operarios, tendo á frente o Centro Artistico, operario maranhense, distribuiram boletins convidando o povo a comparecer á raiopa, no dia da sua chegada.

A Revista Maranhense, pela segunda vez, já estampou o seu retrato, convicta de que nada um preito não só, a seu socio honorario, mas tambem ao ex-governador que muito e muito fez pelo melhoramento da instrução em sua terra.

13 de Maio

Liberdade, liberdade,
Que saudade
Que decreto varonil!
O' Princêza magestosa,
Amorosa,
Amorosa do Brazil!

Protetôra dos escravos
Entre os bravos
Naturaes de Santa-Cruz. . .
Tens de certo justa glória
Na historia
Na historia que transluz.

Trese de Maio, que dia,
Que alegria,
Que praser, que felicidade!
Foi-se o jugo, foi-se a cruz
Veio a luz
Veio a luz duma verdade.

Já não sôam aos meus ouvidos
Os gemidos
Da chibata, duma algema,
Da miseria, da opressão,
Da aflição
Da aflição do escravo—o lema

Sublime fraternidade
Egualdade
Quão és béla púra e nobre!
Não divisas ao senhor
Mesmo amor,
Mesmo amor ligas ao pobre.

Abolindo os cativeiros,
Brasileiros
Num hino de puro anil,
Todos cantam uma victoria
Para gloria,
Para glória do Brasil!

H. Gusmão Filho.

Correio do Ceará

Esse jornal que circula na capital do autor de «acema» referiu-se á nossa Revista, nestes termos:

Offerecidos pelo sr. Nelson Rodrigues, temos sobre a nca os dois ultimos numeros da «Revista Maraense», publicação de artes, sciencias e letras que se ita em S. Luiz.

Illustram-na nitidas gravuras e estampa variada laboração em prosa e versos. Esta revista está no 5' anno de publicidade e circula mensalmente.

Agradecemos ao sr. Nelson Rodrigues, seu esforçado representante nesta capital, a fineza da offerta.

No theatro cinema Eden

A' noite, teve lugar, nesse cinema a anunciada festa de caridade, levada a efeito pela loja Beckman, que recebeu aplauzo das outras lojas:

Viam-se expostos, nessa noite, os estandartes das referidas loja maçonicas. Na porta do cinema, tocou a banda de muzica do corpo militar do Estado. As cadeiras estavam quazi todas tomadas. A liga de sport encarregou-se da passajem dos bilhetes. Tivemos ocazião de apreciar mais uma vez a generozidade do povo maranhense, levando nesse festival, o seu obulo, para amparar a velhice tão bem acatada, no Azilo que de Mendicidade tem o nome. A maçonaria maranhense, assim procedendo, recebeu os mais elojios. A orquestra esteve á altura. Sairam-se bem as senhoritas e menores que tomaram parte, nas peças reprezentadas. Distribuiram-se poezias e soneto e opiniões dos srs. Ribamar Pinheiro, de Castro e Souza e do conego Januario da Cunha Barboza, fundador do Instituto historico brazileiro a respeito da caridade e da Maçonaria

O dr. Carlos Reis, num agracavel discurso estudou a maçonaria, atravez da historia; relembrou a inquizição, a administração de Pombal; falou da «Fatalidade» personajem filozofica de um dos trabalhos de Nietche e terminou com uma serie de louvor, fechado por esta fraze latina: *salvé caritat este* ! Foi uma bôa festa.

Recuerdo

(A' alma insensivel da mulher que eu amo).

Não se passa, Diana, um só momento,
Um momento, siquer, na minha vida,
Que eu não traga, fiel, no pensamento
A imagem tua, que me é tão querida!

Longe de ti, eu soffro... E o soffrimento
E' tão cruel que não me dá guarida.
A's grandes dores e ao cruel tormento,
Que conservam minha alma bipartida!

Quão ditozo eu seria se pudesse,
Sempre ao teu lado, recitar a prece,
Que o amôr faz surgir do coração!

Ah! tu não sabes quanto eu sofro ainda!...
Nem quanto doe uma saudade infinda...
Ah! tu não sabes... nem calculas... Não!

Ocireme.

Num postal

Carmen! Deusa dos meus sonhos, tu que povoaste o meu coração do mais puro amor perdôa-me!...

Fui ingrato, bem sei, mas... Quero que sobre minh'alma páire ainda a luz dos teus olhos; quero que arrancques do meu

[illegible] a saudade que o dilacera, que suga, num parasitar daninho, as minhas energias.

Salva-me! Carmem, escuta-me por piedade. Recordas-te das horas felizes que passamos gozando o aroma das flôres no jardim, daquêles momentos em que, como gorgeios de roxinóes, os nossos cantos ecoavam sonoramente e se perdiam ao sopro da briza nos bosques balsamificados, onde os teus paes entoaram as primeiras cavatinas de amor . .

Sinto remorsos. . . Deixa-me oscular as tuas madeixas, essas tranças negras que eu apreciо.

Sou um mizero cativo, porque te amo ainda com toda a vivacidade.

Olha para o céu azalineo e admira a beleza de sua constelação. Afirmo-te que a tua efigie não brilha na minh'alma menos que aquela via-latea. A tua voz ainda me embriaga como outr'ora e o teu sorrizo me fascina muito mais.

Carmem! Minha querida Carmem—perdôa-me! Quero beijar-te a fronte nacarada; deixa, porque aqui só os passarinhos nos ouvem êsses que foram os assistentes das nossas juras e serão os nossos eternos confidentes.

Imitemos os colibris que em bandos, alí doudejam alegres oscilando os pistilos das flores e trinando em saudação ao coração sensivel da mulher! . . .

W. E. B.

Ao cair da tarde

Prima Irêne.

Só hontem á noite, depois de pensar um pouco, resolvi responder a tua amavel cartinha cuja data não me recordo, mas sei que é deste mez.

Escrevendo-te, procuro assim dezembaraçar-me do grande pezo que acabrunha a minh'alma.

Prima Irêne, de ha muito procurava eu uma pessoa a quem pudesse contar o que intimamente tenho sentido.

Minha prima, não calculas como eu tenho dormido mal, ao lembrar-me do que se passou comigo. Quando dirmo, acordo sobresaltada por sonhos mácabros. E' horrivel A minha cabeça quer estourar, minha prima. Levanto-me, endireito o travesseiro; viro-me para outro lado e nada...

Já escrevi muito e ainda não te disse cousa alguma. Estou pensando primeiro, embora muitos digam que nós, mulheres não pensamos e temos a cabeça de vento

Minha prima contar-te-ei pouco a pouco as tristezas do meu espirito. O meu coração quer falar-te. Estou refreando-o.

Escolhi o titulo *Ao cair da tarde*, pois sempre, á hora do recolher do sol é que me lembro mais dos episodios amorosos da minha vida.

A benevolencia dos redatores desta Revista permite-me escrever-te sempre. Espera-me no proximo numero. Adeus.

Tua prima,

S. Luiz, 13-5 92o *Claudia*

America Latina

Sob a competencia dos escritores Tasso da Silveira e Andrade Murucy veio á tona da publicidade, na capital do Paiz, a importante revista, cujo nome nos serve de titulo.

Conta com um corpo de colaboradores bastante conhecido no cenario das letras patrias, sendo isso um grande passo para o seu progresso.

E' tão louvavel o seu fim, que mesmo aqueles que são alheios ao progresso das letras procurarão auxilia-los, afim de substanciar a bussola que os dirije; pois procuram os seus directores concorrer para a facilidade da publicação de autores jovens, cuja falta de recursos muitas vezes impede a revelação de talentos de primeira ordem.

Podemos dizer, sem querer empregar como hoje corriqueiramente se emprega, muitas vezee sem merecimento, que a *America Latina* veio preencher uma lacuna.

Atualmente é muito raro se encontrar uma revista sem ilustração, contendo materia completamente sortida e escritos de verdadeiro merito como soe acontecer com a *America Latina*. A ilustração das nossas revistas se resume quasi que a campeonatos de *foot-ball*... De forma que quando aparece um periodico como o que vimos de falar, podemos dizer que veio, deveras, preencher uma lacuna.

Penhorados, agradecemos os exemplares que nos enviaram.

Liberdade

Aos denodados e esperançosos rapazes da «Revista Maranhense».

Manhã de sol. Domingo. Mez das flôres.
E' mez da mãe de Deus, mez dos amôres. . .

Descanta na palmeira o sabiá
E trina o rouxinol no pé de ingá.

João, que próva o dino cativeiro,
De membros maniétados no madeiro
E triste e triste, qual triste Jesús,
Crucificado núma triste crúz,
Espera o seu ultimo momento
Olhando no jardim a flôr-rebento.
«Senhor», diz êle então olhando ao ceu,
«Me vêdes em grilhões, qual Prometeu?
Jesus—meu senhor—mandou-me aqui prender
Para depois fazêr-me padecer.
E' faisto—seu feitôr—foi quem cumpriu
A ordem do senhor que me puniu.
Me dai resignação e o confórto,
Que vós tivestes ao entrar no hórto».

E Deus lhe deu. . . e deu lhe mais até. . .
A liberdade deu a par da fé. . .

* * *

Foi cerêado emfim,
Com pet'las de jasmim,
Do *Patrocinio*, o esfôrço.
A escravidão—molôsso,
Caiu em terra já,
Por graça de Jeová.
Tambem vós, Isabel,
Tereis vosso laurel!

E tu, pobre João,
Terás o teu perdão!

* *

Brasil, és livre já, livres, teus filhos,
E's livre como branca é a purêza,
E's livre como azul é a turquêza,
E's livre como a terra é mui fecunda,
E's livre virje é pudibunda,
Brasil, és livre já, livres, teus filhos!

Dos sinos—o alacre bimbalhar,
Das vózes dos libertos—o cantar,
Do deus Apólo—o refulgir brilhante,

Da fortaléza a voz trepitrosante,
Do enfurecido mar—a mansidão.
Que vive eternamente em convulsão,
Da música—os acórdes sonorósos,
São um conjunto mistico de gósos,
Tal qual o que sentimos e ouvimos.
Embevecidos todos, já sorrimos,
De alegrias que nosso peito invade
Por gritarmos bem alto—Liberdade!

Brazil, és livre já, pura nação
Da vil, tirâna e negra escravidão!

S. Luiz, Maio 1920.

ARENTINO RIBEIRO.

Recordação...

A alguem!...

Foi na aprazivel, a mais bella estação das flores que te conheci; e desde essa imperecivel epoca te dediquei essa amizade verdadeira e nobre, que não será apagada nem pelo tacanho ciume e nem pelo desprezivel interesse.

Jugavas que esses apodos e esses ultrajes os quaes sempre recebia por teu respeito me faziam fraquear?

Puro engano? Onde estava a força de minha amizade e o pedir de minha estima que não repeliria com energia essas ondas furiosas?

Depois dessas nuvensinhas intrusas que desejavam destruir a nossa placidez; a vida nos surgiu identica a um Eden de delicias.

Gosamos muito tempo essa ventura inexprimivel, que só uma amizade pura pode nos conceder.

Esse sonho de felicidade foi toldado, porque partiste, deixando-me immersa n'uma saudade profunda e pungentissima, e trago na retina maguada a tua imagem como uma recordação indelevel.

Fortaleza—Março—1920.

Xista Fernandes.

Sinhá Nina

Foi deveras expressiva a manifestação promovida pelos alunos do Instituto Roza Nina, Escolas Modelo Benedito Leite, Almir Nina e curso profissional do Liceu Maranhense. Pela manhã, compareceram em o predio á rua dr. Tarquino Lopes, n. 8, onde cantaram hinos e offereceram flores á aniversariante nessa sede honoraria.

Abaixo inserimos o discurso proferido pela senhorita Maria Luiza Lobo, do Instituto, em nome das suas coleguinhas:

Querida Mestra.

"Sinto me feliz trazendo-vos, em nome de minhas dignas colegas os nossos mais efusivos votos de felicidade pelo dia de hoje. Não sei de tarefa mais facil nem mais suave do que esta. Porque não cabem aqui as palavras rebuscadas que a lisonja inventa para traduzir sentimentos que não existem. O jubilo que nos agita é ficticio; não esvoaçam ambições neste recinto.

Não, querida mestra. Os nossos corações abrem-se para vós com a mesma doce e serena alegria com que as flores sorriem agradecidas ao orvalho que as tonifica e ao sol que as illumina e aquece. Orvalho dos vossos carinhos; do vosso amor, que não se fatiga; da vossa bondade, que não se exgota; da vossa solicitude, que não conhece limites. Luz e calor dos vossos conselhos, dos vossos ensinamentos, do vosso zelo, que se tem extendido bem farejo a muitas gerações de pequenas almas. Por isso o vosso nome ainda repetido de bocca em bocca [illegible] louvores. Formais aqui o coração da mocidade. Sois a semeadora incançavel do porvir. Nascem aqui as alvoradas dos dias gloriosos cheios de explendor de virtude ou de lampejos de saber.

E, tudo isso fazeis, mestra querida, com [illegible], sem alarde, sem reclamos, com o mesmo recolhido e fecundo silencio com que essas inteligencias aladas louras como um raio de sol, fabricam nas colmeias a provisão do futuro, indo o viado [illegible] ao mundo, desdenhosas das recompensas, absorvidas no seu dever e por isso mesmo admiraveis, immensamente grandes na sua doirada pequenez.

E' assim a vossa nobre missão. E nós que lhe colhemos os fructos tão dadivosamente oferecidos não podiamos nesta data feliz que recorda o vosso natalicio, deixar de vos significar todo o nosso profundo reconhecimento, pedindo-vos que aceiteis esta insignicante lembrança, que nem sequer consegue, de leve embora, traduzir a lembrança maior, gravada para todo o sempre dentro de nossas almas, da gratidão que vos devemos e do afecto que vos consagramos».

Charadas novissimas

1 De bordo veio uma fructa dentro de um casacão 1, 2

Stenio.

2 Com a intervenção do correio desfiz a prevenção 1, 2

X. T. Rio.

3 Após o exame achei motivo para tocar foguete 2, 1

X. T. O.

4 A viagem de Frederico foi numa bôa epoca 2, 1

G. Brazil.

CHARADAS CASAES

5 O verdugo enforcou-se num galho de oliveira 3

Z. Ias.

6 Na vazante da marè apparece o baixo de areia 3

Malaquias.

CHARADAS ELECTRICAS

7 Quem provoca peleja deve mostrar resistencia 2

Fon-fon.

8 A pergunta do mestre motivou controversia 2

Zefinko.

CHARADAS BIFRONTES

9 Troquei a minha espada por um bacamarte 3

Felix Berto.

METAGRAMMA

(varia a 1.ª)

10 Preguei um logro naquelle francez 5—2

Panius.

Alfaiataria Guédes

RUA DE SANT'ANA, 3

Nessa alfaiataria obtem-se prontos e executados com aviamento de primeira os seguintes cenários:

Terno de cazemira preta especial, fraque 150$,160$,170$
Idem de simuque..... 150$, 160$, 170$
Idem de paletó 100$, 110$, 120$ e 130$, etc.
Idem de brim H J..... 80$000
Calça e paletó..... 70$000
Fatos de brim de algodão 25$, 30$000, 35$000
Fatos de brim de côr, por preços muito modicos á escolha do freguez.

Tambem se confeciona qualquer encomenda pelo preço da tabela abaixo:

Cazémira Preta

Feitio	
Terno	50$000
Calça	15$000
Paletó	30$000
Colete	10$000

De Côres

Feitio	
Terno	45$000
Paletó	25$000
Calça	15$000
Colete	10$000

Brim de Linho Branco

Feito	
Terno	22$000
Paletó	8$000
Calça	70$000
Colete	6$000

De Algodão Branco

Feitio	
Terno	20$000
Paletó	8$000
Calça	7$000
Colete	6$000

De Algodão de Côres

Feitio	
Terno	18$000
Paletó	7$000
Calça	6$000
Colete	6$000

O passar de ferro em roupas de lã

Terno	3$000
Paletó	2$000
Calça	1$500
Colete	$500
Paletó de Alpaca, ou Alpacão, feitio, sem forro	15$000

Ourivezaria Perola

— DE —

Jozé L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijuteria

Adereços, meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-laines, rozetas, aneis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para penci-nez, porta-leques, voltas de coral, teteias, etc.

Preços baratissimos.

Asseio e muita arte.

Rua Osvaldo Cruz, 9—Rua Osvaldo Cruz, 9

Mercearia Neves

Recebeu pelo «Baia» e vende barato, xarque platino especial, feijão do Rio, manteiga, praia, amendoim preto e farinhas brancas; queijo prato e penedo, maçãs americanas, repolhos especiais, tamaras aos kilos e muitos artigos novos.

Padaria Venêza

Nesse estabelecimento comercial vendem-se, barato bolachás, biscoitos finos etc.

Aviam-se encomendas para a capital e interior do Estado.

Rua Osvaldo Cruz—100

Peitoral de Contra Herva e Jambú Composto

Soberano Remedio

Approvado e licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica, sob n. 1180de 13 de Dezembro de 1919.

Infalivel contra as molestias do peitos.

Cura as tosses pertinazes, incessantes, as bronchites agudas ou chronicas, as dôres do peito, da garganta, accessos de asthmae, falta de ar e emfim, todas as perturbações do apparelho respiratorio, produzidos por constipação, accessos de grippes etc.

Deposito Geral:

PHARMACIA CRUZ

Candido A. de Carvalho Cruz.

Rua Nina Rodrigues n. 65.

MARANHÃO

AVIZO

—Os nossos socios, socias e ajentes podem quando quizer enviar trabalhos literarios: contos, poezias, charadas, etc., que publicaremos gratuitamente.

—Toda e qualquer correspondencia deve ser dirijida á rua cel. Colares Moreira, n. 21 ou á praça d'Alegria, n. 5.

Já iniciamos a cobrança das assinaturas do corrente anno. Pedimos aos nossos ajentes e ás nossas ajentes que nos informem do que têm feito pela «Revista».

Aos que soffrem

Contra a morphéa:—Hanzeol, Elixir de chamoegra, Tintura de assacu, etc.

Contra a tuberculose: Morrhuol de Chapoteaut, Calcithina Methylarsinada, Ferro-Somatose, etc.

Contra a Diabetes: —Gotas de litharyno, Pilulas Sejournet, Vinho de Pesqui, etc.

Contra as molestias do estomago e dos intestinos:—Hepatolaxina, Neutralisina, Bipepsogin, etc.

Contra as doenças do figado:—Comprimidos, hepaticos Chaix, L. Enkerol Clément, Licor dos inglezes, etc

Contra as constipações e tosse:—Vegetaline Dubois, Leptandrine Royer, Comprimidos Thiocol Recho, etc.

Contra febres:—Vacina paratiphica, anti-typhica, Arsequinina Leimatre (em polas), etc.

Contra a histeria, epilepsia e neurasthenia:—Gotas de phosphovinato de oiro Jolhy, Tribromore, to Gigon, Valéro bromina Legrand etc

Contra as doenças das senhoras:—Philagyna, Ovariomastina, Pilulas Héléniennes de Nand,etc.

Contra as doenças dos homens,—Gerseptol, Gousson, sóro anti-gonococco, etc.

Contra a falta de dinheiro:—Uma caderneta da Empreza Predial do Norte que já pagou premios no valor de mil e tantos contos de reis!

PHAMACIA DO NORTE

Praça João Lisbôa 12

CASA BORDALLO

72—Rua Oswaldo Cruz—27

Chegou, pelo ultimo vapor, o que pode haver de mais CHIC em calçados da ultima moda, para senhoras, homens e crianças, dos melhores fabricantes.

Preços sem competidor

TINTURA PRECIOSA

JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas, — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

ANO 5 | S. Luiz — Julho de 1920 | NUM. 53

Redação
Rua Coronel Colares Moreira, 21

Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE

Artes, Ciencias e Letras



DOMINGOS MACHADO

Empreza Predial do Norte

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, ao fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas.

Praça João Lisboa, 12—Maranhão

PREMIOS PAGOS DE 1919—1920

Rs. 1.419:307$000

...o do 84.º Sorteio da 2.ª Serie (B), a que se proce...u, hoje, na séde da Empreza, ás 13 horas ...e 10 izenções do pagamento das prestações ...e 6 mezes.

...4248. D. Maria Fontenelle, residente em Parnahyba.
...1522. Dionisio A. de Carvalho, residente em The...

...2000. Cel. Estevam Corrêa, residente em União.
...n. 278. Raimundo Januario Freire, ruad a Palma, 48.
...N. 1639. Cel. José de Calazans G. Machado, resi...n Arayoses.
...N. 168. D. Henriqueta Veras, residente em Caxias.
...N. 972. D. Amelia Coelho Bucellos, residente em S. ...co Ferrer.
...º N. 2164. Hernani da Silva Rodrigues, residente em ...yba.
...N. 1824. Bernardo Moreira de Sousa, rua do Ve...
...N. 139. José Saraiva Siqueira e outros, residentes em

Caza no valor de 5:600$000

...zacharias Cintra Cellores, residente em Arcaty

...anhão, 31 de julho de 1920.

Adolpho Paraiso,
Director-gerente

Claudino Netto,
Fiscal do Governo Federal

...ta:—De accordo com o Regulamento do Governo ...al, estão eliminados todos os prestamistas devedores ...sorteios, e só terá direito ao premio o prestamista ...estiver quite.

...urivezaria Perola

— DE —

...ozé L. Pereira

...eita-se encomenda para toda especie de bijuteria

...dereços, meios-adereços, colares, pulseiras, bro...chate-laines, rozetas, aneis, abotoaduras, alfinetes ...avatas, trancelim para penci-nez, porta-leques, ...de coral, teteias, etc.

Preços baratissimos.

Asseio e muita arte.

...a Osvaldo Cruz, 9—Rua Osvaldo Cruz, 9

PERGUNTA-SE!

V. Exc. já visitou a Secção de retalho da casa DACIO SOUZA & COMPANHIA? Se não o fez ainda, não perca, aproveite a opportunidade, do que uma inolvidado sympathia aprende-á áquella casa? Alli não se fascina o freguez pela labia mavhosa, previamente estudada, não captiva se pela incomparavel modicidade nos preços do que é exposto á venda.

Crea V. Exa. não se arrependerá se corresponder a esse gentil convite, pois os seu artigos são da melhor qualidade, e acham aptos a satisfazer integralmente o gosto do mais exigente freguez.

Gosto artigos de primeira qualidade o mais atrahente conveniencia em preços só, unicamente, se, na casa,

Dacio Souza & C.

46 — RUA DA ESTRELLA — 46

Credito Mutuo Predial

AUCTORIZADA A FUNCCIONAR E FISCALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL

Premios distribuidos e pagos até hoje:

Rs. 357:637$500

CARTA PATENTE N. 4

Nada deve em premios

Correu hontem, ás 15 horas, presente o Fiscal do Governo Federal e inumeras pessôas, pelo systema de urnas e espheras, o 1.º sortcio deste mez, da serie PLANO "A", dando o seguinte rezultado:

IZENÇÕES

Forom izentas do pagamento, em cinco contribuições, as cadernetas:

N. 9459. D. Marica Torres. Floriano.
N. 7711. João de Deus Rocha. Travessa do Raucho, 25.
N. 9943. Firmino Luiz de Oliveira. Rua Direita, 40.
N. 6965. Elias de Oliveira e Silva. Pery pery.
N. 7516. Antonio Mendes de Carvalho filho. Therezina.

— PREMIO —

Contemplado com um anel de brilhante e uma pulseira de ouro, no valor de Rs. 4.000$000, a caderneta N. 3684, pertencente á Exma. sra. D. Zenaide de Souza Fonseca, residente nesta capital á rua de S. Pantaleão, n. 55.

Maranhão, 5 de Agosto de 1920.

O Fiscal do Gover Federal,
Raymundo Cezar de Moraes Rego.

Os proprietarios **Chaves & C.**

S. LUIZ — JULHO DE 1920

ANO 5 — REVISTA MARANHENSE — NUM. 53

Artes, Ciencias e Letras -- Publicação mensal

Conferencia

Publicamos abaixo a brilhante conferencia, feita, no salão nobre da Revista Maranhense, pelo coronel Frederico Figueira, prezidente da comissão de instrucção publica no congresso estadual e diretor d'*O Norte*, de Barra do Corda. O conferencista foi aprezentado pelo nosso diretor. O coronel Frederico, ao terminar, foi muito aplaudido e abraçado por todos. Ouvindo-o achava-se crescido numero de sertanejos, reprezentantes de diversas sociedades, professoras, professores, alumnos, comerciantes, etc.

Problema de importancia capital para os povos que desejam ascender á grandeza pelo preparo de seus filhos, a instrucção publica está hoje, mais do que nunca interessando os espiritos esclarecidos de nossa patria. A campanha que de sul a norte se levanta para dar combate ao analphabetismo, chegou tê nós com os seus clarins de rebate chamando a postos os intellectuaes e convidando-os a cerrar fileiras como guardas fieis de um povo que conquistou no passado brilhantissimo renome.

Seria uma falta imperdoavel si o Maranhão, berço de tantos homens illustres, não se collocasse na vanguarda desse movimento patriotico que tem por principal escôpo —levantar o nivel moral das populações que em completo atraso lhe povoam o solo fertilissimo, rico e bom.

Dormindo á sombra dos louros que o collocaram entre as provincias mais adeantadas da nação brazileira, o Maranhão foi se deixando cahir na molleza que envolve os triumphadores após os gloriosos momentos da victoria.

João Lisbôa, Odorico Mendes, Gomes de Souza, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Frederico Corrêa e tantos outros que alicerceram no saber a maior honra para as letras maranhenses, na primeira metade do seculo XIX, bastaram a saciar de luz a geração que os succedera. Deu-se a solução de continuidade e as letras e a instrucção em nossa terra sentiram-se esmaecidas no brilho que tanto fascinara os admiradores das nossas glorias passadas. Mas isso foi apenas um interregno em que, para não deixar apagar o fogo sagrado que as vestaes da intelligencia eram obrigadas a avivar, appareceram estrellas luminosas que no romance, na poesia, no theatro, no conto e na sciencia salvaram de imminente naufragio as letras maranhenses. Para somente vos falar dos vivos, aqui estão Domingos Barbosa, Godofredo Vianna, João Quadros, Alfredo de Assis, Antonio Lopes, Barros Vasconcellos, Achilles Lisbôa, Nascimento Moraes e tantos outros maranhenses illustres, formando ao lado dessa campanha grandiosa que arrasta ás suas linhas de combate a mocidade estudiosa, que em grande parte aqui representa a flôr da intellectualidade de S. Luiz.

Convidado pelos distinctos moços da "Revista Maranhense" para vir fazer nesta sala uma conferencia sobre a instrucção no sertão, esquivei-me á honra desse convite, não só por me faltar competencia para tratar de um assumpto cuja complexidade exige conhecimentos especiaes, como porque as occupações que cumulam o cargo de que aqui me acho em desempenho não permittiriam o estudo circumstanciado e detido de uma conferencia que teria de ser ouvida por insignes professores e professoras, sobejamente familiarisados com os methodos pedagogicos. Comprometti-me, porém, a trazer aqui uma palestra intima, desataviada dos ornatos da rethorica, simples e sincera, contando sobretudo com a excessiva benevolencia da illustrada assembléa que me ouve e que, certamente, me perdoará as faltas que commetter.

Nasci e tenho vivido no sertão maranhense.

Ali naquelles rudes rincões, em contacto com a Natureza, ouvindo o ciciar brando da folhagem que enrompe as nossas cerradas florestas e o murmurio dôce dos regatos que mansamente deslisam sobre os seus leitos de esmeralda; fascinado pela poesia encantadora dos brejaes e pela paizagem lindissima que se desdobra e vae morrer nos horisontes amplissimos que as serras azues delimitam; ouvindo os hymnos da passarada que alegre brinca nas ramagens encrustadas de flôres; deixei-me ficar alli, embevecido nas bellezas de minha terra, e esqueci-me de vir aprender aqui as palavras bonitas que aqui se dizem. Mas, auscultei em toda plenitude o coração do sertanejo.

Senti as vibrações do seu resistente organismo; senti as suas maguas profundas, o abandono em que vive e a infelicidade o opprime. Forte na sua propria constructura resignado ás torturas do meio agreste que o rodeia; soffrendo as hostilidades de uma zona inculta onde não ha estradas, não ha communicações rapidas, não ha industrias nem commodidades á sua ignorada existencia; altivo nos sentimentos da honra que os seus antepassados lhe legaram; franco, sincero e leal comprehendi que para ser um homem completo só lhe faltara instrucção.

O sertanejo, meus senhores, não é o Geca-Tatú de que nos fala Monteiro Lobato, acocorado á margem da estrada molleremo e parvo, assistindo com indifferentismo á passagem do progresso.

Herdeiro das qualidades ethnicas do bandeirante que varou os sertões do norte e deixou nas imigrações que emprehendeu todos os caracteristicos do mestiço intelligente e ousado que o cruzamento de tres raças nos legou o sertanejo, si o ensino lhe viesse aclarar o pensamento mostrando-lhe como se deve tirar da terra o conforto necessario á propria vida, seria um factor excellente de nosso progresso, assim como seria o homem mais feliz do globo.

Em parte alguma do mundo a natureza foi tão prodiga como o é na esquecida e abandonada zona em que elle vive. Rios caudalosos cujas margens no inverno se dilatam, irrigando florestas riquissimas de humus; cascatas que se despenham de formidaveis alturas, formando rebôjos espumarentos que poderiam fornecer energia electrica ás fabricas que ali se fundassem; campinas extensas em que se podem acommodar folgadamente numerosos rebanhos; mineios valiosos que um sub-solo riquissimo contém; tudo isso, meus senhores, faria a felicidade do habitante dessa zona ignorada, si elle tivesse um cerebro illuminado pela instrucção; se soubesse pensar, comprehender as grandezas que o cercam e desenvolver

sua capacidade trabalho. Mas, infelizmente, o analphabetismo predomina de maneira assombrosa em todo o alto sertão. A não ser nas cidades e villas onde um certo cultivo se vae desenvolvendo, notadamente em Carolina, Barra do Corda e Riachão, localidades em que o proprio esforço de seus filhos muito faz pela instrucção, se pode dizer que o resto da população é analphabeta.

No entretanto houve época em que a instracção no sertão se encontrou muito melhor amparada que hoje. Além dos professores primarios que, como Francisco de Mello Albuquerque e Manoel Caetano de Lemos lhe prestaram preciosos serviços, no tempo do Imperio, tivemos na Barra do Corda Isaac Martins, abnegado educador que alli fundou o Collegio Popular e preparou intelligencias de grande fulgurancia em nosso Estado. Mais tarde, Osorio Anchieta e Annibal Mascarenhas deixaram em Barra do Corda e em Carolina, respectivamente, traços luminosos dos seus ensinamentos.

Entre os que assistiram essa conferencia tomamos notas dos seguintes nomes: padre Arias Cruz, reprezentando o bispo diocezano, d. Helvecio; professoras Herminda Soares, Hortencia Pinho e Pascoa Advincula; prof. Domiagos Machado; dr. Pedro Oliveira; coronel Fabricio Caldas, pela Sociedade Maranhense de Agricultura; deputado Nilo Pizon, pelo Centro Artistico; senhorinhas Maria Balata, Dionizia Moreira, Benigna Gomes, Luiza Bezerra, Severa Ferreira, Aurena Aranha, Florencia Roza de Lima, Olga Baima, Flora Mendes, Filomena Fernandes, Maurila Freitas; academico Pedro de Moura Ferro; irmão Paulo Domingos; sras. Joaquina da Costa, Benedita Rocha de Souza; srs. Virgilio Domingues, Angelo Magalhães, João Luiz da Silva; Raimundo Cunha dos Santos; Alexandre Filgueiras; Oton Maranhão; Nelson Pereira; Gumercindo de Araujo Pedroza; Oswaldo Diniz; Afonso Pereira; Benedito Ferreira, pela União Silvio Romero; coronel Hercules Caldas; Benedito Carvalho e Silva; Astrolabio Caldas, José Monteiro, José Cursino de Azevedo, Izaac Ferreira e Souza Bispo.

(Continúa).

Matinal

Numa alegre manhã de Abril, ouvia-se a passarada feliz e saltitante trilla seu canto harmonioso e meigo, partia de sua pequena e rustica cabana Hilda -a mais jovial e formosa camponia d'aquella isolada aldeia.

Na sua tez morena havia um quer que fosse dúma sagrada belleza; um rubor assetinado, desses que aruam as faces das jovens orientaes, brotava lhe castamente de sua tez, numa beleza rarissima. Uma negra e ondulada madeixa cahia lhe airosamente sobre suas espadôas semi núas. Em seus olhos, dúma meiguice extranha, admirava se muitas vezes, por entre seus lindos cilios, um mistico de belleza e virgindade.

Ao sair de sua modesta e rustica cabana Hilda chamava por sua irmansinha, que mui carinhosamente lhe prendia por uma das mãos, e com a outra, sustentava uma leve sextinha de junco, onde ella depositava as flôres mais adorosas d'aquelles prados risinhos, onde a Natureza exime a mais explendorosa tela, e onde brota déntre o verde-louro juncal, que atapéta as paragens longiquas, a mimosa e louçã sensitiva. . . Ahi, as borboletas, núma orgia aligera, desprendem de suas fiebeis azas, parece que annunciando uma festa matinal, mistecas fulgurações de saphiras, rubis, esmeraldas, topasios e turquezas. . . E no meio de todo esse polychromismo rarissimo, não menos apreciavel recende o inebriante perfume do jacarandá e da bauhinia!

Hilda, absorta em contemplar aquelle quadro maguanimo, sente-se ufanosa deante de tudo aquillo. . . e sua irmansinha —Mimi— desprendendo-se por um momento de sua mão, ainda cálida desse aconchego fraternal, corre pressurosamente para as flôres mais proximas, e colhe delicadamente no odorifero prado urzes, violêtas e muitas outras flôres, já aquecidas pelos primeiros raios do sol matinal, completando, assim, uma maravilhosa polyanthéa que, Hilda, mui gentilmente, levou para a sua modesta habitação. . .

BERMISROLANDO.

Auzencia

No sorrir da infancia fagueira
Eras lindas qual roza em botão;
Doce favo de mel de minh'alma
Ambrozia do meu coração.

De repente soprou rijo vento
Segregando a plantinha da flor
Só restando em meu peito ulserado.
Magoa viva, suspiros e dôr.

Nas horas mortas da noite
Da lua ao tibio clarão,
Veste tristeza minh'alma
Saudades – meu coração.

Então me lembro dos tempos
Do nosso primeiro amor;
Do meu viver socegado
Junto de ti minha flor.

Das viçozas criancinhas
Gentis, rozeas e fagueiras
No jogo de cabra-cega
Debaixo das bananeiras.

Do prado, flores e fructos
Das pepirinhas taes;
Do regato onde apanhava
As borboletas, azues

Do brando mujir do arroio
Quebrando sobre seixinhos,
Do doce romper da aurora
De canto dos passarinhos

Da tarde pura e serena
Toucada de branco arminho
Da chorona maviosa
Desgarrada do seu ninho

Nada porem me entristece
Como estar longe de ti
Não poder lacrar com beijos
Os teus labios de rubi

Não poder! ó quem me dera
Estreitar-te em doce laço
Ofegar-te com mil beijos--
E morrer no teu regaço.

Dr. Oscar Galvão

Coisas do ensino em S. Paulo

Os paulistas orgulham-se de que o ensino no seu Estado é modelar.

Não resta duvida que ha ali optimos professores, mas o orgulho do *modelismo* leva agora um cheque com o que vamos expor.

«O Parafuso», que se edita na capital daquele pro-

gressista Estado, não perdôa os desmandos da politica e onde esta megera se intromete estraga tudo, isso é sabido.

Assim, portanto, nada mais natural do que vermos a dita megera influir para que se coloquem pessôas incompetentes nos cargos de responsabilidade. . .

Ora, tratava-se da nomeação de director de nossa Escola Normal em S. Paulo. Vejamos como se manifesta «O Parafuso».

«. . .pensamos em muitos professores de tirocinio largo e longo contacto com as coisas do ensino; entretanto a nomeação recahio no professor José A. Antunes, da grei do Sr. Oscar Thompson.

Como se consente que seja director do nosso primeiro estabelecimento de ensino um professor que em solemnidade official diz coisas como esta:» ?

«Passo-*vos* a direcção sem ter necessidade de *formular* esses batidos votos de felicidade, porque *o tens nos vossos* dotes morais e intelectuais e porque *a terás* completado no *convivio sadio deste meio*».

Ora ahi está—S. Paulo quer ser *modelo* na instrucção, na policia etc. mas «O Parafuso» nos mostra as belesas de tal *modelo*, tanto na instrução como na policia e com outros ramos de administração.

«O Parafuso» não dorme e nós, caipiras destas plagas nortistas, muito apreciamos a humoristica folha paulistana.

Nas suas colunas se diz a verdade núa e crua.

S. Luiz, junho de 920.

REQUIMÃO

Estatuetas

Essa que amo e sou apaixonado
De seus ólhos de virgem, sedutores
Que dissipam os meus tristes dissabores
Quando a vêjo tão timida ao meu lado;

Essa que eu trago presa em meus amôres
De belo porte, fino e delicado,
De côr morena e rosto alabastrado
E' a flôr mais bela dentre as belas flôres . .

Tem tanta graça e simpatia tanta
Que quando passa a todos vai fitando
Com seu olhar purissimo de santa. .

E segue ao seu destino entre clamores
Mas por onde ela passa vai deixando
Um perfume de pétalas de flôres!

S. Luiz. *Clemente Guedes.*

Carta Pedagojica

Ao prof. Nascimento Morais.

Receio cauzar-vos surpreza se não o descerrar de fortissima gargalhada o ter lembrado-me de vos enviar esta meia duzia de linhas, escritas sob o frio do inverno que só, agora, para nós chegou.

Mas, mestre e amigo, sei não trazerdes o espirito mofador de Voltaire e nem o do mais cizudo escritor de todos os tempos.

Banharam-me de alegria as justissimas ponderações a respeito de uma reforma no Curso Profissional do Liceu Maranhense. E, são justissimas, porque a reforma, em materia de instrução, deve partir de cima, para finalmente chegar ás camadas primarias.

Ora, mestre e amigo, o que se vê anualmente é o contrario: reforma-se a instrucção primaria emquanto a secundaria permanece intacta.

Num dos vossos bem elaborados artigos, nos jornais desta terra, como professor a quem a experiencia desvendou amplos horizontes, manifestais grande interesse pela criação das cadeiras de Instrução *Civica e Caligrafia*, naquelle curso.

Porque não existem, o normalista, muitas vezes, fica embaraçado, quando quer destrinçar-se dos diferentes pontos dessa penultima disciplina, existentes, na mão de uma ou outra aluna que o cuidado a fez guardar

Em inumeras ocaziões, chamei a atenção de algumas colegas de minha turma, para essa exijencia do curso profissional: mandar ensinar instrucção civica, quando se está fazendo o tirocinio, na escola modelo "Benedito Leite". Diz o aforismo: quem não tem não póde dar. Podemos aplical-o, neste cazo em que se manda o aluno ensinar, numa escola aquilo que nunca aprendeu ? E' precizo, mestre e amigo, uma reforma e uma grande reforma, na instrucção secundaria.

Procurai o programma de ensino do Curso Profissional e que encontrareis ? Não nos embrenhemos por esse caminho. Eu, sem pretender o titulo de advogado, refiro-me aos que cursam atualmente e hão de cursar naquela caza de ensino, porque ainda vos lembrais que a minha turma foi a ultima a aprender *Instrução Civica*, na extinta Escola Normal. Um decreto ou qualquer coiza que tenha a força dele, extinguiu essa cadeira. Como sabeis, tambem, essa turma foi a ultima a ouvir as bôas lições de *Caligrafia*, ministradas pela educadora, exm.ª sr.ª d. Maria da Gloria Parga Nina.

A *Instrução Civica* e a *Caligrafia* devem aparecer para gaudio da mocidade estudioza.

Mestre e amigo, se com o aparecimento de ambas as cadeiras surjirem os comentarios desfavoraveis, devemos pol-os á marjem, porque, como bem sabeis, servem mais para embaraçar que mesmo para guiar ao verdadeiro caminho. Além disso, as vontades não são iguais. Que seria de nós, se a uniformidade dominasse a natureza ?

Eça de Queiroz, querendo mostrar-nos que a humanidade não gosta do monotono, do deliciozo, apresenta-nos Ulisses, desprezando a Caliopzo, que morava onde as aguas não se turvavam e nem tão pouco as folhas das arvores amarelecíam, deixando tudo, para ir ao mundo a procura da tormenta, da dezarmonia, da inquietude. Os velhos, mesmo nos ensinam, mestre e amigo, que ha pessôas que não apedrejam o sol, porque ele está muito lonje de nós.

Já que demos o nome da professora de caligrafia, mister se faz lembrarmos o do dr. Antonio Barboza Batista de Godois, nesse tempo, de *Instrução Civica*.

Notamos, durante o nosso tirocinio, a antipatia, se assim podemos dizer, das nossas colegas pela *Instrucção Civica*. Não reprovamos o seu proceder, assim como ninguem poderá acoimar-nos de insubmissos, se por acazo não nos entregarmos aos trabalhos de agulha.

Para haver estimulo, a nossa professora fazia a comparação das escritas e o professor, mensalmente, nos submettia á sabatinas. Sahem as nossas colegas, sempre, vitoriozas na primeira, ao passo que os rapazes se destinguiam mais na segunda. Direis tratar-se de uma questão de gosto. Esquecestes-vos ou deixastes para outra ocazião a *Historia da America* e a *Economia Domestica*. Ambas tambem são muito uteis para os alunos.

Mestre e amigo, melhor não seria que em vez de o aluno relatar-nos os feitos de Senakerib e Sesostris, falasse com muito mais amôr, do continente americano, do povo que o habita e descrevesse o vandalismo sem conta dos Pizarros e Cortezes. Parece que os proveitos seriam outros, porque, em suma, a criança de hoje é a mãi de familia de amanhã, que tem filhos a educar e uma caza a dirijir.

As vossas ponderações, repito, foram justissimas a respeito do Curso Profissional do Liceu Maranhense e que o poder competente as reconheça, para beneficio do povo tão excelente profeta em suas assertivas.

Finalizando, estimo que apareçam outros artigos dessa natureza, para maior esclarecimento e proveito da ainda não aclimatada ciencia pedagogica...

at.° adm. obr.°

Tasso Amaral.

VISÃO

(C. Bruma. Poeta argentino)

Como um branco lençol, a luz da lua
se estendia na alfombra,
e, uma area de volupia e de doçura
subia do jardim envolta em sombra.

A' meia voz cantavas e teu canto
co'harmonioso giro,
tocava o meu calado pensamento,
como aereo sopro de um suspiro.

A musica indecisa do piano
lentamente trahia
a tua doce voz e tua mão
no teclado corria.

Triste ás vezes, ora alçando o vôo,
teu canto suspirante
desliza, do meigo *ritornelo*,
o verso emocionante.

E uma nota debil, nota tenue,
isorte desfallece,
e outrava nesse mundo, sendo a vida
co'a morte se parece:

Um poema, de luz e de impossiveis,
de sonho e de loucura,
flutuou sobre a tua bella e escura
cabelleira, com azas invisiveis.

G. dos R.

13 de Maio

Noite iracunda e má noite sombria
Cão de carvão, tristeza, luto e magoa
Eras tú fero abutre escravidão
Loba faminta, cruel, insaciavel
Que de corpos humanos te cevavas
Imponente e tyrana. Requintada
Nos segredos maléficos da morte.
Em meio a embriaguez
Rolaste um dia exangue para sempre

A lagrima divina resentida
Que correu pela face atormentada,
Foi o maior poema, a mais sublime
Expressão estupenda da verdade
Que a acerba dor profunda extraordinaria
Arrancou do espirito revolto
Do genio prodigioso e eloquente
Do mais ardente povo
Da rebrilhante America do Sul

O sol da Liberdade, oh Liberdade
Luz do Sol, luz do céu, luz da montanha!
Energia vital e pensamento
E mais que pensamento, a vida humana
Raiaste e pelos amplos horizontes
Tua luz acendeste. Illuminaste
Almas e consciencias! Esclareceste
O recondito escuro
Onde o odio feroz alçara o jubo!

Sê tu, nosso guia e nosso amparo
Oscilla nos encantos dos Cruzeiro!
Sangrateja nos lúcidos occasos
Canta a aleluia vivaz da nossa aurora
Sê a nossa paixão, nossa virtude.
Impelle com ardor nosso progresso
No berço e no sepulcro, sê bem dita!
Eterna mensajeira
Do maior bem que nossa patria encerra!

Oh! sol da Liberdade! O Liberdade
Campêa eternamente! Teu dominio
E' a gloria maior da nossa terra!
Refulge em nossos berços feiticeiros
Refulge em nossos mares borrascosos
Braceja em nossas matas verdejantes
Illumina a esperança bem fazêja.
Mas si um dia morreres
Ah! Leva-nos, tambem nas tuas asas!

Nascimento Moraes.

Deixando o amôr

Abjurei um amôr recem-nascido,
Que ha poucos mezes eu contava eterno...
Inda não terminára o grande inverno,
E começára o amôr, já desabido.

Mas, como correm tempos?—Dando ouvido
A's misérias do mundo sempiterno,
Eu crio que esse olhar que tens, tão terno,
Não deixava mentir o prevenido.

E no sinograr da vida é bem que vejas:
—Por mais que teu amôr se taxe honesto,
Nunca o será, se dois ou três desejas.

Pois o acre-doce que se nos enleva,
Traz o bem, traz o mal, traz o funesto,
E como tudo o nosso amôr se neva...

S. Luiz. *Castro Rocha.*

Um "Leão do mar"

A noite era bela, e calma era a viração.
O mar azulado, estava sereno e bonito,
Com as aguas ondeadas bordava e infinito;
Os nauticos contemplavam o poder da creação.

De subito, uma nuvem preta se apresenta.
O mar rugiu, e rebombou no espaço o trovão;
Os relampagos cahiram, sussurrou rijo o tufão.
Eis, a valente marujada envôlta na tormenta!

Pacifico, o capitão gritava aos marinheiros:
Salvem-se! e adeus roguem por mim ao Creador;
Q'eu fico no meu posto e não quero companheiros!

O sol mal despontava, n'arenosa praia veio,
Uma taboa do navio, e o cadaver do capitão,
Que o mar embravecido guardará-o no seio.

Iiapecurú-Mirim—1920. *Quadros e Paula.*

Resposta

(*A' emurchecida Roza*).

Li e reli, sob o titulo — *Carta aberta* — no numero passado desta *Revista*, todo um amontoado de disparates, com ares de defesa para uma desconhecida Dulce, deduzindo então, Roza, que não sabes bem ler ou pouco comprehendes o que lês.

Falaste-me de despeito!

Porventura em que ponto da minha Carta podeste descobrir algum vestigio de despeito? Parece-me que és insensata, pois, lendo que despachei a Dulce, não a quiz mais ter como victima de um amôr que nunca existiu, chamas-me de despeitado e exiges que eu confesse que eu amo a Dulce e ella me abomina!

Essa confissão importaria, de certo, em me tomarem por desequilibrado.

E os caros leitores desta amavel *Revista*, que, sensatamente, se derem ao trabalho de ler as nossas cartas, julgarão, de facto, que o despeito, de que me falaste, está comtigo na ancia de uma defesa por quem pertence ao teu sexo, e não comigo que despresei a Dulce, victima da volubilidade do meu amôr.

E esse direito de defesa te assiste como mulher e não como joven!

Tambem sobre a hypocrisia, dizes que fui um fraco em confessal-a em publico, si bem que ella vive ligada ao sexo forte...

Ora isso, como vês, é o que menos me preoccupa, e tanto menos á sociedade que me ouve confessar que a companho.

Demonstraste votar um odio terrivel á hypocrisia, porque certamente della já foste victima ou muito a uzaste sem proveito.

Dizes que quando o homem chega a ultrajar uma moça é porque a ama e se sente humilhado pelo seu despreso. Ora, despeito, como acima disse, de minha parte não existe, e só Dulce poderia julgar-se ultrajada, na parte em que eu falei do seu "retrato que me fazia lembrar uns labios roseos, que muito osculei", só e só, porque este revelação fôra em publico; mas pela natureza do facto, não; porque é quasi commum o beijo dos namorados e os passageiros namoros. Quem sabe quantos beijos porventura gozaste no verdor da mocidade de namorados desfructadores? Negarás agora isso pelo direito que te assiste, tão somente.

E melhor resposta poderia eu dar, se não fosses como já és: velha e feia Roza, murcha e depreciada. Agora, então, que te queres dar ao trabalho de falar em favor das jovens de hoje, creio que melhor partido tiraries em te occupar em fazer... renda, ou de nós outros ser intermediaria nos namoricos, afianço-te.

—Espero ser desculpado por te ter aqui tratado por *tu*, como se fosses uma Roza ainda em miniatura, quando já és uma dessas cujas petalas se vão despregando, emurchecidas, queimadas pelo calor solar.

Aos amaveis leitores desta *Revista* peço desculpa por não ter, na minha *Carta aberta*, estampada num dos seus numeros passados, posto a precisa nota de que o conteúdo da referida carta não traduz um facto realizavel e sim hypothetico, o que então faço agora.

S. Luiz.

A. REIS.

Num album

Mulher, se tu soubesses o valor
Que te dedico nesta insana vida,
Talvez apagarias o explendor
Que te envaidece p'ra seres querida...

Se comprehendesses que esse teu amor
Te faz ficar um pouco prezumida,
Talvez tu procurasses, com vigor,
Deixar de ser amada e extremecida...

E para ser-te mais perseverante
Relembro-te que tens em teu semblante
A viva imagem d'uma condemnada...

Assim, mulher, bem podes comprehender
Que não deves amar, deves morrer:
—A vida, para ti, não vale nada...

Cursino de Azevedo.

Gramatiquices

Quando cursavamos o curso profissional do Liceu Maranhense os nossos professores Domingos Machado e Alfredo de Assis nos meteram na cabeça umas duzias de regras de gramatica de que ainda não nos esquecemos. A observação ensinou-nos que a unidade e a pluralidade formam dois estremos. Todas as coizas se dirijem a qualquer um deles, conforme a ocazião. Sabemos que as palavras variaveis: substantivo, adjetivo, pronome e verbo têm os numeros singular e plural, que indicam uma ou mais de uma couza ou pessôa. Ha palavras que se nos aprezentam invariaveis, quer no singular, quer no plural. Dão motivo a uma

classificador austéro procurar-lhes uma classificação particular.

Por exemplo; podemos citar a palavra *lapis*.

Tratando da concordancia do sujeito com o verbo o dr. Eduardo Carlos Pereira, á pag. 222 da sua Gramatica Expozitiva do curso superior, dá esta regra: «Certos substantivos proprios na forma plural como Andes, Estados Unidos, Amazonas, Campos, etc. só levam o verbo ao plural quando não se oblitera a noção de sua pluralidade». E em seguida: «As palavras que estiverem no plural quanto á idéa, quando sujeitos, deixam o verbo no singular, p. ex: Dançou se os lanceiros; cazas é substantivo». Pelo que fica dito nem sempre o singular é mesmo singular e nem sempre o plural é sempre plural. Depende da vontade de quem escreve. Portanto, não nos cauzará surpreza aquele que á luz do dia nos afirmar que o pequeno é o grando ou que o grande é o pequeno. E' questão de gosto. Sigam com a bandeira, porque os gramaticos já perderam a paciencia de berrar no dezerto!

S. Luiz—24-2-920.

C. de F. II

ROUXINOL

Oh! meu Rouxinol formoso
«Bem dictoso
Já desponta a madrugada;
Desabrocha a linda flôr
«Que olôr:
Sobre a campina orvalhada.

Manso o regato murmura
«Na verdura,
De lindos ramos em flôr
Vê-se a estrella brilhante
Scintilante
A tremular com amôr.

Ergue-te oh! meu passarinho
«De teu ninho,
Vem saudar a madrugada;
Modula o teu bello canto,
«Doce encanto,
Na hora da alvorada.

Posalva.

Joaquim Oliveira.

Carta aberta

Meu caro José Monteiro

Saudações.

Gostei muito do seu artiguete estampado na «Revista Maranhense», sobre o titulo—«Um typographo illustre»—por isso mesmo não quiz deixar de lhe enviar esta cartinha.

Tudo o que a sua pena burilou é a expressão da verdade, é um facto incontestavel!

Quando todas as classes se colligam, fazendo valer os seus direitos, essa a que você se referiu, num desfalecimento sem igual, perde a cada anno que passa, o brilho que gozava nesta terra.

Cabe essa culpa, permitta que lhe adiante, aos mestres das officinas e aos proprietarios, que por pequenos interesses se esquecem de que devem zelar pela tradicção da arte, porque dahi lhes advirá o valor, das obras o credito para as officinas.

Actualmente, essa classe é a mais desprotegida, sob todos os pontos de vista.

Grande parte das typographias desta S. Luiz, está localizada em predios sujos e que não obedecem aos Bellarmino de Mattos, Cizino Corrêa de Frias, e tantos outros mestres illustres no desenvolvimento da arte graphica.

Desappareceram esses grandes vultos e com elles os seus sonhos; foram para a eternidade com a illuzão de que os seus successores saberiam honrar as suas tradições de que os seus discipulos não deixariam a sua arte desmerecer do conceito que gosava. E, na verdade sondados os esforços por elles empregados era justo que os typographos de agora fossem mais cuidadozos, mais cultos, mais conhecedores dos mysterios dessa arte bella que tanto enobrece o espirito.

Os typographos de hoje, deviam demonstrar mais gosto na combinação de vinhetas, tarjas e typos, tendo-se em vista os grandes melhoramentos introduzidos ultimamente pelos fundidores.

Os trabalhos de Bellarmino executados ainda na época da *escuridão*, com tantas dificuldades ahi estão, limpos e bem feitos.

Meu caro José Monteiro,—como acima lhe disse, a classe graphica em nossa terra definha se.

Ninguem, absolutamente, procura arranca'-a dessa prostração.

Antigamente, dizem, os que privaram com o velho Frias—havia respeito, moralidade e amor á arte. E hoje? Onde, em que officina typographica se nota o respeito? Pelo menos, em algumas das que conheço, jamais vi e ouvir dizer que fosse praticado a moral.

Não ha disciplina. Os aprendizes não teem respeito aos mestres e aos seus auxiliares. Mas é necessario que lhe diga, meu caro, que grande parte desse viciamento é provocado pelos proprios operarios que como tenho tido occasião de assistir, dirigem graçolas e pilherias aos principiantes, em horas de serviço, que se lhe fosse contar, de certo, sentiria vergonha.

Os operarios nas officinas trajam-se mal, uzam roupas tão sujas e rasgadas...

E, se lhe parece exagero o que aqui lhe descrevo vizite amiudadamente algumas das typographias de nossa terra que você se certificará da verdade. Creia que actualmente não se sabe quem é discipulo senão ás vezes, pelo tamanho...

E por lhe fallar em discipulos dou-lhe alguns traços dessa caterva de analphabetos que ora infecciona a classe.

Alguns proprietarios e chefes de officinas, quando recebem aprendizes, já nem se dão ao trabalho de perguntar se sabem ler.

Qualquer creança acostumada nas beiras das praias e nas vias publicas a praticar toda sorte de trampolinice, exercitada na capoeiragem, é recebida como couza muito bôa.

Entram elles hoje, com cara de santo e logo, dias depois, com tigres, manhosamente estendem as unhas aguçadas pela liberdade, para ferir os que lhes aconselham á pratica do bem. Se fossem obedientes os que se aprezentam nas typographias era toleravel.

Mas qual. Alem de ignorantes são malcriados e patifes.

Explicados esses factos perguntará você:—Que fazem os mais sensatos operarios que não se revoltam contra tantos abuzos?

Respondo-lhe:—Nada fazem porque nessa classe não ha união. Se vinte protestassem, trinta julgariam

injusta a repulsa e diriam, como tenho tido occasião de ouvir, que para ser typographo, nesta terra, onde só se ganha de dois a quatro mil réis diários, que mal dão para comprar o sustento, não preciza se conhecer muita couza, ter grande instrucção

Não me julgue indiscreto por lhe contar esses factos, sobre a classe á que me acho ligado e creia que o seu escripto arrancou-me do peito um dos mais profundos échos de dôr que me dilaceravam a alma e que tudo quanto acabais de ler é a expressão da verdade.

Do seu crd. e amg.
Carlito.

S. Luiz,—4—920.

Depois do baile

.. E terminou-se aquelle grato instante,
E ti pedi que não te fosse embora!
—A h! quem pode impedir que a rubra aurora
Jamais desappareça de levante?

Partiste. E ao despedir-te, naquella hora,
Eu vi empallidecer o teu semblante!
—Vieste como o sol de luz radiante
E foste como a estrella que descóra.

Ao longe, se voltavas o teu rosto,
Sentia dentro em mim atroz desgosto
Como o proscripto a olhar a terra amada.

E foste... e nunca mais!... Onde é que habitas?
—Como é bom recordar aquellas ditas
Horas, em que eu ti vi apaixonada!

15/6/920. *Elpidio Santos.*

Antonio Lobo

O dia 24 de Junho nos faz lembrar o passamento de Antonio Lobo, escritor maranhense e amigo da mocidade. Antonio Lobo, morreu. Ja não ouvimos aquela voz, que os nossos ouvidos já estavam tão afeitos a escutar. Antonio Lobo, figura de destaque, espirito de uma sabedoria inabalavel e orgulho dos maranhenses, não procurou plagas estranhas para cultivar a sua intelijencia.

Estudou, lutou, e um dia, quando se sentiu corajozo de seu saber começou a guiar a mocidade no caminho da instrução, que se achava prestes a cair no abismo da ignorancia.

Ensinou, e avistou não muito lonje a coróa que devia premiar o seu trabalho Antonio Lobo não mais existe porque nos não o vemos; mas, em nossas almas de estudantes, estão gravadas as suas sublimes palavras. O nosso coração ainda pulsa por ele porque ainda sentimos e sentiremos sempre a falta do amigo que nos guiava na estrada do saber, um pae que nos mostrava um bom caminho.

A mocidade maranhenre perdeu, no passamento de Antonio Lobo, um amigo, um pae e um protetor.

Eu associando-me as homenajens justas, venho tambem depor, no tumulo do inesquecivel mestre Antonio Lobo, uma grinalda de flôres, orvalhadas com sentidas e sinceras lagrimas.

Maria B. Varella.

Saint Barthélemy

(Especial para o Prof. José Monteiro)

Paris dormia. A noite suáve e amena;
De aljôfares o azul do céo folgía.
Como enorme serpente se estendia
Sobre a cidade luz, tranquilla o Sena.

Eis que accorda em delirio. A paz serena,
Em dobres se transmuda, e a revolta
O povo corre amedrontado. E' dia!
O cutello do algôz corta sem pena.

Vinte quatro de Agosto. Os campanários
Dobram incessantes, tristes, funerarios,
Plangendo cruél vingança sem o querer.

Catharina feróz, o meu Destino,
Vibra cruento, no meu peito o sino,
Até no triste instante em que eu morrer.

Julho de 1920. *Bidico de Rodrigues.*
Redactor Chefe de «O Combate».

Discurso pronunciado pelo sr. Luiz Guimarães, na noite de 27 de junho passado, no Gremio dos Maquinistas.

Sr. Presidente.

Meus senhores e minhas senhoras.

Não quero perturbar a bôa impressão deixada pelas palavras eloquentes do illustre orador que me antecedeu, porém impulsionado pelo sentimento de solidariedade e de amor por esta classe a que tenho a honra de pertencer, é que ouso vir a esta tribuna, não para vos deleitar com um bem elaborado discurso, porem como sabeis, não disponho de recursos intelectuaes, mas somente para congratular-me convosco pela data que hoje transcorre, e hypothecar a minha gratidão pela confiança imerecida que me tendes dispensado desde o glorioso dia 27 de Junho de 1918 até a presente data e mais por este novo periodo, cujo praso ispira em 27 de Junho de 1921. Não sei o que neste humilde e obscuro serto encontrastes para o desempenho de tão espinhoso quão honroso cargo, cargo que deveria ser confiado a outro que melhor possa satisfazer as exigencias e necessidades que o dezenvolvimento e interesse da classe exigem. Pois já que quizestes me ter como uma das moleculas do conselho dirigente desta corporação, correspondendo-vos á confiança que em mim depositaes, afirmo vos de todo o meu coração que envidarei todos os meus esforços e todas as minhas energias em prol do desenvolvimento e interesse da classe, e para o bom desempenho do cargo que venho occupando e que por vossa ordem continuo a occupar.

Terminando concito a todas os collegas e consocios, para continuar-mos na luta encetada até a victoria decisiva.

No proximo numero, publicaremos o discurso do sr. Salustiano Faria, prezidente do Gremio, proferido, nessa noite.

O 3 de maio

Afim de não passar despercebido esse dia, que não é o verdadeiro do descobrimento do Brazil e que erroneamente o consideram, nós, acompanhando a avalanche que o consagra, realizamos uma modesta reunião a que compareceram senhorinhas e companheiros nossos. Tomou caráter intimo essa reunião, pois não distribuimos convites. Ocuparam a tribuna pela ordem a joven Severa Ferreira; os academicos Astrolabio Caldas, Cursino de Azevedo; o liceista Hermelindo Gusmão e finalmente o nosso diretor, José Monteiro, que se ocupou de «O maranhense e o problema nacional». Todos receberam palmas. Assinaram, no livro de prezença as senhorinhas Leopoldina Martins da Souza; Luiza Bezerra; os srs. Arentino Ribeiro, Jorje Guimarães, Martinho Souza, Manoel Clodomir Martins, João Guilherme de Abreu; Izac Ferreira e Benedicto Silva.

O juri e o habeas-corpus

Ambos se encontram garantidos pela nossa constituição.

Fazem parte dela. O juri quaze dezaparecia. Salvou-o uma emenda aprezentada á última hora. Assinaram-a mais de trinta reprezentantes do povo. O *habeas-corpus* vem de Roma. Encontramol-o no direito romano. O juri veio da Grecia. Ha contestações a esse respeito. Transmitiram-no-lo os inglezes assim como o *habeas-corpus*. Este, a principio era perpétuo. Mudou de espécto mais tarde. A Inglaterra conheceu-o, no reinado de Carlos II.

Disseminou-o com a republica: requeremo-lo a toda a hora.

Explicam nos duas correntes quando nos cabe pedil-o. Diz uma delas: toda a vez que queiram proibir as nossas funções. E' o remedio de que nos podemos servir em qualquer momento: Basta que a lei assim o diga. Entre os defensores dessa maneira de interpretal-o, citaremos os conhecidos juristas Pedro Lessa e Macêdo Soares.

A outra corrente recomenda o *habeas-corpus* em cazo do individuo se achar ameaçado de prizão. Já vimos alguem requerel-o, no superior tribunal.

Tratava-se de uma falencia. Queria o falido um *habeas corpus*. O tribunal não o concedeu. O advogado da vitima recorreu ao supremo tribunal, fundando-se num acórdam desse tribunal, publicado duma revista de jurisprudencia.

Esta é oscilante na sua baze, o que levou o acatado jurisconsulto João Monteiro a comparal-a á volubilidade do sexo fraco.

O dr. Almaquio Diniz no seu livro *Direito publico e constitucional*, fala dos motivos do *habeas-corpus*.

Refere-se á nulidade da prizão, á detenção por mais tempo do que marca a lei; quando a prizão se prolonga sem justificativa, etc. Ore essas duas ultimas cauzas podem francamente fundir-se numa só. O mais é redundancia. Ele não se manifesta contrario ao juri, onde o povo julga o proprio povo.

O marquez de S. Vicente era, tambem, um dos seus maiores defensores. Feliz ou infelizmente, o juri vai caindo. Querem substituil-o pelo juiz singular. Mas a constituição ainda não foi reformada, e ela garante a existencia do juri, que possue um conselho de sentença, cujo numero de jurados foi diminuido.

Estes têm de responder aos quezitos feitos pelo juiz. Muitas vezes, os jurados condenam os a quem querem dar liberdade. Dizem que o juri é o ponto de reunião de muitos preguiçozos.

Psicolojicamente, provou-se que as rezoluções das coletividades não merecem confiança. O individuo é impelido por duas forças: uma individual e outra coletiva. Pela bóca do dr Bento de Farias, sabemos que a córte de cassação de Pariz anulou uma das decizões do tribunal do juri do Soma, porque, durante os trabalhos, um jurado dormiu e roncou.

Fiquemos nestas noções a repeito do juri e do *habeas-corpus*.

S. Luiz-1919.

João Monteiro.

(Da Faculdade de Direito do Maranhão).

Discurso pronunciado pela quartanista do curso profissional do Liceu Maranhense senhorita Maria Monteiro, por ocasião do aniversario do «Doré Club», em junho do corrente ano:

Dois annos de vida estão escoados na emensidade do tempo e ainda o mesmo sentimento de solidariedade vos aproxima e vos torna inseparaveis, na marcha para a objectiva traçada pelo vosso desejo de sair vencedores.

E a minha consciencia me diz, meus senhores e minhas senhoras, que a victoria não está longe de vós. á medida que proseguis, ella se patenteia ás vossas vistas, mostrando-se á luz brilhante da realidade.

O vosso club é uma conquista. Ainda bem me lembro das reuniões civicas, das partidas que tendes realizado. Que alegria entre as suas associadas ? ! Que prazer se advinha no semblante dos convidados !

E' uma epopéa de luz e um hinario de gloria a festividade segunda da inauguração do vosso club.

Para frente, sempre confiantes porque acima de tudo está a vontade dos fortes e porque acima de tudo está a perseverança dos que a sabem ter !

Meus parabens !

Culto de admiração

(*A' alguem*).

Admiro a vossa modestia, a vossa belleza, o vosso porte e olhar dominador !

E porque muito vos admiro, ouvi-me, com um pouco de attenção:

—Lamento viverdes sem o carinhoso amor de mãi e sem o olhar vigilante de um pai. Mas nada importa isso, porque tendo um raciocinio bem desenvolvido—pois não sois despida de educação—não vos deixareis levar, por qualquer galanteio de um homem desconhecido, ao ponto em que chegam muitas jovensinhas—o da difamação por suspeitas.

Resguardai-vos das vistas coriscantes desses *dandis*, que infestam os meios sociaes, praticos e affeitos á illudição das mocinhas pobres e desprotegidas ! Não vos deixeis levar, por meio de meras

palavras e ficticias juras, a cometter qualquer acção digna de censura, pois, os curiosos indiscretos que pululam entre a multidão que nos cerca, não só propalam o que as suas vistas alcançam, como tambem idealizam suspeitas e atiram-n'as aos quatro ventos, á cata de verdades.

Sois pobre—porque não possuides oiros; mas sois senhora do *saber*, e ahi está nesse thezoiro de riqueza intellectual o vosso futuro rizonho...

Porisso, com honestidade, sem esmorecer em meio da jornada, cuidae de vós mesma!

Preferie viver dos vossos trabalhos domesticos, ao em vez de se deixar arrastar por vis paixões ao lodaçal da deshonestidade que se alastra sem detença por todos os recantos da terra.

Sêde senhora de vós mesmo; aprendei a dominar os vossos desejos, oppondo-se ao mando do coração, com energia inabalavel, na realização de factos censuraveis ao vosso vêr.

—Se o vosso procedimento fôr sempre digno de elogios—não vos torneis impaciente, em querendo possuir um coração amante—esperae um pouco mais, resignada, que tereis a realização do ideal patente aos vossos olhos.

Ahi então ficareis admirada, e ao depois reconhecereis que o vosso guia fôra o poder divino, senão outro em paga do vosso esforço ao combate ás seducções!

E se pensardes ao contrario, tendes raciocinado errado.

Sêde pois sempre altiva e dominadôra!

.....

Acceitae, então, de envolta ao culto de admiração e muito respeito, que, sinceramente, á vossa merecida pessôa vota o humilde admirador, as palavras futeis que encimam estas linhas.

S. Luiz.

Nosleda.

Fica em nosso poder diversos escritos que não puderam sair neste numero, entre elles, a ortografia da Revista; O bilhete postal do Fulgencio Pinto e noticiario da chegada e dos festejos realizados aos nossos socios honorarios, prof. Fran Paxeco e Domingos Machado, as reprezentações do grubo Talia e a morte do dr. Paulo Amaral.

SOCIAIS

Professorandas Maria e Edite Monteiro

Essas duas senhoritas que vêm fazendo os seus estudos e curso profissional do Liceu Maranhense tiveram no seu lar a visita de suas amiguinhas, por occasião do seu natalicio, que fizeram-lhe uma surpreza, dansando-se até alta madrugada. Dentre os presentes vimos as interessantes Tavica, Rolinha e Carmelita Mendes, Zuila e Raimunda Lago, Eglantino Reis, Zuleide Azevedo; as senhoritas Amancia Fernandes, Maria José Aragão, Nelzuila Silva, Severa dos Santos, Izaudelina Muniz, Erozina, Maria de Lourdes e Bertha Moraes Rego, Mariana Mendes, Maria José Ribeiro, Magnolia Costa, Maria Teodora Ferreira, Cloris Ferreira, Maria Julia, Fortunata e Nizeto Ouri, Joana Fernandes, Raimunda Rocha, Rita Machado, Maria e Malvina Goiaosa, Maria Silva, Zuila Cunha, Heraberto Cerqueira, Raimunda Serra, America do Sul e Maria José Miranda.

Irmão Paulo Domingos

Os alunos do colejio de S. Vicente de Paula estiveram em festa por occzião do aniversario do seu director, cujo nome encima estas linhas. O aniversariante que tem ilustrado as pajinas da nossa Revista com os seus trabalhos, foi muito cumprimentado.

Deputado Cunha Machado

Ao lado da sua familia, na capital do paiz, viu decorrer o dia do seu nascimento. Não prezumos memorar o que o deputado Cunha Machado tem feito pelo adeantamento do Maranhão, porque está na consciencia de todos a serie de trabalhos produtivos.

Dr. Herculano Parga

Chegado do Rio de Janeiro, acha-se nesta capital, o dr. Herculano Parga, deputado federal. Veio em visita ao seu pae, cel. Inacio Parga, que se achava acamado.

A Revista Maranhense que sempre mereceu do dr. Herculano provas de distinção, aprezenta-lhe como seu socio honorario que é, os seus votos de bôa vinda.

Cap. Luzo Torres

Fora da capital passou, neste ano, a data do seu genitlizes o cap. Luzo Torres, prefeito municipal. Assim mesmo os seus amigos não deixaram de testemunhar o quanto é estimado.

Nei Antonio

O lar do nosso colaborador João P. S. Caldas, 3 escripturario da Delegacia Fiscal do Belo Horizonte, encheu-se de alegria pelo nascimento do seu primojénito Nei Antonio, ocorrido, em 24 de junho proximo passado, na Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

Ao João P. S. Caldas e á sua exposa, d. Zaida Gonçalves de Caldas, enviamos os nossos parabens, dezejando felicidades ao Nei.

Agradecemos a comunicação que nos dirijiram.

O Centro Artistico

Só merece elojios a rezolução tomada pelos seus directores quanto a ampliação das aulas noturnas, de forma que agora o operario não aprenderá se não quizer. Ha professores e bôa vontade.

Gremio dos Maquinistas

Da seu secretario Luiz Guimarães recebemos comunicação da posse da nova diretoria no dia 27 de julho. A sessão assistida por diversas senhoritas e maquinistas, foi presidida pelo nosso director José Monteiro, que empossou a diretoria eleita; agradecem a distinção que lhe fora confiada e dezejou felicidades aos seus novos diretores. Fizeram se ouvir os srs. Salustiano Farias, prezidente eleito; Luiz Guimarães, 1.º secretario (reeleito) e Valdemiro Reis, prezidente do Doré Club. Todos foram, ao terminar, muito aplaudidos.

Sociedade Jovem Siria

O sr. Miguel Nazar, 1.º secretario dessa futurosa sociedade comunicou-nos a posse da nova diretoria a qual almejamos uma administração brilhante.

No Paiz da Morte

Concorridissimo esteve o enterro do sr. Estacio Miranda, um dos maquinistas mais estimados no nosso meio social. Trabalhador, procurava sempre fazer se notado pelas suas qualidades imitaveis. Acompanharam-o até ao campo santo representantes de todas as classes sociaes. Viam-se diversas corôas. Da capela do cemiterio ao tumulo o seu caixão foi levado a pulsos por socios do Gremio dos Maquinistas e do Doré Club. Ao deitarem-se flôres o sr. Pacifico Santos proferiu um discurso.

—O nosso consocio cel. Domingos Perdigão, passou pelo dissabor de perder uma das pessôas da sua familia pelo que sentimentamos.

—Tambem o nosso advogado dr. Luiz Carvalho ha mezes perdeu uma de suas filhinhas. A Revista Maranhense mais uma vez aprezenta-lhe os seus sentimentos.

—O joven Mauricio Furtado sofreu o triste golpe do pereçimento da sua estremoza mãi.

Dr. Delfim Moreira

Na capital do paiz, faleceu o dr. Delfim Moreira, que occupava o cargo de vice prezidente da republica. As repartições publicas fecharam e o dr. prezidente do estado, em nome do Maranhão, mandou rezar uma missa na catedral, pelo extinto. E' de estranhar que a mocidade estudioza não se manifestasse pois se muito estão nas Academias ou Faculdades devem a elle que não vetou a lei do *monstro*.

A Revista Maranhense solidaria com o Brazil intero rende o necessario culto á memoria do morto.

No mundo jornalistico

Sobre a nossa meza de trabalhos temos a «Liga Maritima Brazileira», «O Jornal Batista», do Rio de Janeiro; «O Norte», de Barra do Corda; «O Bloco e «O Trabalho», de Caxias; «O Nordeste», do Piauí; «O Progresso», de Itapecurú-mirim; «O Coroatá», de Coroatá.

A Ordem

Em Pedreiras, surjio «A Ordem», jornal bem impresso e que promete muito. Dezejamos que o novel confrade não se meta em politica; estude parcialmente os fatos e torne-se verdadeiro arauto da imprensa indijena. Aos moços que a dirijem os nossos aplauzos.

Espediente

Diretor — José Monteiro.

Redactores — Clemente Guedes, Izaac Ferreira, Astrolabio Caldas, Luiz Silva, Souza Bispo, José Carsino de Azevedo e José D. Barboza.

ASSINATURAS:

Capital.	2$500
Interior.	3$000
Numero avulso	$200

SOCIOS BENEMERITOS:

Dr. Urbano Santos da Costa Araujo e o sr. Hercules Caldas

ADVOGADO — Dr. Luiz Carvalho.

SOCIOS HONORARIOS:

Drs. José Viana Vaz, Godofredo Viana, Justo Jansen Ferreira, Abranches Moura, João da Costa Gomes, Antonio Batista Barboza de Godois, Raul Machado, Oscar Galvão, Bezerra de Menezes, Aarão Brito, Luiz Domingues da Silva, Herculano Nina Parga, Candido Mendes de Almeida, Francisco Cunha Machado, José Euzebio, José Barreto, Almeida Magalhães, d. Helvecio de Oliveira, capitão Luzo Torres, padre Arias Cruz, professores: José Ribeiro do Amaral, Domingos Afonso Machado, Joaquim Santos, Fran Paxeco, Nascimento Morais, coronel Frederico Figueira e Correia de Araujo.

SOCIAS E SOCIOS COLABORADORES:

Professoras Zila Pais, Etelvina Vasconcelos, Filomena Almeida, Maria do Carmo Teixeira, Roza Castro, Herminia Soares, Genoveva Ribeiro da Silva, Blandina, Genesia e Oritia Santos, Maria das Neves Monteiro, Pascoal Galvão Advincula, Hermindia Soares Ferrel-Cecilia Martins, Aracéa Fernandes, Nair Pinheiro, Hortencia Pinho, Elizabeth Gronwel, Zelinda Machado, Laura Souza, El.Zeila e Noemi Souza, Zoé Cerveira, Maria Amelia Costa, as senhoritas, Nizoca Nunes, Zozima Sá Cavagnhac, Abigail Sarmento, Zenaide Segadilha, Maria Eleonora Varela e Benedicta Castro, e os senhores José Monteiro, Adelman Correia, Apolinario de Carvalho, Ruben Almeida, João Vicente de Abreu e João Guilherme de Abreu.

AJENTES NO INTERIOR E FÓRA DO ESTADO:

Arari — Major João de Lemos.
Caxias — O sr. Antonio F. Costa.
Viana — Senhorita Maroca Nogueira.
Penalva — O sr. Cavour Rocha Andrade.
Barro Vermelho — Prof.ª Filomena I. Silva.
Barra do Corda — Ismael Salomão Moussalem.
Guimarães — Prof. Emircia Santos.
Itapecurú-mirim — Prof. Manfredo Viana.
S. Bento — Prof. Palmerio Campos.
S. Simão — Prof.ª Hilda Aguirres.
Icatú — Prof.ª Jozéfa Amazonas.
Morros — Prof. Fani Parga.
Cajapió — Prof.ª Odila Cardozo.
Chapadinha — Manoel Leite Fernandes.
Cururupú — O sr. João G. de Abreu, filho.
Cantanhede — O sr. João Rodrigues.
Vila do Paço — Prof.ª Nizal Prado.
Anil — Prof.ª Benedita Guimarães Silva.
Maiobinha — O sr. José Barbosa Cordeiro.
Maioba do Genipapeiro — Prof. Elpidio Santos.
Alcantara — Senhorita Clotildes Berniz.
Santo Antonio e Balsas — O sr. Melquiades Moreira Ferraz.
S. Vicente e Ferrer — Prof.ª Maria Justina Serrão.
Cametá — O sr. Tobias de Souza Revorêdo.
Amarante — O sr. Paulo Ferreira
Curralinho — O sr. Leonidas Alves da Silva.
Miguel Alves — O sr. João Franco de Carvalho.

Imprensa Official. S. Luis — 192[illegible].

REGULADOR GARRIDO

(NÃO HA RIVAL)

O remedio mais soberano contra as Flores Brancas ou Leucorréa, as dores das Menstruações exajeradas e muito fortes, da Blenorréa, o Chloro, as Purgações Chaicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorroidas das senhoras, o Catarro do Utero a Suspensão da Menstruação, Achaques Nervozos, a Falta de Menstruação, a Palidez das Moças e o Raquitismo das Moças.

O Regulador Garrido, o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

O «Regulador Garrido», pode ser uzado por longo tempo e em qualquer ocazião, sem causar mal algum sofrente

DEPOZITO GERAL, na Farmacia GARRIDO.

RUA OSVALDO CRUZ,

Maranhão.

Contra o Reumatismo

GOTAS DE TANGUA

Não contém iodureto nem mercurio

Puramente Vegetal

VENDE-SE NA

Farmacia Jezus

Rua de Sant'Ana, 132

Biscoutos Inglezes de JACOB

das apreciadas marcas: Lemon puff, Petit beurre, Butter cre. am, Orang ercam e Select d 12 variedades escolhidas)
Ameixas Francesas, n. 3 e 5 em fracos de 1 k; 1/2 e 1/4 de Kilo.
Ditas em latas de 1/2 kilos avulsas

Ditas de lindos cartões.
Bacalhau ingloz especial, de caixa.
Vinho Chianto branco e tinto em litros e 1/2 litros
Old Tom Gin. 'Gato' e White.
Vermouth Italiano Rossi e Cinsano.
Sabão Carbolico e Suolighth.
Agua do Vichy
Presuntos Americanos 'FERRIS'.
Peras Americanas em calda
E muitos outros artigos novos, recebeu pelos ultimos vapores e vende muito em conta a

Morcearia NEVES

Mercearia Neves

Recebeu pelo «Baia» e vende barato, xarque platino especial, feijão do Rio, manteiga, praia, amendoim preto e farinhas brancas; queijo prato e penedo, maçãs americanas, repolhos especiais, tamaras aos kilos e muitos artigos novos.

Padaria Venêza

Nesse estabelecimento comercial vendem-se, barato bolachas, biscoitos finos etc.

Aviam-se encomendas para a capital e interior do Estado.

Rua Osvaldo Cruz—100

Pilulas de feto macho

CONTRA VERMES

Farmacia Santos

Rua de Sant'Ana, 132

Padaria Veneza e Mercearia

Completo sortimento de bolachas, biscoitos e pães, manipulados com todo o asseio; farinha de trigo importada directamente, vinhos, cervejas, café e todos os demais generos de primeira necessidade.

M. Ferreira da Silva

100 — RUA OSWALDO CRUZ — 100

S. Luiz do Maranhão

Vêr para crer

Na ALFAIATARIA GUEDES, á rua de Santana, canto com rua 28 de Julho, prepara-se com prontidão e esmero todo e qualquer serviço por preço modicos.

Esperimentae!!!...

Peitoral de Contra Herva e Jambú Composto

Soberano Remedio

Approvado e licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica, sob n. 1180de 13 de Dezembro de 1919.

Infalivel contra as molestias do peitos.

Cura as tosses pertinazes, incessantes, as bronchites agudas ou chronicas, as dôres do peito, da garganta, accessos de asthmae, falta de ar e emfim, todas as perturbações do apparelho respiratorio, produzidos por constipação, accessos de grippes etc.

Deposito Geral:

PHARMACIA CRUZ

Candido A. de Carvalho Cruz.

Rua Nina Rodrigues n. 65.

MARANHÃO

Aos que soffrem

Contra a morphéa:—Harzeol, Elixir de chamoogra, Tintura de assacú, etc.

Contra a tuberculose: Morrhuol de Chapoteaut, Calcithina Methylarsinada, Ferro-Somatose, etc.

Contra a Diabetes: Gottas de litharsyne, Pilulas Sejournet, Vinho de Pesqui, etc.

Contra as molestias do estomago e dos intestinos:—Hepatolaxina, Neutrafsina, Bipepsogio, etc.

Contra as doenças do figado:—Comprimidos hepaticos Chaix, L, Enkenol Clément, Licor dos inglezes, etc.

Contra as constipações e tosse:—Vegetaline Dubois, Leptandrine Royer, Comprimidos Thiecol Roche, etc.

Contra febres:—Vacina paratiphica, anti-typhica, Arsequinina Leimatre (em polas), etc.

Contra a histeria, epilepsia e neurasthenia:—Gotas de phosphovinato de oiro Jolhy Tribomoreto Gigon, Valéro bromina Legrand etc

Contra as doenças das senhoras:—Philagyna, Ovariomastina, Pilulas Héléniennes de Nand etc.

Contra as doenças dos hemens,—Gereseptol, Gonason, sôro anti-gonococcico, etc

Contra a falta de dinheiro:—Uma caderneta da Empreza Predial do Norte que já pagou premios no valor de mil e tantos contos de reis!

PHAMACIA DO NORTE

Praça João Lisbôa 12

AVIZO

—Os nossos socios, socias e ajentes podem quando quizer enviar trabalhos literarios: contos, poezias, charadas, etc., que publicaremos gratuitamente.

—Toda e qualquer correspondencia deve ser dirijida á rua cel. Colares Moreira, n. 21 ou á praça d'Alegria, n. 5

Já iniciamos a cobrança das assinaturas do corrente ano. Pedimos aos nossos ajentes e ás nossas ajentes que nos informem do que têm feito pela «Revista»

CASA BORDALLO

72—Rua Oswaldo Cruz—27

Chegou, pelo ultimo va opor, que pode haver de mais CHIC em calçados da ultima moda, para senhoras, homens e crianças, dos melhores fabricantes.

Preços sem competidor

TINTURA PRECIOSA

JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas, — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

ANO 6 | S. LUIZ—MARANHÃO | N.os 56, 57 e 58

Redação
Rua Coronel Colares Moreira, 21

Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE



Dr. Antonio Batista Barboza de Godois

Atualmente na capital do paiz, viu transcorrer o seu aniversario natalicio a 10 de novembro.

O dr. Godois, autor dos livros: O mestre e a escola; Hijiene Pedagojica, os ramos da educação; Instrução Civica é um dos vultos, que em nossa terra mais tem escrito a respeito de instrução publica. Esteve como diretor da Escola Modelo «Benedito Leite» e da Escola Normal, cuja extinção cauzou grande dano ao Maranhão inteiro.

Nós da «Revista Maranhense», que sempre recebemos do dr. Barboza de Godois provas de consideração, mandamos-lhes os nossos parabens, pela passajem dessa data e que continue a honrar-nos com as suas produções, assinadas por Franklin de Menezes, o pseudonimo, de que se serve neste mensario.

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restitue, no fim de 120 sorteios, as mensalidades pagas pelos prestamistas

PRAÇA JOÃO LISBOA, 12—MARANHÃO

Premios pagos de 1912—1920
Rs 1.501:907$000

Resultado do 89 Sorteio da 2ª Serie (B), a que se procedeu, hoje, na séde da Empreza, 13 horas:

Premios de 10 izenções do pagamento das prestações durante 6 mezes

1º N. 763—D. Antonia Barroso, residente nesta Capital
2º N. 1017—D. Maria José d'Almeida Neves, residente em Tutoia
3º N. 2408—Josias Correia Barbosa, residente em Aracaty
4º N. 209—Cel. Joaquim Marques Macatrão, residente em Brejo
5º N. 795—D. Sabina Borges de Carvalho e seus irmãos, residentes em Cajapió
6º N. 1982—João Bandeira de Rezende, residente em Peripery-Piauhy
7º N. 372—Dr. Pedro Borges da Silva, residente em Theresina.
8º N. 1417—D. Olegaria Fraucisca Ribeiro, rua de Santa Ritta, 2
9º N. 1395—D. Othilia de Carvalho e Silva, residente em Floriano
10. N. 1852—Luiz Pires Correia, residente em Barras Piauhy

Casa no valor de 5:600$000

N. 50—Joaquim Gonçalves Cordeiro, residente em Barras-Piauhy

Maranhão, 31 de Dezembro de 1920

Claudino Netto — Fiscal do Governo Federal
Adolpho Paraiso — Director gerente.

NOTA—De acordo com o Regulamento do Governo Federal, estão eliminados todos os prestamistas devedores em 3 sorteios, e só terá direito ao premio o prestamista que estiver quite.

Ourivezaria Perola

— DE —

Jczé L. Pereira

Aceita-se encomenda para toda especie de bijuteria

Adereços meios-adereços, colares, pulseiras, broches, chate-laines, rozetas, aneis, abotoaduras, alfinetes de gravatas, trancelim para penci-nez, porta-leques, voltas de coral, teteias, etc.

Preços baratissimos.

Asseio e muita arte.

Rua Osvaldo Cruz, 9—Rua Osvaldo Cruz, 9

Credito Mutuo Predial

BAIXOS DO SOBRADO A RUA DA CRUZ, 61

Premios distribuidos e pagos até hoje:

Rs. 398:437$500

Nada deve em premios

Auctorizada a funcionar e fiscalizada pelo Governo federal.

CARTA PATENTE N. 4

Hontem, ás 15 horas, presentes o Fiscal do Governo Federal e autoridades, correu, pelo systema de urnas e espheras, o 1.º sorteio deste mez, dando o seguinte resultado:

IZENÇÕES

Foram izentas do pagamento, em cinco contribuições, as cadernetas:

N. 7423—Antonio d'Azevedo Faria, rua Portugal.
N. 5710—Carlos Fontoura Chaves, Axixá.
N. 7065—José Castello O Braga, rua Rio Branco, 56.
N. 8228 Eugenio Porto Soares, rua 28 de Julho, 60.
N. 1153—Valentino Santa Cruz Oliveira, Manáos.

— PREMIO —

Contemplada com um anel de brilhante e uma pulseira de ouro, no valor de 1.100$000, a caderneta n. 0094, pertencente a Exma. Sra. D. Octavia Januaria Pires, residente nesta Capital á rua Oswaldo Cruz, n. 145.

Maranhão, 5 de Janeiro de 1921.

O Fiscal do Governo Federal.
Claudino Netto.

Os proprietarios—**CHAVES & C.ª**

PERGUNTA-SE!

V. Exc. já vizitou a Secção de retalho da casa DACIO SOUZA & COMPANHIA? Se não o fez ainda, não perca, aproveite a opportunidade, de que nunca inolvidado sympathia aprende-á áquella casa? Alli não se fascina o freguez pela labia manhosa, previamente estudada, não captiva se pela incomparavel modicidade nos preços do que é exposto á venda.

Crea V. Exa. não se arrependerá ao corresponder a essa gentil convite, pois os seu artigos são da melhor qualidade, se acham aptos a satisfazer integralmente, o gosto do mais exigente freguez.

Gosto artigos de primeira qualidade e mais atrahente conveniencia em preços só, unicamente, só, na casa,

Dacio Souza & C.

46 — RUA DA ESTRELLA — 46

Anno 6 | REVISTA MARANHENSE | Ns. 56, 57 e 58

Artes, Ciencias e Letras -- Publicação mensal

SÃO LUIZ---MARANHÃO DE 1921

O ensino musical (1)

Ainda ontem ao viajar no transporte que nos conduz ao Anil, recordava ao lado do illustrado prof. Amaral, factos que se desenrolaram há 31 annos passados. Era bem pequeno, mas a reminiscencia me traz á tona da razão scenas que então se passaram e que reavivadas pelas lições do meu genitor, hoje me impressionam bastante. Da redacção do *Globo*, Paula Duarte atirava typos e bellas e limadas phrases, á mult dão que alli bem defronte estacionava, a pedir explicações, a proferir desmandos, hoje para nós outros inexplicaveis O meu pae, (com que dôr me lembro), acercando se dos conhecidos, pediu lhes brandamente, que se retirassem, que esperassem as consequencias Tivessem fiança. Talvez o regime que surgia, fosse melhor para todos. Não dispunha de eloquencia; contava, entretanto, com a amizade de muitos, que mais calmos o atenderam e procurando os seus lares, foram descançar, e, (quem sabe), não estiveram a sonhar, ou com grandezas, ou com mizerias? Deixemos os sonhos alheios, pois, ás vezes, nem os nossos mesmos podemos explicar. . O certo, porem, meus patricios é que horas mais tarde, da janella da casa paterna, ao lado do meu carinhoso pae, assistia ao passar das patrulhas, cujos feridos arrependidos se queixavam de lhe não ter obedecido. Era o resultado da imprudencia, desobediente á força armada, que em nome da lei se reponha garantindo as instituições nascentes.

Não vim, para aqui, meus patricios, com o fim de historiar factos que 31 annos nos separam, nem vos horrorizar com o sangue que infelizmente manchou aquela época. O motivo é muito outro. Os amigos de *A Revista Maranhense* assim o quiseram.

—

Confesso, caros senhores, a escolha foi um tanto dasastrada . . Nao poderiam achar pior interprete para o thema proposto. . E' de bom proveito e de excelente pratica o não engasar a outrem. *Nosce te ipsum*. Deixem-me repetir mais uma vez esta maxima favorita de Socrates e gravada no frontispicio do templo de Delphos. Mas, já que me metteram nesta dificuldade, faz-se mister, que eu da mesma sala com a maior brevidade, embora alquebrado pelo peso, que não é na verdade pequeno para mim, que, em materias attinentes á intelligencia, sou falho, e pertenço mais ao grupo dos trabalhadores pelo pão de cada dia, difficultoso, diga-se verdade, na actualidade.

Já me tenho externado sobre o ensino musical no nosso meio. E' deficiente, mal ministrado. Não vae isto com laivos de offensa a quem quer que seja. Ponhamos de lado qualquer prevenção e deixemos a verdade nadar, e, com o oiro que se lhe desprende, pintemos as coisas como o devem ser.

A escola primaria não ensina os elementos de musica que devem ser ensinados á criança. A falta de estabelecimento que somente ministrasse o ensino musical, muito tem contribuido para o respectivo insuccesso, Precisamos ver e attender que máu principio concorre para funestissimas consequencias, quando qualquer pessôa quer atravessar um curso tão melindroso como é o da musica, conscientemente feito. A theoria que lá se ensina é quasi que nulla; a divisão rythmica defeituosissima; o solfejo não passa de um amontoado, feito pelas duas matérias antecedentes, em completa desorganização. A Escola Normal em seu curso ligeiro não obstante atravessado em alguns annos numa travessia todavia de poucas horas por semana, não póde preparar professores aptos a diffundir os primeiros, e, para isso os mais difficeis passos na arte musical. A' escola de musica é que deve ir o interessado buscar um curso regular e saturado de ensinamentos que lhe são proprios, que lhe são inherentes. Permittam-me a phrase um tanto brusca, verdadeira comtudo em toda sua plenitude: A instrucção da arte dos sons, conforme aos ensinamentos prestados pelo actual curso primario, constitue para a mesma um attentado flagrante.

Poderia furtar-me e era bom que me furtasse ao pedido insistente dos rapazes de *A Revista Maranhense*. Quis furtar-me; entretanto elles entenderam que deveria desandar a lingua até dizendo palavras pezadas como estas, que irão, certamente, levar o desagrado a pessoas que me consideram Paciencia, a verdade é esta; e nós professores de musica vemos dia a dia, com immoderado constrangimento, devido ao irregular inicio, decair a nossa arte predilecta, como sóe acontecer ás arvores salutaras e robustas, que o machado inconsciente e impiedoso, atira ao chão, sem remorso, desvairado. . . E' melhor que se não propague o mal. Dê-se-lhe, ou, em linguagem mais acertada e propria, applique se lhe o cautério preciso. Não é custoso: a bôa vontade a par de elevado criterio, irá a pouco e pouco corrigindo defeitos tantos e tamanhos que o bom, o elevado nome da arte, exige o seu completo desapparecimento. Os preceptores primarios deveem ter em mira um unico methodo, dictado por um lado por preceitos pedagogicos hodiernos, e feitos por outro á luz que irradia de competentes summidades da matéria

E' impossivel aproveitar se, qualquer alumno de qualquer estabelecimento primario no ensino de instrumentos musicos com o fim de tirar-se resultado satisfatorio. E' porque? Porque o curso instrumental demanda o conhecimento das disciplinas acima mencionadas, e estas uma vez imperfeitas, conduzem ao embaraço, ao atrapalho para o qual o mestre anteriormente escolhido, contribuiu na sua máxima parte.

Como poderá o professor do instrumento a ensinar expor as regras que se forem exigindo e dar lições que corrijam os defeitos do mau ensino anteriormente ministrado? Impossivel.

Direi passageiramente o que penso, ou, por outros termos, o que a experiencia me tem demonstrado.

ELEMENTOS DE MUSICA. Existem artinhas bem elaboradas e dignas de atenção. O professor afeito ao ensino quotidiano, e que recebeu regular instrucção na arte dos sons, póde, sem canceira nem desperdicio de tempo guiar a criança até certo ponto, isto é, até aquelle em que o profissional do instrumento desejado, continue o encetado, seguindo, então, ambos em cursos paralelos. Não é possivel, absolutamente, faze-lo, o que não estiver ao par, de posse de um curso musical sufficiente, donde emanem rudimentos que reflicta directa e bem fazejamente no alumno. E como é que, das imperfeitas ou más árvores queremos colher bons fructos? O ensino elementar de musica ministrado descuidadamente, por methodos estranhos aos verdadeiros principios, não frutifica: dá resultados tão differentes que, fôra melhor não faze-lo; abandona lo completamente. Que digam melhor do que eu, os profissionaes que têm recebido alumnos desse jaez.

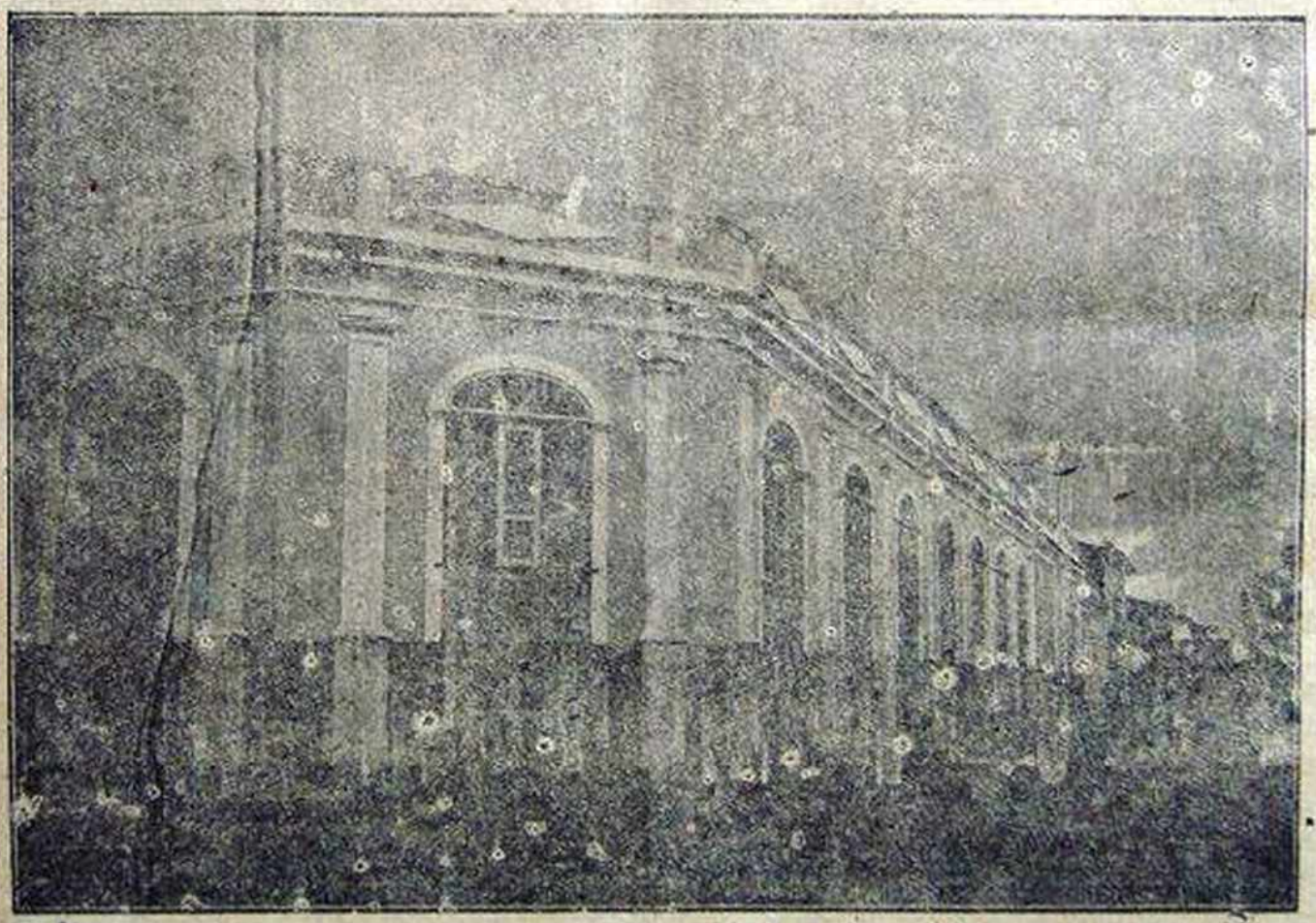
DIVISÃO RYTHMICA—Depois de alguns passos, depois de plantada carinhosa e cuidadosamente a semente que mais tarde germinará e cujo fruto ao tempo determinado será co-

lhido, iniciará o preceptor a criança na divisão métrica. Irá do simples ao complexo, numa escala em que o *crescendo* é sempre admiravel, sempre um verdadeiro crescendo. Entre outros, o methodo do Bona, ainda obtem lugar de saliencia. Fazer a divisão métrica, não é lêr desconnexamente qualquer trecho; dizer unicamente os nomes das notas, sem interesse, papagueando, sem energia, sem calor. Para ler se á primeira vista trechos de technica complicada e de arrevesados rythmos, é substancialmente necessário que o curso de divisão seja se não completo, ao menos criterioso. As difficuldades não pequenas que de instantes a instantes se apresentam aos que desejam lêr á primeira vista, aos que querem *tirar a peça*, como dizem numa linguagem antimusical são de crimudas e defeituosos ensinos recebidos de defeituossimos professores. O curso métrico tambem segue parallelamente.

Solfejo. Depara se-nos o ponto culminante do curso iniciativo. O solfejo deve somente ser estudado quando já se tenha paciente e methodicamente passado pelos elementos musicaes e pela divisão rythmica. Ao contrario é contraproducente; é uma loucura. A theoria dos intervallos, a fatura mathemática que lhe é peculiar, seguida do immediato calculo dos tons e semitons, é lhe fundamento; é base sobre a qual devem repoisar futuros conhecimentos, quer no ramo instrumental, quer no ramo da composição. Ademais solfejar não é abrir a bocca desmesuradamente, como se se gritasse atraz de algum fugitivo. Solfejar, na sua verdadeira accepção, é uma arte; não é uma mentira. E que arte bella: dizer as notas pronunciadas, num continuo movimento os labios, simples mas expressivo as figuras com os seus nomes e valores nos attinhem, quando estoadas na sua precisa altura!

---

(1) Palestra lida a 18 de novembro de 1920, na sessão solemne de *A Revista Maranhense*.



IMPRENSA OFFICIAL -- MARANHÃO

Florilejio Poetico

EPEMENIDES

Conta uma lenda grega e a lenda agrada
Que Epemenides muito moço, um dia
Do rebanho paterno que ele guia,
Fôra em busca de ovelha desgarrada.

Mas em chegando a tarde o esfôrço é nada!
E ele longe do teto em que vivia
—Um leito a terra—e em pedra abandonada
Outra pedra a dormir na noite fria.

E corre o tempo e a mocidade... Dorme
Epemenides este sono enorme
Que os segredos da vida lhe desvenda

Sabio desperta, a tez se enruga e toda
Alva a cabeça, a gente é outra a moda
Passara, assim vai passando a lenda

Nascimento Moraes.
Lente do Liceu Maranhense.

TEU NOME

Carpindo uma paixão fria e dolente,
Um causlico dorido de amargura,
Relembro o teu amor, e com docura
Saudo o teu olhar doce e ridente...

Ingrato sofrimento me procura
Nesse ambito de dor impertenente
Abraça-me com graça e brutalmente
Paira em meu peito cheio de tristura.

Então, nesse sofrer, nessa agonia
Recorro ao meu passado entristecido
Em busca de um consolo ao coração...

Inverso tudo encontro, e dia a dia
Revejo no meu peito dolorido
A mais medonha e frivola paixão.

Cursino de Azevedo
Da Faculdade de Direito do Maranhão

O teu beijo

Tenho da lira austero o brando arpejo,
Da luz crepuscular a claridade,
Mas não tenho, de ti, o almejo...
Procuro, peço, rogo, em vão, debalde!

Porque fojes tão destro aos meus dezejos?
Tu que és um anjo, pleno de bondade!...
Dá me o calor sublime dos teus beijos,
Vem me aquecer com tua mocidade

Não fujas; vem querida, como és linda!...
Se beijar-te é morrer talvez bem cêdo,
Não beijar-te é morrer mais cêdo ainda.

Prefiro, pois, em vez de tarde, cêdo,
Penoza morte, com a delicia infoda
Do teu sublime beijo, terno e lêdo...

Alcantara—920. *Aimoré Ramos.*

Contraste

Na curva do horizonte dilatado,
atravez das estepes do oriente,
se precipita o dia bruscamente,
no apolineo carro esbrazeado.

No negro e vasto espaço constelado,
que a noite abandonara lentamente,
espalha um clarão rubro, intente,
tornando o firmamento iluminado

De novo sobre a terra volve a vida,
até poucos instantes retraida,
sob o pezo da treva negra, imensa.

Tudo folga feliz na Creação,
não desperte, porem, meu coração
imerso na saudade mais intensa!...

G. dos Reis.
1º escripturario da Delegacia Fiscal

O Lobo e o Esquilo

Fabula de Tolstoi

De ramo em ramo, alegre, saltitando,
Caiu em Esquilo descuidozamente
Sobre um Lôbo dormindo, que, acordando,
Agarra-o p'ra comer ganozamente.

Vendo-se prezo o Esquillo, meigamente,
Lhe roga que o soltasse, e o Lôbo estando
Em maré de bondade, fez-lhe ciente,
Soltal-o, mas, que o fosse repostando:

—Porque vives alegre, pobre Esquillo,
A vida, em dôces sonhos transformando,
Emquanto eu vivo triste e nem tranquilo
Gózo o sono, mil vezes acordando!

—«Tenho médo de ti! e en, me soltando
Melhor te explicarei!... disse-lhe o Esquillo:
«Porque é que vives triste e lastimando
Esse viver, que o mal é bom punil-o!»

—Te soltarei! responde o Lôbo: E agora
Precizo de ti ouvir!.., E em se trepando
O Esquillo solto, e rindo, dizlhe: «E' a hora
De dar-te esta resposta, ó! mizerando

«Lôbo que passa a vida o mal pensando:
E's triste, porque és máo!... e o máo depiora
A vida em paz que os bons vão desfrutando;
Adeus! seu Lôbo vil!... Rio. Foi-se embóra.

24—11—920

Bidico de Rodrigues.

COMEMORANDO

—Rezumidamente damos aqui noticia das festas realizadas pela "Revista Maranhense" e das quais os jornais se ocuparam:

Por ocazião da passajém da morte do dr. Almeida Oliveira, a sessão foi no Centro Caixeiral. Prezidiu-a a professora d. Neomenia Gandra que disse estas palavras:

"Justissimo foi o gesto dos rapazes da "Revista Maranhense", realizando hoje esta reunião, em que comemoram mais um ano da morte do dr. Almeida Oliveira. Eu muito agradeço a distinção que me foi feita para prezidir esta reunião, assim como em nome do corpo redacional desse mensario agradeço o comparecimento dos prezentes e faço votos para que o Maranhão pela mocidade estudiosa continue a prestar homenajens a quem tem direito de as receber".

A interessante menina Zuila do Lago levantou-se dizendo: "A escola mixta municipal do bairro de S. João vem, tambem, tomar parte nesta sessão, e eu, em nome das minhas coleguinhas de estudo peço licença, para saudar a memoria do dr. Almeida Oliveira que muito fez pelo ensino, na terra em que nasci".

O 12 de outubro e o 3 de novembro foram comemorados na Camara Municipal. Os trabalhos do primeiro dia foram prezididos pelo dr. Lemos Viana e os do segundo pelo cap. prefeito Luzo Torres. Ambos se esternaram sobre o assunto. No dia 3 depois da sessão seguimos em passeata até a praça do poeta Gonçalves Dias. Na Camara falaram a senhorita Jozefina Matos pelo curso profissional do Liceu as jovens Severa Ferreira, Florencia Lima, pelas escolas municipaes e o academico José Cursino de Azevedo pela Faculdade de Direito. Junto da estatua do dr. Benedito Leite, o sr. Benedito de Carvalho e Silva, pelo Instituto Ateniense; Hermelindo Gusmão filho, da janela do Centro Portuguez, pela Legião Ateniense; José da Mata Roma, na rua Osvaldo Cruz, pelo Instituto Gomes de Souza; o farmaceutico Julio Ramos, do quartel federal, pela mocidade estudioza; o sr. Vilela de Abreu, na rua Rio Branco, pelo Aprendizado Agricola «Cristino Cruz»; as senhoritas Lucrecia Kert, pelo curso profissional, Margarida Laurnd pelo Instituto Roza Nina; José Monteiro, pela Revista Maranhense, a promotora da festa; José Barboza, pelo Liceu Maranhense; Assis Garrido, José Vasconcelos, pela «Pacotilha» e finalmente o festejado homem de letras prof. Fran Paxeco que tambem foi muito aplaudido.

— A 18 realizamos uma sessão comemorativa á data. O prof. Adelman Correia fez uma brilhante palestra a respeito do ensino de muzica nas nossas escolas.

Nessas reuniões que realizamos sempre fomos honrados com a prezença das diretoras dos grupos estaduais, professoras das escolas municipaes, diretoras da Escola Normal Primaria, Instituto Roza Nina, Gomes de Souza, prezidentes do gremio dos maquinistas, União Operaria, Centro Artistico, Instituto Muzical S. José, Faculdade de Direito, alunos e diversas familias a quem reverentemente agradecemos o concurso prestado.

O Liceu Maranhense—Dr. Oscar Galvão—discurso—o novo diretôr, conego Chaves—os exames finais

Essa caza de ensino é uma das mais tradicionais do Maranhão. Nela estiveram grandes vultos que conquistaram louros para as letras patrias. Por ocazião da despedida do dr. Oscar Galvão, ex diretor dessa caza de ensino, o liceista Teixeira Leite pronunciou este discurso:

Dr. Oscar Galvão

«Mandam os meus colegas, que hoje, dia em que deixais o cargo de diretor deste estabelecimento de ensino, que eu venha vos dirijir a minha inespressiva palavra, não só para vos agradecer o que por nós fizestes, durante os seis anos, que nos dirijiste, como tambem, para manifestar o nosso pezar por tordes deixado o cargo, no qual sempre batalhastes, para o nosso bem.

E é por isso que agora vos falo. Fostes, sempre, um ardoroso defensor da nossa instrução; ensinastes camadas e camadas de moços, que ao transporem os umbraes deste templo de ensino levam consigo a recordação dos sabios e sagrados conselhos, com os quaes nos admoestaveis, para o nosso bem. Mas... falar dos vossos nobres predicados? recordar os vossos anos gastos em prol da mocidade estudioza? para que? si todos os que me ouvem vos conhecem, si todos vêm gravados em vossa nivea e tremula cabeça as provas do vosso labór?

Dr. Oscar, crêde que hoje vemos unicamente diante de nós um grande ponto de interrogação que nos pergunta:

Rapazes, tereis um diretor tão criteriozo, tão bom, tão probo, tão grato, como o que ora vos deixa? Quem nos responde tal pergunta? A roda traidora da fortuna, oxalá que tenhamos um diretor como vós e, crêde-me, si assim fôr, seremos felizes.

Dr. Oscar, pedem tambem os meus colegas que eu vos peça que desculpeis algumas faltas por nós cometida porque, si algumas fizemos não emanaram de nosso coração e sim de nosso espirito de estudantes folgazões.

Terminando peço aos meus colegas para darem um brado unisono, brado que vá repercutir nos quatro cantos desta cidade como protesto á censura feita ao nosso venerando mestre».

O dr. Oscar Galvão agradeceu essas palavras.

Como noticiamos, acha-se á frente desse estabelecimento o conego Chaves que de ha muito vem se destinguindo no magisterio publico. A principio fundou uma escola particular donde sairam diversos rapazes que hoje occupam logar de destaque, no nosso meio social. Ninguem pode contestar no novo diretor do Liceu as qualidades requeridas, para o dezempenho desse mistér.

Como em todos os anos realizaram-se os exames finais não só dos alunos que frequentam o Liceu, como dos matriculados nos colejios equiparados. Convem manifestar a justiça havida nas provas escrita e oral, demonstrando-se assim que no Maranhão já se trata, mesmo, da instrução. Nossos aplausos.

A vitoria

(Continuação)

A Astrolabio Caldas e Benedicto Silva.

Eu chamo-me Opulencia disse a fada de roupajem azul; tenho riquezas, palacios, se quizeres seguir-me serás feliz sem precizares de lutar pela vida; has de viver rodeado pelo ouro por isso decide-te em seguir-me, pois não te arrependerás nunca; ás moço poderás gozar muito sem precisares de trabalhar. Julio lançou um olhar a outra de tunica branca e com a voz quazi sumida perguntou: «E tu, como te chamas? Porque estais tão triste?

A fada respondeu:—Chamo-me *Luta*; sou pobre, vivo do meu trabalho; não tenho palacios, nem riquezas, mas com a minha pobreza sinto me feliz. A riqueza só é honra, quando

adquirida com a luta pela vida, portanto, se me quizeres seguir, irás trabalhar muito, para um dia poderes sair glorioso; pois para seres feliz e ter um futuro cheio de felicidade é precizo lutar muito e muito. Dicide-te; eis aqui a minha estrada;—esta era coberta de agudos espinhos.

O mancebo voltando-se para a *Opulencia* ajuntou: «Aquela é de espinhos e meus pés ficarão doentes se pizal-os. E a tua de que é feita?

A *Opulencia* soltou uma sonora gargalhada e mostrou a sua que era coberta de flôres, e disse: Partamos, tu junto a mim serás feliz!

Ambos meteram-se pela estrada de flôres. Emquanto que a fada da *Luta* dizia entre dentes:—Vai ingrato, um dia me virás procurar;sentou-se á beira da estrada e começou a pensar.

Decorreram os anos. Por uma bela tarde a *Luta* indo passear pela mesma estrada de espinhos deparou um pobre rapaz que deitado dormia a bom dormir. Reconhecendo-o, tocou-lhe de leve na cabeça. O joven despertando não poude conter um grito de alegria, e tomando as mãos da fada exclamou: perdôa-me, eu te fui ingrato, mas reconheço a minha falta e vim vêr se ti encontrava para fazer-me feliz.

A fada começou a rir interrogando: Onde ficou a *Opulencia*? Ela não te prometia tantas venturas? «Tudo era iluzão, disse o mancebo, pois com a mesma facilidade que m'a deu m'a tomou, hoje sinto-me ainda mais pobre portanto leva-me comtigo». A *Luta* ofereceu-lhe o braço e o levou pela intensa estrada.

Partiram.

Os anos corriam admiravelmente. Um dia Julio atravessava a mesma estrada para vir em busca da caza paterna trazer a felicidade e a paz. Era ele rico e muito rico, o seu futuro era coberto de flôres, pois com seu suor e com lutas horriveis da vida, Julio conseguira ficar milionario... Agora seus pais o apertam de encontro ao coração. Que alegria aquelas duas almas não sentiram em receber nos braços o seu querido Julio.

Este sentando-se junto a meza falou:

Meus queridos velhos, faz vinte anos que os abandonei para ir em busca de um viver mais cheio de esperanças e hoje volto trazendo-vos a felicidade e a paz. Bem creança eu era, mas com tão pouca idade lutei dia e noite para poder chegar ao caminho da gloria. Sofri e sofri muito, mas hoje sinto me feliz porque pude trazer-vos a felicidade que a vossa velhice ambiciona.

O trabalho meus bons velhos é a diviza do homem honrado, é ele que nos dá forças para afrontarmos as lutas horriveis da vida, se sou feliz é porque lutei sem cessar. Quantas vezes me sentia sucumbir pela descrença e o trabalho suavizava-me com seu balsamo dando-me esperança de um dia sair venturoza. Eis-me aqui em vossos braços, vos trago a felicidade e a alegria. Julio lançou-se nos braços de seus velhos pais; estes lhe cobriram a fronte de beijos orvalhando-a, ao mesmo tempo, com sinceras lagrimas.

MARIA E. VARELA,
Da «Revista Maranhense»

S. Luiz.

Vespaziano Ramos

Trecho do discurso proferido na «Revista Maranhense», pelo redator Clemente Guedes, quando foi recebido pelo socio Astrolabio Caldas.

Quando eu o conheci Vespaziano era óspede désta nossa glorioza terra. Uma véz, numa comemoração de uma data glorioza levada a efeito pela nossa alta inteletualidade, eu a convite de um colega compareci, porque sempre acompanhei os atos civicos e sempre os aguardo de coração aberto e com grande patriotismo, e ali estava, fazendo parte na solenidade o nosso querido poéta e meu patrono,hoje Vespaziano,ali,recitou uma de suas mais belas produções, porém muito,cheio de acanhamento.

Uma menina que estava ao lado de uma senhora idonea lhe disse, dindinha como esse moço é frenetico o que a senhora lhe respondeu é porque ele é vergonhoso.

De fato Vespasiano, nos seus primeiros aparecimentos, éra muito retraido de certas formalidades. E porisso mesmo as suas poézias são sempre cheias de harmonias e serenas.

Vespasiano pertencia a Oficina dos Novos, e escreveu em diversos periodicos, revistas, poezias repassadas de um brilhantismo inspirado por um coração sentido.

Além de muitas produções dispersas, Vespaziano ainda deu a lúz um volume que é todo uma gloria. O seu livro doiro «Cóiza Alguma» é elaborado do quanto existe de melhor em arte e rimatolojia

O sonéto o sól do sertão é uma beléza de arte e grandeza de merito. Neste sonéto, o poéta demonstra a sua grande vida nos sertões.

«Vivese bem neste logar em meio
Destes murmurios, neste enverdecido
Coração de floresta, em que, hoje leio
Este livro que nunca tinha lido...

E termina com esta chave de rima que é toda resplendente de perfumes;

«Eu me deixo ficar, sozinho e mudo
«Para do alto, mergulhar minh'alma
«Na divina harmonia disto tudo...»

«Subindo ao Amazonas», é outro sonéto belissimo onde o poéta, como Jezus no horto, chora a dôr de uma saudade infinita que fáz chorar a propria Natureza e apaixonar a propria muza.

O soneto termina assim:

«Minha mãe! quantas lágrimas choraste...
Tão cêdo já de mim tu vaes ficando
Como jamais na vida me ficaste»...

Pobre poéta! Era a saudade de sua extremoza mãe,a saudade dos beijos maternos, éra a dôr que o filho querido sente nesta hôra do anjelus, quando tudo melancolicamente o entristece. Era a saudade de sua terra amada, a saudade da sua apaixonada, aquéla que ele amou e sonhou na vida; éra a saudade da virjem que lhe féz poéta e lhe féz sofrer; era a saudade daquela que o poéta um dia disse nestes versos doiro

«Veio. Era crepusculo. Não havia
Sussurro algum pela florésta. O vento
Cessara ao pôr do sól. Neste mômento
Ela o pequeno córmeno descia"...

Era a saudade de Leonor querida, a virjem de seus versos que lhe enganou.

"Unge com o coração o desgraçado
Que vem te procurando ha tantos anos
Trazendo o coração despedaçado
De tropessar em tantos desenganos"...

Mas o passado lhe disse soluçando:
Pobre, tu és o que partio cantando,
Ela não é a que ficou chorando"...

E o poéta amou sem ser amado.

Vespaziano, deixou um só livro, porém um livro de produções cheio de florea certeza, de um sentimento vivo,grande, cheio de clarões de padrões de glorias!... O poéta depois de pagar a sua querida terra uma divida sagrada, a divida de nascimento foi, desgraçadamente chamado pelo destino!

E partio. Deixou os seus para viver entre extranhos. No Rio, no grande mundo das létras o poéta foi laureado de palmas e de maiores louvôres. O seu livro foi lido e relido pelos grandes homens de létras.

Mas o poéta já previa a fatalidade de seus sonhos; e sem que recebesse o tributo de que éra merecedor, retrocedeu por outros caminhos do destino pairando sob o doce murmurar das águas do Amazonas.

E ali, depois de alguns mêses, de torturas, de magôas, talvez, o nosso infeliz poéta enviou a sua alma de artista e sonhador á rejiões dos deuzes, aos páramos da gloria.

Vespaziano o nosso poéta sertanejo, porisso que não cursou as grandes academias, enriqueceu a literatura patria, abrio caminho a muitas esperanças, e no entretanto, desapareceu como muitos vates de sua laia, trabalhando pelo nosso engrandecimento, iluminando a nossa historia patria.

ANTONIO FALCÃO

(*Continuação*)

A vossa admiração está em ter sido, Feliciano Antonio Falcão, cadête aos três annos de idade apenas; aos dez alferes; e, aos quinze, elevado ao poste de capitão quando lhe foi confiado o commando da guarnição de Caxias. E foi lá, como capitão em chefe dessa importante commissão "assaz delicada evidroza", que o futuro brigadeiro heróe, no curto espaço de um ano, conseguio restabelecer, em todo o districto de Caxias a tranquilidade, a segurança individual e de propriedade, além da confiança dos povos nas instituições. Se vos espantais por tam simples couza, é porque ignorais, de certo, que, naquele tempo, 1810, eramos ainda uma colónia, viviamos sob as leis emanadas da velha metrópole portugueza, eramos conciderados como um prolongamento de Portugal e está claro sujeitos, tambem, aos seus decretos.

Por um decréto, naquelle tempo em vigor, os filhos de generais nasciam soldados e mesmo, em tenra idade, eram reconhecidos cadêtes. Das mesmas regalias gozaram—o general Osorio e Duque de Caxias, dois vultos que honram a nossa historia.

Ainda que se originassem, ás ascenções rapidas de Falcão aos altos postos, da influencia de que gozava seu pai junto aos de sua classe, não chegaria jamais, o nosso heróe, ao posto de brigadeiro se motivos não houvessem para o distinguir. Se, no posto de capitão, não desse mostras sobejas de seu valor, certo estaria, neste momento de que, o meu constituinte, jamais passaria de um simples capitão e sem importancia.

Caracter integro de legitimo soldado. Alheio ás dissenções partidarias, nunca se desviou dos seus deveres de patriota e de militar completos.

Para se negar o valor do brigadeiro Feliciano Falcão, como patriota, como defensor do civismo e da terra que o viu nacer, preciso se tornar incinerar a historia que o acolheu com carinhos de mãi extremoza.

No art. 2· e ultimo do mesmo "libelo" procurastes provar que ele, somente ele, Falcão, foi o causador da "irreparavel perda sofrida com a morte dos que, sob o seu commando, morreram nas Areas".

Mais uma falsa acuzação. Mais uma injuria. O culpado de alguns fracassos da força legal, e principalmente no ataque das Areas, foi o tenente coronel Francisco Sergio de Oliveira então commandante das forças expedicionarias do Maranhão que, com sua inépcia e incapacidade, criava embaraços ao joven major que, valente e heroicamente, se batia pela cauza da integridade nacional, rebatendo os impetos de furia dos rebeldes.

Alvo da inveja—essa afecção vergonhosa que entontece a alma do menos disposto — Feliciano nio Falcão sofreu, no ostracismo onde o jogaram os seus desafétos gratuitos, duras privações até que, a justiça, por meio da gratidão emanada da alma do coronel Luis Alves de Lima, então prezidente do Maranhão, o colocou em logar propicio donde podesse, sempre subindo, conduzir-se ao alto posto de brigadeiro.

Pelos exemplos de honradez e bravura merece ser sempre lembrado e citado, ásgerações de amanhã, como um verdadeiro patriota, legitimo cultor e propuguador indefesso do civismo.

Souza Bispo.
(*Do Instituto Ateniense*)

3—920

Este trabalho foi lido num jury na «Revista Maranhense».

A educação do Coração

(*Continuação*)

Si, pelo contrario, ficarem descuidadas devemos receiar que as boas esmoreçam até desaparecerem de lado, abafadas que serão pelas más cuja constituição é mais resistente.

Urje pois estabelecer ao redor do menino uma atmosphera sã onde todos os sentimentos bons possam se desenvolver sem constrangimento. Chegar-se-á a este fim por uma «bôa disciplina», isto é, uma disciplina firme e dezapaixonada, inspirada pelo amor á infancia, izenta de rigor e de fraqueza, imposta de um lado sem rancor, nem severidade exajerada, e aceita do outro com respeito, confiança e amor.

Nesse ambiente de ordem, de calma, de regularidade, os melhores sentimentos de gratidão, de piedade, de justiça, de caridade, de solidariedade, baze das virtudes privadas, relijiozas e civicas, se encontrem no seu elemento natural e podem dezabrochar, ao passo que os instintos perversos, não encontrando ocazões propicias de se manifestarem, perdem do seu vigor, diante da dezaprovação e despreso.

∴

Comquanto salutar e imprescendivel seja a influencia de uma boa disciplina, ela ficaria moralmente insuficiente sem o concurso direto e pessoal da propria criança.

No que toca á formação do coração, o menino não recebe a sua educação deve «fazel-a», sem o que esta ficará sempre mais ou menos illusoria. E' nesse sentido que Monsenhor Dupanloup, o eximio educador, dizia «o que o mestre faz pessoalmente é pouco, o que elle manda fazer é tudo».

A educação do coração consiste em facilitar o desabrochar das boas disposições com o fim de transformal-as em virtudes, em estorvar o crescimento das más para que não passem em vicios. Esses dois fins exigem porém muito esforço pessoal, de criança por mais favoravel que seja o meio. Para transformar as boas em virtudes é mister enrobustecel-as pelo costume e não é senão por actos frequentes que se adquire o costume. Para estorvar o desenvolvimento das paixões vis é necessario combatel-as, resistir-lhes para não se deixar arrastar.

Uma serie, ás vezes bem penosa, de pequenas victorias é com o auxilio da graça, o unico meio de domar as paixões.

E esta uma verdade de que a criança deve ser instruida e convencida.

O que é mais importante ainda é obter do menino a pratica dessas mesmas virtudes para serem a norma da sua vida.

Para conseguir este alvo carece não só esclarecer-lhe a consciencia da necessidade do esforço, mas ainda fortificar-lhe a vontade para tornal-a capaz desse esforço.

Accostumado á luta, primeiro contra as más inclinações pouco a pouco criará coragem para mais tarde vencer as paixões e assim é de esperar que na occasião propicia saberá resistir ás perfidias vozes dos sentidos para trilhar o caminho da rezão até alcançar o nobre ideal de homem integro.

F. D.

Do Collegio S. Francisco de Paula.

EM MEMORIA

(O sr. Sabino Costa)

Era morena e formoza. Ainda no dezabrochar da vida, era tão linda e gracioza, qual cisne alegre a boiar, num lago azul recamado de flores olentes nadando em busca de outro cisne que pudesse compreender a meiguisse de sua alma e os encantos de sua sedução.

O jardim de sua existencia compunha-se, apenas, de vinte e uma rozas orvalhadas pelo sereno de vinte e uma estações primaveris. Esbelta e morena, os seus cabelos ondeados e pretos, côr de ebano, espalhando-se sobre as suas espaduas redondas, emprestavam mais graça á sua beleza de virjem candida e pura. Nos seus olhos negros de velludo, humidecidos, sempre, na mais inocente das alegrias, refletiam-se toda a ternura da sua alma candida e virjinal e toda a bondade perene do seu excelente coração. A sua boca pequenina, côr de romã, onde brincava sempre um rizo alegre jovial, deixava aparecer, constantemente, os seus mimozos dentes de marfim. O seu halito sadio tinha o perfume do jasmineiro em flôr e ouvir a sua voz harmonioza era ouvir uma harpa celestial tocada pelos delicados dedos de um anjo do Senhor.

.....

Mas ó destino implacavel! A virjem pubere tão cheia de vida outr'ora, de encanto e de beleza, e candida como um prece, foi traçoeiramente arrebata pela morte cruel, ha dois anos, deixando, em cada coração uma saudáde imarcecivel.

Quando, uma vez, o rozeo albôr da madrugada despontava, alóm, e as flores no prado despertavam sorridentes, nessa hora então, subia envolta em nuvens brancas, á mansão sublime das almas puras, a alma da inditoza flôr que murchava.

.....

Ajoelho-me, pois, reverente, sobre os degráus frios desse sepulcro e rego com o amargôr do meu pranto, a louza fria que guarda os despojos sagrados da virtude, lá onde a briza leve da Ave-Maria vai rumorejar preces misteriozas que só compreendem os mortos. La nesse campo sagrado, o choro é consolo, porque nele as vaidades do mundo se nivelam. Recebe, ó Almas sublime, as minhas lagrimas sentidas como testemunho de saudade eterna.

Maranhão, 25 de Maio de 1920.

Brandão de Melo.

FILOLOJIA

Tenho reparado que é uma grande ignorancia e um grande erro, digno de se reprecnder nos jornaes, o dizer chistozamente (por ironia parece) de alguns estudantes que raro é a pessóa que analiza Camões.

Talvez com certa autoridade dos mestres que admirados dos grandes talentos do poeta sabem como dizem mas que não os advertem e que por isso mesmo lhes cabe uma parte do castigo ou toda responsabilidade de semelhante disparate.

—Pois bem: é o autor a sua obra e é a obra o seu autor.

Tratemos de estabelecer formas simples com as quaes o estudante não possa errar na aplicação destes dois termos—o AUTOR e a sua OBRA: que é autor? Que é obra? São couzas diferentes mas reprezentam um mesmo individuo um mesmo personajem e, como estamos numa sala de ensino entre alunos e alunas e não diante das estatuas de Apolo nem das insinuantes figuras de Venus nem numa expoziçáo de dotes materiaes nem num salão d'um baile nem entre dansarinas formozas e catitas mas numa sala de luz desta luz que sustenta e avigora grande numero de entendimento e que por isso se chama inteletual. Tratemos do que nos é mais licito e produtivo, do que nos elevou a encarar esta empreza: estudar esta obra, ver as belezas que ela contem, o seu estilo e a sua grandeza e demonstrar a estes pobrezinhos, não como os misterios d'Eleuzis mas claro como a agua do rio Nilo.

Expor as dificuldades que por ventura possam encontrar [como é rial!...] por ser o autor dotado de um talento superior capaz de encomodar uma academia como, o é, Camões, que no dizer de um grande sabio "rezume em si uma literatura inteira».

continua

M. Baima.

Auxiliar do Comercio.

Torre de Babel

O sr. Amazonas Duarte, acabou de publicar na Capital Federal um belo livro, sob o titulo TORRE DE BABEL, nitidamente impresso nas Oficinas Tipograficas do Ginazio 28 de Setembro.

Essa publicação está dividida em dois extensos capitulos—«Labiritno de Creta e Memorias do Lago Teberiade», os quaes se ocupam da vida agitadissima do Cristo, «o Cristo que sentiu rolarem sobre sua cabeça loura de galileu, como perola, as gotas do Jordão, no batismo iniciador e simbolico; o Cristo que «nos seus hombros ino-

centes carregou a cruz nefanda e pezada, como acusado de um crime que nunca pensara de cometer»; o Cristo que «amou os olhos mansos, arrependidos de Maria Madalena»; o Cristo que «nas brancas noites de luar macio, no monte das Oliveiras, deixou-se inundar a alma da luz oriental, cabelos soltos ao vento, ao doce vento da noite; o Cristo, emfim, que «nos caminhos da Peréa, falou balsâmico e suave á infancia libululesca, que sorria ás suas palavras untadas de carinho»...

O assunto é por demais conhecido. Muito e muito se tem escrito sobre a vida do meigo filho da Galiléa. Nem por isso deixamos de apreciar bastanre o "Torre de Babel", que não só se recomenda pela riqueza do vocabulario como pela beleza do estilo.

Ha comparações belissimas; ha pensamentos tão perfeitos cue dizemos sem izenção de animo que a "Torre de Babel" não só empolga como encanta.

Trascrevemos alguns trechos mais:

"As almas esperançadas e cheias de fé são mais inclinadas á contemplação da beleza. da beleza extraordinaria e perfeita quã vem ao nosso encontro. numa magoa de por do sol, no inclinar-se de uma roza, no rizo ingenuo da infancia, no colorido rafaelico dos nascentes tropicaes, e no correr suspirozo do regato; que se impõe á nossa admiracão nos menores gestos da natureza".

Os espiritos pessimistas não podem entrar na concepção, absoluta do Belo".

"Ser bom é ser feliz. Ser feliz é ser uma alma voltada á contemplação da beleza. — Bondade, felicidade e estezia—eis as tres divindades, deuzas lares, do solar medrevico do artista. O artista é um semi-deus que perdeu o amor pelo Olimpo, tão extraordinario acha ele o ambiente terreno que o cerca, que o enlaça, em horizontes maravilhozos e eternos...

"A verdadeira arte deve ter a volupia da realidade, da realidade grande, eterna e sempre magestoza aos olhos da vida. Somente pela grandeza da arte o homem pode chagar á perfeição, porque a verdadeira arte educa os sentidos, sublima os dezejos, afina a sensibilidade,é ao mesmo tempo um codigo, uma biblia e um tratado consciente de moral sublime".

"E' precizo que o homem se compreenda a si proprio e á natureza que o cerca para ser grande pela arte".

Os trechos transcritos bem recomendam o sr. Amazonas Duarte.

Concluimos essa apreciação, fora dos atavios de uma critica e sem pretenções a um juizo, agradecendo, muito reconhecidos, a nimia gentileza da oferta que nos fez, de um exemplar do seu apreciado livro, como tambem da dedicatoria para nós tanto imerecida quanto sobejamente honroza.

Luiz Silva.

ESPORTOS

A propozito dos fatos ocorridos no Parnaiba, onde os nossos rapazes se viram obrigados a suspender os jogos do foot-ball transcrevemos para as colunas desta revista uns belos conceitos colhidos numa excelente obra cue nos chegou ás mãos ha pouco tempo.

Eil-os:

«Ensinar aos homens a ciencia da energia e dar-lo de instrumento mais poderozo de conquista, é poupar-lhes o fim dos abatimentos humilhantes, é prevenil-os contra todos os dezastres financeiros e fiziololicos e uuma palavra armal-os para a vitoria.

Infelizmente é a este respeito muitos prejuizos e erros.

Crê-se ingenuamente que o *esporto* deve ser a baze da educação moderna.

Este grave erro, porém, é duma conceção absolutamente falsa de enerjia.

Consideram-no como a equivalencia do esforço violento e prolongado e assim falando de energia, acode ao nosso espirito a imajem dum homem cheio de forças com *biceps* poderozas e capas de derrubar um adversario com um murro.

O jogo do foot-ball tal como se uza entre nós em demazia, ou excessivo, é um *surmenaje* fizica inutil.

O esporto moderado a simples ginastica está dentro dos limites da nossa bôa hijiene.

O foot-ball é um excelente exercicio para clima frios, mas no nosso clima quente, sacudindo fortemente o delicado maquinismo do coração, rezulta depressão das forças organicas do individuo.

Mas é moda o desperdicio das forças e a moda imperando, a ela todos se submeteu.

Os nossos rapazes devem-se dar por satisfeitos em ter lhes acontecido tão pequena escaramuça. Peor aconteceu aos paulistanos que foram a Pernambuco.

Os jogadores do Leão do Norte, quando viram que perdiam terreno entenderam de levar á facadas, pauladas, o diabo emfim, os filhos da Paulicea estes não mais quizeram entreter o *esporto* com tal gente.

Eis em que degenerou o foot-ball nas plagas brazileiras...

E' olharem para o exemplo e estriarem um pouco com o entuziasmo.

Bequimão.

ODE

Santa ou mulher que me entorpece os passos,
Nimfa, nimfa de Deus, que eu quero tanto...
O', vem! Prende meu peito com teus laços,
O', vem! Sustem-me as lagrimas do pranto
Entra na sizudez dos meus pezares,
Acalma esta loucura em fogo brando,
Que sinto, no intermedio, os nemutares,
E sinto minha vida se evolando.
Nunca me deixes. ai, que vil enrêdo
Se fez entre nós dois, febricitantes
Vem, perfumada e jovem, que, de lêdo,
Serei; talvez, a joia dos amantes.
Serei essa purissima pessôa
De teu amôr falas, alma inocente,
Serei essa crizalida, que vôa
Mal se transforma, para o mundo olente.
....
Que importa a fantazia de teu sonho

Em balançares esta vida alegre;
Eu quero no entretanto que se regre
Essa quadra, que tive, então, rizonho,
A conjurar em placidas quimeras
As ambições que me evocavam os olhos,
As ambições dos multiplos abrolhos,
De tuas perfuljentes primaveras.
Sei quanto é mau sofrer, quanto desperta,
Uma dor que aprofunda e não se mede,
Mas o meu coração se não despede.
Sem ter esta vitoria como certa.
—Responde, pois, responde á minha prece
Rejubila meu ser, minha ventura,
Antes que eu caia, a sós, na sepultura,
Invade-me de amor por esta messe!
....
Santa ou mulher, arroubo de esbelteza.
Não se pode viver nessa saudade. . . .
Apressa-te e, mostrando-me a beleza.
Faze-te minha, amor de caridade...

Baia

Castro Rocha
Da Escola de Medicina da Baia

Gonçalves Dias-o Martir

O imortal cantor dos Timbiras, o insigne libertador da literatura patria, foi um martir.

Ainda não balbuciava as primeiras palavras, quando sentio a primeira dor.

Seu pae, procurando escapar ás perseguições que naquele tempo lhe moviam em Caxias, partio para a Europa, abandonando-o.

Ao voltar poucos anos depois, casou-se com outra mulher. Viu-se, então, o pequenino separado daquella que lhe dera o ser, ficando numa triste berço, entregue aos cuidados de mãos estranhas, sem o beijo dos mais doces labios, sem o calor do mais santo colo—o colo e os labios de mãe.

E' certamente desse berço sem caricias que ele diz mais tarde:

"..... Antes meu berço
Que vajidos do infante vivedouro
Os sons finaes de um moribundo ouvisse".

Criança, entrando a praticar na loja de seu pae, era, ai, maltratado pelo dezapiédado caixeiro que, á força de palmatoria, o queria fazer comprender os complicados calculos do balcão.

Aos quatorze anos apenas, sofreu a grande desgraça de morrer-lhe o pae. E ele, que já havia enveredado pelo caminho das letras, veria perdidas todas as suas esperanças, se não fora a alma boa e generoza de sua madrasta que o mandou estudar em Coimbra.

Lá, vivendo despreocupadamente, sentindo. apenas, as saudades da

"... Terra que um sol calido vigora

E em frouxa languidez estende os nervos...", achou-se inesperadamente a braços com a mizeria devido á suspensão da mezada que lhe mandava a madrasta.

Em pleno florescer da mocidade, enamorou-se de uma "formosa filha de Mondego", e ele e ela, impulsionados pelo mesmo sentimente, com o ardor propio da carne nessa bela quadra da vida, ele e ela se amoram apaixonadamente. E desta vez, a sorte ainda foi adversa ao poeta: pobre, sem recursos pecuniarios, não pode despozar a sua "doce imajem" que tinha o suspiro.
"Mais saudoso que as auras encantadas".

Quando foi para obter o pergaminho de bacharel, vio se obrigado, pela falta de dinheiro, empenhar a sua mimoza biblioteca que não poude mais rehaver.

Quiz o poeta vizitar a formosa Caxias, abraçar a sua querida mãe, rever os logares onde passara a infancia.

Chegado á terra que tanto amava, em vez de receber manifestações carinhozas, teve filho bastardo, que sofrer os apodos e preconceitos de uma sociedade ignara.

Desprezado por aqueles que o deviam acariciar, parte para o Rio de Janeiro em busca de um meio mais civilisado.

Ai dobrou o martirio do poeta: alem das dores moraes que continuamente sofria, começou a depauperar-se o seu organismo.

Em um desses momentos em que, de uma só vez, lhe eram alanceados corpo e alma escreveu:

"Meu Deus, Senhor meu Deus, o que ha no mundo
Que não seja sofrer?
O homem nasce, e vive um só instante,
E sofre até morrer!"

E, em verdade, a vida do poeta na patria, no estranjeiro por onde andou varias vezes, foi toda ella, do berço ao tumulo, uma cadeia de dores!

Ainda nos ultimos instantes da vida, no naufrajio da barca em que viajava, enfraquecido pelo seu sofrimento fizico que o tolhia de procurar a sa vação, despresado pelos de bordo, o mar, pouco a pouco, asfixiando-o, alem da agonia da morte, sofria outra dor, a mais cruel, mais punjente, mais lancenante, a dor de morrer bem perto da terra querida sem poder ouvir o canter do sabiá nos leques da palmeira!

Permite, pois, ó poeta, tu, "Que foste grande na dor como na lira", que eu deponha, aqui, o meu modesto, mas sincero preito de homenajem.

Mata Roma.
Do Instituto Gomes de Souza.

Gremio dos maquinistas

Continuação do discurso proferido pelo presidente sr. Farias, por occasião do empossamento da nava directoria neste anno

A injustiça e a má fé, a preguiça e a intemperança desfazel-a-iam imediatamente.

Em vez de produzir a unidade de ação ela tornar-se-ia uma cauza permanente de discordias e inimizades.

A rigoroza pratica do dever é pois uma condição indispensavel da associação. Muito mais: o dever è o seu principal generativo, ela nasce espontaneamente dela, porque na realidade, que é ela senão a fraternidade mesma organizada para mais segura e plenamente alcançar o seu fim?

Destas palavras sentenciozas nascidas de um cerebro pensante consolidado por uma instrução abundante e rica de saber eu formulo este axioma: Sem nos fortalecermos no dever, não teremos vigor para defeza de nossos direitos.

Agora que mais ou menos vos fiz ciente da maneira pela qual conto com o vosso auxilio para o bom dezempenho do cargo que me confiastes e qual o valor que me anima a empregar os mais titanicos esforços para amparo de nossa cauza, aprezento á consideração da caza dous votos para serem lançados na ata desta sessão, sendo o primeiro de louvor e reconhecimento, ao consocio Franklim Melo, nosso consolidador, pois, ao tino empregado na direção de nossa sociedade na sua faze mais angustioza, devemos a sua integridade o seu não esfacelamento, como estava previsto pelo dezanimo cauzado pela dezorientação do Gremio e a que estavamos ligados,

O segundo è de homenajem, consagrado á memoria do nosso consocio Raimundo Gomes, roubado pela morte ao carinho de sua veneranda mãe, a estima de seus irmãos e amigos e ainda mais ao afago inocente e meigo de seus filhos, orphãos hoje de Pae e Mãe!

SOCIAES

Professoras Roza Castro, El Zuila e Noemi Souza e Eilomena Almeida Almeida

Cumprindo um dever civico, os alunos da Escola Normal Primaria reunir-se, no dia 12 deste e commemoraram a passajem da sua directora prof. Roza Castro, nossa socia colaboradora. Laureada pela extinta escola Normal, dedicou-se ao ensino particular. Nós que sempre a tivemos ao nosso lado, animando-nos nas nossas comemoraçõis civicas aprezentamos-lhe os nossos parabens.

—Sempre que nos ocupamos do aniversario das duas ultimas professoras, que cujos nomes encimam estas linhas é com prazer. Ambas muito relacionadas no nosso meio social fazem parte da nossa elite. Foram muito felicitadas.

—A 28 deste preparam-se para festejar o aniversario da sua professora, d. Filomena Almeida, os alunos da Escola mista municipal do bairro de Santo Antonio, o que não levaram a efeito, porque a aniversariante passou o dia no sitio. Por essa data, as nossas saudações.

Deputados Mizico Gastro e Nilo Pizon

Tambem fizeram anos neste mez esses ilustres deputados que no nosso congresso estadual têm aprezentado medidas favoraveis ao dezejo do povo. Embora tardiamente, as nossas congratulações.

Lejião dos atenienses--sua inauguração no Centro Portuguez--oradores--o triunfo dos atenienses

Satisfatoriamente nos ocupamos da inauguração desta novel sociedade, aparecida nesta capital. A sessão foi realizada no Centro Portuguez e presidida pelo prof. Fran Paxeco. Fizeram-se ouvir a intelijente aluna Maria Luiza Lobo, do Instituto Roza Nina; a estudioza menina Gracinha Jorge, da Escola Normal Primaria, e os esperançozos moços Deolindo Couto, João Victor Ribeiro, Pitagoras Moraes e Esron Souza. Fazemos ardentes votos para que os atenienses triunfem na arena jornalistica.

Várias

Por motivo superior tiramos reunidos os mezes de outubro e novembro.

—Do senador Fernandes Mendes de Almeida recebemos um folheto referente ás festas realizadas no Rio de Janeiro, no dia 28 de julho passado, pela colonia maranhense.

—do sr. Soares Quadros, ilustre academico de direito, recebemos um folheto que muito agradecemos.

—Recebemos, tambem, os estatutos da Tavola do Bom Humor e um relatorio do Centro Caixeiral.

No Campo Santo

Com muito pezar nos ocupamos da morte do inditozo Manoel Assunção, tipografo da Imprensa Oficial. O seu enterro foi feito ás expensas do Estado. Gesto dessa natureza devem ser imitados.

—O sr. Manoel Gomes de Castro passou pelo dissabor de perder a sua genitora, pelo que lhe enviamos as nossas condolencias.

Pelas escolas

Animadissimas estiveram as festividades do encerramento das aulas do Colejio S. Francisco de Paula, grupos "Almeida Oliveira", "Sotero dos Reis", "Raymundo Correia", Instituto Muzical "S. José", grupo "Joaquim Serra", no Anil, e escola mixta da Jordôa.

Em todos esses estabelecimentos de instrução houve representações de comedias, entrega de premios, distribuição de doces.

Merece elogio a maneira por que o professorado se portou neste ano, proporcionando festivais aos escolares. Não nos demoramos na apreciação desses festivaes, porque ultimamente estamos lutando com a dificuldade de espaço. Agradecemos ás ilustres diretoras e alunos a gentiliza que tiveram, convidando-nos para assistirmos a essas solenidades.

Dr. Correia Lima

Acha-se á frente da Secretaria da Fazenda o dr. Correia Lima, que já dezempenhou as funções de secretario da fazenda, no governo do dr. Herculano Parga.

—Resolvemos conservar a ortografia trazida nos originaes que nos mandaram.

REGULADOR GARRIDO

(NÃO HA RIVAL)

O remedio mais soberano contra as Flôres Brancas ea Leucorréa, as dores das Menstruações exajeradas e muito fortes, da Blenorréa, o Chloro, as Purgações Chroicas, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, as Hemorroidas das senhoras, o Catarro do Utero a Suspensão da Menstruação, Achaques Nervozos, a falta do Menstruação, a Palidez das Meças e o Raquitismo das Meças.

O Regulador Garrido, o melhor Tonico Calmante dos Ovarios e do Utero.

O «Regulador Garrido», pode ser uzado por longo tempo e em qualquer ocazião, sem cauzar mal algum ao doente

DEPOZITO GERAL, na Farmacia GARRIDO.

RUA OSVALDO CRUZ,

Maranhão.

Bom e barato:

cartões postaes, miudesas, artigos para «foot-ball», camisas brancas para creanças, diversos brinquedos, lã de bordar, agulhas para qualquer marca de maquina e gramofone, meias de todas as côres, bolsas para colegial, esmeril para barbeiros e automoveis, cadernos ns. 1, 2 e 3 a $180; tamancos, ligas a $400 o par, artigos para alfaiate, chapeos de palha de bôa qualidade, lousas para escolas, correia de maquina a 1$000; bonecas de borracha, copos e canecas de aluminio para colegiaes a 2$000; rosarios e contas, tesouras e canivetes, correntes para chaves, linhas de côr $600, brancas ns. 50 a 150, $500, 30 e 20 $600, cintos para homens e creanças, pipos para mamadeira $800; dito para enganar $000; custelas para sapateiro 2$000; faca para sapateiro 1$000, dita $600; medida para sapateiro de 1$000 a 2$000; para alfaiate 1$000 a 2$000; guardanapos de papel crepe, duzia 1$000; linha de marca, novelo $200.

Casa Salim Jorge

RUA AFONSO PENA, 4

Biscoutos Inglezes de JACOB

das apreciadas marcas: Lemon puff, Petit beurre, Butter cream, Orang cream e Selected 12 variedades escolhidas)
Ameixas Francesas, n. 3 e 5, em frascos de 1 k; 1/2 e 1/4 Kilo.
Ditas em latas de 1/2 kilos avulsas

Ditas de lindos cartões.
Escalhau inglez especial, de caixa.
Vinho Chiante branco e tinto em litros e 1/2 litros.
Old Tom Gin. 'Gato' e White.
Vermouth Italiano Rossi e Cinzano.
Sabão Carbolico e Sunlighth.
Agua de Vichy
Prezuntos Americanos 'FERRIS'.
Peras Americanas em calda
E muitos outros artigos novos, recebeu pelos ultimos vapores e vende muito em conta a

Mercearia NEVES

Vêr para crer

Na ALFAIATARIA GUÉDES, á rua de Santana, canto com rua 28 de Julho, prepara-se com prontidão e esmero todo e qualquer serviço por preços modicos.

Esperimentae!!!...

Cintos da moda

Fabrica-se com perfeição, para senhoras, homens e crianças. Calçados no gosto do freguez: aceitam-se encomendas de cintos fabrilenses, luzos e vascos, trabalha-se pelo figurino, conforme a vontade do freguez. Aceitam-se encomendas de todo e qualquer trabalho relativo ao couro.

Preços sem competencia

Nicolão Waquim

RUA OSVALDO CRUZ, 21 A

Colegio Sirio Brazileiro

DIRETOR—NICOLÃO BABAEB

Curso primario e aulas de francez, inglez e arabe.

RUA DR. CUNHA MACHADO, 12

Pilulas de feto macho

CONTRA VERMES

Farmacia Santos

Rua de Sant'Ana, 132

Padaria Veneza e Mercearia

Completo sortimento de bolachas, biscoitos e pães, manipulados com todo o asseio; farinha de trigo importada directamente, vinhos, cervejas, café e todos os demais generos de primeira necessidade.

M. Ferreira da Silva

100 — RUA OSWALDO CRUZ — 100

S. Luiz do Maranhão

Peitoral de Contra Herva e Jambú Composto

Soberano Remedio

Approvado e licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica, sob n. 1180 de 15 de Dezembro de 1919.

Infalivel contra as molestias do peito.

Cura as tosses pertinazes, incessantes, as bronchites agudas ou chronicas, as dôres do peito, da garganta, accessos de asthmas, falta de ar e emfim, todas as perturbações do apparelho respiratorio, produzidas por constipação, accessos de grippes etc.

Deposito Geral:

PHARMACIA CRUZ

Candido A. de Carvalho Cruz.

Rua Nina Rodrigues n. 65.

MARANHÃO

Aos que soffrem

Contra a morphéa:—Hanzeol, Elixir de chamoegra, Tintura de assacú, etc.

Contra a tuberculose: Morrhuol de Chapoteaut, Calcithina Methylarsinata, Ferro-Somatose, etc.

Contra a Diabetes:—Gottes do litharsyne, Pilulas Sejournet, Vinho de Pesqui, etc.

Contra as molestias do estomago e dos intestinos:—Hepatolaxina, Neutralsina, Bipepsogin, e c.

Contra as doenças do figado:—Comprimidos, hepaticos Chaix, L, Enkenol Clément, Licor dos inglezes, etc.

Contra as constipações e tosse:—Vegetalino Dubois, Leptandrine Royer, Comprimidos Thiocol Rocho, etc.

Contra febres: —Vacina paratiphica, anti-typhica, Arsequinina Leimatre (em polas), etc.

Contra a histeria, epilepsia e neurasthenia: Gotas do phosphovinato de oire Jolhy, Tribomore, to Gigon, Valéro bromina Legrand etc.

Contra as doenças das senhoras:—Philagyna, Ovariomastina, Pilulas Hélénienne do Nand,etc.

Contra as doenças dos homens,—Gerseptol, Gonsson, sôro anti-gonococico etc.

Contra a falta de dinheiro:—Uma caderneta da Empreza Predial do Norte que já pagou premios no valor de mil e tantos contos de reis!

PHAMACIA DO NORTE

Praça João Lisboa 12

AVIZO

—Os nossos socios, socias e ajentes podem quando quizer enviar trabalhos literarios: contos, poezias, charadas, etc., que publicaremos gratuitamente.

—Toda e qualquer correspondencia deve ser dirijida á rua cel. Colares Moreira, n. 21 ou á praça d'Alegria, n. 5.

Já iniciamos a cobrança das assinaturas do corrente anno. Pedimos aos nossos ajentes e ás nossas ajentes que nos informem do que tem feito pela «Revista».

CASA BORDALLO

72—Rua Osvaldo Cruz—27

Chegou, pelo ultimo vapor, o que pode haver de mais CHIC em calçados da ultima moda, para senhoras, homens e crianças, dos melhores fabricantes.

Preços sem competidor

TINTURA PRECIOSA

JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas, — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

ANNO 7 | S. LUIZ—MARANHÃO | Ns. 64 e 65

Redacção
Rua de Sant'Anna, 181

Publicação mensal

REVISTA MARANHENSE

DIRECTOR—José Monteiro.

REDACTORES—Astrolabio Caldas, João Vicente de Abrêu, Clemente Guedes, Luiz Silva, Cunha de Azevedo, Souza Bispo.



CAPITÃO LUZO TORRES

Terminou a 31 de Dezembro ultimo, o seu periodo administrativo, de governador da cidade, depois de um trienio de proveitosa administração, o nosso distincto socio honorario, capitão José Luzo Torres, official exemplar so do nosso exercito e um dos mais illustres representantes da intellectualidade maranhense.

A "Revista Maranhense" estampando o seu retrato, cumpre um dos seus maiores deveres.

ANNUNCIOS

Liquidação de calçados

Continuará no mez de novembro a grande liquidação de calçados que está fazendo a Casa

Bordallo preços abaixo mencionados — Todos sejam:

Sapatos de lona branca dos fe.....	9$000	Luiz XV, desde ...	20$000
Sapatos envernizados salto baixo, desde.	18$000	Sapatos de polica preta desde.....	20$000
Sapatos envernizados salto alto, desde...	18$000	Sapatos de lona dasde	20$000
Sapatos envernizados salto Luiz XV, desde.....	20$000	Sapatos de cromo preto e de cores, desde	30$000
Sapatos bufalo branco Luiz XV, desde ...	20$000	Sapatos envernizados artigo fino, desde.	30$000
Sapatos abreuzedos		Berzeguins de pelica, desde.....	27$000
		Berzeguins em cromo fino, desde.....	30$000

VIZITEM A

Casa Bordallo

27—RUA OSWALDO CRUZ—27

Não damos amostras e não fornecemos notas.

Chocolate em pó

Xarque platino
Peras americanas
Succo de uvas
Ervilhas portuguezas
Manteigas de todas as marcas, nacionaes e estrangeiras
Vinho V S tinto e branco e Xerez (verde)
Lenir (collares)
Alvaralhão
Bacalhau especial
Queijos do Rio Grande do Norte
Azeite «Gallo»

Vende barato á

MERCEARIA NEVES

Vêr para crer

Na ALFAIATARIA GUEDES, á rua de Santana, canto com rua 28 de Julho, prepara-se com promptidão e esmero todo e qualquer serviço por preços modicos.

Experimentae!!!...

Salão S. José

Previne os seus amaveis freguezes que tencionou reformar o seu salão, para melhormente satisfazel-os e que ainda continua a vigorar a tabella antiga de preços modicos.

21—RUA FRANCISCO MARQUES RODRIGUES—21

JOSE UMBELINO DOS SANTOS

Peitoral de Contra Herva e Jambú Composto

Soberano Remedio

Approvado e licenciado pela Directoria Geral de Saude Publica, sob n. 1180 de 13 de Dezembro de 1919.

Infalivel contra as molestias do peito.

Cura as tosses pertinazes, incessantes, as bronchites agudas ou chronicas, as dores do peito, da garganta, accessos de asthmas, falta de ar e enfio, todas as perturbações do apparelho respiratorio, produzidas por constipação, accessos de grippes etc.

Deposito Geral:

PHARMACIA CRUZ

Candido A. de Carvalho Cruz.

Rua Nina Rodrigues n. 65.

MARANHÃO

Aos que soffrem

Contra a neurphéa:—Hanzeel, Elixir de chanangra, Tintura de assacú, etc.

Contra a tuberculose:—Morrhuol de Chapoteau, Caloithina Methylarsinada, Ferro-Sumatrina, etc.

Contra a Diabetes:—Gotas de Iribarryne, Pilulas Sejourné, Vinho do Pesqui, etc.

Contra as molestias de estomago e dos intestinos: Hepatoraxina, Neutralisina, Dipepsogil, etc.

Contra as doenças do figado:—Comprimidos hepaticos baix, L., Lukanol Clement, Elixir dos dinguezes, etc.

Contra as constipações e tosse:—Vegetaline Dubois, Leptandrine Royer, ompriniidos Thiocol, Roche, etc.

Contra febres: Vacina paratiphica, anti typhica, Arsequinina Lecuatre-sua polos, etc.

Contra a hoteria, epilepsia e neuras geraes: Gotas de phenobarbinato de oiro Jolly, Bromureto Grigon, Valzol bromina Legrand etc.

Contra as doenças das senhoras:—Pulleyna Oyncionectina, Pilulas Heleneenes de Nand, etc.

Contra as doenças dos homens,—Cerneptol, Cenesou, soro anti gonococico, etc.

Contra a falta de dinheiro:—Uma caderneta da Empreza Predial do Norte que já paga o premio no valor de mil e tantos contos de reis.

PHARMACIA DO NORTE

Praça João Lisboa 28

S. Luiz—Maranhão de 1922

ANNO 7

REVISTA MARANHENSE

Ns. 64 e 65

ARTES, SCIENCIAS E LETRAS — PUBLICAÇÃO MENSAL

As letras

Clemente Guêdes annuncia-nos dois livros de versos—«Nocturnos» e «Rizos e Dôres». O primeiro reprezentará a sua estréa no mundo literario.

Para darmos um esclarecimento de maior proveito ao publico leitor, do que seja o livro que Clemente Guêdes pretende offertar á literatura maranhense, passamos a fazer um ligeiro juizo critico dessa obra, occupando-nos tambem, embora succintamente, do seu auctor.

Este é um desses rapazes que não esmorecem pelas primeiras rajadas das intemperies da vida. Lá na sua modesta tenda de trabalho, á rua de Santanna, entre os balcões da sua officina, Clemente Guêdes compõe versos que, expostos a um justo critico e sensato, merecem valor artistico. Com os seus unicos estudos e com applicação ao estudo conseguiu o joven poéta matricular-se na nossa Faculdade de Direito e, agora em 1922, vae cursar o 4º anno do curso juridico e social.

Sob a sua futura obra literaria, que já se acha prompta a entrar para uma officina typographica, compõe-se quasi que exclusivamente de sonetos, que é o genero poetico a que mais se dedica o autor do «Nocturnos». Os sonetos, realmente, revestem-se de grandes difficuldades de arte, pois o pensamento do poéta há de ser encerrado nos quatorze versos que o compõem.

O soneto, incontestavelmente, apresenta com rigor as regras de versificação, representa o precioso estigma da poesia sectional. Os poetas, porém, abusando desta apreciada forma da musa, deixam-se levar por uma certa emotividade propria da vetusta lituratura, na epoca em que a vida era a expressão completa de perigosas aventuras, de contrariedade com a opinião de alguns escriptores.

Lendo o livro «Nocturnos», encontramos, após o prefacio, e á semelhança do autor, o seguinte soneto:

O MEU LIVRO

É o meu livro. Feito desses sonhos
Das canções de minha mocidade,
Feito assim, sem grandeza e sem vaidade
Cheio de versos tristes e risonhos.

Nelle ha gorgeios de ave em liberdade,
Nelle ha crepusculos tristonhos,
Nelle ha explendor, dias medonhos,
Nelle ha prantos, risos e saudades...

Folheia a folha e bem de perto:
Vê a alma do mais bonito o livro pobre,
Nesse livro o encontrareis de certo...

Não pede os elogios grandes,
Pede só uma justiça nobre,
Pede só brilho dos degraus dos Andes.

Continuando se a folhea-lo deparamos o soneto epigraphado "Perdoando" e que nos parece ter aquelle mesmo sabor dos sectarios da escola mineira.

"Quando outrora por ti andei soffrendo
pedindo a luz que nos teus olhos tinhas,
tu não ligavas nas promessas minhas
e me deixaste num viver horrendo...

Sim, nunca me attendias... Comprehendo
embora a minha dôr, sempre mantinhas
odios a mim... E, assim como estrelinhas
passaste. . E eu vim aos poucos me esquecendo.



Clemente Guêdes

AUTOR DO NOCTURNOS, QUE SE ANNIVERSARIOU A 15 DE DEZEMBRO

Hoje, as magoas, talvez do teu tormento
Sejam remorsos, que a justiça junca
Sobre o que me causar tu pretendias...

Si fores, perdoar-te-ei do soffrimento,
pois eu não passo ver soffrendo, nunca
a ti que foste a gloria dos meus dias!"

A obra de que ora nos ocupamos contem alguns sonetos lyricos, de algum valor artistico, como este:

BORBOLETAS

Meigas falenas que surgis tão bellas
por entre as lindas petalas das flôres,
com azas rutilantes, multicôres
a circundar a face das donzellas;

borboletas de amor, gracis, siogelas,
que do regaço etereo dos verdores
hymnos entoaes, canções, scenias de amores
Sob o couto silencio das capelas;

borboletas azues... Bellas falenas
que vagaes no deserto de minh'alma
onde vaga o meu triste pensamento;

vós sois da vida as illuzões serenas!
Sois a doce alegria que se espalma
nestes dias fataes do meu tormento!

A' guisa de outro genero poetico, encontramos algumas sextilhas, que revelam agradavel leitura:

SONATAS

I

As virgens de minha terra
quer no sertão, quer na serra,
são quasi todas formosas;
são debeis quaes as falenas,
são quasi todas morenas,
entrelaçadas de rosas.

II

A' tarde, quando a saudade
de tristeza nos invade
e nos prende os corações,
ellas surgem dentre as flôres,
dizendo versos de amôres
das cantigas dos sertões.

III

São tão bellas, tão faceiras,
tão doces, tão prazenteiras
como açucenas dos prados;
se cantam, são como as aves,
são como nenias suaves
dos vergeis apaixonados.

IV

As virgens de minha terra,
quer no sertão, quer na serra,
são todas ellas formozas;
são debeis quaes as falenas,
são quasi todas morenas
entrelaçadas de rozas."

O autor do "Nocturnos" cultivando, com gosto e carinho, um pouco mais a muza tornar-se-há, incontestavelmente, um eximio poéta, porque o essencial do estro é a inspiração e a facilidade suave da rima, requisitos estes que possue o referido moço, carecendo, porém de maior cultivo e de estudos minuciosos.

Feita e cumprida a nossa missão a respeito do futuro livro de versos de que ora nos occupamos, convem que os nossas ultimas referencias afetem, embora de relance, a vida literaria do Maranhão.

Parece-nos que a mocidade que queima incenso á literatura trata de cerrar fileiras como para um reflorescimento literario. Observamos, porém, que essa novel falange de cultores das letras não traz nenhuma inveterioice, estigma aliás proprio dos que sentem o vigor da juventude.

Notamos que os versos que tem vindo ao scenario das letras são moldados num lyrismo apaixonado e acamados num sentimentalismo merencorco e que em nada se assemelham áquelle sentimentalismo adoravel e singelo, que consagrou e immortalisou o saudoso vate Raymundo Corrêa...

ASTROLABIO CALDAS.

O desenvolvimento Agricola em Minas

Uma das maiores ou senão a maior preoccupação do governo do Dr. Arthur Bernardes é o desenvolvimento, cada vez mais crescente, da agricultura em Minas.

A lei estadoal n. 761, de 6 de Setembro de 1920, autorisou o governo a fundar a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria, que funcciona sob a sabia administração do prof. Rolfs, o elaborador do plano de construcção e organisação desse instituto.

Para esse emprehendimento, o Congresso estadoal votou um credito de mil contos de réis, estando já em Minas as machinas encommendadas no Uruguay, para a selecção de sementes.

Além desse util estabelecimento agricola, ha tambem em Minas o ensino agricola ambulante, que, apesar de ser ainda um serviço em organisação, já vae despertando a sympathia dos agricultores.

No primeiro anno de pratica deste serviço, os mestres de cultura visitaram 271 fazendas, tendo sido nas mesmas collocadas varias machinas agricolas.

Minas, para facilitar a propagação dessas machinas, que visam o desenvolvimento da agricultura local, resolveu crear depositos das mesmas em varios municipios, que são vendidos aos lavradores pelo custo ao governo do Estado.

Foi devéras uma medida pratica e de beneficios exclusivos aos lavradores de Minas, esta que o governo adoptou e que visa tornar facil tanto quanto possivel o meio de acquisição de machinas para os productores agricolas.

E não é só isto, o governo de Minas tambem se preoccupa seriamente na intensificação de colonias onde possa localisar os immigrantes europeus, que se elevam em grandes numeros, devido á situação creada pela grande guerra européa, adquirindo assim braços para o trabalho.

Em começos do anno actual estavam em trabalhos de fundação, no Estado de Minas, os nucleos coloniaes—"Alvaro da Silveira" e "David Campista", na zona do oéste; em estudos de ampliação os «Major Vieira» e «Vaz de Mello»; em estudos, os da fazenda «Descoberto» e «José Vieira», em Caethé; «Bueno Brandão», em Resplendor; «Brucutú», em Santa Barbara; fazenda do «Cervo», em Borda da Matta, e adquiridas para os mesmos fins fazendas em Rio Dôce, em Theophilo Ottoni e em Pompéo.

Do expôsto, verifica-se que os poderes publicos de Minas se dedicam com grande interesse e verdadeiro amôr pelo progresso de seu povo, pela felicidade do seu Estado, progresso e felicidade que tambem são nossos, porque o sólo é o mesmo, é a mesma patria—O Brasil.

JULIO CADAVAL

Palavras a um theosophista

Meu caro Sousa Bispo

Que a paz do Alto seja comtigo.

Não fôra o entranhavel affecto que, desde alguns annos, alimento por tudo quanto se refere ao estudo das sciencias philosopho-religiosas, e, certamente, aqui não estaria, n'um cantinho acommodado da «Revista», a lançar uns alinhavos de theoria anti-theosophica contra o baluarte juvenil da tua intelligencia promissora.

E' que, meu joven amigo, em se tratando de Religião, toda a franqueza é pouca, sobre tudo n'estes tempos que vivemos, tão cheios de lassidez moral, e cujo materialismo se tornou por assim dizer, o supra-sumo das consequencias desvairadas.

Felizmente, para ventura nossa, e completo desespero das correntes pessimistas, nem tudo está perdido: ainda ha por esse mundo de Christo muita alma generosa e boa, sempre affeita aos mais nobres ideaes, e que, por isso mesmo, nada ha a temer do deserto asfixiante da indifferença religiosa.

Um exemplo do que affirmo está na tua pessôa. De facto, emquanto outros rapazes mais jovens ou da mesma idade que a tua, procuram mergulhar o espirito na amplitude desoladora da literatice improductiva, gastando n'essas estravagancias pueris o que de mais nobre possue o homem—*a alma*—tu, n'um louvavel instincto de revolta moral, disconverges d'aquella trilha sinuosa e, erguendo o olhar indagador para a amplidão incommensuravel do Incognoscivel procuras discernir a verdade, do êrro, a certeza, da duvida, o falso, do que é legitimo.

Bella aspiração de uma alma de moço!

Sim, bella, porque o homem, como diz Pascal, «é visivelmente feito para pensar; n'isso está toda a sua dignidade e todo o seu mérito».

E os que pensam, diz De Magalhaens, podem não acertar em tudo mas incontestavelmente estão no caminho da verdade; os que não pensam de certo estão na infancia, na illusão e no engano, e em pouco se distinguem dos irracionaes. (1)

Ora, meu caro e joven amigo' tendo em vista estes principios philosophicos, de tão alta relevancia, e considerando, ao mesmo tempo, a tua propensa inclinação para o estudo das verdades especulativas, eu, que tambem amo essas verdades, não posso esquivar-me de fazer-te uma pergunta.

Assim, dize-me com franqueza:— a que conclusão chegaste no estudo da Theosophia, qual o resultado até hoje das tuas observações?

(1)—DE MAGALHAENS—"Factos do espirito humano", pag. 15.

(Continúa)

José Florentino de Lima
JOSGY.

D. Izabel

Ecoou dolidamente a noticia do fallecimento, em França, da princesa d. Isabel, a redemptôra. As auctoridades constituidas decretaram luto nas repartições publicas em attenção a extinta.

Foi enviado, pelos directores da Revista Maranhense, ao sr. Conde D'Eu, o seguinte officio:

"Sinceramente compungida a Revista Maranhense não pode calar ao desapparecimento da princesa d. Isabel, vulto proeminentissimo na galeria das heroinas brasileiras.

A Revista julga cumprir, desta forma, um sagrado dever patriotico, porque a homenageada, sempre, reviverá na memoria das gerações pelo que pensou e pelo que levou á realização, no sentido de construir nobre e honradamente a nossa nacionalidade.

Acceitai com estas palavras as provas de condolencias da [illegible]

...anhense, sempre pronta a ...lar o merito, exclusivamente ...ches que de qualquer forma ...raram elevar, altamente, o ...querido Brasil, nossa terra ...nda e nossa patria extremeci-...

Jury historico—O chefe da Balaiada é condemnado--O professorado movimenta-se

Do "Diario Official" desta capital de 8 do passado transcrevemos esta noticia: "Na Revista Maranhense—Na parte literaria hontem, fizeram-se ouvir as jovens Alzirinha Azevedo Silva, Maria Goiabeira, Eliza Mendes Vianna, do grupo escolar Almeida Oliveira; Santoquinha Salcher, da 4ª escola municipal: Edson Bastos, do Instituto Conceição de Maria; Jayme Nunes; prof. José Chaves Fernandes, que se occupou detalhadamente da instrucção, e Sousa Bispo. A sessão foi presidida pela prof. d. Zoé Cerveira.

Do jury historico figuraram no conselho de sentença, como presidente, advogado, escrivão, promotor e official de justiça as professoras d. d. Zoé Cerveira, Celina Pereira, Raymunda Goiabeira, Analia Costa, Raymunda Cantanhede de Almeida, Venina Valle; prof. José Chaves Fernandes, professoranda Aldeyde Prado; senhoritas Maria de Lourdes Muniz, Maria José Prado, Elysa Bayma, do grupo escolar Almeida Oliveira; srs. Oreolf Teixeira e Luiz Guimarães; academicos de direito Astrolabio Caldas, Clemente Guedes, Franscisco das Chagas Araujo, Cursino de Azevedo e Jayme Nunes.

O réu foi condemnado por 9 contra 4 votos.

O promotor leu a opinião do dr. Henrique Couto, lente de direito criminal na Faculdade de Direito."

Pensando...

A dôr é o canto do coração cenobita.—Palmyra Guimarães. (Do curso Profissional do Lyceu Maranhense).

A inercia é uma qualidade peculiar áqueles que não sentem as vibrações da alma e que se sentem felizes com a sua condição.—Benedita Sousa. (Professora normalista).

A graça é um dote atrahente que a mulher possue.—Perolina Souza. (Professora normalista).

O coração da mulher é um vaso de crystal que guarda as lagrimas que o homem a faz derramar dos seus encantadores olhos.—Vica.

Trahidor é o typo que, despindo-se dos ornamentos constitutivos de integro caracter se torna digno de ser lançado ao olvido pela sociedade em que viver.

Em geral, não gosa e nem saboreia o trahidor o fructo da traição.—Palmerio Campos (Professor normalista).

A esperança conforta e nos mostra uma estrada larga e ampla, cheia de risos e felicidades, que é a estrada do futuro.—A. Reis (Da Imprensa Official).

A mulher

Palestra feita na redacção da Revista Maranhense, a 3 de maio de 1921, pela professora normalista d. Zila Paes competente directora do grupo estudantal Sotero dos Reis.

Já vae felizmente, bem longe, a época em que a authonomia da mulher era completamente desconhecida. Tudo porém, marcha, naturalmente, á perfeição, pelo que esse ente que impropriamente, chamam sexo fraco, foi attingindo o logar, que a propria natureza, milagrosamente impellida por Deus, lhe destinara.

Assim, o amargoso titulo de escrava, que lhe haviam imposto nas passadas eras, se foi, pouco a pouco adoçando, até chegar aos mais ternos e honrosos qualificativos que hoje lhe dão: o espôso, o poéta, o litterato, emfim, o homem civilisado "...

—Logo que se cuidou da educação da mulher, foi, ao que parece, destinado a um grande futuro. Ao lado do canto, que desperta, desde logo, sentimentos nobres que levam o coração ao bello, ao patriotismo, exercitaram-na em jogos gymnasticos, como a lucta entre si, o manejo da barra, do dardo, a carreira, como fez a Grecia antiga á creança do sexo feminino.

Esparta educava a mulher destinando-a á constituição de um elemento vigoroso da patria, capaz de renunciar o amor de mãe, de esposa ao sacrificio daquella.

E' assim que ao seguir o espôso ou o filho para a guerra, ella lhe punha o escudo, dizendo: «Volta com elle ou sobre o mesmo, isto é vencedor ou morto».

Athenas dava a sua filha uma educacção mais suave e intellectual: ensinava-a a ler, escrever, fiar, coser, preparar a lã de que tecia os vestidos e a cuidar do arranjo da casa.

Assim foi continuando a mulher a subir os degraus do Templo, em que um dia fará a sua communhão de honra, agindo ao lado do homem, em todas as espheras sociaes accessiveis á sua força.

A Escola Primaria abrindo-lhe as portas, festivamente, em doces e harmoniosas canções, como que prophetisando que naquelle mesmo ninho de amor, onde se lhe ia desabrochar o coraçãozinho ainda adormecido, teria ella, de mais tarde, derramar o perfumoso nectar ali recolhido, noutros corações, tambem pequeninos.

Nobre, e ao mesmo tempo dolorosa missão!... E' que a mulher tem de se manifestar verdadeiramente solicita, mais ainda que no proprio lar, porque: aqui é o amor de mãe que sorri, é a hostia bemdita que todos os entes queridos, ao passo que na escola, tem ella de dividir um amor igual a extranhos, a todos aquelles pequeninos anjos que lhe são confiados, que muitas vezes a fazem soffrer e derramar lagrimas..

Por ser mesmo tão nobre essa missão é a mais procurada e seguida pela mulher maranhense, que deixando os primeiros annos, gosados no meio da familia, vae logo passando a outra mais ampla, a escola primaria, e desta ao Curso Profissional, que lhe faculta um pergaminho mais ou menos seguro.

Esse curso, porém, já se vae tornando difficil, pelo que terá ella, ao que parece, de trocar as harmonias do hymno matinal pelo teclado da machina dactilographica, pelo desempenho de outras funcções, tomando logar no commercio, nas repartições publicas e, quem sabe? talvez, mui breve, na magistratura.

Já attingiu ella, portanto, um ponto bem elevado, sufficiente á sua força. Resta, agora, que se lhe dispense um apoio mais seguro, mais um punhinho de garantias, especialmente no magis-

torio, para manter-se firme no equilibrio requerido pelas exigencias da sociedade e pelo peso da vida actual.

Fosse ella melhor recompensada no seu trabalho, teria a Athenas Brasileira mais braços para a munutenção dos seus dias de gloria !...

Corrente calamo

O Brasil em peso, representado pela imprensa e pelo clero, faz a mais terrivel guerra ao abuso excessivo da moda femenina que, para nossa infelicidade ousou penetrar nos nossos lares mais puros, maculando uns e transformando outros.

Esses crimes de amor, esses divorcios constantes, que a imprensa quasi que diariamente regista com opulentos commentarios, não podemos attribuir a outra coisa sinão ao modo, em todos os pontos de vista indecoroso, com que as nossas patricias se vestem.

Braços nús, collos nús ou semi nús pernas á mostra, agradam, não contestamos aos olhos famigerados dos libertinos, dos conquistadores de jaquêta, dos devassos perdidos

Os homens de juizo, aquelles que encaram a moral pelo prisma da virtude e da castidade, aquelles que constituem familia para a santificação da alma, esses, affirmamos sem medo de errar, são contra o abuso excessivo da moda.

Fazemos observar, porem, que não somos contra os novos costumes: não! Refutamos, apenas, o exagero que só tem causado as mais dolorosas infelicidades.

Transpondo os arraiaes da historia dos antigos povos que muitos dos hodiernos os qualificam de «atrazados»; vemos os mais edificantes exemplos, alguns dos quaes até parecem prodigios.

Na mythologia temos tambem a deusa Diana como modelo.

«Diana mostrava-se tão zelosa da sua honestidade e recato das suas companheiras, que expulsou do seu sequito a nympha Calisto, que loucamente se deixara apaixonar por Jupiter».

«Tendo-a casualmente visto no banho o caçador Acteon, a deusa castigou-o metamorphoseando o desgraçado num veado, o que deu causa a ser Acteon devorado pelos seus proprios cães que o não reconheceram sob tão lastimavel apparencia».

Servem esras palavras, rascunhadas ao correr da penna, mais uma referencia a campanha moralisadora que a imprensa e o clero brazileiro estão movendo para cohibir os exageros das «toilettes» femeninas

LUCIUS.

POSTAL INTIMO

(Por mão propria)

LONGE DE TI, NÃO POSSO, FRANCISQUINHA,
GOZAR UMA AURORA!
DE AMARGURA, MINH'ALMA SE DEFINHA
NA CRUZ DA NOSTALGIA!...

LONGE DE TI, O AMOR É UM MARTYRIO;
A VIDA, UMA AFFLICÇÃO
DONDE SE EMANA O OCEANO DE DELIRIO
QUE AFOGA O CORAÇÃO ..

LONGE DE TI, TAL QUAL UMA ROLINHA
TRANSIDA DE QUEIXUME,
EU PENSO EM TI... CONFESSO, OH FRANCIS-
[QUINHA
NUMA ORGIA DE CIUME!...

CAJAPIÓ-XXIX-XI-MCMXXI.

ANGELO MAGALHÃES.

Personalidades

Por motivos independentes da nossa vontade que, ha alguns mezes, não apparecia esta secção, donde apreciamos alguns traços biographicos de pessoas, que no Maranhão, viveram e vivem trabalhando pelo engrandecimento intellectual ou material deste Estado.

Occupamo-nos, hoje, do acatado professor José Ribeiro do Amaral, lente de Historia e Chorographia do Maranhão, no Curso Profissional do Lyceu Maranhense, presidente da Academia Maranhense de Letras e um dos camaristas da nossa Edilidade. Esteve á frente da imprensa official no governo do dr. Luiz Domingues da Silva, epoca era que no Maranhão o civismo éra cultivado de facto e de direito. O professor José Ribeiro Amaral firmou o seu nome como professor, historiador e jornalista. Desnecessario é dizer-se que a sua opinião é ouvida e acatada nos assumptos historiographos da nossa terra.

Com os drs. Justo Jansen Ferreira, José Vianna Vaz, Viriato Correia, Fran Paxeco Raymundo Lopes da Cunha constitue a phalange sempre alerta a velar pelo passado brilhante de nossa terra querida.

J. M.

TOADA...

Para o 12 de Outubro de 1921

Fóra em uma tarde limpida e formosa, farta de flóres odoriferas que, sob a exposição d'uma primavera de amenidade e de rubro horizonte, o povo em massa, ornado pelos gestos meigos e attractivos do bello sexo, andava pelo intimo prazer com destino ao Campo do S. C. Luzo Brazileiro, para lá encontrar e conhecer de perto o homem que, na sua maior plenitude, prometera ao publico em geral, mergulhar-se, por algumas horas, no mar immenso das trevas espinhosas e pespegadas ondas terrestres, onde só elle *morrera de grande* para depois faustamente viver.

Extraordinario mesmo para nós sempre será todas as vezes que, aos nossos olhos, chegar um homem como o professor Astério Olzon, fakir indiano, fazendo as suas proezas do arco da velha, morrendo para viver e vivendo para não morrer ..

São cousas do capéta como ouvi alguem exclamar !

Não é possivel que o sr. Astério se tenha deixado enterrar, pois falta-lhe, lá, no fundo da terra, o principal para o seu alimento; falta-lhe luz, oxigeneo e commodidade, outros que commentam !

Da maneira que, em todo instante, ouvimos nós theatros, nos concertos, nos salões, as mais irrisorios idéas e os mais disparatados commentarios quando, por exemplo, Becthoven se faz ouvir á sua 9ª syphonia, a uns não agrada e a outros porque pouco ouviram: da mesma maneira quando nos chega a visitar um sr. Olzon, surgem os mais banais disparates, sem base, e até mesmo sem um pequeno conhecimento do que é a força psychica, pois se o sr. Olzon não fosse senhor da vida psychologica, jamais deixar-se-ia morrer, isto é, expor-se a um completo estado de lethargia, a ser enterrado para depois viver.

E com notavel mistér vai ganhando os seus pares de cobres, e nós todos julgando, ainda, que o muito que se lhe paga é pouco para o seu honroso trabalho.

Diz o Dr. Marx Dok[illegible]

n'um dos seus livros
os:
o homem trez forças que
conjuncto vitalico, a for-
ca, a força intelectual e
psychica.
ellas teem viver autono-
ções diversas, mas con-
para o mesmo fim que é
ca da vida, ou melhor a
dade do individuo,
meira serve para a bôa
sação da vida physiologi-
envolve-se e conserva-se
de exercicios physicos.
unda é desenvolvida pela
e por toda a sorte de co-
ntos praticos, etc.
eira tem por base a ener-
ertude e a força de que-
Foi na India, por exemplo,
se com tanta ne-
cessidade as trez forças do
conjuncto vitalico, como necessa-
rio é o pão para matar a fome e
a agua para matar a sêde.
Por isso é que, quando nos che-
gam as portas um professor india-
no, colhendo das suas arvores vir-
tuosas os seus bons fructos, nos
exclamações, de horro-
mesmo de duvidas do
mundo.
Porque?... Porque só conhece-
mos, ordinario, a força physica
e a intelectual.

Suprema dôr

Ha na vida uma dôr que o tempo não apaga
E que mesmo o amôr, o puro amôr consola;
Nas noites, na mente uma illusão se afaga,
Depois como a sombra este ideal se evola!

Depois, por essa dôr, de nossos olhos rola
Uma lagrima acerba, uma pequena baga
Que a mão ser comprange, o olhar que nos esmola
E cada um affecto causa um bem que não se paga!

Mas quando a mão que acena a um vulto, um ser querido,
Perante o vacuo immenso e ermo da descrença,
Deste mundo em que vivo a te acenar cançado,

Ah! Só uma dilacera o peito amortecido,
E só encontra abrigo achar na indifferença,
Quando surge o viver sombrio e desgraçado!

S. Luiz.

E. POLARY.

E quanto á outra, como as demais cousas, a sorte protegerá!...

Assim é que, banhado pela luz de uma vontade de ferro, no dia 12 de Outubro de 1492, e a lua derramava sobejamente os seus vastos mantos de prata; quaes estrellas scintillantes que a briza do continente sobrepunha, Christovam Colombo aportou á ilha Guanahani, uma das Lucayas, nome porque era conhecida pelos selvagens.—Terra!... Terra!...

Tudo gritava. E estava Christovam Colombo de posse do novo mundo. America!...

Jamais devemos nos admirar, despropositadamente, amanhã, quando o sr. Olzon chegar ali á rampa do palacio, com a sua varinha de condão e fizer paralizar, por momento, o mar azul e difuzo...

19—10—21.

G. Ribeiro.

LOUCA

Em uma pequena localidade do interior, longe do burburinho das cidades onde existe a liberdade até no ar que respiramos, onde a brisa lenta que passa é uma caricia, o farfalhar das folhas é um e njuncto de instrumentos que entoam um hymno aos anjos, pela elevação suprema das vozes dos espiritos puros, e onde o ranger das arvores representa as luctas e o suspiro de cada alma que vagueia pelo espaço, abrigada pelas florestas, n'uma rustica habitação de palhas, residia um casal, que, pelo correr dos tempos vivia de alegria, pois como enlêvo tinha um filho e creava uma sobrinha desde a idade de dezoito dias; Maria assim se chamava a pequenita, que, após ao seu nascimento, sua mamã entregara a alma ao Creador, apenas contava nove annos e oito mezes. Era uma creança débil, de physionomia perfeita, boca pequena e cabellos loiros. Os seus olhos eram os representantes da melancholia.

Tempos depois, o seu pae retirou-se para o Amazonas, entregando-a ao seu irmão. Lá chegando foi atacado de impaludismo e, mais tarde, tambem passou a alma para as regiões infinitas.—

José era um menino de onse annos, olhos vivos e cabeça grande.

Na frente da casa, a alguns passos, existiam uma palmeira e diversas arvores sombrias, por onde se extendia a floresta.

Os dois pequenos passavam a mór parte dos dias, na sombra da palmeira, tirando-lhe as palhas para fazer «caixinha de segredos» e a perseguirem as borboletas que por ali passassem.

Um bello dia do mez de abril, quando o sol já descambava ao horisonte, os dois se batiam para concluirem uma casinha de palhas e folhas. Nisto, dois sabiás foram vistos a pequena altura: José mostrou desejos de espantal-os, o que foi obstado por sua companheira, que, apesar de ser mais moça, mostrava ser mais ajuisada.

Tempos passaram-se e os dois sabiás eram vistos, entrando, sahindo ou, ás vezes, nos galhos proximos a um ninho, que havido sido descoberto por José e Maria.

—O primeiro, sempre por instincto de creança, apedrejava os passaros.

Após uma noite chuvosa, José a brincar dirigio-se ao logar de sempre... Nisto ouvio piar e por entre as folhas deparou um dos sabiás já conhecidos, que se aquecia no calor do sol, que havia começado o seu itinerario. O vadio, de posse duma pedra, não se fez esperar, atirou com «gana» de a por abaixo e o pobre passaro n'um ligeiro voo, aproximou-se do ninho, como para abrigar-se ou fazer ver que ali existia algum vivente sob a sua guarda. Immediatamente outra pedra partio e a pobre ave cahio piando, vindo a morrer uma hora depois.

Elle correu contente a relatar o occorrido, e Maria, que era protectora dos passaros, ficou bastante aborrecida, reprehendendo-o.

D'esse dia em diante, todas as manhãs, o outro sabiá n'um lindo gorgeio parecia querer mostrar o seu lamento de dor e tristeza. A's tardes, em vez de um gorgeio, era qual a harmonia da saudade, elevada ao companheiro morto...

Dias passavam-se e o mesmo lamento de angustia ouvia-se.

Em uma manhã do mez de maio, o astro rei encapado ainda em densas camadas de nuvens rubro negras, Maria já habituada ao gorgeio da avesinha e não a ouvindo nesse dia, sahio pé ante pé e... que susto quando vio o pobre sabiá morto e já com os olhos devorados pelas formigas.

A pobre menina, ficou de tal maneira impressionada, que os seus olhos banharam-se de lagrimas e a todo o instante relatava o passado dos dois infelizes sabiás, sempre a dizer:—«Quanto se é infeliz em perder o companheiro»...

Alguns mezes depois José foi atacado

Terceira crença

Minha mãe, quando um dia o filho amigo,
Raiar á campa fria e entristecida,
Não precisa que chores, mãe querida,
Que eu sei o quanto soffrirás comtigo...

Deixas que eu vá; e leve, a sós comigo,
A benção tua, a graça humedecida..
Teu sorriso; e os conselhos que, na vida,
M'os deste, eu sob o céu do teu abrigo!

Minha mãe! que tristeza quando passo
Nesse dia fatal, tristonho, immenso,
Que nos ha de apartar o atróz momento!...

Quando chegar esse momento extremo,
Que eu tenha ao menos o prazer supremo
De em teus braços findar o meu tormento!

S. Luiz

CLEMENTE GUEDES.

de febres, justamente quando chegava a irrevogavel sentença do destino, conduzindo-o á morada derradeira

Maria, quasi sem o equilibrio cerebral, tornou-se maniaca, a falar ás arvores, sempre no mesmo sitio onde se encontrava com o seu unico companheiro de infancia. Era horrivel a sua vida.

Numa tarde quente do mez de agosto, encontrei-a bem distante de casa, á margem d'um regato, descalça, com os cabellos desgrenhados, trasendo aos braços algumas folhas verdes e um ramo de palmeira.

Então interroguei-a: — Como te chamas? «Maria» Onde vaes? "Atraz de José p'ra não matar o sabiá" Quem é José! "E' meu irmão e eu o amo muito?..."

—Pobre creatura! estava louca...

Outubro de 1921.

TUNICO

Contraste

Maceinha de amôr, tu me beijaste um dia,
N'alma cuspindo teu lethal veneno,
Foi tua bocca rubicunda e linda,
Breve funicolo que serviu de freno.

Adormecemos, despertamos juntos,
Na leiva do jasmin e fantasia,
Tu sôras criança, e eu chorava,
Em quanto tu brincavas, eu gemia.

De dor, de magua, de saudade intensa,
Como a rola, que á tarde, torturada,
Em busca de seu ninho ora desfeito,
Por constantes rajadas de neblina.

DR. OSCAR GALVÃO.

S. Luiz, 7-9-921.

Vida Escolar

Correram animados os exames finaes e as sabatinas de promoção, realizadas nesta capital. A Revista Maranhense fez-se representar nas sabatinas de Pedagogia na Escola Normal Primaria, cuja materia é ensinada pela intelligente professora d. Carmen Monteiro; da Escola Mixta da Jordôa, em tão bôa hora confiado ao zelo e competencia da nossa socia collaboradôra, professora El-Zuila Sousa; nas da escola noturna estadual Aluizio Azevedo, dirigida pelo nosso director; nos exames dos grupos Almeida Oliveira, orientado pela professora d. Zosé Cerveira e Sotero dos Reis pela professora d. Zila Paes. Nestes dois ultimos, houve expozição de trabalhos manuaes dos alumnos. Compareceo, tambem, aos exames realizados no grupo Henrique Leal, proficientemente dirigido pela nossa socia collaboradora, senhorita Zaira Correia Pinto.

Por falta exclusiva do espaço, com que estamos lutando, não publicaremos as notas obtidas por esses alunos.

O theatro—S. Luiz tem o seu periodo de desanimo para umas tantas couzas; mas, depois, parece-nos que há como um despertar e observa-se um movimento empreendedor, de progresso, tal como de uma certa temporada até nos dias atuaes nota-se em torno da arte theatral.

A não ser a vizita de uma companhia ou outra, quatro ou seis vezes no anno, o nosso publico não tinha o prazer de assistir a esse genero de arte. Agora, numa actividade amadurecida pela vontade de vencer, eis que se nos aprezentam dois nucleos theatraes implantando o genero theatral no mesma terreno em que Arthur Azevedo cultivou essa arte, que o imortalizou.

E esses nucleos compõem-se de rapazes e senhoritas que pertencem á melhor sociedade Sanluizense e, receberam a denominação de grupos Thalia e Talma, tendo ambos conquistado do nosso publico os melhores aplausos.

Incentivar os jovens artistas é o dever de todos que se empenham pelo progresso do Maranhão.

Dr. Vianna Vaz

O Maranhão acaba de perder um dos seus mais illustres filhos, o sr. dr. José Vianna Vaz, que occupou neste Estado muitos cargos de destaque. A morte o veio sarprehender no elevado cargo de juiz federal, que já vinha occupando há cerca de 30 annos, com muito criterio e competencia.

Aprezentamos á familia do illustre morto as nossas condolencias.

O grito do Ipiranga

Proferido no alojamento da 2ª companhia do 24 batalhão de caçadores, pelo sargento Jonas Moraes. Este foi nosso companheiro no tempo das sociedades literarias Machado de Assis, Ruy Barbosa e Gonçalves Dias. Depois entrou para o exercito onde tem galgado pouco a pouco diferentes gráos. Estavam presentes os majores Feliciano Pinheiro, Dourado; capitães Jacintho Ribeiro, Theophilo da Fonseca, Antonio Costa Santos; primeiros tenentes Monoel Candido Fernandes, dr. Lino Machado; segundos tenentes Antonio Barcellos, Langlebert Pinheiro, Jeronymo Romariz, José Dourado, filho, e Raymundo Freitas; presidente e atiradores do Tiro Cel. Rondon, 344, sargento Barroso, instructor desse tiro, e inferiores do 24 batalhão.

Tudo é prazer aqui, a tudo o rizo inflóra.
Das fronteiras do Sul ás fronteiras do Norte.
Orgulhoso e feliz o povo commemora,
O legendario grito: Independencia ou Morte!

E do extrangeiro o jugo em feliz hora,
Ariramos ao chão em decisivo cohorte
—Eu sinto-me feliz em repetir agora:
Independencia ou Morte! Independencia ou Morte!

Então appareceu garbosa e rutilante,
Na celeste amplidão uma estrella ofuscante,
Entre as demais estrellas o de luz mais

Essa estrella é o Brasil que a 7 de Setembro,
Orgulhoso surgiu do grito que hoje lembro
Independencia ou Morte! Independencia ou

Jonas Mora



Dr. Antonio Batista Barboza de Godois, socio honorario da «Revista Maranhense», onde escreve com o pseudomino Franklin de Menezes, homenajem da Revista pela passajem do seu aniversario natalicio

Maria Augusta Monteiro

Conforme promettemos nos occupamos, detalhadamente, da morte dessa senhorita que, no fim deste anno, receberia o seu diploma de professora normalista.

A 19 de julho, ás primeiras horas do dia, cresceu rapidamente pela cidade, a triste noticia do fallecimento, ás duas horas da madrugada, da professoranda Maria Augusta Monteiro, filha do tenente Bernardo Monteiro e exm.ª sr.ª d. Amelia Rodrigues Monteiro, irmã do professorando senhorita Judith Monteiro e do nosso director. Desde logo, muitas pessoas começaram a comparecer á casa [illegible] "Aldgate" n.º 5.

[illegible] pelas suas peregrinas [illegible] Bernardo Monteiro [illegible] Maria Monteiro nasceu nesta capital a 11 de [illegible] de 1902. Matriculou-se, primeiramente na Escola Mixta Municipal do bairro de Santo Antonio, [illegible] pela professora d. Filomena Almeida, onde [illegible] o terceiro anno, passando, em seguida [illegible] Escola Modelo Benedicto Leite, recebendo [illegible] diploma que lhe outorgou o encerramento [illegible] Lyceu Maranhense, [illegible] Leite, [illegible] continuou o seu estudo [illegible], revelando, sempre, as suas [illegible] qualidades de alumna intelligente, estudiosa [illegible], o que [illegible] proveu as [illegible] [illegible] dos seus professores e a grande [illegible] de distincções obtidas.

[illegible] do Instituto Musical [illegible] professora d. [illegible]

[illegible] constante- [illegible] que lhe [illegible] e do [illegible]

[illegible] [illegible] [illegible] [

...esco Souza e Silva, Flavio Martins, Augusto Cabanho, Saint'Clair Silva, Claudino Netto, Alfredo S. dos Santos, Jonas Barros, Alexandre Nunes, Augusto Filho, Salim Lauond & filho, Carvalho Burnett & C.ª, Francisco R. Bastos, Severo Angelo de Souza, Luiz H. Martins, Nestor E. Santos, Elias M. Tavares, Argentino Pinto, Horacio C. Lobão, Argemiro Moraes, Emmanuel Pinto, Carlos C. Ribeiro, José R. Cordeiro, José M. R. de Oliveira, Erson Souza, Leopoldo Souza, Almir Souza, Odilon Mendes, Athanasio Silva, Arentino Ribeiro, José M. Rego, Manoel Paulo Bitto, Benedicto Ferreira, Raymundo S. Silva, Nercio Almeida, Miguel C. Nava, Adelino Soares, Benedicto Guterres, Adelino Ribeiro, Fernando B. Ribeiro, Carlos Mendes, Antonio Couto, Herculano A. Parga, Canuto Muniz, Francisco Nunes, Francisco Souza, José R. do Amaral, João Moya, Bento Jesus, Sebastião Carvalho, Selvirio Franco, José Almeida, José L. Nascimento, Reges Coelho, Bosventura Correia, Americo Mendes, Sabino Miller, João Vicente de Abreu, Vitoriano Almeida, Gilberto Costa.

Aceitai os nossos sentidos pezames pela irreparavel perda que acabaes de soffrer. Peço-vos que os faça extensivos á sua exm.ª familia. — João Brito Fernandes e familia.

José Ribamor Fortuna envia sentidos pezames.

Pezames de Neomenia Gandra.

Naize Silva envia sinceras condolencias.

Sadi Costa e familia enviam pezames.

Joaquim M. Gomes de Castro apresenta-lhes sinceros pezames.

Djalma Silva aprezenta sentidos pezames.

Adelino Gasnar e esposa enviam pezames.

Maria da Gloria Parga Nina e Luiza Parga enviam pezames aos compadres, migos e filhos.

Felipe Benicio Gomes dos Santos sentimentos.

A Benemerita Loj... Beckman apresenta sentidas condolencias.

Melchisedeck Nogueira apresenta sinceros pezames pelo infausto dezaparecimento de mais um membro da vossa exm.ª familia.

Sevica Costa e filhos enviam pezames.

Joaquim Galvão Advincula e familia enviam pezames.

Mercedes Caldas e familia aprezentam condolencias.

M. Frad Paxeco envia sentidos pezames.

Martina Guimarães envia profundos pezames.

Pezames de Maria Roza C. Rodrigues.

Zulcide Rego e irmãs enviam-lhes sentidos pezames.

Laura Souza envia sentidos pezames.

Juliana P. de Castro aprezenta pezames.

Na qualidade de teu amigo e de tua familia cabe-me o dever angustioso de levar no teu caixão e de tua familia, o consolo da minha respeitosa amizade, e os meus sinceros pezames pelo triste acontecimento da nossa inesquecivel amiguinha Maria Augusta. Sem mais do amigo — Acrisio Cardoso Lima.

Aceite meus sinceros pezames pelo infausto ...to de tua querida irmã — Palmezio Cam...

— Sinceramente compungidos enviamos ao sr. e sua familia sentidos pezames pelo fallecimento de sua filha Maria. — Odete e Argemiro Mendes.

— Com a sua digna familia, aceitem os nossos sentimentos pelo falecimento de sua prezada filha. Izais Carneiro e familia.

— Envio-lhe os meus sentidos pezames pelo profundo golpe que acaba de o ferir, com a irreparavel perda de sua extremoza filha. Que o Snr. Arch... lhe ampare nessa dolorosa provação que acaba de passar. — Felipe Neri Coimbra.

— Venho pedir desculpas por não ter comparecido ao enterro da sua amada irmã. Eu e a minha familia enviamos os nossos sinceros pezames. — Raimundo B. dos Santos.

— Sentidos pezames que envia Filomena B. Cruz.

— Queira aceitar os nossos sinceros pezames pela dor que passaste na data de 18 deste. Causou-nos tristeza a perda que sofreste. Peço a Deus que te dê resignação. — Raimundo Santos e Familia.

— Venho, por meio destas trazer-vos os meus sinceros sentimentos, pelo rude golpe que acabaes de passar, pelo fallecimento de vossa sempre lembrada filha e irmã, senhorita Maria Augusta Monteiro. Peço-vos desculpas por não ter comparecido a vossa rezidencia. Deus queira consolar os vossos corações magoados e que a alma de dona Maria Augusta seja bem recebida, no reino da gloria, para o seu descanço eterno. — José Umbelino dos Santos.

— Profundamente sentida recebi a infausta noticia do fallecimento de sua dileta e estremecida filha, tão prematuramente roubada a vida e aos carinhos de seus extremozos paes. — Pacifico Santos.

— Sinceramente vos apresento os meus pezames em meu nome e no de minha mãe, pedindo-vos que os faça extensivos ao vosso querido espozo e filhos aos quaes aprezento, tambem, os meus respeitos de profunda estima e consideração com que me prezo em ser am.º e cr.º Azeide da Silva Maniva.

— Celina Bastos tem o dolorozo pezar de sentimental-os pelo lamentavel passamento de sua amiguinha Maria Augusta.

— Caxias — Benedicto Joaquim da Silva envia pezames.

— Caxias — Benedicto Joaquim da Silva aprezentam pezames.

— Bernardo — Aceita com A... teu, nossos sentimentos e pez... fallecimento de tua querida ... — Ulysses Parga e familia.

— No Engenho d'Agua, e... no serviço da estrada, tive ... fallecido a minha amiguin... Augusta.

. . . . . .

Minha irmã, por este ... seus pesares a familia Monte... da finadinha Maria Augusta.

Caxias — Apresento-vos ... somos pela dôr que dilacera ... de pezar e amaveis irmãos.

Fazemos votos a Deus que vos dê a resignação precisa pois devemos conformar-nos com a vontade Suprema. José Pedro da Silva.

Caxias.—Apresento-vos os meus sinceros pesames pela perda de vossa irmã. Baldados foram os esforços empregados. Para mim era despida de vaidade e sim amavel e estudiosa. Deus ha de vos dar o consolo merecido.—Tasso Silva.

Vianna.—José Miguel de Castro e familia enviam-lhes seus pesames.

Elisa Cardoso envia-lhe sinceros pesames.

Rio de Janeiro.—Herculano Nino Parga sentimenta-os.

Maioba.—Envio-lhe os meus sinceros pesames pela morte da sua querida filhinha Maria Augusta. Queira reconhecer-me e familia e dispor de criado e amigo.—Edina Clara da Silva.

Maioba.—Envio-lhes os meus pesames e á sua exma. familia pela morte da sua querida Maria Augusta Monteiro.—Maria Laurenna Santos.

Jacarehyuna.—Venho por meio desta apresentar a v. exc.ª os meus mais sentidos pesames pela morte de sua digna filha tão forte e cujo coração era um escrinio de bondade para os que tinham a ventura de a conhecer. Embora ainda possa consolar uma tão grande e immensa dor, eu confesso que, em todos os corações tão triste desenlace echoou lugubremente, enchendo a minha alma e de minha familia de profundo pesar.

Acredite v. exc.ª nos sentimentos de att.ª crd.ª obr.ª—Brasilisa Nogueira.

Alcantara.—Queira acceitar embora tardiamente os meus sinceros pesames pelo desapparecimento da sua inesquecivel irmã.—Hilda Aguirres.

Manáos.—Faço votos para que esta missiva vos encontre gosando saude e mais conformados com a morte da vossa filhinha Maria Augusta.—Vicencia Ferreira.

Soure.—Só hoje que recebi jornaes dessa nossa terrinha, tomo os jornaes de pezar com a lamentavel morte da sua filhinha Maria. Peço ao bom amigo acceitar com todos da exma. familia os seus sentidos pesames.—João Castro.

Bôa-Vista.—Por carta vinda dahi tive a triste noticia do fallecimento da sua indiosa filha Maria Augusta o qual muito me penalisou. Apresso-me, portanto, em fazer-lhe esta cartinha que é portadora dos meus sinceros pesames.—Dodo Muniz.

Embora, tardiamente a familia Monteiro agradece, por nosso intermedio ás pessoas que a sentimentaram por esse rude golpe que experimentou.

Angelo Magno, Joaquim Domingues de Souza, Syndicato dos Maquinistas, Uniã[illegible] Belarmino Nogueira Rodrigues e familia enviam sinceros pezames.

Loja Fraternal da Gloria, Raymundo Barreira de Sousa, José G. Linhares, [illegible] Silva, envia sentidos pezames.

Nina Parga, prof. Fran Paxeco, Creoulo Munoz Predial, desta capital; Fulgencio Fernandes, da Barra do Corda, [illegible] Torres e familia.

A Revista agradece e retribue.

—Djalma Souza envia pezames.

—Sinceras condolencias extensivas á familia.—Brazilia.

—Pezames sinceros de Ytégas e familia.

—Raimundo Maia e familia enviam sinceros pezames.

—Pezames sinceros de Antonio Garrido.

—Nossas condolencias extensivas ao José.—Maneco, Manequinho e familia.

—Aceite meus mais sentidos pezames. Peço faças extensivos Benedito.—Juca Abreu.

—Pezames.—Olivia.

—Os crentes devem acceitar as decizões divinas.—Eugenio Almeida e familia.

—Queira acceitar juntamente familia, meus mais sinceros pezames fallecimento dona Maria.—Juca Abreu.

—Maria José Reis e sua avó enviam sinceros pezames e pedem desculpas de não tel-o feito a mais tempo.

—O meu estado de saude impedio-me que fosse, pessoalmente, levar-lhe os meus sentidos pezames pelo prematuro desapparecimento da sua extremecida irmanzinha; o que faço, por este meio, ao meu nobre amigo.—Argelo Magalhães.

—Aceite com a sua digna familia os meus pezames pela morte de sua querida filha. Não fui ao enterro, porque estava com febre.—Arimatéa Cisne.

—Aprezento os meus sinceros pezames, pela perda que acaba de ter do fallecimento de sua inesquecivel filha Maria.—João da Silva Marinho.

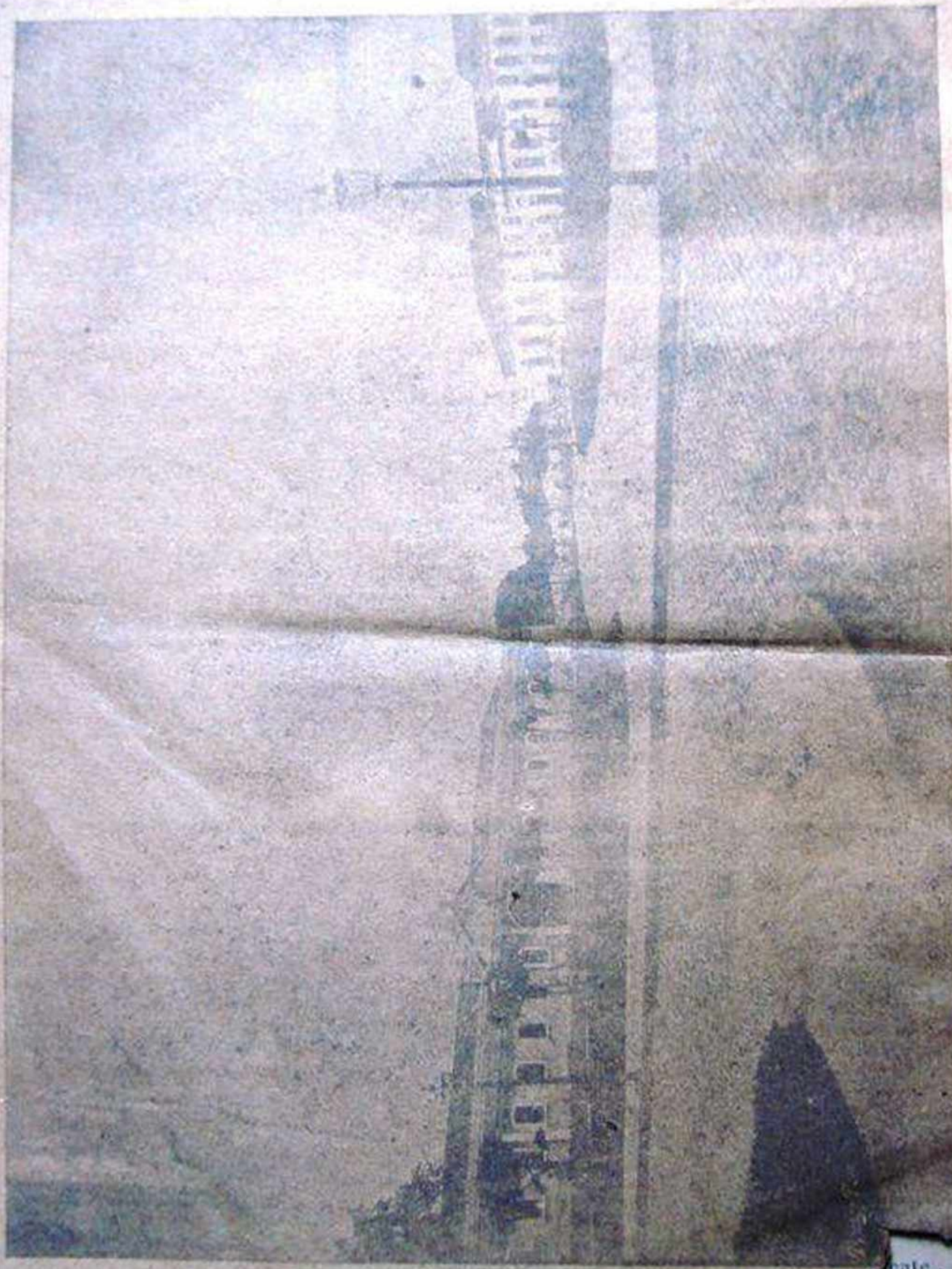
—Queira a exma. familia acceitar os meus sinceros pezames, pelo fallecimento de sua filha, na qual se via um futuro cheio de esperanças pela sua fina educação; tenha paciencia e rezignação, pois o tempo lhes dará lenitivo.—Astor Ribeiro Sampaio.

Alfaiataria Brito

A ALFAIATARIA BRITO continua na sua faina de executar ternos de brins e casemira com promptidão, arte e comodidade nos preços.

Rua Oswaldo Cruz

Atenda!...



Planta Geral do Terreno

Prof. Filomena Almeida

Por occasião do seu anniversario natalicio os seus alumnos fizeram-lhe significativa manifestação. A professora d. Filomena Almeida é directora da Escola Mixta Municipal do bairro de Sto. Antonio, um dos ornamentos do magisterio publico e socia fundadora da Revista Maranhense.

Padre Arias

Todas as vezes que nos referimos á data genethliaca desse nosso socio honorario é com immenso prazer que o fazemos. Estimado por todos, cada vez se popularisa mais pela maneira afavel, cavalheiresca e inimitavel com que trata ricos e pobres, sem fazer distinções entre elles.

Dr. Barbosa de Godois

Viu transcorrer seu natalicio, na capital do paiz, ao lado da sua estimada familia. A Revista que tem o dr. Antonio Baptista Barbosa de Godois no quadro de socios honorarios, embora tardiamente envia os seus prolfanças.

Zuza Ribeiro

Festejou neste anno o seu anniversario natalicio a nossa distinta socia Zuza Ribeiro, uma das mais estudiosas alumnas do Instituto Musical S. José, dirigido pela prof. Sinhasinha Carvalho Moreira.

Novo anno

Cumprimentaram-nos pela entrada do novo anno: D. Helvecio G. de Oliveira, bispo diocesano; dr. Epitacio Pessoa, presidente da Repeblica; irmão Paulo Domirgos e irmãos maristas do Pará; Hilton Fortuna, do Rio de Janeiro; prof. Raymunda Cantanhede de Almeida, Angelo Magalhães, Jayme Nunes, Gremio dos Maquinistas, União Operaria, Belarmino Nogueira Rodrigues, Bateria Fraternal da Gloria, Raymundo Moreira de Sousa, José G. Linhares, Lauro Nina Parga, prof. Fran Paxeco, Credito Mutuo Predial, desta capital; Fulgencio Fernandes, da Barra do Corda.

A Revista agradece e retribue.

O civismo

Já estamos em pleno sol do anno de 1922, em que vamos comemorar o 1º centenario do Brasil independente, e a mór parte do nosso povo ainda não tem a necessaria comprehensão do sentimento de civismo!

Graças, porém, ao novel systema de educação adoptado nas nossas escolas secundarias, e em algumas primarias, onde o professor, em feriados nacionaes, rememora alguns episodios, observamos que a juventude escolar vae dedicando um certo culto áquelles que figuram nas aureas paginas da nossa historia.

Nas sessões civicas, a não ser o elemento dessa mesma mocidade escolar, notamos que devotam a essas solemnidades o mais horripilante descaso.

Cremos que em grande parte das escolas estaduaes não é adoptado o systema de preleções referentes aos feitos que constituem os nossos feriados e, aproveitando o assumpto, lembramos ao sr. Secretario do Interior, dr. Claudio Moreira, espirito que altamente se interessa pelo desenvolvimento intellectual da mocidade desta terra, que faça sentir ao professorado maranhense a necessidade de, na vespera dos dias feriados, senão no dia, prelecionar rememorando os feitos, para a bôa educação da juventude e para despertar o amôr sacrosanto pela patria.

José de Ribamar Miranda

Encontra-se entre nós, vindo de Fortaleza, onde cursa as aulas do Collegio Militar, o intelligente joven José de Ribamar Miranda, nosso assignante, e cunhado do nosso presado amigo sr. Edmundo Fernandes.

Abraçamo-lo.

No Sertão

(Para ser cantado na musica do «pé de anjo»).

No sertão ha festa em tudo...
Ha flores pelo caminho
As tardes são de veludo
E as noites são como arminho!
As aves são cavatinas,
Vibrando de serra em serra!
O' que manhãs purpurinas
Despontam na minha terra.
Não se conhece a tristeza,
Não se sabe o que penar.
Noivando com a Natureza
Passa-se a vida a cantar.

ESTRIBILHO

O' que saudade (bis)
La de sertão (bis)
Trago a palpitar (bis)
No fundo do coração (bis).

R. P.

A João Lisboa

Quadras feitas pela professora d. Erminda Soares e proferidas pela senhorita Julia Couto, em nome das alumnas da Escola Modelo, a 26 de abril de 192: junto a estatua desse escriptor.

Nestas plagas venturosas,
Onde tão meigo nasceste,
Admiraste a grande arte
E bem cedo a emprendeste.

Depois de teus bons estudos,
Grandes homens imitaste:
Na penna foste um colosso,
Pois com vigor trabalhaste.

Amaste o teu Maranhão
Com toda a força e vigor:
Por elle muito fizeste
Com teu grandioso amor.

Agora que não existes,
Ouve dessa solidão
Elogios que te fazem,
No ditoso Maranhão.

De luto

Nesta capital faleceu a exma. sra. d. Joaquina Castro, genitora da senhorita Adila Castro, saindo o feretro da rua Nina Rodrigues.

Erasmo de Souza

Faleceu no Rosario, victima dos soffrimentos que, ha alguns mezes; o perseguia, o sr. Erasmo Sousa, conhecidissimo, nesta capital e nos estados e lugares onde andou, em serviço da sua profissão. Deixa viuva e filhos. A' sua genitora, exma. sra. d. Lerid Sousa bem como aos seus filhos e particularmente ás nossas nossas socias, professoras El-Zuila e Noemi Souza, a Revista apresenta as suas condolencias.

Resolvemos conservar as ortographias dos originaes.

No proximo numero occupar-nos-emos da fundação da 2ª escola Rio Branco 4º.

Ilusões

BERTA

I

Eu não te quero mais, homem sem credito e pudor!
Vae pelo mundo afóra, vae dizer outra oração
A uns olhos de mulher e que te tenha mais amor
E que sorrir, sem pejo para o teu mão coração!

Vae... corre sem demora, quero ver-me no explendor
Duma vida risonha, doce bella e sem paixão,
Vae... foge-me dos olhos... teu olhar me faz horror...
Não quero mais de ter um sinal de compaixão...

A vida que me deste, foi cruel e desastrada...
Sofri como coitada, o mais horrivel desespero
Nos ais de infinda nessa vida desgraçada.

Vae... não mordas os labios, não levantes nem siquer
Teus olhos de rustico e de ferro,
Porque não tenho médo—quem te fala é uma mulher!

Cursino de Azevedo.

A plataforma do dr. Bernardes

Foi-nos enviada por um nosso collaborador e que actualmente reside em Bello Horisonte a plataforma com que o exmo. sr. dr. Arthur Bernardes demonstra aos olhos vivos da nação qual o esboço administrativo que pretende pôr em pratica na futura administracção presidencial.

Na sua plataforma o candidato á presidencia da republica, procura solver as questões de intrinseca importancia á prosperidade e grandeza da patria.

Novo Instituto

Sob a direcção da nossa socia colaboradôra distincta professora senhorita Zoé Cerveira foi fundado nesta capital o Instituto Raymundo Cerveira sobre o qual nos occuparemos, como raramente no proximo numero.

GRANDE LIQUIDAÇÃO

Cintos e calçados, a preços sem competencia, como sejam:

Botinas de elastico para homens, pontuação 40 a 44 a 8$000.
Sella a 35$000 e 40$000.
Cintos desde $500 até 1$000, para crianças e senhoras.
Cintos para homens de 1$000, 1$500, 2$000, 2$500, 3$000, 4$000, 5$000 e 6$000.
Perneiras para montaria de 12$000 a 20$000
Chinellos para senhora de 3$500 a 5$000.
Alpercatas de frade, para crianças de 2$500 a 5$000.
Ditas para senhoras e homens até 5$000
Chamatol de 1$000 a 3$000
Sapatinhos para crianças, amarellos, marrons ou branco, de 5$000 a 8$000.
Sapatos para senhoras, pretos, brancos (de lona) de 10$000 a 12$000.
Sapatos de verniz, salto baixo, de 18$000 a 22$000
Sapatos de bufalo de 16$000 a 20$000.
Sapatos de lona branca para homens de 14$000 a 16$000.
Borzeguins para criança 12$000.
Carteiras para dinheiro, de 1$000 a 6$000.
Braceiras para algodão, de 1$000 a 5$000.
Bolsas carteiras para senhoras, de 5$000 a 10$000.
Bainha para revolver de 3$500 a 5$000.
Cabeçadas para cavallos, de 12$000 a 14$000.
Solla de 1ª a 4$000, de 2ª a 3$000.
Raspa 2$600 o kilo.

TODOS A RUA OSVALDO CRUZ

(canto com a Travessa da Passagem)

FABRICA DE CINTOS

Nicolau Waquim.

Eu tenho a felicidade
de proclamar uma cousa:
no preço há comodidade
Só na LOJA MARIPOZA
Rua Oswaldo Cruz

Emquanto vem á scena um candidato,
P'ra governar a gente brasileira,
Podemos proclamar que é de facto
A PHARMACIA DO POVO barateira
Rua do Nazareth

Minha noiva—eu te digo com verdade,
Poderás me chamar um homem infame,
No dia em que eu faltar com a probidade
De comprar só na LOJA NOTRE DAME
Praça João Lisbôa

Quem será o presidente?
Perguntam, pois, no Brasil—
Eu sei é que no presente
Existe a CASA GENTIL
E vende comodamente
Ao bolso de toda a gente!
Praça Benedicto Leite

Chapéos, perfumes, gravatas
Encontrarás, cidadão,
E outras cousas baratas
Só na Loja A EXPOSIÇÃO
Rua Oswaldo Cruz

Se estiveres desconte
Poderás deter a sorte
Fumando immediata
CIGARROS EDN
Lino Moreira—Rua

Um dia em procurava, solitario
Qual o meio de, na vida, ser feliz
Numa manhã achei tal formulario
Na caderneta, pois, da CAFE
Rua Oswaldo Cruz

Um dia disse a Cl
Ao seu noivo Ol
Só me casarei com
Se fumares ORIO
Albino Cam
Rua Cel. C.

Si quizeres na vid ser feliz
Para seres do mun invejado
Fuma então Psilar
Se não és um feliz
Praça do

Credito Mutuo Predial

Rua da Cruz n. 61--Maranhão

AUCORISADO E FISCALISADO PELO GOVERNO FEDERAL

FUNDADO EM 16 DE DEZEMBRO DE 1914

Plano INVENCIVEL

São estes os premios deste vantajosissimo plano que correrão nas seguintes datas de cada mez:

No dia	6	Um premio no valor de.....	Rs. 2.000$	
» »	6	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	6	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	6	Uma cad.ª remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	6	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	6	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	2.500$000
No dia	13	Um premio no valor de.....	Rs. 2.000$	
» »	13	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	13	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	13	Uma cad.ª remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	13	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	13	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	2.500$000
No dia	20	Um premio no valor de.....	Rs. 2.000$	
» »	20	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	20	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	20	Uma cad.ª remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	20	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	20	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	2.500$000
No dia	27	Um premio no valor de.....	Rs. 2.000$	
» »	27	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	27	Um dito no valor de.....	Rs. 250$	
» »	27	Um cad.ª remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	27	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	
» »	27	Uma dita remida com 4 sorteios	Rs. 25	2.500$000
				10.000$000

Os premios serão proporcionaes ao numero de socios quites e serão pagos aos felizardos **inteiros, sem desconto algum,** nas suas proprias residencias, logo após as extracções.

Melhor que jogar no Bicho

Vinde, hoje mesmo inscrever-vos no plano Invencivel onde a FELICIDADE vos chama

751 2

JOIA APENAS Rs 1.000

Mensalidade 2.000 rs. ou 500 rs. para cada sorteio

PADARIA VENESA E MERCEARIA — Neste estabelecimento que ha annos foi fundado nova capital e que ultimamente tem recebido novas considerações dos seus freguezes, gosando de muito credito não só nesta como em outras praças, encontrão-se completo sortimento de bolachas, biscoitos e pães, manipulados com a melhor farinha de trigo importada diretamente, ensaiando-se, tambem, vinhos, cervejas dos mais procurados bons autores, bem como todos os demais generos de primeira necessidade.

M. FERREIRA DA SILVA

100 — Rua Osvaldo Cruz — 100

CASA BORDALLO

72—Rua Osvaldo Cruz—27

Chegou, pelo ultimo vapor, o que pode haver de mais CHIC em calçados da ultima moda, para senhoras, homens e crianças, dos melhores fabricantes.

Preços sem competidor

REGULADOR GARRIDO

(NAO HA RIVAL)

O medio mais soberano contra as Flores Brancas, Leucorréa, as dores das Menstruações exajeradas, Abortos, da Blenorrêa, o Cáloro, as Purgações, as dores dos Ovarios, os Abortos, as Colicas do Utero, Hemorroidas das senhoras, o Catarro do Utero, a Supressão da Menstruação, Achaques Nervozos, a Destruação, a Palidez das Moças e o Raquitismo das Moças.

O Regulador Garrido, o melhor Tonico Calmante dos Orgãos do Utero.

O Regulador Garrido, pode ser usado por longo tempo em qualquer ocasião, sem causar mal algum a saude.

DEPOSITO GERAL, na Farmacia GARRIDO, RUA OSVALDO CRUZ, Maranhão.

CASA DIAS

O melhor sortimento de arugos para homens.

RUA DO NAZARETH N. 54

TINTURA PRECIOSA

JOÃO VICTAL

O prodigioso e celebre remedio mais geralmente conhecido, dentro e fóra do Paiz, proclamado por todas as familias, como o unico e incomparavel especifico dos soffrimentos do estomago e intestinos e por grande numero de summidades medicas, como o remedio por excellencia para combater rapidamente as perturbações gastro-intestinaes e uterinas. — indigestões, vomitos, colicas, nauzeas, salivação, fastio, pontadas no coração, flatulencias, empachamento, arrotos, mau halito, enjôo, colicas uterinas, fazendo vir a menstruação sem a menor dôr.

Mercearia Pinto

Empreza Predial do Norte

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Restituo ao fim de 120 sorteios as mensalidades pagas pelos prestamistas

[illegible] JOÃO LISBOA, 12—MARANHÃO

Premios pagos de 1912—1921
Rs 1.740:507$000

Resultado do 119 Sorteio da 1ª Serie A, que se procedeo, hoje, na sede da Empreza, as 5 horas

Premios de 1% lucros do pagamento das prestações durante 12 mezes

1º N. 2.[illegible]—Thomaz Alexandrino Beckman, rua da praia de Santo Antonio, n. 99

2º N. 1.[illegible]—D. Ozina de Moraes Correia, residente em Parnahiba.

3º N. 1.[illegible]—De Oliveira dos Santos Arozo, rua [illegible] Rodrigues, [illegible]

4º N. 6.[illegible]—D[illegible] residente em Parnahyba.

5º N. 2.[illegible]—M[illegible] Leonardo Paraiso, praça João Lisboa, [illegible]

6º N. 1.[illegible]—[illegible]

7º N. [illegible]—[illegible] residente em Santo [illegible]

8º N. 2.[illegible]—[illegible] de Abreu, rua do Desterro, [illegible]

9º N. 2.[illegible]—Dr. Cesar Coelho Rocha, residente em Riachão.

Casa no valor de 10:00[illegible]

N. 3.[illegible]—Moysés Habaeb, rua [illegible]

Maranhão, 16 de janeiro de 192[illegible]

Aluizio P. Santos — Adolpho [illegible]
Fiscal do Governo Federal — Inspector [illegible]

NOTA — Ao decreto como Regulamento [illegible] Pessoal, estão cumprindo todos os [illegible] serão sorteados, sob [illegible] Preço e premio que estiver [illegible]

Ourivezaria Per[illegible]

— DE —

José L. Perei[illegible]

Acceita-se encommenda para toda especi[illegible]

Adereços pielos-adereços, colares, [illegible] cães, chaie-laines, rozetas, anéis, abotoa[illegible] de gravatas, trancelim para penci-ne[illegible] voltas de corsl, teteras, etc.

Preços baratissimos.

Rua Osvaldo Cruz, 9—Rua Osva[illegible]

Bibliotheca Publica do Estado do Maranhão — Angelo Pereira do Amaral